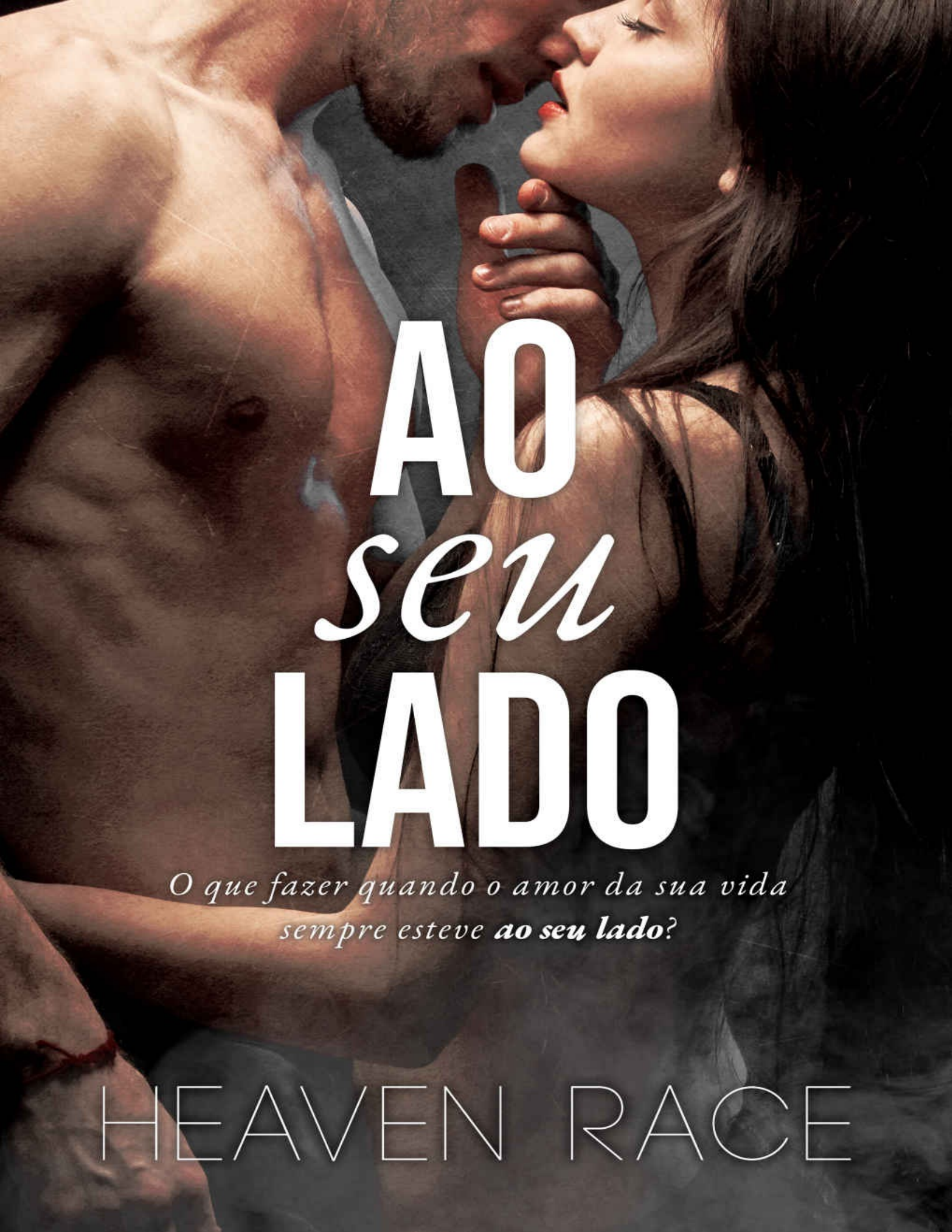


A romantic couple in a close embrace, about to kiss. The man is shirtless, and the woman is wearing a dark, low-cut top. The lighting is soft and intimate, highlighting their profiles and the texture of their skin. The woman's hand is gently touching the man's chest.

AO *seu* LADO

*O que fazer quando o amor da sua vida
sempre esteve **ao seu lado**?*

HEAVEN RACE



A
GRANDE
APOSTA
Ω

HEAVEN RACE

Copyright © 2016 Heaven Race.

1ª Edição

Capa: Heaven Race

Revisão: Broo Parker e Heaven Race

Diagramação: Heaven Race

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Sumário

[LIVRO UM](#)

[Sumário](#)

[Sobre a série](#)

[Agradecimentos](#)

[Playlist](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[BÔNUS](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[BÔNUS](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[BÔNUS](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[BÔNUS](#)

[BÔNUS](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[BÔNUS](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[Capítulo 86](#)

[Capítulo 87](#)

[BÔNUS](#)

[Capítulo 88](#)

[LIVRO DOIS](#)

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Por Mario](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[LIVRO TRÊS](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

Sobre a série

A série “Apostas” teve seu início em 2016. O primeiro livro “A Grande Aposta” conta a história do casal que deu vida a todo esse mundo que vocês, minhas leitoras, tanto amam. Em seguida, temos o livro “A Aposta Perfeita” do nosso pirralho e da nossa Cherry, lançado em 2017. E, finalmente, depois de três anos, “Ao Seu Lado”, o livro tão esperado de Christian e Ryle foi concluído. Com o passar do tempo a minha escrita amadureceu muito e é visível quando se lê os três livros. Ainda assim, espero que gostem de cada um deles. Não tenho previsão para outros lançamentos da série aqui na Amazon, mas, sim, teremos mais livros. Obrigada a você que está dando chance a esses livros. Deixei todo meu coração neles e nesses personagens.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela inspiração que me deu para escrever esse livro e força nos momentos difíceis, onde pensei em desistir. Agradeço aos meus leitores, que tornaram A Grande Aposta um livro especial e inesquecível para mim, onde tive mais de 3 milhões de leituras na plataforma do Wattpad. Sinceramente, vocês são fodas! Agradeço aos meus pais e minha irmã, por estarem me incentivando e me dando todo apoio que podem. Eu amo muito vocês.

Muito obrigada a todos que se envolveram e participaram da história de Seth Sawyer e Pearl Wyatt como se fossem parentes próximos.

Aos que estão apostando nessa leitura e que não me conhecem, gostaria de dizer-lhes para esquecerem um pouco o mundo real e levarem os acontecimentos como ficção, pois é disso que se trata o livro. Deixem sua imaginação aflorar e naveguem sem amarras na leitura desse livro. Não se engane, meu objetivo é ser clichê. Espero que A Grande Aposta aqueça seu coração e te deixe satisfeita(o), se assim não acontecer, obrigada pela chance que está me dando em apenas abrir o livro até aqui.

Muitos beijos,

Heaven Race.

Playlist

I'll Be Good — *Jaymes Young*
Wildest Dreams — *Taylor Swift*
Scars — *James Bay*
Hold Back The River — *James Bay*
Let It Go — *James Bay*
Enchanted — *Taylor Swift*
More Than Words — *Extreme*
My Happy Ending — *Avril Lavigne*
Make Me (Cry) — *Noah Cyrus ft. Labrinth*
Army — *Ellie Goulding*
Eyes, Nose, Lips — *Taeyang*
Jar of Hearts — *Christina Perri*
When We Were Young — *Adele*
IDFC — *Blackbear*
Night Changes — *One Direction*
Little Things — *One Direction*
Cold Water — *Justin Bieber*
Yellow — *Coldplay*
Say You Won't Let Go — *James Arthur*
Dancing On My Own — *Calum Scott*
Let Me Love You — *Justin Bieber ft. DJ Snake*
Nobody — *Selena Gomez*
I'll Show You — *Justin Bieber*
Rise Up — *Andra Day*
Heartless — *The Fray*
You Found Me — *The Fray*
Over My Head — *The Fray*
Give Me Love — *Ed Sheeran*
Breakeven — *The Script*
One — *Ed Sheeran*

For The First Time — *The Script*

Never Say Never — *The Fray*

Nothing — *The Script*

You And Me — *Lifeshouse*

All I Ask — *Adele*

A
GRANDE
APOSTA
Ω
HEAVEN RACE

A G R A N D E A P O S T A

Apostas | Vol. I

(Série Apostas)

Ω

H E A V E N R A C E

Copyright © 2016 Heaven Race.

1ª Edição

Capa: Heaven Race

Revisão: Broo Parker e Heaven Race

Diagramação: Heaven Race

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.
É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Capítulo 1

Uísque & Lembranças

Seth Sawyer

“Finalmente eu posso dizer que a encontrei. Tenho certeza que ela é a garota e, como dizem por aí, minha cara metade. Com ela tudo é diferente. Ela é doce, bonita e divertida. Sempre sorridente ao redor de todos. Uma garota encantadora. Essa é Macy Sullivan, a menina mais incrível e bonita que já conheci em toda minha vida e a dona dos meus pensamentos. Ah, se ela soubesse como eu me senti ontem quando estávamos nos amando. Foi a minha primeira vez, que acabou por ser a melhor noite da minha vida e com a garota mais perfeita de todas. Depois de tudo que aconteceu em minha vida, ela é a primeira e única pessoa, depois da minha mãe, que me faz sorrir sem dificuldade.

Não posso deixá-la escapar em hipótese alguma.

— Filho, para onde você está indo todo arrumado assim? — minha mãe indaga, enquanto tento passar despercebido por ela.

— Encontrar com a minha futura namorada e mãe dos meus filhos. — digo, oferecendo-lhe um sorriso ladino.

Ela levanta uma sobrancelha e sorri maternalmente, aproximando-se de mim e quando está perto o suficiente, me abraça apertado.

— Tem quatorze anos, filho. Está certo de que ela é a garota? — pergunta, beijando minha testa.

Afasto minha cabeça de seus lábios e encaro seus olhos castanhos. Tenho certeza que minha testa está meio enrugada, enquanto sustento uma

careta diante suas palavras. É claro que eu tenho certeza, será que ela não percebe? Macy é única.

— Estou mais do que certo, mãe. — afirmo, seguramente. — Ela é o que é, e eu sei que nunca vai me trair ou fazer qualquer coisa do tipo. Ela me ama.

Relembro naquele momento do meu passado e da minha mãe com o cara que eu deveria chamar de pai e ela sorri triste, enquanto perde um pouco do brilho forte que seus olhos têm. Odeio-me por ter trazido essa memória para nós dois nesse momento. Mais do que ela o odeia, eu o faço com tudo de mim.

Bastardo ganancioso imbecil!

— Eu quero conhecê-la, tudo bem? Quero conhecer a garota que fez meu bebê se apaixonar. — enuncia, passando uma mão em meu rosto.

Assinto positivamente, porque também quero que minha mãe a conheça. Macy vai adorá-la!

— Preciso ir agora, hoje é o aniversário dela e fiquei sabendo que ela está dando uma festa. — informo e minha mãe assente.

— Não faça besteiras e se cuide, certo? — diz, usando um tom mais sério e eu assinto novamente, sorrindo de lado.

— Tudo que a senhora quiser, mas agora eu tenho que ir.

Despeço-me com um beijo em sua bochecha e saio correndo.



Chegando à casa de Macy quase trinta minutos depois, uma pergunta sonda minha mente: onde estão os pais dela? Afinal, a casa está praticamente explodindo com o tanto de adolescentes presentes no local. Ignoro o bom senso que ainda perpassa por minha mente e enfio meu celular

no bolso da minha calça.

— Meia-noite, Quinn. — aviso meu motorista.

— Certo, Sr. Sawyer. — responde, impessoal.

— É só Seth... Quer saber? Esquece. — digo, abrindo a porta e saindo do carro.

Fazer Quinn me chamar pelo meu nome é uma missão impossível e eu já me dou por vencido. Bato a porta do carro e ando apressadamente até a entrada da casa de Macy.

Porra, eu estou suando de tanto nervosismo! Sinto-me completamente ansioso e animado para ver a minha menina.”

Respiro profundamente, passando meus dedos frenéticos pelos fios grossos do meu cabelo escuro e bagunçando-os mais do que já estão bagunçados. Viro outro copo do uísque mais caro que eu costumava ver meu pai beber e que achei ontem no armário — um dos antigos que ele deixou aqui certa vez que entrou sem permissão na minha casa e da minha mãe — enquanto penso naquela estúpida vadia, quer dizer, em todas essas vadias do caralho — *com exceção da minha mãe e minha avó.*

Mulher não presta, a única serventia dela é sua boceta.

Estou falando sério. Mulheres são bocetas e nada mais. Sabe como eu descobri isso? Quando eu fui à maldita festa de aniversário da garota que eu jurava estar apaixonado. Solto um riso torto e amargo, tomando dois goles do uísque direto da garrafa.

Apaixonado...

Macy Sullivan deu para o meu melhor amigo um dia depois de transarmos. Não me pergunte como essa garota já conseguia ser tão rodada desde seus quatorze anos, mas foi isso que aconteceu. Eu quis matar Sculler naquele dia, mas ele estava ainda mais fodido que eu. Nenhum de nós dois falávamos sobre Macy entre nós, dessa forma, não tínhamos como saber que

ambos estávamos loucos por ela. Porra! Eu a vi transando com Sculler em seu quarto no dia do seu aniversário e, quando lhe pedi uma explicação, ela apenas riu e começou a cuspir seu veneno de cobra na minha cara. Aquela foi a primeira vez que eu bebi, contrariando o pedido da minha mãe. Lembro como se fosse ontem os gritos histéricos da Sra. Sawyer quando cheguei em casa praticamente arrastado por Quinn.

Prometi a mim mesmo que nunca mais me apaixonaria outra vez e, de longe, eu já estou tendo êxito. As mulheres com quem eu fico são mais do mesmo: *putas interesseiras* e nada, nem ninguém, será capaz de mudar minha visão sobre elas.

— Merda, já está bebendo, cara? — a voz de Sculler me tira dos meus devaneios.

— Vá se foder. — resmungo, sem paciência.

— São sete e meia da manhã, Seth. Primeiro dia de aula. Isso é algum tipo de ritual, tipo, beber antes de ir pra escola? Porque você fez isso no ano passado e, se alguém perceber, você vai estar fod...

— Você não é minha mãe e nem mesmo ela me diz o que fazer. Engula sua língua e cala a boca. — digo, cortando seu discurso ultrapassado.

Como se Sculler fosse melhor que eu... Na verdade, ele é tão puto quanto, por isso somos melhores amigos. Dizem que os opostos se atraem, mas no caso da nossa amizade, os iguais se atraem mais ainda.

— Tudo bem, Seth, vamos logo para escola. Estou louco para ver se o cardápio está mais diversificado esse ano, se é que me entende. — diz, usando seu tom malicioso de sempre, embora ele não esteja soando firme e seguro como usualmente soa.

— Vamos. — murmuro, tomando um último gole do uísque.

Levanto-me e pego minha mochila, saindo do meu quarto junto com Sculler e completamente pronto para meu último ano escolar.

Mal posso esperar para toda essa merda acabar.

Capítulo 2

Mitologia & Príncipes

Pearl Wyatt

Eu nunca fui do tipo de garota que prefere a cidade grande. Cresci e fui criada numa fazenda em Wimberley, uma pequena cidade do Estado do Texas. O lugar em que eu vivi a maior parte da minha vida é simplesmente o paraíso, ou pelo menos eu acho que sim. A minha visão romantizada de tudo me dá essa percepção, embora eu não pense que isso seja uma coisa ruim.

Nas minhas férias de verão, quase cinco anos atrás, acompanhei com meu primo, Gale, para sua aula de Introdução à Filosofia, já que eu não tinha nada para fazer naquela sexta-feira e sempre tive a curiosidade de saber como funcionavam as aulas nas Universidades. Um de seus professores começou a explicar, baseado na obra de Platão, *O Banquete*, a origem do amor e da busca por sua outra metade. Explicou ele, que no princípio, não existiam dois sexos, mas sim, três: homem, mulher e a mistura dos dois, conhecida como *andróginos*. O andrógino era uma criatura redonda: suas costas e seus lados formavam um círculo e ele possuía quatro mãos, quatro pés e uma cabeça com duas faces extremamente iguais, cada uma olhando em uma direção, e pousada em um pescoço redondo.

Eu nunca fiquei tão fascinada por algo ou por qualquer explicação de um mito em toda minha vida.

O professor seguiu explicando sobre os andróginos, discorrendo sobre essa criatura fascinante e pontuando o quão fortes e poderosos eles eram. E foi tal força e poder que os tornaram ambiciosos. Eles escalaram a montanha

do Olimpo, com um único objetivo: *tomar o poder dos deuses*.

O que os deuses fizeram? Reunidos no conselho celeste eles chegaram a conclusão de que não podiam aniquilar essas criaturas, já que precisavam de seus sacrifícios e adorações. Por outro lado, tal insolência era intolerável. Então, foi quando Zeus rugiu: *“Deixem que vivam. Tenho um plano para deixá-los mais humildes e diminuir seu orgulho. Vou cortá-los ao meio e fazê-los andar sobre duas pernas. Isso com certeza diminuirá sua força, além de ter a vantagem de aumentar o seu número, o que é bom para nós.”*

Logo que Zeus proferiu essas palavras, ele começou a partir as criaturas ao meio assim como nós partimos uma maçã. E, à medida que Zeus cortava-os, Apolo ia virando suas cabeças para que pudessem contemplar eternamente sua metade amputada. Apolo também curou suas feridas, deu forma ao seu tronco e moldou sua barriga, juntando a pele que sobrava no centro, para que eles se lembrassem do que haviam sido um dia. Ainda lembro que comecei a segurar a mão de Gale com força, enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas.

O professor continuou falando sobre como as criaturas, depois de tal ruptura, começaram a morrer. Morriam de fome e desespero, *desoladas*. E quando uma das metades morria, a outra ficava à deriva, procurando e procurando algo que nunca mais acharia: **seu encaixe perfeito**. Zeus, com pena, teve outra ideia: virou as partes reprodutoras dos seres para a sua nova frente. Antes eles copulavam com a terra, mas a partir dali, os homens se reproduziriam nas mulheres com apenas um abraço. Dessa forma a raça não se extinguiria, eles poderiam descansar e até mesmo poderiam continuar com o negócio da vida. Com o passar do tempo, esqueceriam o ocorrido e somente teriam aquela fraca lembrança, o persistente desejo. Aquele desejo que por mais que estejamos com outra pessoa, nunca ficaremos saciados no ato de amar. E logo a saudade da união perfeita renasceria, assim como a busca por

sua metade perdida.

No momento em que o professor concluiu sua fala, eu me debrucei em lágrimas. O pensamento de quantas pessoas em todo mundo nunca conseguiram e nunca conseguirão achar a sua metade para completar o vazio que sentiam e sentirão dentro de si, assolou-me naquele momento. E se a sua outra metade morrer? Aquela busca pela pessoa certa nunca cessaria e a saudade do nunca visto ou sentido, jamais desapareceria.

Eu não queria e nem quero ser uma dessas pessoas. Quero a minha metade comigo e eu sei que quando eu achá-la vai ser certo, eu vou saber. A minha outra metade vai fazer eu me sentir amada e eu vou amá-la com tudo de mim. Sim, eu adoro romantizar as coisas — *mesmo* — e tenho a convicção de que vou encontrar meu Príncipe Encantado algum dia. Não, eu não espero que ele venha montado em um cavalo branco, mas espero que seja bonito e gentil, tendo todos os atributos que um verdadeiro Príncipe tem. Às vezes eu acho que sonho com *ele*, meu Príncipe Encantado, mas quando acordo não me lembro de quase nada. A única memória que tenho, é dos seus beijos castos e, ao mesmo tempo, tórridos.

Suspirando alto, sento na minha cama e calço minhas pantufas vermelhas, bocejando preguiçosamente enquanto me levanto coçando os olhos. Tenho plena consciência de que meus cachos loiros estão parecendo um ninho de passarinhos no topo da minha cabeça. Tenho que me apressar, já que hoje é o meu primeiro dia de aula na escola nova e, mesmo que eu ache que meu Príncipe Encantado, ou melhor, minha outra metade, esteja em algum lugar por aí fora, procurando-me também, eu preciso me arrumar um pouco para ser notada o mais rápido possível por ele.

Pego um roupão e corro até o meu banheiro. Encaro-me rapidamente no espelho e vejo que a minha situação é basicamente caótica. O meu rosto está completamente amassado, o cabelo está um ninho, como eu pensei que

estaria, e meus olhos castanhos parecem avermelhados por causa da quantidade de horas que eu dormi.

Preciso dar um jeito em mim.

Primeiramente, escovo meus dentes e depois começo a desembaraçar os meus cachos cuidadosamente. Quando termino de fazer isso, ligo o chuveiro, ajusto a temperatura da água, tiro minha roupa e começo a tomar meu banho. Não demoro muito, afinal eu estou mais que ansiosa para o meu dia. Desligo o chuveiro e visto meu roupão, indo direto até a pia e me encaro no espelho outra vez, percebendo que minha aparência está um pouco melhor.

Saio do banheiro apressadamente e vou direto até o cabide, onde está meu vestido floral vermelho que eu comprei há duas semanas. A peça já está gomada e arrumada há quase uma semana. Sim, eu estou mesmo uma pilha de ansiedade desde uma semana atrás.

Visto minhas roupas íntimas simples e confortáveis de sempre e em seguida visto meu vestido vermelho, sentindo-o cair perfeitamente em meu corpo. Corro até o espelho e checo minha aparência. Nada mal para quem parecia um urso há poucos minutos atrás. Penteio meu cabelo rapidamente, arrumando os cachos molhados e desordenados. Sento-me na minha cama, pegando meu tênis branco do chão e calçando-me. — Pearl, desça logo, senão vai se atrasar! — escuto minha mãe exclamar, provavelmente no começo da escada.

— Estou indo, mamãe! — rebato, agarrando minha mochila.

Perfumo-me o mínimo possível, já que nunca gostei muito de usar perfumes e saio do meu quarto. Apressada, desço dois degraus da escada de uma só vez, o que me faz tropeçar no último e, por pouco, eu não caio no chão.

— Por que você sempre faz a mesma coisa? — papai pergunta,

segurando-me firme enquanto minhas bochechas esquentam.

— Por que você sempre está no mesmo lugar? — pergunto, divertida.

— Porque eu sei que você vai cair. — diz, beijando minha testa carinhosamente.

— Então a minha resposta é: porque eu sei que o senhor sempre vai estar aqui para me segurar. — papai gargalha diante minha resposta.

— Quanta melação logo de manhã cedo... — Simon, meu irmão um ano mais novo, fala enquanto passa por mim e papai.

Simon pode ser mais novo que eu, mas a sua aparência é bem mais madura, já que ele faz questão de sair por aí exibindo seus músculos. Não posso deixar de pontuar que só seu cérebro ainda não amadureceu tanto assim.

— Quer um beijinho também, Simon? — papai provoca-o, enquanto vamos em direção à cozinha.

— Nem por um car...

— Simon Alexander Wyatt! — mamãe o corta, lhe lançando uma carranca.

Simon resmunga irritado, enquanto eu tomo um lugar em nossa mesa retangular e pequena de seis lugares. Assim que mamãe libera seu rosto da carranca não muito assustadora, tomamos café juntos em meio a risadas e planos que todos temos para esse semestre.

Capítulo 3

A Caipira

Seth Sawyer

Saltando sobre a porta do conversível de Sculler, sento-me no banco do passageiro e ele faz o mesmo, acomodando-se ao meu lado no banco do motorista e dando partida no nosso caminho. Dirigir alcoolizado nunca foi a minha praia, ainda mais levando em conta que eu raramente dirijo meu carro. Prefiro minha Harley Davidson, e é com ela que vou para escola quando não estou bêbado, como essa manhã.

— Melhora essa sua cara de merda se quiser pegar alguma garota, Seth.
— Sculler ralha, colocando os seus óculos escuros e eu faço o mesmo.

— Como se elas ligassem, de qualquer forma. Quanto mais rude você parece, mais elas te cobiçam. É uma lei, pensei que já soubesse disso. — zombo de volta, mas estou sendo sincero, afinal, isso é um fato.

Quantas vezes eu desprezei garotas, as tratei como merda e cinco minutos depois elas já estavam em cima de mim outra vez, como se nada tivesse acontecido? Foram tantas milhares vezes que mal consigo me lembrar. Nunca tratei uma garota da *famosa forma certa* depois de Macy. Foi ali que percebi que nenhuma delas merece o meu melhor lado, isso se eu ainda tiver algum lado bom.

— Você tem razão, mas ainda assim você está parecendo mais fodido e rude do que o normal. Que bicho te mordeu? — retruca, batucando no volante com os dedos, mesmo sem nenhuma música tocando.

— Nenhum. — falo, ligando o som e abafando sua tentativa de

continuar conversando.

Tem dias que eu simples não acordo a fim de falar com qualquer pessoa que seja, e esse é um desses dias.



Chegando na escola quase dez minutos depois, eu e Sculler saímos do seu carro e logo todos no estacionamento viram para nos encarar. Isso que acontece quando você é o capitão do time de futebol americano da escola. A fama vem como uma consequência. Uma boa consequência para quem tem o ego inflado, como eu. Não posso mentir, eu gosto da atenção que eu recebo. Desde os professores até os inspetores de corredor, todos malditamente me amam nessa escola.

Os caras me têm como um exemplo e as garotas — *bem essa é a melhor parte* —, eu tenho quem eu quiser na minha mão, ou melhor, na minha cama. O meu humor azedo na maioria das vezes só ajuda e fascina mais ainda todas as garotas a tentarem algo comigo e mesmo sendo exigente, mulher é mulher, e elas só significam uma coisa para mim: um lugar onde vou meter até cansar. Simples.

— Ora se não é a estrela mais querida de toda escola! — a voz estridente de Macy me puxa dos meus pensamentos.

— E eu pensando que esse seria um bom dia — resmungo para Sculler antes de me virar para encará-la. — O que já quer tão cedo, Macy?

Viro-me completamente, enquanto Sculler sai rindo de perto de nós dois. Tiro meu óculos escuro e o enfio no bolso da minha calça jeans escura. Fito Macy superficialmente, já que ela não é nada que eu nunca tenha visto antes. Seus lábios preenchidos por alguma cirurgia plástica estão cheios de batom vermelho, sua saia jeans parece mais um cinto e a camiseta pink que

ela está usando tem um decote que deixa completamente à amostra o seu sutiã preto. Como defini-la além de *uma tremenda puta*?

— Nada que você não saiba — diz, usando um tom mais baixo, que ela provavelmente julga como sendo sedutor. — Eu sei que você ainda gosta de mim, Seth, não se faça de difícil.

Mesmo contrariado, começo a rir. Macy realmente é inacreditável.

— Eu gosto de você calada, de preferência me chupando. Essa é a única forma que eu gosto de você, Macy. — jogo os fatos em sua cara, mas não é nada que ela já não esteja ciente.

Ela cerra os olhos para mim e cruza os braços em frente ao seu corpo, o que faz com que seus peitos pareçam ser bem maiores do que já são. Isso quase tirou o meu foco, mas como eu disse, apenas *quase*.

— Você é um escroto, Seth Sawyer. — enuncia entre dentes, claramente irritada.

— Todas falam isso, mas logo depois voltam rastejando. Estarei te esperando na sala. — digo sem paciência e passo por ela, sem deixar de apertar sua nádega esquerda no caminho.

Não vai demorar muito até que ela volte... Eu diria que em menos de trinta minutos ela estará na minha frente outra vez, e eu estarei pronto para dispensá-la assim que ela fizer seu "serviço".



Caminho pelo corredor central da escola, procurando Sculler por todo lado e notando que todo mundo ainda me encara. Deixo minha missão de procurar o Sculler para trás assim que uma ruiva passa por mim, lançando um sorriso malicioso em minha direção. Uma novata. É exatamente assim que eu gosto. Sempre sou o primeiro a ficar com todas elas, o *resto* é para quem

quiser vir depois de mim.

Assim que pego o seu número e salvo em meu celular, certificando-a que vou realmente ligar para ela, refaço meu caminho pelo corredor e recomeço a minha busca por Sculler.

— Seth Sawyer já começou a caça, senhoras e senhores! É exatamente por isso que ele é meu ídolo! — Vance exclama, passando o braço por meus ombros e fazendo-me rir.

Vance é um dos meus colegas de time e um bajulador do caralho, mas na maioria das vezes ele consegue ser legal. — Você viu Sculler por aí? — pergunto, ignorando sua bajulação anterior.

Macy aparece outra vez ao meu lado, com um sorriso aberto de ponta a ponta. — Ele está se engraçando com alguma novata caipira lá no estacionamento. — ela fala e sai rebolando na nossa frente.

— Porra, cara, essa realmente é boa, ainda vou tê-la um dia. — Vance comenta, seguindo a bunda de Macy até ela sair do nosso campo de visão.

— Posso te garantir que ela não faz nada de especial, até uma puta profissional é melhor. *Muito melhor*. — aviso, empurrando-o para longe e em seguida um grito estupidamente agudo explode atrás de mim, fazendo-me virar a cabeça naquela direção apenas para achar umas das fiéis escudeiras de Macy me encarando com horror.

— Acho que ela vai contar para a abelha-rainha-gostosa. — Vance sussurra para mim assim que a garota sai andando desesperada pelo mesmo caminho que Macy usou segundos atrás.

— Que se foda. — resmungo e dou as costas para Vance, indo de volta até o estacionamento.

O local já está mais vazio quando chego lá outra vez, levando em consideração que a maioria dos alunos já está circulando pelos corredores da escola. Depois de varrer o ambiente com os olhos, encontro Sculler encostado

no seu conversível, conversando com uma garota, que está de costas para mim.

Ela usa um vestido florido vermelho, enquanto carrega uma mochila também vermelha e calça um tênis branco como a neve. O cabelo loiro dela cai como uma cascata por suas costas e a cada movimento que ela faz com a sua cabeça, os cachos brilham mais ainda com cada feixe de luz que incide neles. Eu diria que, mesmo de longe, ela é um anjo. Isso se eu acreditasse em anjos, mas como eu não acredito, ela é só mais uma.

Aproximo-me lentamente e, quando estou parado atrás dela, finalmente Sculler me percebe e cala a boca, mas ela não o faz. Ela continua falando e balançando a cabeça, fazendo com que seus cachos brilhantes se movimentem de forma bem mais bonita devido a nossa proximidade no momento.

Mas isso não é tudo.

O vento que passa por nós acaba trazendo o cheiro dela diretamente para mim. *Doce e natural*, nada que algum dia qualquer perfumista consiga reproduzir. Seu cheiro é tão reconfortante que quase me faz fechar os olhos, mas controlo esse meu instinto e inspiro mais uma vez com força só pra ter certeza de que o cheiro vem mesmo dela.

— ...espero realmente me dar bem aqui. Tirando por você, acho que todos serão bastante receptivos e isso me deixa mais animada do que eu já estou! — a garota finalmente para de falar, e eu não deixo de perceber o sotaque sulista forte que ela carrega em suas palavras.

Essa deve ser a caipira a quem Macy se referia há alguns minutos.

— Aconteceu alguma coisa, cara? Pensei que estava ocupado... — Sculler pigarreja, enquanto indaga confuso, fazendo uma ruga de preocupação aparecer em sua testa.

No segundo seguinte, a garota se vira para mim com uma expressão

assustada e ao mesmo tempo surpresa. Seus olhos cor de avelã brilham e seus lábios avermelhados estão entreabertos, como se ela estivesse com dificuldade para respirar. Seu rosto é ainda mais bonito do que tudo que eu notei anteriormente, mas ainda assim me forço a encarar Sculler outra vez.

— Eu estava te procurando para irmos falar com o treinador sobre a nova temporada. — invento uma desculpa qualquer.

Nem mesmo eu sei por que estava procurando Sculler.

— Ah, claro! — exclama, animado. — Foi ótimo falar com você, Pearl. — Sculler diz, virando-se para a garota loira que agora tem nome.

Pearl.

Um nome interessante, além de ser diferente.

Fito a garota outra vez e ela ainda me encara como antes. Levanto uma sobrancelha, o que a faz corar e abaixar a cabeça. Puta merda! Quase consigo sentir o cheiro de inocência que emana dela.

Que garota ainda cora no século vinte e um?

— Foi muito bom te conhecer, Sculler. — ela sussurra.

Não controlo o sorriso que desliza por meus lábios ao encará-la por mais alguns segundos. Acho que o efeito do uísque que eu tomei mais cedo só foi se manifestar agora.

Ela é só mais uma, Seth.

Sou alertado por minha consciência e paro de sorrir imediatamente. — Te vejo por aí. — Sculler diz mais uma vez e sai me puxando pelo braço.

Capítulo 4

O Príncipe Encantado

Pearl Wyatt

Depois do meu irmão convencer os nossos pais de que eles não precisavam nos levar para a escola na *van* da pizzaria da nossa família, finalmente fomos juntos para o ponto no começo da rua para esperar o ônibus escolar. Simon sempre teve vergonha — mesmo quando vivíamos em Wimberley, uma cidade pequena do interior — de ir para escola na *van*. Papai e mamãe tinham uma pizzaria lá na nossa antiga cidade, um negócio de família herdado da minha avó materna. Claro que eles trariam esse negócio para Long Beach e eu estou, na realidade, muito feliz por isso. Aqui, com toda certeza, os negócios serão mais movimentados do que em Wimberley.

— Imagina o mico? Chegar naquela *van* da pizzaria no primeiro dia de aula. — Simon resmunga, parando ao meu lado.

— Eu não acho mico nenhum... Até parece que você não gosta de pizza. — falo, rolando os olhos em seguida.

— Você realmente não se liga, não é, pirralha? Sou um *Junior*, não posso chegar naquela porcaria no primeiro dia de aula. Pretendo entrar para o time de futebol, Pearl, e não o contrário, ficar excluído com os *nerds*. — rebate, como se tivesse razão em tudo que ele está falando.

— *Pirralha?* — indago, rindo. — Sou mais velha que você, Simon. Ah, e sou uma *Sênior* e não é por que eu sou uma *Sênior*, que vou ter vergonha de chegar na escola com o carro da pizzaria dos nossos pais. — dou de ombros, não me deixando ficar irritada por sua atitude imatura. — Você devia dar

mais valor para o lugar de onde vem o seu sustento, sabia?

Simon se mexe irritado, mudando o peso do seu corpo de um pé para o outro. Eu falei a verdade e ele sabe que sim.

— Que seja. — diz, por fim.

Eu e Simon ficamos calados por longos minutos, até o ônibus finalmente chegar. Entramos e eu pego um lugar ao seu lado, o observando torcer a boca para o lado. Eu sei que ele não gosta de ser visto comigo, nunca gostou, mas eu gosto de ficar perto dele apesar de tudo. Contudo, não puxo qualquer assunto para não o deixar mais irritado do que ele já parece estar. Assim, ficamos também calados pelo resto do caminho até a nossa nova escola, somente ouvindo os outros alunos conversarem animados.



Simon e eu saímos do ônibus e eu apenas o sigo. Na semana passada, quem veio aqui para conhecer o local com o papai foi Simon, eu fiquei organizando o espaço onde vai funcionar a pizzeria, juntamente com a mamãe.

— Você tem que se enturmar, Pearl. Ande com pessoas que tem prestígio, me entende? — Simon começa seu discurso.

Balanço a cabeça em afirmação, mas certa de que o que ele está me sugerindo, é algo pouco provável que eu faça. Não ando com uma pessoa só por que ela é rica ou tem prestígio, como ele bem colocou. Se uma pessoa for pobre e me tratar bem, eu a tratarei melhor ainda.

Dê aos outros o que você quer receber.

— Vamos para o estacionamento, lá você já vai saber com quem deve andar. Apenas escolha o melhor carro. — murmura.

Deus, quanta asneira sai da boca desse menino!

— Simon, apenas me ajude a achar minha sala, não quero ir para o

estacionamento e muito menos escolher com quem falar apenas baseado no carro que a pessoa usa. — digo, puxando a sua jaqueta preta de couro. Ele me ignora, como se eu não tivesse puxando sua jaqueta. O que me resta, realmente, é segui-lo.

O estacionamento não está cheio de pessoas, mas sim de carros. Os donos, provavelmente, já entraram na escola. Mesmo assim, Simon me empurra para longe enquanto caminha até algumas garotas que ainda estão ali. Cruzo os braços em frente meu corpo, sentindo-me irritada. Não tenho o costume de me sentir irritada, chateada ou até mesmo com raiva, mas Simon realmente está me irritando com esse papinho de criança.

— Ei, menina. — alguém murmura no meu ouvido e eu viro-me rapidamente, sobressaltada.

Encaro a figura parada agora na minha frente. Ele é alto, musculoso, tem cabelos castanhos que estão bagunçados e ostenta um par de olhos verdes. — *Uh* - Oi? — respondo, perdida.

Ele me encara, encostado em um conversível bonito e certamente muito caro. Esfrego meus dedos nervosamente em meus braços ainda cruzados e respiro profundamente.

— Está perdida? — ele indaga, sorrindo aberta e calorosamente.

Devolvo-lhe um sorriso, meio acanhada com sua presença. Posso contar nos meus dedos quantas vezes tive a atenção de alguém tão bonito quanto ele, e isso seriam menos de três vezes.

— Oh, não! — exclamo, lembrando que estou calada. — Estou apenas esperando meu irmão term...

Enquanto falo, virei-me para localizar Simon, que completamente sumiu. — Acho que seu irmão te deu um bolo, não? — diz, divertido, enquanto viro de volta para encará-lo. — Não pude deixar de notar o seu sotaque. Posso te perguntar de onde você é?

Suspiro, derrotada. Simon sumiu e agora tenho que lidar com um garoto bonito, não que isso seja um problema, mas minha experiência é zero. Literalmente zero.

— Wimberley, Texas. — digo, acalmando-me.

— Logo percebi que era do sul. — diz, balançando a sobrancelha sugestivamente e me fazendo rir. — Eu sou Sculler e você é...? — oferece a mão para mim.

Descruzo os braços e seguro sua mão com uma das minhas, balançando e apertando gentilmente. — Pearl Wyatt. — respondo, puxando minha mão de volta. — Será que, se não for um incômodo, você poderia me explicar onde fica a diretoria?

Já que Simon me deixou sozinha, terei que me virar como posso.

— Você vai seguir direto — diz, apontando para a direita, onde é a saída do estacionamento e entrada da escola. —, então vai entrar na escola e logo terá um inspetor na porta. Pergunte para ele e ele com certeza te guiará, mas de qualquer forma, se ele não estiver pelo local, basta seguir pelo corredor central e virar à esquerda. Lá estará a sala do diretor Brown. — suspiro em alívio.

Não parece ser difícil.

Volto a encarar Sculler, que já está me fitando.

— Espero que se saia bem aqui, Pearl. — diz, em um tom baixo e olha brevemente para um ponto atrás de mim.

— Muito obrigada por essa ajuda, mesmo. — digo grata, balançando meu corpo para frente e para trás. — Espero realmente me dar bem aqui. Tirando por você, acho que todos serão bastante receptivos e isso me deixa mais animada do que eu já estou! — paro de falar, percebendo que Sculler ainda está olhando para longe de mim.

— Aconteceu alguma coisa, cara? Pensei que estava ocupado... —

Sculler pergunta, e sua pergunta não é para mim.

Viro meu corpo, assustada por finalmente sentir a presença de alguém atrás de mim.

Oh, Deus! O ar deixa meus pulmões assim que o fito.

Quer dizer, *ele*!

Já o vi em algum lugar, tenho certeza!

Talvez nos meus sonhos... Será que ele é...?

Nunca me senti dessa forma. Quero falar alguma coisa, mas não consigo. Seu cabelo bagunçado para todos os lados é tão escuro quanto seus olhos pretos, que brilham em minha direção. Se antes eu havia notado a altura de Sculler, bem, a desse cara na minha frente é apenas *bem* maior. E ele é musculoso, sem dúvida nenhuma. O tecido preto da camiseta que ele está usando se estica para cobrir sua pele três tons mais escura que a minha pele pálida.

Sim, é ele, meu Príncipe Encantado ou minha metade perdida.

Não sei como ele se chama, mas *é* ele.

Mais do que apenas inexperiente, me sinto uma completa criança com seus olhos e atenção em cima de mim. Ele olha para Sculler e eu esmoreço um pouco, querendo mais de seus olhos escuros em minha direção. — Eu estava te procurando para irmos falar com o treinador sobre a nova temporada. — ele diz, com sua voz baixa e rouca.

Claro que é ele!

Sua voz faz minha pele esquentar, arrepiando-me por inteira enquanto uma manada faz festa em meu estômago. O que está acontecendo comigo? Será que eu estou passando mal?

— Ah, claro! — Sculler exclama animado, mas não deixo de olhar para *ele*. — Foi ótimo falar com você, Pearl. — completa.

Ele me fita de novo, pegando-me no ato. Sinto-me uma criminosa,

errada, quebradora de regras. Ele levanta uma sobrancelha para mim e isso é o que faltava para que eu derretesse em minha própria vergonha. Sinto minhas bochechas esquentarem violentamente e abaixo a cabeça.

— Foi muito bom te conhecer, Sculler. — sussurro, mais do que envergonhada.

— Te vejo por aí. — Sculler diz, por fim.

Ouço os dois se afastarem de mim e levanto a cabeça a tempo de pegar e gravar mais uma imagem daquele garoto em minha mente: *meu Príncipe Encantado, ainda sem nome*.

Capítulo 5

Garota Loira

Seth Sawyer

Depois de falarmos com o treinador sobre os treinos e a temporada que vai chegar, eu e Sculler fomos direto para a nossa primeira aula. Chegamos à sala e a aula já estava em andamento.

— O ano letivo mal começou e vocês já estão dando esse exemplo? — o professor de Biologia diz teatralmente assim que abre a porta para nós dois. Esse é provavelmente o único professor que me odeia, assim como odeia Sculler. Ele sempre fez questão de nos provocar em qualquer oportunidade. Um verdadeiro pé-no-saco.

— Tivemos um imprevisto no caminho, professor. — Sculler diz, clinicamente.

— Entrem, antes que eu perca toda a minha paciência. — o professor grunhe, irritado.

Eu e Sculler entramos na sala e logo vejo a pior visão imaginável: Macy, sentada com a novata, a loira que conversava mais cedo com Sculler e que Macy fez questão de pontuar de que ela é uma caipira.

Macy pisca para mim discretamente, enquanto a garota apenas me olha brevemente, cora e abaixa a cabeça, assim como fez alguns minutos atrás. Macy me olha divertida, fazendo-me rolar os olhos sem saco para suas brincadeiras. Eu e Sculler nos sentamos juntos nas últimas cadeiras. Encosto minha cabeça na parede e finjo estar prestando atenção no que o professor está falando lá na frente.



Assim que a sirene soa anunciando o fim dos dois estúpidos horários de Biologia, levanto-me e jogo meu material dentro da minha mochila. Minha atenção é puxada pela presença da caipira loira de hoje mais cedo. Macy está sorrindo pra ela, enquanto tem uma mecha loira do cabelo da garota enrolada em seus dedos esqueléticos. Não sei a razão, mas não gosto da proximidade em que as duas se encontram no momento.

— Melhor eu alertar a garota para não se meter com Macy. — Sculler diz, tirando-me dos meus pensamentos.

— Faça o que quiser, isso não é da minha conta. — sentencio, sentindo-me subitamente irritado.

Em passos largos caminho até a porta, mas não antes de ver a loira sorrindo com Macy. Ela só pode ser cega ou lesada para ficar sorrindo com essa garota. Balanço a cabeça e finalmente saio da sala, indo direto para minha outra aula, que no caso, é a de Geometria.

Que se foda a Matemática!



— Ei, Seth! — Isaac, um dos meus colegas de time, me chama. — O treinador esqueceu de te avisar mais cedo, mas na próxima semana estaremos reunidos para os testes do time reserva. Ele vai pegar alguns caras do time Junior e quer nossa ajuda na escolha.

— Isso não vai atrapalhar nosso treino? — pergunto, vendo Sculler se aproximar com Vance.

— Não cara, fica tranquilo. — diz, rindo, mas quando vê que eu não estou fazendo o mesmo, ele logo para.

Se tem uma coisa que levo a sério, é o futebol. Dou duro pra caralho e

isso faz de mim o melhor. Minha bolsa pra faculdade já está quase garantida, apenas preciso manter o foco nos jogos desse ano que vai dar tudo certo. A faculdade também é apenas mais um degrau para que eu possa conquistar o que eu mais quero: jogar nas maiores ligas de futebol americano do país. Já tenho tudo planejado e *nada* vai tirar o meu foco, isso eu posso garantir.

— Vamos almoçar ou não? — Sculler pergunta. — Podemos chamar umas garotas novas para a nossa mesa, a propósito. Tem umas gatas com pernas maravilhosas desfilando por aí. — Sculler ri com Vance e Isaac.

— Estou dentro pra caralho! — Vance exclama.

Rolo os olhos e saio andando na frente, enquanto escuto eles me seguirem ainda falando sobre as pernas das novatas. Chego ao refeitório e não preciso nem parar na fila, já que todos vão abrindo caminho para que eu possa passar. Não é minha culpa, em tudo. Eu não pedi lugar para ninguém e muito menos ordenei que saíssem da minha frente, as pessoas simplesmente o fizeram. E eu não reclamo, já que não tenho qualquer motivo para fazer isso. Pego uma bandeja e vou passando pelas cozinheiras que vão me servindo com o que eu escolho.

— Uma alimentação saudável para o nosso melhor jogador! — Mary, uma das cozinheiras mais jovens que jura que tem uma chance comigo, diz sorrindo.

— É sempre um prazer ser servido por você, Mary. — pisco para ela. Vejo Mary se segurar em uma de suas amigas e saio rindo, escutando os caras me seguirem rindo mais ainda.

Talvez eu contribua um pouco para que ela pense que tem uma chance comigo, mas eu preciso conquistar meu público. Termino minha caminhada até a mesa central, onde sempre me sento, fingindo que não sei que todos os olhares estão em cima de mim. Antes que eu tome um lugar, vejo Macy se aproximar com a garota loira. Eu sei o nome dela, mas prefiro chamá-la

de *garota loira*.

Cada uma delas está segurando uma bandeja com seu almoço. Não sei o que Macy pretende fazer com essa garota, mas nunca a vi agir tão gentilmente com qualquer outra pessoa do mesmo sexo que ela. Incluindo suas próprias — e verdadeiras putas — amigas.

— Espero que não se importe por eu ter trazido a Pearl para a nossa mesa, *estrela*. — Macy diz, sorrindo com seus lábios vermelhos e falsos.

— Claro que ele não se importa. Estávamos a procura de nova companhia, de qualquer forma. — Sculler diz ao meu lado.

Sento-me no banco, finalmente encarando a garota loira outra vez. Ela está me olhando e há alguma coisa naqueles olhos castanhos, que eu não consigo decifrar o que é, mas me incomoda. Incomoda muito. Ela abaixa a cabeça, corando violentamente e fazendo-me segurar o riso. Porra, por que diabos ela continua corando?

Macy olha da loira para mim e repete o processo, olhando de mim para a garota, enquanto maneia a cabeça como se não estivesse acreditando no que está vendo.

— Senta, Pearl. — Macy diz, suave como nunca.

Rolo os olhos, irritado com sua postura falsa. Quero abrir a boca e dizer para a garota loira correr pra longe dessa garota, mas não o faço. Verei até onde Macy quer chegar com todo esse circo.

— Tudo bem... — a loira murmura, acanhada, e senta-se no banco.

Apenas essa mesa extensa nos separa. Ele está sentado na minha frente, fitando seu almoço enquanto Macy se senta vulgarmente, não perdendo a chance de mostrar a calcinha que ela está usando para qualquer um que tenha olhos, ver. Sculler começa a conduzir a conversa, falando com Pearl a todo momento. Pego um pouco da salada que está no meu prato e enfio na boca, escutando a garota falar um pouco sobre ela. De minuto em minuto, ela me

olha. Seus olhos ainda me incomodam pra caramba e ela parece estar ansiosa e nervosa, tudo ao mesmo tempo.

Quase no final do almoço, Macy começa a falar com Pearl sobre maquiagem e essa porcaria de garotas. — Se quiser posso te ensinar a como usar maquiagem e chapinha. Seu cabelo vai ficar divino! — ela exclama, irritando-me profundamente.

Vejo Pearl se mexer sem graça.

Se eu fosse ela, mandaria Macy ir se foder. Certamente a loira não gosta de usar maquiagem, já que não tem um pingo daquela merda em seu rosto. E o seu cabelo? Para quê alisar se já é bonito com os cachos?

Pigarreio, não muito feliz com meus próprios pensamentos sobre a garota. Ela me olha e não desvia dessa vez.

— Eu prefiro meu cabelo assim... e nunca fui uma amante de maquiagem. — ela diz, piscando e batendo os seus cílios longos de acastanhados em minha direção.

Ficamos dessa forma, nos encarando como se não tivéssemos mais nada de importante pra fazer.

Put a que pariu, preciso comer uma garota o mais rápido possível.

— Tudo bem então, mas sabe que sempre pode contar comigo. — Macy diz, interrompendo o que quer que estivesse se passando entre nós dois.

— Obrigada, Macy. — a loira diz de volta, segurando a mão de Macy em agradecimento.

Mal sabe ela que a garota não dá ponto sem nó. Macy está planejando algo e o olhar que ela me dá, me deixa saber que eu estou envolvido nisso.

Capítulo 6

O nome dele é Seth

Pearl Wyatt

Durante todo o almoço eu estive o tempo todo com medo de fazer alguma besteira. Na minha antiga escola, eu nunca me sentei com as pessoas ditas “*populares*”. Na verdade, lá nós nem tínhamos essa divisão tão forte como é aqui em Long Beach. Macy me levou para mesa onde *ele* estava e eu praticamente desmaiei bem ali, no meio do refeitório. E quando ele me olhou... Ah, quando ele me olhou eu simplesmente tive — *novamente* — a certeza de que ele é o meu Príncipe Encantado, o que me deixava envergonhada e me fazia corar instantaneamente.

— Que aula você tem agora, Pearl? — Macy pergunta, sorrindo gentilmente.

Eu nunca pensei que me daria bem com alguém do tipo de Macy. Não costumo julgar as pessoas pela aparência, mas eu realmente não sei por que ela gostou tanto de mim, já que somos meio incompatíveis. Sim, essa é a palavra certa: *incompatíveis*. Mas apesar de tudo, estou muito feliz em já ter uma amiga com quem eu possa contar.

— Química. — respondo sorrindo de volta pra ela.

— Oh, não é a mesma que a minha. — ela diz, desapontada. — Nos vemos depois, *bonitinha*.

Macy beija minha bochecha e sai andando.

Estranho, mas tudo bem.

Apenas preciso achar a sala de Química... *o mais rápido possível.*



Assim que consigo chegar à sala de aula de Química, bato na porta para chamar a atenção do professor. Ele me olha pelo pequeno vidro e acena com a cabeça positivamente. Abro a porta e entro na sala de cabeça baixa. Odeio chegar atrasada, não importa onde.

— Com licença, professor. — murmuro, totalmente sem graça.

— Está tudo bem, apenas sente-se para que possamos dar continuidade.
— diz, compreensivo.

Levanto um pouco mais minha cabeça e procuro um lugar rapidamente, achando apenas dois. Todo e qualquer fôlego que eu tinha, sai imediatamente por minha boca, enquanto o encaro pela *enésima* vez no mesmo dia.

Ele está sentado no começo da fila encostada na parede cheias de janelas de vidro. O sol vem diretamente em seu rosto no mesmo momento em que ele me fita. Aperto a mochila com minha mão, tentando voltar ao normal. Escuto algumas risadas e sussurros ao redor da sala e abaixo a cabeça constrangida por estar encarando-o na frente de todo mundo.

Deus, eu preciso me controlar!

Caminho rapidamente até a fila ao lado da dele, sentando-me com uma menina ruiva. Afundo meu corpo no banco, tentando não mais ser percebida depois dessa cena vergonhosa. — Estranha... — a garota murmura ao meu lado assim que o professor dá continuidade a aula.

Eu a fito e ela apenas dá de ombros, batendo com as unhas pintadas de azul escuro — quase preto — na mesa que estamos dividindo. Tiro meu material da minha mochila e começo a copiar tudo o que professor expõe nos *slides*.

Átomos.

Ligações.

Atração.

Negativo, positivo.

Isso me faz trazer meu lápis até a boca, fitando meu Príncipe que está sentado duas cadeiras a frente.

— *Os opostos se atraem...*

O professor diz, enquanto continuo encarando o perfil mais perfeito que já tive o prazer de ver. Acho que o professor tem razão. Ele é completamente o oposto de mim e eu posso dizer que estou estupidamente atraída, de uma forma quase que magnética, por ele. Quer dizer, fazem quantas horas que eu o conheci? Cinco? Seis? Bom, quase isso, mas essas horas não dizem nada. Ele é simplesmente o que eu estive procurando em todos esses anos e achei aqui, com apenas uma troca de olhares.

— Se eu fosse você, boneca, certamente nem mesmo arriscaria. — escuto a garota ao meu lado murmurar perto de mim.

Deixo de encarar o Príncipe apenas para fitá-la interrogativamente.

— Desculpe-me? — digo, sem jeito.

— É, escute o que eu estou falando. Seth não presta para o tipo de garota que você parece ser. — responde, parecendo entediada.

As palavras dela me deixam horrorizada.

Por que ela está falando isso?

— *Eu não... Quer dizer...* — gaguejo, sem saber realmente o que falar.
— O nome dele é Seth? — indago, curiosa.

— Seth Sawyer, capitão do time de futebol americano da escola, futuro jogador da NFL e o mais importante garoto nesse momento para qualquer uma dessa escola: rico, bom de se olhar e um trator na cama. — ela diz, encarando-me divertida, enquanto eu engasgo na minha própria saliva. — Aliás, eu sou Jenna. — sorri abertamente, estendo a mão para mim.

Seguro sua mão receosa e, provavelmente, muito vermelha.

— Pearl...

Sacudo sua mão de forma breve e volto a me recolher. Ainda estou fitando Jenna quando ela volta a falar.

— Antes que se pergunte como eu sei que ele é um trator na cama, não foi por experiência própria. Minha amiga Hillary teve uma noite com ele, além dos muitos detalhes que as outras garotas que ele já pegou comentam por aí. — ela me fita outra vez, com um sorriso travesso nos lábios. — Cada estocada, um *touchdown*. É o que elas dizem. — finaliza.

Meu queixo cai e minha boca se abre dramaticamente. Já ouvi falar por aí sobre esse assunto, mas nada tão brutal e cru.

Quer dizer, onde está o amor?

Encaro Seth e tento achar nele tudo que Jenna me confessou. Metade das informações são, visivelmente, verdade. Ele definitivamente é bom de se olhar e também tem aquela áurea de sofisticação e riqueza ao redor de si, mesmo nos pequenos detalhes. Agora, quanto aos outros detalhes eu não posso afirmar qualquer coisa. Não o conheço de verdade e muito menos sei o que ele pensa sobre tudo que essas garotas falam dele, mas posso notar a

popularidade que ele tem no meio feminino. Eu não sou a única vidrada nele.

Balanço a cabeça, expulsando esses pensamentos de lá e começo a anotar mais do que o professor está explicando.



Saio da sala de Química depois que todos já se foram. Coloco minha mochila no ombro e solto um suspiro cansado. Por sorte, hoje eu não tenho aula de educação física, sendo assim, essa foi minha última aula do dia. Assim que viro o corredor, encontro Simon rodeado de garotas. Esse moleque realmente não tem jeito. Ele me fita e, afastada dele, faço um sinal para que ele saiba que é hora de irmos pra casa.

Despedindo-se das garotas, ele se aproxima de mim e andamos lado a lado até a saída.

— Esse foi um bom primeiro dia, irmãzinha. — começa e eu levanto uma sobrancelha. — As garotas me adoram e o time de futebol abriu testes para o time reserva. Fiquei sabendo que não fazem isso há dois anos, já que dizem que o capitão não gosta muito de amadores, mas isso é por que ele ainda não me viu jogar. Vou detonar no teste, você vai ver. — diz, praticamente sem respirar.

Posso perceber o quanto Simon está animado e isso também me deixa animada por ele. Desejo-lhe toda sorte do mundo nesse teste.

Saímos juntos da escola, enquanto Simon continua falando uma besteira atrás da outra. Pegamos o ônibus para voltarmos para casa e antes que a escola saia do meu campo de visão, olho pela janela mais uma vez o local, lembrando-me de tudo que aconteceu hoje. E, principalmente, lembrando-

me de Seth Sawyer.

Capítulo 7

A Aposta

Seth Sawyer

Depois que a aula de Química terminou, coloquei minha mochila por cima do ombro e saí da sala o mais rápido o possível. Vai que aquela garota ainda está me encarando... Sério, ela deve estar achando que eu não percebi, mas eu conseguia sentir o olhar dela queimar na minha nuca e eu realmente não gostei daquela sensação, apesar de gostar de ter a atenção das pessoas para mim.

Passando pelo corredor, encontro Sculler encostado no armário dele conversando com uma garota qualquer. Assim que ele me vê, ele se despede da garota e se aproxima.

— Porra, esse semestre já começou muito bem! — Sculler exclama, sorrindo abertamente.

— Prefiro nem mesmo comentar. — resmungo, ouvindo Sculler rir.

Entramos no estacionamento e lá vejo algo que realmente não estava com paciência pra ver: *Macy, sentada no capô do carro de Sculler.*

— Finalmente você apareceu, estrela! — ela exclama, afastando as pernas e mostrando algo que já vi tanto que nem mais me dou o trabalho de espiar.

Sculler tosse ao meu lado, fazendo-me revirar os olhos.

— O que você quer, Macy? — indago, jogando minha mochila para

dentro do carro.

— Eu tive uma ideia tão maravilhosa, Seth, você vai simplesmente *amar*. — diz, com um sorriso grande nos lábios vermelhos.

O meu sentindo vai direto para a caipira loira. Macy encara Sculler e ele pigarreia, afastando-se de nós dois. Macy desce do capô do carro e se aproxima de mim, colando seu corpo junto ao meu e passando as mãos finas dela em meus braços. Quero empurrá-la pra longe, mas também quero saber o que ela tem a dizer.

— Seja rápida, hoje eu não tenho tempo para perder com boceta. — aviso, lembrando-me que marquei algo com a minha mãe.

Macy estreita os olhos em minha direção, mas logo volta a sua pose anterior. — Eu quero propor uma aposta. — diz, com um brilho sombrio nos olhos.

Levanto uma sobrancelha, tentando entender do que diabos ela está falando. Uma aposta? Desde quando Macy perde o tempo dela fazendo apostas? — Do que se trata essa aposta? — pergunto, fingindo interesse.

— Seduzir a caipira loira que estava comigo, hoje, no almoço. — diz, chamando minha atenção.

No mesmo momento em que ela para de falar, a imagem da garota loira entra na minha cabeça e a vontade de querer entrar nessa aposta surge imediatamente. Ela certamente é um alvo fácil e eu poderia muito bem fazê-la sofrer, assim como um dia eu sofri por causa de uma garota, por causa de Macy. Mas, ainda assim, eu não vou ganhar nada em troca, apesar da satisfação que provavelmente sentirei. Só que apenas a satisfação não é o suficiente para mim.

— Para quê diabos eu faria isso? Seduzir a caipira e o quê mais? Você

viu bem como ela se parece, na certa ainda nem mesmo teve um primeiro beijo. — digo, tentando mostrar para ela que essa aposta não tem qualquer rumo, ou melhor, o rumo da aposta é muito amador e vazio.

— É somente para diversão, Seth. Ela é tão certinha... e você nem mesmo precisa entrar nas calças dela. — ri abertamente. — Só uns beijinhos e depois falamos que era uma aposta boba. — completa.

Ficar atrás da caipira? Beijá-la? Tudo isso em troca de nada?

Nem aqui e nem no inferno.

— Isso não parece nada divertido para mim, Macy. — respondo, afastando-me dela.

Sculler se aproxima outra vez e entramos no seu carro.

Escuto Macy bufar alto.

— Melhor você ir pra casa e tirar essa ideia da sua cabeça. — sugiro, ouvindo Sculler ligar o carro.

Antes que Macy possa falar qualquer coisa, Sculler sai da vaga e acelera. Pelo menos estou livre de Macy e de sua tentadora aposta.



Depois de ter chegado em casa, acabei passando a tarde toda ajudando minha mãe com o estúpido jardim que fica no fundo da nossa casa. Ela simplesmente não tira a ideia de continuar fazendo aquilo sem ajuda de um especialista ou qualquer merda desse tipo. Temos dinheiro o suficiente para isso, não precisamos gastar nosso tempo fazendo algo que podemos pagar para alguém fazer em nosso lugar. Mas, assim como ela desejou, eu gastei

meu tempo carregando algumas tralhas e muitos sacos de areia e adubo para ela.

Finalmente já é noite e estou deitado na minha cama, vestindo um jeans qualquer, enquanto penso nos jogos que teremos essa temporada.

Meu celular vibra ao meu lado e eu o pego.

“Estamos te esperando aqui em casa. Os caras chegaram e Macy também está aqui. Parece que ela não tirou a ideia da aposta da cabeça.

Sculler.”

Encaro o visor do meu celular, checando se eu tinha realmente lido certo. Macy convocou um comitê para falar sobre a aposta?

Digito uma resposta, pronto pra dar um fim nessa história:

“Diga que estou ocupado.”

Sento-me na minha cama e segundos depois o celular volta a vibrar.

“A aposta realmente está correndo cara, venha apenas escutar. Macy disse que não sairá daqui enquanto você não aparecer. Só dê um jeito nessa puta e faça o que quiser depois.

Sculler.”

Pego minha camiseta branca de cima da cama e me visto. Calço meu coturno, enfio meu celular no bolso do meu jeans e saio do quarto balançando a chave da minha Harley no indicador.

— Pra onde está indo, filho? — minha mãe indaga assim que eu vou passando pela sala.

— Vou até a casa do Sculler, mas não demoro. — digo, encarando-a de volta.

Ela se aproxima de mim e sorri docemente.

Se ainda há algum resquício de respeito dentro de mim, ele existe apenas por ela: *minha mãe*.

— Dirija com cuidado, nada de correr muito. — diz, passando os dedos entre os fios dos meus cabelos.

Assinto com a cabeça e beijo sua testa.

— Pode deixar, boneca. — resmungo, afastando-me dela e ouvindo sua risada divertida.

Saio de casa e vou direto até minha moto. Coloco o capacete e assim que estou montado lá em cima, ligo e parto em direção à casa de Sculler. Depois da viagem que faço, estaciono minha moto ao lado do carro de Sculler, notando mais quatro carros parados ao lado.

Caminho até a entrada e antes mesmo de tocar a campainha, Macy abre a porta sorrindo em minha direção.

— Que bom que você chegou, Seth. — diz, abrindo espaço para que eu possa entrar.

Capítulo 8

Girassol

Pearl Wyatt

Depois de passar o resto da tarde na cozinha da pizzeria com mamãe, Mario, Elijah e Spencer, os cozinheiros e ajudantes, finalmente pude me sentar um pouco para descansar.

Spencer se aproxima de mim com dois pedaços de pizza e se joga ao meu lado, oferecendo-me uma fatia. Spencer é filha de Mario e está nos ajudando, já que o seu pai é um *pizzaiolo* de primeira. Nas duas últimas semanas nós os conhecemos, assim como conhecemos Elijah, e não poderíamos deixá-los escapar. Se a pizza da mamãe já era maravilhosa, agora ficará simplesmente esplêndida.

— Acho que nunca vou me cansar de comer pizza, mesmo lidando com isso todos os dias. — Spencer resmunga, mastigando um pedaço e eu faço o mesmo, sem conter uma risadinha.

— Eu concordo. Pizza é provavelmente minha comida preferida, sem mas. — confesso e ela ri da minha cara.

Levantando uma sobrancelha e ela continua rindo.

— Você está suja na bochecha, anjinho. — diz, fazendo-me corar e limpar rapidamente minha bochecha. — Como foi o seu primeiro dia de aula? O meu foi uma merda, tem uns caras muito imbecis lá na minha escola e eu já estou pronta para sentar a mão na cara deles.

Rolo os olhos, não deixando de rir em seguida. Spencer tem a mesma idade que eu, embora ela pareça ser mais velha, em um bom sentido. O cabelo escuro dela que agora está preso, é liso, sem qualquer onda. Sua pele está um pouco queimada por causa do sol daqui, o que acaba contrastando com seus olhos esverdeados e deixando-a mais bonita ainda.

— O primeiro dia foi muito legal, todos foram gentis comigo e o local é grande e muito bonito. — falo, mordendo outro pedaço da minha pizza.

— Gentis? — questiona, levantando uma sobrancelha e eu aceno positivamente com a cabeça, de boca cheia. — Aqui em Long Beach é cobra comendo cobra, anjinho. Tome cuidado, principalmente você estudando na escola que estuda.

Encosto minha cabeça na parede e estico minhas pernas no chão.

Carrillo's High School.

Esse é o nome da escola onde estou estudando, que no caso, é uma das escolas particulares mais caras em Long Beach. As escolas públicas são tão boas quanto as particulares, mas meus pais decidiram que gastar comigo e com Simon nos nossos estudos nunca seria demais. E, claro, Simon ficou completamente maravilhado em saber que estudaríamos em uma escola como aquela, afinal lá só dá, na sua grande maioria, pessoas ricas.

— Não acho que alguém vá fazer algo de ruim contra mim, se é isso que você está pensando. — eu digo, encolhendo os ombros. — Todos foram muito gentis e eu realmente quero dizer isso.

— Então você está com muita sorte. — Spencer diz, dando uma risada e empurrando-me pelo ombro.

— Ei, filha! Simon já está te esperando lá fora na *van*. — mamãe me chama do outro lado do balcão.

Dou um pulo, firmando-me nos meus pés e terminando de comer meu pedaço de pizza. Tiro meu avental e touca, pegando meu boné e alisando minha camiseta vermelha.

— Diga para o Simon que ele fica bem na *van* da pizza. — Spencer grita para mim assim que eu passo pela porta, tirando-me uma risada.

— Ele odeia quando você fala isso! — exclamo em resposta, sabendo o quanto Spencer gosta de provocar Simon.

— Eu sei, anjinho! — escuto Spencer falar antes de passar pelo balcão.

Mamãe segura meu braço e me olha de cima a baixo. Ela puxa meus cabelos para fora do prendedor e arruma o boné na minha cabeça. — Não deixe seu irmão fazer besteira. — ela diz, alertando-me como sempre faz antes de eu e Simon sairmos para entrega.

— Não vou deixar, pode ficar tranquila. — respondo, sorrindo calmamente.

Mamãe beija minha testa e eu saio correndo, ouvindo Simon gritar para eu me apressar. Chegando do lado de fora da pizzeria, encaro Simon que já dentro da *van* e atrás do volante.

— Vamos, Pearl. Não quero passar o resto da noite entregando pizza. — Simon exclama, já irritado.

Dou a volta na *van*, entrando do lado do passageiro e deixando que Simon dar partida.



Essa já deve ser nossa décima parada, onde Simon me empurra para fora da van, dizendo que eu que tenho que entregar todas as pizzas, enquanto ele apenas me espera dentro do veículo.

— Não vou passar essa vergonha, vai logo, Pearl. — ele diz.

Rolo os olhos, irritada com sua atitude.

— Quando chegarmos eu vou falar para a mamãe. — rebato.

Checo o nome na folha, onde está escrito “*Vance; três pizzas de calabresa*” e saio com as caixas na mão. Noto cinco carros e uma moto, todos parados em frente a grande casa. Talvez estejam dando uma festa ou fazendo uma reunião, já que pediram três pizzas. Dou de ombros e paro em frente a uma porta branca. Aperto a campainha, ouvindo sons de algo quebrando lá dentro em seguida.

— Já vai! — alguém grita e eu escuto mais sons de coisas caindo e pessoas sussurrando ou algo parecido.

Abaixo a cabeça para checar o preço do pedido na nota e no mesmo momento, a porta é aberta. Levanto minha cabeça imediatamente e quase dou um pulo pra trás.

É Seth, o meu Príncipe Encantado.

— Boa noite. — sussurro, tentando não parecer uma idiota.

— Boa noite. — saúda, encostando-se no batente da porta. — Quanto deu tudo? — pergunta.

Pisco repetidas vezes, tentando concentrar-me no que vim fazer: *entregar a pizza!* — Trinta dólares. — respondo.

Seth puxa a carteira do bolso da sua calça e entrega uma nota para mim, enquanto eu entrego-lhe as pizzas. Fito a cédula e volto a encará-lo. — São

apenas trinta dólares, não cinquenta. — digo, acanhada com os olhos pretos de Seth me analisando.

Ele me dá um sorriso de lado, desencostando-se do batente da porta e aproximando-se mais de mim. Aperto a nota de cinquenta dólares na minha mão com força, tentando continuar de pé.

— Você pode ficar de gorjeta pela entrega, Girassol. — diz, arrastando as palavras.

Solto um suspiro, sentindo meu coração acelerar de forma descompassada. Sinto minhas bochechas queimarem violentamente, enquanto solto um sorriso involuntário. — Obrigada. — agradeço-lhe pela gentileza e dou-lhe as costas antes que minhas pernas resolvam fraquejar.

Escuto algumas risadas, mas não arrisco virar para trás para saber do que se trata. Corro até a *van* e entro de uma só vez, assustando até mesmo Simon.

— Que foi? Alguém mexeu com você? — ele pergunta, acelerando.

Sorrindo abertamente, nego com a cabeça, sentindo-me impossibilitada de falar qualquer coisa. Tudo que consigo pensar no momento é em Seth e em como ele se referiu à mim:

Girassol!

Capítulo 9

Dada a largada

Seth Sawyer

Encaro as costas garota, observando-a correr para longe, enquanto escuto o pessoal explodir em gargalhadas atrás de mim.

— E eu aqui pensando se você iria realmente aceitar a aposta? — Vance exclama assim que eu fecho a porta atrás de mim e jogo as pizzas em cima dele.

— Não tenho nada a perder, só a ganhar. — afirmo, jogando-me no espaço livre do sofá branco da casa de Sculler.

— Podemos recapitular o plano? — Macy pergunta e eu a encaro, encontrando-a com um sorriso diabólico, enquanto segura o celular na mão. — Você tem até o Baile de Formatura para conseguir o *Cartão V* dela e, bom, destruir com toda essa mentalidade inocente dela. *Destruí-la*, Seth. — Macy diz cínica, fazendo todos, menos eu e Sculler, rirem. — Em troca, eu terei meu pai com todos os contatos dele da **UCLA** e olheiros em cima de você no último jogo, bolsa da faculdade garantida e mais três mil dólares que todos nós iremos pagar.

Jace, um dos meus outros colegas de time, sentado ao lado de Macy, gargalha. — Queremos uma prova, *qualquer prova*, do *Cartão V* da caipira. — ele diz, fazendo-me revirar os olhos.

— Será que essa reunião de merda já acabou? Meus pais estão

chegando e eu não quero vocês aqui dentro quando isso acontecer. — Sculler diz, entre dentes.

Todos, menos eu, se levantam.

— É o seu futuro, Seth. Os melhores olheiros no último e decisivo jogo da temporada — Macy sentencia, sorrindo. — Você já sabe o que fazer.

Assim que Macy para de falar, ela começa a caminhar até a porta e todos a seguem. Isaac, Vance, Jace e Macy, são os responsáveis por isso. A aposta está de valendo e tem apenas três estágios:

Seduzir.

Foder.

Destruir.

Pego a caixa de pizza que Vance deixou no sofá e abro, tirando um pedaço e colocando na boca. Coloco meus pés na mesa de centro e espero Sculler sentar-se ao meu lado.

— Você sabe que essa é a maior merda que vai fazer na sua vida, não é mesmo? — Sculler diz, sentando-se e pegando uma fatia de pizza. — Ela é só uma garota, Seth. Pode ser da nossa idade, mas você já viu bem como ela age? A conhecemos hoje mesmo, mas ela com certeza é a mais pura da escola toda. — ele diz, enquanto eu reflito.

— Não tenho nada a ver com ela, cara. É apenas um degrau. Terei os olheiros no último jogo, é tudo que eu preciso. — digo, ficando gradativamente irritado.

— Sim, mas destruí-la a troco de quê? Satisfação pessoal? — questiona, encarando-me. — Isso tudo ainda é ressentimento por causa do lance com a Macy?

Cerro os olhos e me levanto, jogando a caixa da pizza para o lado.

— Não tem nada a ver com Macy. Ela já é página virada; mulheres são apenas bocetas pra mim. A loira é mais uma, eu estou pouco me fodendo para como ela estará no final, Sculler. — atiro.

— Não importa a desculpa, cara, isso é apenas estúpido demais. Sou seu melhor amigo e preciso te dizer isso: você vai se arrepender no final das contas. — diz, levantando do seu lugar. — Você não precisa da aposta para entrar na faculdade, você é rico pra caralho. Esse é apenas um pretexto pra ser um tremendo filho da puta com a Pearl.

Aproximo-me de Sculler e o encaro de perto, irritado com sua atitude. — Perdeu o senso de humor, Sculler? Isso é pra ser divertido, eu não terei você irritando a merda fora de mim. Se não quiser acompanhar, é só sair! — esbravejo.

Ele dá uma risada.

— Não concordo com o que você está fazendo, mas isso não importa. Estarei com você como sempre, imbecil. Se quiser desistir dessa porcaria, é melhor que o faça logo antes da merda desandar. — rebate, segurando meu ombro. — Não vou me meter nisso e não quero participar. — finaliza.

Rolo os olhos, empurrando-o pra longe.

— Bom, que seja... Só não estrague as coisas. — aviso.

Pego meu capacete e saio da casa de Sculler indo direto até minha Harley. Assim que estou montado em cima da minha moto, acelero e volto pra casa, enquanto penso durante todo o caminho sobre a aposta.

— Ei, filho! — minha mãe me chama assim que passo pela porta.

— Oi, boneca. — digo, colocando o capacete no sofá e caminhando até

ela.

— Como foi na casa do Sculler? — questiona.

— A mesma merda de sempre. — resmungo, ganhando uma careta dela por causa do palavreado. — Mãe, o que acha de uma garota tendo a intimidade dela exposta? — pergunto, do nada.

Não sei o que está me dando na cabeça, mas preciso saber o que minha mãe pensa sobre isso.

— Como assim, querido? — retruca, franzindo o cenho.

— O que acha, ou melhor, como você reagiria se tivesse sua intimidade exposta por conta de uma aposta? — repito, passando uma das minhas mãos por meu cabelo.

— Com intimidade você quer dizer, por exemplo, tendo um garoto expondo-me indevidamente na frente dos outros? — pergunta e eu aceno positivamente. — Não sei dizer como reagiria fosse exposta dessa forma, mas não desejo isso para nenhuma mulher. — ela adquire uma expressão séria. — E, uma aposta? Esse tipo de coisa nunca acaba bem, filho. — coço meu queixo, pensando no que ela está falando e no que Sculler disse.

— E se for apenas pela diversão? — indago, outra vez.

Ela dá uma risada.

— Que tipo de pessoa faria isso por diversão? Se alguém quer se divertir, que vá assistir uma peça no teatro, um filme no cinema ou até mesmo que fique na frente da televisão assistindo programas de comédia. Machucar alguém não é engraçado, ainda mais se você está expondo a pessoa e humilhando-a sem qualquer motivo. É cruel e desumano. — afirma, cruzando os braços enquanto me fita curiosamente. — Por que está perguntando isso, filho?

Balanço a cabeça.

— Não é nada. — resmungo, beijando sua testa. — Boa noite, mãe.

— Boa noite. — sussurra.

Assim que estou no andar de cima, entro no meu quarto e tiro minha roupa, jogando-me na minha cama.

Depois de ouvir o que a minha mãe acabou de dizer, eu sei que estou completamente fodido, mas não ligo. Estou em uma aposta e não importa o quê, eu não vou voltar na minha palavra. De qualquer jeito, essa é uma boa forma de me vingar e de sentir o sabor de como é destruir e machucar alguém, assim como eu fui fodido.

Capítulo 10

O Teste

Pearl Wyatt

Uma semana já se passou desde o meu primeiro dia de aula; uma semana já se passou desde que encontrei meu Príncipe Encantado e uma semana já se passou desde que o apelido que ele me deu continua a ecoar na minha cabeça. Sim, eu sou um tanto boba, mas literalmente não consigo esquecer do que ele disse:

Girassol.

Solto um suspiro baixo, seguido de um sorriso e sou cutucada por Jenna pela terceira vez desde que nos encontramos essa manhã.

— Sério, Pearl, você tem que parar com isso. — ela diz, guardando o seu material enquanto levanto-me do banco.

— O que eu fiz? — pergunto, fechando meu material e olhando discretamente pra trás.

Lá está Seth, jogando sua mochila sobre o ombro, enquanto guarda o celular no bolso de seu jeans escuro.

— Essa coisa de ficar suspirando que nem uma garotinha durante as aulas enquanto parece estar em outra dimensão. — fala, revirando os olhos. — Só não me diga que esses suspiros são por causa do Seth Sawyer? — faz uma careta.

Sinto minhas bochechas corarem porque assim que Jenna cala a boca,

Seth passa por nós, lançando-me uma piscadela discreta.

Oh meu...

Solto outro suspiro contido assim que ele sai da sala e Jenna bufa alto. — Você não deve cair na dele, escute o que estou te dizendo. — resmunga. Guardo meu material com um sorriso bobo no rosto e saímos da sala juntas, indo até os nossos armários. — Onde está Simon? — indaga, abrindo o seu armário e eu faço o mesmo.

Guardo meu livro de Química lá dentro e fecho o cadeado.

— Oh, ainda bem que você me lembrou dele... Simon tem um teste para o time de futebol e eu tenho que correr para assisti-lo! Eu disse que estaria lá. — lembro-me, ficando animada de repente.

Sei o quanto significa pra Simon e prometi que se ele passasse, iríamos comer hambúrguer, não pizza. Ele continua alegando que já tem pavor a pizza.

— Então é melhor você correr. — Jenna diz. — Eu tenho que ir, amanhã nos vemos. — completa, dando-me um abraço rápido antes de sair andando.

Agora só preciso chegar até o campo.



Acabei por seguir um grupo de garotos que não paravam de falar sobre o tal teste, o que acabou me trazendo até o campo de futebol. E que campo! O lugar é simplesmente enorme. Claro que eu já assisti alguns jogos de futebol americano pela televisão por causa de Simon, mas nunca nem cheguei perto

de ver pessoalmente um campo desses na minha frente.

Avisto meu irmão colocando o seu capacete e corro o mais rápido que posso até ele.

— Pensei que não viria! — ele exclama me fitando de longe.

Paro de correr, sorrindo em sua frente enquanto puxo algumas respirações rápidas para recuperar o fôlego.

— Não perderia de vê-lo jogar por nada. — digo sincera e um sorriso de lado se forma em seus lábios. — Agora você só tem que detonar, como sempre faz. — completo.

Antes que Simon possa falar qualquer coisa, o que eu estou julgando ser o time titular de futebol americano da escola, entra fazendo barulho com todos devidamente uniformizados. Percebendo Seth no meio de todos eles, não consigo nem mesmo mexer minhas pernas para fora do campo. Se com roupa casual ele já parece muito bem, eu nem sei mais o que pensar observando-o uniformizado.

Escuto a risada de alguns caras e no momento seguinte a atenção de Seth está voltada para mim. Ele tira o capacete, mexendo nos fios escuros do seu cabelo, enquanto se aproxima de onde estou em passos largos. Simon me dá uma cotovelada, mas eu não saio do lugar. Seth para na minha frente, fitando-me curiosamente com seus olhos escuros e tempestuosos.

— Você também vai participar do teste, Girassol? — ele indaga, usando um tom baixo e divertido.

Sinto minhas bochechas esquentarem e acabo sorrindo.

— Eu não vou participar do teste, eu estou aqui apenas para ver...

— Pearl, já chega. Vai se sentar. — Simon me corta, segurando meu

braço.

Seth muda sua atenção de mim para Simon, lançando-lhe um olhar aguçado. — Solte a garota, novato. — Seth diz duro, fazendo Simon me soltar imediatamente. — O que pensa que...

— Ei, está tudo bem! — exclamo, tentando não estragar tudo para Simon. — Ele é meu irmão, estou aqui para assistir o teste dele.

Seth volta a me encarar e apenas acena com a cabeça. Viro para Simon, completamente atordoada com o que poderia vir a acontecer nesse momento. — Boa sorte. — murmuro olhando meu irmão que parece perdido pra caramba, assim como, na verdade, eu também estou.

— Valeu. — ele resmunga simples.

Vou andando para fora do campo, focando em não trocar as pernas no meio do caminho e me estatelar no gramado. Subo os degraus da arquibancada e pego um lugar para sentar que me dê uma visão boa do que vai acontecer no campo.



O teste termina quase às cinco da tarde. Simon está jogado no gramado, assim como os outros, enquanto Seth e o treinador conversam separadamente. Simon me fita e eu levanto meus polegares para ele, acenando que ele detonou. E eu realmente quero dizer isso. Noventa por cento dos passes de Simon foram feitos com precisão e muito bem finalizados, o que para um Quarterback é muito bom.

— Seis de vocês estão dentro, o resto está fora. — o treinador exclama

para o grupo de quase trinta garotos. — Seth. — passa a palavra para *ele*.

— Cameron. — Seth diz o primeiro nome e um dos garotos se levanta com um sorriso quase maior que o próprio rosto.

Seth diz mais quatro nomes, recebendo o mesmo tipo de reação dos garotos. Encaro Simon, que está me olhando quase que desesperadamente.

Ele vai conseguir, eu sei que sim.

Me pego fitando Seth outra vez, que agora está olhando em minha direção. Cruzo os dedos, rezando mentalmente para que ele diga o nome de Simon. — Wyatt. — ele diz por fim não olhando para Simon, mas sim olhando para mim.

Abro um sorriso instantaneamente, sentindo um alívio correr por minhas veias. Observo meu irmão se levantar como se fosse o dono do mundo e isso me faz gargalhar.

Ele realmente não tem jeito.

— Espero que honrem o uniforme que irão vestir. — Seth finaliza.

Todos começam a se dispersar pelo local e eu me levanto, puxando minha mochila enquanto começo a descer os degraus apressadamente, dois de uma só vez. Felizmente dessa vez eu não caio, então corro até Simon e o abraço com força.

— Eu disse que você conseguiria! — exclamo, sorridente.

Ele dá uma risada e me coloca de volta no chão.

— Você vai ser irmã do maior Quarterback da história desse país. — ele diz presunçosamente e eu rolo os olhos, gargalhando em seguida. — Eu só quero saber se você está tendo algum lance com Seth, porque ele está vindo pra cá. — Simon resmunga para mim.

Viro-me imediatamente pra onde ele está olhando e encontro Seth *realmente* vindo em minha direção.

Santa merda!

Capítulo 11

Convite

Seth Sawyer

Caminho até a loira ao mesmo passo que encaro seu irmão de volta. O que fiz pode não ter sido nem um pouco racional, mas eu preciso disso. Ter o irmão de Pearl por perto vai ser bom por vários motivos, e o principal deles é que dessa forma eu poderei tentar tirar informações dele sobre a garota. Dando-lhe algum crédito, o cara realmente tem um braço bom para arremessos. Nada comparado a mim, mas com mais treino ele pode realmente melhorar.

Pearl já está me encarando quando estou no meio do caminho.

Por mais que minha cabeça tente negar e me confundir, tenho que admitir que ela tem uma beleza diferente. Não é nada agressivo ou artificial... é simples e natural. Poucas garotas ostentam essa aparência, por medo ou vergonha, mas Pearl não parece nada envergonhada por parecer como parece.

— Girassol... — falo, encarando-a de perto.

— Oi. — diz simplesmente, abaixando o olhar com as bochechas avermelhadas.

Deixo um sorriso escapar ao vê-la agir dessa forma.

Tão ingênua!

— Eu vou me trocar. — o irmão de Pearl resmunga, distanciando-se de nós dois, mas nem mesmo nos incomodamos em fitá-lo.

Pearl volta a me encarar com os olhos brilhando em minha direção.

— Tudo bem? — indaga, suavemente.

— Ficaria bem se você aceitasse tomar algo comigo um dia desses. — acerto-lhe, sendo o mais direto possível.

— Tomar algo com você? — pergunta.

Os olhos dela brilham mais e mais a cada segundo e eu deixo de encará-la por um momento. Essa porra de inocência que ela tem com ela é muito perturbadora.

— Sim, Girassol. — resmungo, respirando fundo e tentando voltar a soar agradável.

— Podemos tomar um sorvete? — ela questiona, acanhada.

Deixo um riso escapar e a encaro outra vez. Ela está de ombros encolhidos, como se tivesse acabado de falar algo de errado.

Soar agradável, Seth.

Posso fazer isso.

— Se o seu sorvete favorito for de chocolate, com certeza podemos ir tomar um sorvete. — a desafio, tirando um sorriso dela.

— Eu gosto de chocolate, mas o de baunilha é bem melhor. — diz, dando de ombros.

Levanto uma sobrancelha, mas dessa vez ela não cora, apenas continua sorrindo como se tivesse toda a razão no que acabou de falar.

— Talvez eu dê uma chance para a baunilha, então. — digo.

— Talvez eu dê uma chance para o chocolate, então. — rebate.

Balanço a cabeça negativamente e sinto meu peito se aquecer, mas logo

então lembro-me do porquê de eu estar falando com ela.

— Que tal na quinta? — pergunto, distanciando-me um passo dela.

— Parece ótimo para mim. — responde.

Olho para longe, *bem* longe dela.

— Na quinta, então. — confirmo por fim. — Te vejo por aí, Girassol.

Dou-lhe as costas, não conseguindo mais fitar seu rosto. Talvez essa merda de aposta seja mais difícil do que eu imaginei.

— Até mais, Seth! — ela exclama.



Chego em casa às sete horas da noite, encontrando minha mãe sentada em sua poltrona enquanto assiste algum programa de culinária na televisão.

— Boa noite, filho. — ela diz assim que nota minha presença.

— Boa noite, boneca. — bocejo, jogando-me no sofá.

Encaro o teto, pensando na temporada desse ano. Está quase tudo certo de que vou ingressar na **UCLA** e jogar futebol pelo resto dos meus dias bons. Esse é o meu futuro: *futebol*. Nada vai me impedir de fazê-lo. Passo minhas mãos pelo rosto, afastando a imagem da loira que insiste em entrar na minha cabeça.

— Eu fiz alguns biscoitos e tem salada italiana na geladeira que sua avó mandou por Quinn para você. — minha mãe avisa, chamando minha atenção.

Levanto num pulo, caminhando em passos largos até a porta. Não preciso de salada ou biscoitos, preciso de alguma bebida.

— Eu vou sair um pouco. — resmungo voltando a abrir a porta.

— Seu pai ligou essa tarde... — viro meu rosto para encarar minha mãe, enfurecido com a notícia e com como ela parece estar completamente bem com isso.

— O que ele quer? Manda ele se foder da próxima vez que ligar. — rosno, irritado.

— Filho. — repreende. — Precisamos tentar deixar o passado no passado...

— Isso é besteira, mãe! — esbravejo, socando a parede com força e observando-a se levantar.

Puxo o ar com força, tentando me manter calmo, mas isso não vai acontecer até que eu vire algumas boas doses de tequila.

— Eu vou sair, é melhor que não me espere acordada ou essa merda toda. — digo antes que ela se aproxime de mim.

— Seth, pare com isso, por favor...

Ignoro seu chamado e saio pela porta, não me incomodando em fechá-la. Assim que ligo minha moto, dirijo até um *pub* que não fica muito longe de casa. A merda boa de ser rico é que você pode ser menor de idade, mas ninguém vai te impedir de beber só porque você não tem vinte e um anos. Para falar a verdade, as pessoas te oferecem mais e mais, sempre do mais caro, só porque você pode pagar. E eu pago. Pago por qualquer coisa que me tire do ar e que me faça esquecer o estúpido do meu pai.

Passando por algumas pessoas bêbadas, chego até o bar e puxo minha carteira, jogando algumas notas no balcão em frente ao *barman* que me encara ciente do que eu quero. Não é como se ele não me conhecesse, porque ele me conhece. Dependendo do quão ruim a merda fica para mim, venho até

esse local duas vezes por semana.

Com uma garrafa cheia de tequila na minha frente, um copo e alguns pedaços de limão, encho uma dose e tomo. O líquido desce queimando por minha garganta, algo familiar e bom.

Estou acostumado.

Copos, copos e mais copos depois, sei que já virei metade da garrafa, encontrando sentido nenhum no que estou fazendo. Mãos frenéticas deslizam por dentro de minha camiseta, fazendo-me virar meu rosto apenas para encontrar um rosto conhecido.

Pearl.

Ou pelo menos eu acho que é ela.

— Realmente estive te olhando desde que chegou e fiquei me perguntando se teria alguma chance com você. — ronrona toda a frase.

Inferno de voz irritante. Ela pode ter a cara da Pearl, mas essa voz não pertence a menina loira da escola. Fodidamente não. Na verdade, acho que já estou bêbado pra caralho. Fecho os olhos, sacudindo a cabeça como se aquilo fosse resolver algo. Os lábios molhados da garota entram em contato com minha pele e todo meu sangue bombeia diretamente para o meu pau.

Pelo menos isso significa que ainda estou vivo.

Abro os olhos novamente e não vejo mais Pearl. Por um momento me deixei acreditar que era ela, um momento imbecil. Agora, graças à porra que não é ela, embora o rosto dela seja bem melhor do que o dessa desconhecida.

— Você é muito quente. — a garota diz, ou geme. *Tanto faz.*

Levantando-me do banco, pego a garrafa de tequila com uma mão e a outra eu uso pra puxar a garota todo caminho até o banheiro.

Isso realmente vai me tirar todo o sentido.

Capítulo 12

Quarterback

Pearl Wyatt

Oh, meu Deus!

Não consigo acreditar no que apenas acabou de acontecer. Seth me chamou pra sair! Quer dizer, ele me chamou para tomar alguma coisa, mas isso deve significar a mesma coisa: *um encontro!*

Começo a andar de um lado pro outro, roendo minhas unhas nervosamente, enquanto vejo Seth se distanciar de mim. Não sei o que fiz para merecer a atenção dele, mas o que quer que tenha sido, me deixou quase que definhando de felicidade por dentro. Ele me notou! A ideia de que talvez ele possa se sentir da mesma que eu me sinto por ele começa me deixar mais nervosa ainda.

Será que para ele eu sou a sua metade perdida? Talvez ele não tenha percebido que sim, mas isso não importa. Ele é a minha metade e mais cedo ou mais tarde ele perceberá que eu sou a sua.

Não percebo quando Simon para na minha frente, limpo e finalmente livre do uniforme de futebol.

— O que ele queria com você? — meu irmão pergunta e eu não sou capaz de segurar o sorriso que começa a tomar conta do meu rosto.

— Ele me chamou para um encontro! — exclamo, dando um pulinho animada. — Digo, ele apenas perguntou se eu queria tomar algo com ele, mas

você sabe, é um encontro. — pisco para ele.

Simon cruza os braços, avaliando-me atenciosamente, mas não ligo. Na verdade, eu realmente estou pouco me importando.

— Isso não é um encontro, Pearl. Isso é ele tentando entrar no meio das suas pernas. — Simon diz, segurando meu braço e começando a me puxar pelo campo.

— Ei, isso não é verdade! — rebato, sentindo minhas bochechas queimarem.

— E o papai noel existe. — zomba, rolando os olhos. — Ouvi coisas sobre Seth e eu não estou deixando você ir a um encontro ou qualquer merda que seja com ele. — sentencia.

Puxo meu braço para fora do seu controle e cerro meus olhos, enquanto ele se vira para me encarar de volta.

— Você não manda em mim, Simon. — aviso. — Eu não me importo com o que você ouviu porque, na verdade, já me contaram coisas sobre ele e isso não me fez gostar menos dele. As pessoas podem estar erradas sobre ele. Cada um tem sua versão sobre os fatos e eu estou ansiosa para ouvir a dele algum dia.

Os olhos de Simon brilham com incredulidade.

— Deus, Pearl! Você consegue se escutar? Nem mesmo conhece o cara e o defende como se fosse a coisa mais importante do mundo. — esbraveja, passando as mãos pelo cabelo. — Se você não está querendo me escutar, vou contar para nossos pais. — arregalo os olhos e Simon me dá as costas.

Corro atrás dele e logo estamos passando pelo estacionamento, marchando até o ponto de ônibus.

— Você não pode fazer isso, Simon! Eu sei me cuidar. — digo, puxando-o pelo braço, mas ele me ignora. — Você não entende! Ele é... *Ele é a minha metade perdida.* — Simon para de andar e dá uma risada.

— Foda-se, quantos anos você tem, Pearl? Dezesete porras de anos, pare de agir como se tivesse nove anos! — rosna, transtornado.

Sinto meus olhos encherem de lágrimas e mordo meu lábio inferior, tentando controlar a vontade imensa que tenho de chorar. Simon percebe o que fez e me puxa para um abraço, praguejando enquanto choro baixo.

— Eu sei que tenho essa mania de grandeza, mas quando falei para você procurar alguém com o melhor carro aqui na escola, era só uma brincadeira. Você pode namorar quem você quiser, rico ou um mendigo, o cara só precisa andar na porra dos trilhos, e Seth não anda nos trilhos, Pearl. — ele resmunga, como se estivesse falando com uma criança.

— Mas e-eu gosto dele. — digo, entre um soluço e outro, fazendo Simon gemer derrotado.

Afasto meu rosto da sua camiseta e ele me encara, com um vinco entre as sobrancelhas. — *Se ele...* Se ele estiver te chamando para sair só para brincar com você, isso não vai dar certo. Vou cortar as bolas dele e depois atirar pelo campo como se fossem uma maldita bola de futebol americano. Não me importo se ele é o Quarterback da escola, o que eu me importo é se ele vai machucá-la. — aceno com a cabeça positivamente. — Se eu perder minha chance no time por sua causa, você vai fazer todas as entregas de pizza na *van* sozinha.

Simon me empurra, fazendo-me rir de suas últimas palavras. Terminamos nosso caminho até o ponto de ônibus e logo estamos indo para casa sem conversar muito pelo caminho. Eu sei que Simon quer o melhor para mim e que todas as brincadeiras dele — algumas estranhas — não

passam de uma forma dele interagir mais comigo. De qualquer forma, eu gosto mais de quando ele está brincando do que quando ele está falando sério, porque meu irmão é do tipo que realmente faz o que promete.



— Ei, filha, vem aqui. — mamãe me chama assim que eu termino de fazer mais algumas pizzas com Spencer.

Saio da cozinha, acenando para Mario e Elijah. Abaixo-me para passar pelo balcão e encaro mamãe, enquanto tiro minhas luvas, touca e avental.

— O que houve? Simon já está me esperando? — pergunto, tentando arrumar meu cabelo ao passo que procuro meu irmão pelo local.

— Ele está lá fora esperando você, mas quero ter uma palavra antes que saia. — ela diz, observando-me atentamente. — Então você está vendo um garoto da escola? — sem delongas, ela lança a pergunta.

De alguma forma eu já sabia que Simon contaria, mesmo que fosse apenas para a mamãe, poupando-me do interrogatório do papai.

— Mãe, ele apenas me chamou para tomar um sorvete... — sussurro, abaixando a cabeça enquanto tento esconder minhas bochechas vermelhas.

— Um encontro? — ela pergunta, segurando meu queixo e inclinandomo para cima.

— Acho que sim... — respondo, fitando seus olhos completamente envergonhada.

— Simon está preocupado com você, o que me deixou instantaneamente preocupada, já que sabemos como seu irmão é. — enuncia,

sorrindo de lado. — Estou deixando você sair com ele dessa vez sem interferir, mas da próxima vez eu vou querer conhecê-lo. Não gostei do que Simon disse sobre ele, mas como seu irmão disse, você gosta do garoto e eu não quero parecer uma mãe chata, por isso confio no que você está indo fazer.

Solto um suspiro aliviado, assentindo freneticamente com a cabeça. — Obrigada por confiar em mim, mãe. — digo-lhe.

Ela deposita um beijo na minha testa e me dá o meu boné, arrumando meu cabelo como sempre faz antes de eu sair para entregar pizzas com Simon.

— Bom trabalho, anjo.

— Obrigada. — respondo sorridente.

Capítulo 13

O Encontro

Seth Sawyer

Levanto-me da cama em que estive deitado nas últimas muitas horas com a mulher que fiquei no *pub*. Nós fodemos, comemos, fodemos, comemos, fodemos de tantas malditas formas e comemos mais das porcarias que ela tem na geladeira dela. Não posso dizer que não gostei, porque eu gostei mesmo. Ela tem peitos incríveis e a boca dela faz um bom trabalho, mas teve horas que não senti nada.

Realmente, nada.

— Ei bonitão, você não quer ficar mais um pouco? — ela pergunta assim que me vê levantar da cama e vestir minha roupa.

Não apareço em casa desde segunda à noite, quando tive uma discussão com minha mãe. A bateria do meu celular já acabou há dois dias e hoje é suposto que eu vá a um encontro com Pearl.

— Não posso mais ficar. — *e nem quero*, mas omito essa parte.

Antes que ela abra a boca outra vez, pego meus pertences e saio do seu apartamento sem olhar para trás. Chego ao estacionamento e monto em minha moto, dando partida e começando meu caminho de volta para casa. Quase meia hora depois, paro a moto na frente de casa e entro, fitando minha mãe vir em minha direção assim que boto o primeiro pé na escada.

— Onde você se meteu, Seth? Eu quase enlouqueci tentando me

comunicar com você e não obtendo sequer uma resposta de sua parte! — A minha mãe esbraveja, fazendo-me encostar no corrimão da escada. — Entendo a sua revolta quando eu toco no assunto do seu pai, mas isso não quer dizer que deva sair de casa transtornado, ficando dias fora sem dar uma notícia — Seu rosto está furioso e eu sei o quão difícil é tirar a minha mãe do sério.

— Sinto muito não ter avisado, a bateria do meu celular morreu. — respondo e ela cruza os braços, enquanto eu aproveito para olhar que horas marca o relógio que está na parede da antessala.

Duas e quarenta e cinco da tarde. Eu preciso me apressar, já que hoje a aula vai até três e dez.

— Você não pode fazer isso comigo, filho. E se algo grave tivesse acontecido com você? — ela respira fundo, ainda furiosa, mas agora com os olhos marejados.

Porra.

— Desculpa mesmo, mãe, isso não vai se repetir. Se houver uma próxima vez, eu vou dar um jeito de avisá-la. — digo me aproximando dela que apenas assente com a cabeça, segurando as lágrimas nos olhos castanhos. — Vou precisar sair agora, mas prometo que não vou demorar muito. — aviso, segurando seu rosto com minhas duas mãos.

— Para onde está indo? — indaga.

— Bom... Estou indo pegar uma garota na escola porque temos algo marcado para essa tarde. — resmungo, soltando seu rosto, notando que aos poucos ela relaxa, fitando-me mais que surpresa.

— Tipo um encontro? — pergunta, maravilhada. — Oh, meu Deus! Isso é ótimo, filho! Quando vai apresentá-la para mim?

— Mãe, por favor. É uma garota qualquer que estou levando para sair. Não é um encontro, eu não tenho encontros. — respondo, irritado.

Ela me fita, fazendo uma careta enquanto cruza os braços.

— Você vai encontrar alguém que vai te mostrar o que é realmente o amor, Seth. Aquela garota de anos atrás não merecia nada do que você sentia por ela, mas alguém vai despertar esse sentimento dentro de você outra vez e essa pessoa vai merecer. Espero que você não faça besteira, não a machuque ou se machuque. — minha mãe sentencia e eu balanço a cabeça negativamente.

— Não tenho tempo para esse tipo de conversa agora, mãe. — finalizo a conversa, dando-lhe as costas e subindo para o meu quarto.



Depois de ter tomado um bom banho, troco de roupa e desço apressado. Escolho usar o *Jeep* para ir pegar Pearl, porque colocá-la em cima da minha moto está completamente fora de questão. Fito o relógio no painel do carro assim que estaciono, satisfeito por não ter me atrasado, caso contrário o maldito encontro teria que ser adiado e eu teria mais trabalho ainda para inventar uma desculpa para a garota.

Saio do carro, tendo em mente tudo que planejei enquanto me encosto na porta do passageiro. Talvez ela pense que estejamos indo em uma simples sorveteria, mas durante o caminho pensei em algo que eu não sei como isso conseguiu sair da minha cabeça.

Poucos minutos depois, vejo o estacionamento começar a lotar de alunos, dando-me a certeza de que as aulas chegaram ao fim.

— Ei cara, por onde se meteu? — nem percebo quando Sculler para na minha frente com o cenho franzido. — Sua mãe me ligou um monte de vezes e o treinador está querendo sua cabeça numa bandeja. — completa.

— Estive fora alguns dias, nada demais. — resmungo, não lhe dando tanta atenção já que estou tentando localizar a cabeleira loira e encaracolada da caipira no meio do mar de alunos.

— E você está fazendo o quê aqui?

E é agora que eu a encontro.

Ela está com um vestido vermelho na altura dos seus joelhos, carregando uma mochila vermelha e usando um par de tênis brancos. O seu cabelo já é uma grande coisa. Os cachos estão domados e amarrados com alguma coisa e, bom, mesmo com o rosto abaixado, percebo que ela não está usando maquiagem — *como sempre*.

Ela continua seu caminho com o irmão bem ao seu lado, que está rindo de alguma coisa enquanto, ela está torcendo a boca.

— Vim pegar a garota para levá-la em um encontro. — falo para Sculler antes de começar a andar até ela.

Como de costume, todos começam a virar para me encarar, e eu acho que devido ao fato de eu não ter aparecido nos últimos dois dias, os olhares em cima de mim intensificaram. O irmão de Pearl finalmente me nota e fecha a cara instantaneamente. Espero que para conquistá-la, eu não tenha que usar de artifícios para ter o garoto do meu lado. Já basta ter trabalho com uma pessoa, duas já é demais.

A loira levanta o rosto quando nota o silêncio repentino do irmão, e assim que seus olhos encontram os meus, o seu semblante muda de triste e confuso para feliz e excitado.

E lá está o brilho no olhar que ela tem toda vez que me olha.

— Ele veio mesmo... — o garoto bufa, irritado com minha presença.

Não dou atenção pra ele, só continuo a fitar a garota de volta, que agora tem um sorriso quase que maior do que o próprio rosto. Se eu visse esse sorriso em outra pessoa eu diria que é assustador, mas ela é demasiadamente inocente para ser assustadora.

— Ei, Girassol, você está pronta? — pergunto, vendo que ela está esperando que eu diga algo.

— Sim, claro que sim! — ela exclama e eu tenho que segurar o riso.

O garoto tosse e dá uma cotovelada nela, o que chama minha atenção por alguns segundos.

— Eu estou indo para casa. — ele avisa para ela e muda seu olhar pra mim. — Olhos abertos, Quarterback. Posso ser novato, mas não tenho medo de você e essa garota é a minha irmã. — sentencia e sai andando, não deixando de me empurrar enquanto passa.

A vontade que eu tenho é de puxá-lo pela mochila e enfiar o punho no seu nariz, mas a garota está na minha frente, olhando-me envergonhada como o inferno por causa da atitude do seu irmão mais novo. Leva tudo de mim para deixar essa passar, e eu deixo, por causa *dela*.

— Me desculp...

— Não se desculpe. — eu a corto rudemente, fazendo-a encolher os ombros. *Porra*. — Temos um caminho até o nosso destino, Girassol, melhor começarmos logo. — resmungo mais contido, tentando consertar a burrada que fiz.

— Tudo bem. — ela sussurra.

Pego sua mochila que parece pesada demais para o seu pequeno corpo e seguro sua mão, puxando-a comigo até o carro.

Capítulo 14

Santa Mônica

Pearl Wyatt

Eu realmente já tinha perdido todas as esperanças de que Seth apareceria para me levar para tomar sorvete. Ele não apareceu na escola nem na terça ou quarta e hoje ele também não foi visto, *até poucos minutos atrás*. Quando Simon parou de tirar com a minha cara por causa do bolo que eu estava prestes a levar, eu tive que levantar o rosto para ver o motivo do seu silêncio.

E lá estava ele: *Seth Sawyer caminhando em minha direção usando uma bermuda jeans, regata preta e tênis*.

Posso jurar que senti meu coração batendo por todo lado do meu corpo assim que tive aquela visão. Não importa o que ele use, ele sempre parece tão bonito que quase chego a duvidar se ele é de verdade ou não.

— Eu pensei que você não apareceria... — confesso, aconchegada no banco de couro do seu carro, enquanto o fito dirigindo sem pressa.

— E por que pensou isso? — pergunta, ligando o aparelho de som em alguma estação de rádio.

— Porque você não apareceu nos últimos dias na escola e... — paro de falar, sentindo minhas bochechas esquentarem.

— E o quê, Girassol? — indaga, fitando-me de soslaio.

— Também pensei que estivesse fugindo de mim, ou, sei lá... *que não*

quisesse mais sair comigo. — sussurro, cruzando os braços na defensiva, enquanto deixo meu corpo afundar um pouquinho no banco.

Escuto ele dar uma risada e o som enche meus ouvidos de forma agradável, fazendo-me voltar a fitá-lo. Ele para o carro em um sinal e me olha, sorrindo de lado.

— Eu não estava fugindo de você, Girassol. Tive alguns contratemplos e essa foi a única razão de eu não ter aparecido na escola, mas fugir de você não é nem uma opção para mim. — diz, lançando-me uma piscadela enquanto eu quase me perco por conta da intensidade dos seus olhos escuros e de suas palavras doces.

Assinto e ele volta a acelerar quando o sinal fica verde.

— Para onde nós estamos indo? — pergunto curiosamente, olhando pela janela a estrada longa que pegamos.

— Você gosta de surpresas? — rebate, batucando com os dedos no volante e acompanhando a música.

— Sim, eu adoro surpresas! — exclamo animada, dando um sorriso amarelo assim que ele vira para me encarar por causa do meu quase grito. — Descul...

— Você tem que aprender a parar de se desculpar, sabia? Estamos só eu e você aqui, gosto de vê-la agir dessa forma. Não se desculpe, não para mim. — comanda, voltando o olhar para a estrada.

— Meu irmão fica muito envergonhado por minha causa... Eu entendo ele, sou animada demais às vezes. — tento explicar, mas ele não esboça qualquer reação.

— Não sou seu irmão, Pearl. — retruca.



Assim que avisto a placa eu não consigo acreditar no que estou vendo: *Los Angeles*. Quase dez minutos depois da nossa conversa, ambos ficamos calados até agora.

— Isso é sério? — pergunto fitando o caminho pela janela.

— Mais do que sério, Girassol. De Long Beach para LA são apenas vinte minutos de carro, então, por que não? — diz, fazendo uma rotatória que vai direto para o litoral, segundo a placa de informação. — Você nunca esteve aqui?

— Sim, claro... Quer dizer, quando vim de Wimberley, nós passamos por aqui, mas fizemos apenas uma pequena parada para almoçarmos e continuamos até Long Beach. — digo, recordando-me da viagem.

Lembro que pedi muito a mamãe e o papai para passarmos pelo píer da praia de Santa Mônica, palco de muitos dos meus romances favoritos, mas não tínhamos tempo pra isso.

— Então acho que vai gostar para onde estamos indo. — sentencia.

Quase cinco minutos depois eu avisto o local que por muitas vezes sonhei em estar. O píer da praia de Santa Mônica não está lotado, afinal ainda é quinta-feira, entretanto, o lugar é extremamente bonito como já vi diversas vezes. Sem pedir a permissão de Seth, abaixo a janela do carro e inclino-me um pouco pelo espaço que tenho, ficando de joelhos no banco, enquanto passamos pelo local.

O cheiro da praia e o som das pessoas falando coisas aleatórias faz com

que eu comece a sentir borboletas no estômago.

Percebo quando Seth para o carro, já que ele começa a falar com alguém e entrega-lhe uma nota de dez dólares.

— Essa é a nossa deixa. — diz simples, tirando a chave a ignição e abrindo a porta.

Puxo o prendedor do meu cabelo e me endireito no banco, alisando rapidamente meu vestido vermelho, enquanto solto o cinto de segurança. — Vamos? — Seth pergunta assim que abre a porta para mim, oferecendo-me sua mão.

Santa merda!

Não sei se vou sobreviver a esse encontro. O que eu pensei que seria apenas uma simples ida a uma sorveteria qualquer, tornou-se em um dos meus maiores sonhos realizados. Depois de sair do carro, Seth e eu começamos a andar pelo local. Deslizo meus dedos entre os seus, confiando nele para me guiar.

— Eu pensei que iríamos apenas tomar um sorvete. — confesso, vendo os rostos alegres das pessoas ao redor.

— E estamos indo fazer isso, só que com um adicional. — ele diz, fazendo-me encará-lo.

O quão sortuda eu sou? Muito, provavelmente. Quando em mil anos eu imaginaria que viveria esse momento? Céus, é de tirar o fôlego. A paisagem e *ele*.

— Nós estamos indo ao parque? — pergunto, sem esconder o meu sorriso que só cresce a cada minuto.

Vejo Seth franzir o nariz e imediatamente sei que isso não é uma boa

ideia. Não pra ele, no caso.

— Você quer ir ao parque? — indaga, virando para me encarar de volta.

Dou de ombros, não querendo forçá-lo a nada. Isso que ele está fazendo já é o bastante para me deixar feliz.

— Não realmente... — sussurro, desviando o olhar do seu para ele não me pegar na minha mentira.

— Entendi, Girassol. — sentencia.

Seth me puxa para perto, guiando-me por todo o caminho até chegarmos na bilheteria do *Pacific Park*. Aperto a mão de Seth, tentando puxá-lo para que ele pare de andar.

— Não precisamos fazer isso, eu ap...

— Vamos fazer o *tour* completo, Girassol. Isso não é um sacrifício pra mim. — ele diz, olhando-me de forma tão intensa que me faz soltar um suspiro e assentir com a cabeça.

Capítulo 15

Olhe para mim

Seth Sawyer

Depois de comprar minha pulseira e de Pearl para entramos no parque, ela me puxa pela mão para andarmos pelo píer. Durante os primeiros minutos ela não fala nada, e quando chegamos em determinada parte do caminho onde dois artistas de rua cantam alguma música que juro me lembrar de já ter escutado minha mãe cantarolando pela casa, Pearl para de andar.

— Tudo bem? — indago, perdido.

Além de ser a primeira vez que levo uma garota em um encontro, também é a primeira vez que tenho que parar para ser atencioso de verdade com uma garota. Porra, essa merda é realmente difícil.

— Você pode me esperar por um segundo? — ela pergunta, incerta, e eu apenas aceno positivamente com a cabeça.

Soltando minha mão, ela anda até uma senhora que está parada escutando e assistindo os dois homens cantarem. Cruzo os braços para assistir a cena que se passa na minha frente. Pearl fala alguma coisa para a senhora e a mesma a encara com os olhos brilhando, marejados com lágrimas prestes a cair. A mulher assente com a cabeça para algo que Pearl diz e no segundo seguinte, a loira tira a senhora para dançar.

As duas conversam, balançando de um lado para o outro enquanto a senhora sorri abertamente. Coço minha nuca, prestando atenção na letra da música, enquanto espero Pearl voltar.

***“O que você faria se meu coração se partisse em dois?
Mais do que palavras para mostrar que você sente que seu amor por mim é
verdadeiro.”***

***“O que você diria se eu jogasse aquelas palavras fora?
Então você não poderia criar coisas novas só por dizer que eu te amo.”***

Pearl me olha, lançando um sorriso em minha direção e não consigo esboçar nada de volta. Que porra de letra é essa e por que ela me olhou justamente nessa parte?

Quer saber? Foda-se.

Não é como se eu estivesse indo ligar para uma letra de uma música qualquer de amor água-com-açúcar.

Dois minutos se passam até Pearl se despedir da senhora que lhe dá dois beijos em ambas suas bochechas e sorri em forma de agradecimento. A loira volta até onde eu estou e encolhe os ombros.

— Ela estava tão sozinha, eu sabia que tinha algo de errado. — ela diz, explicando-se para mim enquanto seguro sua mão e recomeçamos nosso caminho.

— E o que estava de errado? — indago, tentando soar curioso.

— O marido dela morreu há alguns anos... Eles costumavam vir aqui todas as tardes nesse horário e essa era a música que tocou no casamento deles. — ela diz com a voz embargada, fazendo-me fitá-la imediatamente só para achá-la quase que em prantos. *Que porra é essa?* — A história dela é tão bonita e a forma como ela falou dele nesses poucos minutos me deixou realmente tocada. — ela respira fundo, soltando o ar pesadamente pela boca enquanto tenta se controlar. — Acredita que eles se conheceram por meio de uma aposta? — ela pergunta, dando uma risada.

Olho pra frente, sem saber o que dizer pra ela. Uma aposta? Isso só pode ser alguma brincadeira com a minha cara.

— Que tipo de aposta? — forço-me a perguntar.

— Ela tinha apostado com as amigas que conseguiria ficar com ele em um mês, e ela conseguiu. Os dois se apaixonaram e quando ela foi contar da aposta para ele, ele apenas deu uma risada e agradeceu-lhe por tê-lo feito. — ela comenta e balança a cabeça, como se tivesse expulsando os pensamentos de lá. — Podemos ir para o parque agora? — muda de assunto e eu respiro aliviado.

— Claro. — resmungo.



Tiro meu celular do bolso, checando o horário antes de irmos no terceiro brinquedo e mais esperado por Pearl. A roda-gigante agora parece muito bonita, iluminada com luzes de cores diferentes que piscam e se sobressaem, enquanto a noite começa a cair e o pôr-do-sol se despede no horizonte.

— A montanha-russa foi mais intensa... Só de olhar a altura eu já começo a ficar nervosa. — Pearl sussurra pra mim, sorrindo nervosamente com os olhos ansiosos.

— Você tem medo de altura e quer mesmo tentar isso? — pergunto, divertido.

Noto suas bochechas ganharem mais cor, enquanto ela encolhe os ombros como sempre faz.

— Mas você vai estar comigo, então acho que vou ficar bem. — ela diz, tão rápido que se eu não estivesse prestando atenção nela, eu não conseguiria dizer o que ela acabou de falar.

Sorrio sinceramente, puxando-a para mais perto. Inclino-me para sussurrar em seu ouvido, sendo acertado com seu cheiro leve e doce.

— Você pode segurar minha mão lá em cima. — digo, ouvindo um ruído sair de sua boca antes de eu afastar-me para encará-la.

— Acho que vou precisar disso. — solta em um suspiro.

Cinco minutos é tudo que passa até estarmos sentados nos nossos lugares. Os outros casais, crianças e pais estão se arrumando enquanto Pearl se segura na barra de ferro.

Não consigo tirar os olhos dela.

Algum dia eu admitirei isso em voz alta, mas não hoje. Essa é a primeira vez que chego perto de algum divertimento genuíno em muitos anos. — Tomara que eles não parem com a gente lá em cima... Estou ficando nauseada. — ela diz, olhando para frente sem desviar.

— Você está realmente bem? — pergunto preocupado.

— Sim! — exclama em um misto de animação e medo. — Você vai tirar uma foto minha quando estivermos lá em cima? Preciso mostrar para a mamãe que estive aqui. — seus olhos brilham.

— Se você quer isso, tudo bem. — dou de ombros e ela sorri mais ainda.

A roda-gigante finalmente começa a se movimentar, o que faz Pearl fechar os olhos quase que instantaneamente. Não quero sorrir da forma como ela está agindo, mas ela parece tensa como o inferno, então resolvo ficar

quieto. Pego meu celular do bolso, satisfeito por tê-lo colocado para carregar no carro durante nosso caminho até aqui. Aperto na câmera e tiro uma foto dela antes de chamá-la.

— Girassol, olhe pra mim. — peço e ela vira o rosto em minha direção, abrindo os olhos devagar. — Você pode sorrir agora... — comento.

A luz do pôr-do-sol faz com que o cabelo dela pareça ouro de tão brilhante que está, e quando ela finalmente sorri, me encarando ao invés da câmera, um vento sopra seu cabelo pro lado e eu deslizo meu dedo sobre a tela, capturando aquele momento.

— Ficou boa? — ela pergunta, fazendo-me piscar duas vezes antes de pigarrear.

— Sim, sua mãe com certeza vai gostar. — murmuro.

Pearl volta seu olhar pra frente e o sorriso desaparece do seu rosto. Enfio meu celular no bolso da minha bermuda, vendo-a tapar os olhos com as mãos.

— Alto, alto, alto, alto, alto... — ela diz balançando o corpo para frente e para trás e eu não vejo outra saída que não seja puxá-la para mim.

Passo meu braço esquerdo por sua cintura fina, puxando o corpo pequeno e delicado dela contra o meu. Ela se encolhe contra mim, sem tirar as mãos dos olhos por sequer um segundo.

— Você pode abrir os olhos de novo. — comando e ela demora para obedecer, mas assim que o faz, ela me encara.

— Nós estamos perto das nuvens, Seth. Isso é muito alto! — sussurra, como se estivesse me contando um segredo. — Não quero ficar de olhos abertos... — choraminga.

Sorrio para ela, o que a faz desviar os olhos até a minha boca enquanto inclina a cabeça para o lado. Não estamos perto das nuvens, mas acho que toda tensão que ela está passando, está fazendo-a ver coisas. — Você não precisa olhar para lá, Girassol. Pode ficar me olhando, eu estarei fazendo o mesmo. — coloco um de seus cachos atrás de sua orelha.

Pearl relaxa contra meu corpo, não deixando de me fitar pelos próximos cinco minutos e, porra, eu estaria mentindo se dissesse que eu não fiz o mesmo.

Capítulo 16

Um Encontro Perfeito

Pearl Wyatt

Sinto como se tivesse caído em algum feitiço, já que nos últimos minutos eu e Seth passamos nos encarando sem desviar por nem um segundo, enquanto eu comentava algumas coisas aleatórias e ele apenas assentia, ora ou outra falando algo. A roda-gigante finalmente para e eu abertamente desejo em minha cabeça que isso não tenha passado de um engano. O braço de Seth está ao meu redor, e mesmo que seu corpo seja muito duro e cheio de músculos rígidos, eu queria que tivéssemos mais algum tempo no brinquedo, *juntos*.

Quando a realidade nos chama, saímos do brinquedo e caminhamos até a saída do parque de mãos dadas.

— Agora finalmente vamos fazer o que deveria ter sido feito desde o começo. — Seth diz, fazendo-me encará-lo.

— E o que é isso? — pergunto.

— Tomar sorvete. — responde e eu abro um sorriso.

— Realmente, o sorvete! — digo, mordendo meu lábio inferior.

Seth e eu paramos em um carro de sorvete na entrada do píer, e ele nos compra dois sorvetes: o seu é de chocolate e o meu de baunilha.

— Podemos ir para a areia agora? — pergunto, lambendo um pouco do meu sorvete e ele acena positivamente.



— Sabe o quê? — exclamo, chamando a atenção de Seth, que vira para me encarar com uma sobrancelha levantada. — Eu acho que deveríamos trocar de sorvetes para experimentarmos ambos.

Ele dá uma risada, parando de andar e puxando-me para perto pela cintura.

— Eu tenho uma melhor ideia de como dividir sorvete com você. — rebate, fitando meus lábios e eu engulo a seco.

Ele está se aproximando, ele está se aproximando! *O que eu devo fazer?* Deixá-lo fazer isso por conta própria ou me aproximar também? *Acho que devo me aproximar.*

Isso, Pearl, se aproxime!

Acho que estou indo bem, muito bem...

Fecho meus olhos, não tendo certeza de que Seth fez o mesmo, mas estou me aproximando. Sim, eu vou ser beijada. Verdadeiramente beijada por meu Príncipe! E na praia de Santa Mônica, tem algo melhor que isso?

Bruscamente, Seth solta minha cintura e eu finalmente percebo o que acabei de fazer assim que abro meus olhos. Merda, eu estraguei isso, nosso momento! Enfiei todo o meu sorvete de baunilha na sua regata preta e agora procuro seus olhos, deixando o cone da casquinha cair da minha mão.

Não sei o que a expressão dele quer falar, mas acho que estou com medo.

Junto minhas mãos, tentando tirar o sorvete de cima dele, mas acaba

que espalho mais e mais, sujando-o todo por causa do meu nervosismo.

— Não, para, para com isso, Pearl. — ele pede, jogando seu próprio sorvete na areia enquanto tenta me segurar.

— *Eu vou dar um jeito... quero dizer... Oh, meu Deus, me desculpa! Eu não quis... eu não queria fazer isso, eu juro que não!* — digo desesperadamente, tentando tirar aquela sujeira dele a todo custo.

— Porra, Pearl, é sério... — Seth segura meus pulsos. — É só sorvete, Girassol. — diz suavemente, mas recuso-me a olhar em seus olhos.

Encolho os ombros, extremamente envergonhada pelo que fiz. Ele provavelmente deve achar que sou uma idiota desengonçada.

Talvez eu seja mesmo.

— Me desculp...

— Já falamos sobre isso antes. — grunhe. — Olha para mim. — comanda, mas eu nego com a cabeça.

Seth me solta e eu percebo que ele começa a tirar a regata preta. Sinto minhas bochechas queimarem e olho diretamente para o meu tênis branco.

— Estou te dizendo, é só sorvete. — ele resmunga, puxando minhas mãos e usando a parte limpa do tecido preto para limpar meus dedos sujos de sorvete.

— Eu só fiquei nervosa, eu achei que... *nós íamos... e...* — levanto e jogo minha cabeça para trás, surpresa em ouvir a risada de Seth.

— Momento errado, Girassol. — ele diz, continuando a limpar meus dedos. — Nós podemos tentar isso outra vez, *sem sorvete no meio.* — completa e eu finalmente volto a encará-lo, sorrindo sem jeito.

— Você ainda quer sair comigo? — pergunto, surpresa.

— Sim, Girassol. Você ainda quer sair comigo? — retruca.

Balanço minha cabeça positivamente ainda sorrindo. Seth termina de limpar meus dedos o máximo possível e voltamos para o píer. Tento ignorar os olhares que agora são direcionados em nossa direção, mas é difícil. Não sei se estão nos olhando por causa do meu cabelo que depois de pegar tanto vento deve estar uma bagunça, ou se estão nos olhando por causa de Seth, e não é qualquer Seth, é um *Seth sem camisa*. Acho que a segunda opção é a mais provável.

Assim que estamos de volta no carro, Seth começa fazer o nosso caminho de volta para Long Beach. Puxo minha mochila para o meu colo e pego meu celular lá de dentro no mesmo momento em que o nome da mamãe brilha no visor e uma música qualquer começa a tocar. Atendo a chamada e logo sou acertada por alguém que não é a mamãe: *Simon*.

— Onde diabos se meteu, Pearl? Temos pizzas para entregar, sabia? — ele esbraveja assim que tem a chance.

Encolho-me no banco, quase certa de que Seth está escutando os gritos do meu irmão.

— Estou indo pra casa, Simon. — sussurro de volta.

— Sabia que isso ia acontecer. Afinal, vocês foram tomar sorvete ou você foi dar a porra da sua b...

— *Simon Alexander Wyatt!* — minha mãe exclama, interrompendo a frase de Simon.

— Ah, que se foda! — ele diz, irritado.

Escuto Simon e mamãe discutirem brevemente até que ela toma o seu celular de volta.

— Oi, meu amor, tudo bem? — minha mãe pergunta, mais calma.

— Sim, mamãe. Desculpa a demora, eu já estou indo para a piz...

— Não precisa, filha. Spencer vai fazer as entregas com o seu irmão... Você pode ir para casa, quando chegarmos eu converso com você. — ela fala antes que eu termine.

Solto um suspiro aliviada.

— Obrigada, mãe. — agradeço-lhe.

— Um beijo, amor, agora preciso ir.

Desligo a chamada e jogo meu celular de volta na minha mochila. Não sei se Seth escutou ou não a minha conversa com o Simon ou com a minha mãe, mas se ele o fez, ele provavelmente deve achar que tenho uma família meio doida.



Depois de indicar o caminho da minha casa para Seth, ele para o carro quase meia hora mais tarde. Solto o cinto e viro o rosto para encontrá-lo já me fitando.

— *Foi... Uh...* Eu adorei o encontro, Seth. — digo, sorrindo cansada.

— Gostei da sua companhia, Girassol. — rebate, sério.

— Tudo bem... — murmuro perdida. — Nós nos vemos na escola. Amanhã. — falo rapidamente antes de inclinar-me e dar um beijo em sua bochecha.

Saio do carro de Seth em um pulo, fechando a porta e correndo até a

entrada de casa. Acho que parece que eu estou fugindo dele, mas eu não aguentaria estragar mais outra tentativa de beijo. Entro em casa e antes de fechar a porta, eu olho pra trás, notando que Seth ainda está com o carro parado ali na frente.

Oh, céus!

Encontro. Perfeito.

Sim, sim, sim!

Foi um encontro perfeito, no lugar perfeito e com a companhia perfeita. Essa tarde foi completamente inesquecível e eu sempre vou fazer toda questão de guardá-la bem no fundo do meu coração.

Capítulo 17

Quem é ela?

Seth Sawyer

Entro dentro de casa e a primeira coisa que faço é me sentar no sofá com minha camisa suja de sorvete nas mãos. Encosto meu corpo ali e fecho os olhos, tentando relaxar um pouco e manter minha merda calma.

Logo a loira entra na minha cabeça sem a minha permissão.

Saber que a garota é inocente como nenhuma outra, eu já sabia, mas sentir toda aquela inocência dela ao meu redor foi muito mais do que eu imaginei que seria em algum momento.

A forma como ela age sem pensar duas vezes, a forma como ela cora ou encolhe os ombros quando está envergonhada ou quando acha que fez algo de errado, a forma como ela olha para mim como se eu fosse algum tipo de... *sonho*? Isso tudo é perturbador pra caramba.

Tiro meu celular do bolso da minha bermuda e destravo a tela, apertando na galeria de fotos quase que é inexistente por causa do pouco conteúdo. Não tenho muitos motivos para ter alguma foto guardada no meu celular. As únicas que tenho são: duas da minha mãe, uma da minha avó, uma minha com elas duas, duas com Sculler em alguma festa, uma com o time e, agora, duas fotos de Pearl.

Essa foto realmente ficou incrível, e o fato de que ela nem mesmo se esforçou para parecer bonita, é mais irritante ainda. Já cansei de ver e ouvir pessoas pela escola falando “*vamos tirar uma foto*”, e então todas as garotas

pedem para esperarem e no segundo seguinte começam a mexer no cabelo, aplicar maquiagem; tudo para parecerem mais bonitas com uma beleza que se esgota com um simples balde de água na cara.

Pearl é diferente delas, *de todas elas*. Quando pedi-lhe para virar para mim e ela percebeu que eu estava prestes a tirar uma foto dela, *ela só sorriu*. Não, ela não mexeu no cabelo ou qualquer merda do tipo.

Ela sorriu.

E ela sorriu pra mim.

Quem olhar atentamente para a foto perceberá que ela não está olhando pra câmera, e sim pra quem está atrás dela.

Eu.

— Nossa... Ela parece um anjo! — a voz da minha mãe me puxa para a realidade e eu travo a tela do aparelho, jogando-o do meu lado.

— De onde você saiu? — pergunto um pouco irritado por ter sido interrompido e por ela ter visto a garota loira.

— Eu acabei de chegar do mercado, fui fazer algumas compras já que nem Pop ou Kari conseguiram fazê-las hoje. — explica, referindo-se as únicas empregas que a ajudam com as coisas da casa, e cruza os braços. — Você não me percebeu entrar, então tive que espiar para saber o que tanto prendia a atenção do meu filho. — dá um sorriso e esse sorriso leva um pouco da minha irritação embora. — É ela? Ela é a garota?

Tento ignorar o brilho no olhar da minha mãe, mas é quase impossível.

— Ela é ninguém, mãe. — respondo, simples.

Rolando os olhos, ela senta-se ao meu lado e puxa minha camisa das minhas mãos.

— Então me conte sobre *ninguém*, filho... *Ninguém* fez isso? — exige, olhando a sujeira grudada que se tornou o tecido preto que eu usava mais cedo. — Será que *ninguém* te sujou assim?

Rolo os olhos, engolindo o riso que quer sair da minha boca. Minha mãe realmente sabe como ser engraçadinha enquanto tenta tirar informações de mim.

— *Ninguém* fez isso. — enuncio, levantando uma sobrancelha em sua direção, observando-a fazer um bico.

— Não quero chamá-la de *ninguém*, Seth, isso é feio. Vamos, diga-me o nome ou então eu a chamarei de anjo. — desafia-me, balançando as sobrancelhas pra cima e pra baixo.

Bufo.

— Costumo chamá-la de Girassol. — ela abre um sorriso largo e eu me apresso para completar. — Mas não é uma grande coisa, pelo amor de Deus, tira esse sorriso do rosto. — imploro, mas ela parece não me escutar.

— Isso parece sorvete... — diz, sem deixar de sorrir. — Acredito que ela te sujou sem querer, não é mesmo? — indaga.

— Acho que foi sem querer... Ela estava nervosa e então começou a tentar consertar e acabou espalhando mais sorvete por minha camisa. — seguro o riso outra vez. — O nome dela é Pearl, uma novata do Texas ou algo parecido. — dou de ombros.

— Como as verdadeiras pérolas? Oh, Deus, imagino que sim! Ela deve ser muito mais bonita pessoalmente e deve ter um sotaque bastante agradável. — minha mãe solta um suspiro.

Já falei mais do que o esperado.

— Quer ajuda com as compras? — levanto-me do sofá, dando um fim para a nossa conversa.

— Claro! — exclama, pigarreando em seguida. — Trouxe algumas coisas para você, acho que vai gostar...



Finalmente depois de ter ajudado minha mãe com as compras, termino de vestir uma calça de moletom assim que saio do meu banho. Meu celular começa a tocar e eu sento-me na minha cama, atendendo sem olhar quem é.

— Seth Sawyer! — Macy grita histericamente. — Como assim você sai com a caipira e não nos avisa? Temos uma porcaria de plano para seguir e isso inclui você nos dizer para onde vai com a garota e o que vocês fizeram! — escuto o som de algo quebrar do outro lado.

— Não me lembro de ter-lhe falado que contaria tudo o que faço com a garota como se nós dois fôssemos melhores amigos, Sullivan. — rosno. — Não fique me questionando sobre o que estou fazendo com ela, porque isso não é da sua conta, porra!

Escuto o som de mais alguma coisa quebrando do outro lado.

— Você tem que apresentar uma prova de que transou com ela! — esbraveja.

— Porra, quem disse que eu transei com ela? — rebato. — Quando isso acontecer, vou deixar-lhes saber, mas enquanto isso não acontecer é bom que não venha jogar a sua merda para cima de mim. — aviso, escutando-a se calar do outro lado. — E mais uma coisa, Macy. Não comece a agir como se

eu lhe devesse alguma satisfação ou como se fosse a minha namorada. Não ligue para o meu celular, espere que eu o faça, e se eu não fizer é porque eu não quero ouvir sua voz ou falar com você. Você é só uma puta que eu como quando quiser, então não comece com essa merda, entendido?

Macy não responde, ela só desliga a chamada na minha cara. Sei que a deixei furiosa, mas ela é certamente algo que eu não estou a fim de lidar no momento.

Capítulo 18

Ele foi compreensivo

Pearl Wyatt

Sinto meu corpo ser balançado e abro meus olhos imediatamente, dando-me conta de que acabei dormindo enquanto esperava meus pais e Simon voltarem da pizzaria. Solto um sorriso fraco, vendo mamãe encarar-me com um sorriso parecido.

— Sei que você provavelmente ainda não comeu nada, então resolvi te acordar. Vamos descer? — indaga e eu assinto.

Levanto-me, calço minhas pantufas vermelhas e sigo mamãe até o andar de baixo. Assim que nós chegamos na sala de jantar, vejo que papai já está sentado à cabeceira da mesa, conversando com Simon que não está tão emburrado quanto eu imaginei que estaria.

— Boa noite, pai... Simon... — saúdo-os e eles apenas acenam com a cabeça, enquanto eu coloco a mão na boca para cobrir o bocejo inevitável que dou.

Sento-me ao lado de Simon, sendo acertada pelas memórias da minha tarde maravilhosa com Seth. Tento conter o sorriso, mas é impossível. Acho que ainda vou ficar assim por um bom tempo, como uma boba... *uma boba apaixonada*.

— Pearl, acorda... — Simon me dá uma cotovelada, fazendo-me piscar rapidamente.

— O quê? — pergunto, notando que meus pais me encaram atentamente.

— E o garoto? — papai pergunta sugestivamente, fazendo minhas bochechas queimarem.

— *Uh...* Garoto? Quem? — faço-me de desentendida, temerosa de sua reação.

— Você acha que eu nunca tive sua idade, Pearl? Essa foi a mesma cara que sua mãe fez quando eu a beijei pela primeira vez no nosso primeiro encontro. Só não me diga que beijou o garoto que te levou para sair hoje... — diz, inclinando a cabeça para o lado enquanto parece tentar me estudar.

— Eu não fiz isso... *Quero dizer...* Eu... *Ah, isso é embaraçoso!* — exclamo, nervosamente.

— O que você fez, Pearl? — Simon indaga, rindo como se estivesse assistindo algum show de comédia. — Tenho certeza que fez alguma coisa de errado, que nesse caso, passa a ser certo...

— Nós fomos à praia de Santa Mônica... — começo, vendo meus pais encarando-me surpresos. Eu também fiquei surpresa. — Fomos a alguns brinquedos do *Pacific Park*, inclusive, a *roda-gigante*. Eu tenho uma foto lá em cima, mas está com ele. — lamento. — Então depois nós tomamos sorvete. Só isso.

— Só isso? — Simon levanta uma sobrancelha. — Quer que eu acredite que Seth não tentou nada com você?

— Nem um beijinho na *roda-gigante*? — mamãe pergunta com os olhos brilhando e um sorriso no rosto.

— *Alexa...* — papai a repreende, fazendo-me rir.

— Ele... Nós... Quando, bem... Quando ele ia me beijar eu... *Eu acabei sujando sua camisa de sorvete de baunilha.* — sussurro rapidamente, tentando fazê-los esquecer do assunto.

— É o quê? Fala mais devagar. — Simon me dá outra cotovelada.

— Eu disse que eu acabei sujando a camisa dele de sorvete. — repito, tapando meu rosto com as mãos enquanto escuto Simon cair na gargalhada ao meu lado.

Posso escutar mamãe rindo com o papai, mas eles são bem mais contidos do que Simon.

— Filha, talvez não tenha sido a hora certa... — mamãe tenta me tranquilizar e eu dou de ombros.

— Eu estraguei tudo... sujei ele todo de sorvete e depois tentei consertar o meu erro, mas eu só consegui espalhar o sorvete mais e mais. — choramingo, ainda não conformada com o que fiz. — Simon, para de rir! — peço chateada, mas isso só intensifica sua risada.

— Jesus, Pearl, essa foi a melhor coisa que você já fez em anos! — meu irmão exclama, puxando minhas mãos do meu rosto. — Diga-me, qual foi a cara dele quando você estragou o momento?

Rolo os olhos, deixando escapar uma risada. Simon é um idiota.

— Ele foi compreensivo e até limpou minhas mãos depois de tudo que fiz. — digo satisfeita.

— Compreensivo? — Simon indaga curioso, não deixando o sorriso morrer por completo.

— E quando você vai apresentá-lo para nós? — papai pergunta, fazendo eu e Simon encará-lo.

— Apresentar? Nós não somos... *oficiais*. Nós nem nos beijamos, papai. Aliás, ele disse que sim, mas não sei se vamos voltar a sair. — tento explicar para ele algo que nem mesmo eu sei se entendo.

— Mas se ele está tentando algo com a minha garotinha, eu tenho que conhecê-lo primeiro. — diz.

— Amor, deixe Pearl tomar conta da situação no momento. Como ela mesma disse, eles não são *oficiais*, não a pressione. — mamãe diz, encarando meu pai sugestivamente.

Simon solta minhas mãos e encosta o corpo na cadeira.

— Duvido muito que algum dia eles se tornem algo *oficial*. Seth não namora, nunca namorou. Isso é o que dizem na escola. — Simon zomba e eu cruzo os braços, chateada com sua atitude.

— Talvez ele não tenha conhecido a pessoa certa. — atiro de volta.

— E você acha que é a pessoa certa? — pergunta, como se eu estivesse ficando louca.

— Por que está falando assim? Acha que eu não posso ser? — retruco.

— Crianças, já chega. — mamãe nos interrompe antes de começarmos realmente uma discussão. — Vamos, podem se servir, amanhã cedo vocês dois têm escola...

Deixo que a irritação se dissipe, enquanto escuto meus pais conversarem com Simon sobre algo que aconteceu na pizzeria hoje. Em nenhum momento eu tento me infiltrar na conversa deles, já que meus pensamentos estão novamente em outro lugar, outra pessoa.

Será que Seth também está pensando em mim? No nosso encontro? Secretamente espero que sim. Espero que ele esteja se lembrando de como

nos divertimos, de como eu o fiz sorrir mesmo quando falava algumas coisas que tenho consciência que eram meio sem sentido, ou, melhor... de como ele me segurou bem perto dele na roda-gigante.

Ah, a roda-gigante foi com certeza o melhor momento do nosso encontro.

Solto um suspiro, tendo um bom pressentimento sobre esse ano.

Um bom pressentimento sobre Seth e eu.

Capítulo 19

A Festa

Seth Sawyer

Quase um mês se passou desde o dia em que levei Pearl para sair. Não voltei a trocar palavras com ela, mas os olhares sempre estavam lá. Quando eu me pegava procurando-a só para observá-la por algum motivo desconhecido, eu já a encontrava ali, encarando-me como sempre faz: *ansiosa*. Ansiosa pelo meu próximo movimento, ansiosa para saber se eu estou indo falar com ela ou apenas passando direto para sair da sala. Porra... A verdade é que já fui confrontado por todos por causa da minha demora em me aproximar outra vez da garota. Macy e os caras atiravam perguntas e mais perguntas, sempre querendo saber se teria *eu* desistido da aposta. Eu dizia que “*não, nunca*”, mas a verdadeira resposta que eu sempre omitia era “*quase*”.

Olhar para Pearl me faz sentir um misto de emoções, e eu não gosto de nenhuma delas. Não consegui chegar perto dela no último mês, por mais que eu tenha tentado. E eu tentei. Porra, eu sei que mesmo ela tentou. Muitas vezes tive que desviar o meu caminho porque lá estava ela, vindo em minha direção com um olhar doce e questionador. Nada era tão fodido quanto esses momentos.

— Ela está te encarando de novo, cara. — Sculler diz, empurrando meu braço.

Viro meu rosto, achando-a do outro lado da sala encarando-me sem

piscar. — O que quer que eu faça? — resmungo de volta, não deixando de olhar para a loira.

— Nada do que eu falar vai te induzir a qualquer atitude. A pergunta é: o que você vai fazer? — retruca, duramente.

— *O que eu vou fazer...* — reflito, ainda segurando o olhar de Pearl, logo notando o tom avermelhado que seu rosto está adquirindo. Uma ideia, não tão brilhante, surge na minha cabeça. Eu sei que a probabilidade de acabar dando merda é grande, mas eu tenho que arriscar. — Vá até o irmão de Pearl e o convença de ir para a festa do Marcus, hoje. Não vai ser difícil convencê-lo, mas depois, dê um jeito de se certificar que a loira vai aparecer. — digo a Sculler.

Pearl desvia nossos olhares, mas eu não o faço ainda.

— E se ela perguntar alguma coisa, tipo, sobre você... O que eu devo falar? — Sculler indaga, confuso. — Você sabe que as festas de Marcus não são nada confiáveis, não é mesmo? Lá tem de tudo e com certeza não é lugar para o tipo de garota que ela é.

Rolo os olhos, encarando meu amigo.

— É por isso que eu vou estar lá. — explico, obviamente.

O sinal toca, indicando o término das aulas por hoje e Sculler acena positivamente com a cabeça para mim. Saio da sala, passando por uma Pearl cabisbaixa.



Deixo o campo, indo direto para o vestiário para tomar um banho e

trocar de roupa. Os dias que eu não tenho treino com o time, faço uma série de exercícios no campo, empurrando-me contra meus próprios limites. Há dias que o treinador aparece para montar novas jogadas comigo, mas esses dias são raros. Eu geralmente fico sozinho por horas e isso não me incomoda nem um pouco, como hoje. Treinei por horas sozinho várias jogas e lançamentos.

Jogo minhas coisas no meu armário, pegando uma *boxer*, um jeans e camisa preta limpos que tenho guardados ali dentro para qualquer emergência. E esse é o caso. Preciso chegar à casa de Marcus o mais rápido possível, porque já está perto das oito da noite e Sculler mandou-me uma mensagem de texto avisando que conseguiu convencer Pearl e o irmão a irem para a festa.

Tomo um banho rápido e logo estou vestido, saindo do local e indo até a minha moto.

O caminho até a casa de Marcus não é muito longo, e antes de eu virar a esquina para entrar na rua da sua casa, já consigo ouvir o som alto e gritos animados. Procuro um lugar para estacionar e acabo optando por deixá-la no começo da rua, uma vez que quase todo o quarteirão está lotado de carros.

Ando até a mansão branca, empurrado as pessoas já bêbadas que estão tropeçando em meu caminho. Marcus é filho de um dos maiores traficantes de drogas de Long Beach, todos sabem disso, mas fingem que desconhecem essa informação pelo simples fato dele conseguir fazer festas inesquecíveis.

E eu quero dizer isso.

Em uma das festas promovidas por ele no ano passado, teve porra de *strippers* por toda casa. Essa foi provavelmente uma das melhores festas que eu já fui.

— Ei, estrela! Finalmente chegou! — escuto alguém gritar atrás de mim assim que entro na casa.

Viro-me, encontrando o anfitrião sorrindo abertamente em minha direção. Dou-lhe um sorriso bem menor, quase imperceptível, de volta.

— E aí, Marcus. — o cumprimento. — Viu Sculler e os outros por aí? — pergunto.

— Eles estão lá atrás com uma garota estranha caipira e um outro pivete que parece ser irmão dela, quer dizer, porra cara, o guri nem tem idade para esse tipo de putaria! — Marcus gargalha e eu assinto, ignorando-o em seguida.

— Estou indo. — aviso, escutando-o gritar alguma coisa que não dou importância.

Passo pela porta da cozinha, que dá diretamente para o quintal bem iluminado e também cheio de pessoas bêbadas e chapadas. Observo o local atentamente, avistando o irmão de Pearl com alguma garota qualquer e logo em seguida, vejo um círculo com meus amigos, Macy, putas, outros caras e Pearl. A loira está sentada na grama no meio do círculo formado, segurando um copo vermelho na mão.

Porra, que diabos estão fazendo?

— Chegou quem estava faltando! — Vance exclama assim que me olha e todos se viram em minha direção.

Não dou atenção para ninguém, só Pearl. Seu olhar está assustado e eu não diria que ela está bêbada, mas sim amedrontada.

Aproximo-me em passos largos.

— O que ela está fazendo aí no meio? — indago, cerrando os olhos

para os caras.

— Ei, garoto, segura a porra da sua bola. — um dos homens que está ali me confronta. — Sou o pai de Marcus e eu resolvi me divertir aqui com meus amigos e seus amigos. — explica e eu sou obrigado a recuar com a minha atitude. — Enquanto você não chegava, estávamos fazendo umas perguntas para a princesa. — ele sorri, mostrando os dentes que na sua grande maioria parecem ser de ouro.

— A princesa é *minha*. — enuncio, não conseguindo controlar o tom cortante e glacial que minha voz adquire.

Todos gargalham e eu volto a olhar para Pearl, notando que ela está encolhendo os ombros.

— Ela é sua como? Como *amigos*? — Vance provoca e eu juro que quando estivermos a sós, vou enfiar o punho na boca dele.

— Ela é minha como uma mulher é de um homem. — rosno, passando por todos.

Abaixo-me na frente de Pearl, tentando perceber se tem algo de mais errado com ela. *Aparentemente*, não.

— Abram espaço para os dois na nossa roda. — escuto o pai de Marcus mandar.

— Ei, Girassol. — eu a chamo e ela olha imediatamente para mim. — Levante-se e venha comigo. — comando e ela assente.

Endireito-me, oferecendo minha mão para ela, que aceita sem hesitar. Como não há mais de uma cadeira, sento-me no único lugar vazio e puxo Pearl para o meu colo. Todos os homens presentes estão com uma mulher em cima deles, mostrando a merda que está acontecendo. Cada um está reivindicando a sua e eu sinto como se tivéssemos voltado no tempo.

— Você está bem? — murmuro no ouvido de Pearl, sentindo seu corpo tremer e em seguida relaxar.

— Agora eu estou. — ela diz tão baixo que quase não consigo escutar.

Puxo o copo que está na sua mão e viro o conteúdo de uma só vez, sentindo o sabor da batida de morango que tem mais vodka do que morango.

Só quero saber quem foi o filho da puta que deu isso para ela beber.

Capítulo 20

Eu confio nele

Pearl Wyatt

Eu não sabia que a festa seria *isso*. Assim que cheguei em casa com Simon, lutei para convencer meus pais a nos deixar ir para a festa que Sculler nos convidara em nome de Seth. Foi difícil, a mamãe ficou temerosa assim como o papai, mas prometi que cuidaria de Simon, mesmo sabendo que o mais provável seria ele cuidar de mim.

Há quase um mês que não conseguia falar com Seth, *até esse momento*. Primeiramente eu pensei que tivesse feito algo de errado... Talvez ele não pudesse falar comigo por outros motivos, por isso dei-lhe espaço, mas ainda sim não conseguia deixar de encará-lo durante alguns momentos das aulas que temos juntos.

Sinto meu corpo finalmente relaxar e isso não se deve ao fato da fumaça doce que me atinge a cada tragada ou sopro do homem estranho que está ao nosso lado. A verdadeira causa é porque estou sentada no colo de Seth, arroteada por um dos seus braços.

Essa festa está me deixando tão assustada que estou começando a travar, no sentido real da palavra. A quantidade de mulheres que vi andando apenas de calcinha pelo local desde que cheguei é completamente absurda. Meu estômago está embrulhado desde a primeira visão que tive desse local, mas Seth me chamou e eu não poderia deixar de vir, afinal ainda quero perguntar-lhe o motivo do seu afastamento.

— Então, onde estávamos antes do jogador chegar? — o homem de dentes de ouro que está em interrogando há quase vinte minutos, pergunta.

— Pearl falava sobre os filmes favoritos dela... — Macy diz, solicita.

— Vamos trocar de assunto... — Seth murmura, soando irritado.

Quero virar para vê-lo, mas não consigo desviar os olhos da grama verde. Estou muito, muito envergonhada e querendo sair desse lugar o mais rápido possível.

— Quase ia esquecendo-me! Trouxe um baseado para vocês, crianças... É por conta da casa. — o homem de dentes brilhantes volta a falar e finalmente desvio meus olhos da grama para ver uma mulher passar oferecendo algo parecido com cigarro para todos na roda.

Seth aperta minha cintura, me puxando para mais perto e fazendo o ar sair dos meus pulmões de forma rápida por conta da pressão que ele está exercendo. A mulher para na nossa frente, empurrando o conteúdo para mim e outro para Seth e ele mesmo tira aquela coisa da minha mão.

— Deixe a garota, Seth. — um dos amigos de Seth diz.

— Ela não fuma e muito menos bebe. — Seth enuncia e eu seguro sua mão que está em cima da minha cintura.

— Então você vai fazê-lo por ela... — o homem que ofereceu, diz.

Viro meu rosto para encarar Seth, que parece muito mais irritado do que seu tom de voz denuncia. Seus olhos estão mais pretos e assim que ele me olha, consigo me ver em suas orbes escuras.

— Posso fazer isso. — murmuro, não querendo deixá-lo fumar o meu, já que ele já tem o seu próprio.

— Não, você não pode, mas eu posso. — rebate no mesmo tom.

— Seth, isso não...

— Girassol, eu não estou deixando você fumar maconha, não comece com essa merda. — rosna, os olhos tão duros que resolvo assentir e abaixar a cabeça outra vez.

O isqueiro passa pela roda e chega até Seth. Escuto-o acender e logo todos na roda estão fumando, exceto eu.

— Essa é a hora que a brincadeira fica mais divertida. — um outro amigo de Seth, diz.

Bebidas e mais bebidas são oferecidas para nós, Seth aceita uma para si e nega todas que são oferecidas para mim. Os jogos finalmente começam, assim como todos desejavam. Observo as mulheres trocando de lugar com as outras, beijando os diferentes homens que estão na roda mais de uma vez. Durante todo esse tempo, vi Macy beijar três homens diferentes, parecendo um pouco alta provavelmente por causa da erva que ela estava fumando.

O aperto de Seth só se intensifica em volta de mim e eu também me empurro para ele, com medo de que alguém nos separe.

— É a vez da princesa, Seth. Deixe-a escolher um de nós para ter algum divertimento. — o homem de dentes brilhantes exibe um sorriso estranho enquanto fala.

— Ela não vai beijar ninguém, se não eu. — Seth retruca, enquanto sinto meu coração acelerar consideravelmente, espancando minhas paredes internas ao passo que muitas borboletas fazem festa na minha barriga.

— Ela poderia beijar Sculler. — Macy diz, levantando uma sobrancelha para Seth.

Olho Sculler que me encara de volta com os olhos um pouco vermelhos, enquanto tem uma morena em seu colo, agarrada nele.

— Acho que já dei minha resposta. — Seth bufa, soprando meu cabelo.

— Então nos dê algum *show* de merda, pombinhos apaixonados. — um outro cara que não faço ideia de quem seja, exige irritado.

— Girassol, vira pra mim. — Seth comanda, baixo e contido.

Assim que ele afrouxa o aperto em minha cintura, viro meu corpo um pouco para ele e o encaro de perto. *Muito perto*. Inclinando o rosto para perto do meu, Seth beija minha bochecha levemente, arrastando os lábios até o meu ouvido. Solto o ar com força, soando como um suspiro, completamente afetada com a proximidade em que estamos no momento.

— Vou beijar você, Girassol. — ele avisa, fazendo minha pele arder febrilmente. — Você vai se sair bem, confie em mim. Quando eu colar minha boca na sua, coloque suas mãos em meus ombros e segure firme em mim. — continua, beijando o lóbulo da minha orelha. — Então depois disso, vou tirar você e o seu irmão daqui. Pode fazer isso comigo? — assinto com a cabeça e ele rosna.

Os movimentos lentos de Seth colocam em questão sua sobriedade, mas eu não me importo tanto, porque ainda é ele e eu confio nele. Por um segundo eu desvio o olhar para o lado, achando Macy nos encarando de forma muito estranha. Ela nunca me deu um olhar desse e eu só o vi uma vez, e foi quando a mamãe usou em direção a uma mulher impertinente que dava em cima do papai toda vez que o encontrava.

Fecho meus olhos, ignorando Macy e focando todos os meus sentidos em Seth. Sua mão livre passeia por minha perna esquerda, subindo meu vestido azul e eu sou obrigada — mesmo que sua carícia me queime de dentro para fora — a colocar minha mão em cima da sua, parando seu movimento.

No próximo segundo sinto os lábios de Seth colarem nos meus, derretendo-me de forma instantânea. Da mesma forma como Deus soprou e deu vida ao primeiro homem que aqui viveu, assim Seth está fazendo com que eu me sinta, como se a vida finalmente tivesse sido me dada, não deixando mais nenhuma dúvida de que pertenço a ele.

Capítulo 21

Morango

Seth Sawyer

Com a boca colada na de Pearl, não consigo abaixar a guarda, dessa forma mantenho meus olhos abertos mostrando a todos ali que ninguém mais vai ter a chance de prova-la, somente eu. Não estou nem um pouco me importando se isso está soando errado ou mais do que o que eu realmente quero dizer, tudo que eu quero mostrar é que esses imbecis não provarão daquilo que é meu.

Não sinto como se estivesse alto por causa da erva, a única coisa que está me deixando instável é o cheiro de Pearl. Ela cheira a flores e lavanda, eu acho. Não consigo decifrar, mas é doce, igualmente a ela.

Deslizo devagar minha língua entre os lábios dela, aproveitando para deixar o copo vazio em que eu bebia vodka há alguns minutos cair da minha mão, que agora tem apenas o baseado de Pearl, uma vez que eu já fumei o meu. Puxo minha outra mão que está na sua perna e enfio meus dedos livres nos cachos loiros e cheirosos.

Inclino sua cabeça, tendo um melhor acesso para a sua boca e continuo a guiá-la, finalmente tendo um pouco do seu sabor em minha boca. Sua língua balança timidamente com a minha, dando-me a certeza de que ela nunca fez isso antes, o que me deixa particularmente satisfeito sem nenhuma razão coerente.

Meus olhos encontram os de Macy e eu percebo toda a fúria que

queima dentro dela. Se eu não apressar as coisas aqui eu sei que, da forma que ela está chapada aliado às bebidas que ela já tomou, a puta vai começar a fazer alguma cena e eu não tenho cabeça pra lidar com ela nem hoje e nem nunca mais.

Separo meus lábios depois de mais longos segundos, não querendo forçar Pearl a passar dos seus próprios limites e escuto-a soltar um gemido baixo o que faz com que eu me sinta de duas formas: *duro*, afinal eu sou um homem e estou vivo; e *irritado*, porque eu não quero que nenhum desses idiotas escutem ela gemer.

— Até que foi quente... — Macy diz, clinicamente.

Eu a encaro firme, passando minha língua entre meus lábios enquanto Pearl encosta a testa no meu ombro.

— Quente não é tudo que ela é. — rebato, desafiando-a a falar qualquer merda que seja. — Nós vamos andar um pouco por aí, se nos dão licença. — encaro o pai de Marcus que acena positivamente com a cabeça.

Pearl levanta de cima de mim, abaixando a cabeça em seguida e eu sigo seus movimentos, acenando simples para Sculler antes de segurar a mão de Pearl e puxá-la comigo pelo gramado. Empurro o baseado que tenho na mão para qualquer um que passa pela minha frente e começo a procurar o irmão da loira pelo local, achando-o aos beijos com uma garota.

— Sinto muito interrompê-los, mas é hora de ir pra casa, rapaz. — digo, puxando-o pela camisa pra longe da outra.

Ignoro tanto o grito da garota quanto o protesto do irmão de Pearl, puxando os dois comigo para fora dessa festa. Chegamos do lado de fora da casa e eu finalmente solto o garoto que ainda resmunga irritado, mas continuo segurando a mão de Pearl e trazendo-a comigo.

— A festa ainda nem acabou...

— Simon, já chega. — Pearl o repreende doce como sempre, mas firme.

— Escutou sua irmã, Simon. Hora de ir pra casa. — enuncio.

Chegamos até o começo da rua, que é em frente à avenida principal do lugar. Encaro minha moto parada e amaldiçoo-me mentalmente por não ter vindo de carro.

— Ache um táxi para vocês dois. — comando, encarando Simon que me olha de volta com um misto de tédio e irritação.

— Nós não trouxemos dinheiro. Sculler disse que nos levaria de volta. — retruca e eu cerro os olhos em sua direção.

— Eu vou pagar a porra do táxi, agora ache um. — digo o mais controlado possível.

Rolando os olhos e resmungando, Simon vai fazer o que eu lhe disse, deixando-me sozinho com Pearl. Ela finalmente levanta o rosto para me encarar. Suas maçãs altas estão vermelhas e ela parece envergonhada, como de costume. Um vento frio passa por nós e ela treme, encolhendo os ombros com frio. Pego suas duas mãos e as coloco em meu peitoral, fechando meus braços em torno do seu corpo pequeno em seguida, protegendo-a dessa noite fria em que eu a coloquei.

— Você sabia que a festa seria *isso* tudo? — ela pergunta, descansando o rosto em suas mãos.

— Não realmente. — murmuro de volta. — Já estive em festas visualmente piores, mas acho que o fato de você estar lá no meio daquelas pessoas fez com que essa parecesse a pior de todas. — completo, sentindo-a inclinar o rosto para me fitar, mas eu não o faço de volta.

— *Você se importa...* — seu sussurro é quase inaudível, mas como estou concentrado nela, consigo ouvi-la.

Não a respondo por que não sei o que responder e nem tenho o que responder. Não sei realmente se me importo, mas não tento achar uma resposta para isso.

— Vamos, Pearl! — Simon exclama.

Abaixo meu rosto para encará-la, encontrando-a ainda me fitando pensativa. — Eu vou seguir vocês, tudo bem? Estarei logo atrás na minha moto. — aviso e seus olhos brilham com aflição.

— Não, Seth. Você fumou e bebeu, não seria nem um pouco prudente você nos seguir de moto nesse estado. — ela diz, agarrando minha camisa com força. — Você deve vir conosco! — exclama.

— Girassol, é preciso de mais que apenas um baseado e alguns goles de vodka para deixar-me tonto. — digo, libertando-a do meu abraço, mas ela parece não querer ir.

— *Por favor, Seth...* — sussurra, soltando minha camisa.

— Fique tranquila, bebê. — digo, percebendo que Girassol não está funcionando com ela.

Seguro sua mão e praticamente arrasto-a até Simon. Ele puxa a irmã relutante para si e a empurra para dentro do veículo amarelo.

— Vou seguir vocês. — enuncio e o garoto apenas rola os olhos, entrando atrás de Pearl.

Volto até o lugar que minha moto está parada e monto, colocando meu capacete enquanto observo o táxi começar seu caminho. Dou partida e acelero, entrando na avenida e seguindo-os. Durante o caminho, eu percebi o

movimento inquieto dos irmãos dentro do carro. Em um momento, vi Pearl tentar olhar-me pela janela, mas ela foi puxada bruscamente por Simon.

Finalmente o táxi estaciona em frente a uma casa branca de classe média alta com um pequeno jardim bem cuidado que fica logo na entrada. Tenho certeza que minha mãe amaria o lugar.

Tiro meu capacete, descendo da moto e caminhando até os dois que já estão parados um do lado do outro. Puxo minha carteira do bolso da calça e entrego duas notas de dez dólares para o taxista que parte seguidamente.

— Vamos entrar. — Simon resmunga, segurando em um dos braços de Pearl e puxando-a com ele.

— Ei, calma aí! — ela exclama, recuando e escapando dele.

O garoto olha dela para mim e eu cruzo os braços, levantando uma sobrancelha em sua direção.

— Eu dou cinco minutos para você, caso contrário terá o papai aqui fora atrás da sua bunda inocente. — ele diz, antes de marchar até a porta da casa.

Assim que ele entra, Pearl corre em minha direção. Descruzo os braços, olhando-a calmamente.

— *Eu... Uh...* Obrigada por pagar o táxi e por ter nos tirado de lá... — ela diz, sorrindo de lado.

— Foi mais do que minha obrigação, Girassol. Aquele lugar não é para você e da próxima vez que sairmos, eu terei isso em mente. — digo, piscando para ela que acena com a cabeça.

— Da última vez nós não tivemos outro encontro, acho melhor...

— Eu tive alguns problemas nas últimas semanas, Girassol, mas agora

está tudo bem. Vamos sair de novo e dessa vez você pode escolher para onde quer ir. — eu a corto, vendo seu rosto iluminar assim que termino de falar.

— Eu prefiro as surpresas... — diz, encolhendo os ombros.

Dou uma risada, aproximando-me um passo dela.

— Tudo bem, Girassol. Vou tentar te surpreender outra vez. — enuncio.

Ela se aproxima, fechando a distância entre nós dois.

Consigo sentir o cheiro doce que ela emana outra vez e aproveito para colocar uma mecha rebelde de seu cabelo atrás da sua orelha.

— Seth... — ela murmura, encarando-me ansiosa.

— O que há, Girassol? — respondo.

— Você... — ela tenta falar, mas nada sai da sua boca. Espero pacientemente ela continuar enquanto memorizo os traços do seu rosto. — *Você pode me b-beijar outra vez?* — seu sussurro acerta-me no estômago.

Eu não sei se consigo beijá-la outra vez sem uma plateia para que eu possa mentalmente dizer para mim que estou o fazendo porque preciso provar um ponto para os outros. É como se as barreiras entre a aposta e o real consistissem nisso e eu não sei se estou pronto para quebrá-las, mas também sei que diferente do que pensei, eu gostei do seu gosto e gostei de beijá-la como nunca o fiz com nenhuma outra.

— Você tem certeza que quer isso? — pergunto, observando que ela começa a arrepender-se do pedido por eu ainda não ter dado nenhum movimento.

— Se você quiser...

Seguro seu rosto com minha mão livre do capacete e aproximo seu

rosto do meu. Sua respiração se torna irregular, deixando claro a sua ansiedade. Selo nossos lábios levemente, ignorando a minha parte que diz que não devo beijá-la outra vez.

— Você já fez isso antes, Girassol? — indago, querendo escutá-la confessar enquanto roço minha boca na sua.

Ela segura em meus ombros, procurando por mais.

— Não... É a minha primeira vez. — sussurra de volta.

Balanço com suas palavras, olhando-a diretamente em seus olhos castanhos claros.

— Fico feliz que seu primeiro beijo tenha sido meu. — rosno.

Um lado possessivo e desconhecido por mim desperta de forma quase que inacreditável, já que nunca me senti possessivo em relação a nada, somente aos meus bens materiais. Dessa vez eu a deixo tomar sua própria iniciativa e ela logo o faz. Sua língua macia contorna meus lábios, que faço questão de abri-los apenas para finalmente tomar conta da situação.

Pela segunda vez nessa noite, deslizo meus dedos entre seus cachos, não deixando de saquear sua boca intensamente. Concentrado agora apenas em Pearl, sinto seu gosto de morango em minha boca, o que me deixa faminto por mais. Eu gosto de morango, e *talvez* eu goste de morango ainda mais em Pearl.

Porra, em que diabos eu estou pensando?

Separo nossas bocas, não antes de puxar seu lábio inferior entre meus dentes. Ela ofega contra meu pescoço, apoiada em mim enquanto eu estabilizo minha própria respiração.

— Melhor você entrar agora, Girassol. — digo, olhando a rua deserta

ao passo que tiro minha mão de seu cabelo.

Ela solta um suspiro baixo, inclinando a cabeça e beijando meu maxilar em seguida.

— Boa noite, Seth. — sussurra, afastando-se de mim e correndo até a porta, seguindo o mesmo caminho que seu irmão fez anteriormente.

Espero Pearl entrar, percebendo de longe o sorriso que ela está carregando consigo. Assim que ela fecha a porta, volto para minha moto bagunçando meu cabelo furiosamente.

Que merda eu estou fazendo?

Capítulo 22

É Ele

Pearl Wyatt

Abro meus olhos e dou de cara com o olhar questionador da mamãe. Depois da noite de ontem, eu sinto como se meu mundo tivesse virado de cabeça para baixo outra vez.

Eu beijei Seth.

Eu beijei Seth *duas vezes*.

E foi tão, tão bom!

Eu quero repetir isso mais muitas e muitas vezes com ele.

— Como foi a festa? — mamãe indaga, sentando-se ao meu lado.

Bocejo e esfrego meus olhos, sentando-me na cama e encostando-me no dossel de ferro. — Foi legal... — respondo sorrindo abertamente.

— Esse sorriso me diz que foi *mais* que legal. — levanta uma sobancelha, sorrindo comigo.

— E foi... — confesso, ainda sonhando acordada.

— Você vai me contar se isso tem a ver com o rapaz bonito que te beijou aqui em frente? — sinto minhas bochechas esquentarem violentamente.

— Você viu isso? Foi o Simon! — exclamo, enfiando meu rosto no travesseiro e afundando de volta na cama enquanto mamãe gargalha.

— Não foi ele... Eu e o seu pai não conseguimos dormir, então quando ouvimos o seu irmão chegar em casa pisando mais duro que o *Pé-Grande*, resolvemos espiar. — ela explica, divertidamente.

— O *Pé-Grande* nem existe... — digo, afastando meu rosto do travesseiro para fitá-la e acabamos rindo juntas.

— Ele é um bom rapaz? — ela pergunta, agora um pouco mais séria.

— Ele é sempre gentil comigo, mamãe... Acho que isso faz dele um bom rapaz. — enuncio e ela assente.

— Você está pronta para o dia na pizzeria? Trabalho no estabelecimento, sem entregas hoje. — informa e eu dou-lhe um sorriso.

— Já avisou para o Simon? Ele vai amar! — exclamo, ironicamente e rimos outra vez.

— Eu estou indo falar com ele agora mesmo... — se levanta e beija minha testa. — O café está na mesa.

Assim que minha mãe sai do meu quarto, eu levanto e vou direto para o meu banheiro ainda sorrindo. Por mais embaraçoso que seja, se até a mamãe viu o Seth me beijando, isso quer dizer que não foi um sonho.

Foi real.



Chegamos na pizzeria às quatro da tarde. Spencer, Elijah e Mario já estavam no comando da cozinha e logo eu e a mamãe nos juntamos a eles.

— Simon estava bêbado noite passada? O idiota mandou-me várias

mensagens dizendo merdas e mais merdas sobre alguma festa e garotas. — Spencer pergunta irritada, passando-me o queijo.

Seguro o riso, sabendo que isso pode irritá-la mais ainda. Eu não sei que coisa é essa entre ela e Simon, mas os dois costumam se irritar sempre que tem a chance.

— Nós estivemos em uma festa noite passada, mas posso garantir que ele não estava bêbado. — digo, observando-a de soslaio. — O que ele queria com você? — pergunto.

— Encher o saco. — resmunga. — Que festa foi essa? — ela para o que está fazendo para me encarar.

— Um garoto chamou eu e Simon... e, sei lá... O lugar não era agradável, muito menos as pessoas, embora a maioria delas fossem da nossa escola. Eles estavam todos agindo assustadoramente fora do normal. — confesso.

— Um garoto chamou vocês...? O Simon foi o brinde para ele chegar até você? — indaga, gargalhando seguidamente e fazendo minhas bochechas esquentarem.

— *Ele... Nós já...* Tínhamos saído antes, mas ele se afastou de mim depois que saímos, então ontem foi quando voltamos a sair, ou quase isso. — respondo, envergonhada.

— Será que ele merece seu tempo, anjinho? — indaga.

— Acho que a real pergunta seria “*Será que eu mereço o tempo dele?*”, porque ele é tão bonito, Spencer! É como se eu estivesse participando de um dos muitos filmes de romance que já assisti, onde o capitão do time de futebol se apaixona pela novata estranha. — suspiro.

— Ele está apaixonado por você? — pergunta, subindo as duas

sobrancelhas.

Dou uma risada sem graça.

— Não... Não sei na verdade, mas eu estou. — respondo.

— É só tomar cuidado, anjinho. — alerta-me e eu aceno positivamente com a cabeça. — E você *não* é estranha.



Depois de prepararmos uma grande quantidade de pizza, finalmente paramos para descansar cinco minutos antes de sairmos para atender as mesas. Simon aparece, juntando-se a nós nos últimos minutos.

— Você está pronto para servir mesas hoje, Simon? — Spencer provoca e eu escuto Simon bufar ao meu lado.

— Depois não venha questionar minha idade mental, uma vez que a sua também não é grande coisa. — ele joga de volta para ela, que bufa do meu outro lado.

Talvez eu devesse sair do meio dos dois e deixá-los resolverem seus problemas. E é isso que eu faço.

— Filha, mesa dois! — mamãe exclama. — Spencer, mesa quatro!

— Aprende como se faz, pirralho. — Spencer diz a Simon, bagunçando o cabelo dele, enquanto o mesmo protesta entre dentes.

Balanço a cabeça, rindo dos dois ao passo que tiro meu avental e touca. Meu cabelo já está preso em uma trança firme e eu saio, pegando meu outro avental e caderneta com a mamãe.

— Eu acho que conheço ele... — ela resmunga pensativa, olhando para alguma coisa.

— Ele quem? — pergunto, virando o rosto pra trás e arregalando os olhos em seguida.

Seth.

Santa merda, é o Seth!

Ele me encara divertidamente, com uma mulher sentada ao lado dele que é bastante parecida com ele.

Ai meu Deus!

Respiro fundo, contando de um até dez, enquanto viro para encarar a mamãe outra vez.

— É *ele*, mãe! — exclamo em um sussurro mudo.

— *Ele?* — exclama de volta da mesma forma que eu fiz.

— Sim, mãe! O que eu faço agora? Eu não quero ir, eu não quero ir! Estou morrendo de vergonha, nós nos beijamos ontem e... — falo andando de um lado para o outro. — Eu não quero ir, mamãe. Vou chamar o Sim...

— Calma, filha. — ela me segura. — Você pode fazer isso, tudo bem, amor? É só ir lá e agir normalmente, ele não é um bicho de sete cabeças. — encoraja-me e eu assinto, puxando uma respiração profunda.

— Tudo bem... — sussurro, espiando por cima do seu ombro e achando Seth ainda me encarando, mas agora a mulher também está me encarando. — Quem será que é ela, mamãe? — pergunto.

Minha mãe volta a olhá-los discretamente.

— Talvez uma tia... ou a mãe. Eles são muito parecidos, com certeza é

a mãe. — fita-me novamente.

Sinto meu estômago afundar.

— Eu acho que estou com dor de barriga, mamãe... — digo, sentindo meu estômago balançar violentamente e meus nervos atijarem.

— Vai dar tudo certo, amor. Vá lá antes que eu o faça e sente com eles para conversar um pouco. — ela ameaça.

— Está bem, está bem... Eu vou. — puxo outra respiração profunda.

Pego uma caneta em cima do balcão e passo por debaixo do mesmo, caminhando até a mesa dois e concentrando-me em meus passos.

Capítulo 23

Eu fiz?

Seth Sawyer

O rosto assustado de Pearl ao me ver é provavelmente a melhor coisa que vi nesse dia. Quando eu estava saindo de casa, decidindo que era hora de vir atrás da garota outra vez, minha mãe enfiou-se dentro do carro e não quis sair de jeito nenhum. Ela bateu o pé no chão e disse que não iria sair do carro nem mesmo arrastada... Como se eu fosse arrastá-la, de qualquer forma. Eu tive que ceder e quando contei-lhe qual seria o nosso destino, ela adorou.

Essa tarde eu lembrei-me de que havia guardado o endereço da pizzaria onde Pearl trabalha desde o dia que ela fez a entrega de pizza na casa de Sculler. Quando o fiz, não pensei que serviria para alguma coisa, *até agora*.

— É a garota da foto, filho! — minha mãe exclama animada, fazendo-me rolar os olhos. — Ela é muito mais bonita de perto. — segura meu braço esquerdo com força. — Será que eu posso elogia-la? — completa.

— Ela já deve ter ouvido daqui, mãe. — retruco e ela dá uma risada sem graça.

Pearl continua se aproximando de nós e logo para em frente a nossa mesa, de cabeça baixa enquanto rabisca na caderneta que tem na mão. Suas bochechas já estão coradas e como os seus cachos estão presos, deixam o caminho livre para o seu rosto fino e pequeno. Ela parece bonita, mesmo usando uma calça cáqui creme, camiseta vermelha, seu tênis branco de sempre e um avental também vermelho.

— B-Boa noite, vocês já sabem o que vão pedir? — ela pergunta tão baixo que minha mãe me dá uma cotovelada.

Porra, a culpa não é minha.

— Não, Girassol, mas você poderia nos ajudar com isso. — retruco e minha mãe me dá outra cotovelada, fazendo-me olhá-la atrás de respostas, enquanto Pearl encolhe os ombros.

— Qual a melhor pizza, querida? — minha mãe toma conta da situação. — Desculpe o meu filho, não queremos atrapalhar você no seu local de trabalho.

Pearl finalmente sobe o olhar para nos encarar, ignorando-me brevemente para fitar a minha mãe com os olhos assustados. Eu não sei o que está se passando por sua cabeça, mas ela parece realmente assustada como o inferno. Uma mulher loira se aproxima, empurrando Pearl e quase fazendo-a tropeçar em cima da mesa.

— Vocês não estão atrapalhando. — diz, enquanto Pearl se recompõe. — Você pode ficar um pouco com eles, amor. Vou chamar seu irmão que ainda não fez nada.

— *Mãe...* — Pearl sussurra em desespero.

Então essa é a mãe dela? Parece que ela puxou muito para ela e eu posso jurar que Pearl irá parecer com ela quando for mais velha. Sua mãe é realmente bonita, como ela.

Mas que diabos eu estou pensando?

— Sente-se conosco, querida. — minha mãe agora insiste.

— Tudo bem... — Pearl resmunga, puxando uma cadeira ao meu lado e se sentando.

A mãe de Pearl se afasta com um sorriso no rosto, prometendo trazer uma pizza e refresco para nós. A loira ao meu lado fica olhando em qualquer direção que não seja a minha e a da minha mãe.

— Então, querida, você trabalha aqui há muito tempo? — minha mãe começa com as perguntas e Pearl volta a fitá-la.

— *Oh, não...* Eu, meus pais e meu irmão nos mudamos recentemente de Wimberley no Texas para cá. Esse é um negócio de família, herdado da minha avó materna, que viveu grande parte da vida dela na Itália, antes de se apaixonar pelo meu avô e se mudar para a América. — Pearl explica, dando-me mais informações sobre ela enquanto fala com minha mãe. — Minha mãe nunca deixou nossa raiz italiana morrer, então deu continuidade ao legado da minha avó.

— Isso é bonito, querida. — mamãe diz, absorta. — Aliás, Seth também...

— Mãe, não. — eu a corto, lançando-lhe um olhar irritado.

Não estou deixando ela falar qualquer coisa da nossa vida para Pearl. Eu já que sei onde isso vai parar e eu não gosto dessa merda de assunto.

— Aqui está! — a mãe de Pearl chega para nos servir, colocando uma pizza média na mesa e três copos com alguma bebida.

Pearl volta a olhar para sua mãe, suplicante, e eu seguro a vontade de rir. Porra, Pearl...

— Oh, esqueci de apresentar-me, mas eu sou Cassandra Sawyer, mãe desse garoto ranzinza, mas que no fundo é doce demais para o seu próprio bem...

Jesus Cristo, da próxima vez que a minha mãe se enfiar no carro e falar que não sairá lá dentro, eu aborto toda porra de plano que eu tiver e fico em

casa.

Pearl dá uma risada.

— É um prazer conhecê-la, Senh...

— Sem essa coisa de Senhora, por favor. Eu nem sou tão velha assim.
— mamãe resmunga, cortando Pearl que agora tem as bochechas mais vermelhas. — Apenas Cassie, por favor.

— É um prazer conhecê-la, Cassie. Eu sou Pearl Wyatt, a propósito. — Pearl diz acanhada.

— Ou Girassol, eu sei... Seth me falou de você há algum tempo. — minha mãe retruca.

— *Eu fiz?*

— *Ele fez?*

Eu e Pearl perguntamos respectivamente ao mesmo tempo.

Ela finalmente me fita, com o brilho inconfundível de sempre no olhar. Um sorriso ameaça aparecer em seus lábios, enquanto nos encaramos firmemente.

— Sim, algo tipo isso... Eu até mesmo vi uma foto sua no celular dele, uma na roda-gigante. Você está linda, Girassol.

Preciso conversar seriamente com minha mãe e avisá-la que eu sou o único a chamar Pearl de Girassol.

— Eu queria mostrar a foto para a mamãe... — Pearl diz, baixo.

— Ótimo, eu mostro! — minha mãe puxa meu celular que está em minha mão e sai andando apressadamente até a mãe de Pearl.

Não sei se passam minutos, mas decido que é hora de falar quando o

silêncio entre nós dois começa a ficar constrangedor.

— Olá, Girassol. — resmungo, aproximando meu rosto do dela.

— Olá, Seth. — devolve, sorrindo discretamente de lado.

Beijo sua bochecha, aproveitando para respirar profundamente o seu cheiro marcante e agradável. Ela cheira muito bem, e, *talvez*, durante o período da aposta eu gaste alguns minutos apenas cheirando-a quando estivermos sozinhos e juntos.

Capítulo 24

Será?

Pearl Wyatt

Tento relaxar na cadeira em que estou sentada, mas não consigo. Acabei de conhecer a mãe de Seth e eu acho que ela gostou de mim! O fato é que eu gostei muito dela... Ela é parecida com a mamãe e... *Oh, meu Deus!* Elas estão juntas, conversando no balcão enquanto nos encaram nada discretas.

— O que você está fazendo aqui? — indago, olhando para Seth que parece relaxado demais em seu próprio lugar.

Aliás, ele parece bonito também. Ele está usando uma camisa branca e jeans escuro, com o seu cabelo bagunçado de forma extremamente bonita.

— Eu vim comer pizza. — diz, simples e eu levanto uma sobrancelha.

— Nessa pizzeria? — continuo, já que não estou caindo em sua resposta.

Seth se aproxima de mim e eu obrigo-me a recuar um pouco. É embaraçoso demais tê-lo aqui, com a consciência de que nossas mães estão nos encarando e de que meu pai pode chegar a qualquer momento.

— Na verdade eu vim te ver, Girassol. — admite, olhando-me intensamente.

Sinto meu estômago comprimir de forma absurda ao ouvi-lo dizer que veio por mim.

Ele não está me ignorando dessa vez!

— E você trouxe sua mãe? — pergunto, sorrindo nervosamente.

Seth faz uma careta e eu seguro o riso.

— Ela convidou a si mesma, eu não tive como escapar. — responde, olhando na direção de nossas mães que provavelmente ainda estão nos encarando. — Ela gostou de você. — resmunga, pegando uma fatia de pizza, oferecendo para mim que aceito educadamente.

— Isso deve ser bom, não é mesmo? — indago, meio incerta.

Seth pega um pedaço para si e morde sem me fitar de volta.

— Bom... — resmunga outra vez, não me dando qualquer certeza de que ele está falando sobre a pizza ou sobre o que perguntei-lhe. — Ela não é tão receptiva como foi com você... Minha mãe costuma ser bem na dela por muitos motivos que não vem ao caso nesse momento. — completa.

Mordo um pedaço pequeno, assentindo para ele.

— Você não teve problemas para chegar em casa ontem? *Você estava meio...* — tento mudar de assunto, fazendo Seth rir.

— Eu disse-lhe ontem que nem estava tão alto assim, Girassol. — retruca, fitando-me novamente. — Você se preocupou comigo? — levanta uma sobrancelha.

Dou de ombros, sentindo minhas bochechas queimarem e agora mordendo um grande pedaço da pizza para não ter que falar qualquer coisa. Seth solta uma gargalhada, pegando um guardanapo e passando pelos cantos da minha boca e pelo resto do meu rosto.

— Você não precisa ficar nervosa, Girassol, foi só uma pergunta. — ele diz ainda rindo enquanto eu mastigo a comida com pressa. — Pelo amor de

Deus, você pode ficar calma, por favor? Mastiga devagar ou então irá se engasgar. — continua, parecendo mais sério agora.

Faço o que ele me diz e quando estou terminando, ele me oferece um dos copos com refresco de limão que estão em cima da mesa.

— A reunião dos amiguinhos acabou? — Simon chega de algum lugar, oferecendo gratuitamente uma carranca para Seth.

Spencer se aproxima sorrindo, enquanto para ao lado de Simon, colocando um braço em seu ombro.

— Deixe a sua irmã em paz, pirralho. — Spencer atira para Simon.

— A irmã é minha e eu só vou deixá-la em paz quando esse id...

— *Simon, mesa sete!* — mamãe exclama, cortando-o.

— Vai lá, pirralho. — Spencer provoca, empurrando Simon que sai resmungando.

Spencer encara Seth, avaliando-o brevemente.

— Você é o garoto que chamou Pearl e o pirralho para sair ontem? — ela pergunta, colocando uma mão em meu ombro.

— Eu mesmo. — Seth responde, rolando os olhos.

— É bom que saiba o que está fazendo com ela e que corresponda toda merda de expectativa que ela tem, caso contrário nós teremos uma conversa *bem* séria. — ela ameaça abertamente e eu tenho vontade de enfiar minha cara em algum buraco e nunca mais tirar. — Por ora eu vou te observar, *bonitinho*. — completa e sai andando.

Como se fosse possível, sinto minhas bochechas queimarem com tanta intensidade que abaixo meu rosto, tentando esconder minha vergonha.

— Eu deveria sentir-me ameaçado por eles dois? — Seth pergunta, referindo-se ao comportamento de Simon e Spencer.

Dou de ombros, ponderando se devo ou não encher minha boca de refresco de limão só para não ter que responder outra vez.

— Sua mãe disse que você está liberada para ir lá em casa qualquer dia para ensinar-me a fazer pizza! — Cassie exclama, voltando para mesa e eu finalmente levanto o rosto para fitá-la.

— Lá em casa? — Seth indaga entre dentes.

Solto um suspiro, observando-a dar uma cotovelada em Seth. Talvez ele não queira que eu vá porque nos beijamos apenas duas vezes... Pode ser cedo demais, embora ele tenha vindo me procurar e tenha conhecido minha mãe.

— Nós podemos marcar algo aqui, seria melhor... Temos mais espaço e...

— Não, querida. Lá em casa é melhor e eu posso garantir que Seth ficará feliz em te levar para lá e depois te trazer de volta. — ela diz, sorrindo.

Encaro Seth, que já está me fitando.

— Tudo bem... — sussurro.

— Agora vamos terminar com a pizza porque ainda tenho que fazer algumas perguntas para sua mãe. — Cassie comenta animada, sorrindo largamente e eu acabo sorrindo com ela.



Quase vinte minutos depois, a mãe de Seth volta a se levantar e vai até a minha mãe pela segunda vez.

— Vamos lá fora, Girassol. — Seth fala, levantando-se e deixando alguns dólares em cima da mesa.

Já que a mamãe deixou eu ficar até agora aqui com eles, não deve ter problema nenhum eu sair rapidamente com Seth.

Enfio minha caderneta e caneta dentro do bolso do meu avental, seguindo Seth que para apenas para abrir a porta e deixar-me sair primeiro. Assim que estamos do lado de fora, ele segura minha mão e me puxa até o seu carro, o mesmo que usou para me levar até Santa Mônica.

— Está tudo bem? — pergunto franzindo o cenho e sentindo meu coração acelerar violentamente.

Seth me empurra não tão gentil contra a porta do carro, sorrindo de lado enquanto planta as duas mãos dos dois lados da minha cintura.

Ai, meu Deus!

Será que ele vai me beijar outra vez?

*Acho que **não** estou pronta.*

Capítulo 25

Ela só é agradável

Seth Sawyer

Com ela em minhas mãos, aproximo meu rosto do de Pearl, não deixando de observar e sentir cada reação que ela tem a cada movimento que dou. Aperto sua cintura, notando ela expandir os olhos quase que dramaticamente. Afrouxo o aperto, deslizando um braço por sua cintura e levando minha outra mão até o seu rosto.

— O que nós estamos fazendo? — ela sussurra, ofegante, e eu inclino meus lábios em um sorriso.

— *Estamos...* — analiso minhas opções de resposta e uso a única que parece ser menos ruim. — Estamos matando a saudade. — enuncio.

O corpo de Pearl parece ter ficado instantaneamente mais mole em meus braços e isso quase que me faz sorrir. Os olhos dela pesam, mas ela continua me olhando por uma ínfima fenda.

— Você esteve com saudade de mim? — pergunta, segurando-se em meus ombros.

— Você esteve com saudade de mim? — pergunto de volta, não querendo estragar o momento que estou criando por causa da minha falta de resposta.

— Sim... *muita*. — confessa.

Selo nossos lábios com fome, só que agora a fome é completamente

diferente e eu não sei por que tenho essa fome *dela*. Talvez porque ela seja doce e eu queira provar algo doce, ou, talvez porque ela seja inexperiente e eu queira ensinar tudo o que sei para ela. Se for para arriscar, eu misturaria os dois e criaria uma nova resposta para essa estúpida fome que eu tenho dela.

Sua língua procura timidamente o espaço entre meus lábios para entrar na minha boca. Solto uma risada, separando meus lábios para dar-lhe o que ela precisa, que, de certa forma, é o mesmo que eu preciso. Seguro sua trança desde a base, inclinando sua cabeça para mim. Outra vez ela está completamente entregue a mim e eu gosto pra caralho disso, já que eu sou o único a guiá-la.

Deixando um pouco a timidez de lado, Pearl sobe suas mãos até meu cabelo, passeando com os dedos finos de forma tão suave que eu simplesmente perco meus sentidos por alguns segundos.

Não sei quanto tempo se passa, mas logo ela começa a recuar do beijo, voltando a segurar meus ombros. Entretanto, não estou pronto para deixá-la ir. Separo nossas bocas, escutando-a soltar um suspiro pesado, enquanto desço meus beijos por seu rosto, até chegar em seu pescoço.

Ela é tóxica e nem mesmo sabe disso. Porra, o cheiro dela é como uma droga, e mesmo que eu já tenha usado drogas antes, nada se compara ao cheiro dela. É suave, mas ao mesmo é inebriante, **tóxico**. “*Droga*”, é isso que ela é. Eu sei que deveria me afastar antes de ficar dependente, mas eu não consigo. Não é que eu não queira me afastar, mas é porque eu não quero dar esse gosto para ninguém mais.

— *Seth...* — ela sussurra, quase que gemendo.

— O que foi, Girassol? — rosno, reprimindo a vontade que tenho de chupar seu pescoço só para deixá-la marcada.

— Isso faz cócegas... — usa o mesmo tom baixo.

Afasto meu rosto de seu pescoço apenas para encará-la, não encontrando qualquer ameaça de sorriso em seus lábios.

— *Cócegas?* — indago, franzindo a testa a espera de sua resposta.

— É... *cócegas*... — retruca, suas bochechas mais vermelhas, enquanto ela finalmente começa a abrir os olhos para me encarar de volta.

— Mas você não está rindo. — constato o óbvio e ela finalmente solta um sorriso sem graça.

— É porque não faz realmente cócegas... Quer dizer, eu não sei como explicar! — responde, começando a falar rápido. — É que não são como as cócegas na barriga ou debaixo dos braços... são diferentes, mas são cócegas, eu acho. É bom, mas e-eu não sei se é normal sentir cócegas *nesse... l-lug... Ai, meu Deus...*

Pearl inclina a cabeça sobre meu ombro.

— Onde você sente essas cócegas? — indago, mas sei que ela não estará falando isso em voz alta.

— Não sei... — resmunga.

— Na barriga? — tento e ela balança a cabeça negativamente. — Abaixo da barriga? — continuo, afagando suas costas enquanto ela pondera sua resposta, mas acaba balançando que não. — No meio das pernas? — tento uma última vez e ela não reage.

Porra, ela realmente estava excitada, o que me deixa saber que seu pescoço é um ponto fraco.

— *Isso é normal?* — pergunta depois de um minuto.

Seguro seu rosto outra vez, fazendo-a me encarar.

— É normal, Girassol. — enuncio.

— E o que isso significa? — volta a perguntar, inclinando a cabeça para o lado.

— Algum dia eu te conto, Girassol. — digo, sem deixar de sorrir de lado.

Pearl e eu ficamos nos encarando sem falar qualquer coisa até que escuto a voz da minha mãe se aproximando, enquanto conversa com alguém. Afasto meu corpo do de Pearl, dando um passo para trás para ela ter seu próprio espaço.

— Foi um prazer conhecer vocês! — minha mãe exclama para a mãe de Pearl.

Não demorando muito, Pearl vai em passos largos até sua mãe, ficando ao seu lado de cabeça baixa.

— O prazer foi todo meu. — a mãe de Pearl sentencia, sorrindo abertamente. — E, *claro*, estão convidados para aparecer sempre que quiserem.

— Olha que eu venho mesmo. — mamãe diz, dando uma risada e indo até Pearl. — Adorei conhecer você, querida. — diz.

Pearl sobe o rosto, sorrindo timidamente.

— Eu também adorei conhecer você, Cassie. — retruca, olhando rapidamente para mim e desviando em seguida.

— Temos que ir agora. — minha mãe volta a falar, virando para mim com um sorriso grande.

— Boa noite, Senhora Wyatt, *Girassol*. — falo, vendo a mãe de Pearl empurrá-la pelo ombro.

— Boa noite. — as duas respondem em uníssono.

Destravo as portas do carro e minha mãe entra, acenando uma última vez para as duas que agora andam abraçadas para dentro da pizzeria. Tomo meu lugar e parto para casa.

— Ela é adorável, filho. — minha mãe começa, encarando-me com o mesmo sorriso grande.

— Sim, ela é. — resmungo de volta.

— E o apelido que você deu a ela também é adorável. — continua, fazendo-me rolar os olhos.

— É, mãe, *quase* isso. — paro no sinal vermelho e viro para fitá-la de volta. — Mas seria bom se inventasse o seu próprio apelido para ela.

— O que quer dizer? — pergunta, dando uma gargalhada.

— Quero dizer que esse foi eu quem inventou e somente eu vou usar. — aviso, o que só a faz rir mais ainda.

— Você já está todo ciumento, filho? — provoca batendo em meu braço. — Mais adorável que o apelido que você deu para ela, é você ciumento por conta do apelido. — comenta.

Acelero outra vez, ligando o rádio.

— Que seja, só quero dizer que a senhora não deve mais usá-lo. — digo, esperando outro tapa no braço.

Espero por quase um minuto, mas ela fica em silêncio. Paro em outro sinal e viro outra vez para ver o que há.

— Você gosta dela. — diz, observando-me intensamente. — **Mesmo.** — completa.

— Não é bem assim. Ela é agradável e isso é tudo. — retruco irritado.

— Eu sei o que estou vendo, filho.

Resolvo não responder, porque não quero discutir com a minha mãe.
Ficamos o resto do caminho em silêncio confortável, apesar de tudo.

Eu **não** gosto de Pearl. Não *mesmo*. Ela só é agradável, às vezes.

Capítulo 26

Ele viu!

Pearl Wyatt

Termino de pentear meu cabelo, arrumando os cachos sobre meus ombros. Sento-me na minha cama e calço a sapatilha preta com detalhes brilhantes de *strass* que a mamãe comprou ontem quando saiu com o papai.

Depois que a mamãe conheceu Seth, ela colocou na cabeça que compraria muitas roupas novas para mim. Disse-lhe que não havia necessidade, mas ela me ignorou e foi às compras no domingo.

— Vamos, Pearl! — Simon grita, batendo na minha porta.

Levanto da cama e pego minha mochila, alisando o vestido azul que decidi usar hoje, só pra variar, já que todos os dias eu uso vermelho.

Não vou mentir, eu estou animada para ver Seth hoje. Quer dizer, só de pensar nele eu já sinto o mesmo frio na barriga familiar que se instala em mim quando ele chega perto.

Saio do quarto e faço meu caminho até o andar de baixo com calma para não tropeçar em meus pés.

— Hoje eu tenho treino até às seis. — escuto Simon avisar nossos pais. — Teremos alguns jogos inter-colegiais antes do campeonato começar, então o treinador já marcou o primeiro treino para hoje.

Entro na cozinha e me sento ao lado de Simon.

— Bom dia, mamãe. Papai. — saúdo os dois, que acenam com a cabeça.

— Pearl, você vai esperar seu irmão na escola ou virá sozinha? — mamãe pergunta.

— Eu espero.

— Ela vem sozinha.

Eu e Simon falamos ao mesmo tempo, nos entreolhando.

— Não é uma boa ideia Pearl ficar lá, já que provavelmente vai ser bastante entediante para ela. — Simon diz, cerrando os olhos pra mim.

— Não vai ser entediante... Além do mais, eu não gosto de andar sozinha. — retruco, fazendo uma careta.

— Ela vai ficar então. — mamãe diz e minha perna é chutada.

Olho para Simon novamente e chuto sua perna de volta.

— Que seja, vamos logo. — Simon diz irritado, levantando-se da mesa

Rolo os olhos, pegando uma maçã e puxando minha mochila pra cima ao passo que me levanto, despedindo-me dos meus pais e saindo atrás de Simon.

— Ei, me espera! — exclamo saindo de casa atrás dele e correndo para acompanhar seus passos largos.

— Você quer ficar para ver o idiota treinar, não é mesmo? — Simon atira sem me olhar.

— Por que não para de uma vez por todas com essa implicância? Ele não fez nada pra você, Simon. — exclamo novamente, sem perder o ritmo.

— Realmente, ele não fez ou está fazendo qualquer coisa para mim. —

resmungo. — Mas eu continuo não gostando dele e se eu descobrir qualquer coisa fodida sobre ele, você já sabe o que eu vou fazer. — Simon completa.

— Você não vai descobrir nada, porque não há nada a ser descoberto. Além disso, eu confio nele. — afirmo.

— Que seja. Vamos logo ou nos atrasaremos. — finaliza a nossa conversa.



Entro na sala de História, feliz pelo professor ter se atrasado e pego um lugar bem na frente. Coloco minha mochila em cima da mesa e puxo meu material para fora, arrumando-o para o começo da aula.

— Posso me sentar aqui? — escuto alguém perguntar e levanto a cabeça para fitar quem quer que seja.

Aceno rapidamente, não deixando de notar o quão bonito ele é. Volto a olhar para o meu material, afastando-me para ele ter mais espaço para se sentar. — Eu sou Chace, Chace Peck. — escuto-o dizer e viro meu rosto para observá-lo.

Ele tem a mão estendida pra mim e um sorriso bonito no rosto. Devolvo-lhe o sorriso e aperto sua mão, tentando parecer agradável.

— Sou Pearl Wyatt. — respondo, sentindo minhas bochechas queimarem assim que vejo Seth entrar na sala.

Nossos olhares cruzam e ele endurece a postura, olhando para minha mão e de Chace juntas. Puxo minha mão bruscamente, tossindo

nervosamente, o que chama a atenção de Chace e faz ele se virar para ver o que eu estou vendo.

— Ele parece zangado. — Chace zomba e eu abaixo a cabeça envergonhada. Espero que Seth não pense errado de mim, já que eu não fiz nada demais. — Seu namorado? — pergunta.

— Não... Quer dizer, eu não sei realmente. — sussurro, torcendo para que ele não escute.

O professor entra na sala completamente ofegante, carregando seu material com dificuldade.

— Página vinte e sete, crianças. — ele diz, jogando as coisas na mesa e sentando-se.

Viro meu rosto pra trás, olhando por cima do ombro enquanto procuro Seth. Encontro-o me encarando de olhos cerrados e expressão fechada. Seus olhos não suavizam nem mesmo quando ele tranca o olhar no meu.

— Você divide o livro comigo? Eu infelizmente não tenho o meu ainda. — Chace indaga e eu volto a me sentar corretamente.

— Claro. — respondo, abrindo o livro na página indicada pelo professor.



Chace não é uma pessoa desagradável, mas o fato de a todo momento eu sentir o olhar de Seth em cima de mim, deixou-me um pouco no automático.

— Na próxima aula quero receber um resumo do assunto que acabamos de estudar. Um por cada bancada, ou seja, considerem-se uma dupla. — o professor diz assim que a aula termina.

Começo a arrumar meu material de volta na minha mochila.

— Precisamos marcar um lugar para fazermos o resumo. — Chace diz e eu aceno com a cabeça.

— Sim, claro. — resmungo, fechando minha mochila. — Meu irmão tem treino hoje à tarde... Ele faz parte do time de futebol da escola, então vou ficar para esperá-lo. Podemos fazer depois das aulas, se você não estiver ocupado. — falo, encolhendo os ombros. — Ou eu posso fazer sozinha e colocar seu nome, nã...

— Nada disso. — ele me corta. — Hoje eu tenho que sair com meus pais depois que as aulas acabarem, mas me diga outro dia amanhã e então faremos o resumo juntos. — diz, inclinando-se e beijando minha bochecha, pegando-me totalmente de surpresa. — Foi bom conhecer você, Pearl. — completa, afastando-se com um sorriso no rosto.

Olho para os lados, vendo Seth sair da sala em passos largos. Muito largos. Sinto meu estômago embrulhar instantaneamente.

Ele não viu, ele não viu, ele não viu.

Ai, meu Deus! Eu acho que ele viu!

Capítulo 27

Vale para todos

Seth Sawyer

É muito bom que aquela cena tenha acabado de se passar na minha frente, só para me lembrar um dos porquês de eu estar na estúpida aposta. E eu pensei que ela era mais que isso, porra! Mas não... Todas elas são iguais, e eu não estou ligando para a sua inocência. Não mesmo. Como diabos ela pôde deixá-lo fazer isso? Deixar o filho da puta beijar sua bochecha? Além disso, eles passaram a aula colados como o inferno. Sem esquecer que agora são parceiros nessa matéria.

Grande merda...

Se eu estava deixando-me ser enganado por sua fachada doce, é bom que agora eu sei que ela não passará de ser apenas mais uma na minha lista, e eu vou fazer questão de realmente fazer uma lista apenas para anotar o nome de Pearl Wyatt, a Girassol.

— Seth, Seth, Seth! — e lá vem ela. — Seth, por favor, para de andar tão rápido! — exclama, puxando meu braço e parando-me antes de se meter na minha frente.

— O que aconteceu? — pergunto, controlando-me para não explodir na sua frente e estragar tudo.

— V-Você está chateado comigo? — gagueja, soltando meu braço e eu finalmente a encaro. — Olha, eu sinto muito, eu nem conheço ele, e-eu nem

sei por que ele bei...

— Do que você está falando? — pergunto outra vez.

Ela parece perdida diante minha atitude, mas eu não vou dar nenhuma reação precipitada para ela. Não estupidamente vou. Se ela acha que eu estou com ciúmes, bom... *Coitada*.

— O Chace, que estava sentado comigo... Ele só estava sendo gentil e então... Ai, meu Deus, eu não sei, tudo bem? Eu só pensei que você estava chateado comigo e eu não quero que fique chateado comigo. — fala tão rápido quanto pode, encolhendo os ombros e abaixando a cabeça.

— Não estou chateado com você, Pearl, *nem perto disso*. — falo, minha voz saindo mais seca que o esperado. — Espero que ele não pense que você não está comprometida, ou então eu terei que avisá-lo, de qualquer forma. — rosno, atraindo sua atenção para mim outra vez.

— Mas nós não...

— Nós estamos saindo, Pearl. Você acha que não tem que ser fiel apenas por que não somos oficiais *ainda*? — pergunto, cortando sua estúpida frase.

— O quê? Não! Quer dizer, sim... Eu não... Oh, Seth, eu nem mesmo pensei em te trair... — sussurra exasperada. — Não, não, não, não, eu nunca faria isso, por favor, não pense que eu estava deixando C-Chace...

— Eu não estou pensando nada, Pearl. — retruco.

Seus olhos brilham de forma intensa e lágrimas ameaçam cair. Bom, era só o que me faltava mesmo.

— Por que você continua m-me chamando de P-Pearl? Eu gosto quando me chama de Girassol! — sussurra outra vez, mordendo o lábio

inferior que começa a tremer.

— Você não vai chorar, não é mesmo, Girassol? — indago, puxando-a para um abraço, onde ela segura em minha camisa com força. — Eu só estou irritado, mas não é com você. Nunca é com você. — completo forçadamente.

Sua respiração rápida vai se acalmando e eu não estou ligando se tem gente nos olhando no momento, só quero que ela não comece a chorar agora. — Me desculpa, por favor... — pede com a voz abafada.

— Eu não tenho nada para desculpar, Girassol. — retruco, irritado com a atitude insistente dela.

— Mas eu preciso que me desculpe... — diz, em tom de explicação.

Bufo, rolando os olhos em seguida.

— Tudo bem. Eu desculpo você, Girassol. Satisfeita?

— Sim. — murmura, afastando o corpo lentamente do meu.

Seus olhos não estão mais marejados, mas o brilho continua, assim como o tom avermelhado fiel de suas bochechas.

— Vem, vou te levar pra sala. — digo, oferecendo minha mão para ela, que aceita e segura com força, entrelaçando nossos dedos.



Depois de ter deixado Pearl na sua aula, eu segui para a minha, irritado como o inferno. As aulas se arrastaram e na hora do almoço, eu fui chamado pelo treinador para uma reunião e acabamos almoçando juntos em sua sala. Agora finalmente as duas últimas aulas terminaram e é hora do treino. Saio

da sala com Sculler e os caras, que estão conversando atrás de mim enquanto checo meu celular.

“Que tal você comprar pizza para o jantar?

Beijos da Mamãe.”

Rolo os olhos, sabendo muito bem o que ela quer.

“Eu sei muito bem o que a senhora está querendo. Eu vou pensar na possibilidade até o término do treino.

Seth.”

Enfio meu celular na calça e saímos para o campo, indo direto até o vestiário.

— Como está indo com a caipira, Seth? — Vance pergunta, dando uma risada.

— Que tal você calar a merda da sua boca? — retruco, abrindo meu armário e jogando minha mochila lá dentro, pegando minha outra mochila que tem meu equipamento.

— Já está defendendo a caipira, Seth? E eu ainda pensei que demoraria um pouco mais até você estar de joelhos nos pés da caip... — corto Vance, empurrando-o contra seu armário.

Seguro-o por sua camisa, fitando sua expressão assustada de perto.

— Se você chamar a garota outra vez de caipira você terá que procurar a porra de um dentista pra arrumar o estrago que farei em sua boca. — rosno, vendo-o acenar positivamente enquanto busca por ar.

Sculler me empurra para o lado, fazendo-me soltar Vance que está esfregando o pescoço copiosamente.

— Isso vale para qualquer um. — aviso, andando de volta até meu armário.

Os outros caras do time começam a entrar no vestiário, incluindo o irmão de Pearl, e logo estamos todos saindo lá de dentro equipados e prontos para o treino.

— Volte atrás nessa porcaria de aposta, você ainda pode fazer isso sem que ocorra danos maiores, cara. — Sculler diz, andando ao meu lado enquanto entramos no campo.

Meus olhos são puxados para a arquibancada, onde encontro Pearl sentada ao lado de Macy com o imbecil da aula de história ao seu lado. A mesma raiva que senti quando o vi beijando Pearl na bochecha volta e me empurra com força, guiando meus passos até os três.

— Eu não estou desistindo. Não mesmo. — falo para Sculler, enquanto caminho em passos largos até eles.

Macy me percebe antes mesmo de eu chegar lá e levanta uma sobrancelha para mim, me desafiando, enquanto volta a fitar os dois como se eles fossem bastante interessantes.

Assim que começo a subir a escada da arquibancada, Pearl me encara com os olhos arregalados, arrastando seu corpo para longe do imbecil.

Os três se levantam, facilitando o que eu tenho em mente para fazer. — Olá, Seth, tudo bem? — Macy exclama.

Finalmente paro na frente do cara, que não recua para o seu próprio bem.

— Estou bem. — rosno, cerrando os olhos e solto meu capacete no chão, fazendo o que vim fazer desde o começo.

Capítulo 28

O que foi isso?

Pearl Wyatt

Seth deixa de olhar para Chace apenas para me encarar de volta. Ele parece zangado, igual hoje mais cedo, e isso me dá um pouco de medo para falar a verdade. Dando um passo para o lado, Seth segura minha cintura, puxando-me bruscamente para si e colando nossos corpos. Abro minha boca para perguntar o que ele está fazendo, mas sou calada por ele, que me beija abruptamente.

Esse parece ser um beijo diferente do que qualquer outro que já tivemos antes, mas mesmo assim eu fecho meus olhos, segurando em seus ombros para me equilibrar. Sua língua desliza para dentro da minha boca, literalmente brigando comigo e deixando o beijo desconfortável.

Tão zangado quanto antes, Seth também parece zangado me beijando, enquanto tento acalmá-lo instintivamente. Ele desliza a mão por minha cintura, indo até a minha bunda e quando tento para-lo, ele ignora, empurrando minha mão para o lado. Abro meus olhos, achando-o já de olhos abertos, olhando para algum ponto atrás de mim. Não tento esquivar do seu beijo, já que ele é forte demais, mas Seth está começando a me assustar.

— Solta ela, imbecil! — Chace rosna atrás de mim.

Tudo acontece rápido. Chace empurra Seth de forma que não me acerta, apenas me desvencilha dele. Puxo o ar com força, olhando assustada para Seth que agora bufa com um touro.

— Se eu fosse você, eu não me meteria *nisso*. — Seth retruca, se aproximando outra vez.

— Que bom que você não é eu, ou vice-versa. Eu odiaria ser um imbecil tão estúpido quanto você. — Chace retruca também se aproximando.

Coloco-me no caminho dos dois, separando-os antes que comecem a brigar feio. — Seth, para com isso... — sussurro desesperada, finalmente atraindo seu olhar para mim.

Como um se tivesse acordado de um pesadelo, ele arregala os olhos, puxando-me em um abraço forte, que eu acabo retribuindo.

— Sinto muito, Girassol. — diz entre dentes, endurecendo os músculos como se estivesse em uma luta interna.

— Pearl, se quiser eu poss...

— Dá o fora, porra! — Seth esbraveja, cortando Chace e apertando-me mais ainda contra ele. — Você também, Macy. Sumam daqui! — completa.

— Pearl...

— Tudo bem, Chace, eu vou ficar bem. — falo sem fitá-lo, já que estou envergonhada demais para fazê-lo.

Escuto os dois se afastarem sem falar nada e Seth começa a afrouxar o aperto, soltando-me lentamente.

— O que foi isso? — pergunto franzindo a testa.

— O que ele estava fazendo aqui novam...

— Treino, Seth! — o treinador exclama, cortando-o.

Seth bufa irritado, pega o capacete e desce sem falar qualquer coisa. Desabo no banco, tentando entender o que acabou de acontecer.



O treino finalmente termina depois de duas horas e meia. Passei metade do tempo tentando me concentrar nas minhas atividades e metade do tempo olhando os garotos no campo. Por um par de vezes, peguei Seth e Simon conversando amigavelmente, enquanto Seth corrigia os lançamentos do meu irmão.

Jogo minhas coisas dentro da minha mochila e me levanto, vendo Simon se aproximar já banhado e sorridente.

— E aí, pirralha, o que achou do seu irmão? — ele provoca, fazendo-me rolar os olhos e dar uma risada.

— Você esteve bem, talvez até mesmo consiga tomar o lugar de Seth... — provoco de volta, sentindo um braço passar por minha cintura, puxando-me para trás.

— Bom saber que pensa isso, Girassol. — Seth resmunga em meu ouvido.

Sinto minhas bochechas queimarem, envergonhada por ter sido pega falando isso.

— Eu sou o favorito dela, você vai ter que superar. — Simon atira para Seth, dando de ombros. — Temos que ir, não é mesmo, Pearl? — aceno positivamente com a cabeça.

— Eu levo vocês. — Seth diz.

— *O quê?* — eu e Simon falamos juntos.

Viro minha cabeça para encarar Seth, que parece um pouco mais leve

do que antes. Ele me encara de volta e sorri de lado, fazendo minhas entranhas apertarem com a imagem dele sorrindo só para mim.

— Minha mãe quer pizza e eu estou supondo que vocês dois estão indo para pizzaria, então é caminho para mim. — explica, simples. — É pegar ou largar...

— Então vamos logo. — Simon diz, indo na frente.

Seth me solta, pegando minha mochila e segurando uma das minhas mãos enquanto saímos juntos da arquibancada e caminhamos pelo campo até o estacionamento. O clima entre nós dois não é agradável como sempre. Eu estou nervosa, eu quero falar, quero questioná-lo, mas não sei se é a hora certa.

— Nós temos que conversar, você sabe disso, certo? — pergunto e ele aperta minha mão levemente.

— Conversar sobre aquele idiota? — murmura secamente e eu solto um suspiro, cansada.

— Sobre ele e sobre o que você fez, Seth. — retruco, dando de ombros. — Ele não é um idiota, a propósito. Ele estava sendo gentil comigo e nós estávamos conversando sobre a aula...

— Que seja. — diz entre dentes, cortando-me.

Chegamos no carro de Seth, onde Simon já nos espera enquanto fala com Sculler, que lança um olhar estranho para Seth e depois me fita. — Ei, menina, nunca mais nos falamos, não é mesmo? — Sculler diz e eu dou uma risada.

— É... Eu acho... — resmungo.

— Com caras tão legais na escola, minha irmã teve que escolher... —

Simon resmunga, parando e tossindo. — Deveria estar saindo com Sculler, *maninha*. Ele é bem mais legal. — completa, encarando Seth.

Cerro os olhos para Simon.

— Você está brincando, garoto? Minha boa vontade não é tão boa assim. — Seth retruca, irritado. — Peça para Sculler te dar uma carona, então. — cospe.

Ah, claro. Só o que me faltava mesmo... *Seth e Simon brigando*.

— Você está dando carona para ele, irmão. Eu tenho mais o que fazer. — Sculler diz, rindo e saindo balançando a cabeça.

Nós três nos entreolhamos.

— Eu só estava sendo sincero. — Simon diz e eu rolo os olhos.

— Sinceridade à parte, podemos ir agora? — pergunto.

Seth destrava o carro e abre a porta para mim, me ajudando a entrar, enquanto Simon entra no banco de trás.

— *Namorado estressadinho...* — Simon resmunga atrás de mim, enquanto Seth dá a volta no lado de fora para entrar no carro.

— Para de provocar ou eu vou falar para a mamãe, e eu não estou brincando. — ameaço Simon, que me olha desafiador.

Seth entra no carro, dando um fim na minha discussão e de Simon, partindo para a pizzeria.

Capítulo 29

Não sei o que eu quero...

Seth Sawyer

Paro o carro no estacionamento da pizzeria e Simon é o primeiro a sair, dizendo para a irmã não demorar. Solto meu cinto de segurança, irritado com o dia de hoje. Mesmo estando irritado com Pearl por causa daquele imbecil, eu sei que tocar nela da forma que eu o fiz, foi o passo mais errado que já dei, mas não tive como controlar. Eu estava tão cego de raiva que por alguns segundos eu esqueci que era Pearl que estava em meus braços, enquanto eu literalmente marcava o que é meu na frente do novato idiota.

Porra, eu nem sei mais o que eu estou fazendo. Sinto raiva dela, muita raiva. Sinto raiva do cheiro dela, da sutileza de suas palavras, do seu jeito gentil e principalmente da sua inocência. Eu quero destruí-la e repará-la, tudo ao mesmo tempo. Eu quero estar perto dela, mas quero ficar longe. É difícil, inferno! Eu estou com raiva dela, mas bastam duas palavras com sua voz aveludada que a raiva some.

No fim de tudo, eu não sei realmente o que eu quero.

— Seth. — ela me chama, suave como sempre.

— Pode falar, Girassol. — resmungo de volta.

— Eu não quero discutir com você, eu não gosto de discussões, mas eu preciso falar que... que eu não achei certo. — diz, usando o mesmo tom que usa pra falar sobre algo que gosta. — Chace não fez nada demais, nós

estávamos falando sobre nosso resumo e então você c-chegou lá e... e...

— E beijei você? — indago, virando o rosto para encará-la de volta.

— Você não me beijou. — diz, franzindo a testa. — Você me usou na frente de Chace e Macy, como se eu fosse sua propriedade. — continua, enquanto esfrega as mãos em seus braços. — É errado, *eu sei que sim*. Não somos nem mesmo namorados para me tratar do jeito que tratou e me tocar do jeito que tocou, além de ter me beijado agressivamente. — desvio meu olhar do dela, sentindo o desespero em suas palavras. — A propósito, eu não deixaria um namorado meu me tratar da forma q-que você fez. — soluça.

— Eu estava com raiva, Girassol. Fiquei cego pra caralho. — digo, socando o volante e ouvindo seu choro baixo.

— E-Eu sei, mas, Seth... Eu fiquei desconfortável e foi... *foi terrível*. — sussurra. — Eu não o contrariei porque eu gosto d-de você, *gosto muito...* Você é a primeira e única pessoa com quem eu me envolvo. Eu não sei nada sobre relacionamentos além do que já vi em filmes e no relacionamento dos meus pais. Eu não tenho uma base por minha própria experiência, mas nunca vi meu pai tratando minha mãe da forma que você fez comigo. Você me assustou.

Escuto ela tirar o cinto de segurança e sair do carro. Sem pensar duas vezes, faço o mesmo e seguro seu braço. Fito seu rosto vermelho, com lágrimas escorrendo de seus olhos castanhos, provocando a merda fora de mim.

— Sinto muito, Girassol. Porra, me desculpa, eu fiquei fora de mim, assim como fico todas as vezes que estamos juntos. — falo, sendo tão sincero quanto consigo. — Eu sou estúpido e geralmente um imbecil, mas não consigo mais me afastar de você e se quer saber a verdade, tenho uma merda de luta interna constante dentro de mim sempre que estou com você. —

enxugo as lágrimas em suas bochechas, não deixando de encarar seus olhos. — Não sou material para namorado, nunca namorei. Sou uma merda com as palavras e constantemente machuco quem eu gosto, mas eu não quero te machucar, embora isso algum dia venha a ser inevitável.

— Do que v-você está falando? — pergunta, plantando as mãos em meu peito.

E é agora que eu desisto da aposta, ou melhor, *tento*. Abro a boca novamente, mas nenhum som sai. O que diabos eu estou fazendo com ela? Que merda doentia é essa?

— Você quer um conselho? — pergunto e ela assente, com a testa franzida. — Se afaste de mim e procure alguém melhor, assim como seu irmão provavelmente te disse. — sentencio.

Ela agarra minha camisa, olhando-me com os olhos cheios de novas lágrimas. — É por causa de Chace, Seth? Eu d-disse que não quero nada com ele, ele foi apenas gentil, p-por favor... — suplica. — Você não pode fazer isso comigo, entendeu? Eu gosto de você e eu sei que você... *você é a pessoa certa*. Vamos esquecer o que aconteceu h-hoje, tudo bem?

Respiro fundo, querendo dizer-lhe que não, mas dos dois jeitos eu estou machucando-a.

— Não vou mais tratá-la daquela forma. Sinto muito, outra vez. — digo, segurando um de seus cachos enquanto ela assente freneticamente com a cabeça.

— Eu confio em você. — sussurra.

Porra, Pearl.

Selo nossos lábios rapidamente depois beijo sua testa, abraçando-a até ela se acalmar novamente.

— Você quer aparecer amanhã de tarde lá em casa para ensinar minha mãe a fazer pizza? — pergunto, afagando suas costas.

Pearl levanta o rosto e me encara, sorrindo fraco.

— Será que amanhã ela tem tempo livre? — pergunta e eu dou uma risada.

— Ela sempre tem tempo livre, Girassol. — respondo.

Ela fica na ponta dos pés e sela nossos lábios por livre e espontânea vontade.

— Tudo bem, então. — diz, roçando nossas bocas. — Você também vai querer aprender a fazer pizza?

Rolo os olhos, negando.

— Eu não sou um cara que se dá bem com as panelas e essas coisas. Sou o que chamam de desastre, Girassol. — retruco, levantando uma sobrancelha e ela gargalha, jogando a cabeça para trás.

— Tudo bem, Sr. Desastre. — diz, sem parar de rir.

Fico observando ela se aquietar outra vez e volto a segurar um de seus cachos. — Vamos entrar? Eu realmente tenho que comprar uma pizza para a minha mãe... Algo me diz que ela estará ficando viciada na massa em poucos dias. — murmuro, fazendo-a rir outra vez.

— Tudo bem, vamos entrar, ou Simon voltará para me buscar. — diz.

Solto Pearl apenas para pegar sua mochila de dentro do carro e volto a segurar sua mão, enquanto caminhamos até a entrada da pizzaria. Colocamos os pés dentro da pizzaria ainda não muito movimentada e a mãe de Pearl vem animada até nós dois.

— Olá, Seth. — diz, sorrindo abertamente. — Oi, filha. — pisca para a

loira.

— Olá, Senhora Wyatt. — a cumprimento. — Será que as pizzas já estão prontas? Minha mãe precisa urgentemente de uma. — pergunto e ela ri com Pearl.

Droga, parece que estou vendo Pearl daqui trinta anos na minha frente. A sua mãe é realmente bonita e as duas são extremamente parecidas de forma quase que absurda.

— Claro, querido, eu vou preparar uma agora mesmo. — diz, retirando-se para ir até o balcão.

— Nos vemos amanhã, então... — Pearl diz, puxando sua mochila da minha mão.

— Nos vemos amanhã, Girassol. — afirmo.

Ela me dá um abraço rápido e sai andando até o balcão, passando por debaixo dele e entrando por uma porta que dá provavelmente para a cozinha.

Sou empurrado pelo braço e viro a tempo de ver a amiga de Pearl fazer um sinal estranho para mim, mostrando que está de olho. Simon puxa ela pelo braço, resmungando alguma coisa que a faz rir alto e tirar a carranca do rosto.

Estou em uma enrascada.

Capítulo 30

Romeu & Julieta

Pearl Wyatt

Sento-me na minha cadeira, deixando minha mochila em cima da mesa como sempre faço. Aliso meu vestido branco, arrumando meu cabelo em um coque. Depois do dia de ontem, espero muito que hoje seja bem melhor. Conversei com Spencer por mais de duas horas na cozinha e ela me deu muitos conselhos, todos eles válidos.

Batuco meus dedos nervosamente na mesa, olhando para a porta no mesmo momento em que Seth passa por ela com Sculler. Eles conversam animadamente, os dois parecendo bastante entretidos um com o outro. Meu coração acelera assim que Seth me nota e fala rápido com Sculler antes de mudar seu caminho, agora vindo em minha direção.

— Ei, Girassol. — ele diz, jogando sua mochila do lado da minha e sentando-se ao meu lado.

— Ei, Seth. — retruco, sorrindo de lado.

— Minha mãe ficou bastante animada com a notícia de hoje. — ele diz, aproximando-se mais de mim.

— Hoje? — pergunto, um pouco tonta com tamanha proximidade.

— É, Girassol. Você está indo ensiná-la a fazer pizza, ou esqueceu-se disso? — diz, passando o braço por trás do banco.

— Oh, sim, claro! Não esqueci disso. Estou animada para vê-la hoje.

— falo sincera.

— Bom que não tenha esquecido... Ela já está arrumando a cozinha e tenho certeza que ainda sairá para comprar material. — diz, rolando os olhos e eu dou uma risada.

— Espero fazer valer à pena todo esse esforço. — comento.

Seth levanta uma sobrancelha e aproxima o rosto meu. **Muito, muito perto.** *Ai, meu Deus!*

— Você sempre faz valer à pena, Girassol. — diz, beijando minha bochecha.

O professor de Química entra na sala e Seth se afasta um pouco, mantendo o braço por trás do banco e tocando levemente meu ombro.

Sinceramente, não sei como vou me concentrar nessa aula.



— Nós podemos ir para a biblioteca se quiser. — Seth diz, depois de ter me encontrado no meu caminho para o almoço no refeitório.

— Não é permitido comer na biblioteca, Seth. — retruco, entrelaçando nossos dedos enquanto dou risada da sua cara confusa.

— Isso é sério? — pergunta, incrédulo. — Se já é chato ler, imagina ler sem ter nada para comer ao lado. — reclama. — Duvido muito que alguém ainda vá à biblioteca...

— Ei, eu vou! — aperto sua mão e ele vira para me encarar. — É compreensível, de qualquer forma. Se você estiver comendo e lendo ao

mesmo tempo, um desastre pode acontecer e um livro pode ser perdido. Isso é terrível. — completo.

— Um desastre? — provoca.

— É, tipo isso, por exemplo: calda de chocolate dos *Donuts* sujando as páginas, café ou chocolate quente derramando nos livros raros... Esse tipo de desastre. — comento. — E lá é divertido, você deveria tentar ir algum dia. Você pode conhecer muita gente legal e fazer amizades.

— Pensei que lá tivesse a lei do silêncio... — volta a falar.

— Não esse tipo de amizade... Quero dizer que você pode conhecer personagens incríveis e se apegar à eles. Eu por exemplo, adoro livros de romance, eles são meus favoritos. — explico.

— É bem a sua cara mesmo. — atira, puxando-me para perto. — Romance mórbido tipo Romeu e Julieta? — pergunta rindo e eu dou-lhe uma cotovelada.

— Romeu e Julieta é um clássico, Seth, tem que ser apreciado e eu aprecio, mas eu prefiro os livros com final feliz. — respondo e ele me gira de forma que agora está me abraçando por trás, enquanto continuamos nosso caminho devagar.

— Romeu e Julieta tem final feliz, Girassol. — diz, beijando minha nuca e fazendo-me tentar proteger meu pescoço. — Tudo depende do seu ponto de vista. — sussurra em meu ouvido.

— É mesmo? E qual o seu ponto de vista? — pergunto, curiosa.

— E se esse mundo fosse ruim demais para o amor deles dois? A morte foi a única saída, mesmo que por acaso, que eles encontraram para serem felizes. Romeu pensou que Julieta estava realmente morta e resolveu juntar-se a sua *amada* na eternidade ou o que quer que seja que as pessoas chamam

esse lugar. Ele morre, se envenena; depois Julieta acorda e acaba por fazer sua escolha de juntar-se ao seu *amado* na eternidade. — sussurra, pausadamente em meu ouvido. — Esse mundo é uma merda, bebê, e ele foi uma merda para Romeu e Julieta. Eles nunca seriam felizes aqui, com a família difícil de ambos, então nada melhor que a morte para dar-lhes a felicidade de viverem juntos e felizes onde quer que estivessem. — continua explicando. — O “felizes para sempre” deles foi a morte... — completa.

Sinto meu estômago ser invadido por borboletas, muitas borboletas. Meu interior chacoalha diante suas palavras.

— E-Eu nunca pensei assim. — gaguejo, pensativa sobre o que ele disse. — Talvez você tenha razão, afinal... — brinco, pousando minhas mãos em cima das suas. — Então, você andou lendo Romeu e Julieta, Seth?

Ele bufa.

— Eu li, *uma vez*. Foi algo para um trabalho de literatura que uma professora chata passou, não tive como escapar. — se explica. — Foi a leitura mais chata da minha vida. — completa.

— Aposto que sim. — digo, segurando o riso.

— *Aposta...* — resmunga entre dentes, girando-me outra vez.

Chegamos ao refeitório, andando lado a lado e de mãos dadas. A maioria presente para de comer para nos fitar... Isso me incomoda. Eu não gosto de muita atenção, não nasci para isso.

— Hoje é dia de salada, finalmente. — Seth diz, como se nada tivesse acontecendo ao nosso redor. — Tem hambúrguer também. O que você vai querer? — pergunta, puxando-me com ele.

As pessoas começam a abrir espaço para Seth passar, cedendo seus lugares na fila longa. Aperto a mão de Seth, parando de andar e,

consequentemente, fazendo-o parar também.

— O que foi? Você está bem? — indaga, franzindo o cenho.

— Devíamos ficar na fila, como todos estão, e esperar por nossa vez. — sussurro, explicando o que penso.

— Girassol, eu sou o capitão do time, não preciso ficar na fila. — retruca, rolando os olhos em seguida.

— Ser capitão do time não te dá direito de fazer isso... — atiro sem pensar e coloco minha mão livre na boca assim que a fecho, envergonhada pelo que disse.

Seth levanta uma sobrancelha.

— Eu não pedi para ninguém me dar seu lugar, eles simplesmente o fazem. — diz.

— Eu sei que não pediu, mas devíamos realmente ficar na fila. — digo, tirando minha mão da boca e tentando puxar minha outra mão da sua. — Pode ir se quiser, eu vou ficar na fila. — aviso.

Seth balança a cabeça, incrédulo, e me puxa todo o caminho até o final da fila.

— Você quer ficar na fila? Tudo bem. Vamos ficar na fila. — sentença, encarando-me de modo estranho.

Abro um sorriso, feliz por ele ter me escutado. Seth solta minha mão, laçando minha cintura e colocando-me em sua frente, apoiando o queixo no topo da minha cabeça. Olho ao redor, percebendo que agora *todos* os olhos estão em nós dois, além dos cochichos constantes sobre nós, ou melhor, sobre Seth. Sinto minhas bochechas queimarem mais ainda.

— Todos estão falando... — sussurro.

— A culpa é sua. — Seth diz, rindo de mim.

— Que seja. — retruco.

Capítulo 31

Sombrio

Seth Sawyer

— Você está pronta? — pergunto a Pearl, tirando sua mochila da sua mão enquanto ela respira fundo.

— Sim, claro. — afirma, olhando a casa a sua frente.

Depois do almoço, tivemos mais duas aulas e finalmente fomos liberados. Encontrei Pearl no corredor e antes mesmo dela falar qualquer coisa, Simon já estava exigindo uma carona até sua casa. Depois que o deixamos, seguimos para a minha casa, e é onde estamos no momento.

Dou um passo para frente, mas Pearl continua em seu lugar.

— Você tem que andar, Pearl, só assim chegaremos na porta. — resmungo e ela pisca rapidamente, como se eu tivesse a acordado de algum sonho.

Ela dá um passo, então outro, outro e mais outro. Sigo-a pelo caminho, olhando como ela está agindo, toda observadora e cautelosa.

— Sua casa é *enorme*... — resmunga, girando em seus pés e fazendo a saia do seu vestido se mexer cinematograficamente.

— No caso, a casa é da minha mãe. — falo, segurando a maçaneta e olhando Pearl voltar, ainda observando o lugar.

A porta se abre, revelando minha mãe sorridente.

— A casa é mais dele do que minha, Pearl, acredite. — mamãe diz alto e eu bufo.

— Nem mesmo comece. — aviso, vendo Pearl correr em nossa direção.

— Oi, Senh...

— Cassie. — mamãe a corrige, fazendo suas bochechas ficarem vermelhas.

— Oi, Cassie. — Pearl fala, com os olhos brilhando e tudo mais.

— Olá, querida. — minha mãe puxa Pearl pela mão, levando-a para dentro de casa.

Entro atrás delas e fecho a porta, jogando minha mochila e de Pearl no sofá. Sento em um dos lugares, observando as duas se encararem.

— Eu comprei um tanto grande de coisas e acho que estou pronta para aprender a fazer pizzas. — mamãe diz, sorrindo abertamente.

— E eu estou pronta para ensiná-la. — Pearl retruca, sorrindo de volta.

Minha mãe me encara e volta a falar.

— Você só deve precisar trocar de roupa, não quero que suje o seu vestido bonito. — diz.

— E-Eu não trouxe nenhuma roupa. — Pearl sussurra, olhando para mim. — Ainda deixamos meu irmão em casa, mas eu esqueci...

— Ah, que isso, querida! Seth pode te emprestar alguma coisa confortável. — minha mãe olha sugestivamente.

— Sim, claro. — reviro os olhos. — Vamos lá em cima. — digo a Pearl.

Levanto e me aproximo dela, segurando sua mão e guiando-a atrás de

mim. Chegamos no segundo andar e eu vou até meu quarto. Ligo a luz, entro e solto a mão de Pearl para ela ficar à vontade.

— Só uma camisa serve? — pergunto, abrindo meu guarda-roupa. — Provavelmente vai ficar como outro vestido. — resmungo puxando uma camisa vermelha lá de dentro e virando para encarar Pearl.

Ela anda entretida, com os olhos atentos por todo lugar, o que acaba por me deixar um pouco desconfortável.

— Seu lugar é bem... — ela começa a falar, mas para.

— *Sombrio?*

— **Escuro.**

Eu e ela falamos respectivamente.

— Não é sombrio... — diz, encarando-me de volta com as bochechas mais coradas. — Se você usasse cores mais claras e abrisse a janela — aponta para a janela fechada com uma cortina preta na frente. — com certeza o quarto pareceria melhor. Na verdade, ele é bom e aconchegante, embora seja escuro.

— Você sempre observa os lugares para onde vai com tanto afinco? — indago, andando e parando na sua frente.

— Nem sempre... — sussurra, sorrindo e desviando o olhar do meu.

Duas batidas soam através da porta antes da minha mãe abri-la e colocar a cabeça para dentro.

— Comprei alguns sacos com adubo para o jardim, você deve trocar de roupa também, filho. — ela avisa, piscando para mim e saindo outra vez.

Entrego a camisa para Pearl e volto para o guarda-roupa.

— Vocês têm um jardim? — Pearl pergunta, soando animada demais para o seu próprio bem.

— Eu não diria “jardim”, aquilo está mais para “projeto de jardim” que fica no fundo da casa, depois da piscina e área de convivência. — explico, puxando uma calça de moletom lá de dentro e fechando o cômodo. — Não deixe a minha mãe escutar que você gostou dessa ideia, ou ela vai pedir sua ajuda para terminá-lo. — Pearl ri e eu acabo rindo com ela. — Para começo de conversa, eu me arrependo por ter oferecido ajuda. Hoje em dia ela me trata como se eu fosse um jardineiro e eu realmente odeio isso.

— Não se assuste, Pearl! Ele faz porque gosta! — minha mãe grita do lado de fora, fazendo o riso de Pearl se intensificar.

— Sim, boneca, eu adoro ser seu jardineiro particular. — respondo irônico. — Afinal, está escutando atrás da porta? — ando calmamente até a porta, escutando seu barulho do lado de fora.

— Não, eu não estou... *estava*. — diz, com a voz mais distante.

Balanço a cabeça, rindo contragosto.

— Pode se trocar ali, Girassol. — aponto para o meu banheiro.

Pearl assente e segue até lá sem parar de rir. Abro a porta do quarto e saio, fitando minha mãe que está no topo da escada.

— Acha isso bonito, Senhora Sawyer? — pergunto, puxando minha camisa para fora.

— Eu só escutei alguns segundos, não foi nada demais. — se defende, rolando os olhos.

— Eu sei... — resmungo.

— Será que ela vai querer nos ajudar no jardim? — pergunta.

— Ela já veio te ensinar a fazer pizza, mãe. Você não acha que isso é um pouco demais? — retruco, cruzando os braços.

— Não, eu não acho. — diz dando de ombros. — Eu vou perguntar, de qualquer forma. — começa a sorrir.

— Você está se apegando a ela, mãe. — alerta, usando meu tom mais sério.

— Não é como se você também não tivesse. — diz, irônica. — É impossível não se apegar, filho. Ela é adorável. — completa.

Pearl abre a porta, sorrindo de lado, enquanto fita seus pés descalços. Os seus cachos estão bem amarrados e, *porra*, ela parece quente na minha camisa.

— Eu estou pronta. — ela sussurra, subindo os olhos devagar em minha direção.

Pearl demora por todo caminho do meu abdômen até meus braços, o que me faz segurar o riso quando ela chega até meus olhos. As bochechas dela queimam e ela age toda tímida e envergonhada como já me acostumei a ver.

— Sim, eu sei, ele é bonito, mas rabugento demais às vezes. — minha mãe se aproxima rápido e puxa Pearl com ela. — Não se esqueça de pegar os sacos na mala do meu carro, a chave está na mesa de centro da sala. Quando terminar, pegue uma caixa que deixei no banco do passageiro e vá deixar na cozinha. — completa.

Balanço a cabeça, rindo enquanto as duas descem juntas, conversando como se fossem melhores amigas... E talvez elas virem melhores amigas, o que torna as coisas complicadas demais para mim.

Capítulo 32

Passado

Pearl Wyatt

Assim que chego à cozinha com Cassie, ela faz questão de mostrar para mim onde tudo fica e a cada segundo que passa, fico mais admirada com a beleza da sua casa. Toda a mobília é moderna, assim como os utensílios que estão a nossa disposição. É realmente tudo de muito bom gosto.

— Eu não sei se é uma boa ideia, mas comprei um monte de tempero e ervas, assim podemos ter uma variedade melhor de sabor. — Cassie diz, pegando uma cesta e colocando em cima do balcão.

— Pra ser sincera, essa é uma boa ideia. A mamãe costuma fazer isso desde quando eu era pequena, e quando vou à Itália visitar meus tios e primos, nós temos essa tradição de criarmos nossos próprios sabores de pizza. — comento, sorrindo animada.

Eu sinto muita falta dos meus primos. Quando eu tinha cerca de sete anos, o papai e a mamãe ainda faziam muitas viagens para Itália comigo e com o Simon, mas com o passar dos anos as viagens ficaram escassas por causa da falta de tempo e problemas nos negócios.

— Deve ser maravilhoso ter esse tempo com sua família... — Cassie comenta, pensativa. — Eu e o Seth só temos um ao outro, acrescentando apenas a avó dele de parte de pai e minhas ajudantes nos trabalhos de casa, Pop e Kari. — sorri de lado.

— Ter ele já deve ser o suficiente para você, não é mesmo? — falo, segurando uma de suas mãos e seu sorriso abre mais.

— Sim, claro. — diz, piscando rapidamente com os olhos marejados. — Seth é tudo que eu preciso. Ele é meu filho, por ele eu faria qualquer coisa e também consertaria muitas coisas no passado para poupá-lo de muitos sofrimentos. — aperto sua mão, sentindo o quão vulnerável ela ficou de uma hora para outra.

— Você quer dizer q...

— Quero dizer que debaixo da casca grossa dele, tem um garoto ainda ferido. Sei que não deveria falar sobre isso com você, porque ele realmente não gosta que eu comente nada com qualquer pessoa, mas eu o conheço bem, *muito* bem, Pearl, e sei que ele nunca mais deu um sorriso verdadeiro, nem mesmo comigo. — desabafa e eu sinto meu coração apertar com suas palavras sobre Seth. — Tem algo de diferente com você, uma luz especial, eu não sei, mas o que quer que seja isso, está fazendo muito bem a ele.

Aceno com a cabeça, sentindo-a apertar minha mão de volta.

— Eu só quero fazer o bem para ele, Cassie. — sussurro.

— Eu sei, querida, por isso eu gosto de você. — sorri, fraco. — É diferente de todas as outras garotas, sabe... — ela solta minha mão e passeia pela cozinha parecendo estar mais leve. — Ele nunca se importou com uma garota honestamente. Só houve uma vez quando ele tinha treze anos q...

— Mãe. — Seth a corta, entrando na cozinha com um olhar reprovador.

— O quê? — ela pergunta, rolando os olhos. — Eu só estava indo contar sobre aquela garota. Como é mesmo o nome dela?

— Ninguém, mãe. Ela é passado, enterrado e sepultado. — ele diz no mesmo tom, encarando-me finalmente.

— Então quer dizer que você já foi apaixonado por uma garota? — pergunto divertida, observando-o se aproximar de mim. — Ela é da escola? — não seguro a curiosidade.

— Ela é uma puta insignificante. — retruca e eu faço uma careta.

— Olha só essa linguagem, garoto. — Cassie o repreende. — E sendo sincera, ele estava apaixonado sim. — completa.

Seth coloca as mãos dos meus dois lados, segurando o balcão e me prendendo. Quase perco o foco da conversa com ele só de calça em minha frente, mas consigo me concentrar neles dois e no assunto.

— Eu não estava apaixonado e nunca estive. — ele retruca entre dentes.

— O que aconteceu naquela noite ainda é um mistério para mim, mas você disse que ela seria a mãe dos seus fil...

— Mãe, já chega. — Seth a corta e eu coloco uma mão em seu braço direito.

— Tudo bem. Ela é passado, certo? — indago e ele me encara.

— Sim, claro. Ela é passado desde muito tempo atrás. — resmunga.

— Não é ruim ter sido apaixonado por alguém antes, Seth. — sussurro.

— O problema, Girassol, é que eu não fui apaixonado por ela. Eu era só um pentelho cheio de hormônios e amor falso para dar e nutrir, nada mais que isso. Eu falava o que vinha a cabeça para impressioná-la ao ponto de abrir as pern... — Cassie o corta, tossindo e eu sinto minhas bochechas esquentarem. — Não importa, tudo bem? O resumo de tudo é que ela é uma puta insignificante e nunca significou mais que um nada para mim.

Eu o observo atentamente, querendo saber mais sobre ela e ele, mas sei

que não é certo perguntar uma vez que ele disse que já a deixou no passado.

— Você já descarregou o carro? — Cassie pergunta na hora certa.

— Estou indo fazer isso agora mesmo. — Seth responde. — Não dê ouvidos ao que ela fala, deve ser a idade que está afetando seu cérebro. — diz para mim e se vira, saindo da cozinha.

— A idade? Eu só tenho trinta e sete anos, Seth Sawyer! — Cassie exclama zangada e eu solto uma risada, voltando a encará-la. — Ultimamente ele deu para falar sobre a minha idade como se eu fosse uma velha enrugada. — resmunga, fazendo bico.

— Ele não sabe de nada. Você é linda e nem mesmo parece ter trinta e set...

— Shhh... É segredo! — ela me corta e eu seguro outra risada. — Para todos os efeitos eu tenho trinta e três anos e adotei o Seth. — completa, séria.

Nos encaramos por cerca de dez segundos sem piscar antes de cairmos na gargalhada.

— Tudo bem, *capisce!* — falo, sem parar de rir.

— Você fala italiano? — pergunta, surpresa. — Além de me ensinar a famosa pizza italiana, também quero aprender a falar italiano. Será que eu consigo?

— Meu italiano é enferrujado, mas o da mamãe é perfeito. — digo, dando de ombros. — Posso te ensinar algumas palavras, nada demais. Eu já esqueci a maioria das coisas que sabia. — completo, um pouco envergonhada por ter esquecido algo tão primordial e significativo para a minha família.

— Eu me contento com o pouco. — Cassie diz, rindo. — Agora vamos começar? — pergunta.

— Sim, claro! — exclamo. — Precisamos de farinha de trigo, fermento, uma tigela com água, sal...

Capítulo 33

Cebola

Seth Sawyer

Depois de dar quase duas viagens, termino de deixar todos os sacos de adubo que minha mãe comprou no seu projeto de jardim e volto para o carro.

Eu não sei que coisa é essa que minha mãe não cala a boca quando Pearl está por perto. Eu não quero que ela fale sobre antes e eu sei que a qualquer momento ela pode dar com a língua nos dentes, o que me irrita como o inferno. Não quero que ninguém saiba o que eu passei e o que eu realmente sou: *um herdeiro*. Isso só me trouxe problemas e esses problemas foram mais intensos dentro da minha própria família, o que fez minha mãe romper com o rato que deveria ser meu pai. Grande merda, ele não é e não significa nada para mim.

O futebol é minha válvula de escape, tudo que eu preciso para não depender mais daquele dinheiro, embora seja meu por direito e sendo assim, eu o uso de qualquer forma. Quero construir meu império com minhas próprias mãos e o futebol é a única coisa que me dá essa possibilidade, além de ser aquilo que realmente amo fazer.

Balanço a cabeça, dispersando esses pensamentos e paro em frente à porta do carro, abro e tiro a caixa e volto para dentro de casa, acionando o alarme do carro no caminho.

Jogo a chave na mesa de centro da sala e sigo para a cozinha, abrindo a caixa e encontrando *Donuts* de todos os sabores. Pego um, dando uma

mordida enquanto escuto minha mãe e Pearl rirem juntas na cozinha.

— Ele não sabe nem mesmo fritar um ovo. — escuto minha mãe falar e já sei que fala de mim. — Uma vez eu viajei para resolver alguns negócios e ele ficou sozinho. Deixei comida pronta na geladeira e Pop e Kari estavam aqui, mas durante a noite ele quis comer ovo frito, sabe-se lá o porquê, só sei que ele quase colocou fogo na casa.

Entro na cozinha, sentando-me em frente ao balcão e deixando a caixa em minhas pernas, encarando Pearl rir da história enquanto me fita de volta.

— Essa não é uma história engraçada. — digo, entediado.

— Tem razão, filho... Você tem outras muito mais engraçadas. — ela zomba e eu rolo os olhos. — Ei, quem mandou você comer meus *Donuts*? — reclama assim que me encara.

— Eu estou com fome e sou um atleta. Preciso estar sempre alimentado. — retruco.

— Se gaba por ser um atleta, mas deveria estar comendo alimentos saudáveis, não esse tanto de doce. — diz, enquanto pego outro *Donut*.

— Você sabe, meu metabolismo é rápido demais, além de eu saber as formas certas de como queimar toda porcaria que eu como. — respondo, vendo Pearl arrumar uma massa de pizza em uma forma rasa de alumínio.

— Quando você ficar velho vai ter uma tremenda barriga. — provoca e eu reviro os olhos, deixando de encarar Pearl para fitá-la.

— Eu tenho meu charme, boneca. — pisco para ela, que faz uma careta. — Então, Girassol, ela é uma boa aprendiz? — pergunto.

Pearl dá uma risada, assentindo com a cabeça.

— Sim, ela está se saindo muito bem. — comenta, sem me fitar. —

Você deveria tentar também, é fácil.

— Nada disso. Eu já estou bem aqui, olhando para você. — afirmo, ouvindo minha mãe rir.

— Você pode ao menos cortar uma cebola para nós? — pergunta, jogando uma cebola para mim.

— Sim, mãe, claro. — resmungo irônico, fechando a caixa de Donuts e colocando-a no banco do lado.

Pego uma faca que está ali em cima e começo a cortar a cebola cautelosamente, enquanto escuto as duas conversarem sobre temperos e molhos por longos minutos.

— O forno já está ligado? — Pearl indaga e minha mãe nega. — Eu vou ligar para pré-aquecer, tudo bem?

— Sim, claro. Vem, vou te mostrar como faz. — a outra retruca.

Continuo cortando a cebola, sabendo que não devo fitá-la, mas acabo por fazer. Olho para cima, vendo Pearl se inclinar, abrindo o forno e se abaixando um pouco para ver se está ligando, enquanto minha mãe aperta em algum botão. As pernas curtas dela são demasiadamente bonitas e a forma como ela está posicionada, me dá uma visão muito boa. *Porra, é boa demais.* Não há qualquer falha, o que faz eu me perguntar se ela é mesmo real, porque *não* pode ser possível.

— Porra! — praguejo, soltando a faca e olhando para baixo, percebendo que acabei de cortar meu dedo.

— Você está bem? — Pearl pergunta, se aproximando rapidamente.

— Sim, estou bem... Foi apenas um estúpido corte com essa merda de faca. — rosno, pressionando meu indicador esquerdo.

— Eu disse que ele é um desastre na cozinha. — minha mãe cantorola.
— Vou pegar uma pomada e curativo para colocar nisso. — completa, saindo da cozinha.

Pearl dá a volta no balcão, parando ao meu lado.

— Você tem que lavar isso. — sussurra e eu me levanto, tentando escapar do seu cheiro perseguidor.

— Eu vou... — digo, caminhando até o banheiro mais próximo e sentindo sua presença atrás de mim.

Entro no banheiro e ligo a torneira, lavando meu dedo com a água que desce. Fecho a torneira e pressiono meu dedo outra vez para estancar o ferimento pequeno.

— Está doendo? — escuto Pearl perguntar e dou uma risada, encostando-me na pia e virando para encará-la.

— Não realmente, é apenas um corte pequeno. Eu já tive alguns piores, acredite. — retruco.

Ela encolhe os ombros e olha para todos os lados, menos para mim. Escuto minha mãe me chamar e Pearl olha para a porta aberta.

— Você vai pegar o curativo? — pergunto e ela me encara de volta.

— Você vai me esperar aqui? — questiona e eu aceno de volta. — Então eu já volto. — diz, saindo em disparada.

Fecho meus olhos, perguntando-me pela segunda vez em todo esse tempo que estou saindo com Pearl, *o que eu estou fazendo?* Antes mesmo de achar uma resposta, Pearl volta para o banheiro ofegante. Abro meus olhos e estendo minha mão para ela. Suave como sempre, ela passa algo em meu dedo e em seguida o cobre com um curativo que eu não dou a mínima para o

que seja.

Não consigo tirar meus olhos dela.

A forma como ela franze e torce os lábios quando se concentra. A forma como seus olhos ficam mais claros e brilhantes, além do tom avermelhado de suas bochechas. É tudo fascinante, *mesmo para mim.*

— Pronto. — diz, fitando-me com um sorriso largo.

Seguro sua cintura, puxando-a para perto de mim.

— Acho que dev-devemos voltar agora... — gagueja, com os braços soltos dos seus dois lados.

— Acho que devemos ficar um pouco aqui. — retruco, sorrindo de lado. — Você pode segurar-se em mim, a propósito. — provoco.

As bochechas de Pearl queimam, enquanto ela dá um sorriso sem graça e sobe as duas mãos trêmulas até meus ombros.

— Cassie vai vir nos procurar em poucos minutos... — Pearl alerta.

— Então eu acho que devemos aproveitar nossos *poucos minutos* antes dela aparecer aqui. — sussurro, selando nossos lábios com fome dela.

Capítulo 34

O que eu sinto por você?

Pearl Wyatt

Acompanho o beijo urgente de Seth por alguns segundos antes de empurrá-lo. Sua mãe deve estar vindo atrás de nós dois e eu ainda não estou pronta para passar por tal constrangimento.

— Nós realmente temos que voltar, Seth... — sussurro ofegante, virando para fazer o caminho de volta para a cozinha.

Seth me segura pela cintura, puxando-me de volta enquanto sinto minhas forças me deixarem na mão.

— Só mais um pouquinho, Girassol. — ele resmunga, beijando meu pescoço enquanto faz uma trilha até minha orelha. — Ainda não tive nem metade do que preciso de você. — continua, descendo os beijos novamente até meu pescoço.

Contorço-me em seus braços, tentando saber o que está acontecendo comigo. Minha respiração está rápida e irregular, meus olhos pesam, meus batimentos cardíacos são erráticos e as mesmas cócegas do outro dia voltam a assaltar-me agora por todos os lados. É como se todo meu corpo estivesse formigando.

— Nós precis... — engulo uma respiração rápida, segurando seus antebraços com força. — Precisamos v-voltar, Seth... — choramingo outra vez, não mais tão certa se quero que ele pare com o que está fazendo comigo.

— Seth! Pearl! — Cassie nos chama, sua voz soando longe para o meu alívio.

— Seth... — forço-me a abrir meus olhos que teimam em pesar com chumbo. — Temos que voltar. Agora. — ele grunhe, parando os beijos e virando-me para si.

Ele fica imóvel, sua respiração pesada batendo em meu rosto enquanto me encara com os olhos tão pretos que consigo me ver refletida neles.

— Você pode ir na frente, eu estarei mais atrás. — diz, soltando minha cintura.

— Tudo bem. — sussurro, virando-me outra vez, mas agora ele não me puxa para minha felicidade — *ou não*.

Passo a mão por meu cabelo, repetindo o mesmo movimento por todo meu rosto. Tenho certeza que estou vermelha, muito vermelha, assim como meus lábios.

Seth é intenso, às vezes duro demais — nada que chegue a ponto de me machucar. Pensando no que sempre quis para mim e em tudo que ele tem me dado, percebo que as coisas são diferentes. A realidade é diferente da minha imaginação e dos filmes de romance açucarados, que são meus preferidos.

Príncipes Encantados tão perfeitos provavelmente não existem. Seth é incrivelmente bonito, gentil, doce, engraçado, mas depois de alguns dos últimos acontecimentos e de tudo que Cassie me disse hoje mais cedo, ele também parece quebrado, dividido entre algo bom e ruim. Isso me assusta, mas não está nem perto de me afastar dele.

Ele pode não ser perfeito, mas de alguma forma parece ser exatamente tudo que eu preciso. Um modelo único de Príncipe Encantado modernizado feito especialmente para mim.

— Pensei que estava perdida no caminho. — Cassie brinca assim que eu entro na cozinha.

— Quase isso. — confesso, dando uma risada.

Lavo minhas mãos e as enxugo, voltando para o meu lugar ao lado de Cassie.

— Onde ele está? — pergunta, começando a passar o molho que fizemos para as pizzas e eu pego uma colher para fazer o mesmo.

— Ele ficou no banheiro. — respondo e ela ri em seguida, balançando a cabeça.

Continuamos com nosso trabalho e dez minutos depois acabamos de preparar nossas pizzas que tem de tudo um pouco. Assim que terminamos de colocá-las no forno, Seth entra na cozinha.

— Vocês dois podem ir para sala, eu vou levar alguns biscoitos de leite com suco de morango. — Cassie diz e eu assinto, encarando Seth que me espera na porta da cozinha.

Fecho nossa distância e ele segura minha mão, levando-me até a sala principal. Seth empurra nossas mochilas para uma das pontas do grande sofá e me puxa para baixo, sentando-se comigo.

— Então... — resmungo, incomodada com o seu silêncio.

— Girassol, o que você sente por mim? — ele pergunta sério e eu sinto minhas bochechas queimarem.

— O q-que eu sinto por você? — pergunto de volta e ele aperta minha mão, assentindo com a cabeça em seguida. — Eu gosto de você, *gosto muito*. — respondo, omitindo a parte de que tenho convicção que estou apaixonada por ele.

— Tem certeza disso? — indaga e eu franzo a testa, não entendo onde ele quer chegar.

— Sim, absoluta. — retruco, firme.

Ele fica calado, observando atentamente antes de soltar uma frase que me faz ficar ainda mais confusa.

— As coisas de que temos certeza absoluta jamais são verdadeiras. — diz e Cassie irrompe na sala, falando animada com uma bandeja na mão e algo que parece com álbuns de fotos debaixo do braço.

— Eu tenho algumas fotos do Seth para mostrar pra você, Pearl! — exclama animada, fazendo-me rir e fitar Seth que solta minha mão enquanto rola os olhos.

— Isso é bem ridículo, mãe. — ele alerta, dando espaço para ela se sentar no meio de nós dois.

Cassie coloca a bandeja na mesa de centro e se joga no espaço livre do sofá, colocando os álbuns em seu colo.

— Ele não tem muitas fotos constrangedoras, devo admitir. Ele era uma criança linda em todos os aspectos, querida. — Cassie diz, orgulhosa.

— Acredito que sim. — respondo, rindo da careta que Seth faz.

Cassie começa me contando inúmeras histórias de quando Seth era apenas uma criança enquanto mostra as fotos dos álbuns. Assim como ela disse e como eu mesma constatei, Seth já era bonito desde pequeno. Eu diria que se Cassie quisesse, ela poderia ter levado Seth em alguma agência para ser modelo de marcas de roupas infantis.

A beleza dele, desde sempre, é inquestionável.

Pude perceber que algumas fotos estavam cortadas, o que me faz

lembrar que Seth tem um pai e que eu não o vi em nenhuma das fotos. Talvez seja isso, ou melhor, *ele*, que foi cortado das fotos.

— Vocês gostam bastante desse hotel, certo? — pergunto rindo, já que parece ser a sexta foto que Cassie está com Seth pequeno em seus braços em frente a um hotel de mesmo nome, mas em lugares diferentes.

Kassid, é isso que diz no grande letreiro do que deve ser uma rede de hotéis.

— São bons hotéis. — Cassie diz, sorrindo doce enquanto escuto Seth bufar.

— Certo, já chega disso tudo. — ele diz, puxando os álbuns de sua mãe e se levantando.

— Seth Sawyer! — Cassie exclama.

Ele a ignora e sai andando sem dizer uma palavra. Cassie deixa seu copo na mesa e eu faço o mesmo.

— Ele anda tão impulsivo ultimamente. — ela diz, parecendo cansada. — Sinto como se não conhecesse mais o meu Seth. — completa.

— Ele só deve ter ficado um pouco zangado, Cassie. — seguro sua mão, tentando confortá-la.

Ela vira o rosto para mim.

— Ele vai resistir, mas sei que você conseguirá trazê-lo de volta, Pearl. — sentencia.

Assinto, não muito certa do que ela disse. Seth tem sua própria personalidade e eu não sei se estou indo mudá-lo. Não é o meu objetivo.

Capítulo 35

Estúpida aposta

Seth Sawyer

Finalmente o jantar acabou. Depois de tantos momentos constrangedores e coisas do passado remexidas por culpa da minha mãe, estou finalmente esperando Pearl terminar de trocar de roupa no meu banheiro quando entra uma mensagem no meu celular.

“Reunião na casa do Sculler daqui meia-hora, não se atrase, *amor*.

XoXo Macy, sua primeira e única.”

Rolo os olhos e apago a mensagem em seguida. Descanso na minha cama, pensando em Pearl no mesmo momento em que a mesma sai do banheiro usando seu vestido. Admito que gostei mais de vê-la em minha camisa, mas que seja.

— Podemos ir? — pergunto e ela assente.

Eu e Pearl saímos do meu quarto e descemos de volta para o andar de baixo. Pego sua mochila, jogando-a sobre o ombro enquanto já escuto minha mãe chegar para falar com a loira.

— Você pode voltar sempre que quiser, querida. — minha mãe diz baixo e eu rolo os olhos.

— Obrigada, Cassie. — Pearl retruca e elas se abraçam.

Assim que as duas se separam, minha mãe me fita e pergunta.

— Você virá direto depois que deixar a Pearl em casa? — cruza os braços.

— Vou passar no Sculler antes de voltar. — resmungo e ela faz uma careta que eu não entendo o motivo.

— Apenas não demore. — diz e eu dou de ombros.

Pearl e eu saímos juntos e eu olho para minha moto, cogitando a ideia em levá-la nela até sua casa nela. Talvez não seja uma má ideia.

— É sua? — ela pergunta, como se tivesse lendo meus pensamentos.

Sorrio de lado, puxando-a para perto.

— Sim, comprei há dois anos. Minha mãe não gostou da ideia quando a viu, mas depois aceitou porque eu não estava indo devolvê-la. — comento, fitando-a sorrir animada. — Você quer escolher como estará indo pra casa hoje? — testo e ela me olha incrédula.

— Sério? — exclama apertando minha mão com força. — Você realmente me levaria na sua moto? — indaga, animada.

Um vento frio traz todo seu cheiro diretamente para mim, acertando-me como sempre faz, mas bem no final quando a luz do pôr-do-sol bate nos seus olhos castanhos deixando-os mais claros, algo muda. *Algo em **mim**, por causa **dela***. Não sei o que é, mas isso me faz ver o quão ela é bonita e natural tanto por fora quanto por dentro. Percebo que destruí-la e causar qualquer dor nela não é algo que eu realmente queira fazer. Não quero mais feri-la, mas sim protegê-la de tudo e de todos a qualquer custo.

— Seth? — ela me chama confusa.

Balanço minha cabeça e selo nossos lábios, precisando disso — *dela* — mais que tudo.

— Você vai segurar firme em mim? — pergunto, roçando nossas bocas e ela dá uma risada.

— Vou apertar você até ficar sem ar. — sussurra e agora é minha vez de rir da sua sinceridade.

Me afasto dela e continuamos nosso caminho até minha Harley. Tiro minha jaqueta de couro e entrego para Pearl que veste sem pensar duas vezes. Puxo a chave do bolso da minha calça e monto, arrumando a mochila de Pearl na minha frente.

Pego meu capacete e a encaro.

— Vem aqui. — a chamo e ela obedece. Solto seu cabelo, colocando seu elástico em um dos meus braços, enquanto o arrumo para ela. — Eu vou cortando caminho por dentro dos bairros, então não correrei tanto perigo de ser multado por não usar um capacete. — explico, colocando o capacete nela.

— Você não tem um capacete extra? — pergunta, assim que termino.

— Nunca precisei de um, mas agora parece que eu preciso, certo? — enuncio e ela sorri, assentindo. — Coloca o pé aqui — aponto para o suporte. — e tome impulso para se sentar, tudo bem? Pode segurar no meu ombro se quiser.

Pearl faz o que eu disse, sentando-se sem dificuldade.

— Onde eu coloco meu outro pé? — questiona, fazendo-me rir.

— No mesmo lugar que colocou o primeiro. — respondo, apontando para o suporte do outro lado.

Pearl termina de se arrumar, sentando em cima do seu vestido para ele não voar demais e apertando as pernas em torno de mim, fazendo o mesmo com seus braços.

A encaro por cima do meu ombro, fitando seus olhos brilhantes.

— Pronta? — indago e ela assente sorrindo. — Não vou correr muito, afinal não é permitido fazê-lo dentro dos bairros. — explico para ela, que continua assentindo.

Ligo minha Harley, sentindo-a tremer sob nós dois. Acelero e Pearl aperta os braços em torno da minha cintura instantaneamente.

Como prometido, faço meu caminho até sua casa por dentro dos bairros. Pearl vai se acalmando no decorrer do percurso, mas ainda segura em mim quando eu finalmente paro em frente sua casa.

Ela salta da moto e eu faço o mesmo, estacionando-a ali. Jogo sua mochila sobre meu ombro outra vez e tiro o capacete dela, reprimindo a vontade de tocar outra vez em seus cachos.

— Isso foi incrível! — ela exclama, com um sorriso imenso nos lábios.

— Fico feliz que tenha gostado, Girassol. — resmungo, puxando-a por sua cintura.

Ela arruma seu cabelo rapidamente e fica na ponta dos pés, colando nossas bocas.

— Eu queria perguntar algo a você. — ela diz, ficando mais séria e eu aceno positivamente, sinalizando para que ela vá em frente. — O que quis dizer com aquela frase hoje mais cedo?

— Que frase? — retruco, franzindo a testa.

— *As coisas de que temos certeza absoluta jamais são verdadeiras.* — sussurra, subindo suas mãos até meus cabelos. — Você não acredita que eu gosto de você? — indaga.

— É apenas uma frase aleatória sem qualquer sentido. Meu avô uma

vez leu essa frase para mim enquanto fazia sua leitura do dia. — resmungo, apertando-a mais contra mim. — É de um livro chamado “O retrato de Dorian Gray”, nada demais, Girassol. — explico.

— Sem sentido? Você tem certeza? Acredita mesmo em mim? — pergunta incerta.

— Bom, talvez ela faça algum sentido, mas não tem nada a ver com você. Eu acredito em você, bebê. — afirmo, beijando-a mais uma vez.

— Tudo bem. — resmungo, abraçando-me de volta.

Aprofundo nosso beijo, tendo mais um pouco dela antes de ir para casa do Sculler. Pearl separa nossas bocas após algum tempo e sorri para mim. — Preciso entrar agora. — diz, baixo.

Solto-a apenas para segurar sua mão e caminhar até a porta da sua casa com ela. Paramos em frente a porta branca e Pearl pega uma chave de dentro da sua mochila que eu ainda estou segurando.

— Até amanhã. — diz, abrindo a porta e pegando sua mochila da minha mão.

— Até amanhã, Girassol. — respondo, piscando para ela.

Suas bochechas queimam e ela me dá um último sorriso antes de entrar e fechar a porta. Refaço meu caminho até minha moto e coloco o capacete, partindo para casa de Sculler.



Estaciono minha moto ao lado do carro de Sculler, percebendo que dessa vez há poucos carros aqui. Apenas o carro de Macy e Vance fazem

companhia a minha moto e ao carro de Sculler. Antes mesmo de bater na porta, ela já é aberta por uma Macy de olhar triunfante.

— O que há dessa vez? — pergunto, rolando os olhos e passando por ela.

Aceno para Sculler que, diferente da última vez, parece mais desconfortável que o normal.

— Como está indo com a caipira, amor? — Macy indaga histericamente, fazendo-me rolar os olhos outra vez e afastar suas mãos quando ela ameaça me tocar.

— Ela não é uma caipira. — alerta, sentando no sofá. — Chamou-me para quê? — pergunto, já perdendo toda minha paciência.

— Para saber como nosso plano está correndo, obviamente. — ela diz, colocando as mãos na cintura. — Já tivemos algum progresso? — pergunta.

— Eu não vou mais fazer isso. — sentencio.

— *O quê?* — os três exclamam ao mesmo tempo, Macy soando mais histérica que uma hiena.

— Quero dizer o que eu disse. Estou fora da estúpida aposta. — digo, simples.

— Está fora? **Você** está fora? — Macy exclama, soltando uma risada alta e fitando-me com raiva. — Você **não** está fora. — rosna, fazendo-me levantar.

— E quem vai me obrigar a continuar? — rosno de volta, nós dois ficando cara a cara.

— Eu e o vídeo que Vance fez na nossa primeira reunião. — ela sorri, mostrando o celular para mim.

Lá realmente tem o vídeo da nossa primeira reunião. Puxo o aparelho da mão de Macy e jogo na parede, escutando e assistindo-o espatifar. Ela solta outro grito, avançando para cima de mim.

— Que vídeo, porra? — esbravejo, segurando seus braços.

Macy começa a rir e se eu fosse do tipo de cara sem escrúpulos, eu já teria calado a boca dela agressivamente. Em vez disso, solto seus braços e me afasto dela. Passo minhas mãos por meu cabelo e respiro fundo, controlando meus impulsos.

— Você acha mesmo que eu tenho apenas aquele vídeo? Mas que ingênuo, Seth... — ela começa a falar e a me tirar do sério outra vez. — Eu tenho cópias, muitas cópias. — viro meu rosto para encará-la.

— Sabe o que você deve fazer com essas cópias? — pergunto e ela cruza os braços. — Jogar fora porque porra nenhuma vai me fazer continuar com essa merda. — aviso, caminhando até a porta.

— *Kassid!* — ela exclama assim que coloco minha mão na maçaneta, fazendo-me congelar no mesmo instante.

— Isso está indo longe demais, Macy. Por que diabos quer que ele faça isso com a garota? Não faz porra nenhuma de sentido. — Sculler esbraveja, tão irritado quanto eu.

Viro-me novamente, encarando-a friamente, mas ela não recua.

— E eu pensando que você era apenas um riquinho qualquer, Seth! — sorri amplamente. — É bilionário, amor! Ou seria trilionário? — ela continua.

Me aproximo outra vez de Macy, pensando seriamente em como fazê-la calar a boca de forma não tão agressiva. Eu só quero que ela pare com toda essa merda.

— É dinheiro, Macy? Isso que você quer? — indago, sem emoção. — Comprarei uma porcaria de celular novo e depois pagarei uma boa quantia por todas as malditas cópias dos vídeos. — rosno, irritado.

— Isso não chega nem perto de tudo que eu quero, Seth. — ela diz, andando de um lado para o outro, mas nunca quebrando nossa guerra visual.

— O que você quer? — pergunto entre dentes.

— Primeiro, eu quero sim o celular novo, afinal você foi o único que quebrou o meu iPhone lindo. — cerra os olhos para mim. — Segundo, também estarei aceitando o dinheiro, mas não darei nada em troca, é óbvio. — sorri mais uma vez, aproximando-se e fechando a distância entre nós. — Terceiro, eu quero você. — completa.

Balanço minha cabeça negativamente, dando uma risada amarga.

— Houve um dia em que eu estive perto de ser algo a mais para você, Macy. Felizmente durante esses anos eu pude perceber o quão desprezível você sempre foi, mas agora isso aqui é outro nível. — seguro seu rosto, não deixando que ela desvie o olhar de mim. — Qualquer uma pode me ter, exceto você, *puta*. — afirmo, soltando-a outra vez.

Ela começa a rir outra vez.

— É mesmo, Seth? Vai ser interessante demais quando todos da escola, ou melhor, *da cidade*, souberem *do filhinho e da mamãe riquinhos* que vieram à Long Beach para fugir de um grande escândalo e recomeçar, você não acha? — cerro meus punhos com força. — Quer dizer, a sua mãe com cara de santinha. Quem diria que a velha seria capaz de...

Sculler toma minha frente antes que eu estrangule Macy, e ele mesmo a faz calar a boca.

— Você não sabe nada sobre ela, Macy. — ele rosna, com a mão em

cima da boca dela. — E sabe muito menos sobre Seth. Se eu fosse você, eu os deixaria em paz e toda vez que os visse na rua, trocaria de calçada. — completa, soltando-a em seguida.

Macy nos encara com ódio latente queimando dentro dos seus olhos. Vance se aproxima, ficando atrás dela.

— A aposta continua. — Macy sentencia. — Caso contrário, estarei satisfeita em espalhar o vídeo e todas as manchetes que recolhi sobre o seu passado por toda escola e cidade. — ameaça.

Com minhas mãos atadas, engulo à seco, sabendo que não posso deixar minha mãe ser exposta outra vez. Foi exatamente por isso que mudamos de estado, *de cidade*.

— Se isso está continuando, **nada**, eu disse, **nada**, estará saindo daqui. Pearl nunca saberá da aposta e se vocês foderem com isso, eu farei de tudo para acabar com os dois. — alerta, olhando Macy e Vance friamente. — E eu não estarei dando prova alguma de que transei com ela, se quiserem acreditar na minha palavra, acreditem. Se não quiserem, fodam-se.

— Seth Kassid Sawyer, o imbecil apaixonado. É um bom nome de filme, não acha? — Macy sorri outra vez.

— Não me chame de Kassid, e isso *não* é um pedido, Macy. — rosno.

Ela dá de ombros, caminhando até a porta com Vance em seu encalço.

— Trato feito, Sawyer. Sua privacidade e da sua mãe pela virgindade da putinha caipira. — ela diz. — Aliás, quero meu novo celular e dez mil dólares pra começar até amanhã à noite. Foi bom negociar com você, amor, parece que essa coisa está realmente nas suas veias. — completa.

Vejo Macy sair com Vance e pego a primeira coisa que vejo pela frente, arremessando na parede. Passo minhas mãos nervosamente por meu

cabelo, sentindo toda merda balançar dentro de mim seguido de um peso que se instala em minha garganta.

— Cara, você tem que se acalmar, nós vamos conseguir achar uma saída para essa sit...

— Não, porra. Não vamos conseguir, *eu* não vou conseguir. Agora é uma coisa outra: transar com Pearl ou ter minha mãe se escondendo outra vez. — digo, sentindo uma onda de desespero passar por todo meu corpo. — Sei que por mais que minha mãe queira fazer com que eu remexa no passado, isso não é algo que ela queira fazer ou vivenciar outra vez. — bufo, socando a parede.

— Sei o inferno que seu pai fez com você, com ela e com toda família, cara, é normal querer protegê-la. — Sculler resmunga.

— Está certo, Sculler, Pearl nunca vai saber da aposta. — afirmo, olhando para Sculler que não parece acreditar no que eu digo. — Se Macy foder com isso, eu vou acabar com ela. — completo entre dentes.

A porta é aberta e os pais de Sculler entram sorrindo, mas tudo acaba quando eles fitam o estrago que acabei de fazer na sala de estar deles.

— O que aconteceu aqui? — a mãe de Sculler pergunta de olhos arregalados e eu dou uma risada sem graça e quase sem força.

— É uma longa história, mãe. — Sculler murmura.

— Eu vou pagar pelo transtorno...

Depois de ficar mais dez minutos conversando com a mãe de Sculler para que ela me deixasse pagar por minha merda, ela me convenceu de que não era preciso. Agradei-lhe e parti de volta para casa. Estaciono minha moto e entro em casa, fitando minha mãe sentada no mesmo lugar de sempre.

— Oi, filho. — ela resmunga sem desviar os olhos do programa culinário que está passando na televisão.

— Ei, mãe. — retruco, caminhando até o sofá e sentando-me próximo dela.

Ela desliga a televisão e vira para me fitar de volta.

— Você está bem? Como foi com o Sculler? — pergunta, cruzando os braços.

— Foi bem, mãe. Tudo tão estupidamente bem. — resmungo sem emoção alguma.

— Tem certeza disso? — indaga.

Solto uma respiração pesada.

— Você acredita que eu nunca faria nada para machucar a Pearl? — pergunto e ela franze a testa, sentando-se mais ereta.

— Claro que sim. Você está apaixonado por ela, filho. — afirma, sem pensar duas vezes.

— Estou com medo de machucá-la, mãe. Ela merece mais do que eu posso oferecer, ela merece alguém melhor do que eu. — confesso entre dentes, fechando meus olhos com força. — Nunca imaginei que poderia sentir o que o vovô dizia sentir pela vovó. Quero proteger a Girassol e, se ela realmente quiser algo de mim, quero dar o meu melhor para ela porque ela não merece menos que isso. — completo.

— Talvez vocês passem por dificuldades, querido, mas o amor supera tudo e você está quase lá, Seth, você está quase verdadeiramente amando a Pearl como nunca fez antes. Acredito que vocês dois foram feitos um para o outro e não importa o que aconteça daqui pra frente, vocês vão superar. —

diz, sentando-se ao meu lado.

Abro meus olhos, fitando-a outra vez.

— Mas eu amo você, mãe. Nunca deixaria nada atormentá-la outra vez por minha culpa. — digo, sem saída.

— O que quer dizer, Seth? O que há de errado? — indaga.

— Nada, mãe... — resmungo, escutando-a soltar um suspiro.

— Eu amo você também, filho. Nada do que aconteceu foi sua culpa, saiba disso. Eu o protegeria como fiz lá atrás muitas e muitas vezes. Não me arrependo de nada, porque mesmo os erros me trouxeram alguém tão maravilhoso como você. — ela sussurra com os olhos brilhando por causa das lágrimas acumuladas. — Somos eu e você, juntos para sempre, não é mesmo? — sorri.

Enxugo uma lágrima que escorrega por sua bochecha.

— Sim, mãe. Juntos para sempre. — afirmo e ela se joga em cima de mim, abraçando-me com força.

— Bom, Pearl também ficará conosco para sempre. Só temos que avisá-la. — mamãe resmunga, beijando minha bochecha e se afastando entre risadas.

— Assim espero... — murmuro.

Estou fodido. Muito fodido.

Capítulo 36

Shakespeare & Promessas

Pearl Wyatt

Sento-me no sofá de casa, ligo a televisão e solto um sorriso bobo. Acabo de chegar em casa depois de uma tarde maravilhosa com Seth e Cassie, sentindo que nada mais poderia ficar mais perfeito. A forma como Cassie e Seth me trataram em sua casa foi bastante acolhedora, mesmo que Seth às vezes tenha agido um pouco rude, mas já aprendi que aquele é o seu jeito.

Meu celular começa a tocar e eu pego minha mochila, procurando até achá-lo.

— Ei, querida, já está em casa? — minha mãe pergunta.

— Sim, mamãe, acabei de chegar. — respondo ainda sorridente.

— Hoje nós vamos fechar mais cedo aqui e eu estarei levando lasanha, então nos espere. — ela avisa e eu concordo, finalizando a chamada em seguida.

Desligo a televisão e subo para o meu quarto, jogando-me em cima da minha cama assim que entro e fechando meus olhos com um sorriso nos lábios.



— Acorda, pirralha. — escuto Simon me chamar e em seguida sou cutucada. — A mamãe está chamando para o jantar. — diz.

Bocejo, passando as mãos por meu rosto enquanto levanto-me. Calço minhas pantufas e desço. Chegando à sala de jantar, minha mãe sorri para mim, enquanto o papai me envia um olhar questionador.

— De quem é essa jaqueta?— ele pergunta e eu finalmente me dou conta que não a entreguei de volta ao Seth.

— Do namorado dela. — Simon resmunga, jogando seu boné em cima de mim.

— Ele ainda não é meu namorado. — retruco, rolando os olhos.

— É do Seth, amor! Ah, você tem que conhecê-lo, com certeza vai gostar dele... — mamãe toma a frente, animada até demais da conta.

— Então você está namorando? — pergunta, analisando-me.

— Não, pai, eu já dis...

— Ela está quase lá! — minha mãe me corta. — Eu gosto dele e apoio os dois. — completa, entregando-me um prato com lasanha.

Sinto minhas bochechas queimarem e permaneço calada, já que ninguém escuta o que eu digo.

— Antes que isso aconteça, eu tenho que conhecê-lo. — papai avisa e eu aceno positivamente e dou de ombros em seguida.



Finalmente depois de ter terminado de jantar, tomo banho e começo a

fazer a maior parte do resumo que foi passado para eu e Chace.

Cansada após quase duas horas, deito-me na minha cama e desligo o abajur ao passo que puxo minha cobertura para cima de mim. Imagens e lembranças dos últimos meses passam por minha cabeça e, de uma hora pra outra, escuto Seth. Quer dizer, será que eu já estou sonhando ou coisa do tipo?

Abro meus olhos, sentando-me na minha cama e esperando por algum sinal de sua voz. Tudo bem, eu acho que já estou sonhando acordada. Deito-me outra vez e logo ele volta a exclamar “*Girassol*”. Isso definitivamente não é coisa da minha cabeça.

Levanto-me sobressaltada e puxo meu sobretudo fino pelo caminho, vestindo-o e saindo para a sacada. Pisco rápido, procurando-o e finalmente achando-o perambulando pela grama verde com uma garrafa de bebida na mão.

Oh, meu Deus!

— Gi-Girassol! Jogue sua trança... — ele para de falar e começa a rir, caindo de joelhos.

Nossos olhos se cruzam e seu riso morre, enquanto ele apenas deixa um sorriso preguiçoso em seus lábios bêbados.

— O que está fazendo aqui a essa hora, Seth? — pergunto exasperada, controlando-me para não fazer tanto barulho.

— E-Eu vim pedir des... — ele arrotta, jogando-se na grama e deitando de costa. — Desculpas. Eu vim p-pedir desculpas por ser... por ser um idiota e... e por ter a-arrotado agora. — resmunga e eu só não dou risada porque estou preocupada com ele.

— Do que você está falando? — pergunto e ele se levanta em um pulo,

girando para todos os lados até se estabilizar em seus pés.

Nos encaramos, ele me olhando firme e, *agora*, sério, mesmo estando embriagado. — Eis minha dama! — exclama, fazendo-me arregalar os olhos diante sua mudança brusca de comportamento. — Oh, sim! É o meu amor. Se ela soubesse disso! Ela fala; contudo, não diz nada. Que importa? Com o olhar está falando. Vou responder-lhe. — continua e eu recordo-me dessa linha.

É Romeu e Julieta e a tão famosa cena onde ela está na sacada do seu quarto. Jesus, Seth!

— É melhor você...

— Oh, falou! — ele joga a garrafa para longe, aproximando-se mais de onde estou. — Fala de novo, anjo brilhante, porque és tão glorios...

— Eu acho melhor você parar ou vai acordar todos da rua! — alerta, desesperada com sua atuação bêbada e descabida para essa hora.

— Que se foda, Shakespeare. Eu vou subir! — sentencia, segurando na grade feita de caule pelas flores que tem em toda essa extensão da parede desse lado da nossa casa.

— Meu Deus, Seth, para com isso. — imploro.

Ele sobe, nunca deixando de me olhar nos olhos.

— Estou quase fodidamente chegand...

Ele cai, com tudo. O baque é forte por conta do seu corpo pesado e eu dou uma breve olhada nele antes de sair em disparada para fora do quarto. Desço as escadas o mais rápido que consigo, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Corro para a cozinha, abrindo a porta dos fundos e saindo pelo quintal, terminando meu caminho até a lateral onde Seth está. Escuto ele

tossir e quando estou perto o suficiente, jogo-me de joelhos ao seu lado.

— Você está bem? — pergunto, com meu cabelo quase todo caindo sobre meu rosto.

Ele me olha, quase que tossindo seus órgãos pra fora pela boca. Talvez eu tenha exagerado um pouco, mas ele parece mal demais, diferentemente de hoje mais cedo.

— Esse é o meu céu... — murmura, parando de tossir e pegando um dos meus cachos rebeldes, lembrando-me que devo estar uma bagunça feia agora.

Puxo meu cabelo, tentando prendê-lo, mas Seth me detém.

— O que está acontecendo com você, Seth? — pergunto, cansada.

— Você está li-linda, como sempre. — grunhe, sentando-se e me puxando para si. — Quero beijar você, mas estou estupidamente bêbado demais para sentir seu gosto. — murmura, enfiando o rosto na curva do meu pescoço. — Quando eu estragar tudo, promete que vai me ouvir? — pergunta, beijando minha pele sensível.

— O que...

— Promete, Girassol! — exige.

— Você não vai estragar tudo. — sussurro, passando minhas mãos por seu cabelo em uma tentativa quase falha de acalmá-lo. — Eu prometo, entretanto. — completo.

— Filha? — escuto minha mãe me chamar e arregalo os olhos.

Capítulo 37

Vou consertar as merdas

Seth Sawyer

Com minha cabeça girando sem parar e com minha visão turva, afasto meu rosto do pescoço de Pearl apenas para fitar sua mãe que tem uma interrogação no meio da sua testa. Quer dizer, eu acho que sim. Porra, estou começando a ver coisas.

— Seth? — ela pergunta, forçando a vista e eu faço o mesmo.

— Olá, S-Senhora Wya... Wyatt! — ofereço-lhe um sorriso, levando uma cotovelada da Pearl em seguida.

— O que está acontecendo aqui? O que você está fazendo aqui a essa hora? — ela pergunta, amarrando seu sobretudo preto.

— Eu estav...

— Eu liguei para ele! — Pearl exclama, cortando-me. — Nós temos... temos um trabalho juntos e esquecemos de falar sobre isso...

— Eu acho que...

— Então ele disse que estava por perto e acabou aqui. — corta-me outra vez. — Estamos no chão porque ele está um pouco...

— *Bem pouco...* — mostro com meus dedos e Pearl puxa minha mão de volta.

— Bêbado. — ela diz. — E ele caiu, então fui ajudá-lo e acabei em

cima dele porque estou tentando pegar seu celular para ligar para Cassie. — Pearl me encara.

— Você me deixa orgulhoso, bebê. — resmungo, tentando a beijá-la.

— Você vai me dar seu celular agora? — ela pergunta, ignorando o que eu disse, fazendo-me rir.

— Você quer pegá-lo para mim? — pergunto, escutando sua mãe pigarrear.

Paro de rir imediatamente e Pearl se levanta, oferecendo sua mão para mim. Aceito, e assim que estou de pé, tudo gira outra vez.

— Você não pode sair na sua moto nesse estado. — a mãe de Pearl diz. — Vamos entrar, vou colocar uma xícara de café para você enquanto Cassie chega.

Ela lidera o caminho enquanto Pearl segura minha mão, guiando-me consigo. Entramos pela porta dos fundos, que por sinal é a porta da cozinha. A mãe de Pearl liga a luz e pega uma garrafa de café e caneca, enchendo-a com o líquido escuro.

— Mãe, você pode pegar a jaqueta do Seth que está em cima da minha mesa? — Pearl pergunta, empurrando-me para uma cadeira.

— Claro. — ela bota a caneca na minha frente, sorrindo fraco. — Eu já volto e, por favor, sem barulho ou o seu pai vai acordar. — alerta Pearl.

— Tudo bem. — a loira resmunga de volta, sentando-se ao meu lado.

A mãe de Pearl sai, deixando-me sozinho com sua filha, que aponta para a caneca.

— Você deve beber isso. — diz, suave pra caralho.

— Você tem certeza? — pergunto e ela rola os olhos, rindo baixo.

— Sim, eu tenho. — ela afirma.

— Se eu beber rápido você pode fazer eu me sentir melhor? — indago.

— O que quer que eu faça? — rebate, confusa com o meu pedido.

— Qualquer coisa, você quem sabe. — dou de ombros e ela acena positivamente.

Puxo meu celular do bolso, empurrando-o para ela.

— Você pode ligar para minha mãe enquanto eu bebo?

Pearl acena, pegando o aparelho em suas mãos pequenas.

Observo o local, ouvindo Pearl rir baixo ao meu lado. A cozinha é simples, mas bonita e de bom gosto. Pego a caneca e dou um gole, agradecendo pelo líquido estar apenas morno. Pearl começa a falar com minha mãe, provavelmente, e quando dou o último gole ela desliga a chamada e me entrega o celular.

— Ela parece zangada. — sussurra e eu rolo os olhos.

— Talvez eu nem apareça na escola amanhã. — retruco e ela faz uma cara confusa. — Há uma grande possibilidade dela me matar quando me olhar nesse estado.

A mãe de Pearl entra na cozinha e me entrega minha jaqueta.

— Obrigado. — digo.

Pearl puxa a caneca para longe e eu inclino meu corpo sobre a mesa. Fecho meus olhos, sentindo Pearl se aproximar de mim.

— Eu vou ficar na sala. — a mãe de Pearl diz, antes de desligar a luz e sair outra vez.

Os dedos finos e leves de Pearl emaranham-se em meus cabelos e eu

posso jurar que nunca senti algo desse tipo, principalmente vindo de uma garota.

— Isso faz você se sentir melhor? — ela pergunta baixo, inclinando-se como eu fiz e ficando cara a cara comigo.

— Isso é bom pra caralho. — rosno, respirando da sua respiração.



— Eu sinto muito pelo transtorno que ele causou. — é a minha mãe.

— Está tudo bem, Cassie. — a mãe de Pearl diz e eu finalmente abro meus olhos.

Respiro fundo, olhando as duas saírem pela portada cozinha. Pearl para de mexer no meu cabelo e se levanta, levando-me a fazer o mesmo.

— Vou sentir sua falta, Girassol. — enuncio, puxando-a para um abraço, que ela corresponde imediatamente para meu alívio.

— Vamos nos ver amanhã, Seth. — ela retruca, divertida. — E ainda tem treino à tarde, ou seja, realmente teremos bastante tempo perto um do outro.

Inspiro o cheiro do seu cabelo, pensando seriamente em sequestrá-la para dormir com esse cheiro perto de mim. Seu cheiro.

— Seth, vamos. — minha mãe me chama da porta e eu bufo.

— Boa noite. — Pearl sussurra, afastando-se lentamente de mim.

— Boa noite, Girassol. — retruco.

Caminho até minha mãe, que me puxa pelo braço todo caminho até seu

carro. Entramos juntos e eu olho pela janela Pearl e sua mãe abraçadas, encarando nosso carro.

— Dirigir bêbado, Seth, mesmo? O que está acontecendo com você? — minha mãe pergunta irritada, acelerando o carro.

— Eu estava putto e saí pra beber, depois lembrei-me da Girassol e vim atrás dela. Qual o problema? — pergunto de volta.

— *Estava putto?* Pode me dizer com o quê? — retruca. — Porque Quinn ligou para mim há pelo menos duas horas, perguntando por você. — completa e eu cerro os punhos.

— O que esse imprestável queria? — rosno, sentindo a mesma raiva que me levou a beber voltar de uma hora pra outra. — Disse-lhe que pagaria uma porra de dinheiro, mas ele não me fez um serviço sequer, não me deu uma maldita informação.

— Do que você está falando, Seth? — indaga, parando em um sinal vermelho e me fitando.

— Eu tenho que acabar com uma puta da escola antes que ela acabe comigo. — cuspo, segurando o impulso que tenho de socar o painel do carro.

— Uma puta? — arqueia uma sobrancelha. — O que está acontecendo, filho? O que há de errado, *conte-me*.

Respiro fundo, negando.

— O que Quinn disse? — pergunto.

— Disse que precisava falar com você, Seth, e disse que o assunto era confidencial. — resmunga, chateada. — O que você está aprontando e por que quer acabar com alguém? Ela está fazendo algo contra você?

— É meu negócio, mãe, eu vou consertar as merdas que fiz. —

respondo. — Agora sem mais perguntas, por favor. — bufo, fechando os olhos.

Capítulo 38

Ansiosa

Pearl Wyatt

Quanto mais os dias passam, mais eu quero eternizá-los, assim como eu queria poder guardar todos os momentos que passei e passo com meus amigos, mas especialmente, Seth. A forma que ele me trata, como se eu fosse algo precioso em suas mãos que a qualquer momento pudesse quebrar. Admito que gosto de sua preocupação, isso mostra que ele se importa, agindo sempre super protetor comigo e alarmado com tudo que acontece ao meu redor, quase beirando a paranoia. Não, eu não gosto da sua paranoia, mas a preocupação é válida.

Solto um suspiro, continuando a pensar em Seth, sem mais ninguém no meio. Depois do incidente de madrugada, onde ele nos fez viver a cena de Romeu e Julieta na sacada que quase terminou tragicamente, já o peguei inúmeras vezes me encarando perdido em pensamentos. Algumas vezes ele até parece preocupado, irritado, fazendo-me *quase* perguntar o que está havendo, mas nunca me atrevi a fazê-lo.

Nos conhecemos há três meses e meio, mas ainda não seguimos para outra fase do nosso relacionamento: *o namoro*. Eu tenho esperança que algum dia ele me peça para ser sua namorada, mas eu não estarei empurrando-o para isso, afinal eu não quero obrigar ninguém a me namorar.

Devido minha proximidade com Seth, acabei ficando bastante próxima de Sculler que é muito gentil e brincalhão comigo, sempre mostrando a

lealdade incondicional que tem por Seth quando o mesmo me deixa por alguns minutos com seu melhor amigo.

Termino de vestir minha camiseta, agora pensando em como eu e Jenna nos tornamos mais próximas nas últimas semanas. Ela já até conheceu a Spencer certa vez que foi a pizzaria comigo depois da aula. As duas se deram bem instantaneamente e logo na semana seguinte nos reunimos em uma pseudo festa do pijama que acabou em nós três falando sobre atores bonitos no meu quarto.

Chace já é outra história... Seth não suporta vê-lo se aproximar de mim e o fato de que eles se enfrentam sempre que há qualquer brecha, é um pouco cansativo para mim por causa da minha posição: gosto de Chace e valorizo sua amizade, mas então eu estou apaixonada por Seth de forma irreversível e eu não quero que ele fique chateado comigo. Eu ainda tenho que conversar e perguntar muita coisa para Seth, porque Chace está se tornando um amigo e tanto para mim e eu não quero perdê-lo.

Pego minha fita amarela, amarrando-a como uma tiara para combinar com a minha camiseta da mesma cor. Escuto a buzina de Seth e pego meu celular, descendo apressada para encontrá-lo.

Meus pais estão na pizzaria e Simon já foi para escola há quase duas horas, porque segundo ele aconteceria um pré-treino para o jogo que começará daqui uma hora. Seth combinou de me buscar em casa já que ele disse que queria me ver antes do jogo e que queria me dar algo.

Saio de casa, tranco a porta e corro até Seth que já está me esperando de braços cruzados. Paro em sua frente, ofegando e fitando-o avidamente, assim como ele está fazendo de volta.

— Girassol. — saúda-me, tirando um sorriso meu.

— Seth. — resmungo de volta, acalmando minha respiração aos poucos.

— Está pronta para ir? — pergunta, descruzando os braços e se aproximando um passo de mim.

Aceno positivamente tentando me focar em seus olhos, mas não resisto, acabando por olhá-lo de cima a baixo. Seth usa apenas um jeans escuro e camisa azul, nada demais a princípio, mas na verdade Seth sempre parece muito bem, não importa se ele está bem arrumado ou não.

— Depois do jogo eu quero levá-la para um jantar comigo. — Seth diz, segurando um dos meus cachos como sempre faz.

— Devo vestir algo melhor? — pergunto, abaixando a cabeça para fitar meu único jeans que resolvi usar hoje e minha camiseta amarela.

— Vamos passar na sua casa antes disso, então poderá se trocar para um de seus vestidos. — retruca, passando o braço esquerdo por minha cintura e puxando-me para colar nossos corpos juntos. — Mas eu gosto do que está usando agora. — resmunga e eu o encaro, sorrindo de lado.

— Mesmo? — pergunto incerta, já que estou mais acostumada a usar vestidos. — Eu geralmente uso calça só na pizzaria e elas nem são jeans. Admito que essa é a minha única calça jeans. — dou de ombros.

— Você sabe, eu gosto das suas pernas. Elas são realmente boas. — enuncia sorrindo e eu cerro os olhos para ele divertidamente.

— São boas? — indago, levantando uma das minhas sobrancelhas.

— Sim, muito boas. — afirma, sem se sentir intimidado. — Ultimamente eu andei sonhando com elas enroladas no meu qua...

— Seth! — exclamo, tapando sua boca e fazendo-o rir abafado. —

Você deveria calar a boca... — resmungo, sentindo todo sangue do meu corpo ser drenado para as minhas bochechas.

— Que seja. — diz, puxando minhas mãos para fora do caminho e selando nossos lábios.

Com um beijo calmo, Seth me envolve da forma que só ele sabe fazer, derretendo-me por inteira e fazendo-me quase virar líquido em seus braços. Esse beijo é ainda melhor do que todos os outros que já tivemos. Todo novo beijo ou novo toque com Seth é *mais* uma descoberta para mim. As sensações que correm por meu corpo são quase que indescritíveis, e eu gosto disso, mesmo não sabendo muita das vezes o que estou sentindo.

— Melhor irmos agora... ou vamos... nos atrasar... — digo entre beijos, segurando-me no último fio de sanidade que ainda me resta.

— Eu preciso de mais um pouco... — retruca, procurando freneticamente por meus lábios.

— Você vai se atrasar para o jogo, Seth. — enuncio, abrindo os olhos e segurando seu rosto. — Poderá ter mais um pouco assim que sair do campo. — ele me olha com os olhos pretos refletindo minha imagem.

— É uma promessa? — ele grunhe, fitando meus lábios.

— Sim, será uma promessa se assim você quiser que seja.

— Eu vou cobrar, então. — diz, afrouxando o braço em torno de mim. — Agora vamos antes que eu desista. — grunhe.

Seth abre a porta para mim e antes de me deixar entrar, puxa algo lá de dentro e se vira outra vez para me encarar.

— Essa é a minha camisa da sorte. — diz, estendendo uma camisa azul para mim, com detalhes em branco e preto assim como a camisa de Simon, só

que parecendo ser uma versão mais antiga. — Foi a minha primeira camisa, a que usei no meu primeiro jogo pela escola. Nunca perdi um jogo com ela, mesmo quando eu ainda tinha uma merda de lançamento. — explica e eu seguro a camisa em minha mão. — Estou dando ela para você então poderá usar sempre que for me assistir. — completa.

Solto um sorriso, vendo que a camisa parece bem menor do que sua atual estatura, mas ainda sim grande demais para mim.

— Você tem certeza que está confiando sua camisa da sorte comigo? — pergunto surpresa, mas sem deixar de sorrir.

— Com quem mais eu confiaria minha camisa da sorte? — pergunta, rolando os olhos. — Ela é sua agora.

Visto a camisa, confirmando o que eu já estava pensando: a camisa ficou enorme em mim. Puxo meu cabelo para fora, enfiando a barra da camisa para dentro da minha calça.

— Eu pareço bem agora? — brinco e ele rola os olhos, rindo em seguida.

— Você parece completa. — retruca, beijando meus lábios.

Ambos entramos no carro e Seth nos conduz até a escola. Hoje é a primeira vez que verei ele jogar oficialmente, provavelmente nada igual aos inúmeros treinos que já tive o prazer de assistir. Nada mais que **ansiosa** me define nesse momento.

Capítulo 39

Minha sorte

Seth Sawyer

Entrelaço meus dedos com os de Pearl, enquanto caminhamos até o campo. Durante as últimas semanas tentei de tudo para tentar tirar de Macy todas as merdas que ela descobriu sobre meu passado e da minha mãe, mas não consegui. Ela tem cópias e mais cópias, e não só no seu computador de merda que consegui ter Quinn hackeando, mas provas impressas que ela fez questão de jogar na minha cara assim que percebeu que todos seus arquivos haviam sido excluídos por Quinn.

No mesmo momento eu **congelei**.

As manchetes. A morte do meu avô. A herança. O escândalo. A minha mãe exposta e processada. O fodido do meu pai usando sua porcaria de nome para sair por cima de tudo. Tudo isso só para chegar ao nosso trato.

A pior fase da minha vida e da minha mãe toda jogada na minha cara depois de anos. Eu dividido entre continuar com a aposta ou fazer minha mãe reviver todo o inferno depois de anos. Toda vergonha, que embora ela diga que nunca teve vergonha do que fez, eu sei que, *sim*, ela sentiu vergonha por seu nome ter sido jogado na lama. Por isso deixamos Washington. Por isso fizemos um trato com o nosso Lúcifer particular, para que ele nos deixasse em paz e desse um jeito de fazer com que todos parassem de falar sobre nós. Se eles esquecessem nossos nomes, nós esqueceríamos o que aconteceu.

Não é bem verdade, mas nós fingimos que não lembramos e eu faço de

tudo para que minha mãe não seja atingida outra vez por essa merda. Para me proteger, ela fez coisas que só uma mãe faria, e para protegê-la, tudo que posso fazer é continuar com a aposta com a esperança de que nada acabe fodido no final. Pearl não vai saber de nada e eu vou me certificar nos últimos detalhes de que ela nunca nem mesmo sonhe com essa porcaria de aposta.

Bufo irritado, sugando uma respiração rasa assim que entro no campo de futebol. Todos os olhos estão grudados em mim e em Pearl, e, agora, pela primeira vez em muitos anos, eu não gosto da atenção que estou recebendo. Na realidade, eu não gosto da atenção que Pearl está recebendo. Todo mundo está encarando-a como se ela fosse um fantasma ou algo do tipo, e isso me irrita pra caralho.

Há caras encarando Pearl, entre eles o amigo imbecil dela, Chace.

Esse cara está me dando na porra dos nervos.

Eu não quero que ele olhe para ela, nem que ele fale com ela. Mas de fato, eu não quero mesmo é que ele respire perto de Pearl. Eu não gosto dele e nem o inferno fará com que eu goste.

— Eu vou sentar com Jenna agora... — Pearl resmunga ao meu lado e eu paro de andar, fazendo-a parar comigo.

— Fique em algum lugar que eu possa ver você. — aviso e ela me encara, acena positivamente com a cabeça enquanto sorri do jeito que só ela sabe fazer.

— Vou pegar um lugar bom. — diz, ficando na ponta dos pés para beijar minha bochecha, mas eu viro o rosto e fazendo-a colar nossos lábios. — Boa sorte... — sussurra, sem recuar.

Provo seus lábios rapidamente sem fechar os olhos e ela faz o mesmo.

— Se eu preciso de sorte, então você é a minha sorte. Fique em um lugar realmente bom, Girassol. Preciso de você olhando apenas para mim. — rosno, segurando um de seus cachos.

Com as pupilas dilatadas enquanto me encara, ela assente firme. Abraço-a uma última vez, aproveitando para sentir seu cheiro antes de deixá-la ir para pegar seu lugar com Jenna. Assisto Pearl se infiltrar na arquibancada lotada e caminho para o vestiário para colocar meu equipamento e vestir meu uniforme.



Precisamos virar o jogo.

A partida está no final e eu sei que a minha única chance está em fazer um bom lançamento para Sculler.

— *Huddle, huddle, huddle!* — exclamo irritado e todos se aproximam. — Tenha a merda da sua cabeça no jogo, caralho! Pare de olhar para as putas das líderes de torcida! — digo, segurando a grade do capacete de Vance. — Eu quero a minha linha me protegendo para fazer o passe para Sculler. *Shotgun* agora, *shotgun!* — nos separamos rapidamente.

Com a formação feita, olho para os lados e acho Pearl me encarando assim como eu pedi que ela fizesse. Mesmo precisando de um *touchdown* e sabendo que preciso fazer isso acontecer, solto um sorriso e aponto para ela.

Ela é a minha sorte. Minha garota da sorte, com certeza.

Essa formação é arriscada. Ficarei recuado seis jardas a mais que o normal, mas é para isso que eu venho treinando. Confio em Sculler para se

infiltrar e receber o meu lançamento, foi por esse exato momento que passamos horas e mais horas treinando juntos nos últimos três anos.

— Bloqueio. Centro. *Snap!* — alerto-os, comandando alto.

Phill lança a bola para mim dando início à jogada.

Sete segundos é o que eu preciso para raciocinar tudo que está acontecendo na minha frente. Minha defesa está bloqueando o avanço dos adversários enquanto vejo Vance e Sculler se infiltrarem no meio dos outros. Vance está marcado, assim como eu esperava que ficasse, então respiro fundo olhando diretamente para Sculler. O vento frio vem da esquerda e eu sei exatamente o que fazer.

Levanto três dedos para cima, indicando para Sculler a jogada.

Arremesso a bola, no mesmo momento em que os jogadores chegam para interceptar meu lançamento. Sou jogado no chão, mas logo fico de pé para observar a bola fazer exatamente o que eu sabia que faria. A curva perfeita. Sculler recebe, escapando e correndo, fazendo o que ele mais sabe fazer: o maldito *touchdown*. Quando Sculler chega ao final do campo, todos explodem em gritos na arquibancada.

Bom jogo, porra. Foi um bom jogo.

O campo começa a ser invadido pelos torcedores, claro que a maioria é da nossa escola, mas eu os ignoro. Empurro todos para fora do meu caminho e tiro meu capacete enquanto vou em direção a Pearl. Posso ver seu sorriso mesmo de longe.

— Ei, Girassol! — resmungo, puxando-a para perto de mim.

Ela não parece se importar por eu estar suado, pelo contrário, ela me abraça com força, fazendo-me sorrir de lado enquanto a seguro comigo. — Você está bem? — ela pergunta alto devido ao barulho ao nosso redor.

— Nunca estive melhor, Girassol. — afirmo.

— Você tem certeza? Eles pegaram você no f-final... — continua, encarando-me como se estivesse à procura de algum ferimento.

— Estou bem, aquilo não foi nada. — volto a falar e ela finalmente parece acreditar em mim. — Você gostou do jogo? — indago.

— Você foi fantástico! — exclama com os olhos brilhando intensamente.

— E não foi nem mesmo nosso melhor jogo... Os caras estavam agindo como idiotas no campo. — resmungo, enquanto ela passa os dedos pelo meu cabelo molhado. — Você pode me beijar agora? — indago, encarando seus lábios.

Seu sorriso diminui, mas não morre.

— Tem muita gente aqui, eu acho que seria melhor se nós prim...

Calo Pearl assim que selo nossos lábios. Ela não luta contra isso, apenas me deixa guiá-la como sempre faço. Depois dessa noite eu sei que não mais precisarei perguntar se ela pode ou não me beijar, ela vai querer fazê-lo por conta própria.

Pelo menos eu conto com isso.

Capítulo 40

Você tem certeza?

Pearl Wyatt

Enquanto espero Seth voltar do vestiário, fico conversando com Jenna, que não para de falar sobre o futuro encontro que terá com um dos garotos do time de futebol. Eu não faço a mínima ideia de quem ele seja, mas fico feliz por Jenna, já que ela parece bastante animada — *para não dizer histérica*. De certa forma, me identifico com ela, pois até hoje eu fico nervosa perto de Seth e temo que isso nunca passe.

— Ei, não vamos comemorar? — Chace chega, perguntando e passando seu braço direito sobre meu ombro.

Olho para todos os lados, procurando Seth para tentar me certificar que ele não está vendo isso. É melhor que ele não veja, não que eu queira esconder algo dele, mas o que eu *realmente* não quero é que ele entre em confusão por minha causa.

— Nós podemos ir com o pessoal do time para comemorar, mas sem contar com a Pearl, porque ela tem um encontro com o Príncipe dela. — Jenna comenta, sorridente.

Dou um sorriso de lado, sentindo minhas bochechas queimarem. Chace tira o braço do meu ombro só para me encarar sem falar uma palavra. Ele pigarreia, coçando a nuca.

— Acho melhor eu ir para casa agora. — ele resmunga, dando-nos as

costas, mas Jenna segura seu braço.

— Vamos comemorar com os outros. — ela diz, franzindo a testa.

— Eu tenho alguns trabalhos para colocar em dia... — ele rebate, ignorando Jenna.

Nós encaramos Chace ir embora e ela me dá uma cotovelada.

— Olha só quem está vindo ali... — Jenna sussurra e eu sigo seu olhar.
— Ele está todo trabalhado no *touchdown*, mas, por favor, não ceda ao charme do Sr. Sawyer, *ainda*. — completa.

Eu entendo o que ela quer dizer. Seth não está vestido casualmente ou com seu constante estilo bad-boy, pelo contrário, ele está de calça social, camisa branca de botões abertos no momento e sapato preto. É como se ele estivesse pronto para ir a alguma festa de gala, faltando assim só um terno e gravata.

— Jesus Cristo no céu e Seth Sawyer na terra! — alguma garota grita de algum lugar, mas não me preocupo em procurar quem foi já que nem mesmo saberia o que fazer.

Não consigo tirar os olhos dele e agora penso no que eu devo vestir baseada em como ele parece agora. Provavelmente ele está me levando para algum lugar caro e eu nunca lidei muito bem com coisas caras. Vivi toda minha vida em uma cidade de interior, onde não havia estabelecimentos tão caros, chiques e glamorosos. Quando eu viajava para Itália com meus pais, eu ainda fui a alguns restaurantes de bom gosto, mas isso já faz tanto tempo que nem sei como consegui resgatar essa lembrança. Só agora, em Long Beach, que voltei a ver lugares desse tipo e eu nunca me atrevi a entrar neles por motivos óbvios.

— Podemos ir, Girassol? — Seth pergunta, parando na minha frente.

Pisco uma, duas, três vezes antes de assentir.

— Oh, eu tenho que falar com Simon antes disso... Quer dizer, preciso perguntar se ele vai voltar conosco...

— Eu já cuidei disso, ele voltará com Sculler depois da comemoração na casa de algum dos caras. — explica, cortando-me.

Assinto outra vez e encaro Jenna, que nos analisa com um sorriso de lado. — Nos falamos amanhã, tudo bem? — digo e seu sorriso aumenta.

— Claro que sim, não se preocupe comigo. — ela responde e encara Seth. — É bom que tenha aprendido a como tratar uma garota, *Quarterback*. Ela merece. — comenta, piscando para nós dois.

Seth não responde, apenas me puxa para caminharmos até o estacionamento.

— Suas amigas sempre parecem prontas para pularem sobre meus ossos e isso **não** é em um bom sentido. — ele resmunga e eu dou uma risada, atraindo seu olhar para mim. — Você está rindo de mim? — indaga, cerrando os olhos comicamente.

— É engraçado, desculpe-me. — enuncio, sorrindo de lado. — Elas são super protetoras, Seth, isso é tudo. — explico.

— Apesar da merda que elas me dão, as garotas estão certas. — ele bufa, finalizando nossa conversa.



Finalmente chegamos à minha casa. Seth puxa algo do banco de trás e engulo a seco, observando que se trata de um terno e gravata. Realmente

estaremos indo para um lugar caro, não há mais qualquer dúvida.

— Meus pais estão em casa... — sussurro, olhando o carro do meu pai estacionado ali na frente.

— Eu vou entrar para falar com ele, com o seu pai. — Seth retruca e eu viro para ele já com os olhos arregalados.

— V-Você tem certeza disso? — gaguejo, notando que ele já vestiu o terno e agora apenas arruma sua gravata com uma habilidade absurda. É como se ele já estivesse acostumado a fazer nós de gravata.

— Claro que sim, Girassol. Você tem algum problema com isso? — ele pergunta sem me fitar.

— Não, cl-claro que não. — torno a falar.

Seth pega um *rolex* de dentro do bolso de sua calça e coloca-o e seu pulso esquerdo, agora me encarando de volta.

— Não se apresse tanto, seu pai provavelmente me encherá de perguntas, mas estou pronto para isso. — ele comanda e eu assinto. — Podemos ir? — indaga.

— Sim, claro. — concordo.

Seth sai do carro e eu estou tão nervosa que também pulo logo para fora. Ele segura minha mão com uma das suas, enquanto passa os dedos pelo cabelo com a outra. Eu não consigo parar de encará-lo. *Por que ele está agindo tão natural?* Ele não parece nervoso, mas sim confiante, diferentemente de como eu fiquei quando conheci Cassie.

Puxo a minha chave do bolso do meu jeans assim que paramos em frente à porta, mas Seth a puxa da minha mão antes que eu faça o movimento de colocá-la na fechadura.

— O que está fazendo? — pergunto, levantando uma sobrancelha.

— Estou fazendo o certo. — retruca, como se estivesse falando algo óbvio.

— E o que seria o certo? — volto a perguntar.

— Tocar a campainha, claro. O que acha que ele pensaria de mim se eu entrasse em sua casa sem sua permissão? — indaga.

— Mas você estaria entrando comigo. — rebato.

— O que seria pior ainda, na visão dele. — resmungo, apertando a campainha. — Acredite em mim, estou fazendo o certo, Girassol. — Seth afirma e no momento seguinte, meu pai abre a porta com um olhar inquisitório.

Papai cruza os braços e eu puxo minha mão da mão de Seth. Minha mãe aparece logo atrás do meu pai e abre um sorriso para nós dois, parecendo animada em ver Seth.

— Olá, crianças! — ela exclama e vejo o papai fazer uma careta.

— Quem é você? — ele pergunta a Seth, inflexível em sua postura.

— Seth, amor. Esse é o Seth. — mamãe responde sem nem me dar a chance de abrir a boca.

— Entra, Pearl. — meu pai comanda e eu imediatamente faço o que ele diz. — Você também, garoto. — completa, fitando Seth atentamente.

— Por que ele está vestido assim? — mamãe sussurra em meu ouvido.

— Eu acho que vamos sair, se o papai deixar. — sussurro de volta.

— Sério? — sussurra exasperada e eu aceno positivamente.

— Então você é o *famoso* Seth? — papai pergunta com um tom

irônico. — O que trouxe você aqui? — indaga.

— Eu vim para pedir sua permissão para levar sua filha a um encontro.
— Seth responde confiante.

— Por isso está vestido assim? Está com medo? — meu pai volta a perguntar, tão irônico quanto pode.

— Eu não estou com medo, Sr. Wyatt. — Seth retruca.

Papai o analisa por alguns segundos e logo após vira para me fitar.

— Você pode ir se arrumar, agora eu terei uma conversa com o garoto.
— meu pai resmunga.

Mamãe me puxa, arrastando-me pela escada, mas o que eu queria mesmo era ter ficado na sala. Chegamos ao meu quarto e minha mãe vai me empurrando para o banheiro.

— Não molhe os cachos, eu já sei o que fazer com eles. — ela diz animada. — Vá banhar enquanto eu procuro um vestido para você, amor. — completa e eu apenas assinto.



Fecho meus olhos enquanto minha mãe teima em continuar passando maquiagem em meu rosto. Se há uma coisa que eu realmente não nasci para usar, essa coisa é a maquiagem.

Há pelo menos vinte minutos eu saí do banheiro e comecei a me arrumar. Vesti um dos meus melhores vestidos, que vai até um pouco acima dos meus joelhos e é da cor vermelha. Ele é tão simples, mas ao mesmo tempo tão bonito. É o meu favorito.

Por insistência da minha mãe, calcei um salto alto seu. No último mês ela ensinou-me a como usar esse tipo de calçado, eu não me saí tão ruim, mas ainda tropecei em meus pés na ocasião.

— Mãe, é o suficiente! — exclamo, sufocada com tanta atenção sua.

— Espere, eu preciso apenas prender seu cabelo e arrumar os cachos. — ela retruca, agora mexendo em meu cabelo.

— O papai deve estar aterrorizando o Seth. Ele provavelmente já saiu daqui e nunca mais vai querer olhar em minha cara. — resmungo, cruzando os braços.

— Se isso tivesse acontecido, seu pai já teria aparecido comemorando. Fique tranquila, Seth ainda está esperando por você. — mamãe enuncia sabiamente.

Ela tem razão.

Depois de mais poucos minutos, minha mãe se coloca na minha frente para me analisar.

— Você parece uma *princesa*. — sussurra, puxando-me para ficar de pé.

Caminho com calma até o espelho, tentando não tropeçar e fito minha imagem no espelho do meu quarto. O penteado que minha mãe fez ficou muito bonito. Ela puxou duas mechas, uma de cada lado, e as prendeu com uma presilha brilhante. A maquiagem, diferente do que eu pensei, está até bonita. Ela não usou cores fortes, apenas realçou a cor clara dos meus olhos castanhos. A única coisa que se destaca, é o batom vermelho em meus lábios que incrivelmente é da mesma cor que o meu vestido.

— É melhor descermos agora. — mamãe diz, sorrindo animada.

— Sim, claro, vamos logo. — enuncio tão animada quanto ela.

Mamãe ri comigo todo o caminho, segurando meu braço e me ajudando a ficar bem equilibrada. Chegamos à sala e encontramos os dois conversando amigavelmente enquanto assistem a um jogo de futebol na televisão.

— Simon tem um arremesso fraco ainda, mas o garoto tem potencial. — papai diz a Seth, que acena positivamente.

— Sim, ele tem bastante potencial. No último mês estive treinando o arremesso dele e o alcance está ficando bem melhor. — Seth retruca e finalmente me nota no pé da escada.

Os dois se levantam e mamãe limpa a garganta sugestivamente.

— Ela está pronta. — minha mãe anuncia.

Meu pai olha o relógio em seu braço e volta a me fitar.

— Eu a quero dez e meia, *aqui*, na minha porta. — papai comanda e eu olho discretamente para o relógio na parede, que marca seis e dez.

— Sim, Sr. Wyatt. Não vou atrasar. — Seth resmunga, sem tirar os olhos de mim.

Dou um abraço rápido em mamãe e faço o mesmo com o papai, que sussurra antes de me deixar partir. — Conheço o tipo dele, não é o melhor, mas parece que o garoto gosta de você, então estou dando-lhe uma chance. — comenta. — Além disso, ele acha que eu gosto dele, mas apenas estou fitando-o atentamente antes de ameaçá-lo realmente.

Dou uma risada e beijo sua bochecha, recebendo uma piscadela sua.

— Podemos ir? — Seth pergunta e eu viro-me para ele.

Assinto e enlaço meu braço com o seu. Saímos de casa e caminhamos até seu carro sem falarmos um “*ai*” sequer. Sei que meus pais estão nos

encarando da porta, então continuo calada. Seth abre a porta do carro para mim e me ajuda a entrar, entrando seguidamente do outro lado. Ligando o motor, ele começa a dirigir ao passo que afivelo meu cinto.

— Você parece incrível, Girassol. — ele finalmente diz, olhando-me rapidamente.

Sinto minhas bochechas queimarem e viro meu rosto para a janela, observando o tráfego pelo vidro. Aperto meus dedos em cima do meu colo, tentando conter a onda de ansiedade que toma conta do meu corpo.

— Para onde estamos indo? — pergunto, curiosa demais para ficar quieta em meu lugar.

— É uma surpresa. — rebate simplesmente.

Viro para encará-lo a tempo de ver um pequeno sorriso em seus lábios. Seth liga o rádio, pegando uma das minhas mãos e beijando seu dorso rapidamente antes de voltar sua atenção total para o nosso caminho.

Capítulo 41

Não estou bem!

Seth Sawyer

Depois de conversar com o pai de Pearl por longos minutos, finalmente ela apareceu mais bonita do que nunca. Seu cabelo longo e cacheado jogado por suas costas, o vestido simples, seu rosto iluminado. Tudo nela grita felicidade e essa é a melhor parte. Porra, ela está feliz, e está comigo. Embora eu não tenha mudado muito meu jeito carrancudo de ser — além da minha maneira de merda de expressar meus sentimentos por qualquer pessoa que seja — sinto-me tão feliz quanto ela.

Desligo o aquecedor, sabendo que estamos a poucos minutos do nosso destino. Escolhi um lugar, que por mais que ainda me perturbe muito, é onde eu passei grande parte das minhas férias quando pequeno. Rede de Hotéis Kassid, sede, localizada em Los Angeles. Como sede, é um dos melhores hotéis e de melhor estrutura que há nessa rede. O local é luxuoso e de bom gosto, tudo que Pearl merece e que eu estou disposto a dar para ela.

— Estamos em Los Angeles outra vez? — Pearl pergunta, enquanto manobro o carro para entrar em uma estrada de cascalhos.

— Sim, mas é uma outra parte de Los Angeles. Eu diria que é uma parte privada, mas teremos de tudo. — informo, ansioso para ver sua reação.

De longe vejo o grande letreiro **Kassid**, brilhando, e logo acima, cinco estrelas coroando o *status* do local.

Continuo conduzindo calmamente e não demoro para chegar aos grandes portões do local. Um segurança se aproxima do carro e eu abaixo o vidro, pegando minha carteira e puxando minha ID lá de dentro para mostrar para ele.

— O Senhor tem reserva? — ele pergunta e eu empurro minha ID para ele sem falar qualquer coisa. Ele checa e seus olhos expandem rapidamente antes dele se recompor. — É um Kassid, abram os portões, *agora*. — o segurança murmura em um pequeno dispositivo de comunicação entre os funcionários.

Puxo minha ID e coloco dentro da minha carteira, voltando a dirigir enquanto encaro o portão abrir para mim. Pearl não fala qualquer coisa, apenas encara o lugar pela janela.

— Eu conheço esse nome... — Pearl sussurra, virando-se para me encarar. — Kassid. — acrescenta e eu fecho minhas mãos com força ao redor do volante.

— Kassid? Onde ouviu falar desse nome? — pergunto tenso.

— Ah, eu não ouvi falar... Só lembro de ter visto no álbum de fotos da sua mãe. Vocês têm muitas fotos em frente a esses hotéis. — rebate, dando de ombros.

Respiro aliviado, parando o carro em qualquer vaga livre, em frente ao prédio principal.

— O lugar é bom, você vai ver só. — digo, sorrindo de lado.

Abro a porta, jogando a chave para o manobrista que aparece ao meu lado assim que coloco meu pé no chão e corro a tempo de abrir a porta para Pearl. Ofereço minha mão para ela segurar, que sorri, aceitando minha ajuda e parando em minha frente.

— Você sabe a única coisa que me irrita em como você está parecendo agora? — pergunto e ela fica séria, negando. — O batom. — confesso. — Você parece quente, admito, mas eu estou impossibilitado de te beijar, Girassol. Isso não é justo.

Sua expressão suaviza e ela sorri largamente, assim como fazia quando tivemos nosso primeiro encontro na Praia de Santa Mônica. Meu sorriso favorito, para falar a verdade.

— Acho que você consegue se segurar por algum tempo. Confio em você para fazer isso. — enuncia, abraçando-me pelo pescoço.

— Não deveria confiar... — atiro de volta, fitando seus lábios cheios.

Respiro fundo, sacudindo minha cabeça e subindo meu olhar para encará-la. Pearl sorri um pouco mais abertamente e beija-me tão rapidamente que mal sinto o toque de sua boca na minha.

— É melhor irmos logo ou então perderá a melhor coisa que já viu em toda sua vida. — sentencio por fim.



Depois de mostrar para Pearl o grande jardim que eu costumava passar a maior parte do meu tempo com a minha mãe e meus avós, a conduzo para o lugar que planejei e fiz *reserva* para nós dois. Observo tudo, percebendo que parece assim como informei que deveria estar. A mesa ao ar livre, coberta por uma pseudo tenda à beira do lago que corta aquela parte da propriedade, de longe, parece estupidamente perfeita.

— Nossa... — Pearl sussurra tão baixo que nem sei como consigo

escutar.

Caminhamos devagar até nosso destino, e ao invés de olhar por onde ando, fico observando Pearl e sua expressão. Se eu soubesse que ela ficaria assim, teria o feito antes.

Bem antes.

— Isso deve ter sido caro. — ela afirma e eu percebo que já estamos em frente a nossa mesa.

— São os privilégios de se ter muito dinheiro. — enuncio e ela me encara, dando uma risada sem graça.

— Poderia ter me levado para comer um cachorro-quente e eu ainda estaria satisfeita. — ela diz, apertando minha mão. — Quero que saiba que eu não me importo com seu dinheiro. A companhia, muita das vezes, é o que melhora ou piora o ambiente. Aqui ou em um lugar mais simples, tudo sairia perfeito, porque o que realmente importa é você estar comigo. — completa, deixando-me boquiaberto.

Puxo uma respiração rápida, perguntando-me como Pearl consegue ser tão naturalmente bonita, tanto por fora quanto por dentro. Tem algo, uma luz que por mais estranho que isso pareça, brilha ao redor dela sempre que ela abre a boca para falar qualquer coisa. Como se ela fosse um anjo.

— Eu sei que nada disso compra você, Girassol, mas também sei que você merece o melhor e eu não ficaria satisfeito em te dar menos que isso. Tudo bem por você? — indago e ela acena positivamente.

Puxo uma das cadeiras para Pearl e ela se senta; assim que faço o mesmo, um garçom aparece para nos servir. Como previsto, é tudo que eu pedi para Quinn arranjar. Pearl encara os morangos cobertos de chocolate e passa a língua quase que imperceptivelmente sobre os lábios.

Foda-se, ela será o meu fim.

— Eles são nossos? — pergunta sem me olhar, mas sim encarando os morangos.

Não seguro o riso baixo que sai por minha boca antes de confirmar. Pearl pega um dos morangos e coloca em sua boca, mastigando devagar, *tão devagar*, que acho que ela está jogando comigo.

— Morangos são meus favoritos. — ela confessa, finalmente me fitando agora com as bochechas avermelhadas. — Você não vai pegar um? — pergunta.

— Sim, claro. — resmungo, pegando um morango e empoleirando-me em minha cadeira.



— Teve uma vez que o Simon acertou-me com sua bola de futebol... *bem na boca*. — Pearl conta, rindo tanto que seus olhos ficam marejados. — Ele estava treinando seus arremessos e acabou errando, ou acertando, dependendo do ponto de vista. — ela mexe em um de seus cachos.

— Como diabos ele poderia ter acertado? — pergunto, sentindo-me um pouco irritado.

Um arremesso na boca de Pearl? Simon era realmente uma merda.

O mesmo garçom, volta para nos servir com o prato principal. Já é perto das oito meia da noite. Eu e Pearl já estamos conversando há bastante tempo, enquanto ela conta-me sobre sua infância em Wimberley. Não me arrisco em contar sobre minha infância, dessa forma eu deixo que ela

comande nossa conversa, além de ser muito bom vê-la animada e falante.

Ela espera o homem sair até voltar a falar outra vez.

— Eu tinha um dente mole que eu não queria arrancar de jeito nenhum. Minha mãe me aterrorizava, dizendo que outro nasceria por cima, mas eu não queria sentir dor. — ela explica. — Com a bolada de Simon o dente acabou caindo. — ri outra vez.

— E não doeu? — questiono, levantando uma sobrancelha.

Pearl dá de ombros e franze a testa, olhando para algum ponto atrás de mim e antes que eu vire minha cabeça para ver quem é, a pessoa fala. Viro meu rosto na esperança de não vê-lo atrás de mim. É um pesadelo, só pode ser. Não pode ser real. Ele não está aqui. Ele tem uma restrição da polícia para não estar aqui, para não se aproximar de mim. Além disso, temos um trato.

Mas, *infelizmente*, ele está aqui.

Steven Soren Kassid.

— O que diabos você está fazendo aqui? — indago, cerrando meus punhos com força, enquanto sinto minha nuca queimar com tamanha raiva que me assalta internamente.

— Isso é maneira de tratar o seu pai, Seth? — ele retruca, sorrindo abertamente. — É bom ver você, garoto. Cresceu bastante desde a última vez que nos vimos. — completa, agora fitando Pearl.

Levanto-me irritado, empurrando-o para trás.

— Se fosse por você eu não teria crescido, certo? — atiro, segurando o impulso de enfiar meu punho nos seus dentes.

Alguém segura um dos meus punhos e sei que é Pearl, mesmo que eu

nem tenha visto ela se levantar do seu lugar.

— Sua gravata está torta, garoto. Nem parece que eu ensinei você a fazer o nó da forma certa. — ele resmunga, ignorando o que eu disse e tentando mexer em minha gravata, mas eu sou mais rápido e o empurro mais uma vez.

— Não me toca, caralho! — esbravejo tão irritado que se Pearl não estivesse me segurando, eu já teria o empurrado para o chão e acabado o sorriso que ele teima em exhibir.

— Seth, se acalma, por favor. — Pearl sussurra atrás de mim, apertando seus dedos agora gelados sobre minha pele.

Respiro fundo, bufando como — *literalmente* — um touro.

— Posso sentar-me com vocês? — Steven pergunta.

— Nã...

— Sim. — Pearl me corta e eu viro meu rosto para encará-la.

Ela não tem o maldito direito.

Não. Fodidamente. Tem.

— Por favor, Edwin, uma cadeira! — escuto Steven falar enquanto não consigo tirar meus olhos de Pearl.

— O que pensa que está fazendo? — indago, fitando seu rosto que costuma ser a melhor coisa que vejo todos os dias.

— É o seu pai, vai ficar tudo bem, Seth. — ela sussurra, firme, mas parecendo um pouco assustada.

— Não vai ficar tudo bem. — sentencio, puxando meu punho para longe do seu toque.

Passo minhas mãos por meu cabelo, afrouxando o nó da gravata cinza que estou usando, enquanto escuto algum filho da puta colocar mais uma cadeira em nossa mesa para o bastardo do meu pai.

— Sente-se, filho. — Steven comanda e eu viro para encará-lo outra vez.

— Vamos deixar uma coisa bem clara aqui: você vai ficar por dez minutos, depois disso recolherá sua merda e sairá sem dizer uma palavra. E não se esqueça de **não** me chamar de filho, ou então eu vou virar a porra da mesa na sua cara. — ameaço, pronto para fazer o que acabei de dizer se ele não cumprir o que eu disse.

— Certo, estou ansioso para *matarmos* toda a saudade. — Steven sorri, apontando para minha cadeira e eu sento-me.

Agora a cadeira de Pearl está ao meu lado e mesmo com a minha recusa anterior, ela procura minha mão esquerda e segura com força. Não tiro meus olhos de Steven, que apenas desvia nossa guerra visual para olhar para Pearl.

— Como anda seus estudos? Fiquei sabendo que está de olho em uma bolsa para a faculdade por meio do futebol, isso é sério? — pergunta, enquanto um dos seus empregados coloca uma taça de vinho em sua frente.

— Parece engraçado para você? — retruco e Pearl aperta mais minha mão.

— E você, menina, o que sonha em cursar? — Steven ignora minha pergunta hostil mais uma vez, virando sua atenção para Pearl.

— Gastronomia, provavelmente. — ela sussurra.

Steven ri, colocando sua taça na mesa e cruzando os braços.

— Você veio aqui para rir da minha namorada? Se for, melhor tirar sua bunda ignorante daqui antes que eu mesmo o faça. — digo, batendo meu punho na mesa e fazendo-a tremer.

— Não estou rindo da sua namorada, garoto. — rebate, balançando a cabeça. — Como anda Cassandra?

Imbecil.

— A minha mãe não diz respeito a você, assim como eu. Eu não sei o que deu na sua cabeça para vir até aqui...

— Estou hospedado aqui. — avisa, cortando-me.

— Foda-se, eu não ligo se você está hospedado aqui ou em qualquer outro lugar. Você tem um trato a cumprir, e, mais do que isso, uma restrição policial de distância a cumprir. Você não vai querer que eu ligue para..

— Filho, acredite, você não vai querer que eu...

— Cala a porra da boca! — esbravejo, virando a mesa em cima dele com meu braço livre e levantando-me, puxando Pearl comigo. — Você não vai chegar aqui e cuspir sua merda para cima de mim e nem me ameaçar. Se há alguém aqui que pode ameaçar, esse alguém sou eu. O jantar é por sua conta. — sentencio e dou-lhes as costas.

Imbecil. Escroto. Escória.

Isso é tudo que Steven é.

Se ele acha que pode chegar a qualquer momento para foder minha vida outra vez, ele está enganado. Eu não sou mais um garoto, como ele continua a falar, eu cresci e antes que ele tente algo contra mim ou contra minha mãe, eu garanto que vou acabar com ele.

— Seth, você está correndo! — Pearl exclama e agora eu lembro-me de

que ela está usando salto alto.

Paro, pegando-a nos meus braços e continuo a andar sem parar até chegar ao meu carro mais uma vez. Assim que eu chego, pego a chave com o manobrista, enquanto Pearl se segura em meu pescoço e destravo as portas. Abro, colocando-a lá dentro e dou a volta, entrando apressado.

Não demoro a arrancar com o carro para longe dos hotéis Kassid.

Ele estragou tudo o que eu planejei. Era suposto que eu pedisse Pearl hoje em namoro, mas o imbecil teve que chegar exatamente no momento em que eu ia começar a abrir a boca com maldito discurso.

Soco o volante, puxando minha gravata completamente para fora e jogando-a pela janela.

Odeio essa porcaria.

Entro na pista asfaltada novamente, respirando fundo.

— Você está bem? — Pearl pergunta e eu dou uma risada seca.

— Bem? Se eu estou bem? — indago com escárnio. — Não estou bem, não estou! — esbravejo, socando o volante mais uma vez. — Você não devia ter falado *sim* para aquele maldito. Ele estragou nosso jantar, estragou nosso encontro.

— Ele é o seu pai. — ela sussurra, assustada.

— *Pai?* Você sabe o significado de um pai? — pergunto, jogando o carro para o acostamento e coloco-o em ponto morto.

— Sim, eu sei...

— Não parece que sabe. — eu a corto, virando o rosto para encará-la.
— O seu pai já tentou matar você? — indago, irritado ao extremo.

— Seth... — sussurra, colocando as mãos sobre sua boca.

— Não, *jamais*, volte a falar que aquele cara é o meu pai. O único pai que eu tenho é Cassie, que também é a minha mãe. Foda-se aquele homem, ele não é e nunca foi meu pai. — concluo, dando-me conta que acabei de falar sobre meu passado para Pearl.

Isso não é tudo, não dei detalhes, mas agora ela sabe pelo menos uma das piores partes de mim. Uma das partes que luto para encobri-las e escondê-las através do futebol. Eu não devia ter falado.

Inferno!

Capítulo 42

Sim?

Pearl Wyatt

Solto a respiração que prendi assim que Seth me disse o que seu pai tentou fazer... *Oh, meu Deus!* Eu não acredito que aquele homem... Ele tentou tirar a vida de Seth! Que tipo de pessoa faz isso? Que tipo de *pai* tenta fazer tamanha barbaridade? Seth está certo, aquele homem pode ser qualquer coisa, menos seu pai.

— *Eu sinto muito...* — sussurro, horrorizada, enquanto sinto meus olhos encherem-se de lágrimas por sua causa.

Seth sai do carro e bate a porta com força. Ele parece mal, perturbado. Como se eu tivesse cutucando alguma ferida sua; como se eu tivesse olhado sob sua pele, olhado seu interior, sua pior parte.

Ferido.

Ele está ferido e isso dói em mim.

Saio do carro, indo atrás dele, que anda de um lado para o outro, tirando o terno, enquanto bagunça seu cabelo mais ainda. Ele está nervoso e eu sinto que preciso acalmá-lo, mesmo que eu não saiba como fazer isso.

— Seth, eu s-sinto muito... — repito, tentando segurar seu braço, mas ele recua bruscamente.

— Ele estragou nosso jantar, ele estragou tudo que eu planejei! — Seth esbraveja, irritado. — Você não deveria ter chamado aquele homem para a

nossa mesa, Pearl.

— Eu não sabia que ele... que vocês... — desisto de falar, engolindo meu choro e abraçando meu corpo quando um vento frio sopra sobre mim. — Eu estraguei tudo, sinto m-muito...

Viro para voltar para o carro, mas Seth me segura pela cintura, abraçando-me por trás. Mordo meu lábio inferior com força, escutando-o amaldiçoar baixo enquanto encosta a testa em meu ombro.

— Ele foi o único que estragou nosso jantar, Pearl, não você. — murmura entre dentes.

Com dificuldade, viro meu corpo para tentar encará-lo, mas ele continua de cabeça baixa e encostada em meu ombro. Sua respiração é rápida, enquanto ele balbucia coisas indecifráveis com raiva. Levo minhas mãos até seus cabelos, tentando acalmá-lo, e lentamente Seth para de balbuciar, agora beijando meu ombro carinhosamente.

— Você quer conversar s-sobre o que ele fez...? — indago baixo, nunca deixando de afagar seus cabelos.

— Não, eu não quero nunca mais falar sobre isso. — ele responde, começando a ficar irritado mais uma vez.

— Tudo bem, tudo bem. Não precisamos falar sobre iss...

Seth me cala bruscamente, amassando seus lábios sobre os meus. Deixo que ele me beije da forma que deseja, o que surpreendentemente é algo que eu também preciso. Não demoro muito para abrir meus lábios, e logo que sinto seus dedos enroscarem em meus cachos, solto um suspiro contra sua boca.

Se o pai de Seth não tivesse o empurrado sobre a borda há poucos minutos, eu diria que esse beijo é igual ao que Seth me deu quando me viu

com Chace na arquibancada. Um misto de marcação e punição — *mas esse é diferente*. Ele está furioso consigo mesmo, agindo primitivamente e tentando mostrar a dor que ainda sente. *E eu sinto*. Sinto e aceito que ele compartilhe essa dor comigo, porque eu quero que ele me mostre tudo de si.

Com Seth segurando-me pelo caminho, continuo correspondendo aos seus movimentos, enquanto ele me guia habilidosamente. Abro meus olhos no mesmo momento que Seth separa nossas bocas, empurrando seu corpo no meu, que agora está pressionado contra a porta do passageiro.

— Você disse para aquele homem q-que eu sou sua namorada... — sopro as palavras, fechando os olhos e inclinando minha cabeça para trás assim que ele começa a beijar meu pescoço.

Cócegas... Oh, céus! Cócegas!

— Sim, eu disse. — afirma, beijando minha pele sem parar. — Ele estragou tudo... — grunhe.

Mordo meu lábio inferior, segurando os ombros de Seth com força.

— O jantar, s-sim, você já disse iss...

— Sim, o jantar, mas outra coisa também. — diz, asperamente em meu ouvido, beijando o lóbulo e fazendo-me abrir os olhos.

— Que coisa? — questiono, segurando seu rosto.

Seth parece mais aliviado, calmo. Ele se afasta um pouco de mim, nada demais, mas o suficiente para pegar algo de dentro do paletó que está em uma de suas mãos.

— Eu estava planejando em perguntar para você se quer ser minha namorada. — ele explica, com duas pulseiras em sua mão.

Meu coração acelera descompassado e a minha respiração que já estava

difícil, agora torna-se mais ainda um desafio para mim entre tantos que enfrento nesse momento. Sinto minhas pernas virarem geleia e eu temo cair sobre meus joelhos. Tento formular uma frase, uma palavra qualquer, mas tenho dificuldade porque eu não... *eu não consigo acreditar no que ele acabou de falar*. Ele estava planejando me pedir em namoro? Ele arrumou tudo aquilo para fazer essa pergunta?

— Você não vai m-mais... *perguntar*? — gaguejo e ele volta a fechar a distância entre nós dois.

— Eu comprei essas duas pulseiras na semana passada, e, *ontem*, eu finalmente achei o pingente perfeito. — Seth diz, jogando seu paletó no teto do carro e pegando meu braço esquerdo em seguida. — Essa é a sua. — continua, mostrando-me uma pulseira de ouro com um pingente de bola de futebol.

— É linda... — sussurro, emocionada com o que ele está fazendo, com tudo que ele pensou para fazer nesse momento.

Seth coloca a pulseira em meu pulso e me encara, beijando-me nos lábios rapidamente.

É perfeita.

— Essa é a minha. — informa, colocando a pulseira na palma da minha mão.

A pulseira de Seth é de couro, completamente masculina, e a única coisa que se sobressai nela é um pingente de um Girassol, que reluz mesmo no escuro. Seth puxa a manga de sua camisa para cima e estende o braço esquerdo para mim. Com minhas mãos trêmulas, amarro a pulseira de couro ao redor do seu pulso, reprimindo o sorriso que ameaça escapar dos meus lábios.

— E agora? — indago, voltando a encarar Seth, que já me observa atento.

— *Agora?* — pressiona o corpo outra vez contra o meu. — Agora eu pergunto a você se me daria a honra de ser o seu namorado? — conclui.

— Você está falando sério? — exclamo e Seth dá uma risada, assentindo.

— Isso não é um anel, mas tem exatamente o mesmo significado. — Seth diz, referindo-se a nossa pulseira. — O que você me diz?

— *Sim?* — testo, mordendo meu lábio inferior e ele levanta uma sobrancelha.

— Você está me perguntando? — retruca, apertando minha cintura dos dois lados.

— Sim! — exclamo, sentindo minhas bochechas esquentarem e selo nossos lábios. — É claro que sim... — repito, roçando nossas bocas propositadamente.

Seth volta a comandar nosso beijo, e quando separamos nossas bocas, nos encaramos ofegantes.

— Você quer ir comer um cachorro-quente agora? — indaga, segurando um dos meus cachos.

Gargalho, sentindo meu peito encher-se de felicidade e assinto.

Capítulo 43

Irreversível

Seth Sawyer

Depois de ter levado Pearl para a praia de Santa Mônica mais uma vez, comemos cachorro-quente como o prometido e depois comprei um sorvete para ela, já que percebi que ela não parava de olhar para a máquina de soverte. Estaciono em frente sua casa cinco minutos antes das dez e meia. Pearl solta seu cinto e eu faço o mesmo, saindo do carro em seguida e indo abrir a porta para ela. Ofereço minha mão, que ela aceita e segura, pulando em seus pés com os saltos em sua outra mão.

Caminhamos juntos até a porta e eu toco a campainha. A porta é aberta em poucos segundos, nem mesmo dando tempo para Pearl abrir a boca. O pai de Pearl provavelmente nem mesmo saiu da sala essa noite.

— Bom que já chegou. — ele diz, puxando Pearl por sua outra mão. — Boa noite, garoto. — tenta fechar a porta na minha cara, mas eu coloco meu pé no caminho.

— Espere um segundo. — digo, rápido, e posso escutá-lo bufar. — Só quero avisar que eu pedi sua filha em namoro, essa noite. — concluo, sem mais delongas.

Pearl arregala os olhos e seu pai a encara.

— O que você disse? — ele pergunta, simples.

As bochechas de Pearl queimam e eu seguro o riso, gostando de vê-la

corar. Eu nunca pensei que gostaria de ver isso em uma garota — *se não na hora do sexo* — mas Pearl definitivamente fica bonita sempre que cora. Não importa o momento, ela sempre é bonita, isso é um fato.

— Eu disse que sim. — ela sussurra, mas é convicta em sua resposta.

Eles se entreolham por breves segundos até os dois me fitarem outra vez.

— Fazê-la feliz é o seu único dever, caso contrário, terá um pai insano atrás de você pronto para torturá-lo. — seu pai avisa e eu aceno positivamente, voltando a encarar Pearl.

Ela sorri envergonhada e eu inevitavelmente sorrio de lado.

— Boa noite, Sr. Wyatt. *Girassol...* — despeço-me deles.

— Boa noite, Seth. — Pearl fala antes que seu pai feche a porta na minha cara.

Faço meu caminho de volta até o carro, me arrependendo de não ter beijado Pearl uma última vez antes de termos saído do carro. Assim que estou dentro do veículo, arranco para longe da casa de Pearl, mesmo que meus pensamentos tenham continuado a focar apenas nela.

Eu posso negar isso para qualquer um que me perguntar, mas não para mim mesmo. Eu gosto da Pearl. Quer dizer, não apenas gosto... Na verdade, acho que estou apaixonado por ela e poderia nomear todas as razões pelas quais eu caí de joelhos por Pearl Wyatt, a garota de cachos loiros do interior do Texas.

A primeira razão pela qual eu caí por Pearl é a por conta da sua inegável inocência. Não consigo contar nos dedos com quantas garotas eu já transei e, mesmo que algumas delas tenham sido virgens, nenhuma das garotas se comportavam como uma. Sendo mais sincero, elas sabiam muito

sobre sexo, só não o tinham praticado ainda.

Com Pearl é o contrário e isso a faz unicamente inocente. Talvez isso se deva ao fato dela ter crescido em uma cidade pequena ou ao fato de que ela nunca havia beijado ou tentado qualquer coisa antes de mim, mas a loira nem mesmo sabe o que é estar *excitada*. Ela não o nomeia, porque nunca sentiu antes. Nunca ninguém a teve como eu o faço e eu estaria mentindo se dissesse que isso não me deixa feliz e aliviado pra caralho.

De qualquer forma, a inocência dela não se resume a apenas assuntos sexuais. Ela é inocente em tudo que faz e não vê maldade em nada, não desconfia de ninguém. Às vezes chego a me perguntar se ela é real ou não por agir de tal forma, mas então percebo que isso é algo que eu adoro nela e não quero que ela perca de jeito algum. Ela é perfeita assim.

A segunda razão se deve ao fato da naturalidade dela ao agir em torno das pessoas. *Ela é natural, sempre*. Consigo me lembrar de quando nos vimos pela primeira vez no estacionamento da escola e depois quando no mesmo dia e nos dias seguintes ela agia sem importar-se em estar dando muita *bandeira* ao me encarar ou não. Eu posso até mesmo dizer que ela nem mesmo percebia o que estava fazendo até alguém a cutucar.

E sua forma de falar? O sotaque e suas gesticulações, muitas das vezes exageradas, a fazem tão única que eu não conseguiria imaginar a Pearl sem exclamar animada por um dia. Isso não seria ela, não mesmo, e eu não aguentaria viver sem isso perto de mim — sem *ela* perto de mim. Nas últimas semanas ela só parece ainda mais relaxada — como se fosse possível — em torno de mim e a primeira coisa que vem a sua cabeça, ela está confessando para mim. Isso não é bom? Claro que sim. Isso é exatamente o que me faz querê-la mais ainda. Sua sinceridade é algo importante demais para mim.

A última razão é, sem dúvidas, sobre o fato dela ter entrado sob minha

pele de tal forma que me faz querer ser melhor, mas não para qualquer pessoa. Ser melhor só para ela. Pearl é tão inocente e natural, que aliado a toda sua beleza, parece que todos os dias eu encontro-me com um anjo, não com uma pessoa de carne e osso igual a todas as outras.

Ela é de outro mundo.

Eu costumava não acreditar no amor entre um homem e uma mulher bem antes de Macy e, internamente, sei que Macy foi só a gota d'água que me empurrou a detestar e odiar as mulheres de uma vez por todas. Eu estava indo bem — ou mal, depende de como você vê isso — antes de Pearl. A loira do Texas apareceu e de repente começou a tomar seu lugar dentro de mim, empurrando a merda feia e estúpida para fora. Sei que se algo der errado no final, eu vou estar fodido, muito fodido. Ela é o que eu respiro. Eu quero segurá-la em meus braços e não soltar nunca mais, não deixar que nada nos separe. Nos olhos de Pearl eu vejo que ela acha que é sortuda por me ter, mas o que ela não sabe é que eu que sou o único sortudo nessa relação. Estou prestes a me trair, pensando e passando por cima de tudo que eu tinha como regra, mas não ligo.

Pearl chegou e me deixou de joelhos por ela.

É irreversível.

Estou apaixonado pela Girassol.

Estou apaixonado por Pearl Wyatt.

Se eu sair quebrado no final de tudo, quero que seja por ela, então eu não vou me importar tanto assim. A única pessoa que tem total controle de mim, é Pearl. Se ela me deixar, não sei se vou conseguir seguir em frente. Tudo sem ela será preto e branco.

Ela é a única razão pela qual eu mudei.

Ela merece o melhor, *sempre*.

Capítulo 44

O que está fazendo?

Pearl Wyatt

Dois meses mais tarde...

Nas nuvens é exatamente como eu me sinto.

Depois que Seth e eu começamos a namorar, a notícia correu por toda escola e logo éramos o centro das atenções. Eu não gostei disso, mas Seth sempre deu um jeito de me deixar confortável ao seu lado, mesmo com dezenas de pessoas nos encarando por motivo algum.

Admito que fiquei irritada com a atitude de diversas garotas. Algumas delas até mesmo se aproximaram de mim com o intuito de me hostilizar, mas Jenna e Chace sempre estavam ao meu lado para me ajudar quando Seth estava longe de mim.

Todos querem saber o que uma garota como eu tem de tão especial que fisgou o capitão do time de futebol americano da escola. Eu mesma cheguei a me perguntar isso, mas parei assim que percebi que isso não me levaria a lugar nenhum. Eu sou especial para Seth assim como ele é especial para mim. Ele é o que faltava em mim e eu sou o que faltava nele.

Ele é tudo que eu sempre quis e que provavelmente sempre vou querer ao meu lado.

“Finalmente chegamos à praia de Santa Mônica. Seth está bem mais calmo do que antes, o que me deixa aliviada e feliz. Entrelaço nossos dedos, enquanto caminhamos pelo píer movimentado.

— Você acha que vai conseguir lidar comigo a partir de hoje até um indeterminado tempo? — Seth pergunta, puxando a mão da minha e colocando o seu paletó sobre meus ombros. Seguro a peça, aquecendo-me e Seth me abraça.

— Acho que não teremos tantos problemas assim. — dou de ombros e solto uma risada, enquanto ele deposita um beijo no meu cabelo, puxando-me para bem perto.

— Eu sou ciumento e, você sabe, merdas acontecem... — ele resmunga, sugestivo.

— Merdas acontecem? — indago.

— É, merdas como meu punho enfiado no olho de alguém que estiver olhando para você por mais de dois segundos. — retruca, sem diversão na voz.

— Você está falando sério? — pergunto assustada, virando o rosto para encará-lo.

— Eu não costumo brincar tanto assim. — dá de ombros, sem voltar atrás no que disse.”

E Seth quase cumpriu o que disse para mim naquele dia. Certa vez ele quase se meteu em uma briga com um novato porque segundo ele “o imbecil estava olhando por tempo demais”.

— Sabe o que eu estava pensando em fazer hoje? — Seth beija meu ombro, subindo os lábios até o lóbulo da minha orelha. — Matar o treino para pegarmos um cinema. O que acha? — indaga.

— Seria uma boa ideia se você já não tivesse matado seus treinos três vezes só depois que começamos a namorar. — enuncio, rindo, e ele bufa. — Você tem que estar preparado para o grande jogo, Seth. Não quero ser o

motivo da sua derrota. — viro meu rosto para encará-lo.

Seth já está me fitando intensamente. Ele franze a testa, segurando um dos meus cachos entre dois de seus dedos.

— Você nunca será o motivo da minha derrota, Girassol. — retruca, soando como se eu tivesse enlouquecido. — Venho me preparando há anos para fazer o meu melhor no final dessa temporada. Creio que estou pronto e, se o jogo fosse hoje, eu detonaria a partida em sua homenagem.

Um sorriso maior enche meus lábios e seu olhar é tão intenso que sinto como se ele estivesse olhando minha alma. São momentos como esse, onde sinto essa ligação inexplicável entre nós, que sei que Seth foi feito para mim.

— Acho melhor você ir para o treino, entretanto. — digo, lembrando-me que marquei algo com Jenna e Chace, e ciente de que Seth não vai gostar muito de saber sobre isso. — Nos vemos na pizzeria hoje à noite? — pergunto.

Ele acena positivamente e beija o topo da minha cabeça, antes de me ajudar a levantar. Abraço-lhe rapidamente e me despeço-me uma última vez dele com um beijo. Corro apressada todo meu caminho até o estacionamento, onde Jenna e Chace já estão me esperando.

— Podemos ir? — Jenna pergunta, sorrindo animada. — Essa tarde vai ser divertida. — completa.

— Claro. — eu e Chace falamos em uníssono.

Encaro Chace e o mesmo sorri para mim, enquanto entramos no carro. Chace dirige todo o caminho até um parque perto de sua casa, ao passo que Jenna nos entretém com suas inúmeras histórias.



Pego a cesta que Jenna preparou, enquanto Chace traz duas mantas para nos sentarmos em cima delas.

— Deveríamos ter trazido mais gente, seria dez vezes mais divertido.
— Jenna reclama.

— Está dizendo que nós dois não somos divertidos o suficiente para você? — Chace alfineta e eu fico ao seu lado, levantando uma sobrancelha para Jenna.

— Não, *claro* que não. — ela zomba, rolando os olhos e eu gargalho com Chace.

— Não se preocupe, Jenna, daqui a pouco seus amigos chegam. Só não reclame. — Chace retruca e eu o encaro, tendo mais ou menos uma ideia do que ele está falando.

Nós três nos sentamos em cima da manta e não demora muito para que as crianças comecem a chegar. A primeira coisa que acontece antes de Jenna percebê-los, é um grupo de meninos se aproximando com uma bola de futebol. Chace me cutuca e como Jenna está sentada de frente para nós dois, falando sem parar, ela continua avulsa.

— Eu acho que isso vai dar merda. — ele resmunga e eu seguro o riso.
— Ei, Jen, que tal uma foto? O sol está batendo perfeitamente em você. — completa, puxando seu celular do bolso da calça.

— Sério? — Jenna exclama, encarando-me e eu aceno positivamente.

Me aproximo de Chace e não consigo conter meu riso. Ele continua falando para Jenna esperar porque ainda não conseguiu a foto perfeita, mas

nesse caso, ele está gravando e não fotografando.

— *Chega!* Alguma dessas deve ter funcionado! — ela diz, irritada.

— Calma, é agora! — Chace exclama de volta e eu me escondo atrás dele, vendo a bola vir em nossa direção, ou melhor, na direção de Jenna.

Escuto deu grito histérico e Chace se junta a mim na risada. Ele continua gravando e rindo, enquanto fitamos Jenna se levantar com a bola — completamente irritada por tê-la acertado, e indo até as crianças.



Por volta das cinco e meia da tarde, resolvemos que é hora de voltarmos para casa, ou pelo menos eu e Jenna. Nós três vínhamos planejando esse passeio juntos há algumas semanas e somente agora eu tive tempo livre. E ainda bem que tive esse tempo, pois adorei me divertir com os dois.

Depois de Jenna ser acertada pela bola de futebol bem na sua cabeça, ela foi brigar com as crianças, mas acabou jogando com eles. Eu e Chace fizemos o mesmo, e quando finalmente paramos, dividimos nossa comida com todos.

— Você pode me deixar primeiro? Eu tenho um encontro com o Liam daqui a duas horas e quero ter tempo de lavar e secar meu cabelo. — Jenna pede a Chace e ele assente.

Encosto minha cabeça no vidro do carro e fecho os olhos, aproveitando para descansar durante o caminho, afinal ainda terei muito trabalho essa noite.

Não sei quanto tempo passa, mas em algum momento sinto alguém me cutucar e acabo dando um pulo. Bato com minha cabeça no teto do carro e escuto Chace rir.

— Chegamos na pizzeria, Pearl. — ele diz, sorrindo de lado.

— Oh, céus! Você me assustou... — resmungo, passando minha mão em minha cabeça.

— Está doendo? — pergunta, franzindo a testa e se aproximando.

— N-Não muito, é só qu...

Paro de falar assim que Chace me puxa para perto, fazendo-me arregalar os olhos. Ele puxa minha mão para longe e massageia o topo da minha cabeça.

— Você não precisa fazer isso, eu estou bem. — aviso, tentando recuar.

— Somos amigos, não somos? — ele pergunta e eu assinto. — Então, estou apenas cuidando de uma *amiga*. — completa.

Conto de um até trinta, antes de tentar recuar outra vez. Ele coloca um cacho atrás da minha orelha, fazendo-me franzir a testa. No momento seguinte, uma batida forte no vidro faz com que eu pule outra vez e Chace bufe irritado.

Capítulo 45

Amigo

Seth Sawyer

Estava tudo bem. Fiquei no treino, assim como acabei decidindo com Pearl e logo após, vim para a pizzaria com seu irmão, que, **claro**, fez questão de se oferecer uma carona. *Estava tudo bem.* Entrei na pizzaria, falei com os pais de Pearl e nada de encontrá-la. *Estava tudo bem.* Voltei para o meu carro e fiquei esperando Pearl chegar enquanto ligava para o seu celular, querendo saber onde ela estava ou se ela precisava de alguma coisa. *Estava tudo bem.* Um carro estacionou ao meu lado às seis e três da tarde. Tentei ligar novamente para Pearl, mas ela não deu nenhuma porra de sinal de volta. *Estava tudo bem.* Ouvi a porta do carro do lado ser aberta, mas continuei irritado e preocupado como o inferno, ligando para Pearl sem muito descanso. Afinal, onde ela se meteu que nem seus pais sabiam? *Estava tudo bem. Estava tudo bem. Estava tudo bem...* Até eu ver Pearl no carro ao lado com o imbecil-filho-da-puta-do-seu-**amigo**-Chace.

*Estava **realmente** tudo bem.*

Raiva queima por toda minha espinha e eu saio do carro em um simples pulo. O que diabos Pearl está fazendo com ele? E para completar, o filho da puta está fazendo quase em cima dela, tocando em seus cachos? Ninguém toca na Pearl e nem em seus cachos, *somente eu.*

Esmurro a janela do carro, sendo cuidadoso para não quebrar essa porcaria, caso contrário o vidro pegaria em Pearl. Mas se fosse ele em seu

lugar, eu quebraria a janela e o puxaria para fora com vidro e tudo. Quanto mais quebrado ele parecer, menos eu terei raiva.

— Sai do carro! — esbravejo, vendo os olhos de Pearl expandirem dramaticamente.

Um, dois... seis, sete... dezenove, vinte... noventa e nove, cem. Se ela me perguntar se eu contei até cem, eu vou mentir, mas pelo menos fiz metade disso. Ou talvez apenas oito por cento do processo.

Ah, que se foda!

— Sai do carro! — repito, chutando a porta e satisfeito por tê-la amassado, mesmo que levemente.

— Seth, o que você está faz...

Puxo Pearl por seu braço, segurando seu rosto com minha outra mão. Ela não estará apaziguando a porra da situação e nem estará jogando tudo de volta para mim. Ela está errada.

— O que *eu* estou fazendo? Acho que quem deveria me responder isso seria você. — enuncio, irritado com ela. — O que aquele verme estava fazendo com as mãos em você? — indago, tocando seus lábios com as pontas dos meus dedos, que já começam a tremer.

— Ele não est... Nós não fizemos nad...

— Não fizemos nada porque você *infelizmente* interrompeu. — o imbecil corta Pearl, tirando minha atenção dela e voltando-a para ele.

Fecho meus olhos, deixando Pearl de lado enquanto tento controlar meu impulso de quebrar o maxilar de Chace em dois.

Eu consigo me controlar.

— *Chace!* — Pearl exclama, desesperada.

Abro meus olhos, focando no estúpido que está parado na minha frente. Ele sorri de lado e então eu sei que não conseguirei me controlar. Nem no inferno eu conseguiria fazê-lo. Não quando ele está insinuando coisas sobre ele e minha namorada.

— Se acha que vai foder *minha* namorada, você está enganado. — cuspo, cerrando meus punhos. Pearl segura um dos meus braços e eu viro para encará-la. — Você solta a porra do meu braço e sai daqui, Pearl. — rosno entre dentes e ela me solta como se eu a queimasse.

— Ei, olha como fala com el...

Em um golpe rápido, o acerto na boca, sentindo dor injetar pelos nós dos dedos da minha mão direita. Não sei nada especial sobre lutas, somente sobre brigas de ruas, nas quais eu já me meti inúmeras vezes com os caras do time. Mas eu não ligo. Se for para eu me acabar aqui, nesse momento, eu o faço.

Chace não vai sair ileso e eu me certificarei disso.

— Você não me diz como falar com a minha namorada. — esbravejo, sacudindo minha mão enquanto eu observo ele se recuperar.

— Seth, o que...

— Porra, Pearl! Não estamos conversando agora! — digo, igualmente irritado.

Sou jogado diretamente no chão por minhas pernas, batendo minha cabeça no mesmo. Sou acertado no queixo, mas assim que recobro meus sentidos, defendo-me e jogo o filho da puta que está em cima de mim para o lado. Posso escutar Pearl gritando para eu parar, mas assim que consigo a vantagem novamente, acerto Chace por todo lugar que consigo ter acesso, enquanto ele ri. Ele acha que é engraçado? Que essa é uma situação

engraçada? Então eu farei questão de não deixá-lo rir pelos próximos dias.

— *Isso. É. Para. Você. Não. Chegar. Perto. Dela. Outra. Vez.* — pontuo cada palavra com um soco.

— Você não vai me... impedir! — ele retruca, acertando meu nariz e me empurrando de cima dele.

Sinto sangue começar a escorrer do meu nariz e passos apressados se aproximarem. Balanço minha cabeça, sentando-me a tempo de ver Pearl ao lado do seu *amigo*, que agora se contorce de dor no chão.

— Você está bem? — ela pergunta a ele e sobe o olhar em minha direção. — Você está bem? — repete, agora direcionada para mim.

Bufo, irritado com sua atitude.

— Eu... pareço bem? — o idiota pergunta de volta.

Não tenho estômago nem paciência para Pearl nesse momento. Ela quer cuidar do seu amigo? Então vou deixá-la livre e à vontade.

— Você sabe o quê? — indago, ficando de pé. Puxo o ar com força, arrancando a nossa pulseira do meu braço. — Dê isso para ele e finja que eu sou o padrinho da relação de vocês. Isso é um presente para o casalzinho! — exclamo, jogando o objeto em cima deles dois.

Viro-me de costas, chutando mais uma vez o carro de Chace.

Que se foda!

— Seth, para com isso! — Pearl exclama com a voz embargada. — Você nem deixou eu me explicar, por favor, você tem que parar... — suplica.

— Eu que tenho que parar? — viro para ela outra vez. — Não venha me dizer para parar porra nenhuma! Não quando você não quis sair comigo para sair com ele. Não quando você está jogada ao lado dele e não no meu.

Você ignorou minhas ligações! — digo, aproximando-me dela em passos largos. — Então o imbecil aqui fica esperando a namorada enquanto ela está com outro cara, dentro de um carro, sozinhos, e ele prestes a beijá-la. Se tem uma coisa que eu não suporto, Pearl, é traição.

— Eu não... por favor, Seth! Para! — ela exclama. — Nós precisamos convers...

Eu a interrompo, chutando Chace uma última vez.

— Você tem alguém para cuidar, Pearl Wyatt, e esse alguém não sou eu. — enuncio por fim.

Eu ignoro seu chamado insistente e entro no carro. Pearl aparece na janela, mas eu continuo a ignorando, assim como ela fez comigo. Assim que estou fora da vaga, arranco para bem longe dela e de seu *amigo*.

Capítulo 46

Hospital

Pearl Wyatt

Eu estou em choque.

Seth simplesmente jogou sua pulseira em cima de mim, arrancou com o carro para longe e me deixou aqui com um Chace completamente ferido, e jogado no chão. Eu sinto como se estivesse afundando, me afogando em lágrimas. Dói. Ele não deixou eu falar o que aconteceu, mesmo que eu não soubesse como explicar o que Chace estava fazendo, mas era ele, não eu.

Eu nunca trairia Seth e como ele mesmo fez questão de deixar claro: *eu não suporto traição.*

A forma como ele me tratou, meu Deus! Eu sei que ele é ciumento, mas acho que Seth exagerou. Eu não sou uma propriedade e foi exatamente assim que ele me tratou. Por outro lado, eu também errei. Não posso mentir e dizer que não. Eu deveria ter contado a Seth sobre meu passeio com Jenna e Chace, talvez isso poderia ter evitado tudo que aconteceu. Claro que ele ficaria igualmente irritado, mas pelo menos eu teria o avisado...

Burra, burra, burra!

Ele saiu daqui ferido e transtornado. Seth pode acabar se machucando mais ainda...

Como eu pude ser tão burra?

Chace provocou Seth quando era suposto que não o fizesse. Chace

deveria ter me ajudado e explicado o que estava acontecendo, mas não... ele foi piorando cada vez mais a minha situação. Eu pensei que ele fosse meu amigo!

— P-Pearl, me ajuda... — Chace me chama e eu o encaro.

Ele se arrasta para perto do seu carro e se senta aos poucos, encarando-me com a cara completamente acabada. Chace não merece, mas eu vou ajudá-lo o suficiente para ele dar o fora daqui.

— Por que você fez isso? Por que falou aquelas coisas para o Seth? — pergunto tão irritada, quanto nervosa. — Viu o que ele fez com você? Será que mentir valeu à pena?

— Você n-não comece com isso... Sei que t-também queria m-me beijar... — ele grunhe, cerrando os olhos para mim.

Abro minha boca para falar, mas nenhum som sai de dentro.

— Você está brincando comigo, certo? — indago incrédula e ele sacode a cabeça, negando. — Eu nunca beijaria você, Chace. Eu tenho... *tinha... não sei!* Eu tenho um namorado e eu nunca o trairia! Eu o amo! — exclamo, segurando as lágrimas que ameaçam começar a cair.

— E-Ele não te ama... — cospe de volta.

— O que você está falando? Pare com isso! — seguro a pulseira de Seth com força em minha mão.

— Eu só estou f-falando. — rosna, levantando-se com dificuldade e entrando no carro. — Você merece melhor do que ele...

Dou uma risada, agora com raiva.

— E o melhor do que ele seria você? — indago, cruzando os braços.

— Sim, algo t-tipo isso. — rebate. — Eu vou embora. — completa,

tossindo em seguida.

Não o impeço de ir embora. Chace não teve qualquer consideração por mim, não me ajudou, então ele definitivamente não merece minha ajuda. Seth merecia minha ajuda, mesmo que tenha agido como um louco, ele ainda era o meu namorado.

Fico parada no meio do estacionamento por longos minutos, até ver Simon se aproximar com Spencer.

— Se você não parar de me perturbar eu vou amarrar você dentro da *van* pelo resto da noite e passar fita adesiva por sua boca. — meu irmão reclama e Spencer ri. — Eu não estou brincando.

— Como eu poderia beij... Pearl? — ela se aproxima de mim em passos largos. — O que aconteceu? — indaga.

— O que está fazendo aqui? Cadê o seu... — Simon para de falar, franzindo a testa quando sinto uma lágrima solitária escorregar por minha bochecha.

— Vocês podem me levar pra casa? Eu não estou me sentindo m-muito bem... — susurro, abaixando minha cabeça.

— E eu vou trabalhar em dobro em seu lugar? Claro que nã...

— Claro que sim. — Spencer o corta, puxando-me para perto. — Vamos levá-la para casa. — completa.

— Você vai me pagar por isso. — meu irmão diz para Spencer. — O que eu falo para nossos pais?

— Que ela não está se sentindo bem, mas só depois. Vamos logo com isso...



Puxo minha caixa de lenços para perto de mim, irritada por estar chorando como um bebê há pelo menos cinco minutos. Eu não quero parecer como a vítima, mas acho que não sou a vilã também. Eu errei, mas Seth também o fez e agora ele apenas não atende as minhas ligações.

Quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi tomar um banho, vestir meu pijama e jogar-me na cama. Peguei meu celular para ligar para Seth e vi o tanto de ligações que ele havia feito para mim nas últimas duas horas.

Dezessete ligações.

Então decidi que era minha vez de retornar. Não sei quantas ligações eu já fiz, mas provavelmente já estou chegando perto do seu número. Meu celular começa a tocar e eu o atendo imediatamente, derrotada ao perceber que é a minha mãe do outro lado.

— Ei, querida! Cassie está aqui procurando por você... Seu irmão me disse que você não está se sentindo muito bem... Devo mandá-la aí para te ver? — pergunta e eu suspiro.

— Tudo bem, sem problemas. — enuncio com a voz fraca demais para o meu próprio bem.

— Coma alguma coisa, acho que vamos demorar um pouco aqui. Tchau, querida. — se despede e eu apenas desligo a chamada.

Bocejo, enxugando as lágrimas e me levantando da cama. Vou até meu banheiro e arrumo meu cabelo rapidamente, tentando parecer melhor do que eu realmente estou. Caminho até a janela do meu quarto e fico esperando Cassie aparecer, o que não demora muito para acontecer. Desço com meu

celular na esperança de que Seth ainda me ligue e vou receber Cassie.

Abro a porta e assim que Cassie está perto o suficiente de mim, ela me abraça forte. É como se Seth estivesse me abraçando e isso me faz devolver o gesto com intensidade, porque eles são muito parecidos.

Eu sinto falta dele.

— Seth me ligou há algum tempo, ele falava coisa com coisa, mas pelo que eu entendi, ele pediu para eu vir ver você. — Cassie explica e eu mordo meu lábio inferior, tentando conter meu choro insistente.

Ele estava preocupado comigo?

— Nós... Nós brigamos... Foi muito ruim... — sussurro. — Acho que ele terminou comigo. — confesso. — Eu tentei fazê-lo parar, mas ele estava com muita raiva e apenas... *saiu*.

— Shhh... Está tudo bem, Pearl. Ele vai voltar, eu sei que sim. Vocês vão se entender, querida. Meu filho ama você, Pearl. — Cassie tenta me consolar, mas não consigo me sentir melhor.

— Você quer beber alguma coisa? — indago, separando-me lentamente do nosso abraço.

— Um copo de água, apenas. — diz e eu assinto.



Eu e Cassie ficamos conversando por horas enquanto assistíamos a algum programa na televisão. Assim que meus pais chegaram com Simon, os dois se juntaram a nós e meu irmão subiu para o seu quarto. Eu já estou sonolenta quando o celular de Cassie toca e ela o atende imediatamente.

— Alô? Filho? — ela diz rápido, levantando-se da poltrona onde estava sentada e começando a andar de um lado para o outro. — Sim, eu sou a mãe dele. — levanto-me, indo atrás de Cassie. — O quê...? Você está...? — ela sussurra, segurando na parede mais próxima.

Cassie desliga a chamada e se vira para me encarar com os olhos marejados.

— Cassie, tudo bem? Onde ele está? — pergunto baixo e ela pisca rápido, como se estivesse tentando de acordar de algum pesadelo.

— Eu pr-preciso ir ao hospital... — sussurra e eu respiro fundo. — Seth... Ele está no hospital...

Controlo-me o máximo possível, tentando ser forte. Viro para meus pais, que me encaram um pouco assustados.

— Eu vou acompanhar Cassie. — aviso e eles assentem. — Eu ligo quando chegarmos lá...

Sigo Cassie, mas minha mãe me para no meio do caminho.

— Envie-nos notícias. — pede e eu concordo.

Ele está bem. Ele está bem. Ele está bem. Repito isso para mim durante todo o caminho até o hospital. *Ele tem que estar bem.*

Capítulo 47

Eu mereci isso

Seth Sawyer

Não sei em que momento eu consegui capotar com a porra do carro. Eu estava bem, na medida do possível. Depois de ter deixado Pearl sozinha ao lado do seu amigo, passei em uma loja qualquer de conveniência e comprei alguma bebida barata. Rodei por toda cidade, tentando esquecê-la, mas falhei na maior parte do tempo.

Perto das nove eu entrei em um bairro de subúrbio e percebi que estavam fazendo rachas. Adrenalina e bebida são as únicas coisas que me fazem esquecer o resto do mundo. Fiquei os observando por um tempo e assim que terminei de beber todo conteúdo da garrafa, dirigi até os caras. Paguei algum dinheiro para entrar na corrida, nada exorbitante, mas o suficiente. Começamos a correr e logo todos os pensamentos e preocupações fugiram da minha mente. Talvez eu estivesse vendo o dobro de carros, um pouco bêbado, mas eu estava bem na corrida. Muito bem.

Então, eu capotei. Não sei como, apenas aconteceu. Uma, duas, três vezes. O sangue que descia por meu nariz era o menor dos problemas. Sangue descia por minha testa e como eu estava de cabeça para baixo, uma poça de sangue começou a se formar no teto do carro.

Não sei quem chamou as ambulâncias, tudo que eu sei é que estou deitado em uma cama de hospital com dor de cabeça e estupidamente irritado com o barulho constante que as máquinas fazem. Mas antes eu tivesse

morrido, o que teria poupado o inferno que estou passando no momento. E, claro, sem a minha bebida e a adrenalina, todos os pensamentos que eu queria esquecer voltam para me atormentar.

Acho que um “*bem feito, imbecil*” cairia muito bem para mim.

— Ele está sedado no momento, mas vocês podem ficar por algum tempo. — escuto alguém comentar e eu fecho meus olhos.

Sedado? *Eu?*

— Eu sou a mãe dele, vou dormir com meu filho. Essa é a namorada. — escuto minha mãe falar e eu bufo.

Não é porque eu estou pensando em Pearl que significa que eu quero vê-la. Eu não quero acabar brigando mais uma vez com ela, porque de qualquer forma eu já estou fodido. Eu gritei com ela, fui rude, mas eu estava cego de ciúmes e ela estava lá, do lado do escroto do Chace. Escuto a porta ser aberta e os passos apressados das duas se aproximando. Não me mexo. Talvez se eu não me mexer Pearl vá embora logo.

— Oh, meu filho, o que você fez? — minha mãe sussurra com a voz embargada. Ela me abraça com força e eu reprimo um grunhido de dor, afinal eu acho que minhas costelas ficaram um pouco quebradas. — O que eu faço com você, Seth...

Sinto um toque suave na minha mão esquerda e eu tenho certeza que é Pearl. Eu sei o quão suaves e macias suas mãos são e por mais que eu tente dizer para mim mesmo que não estou gostando, *eu estou*. Eu sempre gosto quando ela me toca e isso está começando a me deixar irritado.

Pearl conversa baixo com a minha mãe e depois de alguns minutos, minha mãe sai do quarto para conversar com o médico, deixando-me sozinho com Pearl.

— Ei, Seth... — ela sussurra, provavelmente aproximando-se mais de mim. Pearl solta brevemente minha mão e amarra algo em meu pulso esquerdo. — Eu espero que você melhore logo para nós conversarmos. Eu tenho muita coisa para falar com você... — segura minha mão outra vez, entrelaçando nossos dedos. — Eu quero dizer algumas coisas agora para você, entretanto... Eu gosto muito de você, Seth, muito mesmo, mas eu não quero ser tratada da forma que você me tratou outra vez. Eu sei que eu errei por não ter contado a você que eu iria sair com Chace e Jenna, mas eu fiquei com medo exatamente desse tipo de reação sua. Desculpe-me, eu fiquei assustada. Eu... Eu não acredito que você desconfiou de mim. Eu nunca o trairia. Você é único para mim, Seth. — escuto ela fungar. — Nós precisamos conversar... Não podemos... você não pode continuar agindo dessa forma.

Suas palavras atravessam por meus ouvidos e quando eu as assimilo, sei que fodi tudo. Literalmente tudo.

— Me desculpe... — resmungo, minha voz saindo mais áspera do que o esperado. — Eu perdi a cabeça. — admito, abrindo meus olhos para encontrá-la já me fitando com os olhos cheios de lágrimas.

— Sim, você perdeu a cabeça...

— Mas você deveria ter me contado. — eu rebato e ela assente, entendendo o que eu quero dizer. — O imbecil me provocou e a posição... ele estava praticamente em cima de você, Pearl. Ponha-se no meu lugar. E se fosse eu? — indago e ela franze a testa.

— Uma vez, quando você estava bêbado, recitando Romeu e Julieta, você me fez prometer que eu te escutaria quando algo desse errado, saísse do lugar. Eu cumpro minhas promessas. Eu escutaria você, assim como eu prometi, Seth. Eu pensei que isso valeria para você também... pensei que você me escutaria... — retruca, soltando minha mão e andando para longe.

Céus, ela parece bonita no seu pijama vermelho de ursos... E o cabelo? Bagunçado e arrumado, tudo ao mesmo tempo.

Merda! O que diabos eu estou pensando?

— Você me deu a pulseira de volta. O que isso significa? — pergunto, retornando meus sentidos para nossa conversa.

— Significa que eu confio que *you* estará trabalhando sua confiança em mim a partir de hoje. — ela diz firme, parecendo com qualquer outra pessoa, menos com a doce Pearl. — Eu não sei com que garotas você esteve antes de mim, mas eu tenho certeza que eu não sou nenhuma delas. — completa, aproximando-se outra vez.

— Aquilo não vai mais voltar a acontecer, Girassol. Eu não vou mais gritar com você. — sentencio, alcançando sua mão e puxando-a para perto. Quando estou a centímetros de beijá-la, ela recua. — O que há? — franzo o cenho.

— Não é hora para isso. — dá de ombros, sentando-se na beirada da minha cama. *Eu mereci isso*. — Você vai me contar o que aconteceu? Eu liguei inúmeras vezes para você e não recebi qualquer resposta... então, sua mãe recebe essa ligação. Você quase nos matou de susto, sabia?

— Eu estava bêbado e disputando uma corrida de carro... — explico sinceramente e sou acertado com um tapa em minhas costelas. — Ei! Isso dói, Girassol. — reclamo, defendendo-me dela. — Você já foi menos agressiva...

— E você provavelmente já foi menos louco! — exclama, emburrada e chateada. — Onde já se viu? Algo mais grave poderia ter acontecido com você, Seth... — Pearl continua com o sermão até minha mãe voltar para o quarto.

A maior parte do tempo eu fiquei encarando as duas mulheres emburradas na minha frente, dando toda razão para elas. Em algum momento, encarando Pearl, admiti que se eu quiseser ser o melhor para ela, eu preciso buscar ajuda. Não sei quem vai poder me ajudar, mas eu não medirei esforços para descobrir.

Capítulo 48

Amo você

Pearl Wyatt

É finalmente o Dia de Ação de Graças! Meu feriado favorito, depois do Natal, é claro. Não teremos aula nem hoje, nem amanhã e eu sinto como se estivesse precisando desse tempo fora da escola. São apenas dois dias, mas já é uma boa folga. Novembro está acabando e logo entraremos no último mês desse ano.

Mal acredito, o tempo passou tão rápido!

Checo o horário no meu celular e bocejo, percebendo que tenho uma mensagem de Seth não lida. Nas últimas duas semanas, a maioria do tempo que ele passou comigo, ele estava pensativo. Por motivos de recuperação, na primeira semana ele não treinou, mas estava presente nos treinos, sempre ao meu lado. Na última semana, toda vez que o treino acabava, ele me deixava na pizzeria com Simon e ia para algum lugar, voltando apenas uma hora e meia mais tarde. Eu não quero lhe perguntar sobre o que está acontecendo com ele, mas espero que ele esteja bem.

“Minha mãe me acordou cedo para fazer eu enviar essa mensagem, então desculpe-me se eu te acordei. Ela pediu que eu perguntasse se você e sua família não querem vir para o nosso Dia de Ação de Graças. Não temos com quem realmente comemorar, então ela provavelmente acha que essa é uma boa ideia.

Bom dia, Girassol.

Seth Sawyer.”

Sorrio de lado, sentindo meu coração apertar por causa deles dois. Além das duas mulheres que trabalham em sua casa, Cassie e Seth só tem a si mesmos. Me pergunto se eles dois sempre passam essas datas comemorativas sozinhos, sem amigos. Provavelmente sim e isso me deixa mal por eles dois, apesar de saber que eles Cassie é o suficiente para deixar Seth feliz e vice-versa.

Bocejo mais uma vez e digito minha resposta para ele.

“Eu vou falar com meus pais assim que eu sair da cama, mas acho que minha mãe vai adorar a ideia. Daqui a pouco eu mando outra mensagem com a resposta deles, tudo bem? A propósito, você não me acordou.

Bom dia, Seth!

Pearl ‘Girassol’ Wyatt.”

Dou uma risada e envio. Levanto-me da cama e vou para o banheiro. Não demoro muito na minha higiene matinal e quando termino de lavar meu rosto e escovar meus dentes, pego meu celular e saio correndo do quarto. Desço os degraus tão rapidamente que no final eu acabo tropeçando e caindo em cima do papai, que já está no final da escada.

— Você por aqui, menina bonita? — ele brinca, colocando-me no chão.
— Feliz Dia de Ação de Graças, filha. — beija o topo da minha cabeça e eu retribuo com um beijo em sua bochecha.

— Feliz Dia de Ação de Graças, papai! — exclamo, segurando sua mão e puxando-o até a cozinha.

— Está animada com o dia de hoje? — papai pergunta, rindo, e eu faço o mesmo.

— Digamos que sim! Estou muito animada. — dou de ombros. — Feliz Dia de Ação de Graças, mamãe! — exclamo assim que entro na cozinha e acho minha mãe recheando o peru que ela comprou.

— Feliz Dia de Ação de Graças, querida. — retruca, sorrindo para mim. — O que aconteceu? Por que está tão animada? — indaga, jogando o pano que estava segurando em cima do balcão.

Solto o papai e quando ele toma seu lugar atrás da mamãe, abraçando-a, começo a falar sobre o convite de Cassie.

— Seth enviou uma mensagem para mim dizendo que Cassie nos convidou para passarmos o Dia de Ação de Graças com eles. — disparo, andando de um lado para o outro. — Eu, particularmente, acho uma boa ideia. Eles provavelmente passam juntos, somente os dois... É um pouco... triste, certo? Eu não sei... Só acho que poderiam...

— Tudo bem, filha, você pode dizer que nós aceitamos. — mamãe sentencia, cortando-me e eu abro um sorriso largo.

Exatamente o que eu esperava!

— Eu vou avisar ao Seth e perguntar que horas deveremos ir e, *uh...* acho que vai sobrar comida. — constato, achando uma solução quase que imediatamente para aquele problema. — Já sei o que fazer com isso! Coloque no forno, mamãe! — aviso, apontando para o peru e saio da cozinha correndo.

Durante meu caminho de volta para o meu quarto, esbarro com um Simon irritado, mas não deixo seu mau-humor me afetar. Disco o número de Seth assim que me joga em minha cama e ele atende no segundo toque.

— Ei... — resmunga.

— Oi Seth! — exclamo, escutando-o dar uma risada em seguida.

— Você acordou energética essa manhã, Girassol? — indaga.

— Acho que sim... um pouco. — retruco, sentindo minhas bochechas queimarem. — Oh, meus pais aceitaram o convite que vocês fizeram para nós. — completo.

— Ainda bem... — respira aliviado. — Minha mãe tende a esquecer que é só eu e ela e acaba fazendo comida que pode durar por duas semanas. — seguro o riso. — Eu estou falando cem por cento sério, Girassol.

— Acho que temos um problema...

— Que tipo de problema? — pergunta.

— Problema do tipo: dois perus! — explico e ele gargalha. — Por que você está rindo? — indago.

— É engraçado ouvir você falar de peru... — murmura, divertido. — Esquece... — pigarreia. — Podemos levar um deles para algum lugar... Tipo, um abrigo? Há um aqui perto de casa e eu sei que sempre tem voluntários para esse tipo de data.

— Sim, é exatamente o que eu estava pensando em fazer. Eu vou avisar a mamãe que levaremos o nosso para o abrigo, tudo bem? — pergunto.

— Certo. Vou aproveitar para pegar algumas coisas daqui também. — diz. — Eu vou passar por aí às cinco para te pegar e explicar o caminho para os seus pais, combinado?

— Combinado! — exclamo.

Seth ri mais uma vez.

— Até mais, Girassol. Tchau. — se despede.

— Até mais, Seth. Amo você. — arregalo os olhos, tapando minha boca.

Finalizo a chamada desesperadamente e jogo meu celular para cima. O que eu acabei de falar? Oh, meu Deus! Eu sou uma burra! Eu não devia ter falado! Ele deve estar achando que eu... Ah, eu não queria ter falado isso agora! Namoramos há pouco tempo e eu não quero que Seth se sinta no dever de corresponder meus sentimentos na mesma intensidade que eu os sinto.

Eu *definitivamente* fiz besteira.

Capítulo 49

Ninguém, até você chegar

Seth Sawyer

Há quase duas semanas eu venho tentando trabalhar minha conduta errada para não estragar mais ainda minha relação com Pearl. Na última semana eu consegui marcar algumas horas todos os dias com uma terapeuta para me ajudar a lidar com a merda dentro de mim. Já a partir dessa semana, eu passei a ir apenas dois dias. Isso já é um progresso enorme para mim, mesmo que faça com que eu me sinta como um idiota por procurar uma terapeuta para conversar. Mas nesse momento eu preciso dela, mesmo que ela seja irritante na maior parte do tempo.

Pearl disse que me ama.

Ela disse “amo você” e eu não sei o que fazer com isso, eu não sei o que falar de volta. Se eu gosto dela? Claro! Se eu estou apaixonado por ela? Sem dúvida alguma... Mas, amar? Eu não disse isso nem quando eu era um fedelho de treze anos pseudo-apaixonado pela puta da escola. Eu nunca realmente me senti assim por uma garota, exceto Pearl. E isso me faz deduzir que eu a amo. Sim, eu provavelmente o faço, mas eu não sei se vou conseguir dizer isso de volta com as palavras certas, as palavras que precisam ser ditas.

Eu não devia estar nervoso por conta disso, mas estou. Pearl me ama e ela disse isso. Eu não acredito. Não acredito que a fiz se apaixonar por mim, que a fiz me amar por meio de uma aposta. E se ela descobrir? Será que ela ainda vai me amar? Puta que pariu! Ela vai me odiar por ter feito ela me amar

por um meio tão sujo como esse.

Jogo meu celular para o lado e passo minhas mãos por todo meu rosto, subindo-as até meu cabelo e bagunçando-o freneticamente.

— Seth! Eu preciso da sua ajuda! — minha mãe me chama e eu bufo.

Saio do meu quarto e desço, achando-a na cozinha mexendo em uma das muitas panelas.

— Mãe... — resmungo.

— Aqui! — exclama, estendendo um biscoito para mim. — Prove e me diga se está bom. — comanda e eu obedeço. — Então? — encara-me ansiosa.

— Sim, está bom. — respondo, jogando o biscoito em um prato que está em cima do balcão. — Mãe, eu tenho um problema. — afirmo e ela levanta uma sobrancelha, desconfiada.

— Que problema? O que você fez, Seth? — indaga, colocando as duas mãos no quadril e batendo um dos pés.

— Eu não fiz nada, ainda. Preciso da sua ajuda... — sento-me no banco em frente ao balcão e ela acena para eu continuar. — Se uma garota diz que ama um cara, ela necessariamente quer ouvir isso de volta? — pergunto.

Com uma risada, minha mãe se aproxima com os olhos brilhando.

— Ela disse que ama você? — indaga e eu faço uma careta, assentindo. — É corajoso da parte dela dizer que ama você, além de admirador por ela ter conseguido amar uma pessoa difícil como você, mas acho que você não poderia ter uma pessoa melhor do que a Pearl para fazê-lo. — rolo meus olhos.

— Obrigado pela parte que me toca. — enuncio, ironicamente.

— Você sente o mesmo por ela? — pergunta, ignorando minha frase

anterior.

— Porra, não acredito que estou conversando com você sobre isso... — resmungo e ela pigarreja. — Acho que sim, mãe. Há uma grande possibilidade disso estar acontecendo. — afirmo.

— Você se sente confortável em falar isso de volta para ela? Tenho certeza que Pearl não quer fazer com que você se sinta desconfortável sobre isso e que adicione um clima ruim entre vocês dois. — segura uma de minhas mãos. — Se você acha que pode falar isso de volta para ela, o faça. Caso contrário, não a deixe desconfortável por ter falado primeiro. Esse é um passo importante para um casal, querido, não faça besteira.

Balanço minha cabeça, concordando com o que ela disse.

— Eles virão para o Dia de Ação de Graças, a propósito. Eu e Pearl vamos levar comida para aquele abrigo que fica aqui perto, então você pode separar um pouco do banquete que fez para nós levarmos. — digo e ela ri.

— Tudo bem, eu vou separar. — retruca. — Agora você precisa ir ao mercado comprar algumas coisas que estão faltando para mim. — completa.



Estou arrumado para ir buscar Pearl há algum tempo, o que faz eu me sentir como um adolescente ansioso. O que está acontecendo comigo, eu não sei, mas não gosto nem um pouco disso. Entro no meu carro novo que chegou ontem à noite e dou um sorriso satisfeito e aliviado. É um Mercedes-Maybach S600 Sedan preto. A parte interna desse carro é mais luxuosa do que nas fotos que Quinn mandou para mim quando pedi-lhe para arrumar algo novo para mim, já que meu velho carro ficou quebrado demais depois do

meu acidente. Esse é o meu novo brinquedo e eu estou adorando-o pra caramba.

Deixo as coisas que minha mãe separou no banco de trás, onde ela fez questão de colocar vários panos de prato, porque não queria que eu estragasse meu carro.

Mães...

Sem mais delongas, faço meu caminho até a casa de Pearl, imaginando o que ela vai vestir para essa noite. Com certeza algum de seus muitos vestidos vermelhos e talvez seu tênis branco, com os cachos soltos sobre seus ombros.

Ligo o rádio, puxando as mangas do meu suéter preto para cima. Esses são provavelmente meus meses favoritos aqui em Long Beach. As temperaturas rodam em torno de 13°C e 20°C, o que é algo bom demais para quem está acostumado com 30° no resto dos meses.

Ao som de alguma música *pop* irritante eu estaciono em frente a casa de Pearl exatamente às cinco da tarde. Saio do carro e no meu caminho até a porta, Simon começa a sair pela mesma, acompanhado dos seus pais e de Pearl, que é a última a sair de cabeça baixa.

— Sr. e Sra. Wyatt, feliz Dia de Ação de Graças. — eu os cumprimento com um aperto de mão e a mãe de Pearl me abraça brevemente. — Simon. — aceno com a cabeça para ele e ganho apenas um rolar de olhos, enquanto ele segura uma travessa. — Pearl. — eu a chamo e ela se aproxima com as bochechas coradas.

Diferente do que eu pensei, Pearl está usando um vestido de cor perolada, eu acho. Não sei como se chama essa cor, mas cai muito bem nela. Já seus cachos, eles estão presos em um coque enquanto alguns escapam para

emoldurar seu rosto bonito da forma perfeita.

Ela segura minha mão assim que está perto o suficiente de mim e eu beijo o topo de sua cabeça.

— Será que os passarinhos apaixonados podem adiantar logo essa baboseira? Eu estou segurando isso aqui! — Simon reclama.

Sua mãe o repreende, enquanto seu pai apenas dá uma risada. Eu pego a travessa de Simon com meu braço livre e começo a explicar o caminho para os seus pais de onde fica a minha casa. Quando me certifico de que eles entenderam, nos separamos e eu caminho com Pearl até o meu carro.

— Abre a porta de trás para mim. — peço e ela obedece.

Solto sua mão e arrumo a travessa do lado dos outros potes com comida. Bato a porta do carro e abro a da frente, dando espaço para Pearl entrar, e assim que ela está lá dentro, dou a volta e faço o mesmo.

— Feliz Dia de Ação de Graças, Girassol. — sentencio, apoiando meu braço no banco do passageiro. — Você não vai me olhar? — indago.

Ela levanta o rosto tão devagar que parece estar em câmera lenta. Fito seus olhos castanhos receosos e beijo seus lábios sem fechar os olhos, já que ela também não o faz.

— Feliz Dia de Ação de Graças. — sussurra de volta e eu aproveito para aprofundar nosso beijo.

Seus lábios se partem, deixando-me saber que ela está pronta para mim e eu fecho meus olhos assim que ela faz o mesmo. Nós temos que conversar sobre o que ela disse para mim e eu espero não falar qualquer besteira que a magoe.

Os primeiros minutos que eu e Pearl passamos juntos depois que eu

parti em direção ao abrigo são preenchidos por um silêncio irritantemente desconfortável. Nem o beijo que eu lhe dei conseguiu apaziguar a nossa situação. Pearl continua de cabeça baixa, praticamente encolhida em seu assento, e isso me irrita. Porra, ela poderia me ajudar a ajudá-la. Não quero transformar isso em uma situação estranha para nós dois, mas ela simplesmente não relaxa.

Ligo o rádio outra vez e abaixo os vidros da janela, trazendo os sons da rua para distraí-la um pouco e dois minutos depois, vejo que funciona, uma vez que Pearl está olhando o tráfego pela janela. Continuo nosso caminho até o abrigo e quase vinte minutos depois eu estaciono no começo da rua onde o lugar fica localizado.

Subo os vidros, travo as portas e solto meu cinto de segurança. Pearl vira o rosto para me encarar, soltando seu cinto enquanto eu ajusto meu banco mais para trás.

— Nós já chegamos? — ela indaga, franzindo o cenho.

Em um movimento rápido, puxo Pearl para sentar no meu colo e ela arregala os olhos, soltando um grito abafado. Separo suas pernas, deixando uma de cada lado meu e puxo seu corpo para um pouco mais perto. — O que você está fa-fazendo? — ela gagueja, segurando-se em meus ombros com força.

— Eu acho que temos que conversar e aqui, em cima de mim, você não tem para onde fugir. — enuncio calmamente. — Podemos conversar? — pergunto.

Vejo Pearl engolir a seco e balançar a cabeça positivamente.

— Você quer conversar s-sobre o quê? É sobre o que eu falei mais cedo, não é? — pergunta nervosa demais para o seu próprio bem. — Eu sinto

muito, Seth. Não queria ter deixado aquilo escapar, eu sei que você pode não me... não me...

— Amar? — indago.

— Sim, isso. — sussurra, deslizando as mãos para o meu pescoço e eu sinto toda minha pele queimar por onde suas mãos trêmulas passam. — Não quero que você se sinta pressionado por algo que eu deixei escapar. Você não precisa falar isso de volta se não sente o mesmo por mim. — continua, traçando a linha do meu maxilar com a ponta dos seus dedos, provavelmente tentando se entreter com algo. — Desculpe-me, por favor...

Respiro fundo, puxando-a para tão perto que escuto sua respiração ficar irregular.

— Você pode repetir o que disse para mim na nossa ligação? — rosno, subindo uma mão até seu rosto. Com meu dedão eu vou acariciando sua bochecha, notando o tom avermelhado que ela começa a tomar a cada novo segundo. — Repita olhando nos meus olhos, por favor. — peço, ainda no mesmo tom.

Pearl me encara de volta, os seus olhos brilham de forma inexplicavelmente bonita. Ali em meus braços, sob meu toque, sinto seu corpo tremer. Seguro um dos cachos soltos que emolduram seu rosto enquanto espero paciente por suas palavras.

— Eu amo você, eu *realmente* amo. — Pearl sussurra, nunca, em nenhum momento, desviando nossos olhares.

Seus olhos perfuram os meus, deixando difícil para eu achar algum controle sobre minhas ações. A intensidade com que Pearl passa seus sentimentos para mim, mesmo com sua voz sussurrada e calma, me queima por dentro. Como diabos eu vou conseguir sobreviver à ela?

— Eu também, Girassol e eu nunca amei ninguém, exceto minha mãe e meus avós. Ninguém, até você chegar. Ninguém, até você virar meu mundo de cabeça para baixo e colorir todas as minhas páginas em preto e branco com suas cores próprias. Ninguém, Pearl, ninguém. Você me estragou para qualquer outra garota, acredite nisso e embora eu possa vir a ser um tremendo imbecil, nunca se esqueça de que eu realmente amo você e tudo em você. Seu sorriso, seu olhar, sua pele, seu cabelo, seu corpo, sua inocência, sua personalidade, sua bondade e principalmente, seu coração. — fito seus olhos acumularem um tanto considerável de lágrimas e beijo ambos, distribuindo beijos por todo seu rosto até capturar seus lábios por fim. — Não há nada em você que eu não ame, Girassol. Você é a melhor coisa que me aconteceu em anos e eu não consigo mais pensar na ideia de estar longe de você; longe da única pessoa que completamente me tem em suas mãos. — puxo seu lábio inferior entre meus dentes, controlando meu impulso de beijá-la grosseiramente.

— Você acredita em conto de fadas? Felizes para sempre? Príncipe Encantado? — ela pergunta, sorrindo de lado. — Você é o meu Príncipe Encantado, Seth. — completa.

— Não, Pearl, isso não existe. — afirmo, mas ela parece não se abalar. — Nós estamos vivendo a realidade fodida de um mundo onde pessoas machucam as outras, enganam, mentem. Um mundo onde o “felizes para sempre” é conquistado só depois de muitos momentos ruins. Eu amo você, menina bonita, mas tenho certeza que não passo nem perto de ser um Príncipe Encantado. Talvez um Príncipe Enciumado ou Pesadelo Encontrado, algo como isso, mas nada como esses caras perfeitos que nunca pisam na bola e que só existem em filmes de romance.

Pearl suspira, abraçando-me pelo pescoço com força.

— O amor cura tudo, então se você me ama, nada que acontecer vai conseguir me ferir ou te ferir. Talvez eu passe a acreditar na realidade e não mais nos filmes, mas por enquanto eu acho que me recuso a fazê-lo. Eu sinto como se estivesse vivendo um sonho maravilhoso do qual nunca desejo acordar. — retruca.

Balanço a cabeça, derrotado por ela não acreditar no que eu digo. Ficamos nos encarando por longos minutos até Pearl quebrar o silêncio entre nós com uma risada.

— Você me ama mesmo? — pergunta, incrédula e eu rolo os olhos.

— Eu disse que sim, Girassol. — retruco, afagando sua cintura.

Empurro meus lábios até os lábios de Pearl, achando que já esperei muito tempo para beijá-la — e eu realmente o fiz. Inflexivelmente eu a beijo, sendo talvez um pouco rude no começo, mas suavizando meus movimentos em seguida. Serpenteio meus braços por sua cintura, voltando a trazer Pearl para o mais perto de mim. Sua respiração fica rápida, difícil e quando ela solta um gemido contra meus lábios, leva tudo de mim para não tocá-la em outros lugares. Meu corpo dói com uma necessidade que mesmo depois de anos, eu nunca senti.

Não se trata sobre foder Pearl, mas sim fazer amor com ela do jeito que ela merece, mas infelizmente, na minha cabeça, tenho plena consciência de que ela não está preparada. Agora o meu pau também precisa ter essa consciência, porque quanto mais eu a beijo, mais fica difícil de recuar.

Puxo minha boca da sua, jogando minha cabeça para trás, enquanto puxo o máximo de ar que consigo. Abro meus olhos, fitando Pearl que tem o rosto vermelho como o inferno.

— Você é linda pra caralho, Girassol. — resmungo, deslizando minhas

mãos para suas pernas.

— Eu estou tendo cócegas outra vez. — ela confessa e eu subitamente tenho vontade de rir, mas não o faço porque lembro e sei que ela está falando sério.

— Isso não são cócegas, bebê. Isso se chama ficar excitada, tudo bem? Acontece sempre que eu faço coisas boas com seu corpo, certo? — indago e ela acena envergonhada. — Eu fiz alguma piada que está te fazendo rir? — ela nega prontamente. — Então você pode perceber que isso não são cócegas ou nada parecido.

Pearl aproxima o rosto do meu, trazendo seu cheiro delicioso consigo.

— Você vai me ensinar mais sobre isso? — pergunta, fitando meus lábios e não meus olhos.

— Sim, mas não hoje. — forço-me a falar.

Nos beijamos mais uma vez e antes que eu pudesse adquirir uma ereção, tratei seguir com o resto do nosso caminho até o final da rua. Pearl é um maldito teste para a minha sanidade mental.

Capítulo 50

Tocar

Pearl Wyatt

Seth e eu chegamos a sua casa há cinco minutos, depois de passarmos meia hora no abrigo. Eu ainda não consigo acreditar que ele também me ama! Quero dizer, eu tinha uma chance em um milhão dele me amar... e essa uma chance aconteceu. Ele realmente sente o mesmo por mim, na mesma intensidade. Entrelaço nossos dedos, descansando minha cabeça em seu ombro, enquanto assistimos nossos pais conversarem animados. Sculler também está aqui, já que segundo ele seus pais haviam viajado.

A noite está se saindo bastante agradável, do jeito que eu imaginei.

— Nós podemos dar uma volta pela casa? Essa conversa de gente velha está muito tediosa. — Simon reclama alto, chamando a atenção de todos para si.

Cassie sorri contida, encarando Seth logo em seguida.

— Que tal vocês irem assistir um filme lá em cima? — Cassie indaga, bastante sugestiva.

— Claro, boa ideia. — Simon retruca, levantando-se em um pulo. — Vamos? — pergunta e eu tenho que rir do seu desespero.

Levanto-me com Seth e no meio do nosso caminho até a escada, ele para e vira para trás. — Você não vem? — pergunta ao Sculler.

— Não, eu estou bem aqui. — Sculler responde e Seth dá de ombros.

Nós três subimos e quando estamos no segundo andar, Seth nos leva até um dos quartos, que acaba por parecer com uma sala de filmes. É muito bonita e organizada, assim como todos os outros cômodos da casa que eu já tive chance de ver. Há sete poltronas e um sofá-cama enorme, além da televisão que eu nem me arrisco em dizer quantas polegadas tem, devido ao seu tamanho.

— Você pode escolher qualquer merda. — Seth diz, jogando o controle para Simon que sorri de lado.

Seth me guia até o sofá-cama e se joga lá, puxando-me consigo e fazendo-me rir. Me aconchego contra ele, o abraçando com força enquanto ele faz o mesmo. Seth levanta o braço e eu o observo desligar a luz no interruptor que fica logo acima do lugar onde estamos deitados.

— Você quer conversar? — Seth pergunta e eu inclino meu rosto para fitá-lo. — Eu realmente não quero assistir filmes. — completa.

Assinto, descansando uma das minhas mãos sobre seu peito.

— Qual sua cor favorita? — pergunto e Seth ri, apertando minha cintura.

— Preto na maioria das vezes, mas tento dar uma chance para o azul. — diz, fitando meu rosto com um olhar calmo. — A sua eu posso apostar que é vermelho. — levanta uma sobrancelha.

Sorrio envergonhada, mas aceno positivamente. É, isso não dever segredo para ninguém, já que eu sempre estou usando vermelho.

— Qual o seu gênero favorito de filme? — pergunta, esfregando meu braço com sua mão.

— Clássicos da Disney e comédias românticas, com certeza. — afirmo, olhando Seth fazer uma careta.

— Os meus favoritos são os de terror e ação. Romance é tão chato e monótono, a mesma merda de sempre. — enuncia, rolando os olhos e eu dou uma risada.

— Você tem cara de quem assiste filmes de romance secretamente com um balde de pipoca e lençinhos ao lado. — brinco e ele cerra os olhos para mim.

— Porra, eu pareço gay? — indaga irritado, tornando meu riso mais difícil de controlar.

— Não, claro que não. Apenas sensível às vezes... — dou de ombros e ele rola os olhos.

— Eu não sou sensível coisa alguma. — rosna e eu beijo sua bochecha, tentando acalmar seu temperamento.

— Tudo bem, se você diz. — sussurro, parando de rir e ele bufa, voltando a me encarar.

— Você está brincando com a minha cara, Girassol? — cerra os olhos outra vez, puxando-me bruscamente para deitar em cima dele.

— Eu? Claro que n... — ele corta minha exclamação com um beijo.

— Você não precisa gritar, seu irmão está logo ali... — resmunga, mordiscando meu lábio inferior.

Fecho meus olhos, sorrindo de lado.

— Sinto muito, eu não queria gritar, só acabei falando um pouco alto. — retruco, sentindo um arrepio passar por todo meu corpo.

— Você está com frio? — indaga e eu abro os olhos para encará-lo.

— Um pouco... — admito e ele beija meus lábios última vez antes de se levantar e me ajudar a fazer o mesmo.

— Eu vou pegar um casaco com sua irmã, Simon. — Seth avisa, mas Simon não dá a mínima, já que está ocupado olhando alguma coisa em seu celular.

Sáímos juntos e vamos direto para o seu quarto. Seth não liga a luz, ele só fica me encarando pelo pouco de luz que entra pela porta de vidro da sacada. Abro a boca para perguntar-lhe o que está acontecendo, mas antes que eu forme uma sílaba sequer, ele cobre minha boca com a sua em um beijo urgente e ardente.

Seguro-me em seus ombros, tentando me equilibrar enquanto ele me empurra para trás até eu encostar na porta do quarto. Eu nunca soube dizer que tipo de necessidade é essa que Seth sente em me beijar asperamente, mas de repente eu entendo — *e eu gosto*. Eu gosto de como Seth me beija como se eu fosse a melhor coisa que ele já provou em toda sua vida, pois mesmo que eu nunca tenha provado outros beijos, sei que nada e nem ninguém nunca superará Seth.

— Eu preciso tocar em você, Girassol. Tocar você em outros lugares. — ele grunhe assim que separa nossas bocas, arrastando beijos por minha bochecha sem deixar de tocar em minha pele com os lábios.

— Que lugares? — sussurro, ofegante.

Seth solta minha cintura e desliza as mãos pela lateral do meu corpo, pressionando as mãos por todo caminho até alcançar minhas coxas, onde ele aperta com mais força e me puxa para cima de uma só vez. Com medo de cair, abro meus olhos, enlaçando minhas pernas em seu quadril, mas ele não tira as mãos de onde estão.

— Em todos os lugares, mas eu sei que isso é um passo maior do que você deixaria minhas pernas darem no momento. — Seth volta a falar enquanto nos encaramos sem desvio. — Mas eu ainda quero tocar em você.

Essa merda está me matando lentamente.

— V-Você pode me tocar, mas eu não es-estou preparada para...

— Eu não vou forçar você a isso, Pearl. Nunca. Só quero que diga sim e que me deixe preparar você para que, caso isso venha acontecer algum dia entre nós dois, você esteja pronta. — explica e eu franzo o cenho.

— Preparar? — indago em meio a um sussurro.

— Sim, bebê, preparar. Eu não vou ser rude com você, eu prometo. — diz, esfregando as mãos em minhas pernas e eu me acalmo lentamente.

— Tudo bem, você pode fazer isso. — enuncio e Seth sela nossos lábios com um sorriso de lado.

— Foda-se, sim. — solta, satisfeito.

Voltamos a nos beijar mais uma vez, mas não dura tanto, já que escutamos um barulho alto vindo o andar de baixo. Seth me coloca no chão e liga a luz enquanto eu recupero minhas forças. Assisto ele pegar um moletom seu de dentro do guarda-roupas e se aproximar de mim outra vez. — Vamos descer, eu acho que isso é Sculler. — ele diz, ajudando-me a vestir o moletom.

Sáímos do seu quarto depois dele desligar a luz e quanto mais nos aproximávamos da escada, mais fortes as vozes ficavam e, realmente, isso é Sculler esbravejando.

Capítulo 51

É a minha vez de te proteger

Seth Sawyer

Chegando à sala de estar novamente, dou de cara com uma cena não muito agradável. Para ser sincero, a cena é insuportável e eu odeio. A porta está aberta e Steven está sorrindo em direção a minha mãe, enquanto Sculler tenta bloquear a passagem do estúpido filho da puta. Pearl aperta minha mão e eu tiro forças de não sei onde para não ir até Steven e quebrar sua cara por aparecer na casa da minha mãe.

— Garoto, eu te vi criança, não seja um idiota ignorante. Essa casa foi comprada com o meu dinheiro, eu tenho o direito de entrar na hora que eu quiser. — Steven cospe para Sculler e finalmente me nota. — Ei, filho, feliz Dia de Ação de Graças. — solto a mão de Pearl e me aproximo da minha mãe, que visivelmente treme em seu lugar com os olhos arregalados.

— Você pode ter me conhecido ainda criança, mas eu realmente não sou mais uma criança e eu não vou deixar você vir perturbar meu melhor amigo e a mãe dele. Não se eu puder evitar que um pedaço de merda como você entre aqui. — Sculler retruca e eu coloco minha mão em seu ombro, puxando-o para trás.

— Essa casa não é e nunca foi sua, o dinheiro também não. — afirmo, cerrando os punhos. — Não sei o que diabos você acha que veio fazer aqui, mas é melhor que volte para sua vida estúpida com suas putas sem valor porque nem aqui e nem no inferno você estará chegando perto da minha mãe

outra vez. — bufo, vendo o sorriso de Steven expandir.

— Posso dizer que ela ainda me ama, não é mesmo, Cassie? — ele exclama.

— Ah, sim! Claro que ela ama você, pedaço de merda. — Sculler retruca e eu consigo sentir o quão irritado ele está. — Você deveria sair daqui, já que claramente não é bem-vindo e não só por mim.

— Vá embora ou eu vou ser obrigado a te jogar dentro do seu carro depois de socar a sua cara. — sentencio.

Steven me encara, depois fita algum ponto atrás de mim que provavelmente é a minha mãe ou Sculler, e depois nos dá as costas. Fico parado, assistindo-o voltar para o seu carro e desaparecer pela rua até ser puxado de volta por Pearl e sua mão macia. Bato a porta e vejo Sculler abraçando minha mãe e sussurrando algo a ela, que está petrificada em seu lugar. Beijo o topo da cabeça de Pearl e vou até os dois, puxando minha mãe dos braços do meu melhor amigo.

— Está tudo bem, mãe, ele foi embora. — resmungo contra seus cabelos e ela aperta os braços em torno do meu corpo. — Nada vai acontecer, nada aconteceu. Sculler fez um bom trabalho te protegendo, você não precisa se preocupar. — continuo, tentando acalmá-la.

Sem pensar duas vezes, carrego minha mãe em meu colo até a cozinha. Ela sempre fugiu dos estereótipos de como uma mãe geralmente se parece. Minha mãe não é e nunca foi fora de forma. O fato dela ter se casado muito cedo e ter me tido com apenas dezoito anos, agora em seus trinta e sete ela está em muito boa forma e eu sempre soube disso, pois costumávamos correr juntos pelo bairro antes de eu entrar para o time de futebol, mas tenho absoluta certeza de que ela nunca parou de se exercitar. Talvez a genética dela fosse uma boa coisa, eu não sei, mas o que eu quero dizer é que minha

mãe não pesa quase nada, então não é difícil para eu a tomar em meus braços.

— Quer um pouco de água? — indago, colocando-a sentada em um dos bancos em frente ao balcão e observando Sculler entrar na cozinha também.

Ela respira fundo uma, duas, três vezes até tentar realmente se acalmar. Sem que eu peça, Sculler já se aproxima com um copo de água e coloca na mão da minha mãe.

— Ela precisa de algum remédio? — Sculler pergunta e eu balanço a cabeça negativamente. — Vou voltar para sala, qualquer coisa pode me chamar. — completa.

— Nós vamos já voltar... — resmungo, voltando minha atenção para minha mãe novamente.

Paro em sua frente, percebendo seu olhar perdido fitando superficialmente o copo de água.

— Eu não quero isso de volta, filho... Ele é um pesadelo que nunca vai ter fim. Eu não quero me lembrar de nada. — ela sussurra com a voz fraca e isso é como um soco no meu estômago.

— Está tudo bem, mãe. Nada vai acontecer, nada vai voltar. Nem ele, nem as lembranças. — afirmo, colando um mecha do seu cabelo castanho atrás da sua orelha. — Estou aqui e agora é a minha vez de te proteger, tudo bem? — ela me encara e assente copiosamente.

Seus olhos ficam marejados de uma hora para outra e ela me abraça apertado. — Eu sei que eu sempre disse que precisávamos esquecer o que passou, deixar pra trás, enterrar, mas eu não sabia que me sentiria tão machucada outra vez quando eu voltasse a ver Steven. Sinto muito por eu não ter feito o que eu sempre pedi que você fizesse, filho. Sinto muito... — enuncia e eu afago suas costas.

— Não precisamos esquecer, talvez nós devamos apenas viver com isso, mãe. — digo, tentando manter minha calma e minha cabeça no lugar. — Ele não vai chegar perto de você outra vez, eu prometo.

— Ele está quebrando o acordo judicial, filho, ele não tem medo de nada e nem de ninguém. — diz, afastando o rosto e nós nos encaramos.

— É melhor que ele tenha medo de mim, porque se ele vier tentar foder com nossa vida novamente, o único que vai sair ferido dessa vez é ele e não nós. — afirmo, sem remorso algum.

Minha mãe toma o copo de água e se levanta. Ela coloca um sorriso forçado no rosto, maquiando demais a sua antiga expressão assustada e triste, mas isso me deixa um pouco aliviado.

— Precisamos voltar, temos convidados. — ela enuncia e anda para fora da cozinha.

Tinha que ser esse bastardo imbecil para tentar estragar a nossa noite, mas ele não conseguiu. Não fodidamente conseguiu e eu tenho certeza disso.

BÔNUS

Sculler Sivan

Eu não sei quando aconteceu, mas quando eu percebi, a única pessoa que rondava minha cabeça vinte quatro horas por dia era a mãe do meu melhor amigo. No começo eu achei que tinha literalmente enlouquecido, afinal Cassie é quase vinte anos mais velha que eu, mas agora eu não ligo para isso. Não quando ela é uma mulher espetacularmente linda, forte e inteligente. Ela sendo ela e ninguém mais, é o suficiente para me atrair como o inferno e ela me atrai mais do que algum dia eu pensei que o faria.

Eu tentei esquecer Cassie tantas vezes que nem consigo contar nos dedos. Aos meus dezesseis anos, eu falei à Cassie que estava apaixonado por ela. Ela não riu. Ela ficou assustada, muito assustada, mas eu estava apenas sendo sincero e era um adolescente inconsequente. Talvez eu ainda seja, já que não consigo ficar longe dela, mas é difícil para eu sufocar o amor que eu sinto por ela. Na maioria das vezes eu tento esquecê-la ao ficar com outras mulheres, mas de um tempo para cá nem mesmo outras mulheres conseguem me fazer esquecer Cassie.

Eu a observo voltar à sala com Seth e me arrasto para a outra ponta do sofá, dando espaço para meu melhor amigo sentar com Pearl.

Eis meu problema: *Seth*.

Meu melhor amigo vai literalmente querer me matar. Não que qualquer coisa aconteça entre eu e Cassie, já que ela recua toda vez que eu me aproximo dela, mas se algo acontecer e por algum inferno Seth souber sobre

nós algum dia, ele não vai engolir isso com facilidade. Não mesmo. Quero dizer, isso é o que eu acho.

Estico minhas pernas, sentindo o clima de alegria voltar aos poucos enquanto Pearl começa a conduzir a conversa junto com Cassie. Eu tento evitar, mas eu não consigo parar de encará-la.

Porra, Cassie é muito linda!

— Os jogos já estão nas nossas mãos, literalmente. — escuto Seth comentar. — Eu lanço, Sculler recebe. Vai ser como nos velhos tempos.

Assinto e finalmente Cassie me encara de volta. O sorriso que ela tinha enquanto fitava Seth desaparece quando ela muda sua atenção para mim. Ela se mexe desconfortável em seu lugar e fica dessa forma pelos próximos longos minutos. Em algum momento vejo o vulto de Seth e Pearl passarem por mim, seguindo outra vez para o andar de cima, e deixando-me com os pais de Pearl e Cassie.

— Oh, eu fiz *mousse* de limão e quero muito que vocês provem! — Cassie exclama animada e se levanta. — Eu volto em um minuto apenas.

Ela dispara para a cozinha e em menos de dez segundos eu peço licença aos pais de Pearl e vou atrás de Cassie. Encosto-me no batente da porta e cruzo os braços, observando-a andar graciosamente como sempre pela cozinha. Ela pega uma travessa de vidro do *freezer* da geladeira com dificuldade e eu me aproximo para ampará-la.

— Eu ajudo você. — enuncio, posicionando-me atrás de Cassie e segurando a travessa com ela, que quase dá um pulo quando eu faço isso.

— Eu não p-preciso...

— Eu disse que ajudo você. — afirmo, cortando-a e ela solta o objeto, passando por debaixo dos meus braços sem dificuldade.

Coloco a travessa na mesa e Cassie se aproxima cautelosa. Puxo uma cadeira e me sento calado enquanto ela me olha de soslaio. Eu quase dou uma risada de sua atitude.

— Você deveria ter ficado na sala com os pais de Pearl. — ela diz, dando de ombros e eu repito seu movimento.

— Lá não tem muita graça sem você e suas mil e não sei quantas discussões sobre receitas de comida. — jogo de volta e Cassie abaixa a cabeça, pegando uma colher enquanto sorri de lado.

— Para alguém da sua idade esse deve ser um assunto bem chato... — sussurra e eu me levanto.

Cassie endireita o rosto e a postura enquanto eu me aproximo. Ela segura a colher em frente ao seu corpo como se sua vida dependesse disso. — Nada que sai da sua boca é chato, Cassandra. — enuncio baixo, parando dessa vez frente a frente com ela. — Você está com medo de mim? — indago, franzindo o cenho.

— Talvez um pouco... — retruca, dando um passo para trás. — Você deve manter distância, sabe disso. — eu dou um passo para frente. — Eu disse dis-tân-cia. Soletrei para você, Sculler, agora por fav...

Faço Cassie calar a boca quando passo meus braços por sua cintura e puxo seu corpo para junto do meu.

— Já ficamos distante tempo suficiente, Cassandra. — digo, fitando seus olhos castanhos de perto.

Extremamente estonteante.

— Pare de me chamar de Cassandra. — diz, fazendo uma careta e colocando as mãos em meu peito para me empurrar para longe. — Me solta, agora. Eu não estou brincando e se isso é uma brincadeira para você, é

melhor que pare. Eu já disse que você deve ficar longe de mim. — ela usa seu tom mais ácido para me espantar, mas isso não acontece.

— Isso não é uma brincadeira para mim, Cassie. Eu não sou uma criança para ficar de joguinhos sem sentido. — replico entre dentes.

— É exatamente por que você não é uma criança que eu não o quero perto de mim. Por outro lado, você não é maior de idade e nem se fosse eu estaria querendo mais proximidade. Você é o melhor amigo do meu filho. Eu vi você crescer desde seus dez anos. Será que isso não soa errado nos seus ouvidos? Eu sou uma mulher adulta e eu não estou te dando e nem nunca te dei abertura para pensar que pode me segurar dessa forma e usar essas palavras comigo. Isso é errado. — ela diz, empurrando-me com força e escapando de mim.

Passo minhas mãos por meus cabelos, irritado. Irritado comigo, irritado com o tempo, irritado com o mundo. Porra, como eu queria ser mais velho. Tenho certeza que Cassie não me trataria dessa forma se eu já tivesse vinte e um, mas isso acontecerá em apenas um ano e meio. Até lá eu estou morto, fodido. Eu preciso dela e no fundo eu sei que ela precisa de mim. Acredito que sim.

Ela precisa precisar de mim.

— Você não pode fugir para sempre, Cassandra. Não é como se eu pudesse escolher a quem amar. Acha que eu escolheria logo a mãe do meu melhor amigo? Assim com você diz que me viu crescer, eu digo que vi você amadurecer como mulher — *mesmo que eu ainda fosse um garoto idiota* — mas devo adicionar que você sempre foi fascinante para mim. Não me importo com o que você acha que é certo ou errado, amor é amor. Não importa quantos anos a pessoa tem, não importa a cor, não importa a religião, não importa porra alguma. *Amor é amor* e você não vai me impedir de lutar

pelo meu amor, *por você*. Seth também não vai me impedir. Ninguém boicotará com os planos que tenho para eu e você. — respiro fundo, tentando não me exaltar mais ainda.

— Você não sabe o que diz... — sussurra de volta, sua voz ficando fraca e assustada.

— Quando eu fizer meus malditos vinte e um anos, nada — *nem você* — me impedirá de conquistá-la. — afirmo. — E se você está com medo de ser amada por alguém mais novo que você, não fique. Se está com medo de ser machucada outra vez, não fique. Se está com medo de que eu seja como Steven, não fique. Eu não sou aquele canalha que um dia teve a sorte de tê-la e não valorizou. Eu sou diferente e eu sei valorizar as pessoas, principalmente aquelas que eu amo. — dou-lhes as costas e volto para a sala de estar.

Pode não ser hoje, amanhã ou depois de amanhã, mas Cassie algum dia será minha e eu mal posso esperar por esse dia.

Capítulo 52

Para sempre

Pearl Wyatt

A noite, depois que o pai de Seth foi embora, passou mais calmamente. Nós voltamos a subir e nos deitamos outra vez, enquanto Simon continuava com o celular na mão e nós conversando. Falamos sobre tantas coisas e nos beijamos um par de vezes, nada mais que isso, já que Sculler veio nos chamar porque o jantar já seria servido.

Eu e mamãe ajudamos Cassie com tudo, e eu pude notar a mãe de Seth agindo um tanto que roboticamente. De tanto conversar e até mesmo, conviver com Cassie, consigo perceber quando ela está incomodada, chateada, fora da sua zona de conforto, triste, alegre, e durante o jantar, ela ficou um tanto incomodada e aérea.

Mamãe conduziu nossa conversa à mesa, Simon fazia algumas piadas não tão engraçadas, mas que eu sempre ria. Seth sempre esteve ao meu lado, perguntando se eu estava bem ou se precisava de alguma coisa. Extremamente atencioso, como sempre.

Agora eu estou conversando com Cassie enquanto me sirvo com um pouco de *mousse*. A cozinha está cheia de comida e talvez Seth estivesse certo sobre Cassie sempre cozinhar mais do que o suficiente, o que faz rir de uma hora pra outra.

— Querida, você não quer ficar por aqui, hoje? Amanhã eu e Seth vamos até um lugar e eu queria muito que você se juntasse a nós dois. —

Cassie diz, fazendo-me dar os ombros.

— Você tem que perguntar aos meus pais, nesse caso. — enuncio, rindo envergonhada. — Eu não costumo passar noites fora e eu definitivamente preciso da autorização deles.

Cassie sorri de volta, assentindo.

— Sem problemas, querida. Eu vou perguntar a eles antes de irem, tudo bem? — indaga.

— Claro... — falo, colocando uma colher de *mousse* de limão na minha boca ao mesmo tempo que sou abraçada por trás.

— O que as duas mulheres mais importantes da minha vida estão fazendo aqui? — Seth pergunta e eu sinto minhas bochechas queimarem, enquanto observo Cassie sorrir e levantar uma sobrancelha em direção ao seu filho.

— O que você está querendo, filho? — Cassie indaga e eu escuto Seth bufar, fazendo-nos rir.

— Você está sendo injusta comigo. — acusa sua mãe e ela se aproxima saltitando, nos abraçando quando está perto o suficiente.

— Me desculpa, bebê. — ela retruca e eu assisto o momento “mãe e filho” de perto. — O que a mamãe pode fazer por você? — dou uma risada, deixando minha taça no balcão e inclinando minha cabeça um pouco para o lado e para cima, tentando fitar Seth.

— Nada, mãe. Eu só vim ver o que estavam fazendo aqui sozinhas. — Seth retruca, revirando os olhos.

— Estávamos conversando sobre amanhã. Vou pedir para os pais de Pearl deixarem que ela durma aqui, então ela pode ir conosco. O que acha da

ideia? — inclino mais minha cabeça e Seth me fita de volta.

— Se Pearl estiver disposta a escutar a senhora gritar junto com a minha avó sobre como eu finalmente sosseguei, então essa é uma boa ideia. — Seth adianta o assunto para mim e eu não consigo evitar meu sorriso de crescer mais um pouco.

— Eu não tenho nenhum problema com isso... Talvez eu até grite com elas também. — dou de ombros e Cassie gargalha, beijando minha bochecha em seguida.

— Essa é a minha garota. — diz, piscando para mim e se afastando.

— Você quis dizer, *minha*. — Seth bufa atrás de mim e sua mãe dá de ombros diante sua replica, enquanto eu dou uma leve cotovelada nele.

— Eu não ligo para o que você diz, eu sou sua mãe. — ela diz, pegando a travessa de *mousse* e colocando-a de volta no *freezer*. — Vou falar com seus pais, querida. Não demorem tanto aqui. — avisa e eu aceno positivamente.

Pego minha taça novamente e Seth vira meu corpo até ficarmos frente a frente. Ele balança as sobrancelhas para mim e eu levanto uma das minhas para ele.

— O que foi? — indago, colocando um pouco de *mousse* na boca.

— Então você vai dormir aqui hoje... — resmunga, encarando todos os meus movimentos. — Sabe o que isso significa?

Empurro uma colher na boca de Seth e puxo de volta, agora eu mesma encarando seus lábios.

— Talvez eu durma aqui... E não, eu não sei o que isso significa. — enuncio, voltando a fitar seus olhos divertidos enquanto ele terminar de

engolir o *mousse* que eu lhe dei.

— Que nós podemos dormir juntos. — diz e eu sinto a necessidade de recuar, mas então percebo que estou de costas para o balcão. Não tenho nenhum lugar para onde ir. — Eu realmente quero dizer apenas dormir, Girassol. Quer dizer, se você quiser algo a mais, é só dizer, de qualquer forma. — sorri e eu rolo os olhos, engolindo a seco enquanto sinto meu sangue ser todo drenado para minhas bochechas.

— Dormir é tudo que nós vamos fazer, Seth. — aviso e ele faz uma careta. — Embora Cassie não vá deixar que fiquemos juntos e sozinhos em um único quarto.

— Minha mãe não é tão careta assim, Girassol. — ele diz, ficando irritado, mas recua com sua atitude.

— Eu sei que ela não é. — dou de ombros, remexendo a colher dentro da taça. — Espero que meus pais deixem eu dormir aqui, então ficaremos juntos até um pouco mais tarde. — Seth desliza as mãos para o meu quadril, puxando-me para mais perto do que antes.

— Todo dia poderia ser assim. Você comigo, até tarde... talvez *para sempre*. — murmura, nunca desviando nossos olhares e eu posso dizer que ele realmente deseja isso. Deseja que pudéssemos passar juntos todos os dias até tarde, e eu também queria muito que isso acontecesse.

Eu amo estar perto de Seth.

— Infelizmente isso não acontecerá em um futuro próximo. — brinco, parando de rir aos poucos.

— Quando formos para a faculdade, talvez. Depois da faculdade também. Bom, como eu disse, para sempre. — Seth sobe uma mão para segurar um dos meus cachos. — Eu não vou me importar em ter você na

minha vida até o dia em que meu coração parar de bater, Girassol.

O encaro, sem saber o que dizer. Seth me desarmou completamente com suas palavras. Céus, como ele consegue ser tão intensamente áspero e doce ao mesmo tempo? Mesmo quando me promete algo como o *para sempre* que tanto esperei em escutar de alguém? — Eu também não me importo em ter você comigo para sempre, Seth. — confesso e ele sorri de lado, selando nossos lábios.

— Acho melhor voltarmos agora, não? Nossa noite não está nem perto de acabar. — resmunga contra meus lábios e eu sei que essa não é uma frase solta em vão. Realmente sinto como se nossa noite não estivesse perto de acabar e isso me deixa extremamente nervosa.

Capítulo 53

Deliciosa

Seth Sawyer

Encaro o teto do meu quarto, mexendo-me inquieto na minha cama. Há quase duas horas que os pais de Pearl e Simon foram embora. Sculler ficou, assim como Pearl, já que os pais dele não estarão em casa até o domingo. Nesse caso, pedi para a minha mãe que o deixasse ficar e ela acabou aceitando depois de alguma estranha relutância da sua parte que eu acabei ignorando no final de tudo.

Bufo irritado, levantando-me da cama. Já é quase meia-noite e Pearl já pode estar dormindo, mas eu não me importo tanto assim. Preciso dela. Preciso dela agora, nesse exato momento. Não consigo mais suprimir a vontade insana que eu tenho de tocá-la. É estupidamente mais forte que eu, e só de lembrar que ela está usando uma das minhas malditas camisas como pijama, me deixa mais ansioso para tê-la em meus braços.

Saio do meu quarto andando em passos largos e calmos, tentando não fazer tanto barulho. É bom que Pearl não tenha trancado a porta, caso contrário eu terei que ligar para ela.

Sim, esse é meu grau de desespero.

Paro em frente ao quarto que Pearl está e coloco a mão na maçaneta, empurrando-a para baixo e respirando aliviado por encontrar a porta aberta. Assim que tenho uma visão do quarto, acho Pearl dando um pulo da cama, assustada em me ver. Não controlo o sorriso que escapa dos meus lábios. Ela

parece extremamente fodível. Sim, essa é a única palavra que pode definir a forma como ela se parece em uma das minhas camisas que, felizmente, não cobre tanto suas pernas.

Dando um passo para dentro do quarto, fecho a porta com calma, tentando continuar sem fazer barulho. Pearl caminha até mim e para assim que está a pelo menos três passos de distância.

— O que está fazendo aqui, Seth? — ela sussurra, olhando para todos os lados, como estivesse tentando achar uma saída para essa situação.

— Eu disse que dormiríamos juntos, Girassol. — retruco, apertando minhas mãos enquanto a analiso ainda mais de perto. — Achou que eu não viria? — indago, dando um passo para frente e ela dá um passo para trás.

— E-Eu pensei que não... nós não... devemos...

Dou mais um passo para frente e Pearl dá três para trás, caindo na cama de costas. Ela é linda pra caralho! Como pode ser real?

— Eu disse que queria te tocar naquele outro dia... — murmuro, fechando a distância entre nós e colocando-me em cima dela. — Você disse que estava tudo bem por você, lembra-se? — Pearl engole à seco, mas assente. — O que está me dizendo agora? Vai deixar eu te tocar? — indago.

Separo suas pernas com uma das minhas, apoiando-me em meus braços. Suas pupilas dilatam e eu sei que ela está ligada em mim antes mesmo de assentir outra vez, o que acabou de acontecer. Eu a encaro, tentando decidir em que local tocar primeiro.

— Isso vai doer? — sussurra outra vez e eu balanço minha cabeça em negação.

— Eu disse que vou apenas te tocar, Pearl. Vou fazer você se sentir bem, não tem nada a ver com dor. — enuncio e ela solta a respiração

pesadamente antes de eu encaixar minha boca em cima da sua. — Se quiser que eu pare, é só falar. — aviso, encarando seus olhos doces de perto e ela concorda.

Passo minha língua demoradamente por toda extensão do seu lábio inferior, provando um pouco dela antes de tomar qualquer outro passo. Beijo Pearl como sempre fazemos, sentindo ela relaxar gradativamente. Sorrateiramente subo minha perna que está no meio das suas até chegar bem no topo, tocando-a de leve, o que faz ela empurrar seu corpo para cima, partindo nosso beijo e fugindo de mim. Solto uma risada, observando Pearl morder seu lábio inferior, o que me deixa instantaneamente duro.

— Você não precisa fugir de mim, Pearl. Não vai se machucar, tudo bem? — digo e ela volta a assentir.

Pergunto-me se ela perdeu a voz, mas esqueço isso assim que encaro suas pernas bonitas. Quero dizer, bonitas mesmo, tipo, pra caralho! A camisa que ela está usando subiu um pouco e agora eu tenho uma bela visão logo embaixo de mim.

Seguro suas coxas com uma mão em cada, maravilhado com a maciez de sua pele. Pearl é como um encanto, magia, feitiço. Ela é boa demais para esse mundo de merda. Deslizo minhas mãos por cada centímetro da sua pele, sentindo-a relaxar outra vez e procuro seu olhar, em busca de sua reação. Seus olhos me observam como se estivessem assustados, mas completamente ansiosos, assim como eu estou. Há paixão escondida em seus olhos e eu temo que a minha já esteja escorrendo dos meus próprios olhos enquanto eu a encaro.

Aperto as coxas de Pearl, empurrando-a para o centro da cama. Respiro fundo, desabando minha boca em suas pernas. Por quanto tempo eu esperei para beijá-la em todos os lugares do seu corpo? Eu sei que isso não estará

acontecendo hoje, mas pelo menos terei uma boa lembrança de como suas pernas são malditamente macias. Beijo sua pele lentamente, em algumas partes, chupando-a, e toda vez que faço isso, escuto os engates da respiração inconstante de Pearl.

Chegando até o topo de suas pernas, empurro a camisa para cima e beijo o osso saliente de cada lado do seu quadril, fitando a calcinha branca e simples que ela está usando. Porra, nunca pensei em toda minha vida que acharia uma calcinha dessas algo excitante, mas é excitante pra caralho! Tenho vontade de meter minha cara no meio das suas pernas, mas continuo seguindo para cima, beijando sua barriga enquanto ela contrai a todo momento. Inspiro mais do cheiro de Pearl durante todo caminho, constatando que ela tem o mesmo cheiro em quase todos os lugares por onde passei.

— Você v-vai continuar? — ela gagueja assim que eu chego até seu pescoço.

— Você quer que eu continue? — rosno de volta, irritado por ter a parte primitiva de mim falando mais alto nesse momento. Pearl precisa de carinho, não brutalidade.

— S-Sim... — sussurra, empurrando o quadril para cima.

Beijo seu maxilar e posiciono meu rosto em frente ao seu. Observo suas pálpebras pesadas, como se ela estivesse bêbada e eu tenho certeza que também pareço bêbado.

Bêbado de Pearl Wyatt.

— Agora eu vou tocar em você, linda. — anuncio e ela morde o lábio inferior com força. Escuto o final de um gemido escapar pela pequena fresta de sua boca e não controlo o impulso de eu mesmo puxar seu lábio de sua prisão. — Não se esconda de mim, Pearl. Quero escutar tudo que sair por sua

boca. — apoio-me em um dos meus braços, sustentando todo meu peso enquanto dedilho a sua pele até chegar na barra de sua calcinha. — Você pode gemer em meu ouvido, apenas para mim. Eu quero escutar tudo que você tem para me falar nesse momento. — afirmo, navegando com minha mão para dentro da sua calcinha.

Pearl solta o ar exasperadamente e eu aproveito para beijá-la, grunhindo dentro de sua boca. Se eu pensava que suas pernas eram macias, sua boceta é ainda mais! Empurro um dedo entre seus lábios, que ao meu toque, parecem inchados. Pearl geme de volta, mexendo-se bruscamente diante meu movimento. Não me atrevo a penetrá-la em nenhum momento, mas pego da sua umidade para revestir seu clitóris. Doce, Pearl. Quando eu pensaria que algum dia eu estaria satisfeito em apenas tocar em uma garota? Nunca, mas eu estou satisfeito em apenas tocá-la. Satisfeito por ser eu a lhe dar prazer. São tantas novidades para mim, que vou ficando mais e mais duro a cada milésimo de segundo que se passa.

— Seth... — ela suspira, separando nossas bocas e balançando o quadril.

— Eu disse, linda. Se for pra gemer, é no meu ouvido. — rosno mais uma vez e ela suspira novamente e continua a fazê-lo repetidas vezes.

Empurro meus dedos, esfregando-os em seu clitóris. Meu ritmo é devagar, sabendo que Pearl está ultrassensível sob meu controle. Beijo toda a extensão de sua mandíbula apertada até que ela mesma segura meu rosto e força os lábios contra os meus. Leva tudo de mim para que eu não pire no exato momento em que ela geme, puxando meu lábio inferior entre seus dentes.

Aumento a velocidade e pressão, sacudindo seu clitóris enquanto ela remexe debaixo de mim, tentando desesperadamente empurrar-se para mais

perto da minha mão. E isso me satisfaz. Encaro o rosto de Pearl, observando seus lábios inchados e entreabertos, os olhos espremidos e o rosto contorcido em prazer. Ela parece linda, mais do que qualquer dia esteve. Os cachos espalhados no travesseiro fazem parecer como se ela estivesse usando uma coroa.

— Você vai gemer meu nome quando estiver gozando... — comando asperamente, beijando seu queixo e seguindo outra vez até seu pescoço.

— O que é... Oh, meu Deus! Seth... — Pearl sussurra, tremendo e sacudindo as pernas ao mesmo tempo que as fecha, uma contra a outra com força.

Diminuo a velocidade enquanto ela continua a tremer a cada esfregão que eu deposito no seu clitóris. Escorrego os dedos em sua entrada, molhando dois dos meus dedos com seu líquido. Sua calcinha está fodicamente encharcada.

— Isso se chama gozar, Girassol. — resmungo, observando-a abrir os olhos lentamente. — Você gostou? — indago.

— Acho q-que sim... Quer dizer... É estranho, e-eu nunca... Isso nunca aconteceu comigo... — Pearl sussurra ofegante e eu beijo seus lábios entreabertos.

— Você não vai querer ver o que eu vou fazer agora, Girassol. Melhor fechar os olhos. — aviso, mas ela não o faz.

Tiro minha mão de dentro de sua calcinha, trazendo-a até minha boca, onde chupo os dois dedos molhados enquanto observo os olhos de Pearl expandirem. Puta que pariu, ela é muito gostosa, e eu falo isso em todos os sentidos existentes. O que eu não daria para terminar de limpá-la com minha língua...

— Você... Isso... Oh, meu Deus... Seth... — enuncia atônita, cobrindo o rosto com as mãos.

— O quê? Você quer provar também? — brinco e ela nega imediatamente.

— Não, obrigada... — sussurra, soando quase que horrorizada.

Puxo suas mãos de frente do seu rosto e beijo a ponta do seu nariz.

— Você é deliciosa, Girassol. Eu não pude evitar. — atiro e, mesmo na penumbra do quarto, assisto suas bochechas queimarem.

— Podemos dormir? — indaga, fazendo-me sorrir de sua fuga de assunto.

— Você sim, eu preciso de um banho antes disso. — enuncio, beijando seus lábios e sua testa.

Levanto-me da cama, sentindo meu braço esquerdo reclamar pelo esforço que fiz em ficar apoiado apenas nele por minutos. Eu ignoro a dor, já que não é tão intensa como a que sinto no meio das minhas malditas pernas. Ereção estúpida que terei que cuidar sozinho. Pelo menos valeu à pena, isso eu posso garantir.

Capítulo 54

Orgasmo

Pearl Wyatt

Fico olhando fixamente para o teto do quarto enquanto continuo sentindo minhas pernas formigarem. Eu tive um *orgasmo* e Seth me deu *isso*. E ele colocou os dedos na boca depois de tê-los colocados na minha... *Meu Deus do céu!* Eu não acredito que ele fez isso e nem acredito que eu o permiti fazê-lo.

Mas foi bom.

Eu não sei determinar tudo que eu senti nos minutos anteriores, mas tudo que ele fez foi bom. Não doeu. Ele foi carinhoso. Um turbilhão de emoções passou por mim naquele momento.

Sento-me na cama no exato momento em que Seth volta para o quarto, vestido em outra calça de moletom e segurando algo em uma de suas mãos. Jogo-me outra vez na cama, querendo afundar em minha própria vergonha enquanto cubro meu rosto com um dos travesseiros.

— Girassol... — ele chama, baixo, mas não respondo. — Você está bem? — indaga, divertidamente.

— Está tudo bem s-se eu estiver com muita vergonha... agora? — retruco com minha voz abafada pelo travesseiro e no instante seguinte, Seth o puxa para fora. — Oi...

Encaro seu rosto que está logo em frente ao meu e observo o vinco

formado entre suas sobrancelhas. — Não precisa ter vergonha do que aconteceu, Girassol. — enuncia calmo e eu assinto, sentindo minhas bochechas esquentarem. É impossível não ficar envergonhada, mas vou fingir que o obedeço. — Trouxe isso pra você.

Seth uma das mãos que segura uma boxer escura. Levanto uma sobrancelha, curiosa com o que ele tem a dizer. Ele está me dando uma de suas boxers? É isso?

— Pensei que sua calcinha molhada estivesse um pouco desconfortável, então trouxe essa para você trocar. — sorri presunçoso e eu fecho os olhos, tentando puxar o travesseiro para cobrir meu rosto outra vez, mas Seth me detém. — É uma boxer nova, Girassol. Brincadeiras à parte, se troque. Não quero que fique desconfortável, tudo bem?

Puxo meu lábio inferior entre os dentes e aceno positivamente. Seth me ajuda a levantar e coloca a boxer em minhas mãos.

— Use o banheiro. Estarei esperando você aqui. — beija o topo da minha cabeça e se joga na cama.

Caminho — *para não dizer que estou correndo* — até o banheiro que há dentro do quarto que estou usando e entro, batendo e trancando a porta atrás de mim. Ligo a luz e me encaro no espelho amplo que fica logo acima da bancada da pia. Assim como eu imaginei e senti, minhas bochechas estão muito vermelhas; meu cabelo está completamente bagunçado e meus lábios parecem um pouco inchados.

Solto um suspiro baixo e faço exatamente o que me fora determinado. Tiro minha calcinha e lavo a peça, deixando-a em um dos suportes que há no banheiro para que a mesma seque até amanhã pela manhã. Tiro a camisa e tomo um quase-banho.

Oh, meu Deus...

Um orgasmo.

Eu tive um orgasmo.

A ficha ainda não caiu.

— Você está aprendendo coisas novas, Pearl Wyatt. — sussurro para mim mesma, enxugando meu corpo com uma toalha branca.

Não sei mais quantas coisas eu ainda vou aprender com Seth, mas se todas forem como essa, eu temo não conseguir sobreviver no final de tudo. Balanço minha cabeça, parando de falar comigo mesma e termino de me vestir. Desligo a luz e saio do banheiro, caminhando até a cama, onde Seth já me espera. Assim que me sento na cama, ele me puxa bruscamente, jogando o lençol em cima de nós dois e arrancando uma risada minha.

— Você está ainda mais quente agora... — murmura, virando meu corpo de lado e abraçando-me por trás. Seth afasta os cachos do meu pescoço e beija minha pele, fazendo-me contrair.

— Seth... — sussurro de volta, segurando sua mão direita que está deslizando por debaixo da camisa que eu estou usando. — Vamos conversar. — sentencio, entrelaçando nossos dedos.

— Acho que já falamos muito sobre nós dois por hoje, Girassol. — resmunga de volta.

— Por que você me chama de Girassol? — indago, virando um pouco o meu rosto para tentar fitá-lo, mas Seth se esconde entre meus cachos.

— Tem a ver com a cor do seu cabelo, Pearl. Você é tão loira e quando você está em qualquer lugar iluminado, seu cabelo brilha tanto... Exatamente como um Girassol. — explica. — Quando eu a vi no estacionamento com

Sculler, você estava lá e seu cabelo brilhava pra caralho, além o brilho natural que você tem ao redor de si. Lembrou-me de uma flor e essa é a favorita da minha avó. *Girassóis*. — completa.

Giro em meu lugar para encará-lo.

— Isso é fofo. — enuncio, sorrindo de lado e ele bufa enquanto rola os olhos.

— Eu não sou *fofo*... — cospe a última palavra e eu dou uma risada.

— Sim, você é. — afirmo. — Eu acho que eu deveria arrumar um apelido carinhoso para você também...

Seth empurra os lábios sobre os meus e puxa o meu inferior entre os dentes. — Nem pense nisso. — me repreende.

— Você não quer um? — indago, afastando nossas bocas. — Achei que pudéssem...

— Não, Girassol, eu não quero um apelido. Eu gosto quando você me chama de Seth, somente isso. — grunhe e eu franzo a testa. — Seria estranho demais eu dizer que posso acabar ficando com ciúmes de um apelido? — indaga, confuso.

Uma gargalhada explode por minha boca, mas é abafada por Seth que me beija outra vez. Eu tento empurrá-lo para continuar rindo, mas ele não cede, o que torna a situação mais engraçada ainda.

— Se continuar a rir dessa forma a minha mãe vai vir checar o que está acontecendo. — enuncia calmamente, enquanto eu tento recuperar o fôlego.

— É estranho demais você ter ciúmes do seu próprio apelido, Seth... — comento, esfregando meus dedos suavemente entre seus cabelos. — Você não deve ter ciúme de si mesmo, afinal o apelido seria seu e eu estaria me

referindo o tempo todo a você.

Ele volta a bufar.

— Eu ainda não gosto disso e sei que não vou gostar. Eu realmente gosto de ser chamado apenas de Seth...

— Que tal zangado? Como um dos sete anões? — indago, cortando sua frase e ele cerra os olhos em minha direção.

— Eu pareço com um anão? — praticamente exige uma resposta e eu seguro o riso.

— Não, mas parece zangado. Quer dizer, você sempre está bem zangado. — dou de ombros.

— Não com você. — retruca e eu aceno positivamente. — Na verdade, às vezes... Tipo quando você me tira do sério e felizmente isso não vem acontecendo tanto ultimamente.

— Vê? Zangado seria um bom apelido... — continuo e ele balança a cabeça negativamente.

— Eu odeio o apelido. — sentencia.

— Tudo bem, eu vou achar um bom apelido algum dia. — digo, abraçando-o com força. Seth me puxa para cima dele, enquanto se deita de costas na cama. — Acho que eu nunca disse isso antes, mas eu amo o apelido que você me deu...

— E eu absolutamente amo que você ame o apelido. — rosna, fitando meus lábios avidamente. — Eu desejo nunca perder você, Girassol. Desejo como nunca desejei nada em minha vida.

Suas palavras me pegam em cheio.

— Você nunca vai me perder, Seth... — sussurro de volta, mas ele não

diz qualquer coisa.

Passo minhas mãos por seu rosto, enquanto ele me fita como se estivesse ocupado em tentar memorizar esse momento entre nós dois. Dou-lhe um sorriso largo e beijo seus lábios levemente.

— Eu amo você, *muito*. — afirmo e ele fecha os braços com mais força ao redor da minha cintura, mas não me incomoda.

— Eu amo você como se estivesse prestes a perdê-la e isso cresce a cada dia mais dentro de mim. — sentencio e eu posso jurar que nunca ouvi esse tom sair de sua boca antes. É dor e desespero. — Você pode não ter me mudado por completo, Girassol, afinal eu continuo sendo um imbecil na maioria do tempo. Mas, você mudou a minha vida de uma boa forma e tudo que eu espero é não mudar a sua de uma forma ruim.

— *Shhhh...* — coloco um dedo sobre seus lábios. — Você pode parar porque isso não vai acontecer. — sentencio, tentando fazer ele parar de falar besteira.

Seth puxa minha mão fora e me beija, sendo dolorosamente carinhoso comigo. De uns tempos para cá ele começou a me tratar com tanto cuidado que eu tenho medo do que isso possa vir a significar.

“*Eu amo você como se estivesse prestes a perdê-la*”, isso nunca vai acontecer.

Nunca em um milhão de anos.

BÔNUS

Cassie Sawyer

Caminho até a sacada do meu quarto e fito a noite escura que caiu há algumas horas. Não consigo evitar, as lembranças de hoje mais cedo invadem minha mente sem minha permissão. O que está acontecendo comigo afinal? É errado, completamente errado. Sculler enlouqueceu, não há qualquer outra explicação. Ele é apenas uma criança, meu Deus! Será que ele não entende ou tem noção do quão errado é o que ele está tentando fazer?

Quando ele me disse há alguns anos que estava apaixonado por mim, eu fiquei completamente sem reação. Ele é o melhor amigo do meu filho e desde que se conheceram, agem como irmãos. De onde ele tirou essa ideia de se apaixonar pela mãe do seu melhor amigo? Balanço minha cabeça, voltando para dentro do quarto e calçando-me, pronta para ir atrás de um copo de leite.

Saio do meu quarto, prendendo meu cabelo enquanto caminho até chegar ao topo da escada, mas antes que eu chegue até lá, Sculler sai do quarto e intercepta a passagem, colocando-se na minha frente.

— Você ficou maluco? — indago nervosamente pelo susto que tomo.

Começo a recuar freneticamente e Sculler me segue, sem dizer uma palavra. Eu não sei... Não faço ideia do que ele está pensando em fazer, mas o olhar em seu rosto me dá medo e eu sou uma mulher adulta! Não posso ficar com medo de um adolescente.

— O que você acha que está fazendo? — continuo, tentando chegar o

mais rápido possível até o meu quarto.

— Eu não consegui parar de pensar em você. — murmura de volta.

Sinto um calor percorrer por toda minha pele, algo que não sinto há tanto tempo que me assusto por sentir logo agora. Viro-me para entrar no meu quarto, mas assim que o faço, Sculler passa um de seus braços em torno da minha cintura, pressionando seu corpo contra o meu e empurrando-me para dentro.

Assim que entramos, ele não bate a porta, mas a fecha com cuidado e eu escapo de perto dele. Observo-o trancar a porta e antes que eu possa arrancar a chave de sua mão, ele já tem o braço levantado com a mesma entre os dedos.

— Me devolva isso! — exijo em um sussurro exasperado.

— Não. — retruca, simples, como se fosse normal estar trancado no quarto com uma mulher mais velha que ele.

— Eu não estou...

Com um sorriso esticando-se sobre os lábios, ele puxa o cós de sua calça cinza para frente — provavelmente emprestada do meu filho — e deixa a chave cair dentro de sua... de sua... Oh, merda! De sua cueca!

— Você pode vir pegar se quiser... — cantarola, caminhando até a minha cama e sentando-se na mesma. — Você dorme melhor de qual lado da cama? — indaga, esticando as pernas sobre o colchão e encostando-se no dossel de ferro. — Vem aqui, Cassandra.

Rolo os olhos, andando de um lado para o outro.

— Será que você pode tirar a minha... — paro de falar, irritada com a situação em que fui colocada. Tiro meus olhos dele e viro de costas, pronta

para fazer meu discurso. — Sculler, você é só um adolescente com os hormônios à flor da pele, eu entendo que se sinta atraído por mim, uma mulher mais velha. É como uma fantasia, certo? Infelizmente eu não sou do tipo de mulher que se submete a isso, eu não uso adolescentes. Isso não é do meu caráter, então se você por favor...

— Shhh... — grunhe no meu ouvido, pegando-me por trás outra vez. — Vamos deixar bem claro que eu nunca duvidei de seu caráter, tudo bem? Você é uma mulher mais velha, dona de si e de suas escolhas. Eu sou um homem, porra. Vou fazer vinte anos, o único detalhe é que estou no meu último ano do *High School* porque matei aulas e reprovei para ficar no mesmo ano que o meu melhor amigo, pois eu era o único amigo que ele tinha e sabia que ele precisava de mim. Eu amo Seth, Cassandra, ele é meu irmão, mas isso não vai me impedir de ficar com você. — beija meu maxilar, virando-me para si. — Eu quero você e isso não é um adolescente falando. É o seu homem.

Abro minha boca para tentar falar algo, mas Sculler desce os lábios sobre os meus e abafa qualquer palavra que possa vir a tentar escapar de mim. Seguro seus ombros e o empurro. Eu não posso ceder!

Que tipo de louca eu sou, deixando um garoto me beijar?

— Você não pode resistir para sempre... — rosna, colocando uma mão entre nós dois e logo após escuto o som de metal caindo no chão. A chave. — Ceda para mim, Cassandra. — continua, plantando as duas mãos por debaixo do meu vestido e puxando-me para cima em um aperto de cada lado da minha bunda. — Foda-se.

Sua língua desliza entre meus lábios e eu suspiro. É errado, mas é bom. Paro de tentar afastá-lo, já que Sculler é dez vezes mais forte que eu e subo minhas mãos até seu cabelo bagunçado. Brigamos em nosso beijo, mas ele

me domina e isso é irritante. Eu não gosto de ser dominada, pois isso tudo eu passei com Steven. Só que eu não posso compará-los, porque mesmo que Sculler ainda seja muito mais novo que Steven, sei que seu caráter é o triplo do caráter do homem com quem eu fui casada.

— Você tem que se dar para mim, Cassandra. — ele volta a falar assim que afasta os lábios dos meus. Sculler me coloca em minha cama e eu tento me encolher e afastar, mas ele segura minhas pernas. — Há quanto tempo um homem não toca em você?

Seus lábios tecem o caminho da minha panturrilha acima e eu me contorço, apertando o lençol entre meus dedos. Respiro fundo e tento não parecer afetada, mas é impossível.

— Há muito tempo. — afirmo, sentindo os calos em suas mãos arranharem minha pele quando ele me toca com mais firmeza.

— Isso é bom... — retruca, ancorando seus dedos de cada lado da minha calcinha e puxando-a para baixo antes que eu desse conta do que ele realmente estava fazendo. — Eu vou ser o único a tocar em você a partir de hoje. — Ele arrasta o corpo sobre o meu, subindo para me encarar e trazendo meu vestido fino consigo. — Agora você é minha, Cassandra Sawyer.

Sculler puxa a peça para fora sem nenhuma relutância minha. Eu não sei se é por tudo que ele está me fazendo sentir, mas eu não consigo pará-lo. Está além do meu próprio controle. Isso é o meu corpo falando mais alto e eu espero não me lembrar de nada amanhã. Não vou conseguir conviver comigo mesma sabendo que... que eu e o melhor amigo do meu filho ficamos íntimos. Onde vou enfiar minha cara assim que tiver forças para me afastar de Sculler?

Eu estou nua diante dos seus olhos.

Isso é insano!

— Eu não sou como as garotas da sua idade, eu não tenho a mentalidade delas e nem a mesma visão de vida que elas têm. Eu não tenho metade da beleza delas e nem metade de suas formas físicas. — apelo uma última vez, tentando colocar juízo tanto na cabeça dele quanto na minha. — Você tem uma vida inteira pela frente...

— Eu não quero passar a minha vida inteira longe da pessoa que eu amo. Não me importo com mais nada, além de você. — grunhe seguro de si e de suas palavras. — E por tudo que é mais sagrado para você, nunca mais se diminua outra vez ou se compare com *garotas*. Você é uma mulher e eu amo isso — e amo ainda mais tudo o que está diante de mim. Cassandra, você é linda pra caralho.

Ele me beija novamente, dessa vez com mais fervor e paixão, talvez. E eu sinto isso. Sinto tudo que ele quer me passar e os sentimentos começam a se tornarem confusos dentro de mim, fazendo meus pensamentos entrarem em colapso e o último fio de sanidade mental que restava dentro de mim se partir em dois. Estou bambeando em cima de uma linha tênue entre o certo e o errado e, nesse momento, empurro o turbilhão de pensamentos para longe e puxo Sculler para perto de mim.

— Há tanto tempo eu venho esperando por esse momento pacientemente. — sentencia, espalhando beijos por todo lugar que sua boca chega.

— Eu n-não quero falar... por favor, eu quero apenas sentir. — sussurro, abrindo minhas mãos sobre seus ombros musculosos e deixando-me tocá-lo de volta.

— Você vai sentir, Cassandra. Eu vou fazer você sentir tudo que nunca sentiu em toda sua vida...

E ele fez.

Não sei em que momento nossos corpos caíram emaranhados e cansados sobre os lençóis brancos e macios da minha cama, mas eu consigo me lembrar de tudo que Sculler me fez sentir e eu posso dizer que ninguém nunca fez eu me sentir dessa forma antes.

Somente Sculler.

Capítulo 55

Tensão

Seth Sawyer

No meio da madrugada, a pedido de Pearl, eu tive que voltar para o meu quarto porque ela não queria que minha mãe ficasse chateada com ela. Eu tentei explicar que não havia problema algum, mas ela não deu o braço a torcer. Bom, pelo menos o tempo que tivemos juntos foi uma das melhores coisas que me aconteceram nos últimos tempos.

Enfio meu celular no bolso do meu jeans, juntamente com minhas chaves e saio do quarto com minha jaqueta de couro nas mãos. Eu acordei há meia hora, já que sairemos daqui em alguns poucos minutos para irmos visitar minha avó com Pearl.

Desço as escadas, já escutando a voz de Pearl vindo da sala de jantar. Entro no cômodo e acho ela conversando animada com a minha mãe — que não está tão animada quanto Pearl, enquanto Sculler as observa.

— Bom dia. — resmungo, aproximando-me de Pearl. Passo por minha mãe, parando pra beijar o topo de sua cabeça e puxo uma cadeira ao lado da loira. — Você está linda. — beijo seus lábios rapidamente.

— Você também... — sussurra, sorrindo abertamente.

— Vocês estão prontos? E-Eu não quero demorar tanto... deixar sua avó esperando e... — minha mãe começa a falar e eu a fito. — O que você quer comer, filho? — indaga, pegando um prato e enchendo de comida.

— Está tudo bem, mãe. Eu posso me servir, eu sempre me sirvo. — enuncio, puxando o prato da sua mão e começando a observá-la mais atentamente.

Sculler pigarreia e eu o encaro.

Minha atenção é chamada para alguns arranhões em seus braços. Franzo a testa, deixando o prato na minha frente e cruzo meus braços.

— O que é isso? — pergunto, levantando uma sobrancelha e ele encara seus próprios braços. — Onde arrumou esses arranhões se esteve a noite toda aqui?

Sculler se encosta na cadeira onde está sentado e eu faço o mesmo, enquanto nos encaramos sem desvio.

— Consegui aqui. — enuncia.

Cerro meus olhos em sua direção.

— Aqui? — indago, cinicamente.

— Sim, aqui! Comigo! — Pearl exclama e eu a encaro. Quer dizer que ela deu esses arranhões a Sculler? Como diabos...? — O chuveiro essa manhã estava um problema, então eu pedi ajuda de Sculler.

— Você deveria ter me chamado. — bufo, descruzando os braços e cerrando o punho em cima da mesa.

— Bom, eu estava indo chamar você... mas acabei encontrando Sculler no corredor com a... com a Cassie! Cassie estava descendo para fazer o café e... — Pearl gagueja, enrolada com sua explicação.

— E onde os arranhões entram nessa história? — pergunto, irritado.

— Boa pergunta... — sussurra pensativa, mas logo se recompõe. — Ah, claro, os arranhões. Então como eu ia dizendo, Sculler estava me ajudando a

alcançar o chuveiro, mas eu me desequilibrei, caí em cima dele e acabei o arranhando quando fiquei com medo de acabar no chão. — sorri nervosa.

— Você tem certeza disso? — indago uma última vez.

— Sim, claro. — retruca, segurando meu punho enquanto eu o solto gradativamente. — Eu ia chamar você, mas ele apareceu primeiro. Não foi nada demais e eu sinto muito por tê-lo arranhado. — diz, virando-se para Sculler no último trecho.

— Certo... — rosno, pegando um pedaço de pão e enfiando na minha boca antes que eu saia cuspidando merda pela mesma. — Vamos logo. — completo, perdendo o apetite e me levantando da cadeira.



Jogo minha jaqueta no banco do passageiro, escutando minha mãe e Pearl conversarem em tom baixo no banco de trás. Desde que saímos de casa, há pelo menos trinta minutos, as duas não pararam de falar por um minuto sequer. Minha mãe parece mais confortável, se assim posso dizer. Eu sei muito bem quando ela não está se sentindo confortável, e no café foi um desses momentos.

Entro na estrada velha, indo diretamente para o espaço de luxo que se esconde logo depois da fachada rústica. Aqui que a minha avó vive. Depois que meu avô faleceu, ela caiu em depressão e o meu pai sempre foi fodido demais para tirar do seu tempo para lidar com a minha avó, então ele a colocou em um asilo.

Quando lhe questionei pela primeira vez, aos meus quinze anos onde minha avó estava, ele disse que ela estava vivendo em uma casa de repouso.

É claro que ele estava mentindo e, eu, já completamente ciente de quem de fato era Steven Kassid, coloquei Quinn para descobrir o paradeiro da única pessoa que eu e minha mãe poderíamos dizer que faz parte da nossa pequena família. Fiquei enfurecido, mas me conformei, uma vez que o responsável por minha avó passou a ser Steven. Claro que ele diria que ela não estava mais sabendo o que era certo ou errado só para se livrar dela. Nem por sua própria mãe ele teve alguma compaixão, que dirá por mim ou minha mãe.

— Não é tão longe... — escuto Pearl sussurrar à minha mãe.

— Não, não é. — a outra retruca.

Continuo batucando meus dedos no volante, tentando não ficar nervoso por estarmos trazendo Pearl para um momento tão íntimo como esse. Tenho certeza que a loira vai gostar da minha avó, mas não tenho certeza se minha avó gostará dela. Eu sei como a mulher é difícil de ser conquistada, diferentemente da minha mãe.

— Uau... Esse lugar parece incrível... — Pearl volta a falar assim que a fazenda já pode ser observada de longe. — Isso me lembra Wimberley. Sinto como se estivesse em casa outra vez.

Continuo o caminho e cinco minutos depois, estaciono em frente à entrada. Carros não são permitido lá dentro, então teremos que andar por mais poucos minutos. Pego minhas coisas e saio junto com as duas. Visto minha jaqueta e vou até Pearl, seguro sua mão e beijo seus dedos rapidamente. — Vamos? — indago, passando meu braço pelos ombros da minha mãe e puxando-a também para perto.

— Claro, mas você leva isso. — ela escapa e me dá a cesta cheia de comida que trouxe. Pearl ri ao meu lado e logo depois, minha mãe puxa a minha namorada de perto de mim. — Nós lideramos o caminho, você vem atrás.

Levanto uma sobrancelha e bufo por conta de sua atitude. As duas começam a caminhar e eu vou logo atrás, escutando seus cochichos e risadas. Certo momento Pearl se vira para mim, lançando um sorriso contido em minha direção e eu pisco para ela.

Vai ser um longo dia.

Capítulo 56

Quem é a outra?

Pearl Wyatt

Finalmente chegamos ao nosso destino. O lugar é enorme e eu com certeza me perderia caso estivesse sozinha. Cassie continua me guiando, enquanto sinto o olhar de Seth queimar em minhas costas.

Eu me sinto muito mal por ter mentido no café sobre os arranhões de Sculler e tenho quase certeza que Seth não entrou na minha conversa, mas quando eu vi Sculler saindo do quarto de Cassie hoje cedo e ela jogando as roupas dele no corredor, soube que algo estava errado — ou certo, depende de como você vê isso. Assim que os dois me notaram, Cassie veio ao meu encontro e implorou — quase ficando de joelhos na minha frente — para que eu não contasse qualquer coisa à Seth.

Não preciso nem dizer que concordei em ficar calada. Cassie sempre foi incrível comigo e eu sei que eu não poderia ser menos que isso para ela. O que quer que seja que ela tem com Sculler, espero que os dois se resolvam logo e contem de uma vez para Seth — caso queiram ficar juntos.

— Vocês podem ir para a área de piquenique enquanto eu vou buscar a vovó. — Cassie diz, parando de uma hora para outra. — Nós chegaremos lá em poucos minutos.

Eu assinto e vejo Cassie se afastar. Seth se aproxima de mim e segura minha mão, agora sendo ele quem vai me guiar pelo caminho. Nós ficamos calados durante nossa caminhada rápida. Percebo que chegamos à área do

piquenique quando Seth para e deixa a cesta na grama. Ele pega duas toalhas e as estende para nós nos sentarmos em cima delas.

— Eu nem mesmo vou perguntar por que mentiu para mim hoje cedo no café. — ele diz, abraçando-me por trás assim que nos sentamos. — Minha mãe vai ser a única a se explicar. E claro, Sculler também.

Meu corpo treme, tendo agora a confirmação de que ele não caiu nem um pouco na minha desculpa esfarrapada. Também, gaguejando da forma que eu gaguejei, eu não convenci nem a mim mesma. Permaneço calada, sabendo que é o melhor a ser feito nesse momento.

— E então, o que achou da noite passada? — indaga, usando um tom de voz mais suave. Solto uma risada, sentindo minhas bochechas queimarem. — Pode me dizer, Girassol.

Dou de ombros enquanto Seth beija meu pescoço, apertando os braços ao meu redor em um abraço acolhedor.

— Eu acho que foi... *legal*. — sussurro e ele dá uma risada que leva milhões de sensações por todo meu corpo.

— Eu já ouvi de tudo, mas legal é a primeira vez que escuto alguém definir o que eu faço com meus dedos. — rebate. — Mas fico feliz que tenha achado isso legal, quer dizer que eu vou ter que trabalhar duro para conseguir um elogio melhor seu. Estou certo?

Puxo meu lábio inferior entre os dentes e tapo meu rosto com minhas mãos. — Se você acha que sim... — resmungo envergonhada, o que o faz rir mais uma vez.

— Não precisa ficar assim, Girassol, isso é normal. — enuncia, puxando minhas mãos e beijando o dorso de cada uma antes de entrelaçar nossos dedos. — As pessoas fazem esse tipo de coisa e eu tenho certeza que

você vai gostar ainda mais de tudo que eu tenho para te ensinar.

— Eu sei que as pessoas fazem esse tipo de coisa, é só que, eu nunca fiz... E tenho vergonha de falar sobre isso com qualquer pessoa. — explico.

— Eu não sou mais qualquer pessoa para você, Girassol. — murmura de volta. — Você pode falar sobre o que quer que seja comigo. Sempre.

— Tudo bem...

Eu e Seth nos calamos e ficamos esperando sua mãe aparecer com sua avó, o que não demora mais do que dois minutos para acontecer. Cassie se aproxima de nós, empurrando pela grama verde uma cadeira de rodas, onde uma senhora mais velha está sentada. É a avó de Seth, com certeza.

— Vamos nos levantar para receber a Sra. Kassid. — Seth sussurra para mim e eu assinto.

Nos levantamos e Seth volta a me abraçar por trás, enquanto fitamos Cassie, que ri mesmo de longe para nós dois. Aperto um dos braços de Seth, sentindo-me mais nervosa que o normal. O olhar da sua avó está em cima de mim e ela não esboça qualquer emoção... Não que eu esteja esperando que ela me receba calorosamente, mas ela não parece estar feliz em me ver.

— Ela não gosta muito que outras pessoas venham para nossos encontros em família. — Seth explica, como se estivesse lendo minha mente. — Eu costumava ter um motorista e quando eu vinha sozinho, ele sempre me acompanhava. Minha avó odiava o cara, mas eventualmente se acostumou com a presença dele. — completa.

— Ela vai me odiar também? — indago, tentando não soar tão assustada quanto realmente estou depois do que ele disse.

— Não, Girassol. Eu aposto que ela vai amar você, assim como todos o fazem. Ela só é meio durona a princípio, mas é impossível alguém te odiar.

— rebate, passando-me a segurança que eu preciso para lidar com essa situação.

— Obrigada... — sussurro, observando as duas pararem em nossa frente.

— Anna, essa é Pearl Wyatt, a namorada do nosso bebê. — Cassie se encarrega de dar o primeiro passo.

Dou um sorriso tímido, sem saber o que falar.

— Eu não sou um bebê há quase dezessete anos, mãe. — Seth se defende, usando um falso tom de impaciência. — Essa é minha namorada, Sra. Kassid. — ele brinca e ela finalmente esboça algo, que é um rolar de olhos.

— Eu odeio quando você me chama de Sra. Kassid. — ela afirma, sua voz é calma e quase fraca.

— Fale alguma coisa... — Seth resmunga para somente eu escutar.

Pigarreio e abro um pouco mais meu sorriso.

— É um prazer conhecê-la. Eu ouvi falarem coisas muito boas sobre você, Anna...

— Sra. Kassid. — ela me corta e eu engulo a seco, tremendo em meu próprio lugar.

— Vó, por favor... — Seth intervém, esfregando minha cintura com uma de suas mãos.

— Eu sinto muito, Sra. Kassid. — enuncio, querendo virar-me de costas para ela e me esconder no abraço de Seth.

Ela não me encara, pelo contrário, ela lança um olhar severo na direção de Seth e o chama com uma das mãos. Cassie troca de lugar com Seth e

segura minha mão, não me passando toda segurança que meu namorado consegue passar, mas ainda sim me ajudando dentro do possível. — Ela está um pouco irritada porque não estivemos aqui ontem, apenas ignore, querida. — Cassie sussurra e eu assinto, fitando os dois.

Seth se inclina para falar com ela, que o abraça e parece estar murmurando algo. Ele assente, nega, e assente mais duas vezes, fazendo-me desejar saber o que eles estão falando. Poucos segundos mais tarde Seth se afasta, beijando o topo da cabeça da Sra. Kassid e ela me encara, parecendo estar mais calma.

— Desculpe-me pelos meus modos, Pearl. Você pode me chamar de Anna. — diz, sorrindo um pouquinho só, o que a faz parecer um pouco mágica. — Venha aqui e me dê um abraço.

Cassie aperta minha mão e eu aperto a sua de volta antes de soltá-la. Caminho lentamente, pensando em desistir na metade do caminho, mas continuo até parar em sua frente. Inclino-me e ela me abraça por sua própria vontade.

— Não seja como a outra, Pearl. Ele a ama, espero que o ame de volta. — sussurra em meu ouvido.

— Eu o amo. — retruco, confusa.

De quem ela está falando?

Quem é a outra?

Capítulo 57

Você tem certeza?

Seth Sawyer

Por longos minutos, eu, minha mãe e Pearl ficamos conversando com minha avó. Depois que a tirei de sua cadeira de rodas para deixá-la confortável junto com nós três em cima das mantas, passamos a manhã inteira jogando conversa fora. De alguma forma estranha, Pearl passou a ficar calada depois de determinado tempo. Eu pude perceber os olhares que minha avó continuava dando para minha namorada e pensei que essa era a causa, mas uma vez que tentei puxar Pearl para perto de mim e encontrei relutância — por menor que tenha sido — soube que talvez isso não fosse por causa da minha avó.

Encaro Pearl pelo retrovisor, agora que estamos no nosso caminho de volta para casa e de relance ela me fita, mas desvia em seguida. Rolo meus olhos, enquanto minha mãe preenche o silêncio falando sobre alguma receita aleatória com Pearl que apenas assente.

— Eu vou deixar você em casa, eu não aguento mais isso... — murmuro, encarando minha mãe pelo retrovisor.

— Mas nós não vamos deixar Pearl em casa? — indaga ela, dando uma risada. — Aliás, o que você quis dizer com essa frase, garoto? — arqueia uma sobrancelha.

— *Eu* vou deixar Pearl em casa, você fica, já que não consegue ficar em silêncio por nem mesmo três minutos sequer. — digo e no segundo

seguinte ela me acerta com um tapa no braço. — Sinto muito, mas é apenas a verdade...

— Eu nunca imaginei que você se tornaria esse poço de sensibilidade, para não dizer o contrário. — ela joga de volta, cruzando os braços e fechando a cara.

— Sou seu filho, a obra toda é sua. — provoco, entrando em nossa rua.

— Há aspectos da personalidade dos filhos que são incontrolláveis para uma mãe, Seth. Esse é um desses que foge meu controle, então a única coisa que tenho que fazer é me desculpar com Pearl e todos os afetados por sua falta de sensibilidade. — retruca, empinando o nariz sabiamente.

— Essa doeu, Sra. Sawyer. — resmungo, observando o carro de Sculler estacionado em frente nossa casa. — O que ele está fazendo aqui...? — indago a mim mesmo e dou uma olhada em minha mãe, que endireita seu corpo assim que percebe o carro do meu melhor amigo. — É bom que ele esteja por aqui, eu preciso falar com vocês dois quando eu voltar da casa de Pearl.

Estaciono e minha mãe abraça Pearl rapidamente.

— Eu vou... Eu...

— Faça o que estiver ao seu alcance para manter Sculler em casa, *mamãe*. — a corto, brincando não tão divertido com as merdas que estão passando por minha cabeça desde que vi os arranhões de Sculler essa manhã.

— Eu não sei do que você...

— Casa, Sra. Sawyer. — torno a cortá-la e a observo rolar os olhos antes de fazer seu caminho até a porta. Viro para Pearl, que continua quieta e encolhida no seu assento. — Venha para frente, por favor. — peço e ela sobe

o olhar até mim.

— Seth Sawyer pedindo por favor? — brinca, dando um mínimo sorriso.

— Algo raro e inusitado, eu sei, mas se apresse porque isso não acontece duas vezes no mesmo dia. — bufo.

Pearl sai do carro, escolhendo o meio mais difícil de fazê-lo e logo toma seu lugar ao meu lado. Ela coloca o cinto de segurança com minha ajuda desnecessária, que só usei para beijá-la em seguida.

— O que está acontecendo de errado com você? — murmuro contra seus lábios, fitando seus olhos castanhos.

— Nada. — sentencia, fechando os olhos e beijando-me de volta.

Afundo meus dedos em seus cabelos e ela solta um suspiro sôfrego, enquanto aproveito para deslizar minha língua entre seus lábios que têm gosto de morango — os mesmos que comemos há algumas horas. Pearl não parece tão calma quanto nos outros beijos, ela mesma toma iniciativa e segura minha jaqueta, puxando-me para perto enquanto trava uma batalha em nosso beijo. Ela parece zangada e nossas línguas mais brigam do que qualquer outra coisa. É estranho, mas fodidamente quente. Ela tem atitude quando quer — ou quando é empurrada a isso. O que quer que seja essa Pearl que está me beijando, eu gosto dela tanto quanto gosto da passiva e submissa a qual me acostumei. Essa aqui parece estar querendo fincar as unhas sobre minha pele para deixá-la marcada com seu nome e essa é a coisa mais sexy que ela já fez durante todo esse tempo.

Sem fôlego, separo nossos lábios enquanto nossas respirações entrecortadas se misturam e eu roço nossas bocas levemente. Abro meus olhos que em algum momento pesaram com toda tensão sexual que caiu

sobre mim e fito uma Pearl de bochechas avermelhadas, mas que está abrindo os olhos com uma determinação desconhecida brilhando forte dentro das orbes claras.

— Quem é a outra garota, Seth? — ela indaga calma demais, o que contrasta diretamente com sua respiração ainda ofegante.

Outra?

De quê porra ela está falando?

— Outra? Que outra? — retruco, franzindo o cenho.

Ela não recua, pelo contrário, o olhar que ela me dá é mais severo, como se estivesse esperando pela verdade e nada mais que isso.

— Eu não sei se tenho o direito de perguntar-lhe sobre isso, eu não quero dar uma de namorada paranoica, já que sei do seu histórico com as garotas. — levanto uma sobrancelha, puxando-a para se sentar sobre minhas pernas. — É nota de utilidade pública na escola, todos sabem e essa foi a primeira coisa que escutei sobre você. — responde à minha pergunta silenciosa. — Mas eu sinto como se devesse saber disso... dela. Você teve outra namorada? Eu sei que disse antes que não, mas sua avó... ela disse que houve uma outra. Você a amou? Foi apaixonado por ela? — engulo a seco. Que diabos minha avó falou para Pearl? — Eu a conheço? Quem é a outra, Seth?

Bufo, apertando sua cintura enquanto tento não me afundar nessa porcaria chamada: *lembrança*. Eu não quero falar para ela sobre Macy, porque assim que a puta souber que Pearl sabe sobre nosso caso juntos, ela fará de tudo para deixar a loira com ciúmes. Eu conheço Macy e eu sei de quem eu estou falando. Ela não vale merda alguma.

— Ela foi alguém que eu um dia pensei estar apaixonado. — enuncio,

sendo completamente sincero. — Ver o relacionamento dos meus pais escorregar pelo ralo quando eu era apenas um fedelho mexeu comigo, Pearl. Quando fiz dez anos, minha cabeça estava uma merda e eu acreditava em tudo, menos no amor puro entre uma mulher e um homem. O que vi era fodido o suficiente para eu duvidar sobre a existência desse tipo de amor. — afirmo e ela assente, não esboçando muitas reações. — Então, antes dos meus dez anos me mudei para cá com minha mãe, mudei de escola, e tinha essa garota. Quando eu tinha quatorze anos, ela me fez acreditar no amor outra vez, mas não durou tanto assim, pois ela me traiu logo após uma noite que passamos juntos...

— Vocês fizeram... fizeram... — gesticula exageradamente. — Aos quatorze anos?

— Ela era e ainda é uma puta, Pearl, não se assuste com isso. De onde você veio provavelmente não acontece esse tipo de coisa, mas é normal quando falamos de adolescente ricos de grandes cidades que pais não têm controle nem mesmo sobre os passos deles. — enuncio, segurando suas mãos e entrelaçando nossos dedos como tanto me acostumei a fazer. — Você sabe o quê? Eu era uma criança que se sentiu amada por poucos minutos e levou aquilo a sério. Eu não deveria tê-lo feito, entretanto. Eu achei que a amava, mas por sorte fui apresentado as decepções do amor e desencanei. Eu não encontrei o amor com ela, mas somente com você. Eu posso ter demorado, batido com a cara na porta, mas aprendi que o amor é paciente. Em alguma hora ele chega e ele chegou para mim em forma de Girassol. — pisco para ela, que sorri de lado. — Estou sendo honesto com você, Pearl. Eu nunca realmente amei aquela garota. Às vezes os hormônios e a carência falam mais alto, e foi por esse caminho que eu meio que me fodi.

— Ela machucou você? — aproxima o rosto do meu e encosta nossas

testas.

— Talvez meu ego tenha ficado um pouco ferido, mas foi apenas isso.
— digo, fitando seus lábios avermelhados.

— Quem é ela? — volta a perguntar.

Porra!

— Tem certeza que quer saber? — indago, fitando-a enquanto dou-lhe um olhar que diz “eu não me responsabilizo por isso”.

— Sim. — replica, segura.

— Macy, Macy Sullivan. — sentencio.

Sinto um vinco se formar entre suas sobrancelhas e constato isso quando ela separa nossas testas.

— Mas ela é agradável... uma amiga, uma boa amiga... — sussurra.

— Ela não é nada disso, Pearl. Ela é manipuladora e egoísta. Se há uma coisa nesse mundo que eu deva te falar, isso é: fique longe dela, o mais longe que conseguir. — beijo seus lábios rapidamente. — Entendeu?

— Sim. — diz, ainda completamente perdida. — Se ela é tudo isso, eu não sou como ela. Ela pode ter enganado você e ter feito parecer que ela o amava, mas eu não sou assim. Não vou te machucar e nem te trair. Eu amo você e isso não é fingimento, nunca foi.

— E eu amo você, Girassol. — afirmo, sendo absurdamente atingido pelo sentimento de perda inevitável.

Eu não quero perdê-la e farei de tudo para que isso não aconteça, caso contrário ela vai me deixar e levar meu coração junto com o seu.

Capítulo 58

Macy

Pearl Wyatt

Pego meu cobertor e saio do meu quarto, pensando em tudo que Seth me disse — ou melhor, confessou. Admito que eu o pressionei, mas eu não conseguiria dormir sem saber quem era a garota a quem sua avó se referiu.

Macy.

Macy machucou Seth.

Ela o enganou.

Não gosto nem mesmo de imaginar como ele deve ter ficado, afinal ele acreditava que a amava e provavelmente acreditava mais ainda que ela o amava de volta. Ainda bem que ele não a amou de verdade, entretanto. Estou ficando ciumenta e isso é algo que secretamente não queria que acontecesse, porque eu sei — tirando por Seth — como o ciúme deixa as pessoas cegas.

Bato na porta do quarto de Simon e espero ele abrir, enquanto continuo pensando na conversa de hoje à tarde. O que será que aconteceu com os pais de Seth que o traumatizou tanto? Ele até mesmo chegou a não acreditar no amor verdadeiro entre uma mulher e um homem... Deve ter sido algo ruim e por mais que eu seja curiosa, sobre isso eu não irei pressioná-lo a me contar uma vírgula sequer. Diz respeito a Cassie, Steven e Seth, eu não vou me meter no meio disso.

— O que você quer? — escuto Simon perguntar e dou-me conta de que

ele já abriu a porta.

Já passa das dez da noite e é suposto que nós já estivéssemos dormindo.

— Oi para você também. — resmungo, rolando os olhos e ele cruza os braços. — Posso entrar? — indago, empurrando-o para o lado e entrando sem sua permissão.

Caminho até a cama de Simon e me jogo lá, esperando-o caminhar até mim. Eu sinto falta do meu irmão. Ele já foi bem menos rabugento comigo, mas depois que comecei a namorar Seth ele piorou sua atitude dez vezes mais.

— Seu namorado não ligou para você? O que está fazendo aqui? — atira, desligando a luz e vindo em minha direção.

— Eu quero falar com você, não com Seth. — retruco e ele se joga ao meu lado. Enrolo-me no meu cobertor e me arrasto até abraçar Simon. — Você sabe... Sinto sua falta. — sussurro, sentindo-o bufar em meus cabelos.

— Não parece. Você anda com o idiota todas as horas do dia e nem mesmo liga para mim. — reclama e eu solto uma risada. — Você acha isso engraçado? — grunhe.

— Não, pelo contrário, Simon. Não é engraçado, mas é fofo. — enuncio, inclinando meu rosto para fitá-lo. — Quer conversar? — pergunto.

— Não.

— Mas eu quero. — ele rola os olhos. — Por que não gosta dele? Seth é incrível e ele me faz feliz, Simon. Você deveria ficar contente por mim ou ser um pouco menos arisco com meu namorado...

— *Namorado...* — diz, ironicamente e me fita de volta. — Algo nele não parece certo, Pearl, e nem a forma como ele se aproximou... eu não sei,

foi apenas muito rápido. Você mal piscou e ele já estava em cima de você, cercando-a e convidando-a para isso e aquilo. Isso não cheira bem. Ele tem sorte que eu não descobri nada, ele tem sorte que eu não achei qualquer lacuna que me dê provas e razão para enfiar um soco na cara dele. Se ele estiver com você apenas para brincar, tirar sarro da sua cara, ele vai desejar não ter nascido porque eu não vou deixar barato. Ele vai ter tudo que merece.

— Mas ele me ama, ele disse isso... — sussurro, assustada com o ódio com que Simon carrega suas palavras.

— O amor cura, mas o amor machuca. — sentencia, finalmente abraçando-me de volta. — Para alguém que se importava única e restritamente apenas com o futebol, o foco mudou muito rápido, não acha? Seth se importa apenas consigo mesmo. Ele é um jogador, em todos os sentidos.

— Você não o conhece como eu conheço. — o corto, chateada com o que ele continua falando.

— Você está tão cega que não vê um palmo à sua frente, Pearl. — comenta. — Sinto muito se isso não é o que quer escutar sobre seu *oh-tão-perfeito-namorado*, mas como irmão eu tenho que fazer a minha parte e te pedir para acabar com isso, acabar com ele.

Nego rapidamente.

— Não vou fazer isso com ele, muito menos comigo. — afirmo. — Nós nos amamos e eu não farei isso. Ele é importante para mim.

— Não vou consolar você quando as coisas saírem do trilho. — avisa e eu rolo os olhos, aconchegando-me contra ele.

— Posso te perguntar mais uma coisa? — sussurro.

— Acabou de perguntar, mas sim...

— O que você acha sobre a Macy? Macy Sullivan? — fecho os olhos, tentando não ficar irritada.

— Gostosa, mas acho que já deu para setenta e cinco por cento de toda escola. — ele ri. — O que há? Por que está me perguntando sobre ela?

— Ela e Seth tiveram algo quando eram mais jovens, ele me contou hoje sobre isso. Ela o traiu. — explico. — Você acha que ela é uma pessoa ruim?

— Acho que ela é uma pessoa ambiciosa e talvez estranhamente sádica. Eu já a observei antes e ela é uma vadia na maior parte do tempo, mas isso não me diz respeito. Eu não tenho nada a ver com ela, mas coitado do *corneo* Seth. — gargalha e eu acerto-lhe com um tapa, o que o faz reclamar.

— Ela nunca foi ruim para mim, mas depois disso acho que tenho que rever meus conceitos. Eu provavelmente sou a única que não vê nada de errado com a Macy...

— Você é pura demais, inocente demais, Pearl. Não consegue ver a realidade como ela realmente é e isso poderia ser bom em Wimberley, mas aqui em Long Beach é ruim e extremamente perigoso. Desconfie das pessoas, pois elas sempre estão desconfiando de você, por mais boa que seja. — ele me alerta.

Aceno positivamente.

— E Spencer? — indago, mudando de assunto e sorrindo de lado.

— O que tem aquela peste bubônica? — volta a se irritar e eu gargalho, acertando-o novamente, mas agora por ele ter se referido a minha amiga como uma peste.

— Vocês dois têm se entendido?

— Se com entendido você quer dizer “ficando”, sim, eventualmente fazemos isso, mas é segredo. Ela não gosta que saibam porque eu sou um ano mais novo, quer dizer, uma porra de ano e ela fica com essa frescura estúpida. — reclama.

— É, o que é uma diferença de um ano perto de uma de quase vinte anos... — sussurro pensativa.

— Vinte? Uau, merda... De quem você está falando?

— Ninguém. — rebato. — Mas então, eu posso dormir por aqui hoje? Você é confortável e eu não quero ficar sozinha. — peço, inclinando meu rosto apenas para lançar a melhor cara de pidona em sua direção.

— Se você roncar eu a jogarei no corredor sem pensar duas vezes. — ameaça e eu gargalho.

— Você é o único que ronca, não venha jogar culpa em mim. — acuso e ele dá de ombros, mas ri em seguida.

— Cala boca e dorme antes que eu me arrependa em ter concordado com isso. — comanda e eu assinto.

— Eu amo você, Simon. — sussurro.

Fecho meus olhos e vou adormecendo aos poucos, mas não antes de escutá-lo dizer “*eu amo você, Princesa, e vou te proteger sempre*”.

Capítulo 59

Um passo adiante

Seth Sawyer

Deitado na minha cama, jogo a minha bola de futebol para cima e depois a seguro. Repito esse movimento por uma boa dezena de vezes. Depois que eu voltei da casa de Pearl, encontrei minha mãe e Sculler sentados na sala, esperando por mim. Eu os ignorei, afinal embora minha desconfiança sobre os dois, eu não estou nem um pouco a fim de ter isso confirmado. Quero dizer, é a porra do meu melhor amigo e a minha mãe. Quão estranho isso é? Se você não sabe, eu vou te dizer que é estranho o suficiente para eu desistir de confrontar ambos sobre o assunto.

Assim como a bola que eu estou arremessando viaja de cima para baixo, minha mente parece estar fazendo esse mesmo movimento. Eu não consigo parar de pensar em Pearl. Ela de repente tornou-se tudo que eu consigo pensar nas vinte quatro horas do dia dos sete dias da semana. Ora eu estou pensando em como é bom tê-la para mim, ao meu lado; ora eu estou pensando em como será ruim se eu a perder. Não, eu nem mesmo gosto de pensar nisso.

Deixo minha bola de futebol do meu lado e pego meu celular, discando o número da minha terapeuta, Claire. A filha da puta tem que me ajudar a achar uma saída. E se ela for boa em esconder cadáver? Dessa forma eu posso matar Macy.

— Sra. Lawrie na linha, quem deseja falar? — Claire resmunga e,

mesmo sendo tarde, mantém sua linha profissional insuportável.

— Sou eu, Seth. Por algum acaso você sabe esconder cadáver? — indago logo de uma vez e escuto coisas caindo do outro lado.

— O quê? Sr. Sawyer, o que você fez? Eu disse, nós conversamos... Conte até mil e controle a raiva! Eu não acredito que matou uma pess...

— Não, eu ainda não matei. — a interrompo e escuto seu suspiro aliviado do outro lado. — Mas eu estou prestes a matar aquela... você sabe de quem eu estou falando. Macy vai querer me destruir e não apenas a Pearl, se ela morrer, essa merda nunca vai acontecer e eu vou ter a minha namorada para sempre. — desabafo, tentando não me levantar apenas para quebrar tudo que vejo pela frente.

— Você deve manter a calma, entendido? Não pode matar a garota, mas pode tentar usar algo contra ela. Tenho certeza que se algo der errado, Pearl entenderá o seu lado, e uma vez que você disse que nunca irá expor sua namorada por causa dessa aposta, ela pode não se afastar de você. — enuncia calma e eu bufo.

— Nem por um inferno eu daria alguma prova de que transei com ela. Minha palavra é a única coisa que terão e se eles não aceitarem, eu realmente irei contratar alguém que saiba esconder cadáveres e matarei um por um com minhas próprias mãos.

— Isso é errado, Sr. Sawyer. — ela alerta e eu rolo meus olhos. — Entretanto, não pense em coisas ruins, isso traz energia negativa para sua vida. Pense que isso nunca acontecerá e que você e sua namorada ficarão juntos por quanto tempo decidirem...

— Para sempre. — sentencio, encarando o teto e pigarreando em seguida. — Eu vou mandar um cheque para você amanhã, por essa conversa.

— Não precisa, *eu...*

— Claro que precisa. Você é minha terapeuta e eu pago para me escutar e tentar me ajudar, isso não é um favor. — afirmo. — Boa noite, Claire. — finalizo a chamada sem deixá-la responder.

Fito a tela do meu celular e observo meu papel de parede, que é uma das poucas fotos que tenho com Pearl. Ela está sorrindo estupidamente linda enquanto eu a fito. Essa foi sua amiga Jenna que tirou. Certa vez eu achei a foto no celular de Pearl e acabei transferindo-a para o meu celular. Ela não sabe disso e nem precisa saber.

Acesso a minha galeria que antes tinha poucas fotos e agora está com quase cinquenta apenas de Pearl. É, eu nunca pensei que gastaria meu tempo fotografando uma pessoa, mas eu o faço sempre que tenho oportunidade. A maioria das fotos que tenho dela, são na escola, umas em nossas aulas em comum e outras dela lendo algo na biblioteca. Ela com certeza sabe que eu tenho essas fotos, uma vez que ela até mesmo sorriu para algumas, enquanto olhava diretamente para a câmera do celular, mas eu não estou preocupado se ela me pegou sendo um namorado estranho, me preocupo apenas em não deixar meus momentos com ela gravados apenas na nossa memória.

Escuto uma batida fraca na minha porta e tenho certeza que é a minha mãe. Ela abre a porta vagorosamente e entra, caminhando até minha cama. — Eu não consigo dormir... — ela sussurra e eu jogo minha bola de futebol para o lado, batendo na cama e dando espaço para ela se deitar.

Minha mãe se deita e eu a abraço, enquanto ela mexe em meus cabelos como fazia quando eu era uma criança. Há bastante tempo não temos um momento como esse, então eu aproveito sua presença.

— Eu andei pensando em dar um passo adiante com Pearl. — confesso algo que vem mexendo com minha cabeça há algumas semanas.

— Mais um? — indaga divertida e eu fecho meus olhos.

— Você acha que ela aceitaria se casar comigo? — questiono e ela começa a tossir. — Tipo, casar mesmo.

— Filho, vocês ainda são muito jovens... Não acha que é precipitado demais fazer uma proposta, um pedido desse para ela? — diz assim que se recupera.

— Foi só um pensamento, mas não sai da minha cabeça. Talvez depois que a escola acabar eu me decida sobre o que vou fazer com essa ideia. — bufo, chateado. — Eu acho que ela não vai... não vai querer... Foda-se, eu não vou mais falar sobre isso.

— Ei, não precisa deletar a ideia. Isso é bonito filho e eu fico feliz que Pearl fez você pensar em casamento mesmo depois de ter visto tudo entre eu e o seu pai. Tenho a completa certeza que quando chegar o dia que você estiver casado com Pearl ou com outra mulher, você será o melhor marido do mundo. — sussurra, sem parar de mexer em meu cabelo.

— Eu só vou casar se for com Pearl, mãe. Depois de você e da minha avó, não há outra mulher no mundo por quem eu daria a vida. Todas as outras são insuportáveis, mãe. Pearl é diferente. Quanto mais tempo eu passo com ela, menos eu quero ficar longe.

— Ela é única, eu sei. Uma joia, uma pérola. Eu não fico surpresa em vê-lo tão apaixonado por ela. É inevitável. Pearl é uma garota de luz, de beleza extraordinária e não apenas por sua aparência, mas ela é pura e de coração bom. Você não poderia ter escolhido melhor, querido. — aceno positivamente.

— Eu sei... Ela é tudo. — resmungo, irritado. — E eu vou perdê-la.

— Não, você não vai. — retruca confusa.

— Sim, eu sou tão imbecil quanto Steven. Às vezes o sangue fala mais alto. — tento me sentar, mas ela me segura firme.

— Não se atreva a repetir isso, Seth. Você não é nada como o Steven. Nunca mais se compare com aquele... aquele...

— Monstro? — indago e ela assente. — Eu sou um monstro. — afirmo, fitando-a de volta.

— Eu não quero mais ouvir isso, Seth. Pare. — suplica, com a voz embargada. — Todos erram e se você errar, é humano, mas os erros de Steven foram além do aceitável. Ele envenenou seu avô e confessou para mim. Ele tentou matar você por dinheiro. Ele o manipulou, uma criança. Ele me traiu, me bateu, saía com mulheres, levava elas para nossa casa... Aquele dia... Aquele dia eu nunca vou esquecer. — enxugo uma lágrima que desce por sua bochecha. — Não se compare com ele, nunca mais.

Aceno, puxando-a para perto de mim e esfregando suas costas para ela se acalmar.

— Eu odeio aquele homem. Eu odeio o que ele fez com você. — enuncio contra seus cabelos. — Talvez esteja na hora da senhora encontrar alguém, não acha?

Escuto-a respirar fundo e sorrir sem graça, negando com a cabeça.

— Eu não acho que poderia confiar em outro homem novamente, querido. Eu estou bem assim. Você é tudo que eu preciso para me fazer feliz. — afirma.

— Se você diz...

Ficamos calados e eventualmente caímos no sono, mas eu não dormi antes de ter a imagem de uma Pearl bonita pra caralho na minha mente.

Capítulo 60

Lingeries

Pearl Wyatt

Meses mais tarde...

Observo Seth se aproximar de mim depois de sair de perto de Macy, essa que estava completamente se insinuando para cima do meu namorado enquanto me lançava olhares extremamente irritantes com muita prepotência dentro de suas orbes claras. Eu cruzei meus braços, afundando no banco que provavelmente dividirei com Seth e tento não parecer tão chateada quanto estou.

Em vez de lhe dar atenção, fecho meus olhos e me lembro dos meses passados. O Natal foi incrível e, em vez de nós irmos para a casa de Cassie, ela e Seth vieram até a nossa para compartilharmos a ceia. O ano novo, *bom*, esse foi bastante diferente. Todos nós fomos para a praia de Santa Mônica, onde assistimos ao show de fogos de artifícios que foi feito no local.

Sim, foi tudo realmente mágico e incrível.

Minha relação e de Seth cresceu de forma tão rápida. A cada dia ele se tornava mais atencioso, carinhoso, além de ciumento também. Eu já desisti em fazê-lo acreditar que eu nunca o trocaria por outro homem, eu prefiro o deixar lidando com seu ciúme sozinho. O que fazer, afinal? Não acredito que eu possa mudar essa característica dele, uma vez que ele tem ciúme até de sua mãe.

Agora, faltam exatamente dois dias para o meu aniversário, e nosso

último semestre começou há quase três meses.

Quinze de março.

Não que eu esteja animada quanto a isso, mas a mamãe provavelmente fará um bolo pequeno para nós comemorarmos. Ela *sempre* faz.

— Ei, linda. — Seth me chama e eu posso senti-lo passar o braço por cima dos meus ombros, puxando-me para perto. — Você vai ficar para o treino de hoje? — indaga e eu balanço minha cabeça negativamente.

— Eu estou ocupada essa tarde. — enuncio ainda de olhos fechados.

Sinto sua respiração quente bater em meu pescoço e tento me afastar dele, não querendo ceder ao meu corpo traidor.

— Eu posso te deixar em casa, então... — murmura, beijando a minha pele.

— Não é preciso, eu vou sair com Jenna e Spencer. — abro meus olhos e lanço um olhar aguçado em sua direção. — Estamos na sala, o professor pode entrar a qualquer momento. Será que você pode parar de me beijar?

Ele levanta uma sobrancelha, surpreso com minha atitude.

— Tudo bem, a gatinha está mostrando suas garras. — zomba, mas eu não caio no seu jogo. — O que foi, Girassol? Quer conversar sobre o que quer que esteja se passando em sua cabeça linda?

— Por que você estava conversando com Macy? Pode me responder sobre o que vocês estavam falando? — reviro meus olhos, chateada por como as perguntas saíram da minha boca. — Era importante?

Ele balança a cabeça negativamente.

— Ela estava apenas soltando merda pela boca, nada que valha seu tempo precioso e seus ouvidos puros, Girassol. — resmunga e agora é minha

vez de levantar uma sobrancelha.

— Ouvidos puros? Eles não parecem ser tão puros para você quando começa a falar *coisas... coisas... coisas sujas* para mim, certo? — o desafio, mas ele apenas sorri de lado.

— Você poderia ter falado putaria... — cantarola baixo.

— Eu falo como eu quiser, assim como você também fala como você quiser. — enuncio e ele leva uma das mãos até seu peito esquerdo.

— Essa doeu, Girassol. — volta a brincar e eu o empurro para longe de mim, mas ele quase não se mexe. — Pare de ser tão arisca, menina bonita. Não precisa ficar com ciúmes de Macy, é um pouco ridículo e estúpido. Já olhou bem para ela e depois olhou para você? Ela não tem nem a beleza que o seu pé tem.

— Então por qual motivo não quer me falar sobre o que vocês estavam conversando? Ela estava me olhando de uma forma irritante e eu odiei isso. — continuo e ele rola os olhos.

— Assuntos insignificantes assim como ela, Girassol. Não é nada com que você deva se preocupar.

— Isso é o que você di...

Seth me cala com um beijo. Ele segura os dois lados do meu rosto, não me dando qualquer chance de fugir e não é como se eu fosse me incomodar em fazê-lo. Planto minhas mãos em cima das suas, partindo meus lábios e deixando-o aprofundar o beijo. Tudo bem, eu posso estar irritada com ele, mas eu não resisto a um beijo seu.

— Será que nós estamos interrompendo alguma coisa? — a voz distante do professor me puxa de volta à realidade e eu empurro Seth, colocando minha mão em cima da boca enquanto tento controlar minha

respiração ofegante.

— Claro que sim... — Seth resmunga, mas é alto o suficiente para alguns ouvirem e começarem a rir.

— Desculpe-me, mas se quiserem podem se retirar para continuar com isso em outro lugar. — o professor retruca impaciente e eu dou uma cotovelada em Seth.

— Não é preciso, professor. Desculpe-nos pelo transtorno, isso não vai voltar a se repetir. — enuncio, tentando não tornar a situação em algo difícil.

O professor olha irritado para Seth e depois faz um sinal com a mão, ignorando nós dois.

— Eu disse que...

— Beijos roubados são os melhores. — ele me corta, sorrindo de lado e colocando uma de suas mãos em minha perna direita. — Eu deveria fazer mais isso...

Balanço minha cabeça, desistindo de tentar falar algo sério com ele.

Seth é completamente impossível.



Despeço-me do meu irmão e de Seth, deixando-os que sigam para o seu treino de futebol e vou até Jenna que já está me esperando no estacionamento. Chego até minha amiga, que está encostada em seu carro conversando com Chace.

— Ei, podemos ir? — pergunto, pegando meu celular e fingindo estar

vendo qualquer coisa aleatória no aparelho.

— Sim, claro. Spencer deve estar nos esperando... — Jenna diz, despedindo-se de Chace, que não fala comigo.

Dou graças a Deus por já estarmos no carro e Jenna já estar dirigindo para longe da escola. Depois do incidente que aconteceu entre eu, Seth e Chace, eu parei de falar com Chace por motivos mais que óbvios.

— Você está pronta para o melhor dia de garotas de todos? — Jenna pergunta, colocando seus óculos escuros e jogando um em meu colo.

— Muito pronta. — digo, prendendo meu cabelo antes que Jenna aperte o botão para recolher o teto do seu conversível. Ela liga o som e nós começamos a cantar e rir durante todo caminho até a escola de Spencer e assim que a buscamos, nós continuamos cantando até chegarmos à Los Angeles.

— Você sabe o que nós vamos comprar hoje, certo? — Spencer indaga assim que paramos em frente a uma loja chamada *Victoria's Secret*.

Dou de ombros, ajustando meu vestido no corpo enquanto seguro minha carteira com as economias que fiz nos últimos meses que trabalhei na pizzeria.

— *Lingerie*, querida. — Jenna diz, entrelaçando um de seus braços no meu e Spencer faz o mesmo do outro lado.

Nós entramos na loja e eu então noto do que elas realmente estão falando. — Onde eu vou esconder isso? O que eu vou falar para minha mãe se ela encontrar esse tipo de coisa nas minhas roupas? — indago, tentando puxar meus braços do domínio delas para voltar direto para o carro.

— Você não tem que esconder da sua mãe, Pearl. — Spencer comenta, dando uma risada. — Ela apenas verá que você está crescendo...

— Amadurecendo. — Jenna completa.

— Eu não preciso usar essas coisas para amadurecer. — jogo de volta, enquanto as pessoas me encaram e encaram minhas amigas como se fôssemos um bando de loucas.

— Mas você precisa usar isso para parecer mais *sexy* e irresistível. — Jenna diz como se estivesse falando algo óbvio. — Tenho certeza que Seth já acha você incrivelmente *sexy*, mas se ele te olhar vestida com qualquer coisa dessa loja, ele sem dúvida alguma vai goz...

— Oh, meu Deus! Faça-a calar a boca! — imploro a Spencer, cortando Jenna e as duas começam a rir de mim.

— Você não tem qualquer saída, anjinho. — Spencer avisa e eu engulo a seco.



Não, não e não.

Tudo aqui é completamente fora do meu orçamento, se assim posso dizer. É tudo tão caro e com pouco tecido. Qual o sentido? Vou pagar caro por uma peça que mal consegue cobrir tudo da forma certa?

Não, não e não.

— Esse daqui vai ficar maravilhoso em você. — Jenna diz, pegando um conjunto branco e mostrando para mim.

Espio o preço e seguro a vontade de arregalar os olhos. Cento e cinquenta dólares? Santo Cristo, isso é feito de que, afinal?

— Eu não vou usar isso... — comento e ela rola os olhos, pois deve ser a sétima vez que digo isso.

— Pelo menos tente, Pearl. Vamos lá! Você não vai sair daqui de mãos abanando.

— Isso aí, anjinho. Qual o problema? Essas peças nem mesmo são feias. — Spencer diz, segurando outro conjunto em suas mãos e mostrando para mim.

Duzentos e três dólares?

Certo, eu ainda não estou enlouquecendo.

— Tudo bem, eu vou falar. — cada uma delas levanta uma sobancelha. — É caro, tudo bem? Eu tenho poucos dólares, não uma pilha deles. Não vou comprar algo tão caro se posso achar uma boa calcinha e sutiã em uma loja mais barata.

Jenna abre a boca incrédula e puxa meu celular da minha mão, quase derrubando minha carteira.

— Seth pode resolver o problema chamado “dinheiro”. — diz sabiamente, mexendo no meu celular e eu finalmente percebo o que ela vai fazer.

— Você não vai ligar para ele, ou vai...? — indago desconfiada e ela sorri para mim, lançando-me uma piscadela.

— Segure a Pearl, Spencer. — Jenna comanda, enquanto eu me aproximo para tentar puxar meu celular de volta.

Meu Deus do céu!

Jenna enlouqueceu!

Tento me soltar de Spencer, mas ela me abraça pela cintura e não me

deixa chegar até Jenna — que está mexendo nas unhas com o celular colado à sua orelha, como se nada estivesse acontecendo. Jenna enlouqueceu mesmo! Onde já se viu, ligar para Seth para lhe pedir dinheiro para eu comprar calcinhas?

Oh, meu Deus! Que vergonha!

— Anjinho, fique quieta ou vai acabar se machucando... — Spencer diz calma, mas eu não estou nem um pouco calma.

— *Quando... você... ficou... tão... forte?* — indago, tentando me soltar dela que agora ri de mim e provavelmente do meu desespero.

— Eu sempre fui forte, anjinho. — retruca.

— Seth! — Jenna exclama e eu arregalo os olhos, vendo o sorriso de lado dela. — Sim, sua namorada está comigo. Nã... Não! Não aconteceu nada com ela, meu Deus, jogador... — revira os olhos. — Ela está impossibilitada de falar nesse momento, mas eu liguei para te pedir algo.

— Jenna, não, por favor... — suplico e por um momento eu acho que ela vai desistir, mas ela apenas pisca para mim e volta a sorrir.

— Eu e Spencer trouxemos a Pearl para comprar *lingeries* na Victoria's Secret, mas a nossa baby está com um pequeno problema... — revira os olhos outra vez, parecendo impaciente. — Eu sinceramente não sei como Pearl aguenta você, que pé no saco. Cala boca, Seth! — grita, chamando atenção de quem está passando. — Ela não pode falar agora, será que você pode... Sim, Seth, calcinhas e sutiãs provocativos, essa coisa de garotas, sab... — ela arregala os olhos e eu encaro Spencer, voltando a fitar Jenna outra vez. — Você está bem? Não quebrou o pescoço, certo? Está bom, Seth, credo! Nós precisamos de dinheiro, quer dizer, a Pearl precisa de um pouco de dinheiro para comprar as *lingeries*... Tudo aqui é um pouco caro e ela parece bastante

assustada com o preço.

— Eu vou cavar um buraco para enfiar minha cabeça dentro e nunca mais vou tirá-la de lá... — sussurro derrotada e Spencer beija minha bochecha.

— Aposto que isso não é um incomodo para seu namorado, então não fique assim. — ela diz.

— Como é o nome dele? — Jenna indaga. — Tudo bem, Seth. Sim, idiota, eu vou me certificar de que ela realmente comprará as calcinhas. Nossa, garoto insuportável. — ela finalmente afasta o celular da orelha e finaliza a chamada.

— Pronto, agora podemos ir realmente comprar algo para você. — Jenna sorri largamente, estendendo meu celular para mim e eu bufo, pegando-o de volta.

— Eu seriamente não sei se ainda gosto de você. — comento, conseguindo me soltar de Spencer.

— Você me ama e Seth também vai me amar por ter ligado para ele. — pisca para mim, segurando minha mão e me puxando. — Agora vamos, precisamos comprar *lingeries* para você, baby. Seu namorado disse que vai mandar alguém aqui para entregar o dinheiro, então não há com o que se preocupar.

— Eu vou me suicidar. — resmungo e Spencer gargalha.

— Você e seu irmão são exatamente iguais. Dois dramáticos incuráveis. — ela diz, passando o braço por meu ombro. — Agora vamos, anjinho! Ao infinito... e além! — exclama e eu a encaro.

— Você está citando Toy Story? — questiono e ela dá de ombros.

— É um clássico.

Eu e Jenna gargalhamos da cara que Spencer faz e as duas me arrastam para ver mais daquelas peças minúsculas.



Eu simplesmente não consegui me sentir confortável em nada que vesti, exceto por uma única peça. O tecido do vestido é preto e macio, provavelmente seda, e chega até meus pés, mas tem uma grande fenda de um dos lados. Esse foi o único que eu realmente me senti completamente confortável. As outras três peças também são pretas e há apenas mais uma, que é como um maiô, mas não é um maiô. Eu não sei qual é o real nome dessa *coisa*, mas é extremamente bonita e da cor nude. Sim, são todos muito bonitos... *e caros*.

Eu estou me sentindo muito mal por estar comprando essas coisas com o dinheiro de Seth. Eu ainda quero enterrar minha cabeça em algum lugar ou me jogar em frente a qualquer carro apenas para me livrar dessa culpa.

— Srta. Wyatt? — um homem bem vestido, de terno e tudo mais, me para.

— Sim, sou eu. — sussurro e Jenna me empurra para frente.

— O Sr. Sawyer pediu para eu entregar isso para você. — ele diz simples, estendendo um envelope branco em minha direção.

Não consigo mover meu braço por dois motivos: porque eu não quero e porque minha educação me diz para não fazê-lo. Eu não quero dinheiro dos outros, muito menos de Seth.

— Muito obrigada, a Srta. Wyatt agradece pela generosidade do Sr. Sawyer. — Jenna diz, puxando o envelope e servindo como minha porta-voz.

O homem levanta uma das sobrancelhas para minha amiga, que agora empurra o envelope para cima de mim e eu sou obrigada a segurá-lo.

— Obrigada. — enuncio, sorrindo nervosamente e ele apenas assente, nos dando as costas em seguida.

Assim que nós o perdemos de vista, Jenna gargalha atrás de mim.

— Eu pensei que ele cortaria minha cabeça. — ela diz entre risos. — Agora vamos, minha linda, ainda precisamos ir fazer as unhas, hidratar o cabelo, comer alguma coisa, tomar sorvete...

Balanço minha cabeça positivamente, mas parando de escutar tudo que ela está falando e deixando-me ser guiada por minhas duas amigas.



Nós três finalmente voltamos de Los Angeles e eu começo a sentir minhas pernas reclamarem, mas sei que elas reclamarão ainda mais porque tenho que ir direto para o trabalho com Spencer.

Depois que saímos da infernal loja mais cara do mundo, eu dei um jeito de enfiar a sacola bonita dentro da minha mochila, assim como o envelope que ainda tem tantas notas que nem me atrevo a contá-las. O único fato que me perturba, é que eu gastei mais de quinhentos dólares em apenas cinco peças. O peso na consciência é grande, mas o ignoro por um momento, ou então eu voltarei a pé somente para entregar as peças e pedir o dinheiro de volta.

— Pronto, amores, vocês estão entregues. — Jenna diz, me abraçando e abraçando Spencer. — Nos vemos amanhã. — ela pisca.

— Tchau, Jen. — Spencer retruca.

Eu apenas aceno assim que saio do seu carro e seguro minha mochila pesada. Spencer para ao meu lado e observamos Jenna desaparecer pela rua enquanto canta uma música qualquer.

— Melhor entrarmos... — Spencer murmura e quando nos viramos para começarmos nosso caminho até a entrada, damos de cara com Seth. — Meu Deus, você é estranho! — Spencer exclama, levando uma das mãos até seu peito. — Que susto, merda... Eu vou esperar você lá dentro, anjinho...

— Certo, eu não vou demorar. — respondo no automático, já que toda minha atenção está voltada para o meu namorado que está parado em minha frente.

— Girassol... — me cumprimenta, dando um passo largo para frente.

O admiro em seu jeans escuro e camisa preta de manga longa — que está puxada para cima, deixando seu antebraço à mostra. Ele sorri de lado para mim e pega minha mochila da minha mão.

— Olá, Quarterback... — resmungo, sentindo-me extremamente envergonhada.

Espero que ele não esteja pensando que eu vou mostrar o que eu comprei para ele, porque eu realmente não vou.

Capítulo 61

Não acredito

Seth Sawyer

Observo o rosto angelical de Pearl, suas bochechas extremamente vermelhas e seus ombros encolhidos. Pelo visto, ela realmente comprou o que Jenna disse. *Lingeries*, e com o meu dinheiro. Aproximo-me mais um pouco de Pearl e passo meu braço livre por sua cintura, ainda segurando sua mochila com minha outra mão.

Posso dizer que fiquei surpreso quando Jenna me disse o que Pearl estava fazendo essa tarde, embora eu tenha toda certeza de que ela não queria estar lá. Porra, quando ouvi *lingerie* e *Pearl*, na mesma frase, eu literalmente perdi a merda do passe que era suposto que eu recebesse e fui acertado no estômago. Tudo isso devido a minha falta de concentração e, eu meio que devo dizer, ansiedade também. Assim que desliguei a chamada com Jenna, liguei para Quinn e enviei-lhe uma foto de Pearl e disse para que ele levasse dois mil dólares para ela na bendita loja.

— Comprou tudo que precisava? — indago, levantando uma sobrancelha e suas bochechas queimam mais ainda.

Pearl me abraça de volta com força e esconde o rosto em meu pescoço, ficando na ponta dos seus pés para alcançar o seu esconderijo.

— Eu não queria comprar nada, foi Jenna que me empurrou para lá, juntamente com Spencer. Aquelas coisas são tão caras e eu gastei um monte de dinheiro seu, pois elas não me deixariam sair de mãos abanando da loja...

Eu sinto muito, não quis gastar seu dinheiro... Eu nem mesmo quis comprar esse *tipo de coisa*. — ela se desculpa repetitivamente e eu solto uma risada, chamando sua atenção para mim.

— Você não gostou do que comprou? — questiono e ela solta um suspiro.

— Para falar a verdade, elas são bonitas, mas não é nada que eu gostaria de usar. Não me sinto confortável vestindo aquelas coisas pequenas e apertadas... Há apenas uma que é mais confortável e ela mais parece com um vestido do que com qualquer outra coisa. — resmunga. — Eu gastei mais de quinhentos dólares, mas eu vou pag...

— Mas que merda? Claro que não. — eu a interrompo, nem mesmo deixando que ela cogite a ideia de me pagar. — Eu mandei dinheiro para você e, na verdade, deveria ter gastado todo, não apenas pouco mais de quinhentos dólares. — comento, deslizando minha mão para cima até chegar em seu rosto. — Você deveria ter comprado mais coisas, se quisesse.

Pearl dá uma risada nervosa e balança a cabeça negativamente.

— E onde eu esconderia tudo que eu comprei? A propósito, eu nem mesmo sei onde colocarei as poucas peças que eu fui obrigada a comprar. Se minha mãe achar isso em minhas coisas...

— Sua mãe não parece ser nem um pouco controladora, Pearl, mas se esse é o caso — sorrio de lado. — eu posso guardar suas coisas comigo.

Ela arregala os olhos, emburrada e me empurra, enquanto eu gargalho. Aproximo-me outra vez e volto a segurá-la perto de mim.

— Você não vai ver nada do que eu comprei. — avisa e eu reviro meus olhos, mas ainda estou estranhamente divertido com sua atitude.

— Eu não vou forçá-la a mostrar para mim o que você comprou, mas se

quiser fazê-lo, sinta-se à vontade. — enuncio, piscando para ela. — Você poderia ter comprado algo que a agradasse mais, Girassol. Se quiser nós podemos ir até lá outro dia e você escolhe o que desej...

— *Shhh...* — tapa minha boca com suas mãos. — Você e eu — gesticula com a mão livre. — juntos? Em uma loja de *lingeries*? — aceno positivamente. — Nem aqui, nem na China. — completa com as bochechas avermelhadas outra vez.

— Qual o problema? — indago, puxando sua mão da minha boca. — Eu aposto que nos divertiríamos bastante, eu principalmente. Você poderia fazer um desfile para mim... essa é uma boa ideia. Um desfile. — Pearl rola os olhos.

— É mesmo? E você bateria palmas? — pergunta cinicamente, mas ainda muito envergonhada.

— Eu poderia bater se você quiser... Eu poderia bater muitas coisas, vendo você desfilando para mim em *lingeries*. — ela faz uma cara confusa e eu sei que sem dúvida alguma ela não entendeu o que eu quis dizer. — Esquece o que eu disse... Você quer sair?

— Eu preciso entrar agora para ajudar na cozinha. — sussurra e eu tenho uma ideia.

— Talvez eu possa ajudar vocês hoje... — sugiro e seus olhos brilham.

— Eu acho melhor não, Seth. Você pode cortar o dedo novamente, assim como aconteceu quando eu fui ensinar Cassie a fazer pizza. — ela ri.

— Eu estava desconcentrado, isso não tem nada a ver. — reviro os olhos. — Vamos entrar, hoje eu vou ajudar vocês. — sentencio.

— Mas Seth...

— Você duvidou da minha capacidade, Girassol. Ninguém duvida da capacidade de Seth Sawyer.

Pearl gargalha durante nosso caminho até a entrada e assim que entramos, vamos direto para cozinha enquanto eu aceno para Sra. Wyatt — que me olha confusa, mas não diz qualquer coisa.



Amarro o avental que Pearl jogou para mim na minha cintura e enxugo minhas mãos, pronto para ajudá-la no que ela precisar.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — ela indaga, pegando a toalha das minhas mãos e eu assinto. — Então... — observa a bancada e me entrega uma faca com uma cesta pequena com cebolas. — Pode começar cortando isso. — não questiono, mas sei que ela está me testando por causa da última vez.

— Essas serão as melhores cebolas cortadas que você verá em toda sua vida. — resmungo e ela ri.

— Olhe só, de jogador à cozinheiro. Quanta versatilidade, Sawyer. — escuto Simon exclamar de algum lugar da cozinha, mas eu não entro em seu jogo.

— Você deveria fazer o mesmo, imbecil. — Spencer zomba.

Eu ignoro os dois e começo a fazer o que me foi designado, espiando Pearl que começa a trabalhar nas massas ao meu lado.

— Corte em rodela, Seth... Não... não faça assim. — Pearl me interrompe depois de quase dez minutos e duas cebolas cortadas.

— Mas elas estão bonitas assim. — defendo as cebolas que eu cortei e ela pega a faca da minha mão.

— Você pode cortá-las assim — aponta para o monte de cebolas picadas — quando, algum dia, fizermos pizza juntos para nós dois, mas aqui não. — completa, sorrindo de forma doce.

— Pelo menos eu não cortei meu dedo... — falo irônico e ela gargalha.

— Você pode abrir essa massa para mim? — pergunta e eu troco de lugar com ela.

— Mas que bosta, cara... você é terrível na cozinha... — Simon exclama, passando por mim e me empurrando. Viro-me para encará-lo, mas Pearl segura meu braço.

— Simon, por favor... — Pearl diz, mas ele apenas sorri cinicamente.

Reviro meus olhos e outra vez começo a fazer o que ela me pediu. Assim que Pearl termina de cortar as outras cebolas, ela se encosta na bancada e fica me encarando tentar esticar a massa da forma certa.

— Você realmente quer estudar Gastronomia? — indago e ela se aproxima, me ajudando a arrumar a pizza oval que eu fiz.

— Sim, eu amo cozinhar e espero que isso ajude mais no negócio dos meus pais. — ela diz e eu esbarro nossas mãos, provocando uma risada sua.

— E você não quer ter seu próprio negócio? — continuo questionando e ela dá de ombros.

— Eu quero ajudar meus pais, a priori... Não sei se quero abrir um negócio apenas meu, eu odeio ficar sozinha e penso que seria um pouco solitário não ter minha família comigo no trabalho. — divaga e me encara em seguida. — E você?

— O que eu quero fazer? — pergunto e ela assente. — Provavelmente farei alguns semestres na **UCLA**, jogarei pela faculdade e tentarei entrar em algum time grande de futebol. Eu quero ser um jogador de time grande, esse é meu foco. — falo no automático, não encontrando tanto sentido em minhas próprias palavras como eu costumava encontrar antes.

— Você consegue, eu sei que sim. — encoraja-me e observo que Pearl já consertou a forma da pizza. — Talvez você e Simon sejam amigos de time, certo? Ele também sonha com isso.

Rolo meus olhos, mas dou uma risada.

— Se isso significa você indo a todos os meus jogos de futebol, acho que é uma boa notícia. Eu quero sempre ter você me assistindo. — enuncio e ela aproxima o rosto do meu.

— Eu não perderia qualquer jogo seu. — sussurra e me beija rapidamente.

Capítulo 62

Eu contaria amanhã

Pearl Wyatt

Termino de pentear meu cabelo e checo minha aparência no espelho, notando que o novo vestido que ganhei ontem à noite da minha mãe caiu perfeitamente em mim. A saia vai até meus joelhos e a cor alaranjada do vestido de alças finas parece ter combinado tanto com minha pele um pouco mais corada nos últimos meses, quanto com a cor do meu cabelo.

Amanhã é meu aniversário.

Mal posso acreditar que farei dezoito anos e que dentro de alguns meses, ingressarei na Universidade. São tantas coisas boas acontecendo comigo que se eu fosse uma pessoa cética, desconfiaria se tudo isso é real ou não. Para mim, é tudo mais que real!

Apresso-me, sabendo que Seth provavelmente buzinará em poucos minutos, já que ontem depois dele desistir de tentar me ajudar na pizzaria, ele avisou que me buscaria hoje. Pego minha mochila e desço trocando os pés, sendo amparada por meu pai no final da escada.

— Se ela fosse minha filha, eu já teria deixado que caísse para aprender a ser menos desengonçada... — Simon cantarola, passando por nós dois e eu sou obrigada a rir.

— Não fique com ciúmes, meu bebê... — papai diz à Simon, que finge estar prestes a vomitar. — Bom dia, princesa. — ele volta sua atenção para

mim e beija o topo da minha cabeça.

— Bom dia, pai. — retruco, beijando sua bochecha e saindo correndo até a cozinha.

Passo por minha mãe, beijando sua bochecha, enquanto ela ri terminando de deixar a comida do café sobre a mesa. Pego uma maçã, tentada a sentar-me para comer pelo menos três *waffles* com calda de chocolate que ela fez. — Você não vai pegar um? — pergunta e eu mordo meu lábio inferior.

— Seth deve estar chegando e eu não quero me atrasar. É melhor eu comer apenas uma maçã... — comento e ela balança a cabeça negativamente.

— Pelo menos leve para o almoço, querida. Eu vou guardar alguns para você levar antes que seu irmão volte e termine de comer todos... — diz, indo atrás de um pote pequeno.

— Eu sou um atleta, preciso estar bem alimentado, Sra. Wyatt. — Simon comenta, entrando na cozinha com o papai e eu observo a mamãe rolar seus olhos.

— Tudo bem, menino. Você é um atleta, eu entendo, mas não precisa comer todo café-da-manhã sozinho. Ainda há pessoas nessa casa além de você, sabia disso?

Dou uma risada e um pulo ao escutar a buzina de Seth. Minha mãe coloca três *waffles* para mim dentro do pote e joga a calda de chocolate por cima deles. — Eu não vou ter alguns desses para levar para escola? — Simon questiona assim que eu seguro meu pote comigo e dou uma mordida na minha maçã.

— Não, garoto faminto. Você já teve muitos *waffles* por hoje e tem dinheiro para seu almoço. — mamãe o repreende.

— Vamos logo! — exclamo, segurando Simon por sua mochila e o puxando comigo. — Tchau, mãe! Pai! — despeço-me e escuto eles fazerem o mesmo, enquanto eu e Simon saímos de casa.

Meu irmão me empurra, obrigando-me a soltá-lo. Lanço um olhar aguçado em sua direção, enquanto caminhamos até o carro de Seth.

— Eu seriamente amo esse carro, mas odeio o dono dele. — Simon resmunga e eu reprimo a vontade de rir do seu comentário.

— Eu aposto que você ama o dono do carro. — sentencio, antes de abrir a porta e entrar rapidamente, fugindo de escutar seu brado irritado. — Oi, Quarterback. — enuncio, sorrindo de lado e beijando sua bochecha.

— Girassol... — murmura, encarando-me intensamente. — Simon. — o saúda e meu irmão apenas bate a porta como resposta, recebendo um olhar reprovador do meu namorado.

— Vocês dois vão se comer na minha frente ou nós vamos para escola? — Simon indaga irritado e eu reviro meus olhos por conta do seu palavreado.

— Não seja um idiota, ainda é cedo demais para isso. — Seth comenta, sério.

— Você deveria seguir seu próprio conselho. — meu irmão retruca.

— Eu não quero vocês dois brigando, será que dá para parar? — pergunto, fitando os dois.

Seth não diz nada, apenas dá partida, enquanto meu irmão bufa a cada dois minutos. Isso realmente já está ficando chato da parte de Simon. Ele toda hora quer irritar e provocar Seth, como se isso fosse sempre a melhor coisa a se fazer.

— O que você vai dar a ela? — Simon pergunta, cinco minutos depois

e eu o encaro pelo retrovisor ao mesmo tempo que Seth o faz.

— A quem? — Seth rebate, franzindo o cenho e me dando uma olhada rápida.

— Pearl. Amanhã é o aniversário dela, não sabia? — Simon continua, parecendo entediado.

— Amanhã é seu aniversário, Girassol? — Seth pergunta, parando o carro em um sinal vermelho oportuno para si e me fitando confuso. Eu assinto rapidamente, sorrindo de lado. — Por que não me contou? — completa.

— Achei que não fosse tão importante... Eu contaria amanhã para você. — explico e ele volta sua atenção para a estrada.

— Por mensagens? Amanhã é sábado, Pearl, nós geralmente nos vemos apenas à noite. — ele reclama entre dentes, controlando seu instinto explosivo.

— Eu sei, mas não há nada de especial. A minha mãe vai fazer um bolo e nós vamos comemorar pela noite depois que acabarmos o trabalho na pizzeria. — sussurro e ele apenas acena positivamente.

Escuto Simon dar uma risada e eu cerro meus olhos em sua direção.



O dia se arrastou de forma tão lenta que eu tive que checar o relógio inúmeras vezes para ter certeza de que ele estava realmente girando. Puxo meu pote de dentro da mochila e abraço Jenna rapidamente, dizendo-lhe que vou me encontrar com Seth.

— Nos vemos mais tarde, baby. Eu vou encontrar com o Liam agora também. — Jenna sussurra por fim e sai correndo, fazendo-me rir.

Espero todos saírem da sala e vou logo atrás, nem mesmo dando-me o trabalho de procurar Seth, já que ele está encostado na parede do lado de fora da sala com os olhos fechados. Me aproximo dele em silêncio e o abraço com meu braço livre, fazendo-o abrir os olhos e me fitar. Sorrio de lado, mas ele não devolve o gesto, apenas continua me encarando sem se mover.

— Eu tenho algo para nós dois. — falo, levantando o pote que está na minha mão e mostrando para ele. — São alguns *waffles* que a minha mãe colocou para mim e nós vamos dividir. — enuncio e ele finalmente pisca, como se estivesse saindo de um transe.

— Vamos nos sentar. — diz, segurando minha mão e me guiando para algum lugar que eu suponho ser o campo de futebol, devido ao caminho que estamos tomando.

Capítulo 63

Relaxe

Seth Sawyer

Atravesso o campo de futebol com Pearl e vamos direto para o estacionamento. Puxo a chave do meu carro de dentro do bolso da minha calça e tento agir o mais normal possível. Eu não posso acreditar que Macy enfiou Chace no meio da estúpida aposta. Filha de uma puta! Se ela não fosse mulher, com certeza não estaria mais viva — nem aqui, nem no inferno. Respiro profundamente e dou espaço para Pearl entrar, e ela o faz, quase que com uma interrogação desenhada no meio de sua testa.

— Você está bem? — indaga, assim que nós dois estamos sentados lado a lado, eu de olhos fechados enquanto tento não voltar para dentro da escola e matar todos que estão tentando separar Pearl de mim.

— Absolutamente sim. — solto, sentindo seu toque no meu braço esquerdo. Abro meus olhos, virando meu rosto para encarar Pearl. — Eu preciso tanto de você, Girassol... — fito seus olhos intensamente, notando ela começar a ficar vermelha por conta das minhas palavras.

— Eu também preciso de você, Seth. — sussurra e eu aproximo meu rosto apenas para selar nossos lábios.

— Eu não vou conseguir ficar aqui pelo resto do dia, Girassol. Você quer ir embora comigo? Agora? — pergunto e ela franze a testa, provavelmente perguntando-se o porquê, mas assente sem soltar uma palavra.

Saco meu celular do bolso da calça e digito uma mensagem rápida para Sculler, pedindo-lhe para recolher minhas coisas e de Pearl e para levar o irmão idiota da minha garota para casa. Coloco a chave na ignição e retiro meu carro da vaga, partindo para bem longe desse inferno. A maior parte do tempo eu deixo minha mão em cima da perna de Pearl, enquanto o silêncio entre nós é preenchido por uma música qualquer que fala sobre amor. Há apenas um lugar onde podemos ficar sozinhos, sem qualquer um para nos perturbar em momento algum: *Hotéis Kassid*.

Quando passo pelos portões, não muito tempo depois, Pearl coloca sua mão em cima da minha e aperta. Dou-lhe um olhar rápido, tentando passar-lhe segurança e acho que funciona. Continuo o caminho até parar na entrada, entregando minha chave para o homem que está logo ali esperando.

— Coloque no estacionamento particular dos Kassid. — comando e ele assente, percebendo imediatamente quem eu sou.

Caminho até Pearl, que está em pé me esperando com o seu pote em mãos. Planto uma mão no fim de suas costas e pressiono, forçando-a a andar ao meu lado. Entramos no *lobby* do hotel e eu vou até a recepção, sem deixar de notar o fluxo grande de pessoas que passam por ali. Acredito que o hotel está chegando em sua capacidade máxima.

Puxo minha carteira assim que paro em frente a recepcionista, pego meu cartão de crédito e minha ID. — Suíte presidencial. — peço, empurrando o cartão e a ID em suas mãos.

Ela me encara com certo desdém, mas assim que checa os documentos, seu desdém é substituído por medo. Eu ignoro. Viro meu rosto para observar Pearl e encontro a mesma deslumbrada com tudo que está vendo enquanto abraça seu pote.

— O acesso é pelo elevador privativo... — a mulher diz, empurrando

uma máquina em minha direção.

— Eu sei por onde é o acesso. — a corto, digitando minha senha rapidamente.

Ela acena e devolve meu cartão, ID e mais outro cartão.

— O *chef* está a sua disposição, assim como o mordom...

— Dispense todos. Se eu precisar de algo eu os deixarei saber. — volto a cortá-la.

Ofereço minha mão para Pearl e ela segura sem pensar duas vezes. Caminho até o elevador privado e coloco o cartão de acesso para abri-lo. Entro, puxando Pearl comigo e espero as portas fecharem. Encosto-me na parede e puxo Pearl para os meus braços. Empurro seu cabelo para o lado e inspiro seu cheiro, aproveitando para beijar seu pescoço, enquanto passo minha língua suavemente por todo caminho que tomo.

— Por que... viemos... para esse lugar? — ela sussurra, entre suspiros.

— Porque eu preciso ficar sozinho com você. — enuncio, trocando de lugar com ela e pressionando seu corpo contra a parede do elevador. Enfio minha carteira de volta no meu bolso e encosto minha testa na de Pearl, fitando-a com desejo. — Você pode me parar a partir do momento que tiver dúvidas, mas enquanto elas não aparecerem, deixe-me tê-la. Entendido? — ela acena e eu escuto o elevador parar.

Seguro em suas pernas e a impulsiono para cima, fazendo com que ela lace meu quadril e se segure com apenas uma das mãos em meu ombro. Entro na suíte presidencial e deixo o cartão no pequeno suporte eletrônico, fazendo com que o elevador se feche atrás de nós. Deixo minhas mãos deslizarem por sua pele, enquanto caminho pela sala de estar e vou em direção ao quarto. Volto a beijar Pearl em seu pescoço, subindo uma das minhas mãos para

empurrar as alças de seu vestido para baixo.

— Seth...

Respiro fundo, nem um pouco pronto para parar, mas o farei se assim ela desejar.

— O quê, Girassol? — indago simples, tentando manter meus olhos no caminho que estou tomando.

— Isso é bom... — seu sussurro é quase inaudível.

Rosno ao escutar sua aprovação e apresso meus passos, odiando pela primeira vez o fato dessa suíte presidencial ser grande demais. Espalho mais beijos por sua pele, agora tentando alcançar seu busto, mas isso é quase impossível.

Finalmente chegamos ao quarto e eu trato logo de puxar o pote da mão de Pearl e colocar em cima de uma das mesas que tem no local. Deixando-a em cima da cama, chuto meu tênis para fora do meu pé e arranco minha camisa para longe do meu corpo. Ela está me encarando com as pálpebras pesadas, enquanto escuto mesmo de onde estou o chiado de sua respiração.

— Você pode fechar as cortinas... e... apagar a luz...? — pede e eu assinto, pegando o controle que está logo ao lado do pote e realizando seu pedido.

Pearl com certeza se sente mais confortável no escuro, mas uma hora ou outra ela terá que aceitar e me deixar vê-la de verdade. Aproximo-me da cama, parando em frente aos seus pés e puxando as sapatilhas de lá apenas para jogá-las longe. Recomeço uma trilha de beijos, dessa vez de baixo para cima, empurrando o vestido de Pearl cada vez mais para cima.

— Você quer dar um passo a mais, Pearl? — indago, afastando minha boca de sua pele e pairando sobre seu corpo.

Seus olhos claros brilham ansiosos e eu tenho certeza que os meus brilham de volta com sede, desejo, necessidade. Estou totalmente sedento. Eu quero mais. Eu quero tudo que ela possa me dar, porra!

— Depende do quão longe nós iremos... Eu não acho que... Eu não sei se estou pronta para...

Interrompo sua fala com um beijo. Pearl deixa seus lábios partirem e quando nossas línguas se encontram, ela deixa um gemido escapar dentro da minha boca, mas que toma caminho por todo meu corpo.

Tento me controlar, ou pelo menos controlar meus impulsos, mas com as mãos pequenas de Pearl deslizando por meu dorso fica difícil pra caralho. A maciez de suas mãos é nada mais, nada menos, que excitante como o inferno. Separo nossas bocas, roçando meus lábios nos seus enquanto nossas respirações entrecortadas se misturam. Abro meus olhos e observo Pearl fazer o mesmo, enquanto continua deslizando suas mãos por meu corpo.

— É minha vez de te tocar — murmuro e ela acena, mordendo seu lábio inferior. — *com minha boca.* — concluo, beijando sua boca rapidamente antes de seguir por seu maxilar.

Escuto um suspiro sôfrego escapar de Pearl assim que chego ao seu pescoço. Não consigo reprimir mais o desejo que tenho há muitos meses, então assim que passo minha língua por sua clavícula, mordo e sugo sua pele enquanto a massajeio com minha língua. Pearl aperta meus ombros, arqueando suas costas. — O q-que estamos fazendo? — ela sussurra e eu volto a separar meus lábios de sua pele.

— Eu estou *provando* você. — sentencio, encarando-lhe firme.

Ela engole à seco e eu agora puxo as alças de seu vestido para baixo, sentindo Pearl tremer logo embaixo de mim. Se eu já acho maravilhoso tê-la

sempre usando vestidos por causa de suas pernas bonitas, agora eu estou mais estupidamente satisfeito. Pearl não usa sutiã e, porra, ela nem precisa. Seu vestido tem aquela coisa que parece com um sutiã, deixando-a livre para não colocar a peça.

Ela é bonita. Não, não, ela é maravilhosa, divina, angelical, delicada e completamente de tirar o fôlego. Eu nunca vi nada parecido com Pearl. Nada, nem ninguém. Ela é única — e minha até quando eu puder mantê-la.

Continuo arrastando seu vestido para baixo até que me livro dele. Ali, na minha frente, gloriosamente seminua, nada nesse mundo conseguiria tirar minha atenção de Pearl. Respirando profundamente, ela sobe os braços para se cobrir, mas eu a impeço.

— Seth... — ela resmunga.

— Não se atreva. — retruco.

— Mas você está me olhando como se eu fosse... como se eu fosse...

— Perfeita? Sim, você é perfeita, Girassol. — afirmo e ela relaxa sob meu toque. — Eu estou adorando você, meu amor, não fique envergonhada. — comando.

Ela assente.

Solto seus pulsos, voltando a me apoiar em meus braços para recomeçar a beijá-la, mas agora em seu baixo-ventre. Pearl treme em antecipação, e suas mãos logo tomam os fios do meu cabelo, puxando em um ritmo calmo, mas que me tira os sentidos por poucos minutos. Navego com minha língua por toda sua pele, beijando-a por todo lugar até chegar aos seus seios não tão volumosos, mas que não poderiam ser mais perfeitos. Eles parecem com pequenos botões de rosas e mesmo na penumbra, consigo vê-los em sua glória. Não só eles, como ela. Pearl é gloriosa.

Merda, por que ela demorou tanto para aparecer em minha vida?

Balanço minha cabeça levemente, aproveitando para roçar meus lábios em seu seio direito, o que leva Pearl a quase pular. Encontro sua pupila dilatada, enquanto ela me fita confusa. — É normal, Girassol. É normal beijos por todo seu corpo. Não se assuste, isso não foi nada... *ainda*. — aviso, agora lambendo a ponta túrgida e frisada do seu seio direito.

Escuto o engate de sua respiração, enquanto ela praticamente não se move. — Você precisa relaxar. — sopro, sobre a pele agora molhada.

Volto a lambar pequena ponta, amando a maciez extrema da pele de Pearl mesmo naquele local. Troco de direção, agora lambendo o seu outro mamilo, que é tão bom quanto o primeiro — e isso me faz sugá-lo entre meus lábios, atijando-o ainda com minha língua.

— Seth... — ela geme, finalmente voltando a tocar em meus ombros e enfiando dedos entre meus cabelos.

Sorrio, afastando meu corpo do corpo de Pearl e observando-a abrir os olhos, fitando-me com as orbes nubladas com desejo. Levanto-me e puxo Pearl por suas pernas até a beirada da cama. Ela apoia-se em seus cotovelos, tentando me fitar enquanto fico de joelhos em sua frente. Posiciono meus indicadores dos dois lados de sua calcinha e começo a deslizar a peça para fora do seu corpo, estupidamente amando a visão que tenho no momento.

— O q-quê...

Interrompo sua fala, puxando-a uma última vez até estar no meio de suas pernas, afastando-as amplamente enquanto Pearl tenta se proteger do meu olhar atento.

— Relaxe, Pearl, relaxe... — sussurro, beijando seu joelho esquerdo e observando que seu rosto vai perdendo a expressão temerosa e ganhando uma

calma, mas ansiosa.

— Tudo b-bem... — sussurra.

Agora é minha vez de fazer Pearl se contorcer e eu terei muito prazer em fazê-lo. Prazer pra caralho.

Capítulo 64

Santa merd...

Pearl Wyatt

Tremores passam por meu corpo, enquanto tento controlar o impulso de arrastar meu corpo para longe de Seth. Eu não consigo pensar corretamente. O rubor de estar completamente nua debaixo do seu olhar avaliador ainda não me deixou por completo. Minha pele toda está tomada por um calor surreal, algo que nunca senti antes, nem mesmo quando ele me tocou com seus dedos pela primeira vez.

É diferente agora.

Eu sinto sua respiração pesada e fria colidir com minha pele íntima e quente — talvez molhada. Tudo bem, molhada de verdade. Eu não sei como Seth consegue me deixar dessa forma, mas ele apenas consegue como se fosse um simples passe de mágica, eu diria. É estranho, mas bom na maioria das vezes. Gostaria de dizer que não estou me sentindo estranha, mas a verdade é que eu me sinto muito estranha, envergonhada e pouco preparada para o que possa vir a acontecer entre nós nesse momento.

— Você precisa relaxar, Pearl. Pare de pensar. — ele comanda e sua respiração parece estar se aproximando mais de *lá*, e isso me faz prender a respiração bruscamente. — Eu tenho certeza que vai gostar do que eu vou fazer. — resmunga.

Ele se move e eu abro meus olhos, que acabei fechando em algum momento. Procuro Seth, observando-o se preparar, como se estivesse prestes

a fazer uma... *refeição*?

Oh, meu Deus!

Oh, meu Deus!

Oh, meu Deus!

Como eu vou conseguir olhar na sua cara quando isso... quando nós... quando ele terminar? Eu não vou conseguir, não mesmo. Ele está me encarando *lá* e isso é apenas mais do que eu possa me obrigar a aguentar. Eu não consigo parar de pensar, assim como ele pediu. Eu não consigo parar de ficar nervosa, embora eu esteja tentando relaxar.

Ele passa os braços por debaixo das minhas pernas, posicionando suas duas mãos na minha barriga. O porquê? Eu não sei, mas isso me deixa mais nervosa. Borboletas desgovernadas passeiam com rapidez por meu estômago, batendo por todo lado e fazendo com que eu me mexa em meu lugar. — Seth, você tem certeza que quer... que quer fazer isso...? — sussurro, encarando-o diretamente.

Ele sorri de lado, um sorriso que consegue me derreter toda e completamente. Levantando uma das sobrancelhas, Seth aproxima a boca mais ainda da minha intimidade e beija o local repentinamente. Meus pelos eriçam, deixando claro que eu estou totalmente arrepiada. Empurro meu corpo para cima e ele me empurra de volta para baixo, suave, mas firme, com as suas mãos que estão em minha barriga. Agora entendo por que ele as deixou ali: *controle*. Seth pode me controlar; controlar meu corpo.

— Eu tenho toda certeza do mundo. — sentencia, antes de jogar sua língua para fora e continuar de forma lenta e torturante o seu deleite para com o meu corpo.

Tento escapar mais uma vez, achando impossível ficar quieta sob

aquele jogo que Seth está fazendo comigo. Ele me domina calmamente e eu fecho meus olhos, arqueando minhas costas enquanto formigamentos violentos passam por todo meu corpo. Aperto meus olhos com tanta força quanto estou apertando os lençóis finos e macios da cama em que estou deitada.

— Oh... Seth, o q-que você es... está fazendo? — pergunto, tropeçando nas palavras.

Um calor abrasador perpassa por meu corpo até chegar na ponta dos meus pés. Tento fechar minhas pernas, mas de nada adianta, afinal Seth está lá no meio delas. Ele ri com sua boca colada na minha pele, lançando uma vibração incontrolável por meio de seu ato.

— Sem mais perguntas, Girassol. Você sabe muito bem o que eu estou fazendo. — afirma, nunca separando sua boca de mim.

Eu solto um gemido.

Ele rosna.

Eu não sei o que está acontecendo comigo. Há muito, muito desejo entre nós dois e eu sinto como se estivesse fora de controle do meu corpo. Seth está me deixando cega e tudo que eu consigo pensar, é no que ele está fazendo comigo nesse exato momento. Eu literalmente relaxei, assim como ele pediu.

Ele lambe, suga e lambe outra vez.

Tento ter controle ao menos dos meus gemidos, mas também não consigo.

Ele lambe, suga e lambe outra vez.

Nada faz qualquer sentido na minha cabeça, exceto eu e ele.

Suas mãos navegam sobre minha pele, ele esfrega a palma áspera levemente em meu seio direito, capturando-o com os dedos e apertando de forma sutil. Sutil demais. É quase uma tortura.

Respiro profundamente.

De forma involuntária, balanço meus quadris. Minhas bochechas queimam, pois eu não quero fazer isso, mas meu corpo continua fazendo suas próprias regras e ignorando as minhas. Abro meus olhos e encaro o teto escuro, ouvindo Seth grunhir enquanto continua implacável no que está fazendo.

É demais para mim.

Puxo meu quadril de volta, separando-o por míseros segundos do seu posto. Me contorço. Pequenos espasmos se constroem e eu não sei se vou aguentar senti-los em seu ápice.

— Não fuja. — enuncia, voltando com sua boca *lá* naquele lugar.

É o suficiente.

— *Santa... M-Merda... Seth, p...*

Assaltada pelo prazer, deixo que os espasmos passem por meu corpo e esqueço de tudo. Nada merece ser lembrado agora. Puxo um travesseiro e o coloco sobre meu rosto, tentando não parecer ou soar tão estúpida. Eu tenho certeza que pareço estúpida. Claro que pareço estúpida, já que Seth ainda não parou por nem um segundo. Ele prolonga o meu momento da forma certa. Como ele faz isso? Não sei, mas ele consegue fazer de uma forma que me deixa estranhamente louca para afastá-lo e aproximá-lo de mim, tudo ao mesmo tempo.

Depois de um longo minuto, ele finalmente se afasta e paira em cima de mim, puxando o travesseiro para fora do meu alcance e me empurra mais

para o meio da cama. Abro meus olhos que insistem em ficar fechados e minhas bochechas queimam mais uma vez. Ele sorri de lado, aproximando a boca da minha e eu coloco minha mão entre as duas.

— *Você... apenas...* Isso é certo? — indago e ele franze o cenho antes de sorrir mais amplamente.

— Você quer dizer sobre eu ter acabado de chup... — tapo sua boca e ele rola os olhos. Toda extensão do meu pescoço esquenta, levando mais calor para minhas bochechas. — Sim, é certo. Você vai gostar mais ainda. — diz, com a voz abafada e eu puxo minha mão de volta.

— Eu acho que...

Seth sela nossos lábios com força e eu solto um suspiro sôfrego.

— Você é o meu novo sabor favorito, linda. — ele murmura e puxa meu lábio inferior entre os dentes. — Não fique envergonhada, pelo amor de Deus. Você é linda e extremamente gostosa, sem mas. — conclui.

Abro meus olhos e observo Seth, enquanto ele beija todo meu rosto. — E você? — sussurro.

Ele para de me beijar e me encara de volta. — Eu o quê? — indaga.

Sorrio de lado e mordo meu lábio.

— O que você vai fazer para... para...

— *Me aliviar?* — pergunta irônico e eu aceno, não deixando de me mexer incomodada. — Eu gostaria de fazer muitas coisas, todas elas incluem você, mas acho que não está pronta. Eu, porra, estou aguentando essa abstinência de sexo há meses, mas não vou forçá-la a nada. Vou conseguir lidar comigo. — ele pisca para mim.

— Sinto muito, mas obrigada. — digo, abraçando-o pelo pescoço e o

puxando para mim.

Nossas peles se encostam e Seth geme.

— Assim você está tornando as coisas mais difíceis do que já estão. —
sentencia e eu me afasto dele.

— Sinto muito, mais uma vez. — repito, sorrindo e ele bufa.

— Céus, merda! O que eu vou fazer com você, Girassol? — murmura.

Nos encaramos novamente.

— Eu não sei. — replico antes dele me beijar outra vez.



Termino de vestir a camisa de Seth e caminho até as cortinas, afastando-a um pouco e tendo a vista perfeita do local. O campo é tão vasto que não consigo localizar o final dele, a grama é de um verde vivo e o sol brilha lindamente. Sinto a presença de Seth atrás de mim e logo seus braços passam por minha cintura, enquanto permanecemos calados.

— Sabe o que esse lugar me lembra? — indago, encostando minha cabeça em seu peito. Ele resmunga e eu tomo isso como resposta. — A Itália.

— A Itália? — retruca confuso.

— Sim... — sussurro. — Em várias cidades há campos como esses, a única irônica diferença, é que muitos dos campos de lá são de plantações de Girassóis. — explico, recordando-me de várias vezes que obriguei o papai a me levar em um dos campos de plantação de Girassóis na Toscana.

Inclino minha cabeça para fitar Seth e ele sorri de lado.

— Talvez um dia possamos ir juntos até a Itália, que tal? Fiquei curioso sobre essas plantações da minha flor favorita. — murmura, apertando-me contra si e eu sorrio de volta.

— É uma boa ideia. — afirmo, soltando a cortina e me virando totalmente para Seth. — Talvez a Itália não o agrade tanto, pois há muitos recém-casados por lá. Simon odiava todos eles. — comento.

Seth me segura e me coloca na cama, deitando-se ao meu lado.

— Eu também já vi muito disso, não é um incômodo. Nas minhas viagens, sempre fiquei hospedado nos Hotéis Kassid, preferência tanto de executivos quanto de casais em lua-de-mel. Para todo lugar que eu ia, havia um casal. — ele diz, abraçando minha cintura e descansando seu rosto na curva do meu pescoço. — Pearl, você já pensou em se casar? — questiona e eu mexo-me nervosa.

— Sim, claro. Quando eu era criança, eu costumava escrever em diários como seria meu casamento dos sonhos e eu ainda tenho guardadas todas essas coisas. — sinto minhas bochechas queimarem.

— E como seria o seu casamento dos sonhos? — pergunta, beijando meu pescoço e eu fecho os olhos tanto por conta do seu carinho, quanto para tentar me lembrar.

— Bom, primeiramente tem que ser em uma igreja bem bonita, com espaço para bastante gente, já que minha família da Itália é grande e eu quero que todos presenciem esse momento. Eu também vou querer organizar tudo nos mínimos detalhes, junto com o meu noivo, claro. Quero que seja algo que eu e ele nos empenhemos a fazer. — suspiro, torcendo algumas mechas do cabelo de Seth entre meus dedos. — Meu vestido tem que ser branco, claro, e provavelmente será como os das princesas. Quero uma calda grande e um véu não muito chamativo, acho que algo que apenas complemente de forma

simples o vestido...

— E o noivo? — Seth me interrompe.

Abro meus olhos e o encaro.

— O que tem o noivo? — retruco, sorrindo de lado.

— Como você quer que ele seja e esteja?

Ficamos nos encarando calados por breves segundos.

— Terno preto, claro... E, se eu sou a princesa, ele tem que ser o príncipe. — Seth torce a boca.

— Eu quero que seja eu, mas não tenho qualquer vocação para ser um príncipe perfeito como esses dos seus filmes. — atira e eu mordo meu lábio inferior, achando graça do seu comentário e nervosa por sua seriedade.

— O príncipe não precisa ser perfeito, ele precisa apenas amar a princesa, *verdadeiramente*. — rebato e Seth finalmente sorri.

— Acho que tenho chances, então.

Permanecemos novamente calados, agora por longos minutos e começamos a rir. Seth sela nossos lábios, beijando-me de forma profunda. Uma avalanche de sentimentos colide dentro de mim, pois ele está sendo paciente e calmo, mas mesmo assim, ainda há o ardor de sempre dos seus lábios contra os meus.

— O que você vai fazer amanhã de manhã? — Seth pergunta, puxando-me para ficar com metade do meu corpo em cima do seu.

Tomo uma respiração profunda, tentando me recompor.

— Nada, provavelmente. Vou para a pizzaria apenas perto das seis, mas antes disso não tenho nada planejado. — explico e assente. — Por quê?

— Porque eu vou te sequestrar logo de manhã cedo. — avisa e eu gargalho, inclinando minha cabeça para fitá-lo. — O quê? — pergunta, como se não estivesse nada de errado.

— Me sequestrar? — indago e ele assente. — E para onde você vai me levar? — concluo.

— Vou te levar para vários lugares, linda... — diz, sorrindo de lado e sinto minhas bochechas esquentarem. — Você pode escolher para onde quer ir... serei seu motorista particular. — sentencia, esfregando seu dedão na maçã direita da minha bochecha.

— Tudo bem... podemos discutir sobre o nosso destino amanhã. — sussurro, deitando novamente sobre seu peitoral e me aconchegando nele. — Quando é o seu aniversário, Seth?

— Vinte e quatro de julho. — retruca.

— Você costuma comemorar? — indago, curiosa.

— Não de verdade... Antes eu apenas enchia a cara, nada demais. Não gosto de festas. — fecho meus olhos.

— Certo... — bocejo. — Tudo bem se eu dormir um pouco?

O corpo quente — embora musculoso demais — de Seth, é muito confortável. Sinto-me sonolenta demais e tudo que eu mais quero é dormir.

— Sim, Girassol, pode dormir.



Acordo sentindo Seth beijar minha bochecha. Sorrio de lado, bocejando

e coçando meus olhos. — Hora de acordar, Girassol. Tem muita comida esperando por nós dois na sala de jantar. — murmura no meu ouvido e eu dou um pulo.

Me equilíbrio nos meus pés, sorrindo mais abertamente.

— Muita comida? — pergunto, ouvindo minha barriga roncar logo depois. Seth ri, levantando-se e caminhando em minha direção.

— Você está com fome, Girassol? — retruca irônico e nem me deixa dar uma resposta, já que me pega no colo bruscamente. — Vou alimentar você.

Gargalho, abraçando-o pelo pescoço e deixando que ele nos leve até a comida. Assim que chegamos na sala, observo uma grande mesa, onde um quarto dela está cheio de comida. O cheiro agridoce das comidas ali dispostas me deixam ainda mais faminta. O que eu posso fazer se cresci e aprendi a comer de tudo um pouco? Comer é uma das melhores coisas da vida.

— Embora tudo esteja bonito, com certeza sobrará comida. O que vão fazer com tudo isso? — pergunto.

Seth se senta e me deixa sentada em cima do seu colo.

— Se sobrar alguma coisa, daremos um jeito, mas eu estou com fome pra caralho. — ele dá de ombros e eu assinto. — Podemos começar? — pergunta.

Sorrio, saindo de cima dele e me sentando ao seu lado.

— Você quer competir quem come mais? — indago e ele levanta uma sobrancelha.

— Você vai acabar passando mal e eu não quero que isso aconteça. — rebate e eu rolo os olhos.

— Que seja... Você vai perder de qualquer forma. — brinco e Seth bufa.

— Não vai ser assim que começará uma competição comigo. — afirma, seguro de si.

— Tudo bem, então...

— Mãos à obra. — sentencia e começamos a nossa refeição.

Capítulo 65

Aniversário

Seth Sawyer

Puxo Pearl para perto de mim, deixando-a no meio das minhas pernas e depositei um beijo em seu ombro direito. O corpo magro e pequeno dela já está relaxado e completamente descansado no meu, e eu gosto disso. Suavemente, deslizo minhas mãos por sua barriga, tendo um lapso de uma imagem feita em minha cabeça de Pearl grávida.

Nunca pensei em ser pai, eu certamente não presto para isso, mas se Pearl fosse a mãe do meu bebê, eu me esforçaria para conseguir amar a nossa criança.

Ela inclina o rosto e sorri em minha direção. Capturo seus lábios sem muita demora, afinal ela parece linda como sempre e totalmente irresistível.

— Vamos nadar um pouco? — pergunta, roçando a boca na minha.

— Agora? — questiono e ela afirma, pousando as mãos em cima das minhas.

— Agora. — afirma.

Pearl se levanta e eu bufo.

— Acabamos de nos sentar depois de uma longa caminhada, Girassol. — reclamo, levantando-me após ela. — Se eu soubesse que me trocava pelo mar, eu não a traria para a praia. — atiro e ela me olha desconfiada.

— O mar vai ser divertido, eu prometo. — enuncia, começando a tirar seu vestido.

Quando a ideia veio na minha cabeça, eu não pensei que teria que lidar com isso: uma ereção não desejada no meio da praia. É claro que eu trouxe Pearl no dia do seu aniversário à praia com o intuito de vê-la apenas usando um biquíni, mas eu não poderia contar com ela parecendo quente pra caralho nessas peças. Posso dizer que ela vai ficar constrangida por me ver nesse estado, mas o que fazer? Bater uma em um banheiro público? Nem fodendo.

Puxo minha camisa para fora do meu corpo e a deixo cair ao mesmo tempo que Pearl termina de retirar seu vestido e me fita. Os olhos dela me examinam e assim que ela chega na minha bermuda, ela arremessa o vestido para cima de mim e eu gargalho. Pearl vira de costas para mim e eu deixo seu vestido junto com minha camisa, indo até seu encontro.

— Se alguém chegar aqui e você continuar assim, vai ser constrangedor para você. — diz irônica, assim que eu abraço por sua cintura.

— Então você tem que me proteger desse constrangimento. — sussurro ao pé do seu ouvido, puxando-a para pressionar seu corpo contra o meu e Pearl gargalha.

Ela tenta se separar de mim e eu dou uma risada, prendendo em meus braços e tirando-a do chão. Sua risada enche meus ouvidos, enquanto ela pede para eu parar entre risos, mas eu não paro até estarmos no mar.

— Seth! — exclama, parando de rir gradativamente.

— O quê, Girassol?

Não sei como, mas consigo com a ajuda de Pearl, a deixar de frente para mim. Ela laça minha cintura, enquanto a água bate em meus pés. Ela me abraça com força, enquanto continuo caminhando e a água continua subindo

por minha perna. Esfrego minhas mãos em sua cintura, deslizando até sua bunda sorrrateiramente.

Pearl ri baixo e eu a encaro.

— Devo te soltar aqui, bebê? — pergunto e ela nega. — Você não queria o mar? — continuo e ela afirma. — Então o que há?

— A água deve estar gelada e você é quente e confortável, eu gosto de ficar assim, faz eu me sentir em casa. — confessa e arqueio uma sobrancelha. — *Tu sei la mia casa...*

— O que isso significa? — pergunto confuso, mas completamente excitado por tê-la falando em italiano comigo.

— Você é a minha casa.

— Porra, Pearl... — retruco e ela sorri abertamente, selando seus lábios em cima dos meus com força.

Aprofundo nosso beijo enquanto caminho mais e logo a água já começa a bater em Pearl, uma vez que ela interrompe nosso beijo numa risada — e quase gemido, devo acrescentar. Ela pula da minha cintura e me solta completamente. Eu a observo encarar o mar com os olhos brilhando, como se aquilo fosse algo de outro mundo.

Ela é encantadora.

De repente, Pearl vira para mim e me encara. Um sorriso irrompe em seus lábios ao mesmo tempo que um vento passa por nós e lança os cachos loiros dela para o lado. A imagem dela desse momento me lembra a imagem que eu tive sua na roda-gigante no nosso primeiro encontro. Ela parece maravilhosa e muito preciosa.

Nós dois começamos a nadar, em meio a risos e brincadeiras.

Eu tenho sorte de ter dirigido até a parte onde não tem ninguém a nossa vista, dessa forma eu posso fazer o que Pearl deixar, com ela. Essa é absolutamente a melhor parte de todo esse momento.

Agarro seu corpo e a colo junto a mim outra vez.

Seus cachos agora estão molhados e parecem pesados, devido ao comprimento de seu cabelo longo. Eu compararia Pearl à uma sereia nesse momento. Porra, ela é muito linda, e seu corpo...? Bom, esse é estupidamente perfeito.

— Estou em uma batalha entre tocar em você e não tocar. Isso está me matando, Girassol... — sussurro contra seus lábios e ela sorri.

Pearl passa sua língua entre seus lábios e eu colo nossas bocas.

— Você não pode me tocar agora, Seth. Estamos na praia, é um local público... — me repreende e eu rio contra seus lábios.

— Isso é o que você diz, linda. — retruco, deslizando minhas mãos por suas costas até chegar de cada lado da sua bunda.

Os olhos de Pearl pesam e suas bochechas esquentam violentamente. Eu adoro vê-la de bochechas coradas. Lambo seus lábios com avidez, adorando o gosto que ela te. É tão bom e viciante. — Você está gostando do seu aniversário até agora? — indago e ela assente.

— Está incrível... — ela sussurra, com a voz levemente rouca.

— Que bom.

Faço Pearl laçar minha cintura e a levo de volta para nossas toalhas. Eu a deixo sentada em cima de mim, gostando como sempre de como a pele dela é boa colada à minha.

Eu amo essa sensação.

— Você quer pegar algum sol antes de partirmos? — pergunto, certo de que já estamos aqui por pelo menos uma hora. Pearl acena positivamente e eu sorrio. — Com ou sem a marca de biquíni? — completo, observando ela sorrir incrédula ao perceber onde eu quero chegar com minhas perguntas.

— O que você sugere? — retruca.

— Bebê, você não quer saber o que eu sugiro... — a repreendo.

Pearl ri, soltando meus ombros e deixando suas mãos seguirem para a parte de trás do seu biquíni. Assim que ela o solta, eu encaro seu busto.

— Você pode me ajudar a deitar na toalha? — pergunta e eu assinto.

Com dificuldade, ajudo Pearl a se deitar e acabo fazendo o mesmo ao seu lado, mas não antes de pegar meu celular para tirar algumas fotos dela. — Você parece incrível, linda... — digo, fitando seu corpo.

— Você também parece incrível, Quarterback. — atira de volta.



Depois do meu tempo difícil com Pearl na praia, onde fiquei muito tentado a tocá-la, nós fomos para sua casa e felizmente seus pais não estavam no local. Foda-se, eu e Pearl nos beijamos pra caralho e eu toquei nela uma vez, dando-lhe um orgasmo que eu aleguei ser seu primeiro presente entre outros.

Nesse momento, estou com meus presentes de verdade no meu carro, enquanto saio do mesmo com minha mãe para fazermos nosso caminho até a pizzaria. Vejo o carro de Sculler e de Jenna estacionados, percebendo que eles já estão no local para comemorarmos com a loira depois do expediente.

Abraço minha mãe pelo seu ombro, enquanto ela fala animada sobre Pearl e o presente que ela comprou para a minha namorada. Entramos no estabelecimento e avisto Pearl sentada com Sculler, Jenna e Liam. Ela está com um ar estupidamente californiano, o que a deixa mais bonita que nunca. Suas bochechas estão bastante vermelhas pelo sol que pegamos hoje cedo e sua pele está só um pouco mais corada do que o normal, o que me faz perceber que ela é daquelas que mais fica queimada do que corada.

Jenna deve ter falado alguma coisa para ela, já que ela vira imediatamente para mim. Pearl solta um sorriso para mim e minha mãe me cutuca. — Vamos até ela, filho... — minha mãe diz, animada.

Caminhamos até a mesa onde ela está e eu deixo minha mãe tomar a frente da situação, enquanto a mesma envolve Pearl em um abraço apertado.

— Feliz aniversário, querida! — minha mãe exclama, beijando a bochecha da minha namorada, que sorri abertamente.

— Obrigada, Cassie. Fico feliz que tenha vindo. — Pearl a agradece.

— Eu não perderia a chance de participar desse momento de jeito algum. — minha mãe afirma, entregando seu presente nas mãos de Pearl. — Eu espero que goste do que comprei para você. — completa.

— Não precisava, Cassie... — Pearl sussurra, envergonhada.

— Claro que precisava! Abre, Pearl. — minha mãe diz, animada.

Pearl me fita rapidamente antes de começar a abrir seu presente. Assim que ela começa, eu cruzo meus braços, enquanto todos direcionamos nossa atenção para a minha menina. Depois de muita luta com o plástico do presente, Pearl consegue rasgar e deixar a caixa em cima da mesa. Eu a observo abrir a caixa e tirar de lá um vestido branco muito bonito. É longo e de um material que parece ser bastante macio.

— É lindo, Cassie. Muito obrigada. — ela agradece e as duas se abraçam mais uma vez.

Pearl retorna o vestido para a caixa e se vira para mim.

— Oi... — diz, baixo.

— Ah, não... Eles vão começar... — Simon diz e passa por nós reclamando, enquanto os outros dão risada.

— Girassol. — digo, segurando meu próprio riso.

— Agora ela vai falar...

— Quarterback. — Pearl retruca, cortando seu irmão.

— Feliz aniversário, linda. — seguro sua mão, puxando-a para perto de mim.

— Você já me desejou isso hoje. — replica, divertida. Na ponta dos pés, ela inclina o rosto e me beija rapidamente. — Obrigada, Seth. — sussurra.

— Por nada, bebê. — beijo sua bochecha e pigarreio.

Seguro sua mão e a puxo comigo para nos sentarmos. Minha mãe já escapou para ficar, provavelmente, com a Sra. Wyatt na cozinha, ajudando-a com as coisas. Estamos todos sentados e não demora muito para Spencer e Simon se juntarem ao grupo. Começamos a conversar sobre qualquer tópico aleatório, que eu prefiro ficar de fora na maioria do tempo apenas para observar minha namorada.

E é dessa forma que a noite se passa. Eventualmente, Simon e Spencer iam servir algumas mesas. Eu não deixei Pearl fazer o mesmo e ela até tentou discutir comigo sobre isso, mas Spencer esteve do meu lado e obrigou sua amiga a ficar sentada, dizendo-lhe que não tinha problema em fazer tudo com

Simon.

Nesse momento, Pearl está partindo seu bolo de aniversário que sua mãe fez com Spencer. Todos já cantamos parabéns e ela já recebeu os presentes que tinha que receber, o que me dá sinal verde para dar-lhe meus presentes. Ela entrega o primeiro pedaço para os pais, encarando-me com um olhar de pesar, o que me faz rir baixo e Simon gargalhar.

Todos começam a se servir e assim que Pearl está na minha frente com dois pedaços de bolo, eu beijo seus lábios e puxo os pratos de sua mão. — O que foi? — ela pergunta.

— Eu vou te dar seus presentes agora... — afirmo.

— Finalmente! — exclama, sorridente. — Vamos, vamos, vamos...

Seguro sua mão e ela me puxa por todo caminho até estarmos do lado de fora da pizzeria. — Eu não sei qual a necessidade que você viu em me dar o presente por último... — Pearl resmunga, fazendo-me rir.

— Pelo menos você vai saber agora o que eu tenho para te dar. — afirmo e ela sorri de lado.

Puxo minha chave do bolso da minha calça e destravo o carro, soltando a mão de Pearl e abrindo a porta traseira. Pego os três sacos lá de dentro e viro para minha namorada, que me encara ansiosa.

— Aqui estão eles. — digo e ela sorri mais abertamente.

— Posso abrir? — pergunta e eu aceno que sim.

Entrego-lhe o primeiro saco e ela começa a abrir, dessa vez não encontrando qualquer dificuldade com o plástico. Assim que ela termina de abrir, Pearl puxa o que está dentro, revelando meu primeiro presente para ela: um casaco de moletom amarelo.

— É lindo, Seth! — exclama, aproximando-se de mim e selando nossos lábios. — Obrigada, amor. — diz, fazendo tudo dentro de mim sacudir.

— Não me agradeça ainda. — retruco e ela revira os olhos, sem deixar de rir.

Entrego-lhe o segundo saco e ela começa a abrir enquanto eu coloco seu moletom novamente dentro do primeiro saco. Pearl demora um pouco para conseguir abrir esse, mas assim que ela o faz, ela tira de lá de dentro o seu segundo presente: porta-retratos com fotos nossas.

— Oh, meu Deus! Isso é lindo, Seth... eu amo essas fotos nossas. — comenta, fitando-os com apreço.

— Aqui o último. — digo, entregando-lhe um saco bem menor.

Seguro seu outro presente, enquanto ela abre o terceiro.

Fito seu rosto e observo quando ela muda de expressão ao ver meu último presente: um colar. É um colar caro de ouro, mas ela não precisa saber quanto custa. É o melhor colar que achei na loja onde estive hoje depois que saí de sua casa e com certeza valerá à pena vê-la usar essa joia. Pearl ficará estonteante, mais do que já claramente é.

— Deus... — sussurra.

— Você gostou? — pergunto e ela me encara.

— É lindo demais, Seth... — continua, usando o mesmo tom, enquanto me fita completamente incrédula.

Fecho a distância entre nós e seguro sua cintura com minha mão livre. — De nada, Girassol. — finalmente digo e ela sorri fraco.

— Obrigada, obrigada, obrigada... — diz, beijando-me repetidas vezes. — Todos os presentes são lindos, eu não sei como agradecer.

— Eu sei como... — joga e ela arqueia uma sobrancelha.

— Como?

— Me beijando, Pearl. Isso é o suficiente. — afirmo.

Ela morde o lábio inferior e em seguida começa um beijo comigo. Sua língua é rápida em pedir passagem para a minha, e logo estamos trocando um beijo profundo e longo, mas calmo. Aproveito tudo que Pearl tem para me dar nesse beijo e quando ela tem o suficiente, separa nossos lábios e encosta a testa em meu ombro.

— Eu amo você. — ela diz, baixo.

— Eu amo você pra caralho. — retruco, ouvindo sua risada.

Capítulo 66

E-mail

Seth Sawyer

Meses mais tarde...

Observo Pearl se aproximar de mim enquanto conversa com Jenna. Não consigo acreditar que estamos juntos há quase nove meses. Quer dizer, em três dias é o meu aniversário, em menos de um mês nos formaremos e “adeus escola”, em menos de um mês a aposta chega ao fim — e eu ainda não consegui cumpri-la. Dizer que a puta da Macy está insuportavelmente no meu pé é até um elogio. Ela não me deixa em paz, e com Chace e Vance juntos com ela nessa merda torna tudo ainda mais escroto.

Não, em nenhum momento eu pensei em contar para Pearl. Toda vez que eu tentei, falhei. É estúpido, mas que se foda. Eu tenho a esperança de que tudo vai dar certo e ela não saberá de nada, nunca. É nisso que eu tenho fé.

— Tchau, Jen. — Pearl diz e abraça a outra garota.

— Tchau, linda. Nos vemos amanhã. — Jenna retruca e acena para mim, que apenas aceno de volta.

Pearl finalmente me fita, sorrindo abertamente e pulando para frente para fechar a distância entre nós. Abraçando-a com força pela cintura, selo nossos lábios rapidamente e encosto minha testa na sua.

— Você quer fazer alguma coisa hoje à tarde? — pergunto e ela balança a cabeça negativamente.

— Eu vou sair com o Simon hoje... Você sabe, ele ficou animado pois finalmente nossos pais o ajudaram a comprar um carro. É um grande feito. — ela diz, fechando os olhos. — Você quer ir até Los Angeles conosco? Spencer também vai e Simon nem mais se irrita com sua presença.

— Ele finalmente me aceitou. — sentencio, sem saber se isso é bom ou ruim.

Pearl ri baixo e volta a me fitar. — Você vai ou não? — pergunta, tentando soar impaciente, mas não consegue.

— Eu vou, Girassol. — rebato e ela afasta o rosto do meu.

— Mas você vai ter que ficar com o Simon por algum tempo. Eu não quero que veja o que vou comprar pra você. — avisa e eu gargalho

— Ainda está ressentida porque eu não a deixei ver seu presente antes da hora quando foi sua vez? — questiono.

Ela afirma, rolando os olhos seguidamente.

— Você só deu meu presente depois que todos os fizeram, e tudo isso porque queria ser inesquecível. — ela diz emburrada.

— Você tem que admitir que foi um presente inesquecível. — jogo de volta.

Ela acena, abraçando-me pelo pescoço. — Eu durmo quase todos os dias com aquele moletom e vejo nossas fotos sempre que acordo e sempre que estou para adormecer. — ela afirma e eu não consigo evitar, mas começo a me sentir estupidamente presunçoso.

— E o colar que eu te dei? Você o usou apenas um par de vezes.

— Estou guardando para uma ocasião mais especial. — completa, sorrindo de lado.

Troco de lugar com Pearl e a empurro contra a porta do meu carro, pouco me importando se ainda estamos no estacionamento da escola ou se tem pessoas nos encarando.

— Você está me provocando? — cerro meus olhos e me aproximo para beijar a ponta da sua orelha. — Muito me admira a linda e inocente Pearl Wyatt provocando Seth Sawyer. — inspiro o seu cheiro, intrigado sobre como diabos ela consegue sempre cheirar tão bem.

— E você não gosta? — retruca, agora segurando meus ombros com força.

— Na verdade, eu amo. — rosno.

Escuto alguém pigarrear e viro o rosto para o lado, achando Simon de braços cruzados com uma expressão de tédio.

— Não é por que eu parei de encher seu saco que eu quero ver você agarrar minha irmã, cara. Não leve isso como pessoal, seria nojento vê-la dessa forma com qualquer um. — ele resmunga e Pearl ri baixo, empurrando-me levemente. — Podemos ir?

— Sim, podemos, mas vamos pegar Spencer antes de seguirmos para casa. — Pearl diz e eu bufo. — Vamos, vamos! — agora ela exclama.

Entramos no carro e a maior parte do tempo eu fiquei conversando com Simon sobre os jogos finais, pois esse é nosso único assunto em comum e, claro, ele está apenas sociável comigo. Não somos melhores amigos, apenas convivemos bem.



Estamos em Los Angeles há pelo menos duas horas. Eu e Simon continuamos conversando sobre futebol, enquanto Spencer e Pearl rodam por algumas lojas do centro da cidade. Depois que chegamos na casa dos Wyatt, deixei meu carro estacionado e todos mudamos para o carro de Simon. A parte boa de não ser o motorista, é que pude passar todo o caminho conversando e abraçando Pearl, enquanto ríamos do seu irmão que estava completamente pomposo atrás do volante e Spencer que não perdia qualquer chance de irritá-lo.

Bocejo, jogando-me no banco de uma das lojas que elas acabaram de entrar e escuto Simon fazer o mesmo. — É um saco fazer compras, e um saco ainda maior quando você não está realmente fazendo compras. — ele resmunga e bufa ao meu lado.

— Deveria estar acostumado, uma vez que tem duas mulheres na sua família. — respondo e ele bufa outra vez.

— Em Wimberley não costumávamos fazer compras assim. — ele afirma e eu abro meus olhos, encarando a rua movimentada logo ao meu lado.

— Como era a vida de vocês lá em Wimberley? — pergunto curioso. — Tem alguma ideia do porquê da Pearl ser tão... inocente? — eu o encaro.

Simon ri, sacudindo a cabeça.

— Pensei que já tivesse tirado suas próprias conclusões ou ao menos perguntado à ela... — ele provoca. — Nossa cidade era como um ovo, cara. Embora nossos pais nunca deixaram nada faltar para nós, por alguns anos ficamos sem acesso à televisão e mais tarde, sem acesso à internet.

— Aquele tempo era a explosão da tecnologia, computadores... — reflito.

— Sim, eu lembro. Quando o primeiro computador chegou à nossa cidade, eu implorei para o garoto da minha sala me levar para a sua casa e lá eu vi o primeiro vídeo pornô da minha vida, e eu tinha provavelmente oito anos. — Simon gargalha, mas logo para de rir. — Enquanto isso, Pearl era protegida à todo custo por meu pai. Ela gastava a maioria do tempo dela lendo livros no nosso quintal, cuidando de gatos abandonados pela rua que morávamos, assistindo filmes da Disney, costurando panos para fazer seu vestido branco de princesa e sonhando com a merda do Príncipe Encantado.

— E os garotos da escola dela? — continuo.

— Eu nem me preocupava em espantá-los de perto dela. Nenhum deles se atrevia a chegar perto da Pearl por muitos motivos, entre eles, a sua inocência. Essa proteção em torno dela e sua crença cega em romances a deixou doce e inocente. Não lembro de alguma vez ter visto a Pearl ser má com alguém ou de desconfiar das pessoas. Meus tios e primos da Itália costumavam dizer sempre que viajávamos para lá que Pearl é *“troppo bello per essere vero”*. — franzo o cenho e ele ri novamente. — *Boa demais para ser verdade*, e eu concordo. Você pode não ter noção do que tem com você, mas ela é preciosa demais, boa demais. Talvez o assuste o fato dela ser muito inocente, mas eventualmente ela deixará de ser, pelo menos na maior parte do tempo. Eu rezo para que isso aconteça. — completa.

Pearl se aproxima, rindo com Spencer e correndo em minha direção.

— Você não vai acreditar no presente de aniversário que a Spencer comprou para você! — ela exclama antes de me alcançar e eu me levanto, abraçando-a pela cintura assim que ela para na minha frente.

— Não conte para ele, estraga prazeres. — Spencer atira e Pearl gargalha.

— Está na cara que é alguma palhaçada, assim como ela. — Simon

enuncia e Spencer o acerta com a sacola que está segurando. — Tão madura, Cherry.

Sáímos da loja com Spencer socando Simon, enquanto eu gargalho com Pearl. Fazemos nosso caminho de volta para o carro e Pearl aperta minha mão.

— Você vai amar o presente que comprei para você. — ela sentencia e eu a encaro.

— Tenho certeza que vou. — pisco para ela.



Termino de vestir minha camiseta e coloco meu celular no bolso da frente do jeans que eu estou usando. Depois que voltamos de Los Angeles, eu tive que vir para casa pois minha mãe teria que fazer uma viagem de última hora para me representar nos negócios da família. Eu a ajudei com as coisas que ela precisava e pouco tempo depois dela ter partido para o aeroporto, recebi uma mensagem de Vance dizendo que ele e Macy passariam aqui perto das sete da noite. Ponderei em mandar um “*vai se foder*” para ele, mas pensei e confirmei. Essa será minha última chance de tentar convencê-los a esquecer essa aposta.

A campainha toca, eu saio do meu quarto e desço as escadas, indo direto até a porta. Ainda bem que minha mãe não está aqui, ou eu tenho certeza que ela acabaria descobrindo tudo.

Abro a porta e dou de cara com uma Macy sorridente e um Vance com uma mochila nas costas. Rolo meus olhos, dando espaço para eles entrarem e Macy o faz, não perdendo a chance de se esfregar em mim.

— Então, Seth... Nada? — ela começa, sentando-se no sofá vulgarmente.

— Quanto você quer para esquecer essa merda de aposta? Quanto vocês dois querem? — pergunto, sendo o mais direto possível.

— Ah, Seth, baby. Não quero dinheiro, você sabe, eu tenho um monte dele. — Macy sorri maliciosamente. — Você tem menos de um mês para cumprir com a aposta.

Respiro fundo, lembrando de todas as coisas que minha terapeuta me orientou a fazer quando eu ficasse nervoso. Passo minha mão por meu rosto e me sento na mesa de centro, em frente à Macy.

— Eu posso até transar com a Pearl, mas você nunca terá uma prova. Eu amo aquela garota e não importa o que você diga, eu já não estou disposto a machucá-la há um bom tempo. — rosno e ela se inclina em minha direção.

— Seth Sawyer está amando? — diz, ainda com seu sorriso malicioso, mas com os olhos brilhando com raiva.

— Sim. — bufo.

— Eu desejo toda felicidade do mundo para você e a caipira. — pisca para mim e eu volto a respirar fundo.

Eu daria tudo para Macy ser homem. Dessa forma eu poderia quebrar sua cara, mas infelizmente, ela é mulher. — Cara, eu posso usar o banheiro? — Vance pergunta e eu o fito, irritado como o inferno.

— O banheiro, apenas e somente o banheiro. — respondo entre dentes.

— *Me solta, Chace.* — escuto a voz de Pearl do lado de fora da minha casa e dou um pulo.

Ela está aqui?

— Parece que temos mais pessoas para a nossa reunião. — Macy cantarola, vindo atrás de mim.

Abro a porta outra vez e dou de cara com a Pearl, que está com seu braço sendo segurado por Chace. Os dois me encaram e eu percebo o sorriso que ele envia para Macy.

— Girassol. — murmuro e ela puxa seu braço do toque de Chace, aproximando-se de mim.

— Oi, lindinha, tudo bem? — Macy exclama e eu a ignoro, assim como Pearl também o faz.

— Recebi um *e-mail* que tinha seu nome, ele falava que você precisava de mim e eu pedi para Simon me trazer aqui. Está tudo bem? — ela sussurra e eu assinto, abraçando-a em forma protetora e lançando um olhar irritado para os dois idiotas. — O que ela está fazendo aqui? — completa e eu volto a fitá-la.

— Ela apenas apareceu. — retruco, simples.

— Ah, não minta para sua namorada, Sawyer. — Chace diz e eu o encaro. — Fale a verdade para ela.

— Essa é a verdade, filho da p...

— Seth. — Pearl me interrompe e eu controlo a raiva dentro de mim que está sendo provocada por Macy e Chace.

— Vamos, Seth. Diga à Pearl o que Macy estava fazendo aí dentro com você. *Aposto* que é uma história incrível a ser contada. — ele continua, sorrindo abertamente.

— Ele não quer contar, Chace, pare de pressioná-lo. Mas deixa, que eu vou contar... — Macy rebate.

— Eu não quero escutar. — Pearl sentencia, incomodada com ele dois.

— Lindinha, tenho certeza que você vai gostar de saber o que eu tenho...

— Não me chame de lindinha, por favor, Macy. — Pearl corta a outra, que por um momento se surpreende.

— Conte, Seth. — Chace diz.

— Seth me chamou para pedir conselhos sobre garotas, quero dizer, uma garota apenas, e ela é você. — Macy intervém, explicando tudo como se fosse verdade. — Ele só tem olhos para você, Pearl. Não fique com ciúmes dele comigo...

— Acredite ou não, eu não estou com ciúmes de você com o Seth. Eu confio nele. — ela volta a cortar Macy.

— Confia? — Chace zomba e os dois começam a rir.

— Podemos entrar? — Pearl sussurra, virando-se para mim e me olhando em súplica.

— Não posso dizer que foi um prazer vê-los e espero que nunca mais voltem aqui. — sentencio, puxando Pearl comigo, mas Macy se coloca em nossa frente.

— Espere! — grita.

— O que você ainda quer, Macy? — questiono, impacientemente.

— Você tem planos para o seu aniversário? — pergunta, sorrindo nervosamente.

— Não é da sua conta. — bufo e Pearl aperta os braços em torno da minha cintura.

— Não, ele não tem. — Pearl diz e Macy sorri mais calma.

— Que bom! — comenta. — O pessoal da escola está planejando uma festa para você aqui mesmo em sua casa. No dia, você só precisa deixar que nós tenhamos acesso para o quintal que faremos tudo ficar pronto. Você pode nos ajudar, Pearl?

— Se Seth concordar com a festa, sim. — a loira retruca.

Encaro Macy e ela levanta uma sobrancelha em minha direção.

— Às cinco da tarde vocês podem aparecer e às oito essa merda termina. Eu não quero ter que passar a noite toda olhando para a sua cara, nem para a cara de qualquer outro idiota. — aviso.

— Perfeito. — enuncia e eu observo Vance se aproximar, finalmente recordando-me que ele estava no banheiro. — Uma boa noite para vocês, casal. — Macy completa, saindo da nossa frente.

Vance segue a garota e eu entro em casa com Pearl, nem me preocupando em vê-los partindo. Tranco a porta e finalmente a solto, deixando que Pearl caminhe livre pelo local.

— Você realmente chamou a Macy aqui? — Pearl indaga, colocando as duas mãos de cada lado da sua cintura e me fitando com os olhos semicerrados.

— Ela apareceu, Girassol. Ela e Vance. — digo e Pearl se senta no sofá. — E que *e-mail* foi esse? — pergunto de volta.

— Aqui. — diz, puxando o celular do bolso da calça jeans que ela está usando e estendendo para mim.

Pego o celular da sua mão e leio a mensagem, gravando mentalmente o endereço de *e-mail* para mandá-lo para Quinn assim que tiver tempo.

Quem diabos mandou isso para Pearl e por quê?

Capítulo 67

Ele não faria isso

Pearl Wyatt

Termino de arrumar minha mochila e pego uma sacola, colocando os presentes de Seth ali dentro com cuidado. Jenna e Spencer continuam conversando animadas, enquanto tudo dentro de mim se mexe ansiosamente. Meus pais me deixaram dormir fora, uma vez que eu estaria junto com as garotas na casa de Jenna, o que não é muito verdade. Eu estaria mentindo se não admitisse que me sinto mal por estar enganando meus pais, mas “há males que vem para o bem”, como disse Jenna. Elas vão me levar até Seth. Ele não espera que eu apareça, afinal seu aniversário é apenas amanhã ou daqui menos de cinco horas se assim posso dizer.

Estou nervosa, e não é pouco.

Minhas amigas me ajudaram a escolher as peças íntimas que vou usar essa noite. Felizmente, lembrei-me das compras que fizemos naquela loja de *lingeries* e discutimos bastante sobre qual eu deveria usar, até que decidimos que eu usaria o *vestido* longo preto. Acho que esse é o que eu menos me sinto desconfortável e definitivamente uma boa escolha.

— O que você vai dar para ele, Pearl? — Spencer indaga e Jenna sorri maliciosamente.

— Além da — ela imita o personagem de um filme que veio assistindo há semanas, gesticulando com as mãos. — *preciosa...*

Spencer gargalha e eu rolo os olhos, sentindo minhas bochechas esquentarem violentamente.

— Você é o pior *Smeagol* que eu já vi em toda minha vida! — Spencer enuncia sem parar de rir, enquanto segura a barriga.

— Que seja... — Jenna resmunga e as duas me encaram.

Sento-me na cama e as encaro.

— Eu comprei um moletom para ele, assim como ele comprou um para mim, mas o seu é do time favorito dele. Comprei também cordão daqueles que dá para colocar uma foto no medalhão e, por fim, eu escrevi uma carta para ele. — digo e elas se abraçam, fazendo-me ficar envergonhada outra vez.

— Uma carta? Isso é tão fofo! Como aquele filme, Cartas para Julieta... Eu sinto como se vocês dois fossem o Romeu e a Julieta da atualidade, só que sem a parte da tragédia e tudo mais. — Jenna ri e eu a acompanho, juntamente com Spencer.

— Você fala cada coisa. — Spencer diz, empurrando-a para o lado. — E você está pronta, anjinho? — indaga.

Aceno positivamente, levantando-me da cama e caminhando até a minha mesa para pegar o *gloss* que ganhei da mamãe.

— Eu só preciso passar um pouco disso. — respondo e abro o pequeno círculo, esfregando a ponta do meu indicador e aplicando levemente em meus lábios.

— Não estou me referindo apenas a isso, Pearl. Quero dizer, você está psicologicamente pronta para isso? — Spencer explica e eu jogo o *gloss* nas minhas coisas, virando para encarar minhas duas amigas.

— Vai doer, Pearl, mas passará. É normal sentir dor, tudo bem? Não se assuste. — Jenna avisa, levantando-se e se aproximando de mim para me abraçar. — Vai dar tudo certo, linda.

Sorrio de lado e assinto, escutando e gravando atentamente suas palavras. Ainda bem que eu tenho Jenna e Spencer comigo. Não sei o que faria sem ela duas, definitivamente não sei.

— Podemos ir? — Spencer vem até nosso encontro e assentimos. — Então vamos... A noite é uma criança para você, anjinho. — ela pisca para mim e eu não consigo evitar a risada que escapa de mim.

Pego minha mochila e Spencer me ajuda com a sacola. Assim que estamos no andar de baixo, Simon aparece, comendo um sanduíche enquanto veste apenas uma calça cinza. Ele e sua mania de andar todo tempo sem camisa. — Para onde estão indo? — ele pergunta, encostando-se na parede e fitando nós três. Simon demora um pouco mais em Spencer, mas não é novidade.

— Eu vou dormir na casa da Jenna. — respondo, tentando soar natural.

— Eu também. — Spencer me ajuda.

Simon me encara e eu não atrevo a desviar. Ele arqueia uma das sobrancelhas, terminando de comer seu sanduíche de uma só vez e apontando para nós.

— Vocês, esperem aqui. — comanda e eu rolo os olhos.

— Simon, o que você está...

— Eu disse para esperarem. — ele retruca, cortando-me.

Caminhamos até o sofá e nos sentamos. Pego meu celular e envio uma mensagem para a mamãe, avisando que já estou indo para a casa da Jenna.

— O será que ele quer? — Spencer resmunga, claramente irritada.

— Perturbar, como sempre. — Jenna diz, tão irritada quanto Spencer.

Em menos de um minuto, Simon está de volta, segurando um travesseiro e vestido com um casaco preto. Ele balança a chave do seu carro entre os dedos e eu quero não acreditar no que ele está fazendo.

— O que isso significa? — pergunto, ficando de pé e cerrando meus olhos em sua direção.

— Eu também quero participar da festa de pijama de vocês. — afirma, sorrindo de lado.

— Você só pode estar de brincadeira. — Spencer grunhe, avançando para cima de Simon, mas eu e Jenna seguramos seus braços.

— Qual o problema? Será que alguém está mentindo aqui? Não estamos todos indo para a casa da Jenna? Não há motivos para toda essa comoção, doçura. — ele pisca para minha amiga e me encara. — Você tem algum problema em me ter seguindo vocês? — Simon questiona, desafiando-me.

— Nenhum. — murmuro.

— Você não vai entrar na minha casa, Simon. É melhor fic...

— Por isso estou levando um travesseiro, linda. Não se preocupe, estarei muito bem no meu carro. Ele é bastante confortável. — meu irmão corta Jenna.

Solto um suspiro, derrotada.

Nada do que planejei vai dar certo graças a Simon e sua estúpida grande desconfiança. Balanço minha cabeça, caminhando até a porta e quando estamos entrando no carro de Jenna, Spencer me para e abraça.

— Eu vou dar um jeito nele, não se preocupe. — ela sussurra e eu assinto.

Não estou muito certa se Spencer vai conseguir me ajudar em relação a Simon, mas eu tenho alguma esperança. Viro meu rosto para o lado e fito meu irmão, que está encostado no seu carro com um sorriso de canto de boca. Ele acena para mim e eu rolo os olhos.

Simon é impossível de se lidar.

BÔNUS

Spencer Carter

Termino de arrumar meu cabelo e pisco para uma Pearl apreensiva. Ela esteve assim desde que chegamos à casa de Jenna. Simon está lá fora, parado pacientemente como se não tivesse mais nada a fazer, o que mudou todos os nossos planos para essa noite.

— Eu vou descer. — aviso, pronta para colocar nosso novo plano em ação. — Você precisa voar até a casa de Seth, Jen. — comando e ela assente. — Eu vou ocupar seu irmão, anjinho, pode ficar tranquila.

Me despeço das duas com um abraço e Jenna me acompanha até o andar de baixo. Ela abre a porta da cozinha para mim e nos encaramos.

— Boa sorte com o pirralho. — sorri de lado e eu a empurro.

— Só eu posso chamá-lo de pirralho. — aviso e Jenna ri.

— Toda possessiva...

Rolo os olhos e começo a caminhar para longe dela.

— Não estou te ouvido, Jenna. — retruco cinicamente, subindo o dedo do meio para ela.

Abraço meu corpo, apressando-me para chegar até Simon. Aqui fora está fazendo frio e eu ainda não quero congelar por estar usando apenas uma calcinha e camiseta curta. Se eu sou corajosa por sair assim? Não, eu sou confiante. Além do mais, para ter a atenção de Simon, terei que jogar baixo e estou disposta a fazer isso pela Pearl.

“*Grande sacrifício, Spencer*”, meu subconsciente zomba, mas eu o ignoro e bato na janela do carro de Simon. Observo ele abrir os olhos calmamente e assim que me fita, arregala os mesmos, mas se recompõe em seguida.

Dou a volta no carro e ele abre a porta para mim, deixando que eu entre e bata a porta. Felizmente seu carro está aquecido, ou será que eu me sinto assim por estar perto dele? Não, não... Com certeza o aquecedor está ligado.

— O que diabos você está fazendo aqui e, para completar, vestida assim? — ele cospe assim que nos encaramos.

Sorrio de lado e tento me aproximar para beijá-lo, mas Simon recua. — Eu vim te ver, pirralho. — sussurro, alargando meu sorriso e ele cerra os olhos em minha direção.

— Eu totalmente acredito em você. — responde, irônico. — O que Pearl está querendo fazer? Minha irmã é uma merda de mentirosa. — exige uma resposta.

— Nada, nós realmente estamos em uma festa de pijamas nesse exato momento...

— Você também é uma merda de mentirosa, Spencer. — Simon me corta, rolando seus olhos. — O que você realmente veio fazer aqui?

Dou de ombros, cruzando meus braços e afundando no banco de couro. Odeio ser pega nas minhas mentiras, principalmente quando Simon é quem o faz.

— É suposto que eu distraia você para a Pearl sair... — confesso.

— Sair para onde?

— Para a casa do Seth, com a Jenna. — continuo.

— Pequena atrevida do caralho. — ele rosna, irritado. — Eu sabia que era isso que ela estava vindo fazer. — bufa.

— Se sabia, por que não facilitou as coisas? Poderia ter ficado em casa e poupado toda essa comoção. — atiro de volta.

— Você está falando sério? E deixar ela ir para se machucar com o Quarterback?

— Ela está indo para tudo, Simon, menos se machucar. — afirmo, encarando-o outra vez. — Deixe-a, por favor. — peço.

Ele balança a cabeça, incrédulo.

— Se ela se machucar, porra, *eu vou culpar você*. — avisa e eu dou de ombros. — Agora continue com seu plano e me distraia.

Ele afasta um pouco o banco para trás e torço o canto da boca. — Pearl está me devendo uma. — sussurro, aproximando meu rosto do de Simon.

Antes que eu o alcance, ele segura meu cabelo e inclina minha cabeça para trás. Sua respiração bate em meu pescoço e ele beija suavemente, fazendo uma trilha até minha orelha. Tento me esquivar, mas ele é mais rápido e firme que eu.

— Quem diria que a Srta. Carter seria tão sensível ao Pirralho Wyatt. — ele me provoca e eu dou uma risada.

— Vou me vingar de você, Simon. — resmungo e posso sentir a curva do seu sorriso em minha pele. — Agora dirija para longe daqui, sua irmã precisa sair com a certeza de que você não sabe de nada e de que eu consegui cumprir nosso plano. — comando.

Ele afasta o rosto da minha pele e nos encaramos. Surpreendentemente um arrepio corre por todo meu corpo. Embora eu pense que nunca

passaremos do que atualmente temos, eu gosto de Simon. Ele me irrita na maioria das vezes com suas provocações exacerbadas, mas na menor parte do tempo ele consegue fazer eu sentir tantas coisas boas que parece ser impossível de acreditar, levando em consideração a pessoa de quem estou falando.

Não é todo mundo que tem a parte amável do Simon. Ele sempre está por aí, irritando e assustando as pessoas, mesmo sua irmã. Eu sei que ele quer protegê-la, mas ela quer viver.

Espero que tudo dê certo para minha amiga.

— Vamos... — ele resmunga, jogando seu travesseiro em mim e se endireitando no banco.

Deixo o travesseiro no meu colo, que felizmente cobre minhas pernas, e viro para fitá-lo. — Para onde nós estamos indo? — pergunto, franzindo o cenho enquanto sinto meu estômago dar voltas.

Santos genes abençoados esses da Pearl e do Simon.

Eu amo o cabelo loiro desse garoto.

— Estamos indo para casa. — ele retruca e eu balanço minha cabeça.

— Você acha mesmo que alguma coisa vai acontecer entre nós dois debaixo do teto dos seus pais? O que você acha que eles vão pensar de mim? — questiono.

— Quem disse que eles precisam saber que a funcionária deles está transando com seu filho mais novo? — joga de volta e eu arregalo os olhos.

E se...

— Você deveria ter visto sua cara. — ele dá uma risada, cortando meus pensamentos. — Embora eu esteja falando sério, você sabe...

— Estúpido. — rosno.

— Eu gosto quando você fica agressiva, mas use isso apenas na cama. Eu não posso dirigir e me proteger da sua fúria ao mesmo tempo.

— Me arrependo de ter transado com você, seu idiota. — acerto-o com um tapa no braço e ele para no sinal vermelho, virando-se para me encarar.

— Talvez você sim, mas sua boc...

Acerto seu braço outra vez e ele ri mais alto. Sinto minhas bochechas esquentarem e cruzo meus braços, na defensiva.

— Quem fala o que quer, escuta o que não quer. — Simon cantarola.

Capítulo 68

Divina

Seth Sawyer

Levanto da cama, andando de um lado para o outro no meu quarto. Minha barriga ronca, pois ainda não comi nada realmente bom hoje. Dispensei todos os empregados e minha mãe ainda está viajando, então estou vivendo basicamente de porcarias industrializadas.

Escuto um *blip* distante e procuro meu celular. Acho o aparelho entre os lençóis, mas não há nada, nenhuma notificação. Caminho pelo quarto e quando escuto o som outra vez, ele vem seguido de buzinas que atravessam o ambiente pela sacada aberta.

Jogo a cortina para o lado e vejo um carro estacionado, percebendo em seguida quem sai dele.

Pearl e Jenna.

O que elas estão fazendo aqui?

— Desce aqui, Quarterback! — Jenna grita, acenando para mim.

Encaro Pearl, franzindo o cenho assim que nossos olhares cruzam.

Volto para dentro do quarto e faço meu caminho até a porta, esbarrando na mesa do meu computador e escuto algumas coisas caírem, mas não paro. Desço e assim que destranco a porta, dou de cara com as duas.

— Você está entregue agora, linda. — Jenna empurra Pearl e me encara. — Boa noite, casal. Preciso voar para casa antes que o pirralho volte

com a Spencer.

A amiga de Pearl sai correndo e volto minha atenção para a loira.

— Oi. — ela sussurra, ficando na ponta dos pés e selando nossos lábios. — Tudo bem? — indaga.

Pego a sacola que ela está segurando e puxo ela para dentro, batendo e trancando a porta atrás de nós dois.

— O que você está fazendo aqui, Girassol? — questiono, fitando seus lábios que parecem mais avermelhados que o normal.

— Eu... *Uh...* Eu vim dormir com você. — sussurra e eu arqueio uma sobrancelha.

— Dormir? — retruco, tentando entender o que ela realmente quer dizer para mim.

— Sim, dormir. — afirma, assentindo seguidamente com a cabeça como se isso comprovasse mais ainda sua fala.

— Tudo bem. — puxo a sua mochila das suas costas e beijo o topo da sua cabeça. — Você está com fome? — indago, caminhando até o sofá e deixando suas coisas ali em cima.

— Não muita... — sussurra e eu me aproximo novamente dela.

— Eu não tenho comida boa, você sabe, minha mãe está fora e eu sou uma merda na cozinha. Podemos comer alguma porcaria na cozinha. — ofereço e Pearl sorri, tomando a frente e virando o rosto para mim.

— Eu vou cozinhar para você. — sentencio e eu acabo sorrindo de volta.

— Vá em frente então, estou ansioso para provar do seu tempero, Girassol. — murmuro, observando ela virar o rosto para frente e deixando

meu olhar descer para seguir o balançar do seu quadril.

Assim que nós entramos na cozinha, Pearl tem a liberdade total de conseguir o que ela quer. Ela já está acostumada com o local, uma vez que o que ela mais faz quando vem para cá, é cozinhar com a minha mãe. Sento-me no banco e apoio meus cotovelos ali no balcão à minha frente, observando cada passo seu. Não sei o que Pearl está tentando fazer, não sei como ela convenceu seus pais a deixá-la dormir aqui, mas é bom. Sempre é bom tê-la comigo, e não vai ser agora que eu vou achar mil e um motivos para levá-la de volta para sua casa. Não quero que ela vá embora, não mesmo.

— O que você quer comer? — Pearl pergunta, tirando-me do meu devaneio.

— Você pode fazer qualquer coisa que eu vou comer. — retruco e ela assente. — Precisa de ajuda? — tento e ela ri, negando.

— Fique bem quieto aí, não queremos nenhum acidente doméstico a uma hora dessa na noite. — comenta divertida e eu reviro meus olhos.

— Não me subestime.

Pearl para com o que está fazendo e me encara.

— Eu o subestimei uma vez e você quis me mostrar o contrário, mas lembra como as coisas acabaram de um jeito ruim? — atira de volta e eu balanço minha cabeça.

— Foi só um dedo cortado, Pearl, e se você quer saber o porquê daquilo ter acontecido, foi por eu estar olhando suas lindas pernas. — admito e ela arregala os olhos, arremessando o pano de prato em suas mãos para cima de mim.

— Não acredito que você estava me espionando. — reclama e eu gargalho, jogando o pano para o lado.

— Não se chama espionar quando você mesma estava fazendo movimentos que me davam uma visão perfeita das suas pernas, e eu devo dizer, bunda também. — dou de ombros.

As bochechas de Pearl queimam e todo seu rosto parece ter acabado de entrar em colapso, já que ela está muito vermelha. Levanto-me e vou até seu encontro, abraçando seu corpo por trás e aproveitando para sentir seu cheiro delicioso.

— Não precisa ficar assim, eu acho que estava apenas um pouco tarado demais naquele dia. Agora, vejamos, eu já vi tudo que você tem aqui debaixo desse vestido vermelho. — murmuro, beijando o lóbulo de sua orelha esquerda.

— Você pode guardar isso só para você? Não é como se eu quisesse que o mundo todo soubesse disso. — Pearl sussurra de volta entre uma respiração e outra.

— Quem liga para o mundo todo se o meu está logo aqui, em meus braços? — rebato e escuto sua risada.

— Boa jogada, Quarterback. Agora eu preciso fazer a nossa comida, senão nós nunca vamos sair daqui. — ela finaliza e eu solto seu corpo, voltando para o meu lugar e deixando ela livre de mim pelo menos por enquanto.



Agora, depois do nosso jantar, eu bocejo e me jogo na minha cama depois de desligar a luz. Pearl fez algum tipo de salada italiana com bife que eu preciso admitir mais outra vez, estava estupidamente incrível. Eu devo ter

repetido isso algumas dezenas de vezes para Pearl, mas não me canso de dizer. Ela realmente sabe cozinhar e não apenas fazer pizza, o que é bom, pelo menos assim eu acho.

— Vamos logo, Pearl, você não está indo para uma festa. Vamos dormir, linda. — reclamo por conta da sua demora dentro do banheiro

Depois que subimos, trouxe suas coisas conosco e as deixei em cima da mesa. Assim que ela teve a chance, Pearl escapou de mim com sua mochila e correu para o meu banheiro.

Desde então ela está lá.

— Eu já vou sair. — exclama de volta e eu bufo, arrastando-me pela cama até enfiar a cara em um dos travesseiros.

Maldita demora.

Escuto o *blip* outra vez e sento-me imediatamente na cama. Nesse exato momento, Pearl abre a porta do banheiro e puxa toda minha atenção para si. Que porra... Puta que pariu... Eu não estou, quer dizer, eu estou... alucinando?

— Isso é real? — resmungo, ficando de pé diante sua imagem.

Encaro seu corpo, coberto por um tecido preto que estranhamente combina com ela. As alças finas do vestido e o decote a deixam sexy pra caralho. A fenda no tecido em sua perna esquerda também é mais do que perfeita. Ela parece divina.

— Você vai dormir com isso? Eu não vou conseguir dormir perto de você. — atiro, dando um passo para trás e ela me acompanha, dando um passo para frente.

— Não vamos dormir... *ainda*.

Capítulo 69

Céus...

Pearl Wyatt

— O que você está fazendo, Pearl? — Seth indaga, recuando mais uma vez.

— Por que você está se afastando? — retruco, aproximando-me outra vez com a testa franzida. — Você...

Será que ele não me... *quer*?

— Pearl, é como se eu estivesse vendo um... um... um anjo! — enuncia exasperadamente, cortando minha fala. — Você não pode fazer isso comigo, nem com você, Girassol.

— Você não quer me tocar? — sussurro, observando-o respirar fundo. Isso é tudo. Viro de costas, mordendo meu lábio inferior. Eu não devia ter vindo. Seth, sem dúvida alguma, não me quer. — Me desculpe, e-eu...

Assim que eu dou o primeiro passo para voltar ao banheiro, escuto o arrastar de pé de Seth e logo ele passa seu braço direito por minha cintura, trazendo meu corpo junto ao seu.

— Eu quero tocar em você, Pearl. Você quer que te eu toque? Você vai deixar eu te tocar? — afasta meu cabelo do caminho e beija meu ombro. — Me diga o que fazer com você. — pede.

— Eu... Eu estou pronta. — volto a sussurrar, virando meu corpo para

ele. — Eu estou pronta. — repito, fitando-o de forma intensa.

— Você tem certeza?

Aceno positivamente.

— Por favor. — apelo.

Seth segura as alças do vestido que eu estou usando e as empurra para baixo, observando a peça deslizar sem dificuldade para fora do meu corpo. Não sei se por qual motivo ele está me olhando tão intensamente, mas arrisco dizer que é por causa de eu não usar nenhuma peça íntima.

— Você parece especialmente mais bonita essa noite. — rosna e eu suspiro sofregamente. — Isso tudo é para mim? — completa.

— Sim. — resmungo.

— Você é minha? Diga que é minha, por favor. Diga que é minha essa noite. — comanda, com seu dedo traçando a ponta do meu seio direito. — Eu sou seu. — sentencia.

— Eu sou sua, sempre. — retruco.

Suas mãos descem, tocando suavemente meu corpo, como se ele estivesse com medo de me machucar. Assim que Seth chega até minhas coxas, ele me segura firme e me puxa para cima de uma só vez. Reprimos um grito que ameaça escapar por minha boca e seguro seus ombros, um pouco assustada com esse movimento. Nossos torsos descobertos se tocam e eu perco a respiração por um segundo.

— Você tem realmente certeza disso? — grunhe, caminhando comigo em seus braços até a cama.

— Pare de perguntar. — enuncio entre dentes. — Se eu estou aqui, é porque estou certa, mais certa que nunca.

Nos encaramos, ambos conectados um com o outro de forma que nunca imaginei que poderia ser possível, por mais que eu o ame. Seth precisa de mim. Ele está necessitado, mas paciente. Se eu pedir para ele parar, assim ele fará, mas eu não quero que ele pare. Não até que sejamos um só.

— Você está tão linda, meu amor. — enuncia, deitando-me no meio da sua cama e esgueirando seu corpo sobre o meu.

Sorrio, levantando cada ponta da minha boca só um pouquinho. Diferente das outras vezes, onde eu fiquei mais tensa do que aproveitei, eu deixo que todo medo e preocupação se esvaia de mim. Confio em Seth para me conduzir em cada toque, por cada sensação.

— Beije-me. — sussurro, segurando sua nuca e tentando trazê-lo para perto de mim.

Ele obedece, fazendo exatamente o que eu peço. Nosso beijo começa calmo, mas Seth trata de mudar isso. Sua língua desliza para dentro da minha boca e ele logo está apoiado em apenas um dos braços, assim podendo o usar o outro para me tocar, e assim ele o faz.

Sua mão livre segura um dos meus seios, conseguindo tê-lo ali, em sua palma áspera. Ele brinca, indo e vindo, deixando-me completamente ofegante. Interrompo nosso beijo, mas ele não separa a boca de mim. Distribuindo beijos por todo meu pescoço, ele continua caminho abaixo, mordendo e chupando toda pele que está ao seu alcance. Não sei em qual das coisas eu foco: sua mão ou sua boca. O que ele faz com as duas é deliciosamente bom, eu não consigo escolher. Meu corpo está coberto pelo seu, ao passo de que um calor abrasador começa a subir da ponta dos meus pés até meu rosto. Minhas bochechas queimam, pois Seth acabou de colocar

sua boca em meu seio.

— Eu amo isso. — grunhe, mordendo a ponta e me deixando sobressaltada. — Shhh, linda, está tudo bem. — ele lambe.

Puxo meu lábio inferior entre os dentes, espremendo meus olhos. O ponto no meio das minhas pernas lateja, e eu tenho que esfregá-las e apertá-las juntas para ter algum alívio, mas nada acontece. A avalanche de sensações que Seth produz em mim com cada toque seu deixa-me extasiada.

— Eu quero tanto você, Pearl. — ele murmura, voltando para beijar meus lábios. Abro meus olhos e o encaro, observando o olhar faminto que ele me dá. Desejo escorre por seus olhos. — Eu amo você.

Suspiro, levando minha mão direita até os fios escuros do seu cabelo. — Eu amo você, Quarterback, mas amo ainda mais o Seth Sawyer. — retruco.

Ele sorri de lado, presunçoso.

— Bom, bebê, muito bom. — atira.

Seth recomeça seus beijos, agora indo direto até minha intimidade. Ele beija minha barriga inúmeras vezes, descendo pelo osso do meu quadril e lambendo o mesmo. Arqueio as costas, tentando alcançá-lo para impedi-lo de continuar, mas Seth não me deixa tocá-lo. Ele segura minhas pernas e as abre, espalhando-as sobre a cama. Quero voltar a fechá-las, mas esqueço da minha vergonha e permaneço parada, esperando seu próximo movimento ansiosamente.

Seth faz tudo perfeitamente e maravilhosamente bem, assim como sempre fez. Ele lambe, provocando-me até a ponta do precipício. Assim que ele para, controlo o balançar dos meus quadris e prendo a respiração, sentindo-o sondar a minha *entrada*. Abro meus olhos, levantando a cabeça

para fitá-lo, já encontrando-o me olhando de volta.

— Você continua certa sobre isso? — indaga, deslizando a ponta do seu dedo para dentro.

Solto o ar exasperadamente, mas assinto assim que consigo raciocinar.

— Por favor. — peço.

Ele rosna.

Seth para, espalhando toda a umidade ali presente por meu sexo. Ele se levanta e vai até sua mesa, pega alguma coisa e volta até mim. Recolho minhas pernas e me sento com dificuldade.

— Agora eu quero que você me toque. — murmura, parando de pé ao lado da cama.

Procurro seus olhos e o acho suplicante. Ele quer que eu o toque. “Você pode fazer isso, Pearl”, meu subconsciente diz. Puxo meu lábio inferior outra vez entre meus dentes e assinto, levantando uma das minhas mãos e levando-a até seu abdômen definido. Seth contrai sobre a palma fria da minha mão e tremo. Ele joga um pequeno pacote ali na cama e segura minha mão.

— Não fique com medo de me tocar, Pearl. — diz, levantando meu queixo com sua outra mão. — Você pode fazer isso? — questiona incerto.

Aceno positivamente.

É claro que posso fazer isso, apenas não sei como, mas vou descobrir.

— Sim. — sussurro, tentando passar mais firmeza do que meu aceno.

— Eu vou te ajudar. — sentencia. — Toque o que você quiser. Você está no controle.

Eu odeio ficar no controle.

Engulo a seco e me aproximo mais dele, ajoelhando-me na cama para conseguir melhor acesso dos lugares por onde eu vou passar.

— Eu amo o seu corpo. — afirmo, sorrindo de lado, porque é verdade.

Seth é lindo, e seu corpo é espetacular. Sua forma física é impecável e eu adoro vê-lo sem camisa, assim como ele está nesse exato momento.

— O que eu posso dizer do seu então? — retruca irônico, sua voz mais rouca que antes.

Alcanço seu peitoral amplo e duro e levo minha outra mão até o local. Toco em Seth assim como ele me pediu, aproveitando para adorá-lo da mesma forma que ele faz comigo: beijando-o. Aproximo meu rosto da sua pele e o beijo, ouvindo-o praguejar entre dentes assim que meus lábios o tocam.

— Você será a minha ruína, Girassol. — murmura, enrolando seus dedos no meu cabelo e soltando minha outra mão.

Balanço negativamente.

— Eu não quero ser sua ruína, Seth. — respondo, beijando-o outra vez e ele volta a praguejar enquanto eu aperto seus ombros. — Eu quero ser sua salvação, talvez. Eu quero ser o que você precisa.

— Acredite em mim, você é tudo que eu preciso. — rebate.

Desço minhas mãos, passando por suas costelas assim que beijo seu abdômen definido. Seth segura minhas mãos e as desce de uma vez só até sua... até seu... Céus! Será que ele vai caber? “Pare de pensar besteira, Pearl”, minha consciência me repreende.

— Eu estive assim por meses, linda. — ele aperta as mãos sobre as minhas e eu conseqüentemente aperto sua ereção. — Porra, eu adoro suas mãos, Girassol. — grunhe.

Sinto minhas bochechas queimarem outra vez, sentindo-o um pouco mais duro em minhas mãos. Ele ficou assim por meses? Deve ter o incomodado, com certeza.

Livro uma das minhas do seu toque e seguro a barra da sua calça, e sem pedir sua permissão, começo a arrastá-la para baixo. Observo os músculos de sua barriga contraírem mais do que antes. Seth me solta completamente e eu paro imediatamente, perguntando-me se devo ou não continuar. Levanto meu rosto para encará-lo e assim que encontro seu olhar vidrado em mim, sei que devo continuar. Ele quer que eu continue e eu quero continuar.

Seguro o outro lado de sua calça e empurro para baixo. Eu consigo notar o volume e assim que chego em certa parte, respiro profundamente e abaixo o resto de uma só vez, assustando-me com seu... membro. Escuto Seth rir em meio um gemido rouco.

— Porra, Pearl, não... — eu o toco e sinto sua carne quente debaixo do meu indicador. — Foda-se...

Eu o encaro, sorrindo nervosamente, mas ainda assim, sorrindo.

— Desculpe, e-eu...

Seth segura minha mão mais uma vez, ensinando-me como eu devo fazer o que ele quer. Ele é quente, talvez um pouco demais, mas acho que eu apenas o sinto tão quente porque estou com a minha mão tremendamente gelada.

— Está bom? — indago, indo e vindo sobre sua ereção. — O que eu devo fazer? — continuo.

Escuto sua respiração alta e pesada. — Eu diria para colocar sua boca nele, mas eu seriamente não aguentaria nem um estúpido segundo. — Seth me para, empurrando-me levemente de volta para a cama. — Eu não aguento

mais. — ele se livra totalmente de sua calça, pegando o pacote que jogou em cima da cama e abrindo-o com os dentes. Fecho meus olhos, mexendo-me inquieta.

— Você está pronta para mim? — absorvo sua pergunta e assinto. O colchão afunda e logo sinto o corpo de Seth mais uma vez sobre o meu. Ele abocanha um dos meus seios e eu solto um gemido baixo. — O ideal seria você por cima...

— Não, por favor... Eu quero v-você por ci-cima. — gaguejo desesperada. — Por f-favor. — repito.

— Tudo bem, linda, tudo bem. — sussurra, beijando-me doce. Sua mão empurra minhas pernas, abrindo-as mais uma vez nessa noite. Estou finalmente nervosa. — Preciso que você relaxe tudo que puder ou irá doer mais que o necessário. — comanda e eu assinto. — Abra os olhos. — pede.

Abro meus olhos, tentando focar em Seth e pouco segundos mais tarde, eu consigo.

— É agora? Vamos fazer... sexo? — pergunto e ele grunhe.

— Amor é a única coisa que faremos essa noite. — morde meu lábio após soltar a última letra e tudo dentro de mim chacoalha. — Apenas relaxe. — volta a falar e eu assinto.

Seth abre mais amplamente minhas pernas, ficando de joelhos no meio delas. Ele toca meu clitóris novamente e eu esqueço de tudo. Agora se trata apenas de mim e dele. Juntos. Conectados. Para sempre. Isso é o que eu desejo. Fecho os olhos, suspirando e levantando meu quadril por conta dos espasmos leves que passam por mim.

Aperto os lençóis entre meus dedos, sentindo meu orgasmo ser construído pacientemente por Seth. Quando estou perto, muito perto, ele

para. Eu não reclamo. Eu sei o que está por vir. Abro meus olhos, encarando o teto escuro e puxo uma respiração rasa. Seth empurra em meu clitóris, mas agora com seu membro. Puxo meu lábio outra vez entre meus dentes, sentindo um arrepio subir por minha espinha.

— Pronto, meu amor? — ele pergunta e eu aceno positivamente. — Você é maravilhosa. — grunhe. — A mais bonita de todo esse fodido mundo. — sinto ele finalmente empurrar um pouco, uns míseros centímetros para dentro e eu arqueio as costas. Seth vem ao meu encontro e sela nossos lábios. Meu corpo todo retesa e eu nunca me senti tão tensa em toda minha vida. — Você está bem? — ele pergunta e eu suspiro.

— Est... Estou bem. — sussurro.

Seth não se move. Ele espera até eu me acostumar um pouco. Laço sua cintura com minhas pernas e eu mesmo o puxo um pouco mais para dentro de mim, arrependendo-me imediatamente.

Dói. Rasga. Estica.

Queima.

Meus olhos lacrimejam e Seth grunhe, beijando-me mais duro. Ele engole meu soluço e eu o abraço forte, precisando mais dele do que nunca. — Devagar, Pearl. Precisa ser devagar, eu não quero machucar você. — murmura sobre meus lábios. Minha respiração ofegante se mistura com a sua e ele captura meu seio com uma das mãos.

Parado no meio do caminho, Seth faz de tudo para me relaxar, esfregando a ponta dura do meu seio com seus dedos firmes que logo conseguem diminuir um pouco da minha tensão, mas a dor ainda está ali. Seus beijos descem por meu maxilar, orelha e pescoço, e involuntariamente, finco minhas unhas nas suas costas.

— Continue, p-por favor. Mas não pare, eu vou acostumar. — peço.

Com nossos olhares trancados, Seth faz o que eu lhe pedi. Ele empurra devagar, paciente, mas ainda dói. Dói mais que antes. Felizmente ele não para. Travo meu maxilar, afundando mais ainda minhas unhas em sua pele.

— Porra, me diga se algo estiver errado, Pearl. Você está com muita dor? — rosna a pergunta. Ele sai e eu choramingo, não sabendo se isso é bom ou ruim. Provavelmente estarei incomodada tanto com ele dentro, quanto com ele fora. — Merda... — pragueja quando não recebe uma resposta minha.

Com ele me preenchendo outra vez e alcançando meu clitóris com sua mão livre, eu volto a abrir minha boca apenas para gemer baixo. Muito baixo. Outra sensação vem depois do segundo toque de Seth em meu clitóris. Enterro meu rosto em seu pescoço, ouvindo seu rosnado na ponta do meu ouvido. A dor ainda está me atormentando, mas Seth lentamente torna isso suportável e um pouco prazeroso, eu diria.

Seus quadris continuam indo e vindo constantemente assim como lhe pedi. Meu corpo vai tornando-se mais leve com o passar do tempo. Minhas mãos têm mais liberdade para deslizarem sobre sua pele e Seth vai aumentando o ritmo gradativamente. Eu aprecio. Seus dedos nunca param de esfregarem meu clitóris e com toda certeza, eu aprecio mais seus dedos do que a dor latejante de ter algo tão grande dentro de mim.

— Está melhor para você? — indaga, atingindo mais profundo e eu respiro pesadamente, mas assinto. — Ficaré melhor daqui em diante. — sentencia.

E acontece exatamente o que ele disse. A dor se torna mais suportável ainda, eu me acostumo com tudo dele em mim e consigo afrouxar em torno de seu comprimento. Nossas respirações se misturam, nossos corpos deslizam

mais ainda entre si, o suor brota de nos dois. É intenso. Tudo que eu estou sentindo é intenso demais, mas posso sentir que Seth está tenso sobre mim. Seus lábios encontram os meus e nossas línguas se emaranham, brigando como nunca fizeram nenhuma vez. Ele me faz caminhar sobre uma linha tênue entre prazer e dor, e eu caminho, inclinando-me sobre o prazer.

— Vamos, Pearl, você não vai sair sem seu alívio, bebê. — joga, indo mais rápido.

Eu arqueio minhas costas, extasiada com tudo que atravessa meu corpo, mas Seth vem antes de mim. Tenho certeza que ele veio se segurando por minutos até esse exato momento. Ele empurra mais duro, ordenhando seu próprio orgasmo. Seu grunhido entre dentes me deixa quente. Eu fiz isso com ele. Eu dei isso à ele.

Seth retira tudo de mim e eu reclamo. Ele escapa dos meus braços, mas não tenho tempo para pensar corretamente, já que sua boca está lá na minha intimidade, ajudando-me de forma mais leve a derramar-me inteiramente sobre essa névoa de prazer que o quarto do meu namorado está imersa.

O que ele faz é rápido e mais intenso do que qualquer outra vez. Sua boca despudorada não me nega nada e Seth agarra meus seios de uma só vez com força. Sua língua trabalha unicamente em meu clitóris, sugando e empurrando-o incessantemente.

— Céus... — sussurro.

Balançando meus quadris em direção à sua boca, finalmente libero tudo que estava preso dentro de mim desde que começamos com esse momento. Seth empurra meu quadril de volta, dominando-me e não parando até que eu lhe implore para que o faça.

Ele se afasta e sai de cima da cama, mas não antes de beijar minha

testa.

Meu cabelo está grudado em minha pele e todo meu corpo está em chamas. O ponto no meio das minhas pernas lateja por conta de sua liberação e, agora, por conta outra vez da dor que ignorei nos últimos segundos. Puxo o lençol para me cobrir, mesmo que eu esteja extremamente quente. Meus olhos pensam e o sono começa a se apoderar do meu corpo.

Seth se deita atrás de mim, puxando-me para os seus braços fortes. Aconchego-me contra seu corpo e inspiro seu cheiro, acalmando-me logo após que faço isso.

— Já passou da meia-noite. — sussurra e eu sorrio.

Beijo seu queixo, ainda de olhos fechados e o abraço com força.

— Parabéns, amor. Feliz aniversário. — resmungo, tropeçando nas palavras, mas sei que ele entendeu.

— Melhor aniversário de toda minha vida. — sentencia antes de eu apagar totalmente.

Capítulo 70

Eu vou perdê-la?

Seth Sawyer

Bocejo preguiçosamente e abro meus olhos, incomodado pela luz que invade meu quarto pela sacada. Merda, eu esqueci-me de fechar as cortinas ontem, mas como eu me lembraria de algo tão banal quando Pearl estava no quarto comigo? Quer dizer, é impossível lembrar-se de algo quando ela está pedindo para transar comigo. Acredite, eu adiei isso por muito tempo, nunca empurrei a Pearl em qualquer momento. Ela foi a única a decidir que estava pronta.

Desvencilho meus braços do seu corpo, deixando-a na cama e observando-a se encolher, com uma expressão serena e quase que sorridente em seu rosto bonito. Seus cachos loiros estão caídos e espalhados nos lençóis pretos da minha cama, e sua pele alva se sobrepõe e contrasta com o tecido em que ela está enrolada.

Posso dizer?

Ela parece divina, angelical, de outro mundo.

Tenho vontade de pegar meu celular e tirar uma foto dela, mas se ela descobrir que eu fiz isso, tenho certeza que vai duvidar da minha sanidade mental. Mas o que posso fazer se ela está tão bonita? Balanço minha cabeça e pego minha calça do chão, vestindo-a e me ocupando antes que eu ceda às minhas vontades. Agarro meu celular e o coloco no meu bolso, indo até o banheiro e escovando meus dentes antes de descer para providenciar nosso

café-da-manhã.

Encaro-me no espelho, vendo as marcas que Pearl deixou em mim por conta da noite passada. Nada dói, pelo menos em mim, e isso me dá vontade de repetir tudo, mas sei que ela provavelmente não está bem. Jogo a escova no suporte assim que termino e saio do banheiro, passando pelo quarto e indo direto para o andar de baixo.

Saco meu celular do bolso e ligo para Quinn.

No segundo toque ele atende.

— Sr. Sawyer, bom dia. — diz, polido como sempre.

— Bom dia. — murmuro e limpo a garganta com um pigarro. — Preciso que arrume um café-da-manhã para mim e mais uma pessoa, minha namorada. Quero tudo pronto em menos de uma hora. Algumas frutas, massa, essas coisas... E, por favor, traga algum Advil também. — peço.

— Providenciarei tudo e logo estarei aí. — avisa.

Resmungo um “até logo” e finalizo a chamada. O que mais eu posso fazer para deixar a Pearl confortável? Talvez um banho de banheira? Isso está fora de cogitação, uma vez que os banheiros daqui de casa não têm banheiras. Talvez ela precise de alguma ajuda no banho? Eu com certeza a ajudaria, mas acho que isso não acabaria muito bem.

Bom, acho que vou esperar Pearl acordar e então lhe pergunto se ela precisa de alguma coisa.

Sento no sofá, passando minhas mãos por meu rosto assim que deixo o celular cair ao meu lado. Porra. Foi real. Real pra caralho. Em uma escala de zero a dez, o que eu fiz ontem com Pearl foi um milhão. Tinha tanto ao nosso redor e, ao mesmo tempo, não tinha nada. O desejo latente, a paixão descontrolada e o prazer indescritível foi tudo que nos rondou na noite

passada, o que não era uma surpresa da minha parte. Por meses esperei por isso, pela noite em que ela se tornaria minha e todas as minhas expectativas foram mais do que jogadas por terra. A maciez da sua pele, o seu cheiro, o seu gosto. Os suspiros, os gemidos, os sussurros. A conexão. Houve algo a mais — algo que construímos durante todos esses meses.

Ela pertence à mim.

Eu pertenço à ela.

É assim que tem que ser e é assim que vai ser.

Respiro fundo, sorrindo de lado sozinho.

Qual foi a última vez que eu sorri sozinho? Porra, não há uma última vez. Eu nunca fiz isso, mas pensar na Pearl me faz ficar assim: um idiota apaixonado. Não me importo em parecer idiota por ela.

Girassol.

Ela é o Girassol que girou meu mundo e eu devo agradecê-la por isso.

Se agora eu sou melhor do que o estúpido Seth Sawyer de quase um ano atrás, isso tudo é obra de Pearl Wyatt, que completamente me girou do avesso. E como diz minha avó, “nada melhor que uma mulher para mudar um homem”.

Levanto-me do sofá ao mesmo tempo em que meu celular toca. É a minha mãe. Atendo sua chamada, enquanto faço meu caminho até a cozinha.

— *Happy birthday to you, happy birthday to you...*

— Mãe...

Ela me ignora.

— *Happy birthday, little Seth... Happy birthday to you!* — exclama,

tirando uma risada minha. — Parabéns, meu amor. Queria muito poder estar aí hoje para te abraçar, beijar e mimar mais do que você já é mimado, mas infelizmente estarei voltando apenas nessa madrugada. Amanhã eu prometo que farei um *super* bolo de aniversário com sua linda namorada e iremos comemorar da forma certa.

— Obrigado, boneca. Não se incomode com isso, eu não ligo para bolos de aniversário. Talvez possamos ir comer pizza com os Wyatt, que tal? — questiono.

— Melhor ainda! — volta a exclamar. — Está tudo bem por aí? Você ainda não colocou fogo na casa tentando cozinhar, certo? Eu ainda quero ter onde morar, querido. — provoca e eu rolo os olhos.

— Está tudo bem por aqui, mãe. E sua casa ainda está do mesmo jeito de quando você saiu daqui. — afirmo e ela gargalha.

— Tudo bem, amor. Eu preciso ir agora, ligo mais tarde e te vejo amanhã. Amo você. — despede-se apressada.

— Amo você. — retruco, desligando a chamada em seguida.

Pego uma garrafa de água dentro da geladeira e subo de volta para o meu quarto. Assim que entro no local, vejo que Pearl ainda está na mesma posição em que a deixei há alguns minutos. Caminho até a sacada e fico por lá até Quinn aparecer.

Os minutos não passam, eles voam e eu agradeço por isso.

Depois de tanto observar ora Pearl, e ora a rua, vejo o Range Rover preto que Quinn usa parar atrás do meu carro. Saio em disparada, ouvindo minha barriga roncar só em saber que ele está trazendo a comida que lhe pedi. Assim que abro a porta, ele já está parado do lado de fora com três caixas grandes.

— Sr. Sawyer. — enuncia. — Eu vou pegar as bebidas. — conclui assim que eu puxo as caixas das suas mãos.

Sigo para a cozinha, deixando a porta aberta para Quinn entrar assim que terminar de pegar as coisas. Coloco as três caixas em cima do balcão e assim que me viro, Quinn está vindo com duas jarras e uma sacola nas mãos. Ele deixa as coisas logo ao lado de onde deixei as caixas e estende a sacola em minha direção.

— Aqui está o Advil que pediu. — explica e eu pego, assentindo. — A propósito, feliz aniversário. — resmunga.

— Obrigado por ter feito o que pedi e por isso. — retruco e Quinn apenas assente, retirando-se sem falar mais qualquer palavra.

Vou atrás dele e tranco a porta assim que ele volta para o carro preto. Retorno para a cozinha e passo os próximos minutos procurando onde minha mãe guarda suas bandejas. Sei que ela tem bandejas aqui em casa, pois sempre que é meu aniversário, ela costuma levar meu café na cama como uma surpresa. Isso não é mais uma surpresa desde que completei oito anos.

Acho finalmente as bandejas e pego a maior, colocando-a em cima da bancada e abrindo as caixas em seguida. Pego alguns pães, croissants, frutas. Coloco dois copos ali do lado e os encho com suco de laranja, colocando dois copos menores com leite.

Jogo meu celular dentro do meu bolso e começo meu caminho até a escada. Entro no quarto pela segunda vez só nesse dia e deixo a bandeja em cima da minha mesa e logo ao lado, a sacola com o Advil. Vou até a cama e aproximo-me de Pearl, beijando seu pescoço e obtendo uma resposta imediata. Ela se encolhe, tenta se afastar, mas eu já tenho meu espaço sobre sua pele.

— Hora de acordar, Girassol. — resmungo, beijando-a novamente.

— Que horas são? — sussurra, sua voz rouca como nunca escutei antes. Porra, adorei sua voz assim.

— Um pouco depois das dez. — informo, passeando com minha boca até o lóbulo de sua orelha. Escuto seu suspiro e sorrio. — Você se sente bem? — questiono, ficando sério imediatamente.

Suas bochechas ficam vermelhas e ela sorri abertamente.

— Meu corpo dói, mas vai passar, não vai? Você não deve se preocupar com isso, Jenna e Spencer disseram que é normal depois da primeira v...

— Eu vou pegar o remédio para dor que providenciei para você. — resmungo, nem mesmo deixando que ela continue a sua frase.

Pode ser normal para as garotas sentirem dor depois da sua primeira vez, mas eu não quero que Pearl sinta dor nunca. Foda-se, não mesmo. — Seth... — ela me chama.

— O quê? — pergunto, pegando o remédio e um copo de suco.

— Obrigada. — enuncia e eu viro para encará-la, encontrando-a sentada enrolada no lençol escuro.

Balanço minha cabeça, voltando e sentando ao seu lado. Entrego-lhe o copo e em seguida o remédio, observando-a tomar e não tirar os olhos de mim. — Estou com fome. — diz, assim que toma dois goles.

— Bom que esteja, temos comida para um batalhão. — comento e ela ri. Fico fitando Pearl até que seu sorriso se esvai por completo. — Você é o melhor presente que eu poderia ter recebido, não apenas no meu aniversário, mas em toda minha vida.

Aproximo-me e selo nossos lábios antes que ela recue.

— Eu amo você. — sussurra, passando um dos braços por meu pescoço.

— Eu amo você mais ainda. — jogo de volta, fazendo-a rir outra vez.



Termino de tomar café com Pearl e descemos, mas apenas depois dela vestir uma camisa minha e boxer. Posiciono-me atrás dela, que sorri enquanto joga um monte de coisa em uma vasilha e começa a mexer. Inalo o cheiro natural que vem dela e aperto meus braços ao redor de sua cintura fina.

— O que você está fazendo? — indago, beijando sua nuca desnuda.

Seus cachos estão presos em um coque casual, que ela fez no nosso caminho para a cozinha. Parece bonito, mesmo que tenha sido algo rápido pra caramba.

— Se chama bolo de chocolate, você deve saber o que é. — retruca, divertida. — É seu aniversário, acho que é algo que tem que ser feito e, como Cassie não está aqui, suponho que eu devo fazer. Um aniversário não é o mesmo sem um bolo.

Solto uma risada, assentindo.

— Esse discurso todo é para me comprar e fazer te dar o primeiro pedaço? — jogo com ela.

— Pensei que não perceberia. — sussurra, segurando o riso. — Estou brincando, tudo bem? Eu não quero o primeiro pedaço.

Pearl vira o rosto pra mim e eu selo nossos lábios.

— Eu te daria o primeiro pedaço mesmo que o negasse. — afirmo.

— Muito obrigada, Seth Sawyer. Sinto-me lisonjeada, querido Quarterback. — pisca para mim e volta a fitar o que ela está mexendo na vasilha.

— Você está me provocando, Girassol?

Observo-a fazer uma cara de ofendida e depois gargalha.

— Eu nunca provocaria você. — enuncia, entre risos.

Beijo sua nuca outra vez e me afasto dela, tomando um lugar em um dos bancos em frente à bancada.

— O que você quer fazer hoje? — indaga, fitando-me de volta.

— Nada. — dou de ombros.

— Macy virá mais tarde para arrumar as coisas da festa, lembra-se? — questiona e eu balanço minha cabeça positivamente.

Não gosto disso, não estou feliz, mas não posso fugir. Eu queria passar meu dia apenas com a Pearl, não com os idiotas da escola e a maior puta chantagista que já vi em toda minha vida.

— Quero ficar na cama o dia inteiro com você. — confesso e ela sorri de lado.

— Nós podemos ficar até perto das cinco. Podemos ficar assistindo algum filme no Netflix e comendo bolo de chocolate. — sugere e eu subo um dos lados da minha boca em um meio-sorriso.

— Meu conceito de Netflix é um tanto mais deturpado que o seu. — aviso e ela levanta uma das sobrancelhas, com uma interrogação imaginária

em sua testa. — Esquece, Girassol... Podemos assistir algum filme se você quiser. Basta me dizer o que quer fazer, e faremos juntos.

— Você é o aniversariante, lembra-se disso?

Reviro meus olhos.

— Sim, mas eu não me importo com isso. — resmungo.

Ela dá de ombros e continua a fazer o bolo de chocolate, enquanto eu apenas a observo.



Assim como decidimos, eu e Pearl passamos a tarde toda assistindo filmes e mais filmes no Netflix, todos de romance. No final da tarde, eu pensei que já estava enlouquecendo com tantos filmes de romance que assistimos. Da próxima vez eu com certeza colocarei algum filme de terror, porque sinceramente, eu não sei como aguentei.

Quero dizer, eu sei.

Passamos metade do tempo nos beijando e nos tocando uma vez ou outra. Isso foi o suficiente para me manter assistindo toda merda melosa que ela escolheu.

Agora, já passa das sete.

Estou com Pearl em meus braços, enquanto ela conversa com Sculler, Jenna e Liam. Observo a festa armada por Macy e minha namorada. Um *DJ* comanda a música e o vídeo que está passando no telão improvisado. O volume da música por enquanto está bem baixo, agradável. Muito agradável, se posso dizer.

De longe, vejo Macy acenar para mim, enquanto ela conversa com os caras do time. Mexo-me inquieto e Pearl se vira para me encarar. Eu quero apenas que essa festa chegue logo ao fim o mais rápido possível.

— Tudo bem? — sussurra, pousando suas mãos em cima das minhas, que estão logo em sua barriga coberta pelo vestido vermelho que ela está usando essa noite.

Vermelho.

Sua cor favorita.

— Eu quero que isso acabe logo. — retruco, encostando minha testa na dela.

Encaramo-nos por longos segundos até ela beijar-me rapidamente.

— Podemos ir lá dentro por alguns minutos? — pergunta e eu concordo imediatamente.

Tudo para ficar longe dessas pessoas.

— Nós já voltamos. — aviso meus amigos e saio com Pearl.

Atravessamos o gramado do quintal e quando estamos entrando em casa, Vance está saindo e acaba esbarrando em mim.

— Olha por onde anda. — rosno, irritado pelo simples fato de ter que olhar na cara dele nesse dia.

Ele me ignora e continua seu caminho, enquanto eu sou puxado por Pearl. Passamos pela cozinha e vamos direto para o andar de cima, onde ela me guia por todo caminho. Assim que entramos no meu quarto, ela vai até suas coisas e pega a sacola que trouxe ontem.

— Eu tenho seus presentes comigo. — ela diz, aproximando-se de mim e segurando minha mão.

Caminhamos até minha cama e nos sentamos na beirada.

— O que é? — pergunto, curioso com o que ela tem para me dar.

— Abre. — sentencia, puxando dois pacotes lá de dentro.

Um mediano e outro pequeno demais.

Abro o maior, notando que é um moletom dos Pats. Sorrio de lado, achando engraçado ela ter se lembrado de que esse é meu time favorito. Abro o papel do pequeno pacote entre meus dentes, achando um cordão dentro do mesmo.

— É bonito, Girassol. Obrigado, meu amor. — enuncio, aproximando meu rosto para selar nossos lábios.

— De nada... — retruca, com seus lábios em cima dos meus. — Eu também tenho mais um presente.

Levanto uma sobrancelha, afastando nossos rostos.

— Quer ultrapassar a quantidade de presentes que te dei? — brinco e ela sorri, com as bochechas coradas.

— É uma carta. — explica e eu deixo as outras coisas em cima da cama. — Escrevi uma carta pra você, mas quero que leia apenas quando eu for embora com Simon, tudo bem?

Bufo, mas assinto.

Quero saber o que ela escreveu para mim.

— Onde está? — indago.

— Na gaveta da sua mesa. — aponta com a cabeça para a minha mesa. Tenho vontade de me levantar e pegar a carta, mas sei que ela vai ficar chateada. — Vamos descer agora. — comanda, puxando-me consigo.

Merda.

Entramos no corredor outra vez e eu a empurro contra a parede, pegando-a de surpresa.

— Quero um beijo antes de nós voltarmos. — resmungo, encarando seus lábios entreabertos.

Pearl me beija, assim como pedi. Sua língua desliza para dentro da minha boca e eu seguro seus cabelos entre meus dedos, enquanto ela me puxa para perto pela nuca. O seu gosto de morango se espalha por minha boca e eu quase a puxo de volta para o quarto, pronto para deixá-la lá dentro ao passo que expulso todos da minha casa e volto até ela. Porra, quero muito fazer isso. Minha cabeça manda que eu faça, mas Pearl não vai gostar disso. Inferno.

— Vamos antes que eu desista. — rosno, puxando seu lábio inferior entre meus dentes e beijando-a rapidamente uma última vez.

— V-Vamos... — gagueja, puxando uma respiração profunda e eu repito sua ação.



No caminho de volta, paramos para conversar um pouco com Simon e Spencer, que estão brigando por alguma coisa que não faz qualquer sentido. Pego uma bebida e viro de vez assim que observo Macy de longe outra vez. Seu sorriso se alarga assim que ela me vê a observando. A puta caminha até o *DJ* e pede algo, que acabo descobrindo por ser um microfone.

— Boa noite, pessoal! — ela exclama, chamando a atenção de todos.

Pearl se aproxima mais de mim.

— O que ela está fazendo? — a loira sussurra e eu sinalizo que não sei.

— É um prazer ver tantos rostos conhecidos aqui, no aniversário da nossa estrela favorita do time da escola. — Macy continua. — Bom, nós temos uma pequena surpresa para o nosso capitão e sua linda namorada, a Pearl Wyatt...

Seguro a mão de Pearl, começando a guiá-la para dentro de casa, mas ela resiste e puxa de volta, encarando-me com um sorriso confuso. Meu pulso acelera e eu tenho vontade de jogá-la por cima do meu ombro, entrar e deixá-la trancada no meu quarto. Mas não posso fazer isso. Ela não vai deixar que eu o faça.

— O que há, Seth? — indaga e eu torno a segurar sua mão.

— Vamos entrar, Girass...

— Seth, por favor, não leve a querida Girassol para dentro. O aniversário é seu, mas o presente é dela. — Macy continua, cortando-me, mas não desvio o olhar de cima de Pearl. — Viemos trabalhando nisso há quase um ano, lindinha. Seth e eu esperamos que você goste. — conclui.

— Pearl, por favor, vamos ent...

— Senta e assiste, Seth! — Vance exclama, rindo com um copo de cerveja na mão.

Solto a mão de Pearl, e antes que eu possa chegar até a merda do telão, um vídeo começa a ser exibido. Minha voz, em alto e bom som, reverbera. Merda atrás de merda, uma pior que a outra e todas sobre Pearl. Viro meu rosto para encará-la, observando-a imóvel em seu lugar. Suas piscadas são espaçadas, e ela parece vidrada em tudo que está logo ali, na sua frente.

“— Oh, meu Deus! A pizza! — Macy exclama e eu rolo os olhos.

— Peguem logo essa merda, eu quero ir para casa. — resmungo, irritado.

A garota se levanta e vai até a porta, fitando o olho mágico antes de abrir. Macy vira, com um sorriso enorme no rosto e corre até mim.

— É ela! A caipira, Seth. — sussurra, mas é alto o suficiente para todos nós escutarmos. — Vai, vai lá. É agora que começa a nossa aposta. — puxa-me, usando toda sua força, que é quase nada.

— Vai lá, Seth. Seduzir é o primeiro estágio. — Vance me encoraja.

Bufo, levantando-me sem nem saber o motivo. Talvez eu queira vê-la. Como será que ela se parece vestida de “entregadora de pizza”? Aliás, por que diabos ela está entregando pizza?

Abro a porta e esqueço-me do plano por um segundo. Ela parece bonita, isso é tudo que eu consigo pensar, e odeio-me por achar essa caipira bonita.

[...]

— E eu aqui pensando se você iria realmente aceitar a aposta? — Vance exclama assim que eu fecho a porta atrás de mim e jogo as pizzas em cima dele.

— Não tenho nada a perder, só a ganhar. — afirmo, jogando-me no espaço livre do sofá branco da casa de Sculler.

— Podemos recapitular o plano? — Macy pergunta e eu a encaro, encontrando-a com um sorriso diabólico, enquanto segura o celular na mão.

— Você tem até o Baile de Formatura para conseguir o Cartão V dela e, bom, destruir com toda essa mentalidade inocente dela. Destruí-la, Seth. — Macy diz cínica, fazendo todos, menos eu e Sculler, rirem. — Em troca, eu terei meu pai com todos os contatos dele da **UCLA** e olheiros em cima de você no último jogo, bolsa da faculdade garantida e mais três mil dólares que todos nós iremos pagar.

Jace, um dos meus outros colegas de time, sentado ao lado de Macy, gargalha. — Queremos uma prova, qualquer prova, do Cartão V da caipira. — ele diz, fazendo-me revirar os olhos.”

Balanço minha cabeça negativamente, aproximando-me de Pearl em passos largos, mas sou interrompido por outro vídeo que toma conta do telão. É o meu quarto. Eu e Pearl. Porra. Embora escuro, ainda pode-se se escutar o som, enquanto uma câmera provavelmente no chão, grava precariamente nosso momento.

Era para ser apenas eu e ela.

Seu vestido cai, suas pernas aparecem até a altura dos joelhos, eu puxo seu corpo para cima e o vídeo acaba.

Há um silêncio no local.

Eu encaro Pearl, suas piscadas ainda estão espaçadas e quando estou perto o suficiente dela, vejo seus olhos castanhos claros brilharem com lágrimas que brotam em menos de cinco segundos.

— Você precisa me ouvir, Giras...

— Você, saco de merda andante, sai de perto da minha irmã! — Simon explode atrás de mim, puxando-me para longe da minha namorada bruscamente. — Porra, porra, porra, eu disse pra você, Pearl! — continua, irado, sacudindo o corpo ainda imóvel da loira.

Porra!

Filhos da puta!

O que diabos eu vou fazer agora? E se ela não me escutar? Eu vou... Eu vou perdê-la? Não. *Eu não estou pronto para deixar isso acontecer.*

Capítulo 71

Ele não me ama

Pearl Wyatt

Respiro e inspiro, deixando que Simon me balance por quanto tempo ele desejar, até que eu consiga realmente entender o que acabou de se passar naquele vídeo.

Aquele não é o Seth. Pelo menos, não é o Seth que eu conheço ou conheci... Não é aquele que me pediu em namoro, que compartilhou suas dores comigo, que me abraçou, que me beijou, que fez eu me sentir especial. *Ele disse...* Ele afirmou que me amava, todos os dias que passamos juntos, desde quando ele soltou a frase pela primeira vez, na noite de Ação de Graças. Por que aquele homem estranho estava falando de mim como se me repudiasse? Por que eu pensei que tudo que vivemos era real? Céus! Por que eu me entreguei a ele quando ele estava nos gravando?

O que eu fiz comigo mesma?

O que ele fez comigo?

Era tudo uma farsa, era tudo uma armadilha. Por que ele me fez acreditar que era o homem que pertencia a mim? Por que ele fez isso comigo, quando tudo que eu sempre fiz foi ser boa para ele? Eu o amei. Eu o amo. Eu não devia, isso está lentamente infiltrando-se por minhas veias, queimando e destruindo-me por dentro.

Ele conseguiu.

— Seu filho de uma p... — escuto Jenna gritar e a observo empurrar Seth com força, batendo nele até que Liam a segura. Simon para de me sacudir e gritar comigo. — Eu não pensei que fosse tão baixo, Seth. Eu não pensei que... Eu sempre soube que você não prestava, mas achei que estava apaixonado pela lindinha, pela minha Pearl, seu grande imbecil! — ela grita, cuspidando em direção do rosto de Seth, mas ele é mais rápido e acaba desviando.

Respiro e inspiro profundamente mais outra vez. Um bolo se forma na minha garganta e lágrimas começam a acumular mais ainda em meus olhos, descendo como cachoeiras por minhas bochechas.

— Pedaco de merda! — agora é a vez de Spencer gritar com ele, mas ela é mais rápida e o acerta com um soco em sua bochecha direita.

Simon corre para segurá-la e eu me abaixo, abraçando meu corpo enquanto choro silenciosamente. A irregularidade da minha respiração me faz tremer. Minhas unhas afundam na pele dos meus braços e eu estico meu pescoço para todos os lados, tentando fazer essa dor sufocante que se instalou dentro de mim, ir embora. Mas não é possível. Mordo meu lábio inferior, soltando um soluço baixo.

Por que ele fez isso comigo?

— Olha para ela! Consegue ver o quanto ela está sofrendo? — meu irmão esbraveja e eu tapo meus ouvidos, tentando afundar e atravessar o solo, para que ninguém mais possa me ver.

— É a merda de um mal entendido, eu não...

— Você não o quê, caralho? Você não entrou na porra da aposta para tirar a virgindade da minha irmã? Era um estúpido sócia que estava ali, zombando da cara dela? — Simon o corta e continua com seu ataque verbal.

Abro meus olhos, que estavam espremidos, e procuro Seth. Ele está me fitando de volta. Solução mais alto dessa vez.

— Por que fez isso comigo? — sussurro, abraçando-me outra vez.

Spencer se aproxima de mim e se abaixa, abraçando-me forte e beijando meus cabelos desgrehados.

— Shhh, *anjinho*, vai ficar tudo bem.

Balanço negativamente com a cabeça, antes de Simon começar a bater em Seth, que em nenhum momento revida. O silêncio fúnebre das pessoas prevalece, sendo assim, somente meus soluços e o som da carne acertada de Seth são escutados.

É horrível, assombroso. A forma como Simon bate em Seth faz meu estômago revirar. Eu posso escutar o som seco e, que por muito tempo não esquecerei, do meu irmão batendo em Seth.

Empurro Spencer para o lado e corro até os dois.

— Para! — grito, segurando Simon e colocando-me em sua frente. Solução, tentando limpar as lágrimas que continuam caindo e banhando meu rosto. — Fale. — sussurro, encarando Seth com um desprezo que não consigo controlar. — Explique-se. Eu disse que deixaria você falar caso algo acontecesse entre nós dois, eu prometi porque você implorou! Eu *aposto* que já sabia, eu *aposto* que isso foi apenas mais um jogo, eu *aposto* que esse é mais um tipo de humilhação para mim, escutar você tentar explicar o inexplicável. Tente, Seth, tente explicar o porquê de ter feito isso comigo.

Com o rosto machucado, sangue escorrendo pelo nariz, ele tenta se aproximar de mim, tenta me tocar, mas eu recuo e esbarro em Simon — que me segura pela cintura, pronto para me puxar para fora do caminho.

Eu gostaria de poder dizer que reconheço o cara que está na minha

frente, mas ele não é nada parecido com o homem para quem eu confiei meu coração, minha alma, meus sonhos.

Esse não é o meu Seth.

— Girassol...

— Cala a boca! — exclamo com tanta força que meu estômago dói com a contração que eu sinto por tê-lo feito. — Não me chame desse apelido estúpido e nojento. Eu sou Pearl, Pearl Wyatt e é assim que você tem que me chamar!

Seus olhos arregalam e ele abre e fecha a boca inúmeras vezes.

— Eu sinto... sinto muito. Eu não sei o que aquele vídeo significa, eu não sei como... Eu não nos gravei, eu nunca quis machuc...

— Nunca quis me machucar? — indago, sorrindo sarcasticamente. — Não seja um hipócrita! Você disse isso naquele vídeo... no primeiro vídeo... E tudo isso para se divertir. Oh, meu Deus, como eu fui burra, estúpida, idiota, uma completa palhaça para o circo que vocês armaram. Caí como uma tola. Eu sou uma tola. — puxo meus cabelos, voltando a ser acertada por muita, muita dor.

— Mas eu amo você, porra, eu me apaixonei por você, Pearl! — ele grita e eu tenho que segurar Simon outra vez.

— Você não precisa mais mentir, Seth, está tudo bem. — sussurro, virando o rosto para olhar para bem longe dele. Eu não consigo mais encará-lo. — Esse é o fim. Agora eu sei que você nunca me amou, Seth Sawyer. Espero que por algum motivo você sinta minha falta todos os dias, eu realmente espero. Isso vai te machucar e você vai querer afundar dentro de si mesmo por pensar que está enlouquecendo, entretanto eu não posso dizer que vou amar assisti-lo sofrer dessa forma, porque, na verdade, eu nunca mais

quero vê-lo. Você poderia ter tido tudo e, Seth, você sempre teve o melhor de mim, mas me enganou como uma tola. Fez de mim uma palhaça para o circo que todos vocês armaram. Você quebrou meu coração. Espero que todos os estágios da aposta que fez tenham sido cumpridos. Você me destruiu.

Simon me puxa para fora do caminho e eu sou amparada por Sculler. Tento me afastar dele, mas ele me segura firme.

— Vem, Pearl. Vou te levar para casa. — ele murmura e eu não consigo mais nem mesmo negar sua ajuda.

— Um beijo, lindinha! — escuto Macy exclamar e a procuro.

Empurro Sculler para o lado e me aproximo dela.

— Você e ele se merecem. — sentencio, encarando-a com tanta raiva que não consigo segurar o impulso e acabo esbofeteando sua cara. — Eu tenho certeza que todas as tardes dos últimos meses, em que ele falava que tinha compromisso, esse compromisso era na sua cama. Eu não me importo, porque vocês dois realmente se merecem.

Macy se vira para mim, levando uma de suas mãos até sua bochecha e outra até meu cabelo. — Sua caipira put...

Spencer a segura pelo pescoço e Jenna torce seu pulso. Ela me libera, urrando de dor. Sculler me segura outra vez e eu finalmente olho todo o lugar, antes de parar uma última vez em Seth. Seus olhos pretos brilham intensamente e eu diria que são lágrimas, mas ele não tem pelo que chorar.

Ele conseguiu.

Está feito.

— E, sim caipira, era comigo o compromisso de Seth. Nós ríamos da sua cara. — Macy grita.

Meu coração dói.

— Agora somos apenas eu e você. — Simon grunhe e Sculler me puxa, mas não antes que eu escute meu irmão recomendar a bater em Seth.

Sculler me ajuda todo caminho até o seu carro, e quando estamos quase na frente dele, Chace aparece.

— Parece que você descobriu quem é realmente o seu namorado, não é mesmo? — comenta e eu o ignoro.

— Mexa-se para fora do caminho antes que eu mesmo faça você sair. — Sculler diz, entre dentes.

Chace ri e começa a sair do nosso caminho.

— Se precisar de alguém, Pearl, estou disponível.

— Imbecil. — Sculler resmunga no momento em que me ajuda com o cinto de segurança. Observo-o se abaixar para me encarar e eu desvio nossos olhares.

— Você não deveria ter ficado ao lado do seu amigo? — indago, soando mais irônica que o necessário.

— Sim, não. Talvez. Eu não sei... Tudo que eu sei é que ele te ama e com certeza gostaria que eu a ajudasse caso algo acontecesse. — enuncia e eu balanço minha cabeça. — Além disso, você já me ajudou antes, menina. Eu não esqueci disso.

— Ele não me ama, ele nunca me amou. — sussurro, afundando no banco e deixando mais lágrimas escaparem.

Sculler não diz mais nada. Ele entra do outro lado e parte em direção a minha casa. O silêncio prevalece entre nós dois e eu sou incapaz de quebrá-lo.

Meu corpo vai, mas meu coração fica com o único que o roubou sem piedade alguma: **Seth Kassid Sawyer.**

Capítulo 72

Ela entrou, se infiltrou

Seth Sawyer

Sou acertado por não sei mais que vez pelo irmão de Pearl, até que escuto a voz de Spencer ou Jenna — não consigo discernir — interrompê-lo, dizendo que “*já chega*”. Eu não consigo sentir qualquer coisa, para ser realmente sincero. Deveria estar doendo, mas eu não sinto. A única pessoa que é capaz de fazer com que eu sinta qualquer porra de sentimento é a Pearl, e ela não está mais aqui.

Ela se foi.

Sou chutado pela décima vez em minhas costelas e bufo, deixando o sangue acumulado em minha boca sair.

— Eu não vou deixar você chegar perto da minha irmã nunca mais, caralho. Espero que viva na miséria, espero que afunde com esse seu coração de merda. — Simon esbraveja, e a única coisa que consigo fazer, é tossir.

— Já chega, Simon. Ele já aprendeu. — Spencer, e agora eu tenho certeza que é ela, exclama. — Ele já está ferrado. Não há nada melhor do que deixar uma pessoa sozinha para que ela reflita sobre seus err...

— Erro, o caralho! O que eu disse para você também? Olha o que aconteceu por causa da sua estupidez de querer ajudar sua amiga! — atira de volta.

As vozes dos dois vão ficando mais fracas e eu acho que eles estão indo

embora. Com dificuldade, sento-me no gramado, onde estive caído por pelo menos dez minutos e abro meus olhos, encarando os rostos fodidos que ali estão.

— Vocês todos, fora. — sentencio.

Segundos longos passam até que vejo a primeira pessoa passar por mim. *Um, dois, três, quatro... Dez, onze... Vinte e um vinte e dois.* Pernas magras param na minha frente e logo consigo ver quem é: Macy.

— Parece que você está bem... ruim. — enuncia, sorrindo de lado.

Aos poucos, recobro meus sentidos, e reprimo a vontade de bater em Macy. Eu não bato em mulheres. Mas, porra, ela não é uma mulher, é o próprio satanás em carne e osso.

— É melhor você ir embora, eu não quero ver sua cara. Eu não quero você perto de mim. — aviso e seu sorriso cresce. — Eu quero que você morra, Macy. Eu odeio você.

— Oh, Seth, isso tudo por causa da caipir...

— Cala sua estúpida boca! — rosno, entre dentes. — Se ela é caipira, isso não importa, ela é minha. A minha Pearl e você fodeu tudo, sua puta infernal. Você vai pagar por isso, pode ter certeza. Eu posso não ser aquele que vai foder com sua mente, mas o destino fará o favor de se encarregar disso. Aqui se faz, aqui se paga. Eu fui vítima de mim mesmo, da estúpida aposta que aceitei em participar e agora estou pagando. Sua vez vai chegar, e vai ser bonito e prazeroso ver você se afundar na sua própria merda. — afirmo, observando sua expressão fechar.

— Conte com isso, jogador. — enuncia, cheia de raiva. — Meu serviço por aqui acabou. Se precisar de alguém, é só me ligar.

— Vai se foder. — cuspo, irritado.

A risada de Macy desaparece, assim como sua figura.

Estou sozinho.

Eu e minha miséria.

Caio no chão outra vez, não me importando com o baque.

Apago e afundo.



— Seth? Filho?

Sinto o sol quente em meu rosto e viro de cara para a grama.

Meu corpo inteiro dói, especialmente minhas costelas, bochechas, queixo e meus olhos. Sinto como se minha cabeça estivesse prestes a explodir. Abro meus olhos e viro outra vez para ficar de costas para a grama. O céu parece bonito demais para o dia de merda que estou vivendo. Com dificuldade, sento-me e respiro fundo, urrando de dor.

Há algo de errado nas minhas costelas.

Observo o local e lembro de tudo.

Foi real.

— Seth...

Levanto-me com dificuldade e manco até todo circo armado. Chuto as coisas, acertando toda essa porcaria com meus punhos, arremessando-as para longe. Jogo as mesas para o lado e começo a destruir o telão improvisado da noite passada, até que sou puxado para longe dele.

— Ei, cara, para com isso. — Sculler diz e eu bufo, tanto por sua frase

quanto por ele ter me puxado por minhas estúpidas costelas.

— Filho? — escuto o sussurro assustado da minha mãe e finalmente a encaro. Um nó aperta minha garganta ao olhar sua expressão. — O que está acontecendo com você? O que aconteceu? — indaga, com a voz trêmula.

— Eu fodi com tudo. Eu sou o maior idiota de toda face da terra, mãe. Você sabe o quê? Deveria ter deixado o fodido do Steven me afogar naquele lago, deveria nunca ter lutado por mim, dessa forma teria menos um homem ruim, como aquele verme, nesse mundo estúpido. Eu sou pior que ele. Eu destruí a Girassol, eu destruí a minha Girassol, mãe. Eu machuquei a mulher que eu amo e a única que conseguiu me amar de volta, mesmo eu sendo sempre estúpido com ela. — desabo sobre meus joelhos, sentindo as dores se intensificarem por todo meu corpo, principalmente a que sinto no peito. — Deveria ter deixado eu morrer, deveria ter deixado eu morrer, dever...

— Para com isso, filho, por favor. — ela suplica, caindo na minha frente e passando suas mãos macias por meu rosto. — Você é bom, eu sei que sim. Eu lutei por você, pois sabia que valeria à pena. Você é tudo que eu tenho, Seth...

— Eu tentei te proteger, mãe. Tentei proteger a Pearl também, mas meu erro inicial acarretou em muita merda. Eu parei, eu juro, nada mais era fingimento. Eu a amo. Pearl é tudo para mim. Ela entrou, se infiltrou e nunca mais vai sair. Eu queria estar alheio a esse sentimento, mas não consigo há muito tempo. — murmuro, encarando seus olhos cheios de lágrimas.

— O que você fez, Seth? — sussurra.

— Uma aposta.

— Uma aposta? — retruca, afastando as mãos de mim.

— Eu apostei a virgindade de Pearl assim que ela entrou na escola. Eu

desisti no caminho, mas não pude sair... não pude sair da aposta. Eles acharam coisas sobre nós, sobre você. Fui ameaçado e encurralado. Eu não poderia deixar mais nada te machucar, mas ao mesmo tempo não queria machucar a Pearl. Eu pensei que tudo daria certo, que ela nunca ficaria sabendo da minha burrada. Eu estava errado. — murmuro.

— Você deveria ter protegido sua namorada, deveria ter me contado, contado para Pearl. Tudo acabaria bem, Seth. Você fez todas as escolhas erradas. Por que apostou a virgindade de uma garota? — ela se afasta mais. — Céus! Onde eu errei com você? Isso não se faz, Seth. Isso é horrível.

— Cassie, ele se arrependeu. Ele tentou sair, mas não era mais possível...

— Não sei o que falar... — sussurra. — Eu vou subir. — enuncia.

Porra, tem como isso doe*r mais?

— Mãe, eu quis proteger você do passado, por favor, entenda. — ela se vira outra vez para mim.

— Eu sei, eu só... — balança a cabeça e corre para dentro de casa.

Respiro profundamente.

— Vai atrás dela. — peço a Sculler, colocando-me de pé.

Caminho pelo gramado até o caminho lateral para ir até a parte da frente da casa.

— Para onde você está indo? — Sculler grita.

Puxo a chave da minha Harley de dentro do bolso da calça, lembrando-me que ontem eu levaria Pearl para sua casa na minha moto. Estava tudo planejado.

— Vou tomar um ar. — retruco.

— Você está todo fodido, Seth, é melhor não sair nessa merda de estado.

Eu o ignoro e monto.

Capítulo 73

Eu estou bem

Pearl Wyatt

Passei as últimas dez horas de olhos abertos, encarando o teto do meu quarto incansavelmente. Não consegui dormir, o medo de rever aquelas cenas na minha cabeça foi maior que meu sono. Na verdade, nem sono eu consigo sentir nesse momento. Tudo que consigo sentir é a dor incessante e os batimentos erráticos do meu coração, que não se acalmaram desde que tudo se passou por meus olhos na noite passada. E, com tudo, eu realmente quero dizer tudo.

Eu vi nossa história, minha e de Seth, se passar por meus olhos assim que percebi o que estava acontecendo. Nossa primeira troca de olhares, nosso primeiro sorriso trocado, nosso primeiro beijo, o primeiro abraço, o primeiro toque, as primeiras sensações, o primeiro encontro, o primeiro “eu te amo” e a nossa primeira noite juntos, como um só. Tudo o que mais me fazia feliz, agora machuca, arde, irrita, sufoca, lateja. Não consigo explicar em palavras a dor que estou sentindo agora, depois que soube que tudo não se passou de uma farsa, de uma *aposta*.

Solução, abraçando-me com força. Aperto meu cobertor sobre meu corpo, puxando um lenço da minha caixinha de lenços, e limpando minhas lágrimas. Eu queria ser forte o suficiente para não chorar, para não desabar e não sofrer. Eu fui forte sob o olhar de todas aquelas pessoas na noite passada, mas agora, aqui, sozinha, eu não consigo evitar. Dizem que o choro lava a

alma, mas eu gostaria que o choro lavasse meu passado. Apagasse o que eu vivi com Seth, sumisse com ele da minha vida. Se eu não tivesse sido tola, eu teria escutado meu irmão, mas agora é tarde demais. Agora eu já fui exposta, feita de palhaça e estúpida na frente de todos os amigos do cara para quem confiei meus sonhos.

*Seth Kassid Sawyer, eu ainda te amo. E **odeio-me** por te amar.*

Eu só queria que fosse mentira, que o meu Seth ainda estivesse... vivo? Eu gostaria que ele existisse e pudesse vir me abraçar, me confortar.

Puxo meus cabelos, desmancho os cachos, tentando fazer a dor parar outra vez. Não consigo. Meus pedaços se vão e minha alma machucada fica. Eu não consigo fazer parar.

Batidas fracas soam através da porta e antes que eu possa reagir, minha mãe entra e liga a luz.

— O que o Seth está fazendo lá embaixo todo machucado? — atira, antes de ver meu estado. Seus olhos se arregalam assim que ela vê como eu estou e minha mãe se aproxima, quase trocando as pernas. — Pearl, está tudo bem, meu amor? Você... — ela arranca minhas mãos do meu cabelo e as segura com força.

— Es-Estou bem... — sussurro, mordendo meu lábio inferior para conter as lágrimas e os soluços. — Diga para ele ir embora, eu não quero vê-lo. Nós acabamos. Eu nunca mais quero olhar para Seth Sawyer, mãe. Expulse-o da nossa casa, e se ele se recusar a ir embora, chame o Simon. — comando, contorcendo-me sob seu domínio.

Escuto uma buzina.

— O que ele fez? Ele está horrível. Parece que um trator passou por

cima dele. Olhos inchados, roxos, assim como todo o resto do seu rosto. Sem falar nos hematomas por todo corpo. Ele está sem camisa e todo machucado. — um soluço rebelde escapa assim que escuto ela falar como ele está nesse momento. — E você, minha filha, me diga o que aconteceu. — sussurra.

Balanço minha cabeça negativamente.

— Apenas acabou, mãe. Eu e ele não éramos para ser. — retruco, tentando me soltar para segurar minha cabeça outra vez. — Eu quero f-ficar sozinha, por favor... — suplico.

As lágrimas descem por minhas bochechas, banham todo meu rosto e a minha mãe finalmente me abraça.

— Ele machucou você, filha? — indaga, mas eu não consigo falar nada. Eu não quero que meus pais saibam sobre o que aconteceu em hipótese alguma.

— Se a-apaixonar dói, mamãe. — resmungo, encostando minha cabeça em seu ombro. — Eu não pensei que o amor poderia f-fazer isso com as pessoas...

— Amar e ser amado envolve muitas coisas, além da parte boa, Pearl. Seth pode ser o seu primeiro amor, mas se você disse que não era para ser com ele, haverá outro, ou outros. Você vai se recuperar, e disso eu não tenho dúvidas. É uma garota forte, anjo.

Ficamos caladas por segundos longos, apenas com o som dos meus soluços. Minha mãe sai do quarto, sussurrando que irá voltar e eu apenas me encolho mais uma vez, tapando meus ouvidos para não escutar as buzinas insistentes que Seth está soltando. Ele não pode fazer isso. Obrigá-me a escutá-lo. Não, não mesmo. Eu não quero mais nada com ele.

E todas as tardes que ele sumia?

Sempre soube que algo estava errado. Ele me traiu. Aquela... Aquela... A Macy disse, admitiu. Ele sempre amou aquela garota, nunca deixou de amá-la. Eles se juntaram para me destruir.

Eu sou tão estúpida.

Minha porta abre outra vez e agora é Simon que aparece, com o papai. Meu pai confuso e Simon com raiva, além de pena. Muita pena, talvez até demais.

— Filha? — papai resmunga e eu me arrasto pela cama até sentar-me contra o dossel. — Querida...

Ele se aproxima e senta-se ao meu lado, puxando-me para os seus braços. Não recuso seu carinho. Eu não posso e não consigo. Eu o aperto com o resto de força que eu tenho e molho sua camisa branca com minhas lágrimas.

— O que aquele garoto fez para você? — indaga. — Me diz, Pearl, eu vou... eu...

— Ele arm...

— Cala boca, Simon. — jogo irritada, afastando-me do meu pai apenas para encarar meu irmão. — Isso não... não é da sua conta. Eu e Seth terminamos porque não era pra ser. Ele não é a minha... Ele não é o meu... — olha para os lados. — *Isso não existe.* — sussurro. — Não estamos mais juntos, isso é tudo que vocês precisam saber, e o Simon não tem nada a dizer. Eu estou bem, eu vou ficar bem.

— Você não parece bem. — Simon me desafia.

— Eu estou bem. — arrasto-me mais uma vez até ficar na ponta da cama e fico de pé, mas minhas pernas me deixam na mão. Antes que eu chegue ao chão, Simon me segura, encarando-me firme.

— Você. Não. Está. Bem. — repete, paciente.

— Por que você está f-fazendo isso comigo? — questiono desesperada.

Simon me coloca na cama, sentando-se ao meu lado. Eu solto uma respiração pesada e outro soluço.

Minha mãe aparece na porta e lança um olhar para o papai, que se levanta, beija meus cabelos desgrehados e sai. Caio de costas na cama, tentando estabilizar minha respiração e enxugo as lágrimas.

— Ele não merece você, Pearl, pare de chorar. — Simon murmura.

Pisco uma, duas vezes e o fito.

— Eu estou ouvindo você, mas meu coração não. — explico, roboticamente.

— O coração do ser humano é burro demais. — retruca.

— Concordo com você. — puxo minha coberta para cima de mim outra vez, aconchegando-me nos travesseiros e finalmente caindo no sono.

Foi bom enquanto durou.

Capítulo 74

Destruí nós dois

Seth Sawyer

Observo o céu escuro cheio de estrelas e jogo a terceira garrafa de uísque vazia para bem longe de mim. Inspiro o ar gelado da meia-noite, puxo um cigarro do maço que comprei há algumas horas e o coloco no canto da minha boca. Depois de acendê-lo com meu isqueiro, dou uma tragada profunda e pego a quarta garrafa que está ao meu lado.

Depois que deixei a casa de Pearl hoje cedo, pensei duas vezes antes de voltar para minha casa. Minha mãe com certeza não quer me ver, então a única saída que tinha era a de vir para a merda dos Hotéis Kassid. Deixei minha moto estacionada em algum lugar depois de ter comprado algumas bebidas e cigarros, e segui para o lago. Estou sentado há longas horas em frente ao lago, arrematado por lembranças ruins.

— Fiquei sabendo que você estava aqui... — uma voz conhecida resmunga e eu viro apenas para fitar Steven. Ele senta-se ao meu lado, mas não me incomoda em mandá-lo ir embora. — Não vai falar nada?

Solto a fumaça presa em minha boca e bebo mais um pouco.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, neutro.

— Nada. — retruca. — Andou se metendo em brigas?

— Não é da sua conta. — sentencio, jogando o cigarro para longe.

— Está realmente dando sopa em frente a um lago? — Steven indaga,

rindo baixo.

— Você é tão estúpido, Steven. — enuncio, bebendo um gole grande e limpando minha boca com o dorso da minha mão. — Por que não vai arrumar alguma puta para comer?

Seu riso torna-se mais alto e ele puxa a garrafa da minha mão e dá um gole. — Bom gosto para uísque, garoto. — solta.

— Apreendi com você. — comento, ironicamente.

Ficamos em silêncio e eu puxo a última garrafa cheia ao meu lado. Fecho meus olhos, tudo que eu vejo é Pearl. As lágrimas em seus olhos, o nojo em sua fala, seu ódio. Porra. Como vou conseguir ter a minha garota de volta? Será que ela pode me dar outra chance?

— Como estão as coisas com sua namorada? — Steven volta a falar.

— Você não tem nada melhor para fazer? — replico, abrindo meus olhos outra vez.

— Se eu estou aqui com você, é por que não tenho nada melhor para fazer. E então? Como ela está? Como vocês estão? — questiona, nem um pouco afetado.

— Nos separamos, ontem. — rosno, irritado.

— No seu aniversário? — continua, divertido. — O que você fez de errado, Seth?

Balanço minha cabeça, levanto-me e saio andando, quase que tropeçando em meus pés.

— Vai se foder. — exclamo, como um adeus para ele.

Vou em busca da minha moto, enquanto termino de virar o líquido todo na minha boca. Arremesso a garrafa pra longe e tropeço em meus pés, caindo

de joelhos na grama molhada.

“Esse é o fim. Agora eu sei que você nunca me amou, Seth Sawyer. Espero que por algum motivo você sinta minha falta todos os dias, eu realmente espero. Isso vai te machucar e você vai querer afundar dentro de si mesmo por pensar que está enlouquecendo, entretanto eu não posso dizer que vou amar assisti-lo sofrer dessa forma, porque, na verdade, eu nunca mais quero vê-lo.”

Respiro pesadamente, lembrando-me de suas palavras. Soco e acerto a grama, sentindo minha mão latejar, mas isso nem chega perto do quão tudo por dentro de mim está quebrado. Eu estou enlouquecendo, assim como ela disse que aconteceria. E eu sinto sua falta. Eu sinto tanto sua falta. Sinto falta do seu cheiro, do seu corpo, dos seus beijos, de seus cachos. Tudo.

Eu sinto falta de tudo.

“Você poderia ter tido tudo e, Seth, você sempre teve o melhor de mim, mas me enganou como uma tola. Fez de mim uma palhaça para o circo que todos vocês armaram.”

Sim, Pearl, no começo eu te enganei, eu achei engraçado, divertido. Depois que te conheci, tudo isso mudou.

Caí por você de repente, como um animal é pego em uma armadilha que ele não vê e que não sabe que existe, mas que de uma hora para outra, descobre sua existência, mas já é tarde demais. Não há escapatória.

Eu sou como o animal e você a armadilha. A bela, doce, inocente e pura armadilha, que nada tinha de ameaçadora, mas logo me prendeu sem aviso. Eu não tive como escapar e se tivesse a chance, escolheria ficar preso. Nada faz sentido sem você, Pearl Wyatt, perto de mim.

“Você quebrou meu coração. Espero que todos os estágios da aposta

que fez tenham sido cumpridos. Você me destruiu.”

Eu nos destruí, Girassol, eu destruí você e eu, e tudo que existiu entre nós. Ah, se eu pelo menos pudesse voltar atrás, tudo seria escrito de outra forma. Eu apagaria tudo e rescreveria nosso primeiro encontro, o primeiro beijo, a primeira noite. Eu te convidaria por vontade própria e faria de tudo para agradá-la.

Eu daria tudo por outra chance.

Eu só queria recomeçar.

Se eu pelo menos fosse o seu homem perfeito, Pearl...

Meu celular toca, mas eu o ignoro, continuando com meu ataque na grama, que agora se mistura com o sangue das feridas que começam a abrir nos nós dos meus dedos.

Gotas caem em meus dedos e então percebo que estou chorando. Chorando por minha Girassol, chorando por mim, chorando por ter feito tudo errado e por ter sido um estúpido no princípio. Eu choro porque não sei se terei outra chance com a única garota que algum dia sinceramente me teve, de corpo e alma. Isso machuca, enlouquece, me deixa inquieto e me faz perder a cabeça.

“Quando foi que eu fiquei tão dependente dela?”

Provavelmente quando ela passou a ser o sentido da minha vida, da minha mudança.

Engulo a seco, caindo sobre a grama sentindo meu corpo doer mais do que nunca doeu antes. Os machucados da noite passada estão roxos. Minhas costelas ainda doem tanto que se alguém apertá-las por longos segundos, poderá tirar toda minha respiração com esse toque. Minha bochecha está tão magoada quanto, e tenho certeza que meus olhos estão inchados como o

inferno. Gotas grossas de chuva começam a cair, mas eu não me incomodo em levantar até que estou em uma poça de lama. Levanto-me tonto e termino o meu caminho até minha moto. Enfio a chave na ignição e monto, limpando minha vista antes de dar partida.

Saio dos Hotéis Kassid e entro na via extensa que me levará de volta para casa.

“Passo meu braço esquerdo por sua cintura fina, puxando o corpo pequeno e delicado dela contra o meu. Ela se encolhe contra mim, sem tirar as mãos dos olhos por sequer um segundo.

— Você pode abrir os olhos de novo. — comando e ela demora para obedecer, mas assim que o faz, ela me encara.

— Nós estamos perto das nuvens, Seth. Isso é muito alto! — sussurra, como se estivesse me contando um segredo. — Não quero ficar de olhos abertos... — choraminga.

Sorrio para ela, o que a faz desviar os olhos até a minha boca enquanto inclina a cabeça para o lado. Não estamos perto das nuvens, mas acho que toda tensão que ela está passando, está fazendo-a ver coisas. — Você não precisa olhar para lá, Girassol. Pode ficar me olhando, eu estarei fazendo o mesmo. — coloco um de seus cachos atrás de sua orelha.

Pearl relaxa contra meu corpo, não deixando de me fitar pelos próximos cinco minutos e, porra, eu estaria mentindo se dissesse que eu não fiz o mesmo.”

As imagens do nosso primeiro encontro entram na minha mente, e com essa, vem muitas outras.

“— Seth... — ela murmura, encarando-me ansiosa.

— O que há, Girassol? — respondo.

— Você... — ela tenta falar, mas nada sai da sua boca. Espero pacientemente ela continuar enquanto memorizo os traços do seu rosto. — Você pode me b-beijar outra vez? — seu sussurro acerta-me no estômago.”

As lágrimas misturadas com as gotas da chuva atrapalham minha visão, mas não ousou parar ou desviar do caminho. Não consigo afastar as lembranças de tudo que aconteceu entre nós até o momento em que eu decidi que nada mais valia à pena, somente Pearl.

“Pearl e eu saímos juntos e eu olho para minha moto, cogitando a ideia em levá-la nela até sua casa nela. Talvez não seja uma má ideia.

— É sua? — ela pergunta, como se tivesse lendo meus pensamentos.

Sorrio de lado, puxando-a para perto.

— Sim, comprei há dois anos. Minha mãe não gostou da ideia quando a viu, mas depois aceitou porque eu não estava indo devolvê-la. — comento, fitando-a sorrir animada. — Você quer escolher como estará indo pra casa hoje? — testo e ela me olha incrédula.

— Sério? — exclama apertando minha mão com força. — Você realmente me levaria na sua moto? — indaga, animada.

Um vento frio traz todo seu cheiro diretamente para mim, acertando-me como sempre faz, mas bem no final quando a luz do pôr-do-sol bate nos seus olhos castanhos deixando-os mais claros, algo muda. Algo em mim, por causa dela. Não sei o que é, mas isso me faz ver o quão ela é bonita e natural tanto por fora quanto por dentro. Percebo que destruí-la e causar qualquer dor nela não é algo que eu realmente queira fazer. Não quero mais feri-la, mas sim protegê-la de tudo e de todos a qualquer custo.

— Seth? — ela me chama confusa.

Balanço minha cabeça e selo nossos lábios, precisando disso — dela — mais que tudo.

— Você vai segurar firme em mim? — pergunto, roçando nossas bocas e ela dá uma risada.

— Vou apertar você até ficar sem ar. — sussurra e agora é minha vez de rir da sua sinceridade.”

Eu desisti por você, Pearl, mas ainda não desisti de você.

Nunca desistirei.

Capítulo 75

Um dia após o outro

Pearl Wyatt

Sento na minha cama, terminando de colocar o casaco grosso que pedi emprestado do Simon. Respiro satisfeita por ter conseguido melhorar um pouco a minha aparência que basicamente refletia como eu me senti nos últimos dias. Ruim nem chega perto, péssima também não. Talvez devastada, ou melhor, destruída.

— Oi, anjinho! — Spencer diz, assim que entra sem bater no meu quarto junto com Jenna.

Eu as encaro, incapaz de esboçar qualquer reação e as duas se aproximam com rapidez para perto de mim. Elas me abraçam e eu engulo a seco a vontade de chorar.

— Você está melhor? — Jenna pergunta e eu balanço minha cabeça negativamente. — Se Seth Sawyer passar na minha frente hoje, eu vou esmagar aquelas bolas nojentas dele.

— Gostaria de estudar na mesma escola que vocês, assim que faria o mesmo. — Spencer retruca.

— Ele veio antes de ontem aqui, pela manhã, me procurar. — sussurro.

— Mas que filho da p...

— Cassie não tem culpa pelos erros do filho dela. — eu repreendo Jenna e ela revira os olhos. — Eu pedi para minha mãe mandá-lo ir embora.

— continuo.

— Você fez bem, anjinho. Ele merece nada mais que o seu silêncio. O ignore, ele nunca foi digno do seu tempo. — Spencer fala, enxugando uma lágrima que acaba de escapar e descer por minha bochecha.

— É tão difícil... — sussurro, começando a ficar inquieta como nos dias anteriores.

— Eu estarei do seu lado o tempo todo. Seth não vai chegar perto de você, e se ele tentar algo, vou enfiar meu salto nos olhos dele. — Jenna volta a falar e Spencer ri ao meu lado, mas não consigo achar a graça.

— Vai estragar seu salto com aquele pedaço de merda? — Spencer questiona e Jenna faz uma careta.

— Tudo pela baby, querida. Tudo pela baby. — suspiro, escutando as duas falarem como se eu não estivesse ali no meio delas.

— Eu só queria que ele realmente me amasse. — resmungo, chamando a atenção delas outra vez.

Soluço, deixando mais lágrimas escaparem e as duas me abraçam.

— Eu sei que é difícil, anjinho, mas com o tempo vai melhorando, eu prometo. Seth não é o cara certo. No final de tudo, quando achar o seu cara certo, Seth será apenas um lembrança distante e insignificante. — Spencer me consola e eu assinto, mas meu coração não concorda comigo.

Eu gostaria que ele fosse apenas uma lembrança insignificante, mas infelizmente não consigo me sentir dessa forma. Meu coração descarta as palavras contra Seth e toma seu próprio caminho, o que me machuca mais ainda. Eu gostaria de poder parar de sentir amor por ele, mas no fundo ainda espero que isso não passe de um pesadelo ou de uma pegadinha.

— Ele não merece essas lágrimas, baby. — Jenna diz, enxugando minhas lágrimas com a ajuda da Spencer.

— Vamos, Pearl? — Simon pergunta, parado na porta e nos encarando.

— Nos dê alguns pouco minutos, eu vou passar alguma maquiagem na Pearl e arrumar o cabelo dela. — Jenna pede, dispensando meu irmão que sai sem olhar para trás. — Eu não vou deixar você ir assim, não vou deixar que aquele imbecil ache que você está machucada, e você tem que me ajudar com isso. — comanda, levantando-se e pegando as minhas poucas maquiagens que ficam em cima da minha penteadeira. — Você tem que colocar um sorriso bonito nos lábios, entende?

— Escute o que ela tem a dizer. — Spencer sussurra.

— Finja que ele não existe e, se por algum acaso eu não estiver perto de você em algum momento, o ignore o máximo que puder. — ela puxa meu rosto para cima. — Seth Sawyer não existe para você, Pearl.

Aceno positivamente e fecho meus olhos, abraçando meu corpo agasalhado enquanto espero Jenna passar alguma maquiagem em meu rosto e arrumar meu cabelo.



Depois que eu e Jenna deixamos Spencer na sua escola, seguimos para a nossa, onde acabamos de chegar. Simon acabou dispensado por Jenna e veio sozinho em seu carro. Seguro minha pequena bolsa contra meu corpo e meu caderno, amaldiçoando-me por ter deixado minha mochila na casa de Seth.

— Queixo para cima e um sorriso bonito, baby. Estamos entendidas?

Encaro minha amiga e dou um sorriso amarelo.

— Eu não quero ir. — sussurro.

— Você não pode não ir, Pearl. Vai ficar tudo bem, eu vou estar segurando sua mão. — encoraja-me.

Balanço minha cabeça positivamente, mas não estou certa de que posso fazer isso. Não consigo sorrir. É difícil, e mesmo que seja para fingir, isso não é quem eu sou.

Abro a porta do carro e saio, colocando a alça da minha bolsa sobre meu ombro e abraçando meu caderno contra meu corpo. Os olhares estão todos em mim. Talvez a notícia tenha se espalhado por aí.

Todos sabem o que aconteceu.

Todos sabem o que Seth fez comigo.

— Levanta a cabeça. — Jenna comanda, enlaçando seu braço no meu e puxando-me por todo caminho.

Observo meu irmão encostado no seu carro, e quando estamos passando por ele, Simon segura meu braço e interrompe nosso caminho.

— Essa aqui é a minha irmã e quero avisá-los a não ficarem encarando-a, cochichando sobre ela ou ao menos pensando sobre ela. Se eu pegar algum comentário ou algum olhar torto na direção dela, eu vou foder com a visão de vocês, assim como fiz com ex-estúpido-namorado dela. — o silêncio prevalece. — Será que todos entenderam? — os olhares se afastam de mim e eu respiro aliviada.

— Obrigada... — sussurro, encarando-o finalmente.

— Não foi n...

— Ei, Pearl. — Sculler diz, cortando Simon. Viro-me pra ele e vejo minha mochila nas suas mãos. — Trouxe isso pra você e tenho um recado para te dar.

— Um recado? Se for daquele id...

— É um recado de Cassie. — Sculler corta Simon mais uma vez. — Ela quer se encontrar com você quando for conveniente. Em algum café, livraria, apenas me avise o lugar e eu direi a ela. — aceno positivamente.

— Talvez na semana que vem, quem sabe. — enuncio, desviando nossos olhares.

Encarar Sculler é quase que a mesma coisa que encarar Seth. Eles são melhores amigos e se há uma coisa que eu sei sobre eles dois, é a amizade um do outro é muito valiosa. Eu não quero que Sculler vá contar para Seth como eu pareço. Embora eu saiba que Sculler não rirá de mim, eu já não posso dizer o mesmo do outro.

— Era só isso? Nós estamos indo agora. — Jenna diz, puxando-me pelo braço.

— Eu estou de olho em você, Pearl. Ele não vai se aproximar outra vez. — Simon avisa, antes que eu me afaste mais e eu apenas aceno positivamente.

Não é como se eu quisesse Seth perto de mim outra vez, então não me importo. Não mesmo...



Coloco meu material dentro da minha mochila e fecho meu armário. Os

dois primeiros horários que eu tinha com Jenna acabaram e agora estou por conta própria. No entanto, estou aliviada pois Seth não está na escola. Caminho o mais rápido possível para minha sala, desviando das pessoas que aparecem na minha frente, até esbarrar com um garoto que está chorando. Nos encaramos e eu observo suas orbes azuis, avermelhadas e marejadas.

— Você está bem? — sussurro e ele me abraça, do nada, pegando-me de surpresa.

Caminhando do outro lado do corredor, fito Seth. Seu rosto está machucado e o andar arrastado demais para o seu jeito prepotente de sempre. Ele finalmente me nota e eu desvio imediatamente.

O que ele está fazendo aqui?

BÔNUS

Sculler Sivan

Estaciono meu carro ao lado do carro de Cassie e saio lá de dentro, enfiando meu celular e carteira dentro do bolso do meu jeans e fazendo meu caminho pela lateral da casa até a parte de trás. Escuto o som baixo do rádio e continuo andando até achar Cassie em seu segundo lugar favorito: o jardim.

Depois que fui deixar as coisas de Pearl para ela na escola e dei o recado que Cassie me pediu, resolvi voltar para ver como ela está indo. Eu sei que Cassie está se sentindo mal por tudo que aconteceu e que, tanto ela quanto eu, sabemos e estamos vendo o quanto Seth está sofrendo. Isso nos machuca.

Observo-a de longe, ouvindo seu cantarolar baixo e fitando o balançar do seu quadril de acordo com o ritmo da música que está tocando. Aproximo-me sorrateiramente até que passo meus braços por sua cintura, abraçando-a por trás.

— Meu Deus, que susto que você me deu! — exclama, soltando a muda de planta que estava na sua mão. — O que está fazendo aqui? Não deveria estar em aula? — indaga, puxando as luvas amarelas de sua mão.

— Acho que deveria, mas não quis continuar lá. Eu queria te ver. — comento, beijando o canto sua boca. — Você está bem? — pergunto, girando seu corpo para finalmente ficarmos cara a cara.

— Não, nem um pouco bem. Estou cuidando do jardim para ver se o tempo passa mais rápido. — explica, colocando suas mãos em cima das

minhas, que estão no seu quadril.

— Eles vão se resolver, linda. — falo, fitando seus olhos castanhos. — Seth vai conseguir a Pearl de volta, ele nunca desiste e não vai ser agora que isso vai começar a acontecer. — afirmo.

— Por que não me disse o que estava acontecendo? — questiona, lançando-me um olhar confuso.

— Isso não cabia à mim. — comento, subindo uma das minhas mãos para colocar uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha. — Eu o avisei tantas vezes quanto pude, mas ele escutou tarde demais. A garota, Macy, já o tinha na palma de sua mão. Ele tentou proteger você e a mulher que ele ama, não deu certo infelizmente, mas ele já deveria saber e desconfiar daquela garota. — concluo.

— Eu me sinto horrível por ambos... As coisas poderiam ter sido tão mais fáceis se Seth tivesse nos contado. — sussurra e eu assinto.

— Agora ele tem que lutar por ela. — aproximo meu rosto do seu, buscando seus lábios.

— Isso que estamos fazendo é errado. — resmungo, fitando meus lábios e eu sorrio de lado.

— Quem liga, Cassandra? — rebato, usando seu nome como uma arma em meu favor. — Você claramente não liga, posso ver isso em seus olhos.

— Claro que pode ver, uma vez que usa seu charme como uma arma. — defende-se e volta a fitar-me nos olhos. — Não se envergonha de seduzir uma senhora? — gargalho, deslizando minhas mãos por seu corpo até posicioná-las em cada uma de suas nádegas.

— Uma senhora? Bom, disse a mulher que odeia ser chamada de Cassandra. — eu a puxo para cima. — Senhora é a minha avó, Cassie. Você é

gostosa demais para ser uma senhora.

Ela sacode a cabeça, enquanto começo a fazer nosso caminho para dentro de sua casa.

— Continua sendo uma loucura. Isso tudo. Eu e você. — ela não dá o braço a torcer. — Você quer levar isso adiante? E seus pais? O que acha que el...

— É a minha vida e são as minhas escolhas, Cassandra. Meus pais não têm nada com isso. — beijo seus lábios, entrando e empurrando-a contra a porta da cozinha. — Acha que não pode lidar com isso? Que não conseguirá encarar meus pais como minha namorada?

Cassie ri nervosamente e eu rolo meus olhos, beijando-a mais avidamente. Ela briga comigo entre o beijo até que escapa.

— É claro que estou nervosa. Namorada... Eu não tenho mais idade para isso, meu Deus! E ainda tem o Seth e o que ele vai pensar sobr...

— Pare de se preocupar, Cassandra. — a interrompo, segurando seus braços acima de sua cabeça com apenas uma mão. — E se quer minha opinião, tenho certeza que o Seth desconfia sobre nós. — ela tenta se soltar, mas não deixo.

— Você está falando sério? — pergunta, exasperadamente.

— Sim, linda. Se ele ainda não veio me perguntar ou me bater, é por que ele não se opõe tanto a nós dois. — a tranquilizo.

— Talvez ele apenas queira se certificar e depois... Ah, meu Deus, o Seth vai literalmente enlouq...

— Vamos torcer para ele já estar com a Pearl quando contarmos à ele, ela sabe como contorná-lo. — brinco, mas ela não ri. — Vai dar tudo certo,

não se preocupa com isso. O que importa é o aqui e o agora, e *agora*, eu quero você.

Seu olhar suaviza, assim como sua luta para se soltar da minha mão. Cassie aperta as pernas ao redor do meu quadril e eu sorrio, satisfeito. — Eu não sabia que vocês, adolescentes, já sabiam e falavam esse tipo de coisa. — sussurra, fazendo-me abrir meu sorriso.

— Não queira saber do que nós, *adolescentes*, somos capaz de fazer.

Solto suas mãos, aproveitando para subir seu vestido branco com certa dificuldade, enquanto ela empurra minha jaqueta dos meus ombros.

— Que lugar devemos batizar dessa vez? — questiono e ela geme frustrada, mas ri comigo. — Alguma sugestão?

— Apenas meu quarto. Eu não quero estar pela casa com meu filho sabendo que nós, que eu e que você...

— Entendi, Cassandra. Eu não me importo em fazermos isso no seu quarto. — ralho, cortando sua frase e começando nosso caminho até seu quarto. — Dessa vez você vai me tocar? — escuto sua risada.

— Eu não sei do que você está falando. — enuncia, calma.

— Eu estou falando de você me tocando e do quanto evita fazer isso. Espero que a partir de agora, pare com essa coisa. — aviso e para minha surpresa, ela me toca e me beija.

Seus beijos molhados no meu pescoço agem de forma que nunca pensei que poderia acontecer. Cassie continua usando suas mãos, conseguindo e me ajudando a tirar minha jaqueta.

— Você está satisfeito agora? — ela pergunta assim que entramos no seu quarto e arremessa minha jaqueta para longe. — O que mais você quer

que eu faça, menino? — provoca.

— Primeiramente, não me chame de menino. Segundamente, primeiramente. — ela gargalha e eu a deixo em cima da cama. — Para começar, tire seu vestido. Eu gosto quando você fica sem essa peça, e sem qualquer outra.

— Tudo bem. — dá de ombros.

Cassie fica de joelhos em cima da cama e começa a puxar seu vestido para fora do seu corpo. Sou tentado a ajudá-la, mas não me movo. Eu a observo e gravo cada detalhe seu.

— E agora? — Cassie pergunta, deixando seu vestido para o lado.

— Agora você pode deixar comigo.

BÔNUS

Cassie Sawyer

Sento-me na cama, exasperada com o pesadelo que volta a me atormentar. Para ser sincera, não é bem um pesadelo. São cenas reais, que nem em um milhão de anos poderiam ser esquecidas por mim. Respiro profundamente e sinto a mão de Sculler tomar seu lugar em minhas costas, esfregando para cima e para baixo, enquanto ele senta-se ao meu lado. Agarro o lençol com mais força, apertando-o ao redor do meu corpo.

— O que houve? — indaga, deslizando a mão até minha cintura e tentando puxar-me para perto.

— Foi apenas um pesadelo. — sussurro, deitando-me de costas para ele.

Pisco repetidas vezes, até sentir sua presença atrás de mim. Sculler me abraça, puxando-me para perto de si e eu não consigo manter-me tensa ao seu lado. Isso me relaxa, mas não leva o assombro embora.

— Pode falar comigo, se assim desejar. — resmunga, salpicando beijos por meu ombro e subindo para o lóbulo da minha orelha.

— Era algo sobre o passado, sobre eu e Steven. — confesso e ele para imediatamente.

Durante os anos, eu percebi o quanto Sculler não gosta de Steven. A gota final foi, provavelmente, a vez que Sculler enfrentou o homem mais velho aqui dentro de casa. Se eu ainda me sinto ameaçada por Steven? Sim,

claro, sem dúvida alguma, mas com Sculler por perto eu me senti protegida, o que não acontece há alguns bons anos.

— O que tem ele? — questiona, contragosto.

— Nada... Foi apenas um pesadelo do nosso passado juntos. — afirmo.

— Como se conheceram? — viro-me para Sculler e nos encaramos. — Eu gostaria de saber como vocês dois...

— Tudo bem. — assinto. — Eu tinha apenas dezesseis anos quando conheci Steven, e ele, vinte e um. Não posso negar, encantei-me imediatamente pelo homem que ele se mostrou ser a princípio. Ele levava-me para jantar, para o cinema, para passeios pela cidade. Ele era exatamente o que eu sempre quis. — Sculler torce os lábios, parecendo irritado e eu sorrio, subindo minhas mãos até seus cabelos. — Não demoramos muito para casar, uma vez que engravidei logo no final dos meus dezessete anos, e como filho de um dos maiores donos de rede de hotéis da América, Steven não poderia envolver-se em escândalos.

— Você o amou? — Sculler pergunta.

— Eu amei quem ele se mostrou ser no começo, Sculler. No primeiro ano do nosso casamento, moramos na mansão dos Kassid. A mãe de Steven era mais cautelosa, mas já seu pai, mal poderia esperar para ter o seu primeiro neto correndo pela casa e dando trabalho para todo mundo. Steven parecia amar a ideia. Ele costumava acariciar minha barriga sempre antes de dormirmos, enquanto passávamos horas escolhendo o nome do nosso filho. — respiro fundo, afagando seus cabelos e torcendo as pontas em meus dedos. — As coisas começaram a sair do trilho quando, no final da minha gestação, Steven e eu nos mudamos para nossa casa. Era um lugar bonito, tinha um lago de águas um pouco escuras e um vasto campo. O lugar perfeito para uma criança. — explico e paro, mordendo meu lábio para conter as lágrimas que

começam a vir junto com as lembranças.

— E então...

— Eu tive Seth. O família toda ficou feliz, eu fiquei maravilhada e já planejava outro bebê, um para fazer companhia para Seth. Um irmão ou uma irmã, o sexo não importava. — sorrio de lado, nostálgica. — Bom, nesse tempo eu já tinha minhas desconfianças sobre Steven. Ele saía para trabalhar muito cedo e voltava muito tarde. Desde sempre, fomos sempre eu e Seth, além dos seus avós que sempre apareciam para visitar o neto. — paro de mexer em seus cabelos e o abraço forte. — Uma vez, quando Seth havia completado três anos, Steven chegou bêbado em casa com mais três mulheres. Eu não consigo nem explicar o tamanho da minha raiva naquele momento. Enfrentei Steven e ele me bateu em frente todas aquelas mulheres, em frente ao meu filho. Ele me humilhou, cuspiu em mim, enquanto Seth pedia para ele parar, puxando a barra de sua calça. Em um surto de raiva, Steven chutou Seth para longe e aquela foi a primeira vez que ele bateu no nosso filho. Eu e ele, humilhados em frente às prostitutas que antes eram apenas uma suspeita.

Ficamos em silêncio.

Engulo a seco, odiando as lembranças que voltam, mas preciso terminar de jogar isso para fora.

— Lembro de ter juntado toda minha dignidade, pegado um pequeno Seth desmaiado no chão e ter feito nosso caminho para o quarto do meu filho. Passei a noite toda acordada, cuidando de Seth e ouvindo o barulho que vinha dos outros cômodos. A partir daquele dia, Seth começou a ser cuidadoso ao redor de Steven. Eu não sei se era a necessidade de querer acreditar em Steven, mas no dia seguinte, quando ele se relatou e desculpou-se com Seth, meu filho acreditou com um pé atrás. — lágrimas começam a deslizar por

minhas bochechas. — Depois daquilo, tudo piorou. Steven não se preocupava mais com escândalos. Não preciso dizer que o Sr. Kassid reprovava todas as atitudes do filho, ao mesmo tempo que se apaixonava mais e mais por Seth. Steven levava acompanhantes para todos os eventos e quando era questionado sobre mim, ele apenas dizia que eu estava em casa cumprindo meu dever de mulher. E anos se passaram dessa forma. Ele levava mulheres para nossa casa, eu trancava Seth em seu quarto e esperava a hora de receber as bofetadas do meu marido bêbado. Um ciclo que eu temia não sobreviver para ver seu fim.

— Ele foi um grande filho da p...

— Eu sabia que Seth estava ciente do que acontecia entre seu pai e eu. Ele estava ficando mais velho, com quase sete anos de idade. Certa vez, depois da diária sessão de espancamento sem sentido algum, ele veio ao meu encontro no corredor. Eu pensei que tinha trancado a porta, mas eu ou esqueci de fazer isso, ou Seth foi mais esperto e conseguiu uma cópia da chave. Eu não sei. Apenas o notei quando ele estava no quarto de hóspedes comigo, abraçando-me e dizendo que tudo ficaria bem.

Suspiro.

— As coisas pioraram mais ainda quando o Sr. Kassid adoeceu. Seth e eu íamos visitá-lo diariamente e ficávamos ao seu lado por infinitas horas. — fecho os olhos. — Era noite quando o Sr. Kassid me chamou junto com Steven. Seth ficou pela cozinha com sua avó, enquanto eu e seu pai aguardávamos seu avô dizer o que tanto queria. Lembro-me de ter ficado extremamente nervosa. Naquele ponto, eu odiava ficar próxima de Steven e eu posso dizer que aquela noite estará sempre em minha cabeça. Sr. Kassid, em poucas palavras, disse que Seth seria seu único herdeiro. Todos sabíamos que o Sr. Kassid repudiava as atitudes do seu filho, mas tirar-lhe toda

herança? Foi uma surpresa e isso deixou Steven transtornado em grau catastrófico.

— O que ele fez? — Sculler indaga.

— Não fiquei sabendo o que tinha acontecido ao certo até o dia em que Steven amarrou-me no meio da nossa sala de jantar, quase dois meses após a morte do seu pai. Ele estava lá, com uma mulher loira ao seu lado, enquanto segurava o celular na mão e falava com Seth, que voltava da escola. Ele combinava com meu filho para irem nadar assim que ele chegasse com Quinn, o que aconteceria em menos de uma hora. Depois que Steven finalizou a chamada, ele confessou ter matado seu pai envenenado. Não sei como ninguém percebeu, mas ele conseguiu e, logo após, confessou todo plano que tinha feito para matar Seth. Ele estava indo afogar meu filho e depois fingiria que foi um acidente. Você pode imaginar como eu me senti? Eu esperneei, chutei as coisas, tentei me soltar, mas nada funcionava. Fui amordaçada e guardei meu último fôlego para gritar por Seth assim que ele chegasse em casa.

— Porra, Cassie. — Sculler grunhe, afastando-se e segurando meu rosto em suas mãos.

— E ele não demorou a chegar. Durante os momentos em que esperávamos por Seth, seu pai estava ocupado demais em beijar a loira, então mal percebeu que eu estava conseguindo soltar a corda que amarrava meus pulsos. Quando Seth chegou, Steven deu uma arma para a mulher e saiu com a roupa de banho do meu filho, e os dois foram direto para o lago. Eu não poderia me levantar, já que a mulher estava com a arma apontada para minha cabeça. Eu tentei gritar, mas o som era quase inaudível. Naquele momento, eu vi a minha vida escapar por entre meus dedos. Steven estava pronto para matar Seth e eu perderia meu filho, meu único amor. — Sculler enxuga

minhas lágrimas. — Então, Quinn apareceu. Eu gosto de acreditar que o Sr. Kassid deixou Quinn como motorista e segurança de Seth por uma razão, gosto de acreditar que Deus colocou ele naquele momento para nos salvar, eu e Seth.

— O que Quinn fez?

— Quinn estava acostumado a sempre encontrar comigo quando ele deixava Seth em casa e naquele dia ele estranhou, pois eu não estava lá para receber meu filho. Dessa forma, Quinn entrou depois que Steven se afastou com Seth e a mulher se virou para ele. Foi então que eu me levantei e a vi disparar duas vezes no ombro esquerdo de Quinn. Eu a acertei por trás, brigamos pela arma e eu ganhei. Era ela ou eu, Seth e Quinn. Eu escolhi nós três e atirei na mulher. Atirei três vezes. — seguro as mãos de Sculler, soluçando baixo. — Eu corri e podia escutar Quinn vindo atrás de mim. De longe eu podia ver Seth na água com Steven. Meu filho sorria em um segundo, e no outro o... o s-seu pai estava empurrando-o para baixo. Afogando-o.

Aperto meus olhos com força, tentando fazer essa lembrança ir embora, mas ela não vai. Consigo sentir o cheiro do sangue da mulher que eu tirei a vida naquela tarde, consigo sentir o vento frio que batia em mim enquanto eu corria até o lago. Consigo sentir o alívio que tomou conta de mim quando peguei meu filho em meus braços.

Meu Seth.

— Quando cheguei até o lago, mergulhei e nadei até os dois. Eu briguei com Steven. Eu briguei com tudo que eu tinha. Eu bati nele e gritei com ele até conseguir deixar Seth comigo, agarrado nas minhas costas. — sussurro. — Quinn apontou a arma para cabeça de Steven quando finalmente consegui me distanciar dele. Quinn disse para ele ficar longe, ou atiraria. Steven ficou

longe, mas exigiu um acordo e eu fiz o acordo. Ele queria todo o império do Sr. Kassid e, com Seth nos meus braços, eu sabia que dinheiro nenhum pagaria a vida do meu filho. Fizemos um acordo onde Seth poderá, se ele quiser, ser o presidente da rede de Hotéis Kassid apenas depois dos seus vinte e um anos. Claro, as coisas não funcionam assim, para Seth entrar lá há muita coisa a ser feita.

— Ele quer ser jogador de futebol americano, não ser presidente d...

— Eu sei, eu sei, e eu amo que ele queira ser um jogador de futebol americano. No começo, antes de sairmos de Washington, eu levei Seth para fazer tratamentos com psicólogos e terapeutas e ele contou aos profissionais, nas poucas vezes que falou, que odiava os hotéis e que queria ser o melhor Quarterback da América. Isso era tudo que ele falava. Futebol foi a válvula de escape dele para tudo que nós vivemos. Agora eu temo que Pearl tenha tomado o lugar do futebol na vida de Seth. Como ele vai ficar se ela se recusar a falar com ele, se recusar a escutá-lo? O que vai ser de Seth sem a Pearl?

— Espero que isso não dure tanto. Eu conheço Seth o suficiente para saber que ele é capaz de fazer loucuras pela Pearl. Ele a ama. — Sculler afirma, enquanto nos fitamos sem qualquer quebra de contato visual. — Eu amo que tenha me contado todo seu passado. — ele enrola uma mecha do meu cabelo em seu indicador.

— Essa sou eu. Matei uma mulher pela minha vida e pela vida do meu filho. Não me arrependo. Eu faria tudo de novo para salvar a vida do Seth. Ele tem sido a pessoa mais importante da minha vida por anos e o único homem no meu coração desde que nasceu.

— Espero que arrume um lugar aí dentro para mim, porque eu quero você, Cassandra. — sorriu de lado e ele sela nossos lábios.

— É irritante ser chamada de Cassandra. — comento sugestiva, mas ele não se afeta.

— Eu gosto do seu nome na minha boca, e gosto mais ainda do seu gosto na minha boca. — retruca.

Sinto minhas bochechas esquentarem e Sculler gargalha, abraçando-me com força.

— Olhe para essa mulher crescida cheia de vergonha. — provoca.

— Para um adolescente você está tão avançado. — retruco, afastando meu rosto da curva do seu pescoço apenas para encará-lo.

— Eu odeio ser chamado de adolescente. — ele sela nossos lábios.

— *Adolescente*. — resmungo.

— *Cassandra*. — conclui, antes de me jogar de costas na cama e esgueirar seu corpo atlético sobre o meu.

Capítulo 76

Preciso me explicar

Seth Sawyer

Observo Pearl de longe, enquanto um garoto a abraça. Respiro fundo, lembrando-me de que não estamos mais juntos e de que não posso ir tomar qualquer satisfação, o que desde algum tempo atrás passou a ir além de qualquer rótulo que tínhamos. Pearl me ensinou que não é por que eu era seu namorado, que eu poderia arrancá-la do lugar de onde estivesse apenas porque eu não estava satisfeito; ela me ensinou a confiar, acima de tudo. Mas não posso negar a irritação que ameaça estourar por dentro de mim.

Finjo que vou pegar alguma coisa no meu armário e quando percebo que ela está se afastando com o garoto, e indo para sua outra aula — que é a mesma da minha — fecho meu armário e saio apressadamente atrás dela. Quero dizer, apressadamente é modo de falar, já que eu estou mais me arrastando do que qualquer outra coisa.

No outro dia, quando cheguei em casa, minha mãe e Sculler me levaram para o hospital, mas não deu muito jeito. Embora as dores corporais ainda sejam quase que insuportáveis, eu não poderia deixar isso me parar de vir atrás de Pearl, e é isso que eu estou fazendo, mesmo que tenha perdido os primeiros horários.

“Chego em casa e nem mesmo tenho forças para estacionar a moto. Deixo que ela caia na grama e o mesmo quase acaba acontecendo comigo, mas felizmente ainda consigo me segurar no carro da minha mãe, que

dispara o alarme por causa do baque. Antes que eu me recupere e faça meu caminho até a porta, vejo minha mãe e Sculler saírem e se juntarem a mim debaixo da chuva grossa.

— Onde você esteve? Estivemos ligando para você desde cedo! — minha mãe exclama, parecendo incerta se deve me tocar ou não.

— Eu estav-va por aí. — enuncio, calmo até certo ponto.

— Você andou bebendo e dirigindo outra vez? — continua, finalmente me ajudando a ficar de pé. — O que eu vou fazer com você, Seth? O que você tem na cabeça? — Sculler me segura do outro lado. — Você precisa de um hospital, imediatamente.

— Eu preciso da Pearl, não de um hospital. — rosno, entre dentes.

— Você está chorando? — pergunta e eu bufo. — Vamos, isso não importa agora, você precisa ver um médico.

Sculler pega a chave do carro da minha mãe e vai para o banco do motorista, enquanto eu e ela entramos no banco de trás. Estamos os três ensopados, eu deitado com a cabeça nas pernas da minha mãe, enquanto meus dentes batem por conta do frio.

— Por que fez isso com ela? Por que fez isso com você, Seth? — minha mãe pergunta assim que Sculler começa a dirigir. — Olhe para você... — soluça.

— Eu n-não poderia deixar o passado voltar para você, mãe. Uma vez você me defendeu, matou por mim, estragou e enfiou seu nome na lama por seu filho. Eu tentei proteger você também. Eu tentei proteger vocês duas, eu pensei q-que nada daria errado. — bufo.

Ela balança a cabeça.

Chegamos ao hospital poucos minutos depois. Saímos do carro e eu sou ajudado outra vez por minha mãe e meu melhor amigo a andar até a porta principal, e assim que sou avistado pelos enfermeiros de plantão, eles se aproximam com uma maca e eu logo sou levado para algum lugar que agora não faço a mínima ideia de onde seja, já que tudo fica preto e eu caio nessa imensidão chamada solidão.”



— Finalmente! — a voz conhecida da minha mãe soa pelo cômodo.

Observo o quarto completamente branco e me mexo incomodado.

Eu odeio hospitais, desde sempre.

— Como você se sente, cara? — Sculler indaga e eu bufo.

Eu realmente devo responder?

— Você teve uma costela fraturada, terá que ficar de repouso por algum tempo. — minha mãe anuncia e eu a fito.

— Eu não posso e não vou ficar de repouso. Preciso ir atrás da Pearl, preciso tentar falar com ela. — retruco, seguro das minhas palavras.

— Você realmente ama a Pearl? — ela volta a perguntar e eu reviro meus olhos. — Então você precisará dar um tempo para ela, Seth.

— Se ela pensar muito, ela vai me esquecer, mãe. — falo, exasperadamente e tento me levantar, mas Sculler me segura.

— Isso é algo impossível de acontecer, não se preocupe. — rebate. — O que você fez foi errado, mas agora eu posso entendê-lo. Você estava

perdido e com medo, isso não é uma mistura boa. A única coisa que você deve fazer agora, é esperar a hora certa de falar com a Pearl. Ela deve estar muito machucada e sua presença não melhorará em nada na dor dela, nem na sua. Vocês dois vão se machucar mais ainda. Isso não é bom, filho, por favor, escute o que eu estou te dizendo. — aceno, contragosto.

Não conseguirei fazer o que ela está me pedindo. Eu preciso ir atrás da Pearl e convencê-la a me escutar. Ela precisa acreditar em mim.”

Entro na sala, dando de cara com Pearl e o garoto que está sentado logo ao seu lado. Posso jurar que já o vi algumas vezes — uma delas com Vance — mas nada além disso.

— Vai ficar o dia todo aí, Sr. Sawyer? Tome um lugar. — o professor alfineta e eu finalmente me movimento, caminhando até a mesa atrás de Pearl.

Esgueiro-me e passo pelo cara que está também sentado em frente à mesa e me sento logo atrás de Pearl. Deixo minha mochila cair no chão, importando-me mais em encarar suas costas do que com qualquer outra coisa.

E a aula toda se passa dessa forma...

Observo todos os traços de Pearl. A forma como ela inclina e às vezes torce seu pescoço, incomodada. Sua postura ereta, enquanto ela se mantém firme. Ela não está nem um pouco afetada com minha presença, diferente de mim. Eu tenho que fechar minhas mãos em cima da mesa e apertar meus punhos com força para reprimir a vontade que tenho de tocá-la.

O sinal anuncia que a aula chegou ao fim. Pego minha mochila do chão, levantando-me e saindo da sala. Encosto-me ao lado da porta, esperando o momento certo de falar com Pearl.

— Você pode me encontrar na biblioteca, se quiser... — ela diz para o

garoto assim que os dois saem da sala.

— Podemos ir logo para lá? Eu não costumo ir ao refeitório e nem comprar qualquer coisa para comer. — escuto ele dizer, enquanto eu os sigo.

Não, eu não sou discreto e nem faço questão de ser discreto. Empurro quem passa no meu caminho e ignoro os olhares em cima de mim. Se tem uma coisa que eu venho odiando desde quando comecei a sair com Pearl, é a atenção. Não posso mentir, eu adorava ser o centro das atenções, mas isso foi mudando conforme *eu* fui mudando.

Eu odeio essa merda.

Entramos no corredor que leva até a biblioteca, que está vazio como sempre. Aproximo-me mais ainda e seguro o braço de Pearl. Ela para, vira-se e puxa o braço de volta.

— Girassol, vamos conversar. — murmuro, enfiando minhas mãos dentro dos bolsos do meu jeans.

— Não temos mais nada para falar... — retruca, dando um passo para trás.

— Nós temos muito para falar, por favor. Você prometeu que me escutaria. Eu estou tentando falar. Deixe-me falar. — imploro.

Sou empurrado para o lado e me seguro na parede. Simon e Jenna chegaram. Eu deveria saber que eles não a deixariam por conta própria.

— O que eu falei sobre nunca mais se aproximar da minha irmã? — Simon pergunta e eu bufo.

— Quem liga, porra? Eu preciso falar com a Pearl. Nós vamos nos resolver. — afirmo, irritado com ele.

Simon vem em minha direção, mas Jenna o segura pelo braço.

— Você vai se meter em encrenca se bater nele aqui na escola. — ela o alerta.

Encaro Pearl e a encontro me fitando, mas ela desvia.

— Girassol, vamos, deixe-me te explicar que o que acontec...

— Não temos mais nada para falar, Seth. Nunca mais. Nós já acabamos. — Pearl sussurra, dando-me as costas e andando apressada com o garoto ao seu lado.

— Escutou? Ela não quer falar com você nunca mais. Agora você já pode dar o fora. — Simon enuncia, cruzando os braços.

Viro para ir embora mais quebrado do que quando cheguei. Como diabos ela vai me escutar com essa escolta do caralho que Simon está fazendo?

Inferno!

Capítulo 77

Viktor

Pearl Wyatt

— Você está bem agora? — indago, depois que eu mesma já me recuperei.

Viktor me encara e assente. Seus olhos começam a encherem-se de lágrimas mais uma vez, e eu o abraço. Ele corresponde mais forte ainda, mas não me incomodo em pedir para ele parar. Eu também preciso de abraços.

— Desculpe-me, eu não queria ter atrapalhado você com o Seth, eu fiquei sabendo o que acontec...

— A escola toda sabe? — sussurro.

— Pelo menos uma boa parte dela, sim. — sussurra de volta. — Mas pode ficar tranquila, a maioria fala como ele foi um idiota por ter feito o que fez com você. E eu também acho.

— Você quer... mudar de assunto? — indago, incomodada por falar sobre Seth. — Por que estava chorando hoje mais cedo? Me deu um susto, sabia? O abraço repentino e você, quer dizer, você parecia bem mal...

— Eu acho que você nunca me notou nas aulas, e provavelmente ninguém nunca o fez, exceto Vance. Nós nos conhecemos em Los Angeles, no começo do ano passado. Eu estava lendo livros em uma livraria e não sei o que ele estava fazendo lá, mas Vance sentou-se na minha frente e eu previamente já sabia quem ele era, por estudarmos na mesma escola.

Começamos a conversar e nos demos bem instantaneamente. Eu não sou conhecido aqui, sou tipo um fantasma. Não tenho amigos, não tenho amigas, não tenho ninguém. Estou sempre na biblioteca, escondido na última cabine solitária, lendo sem parar. — empurro uma mecha loira do seu cabelo para longe dos seus olhos azuis.

— Ele virou seu amigo? — indago.

Viktor me encara e engole a seco.

— Nós viramos namorados. — retruca, tão baixo que tenho que arregalar os olhos e me aproximar dele. — Ele não sabia que éramos da mesma escola e vivemos um romance, no começo do ano passado. Foi rápido, mas intenso. Eu também não poderia acreditar que Vance era como eu, quer dizer, não que...

— O Vance? Estamos falando do mesmo Vance? O jogador do time de futebol? O que pega todas as garotas que vê pela frente? Ele... Ele é gay? — sussurro.

Viktor acena positivamente.

— Os pais dele não aceitam e ele diz que não pode assumir qualquer coisa, pois tem um nome a zelar. Aquela garota, Macy, descobriu sobre o que tínhamos há alguns meses e eu não sei, acho que o obrigou a terminar comigo e ajudá-la em alguma coisa, ou então espalharia tudo pela escola e para os pais do Vance sobre nós. — Viktor soluça e eu seguro suas mãos. Eu o entendo. Ambos somos vítimas da Macy. — Eu estava chorando lá fora, pois eles estavam juntos, se beijando, assim como há muito tempo estão fazendo. Eu ainda o amo, mas acho que ele não se importa com isso, apenas com seu nome.

— Ele não deveria estar envergonhado por ser gay, nem você. Talvez

ele não seja o seu cara certo. Talvez você deva esquecê-lo. Olhe, você sabe, eu estou passando por algo bastante parecido por causa da Macy, do meu ex-namorado e do Vance também, onde eles todos concordaram em me machucar. Fui enganada e agora percebo que talvez o... o Seth não seja o meu cara. — respiro fundo, parando por alguns momentos para não começar a chorar. — Esqueça o Vance, ele não merece você. Ele não tem coragem de se assumir e muito menos de assumir você. Tenho certeza que achará alguém que o ame e que não tenha vergonha do que os outros pensarão.

— Você esqueceu o Seth? — questiona.

— Não. — sussurro.

— Eu também não consigo esquecer o Vance. — retruca da mesma forma.

Lágrimas enchem meus olhos e eu acabo rindo.

— Tudo bem, uma coisa de cada vez. — afirmo e Viktor finalmente sorri, mostrando-me o quão bonito ele é. Vance está sendo um burro por deixá-lo ir. — Agora você tem uma amiga. Pode falar comigo sempre que quiser, eu posso ouvi-lo sem problema algum.

— Obrigado, Pearl. — murmura.

— Disponha. Agora somos amigos, lembra? — ele assente, sorrindo levemente e eu o abraço forte.

Sinto muito por Viktor, mas não tanto por Vance.

— Se quiser eu posso te apresentar minhas outras duas amigas. Uma você conheceu, a Jenna, que estava com meu irmão me defendendo agora há pouco, mas também tem a Spencer. Ela trabalha comigo na pizzaria dos meus pais. — explico.

— Seus pais têm uma pizzeria? Pizza é a melhor comida do mundo!

Sorrio abertamente, concordando.

— É oficial, minhas amigas vão amar você. — afirmo e seu sorriso cresce mais um pouco, não tanto, mas como se ele estivesse incrédulo.

Viktor e eu passamos o resto do almoço conversando sobre pizza e livros. Dei-lhe o endereço da pizzeria, para ele passar mais tarde lá e ele confirmou sua presença. Estou animada, pois finalmente consegui um amigo de verdade.



Termino de jogar o queijo sobre a pizza e finalizo a sétima pizza que estou fazendo essa noite. Spencer está ao meu lado, tão calada quanto eu. De momento em momento trocamos algumas palavras, mas não é nada demais. Não sei o que aconteceu com ela. Spencer não é calada.

Depois da escola, despedi-me de Viktor e segui com Jenna para o estacionamento, onde Simon já me esperava. Seth me observava de longe e felizmente não se aproximou de mim outra vez.

Eu não sei o que está acontecendo comigo. Está tudo uma confusão na minha cabeça. Em um instante eu quero me aproximar de Seth e cuidar dele, pois ele parece muito mal, mas em outro instante, eu quero que ele fique o mais longe possível de mim, pois a lembrança de que tudo que vivemos foi uma mentira, me machuca muito.

— Está tudo bem com você? — pergunto a Spencer, deixando os pensamentos insistentes sobre Seth saírem da minha mente.

— Sim, bem. — Spencer retruca baixo, finalizando a sua décima pizza.

Ele esteve trabalhando sem parar desde que entramos na cozinha.

— Não parece. — afirmo.

Nos encaramos e ela sorri de lado.

— Estou bem, anjinho. E você? — questiona mais leve.

— Me sinto péssima, mas estou conseguindo lidar com isso. Acho que é isso que as pessoas chamam de *ser forte*. — dou de ombros.

— Vai passar... — brinca.

— Tudo passa...

— Até a uv...

— Cala boca, isso já está sem graça. — Simon resmunga, interrompendo Spencer e empurrando-a.

— Me dê uma piada melhor e talvez eu pare, imbecil. — ela rebate, irritada.

— Está um pouco cedo para começarem, não acham? — pergunto.

— Que seja. — Simon sai da cozinha.

— Ele não está mais falando comigo. Nós brigamos no dia do... do aniversário do Seth. — Spencer confessa.

— Por minha causa?

— Acho que foi um pouco de tudo, sabe? Eu e o Simon somos incompatíveis. Eu não quero estar ao lado de alguém que me irrite a cada dez segundos. Foi bom, cada um seguirá seu caminho, e eu tenho certeza que ele vai encontrar alguma imbecil para aguentar as piadinhas sem graça dele e escutar seus infinitos resmungos e surtos de mau-humor.

Balanço minha cabeça negativamente.

— Eu sinto muito por ter...

— Não foi sua culpa, anjinho, desencana. — ela me corta. — Vamos parar um pouco? — pergunta. — Estou morrendo de fome...

— Claro, tem alguns pedaços de pizza ali nos esperando. — aponto e ela ri. — Aliás, vamos sair daqui a pouco, eu tenho um convidado hoje e tenho certeza que vai amar conhecê-lo. — comento.

— Sério? Você já está em outro? Graças a Deus, amém, igreja!

Reviro os olhos.

— Vamos comer. — a empurro pelo braço e Spencer gargalha.

Capítulo 78

Último beijo

Seth Sawyer

Observo os carros irem e virem, enquanto espero Pearl sair da pizzeria. Jogo o saco de gelo que está pressionado nas minhas costelas para o banco do passageiro e saio do carro assim que vejo o garoto que estava com ela na escola, pronto para entrar no estabelecimento. Mesmo com dificuldade, eu o alcanço.

— O q...

— Diga para Pearl que eu estou aqui fora e que preciso falar com ela. Eu não vou sair até que ela venha falar comigo. Eu não vou embora, não aceito um não, ela precisa escutar o que eu tenho a dizer.

Seus olhos me avaliam e ele puxa seu braço, mas assente. Respiro aliviado, voltando até meu carro e me encostando no veículo. Minhas mãos começam a suar e eu começo a ficar nervoso. É impossível controlar minha ansiedade. Se ela não aparecer, terei que entrar atrás dela.

Abro o medalhão do cordão que Pearl me deu de aniversário e fito as fotos que estão ali. É uma de Pearl e uma da minha mãe, ambas lindas e ambas sorrindo.

Os minutos passam, e quando estou pronto para virar para ir procurar por Pearl, sinto um toque leve em meu braço. É Pearl. Viro rapidamente e a encontro. Ela dá dois passos para trás e cruza os braços.

— Estou aqui. — diz, simples.

Aproximo-me dela e tento tocar seu rosto, mas ela recua mais uma vez. — Eu... Eu sei que eu errei, Pearl, eu sei que eu fui um estúpido no começo, logo quando nos conhecemos. Eu estava irritado com o mundo, eu estava irritado com as mulheres, principalmente porque eu achei que nunca teria alguém disposto a me amar. É burrice, estupidez, imaturidade, mas eu estava muito fodido naquele ponto. Eu estava iludido, pensando que tinha perdido a única pessoa que pensei que amava e, fora isso, meu único exemplo foi o dos meus pais. Eu não queria acabar como meu pai, como Steven, e eu só percebi isso quando encontrei a pessoa certa, quando encontrei você, Pearl.

— Você me machucou, Seth...

— Eu sei, meu amor, e eu... porra, eu não queria te machucar. — Pearl me encara, seus olhos estão marejados, mas ela não deixa uma lágrima cair. — Quando eu percebi que estava apaixonado por você, o que não demorou a acontecer, eu desisti da aposta, mas não podia mais sair. A Macy tinha coisas sobre meu passado, sobre minha mãe e de quebra, tinha aquele estúpido vídeo do início da aposta. Eu estava perdido. Eu não queria trazer tudo de volta para minha mãe e não mais queria te machucar. Eu quis proteger vocês duas, mas falhei. Eu ofereci dinheiro, eu tentei sair, mas eu não pude. — eu toco em seu rosto e ela finalmente não recua. — Eu sinto muito, Girassol. Eu sei que machuquei você e isso me machuca mais ainda. Eu só preciso que me escute. Eu amo você, eu preciso de você, não há possibilidade de eu conseguir viver sem você, por favor, eu preciso de outra chance. — imploro.

— Eu não confio em você, sinto muito, Seth. — retruca, roboticamente.

Caio sobre meus joelhos e abraço seu quadril. O nó que se forma na minha garganta está prestes a me sufocar, então eu me liberto em meio lágrimas. — Porra, Pearl, eu preciso de você, será que não consegue ver isso?

— questiono, exasperado. Desespero corre por minhas veias. Ela me escutou, mas não me perdoou. — Volta pra mim, por favor, Girassol. Você é a única que conseguiu me tirar da minha miséria, dos meus hábitos ruins. Eu nunca traí você com aquela puta. Todos os dias eu ia para uma merda de terapeuta, para tentar melhorar minha conduta por você, para tentar ser o que você precisa. Eu procurei ajuda porque não queria te perder.

— Você me perdeu no momento em que entrou na aposta. — Pearl diz, com a voz embargada.

Separo meu rosto da sua barriga e inclino a cabeça para fitá-la.

— Eu não vou conseguir continuar sem você. — afirmo, sentindo uma lágrima fazer caminho e queimar minha pele até meu queixo.

— É melhor achar um jeito de continuar, Seth, nós n-não vamos voltar. Eu e você, não existe mais. Você está livre para seguir seu caminho, para ser a estrela de futebol que merece ser, longe da caipira do Texas. Está tudo bem. Se isso realmente aconteceu, é nobre da sua parte ter escolhido proteger sua mãe, a Cassie é uma pessoa maravilhosa e não merece sofrer em hipótese alguma. Você me enganou, Seth. O que houve entre nós, rachou, quebrou, foi destruído. Não há mais nada, além de dor. — ela para e enxuga suas lágrimas. — Dor essa que eu vou saber lidar sozinha e você também. Você é forte o suficiente para passar por cima disso.

— Foda-se essa merda, eu não sou forte. Eu sou fraco pra caralho, não vê? Podemos reconstruir a confiança entre nós, o amor entre nós. Eu não deixei de confiar em você e nunca vou deixar de amá-la. Eu estou tentando, Pearl, eu preciso de outra chance.

— Sinto muito. — sussurra.

Pearl me empurra e começa seu caminho até a porta da pizzeria.

Levanto-me e a alcanço. — Você não me ama mais? — murmuro e ela morde o lábio inferior.

— Pare de me perguntar essas coisas, está acabado. Eu escutei você, assim como prometi. Você pode seguir sua vida. Vá embora, Seth. — exclama.

— Eu preciso de um último beijo.

Pearl sorri amarga e quando vai negar, eu selo nossos lábios, fechando meus braços em torno da sua cintura. Ela me acerta, soca meus ombros, mas cede, e quando ela cede, eu a carrego comigo até meu carro. Suas mãos apertam meus ombros e eu sei que ela está em um dilema entre empurrar-me para longe e puxar-me para perto.

Deslizo minha língua entre seus lábios e provo seu gosto pela última vez. Ela ainda tem sabor de morango, como se tivesse acabado de tomar um suco da fruta. Enrolo um dos seus cachos em meu indicador nostalgicamente, sabendo que essa é a última chance que vou ter de fazer isso. Suas unhas arranham meu pescoço, mas não me incomodo com sua atitude. Os segundos se passam e Pearl vai ficando mais forte, e eu mais fraco. O beijo que trocamos tira minha vida. Pearl separa nossas bocas e eu nem estou mais presente dentro de mim.

— Por favor... — peço, uma última vez.

— Você disse tudo que tinha para dizer e conseguiu seu último beijo, agora deixe-me ir. — ela pede de volta.

Solto seu cacho loiro e afrouxo o aperto em sua cintura. Pearl escapa e corre para dentro da pizzaria. Sinto uma pontada nas minhas costelas e abro a porta do meu carro, jogando-me no banco de batendo a porta.

Saco meu telefone do bolso da minha calça e ligo para Quinn.

— Eu preciso de flores. Preciso de Girassóis, muitos deles, e livros também. Literatura inglesa, pode ser. Shakespeare, Jane Austen, não sei, romances. — disparo, assim que ele atende. — Chocolates também. — soco o volante, derrotado.

— Tudo bem, Sr. Sawyer? — Quinn pergunta.

— Porra, para de me chamar de Sr. Sawyer. Eu sou o Seth e quero saber como se reconquista uma garota. Eu preciso dela de volta, Quinn. — atiro.

— Talvez ela precise de um pouco de tempo, Seth. — Quinn diz, chamando-me de Seth pela primeira vez na vida. — Uma vez, perdi uma garota, a mulher da minha vida. Eu também era estúpido e escolhi o exército, não ela. Até hoje eu me arrependo, mas não posso fazer nada, ela tem sua própria família agora. Dê-lhe tempo, não a sufoque. Se ela está machucada, ela com certeza precisa disso.

— Você era do exército? — pergunto.

— Sim. — responde.

— Eu escolheria a Pearl, não o futebol. — afirmo. — Se eu tiver que desistir de tudo para ficar do lado dela, assim eu farei. Ela é tudo de mais importante para mim. Eu preciso dela.

— Ainda precisa dos Girassóis? — Quinn indaga.

— Acho que apenas um buquê deles amanhã cedo na casa dela. E uma caixa chocolate e um livro. — retruco, depois de refletir. — Eu vou passar o endereço da casa da Pearl e você entrega. Ela não quer me ver. Ela disse que acabou, mas para mim, nada acabou.

— Farei como quiser.

Finalizo a ligação e soco o volante outra vez. Ligo o carro e começo meu caminho para casa. Acho que se um caminhão passasse por cima de mim seria melhor do que ser rejeitado pela Pearl outra vez.

Capítulo 79

Itália

Pearl Wyatt

Coloco minha mochila nas costas e desço, já agasalhada com um moletom bem quentinho. Não, não está fazendo frio, mas eu me sinto doente. Ainda consigo sentir os lábios de Seth em cima dos meus, ainda consigo ver as lágrimas enchendo seus olhos, ainda consigo sentir a dor dilacerante que me atravessou quando ele se ajoelhou na minha frente. Eu acabei com tudo; comigo e com ele, mas foi preciso. Eu menti, dizendo que não confio mais nele. A confiança que eu tinha, diminuiu-se em quase cem por cento, mas ainda há algo que permanece me puxando para ele, há algo que me faz querer acreditar nele.

Céus, como eu sou burra...

— Bom dia. — Simon resmunga, passando na minha frente.

Descemos, eu ainda pensando em Seth, e tomamos nosso lugar à mesa.

— Bom dia, filha. — meus pais dizem, animados, provavelmente com a esperança de que eu me anime com eles. — Seus tios ligaram há pouco. Eles ficaram falando sobre a pizzeria lá na Itália e perguntaram por vocês...

— Eles estão bem? — indago.

Pego uma torrada e derramo um pouco de leite no meu copo.

— Sim, e cheios de trabalho. Os garotos não podem mais ajudar na piz...

Minha mãe começa a falar e uma saída aparece na minha mente. Itália. Eu poderia ir para Itália. Eu poderia recomeçar, longe desse lugar, longe de Seth. Poderia me formar em gastronomia lá e talvez, quem sabe um dia, voltar para os Estados Unidos.

Pisco repetidas vezes e limpo a garganta, deixando minha torrada em meu prato e chamando a atenção da minha família para mim.

— Eu posso ir para Itália? — pergunto e meus pais param de comer imediatamente.

— Ir para Itália? Mas...

— Por favor. — peço.

Os dois se entreolham.

— É uma boa ideia, ela pode ter um espaço e ficar longe daquele encosto. — Simon é o primeiro a se pronunciar.

Eu não gosto de como ele fala sobre Seth, mas também não falo nada. Eu não tenho motivo algum para defendê-lo. Engulo a seco e olho ansiosa para os meus pais.

— Você quer isso? Tem certeza? — mamãe indaga e eu aceno positivamente, mas por dentro estou incerta. É a minha única saída.

— Se for por causa do garoto, você não precisa ir, filha. Eu dou um jeito nele, é só me falar. — meu pai diz e eu balanço minha cabeça em negação.

— É por minha causa. — sussurro.

O silêncio prevalece na mesa e só é interrompido pela campainha. Simon se levanta e vai até lá, enquanto continuo encarando meus pais.

— *Leve essas merdas de volta e joga na cara dele...* — escuto Simon

falar e empurro minha cadeira para trás. Levanto e vou até a porta, onde acho meu irmão já irritado. — Eu disse para levar essa merda de volta, a Pearl não precisa disso e nem de nada que venha daquele...

— Simon. — eu o repreendo e tomo sua frente, dando de cara com Quinn. — Oi, Quinn. — o saúdo.

Ele segura um buquê cheio de Girassóis em uma das mãos e na outra um livro e uma caixa de chocolate muito bonita.

— Bom dia, Srta. Wyatt. — ele diz, polido como sempre. — Seth pediu para eu trazer isso para você. — comenta, estendendo o buquê em minha direção.

Simon o arranca da mão de Quinn.

— Eu vou jogar essa merda no lixo...

— Para, Simon. — exclamo, puxando o buquê para mim. Ele me encara, incrédulo. — Elas são lindas, você não vai jogá-las no lixo. — abraço as flores contra meu corpo.

— Você é realmente mais idiota do que eu pensava. — meu irmão sai resmungando e eu o ignoro.

Viro-me para Quinn e sorrio fraco.

— Você pode levar esses de volta, eu vou ficar com as flores. — enuncio, calma.

— Fique com o livro e o chocolate. — Quinn pede. — Ele está se esforçando, aceite os presentes. — explica.

Espio o livro que ele segura e não contendo o pequeno sorriso nostálgico que espalha-se por meus lábios. Romeu e Julieta será um bom companheiro para minha viagem. Quinn estende os livros e a caixa de

chocolate para mim e eu seguro.

— Obrigada. — agradeço-lhe.

— Eu não faço a mínima ideia do que o garoto fez, mas talvez deva dar-lhe outra chance. Você o ama e ele a ama, isso é o suficiente para suas almas jovens. Aproveitem e perdoem-se enquanto há tempo. — Quinn enuncia, virando-se e caminhando até seu carro.

Respiro fundo e fecho a porta. Encosto-me na mesma e fito meus pais, que estão divididos entre me olhar ou olhar para as coisas em minhas mãos.

— Quando você quer ir? — meu pai pergunta.

— Depois da entrega de certificados. — sussurro, mais indecisa que antes.

— Não vai ficar para o baile? — minha mãe pergunta.

— Isso não é um dia antes do último jogo da temporada? — Simon aparece, intrometendo-se mais uma vez. Aceno que sim. — Boa sorte, então.

— Eu vou providenciar sua passagem. — papai avisa e eu concordo.

Corro até a escada e subo os degraus, quase que tropeçando em meus pés. Assim que entro em meu quarto, bato a porta e deixo as coisas na minha cama. Observo os Girassóis amarelos e meus olhos enchem-se de lágrimas. Eles são lindos e cheiram muito bem. Deixo o livro de Shakespeare jogado na minha cama, lembrando-me de quando Seth apareceu bêbado e tentou subir até meu quarto. Sorrio em meio lágrimas. Eu fiquei tão nervosa com o que ele estava fazendo e tão preocupada quando ele caiu.

O Romeu bêbado mais romântico que já conheci.

Sim, ele é Seth Sawyer.

Ah, Seth... Eu queria que tivéssemos dado certo. Eu ainda amo tanto

você.



Aperto o casaco contra meu corpo, sentando-me ao lado de Viktor e oferecendo um sorriso para ele.

— Bom dia. — sussurro.

— Bom dia. — ele retruca, abrindo seu livro que está em cima da mesa e fitando-me calmo. — Você parece doente... Está se sentindo bem? — questiona.

— Sim, estou bem, é só uma dor de cabeça. — resmungo, omitindo o fato de que eu não estou realmente me sentindo bem. — Como você está? — retorno a pergunta.

Vance entra na sala no mesmo momento e seus olhos caem no garoto ao meu lado.

— Já estive melhor. — Viktor murmura.

Entrelaço nossos braços, tremendo de frio e aconchegando-me junto dele.

— Não fica assim... — peço. — Eu vou viajar daqui duas semanas. — aviso.

— Viajar? Mas... você não tem planos para a faculdade?

— Sim, claro. Eu vou achar alguma na Itália... Acho que meu tempo aqui em Long Beach já foi o suficiente, além do mais, meus tios devem estar precisando de ajuda com os negócios e eu estou pronta para me afundar em

trabalho e mais estudos. — explico.

— Eu vou sentir sua falta. — Viktor confessa. — É a primeira amiga que tenho e já está indo embora...

Sorrio fraco, inclinando meu rosto para encará-lo.

— Você tem a Jenna e a Spencer também e, acredite, não deixarei nossa amizade morrer. Vou ligar todos os dias para todos vocês.

Viktor sorri de lado.

— Acredito em você. — diz. — O seu ex-namorado sabe disso?

— Não, e nem precisa saber. — replico, tentando soar segura, mas estou certa de que falhei.

— Se você está dizendo...

Capítulo 80

Coragem

Pearl Wyatt

Uma semana mais tarde...

Bocejo, ouvindo o mesmo som dos últimos sete dias me acordar mais uma vez. O barulho da moto de Seth se afasta e eu me levanto, caminhando até minha sacada e pegando o Girassol e um pedaço de papel, ambos amarrados com um fio de barbante em uma pedrinha. Volto para dentro do meu quarto e sento-me na cama, bocejando mais uma vez.

“Eu ainda sinto sua falta e eu ainda amo você mais do que ontem, Girassol...

Seu, Seth Sawyer.”

Arrasto-me sobre a cama, jogando a pedrinha e o fio para o chão e deixando o Girassol dentro de um jarro que está em cima da minha mesa de cabeceira, cheio de mais Girassóis. Abro a caixinha e pego os outros papéis, observando o conteúdo de cada um.

Há pelo menos uma semana Seth vem fazendo isso e há pelo menos — também — uma semana, ele não aparece na escola.

Eu sinto sua falta. Eu preciso de você. Eu te amo. Perdoe-me.

Esse o conteúdo que prevalece nos sete bilhetes. Coloco-os de volta na caixinha e puxo o cobertor para cima de mim outra vez, observando o relógio do meu despertador marcar quatro e meia da manhã.

Sempre o mesmo horário.

Suspiro baixo, lembrando-me de que hoje mais tarde eu estarei me encontrando com Cassie. Ela virá me buscar para irmos tomar café juntas. Decidi não ir à escola hoje e dedicar todo meu tempo para nossa conversa.

Aconchego-me e não demoro a cair no sono, mas isso não acontece antes da imagem de Seth aparecer em minha mente como um lembrete de que nunca estarei livre dele.



Sou recebida por Cassie com um sorriso no rosto.

Ela está usando uma calça jeans e camiseta branca com um casaco preto por cima. Diferente dela, eu estou usando um dos meus vestidos vermelhos e um suéter branco por cima.

— Bom dia, querida. — enuncia, educada como sempre. Cassie me abraça forte e deposita um beijo em minha bochecha. — Você parece mais magra... Espero que esteja com fome, pois estaremos indo tomar o melhor café de Long Beach.

— Oi, Cassie. — sussurro, sorrindo de volta. — Eu não estou com tanta fome assim, para ser sincera. — comento.

— Eu já ouvi isso hoje e não gostei nada dessas palavras, nem suas e nem dele. Nós vamos comer, e comer bem. — retruca, segurando minha mão e puxando-me até seu carro.

Entro no carro e Cassie faz o mesmo, partindo para longe sem demora. Os primeiros minutos no carro são silenciosos, como se ela estivesse

procurando o que falar. Eu espero, já que não tenho muito a falar. — Como esteve nos últimos dias? — indaga, colocando sua mão em cima da minha e apertando.

— Estou vivendo um dia de cada vez. — retruco, relaxando lentamente no banco. — Como você está?

— Eu poderia estar melhor...

Ficamos caladas mais uma vez. Eu entendo o que Cassie quis dizer. Tanto eu quanto ela estamos sofrendo pelo que Seth fez, além do próprio parecer estar machucado também.



Sentamo-nos frente a frente. Cassie pede dois chocolates quentes com croissants para nós, e assim que a garçonete se afasta, nos fitamos. Ela sorri forçadamente e eu retorno o gesto.

— Seth não está indo para escola... — comenta e eu aceno educadamente, mas infelizmente já sei dessa informação. — Ele está descansando para o último jogo nesse final de semana, já que ficou machucado depois... depois daquele incidente.

— Espero que ele consiga se recuperar para fazer uma boa partida... Parece que isso é o sonho dele. — replico, mexendo-me inquieta.

— Você também o sonho dele, sabe disso, certo?

Abaixo a cabeça e recuso-me a responder. Não, eu não sou o sonho de Seth, mas ele era o meu.

— Pearl, escute-me...

— Cassie, eu sei que ele quis te proteger, e protegeu. É bonito ver todo esse amor que ele sente por você falar mais alto do que qualquer outra coisa e eu acho que entendo ele por te proteger, você merece isso e muito mais. — digo, torcendo para que ela troque de assunto, mas sei que isso não acontecerá.

— Ele estava revoltado com o mundo e com todos, Pearl. Eu lembro muito bem de como era o Seth antes de você. — segura minhas mãos. — Eu sei que você está sofrendo, mas por favor, dê outra chance para ele. Seth é melhor com você e ele mudou por você, eu sei que sim. — levanto a cabeça e nos encaramos. — Eu também fiquei extremamente magoada com o que aconteceu, mas se tem uma coisa que percebi, é que não há ninguém nesse mundo que ele ame mais do que você. E isso é lindo! Você resgatou meu filho do lugar escuro em que ele sempre fez questão de estar, por favor, não o deixe afundar outra vez.

Respiro fundo.

— Sinto muito, Cassie. — respondo, enquanto lágrimas começam a encherem meus olhos. — Seth é forte. Ele vai ficar bem, eu sei que sim. Ele vai conhecer outra garota, e então eu serei apenas uma lembrança distante na cabeça de vocês.

Cassie balança a cabeça negativamente e somos interrompidas pela garçonete que saiu há pouco tempo daqui. Pego meu chocolate e beberico, tentando me recompor.

Não falo mais qualquer coisa, apenas fico calada, observando Cassie e escutando toda história de sua vida e de Seth sair por sua boca, numa confissão que seu filho nunca se atreveu a me contar.

É chocante, é horrível, é de cortar o coração em dois.

Sinto muito pelos dois.

Infelizmente, Seth me perdeu.



Uma semana mais tarde...

Deixo meu certificado em cima da minha mesa e jogo-me na minha cama. Chuto a sapatilha que usei durante toda a noite para fora dos meus pés e deixo que meu chapéu caia no chão também. Hoje foi a nossa formatura. A cerimônia foi linda e tudo tão bem organizado. Jenna, eu e Viktor conseguimos tirar fotos ótimas para guardar de lembrança. Até Sculler tirou foto comigo. Como esperado, Seth não esteve presente, e nem estará presente no Baile que já deve estar acontecendo.

Não, eu não estive nem um pouco animada para ir para o Baile, então decidi que seria melhor ficar em casa. Muito melhor, por sinal. Tenho que terminar de colocar minhas coisas na mala grande que meus pais compraram para mim no começo dessa semana. Eu só preciso escolher o que mais levar, e o que deixar para trás.

Bocejo e acabo escolhendo dormir ao invés de terminar de arrumar minha mala. Enrolo-me no meu lençol e adormeço pela última vez nessa cama.



No dia seguinte...

— Filha? — minha mãe me chama, enquanto eu termino de pentear meu cabelo.

— Pode entrar.

Viro meu rosto e a observo entrar no meu quarto, juntamente com o papai e Simon. Meus pais se aproximam de mim e me abraçam com força. — Tem certeza que não quer que eu vá com você? Seu pai pode ir com seu irmão para o jogo e nós vamos para o aeroporto. — mamãe sugere.

— Está tudo bem, eu prometo. — retruco, afastando-me dos dois.

Encaro Simon e me aproximo dele. Eu abraço rapidamente, beijando sua bochecha logo em seguida.

— Bom jogo. — desejo e ele apenas acena positivamente. — Podem ir, eu vou chamar um táxi logo-logo. — forço um sorriso para os três.

Ganho mais um de cada um deles e eles partem. Vou até a sacada e observo-os entrarem no carro e irem em direção à escola.

Bom, acho que é isso.

Mala pronta. Passagem nas mãos. Destino decidido.

Agora só falta encontrar a coragem e um táxi...

Capítulo 81

Tudo ou nada

Seth Sawyer

Abro a carta, finalmente tomando fôlego para ler as palavras que Pearl escreveu direcionadas à mim.

“Quarterback...

Há alguns meses eu conheci uma pessoa que nunca, em um milhão de anos, eu poderia pensar que viraria minha vida de cabeça para baixo. Eu nunca contei isso para ninguém, usando essas palavras, mas acho que não há nada mais justo do que contar para a pessoa que causou toda essa mudança em mim, como eu me sinto e como eu me senti. Foram tantos momentos inesquecíveis que fica difícil de fazer um pódio...

Posso começar falando sobre a primeira vez que nos vimos, no estacionamento da escola. Ali, tive certeza que você era o meu Príncipe Encantado. Hoje eu estou um pouco certa de que contos de fadas e príncipes não existem, então posso dizer que você é o homem certo para mim. Sim, príncipes podem não existir, mas o cara que vai fazer você se abalar e cair de amores por ele, mesmo com suas imperfeições, sim, esse homem existe e eu estou me direcionando nesse momento ao meu.

Bom, também teve o nosso primeiro encontro. Eu sei, eu sei, eu era um tanto inocente demais há alguns meses. Talvez isso não tenha mudado tanto, mas dei-me conta de que se eu não fosse daquele jeito, as coisas não saíam tão imperfeitamente perfeitas. Nosso passeio na praia de Santa Mônica foi

um dos meus sonhos realizados com a pessoa que, até então, eu tinha pintado como perfeita. Quando saímos pela primeira vez, eu estava maravilhada. O cenário, as pessoas, o clima, o momento, tudo era perfeito. A companhia então, não posso reclamar. Você não foi menos do que o melhor para mim.

O nosso primeiro beijo, mesmo naquelas circunstâncias, não poderia ter sido melhor. Aquelas pessoas estranhas nos rodeando, como se fôssemos o seu show particular. Nada daquilo importou quando eu estava em seus braços, segura de todos. E quando você me tocou, e quando nossos lábios se tocaram... Ah, eu posso jurar que nem mais sabia onde estávamos! Foi inexplicável, Seth. Uma explosão que abalou todo meu ser. Você foi meu primeiro e eu desejo que seja o último também.

Você trouxe algo a mais para minha vida, eu não posso negar. O seu jeito extremamente rude às vezes, a sua inflexibilidade e o seu falso coração de pedra, mesmo que ache que eu não perceba que você tenta sempre esconder sua melhor parte, fazem de você um homem único e imperfeito. Admito, estou longe de ser perfeita também, mas acho que são essas coisas que nos fazem pessoas únicas. Pessoas perfeitas não existem, mas aquelas que melhoram com o passar do tempo, essas sim existem e são as melhores. Você é o melhor.

Nossos mundos colidiram, misturaram-se. Você trouxe coisas para o meu mundo que eu nem mesmo sabia que existiam, e eu tenho certeza que adicionei coisas em seu mundo, da mesma forma.

Se eu acho que fomos feitos um para o outro?

Sem dúvida alguma.

Se eu amo você?

Pode apostar que sim.

Você é o meu cara certo, Quarterback, e eu gostaria de dizer as coisas que eu mais amo em você:

Número um: o seu sorriso. Desde sempre eu percebi que você não costuma sorrir muito para as pessoas, embora tenha um carisma inegável com todos. Mas então, você sempre fez questão de sorrir para mim e eu amo isso. Amo o seu sorriso, pois ele sempre é meu. Amo como você sobe a ponta dos lábios quando está prestes a sorrir e amo mais ainda a pequena covinha que se forma na sua bochecha esquerda. É fascinante.

Número dois: os seus olhos. Nunca vi olhos como os seus. A íris preta às vezes se mistura com sua pupila, o que geralmente acontece quando você está com muita raiva ou muito feliz. Eu gosto mais de observá-lo quando está muito feliz, pois isso me dá uma experiência incrível de como você consegue derramar seus sentimentos com apenas um olhar.

Número três: você, e todo você. Não há nada nesse mundo que eu ame em você, além de você. Puro, cru. O meu Seth, que erra, mas acerta.

Hoje é um dia especial, o seu aniversário.

Feliz aniversário, meu amor.

Um simples “eu te amo” não pode nem chegar perto do sentimento que tenho por você. Eu te amo, eu te quero, eu te adoro, eu não consigo pensar na minha vida sem você, Seth. Você tornou-se tudo para mim. Você é tudo para mim e eu não tenho vergonha em dizer isso. Eu preciso colocar tudo para fora. Assim como certa vez começou a falar sobre casamento comigo, eu quero dizer que se algum dia isso vier a acontecer entre nós dois, eu direi que “sim!”. Eu, algum dia, gostaria de casar com você, construir um relacionamento mais seguro e forte entre nós, construir uma família, compartilhar minha vida e meus sonhos com você.

Sua eterna Girassol.”

Observo os caras do time entrarem no vestiário, mas ignoro a maioria deles. Fito a carta que acabei de ler e a coloco dentro do bolso da minha calça. Esse deveria ser meu último fôlego antes do jogo, mas acaba por ser minha sentença. Termino de amarrar minhas chuteiras e quando levanto minha cabeça, fito Simon, que me encara de longe enquanto Sculler conversa com ele. Meu amigo acena pra mim como quem diz que “já vem” e eu apenas continuo os encarando.

— Ela está indo embora. — Simon enuncia mais alto que o necessário.

O que ele quer dizer com isso? O que ele quer dizer com “ela” ou com “indo embora”? Ele está falando de Pearl? Ela não está aí fora para assistir o jogo?

— Cara, mas...

— Ela está indo embora, Sculler. Ela está indo para Itália e provavelmente nunca mais voltará. — ele diz, sem desviar o olhar do meu.

Puta que pariu!

Ela não pode estar indo embora. Ela tem que estar... Ela precisa... Pearl não pode me deixar. Eu dei o tempo que ela precisava, mas não mais. Eu preciso tê-la de volta, eu preciso tentar alguma coisa a mais. Preciso mostrar-lhe que merda alguma importa, apenas ela. Sempre ela. Pearl é o que há de mais importante na minha vida desde que entrou nela.

Levanto-me, caminhando em passos largos até seu irmão e parando em sua frente. Simon se levanta, irritado e me enfrenta como sempre.

— Que horas sai o voo dela? — indago, indo direto ao ponto.

— Isso não interessa para você, imbecil. — cospe de volta.

Toda minha paciência se esvai e eu o seguro com força por sua camisa, empurrando-o contra parede.

— Eu perguntei que horas sai o voo dela. Que horas sai o voo da Pearl? — bufo, enquanto ele tenta se soltar, mas eu não deixo.

— Agora. Em vinte minutos, no máximo. — ri, sarcasticamente. — Vai me dizer que vai desistir do jogo? Desistir de uma das coisas que fez você foder com minha irmã? — rosna.

Solto Simon, dando-lhes as costas e sou puxado pelo braço. Sculler me encara como se eu tivesse acabado de enlouquecer completamente e, talvez, eu realmente tenha enlouquecido.

— Você pode pegar um voo quando terminar o jogo, cara... — murmura, sabendo exatamente o que está passando em minha cabeça. — Ela vai te escutar, mas isso aqui... isso aqui é seu futuro... Agora ou nunca, Seth. Os caras dos times grandes estão aí e não apenas treinadores da faculdade. Pearl pode esp...

— O único estúpido em toda essa história sou eu, não venha querer trocar de lugar comigo, e cala a porra da boca. Pearl não pode esperar. Pearl é meu futuro e ela está prestes a tomar um avião. Ela pode nunca mais voltar para cá, voltar para mim. Eu não vou ficar sentado e assistir a minha última chance de mostrar a ela que eu a amo escapar por entre meus dedos. Cara, eu estou pouco me fodendo para o futebol. Eu preciso dela, somente isso. O futebol nunca me trará alegrias como eu sei que somente Pearl pode fazer. — termino meu caminho e pego meu capacete do time e o da minha moto. Aproximo-me de Simon, que me encara desconfiado, mas atônito. — Você vai ser o Quarterback nesse jogo, não foda com os lançamentos. Eu sei que vai fazer como treinamos e Sculler vai pegar todas as bolas. — empurro o capacete em sua direção. — É o seu jogo, garoto.

Saio de dentro do vestiário sem olhar para trás. Assim que todos percebem que eu estou do lado de fora, começam a gritar em plenos pulmões. Faço meu caminho até o treinador, que me encara perdido.

— O jogo é de Simon, não coloque qualquer pessoa em seu lugar. — comando, procurando minha mãe pela arquibancada. — Ele e Sculler sabem jogar juntos assim como eu, então não estrague com esse campeonato para nós.

— O que está falando, Seth? Treinadores do Pats estão aí especialmente para você e Sculler, você não pode simplesmente deixar o jogo sem ele nem mesmo ter começado ainda.

Rolo meus olhos, encarando-o em seguida.

— Você não me diz o que fazer, mas se quiser vencer, terá que usar Simon. Eu estou fora. — afirmo, uma última vez.

Acho minha mãe, que está sentada ao lado dos pais de Pearl e corro mais uma vez, agora em direção a eles. Como esperado, minha mãe me encontra no meio do caminho.

— Você tem certeza disso? — ela indaga e eu balanço minha cabeça positivamente. — Pois então traga aquela garota de volta. Ela pode não estar pronta para perdoá-lo, mas verá que você está tentando, querido. Pearl verá que você a ama acima de tudo. — beija minha bochecha. — Agora vá e, por favor, tenha cuidado.

Beijo o topo de sua cabeça.

— Até mais, mãe. — resmungo, puxando minha mochila que ela segura e jogando-a sobre meu ombro.

Capítulo 82

Minha luz

Seth Sawyer

Com minha moto mal estacionada, deixo minha mochila em cima da mesma e corro para dentro do aeroporto com meu capacete na mão. Sei o caminho que tenho que fazer e eu o faço. Esse é o meu jogo do momento. Essas são minhas jardas a serem corridas, mas o objetivo não é nenhum *touchdown*, mas sim achar Pearl.

— O voo que está previsto para sair agora, o voo para Itália, você precisa parar esse avião! — exclamo, batendo o punho em cima do balcão que acabei de para em frente.

— Sinto muito, menino, mas o voo já decolou há cinco minutos. — a mulher retruca, assustada.

Sinto como se facas afiadas estivessem furando meu coração e o atravessando sem piedade. É uma dor excruciante, uma dor que atormenta e tortura. Isso me consome. Minha respiração é inconstante e tudo que eu mais temia acabou de acontecer: ela se foi. Pearl se foi para sempre e eu não terei a chance de reconquistá-la de volta. Eu preciso respeitá-la e respeitar sua vontade pelo menos por uma vez em minha vida, mesmo que isso — que sua ausência — me mate como está fazendo. Retrocedo meus passos, olhando para todos os lados.

Estou perdido sem ela.

O mundo agora está em preto e branco. Cores foram tiradas de mim, a minha única razão de continuar nesse mundo estúpido acabou de mostrar para mim o quão estúpido eu sou. Sim, Pearl acabou de mostrar-me o quão estúpido eu sou e, mais que isso, ela mostrou-me o quão mais forte que eu, ela é.

Lamento por não ter contado sobre a aposta quando tive a chance. Lamento por não ter sido o melhor para ela desde o começo. Lamento por não tê-la amado da forma certa. Lamento tantas coisas que nem mesmo consigo colocá-las em uma lista, é mais do que eu possa lembrar.

Não sei o que será de mim daqui pra frente.

Uma lágrima solitária desliza por meu rosto e eu balanço minha cabeça negativamente.

Eu mereço sofrer por sua ausência. Eu mereço sucumbir na minha miséria. Eu mereço nunca ser amado por alguém, eu mereço foder-me em quantas oportunidades aparecerem. Eu mereço ainda mais, ter a chance de ver Pearl feliz com outro cara, com outro homem — com alguém que não brinque com seus sentimentos como, no começo, eu o fiz.

Eu mereço morrer sozinho, nada mais que isso.

Meu maxilar trava e minha língua pesa dentro da boca com tantas palavras que aparecem na minha mente. Todas essas palavras estão embaralhadas, fazendo-me enlouquecer com o jogo que minha própria cabeça está fazendo comigo.

Outra lágrima desliza por meu rosto.

Deixo meu capacete cair no chão, sentindo minha pele arder. A dor começa a se intensificar mais ainda, e eu começo a pensar em formas de como fazer isso parar. Algo rápido e que resolva meu problema — *a morte*.

Eu acho que nunca desejei morrer, pelo contrário, eu lutei pela minha vida quando quiseram tirá-la de mim. Mas que sentido há nesse mundo sem Pearl ao meu lado? *Sem a minha Girassol?*

Sinto um toque suave no meu antebraço esquerdo e quando estou pronto para mandar a pessoa ir se foder, escuto um sussurro tão baixo que acho que é mais outro jogo da minha mente insana comigo.

— Seth...

Viro meu rosto imediatamente, encontrando Pearl parada com o rosto banhado por lágrimas. Seus olhos derramam mais e mais lágrimas, fazendo-me partir em dois. Ela recolhe sua mão, deixando de me tocar e abraçando seu próprio corpo, que sacode com cada soluço que ela dá entre seu choro. Quero abraçá-la, quero tocá-la, mas não o faço enquanto não me certifico de que isso é real, de que ela está na minha frente.

— Girassol? — indago, deixando que outra lágrima solitária escape.

Ela acena positivamente e eu respiro fundo.

Quem disse essa estupidez de que homem não chora com certeza nunca esteve apaixonado como o inferno, nunca esteve prestes a perder o amor da sua vida e nunca viu a pessoa que ama machucada por sua causa. É assim que eu me sinto nesse momento, olhando para uma Pearl despedaçada logo em minha frente. Eu quero chorar mais do que deixo escapar, mas preciso pensar em algo bom para falar para ela, preciso conquistar o seu perdão. Se eu conseguir fazê-lo, vou sim chorar pra caralho assim que ela estiver em meus braços outra vez.

— Você não devia estar a caminho da Itália nesse momento? — indago, fitando-a atenciosamente.

— Sim... — retruca, engolindo seu choro e limpando o rosto

rapidamente. — Eu deveria estar indo para Itália, eu deveria estar indo recomeçar minha vida sem você. — afirma e eu respiro profundamente. — Mas eu...

— Você não conseguiu entrar no avião? — ela balança a cabeça e morde o lábio inferior.

— Eu não consegui. — confessa, virando-se de costas para mim. — Eu odeio, Seth, eu odeio que eu não tenha conseguido odiar você. Eu não consegui odiá-lo nem mesmo por um segundo sequer, mas eu odeio tudo que você fez comigo. Eu deveria ter partido, eu deveria ter ido recomeçar a minha vida bem longe de você — vira-se, apontando diretamente para mim, com mais lágrimas escapando de seus olhos castanhos. — mas eu não consegui. Eu não consegui, eu não...

Pearl enfia as mãos em seus cabelos, puxando-os como se estivesse sofrendo uma dor intensa e eu quero me aproximar dela, quero roubar a dor que ela sente para mim. Quero sentir a sua dor e deixar que ela viva em paz e feliz, mesmo que eu tenha que conviver com ambas nossas dores para sempre.

— Eu sei que nenhum “sinto muito” vai apagar tudo que eu causei para você, Girassol. Eu disse isso antes e preciso repetir para que você entenda: eu sei que eu fui um completo estúpido por no começo ter acreditado que fazer alguém sofrer em minhas mãos, aliviaria a dor e a raiva que eu sentia, tanto sobre Macy quanto sobre o meu medo de ser um homem igual ao meu pai. Não, eu não traí você com outra mulher, mas eu traí sua confiança. Eu apostei sua virgindade, mas desisti quando me dei conta que a amava. Eu não tive escolha, meu amor. Eu não queria fazer minha mãe sofrer outra vez com o passado e, na minha cabeça, eu tinha tudo sob controle. Eu sei, eu fui estúpido, um imbecil mesquinho, e se você quiser ir embora nesse exato

momento, eu deixarei que o faça. Eu não posso viver sabendo que causei mais dor a você. — caio de joelhos na sua frente. — Não posso apagar o passado, Girassol, mas eu desejei poder ter feito no momento em que vi lágrimas em seus olhos por minha causa.

— Você...

— Eu pareço estar vivo, mas eu mal consigo respirar com você longe de mim. Você não sabe o quanto eu sofri nas últimas semanas, mas eu não quero que se importe com isso porque eu mereci toda e qualquer dor. — enuncio. — Eu não sou o melhor para você, eu nunca fui o melhor. Eu só queria ter mais uma chance com você. Uma chance de finalmente fazer as coisas da forma certa.

— O jogo de futebol, Seth... Você abandonou o jogo... O seu futuro?

— Eu não abandonei o meu futuro, eu fiz exatamente o que deveria ter sido feito. Eu vim atrás do meu futuro, mesmo que ele seja incerto nesse momento. Eu vim atrás de você, Pearl Wyatt. — digo e ela cai de joelhos na minha frente.

Eu não me importo se estamos fazendo isso no meio do aeroporto e nem mesmo me importo se estamos tendo uma plateia nesse momento. A única a encher minha cabeça e meus pensamentos é Pearl.

— Eu poderia estar dentro do avião... Você largou a sua chance de ter uma bolsa na faculdade por minha causa? Você não quer mais ser um jogador de futebol famoso? — ela continua e pela primeira vez me atrevo a tocá-la, dedilhando sua bochecha com meus dedos trêmulos.

— Há muito tempo eu não ligo mais se vou ser um jogador de futebol famoso ou não. Eu não quero ser importante para milhares de pessoas, porque o meu mundo consiste em apenas uma pessoa. Eu quero ser o melhor para

você, Pearl, será que não vê isso? Eu amo você de uma forma tão absurda. É devastador. Dói, mas é uma dor boa. Escute-me e entenda, Girassol, eu não escolhi amá-la, mas amar você é a melhor coisa que poderia ter acontecido na minha vida. — murmuro, respirando pesadamente. — Perdoe-me, perdoe-me, perdoe-me, Pearl. Perdoe-me, eu imploro o seu perdão. Eu preciso do seu perdão. Você pode ir, pode viver sua vida em paz, eu nunca mais irei atrás de você, mas eu preciso que perdoe todas as minhas atitudes erradas. Não terá um dia, a partir de hoje — que mesmo perdendo você, eu pare de amá-la.

— Eu... Seth, eu ainda amo você. — eu a encaro incredulamente. — É por isso que eu ainda estou aqui. Eu não conseguirei seguir em frente sem você na minha vida. Embora tudo que passamos, eu continuo amando tanto você... Eu odeio ter sido o motivo de piada dos seus amigos, eu odeio ter sido uma garota estúpida e imatura. Talvez eu esteja sendo estúpida outra vez, mas eu preciso dar outra chance a nós dois. Nunca vai passar, Seth, esse amor que eu sinto por você é sufocante. — ela coloca sua mão em cima da minha, enquanto suas palavras me encham de esperança. — Eu acredito em você e no que disse para mim, mas a confiança entre nós precisa ser reconstruída. Não é por que eu o amo, que confio em você. O coração é estúpido e eu, sendo quem sou, sinto que meu coração é mais estúpido ainda.

— Eu vou lutar para que você confie outra vez em mim. — disparo, convicto das minhas palavras como nunca estive antes.

— Eu perdoo você. — sussurra e uma tonelada sai de cima dos meus ombros.

— E você realmente ainda me ama? — indago e ela assente, fechando os olhos com força. — Eu amo você, Girassol. — sussurro.

Segundos intermináveis se passam até que ela abra os olhos outra vez. Há algo diferente neles, um brilho que eu reconheço de longe. É o mesmo

brilho no olhar de quando tivemos nossos primeiros beijos.

— Você pode me beijar novamente? — pergunta e um tom avermelhado se espalha por suas bochechas.

— Não precisa pedir duas vezes. — rebato.

Selo nossos lábios pela primeira vez em muitos dias. Sinto como se estivesse finalmente sendo liberto do inferno em que estive vivendo e Pearl é a única a conseguir me tirar da escuridão. Trocamos um beijo longo e necessitado, mas estupidamente doce, e eu gosto de doce com Pearl.

— O seu jogo, Seth... — enuncia, partindo nosso beijo e encostando a testa na minha.

Fitamo-nos e eu relaxo, enquanto Pearl enrola seus dedos no meu cabelo.

— Já deve ter começado... — falo, tocando seus lábios com a ponta do meu dedão.

— Você ainda pode ir, Seth. Vamos, por favor, eu não quero ser culpada por não ter deixado o astro do time de futebol da nossa escola jogar. — sussurra e eu a encaro confuso.

— Você tem certeza que quer que eu faça isso? — indago e ela acena positivamente. — Está preparada pra correr? Se quisermos chegar a tempo, eu vou ter que acelerar. — provoco e ela sorri timidamente. — Vai segurar firme em mim?

— Vou apertar você até ficar sem ar. — retruca e eu gargalho, beijando-a repetidas vezes e tirando sua própria risada.

Ela é a minha luz, a *minha* Girassol.

Levanto-me, puxando Pearl comigo enquanto estou indeciso entre ir

para o jogo ou levá-la para minha casa, entretanto, eu sei que ela não vai querer ir para casa... *ainda*. Pego meu capacete e arrasto sua mala com uma mão, deixando a outra encaixada na sua. Mesmo pequena, sua mão é o complemento perfeito para a minha e eu estaria mentindo se dissesse que não gosto disso, pois na verdade eu amo isso e todas as coisas em Pearl.

— Como vamos levar a minha mala? — questiona sabiamente assim que chegamos à parte de fora do aeroporto.

Solto a mala e me posiciono em frente à Pearl. Beijo seus lábios outra vez, sabendo que estarei fazendo isso pelos próximos dias sem parar e coloco meu capacete em sua cabeça, odiando-me por estar escondendo seus cachos loiros que tanto me agradam.

— Eu já volto. — aviso, pegando sua mala e correndo até um taxista.
— Preciso que leve essa mala para casa...

Dou-lhe endereço da minha casa e envio uma mensagem para Quinn receber as coisas de Pearl, enquanto faço meu caminho até a minha garota. Deixo minha mochila na minha frente assim que eu monto, oferecendo a mão para Pearl. Ela aceita e eu a ajudo a se posicionar atrás de mim.

— Pronta? — ela assente, apertando os braços ao redor do meu corpo.

Partimos de volta para Long Beach. O caminho nunca foi tão rápido. Eu não sei se é por que estou realmente correndo ou por que Pearl está comigo, mas quando eu percebo, já estamos no estacionamento lotado da escola. Eu a ajudo a sair da moto e tiro o capacete. Seus cachos loiros estão amassados, mas ela parece mais bonita ainda.

Fazemos o resto do caminho com pressa até o campo. Quanto mais perto estamos do local, mais ensurdecador fica o barulho que as pessoas estão fazendo. Paramos no final do campo. De longe vejo o placar. Estamos

perdendo, mas nada que dois *touchdowns* não resolvam.

É meu jogo.

— Você está pronto? — pergunta, sorrindo de lado e eu concordo. — Boa sorte, *Quarterback*.

— Você é a minha sorte, Girassol.

Ela me beija rapidamente e de uma hora para outra todos começam a gritar meu nome. Isso percorre todo campo, o que nos faz rir.

— Você tem um jogo para ganhar.

Afirmo e, junto com ela, atravesso o campo de futebol. Tento avistar os pais de Pearl e minha mãe, e assim que consigo, caminhamos até lá. Eu a ajudo a subir, entregando-a para os três por poucos minutos. Minha mãe manda um beijo para mim, com os olhos cheios de lágrimas e eu pisco para ela, virando para ir até o meu time. Deixo minhas coisas no banco, enquanto treinador pede tempo.

Encaro as pessoas ao redor, e acho uma Macy furiosa com as líderes de torcida. Subo meu dedo do meio para ela, pouco me importando se as pessoas estão me olhando.

— Que porra é essa, Seth? — o treinador exclama, enquanto coloco meu capacete.

— Eu voltei. — rebato.

— Dois *touchdowns* nessa merda de fim de jogo é o que precisamos para vencermos e para você impressionar os olheiros. — exige e eu assinto.

Simon vem para o banco e eu tomo seu lugar. Entro no campo com todos e Sculler dá dois tapas nas minhas costas. — Use o lance alto para mais alcance e tenta equilibrar com a força. Eu estarei na ponta para receber. — ele

avisa, antes de sair correndo para o seu lugar.

Em posições, o jogo recomeça e eu recebo a bola. Localizo Sculler entre os outros enquanto os jogadores rivais se aproximam de mim. Como se minha vida dependesse disso, eu lanço assim como combinamos. Em silêncio, todos assistem a viagem que a bola faz até chegar no meu recebedor, que corre as últimas jardas até o fim do campo.

Passe perfeito. *Touchdown.*

Sorrio amplamente, procurando Pearl na arquibancada. Eu a encontro sorrindo amplamente, abraçada na minha mãe.

Eis a minha inspiração: *Girassol.*

Porra, Pearl Wyatt, eu te amo.

BÔNUS

Macy Sullivan

Seis meses mais tarde...

Encosto-me no meu carro, enquanto espero ele se aproximar de mim. Há alguns anos atrás, não foi tão difícil achá-lo para me ajudar a ter Seth em minhas mãos durante a aposta. Que Seth é rico, eu já sabia, mas bilionário? Bom, isso foi uma surpresa muito agradável.

— Você está pronta? — Steven pergunta, colando seu corpo ao meu e empurrando-me com força contra o carro.

Steven Soren Kassid, pai de Seth Kassid Sawyer, foi quem me ajudou a tramar a aposta depois de sua fase inicial. A cada dia que se passava, eu observava Seth tornar-se mais protetor com a caipira desengonçada e aquilo me irritava, pois eu sabia que seria questão de pouco tempo para ele desistir da aposta. Antes que ele desistisse de tudo, entrei em contato com o seu pai e, dessa forma, ele veio para Los Angeles para ser meu mentor.

“Debaixo do seu olhar imponente, remexo-me na cadeira onde estou sentada. É inegável e incrível a semelhança de Seth com seu pai. Quando viajei de Long Beach para Washington, pensei que encontraria um velho, não esse homem diante de mim.

— O que, de tão importante, você tem para falar sobre meu filho para mim? — ele indaga, concentrado em meu decote, mas não é como se eu me importasse com isso.

— Eu preciso da sua ajuda... — falo, inclinando-me sobre a mesa.

O sorriso que Steven me dá é agradável.

— Garota... — ele murmura, encarando-me finalmente. — Eu não sou um homem que ajuda as pessoas. Eu odeio ajudar, para ser sincero. — confia-me. — Mas... diga-me tudo de uma vez.

Respiro fundo, sorrindo de volta para ele. — Eu fiz uma aposta com o seu filho, Seth. É suposto que ele foda e destrua com uma caipira novata e insuportável que chegou na nossa escola, mas ele está se apaixonando por ela e vai desistir. — confesso tudo, sentindo minha pele arder só em falar de Pearl. — Eu a quero destruída, mas isso só acontecerá se Seth continuar na aposta. Eu preciso de algo para usar contra ele. — completo.

— Você tem certeza que ele está apaixonado pela garota? — Steven pergunta, desconfiado.

— Completamente. — cuspo.

— Até que ponto? Ele está dependente dela? — continua.

— Ele ficará em pouco tempo, Sr. Kassid. Eu aposto que ele mataria por aquela garota. — retruco.

— Eu acho que estou interessado nisso. — afirma, levantando-se da sua cadeira e caminhando sem pressa até mim. — Mas eu preciso de mais do que apenas isso para ajudá-la com o que está planejando.

Afasto-me e levanto da cadeira, deixando minha bolsa na mesa.

— Dinheiro é algo que você já tem o suficiente, mas uma mulher como eu... bom, isso eu posso dizer que você nunca teve. — sussurro, empurrando as alças do meu vestido para baixo.

Steven sorri e eu sorrio de volta para ele.”

Foi assim que nos entendemos.

Depois daquela tarde, eu e Steven nos entendemos como nunca. Ele me disse tudo sobre a vida dele com Cassandra e Seth, o que acabou por ser um prato cheio para eu explorar em cima de Seth.

Eu queria destruir a garota e ele queria destruir seu filho.

Nós falhamos na primeira tentativa, mas nesse momento, estamos tramando outro plano para destruir os dois de uma só vez. Eu ainda não desisti de acabar com Pearl e, agora, acabar com Seth também. Era suposto que ele não se apaixonasse por aquela caipira imbecil, era suposto que ele a destruísse e depois viesse para mim.

Seth fez eu o amar e agora está me fazendo odiá-lo.

Tudo ficaria bem se ele não tivesse ido atrás daquela garota estúpida, mas ele não escolheu o modo mais fácil. No último jogo, quando ele chegou com a caipira, eu tive que me controlar ao máximo para não caminhar até os dois e despejar todos os xingamentos que se passavam na minha cabeça. Mesmo com a ajuda do palerma do Chace, eu não consegui separar os dois pombinhos apaixonados.

“Observo Vance olhar sugestivamente para trás e dou de cara com o amigo da caipira, Chace Peck. Ele é até bonitinho, mas se resolver ser fiel a sua amiga, iremos nos desentender, e eu faço questão de deixar bem claro para todos com quem eu me relaciono que desentender-se comigo é o mesmo que assinar sua sentença de morte.

— Sai daqui, Vance. — atiro, irritada com esse outro idiota.

De fato, parece que eu estou cercada de idiotas.

Vance com seu ataque de garoto gay e apaixonado; Seth com seu ataque de imbecil apaixonado pela loira caipira. Estou extremamente irritada. Nada do que eu estou planejando está dando certo, mesmo com a

ajuda do pai de Seth. Eu preciso de mais e novos planos. Algo infalível, um aliado fiel e que realmente me ajude.

— Será que eu ouvi tudo isso direito? — Chace pergunta e eu sorrio para ele. — Seth apostou a virgindade de Pearl? Ele está com ela por causa de uma aposta? — continua, com um certo tom raivoso entranhado em suas palavras.

Aceno positivamente, dando de ombros logo em seguida e lançando um olhar desconfiado para ele.

— Por que você soa como se estivesse interessado nisso? — indago.

— Porque eu estou interessado nisso. — rebate. — Vai ter que me colocar dentro, se não quiser que eu conte tudo para Pearl. — ameaça e eu reviro meus olhos, mas sorrio, aproximando-me dele.

— Você está absolutamente dentro, Chace.

— Eu quero destruir o Seth. — afirma e eu arqueio minha sobrancelha esquerda. — Eu quero a Pearl para mim, Macy.

O que diabos essa caipira tem que esses idiotas estão louco por ela?

Inferno!

— Que seja. Seth vai sofrer até onde eu quiser, pois ele será meu. — “Ele e toda sua fortuna”, penso. — Eu preciso de sua ajuda para fazer um plano contra eles dois...”

Foi nesse momento que eu tive um aliado que me ajudou muito. Vance já estava com raiva de tudo que eu estava fazendo, uma vez que eu o deixava longe do seu namoradinho e o ameaçava. Ainda ouvi dizer que ele finalmente assumiu o garoto para os pais há algumas semanas, mas aposto que Seth o deixe se aproximar de Pearl, mesmo que o namorado de Vance seja amigo da

caipira.

Mas, de volta a Chace, quando contei dele para Steven, o pai de Seth me auxiliou na criação do nosso plano final. Chace ainda era amigo de uma das amigas da caipira, então ele conseguiu falar com a garota anteriormente e, sem que ela percebesse, deixou escapar informações mais que preciosas para nós. Dessa forma, nós fizemos o plano de colocar a câmera no quarto de Seth três dias antes do seu aniversário. Era claro que a *virgemzinha* liberaria naquele período de tempo, uma vez que ela não o fez antes e que Seth teria que cumprir com sua parte da aposta. Foi um tiro no escuro que funcionou, mas não por muito tempo.

— Vamos, Macy. — Steven diz, duro.

Ele me puxa para o seu carro, sendo nada delicado, mas não é como se eu já não estivesse acostumada com ele e sua brutalidade.

Eu e Steven planejamos uma viagem para as Bahamas. Nesse momento, estamos indo pegar a estrada para Los Angeles e depois disso, embarcaremos para o lugar. Precisamos relaxar antes de nos concentrarmos em outro plano. Steven também tem seus interesses. Seth não demorará a fazer vinte e um anos, o que pode levar Steven à saída da presidência da rede de hotéis, e isso ele não quer.

Steven ainda quer acabar com Seth.

Eu ainda quero acabar com Pearl.

Nós estamos juntos nessa e nada vai nos parar.

Entramos no carro dele e logo Steven arranca, mal se importando se está ou não em uma rua residencial. Esqueço meu cinto de segurança, assim como ele. Pela janela, as casas passam enquanto avançamos. Adrenalina corre por minhas veias junto com pura raiva.

“A garota de cabelos loiros passa por mim e me empurra.

Ela vai em direção ao meu garoto e eu não contenho as lágrimas que brotam dos meus olhos. A cena que se passa em frente aos meus olhos faz com que eu sinta algo que nunca: ódio.

A loira de cabelos encaracolados roubou o meu amor.

Eu odeio loiras.

Eu odeio loiras de cabelos encaracolados.

Todas são vadias imbecis e eu vou acabar com elas. Todas elas. Todas que aparecerem na minha vida. Nenhuma escapará.”

Foi por isso que eu escolhi Pearl.

A minha raiva por loiras de cabelos encaracolados veio desde meus dez anos, onde fui apaixonada por um garoto — Dylan — e ele me trocou por aquela menina imbecil.

Steven coloca a mão direita na minha coxa e eu o encaro.

Ele me fita, sorrindo maliciosamente e eu sei o que está por vir.

De repente, uma buzina faz com que cortemos nossos olhares um do outro e uma luz forte atravessa o para-brisas, provocando meu grito e o descontrole de Steven ao volante.

E tudo fica preto.

Capítulo 83

Mãe...

Seth Sawyer

Levanto-me da minha cama, literalmente cansado dos treinos que tive essa tarde em Los Angeles, e mais cansado ainda por ter tido que voltar dirigindo até Long Beach. O caminho não é e nunca foi longo, mas meu treino realmente puxou toda força presente nos meus braços.

Vou até o banheiro e passo uma água por meu rosto. Estou em casa há alguns pares de horas, esperando Pearl chegar de sua aula e para poder ligar para ela. Isso foi o que planejamos. Depois, na madrugada eu vou à casa dos seus pais para dormir com ela, pois não nos vemos há quase uma semana e isso está levando tudo de mim para não pirar com a falta que ela me faz.

Enxugo meu rosto, escutando um barulho do andar de baixo e semicerro meus olhos sem nem perceber. Saio do quarto, indo diretamente até a escada. Posso ouvir a voz da minha mãe e a de mais alguém, o que faz eu me perguntar com quem diabos ela está falando.

Desço sem fazer um barulho sequer. Quando estou no último degrau, consigo escutar a voz de Sculler e meu estômago embrulha. Eu sinto que já sei o que vou encontrar na cozinha assim que entrar lá, mas só acredito vendo com meus próprios olhos.

Entro na cozinha e amaldiçoo baixo, chamando a atenção dos dois para mim. Meu melhor amigo e a minha mãe. Se beijando. Na nossa cozinha. Puta que pariu. Respiro fundo e começo a contar até mil, assim como minha

terapeuta sempre pede que eu faça em situações que eu classifico como difíceis de se lidar. Essa é uma situação mais difícil do que eu pensei que seria.

— Que. Porra. É. Essa? — digo, fechando meus olhos com força e rezando mentalmente para quando eu abrir isso não passe de uma insanidade da minha cabeça. — Mãe, o que você está fazendo? Eu vi errado, não vi? Eu vou abrir os olhos e vocês dois não vão mais estar perto um do outro, certo?

Abro meus olhos e os dois não moveram um músculo. Parece que todo sangue do corpo da minha mãe a deixou, já que eu nunca a vi tão branca quanto nesse momento.

— Seth... — ela sussurra.

Encaro Sculler, balançando minha cabeça negativamente.

— Que porra é essa, cara? Você... vocês... isso é sério? — disparo, encarando meu melhor amigo com certa raiva. Aproximo-me dele e o puxo para longe da minha mãe. — O que você está fazendo? — bufo, irritado.

— Eu estou beijando sua mãe. — Sculler diz, simples, o que faz meu sangue ferver de forma absurda.

— Beijando a minha mãe, Sculler? Que porra...

— Nós estamos nos conhecendo. — minha mãe sussurra, mas é alto o suficiente para eu escutar e a encarar. — Eu pareço uma louca falando isso e... eu sei que pode ser errad...

— Nem comece, Cassie. — Sculler rosna em sua direção e eu bufo, empurrando meu amigo pelo ombro.

— Não ouse falar para minha mãe não “começar”, idiota. — ameaço.

— Ela é a minha mulher, isso não é algo que tenha a ver com você,

Seth. — Sculler retruca e meus dedos coçam para encontrarem com a cara dele, mas eu me seguro no último fio de controle que encontro dentro de mim. Minha mãe vê que eu estou me controlando para não pular em cima de Sculler, dessa forma, ela entra no meio de nós dois. — Eu amo a sua mãe, Seth. Eu sei que você é meu melhor amigo, eu sei que sou dezessete anos mais novo que ela, eu sei que as pessoas podem achar isso errado, mas não você. Eu a faço feliz e ela me faz feliz como nunca ninguém foi capaz de fazer. Eu espero que você seja maduro o suficiente para não fazer sua mãe escolher entre seguir os padrões e viver uma vida infeliz ou mandar um foda-se para o que as pessoas falam e viver uma vida feliz comigo. — respiro fundo.

Dou as costas para os dois e caminho até o balcão, segurando o local com força.

— Seth, por favor...

Eu conto até dez e respiro fundo.

— Ele faz você feliz, mãe? — pergunto.

— Sim. — afirma.

— Porra... — cuspo. — Eu pensei que fosse loucura da minha cabeça. Eu pensei que eu estava ficando louco, ou, sei lá, pervertido pra caralho... mas é verdade. — viro-me para encará-los. — O que eu posso dizer, se vocês dois estão felizes? Dizer que não aceito? Dizer que é para desistirem da ideia? — Sculler abraça minha mãe por trás, enquanto eu fito seus olhos marejados. — Foda-se, isso é estranho.

— Não é estranho para nós. — Sculler se defende.

— Não fale comigo, Sculler. — bufo e ele ri.

— Não seja estúpido, Seth. — diz e eu cerro meus olhos na direção

dele. — É importante para sua mãe o que você pensa sobre nós, então apenas fique feliz por nossa felicidade, isso é o suficiente.

Fecho meus olhos com força e os abro apenas para encarar minha mãe.

— Você está com raiva? — ela pergunta, baixo.

— Não, mãe. — reviro meus olhos. — Estou feliz por você. Se Sculler é capaz de fazê-la feliz, tudo bem. Eu não vou ser um bebê chorão e dificultar as coisas para vocês. — falo, mais calmo.

— Que bom... — ela diz, soltando-se dele e vindo em minha direção para me abraçar. — Eu amo você, filho.

— Eu amo você, mãe. — digo, beijando sua testa e voltando a fitar Sculler. — E não me venha com suas brincadeiras idiotas, pois eu não vou chamá-lo de papai.

Sculler ri alto e minha mãe faz o mesmo.

— Tudo bem, não há problema. Pode me chamar de padrasto, se quiser. — ralha e eu balanço minha cabeça negativamente.

— Eu não vou entrar no seu jogo, idiota. — afirmo, dando as costas para os dois. — Vou falar com a minha namorada antes que eu acabe louco. — completo.

Capítulo 84

Futuro

Pearl Wyatt

Bocejo, sentindo braços familiares circundarem minha cintura. Viro apenas para dar de cara com o peitoral amplo e musculoso de Seth, aconchegando-me contra seu corpo e abraçando-o de volta. Beijo sua pele desnuda por todo caminho até sua bochecha esquerda.

— Que horas são? — pergunto, abrindo meus olhos com dificuldade.

— Cinco e meia. — murmura, selando nossos lábios demoradamente. — Você não vai acreditar no que aconteceu... — levanto uma sobrancelha, dando-lhe a deixa para continuar. — Eu encontrei de Sculler e minha mãe aos beijos ontem à noite. — resmunga, fechando os olhos com força e eu afasto meu rosto do seu.

Não contenho meu sorriso.

— Mesmo? Eles estão juntos? — indago e Seth abre um pouco os olhos escuros, semicerrando-os em minha direção. — O quê?

— Não aja como se não soubesse de tudo desde o começo. — acusa e eu gargalho, empurrando-o e deitando em cima dele. — Foi estranho, eu acho. — confessa.

— Por que acha que foi estranho?

Seth rola os olhos.

— É a minha mãe e o meu melhor amigo, e eles estão namorando. Não seria estranho para você? — bufa. — Eu quase bati em Sculler. — lembra-se e dá uma risada baixa.

— Seth... — o repreendo.

— Eu falei pra ele que eu não o chamaria de *papai* e ele disse que não haveria problema e que eu poderia chamá-lo de *padrasto*. Acredita? Filho de uma put...

— Ele estava brincando! — enuncio, gargalhando mais uma vez. — E Cassie, como ela reagiu? — pergunto, sem parar de rir.

— Ela parecia estar quase caindo dura no chão. O que eu poderia fazer? Apenas aceitar. — diz, derrotado. — Eles parecem felizes e, porra, é a minha mãe e meu melhor amigo, eu os amo. Continua sendo estranho, mas acho que me acostumarei...

Deixo meus lábios levantados em um sorriso e Seth finalmente me fita outra vez. Ele desliza suas mãos pela lateral do meu corpo, enquanto eu procuro as palavras certas para dizer.

— Estou orgulhosa de você por ter aceitado os dois juntos sem brigas... Eles formam um casal muito bonito. — sussurro, inclinando-me para beijar seu queixo.

— Não mais que eu e você. — rebate, levantando demasiadamente devagar a minha camisola. — Somos destinados um ao outro, para sempre.

— Eu tenho que concordar com você. — subo minhas mãos para seus cabelos, afagando-os levemente. — O que vamos fazer nesse final de semana? — indago.

— Acampar. — anuncia e eu o encaro incredulamente. — Você gosta da ideia? Tenho esse final de semana livre antes de ir para New York, então vamos passar o máximo de tempo juntos e sozinhos.

— Eu amei a ideia! — exclamo e depois tapo minha boca, com medo de alguém escutar. — Nós vamos acampar em qual lugar?

— Praia de Santa Mônica, mais especificadamente na traseira de uma camionete que eu consegui. — informa e eu sorrio amplamente. — Eu vou

dar um jeito de deixar as coisas confortáveis para nós, não se preocupe.

— Acredito que sim... Agora eu estou muito animada. — digo, jogando-me na cama e levantando. Eu estranhamente acabei de ficar muito elétrica. Viro pra encarar Seth, que me fita divertido. — Vamos sair para correr ou para jogar futebol? — pergunto e ele ri.

— O que deu em você? — replica.

— Eu estou animada e acho que quero pular, mas aqui dentro, nesse horário, é um pouco impossível de se fazer. — explico, caminhando até meu guarda-roupas.

Puxo uma camiseta lá de dentro e um shorts, enquanto escuto Seth se mexer pelo quarto e logo sinto suas mãos em cada lado do meu quadril. Ele se livra da minha camisola e eu tento empurrá-lo pra longe, mas não consigo — e nem realmente quero.

— Eu sei como cansar você bem rápido. — murmura, trilhando com dedos até a barra da minha calcinha.

— Isso não é hora, Seth.

Ele me ignora.

— Essa é a melhor hora, você só precisa ser silenciosa, ninguém precisa ouvir seus gemidos além de mim. — beija meu ombro e eu quase sorrio, mas a tensão que Seth acabou de criar entre nós dois faz-me morder meu lábio inferior. — Acho que precisamos começar a viver juntos, então faremos o que diabos quisermos a qualquer hora. Eu vou comprar uma cas...

— Para de falar besteira, Seth. Somos muito novos para vivermos juntos. Você sabe que isso implica em muita responsabilidade, certo? Além do mais, meus pais não me deixariam ir viver sozinha com o meu *namorado*.

— E se eu fosse seu noivo? — indaga, girando-me para ficarmos cara a cara.

Seth me arrasta, enquanto tento encontrar algum vestígio de brincadeira

em seu rosto, mas ele não está brincando.

— Mas você não é meu noivo e eu repito, nem mesmo temos vinte e um anos ainda. — ele me coloca sentada na beirada da minha cama e ajoelha-se na minha frente. Arregalo meus olhos, enquanto tento descobrir o que ele está planejando fazer. — Seth...

Ele sorri, abrindo minhas pernas com uma tremenda lentidão. Tento ficar sentada, mas ele me empurra, enquanto planta uma de suas mãos em minha barriga.

— Eu infelizmente não tenho um anel aqui, mas posso dizer que quero me casar com você. — começa, fazendo-me rir nervosamente. — Você não quer?

Ele começa a beijar minhas pernas e isso deixa meus pensamentos turvos. Puxo meu travesseiro para meu rosto, escutando Seth rir mais e mais a cada centímetro que ele dá em direção ao ponto no meio das minhas pernas.

— Eu q-queiro me casar com você, mas é cedo demais para falarmos sobre isso. — o som da minha voz sai abafado e eu não tenho certeza se ele ouviu ou não, tudo que consigo pensar é em suas mãos e em sua boca, e em o que elas estão fazendo comigo.

— Não é muito cedo, Girassol. — afirma, deslizando sua mão para cima e chegando até meus seios. — Por que acha — ele aperta a ponta de um e eu me contorço — que é — sua mão desliza para o lado e repete o movimento anterior — muito cedo?

Ele me beija lá embaixo, por cima do tecido fino que já começa a ficar um pouco úmido e eu tento me afastar, mas, como sempre, Seth não deixa.

— É c-cedo, Seth... Casamento é mais complexo do que poderíamos pensar agora, nesse momento... Você nem mesmo está me deixando pensar! — exclamo, mas ele continua rindo.

— Eu vou ter que trabalhar nisso e fazer você mudar de ideia. — Livra-

se da minha calcinha. — Essa é a última vez que vou me ajoelhar na sua frente antes do dia em que eu comprar um anel para colocar no seu dedo. — Antes que Seth continue, seu celular começa a tocar.

Ele começa a praguejar e eu finalmente consigo fugir dele. Seth estreita os olhos para mim, mas atende a chamada. Tento acalmar minha respiração aos poucos, enquanto abraço o travesseiro que estava no meu rosto, contra meu corpo.

— O que foi, Quinn? — pergunta, irritado. O rosto de Seth passa de irritado para incrédulo em poucos segundos. — É sério? — ele senta-se de costas para mim. — Onde? — aproximo-me de Seth e coloco minhas mãos em seus ombros largos, assim que ele finaliza a chamada.

— O que aconteceu? — pergunto, observando-o jogar o celular para o lado. Seu silêncio me assusta, então eu o abraço. — Seth?

— Quinn ligou para me avisar que Steven sofreu um acidente de carro há uma hora. Ele disse que gostaria que eu soubesse antes que... antes que saísse na mídia, o que não vai demorar a acontecer. — murmura, puxando-me habilidosamente para seu colo. — Ele não estava sozinho. Havia uma mulher com ele e ela... ela era a Macy. Ela também morreu.

Arregalo os olhos, tentando perceber se Seth está brincando ou não. Isso não parece uma brincadeira.

— Eles estavam juntos? Mas... Por quê?

— Eu não sei. Tem muita coisa passando por minha cabeça nesse momento, mas não posso negar que ambos mereceram. Menos duas pessoas estúpidas na terra.

— Seth...

— Ela tentou me destruir, Girassol. Ela tentou te destruir, nos destruir, e quase conseguiu. Não me peça para ter compaixão de uma pessoa como a Macy e, por favor, não sinta compaixão por nenhum desses dois seres

humanos podres. Ele também tentou acabar comigo e nem de perto é ou foi um pai para mim. — mordo meu lábio inferior e assinto, pois ele tem toda razão.

— Você não vai falar com Cassie? — indago.

— Sim, sim... Eu preciso avisá-la e ainda tem a minha avó... Merda, era o filho dela, de qualquer forma. — enterra o rosto no meu pescoço, beijando minha pele sensível.

— Eu posso ir com você, se quiser. — sussurro.

Seth empurra-me para cama e se livra da sua calça antes de juntar-se a mim entre meus lençóis.



Seis meses mais tarde...

— Você está pronta? — Jenna sussurra, empurrando-me pelo corredor. — Não acredito que viajamos para fazer uma surpresa para esse crápula. — ela continua e eu faço uma careta.

— Ele não é um crápula, Jen.

— Mas ele era. — rola os olhos. — Eu vou voltar agora, tudo bem? Liam está me esperando no carro. — avisa, entregando-me a minha mochila e mexendo uma última vez no meu cabelo.

Para eu e Jenna entrarmos no hotel onde o time de Seth está hospedado foi uma grande aventura. No final de tudo, tive que mostrar uma dezena de fotos minhas e de Seth para os seguranças que não queriam nos deixar entrar no andar dos jogadores. Antes disso, eu, Jenna e Liam fizemos uma viagem de classe econômica que nos rendeu tanta risada que, quando saímos do avião, estávamos com dor de barriga.

— Deseje-me sorte — peço, respirando fundo.

— Eu te desejo fôlego, linda — retruca e sai correndo, deixando-me sozinha e segurando o riso.

Tinha que ser a Jenna.

Bato duas vezes na porta do quarto onde o segurança disse que Seth está e espero paciente, ouvindo algumas coisas caírem do outro lado e a voz irritada do meu namorado. Seguro a alça da minha mochila com força e a porta se abre, revelando Sculler com um saco de gelo nas mãos e Seth mais atrás, deitado em uma cama com uma careta de dor.

— Olhe o que nós temos aqui! Eu disse que tinha uma surpresa especial para você, cara — Sculler exclama e eu beijo sua bochecha rapidamente, enquanto entro no quarto. Seth não se incomoda em abrir os olhos. — Seth?

— Que surpresa é essa? A cabeça do Anthony em uma bandeja para mim? — Seth resmunga entre dentes e para imediatamente. — Eu conheço esse ch... — Sua voz some assim que ele abre os olhos e me fita.

Sorrio abertamente e ele tenta se levantar, mas não consegue. Acho que seu braço está machucado. Aproximo-me dele apressadamente e ajoelho-me ao lado da sua cama.

— Feliz aniversário, amor — falo, temerosa em chegar muito perto dele. — Você está bem?

— Girassol — grunhe, parecendo derrotado.

— Ele está bem... *fodido* — Sculler anuncia, caminhando até nós. — O Quarterback estrela do time acabou acertando Seth “sem querer” no treino. O treinador está simpatizando bastante com o seu namorado, então o Anthony acertou Seth. Ele está melhor agora, mas na hora o ombro de Seth parecia ter sacado de lugar. — Sculler deixa o gelo no ombro de Seth.

— Aquele fil...

— Filho — Sculler o repreende e Seth pega o gelo e arremessa no seu amigo, que desvia em meio risos. — Eu vou ligar para sua m...

— Eu não aguento mais esse filho da puta me chamando de “filho”, Girassol. Eu juro que vou matar o Sculler — Seth reclama para mim e eu seguro o riso, levantando-me. Dou a volta na cama e deixo a minha mochila no chão, subindo no colchão e deitando ao lado de Seth. — Como você veio parar aqui? — pergunta, segurando um dos meus cachos que estão caindo por cima dele.

— Eu vim para substituírmos as lembranças ruins do seu aniversário do ano passado — afirmo, aproximando o meu rosto do seu e selando nossos lábios. — Uma pena que você se machucou. Vou ter que cuidar de você, o que não é nenhum sacrifício.

— Mas eu quero sexo — retruca, infiltrando seus dedos no meu cabelo e deixando que sua mão comece a descer por minhas costas.

— Como seu padrasto, eu diria para usarem camisinha — Sculler sugere, fazendo-me gargalhar.

— Dê o fora daqui, Sculler, antes que eu saia do meu leito de quase morte apenas para te matar — Seth diz, mais irritado que antes.

Sculler sai rindo do quarto e eu vou até a porta para trancar a mesma. Chuto minhas sandálias para fora do meu pé e volto até Seth. Seu olhar me segue até ficarmos face a face de novo.

— Você vai ter que ficar por cima dessa vez. — Seth murmura, empurrando a alça do meu vestido para baixo. — Você é o meu maior presente, Girassol. Não acredito que está aqui, meu amor.

— Eu tinha que estar aqui — afirmo, encarando seu ombro ferido. — Acho melhor não fazermos nada, entretanto. Você está ferid...

— Não, bebê, eu preciso de você e eu juntos, juntos mesmo. Depois podemos conversar e ficar encarando o céu pela sacada idiota e — *não sei!* — faremos o que você quiser, mas agora eu prec...

— Tudo bem, eu entendi. — o corto. — Eu sou o seu presente, então...

— Porra, sim... Pode desembrulhar-se para mim. — joga, fazendo-me
rir.

— Estranho, Seth. Isso foi um pouco estranho. — provoco e ele bufa.

— Vamos, Girassol. — suplica.

— Você tem mais um jogo para jogar, Quarterback. Espero que consiga
dar conta. — afirmo, aproximando meu rosto do seu e selo nossos lábios.

— Eu amo você atrevida. — confessa.

— Eu amo você.

Capítulo 85

O pedido

Pearl Wyatt

Um ano e meio mais tarde...

Tomo uma respiração profunda, sorrindo de Seth e deixando que ele me guie até o nosso destino. Ele disse que hoje nós sairíamos para jantar, mas desde que eu entrei no seu carro, ele colocou uma venda sobre meus olhos e não me deixou ver para onde estamos indo.

O dia hoje está frio e choveu na sua maior parte. Durante a tarde, nós ficamos deitados na cama do seu nada pequeno apartamento em Los Angeles e conversamos por longas horas. Ele me contou sobre seu treino no *Pats* com Sculler e eu falei-lhe sobre minhas aulas, sobre os negócios na pizzeria e sobre a saudade imensa que senti dele nessa semana.

Perto das seis, começamos a nos arrumar e agora estamos aqui: um lugar que eu não faço ideia de onde é.

— Estamos chegando? — pergunto, pronta para morrer de ansiedade se não pararmos de andar logo.

— Seja paciente. — ralha.

— Eu amo suas surpresas, mas esperar para saber o que você está aprontando é a pior parte de tudo. — reclamo, fazendo um bico.

Seth ri de mim e em seguida me toma em seus braços. O balanço do seu andar é calmo, como se ele não tivesse pressa ou tivesse demorando propositalmente. Eu continuo calada pelo resto do caminho, voltando a falar apenas quando ele me coloca no chão outra vez, abraçando-me por trás.

— E agora? Por que paramos? — indago, mais curiosa do que nunca, mas ele continua calado. — Seth, por favor... — reclamo, colocando minhas mãos em cima das mãos dele.

— Você está pronta? — murmura no meu ouvido.

— Mais que pronta! — exclamo e ele ri, beijando meu maxilar.

Seth desliza suas mãos e solta meu corpo, mas continua atrás de mim. Ele começa a soltar a venda gradativamente, enquanto abro meus olhos ansiosa. Assim que tenho uma visão completa do local, meu coração começa a bater tão rápido que temo acabar caída no chão.

— Girassol... — Seth resmunga, abraçando-me outra vez.

Vejo todos os meus familiares, até os da Itália, ali junto com meus amigos e os familiares de Seth. Meus tios, meus primos, meus pais, meu irmão, Spencer, Jenna, Liam, Viktor, Sculler, Cassie a avó de Seth e Quinn. — Seth, o que é isso? — sussurro, sentindo meus olhos encherem-se de lágrimas.

— O que você acha que é? — retruca, virando-me com dificuldade para ele, uma vez que não consigo tirar meus olhos de todas aquelas pessoas especiais para mim.

— *Amor...*

— Eu venho me preparando há longas semanas para esse dia, Girassol. — Seth começa, segurando meu rosto em suas mãos. — Eu já pedi a benção dos seus pais, mas agora preciso te perguntar algo...

— Oh, meu Deus...

— Eu sei que estou longe de ser tudo que você precisa, mas eu não deixo de tentar, você sabe disso. — ele diz, direcionando suas palavras para mim, mas logo muda seu foco. — Quando eu conheci a Pearl, eu pensei que ela seria mais uma. Eu era um tanto imaturo naquela época, devo admitir. Minha mãe sempre tentou abrir meus olhos para mostrar que eu estava indo

pelo caminho errado da vida, mas ela não conseguiu fazer isso, Pearl fez. Não que eu ignorasse você, mãe — Cassie sorri, assentindo em concordância. — é só que, para mim, nada fez sentindo até a Pearl aparecer. — Seth me encara mais uma vez. — Eu sei que eu errei um monte de vezes e que provavelmente ainda vou errar, Pearl, mas não há nada nesse mundo que me faz feliz como você faz.

— Seth...

— Quando você entrou na minha vida, tudo virou de cabeça para baixo. Eu passava horas e horas pensando em você, tentando colocar na minha cabeça que eu não estava apaixonado. Aquilo era novo para mim e minha mãe fazia questão de colocar mais dúvidas em minha mente, dizendo-me que eu estava apaixonado quando eu negava estar. Em certo momento, eu aceitei. Era mais fácil aceitar do que lutar contra esse sentimento que não parava de crescer. Depois, tentei protegê-la como eu podia. Não há dúvidas de que eu fui um idiota, de que eu falhei incontáveis vezes, mas espero que também não aja mais dúvidas do meu amor por você. — mordo meu lábio inferior, assentindo. — Eu a amei desde o começo, só não sabia o que era aquilo. Do momento em que nós nos conhecemos no estacionamento na escola até agora. A cada dia que passa, eu a amo mais e mais. É como se você tivesse se instalado dentro de mim e nada a tirasse mais de dentro, e eu não quero que saia, nunca.

Respiro fundo assim que ele me solta e ajoelha-se na minha frente.

— Eu aprendi muitas coisas com você, Pearl Wyatt, e espero aprender mais ainda. — ele puxa algo do bolso do seu jeans. É uma caixa pequena e vermelha. — Quando eu estava com medo de perdê-la pelos meus erros, eu perguntei à minha mãe o que ela acharia de eu e você nos casarmos. Eu estava desesperado e ela me fez ver isso, então eu recuei com minha impulsividade. Agora, não se trata sobre desespero em te perder, mas

desespero em estar perto de você pelo resto da vida. Eu quero me casar com você, Pearl, eu quero criar a nossa família e ter quanto filhos você quiser. Quero estar ao seu lado e quero que esteja ao meu, porque eu amo você mais do que algum dia pensei que amaria uma mulher. Você não é qualquer uma, você é a minha Girassol. Radiante, estupidamente bonita, generosa, inteligente e uma romântica incurável. — levo minha mão até minha boca, incrédula, enquanto eu o observo tomar uma respiração profunda. — Pearl Faye Wyatt, você aceita se casar comigo? — conclui.

Não consigo conter minhas lágrimas.

É tudo tão especial. Seth planejou tudo isso nos mínimos detalhes, eu sei que sim. Meus familiares, os familiares dele, nossos amigos...

Os segundos passam, enquanto ele me fita mais apreensivo do que já estive algum dia em minha frente. Sorrio com dificuldade, travando uma batalha com minhas lágrimas.

— Sim, Seth... é claro que sim! — exclamo e observo os seus ombros relaxarem e ele me dá um sorriso lindo, o meu preferido. Todos começam a aplaudir e gritar palavras bonitas para nós. — Oh, meu Deus, eu não acredito que isso está realmente acontecendo... — sussurro.

Seth se levanta e me toma nos braços, amassando a boca na minha em um beijo superficial. — Você disse sim... — resmunga, incrédulo.

— É claro que eu disse... — retruco, segurando o rosto dele em minhas mãos.

Seth se vira para todos e sorri.

— Ela disse sim, porra! — é sua vez de exclamar e arrancar mais gritos de todos.

Sorrio de sua felicidade por uma simples palavra que eu acabei de dizer, mas é muito mais do que podemos imaginar nesse momento. Se tudo ocorrer como o planejado, esse “sim” que eu disse nos deixará juntos pelo

resto de nossas vidas.

Não há nada que eu queira mais nesse momento do que ficar junto de Seth até quando Deus permitir.

Céus, nós vamos casar!

Capítulo 86

Casamento

Seth Sawyer

Seis meses mais tarde...

— Onde ela está? — indago, irritado com toda essa demora de Pearl.

Seu pai coloca uma das mãos em meu ombro direito e eu o encaro.

— Mulheres sempre atrasam em seu casamento, garoto. Minha filha não vai ser diferente. — diz, endireitando minha gravata.

— Ela deveria ter pena da merda que é o meu coração. — resmungo e no segundo seguinte escuto um pigarro, que acaba por ser do padre que está esperando paciente em seu lugar.

— Mais respeito com a casa do Senhor, rapaz, caso contrário terão que arrumar outro padre e outra igreja. — avisa polidamente e eu dou um sorriso amarelo, mas ainda completamente irritado por dentro.

Se isso acontecer, Pearl vai chorar e depois me matar. Eu não gosto de nenhuma dessas coisas, então mordo minha língua e fico calado na minha.

— Quem diria que Seth Sawyer estaria se casando três anos após finalizar o High School... — escuto Simon murmurar ao meu lado algo que vem murmurando desde que pedi Pearl em casamento.

— Não comece com isso, filho. Ainda queremos que sua irmã saia feliz e casada daqui. — Sr. Wyatt o repreende.

— Que seja, era apenas um comentário avulso. — retruca em seu tom irritado de sempre.

Fico encarando a entrada da igreja, onde não há sinal algum de carro. A

ansiedade em vê-la logo está me matando. Tenho vontade de bagunçar meu cabelo milimetricamente arrumado por minha mãe há uma hora, mas sei que ela vai me matar se eu o fizer. Porra, Pearl não deveria estar demorando tanto! E se algo aconteceu? E se ela desistiu de se casar comigo?

— Ela não desistiu, cara. — Sculler diz, chegando ao meu lado e lendo minha mente como sempre faz.

— Mas e se ela...

— Não há nada nessa terra que faria Pearl desistir de se casar com você. É apenas um atraso normal, Seth. Mulheres atrasam. — continua, cortando minha frase e eu assinto. Ele tem razão. — Para onde estará levando-a? — indaga, referindo-se a tão sonhada lua-de-mel que Pearl quer e que eu sei mesmo que ela nunca tenha se atrevido a falar sobre isso comigo.

— É uma surpresa. — rebato e ele levanta uma sobrancelha. — Não vou falar, porque tenho certeza que Simon avisará Pearl assim que tiver chance.

— Eu ouvi isso. — Simon bufa.

— Bom que tenha ouvido. — dou de ombros.

— Espero que tudo dê certo para vocês. — Sculler volta a falar e eu lhe dou um olhar em agradecimento.

— Obrigado, cara. — resmungo, finalmente notando o movimento exagerado na porta da igreja.

— Chegou a hora, filho. — Sr. Wyatt diz para mim, batendo em meu ombro enquanto ele, Sculler e Simon seguem para a entrada.

Nossos convidados começam a se levantar e eu a andar de um lado para o outro. Puxo uma respiração profunda, tentando controlar meu impulso de correr até a porta para vê-la de uma só vez.

Essa coisa de casamento é de deixar uma pessoa louca.

Sra. Wyatt é a primeira a aparecer com um sorriso quase maior que o

próprio rosto, o que me lembra instantaneamente de Pearl. Aproximando-se de mim, ela beija minha bochecha e vai para o seu lugar.

— Ela está vindo... — Sra. Wyatt mexe os lábios para mim e eu respiro aliviado.

Ela está aqui.

Ela vai mesmo se casar comigo.

Espero pacientemente poucos minutos que parecem mais outra eternidade de tempo para mim. Finalmente a orquestra começa a tocar a famosa marcha nupcial e minha mãe é a primeira a entrar de braços entrelaçados com Sculler. Ela sorri abertamente para mim e eu tento sorrir de volta, mas provavelmente tudo que consegui fazer foi uma careta nervosa. Engulo a seco, observando o caminho cheio de pétalas amarelas onde Pearl deve passar nos próximos segundos.

Nunca, em nenhum momento da minha vida, eu imaginei que estaria me casando, ainda mais aos meus vinte e um anos. Mas se tem uma coisa que eu aprendi com Pearl, é que amor não tem idade. Para quê diabos eu esperaria anos e mais anos para me casar com a pessoa que amo se eu posso fazê-lo logo? Não faz sentido.

Eu fiz questão de participar com Pearl de tudo que disse respeito ao nosso casamento, juntamente com nossas mães, com exceção do seu vestido, uma vez que ela não deixou eu me meter nessa parte. De resto, eu ajudei a escolher a igreja, o salão de festas, a comida, as bebidas, a decoração nos mínimos detalhes, o modelo de convite e tudo que eu pude proporcionar para fazer todos os sonhos de Pearl virarem realidade.

E eu fiz.

Dei a ela tudo que ela tem direito e muito mais.

Observo Jenna e Liam virem logo atrás da minha mãe e Sculler, e logo depois, Simon com sua namorada e Spencer com seu namorado. Eles vão se

aproximando e eu não consigo controlar o impulso de esticar o pescoço para espiar Pearl, mas ela não está atrás deles. Bufo irritado, encarando minha mãe em busca de uma resposta e ela apenas sorri de lado.

Finalmente, sem mais ninguém atravessando o tapete até o altar, Pearl aparece com seu pai. O ar deixa meus pulmões e eu tenho vontade de ir até ela, e não deixar que ela faça o contrário como em todos os casamentos. O que era apenas para ser seu sonho realizado, subitamente tornou-se o meu também.

Seu vestido branco é longo, como os das princesas que ela tanto ama. Mesmo de longe, noto as pérolas que enfeitam a saia branca que se arrasta no chão. A renda branca que cobre seu tronco e braços até seus pulsos deixa Pearl parecendo mais bonita ainda, com um decote discreto que a deixou estupidamente perfeita. Eu diria que tenho minha própria princesa caminhando em minha direção nesse exato momento.

Dou um sorriso de lado, observando os cachos presos de Pearl em um coque, enquanto poucos deles escapam para emoldurar seu rosto. O véu branco está para trás e eu agradeço mentalmente por isso. As duas últimas coisas que noto são: o buquê de Girassóis que ela segura e a coroa da mesma flor que enfeita seus cachos em uma combinação perfeita do amarelo vibrante das pétalas com o amarelo da cor do cabelo da minha noiva que mais se parece ouro.

Engulo a seco novamente, sentindo uma estranha vontade de chorar, a mesma vontade de quando pensei que Pearl havia viajado para Itália há três anos e me deixado para sempre, a mesma de quando pensei que tinha a perdido para sempre. A única diferença entre o antes e o agora, é que ela não está apenas ficando comigo, mas sim se casando e selando nossa união para sempre.

Pertencemos um ao outro.

Observo atentamente, trancando meu olhar dentro do seu de forma que nem eu e nem ela desviamos. Respiro fundo quando Pearl finalmente sobe os degraus com ajuda do seu pai e ele me encara firme, colocando o braço de sua filha entrelaçado ao meu e dando-me um tapinha nas costas.

A música para, mas não consigo desviar meus olhos dos de Pearl. Beijo seu maxilar, aproveitando para sussurrar em seu ouvido “linda”, antes de voltar para minha posição inicial.

— Podemos começar? — o padre pergunta e nós assentimos.

O padre começa a cerimônia e discorre sobre amor, companheirismo, paciência e todos os ingredientes de um bom casamento. Eu escuto tudo atentamente.

Eu e minha mãe conversamos muito sobre casamento, mas acho que quanto mais eu escutar sobre isso, melhor para mim.



Pearl Wyatt

— Não é fácil, mas também não é impossível. Esse é um novo caminho que esses dois jovens escolheram para viver de hoje em diante...

Escuto atentamente as palavras do padre. Meu coração está acelerado, como se eu tivesse acabado de sair de uma corrida, mas isso não começou agora. Desde que acordei, às cinco e meia da manhã, eu estive nervosa como nunca. Eu tive que chamar Seth e nós tivemos um tempo juntos no meu quarto. Ficamos abraçados, eu escutando os batimentos do seu coração e ele mexendo no meu cabelo, enquanto sussurrávamos uma vez ou outra sobre qualquer assunto que vinha a nossa cabeça. Pisco, apertando meu braço em

torno do braço de Seth. Eu quero olhar tudo, girar sobre meus pés e ter um olhar de tudo que Seth está me proporcionando.

Isso tudo parece com um sonho.

Quem diria que eu estaria casando com o homem da minha vida aos meus vinte anos de idade?

Quem diria que tudo que passamos nos traria até o presente momento?

Solto um suspiro baixo assim que o padre cessa seu discurso. Eu e Seth nos aproximamos de uma longa mesa, onde um papel espera por nossa assinatura. Seth assina e eu faço o mesmo. Voltamos ao nosso lugar e ficamos frente a frente. Ele segura minhas mãos e não consigo reprimir um sorriso nervoso. Há fotografos por todo lado, gravando esse momento para que ele fique eternizado não só em nossa memória e coração, mas em fotos e vídeos também. Viro meu rosto para os nossos convidados e tenho um rápido olhar de tudo, encantando-me mais que antes.

— Pearl e Seth, vocês vieram aqui livremente e sem reservas para dar-vos um ao outro no casamento? — o padre indaga, chamando minha atenção e fazendo-me fitar Seth outra vez.

Eu e ele não conseguimos tirar os olhos um do outro.

— Sim. — falamos em uníssono.

— Vocês vão amar e honrar um ao outro, marido e mulher, pelo resto de suas vidas? — continua.

Uma lágrima escorrega por minha bochecha e Seth a enxuga antes de falarmos outra vez. — Sim.

O padre estende o microfone para Seth e ele pigarreja, entendendo que chegou a sua hora de discursar. O sobrinho do namorado de Spencer se aproxima com as alianças e eu sorrio para ele, observando Seth pegar um anel nunca visto por mim, em suas mãos.

— Tem sido uma longa, sinuosa, divertida e estreita estrada que nós

viemos juntos pelos últimos quase cinco anos das nossas vidas. Eu não consigo nem mesmo dizer-te o quão animado e feliz eu estou para começar essa nova jornada com você, como o seu marido. — respiro fundo, mordendo meu lábio inferior enquanto tento conter minhas lágrimas. — Você é tudo e muito mais do que algum dia eu poderia imaginar como minha esposa seria em meus sonhos. Para ser sincero, eu nunca nem cogitei a ideia de me casar. — sorrio, sabendo que é verdade. — Girassol, você linda por fora e por dentro. Não há palavras para descrever o quanto eu amo você. Eu mal posso esperar para nós crescermos e amadurecermos juntos, de forma mais íntima e profunda. — aperto sua mão e ele sorri para mim. — Pearl, eu prometo te amar incondicionalmente e prometo nunca deixar de estar ao seu lado. Eu prometo ser seu e apenas seu, prometo mantê-la como a minha primeira e única. Prometo cuidar de você e prometo nunca mais machucá-la. Eu, aqui, dou-lhe meu coração para que o guarde com você, Pearl Wyatt.

Seth leva minha mão até seus lábios e beija, deslizando a aliança em meu dedo. Com minha mão trêmula, agora eu pego a aliança que escolhi para ele.

— Seth... — sussurro, pigarreando em seguida por conta da fragilidade em minha voz. — Eu sei que para chegarmos até esse momento, não foi fácil. Nós nos amamos, renovamos e aprendemos a nos amar novamente. Sim, eu prometo amar, honrar e cuidar de você como o meu protetor e o homem da nossa família. Eu prometo sempre caminhar ao seu lado e segurar sua mão. Prometo ser sua e apenas sua, prometo sempre mexer no seu cabelo até você dormir... — as risadas soam pela igreja e Seth abre mais seu sorriso, assentindo com a cabeça. — Prometo que sempre estarei em seus jogos, que serei paciente e que nunca deixarei de te amar por nem mesmo um segundo. Eu sei que nosso amor é mais forte do que qualquer barreira, do que qualquer dificuldade e é por isso que eu, aqui, dou-lhe meu coração para que o guarde

com você, Seth Sawyer.

Faço exatamente como ele o fez. Beijo sua mão e deslizo a aliança dez vezes mais simples que eu consegui comprar, em seu dedo anelar.

— Eu vos declaro marido e mul...

Seth puxa meu rosto e sela nossos lábios, fazendo o padre parar de falar e todos os presentes rirem.

— Eu amo você. — sussurro, segurando seus ombros e sorrindo abertamente.

As lágrimas escapam e meu peito se enche de alegria.

— Eu amo você, Girassol. Mal posso esperar para a nossa noite de núpcias... Você não vai acreditar no que eu planejei. — confessa de volta.

Viramo-nos para nossos familiares e Seth me carrega em seus braços.

É isso.

Estamos casado, é completamente oficial. O maior sonho da minha foi realizado e eu não poderia ter escolhido uma pessoa melhor para estar junto de mim, *para sempre*.

Capítulo 87

Para sempre

Pearl Wyatt

Entrelaço meus dedos com os dedos de Seth, que está dormindo ao meu lado. Encosto minha cabeça em seu ombro e inspiro o ar com força, ainda sentindo de longe a fragrância amadeirada e almiscarada do seu perfume — que agora difundiu-se com seu cheiro natural e extremamente inebriante. Deixo meus olhos fecharem-se e aproveito mais do nosso momento e da nossa viagem. Sinto o peso da aliança em meu dedo e sou obrigada a abrir meus olhos para observar a joia de perto. É elegante e de extremo bom gosto. Seth acertou em cheio, embora eu ache que os inúmeros diamantes pequeninos cravejados que levam a uma pedra um pouco maior, preciosa e elegante, da cor amarela, no topo da linda peça, seja um pouco demais. Isso me faz até sentir vergonha por ter lhe dado uma joia milhões de vezes mais barata.

Seus dedos apertam de forma leve os meus e ele vira o rosto para mim, subindo as pálpebras pesadas e me fitando com os olhos negros cheios de brilho. Ofereço-lhe um sorriso que ele toma para si e sela nossos lábios de forma superficial.

— Devemos estar chegando em nosso destino em poucos minutos... — ele sussurra, beijando meu queixo e seguindo uma trilha até meu pescoço. — Eu queria estar na cama com você agora mesmo, amando-te, adorando-te. — rosna perto do meu ouvido e um arrepio desce por minha espinha. — Mas faremos isso assim que estivermos no lugar certo, no lugar dos seus sonhos.

— solto um suspiro sôfrego.

— O lugar certo é em seus braços, não importa onde. — sussurro de volta e ele solta minha mão apenas para me puxar para sentar em seu colo.

Nos fitamos intensamente de perto e eu sinto como se estivesse me perdendo no mar negro que são seus olhos. Ele me passa tudo — todo sentimento que está dentro dele e eu sinto sem dificuldade. Estamos profundamente conectados, ligados, entrelaçados, unidos. De coração e alma.

— Você está feliz, Girassol? — questiona, segurando entre os dedos um dos cachos que escapa do meu penteado. — Você está feliz comigo? Depois de tudo que eu te fiz? — mordo meu lábio inferior, sendo momentaneamente assombrada pela lembrança, mas não hesito em assentir.

— Eu não sei se gosto de lembrar do passado, Seth. Eu ainda me sinto machucada por terem feito o que fizeram comigo, mas acredito em redenção, e você foi atingido por isso no meio do caminho. Você voltou atrás, ou pelo menos tentou. Você me amou, você me ama e eu acredito nisso depois de você tê-lo provado à mim. — passeio com minhas mãos por seus cabelos até parar em sua nuca, esfregando o local para relaxá-lo. — Você é meu Príncipe Encantado, Seth. Minha metade perdida, minha alma gêmea. Eu amo você com todo meu coração, com tudo de mim e quero que saiba, que apesar dos pesares, você me faz a mulher mais feliz mundo.

Seth me abraça com força, pressionando o rosto em meu pescoço e beijando minha pele livre e desnuda do local.

— Você é a minha redenção, Girassol. Você me tornou um homem de verdade, não o moleque que eu era. Com você eu aprendi coisas que nunca na vida pensei que aprenderia, além de olhar em seus olhos que o mundo pode ter uma saída se existirem mais pessoas com coração puro como o seu. — ele murmura, beijando minha pele e voltando a afastar seu rosto para me encarar. — Eu tenho uma sorte do caralho por ter a chance de te chamar de minha

mulher. Você é minha mulher, minha companheira, minha princesa, minha metade perdida, minha alma gêmea, minha Girassol, e eu amo você mais do que algum dia possa imaginar ou mensurar.

Sinto lágrimas brotarem dos meus olhos e antes que ela caiam, Seth me beija, substituindo todos meus sentimentos por desejo. Seus lábios chocam-se contra os meus e ele me toma de sua forma de sempre. É doce, sensual, firme e precisamente certo, medida por medida. Eu amo seu beijo, sempre amei e sempre vou amar. E eu o amo, mais do que algum dia conseguirei mostrar ou dizer à ele. Nosso amor é real. Eu aprendi com ele e ele aprendeu comigo, nos machucamos, quebramos a cara, mas acima de tudo, nos amamos.

Seth é tudo que importa para mim.

— Eu ainda vou ser um idiota, você sabe, mas agora estamos permanentemente juntos para o que der e vier. Nada vai me separar de você, Pearl. Nós pertencemos um ao outro. — Seth sentencia, roçando nossos lábios a cada nova letra que pronuncia. — Você está me entendendo?

— Sim. — sorrio, abrindo meus olhos para fitá-lo. — Eu odeio ficar longe de você, então isso não é um problema. — afirmo e ele sorri de volta com seu ar presunçoso de sempre.

— Gosto de ouvir isso. — joga de volta, beijando minha bochecha e me abraçando com força. — Agora eu vou odiar mais ainda ter que dar conta com a minha mãe dos Hotéis Kassid e dos treinos, dos jogos, uma vez que implica em ficar longe de você na maior parte do dia. A não ser que...

— Não, Seth, já conversamos sobre isso. Você terá uma secretária, assistente ou seja lá o que for, capacitada. Eu não posso e nem quero fazer isso apenas por que você não quer ficar longe de mim. Tem alguém aí fora que precisa desse emprego. Eu vou terminar a faculdade, expandirei os negócios com meus pais e continuarei fazendo o que eu realmente gosto. Assim que as coisas acontecerão. — explico pela última vez um assunto que

veio nos cercando desde que Steven morreu.

Seth bufa, contragosto, mas assente.

— Então vamos ter que aproveitar essa coisa de lua-de-mel, noite de núpcias e não sei mais o quê. — sentencia, beijando-me outra vez.



É a Itália.

Seth e eu estamos na Itália, mais precisamente em Florença, na região de Toscana.

Solto um suspiro, sentindo meu marido jogar seu paletó sobre meus ombros para me proteger do frio e entrelaçar nossos dedos enquanto fazemos nosso caminho até a entrada do hotel em que ficaremos hospedados. Eu estou ansiosa uma vez que, quando desisti de vir para Itália, eu nunca pensei em refazer esse plano. Não, não até agora. Estou surpreendida de uma boa forma. Não sei se é o momento, a finalidade ou a companhia, mas Florença nunca pareceu tão romântica para mim até esse exato momento.

— Eu pedi por agilidade na hora do check-in quando fiz a reserva, então não vamos demorar muito. — ele comenta e eu assinto, olhando para todos os lados sem vontade de perder qualquer detalhe do lugar.

Entramos no hotel e o *conciierge* nos encaminha até a recepção. De longe, posso escutar Seth falando com a atendente, mas mesmo segurando sua mão, viro-me em meu lugar para continuar observando as coisas. É tudo tão bonito, tão especial. Eu gostaria muito de ter uma câmera para registrar todo esse momento.

Não sei quanto tempo se passa, mas logo Seth está me guiando para o elevador, onde entramos e eu o abraço pelo pescoço. Uma vez que estamos sozinhos, aproveito para beijá-lo demoradamente.

— Não acredito que estamos aqui. — sussurro, espalhando beijos por suas bochechas. — É perfeito, Seth...

— Tem que ser perfeito, Girassol. — afirma, enrolando os dedos em meu cabelo. — Ainda temos Paris daqui quatro dias, e logo após, Suíça.

Estou estupefata.

— Você está falando sério? — indago e Seth assente, simples. — Isso é... Uau!

— Você vai gostar, eu tenho certeza. — ele garante.

O elevador abre e eu me afasto de Seth, segurando sua mão para sairmos juntos. Caminhamos até a porta e eu abro, enquanto ele segura minha bolsa e segue atrás de mim. Entramos no quarto de hotel e eu solto um suspiro. É grande e estamos apenas na sala, o que faz-me lembrar dos quartos dos hotéis Kassid, embora esse seja menor.

Seth toma a frente e me guia até o quarto preparado para nós.

— Você quer um tempo sozinha? — ele pergunta, virando-se para mim e entregando-me minha bolsa, enquanto eu assinto. — Eu espero por você aqui mesmo. — avisa, beijando meus lábios rapidamente e dando um passo para trás.

Eu o observo virar-se de costas, afrouxando o nó da gravata, enquanto logo em seguida começa a puxar as mangas de sua camisa para cima e expõe seus antebraços agora tatuados. Viro-me para ele e inicio minha procura ao banheiro.

Tatuagem é algo que eu nunca gostei ou desgostei. Contudo, em Seth eu passei não só a gostar, mas a amar. Não, suas tatuagens não restringem-se apenas a seus antebraços, mas têm algumas em seu peitoral e até mesmo em suas costas largas. Ele fez as tatuagens há alguns poucos meses e quando eu vi, tomei um susto, mas a melhor parte foi quando ele disse-me para contorná-las com meus dedos. Claro, nesse dia paramos na cama, e desde

então contornar as tatuagens dele se tornou um hábito.

Finalmente consigo achar o banheiro e logo observo a banheira ali dentro, sabendo que isso será algo que Seth com certeza irá querer usar comigo. Deixo minha bolsa em cima da pia extensa e abro, puxando de lá uma camisola branca de seda que comprei especialmente para essa noite.

Tiro meu vestido amarelo, para o qual me troquei depois da festa e visto a camisola, observando que a mesma cai perfeitamente em mim. Pego minha escova de cabelo e arrumo meus cachos, demorando mais que o necessário para ver se o nervosismo se dissipa de dentro de mim. É um ato em vão, entretanto.

Eu e Seth já fizemos amor tantas vezes que não consigo nem mesmo contar, mas assim como foi a nossa primeira vez juntos em seu quarto, parece que essa está sendo mais outra primeira vez. A nossa primeira vez, casados, unidos, até que a morte nos separe. Sim, é por isso e muito mais que eu estou nervosa. A partir de hoje, eu e Seth somos uma família. Uma pequena família, mas ainda assim nós somos uma.

Deixo meu cabelo cair solto por meus ombros e coloco a escova dentro da minha bolsa, dando uma olhada final em mim mesma. Eu pareço bem, pelo menos. A maquiagem, que fiz questão de não tirar quando banhei antes de viajar com Seth, ainda está muito bonita e como a maquiagem do meu casamento não foi nada exagerada, mas delicada, ela acaba combinando perfeitamente com a camisola que escolhi.

Puxo uma respiração profunda, chuto minha sapatilha para fora do meu pé e saio do banheiro. De longe, observo Seth na varanda. O sol está se pondo na sua frente e eu não demoro mais que dez segundos para me juntar à ele. Abraço seu corpo por trás, encostando minha bochecha em sua pele quente. Deslizo lentamente minhas mãos por sua barriga e sinto ele contrair os músculos, enquanto solta um gemido baixo e rouco.

— Tudo bem? — sussurro.

Seth me puxa delicadamente com uma de suas mãos e me abraça, tomando um gole longo da bebida que está em sua mão, enquanto nos fitamos sem desvio. Seus olhos estão mais negros do que nunca estiveram antes, seu cabelo está completamente mexido, como se tivesse passado as mãos pelos fios pelo menos umas vinte vezes desde que entrei no banheiro.

— Você está linda. — sentencia, colocando a taça na mesa que está logo ao nosso lado com um balde e garrafas de mais bebidas lá dentro.

— Você parece ansioso. — retruco, sorrindo de lado. Coloco minhas mãos em seus ombros e esfrego todo caminho até seu pescoço.

— Você não parece diferente, Girassol. — provoca de volta, mas não sorri. — Estamos casados. — murmura, aproximando seu rosto e passando o nariz no meu, de um lado para o outro.

— Sim, Quarterback. Estamos casados. — afirmo o óbvio.

— Finalmente. — diz, antes de me puxar para cima bruscamente para laçar sua cintura com minhas pernas. Suas mãos descem por um caminho não tão longo até minha bunda, onde ele aperta os dois lados. — Acho que é a merda de um sonho, mas não quero acordar nunca. Você é, oficialmente, minha. — Seth caminha de volta para dentro do nosso quarto.

— E você é, oficialmente, meu. Só meu, exclusivamente. — rebato, abraçando-o com força pelo pescoço. Seth sorri de lado, ameaçando me beijar, mas ele me engana e me deixa de boca aberta, ansiosa. — Seth...

— Calma, meu amor. Temos a noite, a madrugada, o dia e mais uma semana e meia para isso. — resmungo, sentando-me na cama.

— Vamos conhecer a cidade, Seth, não vamos passar nossa lua-de-mel inteira na cama. — brinco e ele rola os olhos, empurrando as alças da minha camisola para baixo.

— Eu tenho meus truques para persuadir você. — atira de volta,

puxando meu queixo para cima com seu indicador. — Você sabe que eu sei como persuadi-la...

Minhas bochechas esquentam e eu mordo meu lábio inferior.

— Eu sei muito bem.

Seth sela nossos lábios, empurrando sua língua para dentro da minha boca e reclamando-me para si como se fosse nosso primeiro beijo. Ele começa com calma e me provoca, segurando meu cabelo pela raiz e puxando levemente, mas em seguida ele massageia o local. Arrasto minhas mãos por seus antebraços, tentando chegar até seu pescoço para puxá-lo para mais perto, mas Seth resiste.

— Podemos ir com calma? — ele pergunta, separando nossos lábios e beijando meu pescoço.

— Podemos pular essa parte? — indago de volta e ele ri.

— Não. — sentencia.

Acabo sorrindo com Seth, mas não por muito tempo. Ele se livra da minha camisola e empurra meu corpo para eu me deitar na cama. Assim que estou de costas nos lençóis macios, Seth paira sobre mim e, com sua boca, lambe a ponta do meu seio direito. É suave e molhado. Ele tira meu fôlego com essa ação e faz eu enroscar meus dedos em seu cabelo, trazendo-o para bem mais perto. Ele toma a ponta encrespada em sua boca e suga, fazendo-me gemer e contorcer-me debaixo dele.

Eu sempre sou a submissa.

Puxo Seth com toda força que tenho e colido minha boca na sua.

— Eu quero estar no controle agora... — sussurro, arfando contra seus lábios molhados.

— Mas você nunca quer, Girassol.

— Eu quero agora. — confidencia.

Seth me avalia por breves segundos antes de se jogar para o lado. Ele

tira seu sapato e meias, atirando-os para o lado e quando faz menção de alcançar a braguilha de sua calça, eu me aproximo rapidamente e seguro suas mãos. Sento-me em cima de sua virilha, entrelaçando nossos dedos enquanto mantenho as mão de Seth presas acima de sua cabeça.

Seus olhos brilham com malícia e ele mostra seus dentes para mim em um sorriso satisfeito. Seth quebra nossos olhares e desce diretamente para meus seios. É fácil distraí-lo. Movimento-me em cima de sua ereção e ele grunhe, rindo mais um pouco em seguida.

— Meu amor, assim eu não vou mais querer ir com tanta calma assim...

— Mas agora eu que quero ir com calma, Quarterback. — comento.

— Aqui se faz, aqui se paga, Girassol. — murmura de volta. — Mas você pode me usar, eu só não prometo manter minhas mãos para mim mesmo. Você está irresistível, Srta. Wyatt-Sawyer.

— Se não ficar quieto, vai pagar por isso. — brinco, soltando suas mãos e começando a beijá-lo por sua bochecha.

— Você aprendeu isso com quem? — indaga, entre dentes.

— Com você, então não reclama. — beijo seu maxilar travado, escutando a respiração alta de Seth.

Paio em cima de Seth, observando o olhar que ele lança em minha direção. É selvagem e ansioso. Endireito meu corpo, colocando minhas mãos em cima de seu abdômen trincado e arrastando-me um pouco pra trás. Ele geme, rouco. Eu sorrio, abrindo sua calça e jogando-me em cima da cama ao seu lado.

— Porra... — Seth grunhe assim que consigo me livrar de sua calça.

Lembro-me de algo que ele me contou há alguns dias e resolvo confrontá-lo sobre o assunto. Eu toco sua ereção e observo seus olhos pesarem, enquanto ele tenta me tocar, mas eu não deixo. Eu faço tudo que ele me ensinou, exatamente como ele gosta, mas embora eu sempre o toque,

nunca fiz mais que isso. E é sobre isso que o sonho de Seth consiste... — Você pode terminar de contar o que aconteceu no último sonho que teve comigo, amor? — indago, arrastando sua boxer preta para baixo com minha outra mão.

Seth ri, parecendo desesperado.

— Você só pode estar de brincadeira, Girassol. — rebate. — Se eu te contar isso agora, não vou durar mais que um minuto.

É minha vez de sorrir.

— Mas eu sou uma pessoa curiosa, Seth, você sabe que sim...

Escuto seu grunhido, antes dele pigarrear e fechar os olhos.

— Tudo bem, se você quer saber... — resmunga. — Como eu te disse, no sonho você estava me tocando, você estava tocando o meu pau. — seguro seu pênis com minhas mãos trêmulas, atenta ao contrair dos músculos do seu abdômen.

— Assim? — questiono e ele abre os olhos, fitando-me por uma pequena fenda.

— Exatamente assim. — sentencia. — Então, você me acariciava, para cima e para baixo — começo a fazer o que ele diz, endireitando-me agora no meio de suas pernas. — Foda-se, assim mesmo, linda. — murmura, estendendo sua mão direita para afastar algumas mechas do meu cabelo que caem em frente ao meu rosto. — Você sorria para mim, confiante. — provoca-me e eu faço pressão em seu membro, sorrindo quando ele geme.

— Assim? — repito.

— Sim, bebê. — bufa. — Depois, você começou a me beijar. Beijou meus lábios, primeiramente — instrui. Solto seu pênis e subo até ficar face a face com ele, então selo nossos lábios. — Você me beijou demoradamente — seguro o cabelo escuro de Seth, aprofundando nosso beijo. Forço minha língua entre seus lábios e Seth os parte, juntando-se avidamente a mim. Ele

tem gosto de champanhe e hortelã, e eu gosto muito disso. — Você continuou os beijos por todo meu corpo — diz, separando nossos lábios e eu faço o que ele disse. — Contornou minhas tatuagens, mordeu minha pele, até chegar outra vez até o meu...

Contorno as tatuagens de Seth entre beijos e toques suaves com as pontas dos meus dedos. A cada novo beijo ou toque, consigo sentir a contração dos músculos de Seth, até o momento em que paro e ele segura meus cachos em seu punho.

— E o que eu fiz depois dos beijos? — sussurro, segurando outra vez seu membro em uma das minhas mão, enquanto me apoio com a outra.

— Você colocou sua boca, timidamente, e eu guiei você, pois você realmente queria fazer aquilo por mim. — murmura outra vez, entre dentes. Assim como ele disse, eu faço. É novo, eu nunca fiz ou imaginaria que faria isso algum dia. — Puta que par...

— Como eu faço isso? — pergunto, incerta.

Passo minha língua lentamente sobre o comprimento, tentando entender como ele quer que eu faça. Seth segura meu cabelo com mais força, mas isso não me incomoda nem um pouco. Pelo contrário, isso faz eu me sentir extremamente confiante e no controle, mesmo que no fundo eu seja inexperiente.

— No meu s-sonho... você começou tentando colocar t-tudo que conseguia em sua boca e depois... você chupou.

Abro minha boca e subo meu olhar até Seth. Ele me fita ansioso, com seu maxilar travado e boca cerrada em uma fina linha. Sorrio e o coloco em minha boca. É estranho, mas por mais que seja estranho, parece bom, tanto para mim quanto para Seth. Se ele já fez tanto para me agradar, eu acho que agora é a minha vez, além do mais, ele é o meu marido.

Eu o protejo dos meus dentes e como ele disse, chupo, mas chupo

suavemente. Escuto Seth gemer outra vez e ele começa a guiar meus movimentos com seus dedos enrolados em meu cabelo. Eu continuo fitando-o, gravando todas as feições que ele faz enquanto brinco com minha língua em seu pênis quente e duro.

Para cima e para baixo.

Seth me ajuda a cada novo movimento, enquanto eu escuto suas murmuras e elas me impulsionam a continuar. Depois de pouco tempo, Seth me puxa para cima e troca de lugar comigo. Seus olhos me avaliam por breves segundos e eu sorrio de lado, abraçando-o pelo pescoço e beijando seu maxilar. Ele se apoia em seu cotovelo esquerdo e com sua mão direita, Seth desliza minha calcinha para baixo.

— Você quer prolongar isso ou...

— Eu quero ficar por cima, Quarterback. — sussurro, mordendo seu maxilar e chupando-o com força.

— Amanhã não adianta ficar com vergonha, Girassol. — diz e minhas bochechas queimam, mas me recupero rapidamente. — Preciso de uma camisinha antes, merda...

Empurro Seth para o lado e tiro minha calcinha de uma vez, arremessando-a para o lado.

— Podemos tentar sem uma camisinha, se você quiser. — comento e Seth arregala os olhos, mas relaxa. Coloco minhas pernas de cada lado de seu corpo.

— Você sabe que pode ficar grávida, certo? Tem certeza disso? — questiona, segurando meu quadril com uma mão e seu pênis com a outra.

— Posso e não posso, é a nossa primeira vez assim, eu acho que seria...

— Porra, sim! É uma boa ideia, eu gosto dessa ideia. Nunca fizemos isso antes e com certeza é uma boa ideia, agora que estamos casados. O que quer que aconteça, estaremos juntos. — grunhe, esfregando seu membro em

meu clitóris. Suspiro, mas assinto. — Agora pode começar, bebê, eu não vou aguentar mais. — inclino-me sobre Seth e beijo seu queixo.

— Eu amo você. — sussurro.

— Eu amo você mais, Girassol.

BÔNUS

Sculler Sivan

“E o amor é tudo o que eu preciso, e eu achei isso em seu coração. Não é tão difícil de enxergar, estamos no paraíso.”

Heaven, Bryan Adams.

Coloco meus braços ao redor do corpo de Cassie, aproveitando para beijar seu ombro desnudo. Ela me olha por cima de seu ombro e sorri para mim, fazendo-me jurar mentalmente que ela é a pessoa mais bonita que já conheci em toda minha vida.

Por quanto tempo eu esperei para estarmos juntos assim?

Muito.

Mas a espera valeu à pena.

Cassie é tudo que eu preciso.

— Acho que depois de ver Seth de casando com a Pearl, também quero isso. Eu e você, juntos, eternamente. — murmuro perto do seu ouvido e ela tenta se proteger e afastar o rosto de mim, mas eu não deixo. — Você não quer? — indago.

— Eu casei na igreja com Steven, você sabe que nem todas as coisas serão iguais para nós dois... Ainda tem os seus pais, Sculler, além de Seth. Eles podem ter aceitado nosso namoro, mas casamento é algo além disso. — explica, mas nada disso me assusta. — Complementando, há outras questões. Você quer filhos? — pergunta.

— Sim, claro. — rebato, prontamente.

— Eu tenho quarenta anos e, agora, uma grande probabilidade de não poder mais engravidar pelo método "normal", sabia disso? As coisas depois

dos quarenta começam a ser difíceis para as mulheres. — comenta, apertando meus antebraços.

— Poderíamos adotar as crianças, Cassandra. — afirmo.

— Mas nós... Sculler, não posso te privar de ter um filho do seu sangue. Isso... Eu realmente...

— Não é por que a criança não vai ter nem o meu e nem o seu sangue, que ela vai deixar de ser nossa. — respondo, sem entender seu ponto. — Mas, se estiver disposta a engravidar, porra, isso seria a melhor coisa do mundo.

— Ainda não acredito que um homem, dezessete anos mais novo que eu, quer se amarrar comigo. — sussurra derrotada.

— Ainda não acredito que a mulher mais linda que já tive o prazer de ter em meus braços, não quer se amarrar com a pobre estrela de futebol americano em ascensão. — replico, escutando sua risada baixa. — Estou falando sério, Cassie. Eu quero casar com você agora mesmo, ou talvez amanhã. Podemos ir para Vegas, nos casar e começar a fabricar nosso bebê. — Espalmo minhas mãos em sua barriga. — O que acha?

— Acho que podemos começar a fabricar os bebês antes de nos casarmos. — diz, divertidamente.

— Boa ideia, Cassandra.

Levanto seu corpo em meus braços e eu jogo Cassie no meio da cama. Ela ri, tirando a minha blusa que ela está vestindo, enquanto eu puxo minha calça para baixo.

— Você esteve esse tempo todo sem uma cueca? — pergunta, arregalando os olhos.

— Qual o problema? Não é como se todo mundo na igreja ou na festa estivesse sabendo disso. — defendo-me. — Eu estava com a esperança de achar um quarto em algum lugar e de passar um tempo com você lá dentro...

Cassie balança a cabeça negativamente, mas não consegue ficar sem rir. — Você está completamente sem limite algum...

— É mesmo? Você quer me mostrar algum limite, então? — provoco, aproximando-me em passos largos.

— Eu devo? — arqueia uma sobrancelha.

— Você precisa, Cassandra. Admito que eu estou um pouco mal criado... — eu puxo Cassie por seu pé e me posiciono em cima dela. — O que vai fazer comigo? — pergunto, beijando seu maxilar enquanto suas mãos passeiam, agora, livremente por minhas costas.

— Eu absolutamente não sei. Eu prefiro quando sou a única mal criada por aqui. — ela sussurra de volta, enquanto suas unhas arranham minha pele. — Aliás, você pode fazer o que quiser comigo, eu não vou reclamar.

Passo minha língua sobre a pele do seu pescoço e aproveito para morder e chupar logo em seguida. Repito isso por mais algumas vezes por todo seu pescoço, até parar em seu ombro. Afasto meu rosto para observá-la e sorrio de lado, antes de deixar que me minha boca encontre o caminho da sua. Nossas línguas se acham com toda intimidade que viemos construindo durante todos esses anos e eu trato de comandar nesse momento. Seguro a cintura de Cassie, empurrando-a para baixo, enquanto aprofundo nosso beijo mais ainda. Seus lábios têm gosto de champanhe, o mesmo que bebemos na festa de Pearl e Seth, há poucas horas. Eu não sei se o efeito da bebida a deixará mais corajosa, mas não me importo tanto assim. Gosto da minha Cassie de qualquer jeito.

Suas unhas raspam mais ainda a pele das minhas costas e eu separo nossas bocas, descendo meus beijos por seu queixo novamente, enquanto traço uma linha com minha língua até seu pescoço. Escuto seu gemido baixo e ela afunda as unhas com mais força na minha pele, impulsionando-me a continuar a provocá-la. Mordo seu pescoço e chupo, calmo e contido,

escutando-a reagir mais uma vez.

— Como você quer que eu faça agora, Cassandra? — indago, beijando seu pescoço de um lado ao outro. — Diga.

— Eu realmente odeio quando tenta fazer-me dizer tudo que eu quero para você fazer comigo — comenta, entre dentes. — Você já sabe o que eu quero, Sculler. — seguro o riso.

— Eu sei? — questiono cinicamente, afastando meu rosto do seu pescoço para nos encararmos. — Eu sei. — afirmo, quando a observo cerrar os olhos em minha direção.

Abaixo-me até conseguir beijar a ponta já dura de um de seus seios. Cassie arfa quando tomo seu mamilo entre meus lábios e aperto o outro entre meus dedos. Apoio-me com meu braço esquerdo, enquanto rodo minha língua na pele de Cassie e a observo morder os lábios e espremer os olhos com força. Sorrio, sugando com mais força.

— Sculler... — sussurra.

Beijo mais uma vez sua pele e troco para seu outro seio. Cassie finalmente enrola os dedos no meu cabelo e os afaga. Mordisco seu mamilo e aperto o outro com mais força e avidez que antes. Ela está hipersensível debaixo de mim, arqueando o quadril em direção ao meu, enquanto tento mantê-la em seu lugar e satisfazer a nós dois.

— Vamos ao que interessa, pelo amor de D...

Calo Cassie quando subo minha mão que estava em seu seio, e pressiono meu indicador entre seus lábios. Ela suga, chupa, com força. Isso me deixa duro pra caralho. Beijo o espaço entre seus seios e começo a descer meus beijos por sua barriga, enquanto empurro meu dedo em um vaivém interminável dentro de sua boca, imitando os movimentos que estaremos fazendo juntos dentro de poucos minutos.

Afasto suas pernas que estavam juntas e puxo sua calcinha para baixo,

endireitando minha postura rapidamente para fitá-la por inteira. Calor queima por meu corpo e bombeia até meu pau. Estou literalmente duro por ela, mas isso não é uma novidade para nós dois. Puxo minha mão de seus lábios e as levo até seus seios, apertando os dois enquanto tranco seu olhar dentro do meu. Faço uma breve brincadeira com seus mamilos outra vez antes de abaixar outra vez meu corpo sobre o seu.

Empurro as pernas de Cassie outra vez, espalhando-as amplamente para mim. Levanto meu olhar e encontro-a me encarando ansiosa. Sua respiração está rápida e seus pulmões estão tão cheios que ela parece estar prestes a explodir a qualquer segundo dos próximos minutos.

— Você prefere ser chupada antes de tudo, ou depois? — pergunto, minha voz sai tão entorpecida de prazer que acaba soando um tom mais baixa e áspera.

— Faça o que quiser, por favor...

Beijo seus lábios levemente, sorrindo e mordendo seu lábio inferior, antes de passar minha língua pelo mesmo. — Eu vou fazer o que eu quero então. E o que eu quero, é beijar seus lábios, Cassandra. — resmungo, com minha boca colada na sua e seu olhar preso ao meus. — Mas não esses aqui...

Escuto seu gemido, enquanto a empurro para cima e beijo sua barriga. Mordisco sua pele, testando antes de ir até o ponto que eu mais desejo. Planto um beijo em cima de seu clitóris e sorrio mais uma vez, observando Cassie se mexer inquieta. Aperto suas coxas com forças, segurando-as contra a cama. Ela segura meu cabelo com força, como se estivesse prestes a me obrigar a chupá-la, o que acaba sendo cômico. Eu gosto quando Cassie fica assim, fora do controle e pronta para derramar suas ordens em cima de mim.

Solto uma de suas coxas e acaricio seus lábios, sem pressa, enquanto sugo seu clitóris entre meus lábios e o sacudo com minha língua. Os barulhos que Cassie faz me provocam a ir com mais pressa, embora eu queira

prolongar esse momento entre nós dois. Deslizo um dedo dentro dela, trabalhando minha língua em movimentos precisos, para cima e para baixo, para um lado e para o outro.

— Eu es-esto...

Ela não consegue completar e isso me deixa satisfeito — mais do que eu esperava, para ser sincero. Cassie estremece, seu quadril se lança descontrolado e eu separo minha boca e retiro meu dedo de dentro dela. Seu olhar indagatório e escuro é direcionado a mim e eu não demoro a segurar meu pau e empurrá-lo contra o clitóris de Cassie. Suas pálpebras pesam mais uma vez e sua boca entreaberta me dá vontade de colocar algo para ela chupar, entretanto essa não é a hora. Eu preciso estar com ela, agora. — Eu não quero fazer assim dessa vez... — digo, sem parar de esfregar a cabeça do meu pau no seu ponto inchado.

Ela me olha, confusa e eu ofereço minha mão livre para ela. Cassie aceita e em questão de segundos ela está ajoelhada na cama, assim como eu estou. — Vira de costas — comando.

Ela obedece, virando-se de costas para mim. Solto meu membro e seguro suas mãos, empurrando-a para segurar o dossel de ferro da nossa cama. Jogo seus cabelos para o lado e mordisco a ponta da sua orelha, fazendo o mesmo com seu ombro. Planto minhas mãos em seu cóccix, forçando-o para baixo e logo após, abro mais suas pernas. Mais uma vez, seguro meu pau, enquanto pego da umidade de Cassie para me lubrificar. Ela me encara sobre seu ombro, puxando seu lábio inferior entre os dentes com mais força.

Pressiono a cabeça do meu membro em sua entrada, indo e vindo somente o começo da minha ereção, enquanto me lubrifico mais um pouco até a base. Cassie vira seu rosto para frente e encosta a cabeça no dossel, soltando um palavrão entre os dentes. Tenho que rir de sua atitude. Afundo

meus dedos em seu quadril e penetro-a de uma só vez.

Ela treme e isso acaba acontecendo comigo também.

Serpenteio meu outro braço por sua cintura, trazendo-a para mim. Com suas costas coladas em meu peitoral, traço o caminho com minha mão até ter um de seus seios amassados na minha palma.

Cassie choraminga.

— É mais uma nova posição para o nosso caderno de posições, Cassandra — digo, áspero, ao pé do seu ouvido e ela sacode a cabeça em concordância. — Diga-me se eu estiver sendo duro demais com você — peço, mas ela nega.

— Eu gosto de quando você é duro comigo — retruca.

Aperto seu seio com mais força e torço de leve a ponta de seu mamilo entre meu dedão e indicador. Empurro Cassie para baixo mais uma vez e ela segura-se nos lençóis. Enrolo seu cabelo escuro no meu punho direito e finalmente começo a movimentar-me. Retrocedo e estoco, indo o mais profundamente que consigo. Ela geme, alto, o som sendo abafado pelos lençóis. Repito, querendo escutá-la mais uma vez e de repente isso torna-se meu vício.

A cada arremetida Cassie geme mais alto. Suor desce por meu pescoço e eu a puxo para mim por seu cabelo. Ela sustenta-se em seus braços magros e colide contra meu corpo. Em nenhum momento paro de meter, não mesmo. Quanto mais fundo eu vou, mais duro eu quero ir. Inclino o rosto de Cassie para mim e ela me beija desesperadamente. Solto seu cabelo e deslizo minha mão até seu clitóris. Enquanto eu esfrego sem pudor nenhum o local, desço meus beijos para o ombro de Cassie e chupo sua pele. Ela finalmente geme alto, fora dos lençóis e isso faz minha ereção inchar e minhas bolas doerem como nunca.

Ela pede para eu ir mais rápido e eu sincronizo o movimento dos meus

dedos em seu clitóris com as estocadas que eu dou. Minha respiração engata e meus músculos contraem. Tudo dentro de mim parece estar prestes a colidir, mas não posso fazer isso antes de me certificar que Cassie também já está no seu caminho. Aperto seu quadril com mais força e antes que eu estoque outra vez, ela já está se contorcendo e tremendo mais uma vez. Ela acabou de gozar e seu líquido quente acaba encontrando-se com o meu, uma vez que vê-la ter seu orgasmo é tudo que eu preciso para ter o meu também. Estoco mais um par de vezes, enquanto os espasmos que passam por mim começam a diminuir.

— Foda... — rosno.

Solto Cassie e ela cai no colchão, o mesmo acontece comigo, mas eu caio ao seu lado. Puxo seu corpo para cima do meu e nos enrolo juntos, enquanto a beijo preguiçosamente. Os minutos passam, enquanto nos beijamos e paramos eventualmente. Beijamo-nos outra vez e paramos novamente. Não sei quantas vezes repetimos isso, mas em algum momento nós paramos, sonolentos. Traço a linha da sua espinha, respirando o cheiro bom do seu shampoo.

— Deveríamos nos preparar para ir até a casa dos seus pais... — Cassie enuncia, deitada em cima de mim.

Esfrego minhas mãos por suas costas, parando e voltando para cima quando chego à curva de sua bunda. Ela sobe o olhar para mim e eu beijo a ponta do seu nariz.

— Não se preocupe com meus pais, eles já não pagam mais as minhas contas. Eu sou o único que decide por mim — tranquilizo-a.

— Temos que falar para Seth...

— Falar o quê? — pergunto, sorrindo de lado. — Que ele vai ter novos irmãos ou que ele vai ter oficialmente um padrasto? — provoco e Cassie ri, balançando a cabeça negativamente.

— Você é impossível.

— Ele fica irritado, mas aceita depois, você sabe que sim. Além do mais, é apenas uma brincadeira. Ele é meu melhor-amigo, não meu filho, isso nunca vai mudar. — afastou seu cabelo de seu pescoço. — Está pronta para o segundo tempo? — pergunto, trocando de posição com ela.

Seu sorriso se abre e isso me faz ficar ligado outra vez. Cassie tenta me afastar, mas eu seguro suas mãos de cada lado de sua cabeça.

— Eu não consigo mais, sou uma idosa... — provoca e meu riso escapa.

— Você não tem vergonha de se fazer de coitadinha? Você é quase uma ninfomaníaca — eu a provoco de volta.

— Calúnia! — exclama, gargalhando em seguida.

Linda pra caralho.

— Eu não costumo mentir... — digo, desinteressado.

— Não? É mesmo? — indaga, ironicamente.

— Não, nunca — afirmo.

Ela sorri para mim e eu acabo sorrindo para ela.

— Eu amo tanto você, Cassandra.

— E eu amo você mais ainda, Sculler — sussurra, com suas bochechas queimando.

Uma coisa é certa: não importa o que os outros pensam sobre minha relação e de Cassie. O que as pessoas precisam entender é que amor é amor e, se eu sou feliz com ela, é com ela que eu quero e vou estar pelo resto dos meus dias. Foda-se o que a sociedade diz que é certo.

Cassandra é minha mulher e eu sou o seu homem. Ela merece ser feliz e **eu** estou disposto a fazer com que ela seja a mulher mais feliz que já pisou na face da terra.

Capítulo 88

Depois da tempestade

Seth Sawyer

Aperto meus braços ao redor de Pearl, ouvindo seu suspiro baixo enquanto ela observa a paisagem que está logo à nossa frente: um campo de Girassóis estonteantes. Desde que chegamos à Itália, o que aconteceu há dois dias, nós ficamos passeando pela cidade e tiramos tantas fotos que eu quase me desconheci por isso. Eu comprei uma boa câmera fotográfica profissional para tirar fotos de Pearl e ela felizmente não recusou uma foto sequer. Vou querer emoldurar a maioria das fotos, talvez colocá-las em quadros, mas isso é conversa para depois.

— Isso é tão lindo, Seth... — ela sussurra.

— Assim como você — afirmo e Pearl inclina o rosto para me fitar com um sorriso incrível nos lábios. — Você gostou? — questiono.

— Se eu gostei? — retruca, incrédula. — Até agora está saindo tudo maravilhosamente bem. Eu sei que você colocou muito esforço para fazer as coisas saírem do jeito que estão saindo e eu quero que você saiba que eu aprecio muito, amor...

— Isso é tudo que eu preciso saber — falo, completamente satisfeito. — Vamos nos sentar? — indago e ela acena positivamente.

Seguro a mão de Pearl e voltamos para a nosso lugar: uma manta em cima da grama verde, onde está uma cesta com comida e bebidas.

Para ter esse lugar para jantarmos não foi nada fácil.

Essa é uma propriedade privada, que fica no fundo da casa de um casal muito conservador da Itália. Eles são os únicos que têm, nessa região, um campo com Girassóis e de forma alguma eu deixaria de vê-los com Pearl.

Tive Quinn negociando com eles para mim até que chegamos a um acordo e eu paguei-lhes uma boa quantia para nos deixarem passar algumas horas no local.

— É tudo tão insano... — Pearl diz assim que está em meus braços.

— O quê?

— Eu e você, aqui, juntos. Quero dizer, é claro que eu sempre sonhei em me casar, mas não tão cedo. Contudo, não me arrependo. É um insano bom, sabe? Pois eu tenho certeza que nosso amor é real e que não vamos nos separar — explica, suspirando outra vez. — O que a sua terapeuta tem falado para você? — pergunta.

— Ela está orgulhosa do meu progresso, eu acho... — ralho e Pearl sorri. — Não temos mais conversas como as de antes, onde eu queria matar as pessoas que chegassem perto de você ou que queriam nos separar. Você me deixa no eixo, Pearl. Tem muito tempo que eu não venho mais surtando por conta de coisas idiotas, você sabe disso.

Ela acena positivamente, concordando com o que eu disse.

— E eu estou feliz que estamos conseguindo passar dessa fase...

— É claro que está feliz — digo, irônico, mas acabo rindo. — Não é por que eu não bato mais em homens imbecis que ficam com pensamentos impuros sobre você, que significa que eu não penso em fazer isso. Eu sou ciumento, mas confio em você com a minha vida — Beijo seus lábios avermelhados e ela sorri de volta.

— Eu confio em você também — replica com os olhos brilhando.

— Porra, é bom estar nessa fase com você, finalmente teremos algum sossego, ou assim eu espero. Farei de tudo para que você continue a me suportar como seu marido e para que nunca desista de mim.

— Não é difícil suportá-lo, às vezes você faz com que seja, mas não é sempre — ela brinca. — Eu amo você.

— Eu amo você mais...

Ficamos nos encarando por longos minutos e sorrindo um para o outro. Eu sinto como se eu tivesse enlouquecido por estar sorrindo por nada, mas é exatamente esse um dos efeitos que Pearl tem sobre mim. Ela me faz sorrir do nada e para o nada. Ela me deixa nas nuvens mais altas do céu. Isso soa nada masculino, mas quem liga?

Pego alguns morangos do pote que preparamos para trazer para o nosso improvisado piquenique e começo a nos alimentar, enquanto conversamos sobre coisas aleatórias até chegarmos no tópico: crianças.

— Você já pensou em ter filhos? — pergunta, curiosa.

— Você quer que eu seja sincero ou que eu minta? — retruco e ela revira os olhos.

— Seja sincero.

— Tudo bem — Dou de ombros. — Nunca pensei em ter filhos, Girassol. Minha experiência como filho, por parte de pai, não foi muito boa... você sabe o que eu quero dizer. Eu não acho que poderei ser um pai bom o suficiente algum dia, além de estar certo que eu não saberei lidar caso tivesse uma filha. A menina nunca transaria nesse mundo, porra... — Pearl gargalha, beijando minha bochecha repetidas vezes.

— Amor! — exclama. — É claro que você seria um pai incrível, Seth, não se compare nunca mais com Steven... — me repreende, usando um tom mais duro. — Você não precisa tomar o exemplo do seu... daquele homem. O passado ficou no passado, certo? — pergunta e eu concordo com suas palavras. — Se algo acontecer e eu engravidar, eu tenho certeza que você acabará sendo o melhor pai que poderia existir em toda Terra, apenas não diga isso para o meu pai... — brinca.

— Babe...

— Estou sendo sincera com você, Quarterback. Eu sonho em ter filhos

e eu quero compartilhar esse sonho com você — diz, deslizando as mãos por meu cabelo, enquanto senta-se em minhas pernas.

— Porra, não tem como dizer não para você — reclamo, hipnotizado pelo jeito que ela fala e explica as coisas para mim, fazendo com que nada pareça tão difícil quanto provavelmente deve ser. — Se isso é o seu sonho, então é o meu também, mas você vai ter que me ajudar com essa coisa de ser pai, mesmo que o seu papel seja de mãe.

Pearl sorri e seus olhos brilham mais ainda.

— Não estamos tendo um bebê ainda — atira. —, mas quando for a hora, nós dois vamos nos apoiar um no outro e daremos todo amor que tivermos para nosso filho, ou filha...

— Filha não, Girassol... — reclamo e ela gargalha do meu desespero. — Eu não vou saber lidar com uma garota. Como diabos poderei dormir em paz quando ela estiver com garotos atrás dela? E se ela for igual a você? Nem fodendo eu vou deixá-la sair de casa. Eu quero garotos, apenas garotos — comando, o que intensifica seu riso.

— Eu n-não vou poder fazer nada para atender seu pedido — gagueja, tentando se recuperar da crise de riso. — Quando isso vier a acontecer, você pode torcer para que seja um menino, mas nada mais que isso. Não poderemos fazer nada. — informa.

— Merda... — bufo.

— Não fique assim, Seth. Se for uma menina, eventualmente você vai aprender a lidar com isso — me tranquiliza.

— Vamos parar de falar de bebês, você ainda nem está grávida, então isso é menos uma preocupação: o sexo do bebê — Reviro meus olhos.

— Tudo bem... — sussurra. — Vamos comer um pouco para tirar algumas fotos? Esse lugar é incrível.

Maneio minha cabeça em concordância e começamos a comer.

O resto da nossa tarde toda se passa em um pulo e assim que voltamos para o hotel, com muitas fotos tiradas e incontáveis beijos trocados, nos juntamos na banheira grande e passamos um momento incrível entre mais beijos, conversas e toques.

Fizemos amor até o amanhecer.

Nada nunca me fez sentir tão feliz quanto Pearl.

Eu amo a minha mulher.

Pearl Faye Wyatt-Sawyer é tudo que eu preciso.

Ela é a maior e melhor parte de mim.

O meu **alicerce**.

A minha maior aposta.

A Aposta Perfeita

a aposta perfeita

Uma aposta nunca foi tão perfeita assim...

1ª edição

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Paulo". The signature is stylized with large, flowing loops and a small star-like mark above the final part of the name.

Copyright © 2017 HEAVEN RACE

A Aposta Perfeita
Série Apostas — Volume 2

1ª Edição

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:

Imagens da capa: Pixabay

Ilustrador: Heaven Race

Revisão: Amanda Gomes

Revisão final: Iohana Miranda

Diagramação Digital: Heaven Race

Todos os direitos reservados à autora, desta forma é proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangíveis ou intangíveis, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

Para a minha família e, principalmente, para os meus leitores por todo amor do mundo e apoio incondicional.

Este é especialmente para vocês.

Muito obrigada,

A handwritten signature in black ink, featuring a large, stylized initial 'L' followed by the word 'face' in a cursive script. There is a small star-like mark above the 'a' in 'face'.

Sinopse

Depois de tudo aconteceu entre Pearl e Seth, Spencer e Simon brigaram. Não foi qualquer briga, afinal, brigar sempre foi uma especialidade presente entre os dois.

Ele a culpou por algo fora do controle da morena e ela aproveitou para jogar na cara do loiro o quão estúpido ele estava sendo ao fazer aquilo com ela, ou melhor dizendo, com eles.

Os dois se amavam, mas eram orgulhosos demais para admitirem.

Ele se foi há alguns anos e Spencer ficou.

Simon é um jogador de futebol americano famoso, assim como o seu cunhado e Sculler, um de seus melhores amigos.

Spencer parou no tempo e continuou trabalhando na pizzeria dos pais do seu primeiro e único amor.

Simon é aquele que sai estampado em revistas de fofocas rodeado por mulheres depois de jogos do seu time.

Spencer é aquela que vai se casar em seis meses e tem tantas responsabilidades e medos que não sabe como ainda é capaz de ficar de pé.

Quatro anos se passaram desde a última vez que eles se viram e para os dois ainda parece como se fosse ontem. A melhor coisa que Spencer pode fazer é esquecê-lo de uma vez por todas, mas agora que Simon acabou de voltar para Long Beach para tirar férias depois de uma intensa temporada de jogos, ele se certificará em tornar difícil a missão de sua *Cherry*.

Na sua cabeça, Spencer só precisa manter distância e usar um tom amigável, afinal, eles não são mais adolescentes.

Spencer é uma mulher feita e comprometida. Simon Alexander Wyatt não é mais nada para ela, se não apenas o irmão da sua melhor amiga.

A Aposto Perfeita vem contar uma história de amor e superação de um relacionamento frágil que tenta reconstruir-se e fortificar-se em meio tantas provas e grandes acontecimentos.

Às vezes você precisa perder para ganhar.

Playlist

Aqui vão algumas das músicas importantes tanto para a história de Simon e Spencer, quanto para o meu processo de escrita desse livro. Todas as músicas abaixo foram usadas por mim como inspiração e eu espero que gostem, porque eu tenho grande apreço por cada uma delas:

Jealous — Labrinth

The Hills — The Weeknd

Make Me (Cry) — Noah Cyrus ft. Labrinth

IDFC — Blackbear

I hate u, I love u — Gnash ft. Olivia O'brien

Lost Stars — Adam Levine

Even When It Hurts — Hillsong

Rocket — Beyoncé

All That Matters — Justin Bieber

How To Save A Life — The Fray

Friends — Ed Sheeran

Secret Love Song — Little Mix ft. Jason Derulo

Mercy — Shawn Mendes

Adore You — Miley Cyrus

The Heart Never Lies — McFly

Into You — James Arthur

Despacito — Justin Bieber

All The Time — Jeremih

Wherever You Will Go — Charlene Soraia

Down — Jason Walker

White Blood — Oh Wonder

Safe Inside — James Arthur

Company — Justin Bieber

Broken — Lifehouse

Heaven — Bryan Adams

A Thousand Years — Christina Perri

Awake — Secondhand Serenade

Gravity — John Mayer

Into Your Arms — The Maine

Hold Me — Tom Odell

Epígrafe

A vida pode ser intensa, difícil e cheia de buracos pelo caminho, mas nunca duvide do seu potencial. Deus nunca dará mais do que você pode carregar e ainda que você pense “esse buraco já está fundo demais”, não se surpreenda se as coisas afundarem um pouco mais. A descida é dolorosa e a subida pode ser tão sofrida quanto, mas a vista do topo é incrível e vale à pena todo esforço feito. Viva como se o seu último dia de vida fosse hoje mesmo. Espalhe amor, não ódio. Não desista mesmo se parecer impossível. Você pode. Você é capaz.

A handwritten signature in black ink. It features a large, stylized capital 'L' that loops around. To the right of the 'L' is a small, five-pointed star. Below the 'L' and the star, the word 'Ace' is written in a cursive, lowercase script.

Capítulo 1

Simon Wyatt

“E lá vou eu, Long Beach...”

ELA VAI PARA CIMA E PARA BAIXO.

Seguro sua cintura, afundando os meus dedos sem qualquer piedade na carne branca e macia completamente exposta para mim. Nada melhor do que sexo depois de um jogo. Nada melhor do que sexo, ainda no vestiário, com uma fã que está pronta para satisfazer seu próprio desejo e o meu. É assim que eu levo a vida, afinal, qual seria o melhor jeito de levar a vida se não esse?

Ela sorri para mim, eu ignoro.

Ela enrola os dedos em meu cabelo, eu ignoro.

Ela diz que me ama, eu ignoro.

Ela vai para cima e para baixo. Novamente. A desconhecida que será lembrada apenas por esse momento e nada mais. Merda, isso é muito bom. Esse é o auge pelo qual eu tanto esperei. Eu, dono de mim, livre para fazer o que eu bem entender, porque eu tenho dinheiro para isso.

Deixo que ela se guie, enquanto pego um cigarro e acendo.

Nicotina às vezes faz bem. Quero dizer, sexo geralmente tem melhor efeito para me relaxar do que um cigarro, mas também depende com quem eu estou transando. Por exemplo, a garota que está em cima de mim nesse exato momento não chega nem perto do que eu tive no passado, por isso eu preciso de algo a mais para tirar toda tensão de dentro de mim.

Ela tem cheiro de cerveja e de goma de mascar, a mesma que eu costumo dar para o meu sobrinho escondido dos pais dele. Isso embrulha o meu estômago. Eu a empurro para longe, irritado com o seu cheiro.

Nenhuma delas cheira tão bem quanto aquela... aquela...

Foda-se ela!

Não vou deixá-la dominar os meus pensamentos outra vez.

— Simon... — a mulher geme, aproximando-se outra vez de mim.

Levanto-me do banco onde estou sentado e, assim que ela me toca, eu seguro as suas mãos e empurro o seu tronco para baixo. A mulher se segura no banco com força, enquanto volto ao trabalho.

Sexo é melhor quando eu não tenho que olhar para a cara de nenhuma delas. Sexo é melhor quando eu sou o único dominador e não o dominado. Sexo é melhor quando eu não tenho as mãos de ninguém em cima de mim, porque isso me lembra *dela* e de como *ela* costumava me tocar.

Seguro o quadril da mulher loira — que fala coisas que, para mim, não há sentido algum — com uma mão e com a outra pego meu cigarro.

Amor, paixão, compromisso?

Não.

Para mim, isso que está acontecendo entre nós é como um serviço, embora, até onde sei, eu não tenho que pagá-la. Mas, ainda assim, ela é uma puta como as outras que se atiram em cima de mim.

— Mais forte! — exige e eu vou mais devagar.

Quem diabos ela pensa que é para querer mandar em mim?

Escuto-a amaldiçoar baixo e fecho meus olhos, cadenciando os meus movimentos e surpreendendo-me com meu orgasmo. Eu não pensei mesmo que ela poderia me fazer gozar.

Paro e ela reclama mais.

Deixo-me cair no banco e a loira me encara incrédula.

— Você pode ir agora — sentencio calmo, assoprando a fumaça para fora da minha boca.

— Isso só pode ser uma brincadeira — ronrona, tentando não parecer tão irritada quanto realmente está. A mulher se aproxima e senta-se ao meu lado. — Vamos, Quarterback, eu precis...

— De dinheiro? — indago, entediado. — Você pode pedir para a

minha namorada. Ela está na área VIP com minha irmã e deve estar vindo para cá nesse exato momento. Ela não tem problema com infidelidade, fique tranquila.

Observo o rosto da mulher ficar dez tons de vermelho. Ela levanta-se e dá um tapa na minha bochecha esquerda, pegando suas roupas do chão em seguida. Jogo o meu cigarro para o lado e passo minhas mãos pelo meu rosto, enquanto a observo vestir as peças que tirou anteriormente e sair do vestiário pisando duro.

— Eu não prometi amor eterno para você, princesa — resmungo mais irritado que antes e vou atrás da minha própria roupa.

Ela foi a única que quis foder.

Eu estava saindo do meu banho quando a mulher apareceu. A culpa não é minha. Visto-me com pressa, bagunçando o meu cabelo com os dedos despreocupadamente. Jogo minha mochila sobre o ombro esquerdo e saco o meu celular do bolso do meu jeans escuro, checando as horas e observando o papel de parede.

Eu tenho que admitir: o estúpido do Seth até que tem bons genes, embora os genes da minha irmã sejam bem melhores. A foto que está no papel de parede do meu celular, é minha e do meu sobrinho, Christian. Ele é a criança mais bonita da face da Terra, eu não vou mentir. O cabelo loiro encaracolado como os da sua mãe e os olhos escuros como os do seu pai, são a mistura perfeita. Ele é absolutamente a melhor coisa que poderia ter acontecido em nossa família nos últimos anos e uma das poucas pessoas que conseguem colocar um sorriso no meu rosto com poucas ações.

Abro a porta do vestiário e, quando vou sair, sou empurrado para dentro por um cara e uma garota. Os dois estão praticamente se comendo na minha frente. Enfio o meu celular no bolso e os empurro para o lado, preparando-me para dizer a primeira coisa que passa na minha cabeça, mas, então, o cara me fita e separa-se da mulher imediatamente.

— Simon, eu estava procurando por você. — Ele puxa a câmera que está pendurada em seu ombro. — Preciso tirar uma foto sua, é o último que falta!

Rolo os meus olhos, tentando entender que porra está se passando na

cabeça desse imbecil. Ele veio fotografar ou foder a loira que está em seu pescoço? Não espero e nem falo qualquer coisa, apenas continuo o meu caminho para fora do vestiário e os deixo fazendo o que eles tinham começado. No instante em que entro no corredor, vejo Pearl com meu sobrinho Christian, ambos acompanhados por Kirsty, a minha namorada.

— Oi, amor! — Kirsty se aproxima de mim e me abraça. — Sua irmã estava me falando que você pretende ir para Long Beach nessas férias. Por que não me contou? — Sua expressão indagadora me irrita.

Eu não dou satisfação para namoradas, mas Kirsty ainda não entendeu isso. Tiro os seus braços do meu pescoço e caminho até Pearl, lhe lançando um olhar irritado, mas suavizo assim que percebo que Christian está me olhando.

— Ei, maracujá azedo — digo, pegando-o dos braços de uma Pearl grávida pela segunda vez.

— *Papa dizi que vai baté no xenhor se continuá me zamando de malacuzá ajedo!* — ele exclama, rindo e me abraçando com força.

Beijo seu cabelo loiro, virando para fitar Kirsty, que continua me encarando, agora com a cara fechada.

— Consegui um apartamento por lá e pensei que dessa vez seria bom passar um tempo perto dos meus pais — retruco, mentindo um pouco e ela cruza os braços. — Acho melhor cada um ir para o seu lado a partir de agora, Kirsty.

— Você não está me convidando e ainda... e ainda está acabando com o nosso relacionamento? — questiona, histericamente. Seu rosto muda de cor e ela está prestes a avançar em cima de mim. — Você é um f...

— Kirsty, ele apenas...

Pearl tenta intervir, mas eu seguro sua mão e a puxo de volta.

— É exatamente isso, Kirsty, agora se você nos der licença, estamos indo — sentencio.

Ela é mais rápida e dá um tapa certo em minha cara.

É o segundo em menos de dez minutos.

Christian esconde o rosto no meu pescoço e começa a rir.

— Simon! — Pearl exclama.

Eu acabo rindo também.

— Você está bem, maracujá azedo? — pergunto assim que ele me encara, com os olhos brilhando e um sorriso contagiante no rosto.

— *Titi Kiki* zangada! — grita, segurando o meu rosto e beijando repetidas vezes o lugar acertado.

— Deixa a tia Kiki, não precisaremos mais lidar com ela no nosso pé — replico.

Vejo Seth no final do corredor, caminhando em nossa direção. Pearl puxa a sua mão da minha e vai até o seu marido. Christian continua abraçando-me e eu bocejo, sentindo os meus ombros tensos e meu corpo cansado. Eu preciso de uma boa noite de sono antes de pegar um avião para sair daqui de New York e ir para Long Beach. Preciso também de presentes, afinal, eu sei que minha mãe adora presente, assim como o meu pai.

— *Titi*, posso dormir com o *xenhor hozi*? — Christian pergunta.

Inclino meu rosto e o encaro, sorrindo de lado.

— Quer dormir comigo porque vou te dar sorvete, não é mesmo? Se ficar com dor de barriga, eu vou levá-lo de volta para os seus pais...

Ele junta as mãos e me olha pedinte.

O garoto tem quase três anos e já é um chantagista de primeira.

— Tudo bem, maracujá azedo. — Ele ri e volta a me beijar.

— O que já falamos sobre esse apelido, Simon? — Seth indaga, abraçando minha irmã por trás.

— Como se eu ligasse para o que você diz — retruco, revirando os meus olhos.

Capítulo 2

Spencer Carter

“Parada no tempo...”

LIMPO MINHAS MÃOS NO AVENTAL AMARRADO AO REDOR DA MINHA CINTURA E OBSERVO DE LONGE O MEU PAI. Ele parece bem melhor do que na semana passada, onde ele mal conseguia ficar de pé. Meu celular começa a tocar e eu o puxo do bolso da minha calça jeans.

Tyler.

Atendo em um piscar de olhos.

— Oi, amor. Como está tudo aí em New York? — pergunto, encostando-me na parede e deslizando até o chão.

— Eu n-não... — A ligação falha. — Eu n-não posso f-fal...

— Ty?

— Linda, a li-ligação está horrív...

A linha fica muda.

Afasto o celular da minha orelha e noto que a chamada caiu.

Tyler provavelmente está em algum lugar ruim para a ligação ter caído. Suspiro, sentindo os meus pés doerem mais do que o normal.

Eu e Tyler nos conhecemos há quase cinco anos. Ele sempre foi um cara que esteve presente para mim quando precisei e vice-versa. Nós dois nos apoiamos depois de término de relacionamentos e acabamos por construir o nosso próprio relacionamento. Não, eu posso nem mesmo dizer que o que tive com aquele pirralho foi um relacionamento. Até hoje não entendo o que tivemos, além da atração que escorria entre nós dois.

O fato é que Tyler e eu vamos nos casar daqui a seis meses e alguns poucos dias. Eu acho que deveria estar mais animada com isso, afinal, é um grande passo entre nós dois e não há melhor pessoa do que ele para

compartilhar essa nova fase da vida comigo.

Olho para o lado e solto mais um suspiro, completamente nostálgica.

Eu sinto muita falta de quando Pearl estava aqui e das nossas horas de trabalho juntas. Desde que a minha amiga se casou, ela se tornou mais ocupada que antes e eu completamente consigo entendê-la. Em poucos meses eu também estarei no barco dos casais “amarrados”. Entretanto, eu ainda tenho Jenna como parceira de crime, embora ela passe muito mais tempo em Los Angeles com Liam, do que aqui em Long Beach.

Eu sinto vergonha por ter sido a única de nós três que parou no tempo, mas devido as circunstâncias, era a minha vez de me sacrificar por alguém que sempre se sacrificou por mim.

Meu pai.

Desde que a minha mãe morreu, quando eu tinha apenas cinco anos de idade, meu pai foi aquele que me suportou, amou, cuidou e apoiou durante todos os momentos, assim como eu estive lá por ele desde sempre. Somos como unha e carne. Eu nunca pensaria duas vezes entre sacrificar o meu futuro ou ajudá-lo a se recuperar. É claro que ele sempre estaria acima de tudo.

O nosso grande problema é o câncer.

Nos últimos anos, ele veio lutando contra essa doença miserável que atingiu os seus pulmões e que uma vez levou a minha mãe. Nós descobrimos da sua doença uma semana após o aniversário fatídico de dezenove anos de Seth. Claro, os sintomas já estavam lá, mas pensamos que era apenas uma pneumonia, mesmo que o meu pai tivesse o costume de fumar quase que cotidianamente.

Bom, se eu fiquei com medo?

Não.

Eu praticamente pirei.

Não só eu, como ele, tínhamos feito planos para a minha faculdade dos sonhos: enfermagem. Lembro-me como se fosse ontem de estar sentada no seu colo, meu cabelo preso despretensiosamente e meu caderno nas mãos.

Nós desenhávamos tabelas, traçávamos planos, fazíamos isso e aquilo. Tudo estava determinado até meu último dia na Universidade da Califórnia. E, então, essa doença perseguidora veio tentar me destruir pela segunda vez, agora tentando tirar-me o meu pai.

Não.

“Foda-se a universidade”, foi a primeira coisa que eu pensei e a primeira coisa que fiz.

Joguei minha carta de aceitação no lixo e peguei todas as minhas reservas para ajudar o meu pai em seu tratamento e assim nós fizemos. Eu falei a ele que pediria ajuda aos pais de Pearl, afinal, somos seus empregados, mas ele negou e proibiu-me de fazer isso. A parte tranquilizadora era que tínhamos dinheiro para o seu tratamento. Todo dinheiro reservado para a minha faculdade havia sido muito bem gasto com o meu pai. Ele veio ao trabalho todos os dias. Não importava o quão ruim ele se sentia, não importava o quanto eu implorava para ele me deixar cuidar das coisas sozinha, não importava nada.

Ele é um guerreiro, um tanto teimoso, mas não deixa de ser um guerreiro.

O meu guerreiro.

Quando o tratamento acabou, por meses pensamos que ele estava bem. Dois anos já haviam se passado desde o casamento de Pearl e nós já tínhamos mais reserva para tentarmos novamente me colocar dentro da faculdade, mas foi em vão. O estúpido câncer voltou e estamos até hoje, quatro anos após o casamento da minha melhor amiga, nessa grande tormenta que não passa de jeito nenhum. Tyler é o único que sabe e que nos ajuda com a parte financeira. Às vezes fica difícil por conta de suas viagens, já que ele é um fotógrafo e viaja a América toda atrás de trabalho e mais trabalho. Eu o entendo. Ele está fazendo tudo que pode por nós e sabe que eu só funciono com meu pai ao meu lado, por isso Tyler me ajuda tanto.

Amor.

Eu, infelizmente, não diria que o amo, mas gosto muito dele. Não tenho os sintomas que uma pessoa apaixonada geralmente sente: coração acelerado, boca seca, mãos suadas. Eu senti isso uma vez e arrependo-me por ter sido

com quem foi.

Eu e Simon éramos muito complicados para o nosso próprio bem. Nossa relação era aberta. Ele ficava com quem queria e o mesmo valia para mim. Geralmente um dos dois acabava com ciúmes, mas era contra nossa lei de “quase-amigos-com-benefícios” admitir esse tipo de sentimento. Nós nem mesmo admitíamos alguma amizade entre nós, ciúme não poderia existir de maneira nenhuma. Ele não era meu e eu não era dele. Cada um fazia o que queria, mas no final do dia sempre estávamos juntos dentro da van da pizzeria.

De qualquer forma, o que aconteceu entre Pearl e Seth rompeu tudo que existia entre nós dois. Mesmo que eu quisesse explicar como senti-me naquela noite, eu não conseguiria. O que aconteceu foi além da minha capacidade mental. Eu e Simon saímos trocando os pés da casa de Seth.

“Acerto o braço de Simon com um tapa e o empurro, tentando fazê-lo acordar e parar com o seu discurso idiota. Ele está esbravejando sem parar. Eu tento entendê-lo, mas tudo que ele consegue fazer é me culpar. Eu não tenho culpa!

— Estava fora do meu controle, Simon! Eu não sabia que ele estava... que ele apostou a virgindade de Pearl! Você acha que se eu soubesse, eu a ajudaria naquele dia? Não é minha culpa! — exclamo, chutando meu salto para fora do meu pé.

Bruscamente, Simon joga o carro para o lado e para.

— Sai do carro — sentencia.

Eu o encaro, incrédula.

— Você está brincando comigo, certo?

Ele vira o rosto e me fita de volta. Inclinando-se contra o meu corpo, Simon abre a porta do carro sem desviar o olhar do meu.

— Eu disse para sair, eu não quero mais você dentro do meu carro. Tire a sua bunda estúpida daqui de dentro e dê o fora, porra!

Pela primeira vez desde de que perdi a minha mãe, lágrimas ameaçam escorregar por meu rosto, mas antes que isso aconteça, eu pego o meu salto

e saio sem dizer uma palavra. Respiro fundo, conto até três e espero ele dizer para eu entrar outra vez, mas isso não acontece. O carro de Simon some com rapidez da rua escura e vazia onde ele me deixa.

Brigo comigo mesma durante todo o caminho que faço até a minha casa. Não sei quanto tempo se passa, mas quando chego, meu corpo está esgotado e meu coração bate lentamente, como se soubesse que eu estou me sentindo uma merda. Entro em casa e observo meu pai, que dorme em sua poltrona velha e jogo-me no sofá logo ao seu lado.

Se Simon vier falar comigo amanhã, eu vou acertar um soco nas bolas dele.

Estúpido pirralho!”

O amanhã veio e nós não trocamos mais do que vinte palavras durante todo tempo que passamos em um mesmo ambiente. Às vezes ele jogava alguma piada, mas eu estava disposta a ignorá-lo e assim eu fiz. Ele não me pediu desculpas e eu não seria a pessoa que daria o primeiro passo para resolvermos a nossa situação.

Cada um foi para o seu lado.

Sabe, eu tenho certeza de que foi melhor assim.

Nossa relação não era tão boa quando tentávamos conversar. Eu acabava o insultando e ele me irritando. Depois disso, precisávamos apenas de uma superfície plana para nos entendermos — o que não durava muito. Depois que tínhamos uma dose de sexo, ele me irritava outra vez e eu o insultava mais ainda.

Era um ciclo vicioso e eu *realmente* quero dizer vicioso.

O bom é que ele está bem longe de mim e, mesmo se estivesse perto, eu não ligaria tanto.

Cresci e amadureci. Não sou mais a mesma garota que ficava em pé de guerra com aquele moleque mesquinho. Claro, eu manteria a distância, mas Simon não tem mais qualquer efeito sobre mim. Não nos vemos há um longo tempo e o que eu mais quero é que ele continue no seu canto e eu no meu.

Funcionamos muito bem separados e não juntos.

Capítulo 3

Simon Wyatt

“Lar doce lar...”

SEGURO MINHA MALA E A BOLSA DE CHRISTIAN QUE PEARL PREPAROU, ENQUANTO TENHO MEU SOBRINHO EM MEU OUTRO BRAÇO, DORMINDO CONTRA O MEU OMBRO. Encosto-me na parede do elevador, sentindo-me ainda mais cansado do que antes. Eu pensei que dormir antes da viagem faria bem, mas me enganei. Eu dormi antes, durante e agora quero dormir mais e mais.

Ser famoso cansa, ainda mais quando o seu trabalho é extremamente exaustivo, como ser um jogador de futebol americano. Tudo bem, eu amo o que eu faço, mas não posso negar que férias é a melhor parte, depois das vitórias em uma temporada.

O elevador para e uma mulher entra.

Ela é bonita. As pernas são longas e torneadas e eu diria que ela é uma modelo. Se não for, poderia ser. Ela fita meu sobrinho e depois me encara, sorrindo de lado.

Ouvi dizer que mulheres acham atraente um homem solteiro com uma criança. Eu não vejo o que as atraí nisso, mas se isso acontece, eu posso usar essa arma ao meu favor — só que não nesse momento. Tudo que eu mais quero é entrar no meu apartamento, colocar Christian em seu quarto e me jogar em qualquer canto.

É perceptível o quanto eu amo o meu sobrinho, mesmo ele sendo parte de Seth. Não que eu não goste do cara, mas eu nunca o perdoei pelo o que ele fez com a minha irmã. Nunca perdoei ninguém que contribuiu para que aquela estupidez acontecesse — *nem mesmo me perdoei*. Entretanto, eu poderia dizer que Christian é parte de mim. Ele pode ter quase três anos, mas o moleque é esperto pra caralho, sem brincadeira. Isso ele com certeza puxou ao seu pai idiota, só que eu não me importo.

Embora eu goste tanto do meu sobrinho e me dê bem com crianças, não é como se eu estivesse louco para ter um filho. Isso é algo completamente fora de questão para mim, assim como casamento, relacionamento sério e toda essa coisa de gente “amarrada”. Eu sou uma prova viva de que não consigo parar quieto com apenas uma mulher. Uma mulher nunca será o suficiente para mim e eu não me vejo tendo filhos com ninguém. Eu o fiz uma vez, mas aconteceu o que aconteceu.

Quando comecei a namorar com Kirsty, eu a avisei que fidelidade era algo que nunca ofereceria para ela. Ela queria se promover com o meu nome e dar para mim, não neguei, mas sempre deixei as coisas bem claras entre nós dois. Afinal, o que eu faria quando ela estivesse longe, em algum evento? Esperaria ela terminar suas coisas para vir até mim? Claro que não. Quando Kirsty estava ocupada, eu simplesmente saía atrás de mulheres baratas e fáceis em algum bar de New York.

E essa vem sendo a minha vida desde que virei um astro do futebol americano. Tomo o devido cuidado para não me envolver em escândalos e de longe estou fazendo um bom trabalho.

— É seu? — a mulher pergunta, tirando-me dos meus pensamentos.

— É meu — afirmo, mas não digo o que ele é meu.

— Parece muito com você... — continua, sorrindo de lado.

Se Pearl souber de uma coisa dessas, ela até me mata. Não é novidade que a minha irmã reprova meu comportamento, mas usar seu filho como meu para conseguir mulher seria outro nível, com certeza.

O elevador para e a mulher sai, mas segura a porta.

— Eu moro no 502, qualquer coisa. — Pisca e sai rebolando o seu quadril, deixando-me com um sorriso ladino.

A porta fecha e o caminho até a cobertura é feito sem mais interrupções. Assim que entro no meu apartamento, levo Christian direto para o quarto que instruí para que preparassem para ele. O coloco em seu berço e cubro seu corpo pequeno, pegando um dos ursos da prateleira e colocando lá dentro para ele abraçar se assim desejar. Ligo o walk-talk na mesa branca próxima ao berço e levo o outro junto comigo para a sala, onde caio no sofá

sem pensar duas vezes.



“MINHAS MÃOS DESCEM POR SUAS COSTAS, ENQUANTO DEDILHO A SUA ESPINHA ATÉ ALCANÇAR A CURVA DE SUA BUNDA. Aperto as nádegas cheias com força, escutando-a respirar pesadamente em meu ouvido. Spencer beija o meu pescoço e me abraça, juntando nossos corpos com a necessidade mútua que é presente entre nós dois.

Suas unhas afundam em minhas costas e eu mergulho os meus dedos mais ainda em sua carne.

— Eu odeio você — sussurra, fazendo-me sorrir de lado.

— Eu sei, Cherry — retruco e Spencer afunda mais ainda suas unhas em minha pele.

— Pare de me c-chamar disso! — exige entre dentes, enquanto rebola em cima de mim.

— Você prefere Pumpkin? — questiono, lambendo toda extensão de seu pescoço.

— Todos seus apelidos envolvem comida? — retruca, mais irritada que antes.

— Sim.

Spencer bufa, encostando a testa na minha.

O ar entre nós é pesado e estou praticamente respirando-a. É como se faísca saíssem com a junção de nossos corpos. Eu gosto. Gosto mais do que devia, mas seria impossível não gostar, quando Spencer é muito boa uma vez que não estamos brigando.

— Cherry — sussurra, batendo sua boca em cima da minha.

— Cherry, menina bonita.”

Sento-me no sofá suando frio, enquanto minha ereção me incomoda mais do que pensei que incomodaria. Eu odeio sonhar com aquela garota, que agora obviamente deve ser uma mulher.

Na verdade, costumo dizer que ela é como um pesadelo.

Um pesadelo vivo, andante, pronto para me fazer de idiota outra vez.

Não posso negar que Spencer foi a única garota que me fez querer dar um passo a mais, se assim posso dizer. Contudo, nosso orgulho sempre foi maior do que qualquer atração que sentíamos.

Se ela era boa?

A melhor.

Se ela valia à pena?

Talvez sim, eu não sei dizer.

Spencer e eu sempre colocamos um milhão de empecilhos no nosso próprio caminho; ela mais do que eu.

Nosso relacionamento era aberto e eu odiava isso mais que tudo. Eu não gostava de dividir com outros homens o que eu queria para ser apenas meu.

Se ela se importava com isso?

Não sei dizer.

Falávamos sobre tudo, brigávamos sobre qualquer coisa, mas nunca paramos para pensar em mais do que apenas sexo.

Gosto de acreditar que o que eu sentia por ela era mais sobre querê-la como a minha garota fixa — *sem outros garotos no meio* —, do que sobre qualquer outro sentimento estranho. Mas, Spencer nunca aceitou isso: ser domada ou ser minha. Ela costumava dizer que se eu podia pegar quantas eu quisesse, pois assim ela também faria.

Sim, ela era um desafio para mim e eu nunca recusei qualquer desafio. Eu amava odiar Spencer e vice-versa. No final do dia, sempre estávamos juntos, até quando a merda explodiu entre Pearl e Seth.

Admito, eu estava cego de raiva, mas até hoje não me arrependi das

escolhas que fiz. Foi um momento ruim não só para a minha irmã e seu, agora, marido, mas também para todos ao seu redor. Qualquer coisa existente entre Spencer e eu, rompeu-se e acabou naquela noite.

Se eu errei em algum momento, foi quando eu estava no meu carro com ela. Eu deveria tê-la deixado em sua casa e não no meio da rua. Mesmo com raiva, eu voltei — se assim posso dizer. Lembro como se fosse ontem de socar o volante e virar a esquina, deixar o carro estacionado e esperar, atrás de uma árvore, Spencer virar a outra esquina. Eu a segui até vê-la entrar com segurança em sua casa. Depois disso, tive que fazer todo caminho até o meu carro outra vez.

Eu era um adolescente cabeça-quente.

Impulsivo, destemido, idiota, eu sei. Mas ainda não me arrependo de nada. Estou certo de que estou onde estou por causa das minhas escolhas, então eu não mudaria uma palavra sequer que eu disse nos últimos anos.

Meu celular começa a vibrar no bolso da minha calça e eu o puxo, observando o nome “mãe” piscar na tela. Passo minha mão pelo meu cabelo e bocejo, encostando-me no sofá antes de atendê-la.

— Oi, mãe — resmungo.

— Simon Alexander Wyatt, onde você e o meu neto estão que ainda não apareceram aqui? Sua irmã e Seth já estão aqui na pizzaria, filho! Só falta você e meu pequenino! Eu exijo a presença de vocês dois, agora.

— Será que você não poderia deixar isso para outra hora, mãe? Christian está dormindo e você acabou de me acordar — minto na última parte, já que fui acordado pelas lembranças do passado em forma de pesadelo. — Amanhã nós aparecemos aí e levamos os seus presentes.

— Eu não vou falar outra vez, Simon. Eu o quero aqui e quero agora — sentença e desliga a chamada sem mais, nem menos.

Porra, mãe...

Jogo o meu celular para o lado e vou até o banheiro tomar um banho e relaxar antes de ir acordar Christian para aprontá-lo para irmos à pizzaria, caso contrário, minha mãe vai vir me buscar e me levar até lá debaixo de tapas — e beijos.

Capítulo 4

Spencer Carter

“Peek-a-boo!”

AMARRO O MEU CABELO COM FORÇA E VOU ATRÁS DE ACHAR A MINHA CALÇA JEANS, QUE DEVE ESTAR EM ALGUM LUGAR DO MEU QUARTO BAGUNÇADO. A verdade é que nunca fui uma pessoa organizada. Eu admiro quem consegue ter todas as suas coisas no lugar e saber exatamente onde estão, mas eu não chego nem perto desse grau de organização. O máximo que eu faço é deixar o chão livre, mas, fora isso, há roupas e mais roupas por todo lado, além das muitas contas e dívidas que começam a tomar espaço em minha mesa de cabeceira.

Acho o meu jeans debaixo de uma caixa de pizza vazia, que estava em cima de uma das minhas cadeiras reclináveis e puxo a peça fugitiva, vestindo-me rapidamente.

Hoje mais cedo eu recebi uma mensagem de Pearl avisando que estaria de volta com Seth e o pequeno Christian. Mal posso esperar para vê-los, principalmente o pequeno, já que a última vez em que o vi ele tinha acabado de completar dois anos de idade e agora, já na próxima semana, ele estará completando três anos.

O menino parece um anjo. Tenho a foto dele — uma que Pearl enviou-me há algumas semanas — salva no meu celular como papel de parede. De fato, Christian é uma criança apaixonável, ainda mais por seus cachinhos loiros e olhos pretos intensos.

Para ser sincera, também estou muito ansiosa para rever a minha anjinho.

Sinto muito a falta de Pearl e, como meu pai não vai poder ir à pizzaria hoje, pois ele não está se sentindo bem, eu pelo menos terei a companhia da minha melhor amiga. Espero poder passar algum tempo com ela essa noite, mesmo que ela não possa trabalhar tanto, já que está grávida outra vez,

notícia que a Sra. Wyatt me deu há algumas semanas e que eu custei a acreditar.

Aliso a minha roupa e calço meu tênis, enquanto me encaro no espelho e sigo para fora do quarto. Vou diretamente à cozinha, onde encontro meu pai sentado em frente à mesa, segurando uma caneca de café e agasalhado com um casaco que comprei para ele na semana retrasada em um brechó muito barato de roupas usadas.

— Eu estou indo, pai. Vou trazer nosso jantar, então, por favor, me espere — digo, aproximando-me e beijando sua bochecha. — Precisa de alguma coisa? — indago.

— Não, querida. Estou bem — afirma, segurando minha mão e apertando. — Bom trabalho, amanhã eu estarei lá. Sabe que não vou hoje porque o tratamento está ficando mais pesado e eu...

— Por mim o senhor não iria mais, pai. Você tem que descansar e não trabalhar, entende? Eu estou dando e vou dar conta das coisas para nós dois. — Aperto sua mão de volta. — Agora eu realmente tenho que ir — murmuro, despedindo-me uma última vez dele.

Saio de casa e enfio o meu celular no bolso da minha calça, correndo até o ponto de ônibus, onde observo — mesmo de longe — que o coletivo está se aproximando. Felizmente, consigo chegar a tempo e entrar, seguindo finalmente para a pizzaria. É um pouco antes das três da tarde, mas quanto mais cedo eu chegar, mais cedo eu me livrarei do trabalho e poderei sair para entregar pizzas na van.

Amanhã vou começar a procurar por mais um trabalho, algo que eu possa fazer no horário da manhã para complementar meu dinheiro e do meu pai. Precisamos de mais dinheiro e eu não quero ter que ligar para Tyler apenas para pedir-lhe mais disso, mesmo que ele nunca tenha negado nada para mim.

Depois de longos quarenta minutos, chego à pizzaria. Entro pela porta dos fundos, tentando passar despercebida pela Sra. Wyatt, mas eu não obtenho sucesso.

— Chegou cedo, Spencer — ela comenta e eu paro, colocando um sorriso amarelo nos lábios e virando-me para encará-la.

— Meu pai teve que ficar em casa para resolver alguns problemas que tivemos de última hora, por isso vim mais cedo para dar conta da minha parte e da dele — explico, enquanto tento fugir de seu olhar avaliativo.

— De novo? Mario está bem? É a segunda vez apenas nesse mês, Spencer...

— Sim, novamente e ele está mais do que bem. Garanto-lhe que foram alguns problemas em casa, nada mais que isso, Sra. Wyatt — afirmo, tentando soar convicta e acho que consigo me sair bem.

— Certo, se você diz... Elijah já chegou — avisa. — Depois eu vou para lá, preciso apenas falar com Pearl antes disso. Ela disse que vai me ligar e eu estou esperando a ligação...

— Tudo bem, Sra. Wyatt. Eu vou indo — comento e ela apenas assente.

Faço o meu caminho até a cozinha e cumprimento Elijah com um aceno e ele acena de volta com o pote de molho de tomate que está em sua mão. Caminho até a pia e faço a limpeza minuciosa das minhas mãos e, logo após, amarro um avental em minha cintura.

Paro em frente ao meu balcão e tomo uma respiração profunda antes de colocar a mão na massa.

Literalmente.



SINTO MÃOS ATRAPALHAREM A MINHA VISÃO E SOLTO UM SORRISO INSTANTANEAMENTE. Há horas eu estou dentro da cozinha com Elijah, trabalhando sem parar para conseguir fazer todas as pizzas a tempo. Mas, agora, eu sei quem está aqui: Pearl.

— Anjinho! — exclamo e escuto sua risada baixa atrás de mim.

Pearl tira as mãos dos meus olhos e eu viro-me imediatamente para ela.

Assim que nos encaramos, ela me abraça com força e eu tenho que conter minha vontade de fazer o mesmo, uma vez que minhas mãos estão sujas de tanta pizza que já fiz hoje.

— Spencer! — retruca, beijando minha bochecha e finalmente separando-se de mim. — Senti tanta falta de você, amiga — comenta, com os olhos marejados.

Sinto o meu coração se aquecer e sorrio abertamente, observando-a de cima a baixo e fitando sua barriga levemente grande.

— Quando ia me contar que estava grávida de novo? — indago, incrédula. — É uma menina ou um menino?

— Eu estava esperando para fazer isso pessoalmente. É um menino, amiga, mais um para a coleção de Seth. Ele estava aterrorizado com a ideia de termos uma menina, você sabe...

Rolo os meus olhos, mas acabo rindo.

— Falando em menino, onde está Christian? Vocês andaram fugindo de mim, meu Deus! — reclamo, indo lavar as minhas mãos. — Faz quase um ano que não o vejo, tenho quase certeza que ele já se esqueceu de quem eu sou...

— Ele não esqueceu, amiga — Pearl diz, entre risos.

Enxugo minhas mãos e volto a encará-la. Pearl sorri abertamente e me puxa todo caminho até a porta da cozinha. Grito para Elijah, avisando que eu não demorarei a voltar e saio com Pearl, que continua me puxando por todo percurso.

Assim que entramos no salão principal da pizzaria, observo de longe Seth e Christian juntos. O menino está com um celular na mão e eu posso dizer que o aparelho é de Seth, que está olhando para o que o filho está fazendo. Eu não posso negar, essa imagem faz o meu coração aquecer. Seth realmente mudou por Pearl e é tão bonito vê-lo com seu filho, só que não é mais bonito do que ver os três juntos, como agora.

Eu paro em frente à mesa e Pearl chama a atenção do seu marido e do seu filho. Sorrio para Seth e abro meu sorriso ainda mais quando Christian me fita de volta. Seus olhos pretos brilham e ele estende os braços para mim,

soltando o celular na mesa sem se importar com nada.

— *Titi Pence!* — exclama, fazendo-me gargalhar com Pearl.

Pego Christian em meus braços e começo a enchê-lo de beijos por suas bochechas vermelhas. Ele sorri, abraçando meu pescoço com força e tentando me beijar de volta.

— Gordinho! Quanta saudade de você, meu segundo anjinho — digo, abaixando-me até o chão e colocando-o de pé, mas ele parece não querer me soltar.

— *Titi Pence*, eu não sou mais *godinho!* — reclama e eu escuto Seth rir com Pearl.

— Quem disse isso para você? — brinco, beijando a ponta do seu nariz e ele ri, colocando as mãos pequenas em minhas bochechas.

— Peek-a-boo, peek-a-boo! — pede e eu gargalho.

— Você está pronto? — questiono e ele ri, assentindo ansiosamente.

Coloco as mãos em frente ao meu rosto e começo a brincar com Christian de peek-a-boo. Ele me incentiva a cada rodada e, na quinta vez, eu o escuto mais histérico que antes.

— Peek-a-... — Assim que tiro as minhas mãos do meu rosto, sou eu quem me assusto e acabo caindo sentada no chão.

— *Boo* — murmura simplesmente, com um sorriso ladino nos lábios.

O que ele está fazendo aqui?

Capítulo 5

Simon Wyatt

“Noivo?!”

EU A OBSERVEI DO MOMENTO EM QUE ELA SAIU DA COZINHA E CRUZOU O SALÃO ATÉ CHEGAR AO MEU SOBRINHO. Eu realmente não queria me aproximar. Eu queria apenas ficar de longe, mas foi impossível ficar afastado dela, apesar de todo julgamento e raiva que ainda nubla minha cabeça.

Minha mãe não me disse que Spencer ainda continuava na pizzeria, tampouco Pearl. Eu pensei que a garota tinha ido para faculdade. Tudo bem, no casamento de Pearl, Spencer ainda não estava na faculdade, mas não pensei que isso seguiria até o momento presente. É como se eu tivesse voltado no tempo. Spencer parece exatamente igual como há sete anos, quando costumávamos sair juntos para entregar pizzas, dentre outras coisas.

Os olhos esverdeados dela estão arregalados e eu posso perceber a sombra escura logo abaixo deles, marcando as olheiras e denunciando a falta de sono dela. O seu cabelo castanho e longo está amarrado, enquanto os seus lábios avermelhados estão entreabertos, demonstrando sua surpresa em me ver.

Ela estupidamente parece bonita e odeio-me por admitir isso.

— Parece que voltei no tempo, Cristo! Você está exatamente como sete anos atrás — deixo escapar, ainda com meu sorriso de lado.

Spencer engole a seco, fechando a boca e se recompondo rapidamente. Ela sempre foi boa com essa coisa de esconder sentimentos. Eu sempre fui o mais explosivo entre nós dois, mas, quando ela perde a cabeça, a coisa realmente fica assustadora.

Pelo menos era assim...

— S-Simon — gagueja, levantando em um pulo.

Endireito-me e cruzo meus braços em frente ao meu corpo.

Os olhos de Spencer me avaliam e eu tenho que sorrir mais ainda. Por mais que eu ainda esteja com raiva, é bom ser observado pela digníssima Spencer Carter.

— Gaguejando? Eu lembro de você mais confiante. O que foi? O tempo te passou a perna? — questiono, tão provocador quanto antes.

Seu olhar escurece e ela respira profundamente.

Eu comecei a irritá-la.

— Você parece bem... — diz, sorrindo e dando alguns tapas em meus braços. — Comparado a um pedaço de merda, você realmente parece ótimo, pirralho — cospe.

— E você parece melhor ainda, Cherry. Comparada a uma idosa pelancuda, você realmente parece ótima! — retruco, sacudindo-a pelos seus ombros, que parecem mais magros que antes.

Posso estar ficando louco, mas lembro de cada pedaço de Spencer e sei que ela está mais magra, muito mais magra. Pensei que a tendência das mulheres que não fazem exercício físico, fosse engordar. Desde sempre ela odiou fazer qualquer tipo de atividade física, então nada mais justo do que ela estar mais forte, certo?

Certo, mas não foi isso que aconteceu.

Posso sentir os ossos salientes de seus ombros cutucarem as palmas das minhas mãos e isso me incomoda.

Sem perder tempo, Spencer se afasta de mim e quase tropeça em Christian, que abraça as pernas de Seth com força.

— Eu vou voltar ao trabalho — Spencer dispara e, antes que Pearl possa abrir a boca, ela sai andando apressada até a cozinha novamente.

— Você poderia ter sido mais gentil com ela, Simon — minha irmã reclama, com a expressão fechada. Ela se aproxima do filho e beija os cabelos dele, puxando-o para cima e colocando-o no colo do pai. — Eu vou ficar um pouco com Spencer e depois volto, amor — avisa e, antes que eu tenha ânsia de vômito, viro o rosto para o lado para não a ver beijar Seth.

Cruzo os meus braços e, no momento em que Pearl está passando por mim, eu entro na sua frente.

— Por que não me disse que ela ainda estava aqui? — questiono.

— Eu pensei que soubesse, Simon. Não venha tentar colocar culpa em mim e ficar com raiva, assim como você fez com Spencer. Supere, mas não supere somente isso, supere todo o passado que eu sei que você continua a culpando. O que aconteceu entre Seth e eu, aconteceu, fim. Foi entre *eu* e *ele*. Nada foi culpa de Spencer. Essa é uma raiva sem sentido algum. — Pearl me empurra para o lado e sai andando.

Bufo.

— *Titi*, vem cá! — Christian me chama.

— Depois, Christian. Depois.

Saio da pizzaria, ignorando o chamado da minha mãe e vou até o meu carro. Entro e soco o volante com força, antes de ligar o carro e dar a volta no estabelecimento, parando ao lado da van da pizzaria. Saio, puxando meu maço de cigarro e isqueiro.

Encosto-me no capô do carro, fumando, enquanto encaro a porta dos fundos da pizzaria. Eu sei que ela vai sair por aqui e eu ainda quero vê-la, ou irritá-la, ou questioná-la. Quero fazer qualquer coisa que seja. Ansiedade percorre meu corpo e eu não gosto dessa sensação. Há muito tempo eu não me sinto ansioso. A última vez que me senti assim, foi no meu jogo de estreia pelo meu time de futebol. Depois disso, nada mais me deixou ansioso até esse momento.

Puxo o segundo cigarro e a porta dos fundos da pizzaria abre do nada, com força e dela sai Spencer. Ela está com o celular grudado à sua orelha e não me notou ainda, uma vez que está andando frenética de um lado para o outro.

— Oi, amor... Não... Eu não estou ouvindo você direito, Tyler — ela começa e eu estreito o olhar em sua direção, tragando com força. — Agora sim, pode falar... — Um minuto em silêncio se passa até Spencer se encostar na parede lateral e deslizar até o chão, levando uma das mãos até sua cabeça. — Tudo bem — sussurra. — Boa viagem, espero que tudo dê certo para você

no Hawaii. — Solto a fumaça, atento a tudo que ela diz. — Amo você também, tchau — finaliza.

Ama?

Quem é o filho da puta que ela ama?

— Parece que alguém tomou um bolo do namorado — me pronuncio, deixando-a saber que eu estou aqui.

Spencer vira o rosto finalmente e me nota, pulando para cima rapidamente. Ela enfia o celular no bolso da sua calça e se aproxima, descendo os degraus e caminhando de um lado para o outro sem deixar de me fitar.

— Você sabia que cigarros podem matar? — questiona e eu reviro os olhos. — Sabia que eles podem causar câncer e te deixar extremamente doente?

— Cherry, eu me lembro de você menos certinha. O que aconteceu? — retruco, tentando soar o mais divertido possível, mas eu não estou nada divertido depois que eu a ouvi falando com um tal Tyler-filho-da-puta no celular.

— Responsabilidade, algo que você provavelmente não conhece, já que imprudentemente fica fumando para acabar doente algum dia com seus pulmões morrendo e te matando por dentro — diz, mais irritada que antes, puxando meu cigarro e jogando-o no chão para pisar em seguida.

Eu a observo, tentando entender o que há de errado com Spencer.

Que porra está acontecendo com ela?

— Seu namorado não fuma? Qual o seu problema? — pergunto, segurando seu pulso e puxando-a em minha direção.

Spencer coloca sua mão livre no meu peitoral, estabelecendo distância entre nós dois.

— Isso não interessa para você. Eu estou te fazendo um favor e acho que deveria me agradecer — diz, tentando me empurrar.

— Te agradecer? Eu deveria obrigá-la a comprar a merda de um cigarro novo para mim. — Bufo.

Solto o seu braço e ela se afasta, passando as mãos por seu cabelo, enquanto concentro-me em não me irritar com ela mais do que já estou irritado.

— Tudo bem, eu sinto muito. Apenas perdi a cabeça e joguei essa... joguei o seu cigarro fora. Me desculpe, se quiser eu compro outro, é você quem vai morrer mesmo — finaliza, em um tom mais baixo.

— Quem é Tyler? — pergunto, sem entender o que está se passando na minha cabeça e trocando de assunto abruptamente.

Spencer me encara e respira fundo, colocando as mãos de cada lado da cintura.

— Você não se lembra dele do casamento de Pearl? Ele me acompanhou, era meu namorado.

— Eu nem sequer me lembro de te olhar nesse casamento — minto.

Lembro-me muito bem do vestido que ela usou, do penteado em seu cabelo e de que ela estava junto de outro cara, mas não prestei atenção no idiota, apenas em Spencer.

— Se tivesse me olhado ou olhado para ele, saberia quem ele é nesse momento — replica, parecendo não acreditar no que eu disse.

— E vocês ainda namoram? — continuo e nem sei o porquê.

Spencer sorri e abaixa a cabeça, olhando para o seu tênis sujo e negando.

“Menos mal”, penso.

— Ele é meu noivo — sentencia.

Ela disse o quê?

Capítulo 6

Spencer Carter

“Muito, muito estúpido...”

SIMON PARECE NÃO ACREDITAR NO QUE EU ACABEI DE DIZER. Seu rosto está devidamente coberto por uma expressão incrédula e isso me faz querer sorrir, mas é impossível sorrir depois que falei com Tyler.

Meu noivo me disse que teria outra viagem e que ficaria dois meses fora, além de não poder mandar qualquer dinheiro para me ajudar com as contas. Falando assim, parece que eu só penso no dinheiro dele, mas o fato é que eu estou quase que afundando em dívidas. É dinheiro para isso, para aquilo. Eu não faço qualquer ideia de como vou me virar, mas preciso achar uma saída o mais rápido possível.

— Você está falando sério? — pergunta, desconfiado. — Deus, esse cara é estúpido mesmo... Mas, uau, você vai se casar. — Reviro os meus olhos.

— Estúpido? — questiono.

— Sim, claro. Quem diabos iria querer se casar com você? Só um estúpido. — Semicerro os olhos, respirando profundamente.

— O único estúpido que eu conheço está parado na minha frente — afirmo, empurrando-o para trás com toda força que eu tenho. — Ainda bem que vou me casar com alguém como Tyler, já imaginou se nós — dou uma risada sarcástica e alta —, se nós dois ainda estivéssemos juntos e fôssemos nos casar? — Simon me puxa mais uma vez para perto, fora de si.

— Eu com certeza daria tudo que você precisa. Tenho certeza que o seu noivo não tem nem mesmo onde cair morto — enuncia entre dentes.

— Você está completamente errado. Você nunca conseguiria me dar amor ou carinho, Simon. Eu vivi isso e você é incapaz de fazer algo desse tipo por alguém. Engula toda essa sua arrogância, porque ela não funciona comigo. — Puxo meu braço de seu domínio novamente. — E, se você ousar

me tocar outra vez como acabou de fazer, eu vou fazer suco das suas bolas e te dar para beber como refresco.

Sem dar-lhe chance de falar qualquer coisa, viro de costas e começo meu caminho de volta para dentro da pizzaria. Escuto o som de algo cair no chão e viro meu rosto apenas para ver um maço de cigarro ali. Tenho certeza que é de Simon, mas não me importo com isso. Assim que bato a porta, escuto Simon fazer o mesmo com a porta do seu carro.

Entro na cozinha, observando Pearl sorrir com Christian e Seth. Os dois provavelmente entraram quando eu saí para atender a ligação de Tyler. Lavo as minhas mãos, ainda fitando os três.

— Tudo bem? — Pearl pergunta ainda sorrindo assim que eu me posiciono novamente ao seu lado no balcão que estamos dividindo.

— Sim, estou ótima — afirmo, forçando um sorriso e engolindo o bolo que estava se formando em minha garganta.

— Você sabe, eu e Seth estávamos conversando e nós estaremos um pouco ocupados durante os nossos horários matutinos com Cassie e Sculler devido a administração e reuniões dos hotéis. Será que você não poderia cuidar de Christian para nós? — pergunta, balançando as sobrancelhas para cima e para baixo.

— Mas e o *Titi* Simon? — Christian pergunta, enfiando um pedaço de queijo de uma só vez na boca de Seth, que quase se engasga.

— Eu... Bom, eu, na verdade, estava indo em busca de outro emprego nesse horário. Não sei se vai dar muito certo e tem o Simon, certo? Ele não pode ficar com o Chris? — indago.

— Perfeito! Você vai ser a babá por meio período do Chris, amiga! Abortar plano, você acabou de achar um emprego — Pearl exclama, pulando animada e Christian imita a mãe mesmo nos braços de Seth, que recebe outro pedaço de queijo bruscamente.

— Você tem certeza? — pergunto, dando-me lentamente por vencida.

— Toda certeza do mundo — afirma, parando de pular. — Você pode começar que dia?

— Qualquer dia, apenas preciso avisar meu pai sobre isso — comento.

— Oh, certo. Falando nisso, onde ele está? Mario nunca foi de faltar no trabalho... — Ela arqueia uma sobrancelha. — Está tudo bem com vocês? — Cruza os braços e eu viro para frente, colocando minhas mãos na bancada e respirando fundo.

— Sim, ele está bem. Nós estamos bem — falo, tentando soar confiante.

— Vocês duas são terríveis mentirosas — Seth finalmente resmunga, fazendo Christian rir.

— Está insinuando que eu estou mentindo? — pergunto, virando meu rosto para lhe lançar um olhar aguçado.

— Algo tipo isso — ele retruca, despreocupado.

— Se algo estiver errado, eu quero saber sobre isso, Spencer — Pearl avisa e eu a encaro.

— Eu *tombém!* — Christian exclama e eu sorrio.

— Está tudo bem, eu falo sério.

Escuto Seth assobiar e os rolo meus olhos, irritada.

— *Amor...* — Pearl sussurra.

— O que eu estou fazendo? — defende-se. — Quer saber? Vou voltar para o salão, você que se entenda com a sua amiga ment... — Tosse. — *Mentirosa* — completa.

Pego um pedaço de queijo e arremesso na direção de Seth, que pega a comida antes de acertá-lo. Christian gargalha e puxa o queijo da mão de seu pai idiota, enfiando-o na boca.

— Posso ser um Quarterback, mas sou bom como recebedor também, querida — provoca, antes de beijar Pearl, que balança sua cabeça em negação. — Vou falar com seu pai e te espero lá fora — diz por fim.

Seth sai da cozinha com Christian e Pearl continua ao meu lado.

Recomeço meu trabalho e ela faz o mesmo, continuando a montar uma pizza de frango.

— Ele reconhece um mentiroso de longe — Pearl cantarola.

— Você está me chamando de mentirosa também? — indago.

— Longe de mim, mas acho que talvez você esteja escondendo alguma coisa. Eu só quero ajudar, Spencer, somos amigas. Vou apoiá-la em qualquer coisa que esteja se passando com você, sabe disso, certo? Não importa o quê. — Segura a minha mão e eu aceno positivamente. — Então vou esperar você me contar quando quiser.

— Podemos falar sobre meu casamento agora? — escapo do assunto e Pearl ri.

— Céus, sim! Não acredito que vai se casar e que não é com o Simo... — Eu a encaro, cerrando os olhos e ela tapa a boca. — Oops... Desculpa, eu falei sem pensar. — Suas bochechas adquirem um tom avermelhado. — Qual é mesmo o nome do seu noivo? — pergunta.

— Tyler...

— Ele esteve no meu casamento, certo? — questiona e eu concordo. — Quero reencontrar-me com ele, você sabe, para avaliar e tudo mais... — joga e eu dou uma risada.

— Avaliar, Pearl?

— Sim, claro! Assim como você avaliou Seth quando ele veio até a pizzaria, lembra-se? Talvez eu peça a ajuda de Seth para isso também... — diz e eu reviro os olhos, ainda rindo.

— Eu tinha um motivo para avaliar o Seth. Ele era um completo idiota e dava todos os indícios de não querer nada sério com ninguém... Você acha que eu deixaria ele se envolver com o meu anjinho se não tivesse a intenção de namorá-la? Não mesmo! — defendo-me e agora é a sua vez de rir.

— Você tem um ponto bom e o meu é exatamente igual. Eu preciso saber se esse Tyler é bom o suficiente para você, caso contrário, teremos que repensar o seu casamento — diz calma, enquanto balança os ombros.

— Quando ele estiver na cidade, a primeira coisa que vou fazer é apresentá-lo para você — aviso e ela concorda, satisfeita. — Agora vamos terminar essas pizzas, eu ainda tenho uma lista de entregas a fazer —

sentencio.

— Eu vou te ajudar com isso — afirma e eu sorrio, agradecendo-a silenciosamente.

Capítulo 7

Simon Wyatt

“A babá...”

ACORDO COM A PORCARIA DA CAMPAINHA TOCANDO SEM PARAR, FAZENDO-ME AMALDIÇOAR TODO SER HUMANO QUE VIVE NESSA MERDA DE MUNDO POR CAUSA DA ÚNICA PESSOA QUE ESTÁ TOCANDO A CAMPAINHA DO MEU APARTAMENTO INCESSANTEMENTE. Puxo minha camiseta e visto-me com ela rapidamente, levantando-me da cama e fazendo o meu caminho pelo apartamento até chegar à porta. Quando isso acontece, a campainha para de tocar e eu escuto sussurros do outro lado da porta. Coço meus olhos e passo as minhas mãos pelo meu cabelo, amarrando-o com o elástico que consegui ontem com Pearl.

— *Titi* Simon! — Christian grita e eu bufo, abrindo a porta e dando de cara com ele e Spencer.

Meu sobrinho está nos braços da mulher que me assombra quase todas as noites. Ela está usando um vestido azul, que vai até metade de suas pernas e uma sandália simples. Seu cabelo está amarrado firmemente no topo de sua cabeça, enquanto ela tem uma bolsa de alça fina pendurada em seu ombro magro.

— O que está acontecendo aqui? — murmuro irritado e puxo Christian de Spencer.

— *Titi Pence* e eu viemos pegar as minhas *cosas*! — ele exclama e vou até o sofá, jogando-me ali em cima e Christian ri. — *Titi*, pega minhas *cosas*! — continua gritando e eu bufo.

Olho em volta do meu apartamento e constato que Spencer ainda está do lado de fora do mesmo, nos encarando como se não tivesse mais nada para fazer.

— Você vai ficar o dia todo aí? — pergunto a ela, mas não obtenho

uma resposta. — Vai pegar a tia Spencer e a conduza até aqui — murmuro para Christian, que acena positivamente.

Ele pula de cima de mim e sai correndo até a porta, onde segura a mão de Spencer com as suas e a puxa para dentro do meu lugar. Ela tenta se soltar de Christian, mas ele não deixa de qualquer forma — não que ele seja mais forte, ele apenas é insistente.

— O que você está fazendo aqui com ele? — pergunto assim que ela se senta no sofá da frente, olhando para tudo, menos para mim. — Será que você ficou muda e surda de ontem para hoje? — indago, começando a me irritar.

Christian sai correndo e rindo por todo lado, ao passo que inclino-me para frente, observando o comportamento irritante de Spencer.

— Eu sou a babá de Christian — ela finalmente fala alguma coisa e essa coisa me deixa surpreso.

— Tem certeza de que seu noivo te dá tudo que precisa? — provoco, fazendo-a finalmente me encarar. — Por que é a babá dele? Os meus pais não estão te pagando bem, Cherry. Precisa de um aumento?

— Será que você pode parar de ser idiota só por um dia? — pergunta, entre dentes.

— É apenas uma curiosidade.

— Você pode me dar as coisas do Christian, nós precisamos voltar para casa de Pearl e Seth... — pede e eu balanço a minha cabeça negativamente.

— Eu não confio em você com o meu sobrinho — atiro, levantando-me do sofá e ela faz o mesmo, mas seu olhar se perde em mim.

Spencer me analisa, demorando mais que o necessário no volume em minha boxer.

O quê?

É normal ter uma ereção logo que se acorda e foi isso que aconteceu comigo, nada demais. Checo Spencer mais uma vez, parando para olhar as suas pernas parcialmente descobertas. Escuto seu pigarro e sorriso de lado, voltando a encará-la apenas para encontrar uma expressão fechada em seu

rosto. Christian passa correndo entre nós dois com o seu avião de brinquedo nas mãos, o mesmo que comprei há algumas semanas e volta para onde estava.

— Você vai ou não pegar as coisas de Christian? — ela pergunta, impaciente como sempre.

— Não. — Dou de ombros, cruzando meus braços e pernas.

— Irritante — grunhe. — Será que dá para você ter o mínimo de pudor e colocar alguma calça? — Fecha os olhos, encostando-se no sofá. — Seu sobrinho não precisa saber desse monstro no meio das suas pernas...

Gargalho e Spencer abre apenas um dos olhos para me encarar.

— Meu sobrinho nem sabe o que isso significa, você é a única olhando o monstro no meio das minhas pernas, então isso é problema seu, Cherry — comento, divertido pela primeira vez, por outra pessoa que não seja Christian, em anos.

— Ridículo — continua.

— Esse é meu lugar, deveria parar de me insultar ou eu vou ter que expulsá-la — ameaço e ela abre os olhos verdes amplamente, cerrando-os em seguida.

— Você é especialista em chutar para fora as pessoas que te irritam, não é mesmo? Eu não me assustaria se fizesse isso. — Ela tenta me provocar, mas eu não caio em seu jogo.

Eu posso ter mandado ela sair do meu carro anos atrás e tê-la deixado voltar para sua casa andando, mas eu estive todo caminho atrás dela. Se eu não tivesse feito o percurso com ela e a deixado por conta própria, talvez eu tivesse algum peso na consciência, mas felizmente não sofro desse problema. Eu me certifiquei de que Spencer estaria em casa segura e ela chegou segura, então isso não funciona comigo.

— Eu não me importaria em chutá-la outra vez também — brinco e ela revira os olhos em resposta, levantando-se imediatamente e saindo atrás de Christian. — Não é educado andar pela casa dos outros se você não tem permissão — falo, tirando a minha camisa e jogando-a pelo caminho, enquanto começo a segui-la.

— Eu não uso minha educação com pessoas do seu tipo — retruca, despreocupada. Christian está estranhamente silencioso e isso faz Spencer parar e se virar de uma só vez, dando de cara com meu peitoral. — Merda... — resmunga, tocando-me como se eu fosse ácido em suas mãos. — Onde ele está, Simon? Isso é uma casa ou um labirinto? — pergunta entre sua reclamação.

— Cherry, ele está naquela porta ali. — Aponto para a porta do meu quarto e ela me fita, desconfiada. — Acredite em mim...

— É difícil acreditar em você — sussurra, virando-se de costas para mim e encarando a porta.

Em passos largos, Spencer caminha até a porta do meu quarto e eu faço o mesmo, indo atrás dela. Eu gosto de jogar e é exatamente isso que eu estou fazendo: jogando. Assim que Spencer abre a porta, eu a empurro para dentro junto comigo e tranco, puxando a chave em minha mão.

— Abre a porta — diz, tentando soar calma, mas eu sei que ela está nervosa e pronta para me bater.

— Eu não. — Dou de ombros.

— Seu sobrinho, um bebê, uma criança, de quase três anos está lá fora e pode se machucar. Abre. A. Porta. — Spencer joga a bolsa no chão e chuta as sandálias dos pés, exigindo.

— Conte-me mais sobre isso. — Reviro os meus olhos. — Christian sabe o que pode ou não pode fazer quando está comigo.

— O problema é que ele não está com você, mas sim comigo. Ele é minha responsabilidade e eu sou responsável, agora abre a porta. — Spencer se aproxima de mim e eu volto a sorrir.

— Por que você está se casando? — indago, ainda sorrindo.

— Por que você quer saber? — Cruza os braços.

— Nota de utilidade pública, Cherry — desconverso.

— Eu não sou uma figura pública ou famosa, você é o único nesse lugar que é famoso. Isso não interessa para você ou para qualquer pessoa que não seja importante para mim — me corta.

— Parece que você não o ama, ou será que ama? — pergunto novamente.

— O que você sabe sobre o amor? — replica e eu bufo, irritado.

— Se eu faço uma pergunta, eu espero uma resposta e não outra pergunta — reclamo e vou direto para o meu banheiro.

— Simon, abre a porta. — Ela vem no meu encalço, mas eu não me importo.

— Eu não confio em você e não vou deixar você sair com o meu sobrinho — afirmo, ligando a luz e pegando minha escova de dentes. — Quer escolher uma roupa para mim? — indago, fitando-a pelo espelho do meu banheiro.

— Eu quero te matar. Enforcado, de preferência — diz, cerrando os punhos com firmeza e vindo em minha direção. Spencer se prepara para me bater, mas eu desvio e a empurro contra a pia ampla, segurando suas mãos. — Esteve esperando por esse momento desde a noite passada, não é mesmo? — provoco, deixando a chave em cima da pia.

Pressiono com mais força contra Spencer e ela tenta fugir, mas é impossível.

Eu torno isso impossível.

— A sua ereção está me incomodando, imbecil! — grunhe. — Eu sou uma mulher comprometida, Simon, me solta — implora e eu rio, ainda escovando os meus dentes.

Assim que termino de escovar meus dentes, jogo a escova na pia e enxáguo a minha boca com apenas uma das mãos. Logo após, limpo a escova e libero Spencer, que aproveita para me dar uma cotovelada assim que pego a chave.

— Você ainda continua um pirralho irritante — cospe e sai do banheiro sem dizer mais uma palavra.

Solto uma risada alta e tranco a porta do banheiro, deixando a chave em cima da pia e entro debaixo do chuveiro. Se ela me perguntar por que estou a irritando, não vou saber o que dizer, pois nem mesmo eu sei o porquê.

Tudo que eu sei é que é divertido.

Capítulo 8

Spencer Carter

“Abajur!”

OBSERVO O QUARTO DE SIMON, TENTANDO ACHAR ALGUMA SAÍDA DESSE LUGAR, MAS INFELIZMENTE É IMPOSSÍVEL SAIR SE NÃO FOR PELA PORTA. Calço-me e puxo a minha bolsa do chão, sentando na beirada cama, enquanto espero ele sair do banheiro. Fito o abajur que está em sua mesa de cabeceira e tenho uma ideia. Talvez eu possa ameaçá-lo com o abajur.

Vamos lá, não é uma má ideia.

Porém, devo admitir: estou nervosa.

Odeio Simon e odeio mais ainda estar próxima a ele. A forma que ele me segurou lá no banheiro não poderia ter sido mais irritante, tanto pelo fato dele ser completamente arrogante, quanto pelo fato do frio na barriga que eu senti. Sim, o famoso e estúpido frio na barriga que eu tanto odeio.

— Você pode me trazer uma toalha? — Simon pergunta lá de dentro e eu o escuto fechar o chuveiro depois de alguns segundos. — Quer saber, não é mais preciso...

Levanto em um pulo e agarro o abajur, puxando-o da tomada de uma só vez, pronta para ameaçar Simon assim que ele sair do banheiro. Respiro fundo no instante em que a porta abre e, logo que ele sai, eu dou um grito, atirando o abajur em cima dele. Simon desvia e joga a chave em cima de mim, xingando tudo e todos entre dentes.

O que eu posso fazer se ele está nu?

— Até parece que você nunca viu... — reclama, enquanto eu tento abrir a porta desesperadamente. — Essa não é a chave — completa.

— Você só pode estar brincando! — exclamo irritada. — Sim, Simon, eu já vi, mas felizmente eu não gosto de figurinhas repetidas. Enjoa, sabe? Vi

e não gostei, agora vai se vestir e abre a porta antes que eu te enforque com seu pênis...

— Isso soa terrível — diz e eu encaro o seu rosto, *apenas* o rosto. — Aposto que não teria coragem de fazer isso comigo, Cherry.

— Christian está silencioso, Simon. Nós precisamos sair, será que não percebe? Seth e Pearl irão nos matar se algo acontecer com o...

— Nada aconteceu com ele — fala, finalmente abrindo uma mala em cima de sua cama e puxando roupas de lá.

Fico calada e volto a fitar a porta, dando-lhe privacidade para se vestir. Não sei quanto tempo passa, mas quando vou começando a perder a minha paciência outra vez, Simon me puxa para trás e abre a porta, saindo como se nada tivesse acontecendo. Observo-o bagunçar seu cabelo longo, que toca em seus ombros largos e logo após ele prende os fios loiros. De tantos visuais que eu poderia imaginá-lo tendo, esse nunca passou por minha cabeça: braços cobertos de tatuagens, cabelo longo e barba por fazer. Isso não passa nem perto do Simon de anos atrás, mas de uma coisa eu sei: a casca pode ter mudado, mas o interior continua podre como sempre.

Simon abre uma das portas do extenso corredor e entra, revelando Christian, que está deitado em uma cama grande e baixa o suficiente para ele subir e descer sozinho. O quarto é maravilhosamente bem decorado e eu estou surpresa pra caramba com tudo que estou vendo. Simon parece verdadeiramente ter um amor e conexão enorme por Christian, muito maior do que eu imaginava.

— Vamos, Chris? Precisamos ir agora — falo, tentando me aproximar, mas Simon está na frente e pega o menino antes que eu o faça.

— *Quelo domi...* — Christian resmunga, abraçando Simon e descansando sua cabeça no ombro do tio.

— Mas nós temos tanta coisa para fazer, lembra-se? — Tento animá-lo, mas eu já o perdi para o seu sono. — O que tem de errado com as crianças? Uma hora elas estão ligadas no duzentos e vinte volts e poucos minutos depois estão caindo de sono... — Bufo.

— O que você sabe sobre crianças?

Encaro Simon e ele levanta uma das sobrancelhas grossas em desafio.

— Nada realmente, mas eu estou tentando aprender — defendo-me.

— Você vai ser a babá dele ou ele vai ser a sua babá? — continua.

Eu ignoro sua pergunta e observo o quarto. Procuro pela mochila que Pearl disse que eu deveria buscar e acho a mesma em cima de uma cômoda grande e azul. Penduro a alça da mochila no meu ombro e viro-me para pegar Christian, pensando em como vou fazer isso.

— Você pode me dar ele? — pergunto e Simon nega.

— Eu disse que não confio o meu sobrinho com você. Vou levar vocês dois de volta e ficarei até Pearl ou o idiota do Seth chegar em casa — sentencio.

— Quanto remorso... — assobio. — Você sabe qual a diferença entre vocês dois?

Ele cerra os olhos em minha direção, mas eu não recuo.

— Ele é um idiota — joga.

— Não. Ele era um idiota, mas agora não é mais. Você era um idiota e agora piorou dez vezes mais. — Dou de ombros.

— Então agora você vai defender o Seth? — rosna, irritado.

— Sim, claro. Ele mudou pela mulher que ele ama e está construindo uma família com ela. Eu não posso deixar de defendê-lo, uma vez que ele ainda pode ser irritante, mas tornou-se um cara cem vezes melhor do que era quando se arrependeu das suas burradas. Isso é o que homens de verdade fazem: arrependem-se, confessam que se arrependeram e correm atrás para tentar substituir o passado ruim com coisas boas e atitudes novas. — Finjo um bocejo. — Podemos ir? Essa conversa está me dando sono também.

Simon não diz uma palavra, apenas passa por mim com uma expressão fechada e eu o sigo. Não me importo se o que eu disse sobre defender Seth o deixou irritado, apenas fui sincera sobre o que acho do marido da minha melhor amiga. Simon seriamente precisa de algumas aulas se não quiser morrer sozinho, ranzinza, com uma garrafa de uísque na beira da praia, enquanto toma gosto com mulheres quarenta anos mais novas.

Balanço minha cabeça, expulsando esses pensamentos de lá e concentrando-me no caminho. Para um apartamento, esse lugar é enorme, mas eu não esperaria menos de Simon e sua síndrome da grandeza. Sempre que teve uma oportunidade, Simon gostou de ostentar e, agora que ele está rico, ele deve fazer isso o tempo todo.

Saímos do seu apartamento e ele tranca a porta para logo seguirmos para o elevador. Não demora tanto até chegarmos no seu carro e eu entro no banco de trás para ficar com Christian.

O caminho até a casa de Pearl e Seth é tão calmo que eu quase durmo abraçada em Christian. Estou sonolenta quando Simon estaciona ao lado da velha moto de Seth e sai do carro. Bocejo e, antes que eu possa me mover, o loiro já abre a porta e pega Christian do meu colo, juntamente com a mochila do seu sobrinho. Agarro minha bolsa e saio, batendo a porta e endireitando-me para liderar o caminho.

Puxo a chave que Pearl me deu hoje mais cedo e abro a porta, entrando e dando espaço para Simon entrar com Christian. Deixo que ele vá até o sofá antes de pegar o menino comigo e me sentar no outro sofá. Simon fica me encarando e eu o encaro de volta, pensando que se ele continuar a vir me perturbar no trabalho para disputar Christian comigo, vamos acabar nos matando e eu vou acabar despedida, o que não é nada bom.

Capítulo 9

Simon Wyatt

“O passado é presente...”

ENGULO A SECO, OBSERVANDO SPENCER SENTADA DO OUTRO LADO DO SOFÁ. Há pelo menos meia hora que chegamos na casa de Seth e Pearl e desde então estamos nos encarando calados, até que seu estúpido noivo nos interrompeu. Spencer fala, entre sussurros, com o noivo sem parar e isso está levando tudo de mim para não me irritar mais que o necessário. Balanço minha cabeça e levanto do meu lugar, indo direto para a porta e saindo da casa de Pearl. Corro até meu carro e entro, socando o volante com força e desejando um maço de cigarro para acalmar minha irritação.

Giro a chave na ignição e é exatamente atrás disso que eu vou. Saio da propriedade da casa de Seth e Pearl e dirijo por longos vinte minutos até ter meu percurso interrompido por uma figura conhecida. É Mario, pai de Spencer. Ele está sentado em um banco, perto de uma banca de jornais e há muitas pessoas em volta dele. Paro de dirigir imediatamente e saio do carro, indo ao seu encontro. As pessoas perguntam se ele está bem e tudo me assusta. Esse não é o mesmo homem forte e até um pouco gordo, que eu conheci anos atrás.

— Deixe-me passar — repito por um par de vezes até parar em frente a ele. — Mario — o saúdo, abaixando-me para ficar da sua altura.

Ele me fita, parecendo confuso, mas logo oferece-me um sorriso sem mostrar os dentes.

— Simon? — pergunta e eu aceno positivamente. — Eu estou bem, pessoal, eu estou bem — ele começa a dispensar as pessoas que estão ao seu redor e eu sento-me ao seu lado assim que estamos sozinhos. Escuto a sua voz e ela parece fraca, além de rouca e falha. — Quanto tempo, rapaz. Não fiquei sabendo que estava de volta à cidade.

— Eu cheguei ontem — falo, tentando entender o que está acontecendo

com ele. — Você está bem? — questiono.

— Sim, estou bem. Tudo que tive foi uma leve tontura, por isso aquelas pessoas estavam ao meu redor — explica-se antes que eu pergunte.

— E você está usando casaco e gorro em Long Beach? Deve estar passando dos trinta graus, não está nem perto de ficar frio — comento, tentando pegar alguma dica.

— Eu peguei um resfriado e... — Ele começa a tossir e leva um lenço até sua boca. Eu o observo atentamente, tentando perceber o Mario do passado na sombra que está logo a minha frente. — O que está fazendo aqui, rapaz? — questiona, com o lenço cobrindo sua boca.

— Eu estava atrás de um lugar para comprar cigarros e então eu o vi — confesso, encostando-me no banco. — O que estava fazendo aqui?

— Eu queria comprar um jornal e ter um pouco de café, mas meu corpo não parece ter percebido isso — comento, divertido e eu olho a rua em que estamos. Realmente, estamos ao lado de uma banca de jornal e do outro lado da pista, tem um Starbucks.

— Quer que eu compre para você? Eu acho que vou passar o cigarro e comprar um pouco de café também — ofereço e ele assente.

Mario pega, com sua mão tremendo, umas moedas do bolso e entrega na minha mão. Levanto-me do meu lugar e caminho até a banca, observando o dinheiro que ele me deu. Nada mais que dois dólares em moeda, o que me faz perguntar se ele me deu todo seu dinheiro ou apenas metade.

De qualquer forma, eu não vou questioná-lo por causa de dinheiro.

Compro o jornal e atravesso a rua para entrar no estabelecimento. Assim que é a minha vez, pego minha carteira e peço dois cafés expressos simples. Pago pelo nosso café e logo que os tenho em minhas mãos, volto e me sento ao lado de Mario. Entrego-lhe um dos copos com o jornal e ele deixa seu lenço em suas pernas, fazendo-me perceber uma estranha coloração vermelho sangue ali.

— E então, rapaz, como vai a vida de estrela? Eu acompanho seus jogos pela televisão quando é temporada e quando tenho tempo e você tem um grande arremesso — comento e eu sorrio de lado, tomando um gole longo

do meu café.

— Levou tudo de mim para estar como estou nesse momento, mas não me arrependo de nada. Futebol é o que eu amo fazer e é bom ser bem-sucedido naquilo que me agrada — retruco. — E você agora é um fã de futebol, cara? Desde quando? — indago.

— Desde essa última temporada... Tive alguns tempos livres e consegui acompanhar você, Seth e Sculler. Nossa Long Beach está bem representada na liga nacional — explica, orgulhoso.

— Eu sou o melhor Quarterback da liga, pode dizer, ficará entre nós esse segredo... — resmungo, presunçosamente e ele gargalha.

— Você tornou-se um dos melhores jogadores, mas seu cunhado ainda é tão bom quanto. — Reviro meus olhos. — Posso dizer que prefiro você a Seth, mas não conte a ele, afinal isso não fará diferença nenhuma em sua vida — joga e eu tomo mais um gole longo do meu café apenas para esconder meu sorriso.

— Sua opinião conta para mim, Mario — afirmo e ele me fita, desconfiado. — O quê?

— Desde quando minha opinião conta para você? — questiona.

— Desde quando eu digo que conta. — Dou de ombros. — Fiquei sabendo que sua filha vai se casar... — troco de assunto abruptamente. — Você confia Spencer nas mãos do noivo dela?

Mario fica calado por longos segundos e eu estranho seu silêncio.

— Eu confio na minha filha e acredito que ela está fazendo uma escolha que afetará muitos. Tyler é um cara bom, pelo menos sempre foi e sempre é quando nos encontramos. Spencer tem um carinho enorme por ele e eu já o considero como parte da família — comenta.

— Carinho... — Bufo, ironicamente. — Você acha que dá para levar um casamento com carinho? — Eu o encaro.

— Por que não? Se eles respeitam um ao outro, isso é o que importa. — Franze o cenho. — Amor não é tudo, Simon. O amor pode ser mais destrutivo do que você pensa ou imagina. — Ele olha para frente e fecha os

olhos. — Quando eu perdi a mãe de Spencer, eu fiquei destruído e se não fosse pela responsabilidade de criar a nossa filha, eu teria desistido da vida.

— Quantos anos ela tinha? — pergunto, curioso.

— Ela tinha cinco anos, quase seis. Estávamos planejando sua festa de seis anos, quando sua mãe ficou doente. Câncer. Ela não tinha realmente dimensão de tudo, era apenas uma criança. Tudo que Spencer sabia era que sua mãe estava morrendo e que não estaria no seu aniversário de seis anos que deveria acontecer dentro de quatro meses. — Mario respira fundo e engole a seco. Eu faço o mesmo. — Infelizmente, minha esposa estava no último estágio e nada podíamos fazer, apenas pagar por remédios que diminuíssem sua dor. A metástase a pegou e levou em um mês. Nunca poderíamos imaginar que suas dores e mal-estar se tratavam dessa doença, pois apesar de tudo, gostávamos de levar uma vida saudável. Uma semana antes de sua morte, Spencer decidiu que queria fazer sua festa de aniversário mais íntima, apenas eu, ela e sua mãe e assim aconteceu. Eu tenho uma foto daquele dia, uma enfermeira tirou para nós. — Ele puxa uma carteira velha do bolso e empurra para mim. — Iris era linda, assim como Spencer é hoje. — Abro a carteira e logo observo o que ele narra para mim.

A mulher sentada na cama, com um sorriso sem mostrar os dentes, parece muito com a Spencer que eu conheço hoje. Embora doente, posso perceber sua beleza. E lá está ela, Spencer, ou uma miniatura dela. O cabelo escuro está amarrado de forma desgrenhada, enquanto ela abraça sua mãe, com um olhar cheio de brilho. Talvez fossem lágrimas e eu aposto que eram lágrimas de tristeza. Por fim, observo Mario, que está do outro lado de sua mulher. Nada do que ele era antes, ele é agora. Para ser sincero, olhar para ele agora me faz perceber semelhanças entre ele e a sua esposa. Talvez seu resfriado tenha lhe dado o mesmo aspecto doente que a mãe de Spencer tem nessa foto.

Algo parece igual.

— Spencer realmente parece-se com a sua esposa — afirmo.

— Ela é meu maior tesouro, rapaz. Spencer é tão forte quanto sua mãe era e eu realmente tenho muito orgulho da mulher que ela se transformou. — Mario abre os olhos e nós nos encaramos brevemente antes dele se

pronunciar outra vez. — Sua família se tornou algo a mais para Spencer e eu, espero que saibam disso e espero que possam acolhê-la muito bem quando for a hora, especialmente você. Seu temperamento dá um tempo difícil para minha filha e sempre deu, mas espero que possam se entender como amigos uma outra vez.

— Quando for a hora de quê? — pergunto e Mario dá de ombros, enfiando sua carteira no bolso e levantando-se.

— Eu preciso voltar para casa para esperá-la no lugar que ela me deixou. Spencer não pode nem sonhar que eu saí de casa sozinho, resfriado e tudo mais — anuncia e eu me levanto.

— Eu levo você para casa — sentencio e ele me observa, mais uma vez desconfiado. — Vamos, eu tenho tempo. Sou uma estrela de férias.

— É uma surpresa ninguém ter parado você até agora, rapaz. Você sabe que aqui nós somos loucos por futebol. — Dou uma risada e assinto.

— Talvez isso se deva ao fato de eu estar parecendo azedo pra caralho. Eu não tive um bom tempo essa manhã e isso deve à sua filha, para ser sincero. Ela me tem cuspiendo fogo toda vez que estamos próximos um do outro — confesso e o escuto rir, enquanto fazemos nosso caminho até meu carro.

— Algumas coisas não mudam nem depois de longos anos — afirma e eu concordo mentalmente com ele.

Capítulo 10

Spencer Carter

“Uma aposta perfeita... ou quase isso!”

PUXO MINHA CHAVE DE DENTRO DA BOLSA, RESPIRANDO ALIVIADA POR TER FINALMENTE CHEGADO EM CASA. Depois que meu horário de trabalho acabou e de eu ter deixado Christian com Pearl, segui para comprar alguma comida em um restaurante não muito caro, mas que oferecesse algo bom. Eu não posso simplesmente jogar algo nojento e ruim para meu pai comer, afinal é por isso e outros motivos que eu tenho outro trabalho: tentar oferecer mais conforto e qualidade de vida para ele.

— Pai? Cheguei! — exclamo, entrando de cabeça baixa, enquanto me atrapalho com a sacola e a chave. — Comprei algo no caminho e trouxe nosso almoço. Não foi tão caro, nem tão barato, mas a comida estava cheirando bem e eu acho que de vez em quando podemos comer bem, certo? Mais que certo. — Tranco a porta e viro-me aos poucos. — Você precisa se alimentar melhor, eu sei que não estou conseguindo dar conta tão bem das coisas, mas prometo que as c...

Assim que subo meu rosto por completo, encontro alguém que com certeza não deveria estar aqui: Simon. Ele me fita, calmo, sem expressar nada. Minha boca fica seca depois do monólogo que acabei de fazer e eu temo que ele comece com um interrogatório que eu não consiga responder. Aliás, o que ele está fazendo aqui? O que eu perdi?

— O que você está fazendo aqui? — atiro, jogando minha chave na mesa logo ao lado da porta e deixando a sacola ali mesmo também. — Pai, o que ele está fazendo aqui? — pergunto sugestivamente.

Meu pai foi o único que pediu para eu nunca contar sobre sua doença para a família Wyatt e agora ele está aqui com Simon, em nossa casa, sentados e conversando como se fossem melhores amigos? Fala sério!

— Eu apareci para ver um velho amigo — Simon anuncia e eu levanto

uma sobrancelha.

— Simplesmente apareceu depois de passar a manhã toda me perturbando? — questiono, cínica.

— Você foi a única que apareceu no meu apartamento, Cherry. — Dá de ombros e cruza os braços.

— Porque sua irmã pediu!

Papai pigarreia e eu não sei se foi para nos parar, ou se ele está começando a se sentir mal. Deixo Simon de lado e me aproximo do meu pai, seguro sua mão e tento notar algo de diferente nele.

— Vocês não vão parar de brigar? — ele pergunta divertido e eu rolo os olhos. — Eu senti falta disso — completa e eu discretamente olho para Simon, que me vê fazendo isso e sorri presunçosamente.

— Você está com fome? — questiono e ele torce a boca. Eu sei que ele não está com fome e por quase um mês estamos nessa fase, a da falta de apetite, mas eu não o deixo ficar sem comer. Sinto-me como uma mãe que empurra a colher na boca do filho e o obriga a comer a todo custo. — Vamos comer! Eu trouxe bastante salada e bife, tenho certeza que vai gostar. — Sorrio, tentando animá-lo, mas não dá muito certo.

— Eu estou convidado? — Simon pergunta e eu cerro meus olhos para ele.

— Sim, você está. — Seu sorriso aparece. — Convidado a se retirar.

— Filha... — meu pai me repreende. — Coloque mais um lugar à mesa, Simon ficará para o almoço.

Eu o encaro com uma expressão de “recue”, mas ele apenas sorri e assente.

— Faça isso, eu estou ficando — ele completa, desafiando-me.

Balanço minha cabeça e sigo para fazer o que meu pai pediu. Eu não vou me rebaixar ao patamar de idiotice do Simon. Eu não vou cair na dele. Pego a sacola onde está nosso almoço e sigo para cozinha, observando dois copos do Starbucks em cima do balcão. Quando Simon deixar nossa casa, eu vou ter uma conversa séria com meu pai.

Pego três pratos e os coloco na mesa, arrumando nossos lugares na mesa quadrada e pequena. Deixo os talheres em cima de cada prato e tiro os dois potes de isopor descartáveis.

— Vocês podem vir! — exclamo, caminhando até a geladeira e pegando uma garrafa de suco de laranja. Observo os dois entrarem na cozinha e deixo a garrafa na mesa, indo pegar três copos. — Esperem aí... — digo, deixando os copos em cima da mesa e primeiramente pegando o prato do meu pai para servi-lo.

Coloco um tanto considerável de salada no seu prato, sentindo o cheiro bom da comida despertar meus sentidos. Essa salada tem de tudo um pouco e parece deliciosa. Abro o outro pote e deparo-me com apenas dois pedaços de bife. Mordo meu lábio, sabendo que terei que dar o meu pedaço para Simon.

Depois que coloco a comida do meu pai, faço o mesmo para Simon e para mim e me sento. Pelo menos a salada parece deliciosa...

— Você não quer um pedaço? — Escuto Simon perguntar, enquanto remexo minha salada de um lado para o outro.

Subo meu olhar para ele, que segura a carne em seu garfo e eu balanço a cabeça negativamente, sabendo que me arrependerei disso mais tarde. Eu o escuto bater os talheres no prato e depois de poucos segundos, eu pedaço de carne cai no meio da minha salada.

— Você nem me queria aqui, eu não vou pegar sua carne toda, Cherry — Simon atira antes que eu abra a boca e posso ouvir a risada baixa do meu pai.

— Eu disse que não queria. — Bufo, não tão irritada assim, apenas contrariada pra caramba.

— E eu vejo o quanto você quer essa carne. — Dá de ombros.

— Tanto quanto quero fazê-lo engolir essa faca — afirmo.

— Vocês não podem ficar sem brigar por um minuto? — meu pai indaga e nós o fitamos.

— Ele que começou...

— Ela que começou...

Falamos ao mesmo tempo.

— Os dois começaram — meu pai recomeça. — Vocês deveriam trabalhar nisso, sabiam? Se bem que vocês nunca foram normais um com o outro — comenta, cortando um pedaço do seu bife e eu mudo meu olhar para Simon assim que ele faz o mesmo. — Eu aposto que vocês não conseguem ficar um mês sem brigar.

Simon encara meu pai como se não estivesse acreditando no que ele está falando. Seguro a vontade de rir e observo meu pai, que sorri com o canto de boca. — Uma aposta? — Simon cospe, contrariado.

— Eu sou uma pessoa madura, pai. — Reviro meus olhos e Simon bufa. — O quê? — pergunto.

— Você não consegue ficar um minuto sem me chamar de idiota ou sem me xingar — atira e eu cerro meus olhos em sua direção.

— E você não consegue ficar um minuto sem me irritar ou fazer piadas sem graça — jogo de volta.

— Estão vendo o que eu estou dizendo? — Papai nos interrompe antes que comecemos a discutir.

Respiro profundamente e me controlo.

— Eu consigo fazer isso — Simon afirma do nada e eu arqueio uma sobrancelha. — Eu consigo ficar até dois meses sem brigar com a sua filha. Eu sou um cara controlado quando eu quero — conclui.

— Isso inclui não me desrespeitar — assobio e ele dá de ombros. — Eu aposto que consigo ficar três meses sem brigar.

— Eu aposto que não conseguem ser amigos por esse tempo — meu pai continua e Simon ri, cínico.

— Nós somos como... como... como melhores amigos — diz, abanando a mão no ar e eu gargalho contragosto. — Eu aposto que não só conseguiremos não nos provocar, como conseguiremos ser os melhores amigos que você já viu — Simon afirma, cerrando os punhos em cima da mesa.

Eis o problema de Simon: levar as coisas muito a sério.

— E se nós perdermos, id... — Pigarreio. — E se nós perdermos? — corrijo, cruzando os braços.

Meu pai acena para nós continuarmos.

— Se você perder, eu vou tatuar meu nome na sua bunda — Simon diz e eu balanço minha cabeça, incrédula.

— Se você perder, eu vou tatuar meu nome na sua bunda e vou cortar esse seu cabelo de menina — ameaço, mas ele não se deixa abalar pelo que eu disse.

— Você está com inveja que meu “cabelo de menina” é melhor que esse emaranhado no topo da sua cabeça? — indaga e eu o encaro entediada.

— Será que isso foi uma provocação? — meu pai pergunta irônico e Simon bufa.

— Eu quis dizer que o cabelo dela é melhor que o meu, só usei as palavras erradas — ele resmunga.

Ah, esse jogo pode ser mais interessante do que eu imagino...

— Eu sei que quem ganhar não vai deixar isso passar em branco, então eu espero que vocês consigam se entender daqui em diante — papai afirma e eu percebo o movimento sutil que ele deu ao criar essa aposta entre Simon e eu.

Me reaproximar de Simon pode dar muito certo, ou pode dar muito errado. Contudo, eu não gosto de pensar no que seria o *muito certo* e o *muito errado*.

— Podemos continuar esse almoço estranho, melhor amiga? — Simon pergunta e eu assinto.

Céus... Onde eu me meti?

Capítulo 11

Simon Wyatt

“Mini-problemas...”

DEPOIS DO ALMOÇO QUE TIVE COM SPENCER E MARIO, DEIXEI A CASA DELES PARA PENSAR UM POUCO. Eu odeio apostas e isso não é uma novidade. Não consigo ver o lado bom de uma aposta. Confesso que o que se passou entre Pearl e Seth me tem na borda de todos os meus sentidos. Por mais que eu fosse e ainda seja um idiota, machucou ver Pearl destruída por causa da aposta imbecil que Seth fez. Eu me culpei pela dor dela, pois eu deveria tê-la protegido mais; eu culpei Seth por ter feito a aposta e eu culpei Spencer por ter ajudado Pearl — mesmo que ela não soubesse — a ir para o “matadouro”.

Essa merda me irrita muito.

E então, eu estou em uma aposta com Spencer.

Uma aposta onde vamos ter que nos suportar sem xingar um ao outro. Uma aposta onde seremos melhores amigos. Deus, isso é estranho pra caralho. De todas as coisas que um dia eu quis com Spencer, a última delas foi ser seu “amigo”, pois era sempre lá que ela me deixava. Quando saíamos escondidos e acabávamos por encontrar alguém de sua escola, ela sempre me apresentava como seu “amigo”. Não que eu me importe agora, mas antes isso me irritava muito, pois eu tinha quase certeza de que ela tinha vergonha de estar comigo.

Estaciono meu carro na minha vaga e saio, pegando as minhas coisas e indo direto para o elevador.

Pensar em Spencer me faz sentir como se eu tivesse voltado aos meus dezessete anos, onde eu era boca-suja, irritante e irritável, uma bagunça de hormônios e completamente preconceituoso.

Pensando bem e mudando completamente de ideia, se eu pudesse voltar atrás, eu mudaria muitas coisas que hoje eu não tenho coragem de me

desculpar por elas. A minha meta era ser um jogador de futebol americano famoso e, desde que eu cheguei nela, não agradei os meus pais por isso. Apesar de ter algo ruim guardado dentro de mim sobre eles — algo que eu não gosto nem mesmo de pensar —, devo admitir que eles sempre foram os meus principais incentivadores, assim como Pearl, mas eu nunca tive coragem de agradecê-los por tudo que eles fizeram por mim.

Eu finjo que não tem nada de errado e eu sei que eles também fingem e, na maioria das vezes, os meus pais são incríveis, pois mesmo que eu ainda seja uma merda de filho, eles não deixam de torcer por mim e me amar.

Isso é uma das coisas que apenas pais fazem: amar incondicionalmente. Eu os amo também, mas sou demasiadamente medroso, orgulhoso e cabeça-dura para cuspir tudo que eu sinto para fora.

Rejeição é a palavra que mais pisca em minha mente quando penso neles e em Spencer. Tenho medo de ser rejeitado outra vez. Talvez depois de Spencer tudo isso tenha se agravado. Ela me deixou com esse medo de falar o que eu sinto de verdade. Os meus pais me deixaram com medo de falar o que eu sinto de verdade. Eles erraram por terem feito o que fizeram e eu errei por me fechar e deixar que esses pensamentos tomassem conta das minhas ações, mas agora não tem mais volta.

Espero um dia conseguir me desculpar com eles, mas infelizmente — ou não — esse dia não é hoje.

Assim que o elevador para no meu andar, vejo Sculler com Christian e Ryle, a filha dele e de Cassie. Dou um sorriso de lado, pois assim que Ryle me vê, ela corre e grita em minha direção, fazendo Christian fazer o mesmo.

— Oi, menina bonita — enuncio, puxando-a para cima com um dos meus braços e fazendo o mesmo com Christian, ou ele terá sérios problemas de ciúmes.

— *Titi* Simon! — exclama, beijando minha bochecha e me abraçando pelo pescoço.

Aproximo-me de Sculler, que apenas ri da minha situação.

— Ei, cara — o saúdo e ele acena com a cabeça. — O que houve?

— Cassie tem uma consulta na obstetra e por merda nenhuma eu a

deixarei ir sozinha, então como eu estava cuidando deles dois, resolvi deixá-los com você, uma vez que Pearl também tem uma consulta — explica e eu assinto, dando de ombros.

— Será que elas combinaram de ficarem grávidas ao mesmo tempo? — atiro, rindo da situação e ele me acompanha.

— Talvez... Pode ser que sim. — Balança a cabeça, divertido.

Eu sei que não. Desde que Sculler se casou com Cassie, meses depois do casamento de Pearl e Seth, eu sei que eles vêm tentando ter um bebê. Ryle é a prova de que eles desistiram depois de muitas tentativas e alarmes falsos, mas que não deixariam se abater por isso. Eles a adotaram assim que completaram um ano de casados. A menina é um ano mais nova que Christian e entrou na nossa família já com quase um ano de idade. Tudo que eu sei é que sua mãe não a quis e deixou Ryle em algum orfanato. Má sorte dela e sorte nossa, pois além de inteligente, Ryle é uma criança bonita pra caralho, assim como o meu sobrinho.

Agora, Cassie finalmente engravidou e Sculler não poderia ter ficado mais feliz com isso, assim como toda família. Embora não aparente, Cassie já está na casa dos quarenta e sua gravidez tem tantos riscos que eu temo que Sculler não durma mais à noite apenas para se certificar que sua mulher está bem.

De qualquer forma, é o sonho de ambos virando realidade.

Todos sabemos o quanto foi difícil para Cassie engravidar e, mesmo que a gravidez tenha seus riscos, ela está levando adiante com um Sculler atencioso e chato como o inferno. Eu não o culpo por isso. Cassie é sua mulher e estamos falando de um bebê e de uma gravidez difícil, é claro que isso é algo que tira o sono de qualquer um.

— Que horas termina a consulta? — pergunto, enquanto Ryle e Christian começam a se empurrar.

— Em duas horas, no máximo. A consulta é em Los Angeles, então o caminho é um pouco mais longo que o normal — comenta, aproximando-se de Ryle e beijando os cabelos escuros da filha. — Valeu, cara. Estamos te devendo essa.

Reviro os olhos, enquanto Sculler segue para o elevador. Olho de Christian para Ryle e de Ryle para Christian, pensando no que eu vou fazer com eles.

— Quem quer ver um filme e comer bastante doce para ficar com a barriga doendo e dar um grande problema fedorento para seus papais? — pergunto, colocando os dois no chão para pegar a minha chave.

Eles começam a gritar e competir de quem quer comer mais que o outro, o que me faz rir, porque nenhum deles vai ter doce. Talvez eu dê algum chocolate para eles correrem pela casa toda e se cansarem mais rápido, mas nada muito exagerado, porque senão quem terá problemas será eu e não estou nem um pouco no clima para limpar nenhum dos dois com suas bombas fedorentas.

Abro a porta e dou espaço para eles entrarem juntos. Christian é o primeiro a pular no sofá. Ele fica rindo de Ryle, que não consegue subir porque é menor que ele. Ligo a luz e fecho a porta, trancando-a e virando para observá-los. Christian para de rir quando Ryle fica quieta e provavelmente começa a se preparar para chorar.

Seguro o riso quando meu sobrinho oferece a mão para Ryle e ela aceita. Assim que ambos estão sentados no sofá, Christian beija Ryle.

Christian beija a menina na boca.

Arregalo os olhos e me aproximo deles em passos largos, enquanto eles apenas começam a rir.

Mas que porra eu acabei de ver?

— O que vocês acham que estão fazendo? — falo, sentando no meio deles. — Isso não é certo, crianças. Não podem fazer isso.

— Mas *papa* faz com a *mama*! — Christian exclama e Ryle acena positivamente.

— Mas... — Respiro fundo. — Você sabe a vovó Cassie? — pergunto e Christian concorda. — Ela é mãe do seu pai e mãe da Ryle. Sabe a vovó Alexa? — Ele concorda mais uma vez. — Ela é a mãe da sua mãe e minha mãe. — Christian franze a o cenho. — O que eu sou para você? — pergunto.

— *Titi* Simon! — exclama, sorridente.

— E o que Ryle é para você? — volto a perguntar.

Christian cruza os braços e se joga ao meu lado, completamente emburrado.

— *Titi* Ryle? — indaga, chateado.

— Exatamente. Isso quer dizer que você não pode beijá-la na boca e nem ela pode fazer o mesmo. Só na bochecha — digo e Ryle passa por cima de mim até sentar-se ao lado de Christian. — Será que vocês podem concordar com isso? Beijos na bochecha.

Ryle abraça e o beija na bochecha.

— *Checha!* — Ela concorda, mas Christian apenas dá de ombros, ainda emburrado.

Esse garoto com certeza puxou para Seth.

Não há dúvida nenhuma.

Capítulo 12

Spencer Carter

“Melhores amigos...”

DEPOIS DE QUASE UMA SEMANA SEM VER SIMON, EU ME SINTO COMPLETAMENTE RENOVADA. Todas as vezes que eu fui buscar Christian na casa dele — o que aconteceu apenas duas vezes depois do início da nossa aposta — o menino aparecia sozinho na porta. Eu estranhei muito, não posso mentir. Hoje, entretanto, é um dia que eu espero realmente que ele não dê as caras. Estarei levando Christian e Ryle, a filha de Sculler e Cassie, comigo para o ateliê onde meu vestido de noiva está sendo preparado. Eu perdi as últimas datas por conta do trabalho que estou tendo com meu pai, mas está tudo planejado para hoje: deixarei meu pai no hospital, vou provar o vestido e voltarei para o hospital para pegá-lo. Não devo demorar tanto. Tudo já está muito bem calculado.

— Eu volto daqui a pouco, tudo bem? — pergunto, deixando meu pai sentado na sala de espera e me abaixando em sua frente para checar se está tudo bem com ele.

— Você poderia me dar o dinheiro e eu mesmo pegaria o táxi para ir para casa — ele reclama.

— Não iremos começar com isso outra vez, ou iremos? — sussurro, olhando para os lados e escutando-o negar com um resmungo. — Certo, pai, então é só me esperar aqui. Estarei de volta daqui a pouco. — Eu o encaro e ele assente.

Beijo sua bochecha e levanto, fazendo o meu caminho às pressas até o balcão e deixando o dinheiro para pagar a sessão do tratamento do dia de hoje com Gillian, uma senhora já conhecida minha e do papai.

— Está com pressa, menina? — ela pergunta, sorridente como sempre e eu assinto sem graça.

— Eu tenho que correr para o trabalho, mas voltarei daqui a pouco para

buscá-lo — explico, virando para fitar meu pai. — Mantenha um olho nele para mim, por favor? Não o deixe sair daqui sozinho ou com outra pessoa — peço, encarando Gillian e ela assente, segurando minha mão e sorrindo.

— Pode ficar tranquila, querida, nada vai acontecer com Mario — diz.

— Obrigada, Gil. Eu preciso ir agora — digo, empurrando os dólares em sua direção e fazendo meu caminho até a entrada.

Assim que estou do lado de fora do hospital, tenho a sorte de conseguir um táxi sem demora. Passo o endereço do apartamento de Simon para o motorista e relaxo no banco. Um sexto do plano está feito. Agora eu só preciso pegar as crianças e correr até o ateliê.

O caminho até o apartamento de Simon felizmente não é longo. Assim que eu chego, pago o taxista e corro até a recepção, onde minha entrada é liberada sem eu ter que abrir minha boca, assim como foi da outras vezes. Entro no elevador e ele sobe sem nenhuma interrupção, fazendo-me agradecer por isso.

Vou até a porta do apartamento de Simon e aperto a campainha sem parar. Eu posso escutar a zoada lá de dentro e, quando a porta se abre, eu não poderia ter achado uma situação mais cômica: Simon trocando Ryle em cima da mesa de centro da sua sala de estar. Christian segura minha mão e me puxa para dentro do apartamento, batendo a porta atrás de nós e me arrastando até os outros dois.

— Oh, que cheiro agradável... — comento, fazendo Christian rir com a pequena, que balança as pernas e quase acerta Simon no rosto. — O que você deu para ela comer, melhor amigo? — indago.

— Eu dei um pouco de cereal de chocolate com leite, depois uma maçã e um pouco de sorvete — Simon diz, concentrado demais em tentar arrumar Ryle. — Christian comeu mais que ela e não se cag... — Pigarreio e Simon ri, levantando o rosto para finalmente me fitar. — As garotas são mais fracas, Cherry — afirma.

Seu cabelo está caído sobre metade do seu rosto, enquanto ele se exhibe sem camisa e eu juro que minha barriga apenas começou a doer também. Sim, sim, minha barriga está doendo e eu odeio-me por isso, por ser fraca.

— Ela é pequena demais para esse tanto de comida, Simon. Principalmente se envolve chocolate e sorvete, juntos — defendo Ryle.

— *Titi* Pence, a Ryle *dizi* que *gotá* de mim! — Christian grita e eu faço uma careta antes de rir e observar Simon rolar os olhos, balançando a cabeça negativamente.

— Esse garoto está completamente impossível. — Simon termina de arrumar Ryle e coloca a mesma sentada no sofá, enquanto recolhe a bagunça que está ao seu redor. — Você quer saber o que ele fez no outro dia? — indaga e eu concordo, querendo saber.

Puxo Christian para cima, segurando-o nos meus braços, enquanto ele me abraça com força pelo pescoço.

— Ele beijou Ryle. Na boca. — Simon me encara no mesmo momento em que eu arregalo os olhos. — E olha que ele ainda é apenas um bebê — completa.

Fito Christian e ele sorri para mim.

— Céus, Christian... — sussurro, antes de cair na gargalhada.

Pearl e Seth terão tanto trabalho com esse garoto que eu nem quero imaginar. Não há dúvidas de que quando crescer, Christian será muito bonito e agora olhando para Ryle, constato o mesmo. Ela tem o cabelo castanho como o meu e os olhos azuis, além da pele bem coradinha. Ela é linda e ele também.

— Você também está pensando o mesmo que eu? — Simon pergunta, puxando-me dos meus pensamentos e eu o encaro, confusa. — Vamos ser aqueles que escutarão esses dois quando eles estiverem mais velhos e com medo dos pais brigarem com eles sobre as possíveis besteiras que farão...

Reviro meus olhos, balançando a cabeça negativamente.

— Eles são bebês, crianças. Essa é uma das fases da vida que menos são lembradas e logo eles esquecerão da maioria das coisas que viveram. Aliás, eles são da mesma família, Simon. Isso é só carinho, nada demais.

Simon ri, mas não diz nada.

— É só esperar para ver — murmura e eu semicerro os olhos.

É claro que ele sempre tem que encarar as coisas com malícia... Não seria o Simon se ele não o fizesse.

— Tudo bem, então. Eu preciso ir, será que eles já estão prontos? — pergunto, chamando a atenção dele e deixando Chris sentado ao lado de Ryle.

Simon pega uma camisa e se veste, não me dando resposta alguma.

— Como está o Mario? — ele pergunta, virando-se para mim e eu quase dou de cara com ele.

— Ele está bem... Muito melhor do que na semana passada — digo, olhando para os lados, pois infelizmente sou uma péssima mentirosa.

— Minha mãe disse que ele andou faltando na semana passada toda. Eu pensei que o resfriado estava em seu caminho de cura, Spencer — comenta, trazendo uma das mãos até o meu rosto e se aproximando de mim. — Você está mentindo para a minha mãe?

Eu não sei o que me deixa mais nervosa: Simon pensar que eu estou mentindo ou estar perto de Simon dessa forma. Acho que ambos, eu diria, embora eu não devesse me sentir nervosa por estar perto dele.

— Eu não estou mentindo — sussurro, fechando meus olhos antes de ficarmos cara a cara. Se Simon continuar me pressionando, eu vou acabar tendo que lhe contar a verdade. Eu não posso encará-lo enquanto ele me pergunta sobre meu pai, pois ele sabe dizer quando eu estou mentindo. — Meu pai está realmente melhor, eu prometo — completo, porque é assim que eu espero que ele esteja depois da sessão de hoje: *melhor*.

— Eu estou acreditando no que você está me dizendo — murmura, beijando minha bochecha com força e se afastando de mim. — Para onde estão indo? Eu vou com vocês hoje.

Abro meus olhos, ofegante demais para o meu próprio bem. Vejo Simon amarrar o cabelo e pegar sua carteira e chave logo após. Balanço minha cabeça, acordando totalmente.

— Infelizmente você não está convidado ao que faremos essa manhã — eu o dispenso, voltando para perto das crianças.

— Eu não estou pedindo sua permissão ou algo do tipo, isso foi só um

aviso — afirma.

Era só o que faltava.

— Você está atrapalhando meu trabalho, Simon. Isso não é algo que melhores amigos façam — tento ameaçá-lo sobre a nossa aposta, mas não funciona. — Eu falo sério.

— Deveria me agradecer por minha ajuda, pois isso é mais do que um melhor amigo seu provavelmente faria — atira de volta, pegando uma bolsa branca daquelas de bebês. — Aliás, Pearl pediu que eu te avisasse de algo, assim como minha mãe... — Levanto uma sobrancelha. — Amanhã é aniversário do Christian, então a pizzaria não abrirá hoje e nem amanhã, entretanto, Pearl pediu sua ajuda para cuidar do garoto enquanto ela arranca os cabelos tentando fazer tudo dar certo.

— Tudo bem, isso não é um problema — afirmo, fitando Christian e Ryle, que estão brincando e sorrindo juntos.

Pego Ryle nos meus braços, arrumando seu vestido antes de tentar pegar Christian também, mas Simon é mais rápido nisso.

Eu sei que não vou conseguir fazê-lo desistir da ideia de estar comigo e com as crianças nessa manhã, então apenas começo a refazer meus planos, mas o ateliê está fora de questão de ser tirado dos planos. Eu preciso provar meu vestido e nem a presença de Simon me intimidará quanto a isso.

Capítulo 13

Simon Wyatt

“Doador fantasma...”

EU E SPENCER ENTRAMOS COM AS CRIANÇAS NO ELEVADOR. Durante o caminho, puxo Ryle para mim também e agora os dois estão nos meus braços, brincando um com o outro. Encosto-me na parede do elevador e Spencer se aproxima de nós, fitando os dois pequenos com um olhar avaliativo. O elevador para e uma senhora entra, sorrindo em nossa direção, o que é meio assustador.

— Bom dia — Spencer fala, educada como sempre.

— Bom dia — a senhora retruca, lançando-me um olhar. — Família bonita, querida. As crianças são lindas e, vocês, um casal bonito — completa.

Christian continua brincando com Ryle e eles nem prestam atenção na senhora, diferente de Spencer e eu.

— São os genes da minha mulher. Nossas crianças não são bonitas? — começo a falar, sendo acertado por Spencer com uma cotovelada. — Perdoe os modos dela, eu a irritei muito essa manhã — continuo a brincadeira.

A senhora nos fita com um brilho nos olhos que me lembra muito a minha irmã.

— Eu não sou a m...

— Cherry, eu já pedi desculpas por hoje cedo, por favor, não negue as nossas crianças.

Spencer me fita incrédula.

O elevador para e a mulher acena para nós, começando seu caminho para não sei qual lugar. Assim que ela está longe o suficiente, eu começo a rir copiosamente enquanto o elevador segue para o estacionamento.

— Você não tem jeito, Simon Alexander Wyatt! — esbraveja, mas eu não consigo parar de rir. — Aquela mulher saiu achando que nós temos

alguma coisa e que as crianças são nossas. — Paro de rir gradativamente.

— Você está errada...

— Oh, eu estou errada? — pergunta tão irônica quanto pode.

— Sim, claro. Aquela mulher não saiu achando que temos algo, ela saiu com a **certeza** de que você é minha mulher — rebato e ela semicerra os olhos em minha direção. — Não semicerre os olhos em minha direção, melhor amiga, eu sei que você deseja isso...

— Você realmente não tem mais o que fazer para ter o seu ego massageado, não é mesmo? Estou começando a me irritar e se não parar com isso, eu vou dar um jeito de provar ao meu pai que você perdeu a aposta — ameaça.

— Você me deu uma cotovelada... eu acho que melhores amigos não se batem — ameaço de volta.

— Se você acha isso, então significa que nunca teve um amigo de verdade — atira e eu bufo.

Ela está certa, entretanto. O mais perto que eu tive de ter um amigo depois da própria Spencer, foi Sculler e ainda é ele. Como as pessoas dizem, o meu humor é para poucos. Sou do tipo de pessoa intragável. Ou você me ama, ou você me odeia.

— Você está certa, Spencer... você foi a pessoa que estive mais perto de ter uma amizade comigo, mas te garanto que o que fazíamos naquela van, amigos não fazem.

Spencer balança a cabeça negativamente e o elevador se abre, dessa forma, ela sai em disparada, mas não antes de eu notar o tom levemente avermelhado em suas bochechas magras.

Eu saio do elevador, rindo de Spencer mais uma vez, pois ela não faz ideia alguma de onde está o meu carro. Ela se vira para mim, parecendo tremendamente irritada e se aproxima contragosto. Resolvo ficar calado, mas não escondo minha diversão.

Eu acho que ela precisa de diversão, pelo menos depois do que eu fiquei sabendo essa manhã.

Na última semana eu estive me preparando para a aposta e, quando minha mãe me ligou falando que Mario não esteve indo essa semana para a pizzeria, eu tive que pedir um favor para uma pessoa que absolutamente ainda me irrita: Seth Sawyer.

Os pedaços vieram se formando em minha cabeça e talvez Mario não esteja apenas resfriado, como ele e Spencer me disseram.

Depois de muita conversa, xingamentos e ameaças, eu consegui o que queria com o marido da minha irmã: o contato de um dos seus melhores empregados.

Há dois dias eu pedi para Quinn — segurança, motorista e um faz-tudo leal a Seth e sua família — descobrir o que há de errado com Mario. Eu recebi sua ligação hoje cedo, minutos depois que Sculler apareceu para deixar as crianças comigo e não pude acreditar no que ele me adiantou ao telefone.

Mario tem câncer.

Mario e Spencer têm problemas financeiros — provavelmente — por conta do câncer.

Spencer recebe dinheiro por transações bancárias do seu noivo, o estúpido Tyler.

Eu não posso acreditar que eles esconderam isso da minha família e não posso acreditar que ninguém descobriu a merda ao seu redor. Eu sei que na maior parte do tempo eu sou um estúpido e falo muita besteira, mas pelo menos eu sou mais esperto que toda minha família reunida. Como eles deixaram isso passar? Mario tem câncer, porra! Ele não devia estar trabalhando nos últimos anos, mas sim se tratando.

E as transições bancárias de dinheiro do noivo de Spencer? Eu não faço nenhuma ideia de como Quinn conseguiu isso, mas ele o fez. O cara manda quinhentos dólares para ajudar Spencer com o pai, sendo que ele recebe mensalmente em sua conta sete ou nove vezes a mais do que esse valor. Há algo de errado com ele e eu não vejo a hora de encontrar e olhar na cara desse imbecil. Provavelmente eu enfiarei meu punho na cara dele, apenas provavelmente.

Eu estou irritado, mas não mostrei isso para ela. Se Spencer e Mario

acham que são espertos, isso é por que eles não me conhecem de verdade.

Depois da notícia que recebi, Quinn se ofereceu para me ajudar com o que fosse necessário, então eu logo pedi-lhe outro favor. Fiz um cheque e assinei para o hospital onde Quinn me disse que Mario está se tratando. A quantia doada para o lugar vai ajudar tanto ele, quanto mais algumas dezenas de pessoas que não podem pagar o tratamento. Por que eu fiz isso? Eu gosto demais de Mario para deixar que ele morra de câncer. Talvez eu queira ajudar Spencer um pouco também. Deve ser esse espírito de melhores amigos que está se instalando em mim, me fazendo ser um pouco bom em toda minha parte ruim.

O fato é que eu sei o que os dois estão passando e não posso deixá-los sozinhos nessa, mesmo que eu seja o doador fantasma de dinheiro para um amontoado de pacientes com câncer. Nesse caso eu não faço questão que as pessoas saibam que eu estou doando dinheiro. Sou demasiadamente ruim para elas acreditarem que eu estou fazendo algo de bom para alguém que não seja eu mesmo, então eu prefiro me poupar de comentários duvidosos ao meu respeito.

Eu posso ser bom quando eu quero e eu quero ser bom com Mario e Spencer. Ela não tem família nenhuma além de Mario. Eu sei que a minha família os considera mais do que amigos, mas ainda assim, isso não é como ter familiares de sangue. Mario é tudo que resta para Spencer e eu não estou deixando esse cara partir sem que todas as chances sejam dadas a ele e o melhor tratamento seja oferecido para que ele se cure.

Ela perdeu a mãe para o câncer e eu sei que perder o pai seria mais do que ela poderia aguentar. Eu me sinto levemente mal por Spencer, mas não sinto pena dela. Ela é forte o suficiente para deixar claro que não precisa da pena de ninguém e eu sei que ela puxou isso de Mario. Deve ter sido por isso que eles não contaram a ninguém sobre os problemas que estiveram passando nos últimos anos. Seja o que for, eu não estarei de fora a partir de agora, mesmo que eles não saibam que eu estou dando o dinheiro para o hospital.

Eu tenho um plano preparado para fazer com que Pearl descubra sobre tudo que está acontecendo e, depois que minha irmã ficar ciente do problema de sua melhor amiga, ela vai querer ajudá-la de todas as formas. Talvez Pearl

doe algum dinheiro para o hospital, juntamente com Seth, dessa forma a minha doação pode ser camuflada pela deles.

Termino de arrumar Christian em sua cadeira e Spencer termina de arrumar Ryle. Eu a fito rapidamente e balanço minha cabeça. Ela é orgulhosa pra caralho. Se naquele dia Mario não tinha dinheiro para seu próprio café, para o que mais eles não devem ter dinheiro?

Spencer não está se casando por amor, mas sim por dinheiro.



DURANTE TODO CAMINHO, SPENCER NÃO ME DISSE QUAL ERA O NOSSO DESTINO, APENAS AGIU NERVOSA E APONTANDO AS DIREÇÕES PARA MIM. Agora eu entendo o motivo do seu nervosismo: acabei de estacionar em frente a um ateliê. Se eu soubesse que estaríamos vindo para cá, eu mudaria de caminho.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto e ela apenas pega sua bolsa e sai do carro, fazendo-me repetir seus movimentos. — Eu fiz uma pergunta, Cherry — atiro quando já estamos do lado de fora do meu carro, encarando-nos por cima do mesmo.

— Eu preciso fazer uma prova do meu vestido de casamento — retruca despreocupada, ou quase isso. — Não comece a reclamar, não era para você vir conosco. — Ela abre a porta e eu faço o mesmo.

— Você ouviu alguma reclamação sair da minha boca, melhor amiga? — pergunto simples e Spencer revira os olhos.

Nos abaixamos e começamos a tirar as crianças de suas cadeiras em silêncio, enquanto as duas gritam e discutem com suas palavras erradas. Seguro Ryle e pego a bolsa, jogando-a sobre meu ombro e endireitando meu corpo. Bato a porta, observando Spencer já com Christian me esperando do outro lado.

Eu consigo me controlar.

Eu não sou mais uma criança. Eu absolutamente consigo me controlar quando eu quero.

Ligo o alarme do carro e empurro minha carteira e chave no bolso da minha calça. Caminho até os dois e pego Christian no meu outro braço, indicando com a cabeça para Spencer começar a andar. Logo que ela começa a se mexer, eu a sigo. Entramos no local e eu faço uma careta. Há vestidos por todo lado e para todo gosto, assim como há muitas mulheres para lá e para cá, que começam a me encarar com sorrisos nos rostos.

— Spencer! — uma atendente exclama do nada e as duas se abraçam.

— Ally... — Escuto Spencer falar com menos ânimo.

— *Titi, titi, titi...*

Os dois começam a gritar e a puxar meu cabelo, bagunçando-o para todos os lados, o que chama a atenção de todas as mulheres do local. Inclusive Spencer. A mulher ao seu lado, Ally — *eu suponho* —, me encara com um sorriso bonito e olhos brilhantes. Ela é bonita. Realmente bonita. Loira, visivelmente magra e com uma pele impecável. Embora tudo isso, não é como se ela estivesse na minha lista de prioridades nesse momento.

— Melhor nós irmos nos sentar — resmungo para os dois, que continuam bagunçando meu cabelo como se fosse a coisa mais interessante que eles têm para fazer no momento.

Vejo Spencer conversar com a mulher, que não tira os olhos de mim. Eu sorrio para ela e pisco no mesmo momento em que a morena se vira para mim e me atira um olhar semicerrado.

As duas começam a se distanciar e eu vejo o momento em que Spencer entra em um provador junto com Ally e um vestido que ela pegou no caminho. Balanço minhas pernas inquietamente, acertado subitamente com a vontade de ir atrás de Spencer.

Assim que Ally sai do provador, ela se aproxima de onde eu estou com as crianças. Christian é o primeiro a estender os braços para ela quando ela se senta ao meu lado.

— Então, você é o noivo da Spencer? — ela questiona, segurando Christian.

— Não, boneca. Eu sou o melhor amigo dela — digo e seus olhos brilham mais que antes.

— Eu posso jurar que já te vi antes... — ela comenta assim que outra atendente se aproxima de nós.

— Provavelmente na televisão durante o Super Bowl, eu diria. Sou jogador profissional de futebol americano — informo e seu rosto é banhado por surpresa.

— Eu sabia! — a outra mulher exclama e eu dou uma risada.

— Vocês se importariam em cuidar dos meus sobrinhos por poucos minutos? Eu preciso fazer uma ligação rápida — peço e elas duas afirmam imediatamente.

Entrego Ryle à outra mulher e me levanto. Vejo pelo vidro do ateliê que Quinn está do lado de fora do local, me observando encostado em seu carro que está estacionado atrás do meu. Indico para ele ficar de olho nas crianças e ele apenas acena, começando seu caminho para dentro da loja.

Caminho pelo local, fazendo com que as duas me percam de vista e foquem nos dois bebês e entro no provador de Spencer. Bato a porta e ela dá um pulo, parando de se fitar no espelho. Respiro fundo, irritado pela forma como ela parece bonita em seu vestido de noiva. Absolutamente estonteante. Não aguento ficar longe dela, dessa forma eu me aproximo rapidamente. Seguro os braços de Spencer de cada lado da parede coberta por um espelho e espreito meu olhar sobre o decote simples de seu vestido de noiva.

Noivas são meu mais novo fetiche.

Eu quero uma na minha cama e, de preferência, quero que ela seja Spencer. Eu quero a noiva imaculada, certinha e pseudo-apaixonada, Spencer-Fucking-Carter na minha cama.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta, confusa.

Tenho certeza que meu olhar sobre ela não é um dos melhores.

— Vim vê-la — atiro sincero.

Ela sorri.

— O que você acha do meu vestido? — questiona, arqueando uma

sobrancelha para mim.

— Você sabe o que eu acho desse vestido? — pergunto, fitando os lábios avermelhados dela e controlando-me sobre a borda para não beijá-la. — Acho que você parece divina pra caralho e acho que nunca fiquei tão excitado em toda a minha vida de merda.

Observo-a engolir a seco e isso me deixa mais satisfeito do que nunca. Spencer está nervosa e Spencer quase nunca fica nervosa. Ela é segura de si e inflexível, isso não faz parte da sua personalidade e eu absolutamente amo vê-la nervosa por minha causa, como nos velhos tempos.

— Saia daqui — ela sussurra, tentando me empurrar, mas eu apenas seguro seus pulsos com mais força e a empurro de volta contra a parede. — Simon, pare... — pede.

— Suas lembranças não serão boas quando vestir esse vestido e caminhar até o altar para se casar com seu noivo. Eu preciso fazer com que esse vestido tenha lembranças inesquecíveis para quando você for se casar com outro homem, Cherry... — murmuro, segurando suas mãos em cima de sua cabeça. — E para que se lembre que, quando ele estiver tirando esse vestido do seu corpo na noite de núpcias, eu já o fiz antes — completo.

As pupilas dos seus olhos dilatam e ela respira fundo. Spencer está com as bochechas vermelhas e eu posso sentir seu calor se misturar com o meu.

— O que você acha que seria uma boa lembrança? — ela indaga.

Sorrio de lado, passeando com minha mão direita livre por seu corpo. Alcanço o zíper lateral e começo a arrastá-lo para baixo. Com o vestido pendurado em seus ombros, mas solto por sua cintura e quadril, começo a puxar a saia folgada para cima enquanto escuto os suspiros de Spencer e sinto suas respirações em minha pele.

— Você não vai se esquecer do que eu vou fazer com você nesse vestido e quando seu noivo e futuro marido for te levar para a cama, você vai desejar que eu estivesse no lugar do imbecil, porque ele nunca vai te fazer sentir metade das coisas que eu farei com que sinta nesse momento — digo, completamente seguro das palavras que eu solto.

Eu não dou muito tempo para Spencer fugir. No momento em que solto

seus braços, ajoelho-me na sua frente e literalmente entro por debaixo da saia do seu vestido branco. Seguro sua coxa, empurrando-a para o meu ombro e assim que eu tenho as duas de cada lado, eu levanto-me sem dificuldade.

Eu a escuto soltar um grito completamente abafado e, em seguida, Spencer puxa a saia desesperadamente para conseguir me ver. Tento puxar sua calcinha para fora do meu caminho e acabo rasgando um de seus lados, recebendo uma reclamação instantânea. Assim que o vestido não me cobre mais e que ela está me fitando boquiaberta, eu sorrio em sua direção e em direção da sua boceta.

— Você... me coloca no chão, Simon... — ela pede e eu balanço a cabeça negativamente, beijando seu baixo-ventre e apertando suas coxas com força, enquanto ela se equilibra segurando-se em meus cabelos e segurando o vestido com a outra mão.

— Você não faz ideia de quando foi a última vez que eu chupei uma mulher pensando no prazer dela e não no meu, Cherry... Isso faz algum tempo, eu admito, mas absolutamente quero fazer isso agora — comento, traçando um caminho com minha língua até seu clitóris, enquanto eu a empurro para cima e a deixo segura. — Será que alguém já te chupou nessa posição? — pergunto ironicamente e ela nega.

Sem falar qualquer palavra, deposito um beijo em seus lábios e começo lambe toda extensão rosada e quente. Spencer se remexe e eu sorrio contra sua pele, pois ela não tem coragem de se afastar de mim, já que tornei isso impossível.

Como um Quarterback, tenho que ter força nos meus braços para ter lançamentos potentes, mas em nenhum momento eu pensei que precisaria tanto dessa força que treino e malho durante, depois e antes de todas as temporadas. Spencer não é tão pesada, mas depois de algum tempo seu pouco peso vai se multiplicar, então tenho que me apressar por esse e outros motivos.

Spencer continua me olhando, enquanto eu a tomo em minha boca. É uma pena que eu não possa usar minhas mãos nesse momento, porque eu realmente gostaria de sentir sua pele depois de anos. Enquanto isso, eu me dou por satisfeito em apertar apenas suas coxas cada vez com mais força.

Ela está a minha mercê.

Eu sou o único, nesse momento, que pode fazê-la sentir prazer e eu vou prolongá-lo e levá-la até o céu, para que ela possa lidar com o inferno depois disso.

A cada minuto que passa, Spencer parece queimar em brasa e a cada movimento que faço com minha boca, ela se contorce mais ainda.

Eu já tive a chance de ver Spencer bêbada e ela está agindo como se estivesse bêbada. Eu gosto dela assim, uma vez que ela parece esquecer a realidade. Eu gosto de levá-la para outro mundo; o meu mundo — *talvez*.

— Simon... — sussurra, pendendo a cabeça para o lado e finalmente quebrando nosso contato visual, enquanto espreme os olhos com bastante força. Seus dedos se enrolam com mais força em meu cabelo e ela puxa. — Você não v... vai conseguir fazer isso... — Ela puxa com ainda mais força, tirando-me do meu posto favorito.

Esfrego meu queixo sobre seu clitóris, enquanto a observo morder o lábio inferior com força. Meus braços começam a doer e vejo que não há mais chance de deixá-la suspensa depois de quase dez minutos. Habilidosamente, puxo Spencer para colocá-la de pé e volto a me ajoelhar entre suas pernas. Em algum momento ela solta meu cabelo, mas não demora tanto até ela enrolá-los outra vez entre os dedos.

Tão de perto quanto estou, posso ver as suas pernas tremerem, então puxo uma delas para o meu ombro.

— Pode me dizer o que eu não vou conseguir fazer? — pergunto, assoprando em seguida sua carne molhada e levemente inchada.

Ela continua me puxando para longe do meu lugar favorito, então eu volto a esfregar meu queixo sobre seu clitóris.

— *Spencer, precisa de ajuda?* — alguém pergunta do lado de fora e eu posso ver o horror que está nos olhos de Spencer assim que ela os arregala.

Seu punho libera meu cabelo e eu volto a sugar seu clitóris entre meus lábios, sacudindo-o com minha língua.

— *Spencer?* — a pessoa volta a chamar.

— N... Não precisa! — ela exclama de volta. — E-Eu estou terminando, Lisa...

— Você é delici... — tento falar, mas Spencer me empurra de volta e me faz calar a boca.

Dou uma risada abafada, aproveitando para tomar vantagem do que ela acabou de fazer.

Seu corpo retesa-se por completo e seu quadril toma vida própria. Os espasmos que passam pelo corpo de Spencer e como ela reage à eles, é a melhor coisa que eu tive o prazer de ver em anos. Eu continuo assaltando-a por sua própria vontade e meu deleite, agora podendo tocá-la com minha mão direita. Ela volta a abrir os olhos e me fita. Tudo nela está queimando. Sem aviso, a penetro com dois dos meus dedos, estupidamente amando o calor com o qual ela me cerca. Enquanto eu não posso usar meu pau, que está latejando nesse exato momento, vou usar meus dedos.

— Pare... — sua voz treme do início ao fim, assim como seu corpo.

O vaivém lento está torturando-a e eu gosto de vê-la tremer por mim. Os espasmos do seu orgasmo anterior ainda estão fazendo seu corpo reagir a cada toque que lhe ofereço com minha língua. Nada poderia encher mais o meu ego do que esse momento.

Retiro meus dedos e empurro sua perna para longe no meu ombro. Levanto-me e fico cara a cara com ela. Parece que ela fumou maconha, de tão ligada que está. As pupilas continuam dilatas, enquanto seus lábios estão inchados e vermelhos, assim como suas bochechas. Sugo meus dedos molhados rapidamente e ela não perde um movimento sequer, deixando-me escutar o engate de sua respiração.

— Eu sinto falta delas também, Cherry — afirmo, observando as pontas de seus seios completamente salientes sob o tecido do seu vestido branco. Infilto minha mão pela lateral aberta do seu vestido e seguro o primeiro deles com força, esfregando meu dedão no pequeno botão. — Esse vestido agora é inesquecível para nós dois e eu aposto que seu noivo não fará melhor que eu, mas você pode me manter informado depois da sua noite de núpcias, tudo bem?

Antes que ela possa me responder, eu não consigo evitar e acabo

empurrando o vestido mais ainda para tomar seu mamilo em minha boca. Escuto ela me xingar entre dentes e eu raspo a ponta com meus dentes.

— *Santo... D... Simon...*

Dou uma risada e me afasto total e completamente dela. Suas mãos estão de cada lado da parede, enquanto ela parece estar se esforçando para continuar de pé.

— É exatamente isso que eu sou: um santo, uma pessoa boa. Eu nunca comeria a minha melhor amiga comprometida em seu vestido de casamento. Você sabe o que aconteceu aqui? Eu não sei, acabei de esquecer-me de tudo — jogo e ela continua me fitando da mesma forma. — Eu acho que você tem que arrumar esse vestido, Cherry. — completo e dou-lhe as costas.

Passo minhas mãos pelo meu cabelo e ajusto meu jeans, incomodado com minha ereção. Pego meu celular, enquanto saio e vou direto ao banheiro digitando “pornô de velhos”. Essa é a única coisa que vai fazer eu me acalmar e talvez vomitar depois de ter visto Spencer completamente gloriosa.

Capítulo 14

PARTE I

Spencer Carter

“Arrependimento...”

FECHO OS MEUS OLHOS, ENQUANTO LEVANTO-ME COM CERTA DIFICULDADE DO CHÃO ONDE ESTIVE PELOS ÚLTIMOS DOIS MINUTOS DESDE QUE SIMON SAIU DO PROVADOR. Minha respiração está ofegante e eu sinto minhas pernas formigarem de forma absurda. Esse é o efeito que Simon tem sobre mim. Ele me deixa fraca e tonta a partir de certa distância e ele estava muito perto de mim nos poucos minutos que passamos dentro desse cubículo. É como se eu estivesse prestes a morrer e ele fosse a adrenalina que me traria a vida no último momento. Os suspiros, as palavras sem sentidos e a respiração entrecortada.

Simon me tocou como nos velhos tempos e isso trouxe uma enxurrada de sentimentos que serviram para me deixar tão confusa quanto eu era antes.

Lágrimas enchem meus olhos e minha garganta fecha quando me dou conta de que eu ainda o amo, mas isso claramente não deve interessá-lo em nada. Esse é um sentimento que ainda existe dentro de mim que eu tenho que matar de uma vez por todas. Eu tenho que expulsá-lo do meu coração assim como ele me expulsou de seu carro e me deixou voltar andando e sozinha para casa.

Simon não merece nada do que eu sinto por ele, disso eu estou certa. A única pessoa que merece meu amor, é Tyler, mas ao invés disso, eu apenas sinto uma gratidão e amizade enorme por ele.

Enxugo minhas lágrimas, enquanto novas banham meu rosto. O que eu vou fazer? Eu deixei Simon me tocar e eu estupidamente gostei. Contudo, arrependo-me por ter traído Tyler. Céus, como eu consegui ser tão estúpida? Uma verdadeira vadia.

Eu traí Tyler com Simon.

Tyler não merece isso. Eu não o mereço. Eu sou uma péssima noiva.

Simon arruinou o meu vestido de noiva. Como vou ter a coragem de me casar com Tyler com o mesmo vestido em que Simon me... em que Simon...

Respira, Spencer.

Não posso deixá-lo me afetar.

Se ele acha que vai conseguir me enlouquecer e ficar sob minha pele, Simon está enganado.

Enxugo minhas lágrimas e engulo meu choro, como já estou acostumada a fazer. Arranco o vestido do meu corpo e o deixo jogado no chão, enquanto começo a me vestir com meu próprio vestido. Para completar, o bastardo rasgou minha calcinha.

Puxo uma respiração profunda.

Tiro minha calcinha e enrolo o pouco material para escondê-lo na palma da minha mão. Checo minha aparência no espelho e me dou por satisfeita. Nada aconteceu. Estou exatamente como antes de Simon aparecer aqui.

Saio do provador e dou de cara com Ally.

— Tudo bem? — ela indaga.

— Sim, claro! — digo, dando-lhe meu melhor sorriso. — Eu apenas... — Pigarreio, enquanto procuro Simon pelo local. — Eu mudei de ideia sobre o vestido, Ally. Eu não quero mais aquele, mas não se preocupe, entrarei em contato com a costureira para falar sobre outro modelo — digo, recordando-me do vestido da mamãe.

— Oh, tudo bem... — retruca, confusa.

Finalmente avisto Simon saindo do banheiro masculino. Sorrio para Ally e aceno com uma das mãos para ela, enquanto me afasto e caminho em direção ao loiro sujo. Seu cabelo está jogado para o lado de forma sexy e eu acabo fazendo o mesmo com meus sentimentos. Jogo tudo que eu sinto para o lado e paro em sua frente, fitando-o com frieza.

— Aqui está o seu prêmio — digo, puxando uma das mãos de Simon e

o encarando com firmeza enquanto coloco minha calcinha ali em sua palma áspera. Ele me encara, neutro, como se eu nem mesmo estivesse falando com ele. — Você é a pessoa mais desprezível que eu conheço, Simon. Um estúpido, mesquinho e que absolutamente não merece nada que eu sinto por você. Eu quero que as coisas fiquem claras entre nós dois: nunca mais faça aquilo outra vez comigo, senão terá meu nome tatuado em sua bunda — cuspo. — Somos amigos, certo? Todo mundo tem um amigo que simplesmente não presta e você é esse meu amigo. Agora, cai fora daqui, eu não quero mais te ver pelo resto do dia — concluo e dou-lhe as costas.

Caminho até as crianças, que estão brincando juntas no chão sob o olhar atento de Quinn e ele logo se aproxima para me ajudar.

— Para onde estamos indo agora, senhorita? — Quinn pergunta, carregando Christian e pegando a bolsa das crianças.

— Eu preciso pegar meu pai no hospital, se isso não for um problema. Ele vai ficar conosco na casa de Seth e Pearl, eu já os avisei sobre isso — falo, tentando controlar o tremor em minha voz.

— Sem problemas — Quinn sentencia.

De soslaio, percebo que Simon sai da loja pisando duro enquanto remexe em seu cabelo. Eu tento evitar encará-lo, mas infelizmente não consigo. Pelo vidro consigo vê-lo entrar em seu carro e arrancar com tanta rapidez que de repente temo que algo possa acontecer com ele.

“Pare de pensar nesse idiota, Spencer”, digo para mim e sigo meu próprio conselho. Eu tenho coisas mais importantes para me preocupar, como por exemplo: meu pai e o fato de que eu tenho que correr para pegá-lo no hospital.



PARTE II

Simon Wyatt

“Desprezo é como uma vadia...”

TOCAR EM SPENCER FOI BOM. Especial, eu diria. Contudo, seu desprezo é como uma porra de uma vadia. Queima tudo de mim e praticamente me enlouquece. Eu odeio quando ela faz isso: entrega-se para mim e depois recua. Depois de tanto tempo, pensei que ela tinha crescido, mas parece que isso realmente não aconteceu.

Talvez isso não deva acontecer. Talvez eu e ela simplesmente não fomos feitos para ficarmos juntos nem por um segundo, pelo menos sobriamente dizendo. Eu sei que quando eu estou perto dela, ela sente como se estivesse bêbada. É o mesmo que acontece comigo. É como se tivéssemos tomado muitas doses de tequila e depois de algum tempo, nenhum pensamento passasse corretamente por nossas mentes.

Jogo meu carro para o lado, estacionando de qualquer jeito em frente àquela casa e soco o volante repetidas vezes.

O que eu fiz de errado, afinal?

Por que ela simplesmente não sai da minha cabeça?

Observo Seth sair com Pearl da casa de Cassie e Sculler. Os dois sorriem um para o outro e ali eu tenho o retrato de um casal perfeito. É isso que Spencer quer, afinal? Ela fala tanto de Seth e Pearl, joga o relacionamento dos dois na minha cara... É isso que ela quer?

Se sim ou se não, nesse momento eu não ligo tanto.

Eu vim atrás desses dois apenas para fazer algo que já deveria ter sido feito há muito tempo. Saio do carro e caminho até eles, que me percebem no meio do caminho. Pearl vai perdendo seu sorriso gradativamente e encara-me preocupada.

— Tudo bem? — ela indaga. — Pensei que você estivesse ido ficar com Spencer e as crianças...

— É exatamente sobre isso que eu vim falar — atiro e ela levanta uma sobrancelha como um sinal para me fazer continuar. — Spencer está levando Christian e Ryle ao hospital...

— O que aconteceu com ele? O que...

Seth toma a frente, tentando me puxar pela camisa, mas eu o empurro.

— Olhe com seus próprios olhos. Se eu fosse vocês, não demoraria tanto... apenas não cite meu nome quando chegar lá. Eu absolutamente acho que você precisa ver o que está acontecendo.

Dou as costas para os dois, enquanto escuto Seth xingar copiosamente e Pearl me chamar. Não demora dez segundos para os dois estarem dentro do seu carro e partirem para longe. Volto para o meu carro e entro, tentando esfriar minha cabeça aos poucos.

Não.

Não vou e nem quero mais tentar qualquer coisa com Spencer.

Se ela quer jogar o jogo da “negação”, ela mal sabe onde se meteu.

Capítulo 15

Spencer Carter

“Família não é apenas de sangue...”

DEIXO AS CRIANÇAS COM QUINN, ENQUANTO CORRO PARA DENTRO DO HOSPITAL EXTREMAMENTE ATRASADA PARA PEGAR O PAPAI. Isso me irrita um pouco, pois eu odeio faltar com minhas responsabilidades e o fato de Simon estar ligado ao meu atraso me deixa mais irritada que o normal. Eu tenho responsabilidades e não posso desviar delas.

Assim que chego à sala de espera e o encontro sentado conversando com um senhor já de idade, solto minha respiração aliviada. Aproximo-me deles e logo que meu pai me nota, ele tenta ficar de pé, mas acaba falhando.

— Pai! — exclamo, fechando a distância entre nós nervosamente.

— Está tudo bem, Spencer — diz, mas sua aparência denuncia o contrário.

As quimioterapias estão deixando-o debilitado a cada dia que passa e eu odeio ver isso acontecer com meu pai.

— Eu vou pegar uma cadeira de rodas, espere aqui — afirmo, mas ele me para.

— Eu não quero uma cadeira de rodas, filha. Apenas me ajude a ficar de pé, por favor — murmura, abaixando a cabeça e eu assinto.

— Está tudo bem, vamos conseguir. — Eu tento animá-lo. Endireito meu corpo e ofereço minhas mãos para meu pai segurar. Com impulso, ele se levanta e eu o ajudo a firmar-se de pé, passando um de seus braços por meu ombro para apoiá-lo em mim. — Conseguimos, está vendo? Agora vamos, as crianças estão nos esperando...

— Eu acho que não apenas elas — meu pai diz, apontando com a cabeça para a entrada do hospital.

Viro meu rosto e engulo a seco ao ver Pearl vir em minha direção com

confusão estampada no rosto. Logo atrás, Seth a segue com Christian e Ryle nos braços.

— E agora, pai? — sussurro.

— Não temos como esconder mais nada da família Wyatt, filha. Se ela perguntar, conte a verdade — murmura de volta.

Pearl para em nossa frente, olhando fixamente para o meu pai. Ela respira fundo várias vezes até me fitar com os olhos brilhando e voltar sua atenção novamente para o papai.

— Oi, Mario... — Pearl sussurra.

— Garota Pearl, é bom vê-la — meu pai a saúda.

— Eu falo o mesmo. — Ela sorri fraco. — Você precisa de ajuda? — indaga. — Amor, ajuda o Mario, por favor...

Seth deixa os dois no chão e se aproxima de nós, fitando-me com um olhar acusatório.

— Então é isso que estava escondendo, Spencer? — murmura.

— Não comece — resmungo.

— Ei, Mario, tudo bem com você cara? — Ele me ignora, tirando-me do meu lugar e ajudando meu pai a ficar de pé.

— Na medida do possível, rapaz — papai responde.

Abaixo minha cabeça, envergonhada. Seguro a mão de Christian e Riley, observando Seth seguir com meu pai em passos calmos até a entrada do hospital. Pearl fica ao meu lado e nós nos encaramos.

— Você vai me dizer o que está acontecendo quando chegarmos em casa? — ela pergunta e eu aceno positivamente com a cabeça. — Obrigada — completa.

Começamos a seguir para a saída em um silêncio que é cortado apenas por Chris e Riley e assim que estamos do lado de fora, vejo Seth e Quinn ajudarem meu pai a entrar no carro. Seth volta até nós e pega as crianças de mim.

— Quinn vai levar você e Mario até nossa casa, apenas vá, as crianças

irão conosco — Seth comanda e eu reviro meus olhos com seu tom mandão, mas não falo nada.

Caminho em passos largos até o carro e entro, batendo a porta e afundando no banco de couro. Espero que Pearl não fique tão chateada comigo por não ter contado nada a ela sobre o que está acontecendo com o papai. Ao mesmo tempo que acho que ela pode não entender o motivo pelo qual fizemos isso, preciso que Pearl compreenda que eu preciso de seu apoio, não de seu julgamento.

— Você está melhor agora, pai? — pergunto, forçando-me a soar confiante.

— Estou bem, Spencer — murmura.

O resto do caminho até a casa de Seth e Pearl se passa em silêncio. Durante todo o percurso, eu tento colocar meus pensamentos no lugar e organizar tudo que tenho para falar para Pearl. Não vai ser fácil explicar a ela algo que nem mesmo eu entendo, mas eu pretendo tentar ao máximo expressar-me de forma uma que ela entenda.

Depois da curta estrada até a mansão do casal, Quinn estaciona o carro e eu posso ver Seth estacionar o seu carro logo em seguida ao nosso lado. Saio do carro ao mesmo tempo que ele e Pearl o fazem e minha amiga vem em minha direção, segura minha mão e começa a liderar o caminho à nossa frente.

— As crianças e o pap...

— Não se preocupe, Seth vai ajudar seu pai a entrar e Quinn vai trazer as crianças para dentro — ela me corta e vira o rosto para me encarar. — Eu e você temos que conversar agora — afirma.

— Tudo bem...

Pearl solta minha mão e abre a porta, dando-me espaço para entrar e fazendo o mesmo logo em seguida. Ela volta a segurar minha mão e me puxa por todo caminho até a cozinha.

— Você quer beber alguma coisa? — indaga, soltando minha mão outra vez e apontando para eu me sentar em uma das cadeiras em frente a uma mesa pequena e redonda.

— Não, obrigada — recuso, certa de que não conseguirei empurrar nada para dentro.

Pearl abre a geladeira e puxa uma garrafa de água, voltando de lá e sentando-se ao meu lado. O silêncio entre nós duas incomoda mais do que algum dia eu pensei que incomodaria. Segundo longos e torturantes se passam até Pearl pigarrear.

— Você começa ou eu começo? — ela pergunta e eu dou de ombros. — Vai ser sincera e me dizer o que está acontecendo com Mario ou...

— Eu vou ser sincera — afirmo, puxando uma respiração profunda. — Eu sinto muito que nós não contamos nada a vocês é só que... é só que o papai ele pediu para eu não falar nada sobre o que está acontecendo com ele — começo, nervosamente.

— O que está acontecendo com ele, Spencer? — ela sussurra.

— Ele está muito doente. — Fecho meus olhos, afirmando tanto para Pearl quanto para mim algo que está mais do que na minha cara. Meu pai está muito doente, muito mais do que esteve quando tudo começou. — Ele está com câncer nos pulmões — sentencio.

— Quando vocês descobriram? Quando ele...

— Um pouco depois do aniversário de dezenove anos de Seth — sussurro e lágrimas começam a queimar em meus olhos, forçando-me a abri-los apenas para encontrar Pearl com uma mão em cima de sua boca. — Eu sinto muito por não termos contado a vocês, mas foi tudo tão rápido naquele momento. A doença veio e nós gastamos todo dinheiro guardado para minha faculdade no seu tratamento que foi um sucesso a princípio, mas depois de um tempo tudo voltou, dessa vez com mais força.

— Vocês deveriam ter nos falado... Spencer, nós poderíamos ter ajudado você e o Mario. Vocês são parte da nossa família também — Pearl diz, deixando lágrimas caírem por suas bochechas e o mesmo acontece comigo.

— Eu sei, eu falei para o papai que nós deveríamos pedir a ajuda de vocês, mas ele não quis e agora nós estamos assim... Eu sinto muito por não ter te contado, não ter contado para os seus pais, mas nós pensamos que

seríamos capazes de lidar com tudo sozinhos — eu me desculpo copiosamente, enxugando minhas lágrimas apenas para outras tomarem lugar em meu rosto. — Eu estou com muito medo... — confesso-lhe algo que nunca cheguei a falar em voz alta.

Pearl sai de seu lugar e me puxa para ficar de pé, abraçando-me com força. Um soluço escapa por minha boca, enquanto meu choro se intensifica de forma absurda.

— Shhh... Agora vai ficar tudo bem, amiga. Nós vamos ajudar você e o Mario. Ele vai se curar, você pode acreditar nisso. Não fique com medo, por favor, eu odeio vê-la triste, Spencer. — Pearl tenta me tranquilizar e me apoiar, confortando-me aos poucos.

— Eu não quero perdê-lo. Meu pai é minha única família — sussurro. — Eu já perdi a minha mãe e não vou suportar perdê-lo também. Eu não quero ficar sozinha...

— Você nunca estará sozinha, Spencer. Eu sempre vou estar do seu lado, assim como o Seth e toda nossa família. Você não tem apenas ao Mario, mas tem também a todos nós. — Ela afasta o rosto e nós nos encaramos. — Vai tudo entrar nos trilhos de hoje em diante, tudo bem? Mario vai ter o melhor tratamento que o dinheiro pode comprar e tudo será feito para que ele consiga se curar e recuperar sua saúde.

Aceno positivamente, enquanto Pearl enxuga minhas lágrimas.

— Eu não sei como te agradecer por isso. — Sinto minhas bochechas esquentarem.

— Não precisa agradecer. — Pearl sorri para mim.

Preciso contar para Tyler o que aconteceu, dessa forma ele não precisará mais enviar dinheiro para nós. Além disso, preciso que ele volte para Long Beach para que conversemos pessoalmente sobre muitas coisas, inclusive o que ocorreu entre Simon e eu.

Capítulo 16

Simon Wyatt

“E se?!”

PASSEIO MEU OLHAR PELO LOCAL, CONSTATANDO A DECORAÇÃO BONITA QUE FOI FEITA PARA A FESTA DE ANIVERSÁRIO DE CHRISTIAN. Pearl realmente fez um bom trabalho com tudo, pois mesmo que eu nunca tenha ido a muitas festas de crianças, essa parece uma daquelas perfeitas. Depois que passei ontem à noite por aqui, não pensei que tudo estaria tão bonito desse jeito. Pearl provavelmente deixou Seth maluco, o que me dá vontade de rir, uma vez que eu sei como Pearl fica quando quer que as coisas saiam perfeitamente bem.

— *Titi!* — Escuto Christian gritar ao mesmo tempo que corre em minha direção.

O local já tem bastante gente, muitos deles amigos de time de Seth, que trouxeram seus filhos para a festa de Christian.

— Ei, maracujá azedo. — Abaixo-me a tempo de receber seu abraço. — Parece que você está ficando velho, não é mesmo? Será que já tem cabelos brancos? — indago, mexendo em seu cabelo e provocando sua risada alta.

— *Plesentí!* — exclama, tentando alcançar o embrulho que está na minha outra mão.

— Calma, moleque. — Dou uma risada. — Esse não é o verdadeiro presente — eu informo e ele franze o cenho.

— *Plesentí, titi!* — choraminga.

— Seu verdadeiro presente eu vou te dar apenas amanhã, mas não conte aos seus pais, eu quero fazer uma surpresa a eles também, tudo bem? — pergunto e ele assente.

Entrego-lhe o embrulho e ele começa a abrir em modo de destruição em poucos segundos. É uma bola de futebol, o que faz Christian gritar

animado e começar a arremessá-la para mim.

— Vamos jogar! — ele pede e eu reviro os olhos.

— Você tem certeza disso? Eu não quero fazê-lo chorar por perder um jogo no dia do seu aniversário — brinco e ele gargalha de volta.

— Jogar! — pede mais uma vez e eu vejo Sculler se aproximar com Ryle nos braços.

— Ei, cara, ele quer jogar — digo a Sculler, que arqueia uma sobrancelha. — Vai chamar a gangue de anões para te ajudar, Christian — eu digo a ele.

— *Gangui, gangui!* — exclama.

Sculler coloca Ryle no chão e os dois saem correndo para chamar as outras crianças para o jogo.

— Você acabou de chegar e já está fazendo Christian pirar, eu não quero ver como o garoto estará ao final da festa — Sculler diz, rindo e parando ao meu lado. — Vai ser eu e você contra as crianças? — pergunta.

— Sim — digo, segurando o riso.

Caminhamos até o campo que está logo ao lado e ficamos conversando sobre jogos até vermos as crianças aparecerem correndo em um amontoado que me lembra um filme de tampinhas amarelas que assisti certa vez com Christian. Assim que eles param na nossa frente, pego a bola do meu sobrinho e jogo para Sculler, enquanto tento organizá-los e explicar o que eles têm que fazer no jogo, mas é impossível. No final de tudo, apenas digo que eles têm que pegar a bola.

— Onde está a organização de vocês? Ataque, defesa, alinhados! — As crianças começam a correr descontroladas pelo gramado, o que me faz segurar o riso até onde eu consigo, o que não é muito. — Vermelho dezoito! Babador azul, babador azul! *Hut, hut!* — Sculler joga a bola para mim, e posso escutar daqui a sua risada alta.

As crianças se juntam e começam a gritar, todas correndo atrás de mim. Elas realmente entenderam apenas uma parte de tudo que eu disse: pegar a bola. Começo a correr para longe delas, que me tem como alvo e toda vez

que olho para trás, contorço meu rosto em caretas que provocam suas risadas. Chego à última linha e viro-me para elas, que continuam a correr atrás de mim, provavelmente alheias de que eu já fiz um touchdown.

Arremesso a bola de volta para Sculler e logo sou atacado nas pernas. Caio no chão, rindo ao ver Christian ajudar Riley a chegar até mim. Assim que os dois estão na minha frente, eles me abraçam com força, gritando palavras aleatórias e erradas. Varro o lugar com meu olhar, notando Spencer me fitar de longe com um sorriso no rosto. Ela parece mais bonita que nunca e isso me faz esquecer completamente de todas as tolices que passam por minha cabeça toda vez que penso nela.

O vestido que escutei Pearl comentar ontem à noite que havia dado para Spencer é muito bonito e finalmente abraça seu corpo da forma certa, diferente das peças folgadas que ela esteve usando nos últimos dias. Eu arriscaria dizer que Spencer está usando essas peças folgadas por causa do tratamento de Mario, o que a deixa sem dinheiro para comprar novas roupas.

Sorrio de volta para Spencer e volto minha atenção para as crianças, que agora correm em direção a Sculler, com exceção de Christian e Riley que continuam agarrados ao meu pescoço. Levanto-me, puxando os dois comigo e eles continuam a gritar sem parar.

Como essas crianças não perdem a voz?

Por quase vinte minutos, eu e Sculler somos um time contra uma multidão de crianças. Certo, eu exagerei, mas o barulho que elas fazem é quase o de uma multidão. Seth se junta a nós dois no final do jogo e eu não perco a chance de provocá-lo.

Sento-me finalmente ao lado de Mario, amarrando meu cabelo e passando minhas mãos por meu rosto. Ele sorri para mim, mas logo leva seu lenço até a boca para tossir. Fico calado, esperando que ele se recupere enquanto eu mesmo retomo meu fôlego depois do pseudo-jogo.

— Como está indo tudo por aqui até agora? — pergunto assim que ele tira o lenço de sua boca.

— Tudo bem, rapaz. Seus pais estavam fazendo companhia para mim até alguns minutos atrás, mas eles saíram para resolver algo com a garota Pearl — explica. — De qualquer forma, Spencer vem me checar a cada cinco

minutos e... *lá vem ela* — resmunga, parecendo um pouco chateado.

Viro meu rosto a tempo de ver Spencer sorrir com Christian e Ryle, enquanto os dois pequenos seguram sua mão, um de cada lado. Ela levanta o rosto e me encara, perdendo quase todo sorriso que exibia segundo atrás.

— Está tudo bem por aqui? — Spencer questiona, voltando a atenção para seu pai.

— Não precisa vir me olhar a cada cinco minutos, filha, eu já disse que estou bem — ele reclama. — Simon está me fazendo companhia agora — conclui.

Spencer solta a respiração, sendo um tanto exagerada.

— Eu preciso entrar para trocar o vestido da Ryle, ela acabou se sujando muito no jogo e Cassie está um pouco enjoada para fazer isso. Pode ficar de olho nele por mim? — indaga, explicando demais a situação.

— Vá em frente, eu não vou sair daqui — falo, simples.

Spencer acena de volta e se vira com as crianças.

— Ela age como se eu fosse uma criança — Mario reclama, tirando uma risada minha.

— Então somos dois, cara — reclamo de volta. — Ela sempre me tratou como se eu fosse uma criança, mas o problema é eu que não ajudo muito, então estou acostumado com isso — explico e Mario não consegue deixar de rir.

— Você vai me falar sobre vocês dois ou é como ela, que nunca me deixou saber de nada? — sua pergunta me pega de surpresa.

— Sobre nós dois? — rebato, confuso.

— É, rapaz. Antes. Você sabe, eu tenho ouvidos e não deixava de escutar o que vocês falavam anos atrás quando se provocavam dentro e fora da cozinha da pizzeria — diz. — Nunca me meti na vida da minha filha quando se tratava de garotos. É claro, dei-lhe um milhão de avisos sobre o tipo certo e errado, mas ela já tinha tido o suficiente de sua cota de infelicidade para ter que lidar com um pai que vigia todos seus passos. — Divaga, encostando-se na cadeira e subindo o rosto para fitar o céu escuro

cheio de estrelas. — Eu sei que algo se passava entre vocês, era um tanto óbvio. Gostaria de saber o que houve para tudo ter acabado...

Encosto-me na cadeira e cruzo meus braços, incomodado por ter uma ferida cutucada justamente por Mario.

— Nós tivemos algo, mas não foi de muita importância. — Eu o escuto rir baixo, mas não o encaro.

— Não foi de muita importância?

— É, Mario. Spencer era alheia a tudo que eu sentia por ela. — Bufo, fechando meus olhos com força. — Ela me tratava como uma criança na maioria do tempo, onde tudo que rolou entre nós não foi nada além de um “amizade-colorida” se assim posso dizer. Eu acho que ela tinha vergonha de mim... Não sei, para ser sincero. Ela sempre alegou que não podíamos ficar juntos por conta da nossa diferença de idade e — solto uma risada em escárnio a toda situação —, olhe só para Sculler e Cassie. São quase vinte anos de diferença de idade entre eles e sua filha cortava minhas tentativas por conta de apenas um fodido ano. — Bufo.

“Paro em frente ao portão da escola de Spencer e a espero sair, como vim fazendo desde alguns dias atrás. Assim que Sculler se ofereceu para me dar uma carona hoje, eu pedi que ele me deixasse aqui e não em casa.

Enxugo minhas mãos suadas no meu jeans escuro e finalmente a avisto.

Ela está linda, mas isso não é novidade. O incômodo, que irrita tudo de mim, é o fato de um garoto estar com o braço ao redor de sua cintura, como se os dois fossem um casal. Respiro fundo, profundamente irritado com Spencer, que não faz nada para tirá-lo de perto dela. Segundos mais tarde, seu olhar cruza o meu, mas ela não perde o sorriso, apenas se despede dos amigos e se aproxima de mim.

Dou as costas para ela e começo meu caminho até o ponto de ônibus que fica no outro quarteirão.

— Ei, pirralho, você veio me buscar na escola? — ela diz em tom brincalhão, mas eu simplesmente não estou no clima para suas piadas.

— Quantos anos ele tem? — questiono.

— Ele quem? — Ri.

— O estúpido que estava te abraçando poucos segundos atrás, Spencer. Não se faça de desentendida — atiro de volta.

— Ele é um ano mais velho que eu, mas isso não te interessa.

Paro de andar e ela faz o mesmo, enquanto nos encaramos sem desvio.

— Qual o seu problema? Por que diabos não quer ficar comigo, como... como algo oficial? Por que não quer namorar comigo? Inferno, Spencer... eu não entendo você — esbravejo, chateado com tudo que ela está fazendo.

— Nós não estamos prontos para algo oficial. Estamos melhor assim, Simon. Você pode ficar com as cadelas da sua escola e eu também posso ficar com quem eu quiser, além de você. Pensei que estávamos entendidos sobre isso — esbraveja de volta.

Puxo seu corpo contra o meu, apertando sua cintura com uma mão e enrolando meus dedos nos fios de seu cabelo acastanhado.

— Eu ficaria só com você se aceitasse que o que nós temos é maior do que qualquer coisa que temos com esses estranhos — murmuro, dividido entre fitar seus olhos e sua boca. — Você tem vergonha de mim? Diga-me, qual o real problema? — completo.

— Eu não tenho vergonha de você, pirralho — sussurra, segurando meus ombros com força. — Eu não quero namorar você agora... Não há nada entre nós dois além de atração e eu espero que entenda que atração não sustenta nenhuma relação, mesmo que seja apenas um simples namoro. É preciso mais que isso, é preciso mais do que o que nós temos para dar um ao outro. — Spencer me abraça pelo pescoço com força, empurrando os lábios em cima dos meus.

— Eu não entendo você... — informo, frustrado.

— Você não precisa entender. — Começa a brincar novamente.

— Eu odeio o que você faz comigo, Spencer.

— Não, você não odeia. — Ri contra meus lábios.”

— Talvez ela não estivesse pronta para assumir uma relação mais séria

naquele momento. — Mario puxa minha atenção de volta para ele e eu controlo a raiva que começa a queimar na ponta da minha língua com palavras que eu sei que são erradas.

— E ela encontrou essa certeza de assumir uma relação mais séria com o noivo dela? — indago, arqueando uma sobrancelha e Mario ri, balançando a cabeça em ar incrédulo.

— Você está com ciúmes do que está acontecendo? Deseja que fosse com você, rapaz? — reflito, mas não respondo. — Você ama a minha filha, Simon? — Mario indaga firme.

— Não tem nada a ver com isso...

— E tem a ver com o quê? — me corta. — Spencer não vai deixar Tyler por algo incerto, isso você pode ter certeza. Eu posso te dizer, como pai, que Spencer não ama Tyler, ela apenas é grata por tudo que ele vem fazendo por mim e por ela durante todos esses anos. Por mais que eu ame Spencer com tudo de mim, eu não quero que ela se case por gratidão por algo que mais tem a ver comigo do que com ela. Eu quero a minha filha feliz, Simon. Você acha que se a amasse, poderia fazê-la feliz? — questiona.

— Eu não sei... — digo, perdido com tudo que ele está fazendo eu ver e reviver em meus próprios pensamentos.

— Eu quero viver para vê-la feliz, mas caso eu não cons...

— Não fale merda, Mario. — Eu cerro meus olhos para ele.

— Se você pretende tomar alguma atitude quanto a situação de Spencer, apenas vá pelo caminho certo. Seja mais do que já mostrou a ela e cresça. Minha filha não precisa de mais problemas, e sim de solução — sentencio.

De longe, sou capturado pela imagem de Spencer e das crianças mais uma vez.

E se eu tentasse ser melhor por ela?

E se eu parasse mais uma vez de me importar somente comigo e focasse apenas nela, apenas em ser o melhor para ela?

Capítulo 17

Spencer Carter

“Paz!”

OBSERVO MEU PAI CONVERSAR COM O SR. E A SRA. WYATT E SOLTO UM SUSPIRO, SENTINDO MEU CORPO EXTREMAMENTE MAIS LEVE DESDE O MOMENTO EM QUE CONTEI TUDO A PEARL. Eu nunca pensei que contar o que está acontecendo conosco para alguém além de Tyler me faria sentir mais confiança sobre o assunto, pois a verdade é que Tyler nunca se preocupou em me dizer que tudo daria certo no final. Ele apenas me ajuda com a parte financeira, sempre estando no mesmo impasse que eu quando se trata da cura ou não do meu pai.

É mais do que revigorante saber que eu posso contar com a minha melhor amiga, seu marido e toda sua família, incluindo o Sr. e Sra. Wyatt que agora também sabem. Mesmo que eu saiba que nunca poderei agradecê-los o suficiente por todo suporte que eles estão nos dando, eu deixo claro a cada segundo que não poderia ter uma segunda família melhor do que a deles. Por mais que Pearl fale que eu sou da família, eu acho que não é bem assim. Somos melhores amigas e esse é o único laço que nos une. Não quero parecer uma estúpida interesseira, de jeito algum.

— Ei... — Sou puxada de volta para a realidade por alguém que está logo atrás de mim, deixando-me surpresa ao virar e encontrá-lo ali. — Você costuma fugir do barulho das festas de crianças assim? — Simon pergunta, bagunçando o cabelo já solto, diferente de minutos atrás.

— Absolutamente não — respondo, arqueando uma sobrancelha com seu tom extremamente agradável e amigável. — Você costuma fazer isso? — indago, abraçando meu corpo por conta do frio.

— Esse não é meu tipo de festa, para ser sincero... — Simon sorri de lado, olhando para além de mim com um ar despreocupado. — Você está com frio? — Volta a me encarar.

— Você está com febre? — retruco, sendo mais áspera do que o esperado.

— Deus, eu estava apenas perguntando, não precisa ser grossa comigo. — Ele revira os olhos, começando a tirar sua jaqueta preta de couro.

— O que você acha que está fazendo? O que acha que vai conseguir dessa vez? — sou direta na minha pergunta e espero que ele seja direto em sua resposta.

Se tem uma coisa que Simon não dá, é ponto sem nó.

— Toma, veste isso. — Ele estende sua jaqueta para mim, mas sou relutante em pegar a sua peça. — Vamos, Spencer, vista ou você pode seriamente congelar.

— Você não está exagerando um pouco? — provoco e ele cerra os olhos em minha direção.

Simon abre e fecha a boca diversas vezes, parecendo estar procurando as palavras certas para me responder. Depois de longos segundos, ele deixa o braço cair ao lado do seu corpo e suaviza o olhar em minha direção, o que me deixa estupefata. Eu esperava tudo nesse momento, menos isso.

— Me desculpa, tudo bem? — resmunga entre dentes, mal dando para eu escutar.

— O que você disse?

— Eu disse “me desculpa, tudo bem?” — Bufa, parecendo estar chateado consigo mesmo. — Me desculpa por ter feito o que fiz ontem com você, eu não estava em meu perfeito estado mental. Eu sei que não sou muito de pedir desculpas, mas eu estou me esforçando para deixá-la saber que minha intenção não foi diminuir quem você é por nem mesmo um segundo. Eu conheço você e sei que provavelmente se martirizou depois do ocorrido entre nós dois, mas eu não quero que pense que eu acho que você é uma vadia desmerecedora de respeito e afins. Eu realmente sinto muito pelo que fiz a você — ele completa, bagunçando seu cabelo freneticamente.

— Você e-está falando sério?

Tenho certeza que pareço uma tonta nesse momento, encarando Simon

de cima a baixo, mas eu sinceramente não consigo acreditar no que acabou de sair de sua boca.

— Sim e eu sinto muito também por ter te deixado sozinha anos atrás por conta de uma estupidez que nem de perto foi sua culpa. Eu era imaturo e ainda sou na maioria do tempo, mas eu precisava falar isso para você e te pedir desculpa, pedir seu perdão. — Agora eu realmente pareço mais idiota que antes. Simon, falando de antes? Quando eu pensei que ele faria isso, principalmente para se desculpar? Isso é uma novidade. — Você vai me desculpar ou eu vou ter que me ajoelhar na sua frente? — Ele revira os olhos, impaciente com minha falta de palavras, mas parece se arrepender imediatamente do que fez.

— Tudo bem — sussurro, piscando freneticamente. — Mas isso é sério ou você está apenas brincando com a minha cara? Porque eu sinceramente estou farta de suas brincade...

— Eu nunca falei tão sério em minha vida. Podemos recomeçar se quiser, como amigos é claro, uma vez que você é uma moça comprometida e eu não quero ter seu nome tatuado na minha bunda, assim como posso dizer que você também não quer ter o meu na sua... — ele brinca, estendendo a jaqueta mais uma vez em minha direção. — Vai aceitar agora? — pergunta.

— Sim — concordo, sorrindo de lado e pegando a jaqueta. — É um sim para os dois, certo? Eu não quero ter seu nome na minha bunda e prefiro que você seja um amigo. — Mordo meu lábio inferior e ele acompanha esse movimento.

Visto a jaqueta de Simon e ele pigarreia, fitando-me de cima a baixo.

— Parece que ela foi feita para você — diz e eu dou uma risada.

— Obrigada pela jaqueta. — Pisco para ele.

— Você vai me dar um abraço agora? — pergunta e eu arqueio a sobrelancelha mais uma vez.

— Isso tudo foi para pedir um abraço? — retruco.

— Um pouco — diz, cinicamente. Simon fecha a distância entre nós e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, fitando-me intensamente. — Você está linda, Cherry. Como sempre... — murmura,

inclinando-se para beijar minha bochecha e em seguida ele passa os braços por minha cintura e me tira do chão.

Suas ações me deixam mole, mais do que eu desejaria ficar.

Eu não sei o que está acontecendo com Simon e nem quero descobrir nesse momento, entretanto tenho que dizer que é bom. Quando ele não é um idiota comigo, ele sabe ser agradável e é isso que ele está sendo nesse momento.

— Você parece bem também — jogo de volta, tentando entrar no clima descontraído que ele trouxe consigo. Simon me coloca no chão e se afasta um passo para trás. — Ficou sabendo do papai? — pergunto e ele acena positivamente.

— Mario me contou agora há pouco sobre sua doença — ele diz, pensativo. — Ele é um cara forte, espero que não esteja preocupada quanto ao seu futuro. Mario vai sair dessa, não se preocupe. — Suas palavras me acertam de forma doce, como se ele soubesse que eu precisava escutar isso de alguém.

— Obrigada, Simon — agradeço-lhe, sinceramente.

Nós somos interrompidos por Christian e Ryle, que passam por nós dois correndo de mãos dadas. Simon arqueia uma sobrancelha e sorri.

— Eu pego o moleque e você pega a garota — indica e eu aceno positivamente. — Está pronta para correr atrás dos dois?

— Eu nasci pronta. — O empurro e saio correndo em sua frente, escutando sua risada logo atrás de mim.

Eu e Simon corremos atrás de Christian e Ryle, que não param de gritar por um só segundo. Quando consigo pegar Ryle, Simon faz o mesmo com Christian, que gargalha de forma fofa. Saímos para o gramado mais uma vez e caminhamos até a mesa onde Pearl e Cassie conversam com Seth e Sculler.

— Seus filhos realmente merecem o prêmio de “Pestes do Ano” — Simon atira, ao dar Christian para Seth e tomar Ryle de mim. — É melhor você abrir seu olho com sua filha, cara, ela realmente te trará problemas e caso não perceba, o problema está ao seu lado — Simon avisa de forma não tão polida, deixando todos confusos enquanto eu seguro o riso.

— Vocês não precisam entender o que ele diz... — eu cantarolo, fazendo-os rir.

— Um dia, vai ser tarde demais — Simon se defende.

— Sentem-se conosco — Cassie diz, com seu sorriso doce de sempre.

— Ah... Eu preciso ir ver o papai, se vocês não se importarem — digo, sentindo minhas bochechas esquentarem levemente.

— É claro que não, amiga. Aproveita e traz o Mario para cá também — Pearl fala e eu aceno positivamente.

— Se vocês nos derem licença... — Simon resmunga, segurando minha mão e me puxando pelo caminho.

Dou uma risada de sua atitude entediada.

— Você está tão agradável que até parece mentira — comento e ele me fita de soslaio.

— Se continuar repetindo isso, eu vou acabar ficando irritante de novo — diz, em tom de aviso e ameaça.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou. — Levanto minha mão livre para o alto em sinal de rendição.

Quando o dia começou hoje, eu não fazia ideia de que ele terminaria assim.

Capítulo 18

Simon Wyatt

“Limões para limonada...”

— EU APOSTO QUE VOU TER MAIS FILHOS QUE VOCÊ — atiro a Seth e ele arqueia uma sobrancelha em minha direção, enquanto Christian já dorme em cima dele e ele mantém um braço ao redor do corpo da minha irmã, que ri ao seu lado. — O quê, você quer apostar o contrário? — indago cinicamente e Pearl rola os olhos.

— A única coisa que eu aposto aqui é que o tamanho do meu p...

— Seth Sawyer, olha a linguagem — Cassie o repreende e eu dou uma risada.

— Você nem me deixou terminar, mãe — Seth reclama. — O que eu queria dizer, é que a única coisa que eu ainda aposto é com a minha mulher sobre qual vai ser o sexo do nosso próximo bebê. — Minha irmã sorri, encarando seu marido e eu reviro os meus olhos.

— Vocês são chatos — afirmo, virando meu rosto e fitando Spencer com Mario. Os dois conversam em tom baixo ao meu lado e eu observo Spencer assentir. — Vocês já querem ir para casa? — questiono e a nossa mesa fica em silêncio.

— Spencer disse que vai chamar um táxi para no...

— Eu posso levar vocês — afirmo, dando de ombros. — Eu já não quero mesmo ficar aqui no meio desses casais enjoados. — Bufo, revirando meus olhos.

— Eu e seu pai não somos um casal enjoado — minha mãe se defende e eu viro para fitá-la. — Mas você faz bem, querido. Deixe Spencer e Mario em casa com cuidado — indica.

— Eu sou um bom motorista — jogo, rolando os olhos para sua colocação. — Amanhã cedo eu apareço por aqui com mais um presente para

Christian e um para Ryle também — aviso aos seus pais, que me fitam desconfiados.

— Sem muitas surpresas, por favor — Pearl pede e eu lanço um sorriso cínico em sua direção.

Eles mal podem esperar pelo meu presente.

— Tchau para vocês — digo uma última vez, levantando-me e ajudando Mario a fazer o mesmo. — E aí, Mario — resmungo, passando seu braço por meus ombros.

Por ora, ele se nega a usar uma cadeira de rodas, mas se o tratamento continuar a enfraquecê-lo dessa forma, não demorará muito até ele concordar que precisa da cadeira de rodas. Enquanto isso, não vejo problema nenhum em ajudá-lo, já que ele também me ajuda de volta com seus conselhos sábios.

Começo nossa caminhada, enquanto escuto Spencer se despedir do pessoal. Sei que estou fazendo a coisa certa agora, indo pelo caminho certo. Agora preciso apenas controlar a vontade de beijar Spencer toda vez que ela se aproxima de mim.

Resumindo tudo que Mario me disse horas atrás: eu tenho limões, agora eu só preciso espremê-los para deixar Spencer ver que eu sei fazer uma limonada. Certo, essa foi uma comparação grosseira, mas é exatamente o que Mario quis me dizer. E eu entendi, realmente entendi. Eu, bem no fundo, não sou tão idiota quanto Spencer pensa que eu sou, agora eu só preciso mostrar isso a ela. Temos que ser amigos antes de qualquer coisa. Ela precisa ver que eu a respeito.

— Vejo que finalmente tomou uma atitude — Mario murmura, com um tom divertido em sua voz.

— Antes tarde do que nunca — retruco, rindo contra minha vontade. — Se não fosse por você, eu não teria conseguido. Obrigado por isso — eu o agradeço.

— Não fiz mais do que minha obrigação como pai. Quero ver minha filha feliz, nada mais que isso — rebate e eu aceno positivamente.

— Você sabe quando o noivo dela vai aparecer? É um pouco estranho ele não estar por perto quando ela precisa. Além do mais, o casamento dos

dois não será em breve? — pergunto, tentando obter alguma informação sobre o homem.

— Eu não faço ideia de quando ele vai aparecer. Lembro de ter ouvido Spencer falar com ele ao telefone e eu acho que em um mês ele estará de volta, mas posso perguntar a ela para falar para você, se quiser.

— Não é preciso. — Seguro o riso. — Não quero que sua filha ache que eu estou oferecendo ajuda a vocês em troca de informações ou algo do tipo. Eu vou dar um jeito de obter algumas pistas sobre ele assim que tiver tempo livre — afirmo.

— Minha oferta continua de pé, não só para te falar sobre a vinda dele, mas como para qualquer outra coisa. Sou grato pelo que Tyler fez por mim e por minha filha, mas ele não é o certo para ela — Mario diz, antes de Spencer aparecer ao nosso lado.

— Ei, vocês não me esperaram... — ela atira, torcendo o canto dos lábios. — Sobre o que estão falando?

— Sobre o tempo — Mario se pronuncia e eu gargalho, observando a cara incrédula que Spencer faz.

— Você está mentindo para mim, papai? — questiona, desconfiada.

— Eu nunca mentiria para você, filha. Estávamos falando sobre o tempo, pode acreditar — Mario se defende.

Puxo minha chave do bolso da calça e destravo o carro, abrindo a porta traseira e ajudando Mario a entrar. Spencer fica nos observando e assim que eu bato a porta, abro a do passageiro para ela. Dou a volta no carro e entro, ligando o ar e dando partida enquanto coloco o cinto de segurança.

— Sou apenas eu, ou vocês estão com fome também? — indago assim que deixamos a propriedade de Seth e Pearl.

— Eu estou com fome também — Mario confessa e eu fito Spencer de soslaio. — Na verdade, um café seria de bom tamanho agora...

— Eu digo o mesmo. Hoje o tempo está um pouco frio, então qualquer coisa quente seria bom para nos deixar confortáveis — Spencer finalmente fala algo. — Eu vou fazer algum café para nós assim que chegarmos em ca...

— Nós poderíamos apenas comprar, Spencer. Por que se cansar, se já pode comprar pronto?

— Mas eu não trouxe dinheiro — retruca, defendendo-se.

— Eu vou fingir que não escutei isso e vou perguntar uma única vez: quem quer café?

Escuto Mario rir e observo Spencer revirar os olhos assim que paro em um sinal vermelho.

— Eu digo sim ao café! — Mario é o primeiro a concordar.

— Eu digo sim ao café! — repito, cruzando os braços e fitando Spencer.

— Eu digo sim ao café! — Finge animação, o que tira minha risada ao mesmo tempo que volto a dirigir.

Não muitos minutos depois, estaciono em frente à Starbucks. Pego minha carteira e deixo os dois dentro do carro, avisando que não vou demorar. Entro no estabelecimento e fico atrás do único cliente, esperando minha vez para ser atendido.

— O que deseja? — o atendente pergunta assim que chega a minha vez.

— Um café e chocolate expresso e um cappuccino tradicional — peço, observando o menu no balcão. — Dois croissants e um pedaço dessa torta de maçã, por favor — completo.

Eu sei que Spencer, quando tem a escolha, prefere chocolate à café. Como eu a deixei no carro com Mario e eu sei do que ela gosta, pois costumávamos vir à Starbucks quase todas as noites, acho que devo levar o que ela prefere, que é chocolate expresso e torta de maçã.

Pago por nossa comida e bebida, caminhando para o outro lado do balcão para esperar pelo meu pedido. Felizmente o movimento é pouco e logo tenho tudo que pedi nas mãos. Volto para o carro e entro sem muita dificuldade, deixando nossas bebidas com Spencer e o outro saco no painel.

— Eu trouxe algo para acompanhar — aviso, ligando o carro e dando partida, pegando meu copo que Spencer estende para mim.

Spencer entrega o copo de Mario para ele e logo estamos comendo, bebendo e conversando aleatoriamente. Spencer não diz nada sobre a escolha que eu fiz para ela, mas por um par de vezes eu a ouvi suspirar satisfeita. Eu definitivamente acertei.

Estaciono em frente à casa de Mario e saio, deixando meu copo já vazio no suporte e trazendo apenas a chave do carro comigo. Abro a porta traseira e espero que ele saia para poder passar seu braço por meu ombro outra vez.

— O café estava bom, rapaz — Mario agradece e eu aceno positivamente. — Você também vai aparecer aqui amanhã? — indaga, enquanto caminhamos até a entrada.

Posso ouvir os passos de Spencer logo atrás de nós dois, mas ela não fala nada.

— Provavelmente sim — reprimo a vontade de dar de ombros. — Acho que recebi alguma mensagem dos meus colegas de time sobre um especial da liga que vai passar na televisão, só os melhores momentos. Se quiser, podemos me assistir sendo foda nos jogos, que tal?

Mario ri e eu posso jurar que escuto Spencer rindo também, mas não posso me certificar disso.

— Sempre muito humilde, Simon... É por isso que eu gosto de você — Mario retruca, irônico.

— Impossível não gostar de mim. Se encontrar alguém por aí que me odeia, pode ter certeza que essa pessoa é cega ou surda — atiro.

— Talvez a pessoa possa ter um cérebro — Spencer diz, passando por nós para abrir a porta.

— Isso é uma indireta, Cherry? Pensei que já tivéssemos virado essa página. — Finjo-me de ofendido.

Ela abre a porta e se vira para nós.

— Estamos na mesma página, Simon... é só que sempre vai ter uma pessoa que não gosta de você e nem por isso ela vai ter alguma deficiência.

— No meu caso, sim. Você já ouviu minha voz e já viu minha cara?

Foda-se, é impossível não gostar de mim. — Arqueio uma sobrancelha para ela.

— Vocês vão começar a brigar? — Mario pergunta entediado e nós rimos. Eu o deixo na porta de sua casa e ele apenas acena para mim antes de entrar. — Obrigado pelo café e pela carona — diz, antes de fazer seu caminho sozinho para dentro.

Eu e Spencer ficamos em silêncio, observando-o desaparecer pelo seu caminho.

— Obrigada pelo chocolate e pela torta. Eu não imaginava que você ainda lembrava do que eu gosto. — Spencer finalmente chama minha atenção.

— Eu seria louco se não lembrasse do que você gosta, afinal éramos viciados em Starbucks. — Pisco para ela, que sorri sem graça. — Eu acho que seria louco se não lembrasse tudo relacionado a você.

Seu sorriso vai morrendo aos poucos, enquanto inclino-me para beijar sua bochecha.

— Obrigada também por ajudar meu pai — ela segura meu rosto e beija minha bochecha de volta. — Ele gosta da sua companhia e você não tem razão nenhuma para estar ao lado dele, mas mesmo assim está. Muito obrigada, Simon — sussurra por fim.

Afasto-me de Spencer, encontrando seus olhos verdes marejados, mas ela não deixa as lágrimas caírem, apenas sorri.

— Boa noite, Cherry.

— Boa noite, pirralho.

Balanço minha cabeça negativamente, mas não deixo de gargalhar ao ver seu sorriso outra vez. Faço meu caminho de volta para o carro e quando me sento no banco novamente, tenho o sentimento de que finalmente tudo vai dar certo.

Capítulo 19

Spencer Carter

“O convite de um amigo...”

FECHO A PORTA DO QUARTO DO MEU PAI E ABRAÇO MEU CORPO, SOLTANDO UM SUSPIRO DE ALÍVIO. Há bastante tempo eu não o vejo sorrir tanto quanto ele sorriu hoje e eu sei quem foi a causa desse sorriso: Simon. Desde ontem eu andei tendo muitas surpresas: Pearl descobrindo sobre a doença do papai, o apoio da família dela por nós... mas o principal foi Simon. Hoje mais cedo, na festa de Christian, quando ele me pediu desculpas eu não fazia ideia de que era real. O que esperar de alguém que brinca na maior parte do tempo? Suas pequenas atitudes depois disso foram me deixando cada vez mais intrigada. Ele parece se importar não só com o meu pai, mas comigo.

Eu conheço Simon e ele não é do tipo que se importa e deixa isso à vista para que todos percebam. Se ele faz algo de bom, ele prefere que isso fique apenas nos bastidores, o que é um pouco contraditório levando em consideração a sua personalidade. Eu não sei se o intuito dele é fazer com que eu perceba, pois se for, ele está tendo êxito. É impossível não ver o que ele fez hoje por meu pai. O jeito como ele o tratou, o fez rir e lhe deu atenção sem pedir nada em troca.

Isso tudo me faz lembrar de Tyler e o fato de nós dois termos assuntos pendentes a tratar. Ontem ele me disse que ligaria hoje à noite para conversarmos, pois ele estava ocupado, como sempre.

Pego meu celular e me sento na poltrona do papai, observando nossa casa velha e completamente deteriorada. Fecho meus olhos e quando eu os abro, vejo tudo como era antes. Em frente à árvore de natal eu estou sentada no chão abrindo os presentes, enquanto meus pais se abraçam, sorrindo e me encarando.

Minha mãe era tão linda.

Fecho meus olhos outra vez e quando eu os abro novamente, estou de volta à realidade. Mordo meu lábio inferior, desejando que fosse eu no lugar da minha mãe ou do meu pai. Lembro-me como se fosse ontem de pedir para o “papai do céu” curar a minha mãe e passar sua doença para mim. Quando eu a perdi, confessei ao meu pai meu pedido, zangada com a vida, zangada com o “papai do céu” por ele não ter atendido minha oração e tudo que ele conseguiu me dizer foi que “o papai do céu precisa da sua mãe mais do que nós dois. Eu tenho você e você me tem. Deus acha que isso é o suficiente para nós nesse momento”.

Eu não entendia o que ele queria dizer para mim, eu só queria minha mãe de volta. Eu queria seu cheiro de volta na nossa casa, sua voz enquanto cantarolava alguma música para eu dormir e seu sorriso, que sempre me fazia sorrir com ela.

Agora eu acho que entendo o que meu pai quis dizer com aquela frase. Fomos o suficiente um para o outro depois que minha mãe morreu e eu sei que ele não teria continuado sem mim. Agora, eu o encaro da mesma forma que ele encarava minha mãe, a única diferença é que nenhuma pessoa nesse mundo é para mim o mesmo que eu fui à para o meu pai naquele momento. Se ele me deixar, eu temo não conseguir continuar. É por isso que eu penso positivo na maior parte do tempo. Não imagino a minha vida sem o meu pai, não imagino de onde eu tiraria forças para continuar minha vida sem ele ao meu lado.

Meu celular começa a vibrar na minha mão e eu observo o nome de Tyler piscar no visor arranhado. Atendo, sem muita vontade.

— Oi, Ty... — sussurro, deitando minha cabeça no encosto e fechando os olhos.

— Oi, babe! — retruca, soando animado demais para quem passou o dia trabalhando. — Acabei de finalizar mais um ensaio e já estou reservando seu espaço na minha agenda para a próxima semana...

— Meu espaço na sua agenda? — minha voz sai mais irônica que o esperado, mas não consigo evitar.

— Foi só modo de falar. — Ele ri. — Estou no metrô, voltando para o hotel. Tudo bem por aí? — questiona.

— Sim... Eu realmente queria conversar com você, mas parece que você está sem tempo para mim na sua agenda até a próxima semana — resmungo, abrindo meus olhos apenas para revirá-los.

— Não fique chateada. — Ri mais uma vez e isso me irrita profundamente. — Eu tenho mais dois eventos para cobrir nessa semana e duas sessões privadas de fotos. Realmente tenho muito trabalho nesse momento, mas logo estarei à trabalho em Los Angeles e irei direto para você, Spencer.

— Tudo bem, Tyler. Só queria te dizer com mais urgência que não precisa mais mandar dinheiro para mim, eu já consegui dar um jeito sobre o tratamento do papai...

A ligação começa a falhar bem nessa hora. Ótimo! Escuto a voz de Tyler sendo cortada e nossa ligação cai. Deixo o celular no meu colo e espero sua ligação novamente, enquanto continuo fitando a sala à minha frente.

Longos minutos se passam e o retorno de Tyler não vem.

— Que seja... — digo a mim mesma, levantando e indo direto para o meu quarto.

Deito-me na minha cama e encaro o teto escuro, mordendo meu lábio inferior. Meu celular começa a vibrar outra vez e eu o puxo, atendendo sem nem checar o visor.

— Tyler, nós realmente...

— Da última vez que eu chequei minha ID, eu me chamava Simon — sua voz rouca me surpreende do outro lado. — Oi para você, Cherry.

— Oh, oi, Simon... — Reprimos um sorriso de se formar nos meus lábios. — Você não saiu daqui há apenas uma hora? — indago.

— Sim e eu já estou deitado pensando sobre o que tenho que fazer amanhã. Posso passar amanhã cedo para pegar você e Mario? Precisarei da ajuda de vocês dois...

— Para...?

— Para entregar o presente de Christian para ele. — Ele ri baixo.

— O que você está aprontando, Simon? — retruco.

— Nada demais, Cherry. — Eu o imagino estar dando de ombros nesse momento. — Então, você vai me ajudar? — insiste.

— Tudo bem... — sussurro.

Ficamos em silêncio por alguns segundos até Simon voltar a falar.

— Estava falando com seu noivo? — pergunta e eu solto uma risada. — Não ria, eu sou apenas um pouco curioso. — Bufo.

— Sim, eu estava falando com ele, mas a ligação caiu — explico.

— Estranho — Simon murmura. — Sabe... — Pigarreia. — Eu andei pensando sobre antes, sobre nós dois.

Meu estômago embrulha só com esse pensamento.

— Você disse que nós somos apenas amigos, Simon...

— E amigos não podem conversar sobre o passado? — questiona e eu reviro meus olhos. — Quer saber sobre o que eu andei pensando, quero dizer... lembrando?

— Eu diria não, mas acho que sou tão curiosa quanto você — confesso e ele ri, antes de limpar a garganta mais uma vez.

— Lembra quando eu te pedi uma foto e...

— Não! — exclamo, tampando meu rosto com uma mão, envergonhada. — Não me lembre, eu estava bêbada, Simon.

— Era minha foto favorita até dois anos atrás, quando eu fui roubado — lamenta dramaticamente. — Quando eu te pedi uma foto, eu não pensei que viria um nude... Graças a Deus eu pedi aquela foto. Foi meu papel de parede por anos.

— Eu não acredito nisso — sussurro, sentindo minhas bochechas queimarem mais e mais a cada segundo. — Você está falando sério?

— Por que eu mentiria sobre algo tão sério quanto seus seios? — indaga, clinicamente.

— Você não presta...

— Cherry, estou apenas sendo sincero. Sinto falta daquela foto. Eu deveria ter salvado aquela imagem em mais lugares... sei que nós somos

apenas amigos, mas eu ouvi dizer que amigos também se olham pelados.

— Se ele for gay, tudo bem. Até onde eu sei, você não é gay e nem do mesmo sexo que eu, então isso não vai rolar entre nós. — Reviro os olhos.

— O que é uma pena — resmunga. — Mas eu estou brincando, era só para descontrair o clima entre nós. — Solto um suspiro. — Posso te fazer uma pergunta?

— Sim.

— Tem um evento que vai acontecer na próxima sexta-feira de premiação aos melhores jogadores da liga. É algo extraoficial, mas eu não tenho ninguém para levar. Sculler vai com Cassie, Seth vai levar a minha irmã e eu acho... eu acho que seria legal ter alguém ao meu lado. Uma amiga, Spencer. Você — ele fala em disparada, como se estivesse nervoso e ansioso.

— Isso é um convite? — Seguro meu riso e arqueio a sobrancelha para o nada.

— Sim, é um convite. Você quer ir comigo? — indaga.

— Como amigos?

— É claro, Spencer, afinal você está noiva. — Ele bufa.

— Tudo bem, acho que não tem problema... — Fecho os olhos. — Eu só não tenho um vestido para esse tipo de ocasião, sabe, nada com glamour.

— Posso comprar para você ou podemos marcar de irmos juntos algum dia em uma loja para você escolher algo do seu agrado — ele sugere e eu bocejo.

— Podemos ir juntos e levar as crianças conosco.

— Fechado — diz, como se estivéssemos fechando um acordo. — Boa noite, Cherry... de novo.

— Boa noite, Simon.

Capítulo 20

Simon Wyatt

“Ciúmes, Spencer?!”

BUZINO DUAS VEZES, ABRINDO A PORTA DO CARRO E SAINDO PELA MESMA. Desde ontem à noite, quando falei com Spencer pelo telefone, fiquei uma pilha de nervos sem motivo algum. É claro que estou estranhando, afinal já faz muito tempo desde a última vez que fiquei nervoso, o interessante é que agora meu nervosismo está sendo causado pela mesma pessoa que o causou anos atrás: Spencer.

Eu a observo abrir a porta antes mesmo de eu chegar lá. Spencer está abraçada em Mario, que se apoia na filha enquanto os dois sorriem de algo que provavelmente estavam conversando lá dentro.

— Bom dia, Simon — Mario é o primeiro a falar assim que me encara.

— Bom dia, Mario. — Aceno com a cabeça, fitando sua filha. — Spencer. — Pisco para ela.

— Spencer me disse que você está aprontando algo para deixar Seth e Sculler loucos — Mario diz assim que eu tomo o lugar de Spencer e o apoio em mim. — É verdade?

— Sua filha está exagerando, como sempre — retruco, fazendo-o rir. — Estou apenas cumprindo meu dever de melhor tio do mundo. Os pestinhas me adoram.

— Parece que você vai ser um bom pai — Mario diz. — Parece que ela tem muita sorte...

— Ela quem? — Spencer dispara, fitando-me como se a frase tivesse saído da minha boca.

— A garota que Simon gosta. Ele não te contou? — Mario finge surpresa e eu tenho que reprimir meu sorriso ao máximo.

— Não, ele não contou... imagina se nós não fôssemos amigos —

reclama, apressando o passo até o meu carro. — Mas eu não quero saber, de qualquer forma.

— O que você está fazendo? — murmuro para Mario, observando sua expressão satisfeita.

— Também preciso abrir os olhos da minha filha, Simon. Você acha que o único cego da situação era você? Spencer não vê um palmo à frente do seu rosto. Ela está muito preocupada comigo para observar sinais implícitos nesse momento — murmura de volta.

— Você é um gênio, Mario. — Não consigo mais conter minha risada e isso chama a atenção de Spencer, que já está parada em frente ao carro com uma carranca no rosto.

— Só não me faça besteiras, Simon. Eu não tenho tempo para te ajudar a reconstruir tudo isso entre vocês outra vez — pede e eu reviro os olhos.

— Eu não vou fazer besteira, não se preocupe com isso — afirmo.

Chegamos ao carro e Spencer abre a porta de trás, ajudando-me a colocar Mario dentro do carro. Assim que ele está confortável, saímos do carro e batemos a porta juntos. Tento abrir a porta do carro para Spencer e ela empurra de volta, fazendo-me arquear a sobancelha em sua direção.

— Por que me chamou para um evento se já tem alguém, Simon?

— Quem disse que eu tenho alguém? — rebato, observando-a respirar fundo. — Se eu tivesse alguém, acha mesmo que eu chamaria você para ir comigo?

— Não. — Bufo.

— Exatamente, Cherry. Estou tentando descobrir se o sentimento que eu sinto por essa pessoa é platônico, entende? Não quero me arriscar outra vez sem ter certeza do que ela sente por mim também. — Spencer abre a boca para falar, mas acaba fechando sem dizer nada. — Por que ficou assim? — indago.

— É estranho ver você dessa forma, eu me assustei — confessa e eu a fito desconfiado.

— De que forma? — retruco.

— Apaixonado.

— Não estou apaixonado, ainda. Pelo menos eu acho que não — digo entre risos. — Não se preocupe, você vai sempre ter seu espaço no meu coração como a minha primeira — “e única”, eu diria, mas paro de falar.

— Muito engraçado. Você é podre, Simon Wyatt — ela bufa, tentando me tirar do caminho para entrar no carro, mas dessa vez eu que a impeço de abrir a porta.

— E o seu noivo? Quando ele vai chegar em Long Beach? — é minha vez de interrogá-la, a única diferença é que seu parceiro é real.

— Ele disse alguns dias atrás que voltaria em dois meses, mas ele conseguiu me encaixar em sua agenda e vai vir mais cedo, na próxima semana — ela diz, toda irônica e eu mordo meu lábio inferior para não rir novamente, porque posso sentir sua raiva de longe.

— Finalmente vou conhecer seu digníssimo, Cherry. Mal posso esperar por esse dia. — Abro a porta para ela. — Entre. Tem café para Mario e chocolate para você, podem se alimentar. — Espero ela entrar.

— Eu vou pensar duas vezes antes de apresentar você ao Tyler — ela atira e eu sorrio, inocente.

— Vou ser um bom garoto, Cherry, eu prometo. — Bato a porta, finalizando essa questão.

Então na próxima semana eu finalmente vou conhecer esse filho da puta do caralho.

Estou ansioso e não é pouco.



FINALMENTE, DEPOIS DE LONGOS MINUTOS NÓS CHEGAMOS AO NOSSO DESTINO. Tive Spencer e Mario no meu ouvido por quase trinta minutos, perguntando qual era o presente e quando finalmente entreguei a

eles, os dois se dividiram entre rir e ficar preocupados. Agora que chegamos à casa de Seth, os dois me fitam como se me perguntassem se eu realmente estava fazendo aquilo de verdade.

— Você não quer ir chamar as crianças para mim, Spencer? — pergunto e ela dá de ombros, dando um beijo na bola peluda e entregando à mim.

— Seth vai querer te matar e Sculler também — resmunga antes de sair do carro e eu apenas dou ombros.

— Você acha que eu vou sair morto daqui? — pergunto à Mario e ele ri.

— Só se for de abraço e beijo. As crianças vão amar os cachorros... talvez os seus pais não, mas não há o que ser feito quando um filho quer e tem algo — Mario diz e eu assinto, pois ele tem toda razão.

Vou para o banco de trás e fico conversando com Mario enquanto as duas bolas de pelos se lambem sem parar. Qual seria a graça de dar um cachorro apenas? Dois é muito melhor.

— Eles estão vindo — Mario diz e eu observo de longe Seth trazer Christian em seu braço e Sculler ao seu lado, trazendo Ryle da mesma forma. — Prepare os ouvidos.

Minha irmã vem logo atrás, com Cassie, Spencer e meus pais. Parece que todos acabaram dormindo por aqui depois da festa. É bom que ninguém ficará de fora da apresentação dos novos membros da família.

Deixo o cachorro e a cadela no chão do carro e saio com cuidado para não deixar que eles escapem e estraguem a surpresa. Sorte que eles são filhotes, então o latido virá só daqui algumas semanas, segundo o que a veterinária me disse.

— Ei, família! — Sorrio de lado, encostado na porta do carro.

— *Titi!* — Christian e Ryle exclamam sonolentos, mas acordando aos poucos.

— Vocês estão prontos para receber o melhor presente de todos os tempos? — pergunto e os olhos dos dois expandem.

Eu sei como acordar crianças.

Eles gritam em uníssono que “sim” e são colocados no chão pelos seus pais, que me lançam olhares desconfiados. Observo que tenho a atenção de todos e seguro o riso. Christian e Ryle dão as mãos, provavelmente ansiosos para o que eu tenho para eles dois.

Sem contagem regressiva ou aviso, abro a porta do carro e as bolas de pelos saem de lá. Dois cachorros, um para Christian e outro para Ryle. Husky Siberiano é uma boa raça, eu não sei por que todo mundo arregalou os olhos como se eles fossem horrendos monstros.

Christian e Ryle gritam sem parar e começam a correr atrás dos filhotes ao redor do campo. Eu não consigo deixar de rir. Se Seth e Sculler já tinham uma grande cota de merda para limpar todo dia, agora eu dupliquei o trabalho deles.

— Eu não acredito que você fez isso... — Sculler é o primeiro a quebrar o silêncio.

Ajudo Mario a sair do carro e nós nos encostamos ali na máquina.

— Dois fodid...

— Amor! — Pearl corta Seth, abraçando-o por trás.

— Amor, Girassol? Olha o que seu irmão deu de presente para o nosso filho... *um cachorro*. Sabe quanta merda esse animal tem dentro dele? Uma tonelada que ele parcela de dia em dia — Seth reclama e eu gargalho, ouvindo Spencer fazer o mesmo.

Minha irmã reprime o riso, escondendo-se atrás do marido.

— De nada, Seth. — Pisco para ele, que respira fundo, observando Christian finalmente agarrar o filhote. — Eles não são fofos? — indago.

— Poderia ter comprado apenas um que as crianças dividiriam o presente — Sculler reclama, de sua forma mais controlada do que Seth, mas reclama.

— Dividir um cachorro? Isso soa horrível, cara. Eu não queria ser a razão pela qual Ryle choraria o dia inteiro desejando ter um cachorrinho apenas seu. — Reviro os olhos.

— Boa sorte aos pais — minha mãe diz e todos nós rimos, menos Seth e Sculler, que continuam encarando os cachorros como se fossem dois quebra-cabeças.

Christian e Ryle se aproximam de nós, sujos de terra e com sorrisos enormes, enquanto os filhotes lambem seus rostos. Puxo meu celular do bolso e tiro uma foto deles. Mais uma para a minha coleção interminável.

— *Chorrinho!* — Ryle diz, sentando-se aos pés de Sculler, que finalmente deixa sua expressão suavizar.

— *Papa!* — Christian chama Seth, que revira os olhos, mas não deixa de atender o filho.

— Você gostou do presente? — pergunto a Pearl assim que ela se encosta ao meu lado.

— Seth vai enlouquecer, mas eu amei — sussurra, rindo de forma contida.

— Quem mandou querer ter tantos filhos? Agora vai ter que aguentar os adereços que vêm com eles — digo alto, chamando a atenção de um Seth carrancudo que recebe uma lambida do filhote bem na boca.

Pelo resto do dia, a atenção principal foram as crianças e seus presentes. Seth não parou de reclamar por um segundo e eu não parei de rir da cara dele e de Sculler também por nem um segundo.

Se todos os dias fossem como esse, a vida seria muito fácil de lidar.

Capítulo 21

Spencer Carter

“Oh, o ciúme...”

ENCHO UM COPO DE ÁGUA, ENQUANTO FECHO A TORNEIRA DA PIA E ME ENCOSTO NO BALCÃO. Minha atenção é puxada por Simon e meu pai, que estão sentados do outro lado diante da mesa de jantar da sala ampla e bonita do apartamento do loiro. Depois de ter deixado Seth e Sculler loucos, Simon combinou comigo e com meu pai de nos juntarmos a ele no fim de semana para um jantar simples entre amigos. É claro que eles dois estão se divertindo bastante falando sobre a temporada de futebol, diferentemente de mim que apenas os observo.

Durante os dois dias que se passaram, esperei por algum sinal de Tyler, mas nada veio. Estou ansiosa para falar com ele, porque de alguma forma não acho que as coisas estão mais dando certo entre nós. De fato, eu ainda gosto dele, mas é o gostar de sempre: como amigos. Eu não sei qual será a reação dele quando eu tentar explicar o que ocorreu entre Simon e eu, mas se ele quiser terminar, não vai ser eu a implorar que ele não o faça. Eu sempre deixei claro minha gratidão por ele e eu apenas reforçarei isso caso cheguemos a um fim nessa próxima semana.

— Ei, filha! — papai me chama e eu tomo minha água de uma vez, voltando até eles. — Simon disse que pode me levar ao estádio MetLife em Jersey para assistir a algum treino no próximo mês. Será que o médico vai me deixar viajar só por dois dias, no máximo? — questiona, como se nós tivéssemos trocado de lugar na hierarquia familiar.

Sorrio de lado, passando minha mão por seu cabelo ralo e alguns fios vêm entre meus dedos, deixando-me alarmada. Meu sorriso morre aos poucos quando meu pai percebe o que acabou de acontecer. Consigo escutar meus batimentos bem ao pé do meu ouvido, enquanto engulo o caroço que se formou na minha garganta.

— Eu acho que posso ligar para ele, apenas preciso pegar meu celular

e... e... eu já volto — digo, saindo em disparada até a sala de estar.

Sento-me no sofá, levando uma mão até minha boca enquanto observo o cabelo do meu pai, mesclado entre preto e grisalho, em minha outra mão. É claro que eu sabia que isso viria a acontecer, mas não pensei que seria tão impactante — pelo menos para mim. Isso é mais um indício do que está por vir e meu pai nem mesmo está na metade do seu tratamento.

Esfrego minha mão por meu rosto, chutando minhas sapatilhas dos pés e juntando minhas pernas ao meu peito, abraçando-as com força. Encaro diretamente aqueles fios, sentindo meus olhos encherem-se de lágrimas que eu não me atrevo a deixar cair.

— Eu levei Mario para um dos quartos, assim ele pode descansar um pouco. — Simon chega sorrateiramente, sentando-se ao meu lado e pigarreando. — Não faça isso com você e nem com ele, Spencer — resmunga, segurando minha mão e tentando puxá-la para si.

— Eu só fiquei... eu não sei, Simon. Eu acho que não estava preparada para ver meu pai começar a ficar debilitado por causa do seu tratamento. Eu fico amedrontada com isso, porque a minha mãe, ela...

— Não precisa lembrar-se disso. Sei da sua mãe, mas eu não quero que você fique triste, Cherry. — Ele me faz abrir a mão e tira os fios de lá. — Minha mãe costuma dizer que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Acredite em mim, ele está bem e feliz.

Balanço minha cabeça positivamente, observando ele sorrir para mim. Meu coração acelera e meu corpo reage sem minha permissão. É claro que meu corpo reagiria. Simon está sendo gentil, atencioso e paciente. Além disso, ele está sem camisa e eu preciso pontuar que ele fica muito bem sem camisa.

— Você quer tomar alguma bebida? — pergunta, levantando-se. Acompanho-o com o olhar e ele acaba me pegando fazendo isso quando vira para me olhar sobre o ombro. — Vinho ou cerveja?

— Cerveja — digo, endireitando-me no sofá.

Simon some de vista e eu aproveito para me levantar, enquanto observo o local mais atentamente. Desde que ele chegou, percebo que veio colocando

coisas aqui e ali pela sala, dando seu toque particular na decoração. Não é nada demais, mas eu posso perceber o que ele vem fazendo. Observo os porta-retratos espalhados, achando internamente um pouco de graça ao ver a quantidade de fotos que Simon tem com Christian e Ryle.

Pego um troféu que está na mesa de centro, lendo o nome cravado de Simon como melhor Quarterback da temporada passada do seu time, Giants. Dessa vez é inevitável não sorrir ao ver sua conquista. Esse sempre foi o seu maior amor e seu escape do mundo normal.

— Eu vou ser o melhor, você vai ver. O topo é onde eu quero chegar — Simon repete, pegando uma fatia de pizza, enquanto estamos estacionados na parte de trás da pizzeria.

Acabamos de chegar das entregas e ele veio falando isso durante todo caminho, pois finalmente está sendo notado no time da sua escola.

— Você vai ser o melhor, pirralho, agora dá para trocar o disco?

Ele segura meu rosto, com os dedos engordurados e eu reclamo, tentando afastá-lo, mas é impossível.

— Você vai ter que me aguentar, é melhor treinarmos logo, Cherry. Em breve vamos morar juntos, que tal? — Arregalo os olhos, assustada e acabo rindo completamente nervosa.

— Você é realmente louco se acha que eu estou indo morar com você — digo, ainda tentando afastá-lo. — Consegue se ouvir? Isso parece um pedido de casamento.

— Não é um pedido de casamento. Eu não quero me casar tão cedo... — Ele sorri. — No entanto, é um pedido para juntarmos nossas trouxas e irmos para um lugar só nosso em breve, claro, mas é um pedido que fica de pé até que eu consiga dinheiro suficiente para sustentar nós dois.

— Olha bem para minha cara e me diz se eu tenho cara de quem vai ser sustentada por homem...

— Se esse homem se chama Simon Wyatt, é claro que tem, Cherry. — Ele finalmente solta meu rosto.

— Você me sujou, Simon — cuspo, chateada por não saber e não ter o

que responder a ele.

— Você parece linda, garota da pizza — caçoa, irritando-me ainda mais. Atiro minha pizza no meio da sua cara e ele me fita incrédulo atrás do molho de tomate. — Você é completamente malcriada, Spencer Carter — diz entre dentes.

— Se meu pai escutar isso, você vai voltar para casa sem suas bolas loiras. — Sorrio de lado, observando ele tentar segurar seu próprio sorriso.

— Andou examinando muito minhas bolas, não é mesmo? — Ele joga a pizza que eu joguei em sua cara dentro da caixa.

— É sempre bom saber qual o estado das coisas que eu coloco na boca. — Dou de ombros, finalmente fazendo-o gargalhar.

— É por isso que eu absolutamente adoro você, Cherry. Quem mais teria tanto humor para me aguentar? — diz, deixando a cabeça relaxada no encosto do banco, nunca deixando de rir.

— Remédio para doido, é doido e meio — assobio, deixando a caixa de pizza no chão do carro e movendo-me para sentar nas pernas de Simon.”

— Aqui a sua cerveja. — Simon me puxa de volta das lembranças. — Gosta do troféu? — indaga assim que eu o encaro.

— Obrigada — agradeço, pegando a garrafa verde de sua mão. — É bem legal, para ser sincera — confesso, ainda com o objeto na minha mão. — Você gosta de ser o melhor? — pergunto o óbvio, pois já sei sua resposta.

— Quem não gosta? — retruca, aproximando-se mais um pouco de mim. — Eu gosto de ser o melhor, afinal eu trabalho duro para isso. — Balança os ombros.

Ficamos em silêncio por longos segundos. Simon pega o troféu da minha mão e o coloca em seu local de origem. Ele segura minha mão e me puxa pelo caminho até a sacada enorme do seu apartamento.

— Essa é a melhor parte de todo lugar e eu quero compartilhar com você — ele diz no momento em que passamos pela porta de vidro.

Assim que o vento frio bate em meus braços descobertos, acabo tremendo e tentando me esconder atrás de Simon. Observo tudo à minha

frente e suspiro. É realmente lindo. A praia pode ser vista mesmo de longe, assim como as luzes que iluminam a cidade, sejam quais elas forem. O céu também é outro ponto magnífico, já que tem tantas estrelas que eu mal consigo contá-las.

— É lindo... — sussurro.

De longe, escuto uma música baixa, mas que consegue ser o suficiente para deixar o momento estranhamente romântico.

— Parece que seu vizinho está apaixonado... — brinco e Simon deixa sua cerveja na mesa ao nosso lado.

— Meu vizinho? — indaga, soltando minha mão repentinamente.

— É... essa música e a letra... está escutando? — pergunto, com medo de isso ser coisa da minha cabeça.

— Não é meu vizinho, sou eu, Cherry. — Ele saca o celular do bolso do seu jeans, mostrando que é de lá que o som vem.

Levo a garrafa até minha boca e tomo dois goles grandes, tentando expulsar o nervosismo do meu corpo. Eu quase esqueci que Simon agora está apaixonado por uma garota que eu não faço ideia de quem seja, mas já secretamente desgosto dela.

— Está pensando sobre a sua garota? — questiono, assim que ele puxa a garrafa da minha mão e a coloca ao lado da sua.

Simon aumenta o volume e deixa o celular também em cima da mesa, virando-se para mim. Ele se curva, oferecendo a mão para mim e eu sorrio idiotamente, ainda não esquecendo do que eu lhe perguntei. Seguro sua mão e ele me puxa bruscamente, chocando nossos corpos e nos embalando ao ritmo da música.

— Ela não sai da minha cabeça, Cherry — ele finalmente responde, enquanto nos fitamos sem desvio. — Eu não consigo parar de pensar nela e, acredite, eu tento...

— Você vai me contar sobre ela? — pergunto, sendo uma completa masoquista sobre esse assunto. Tudo dentro de mim balança e dói, bem lá no fundo, ao escutar Simon falar de outra mulher. Mas ainda assim eu quero

saber. — Quer dizer, só se você quiser...

— Primeiramente, ela é linda. Não qualquer “linda”, mas realmente linda pra caralho. Nos conhecemos há algum tempo, mas ela é certamente mais bonita agora do que antes — começa, esfregando os dedos um pouco acima do meu cóccix. — Ela também é teimosa, mas isso deixou de me irritar tanto, já que suas qualidades são tantas que não tem do que reclamar...

— Quando vocês se conheceram? — indago, cada vez mais curiosa e incomodada.

— Há alguns anos — responde evasivamente.

— Você já se relacionava com ela quando nós... nós...

— Sim. — Dá de ombros, girando-me e puxando-me de volta.

— Por que não me deixou para ficar com ela? — continuo com minhas incontáveis perguntas.

— Perguntas difíceis requerem respostas difíceis, Cherry e eu não estou no clima para pensar em uma boa resposta para você. — Me puxa para mais perto, encostando a testa na minha.

— Você vai chamá-la para sair? Tipo, um encontro... — indago, torcendo para que ele diga que não. Meu Deus, eu sou uma tonta.

— Eu já chamei — retruca.

Solto sua mão e aperto seus ombros, desviando nossos olhares e abraçando-o com força. Simon está em outra e eu que pensei que ele nunca tomaria jeito por mulher alguma...

— Ela tem sorte... você está finalmente se tornando alguém com valores e sério, direito. Estou feliz por você — ele me abraça de volta pela cintura.

— Eu acho que sou o único sortudo aqui, agora só preciso fazê-la ver que eu sempre a esperei e sempre a quis, mesmo depois de tanto tempo — sentencio, fazendo mais inveja infiltrar-se para dentro de mim.

“Você, você se sente da mesma forma? Oh, me diga, babe...”

Capítulo 22

Simon Wyatt

“Fique...”

— VOCÊ QUER MESMO ACORDÁ-LO? — indago ao pé do ouvido de Spencer, que está comigo na porta do quarto onde deixei Mario. Ele está dormindo, parecendo confortável demais para seu próprio bem e mesmo eu, não tenho vontade de fazê-lo acordar. — Vocês podem ficar, eu não tenho problema com isso.

Spencer sobe seu olhar para mim, virando-se completamente para me encarar e fazendo nossos narizes se esbarrarem. Posso sentir seu hálito doce, por conta do sorvete que tomamos há pouco minutos atrás, controlando-me ao máximo para não a empurrar contra parede e tomar sua boca. É muito autocontrole para pouco Simon. Mas se eu quero fazer isso funcionar, eu tenho que me controlar até o último fio de cabelo.

— Você tem certeza? Ele realmente parece confortável, mais do que em sua própria cama... mas se quiser, posso chamar um táxi e...

— Não há problema algum e agora eu não vou deixá-los sair daqui — digo, puxando a porta e fechando-a outra vez com cuidado. — Você quer se trocar? Dormir de jeans é uma merda...

— Você vai me emprestar alguma coisa? — pergunta, finalmente afastando-se de mim com apenas um passo para trás.

— Eu tenho algo perfeito para você — afirmo, lembrando-me de um dos meus maiores sonhos. Eu seria burro se não realizá-lo agora. — Você vem comigo? — pergunto e ela assente.

Lidero o caminho até meu quarto e abro a porta, deixando Spencer entrar primeiro enquanto ligo a luz. Ela observa o local atentamente, diferente da última vez em que estive aqui.

— Da última vez que eu estive aqui, nós quase nos matamos... — comenta, parecendo divertida, o que acaba por me divertir também.

— Foi você que quase me matou com aquele abajur — atiro, indo atrás de algo dentro da cômoda que fica ao lado da minha cama. Eu guardo nela apenas coisas muito especiais para mim, então não há muito lá dentro, mas ainda assim tem um presente para Spencer. — Eu espero que goste do que eu tenho para você... — digo, puxando o tecido acinzentado de lá e virando-me para ela.

Spencer se aproxima de mim e eu estendo a camisa para ela. Eu a tenho guardada há bastante tempo. Quando entrei para o time da escola, não pude deixar de mandar fazer uma para ela, só não tive a oportunidade de entregar. Desde então, levo essa camisa para todo lado que eu vou, às vezes só para encará-la. A verdade é que eu não sei como ela vai reagir e isso corrói meu interior, pois estou ansioso para ver a sua reação.

— É da sua escola? — ela indaga, sorrindo e fitando a parte da frente. Assinto e ela continua a examinar a camisa, finalmente virando-a para a parte que interessa. Spencer morde o lábio, perdendo o seu sorriso e deixando um brilho incrédulo cintilar em seus olhos verdes. — “Cherry do Simon”? — murmura.

Ela volta a me encarar e eu acabo sorrindo, um pouco sem graça.

— Eu fiz essa para você, sete anos atrás. Era um presente, mas acabei nunca tendo tempo e chance para te entregar da forma certa. Seria algo para... Mmm... selar nosso relacionamento, mas não tivemos um. — Enfio minhas mãos nos bolsos do meu jeans.

— Por minha culpa — pontua e eu balanço meus ombros.

— Por nossa culpa. Mas isso já não importa, já que somos amigos e você continua sendo a minha Cherry, de outra forma, mas continua. — Pisco para ela, que finalmente sorri novamente. Melhor assim. — E então, gostou do presente?

— Sim, a camisa é bonita... posso usar seu banheiro? Para me trocar... você sabe...

— Claro — eu a corto, indicando para ela o caminho do banheiro, mas Spencer já sabe qual é.

Assim que Spencer entra no banheiro, eu sento em minha cama,

sentindo o seu cheiro tomar conta do cômodo aos poucos. Seu cheiro ainda é o mesmo de anos atrás, o mesmo que sempre foi meu favorito. Para ser sincero, seu cheiro ainda é o meu favorito, sem espaço para outro.

Levanto-me e pego uma calça de moletom para mim, aproveitando que ela ainda está lá dentro para me trocar. Jogo meu jeans para qualquer lugar ao mesmo tempo que Spencer sai do banheiro apenas vestindo a camisa que eu lhe dei. As suas longas pernas estão cobertas até a metade e, mesmo que ela use muitos vestidos, nada se compara a vê-la usando o meu presente.

— Parece uma camisola — diz, girando sobre os pés e sorrindo. — Mas é bastante confortável. Obrigada pelo presente atrasado.

— Você parece muito bem. — Pisco para ela. — Vamos? — indago, aproximando-me vagarosamente dela.

— *Vamos?* — retruca, confusa.

— Sim, vou mostrar o quarto que você vai ficar — explico, arqueando uma sobrancelha.

— *Ah, eu...*

Spencer pigarreia, parando de falar assim que eu paro em sua frente. Levanto seu rosto com meu indicador, notando o tom avermelhado de suas bochechas.

— *Você?* — Eu a incito a continuar falando.

— Eu pensei em... eu só pensei que poderia ficar aqui... com você...

Eu estou surpreso, muito surpreso, mas ao mesmo tempo fico extremamente satisfeito.

Spencer quer ficar.

— Tem certeza? — indago, tentando lhe dar mais uma chance para mudar de ideia.

— Se você não quiser, tudo bem, é seu quarto e eu...

— Eu quero — interrompo sua fala, percebendo que ela já está ficando muito nervosa. — Eu quero que fique. Eu quero dormir com você — murmuro cada palavra, dando sentido duplo a elas, mas Spencer ainda não

recua. — Eu sinto sua falta, Cherry.

— Eu sinto sua falta também. — Spencer morde o lábio inferior e eu respiro fundo, perdido naquele simples movimento de sua boca.

— Vamos deitar, então — digo depois de longos segundos.

Spencer se afasta de mim e faz seu caminho até minha cama. Eu assisto todos os seus passos atentamente, adorando a forma como ela se mexe. Ela é impecável como uma deusa. Absolutamente uma deusa.

Desligo a luz e me junto a Spencer na minha cama. Estamos deitados lado a lado com apenas um dos braços se tocando. Escuto sua respiração rápida e temo estar da mesma forma.

— Você não vai me achar louco se eu te propor algo? — quebro o silêncio e ela se remexe na cama, deitando-se de lado.

— Depende do que você vai me propor — retruca.

— Eu quero cuidar de você e do Mario — começo, virando-me da mesma forma. Encaramo-nos na penumbra do quarto, que me deixa ver os olhos assustados de Spencer. — Eu gostaria de tê-los aqui na minha casa. Sei que pode parecer estranho, mas seu pai precisa de conforto e você também. Posso mandar fazerem uma reforma na casa de voc...

— Simon — ela me corta. — Eu acho que isso é um pouco demais.

— Quando eu tive a ideia, eu pensei o mesmo, mas vocês precisam...

— Não precisamos de sua pena.

Franzo o cenho, passando meu braço por sua cintura e puxando-a para perto. Spencer planta sua mão em meu peitoral e eu posso sentir a palma gelada um pouco trêmula. Nossas respirações se embolam outra vez, mas eu estou estável.

— Não é pena — respondo, fitando seus lábios entreabertos. — Mario é um amigo e você é minha amiga. Amigos fazem isso, se ajudam. Eu realmente quero ajudá-los enquanto puder.

— Mas isso já é um pouco demais...

— Não para mim — afirmo. — Me deixe te ajudar, por favor. Eu fiz

muita merda na minha vida, as principais foram com você e eu estou tentando melhorar. Quero ajudar as pessoas e...

— Por que justo eu? — sussurra.

Sinto como se isso fosse um ultimato: fala ou não fala.

— Porque eu aprecio você — resmungo, encostando minha testa na sua. — Eu aprecio você como um amigo aprecia uma amiga e eu gosto de apreciá-la. Você é uma mulher incrível e eu estou fazendo isso para te dar um pouco de ar para respirar. Preciso que viva, Spencer e eu sei que Mario pensa o mesmo.

Spencer desliza a sua mão lentamente por minha pele, até chegar ao meu pescoço, onde ela esfrega o local com leveza.

— E a sua nova garota?

— Nesse momento eu estou pensando além dela — murmuro, tentado demais com nossa proximidade.

— Precisa perguntar isso ao papai, Simon. Estivemos vivendo por toda vida na nossa casa e eu não sei se vai ser tão fácil convencê-lo.

— Isso é um “sim” seu? — questiono e ela assente com a cabeça colada na minha.

— Eu vejo que não está brincando e que realmente se importa com meu pai e até um pouquinho comigo, mas lembre-se que não é sua obrigacã...

— Eu sei, eu sei — corto seu discurso. — Você não sabe o quão feliz me faz ao aceitar meu pedido — confesso, sabendo que convencer Mario é mais fácil do que Spencer, afinal ele está no meu time.

— Obrigada mais uma vez por tudo. — Spencer tenta beijar minha bochecha, mas ela acerta meus lábios.

Nós não nos movemos.

Eu sinto a maciez de seus lábios por curtos segundos até ela separar sua boca da minha. Esse acabou de se tornar um dos melhores dias de toda a minha vida.

— Durma — murmuro, endireitando-me na minha cama e puxando

Spencer para o mais próximo possível de mim.

— Boa noite, Simon.

— Boa noite, Cherry. — Beijo o topo de sua cabeça, sentindo seu corpo relaxar gradativamente até ela adormecer em meus braços.

Capítulo 23

Spencer Carter

“Perdida...”

SINTO MEU CORPO BALANÇAR, AO MESMO TEMPO QUE TENHO A IMPRESSÃO DE QUE NUNCA DORMI TÃO BEM EM TODA MINHA VIDA. Abro meus olhos, incomodada com a claridade e volto a fechá-los de forma imediata. Tento pegar um travesseiro, mas parece que tudo sumiu da cama, só não o lençol que está em cima de mim.

— Acorda, vadia — a voz de Simon me presenteia com sua bela frase e me faz rir instantaneamente.

— Você soa gay, pirralho — resmungo e sou puxada com força por meu pé esquerdo.

Simon puxa o lençol de cima de mim e eu abro meus olhos novamente, encontrando o sorriso que ele tem nos lábios.

— Talvez eu seja — ele brinca, segurando meu outro pé.

— Ah, é mesmo? — Arqueio a sobrancelha. — Ativo ou passivo?

— Ativo, com certeza. Na minha bunda não passa nada, linda.

Gargalho, mal acreditando no que acabei de ouvir.

— Nem um dedinho? — continuo e ele me puxa bruscamente, ficando no meio das minhas pernas e soltando meus calcanhares.

Simon inclina o corpo sobre o meu, fechando a pouca distância entre nós.

— Nem uma linha de costura.

Faço bico e ele acompanha esse movimento meu.

— É uma pena, pirralho — sussurro, jogando com ele. — Eu tenho colegas que certamente se interessariam por sua bunda. — Ele sorri abertamente. Tenho que suspirar, porque nunca vi Simon tão contagiante

quanto nesse exato momento. — Você parece... feliz...

— Eu estou feliz — sentencia, antes de beijar minha testa e endireitar-se de pé.

Simon oferece sua mão para mim e eu seguro, aceitando sua ajuda. Levanto-me ainda um pouco sonolenta e deixo ele me guiar até seu banheiro. Assim que estamos dentro do cômodo, Simon solta minha mão e pega uma escova de dente nova de dentro do seu armário acoplado à pia e entrega na minha mão.

— Você está pronta para ir encontrar seu pai? — pergunta, encostando-se na parede atrás de mim para nos fitarmos pelo espelho amplo.

Franzo meu cenho, um pouco desconfiada com seu tom, enquanto aplico um pouco de creme dental na escova.

— O que quer dizer com isso? — pergunto, sentindo-me confusa ao começar a escovar meus dentes.

— Temos uma surpresa para você, Cherry. — Ele cruza os braços em frente ao seu corpo e eu finalmente noto que Simon não está com a cara amassada e nem de calça de moletom. Ele está usando um par de jeans e camisa preta de manga. — Acabamos de voltar de um lugar e acho que vai gostar do que você está prestes a ver.

Fico em silêncio, encarando Simon afim de perceber alguma dica do que ele está falando, mas nada aparece em minha mente. Termino de escovar meus dentes e deixo a escova em cima da pia, inclinando-me para lavar meu rosto.

— O que você estava aprontando com ele? — indago, fechando a torneira e pegando a toalha branca que Simon estende para mim.

— Pouca confiança para muita amizade, Cherry. — Ele revira os olhos. — Confie em mim — fala simplesmente.

Enxugo meu rosto, virando-me para ele e encostando-me na pia.

— Eu confio, apenas estou... com um pouco de medo — confesso.

— Então não fique. — Volta a atirar e segura minha mão, puxando-me da mesma forma que fez minutos atrás. — Você estava falando sério sobre

aceitar ficar aqui comigo? — pergunta, soando nervoso.

— Sim, apenas pelo papai. Ele é quem vai decidir isso — retruco, mexendo minha mão sob a sua.

— Certo — resmunga.

Finalmente chegamos à sala de estar de Simon e eu quase não acredito no que estou vendo. Meu pai está sentado em um dos sofás assistindo televisão calmamente, mas isso não é o que me assusta, para ser sincera. O fato de sua cabeça estar raspada me faz estremecer em meu lugar.

— Ele acordou dizendo que não queria mais ter cabelo, porque isso te deixa triste, então eu o levei para raspar a cabeça, fazer a barba e dei-lhe algumas roupas novas — Simon explica em tom baixo para não chamar a atenção do meu pai. Ele aperta minha mão e entra no meu campo de visão. — Vai lá cumprimentá-lo, Cherry. E sem lágrimas, por favor.

Assinto, engolindo a vontade de chorar aos poucos. Solto a mão de Simon e ele sai da minha frente. Caminho devagar, nervosa em fitar meu pai face a face. Assim que estou na metade do caminho, ele percebe que eu estou me aproximando e vira-se para mim.

Meu pai não parece tão doente quanto antes, mesmo com a cabeça raspada. Na verdade, sinto como se ele tivesse tomado um bom ar. Mesmo com o semblante cansado, consigo vê-lo mais forte e isso me deixa extremamente feliz. Saber que Simon fez isso por e com ele secretamente derrete meu coração e eu não posso ter o coração derretido por Simon Wyatt.

— Pai... — sussurro, sentando-me ao seu lado e segurando suas mãos.

— Filha. — Ele sorri de lado. — Gostou do meu novo visual? — pergunta e eu acabo não cumprindo o que Simon me pediu.

Lágrimas tomam lugar em meus olhos e minha visão embaça, enquanto sorrio junto com ele.

— Você não precisava ter feito isso por minha causa, pai... — digo, mordendo meu lábio inferior para não começar a chorar como um bebê.

— Eu fiz por nós dois, querida. Eu sei que você ficou triste e assustada ontem e eu não gosto de vê-la assim. Eu estou doente e estou me tratando,

mas ainda espero que você viva durante a jornada que está passando comigo. Não se preocupe tanto, eu vou te deixar saber se algo estiver indo errado, mas enquanto isso eu quero vê-la feliz, quero ver seu sorriso bonito porque isso me dá forças para ir além do que eu posso suportar — enuncia, soltando uma das minhas mãos para enxugar algumas das minhas muitas lágrimas.

— Sinto m-muito por ontem...

Meu pai sorri e me puxa para um abraço.

— Está tudo bem, você não precisa se preocupar em se desculpar — diz, beijando minha bochecha.

Afasto-me dele para continuar ao seu lado, encarando o homem maravilhoso que ele é. Abano meu rosto, tentando controlar minhas lágrimas, o que acontece aos poucos enquanto Simon finalmente se aproxima de nós.

— Simon me ajudou com isso, deveria agradecê-lo — meu pai diz assim que o loiro se senta no sofá que fica na nossa frente.

— Obrigada, Simon — sussurro e ele acena positivamente com a cabeça.

— Foi divertido... — Dá de ombros, despreocupado.

— Acredita que ele também queria raspar a cabeça? — meu pai diz e eu arqueio a sobrancelha para Simon, surpresa. — Eu disse que não era para ele fazer isso, porque um de nós certamente já seria o suficiente para deixá-la emotiva.

— Absolutamente sim — defendo-me. — Eu não consigo imaginar você careca... — Eu analiso Simon, chegando à conclusão de que ele não ficaria tão bem careca quanto parece bem agora. Eu me rendo ao seu cabelo loiro e longo. — Eu gostaria menos de você — brinco.

Ele sorri maliciosamente e eu agradeço por meu pai estar aqui, pois tenho certeza que ele falaria alguma besteira feia se estivéssemos sozinhos.

— Então você gosta de mim assim?

Reviro meus olhos.

— Eu me acostumei com você assim — resmungo, tentando não encher seu ego.

— Tudo bem, Cherry, eu sei que no fundo você tem inveja do meu cabelo — diz, jogando os fios dramaticamente para o lado. Eu e o papai começamos a rir do que Simon fez e até ele mesmo ri. — Ah, eu não te disse, mas Mario já disse sim...

Franzo o cenho, fitando meu pai e depois voltando a encarar Simon.

— Sim...?

— É, para o nosso casamento, babe... Mario e eu vamos nos...

Pego a almofada e arremesso em Simon, que começa a rir mais ainda com meu pai.

— Você é ridículo — digo, reprimindo meu riso.

— Eu disse sim para a proposta dele, filha. Simon quer nos ajudar e eu aceito a ajuda que ele está nos oferecendo — meu pai explica e eu finalmente recordo-me.

— Parece que estamos de mudança, então... — assobio.

— Agora eu sou o pai do seu pai... e seu avô — Simon sentencia, levantando-se do sofá e fazendo seu caminho até a cozinha.

— O humor dele é implacável — meu pai diz rindo e eu faço o mesmo. — Mas eu estou começando a me irritar — gargalho, sabendo que ele está brincando.

— Eu também me irrita com Simon, mas é impossível não...

Paro de falar imediatamente.

Quando Simon chegou em Long Beach, semanas atrás, eu tinha certeza que ainda o amava, mas prometi a mim mesma que o expulsaria do meu coração. Agora é diferente... Não que eu tenha deixado de amá-lo, porque eu ainda o amo, mas o sentimento que eu sinto por ele está se misturando com muitos outros e enraizando-se em meu peito.

Amor, admiração e respeito são três dos sentimentos que mais estão me rodeando quando Simon se aproxima de mim ou mesmo quando eu apenas penso nele.

Estou perdida.

— Amá-lo? — Meu pai me puxa de volta dos meus pensamentos. — É isso? É impossível não amá-lo? Porque se for...

— Aturá-lo, pai. Aturá-lo — minto tanto para mim, quanto para ele.

Simon aparece na sala e sua expressão denuncia que ele ouviu tudo. Alerta da estúpida e burra Spencer Carter soltando merda pela boca. Eu realmente sou muito mais idiota do que pensava.

— Eu preparei o seu café — ele diz, encarando-me brevemente e desviando o olhar para longe. — Está tudo em cima da mesa.

Simon sai da sala outra vez, agora tomando o caminho para seu quarto.

— Até quando vai continuar mentindo para si mesma? — meu pai pergunta e eu o encaro.

— Eu... Eu não...

Encosto minha cabeça no sofá e fecho os olhos.

Eu não sei o que fazer.

Capítulo 24

Simon Wyatt

“Adore you...”

ARRANCO A CAMISA PRETA QUE ESTOU USANDO E ME DEIXO CAIR NA MINHA CAMA. Não posso dizer que fiquei com raiva em escutar Spencer falar que apenas me atura, senão estaria mentindo. Mas posso dizer que fiquei irritado e chateado com seu comentário. Eu poderia ter dado um ponto final entre nós em algo que ainda nem começou e eu nem sei se vai começar, mas eu não fiz esse caminho grande para nada.

Ela quer me menosprezar? Vá em frente, eu não vou deixar de fazer o que estou fazendo pelo simples comentário infeliz que ela soltou. Spencer ainda não percebeu, mas eu não vou parar de lutar por ela; eu não vou parar de lutar até consegui-la em meus braços.

— Porra... — resmungo, irritado demais para o meu próprio bem.

Puxo meu celular do bolso da minha calça e ligo para Quinn.

— Simon? — ele diz do outro lado assim que atende no segundo toque.

— Eu vou precisar da sua ajuda mais tarde — começo, fechando meus olhos com força. — Spencer e Mario estão de mudança para o meu apartamento e eu vou pegar as coisas deles, mas é óbvio que eu não dou conta de tudo sozinho.

— Que horas? — pergunta.

— Quatro, porque tenho que ir à pizzaria para encontrar meus pais às seis.

— Certo. Eu vou arrumar um veículo grande para usarmos — avisa e eu assinto.

Desligo a chamada, deixando o celular cair ao meu lado e escuto um pigarro. Abro os meus olhos e encontro Spencer encostada na parede perto da porta.

— O quê? — Bufo, levantando e indo até a sacada.

— Me desculpa — pede, colocando-se apressadamente na minha frente. — Eu sinto muito que me ouviu sendo uma idiota um tanto ingrata. Eu não quis dizer o que eu disse, tudo bem? Sim, antes eu tinha que aturá-lo porque você era extremamente irritante, mas eu o fazia com gosto. Agora é diferente e isso me assusta um pouco. Você mudou e eu consigo ver isso, então eu só não sabia e nem sei o que falar ao certo...

— Não se preocupe comigo. — Tento passar por ela, mas Spencer não deixa.

— Mas eu realmente não quis dizer aquilo...

— O que você quis dizer, Spencer? — Arqueio a sobrancelha e ela dá de ombros, nervosa.

— Eu...

— Vai precisar mais do que o que você disse para quebrar meu coração, Cherry — jogo, tentando deixar o clima estável entre nós.

— Eu adoro você, Simon. Foi isso que eu quis dizer: adorá-lo. — Ela suspira, me dando um abraço rápido. — Eu tenho que pegar as crianças na casa de Pearl e Seth...

— Eu te dou uma carona... vou ficar um pouco com as crianças também — ofereço e ela assente. — Mais tarde vou sair com Mario para irmos pegar as coisas que vocês mais precisam junto com Quinn.

— Eu escutei você falando com Quinn — ela se entrega. — Eu vou também, já que nenhum de vocês vai entender a minha bagunça.

— Você ainda é a mesma bagunceira de sempre? — questiono, reprimindo meu riso.

— Não... — Arqueio a sobrancelha e ela revira os olhos. — Eu sou muito pior agora — conclui e eu tenho que sorrir da careta que ela faz.

— Só acredito vendo — resmungo, passando por Spencer e pegando minha camisa de cima da cama. — Você não vai tomar banho? — pergunto.

Abro o guarda-roupas e começo a procurar algo para Spencer vestir.

— Eu não tenho roupa aqui — indica o óbvio para mim.

Pego uma boxer, calça de moletom e camisa unissex. Viro-me para Spencer e estendo as peças para ela, que me fita surpresa, mas aceita sem dizer nenhuma palavra.

— Tem toalha no armário do banheiro, é só pegar uma — explico, indo até a porta do quarto depois de apanhar meu celular no caminho. — Vou esperar você lá fora. — Dou uma última olhada em Spencer e saio do quarto com minhas mãos coçando para tocá-la e minhas pernas formigando para voltar lá para dentro.

Chego à sala de estar e caio no sofá em frente ao que Mario está sentado e ele ri, provavelmente de mim.

— Como foram as coisas por lá? — pergunta e eu reviro meus olhos.

— Eu prefiro ficar sem mãos do que continuar perto de Spencer sem poder tocá-la — cuspo, chateado e frustrado com minha atual situação.

— Poupe-me dos detalhes, Simon — pede e eu o encaro.

— Amigos contam as coisas um para o outro, Mario. A culpa é sua por ser meu único amigo — acuso e ele balança a cabeça negativamente.

— A culpa é **sua** por não ser agradável e amigável com os outros... Já tem vinte e quatro anos e seu único amigo está à beira da morte com câncer. — Ele ri e eu cerro meus olhos em sua direção. — Parece que alguém aqui precisa ser adestrado e esse alguém não sou eu.

— Adestrado? — indago indignado.

— Sim, algo desse tipo — Mario continua rindo. — Tem que trabalhar nas suas maneiras, Simon. O ser humano precisa de amigos, sabia? A amizade é uma grande coisa na vida das pessoas.

— Mas eu estou me esforçando, só não quero qualquer filho da puta querendo se aproveitar de mim apenas por que eu tenho um nome. Eu já tentei ter amigos e já até considereei alguns caras do time como meus amigos, mas a amizade deles tem um prazo de validade. Eles só eram meus amigos nas festas, nas bebedeiras e até nas orgias...

— Orgia? — Mario arregala os olhos e eu tenho que rir da cara que ele

faz para mim. — Terei que repensar na sua relação e de Spencer...

— Não se atreva — retruco, fazendo uma careta. — Eu estou apenas sendo sincero. O velho eu era um pouco podre demais, admito, mas posso assegurá-lo que mudei. — Bocejo. — Minha família já é o suficiente para mim. Tenho o Sculler também como amigo. Ele está afastado esses tempos por causa da gravidez de Cassie, mas costumávamos conversar muito sobre muitas coisas. Bom, sobrou para você ter que me aturar também — finalizo ironicamente.

— Ela não disse por mal — defende a filha, mas acabamos por rir juntos. — Spencer está confusa e, ao mesmo tempo que a jogada da “garota imaginária” que criamos para você esteja dando certo e deixando-a com ciúmes, também acabamos por deixá-la temerosa de se aproximar de você até que ela finalize a relação com Tyler e descubra que *ela é ela*.

— Você tem razão — comento, pensativo. — Ela está cega demais no momento para perceber que esse tempo todo estivemos falando dela. Eventualmente ela vai perceber isso. Se ela terminar com o noivo e ainda não tiver percebido, vou ter que contar. — Faço uma careta. — Espero que não seja embaraçoso ter que explicar para ela que a minha garota na verdade sempre foi ela.

— Você vai se sair bem com isso — ele me encoraja e eu assinto. — A propósito, vocês dormiram juntos noite passada? — Me fita desconfiado.

— Sim, mas ela que quis. — Dou de ombros. — Claro, eu também queria, mas não falaria nada para pressioná-la. Felizmente Spencer pediu por isso.

— Ok — ele resmunga e pigarreia em seguida.

Spencer reaparece, cheirando a mim e usando minhas roupas, enquanto traz com ela a bandeja que preparei com comida para seu café-da-manhã.

A verdade é que eu estou não só preocupado com a saúde de Mario, mas com a saúde de Spencer também. Desde o primeiro momento do nosso reencontro eu percebi o quanto ela havia emagrecido. Não gosto de vê-la dessa forma, como se estivesse passando fome. Em qualquer oportunidade que tiver, vou enchê-la com qualquer coisa comestível.

— Eu ainda estou com tanto sono — Spencer murmura, sentando-se ao lado de Mario, que sorri ao fitar a filha.

— Não seria você se não estivesse com sono — digo e ela faz uma careta para mim.

— Isso é verdade, pai? — Procura por sua defesa, mas Mario fica em silêncio. — Pai? — ela chama a atenção dele. — Não acredito que vai ficar do lado dele...

— Mas você é uma dorminhoca, filha — ele se defende e eu gargalho. — De uns anos para cá você lutou bravamente contra isso, mas quando ainda estava na escola era sempre uma guerra sua com a cama.

— Qualquer adolescente tem problemas com a cama. — Ela dá de ombros e eu tenho que concordar com ela. — É que a cama dele é muito confortável. — Spencer aponta para mim, começando sua refeição.

— Ela está ao seu dispor — retruco, piscando para Spencer.

— Você está flertando com a minha filha quando vocês dois estão comprometidos? — Mario pergunta comicadamente.

Spencer engasga com um pedaço de torrada e Mario segura o riso, ajudando a filha a se recuperar.

— Simon só disse que tem uma garota em vista, pai, não é como se ele já estivesse... sei lá... namorando? — a última palavra soa como uma pergunta, enquanto Spencer me fita com um olhar duro.

— Ela está certa — digo, fingindo chateação. — Eu só tenho em vista uma garota, Mario, ainda não dei um passo adiante.

— Viu? — Spencer resmunga, como se estivesse falando o óbvio.

— Tudo bem, tudo bem. Desculpe-me por acusá-lo de flerte — Mario se rende.

Esse cara merece um Oscar. A Academia está perdendo um dos melhores atores que já vi.

— Preciso me apressar — Spencer diz, colocando um monte de comida na boca.

— Vai devagar — falo, observado as bochechas magras dela expandirem com o tanto de comida que tem em sua boca. — Minha irmã não vai te despedir por conta de um atraso e eu tenho certeza que ela compreenderá que você precisava de um pouco mais de descanso.

— E se ela não compreender?

Reviro meus olhos.

— Estamos falando de Pearl Wyatt. Ela compreendeu que seu marido apostou a virgindade dela e depois se arrependeu. Quer um exemplo melhor de alguém que é a compreensão em pessoa?

Spencer começa a gargalhar, colocando a mão em cima da boca enquanto ri e mastiga ao mesmo tempo. Ela parece muito divertida e isso me satisfaz.

— Você tem o humor tão agradável — diz assim que termina de mastigar, mas não de rir. — Se Seth escutasse isso ele com certeza te mataria.

— Então lembre-me de falar isso quando ele estiver por perto.

— Coitada da minha anjinho, Simon — Spencer reclama, sem deixar de rir. — Essa foi uma péssima, porém cômica, comparação sobre compreensão.

— É por isso que ele não tem amigos — Mario volta a falar.

Aceno positivamente e nós três rimos. Essa é a mais pura verdade, mas eu não consigo controlar meus comentários não tão bem-humorados.

O que posso fazer?

Eu sou uma pessoa sincera.

Capítulo 25

Spencer Carter

“Oh, Pearl...”

DEPOIS QUE EU E SIMON DEIXAMOS MEU PAI NA CASA DOS PAIS DELE, QUE COMBINARAM DE PASSAR O RESTO DO DIA JUNTOS E IREM PARA A PIZZARIA NO FINAL DA TARDE, ELE SEGUIU PARA A CASA DE PEARL E SETH. Simon acaba de estacionar o carro ao lado do carro de sua irmã e não demoramos para sairmos de dentro do veículo.

Nós vamos até a porta e, antes mesmo de tocarmos a campainha, escutamos gritos de Pearl lá de dentro. O loiro me fita, meio desconfiado e toca a campainha. Os gritos da minha amiga cessam e a porta é aberta em seguida por uma Pearl com o cabelo completamente... estragado? Certo, eu não diria estragado no sentido real, mas é que...

— O que diabos aconteceu com o seu cabelo? — Simon pergunta, passando por Pearl e eu faço o mesmo.

Seguro a mão de Pearl, que está cheia dos seus impecáveis e brilhantes cachos. Ela me fita com os olhos marejados, parecendo estar dividida entre chorar e sorrir. Assim que chegamos à sala de estar, encontro Seth e Christian com mais do cabelo de Pearl e um monte de cola nas mãos. Christian vê sua mãe e vem correndo ao seu encontro, segurando um cacho longo com muita cola escolar nele.

— *Mama, mama!* — Ele pula freneticamente.

— O que aconteceu com você? — pergunto a Pearl, desviando meu olhar para Seth.

Ele está quase sem expressão.

— É uma longa história — Seth diz.

Christian puxa os outros cachos da mão de Pearl e corre até o pai.

— Eu acho que enlouqueci — Pearl sussurra, fungando baixo. Nos

sentamos no sofá e ela me fita, respirando fundo e mordendo o lábio inferior. — Eu acordei hoje com um desejo meio louco...

— Meio não — Seth a corta, meio desesperado. — Olha só como você está! — exclama.

— Ei, cala sua boca — Simon grunhe em resposta, acenando para irmã continuar sua história.

— Então... — Pearl pigarreia. — Quando eu acordei essa manhã, eu estava desejando... — Ela ri baixo e faz um bico em seguida. — Eu estava desejando que Seth cortasse meu cabelo.

— Oh, meu Deus! Você não fez isso... — sussurro incrédula, dividida entre olhar para Pearl e olhar para Seth.

— Eu tentei fugir, mas ela simplesmente...

— Eu mandei você calar a boca! — Simon corta Seth mais uma vez.

— Ele tentou me convencer de que era uma má ideia, mas... mas eu realmente queria que ele cortasse meu cabelo — ela explica. — Então eu achei uma tesoura e obriguei Seth a cortar meu cabelo... — Não consigo evitar minha risada. — No final eu odiei e comecei a chorar. Christian acordou e começou a tentar me ajudar a consertar a besteira que Seth fez e desde então estamos tentando colar meu cabelo de volta. — Pearl começa a chorar e eu a puxo para um abraço, mas não consigo parar de rir.

— Meu Deus, anjinho. Você ficou louca... — sussurro entre risos.

Observo o cabelo de Pearl, percebendo que há mesmo um pouco de cola nas pontas dele. Minha risada se intensifica e quando Simon se junta a mim, eu simplesmente não consigo parar de rir. Pearl não demora a parar de chorar e se juntar a nós. O próximo é Christian, que se joga ao meu lado e nos abraça, acariciando o rosto de sua mãe. Seth é o único que não ri.

— Eu não sei mais o que faço com você — Seth reclama, levantando-se do chão e saindo da sala.

Pearl chama por ele, mas ele não para de andar até sumir da nossa vista. Enxugo minhas lágrimas e solto Pearl, segurando Christian no meu colo.

— Ele ficou chateado demais — Pearl explica a irritação do marido. —

Quando eu comecei a chorar e dizer que ele tinha estragado tudo, Seth ficou muito irritado. Ele continuou dizendo que eu não deveria tê-lo obrigado a cortar meu cabelo, mas só que desejo é desejo. — Ela dá de ombros. — Eu estou uma pilha de hormônios loucos e eu acho que estou deixando-o louco também.

— Vá falar ele — sugiro e ela assente.

— Vou acabar sendo arrastada para um salão de beleza — Pearl resmunga ao levantar. — Christian, eu vou falar com o papai. Nós voltamos daqui a poucos minutos. — Pearl se dirige ao filho e beija o topo de sua cabeça.

Christian assente e Pearl sai da sala, tomando o mesmo caminho que Seth fez ainda pouco. Encaro Simon, que segura um punhado do cabelo de sua irmã e o examina.

— Mulheres grávidas são loucas — ele resmunga e eu sorrio de lado. — Não acredito que Pearl fez isso...

— Desejo é desejo — repito o que Pearl disse, chamando a atenção de Simon para mim.

— Você vai ter esses desejos loucos? — pergunta, deixando-me completamente desconsertada.

— Que tipo de conversa é essa? — retruco nervosamente.

— Foi só uma pergunta, Cherry. Não precisa ficar assim. — Ele revira os olhos, brincando com cabelo de Pearl.

— Eu não sei se quero ter filhos — confesso e ele me fita incrédulo. — O quê? Eu adoro crianças, mas não me vejo tendo um bebê tão cedo... ou, talvez, nunca.

— Que pena... É realmente um desperdício de genes bons — resmunga. — Você quer ser minha barriga de aluguel?

Começo a tossir, observando a expressão séria que Simon sustenta por poucos segundos antes de irromper em risada.

— Você é completamente louco. — Bufo, observando Christian rir com o tio. O menino escapa do meu colo e vai até Simon.

— Eu estava apenas testando... vai que você aceita? Nunca se sabe quando é o meu dia de sorte com você, Cherry. — Ele pisca para mim.

— Hoje, nem de perto, é o seu dia de sorte comigo. Talvez esse dia também nunca chegue.

— Nunca diga nunca — sentencia antes de se levantar e lançar Christian para o alto. — Vai pegar sua bola de futebol, eu tenho umas jogadas novas para te mostrar hoje. — Ele coloca um Christian histérico no chão, que sai correndo pela casa atrás da bola de futebol.

Lembro-me imediatamente de Ryle.

— Sculler e Cassie vêm deixar Ryle aqui? — pergunto a Simon e ele balança os ombros, mostrando que não sabe e se joga ao meu lado.

— Acredita que eles ainda não contaram a Ryle que ela é adotada? — Simon diz e eu o fito surpresa.

— Sério?

— Sim, sim...

— Talvez não seja a hora certa. Ela vai completar dois anos em breve, Simon. Duvido muito que entenda o que "adotada" quer dizer — explico meu ponto de vista.

— Você tem razão, mas eu tenho medo deles não contarem a ela. Não se sabe o futuro, entende? As pessoas mudam de ideia constantemente e eles também são suscetíveis a erros. Hoje eles podem querer contar para deixá-la ciente de sua situação, mesmo que isso não mude nada no amor que eles sentem por ela... mas e amanhã? Amanhã eles podem querer protegê-la e não magoá-la.

— Infelizmente você está certo — concordo com ele. — O que resta para nós, é esperar que eles tomem a decisão certa.

— Principalmente pela própria Ryle e o Christian. Tenho certeza que esses dois ainda vão se apaixonar um pelo outro quando souberem o que esse sentimento significa. — Simon sorri e eu faço o mesmo.

— Você é vidente? — brinco.

— Não precisa ser vidente para ver que os dois combinam pra caralho,

assim como eu e você combinávamos. Ela é a pequena Spencer e ele o pequeno Simon. — Gargalho de sua frase. — Eu vou ensiná-lo direitinho a pegar a pequena Spencer de jeito para não deixá-la escapar. Talvez a sua aprendiz não se safa de Christian, diferente de você, que conseguiu se livrar de mim.

— Eu não me livrei de você. — Ele arqueia a sobrancelha. — Você continua muito vivo na minha vida, não vê? — digo, cutucando sua bochecha.

— Você está certa. — Simon sorri de volta. — Nós moramos juntos agora, Cherry. Vai ficar bem difícil para você se livrar de mim.

Christian chega gritando na sala novamente e se joga entre nós.

— Você está pronto para aprender novos passes? — Simon pergunta a Christian, que assente imediatamente. — Seus pais se resolveram? — indaga.

— *Papa tá proculando* alguma coisa na saia da *mama*! Ele me pediu pra *dexer*... — Christian diz, sorrindo abertamente.

Simon engasga e eu dou uma risada da cara que ele faz. Estou feliz que Seth não traumatizou tanto o filho... poderia ter sido um pouco pior, mas não foi.

— Como assim procurando alguma coisa na saia da sua mãe? — Simon semicerra os olhos.

— *Proculando* — Christian dá de ombros, não fazendo ideia. — Jogar, *titi*! Vamos! — ele pede animado, levantando-se e jogando a bola pra cima.

— Vamos logo, antes que Christian resolva ir até os pais outra vez — digo e Simon assente, fazendo uma careta de nojo.

Capítulo 26

Simon Wyatt

“Sentimentos não contados...”

FAÇO UM REVERÊNCIA PARA SPENCER, QUE ACERTOU UM BELO CHUTE NA BOLA DE FUTEBOL E MANDOU CHRISTIAN PARA O OUTRO LADO DO CAMPO PARA PEGAR A MESMA JUNTO COM SEU CACHORRO E FIEL ESCUDEIRO. Estamos jogando futebol há quase uma hora. Seth já saiu com Pearl para levar minha irmã a algum cabeleireiro da cidade e Sculler ligou dizendo que deixaria Ryle em alguns minutos por aqui, já que ele vai acompanhar Cassie em mais uma reunião com a diretoria dos hotéis de sua família.

Sento-me no gramado e Spencer se aproxima sorrateiramente de onde eu estou, tomando um lugar ao meu lado, enquanto observamos Christian pegar a bola de futebol e correr de volta para nós. Solto um pigarro, chamando a atenção de Spencer e viro o rosto para encará-la de volta. Seus olhos esverdeados brilham como antes nunca brilharam e suas bochechas estão avermelhadas por conta do nosso jogo. Ela é linda de uma forma quase que estúpida e isso me deixa estupefato.

— O quê? — pergunta, parecendo muito envergonhada.

— Não fique com vergonha, isso não faz o seu estilo — atiro, continuando a olhar apenas em seus olhos. — Para responder sua pergunta... nada. Não foi nada. Eu estava apenas te encarando. — Dou de ombros e ela rola os olhos.

— Pare de me encarar — exige e eu arqueio a sobrancelha.

Christian se joga no meu colo e a bola de pelos ataca Spencer.

— A menina Ryle já vai chegar para te fazer companhia, rapaz, mas nada de fazer besteira por aí — aviso Christian e ele sorri amplamente.

— *Besteila* — repete, puxando uma mecha do meu cabelo com força e fazendo-me quase soltar um palavrão.

— É, como isso que acabou de fazer, maracujá podre — reclamo, segurando suas mãos enquanto ele gargalha com Spencer. — Você não é mais azedo... já apodreceu. Ryle vai odiar isso.

Christian perde o sorriso e franze o cenho. Ela é o ponto fraco dele desde pequeno... meu sobrinho está completamente perdido, para não dizer fodido.

— Ele está brincando, Chris — Spencer intervém ao ver a feição de Christian. — Ryle não odeia nada que você faz, tudo bem? Eu posso garantir isso.

— Como *galante*? — exige.

As bochechas de Christian começam a ficar mais vermelhas do que antes, por conta de sua corrida e seu nariz segue esse caminho. Em menos de dois segundos, Christian começa a chorar e eu recebo um olhar bastante duro de Spencer. Eu fiz besteira.

— É brincadeira, Christian, você não é nem azedo e nem podre — tento amenizar a situação, mas ele não parece acreditar no que eu digo. — Chris... — apelo para o seu apelido e ele me fita, sem deixar de chorar.

Me sinto um pouco mal pelo que fiz com ele, mas tenho muita vontade de rir. Engulo minha risada, senão Spencer vai me matar assim que Christian se recuperar.

— *Titi*... — ele resmunga, manhoso como o inferno.

Olho de longe Sculler estacionar e solto a respiração, aliviado.

— Olha só quem chegou. — Aponto para o carro de Sculler no mesmo momento em que ele dá a volta e tira Ryle lá de dentro com o cachorro nos braços. — Ryle ama você, agora vai lá pegar a sua namoradinha e traz ela pra cá — digo, sacudindo de leve seu corpo.

Christian enxuga as lágrimas com a camisa suja de terra e isso acaba suja do todo seu rosto. Porra, eu realmente quero rir. Ele sai correndo em direção a Sculler e Ryle, passando a mão no rosto de segundo em segundo.

— Você é terrível, Simon — Spencer afirma e eu a encaro, sorrindo de lado.

— Eu sei, eu sei... Entretanto, não resisti. Viu como ele está fo... — Ela pigarreia, semicerrando os olhos para mim. — Eu quero dizer, você viu como ele está ferrado por ela?

— Eles são crianças, Simon.

— Bom, eu era uma criança também, mentalmente falando, quando me apaixonei por você. — Dou de ombros e sua expressão suaviza, ao mesmo tempo que ela desvia nossos olhares.

— Bom, eles são mental e fisicamente falando. — Ela se levanta da grama.

— Isso é besteira — murmuro, observando-a andar até Christian, Ryle e Sculler. — Não mudou muito, Cherry. Continua fugindo quando eu falo de sentimentos — completo para mim mesmo e saio andando atrás dela.



TERMINO DE COLOCAR AS COISAS DE SPENCER E MARIO NO CAMINHÃO JUNTO COM QUINN, QUE ESTEVE ME AJUDANDO A TARDE QUASE TODA. Spencer, Ryle e Christian ficaram apenas de um lado para o outro, a mais velha dando ordens enquanto os pentelhos a imitavam. Não, eu não me irritei em receber ordens de Spencer. Ryle e Christian fizeram as ordens dela parecerem cômicas e isso foi o suficiente para eu não me irritar com seu tom mandão.

Pego a toalha pequena que ela oferece para mim e enxugo o suor da minha testa. Mesmo sendo uma casa pequena e sem exagero algum, Spencer e Mario têm muitas coisas, principalmente em seus quartos. Eu gostei de voltar ao quarto de Spencer e perceber que ela não mudou nada durante todos esses anos e continua a mesma bagunceira e desorganizada de sempre. Tentei mexer em suas gavetas de calcinhas, mas ela ameaçou cortar minha mão fora se eu me atrevesse a fazer algo do tipo. Mentalmente eu afirmei para mim que será apenas uma questão de tempo — pouco tempo — até que eu tenha

acesso a tais coisas novamente.

A verdade é que eu não aguento mais ficar longe dela. Sinceramente, isso tem sido um inferno para mim. Posso ter sido estúpido e lento para perceber que ainda sou apaixonado por ela, mas já que percebi, nada melhor do que finalmente partir para a melhor parte disso. Mas não é tão fácil assim. Tem o noivo esquisito dela que continua atrapalhando tudo mesmo que nunca tenha aparecido durante o tempo que cheguei de férias em Long Beach.

— Você está cansado? — Spencer pergunta, encostando-se próxima de mim.

— Isso foi apenas o primeiro tempo — retruco, sabendo que eu marquei mais trabalho com minha mãe na pizzeria, claro, pois Spencer estará envolvida nisso.

Ela me fita desconfiada, mas dá de ombros, suavizando o olhar que atira na minha direção.

— Obrigada, mais uma vez — sussurra, fazendo-me assentir.

— Pare de me agradecer a todo momento, sério — digo. — Uma hora fica chato, Cherry. Estou fazendo isso e ponto final, não precisa me agradecer.

— Tudo bem, se você diz...

— Isso mesmo, o que eu digo é lei. — Desencosto do caminhão e fico na frente de Spencer. Seu olhar passeia brevemente pelo meu torso molhado por suor e eu empurro meu corpo contra o seu, numa provocação sadia. — Você pode me agradecer com abraços, Cherry. Eu gosto do seu abraço — afirmo e ela sobe o olhar para-me encarar novamente.

— Você está se aproveitando da situação — acusa e eu dou de ombros.

— Eu não vou negar, mas realmente estou me aproveitando um pouco de você — murmuro, sorrindo de lado e ela faz o mesmo.

— Bom, depois que você tomar um bom banho eu posso te dar um abraço. — Spencer cutuca meus ombros, torcendo o canto da boca e indicando obviamente para o meu suor. — Você está suado e eu vou acabar ficando grudenta. Preciso trabalhar daqui a poucas horas e não posso feder.

— Você pode tomar um banho se quiser... Eu posso cobrir você por algum tempo — brinco, pressionando mais ainda meu corpo contra o seu. Christian e Ryle correm até nós e abraçam nossas pernas. — Costumo ser muito persuasivo com a minha mãe. Por mais que Pearl sempre tenha sido a mais ajuizada e preferida, eu sempre fui o garoto dela, então minha mãe tem uma queda por mim. — Spencer ri, nervosa.

— Você fala tanta besteira — sussurra, revirando os olhos e desviando para as crianças que continuam abraçando nossas pernas com força. — Vamos para casa, ainda dá tempo de arrumarmos algumas coisas.

— Meu abraço primeiro — peço e ela me fita com um falso olhar de irritação.

— Se eu te abraçar agora você não vai ganhar mais nenhum abraço hoje — ameaça. — E então?

— Que seja, Cherry.

Ela me dá mais alguns segundos para desistir, mas eu não o faço. Puxo Spencer para um abraço e ela logo reclama quando a faço colar o rosto em meu peito suado. Sua reclamação faz Christian e Ryle a imitarem e eu sorrio instantaneamente.

— Simon! — Spencer grita, tentando se livrar de mim, mas eu não deixo.

— Aproveite o momento — digo entre risos e não demora até que ela comece a acertar minhas costelas com força.

Capítulo 27

Spencer Carter

“A temperatura está aumentando...”

DEIXO SIMON PASSAR NA MINHA FRENTE COM AS CAIXAS DE PIZZA E EU O SIGO, SEGURANDO UMA QUANTIDADE BEM MENOR DAS MESMAS EM MEUS BRAÇOS. Não consigo evitar e acabo encarando sua bunda, que parece extremamente bonita em seu velho uniforme da pizzeria. Seria trágico, se não fosse cômico e, para ser sincera, todo esse momento é completamente inacreditável. O fato de Simon estar realmente se empenhando em me ajudar é muito bonito, mas eu nunca pensei que ele vestiria novamente o uniforme da pizzeria e dirigiria a van personalizada que ele tanto odiava, apenas por minha causa. Se eu tivesse um celular melhor, com certeza estaria tirando fotos dele nesse exato momento, mas não me dou o trabalho, já que há paparazzi do outro lado da rua clicando suas câmeras em nossa direção.

— Está de acordo em aparecer em fotos comigo, Cherry? — Simon chama minha atenção ao colocar as últimas caixas de pizza na van e virar-se para mim. — Minhas fãs vão gostar de você, eu prometo. — Ele sorri cínico e lindamente, pegando as caixas que eu estou segurando.

— Ah, claro, eu preciso ser aprovada por elas. — Reviro os meus olhos.

— É claro que sim, babe — retruca. — Você não sabe, mas elas são de minha importância também.

Balanço minha cabeça negativamente e dou a volta na van, entrando no lado do passageiro ao mesmo tempo que Simon toma seu lugar atrás do volante. Posso sentir os flashes explodirem mesmo que aqueles homens estejam longe de nós porque quando comecei a namorar Tyler, ele costumava tirar inúmeras fotos minhas alegando que eu era uma modelo perfeita. Nunca acreditei de fato em suas palavras, por mais que eu me ache uma mulher bonita e confiante quanto a isso.

— Você quer escutar alguma coisa? — Simon pergunta, arrancando com a van.

— Não, só gostaria de avisar que isso aqui não é o seu carro de não sei quantas cilindradas, tudo bem? — despejo, puxando o cinto de segurança para me deixar mais tranquila.

— Obrigado por isso — rebate da forma mais irônica possível.

Ficamos em silêncio por longos minutos enquanto eu checo a lista com os endereços dos pedidos que foram feitos. Parece que estaremos dentro dessa van pelo resto da noite, pois temos quase trinta pedidos para entregar. O bom disso tudo é que Simon não é uma companhia ruim, afinal ele já passou dessa fase, então eu encontro o caminho livre e limpo para puxar assunto com ele quando estamos próximos a nossa primeira parada.

— Você já pensou em fazer aquelas tranças que pegam bem da raiz, tipo, muito coladas e certinhas?

— Que diabos de conversa é essa? — Simon questiona, virando o rosto rapidamente para me dar um olhar confuso.

— Eu acho que você ficaria bem de trança. — Dou de ombros, esticando o braço para tirar o boné de sua cabeça. — Nunca pensou nisso?

— Você acha? — pergunta, enquanto bagunço levemente os fios lisos e loiros muito bem hidratados. Droga, o cabelo do Simon é melhor que o meu. — E se eu cortá-los um pouco?

— Tipo como queria fazer quando levou o papai hoje mais cedo para raspar a cabeça? — Simon assente. — Minha humilde opinião é que você não ficaria nada legal de cabeça raspada ou cabelo mais curto... acho que já me acostumei a vê-lo assim e implicar com você... sei lá, Simon, faz o que quiser... — resmungo.

— Você está louca pra puxar meu cabelo, Spencer, pode admitir, linda. — Seu tom de voz me deixa enrubescida e desconcertada, mas não deixo Simon perceber nada disso. Puxo seu cabelo com força assim que ele estaciona o carro, mas isso não o incomoda tanto quanto eu queria que acontecesse. — Não devia me provocar assim, Cherry, talvez você não aguentasse as consequências.

Puxo minha mão de volta e solto o cinto de segurança, saindo do carro sem pensar duas vezes, mas não antes de escutar a risada de Simon. Espero que ele apareça para abrir a parte traseira da van, o que não demora para acontecer, já que ele acaba de aparecer na minha frente com o boné vermelho no topo de sua cabeça e um sorriso pervertido escorrendo pelos lábios.

— Você quer levar essa ou...

— Faremos isso juntos, Simon — replico de forma entediada.

— Mmm... Assim que eu gosto. — Cruzo os braços, enquanto ele pega duas caixas de pizza e bate a porta ainda sem parar de sorrir. — Você precisa sorrir comigo, Cherry, nós não queremos assustar os clientes da mamãe, certo? — provoca.

— Certo. — Semicerro os meus olhos em sua direção.

— Boa garota.

Ignoro sua frase e tomo à frente do caminho até a porta da casa branca de número 73. Aperto a campainha e checo o pedido na caderneta em minha mão.

— E se alguém me reconhecer? — Simon murmura para mim e eu o encaro incrédulo.

— Não é hora para isso Simon — o repreendo.

— Mas eu estou falando...

A porta é aberta e de lá sai uma mulher jovem com pouca roupa.

— Duas pizzas tradicionais para Abigail Foster... — digo, tentando confirmar o pedido dela que mal me fita.

— Isso mesmo — diz, abrindo um sorriso largo.

— São vinte e cinco dólares — informo assim que Simon estende as caixas para a mulher.

Inspiro o ar com força, deixando de lado minha função nesse momento para deixar que meu parceiro de trabalho tome conta da situação. A mulher está hipnotizada por Simon e isso não poderia ser mais ridículo. Infelizmente, tenho que admitir que eu já fui ela um dia, mas não mais.

— Eu conheço você de algum lugar — a mulher finalmente fala com Simon e o mesmo sorri.

— Impossível, senhorita.

Arqueio a sobancelha para o nada, uma vez que nenhum dos dois está me dando atenção, completamente surpresa com a atitude de Simon.

— São vinte e cinco dólares, assim como minha colega aqui disse — ratifica a minha fala e se aproxima de mim sorrateiramente.

Sorrio amarelo para a mulher que resolve me fitar.

— Que seja — ela resmunga de volta e estende o dinheiro em minha direção.

Observamos a mulher entrar e bater a porta com força. Simon segura minha mão e me puxa pelo caminho de volta para a van, abrindo a porta para mim e me dando espaço para entrar. Espero que ele entre do outro lado e arranque para que eu possa falar alguma coisa.

— Pensei que daria corda para ela — digo, esperando mais uma vez por sua reação.

— Por que diabos eu faria isso?

— Você sorriu todo... todo... todo bonitinho pra ela — acuso e ele sorri para mim, parando o carro no sinal vermelho.

— Eu estou sorrindo bonitinho para você também, Cherry, mas quem disse que isso significa algo? — pergunta e eu mordo meu lábio inferior. — Eu já te disse que estou gostando de outra pessoa, não vou ficar fazendo merda por aí — completa.

— Ela é sortuda — sussurro.

Simon volta a dirigir, mas percebo sua indecisão entre me encarar ou encarar a estrada.

— Ela é? — pergunta e eu dou de ombros.

— Acho que sim.

Simon não retruca e isso me deixa desconfortável, pois eu estou acostumada a tê-lo rebatendo e questionando tudo que eu falo, mesmo que

seja um simples “Olá”. Nossas próximas paradas são preenchidas por um silêncio que, no final, já me agrada.

Puxo meu celular do bolso da minha calça e checo o horário. Já passa das onze e nós estamos voltando para a pizzeria pela última vez. Fizemos viagens de idas e vindas para pegar mais pedidos e mais pizzas, então estou seriamente feliz de estarmos parando. Simon vira para mim entre um movimento e outro e eu sorrio abertamente para ele, que repete meu gesto de volta, fazendo-me sentir, de repente, como se tivéssemos voltado há anos atrás, quando éramos dois adolescentes inconsequentes.

Eu preciso ser sincera comigo mesma e devo admitir que sinto falta de antes mais do que pensei que sentiria algum dia. A minha vida era mais fácil, o meu futuro era perfeito visto de lá e de quebra eu estava com alguém que eu gostava: Simon. Não, isso não faz diferença agora, afinal Simon não é minha prioridade no momento, mas de qualquer forma era muito bom estar com alguém que você tem uma ligação, algo que por mais que eu tenha tentado, não consegui achar em Tyler.

— Que tal irmos amanhã atrás de um bom vestido para você me acompanhar? — Simon pergunta, estacionando o carro na parte de trás da pizzeria. — Podemos levar as crianças, então não há desculpas para recusar — diz, puxando a chave da ignição relaxando no banco.

— Eu posso fazer isso com Pearl, o que acabará te poupando um monte de tempo — sugiro e ele torce o nariz, claramente não gostando da ideia. — Tem medo de eu aparecer com jeans e camiseta por lá? — provoco, sorrindo de lado.

— Você pode usar até um saco de batatas que continuará linda. Esse não é o problema...

— E qual o problema? — pergunto, ainda sorrindo.

— Eu quero estar lá — Simon resmunga. — Não quero que vá com minha irmã e me deixe de fora.

— Oh, Simon. — Finjo estar comovida com o que ele me diz e vejo que isso o irrita. — Tudo bem, tudo bem. — Gargalho, parando um pouco para respirar e me recuperar. — Vamos eu, você e as crianças, não se preocupe.

— Ah, claro, você fica com essa sua cara de santa puritana depois de tirar sarro da minha pessoa... bastante inteligente, Cherry — continua resmungando.

— Não me faça mudar de ideia, Simon Alexander Wyatt — atiro, revirando meus olhos. — Eu estou morrendo de fome — reclamo ao mesmo tempo que minha barriga ronca.

— Você quer sair para comer alguma coisa? — pergunta, parecendo preocupado de repente.

— Ainda tenho que entrar para arrumar as coisas lá dentro, Simon — atiro o óbvio, rindo da cara que ele faz.

— Você está magra demais e eu não gosto disso — reclama.

— Parece que não mais por muito tempo se depender de você, certo? — provoco, endireitando-me e soltando o cinto de segurança.

— Exatamente — rebate orgulhosamente.

— Eu vou entrar para começar a arrumar as coisas o mais rápido possível...

— Eu vou trocar de roupa e conseguir alguma comida para nós — informa de volta e eu aceno positivamente.

Saio da van com Simon, mas tomamos caminhos diferentes. Entro na cozinha pela porta dos fundos e vejo a bagunça que ficou depois de tantas pizzas feitas no dia de hoje. Aceno para Elijah, que parece ter parado de fazer pizzas.

— O movimento acalmou lá fora? — questiono.

— Finalmente sim — ele agradece em um resmungo e rimos juntos.

— Pode tomar um descanso que eu dou conta da maior parte disso tudo — afirmo e ele me olha agradecido.

Começo a limpar as bancadas extensas, tomando cuidado para fechar todo material e colocá-los em seus devidos lugares para mantê-los frescos para amanhã e os dias seguintes.

Deixo minha cabeça desligar e quando percebo, estou no final de tudo

com Elijah e Sra. Wyatt me ajudando.

— Eu já estou preparando novas contratações para a pizzeria, assim vocês não ficarão tão sobrecarregados com todo esse trabalho — Sra. Wyatt informa assim que me encosto na parede, aliviada por ter finalizado com a limpeza.

— Isso soa bem — admito e ela sorri para mim.

Há algo sobre a Sra. Wyatt e Pearl que me reconforta de maneira sobrenatural. Elas, sem dúvida alguma, têm essa áurea agradável ao redor delas que me faz ficar bastante confortável.

— A coroa tem que me escutar alguma vez, huh? — Simon chega do nada e a Sra. Wyatt sorri para ele.

Ele está usando jeans escuro e camisa preta que abraça seus braços de maneira quase que ilegal.

Simon Wyatt é uma pessoa ilegal.

— Não comece, querido — Sra. Wyatt diz, olhando para o filho de maneira encantadora.

— Eu amo você, linda — ele diz sorrindo de volta para sua mãe. — Agora preciso levar a Cherry para comer — completa, beijando o topo da cabeça da Sra. Wyatt em despedida. — Vamos? — indaga.

— Até amanhã, Sra. Wyatt. — Despeço-me dela com um abraço rápido.

— Até amanhã — retruca. — Dirija com cuidado, filho. Amo você! — ela exclama por fim.

Simon me puxa por todo caminho e quando entramos no salão, percebo que só o seu pai restou ali conferindo o faturamento da noite.

— Onde o papai está? — pergunto, empurrando a porta de vidro e sentindo o vento frio me açoitar.

Escondo-me instantaneamente atrás de Simon, enquanto ele nos guia até seu carro.

— Eu levei Mario para casa — diz, abrindo a porta do carro para mim.

— Eu consegui uma refeição saudável para ele e o deixei confortável no seu quarto — informa enquanto eu me sento no banco e puxo o cinto sem deixar de fitá-lo.

— Fez isso tudo nesse curto espaço de tempo? — indago, franzindo o cenho.

— Cherry, já é depois da meia-noite e meia. — Pisca para mim e bate a porta.

— Está falando sério? — exclamo de volta e logo Simon se coloca ao meu lado. — Eu mal vi o tempo passar... — confesso.

— Bom assim. Agora vamos, eu estou morrendo de fome também — diz, ligando seu carro.

— Para onde estamos indo? — indago confusa.

— Qualquer lugar, Cherry, isso não importa.

Capítulo 28

Spencer Carter

“Bromance...”

ESPREGUIÇO-ME NA CAMA E PENSO DUAS VEZES ANTES DE ME LEVANTAR DO COLCHÃO MACIO EM QUE ESTIVE DORMINDO DESDE QUE CHEGUEI COM SIMON DO NOSSO JANTAR FORA DE HORA E NADA SAUDÁVEL. Eu tenho impressão de que ele quer me engordar a qualquer custo, não que eu me incomode com isso, mas é muito interessante para ser sincera. Na madrugada passada nós fomos em algum fast-food e pedimos hambúrgueres e fritas com bastante bacon e ketchup. Admito que foi um dos melhores hambúrgueres que comi em anos e gostaria de repetir isso mais vezes, mas não farei com Simon por perto, uma vez que tenho certeza que pareci uma esfomeada louca em sua frente. Nós comemos em sua sala, sentados nos tapetes felpudos e fizemos a maior bagunça por lá, que eu fiz questão de limpar tudo quando terminamos mesmo que Simon tenha tentado me puxar para o quarto por repetidas vezes.

Bocejo preguiçosamente e amarro meu cabelo assim que me sento, estalando certas partes do meu corpo ao me esticar um pouco mais. Há tanto tempo que eu não durmo tão bem que nem acredito que isso possa ser real. Antes que eu possa me atrever a colocar os pés no chão, Simon abre a porta do “meu” quarto e entra com Ryle e Christian no seu encalço. Ele está trazendo uma bandeja cheia de comida e as crianças estão comendo frutas e compartilhando-as entre si, o que não é novidade alguma, afinal eu estou falando de Ryle e Christian.

— Você escapou do “bom dia” caloroso que eles iam te dar — Simon diz, colocando a bandeja no final da cama e cruzando os braços em seguida.

— Você estava treinando-os para me acordar? — questiono e ele sorri de lado.

— Sim, sim. Eu fui a cobaia — papai se pronuncia ao entrar no quarto em passos calmos e curtos, esbanjando um bom-humor sobrenatural.

— Não acredito que fez isso — atiro a Simon e ele continua sorrindo sem dizer uma palavra sequer.

— Eu não me irritei, esses dois são adoráveis — papai defende Simon ao se referir às crianças, mesmo que indiretamente. — Bom dia, filha — saúda-me e se senta na poltrona que tem ao lado da minha cama.

— Bom dia, pai. — Sopro um beijo em sua direção e Ryle faz o mesmo, correndo até o papai e instantaneamente fazendo Christian repetir sua ação.

— E eu não mereço um bom dia? — Simon volta a falar, usando um falso tom de reclamação.

— Bom dia, Simon — inclino meu corpo para frente e alcanço a bandeja.

— Sem *nem um* beijinho para mim? — questiona, aproximando-se de onde eu estou.

— Nem um, nem dois, nem nada.

Ele revira os olhos e dá a volta na cama, sentando-se ao meu lado.

— Quanto mais eu sou atencioso com você, menos regalias eu recebo — reclama, tirando um morango de dentro da taça de vidro que tem em cima da bandeja.

— Você está fazendo isso em troca de regalias? Pensei que fosse pela amizade — alfineto, mordendo um pedaço da torrada que pego.

— Que seja. — Balança os ombros despreocupadamente.

Ryle e Christian tentam subir na minha cama, mas eles encontram dificuldade nessa atividade. Simon começa a rir do meu lado e eu tenho que rir junto com ele, porque é inevitável não o fazer. Christian é o primeiro a conseguir subir na cama, também sendo o primeiro a sujá-la com suas mãos molhadas com o suco da fruta de tanto que ele as aperta. Segundos depois, ele pega o pedaço de melancia que está nas mãos de Ryle e deixa de lado, preocupando-se em ajudar a pequena a subir.

— Eles não são fofos? — Simon comenta ao meu lado e eu viro o rosto para encará-lo.

— Você é um idiota — constato e ele ri, virando para me encarar de volta.

— Você não diz... — retruca cinicamente.

— Quem não te conhece provavelmente não diz, mas diferente das outras pessoas, eu te conheço muito bem. — Pego a taça de morangos e ofereço um para ele, que apanha de bom grado.

— Gosto do som disso — diz, antes de ser atacado por Christian e Ryle. — Porr...

— *Titi!* — os dois exclamam, tapando a boca de Simon em meio risadas.

A situação é tão cômica que tira minha risada e do papai. Simon está sendo lambuzado pelas crianças que parecem estar em um complô contra o tio.

— Desculpem o *titi* Simon, é que ele ainda não aprendeu que não pode falar palavras feias — digo aos dois e eles finalmente libertam Simon.

Christian e Ryle o deixam e começam a atacar meu café-da-manhã, mas eu não me importo.

— Eu alimentei vocês ainda pouco, parem de comer a comida da Sp...

Enfio um morango na boca de Simon, um pouco bruta demais, porém isso o faz calar a boca. Ele lança um olhar aguçado em minha direção e eu sorrio em resposta.

— Quietinho, Simon. Quietinho.

Ele continua lançando o olhar aguçado e eu dou de ombros, mostrando que não me importo. Junto-me às crianças e nós passamos os próximos vinte minutos comendo e rindo com os pequenos que enfiam frutas e mais frutas um na boca do outro. Em algum momento Simon e papai saem do quarto, mas eu estou tão entretida que eu só noto quando Simon aparece de roupa trocada e cabelo molhado.

— Acabou a festa da comida, vamos. — Ele estala os dedos para nós três e fazemos um bico involuntário.

— Mais um pouquinho — Christian pede juntando as mãos e Ryle

repete o que o mais velho faz.

— Já chega, eu preciso banhar vocês dois e Spencer precisa banhar também — ele informa de forma impaciente. — Vocês não querem tomar sorvete a tarde toda? — questiona, cruzando os braços em frente ao seu corpo.

— Sim! — respondem em uníssono.

— Então vamos logo. Quanto mais cedo formos, mais sorvetes vocês tomarão.

Dito isso, Christian e Ryle se arrastam pela cama até descerem com dificuldade. Eles saem correndo e me deixam sozinha com Simon.

— Você não vai dar sorvete para eles a tarde toda, certo? — pergunto desconfiada.

— É claro que não. — Ele sorri. — Eu disse isso apenas para eles cederem logo, mas você precisa estar preparada para entretê-los a ponto de que não se lembrem do sorvete — Simon começa a caminhar para a porta do quarto.

— Mas foi você que disse que daria sorvete a eles... Se vira! — exclamo tentando me livrar dos lençóis sujos de fruta.

— Por sua causa, Cherry. — Ele sai e segura a porta. — Agora vai tomar banho que nós sairemos em meia hora. — Bate a porta com força.

Grande merda!



TERMINO DE SECAR MEU CABELO E PUXO AS MANGAS DO MEU SUÉTER VERDE ATÉ MEU ANTEBRAÇO, DANDO-ME POR SATISFEITA COM MINHA APARÊNCIA. Simon já bateu duas vezes na porta do meu quarto e isso foi algo que me deixou feliz, afinal ele não está invadindo minha privacidade, mesmo que essa ainda seja sua casa.

Pego minha carteira por puro hábito e saio do quarto. Faço meu caminho curto até a sala e encontro Simon conversando com meu pai, enquanto Christian e Ryle brincam no sofá. Pigarreio e chamo a atenção dos dois, já que os pequenos estão entretidos demais em seus mundos para me fitarem.

— Finalmente, Cherry — Simon diz dramaticamente, levantando-se do sofá e caminhando até mim. — Se demorar tudo isso no dia do seu casamento, tenho certeza que o querido Tyler vai desistir — provoca e eu reviro os olhos.

— Deixa que com ele eu me entendo, agora sobre você. — Puxo o seu braço e checo o relógio em seu pulso, já que esqueci de pegar meu celular. — Eu estou cinco minutos atrasada, então sem reclamações.

— Que seja, babe — resmunga e eu solto seu braço. — Mario não quis ir conosco, então eu vou deixá-lo com meus pais enquanto fazemos o que precisamos...

— Eu posso ficar sozinho, sabiam? — meu pai interrompe Simon mas direciona-se a nós dois.

— Nós sabemos disso — Simon diz, virando-se para fitar o papai. — Pensei que tivéssemos combinado de você ficar com meus pais, Mario — completa.

Não duvido nada, afinal os dois são melhores amigos.

— Só estou relembrando, caso vocês tenham se esquecido que eu estou apenas doente, não inválido — papai retruca e revira os olhos.

— Nunca falamos isso — intervenho. — Você quer ficar hoje por aqui? — pergunto, tentando apaziguar a conversa.

— Tanto faz — devolve.

Respiro fundo e Simon passa por mim, deixando um aperto na minha mão esquerda e seguindo até Christian e Ryle.

— Mario vai ficar com meus pais, nós já combinamos — o loiro diz sem se importar. Ele volta e me entrega Ryle nos braços com as chaves e continua com Christian agarrado em seu braço esquerdo. — Vem, vovô —

Simon provoca o papai, que o fita incrédulo.

— Vovô? — meu pai testa a palavra e começa a rir.

Simon Alexander Wyatt sabe exatamente como quebrar um gelo.

— O que foi? — retruca.

— Você é ridículo — meu pai pontua, o que me faz rir e se levanta.

— Você também, nem por isso eu saio te depreciando por aí. — Simon ajuda meu pai a se firmar de pé com mais segurança e deixa que o mesmo se apoie nele, como sempre.

— Por acaso eu te depreciei?

— Não, eu só queria fazer cena. — Nós três rimos e as crianças fazem o mesmo.

Se tem algo que é mais sincero do que a minha relação com Simon, é a relação de amizade dele com o papai. Eu nunca pensei que veria Simon com qualquer amizade sem que fosse a minha, mas felizmente ele encontrou um amigo e esse amigo é o meu pai. Estranho ou não, mas eu acredito que ele realmente se importa com nós e com a nossa situação.

Capítulo 29

Simon Wyatt

“Flirting...”

NO MOMENTO EM QUE EU E SPENCER DEIXAMOS MARIO COM MEUS PAIS, SEGUIMOS PARA LOS ANGELES COM AS CRIANÇAS GRITANDO NO BANCO DE TRÁS. A viagem foi curta e rápida, afinal Los Angeles é apenas um pulo de Long Beach, porém foi extremamente divertida. Saímos do meu carro assim que deixo o mesmo estacionado e pegamos as crianças de suas cadeirinhas.

— Vou tentar achar alguma loja boa por esse lado, tudo bem? — Spencer informa, dando-me Ryle no colo.

Sem pensar duas vezes, aceno com a cabeça para ela e deixo que ela nos guie até qualquer loja de seu gosto. Não é como se Spencer não soubesse onde estamos ou como se estivéssemos fora de seu nicho, afinal isso aqui é Los Angeles e, se tem um lugar que ela conhece, esse lugar é Los Angeles. Durante nosso período escolar, muitas vezes eu a acompanhei até essas lojas e até dava meu palpite sobre suas roupas. É claro que Spencer sempre comprava o que era do seu gosto, então minha opinião nem sempre contava e só contava quando íamos em suas lojas favoritas de lingerie. Sim, esse era meu lugar favorito para estar com Spencer, além de, obviamente, ser tentador demais.

Ryle e Christian continuam fazendo o que quer que seja que eles estão fazendo com meu cabelo e eu paro de andar assim que Spencer faz o mesmo. Ela olha de uma loja para outra, parecendo indecisa sobre em qual entrar. Estamos de um lado da avenida que há pelo menos cinco fachadas luxuosas de grifes conhecidas por seu valor exorbitante por peça. Admito que não sou muito fã dessas marcas e até me espanto com a feiura de algumas coleções delas. Afinal, se compramos uma roupa cara é por que ela deve ser bonita e de boa qualidade, certo? Errado, pelo menos na parte “bonita”. Chega a ser ridículo pagar um valor alto por uma peça de roupa escrota e sem beleza

alguma. Posso ser leigo, mas chega um momento que eu me pergunto “que tipo de moda é essa?”. De todo jeito, Spencer fica bonita até mesmo se usasse um saco de batatas, então espero que ela se decida em qual das lojas entrar primeiro e escolha algo que a deixe confortável, porque isso é que importa.

— Eu não sei se é uma boa ideia irmos nessas lojas... — resmunga, virando-se para me fitar. — Podemos ir naquela loja ali e tent...

— É um presente, Spencer. Não fique com medo de entrar em qualquer uma dessas lojas e escolher uma peça do seu gosto, por mais cara que seja. Eu estou pagando — aviso, antes de deixar que ela complete a ideia de irmos ao brechó que ela apontou do outro lado da rua.

Spencer parece pensar duas vezes antes de me responder qualquer coisa. Ela avalia a situação e acaba dando de ombros, olhando-me um pouco desconfiada.

— Você tem certeza? — testa-me.

— Sim e eu não repetirei.

— Se você diz...

Ela volta a fitar todas as fachadas de lojas e acaba escolhendo a primeira em menos de cinco segundos. Volto a seguir seus passos e entramos na loja juntos. Spencer vem ao meu lado quando estamos lá dentro, provavelmente um pouco acanhada por estar nesse tipo de lugar.

— Bom dia. — Uma atendente aparece, sorrindo abertamente para nós dois, ou quatro, depende se você levar em consideração Ryle e Christian bagunçando meu cabelo. — Posso ajudá-la?

Spencer limpa a garganta e começa.

— Eu estou procurando algo para ir a um evento com... — Ela me fita rapidamente.

— Comigo, o amigo — completo.

— E você tem algum tipo de estilo em especial? Vestidos? Calças? Saias? Tops?

Deixo que ela se resolva com a mulher e procuro um lugar para me sentar. Desabo em um sofá que encontro por perto e daqui vejo Spencer

desaparecer com a mulher com a mulher para os demais cômodos e corredores da loja.

Christian passa por meu colo e senta-se ao lado de Ryle. Puxo meu celular do bolso do meu jeans e checo as mensagens e ligações perdidas que piscam na tela. Há duas ligações da minha irmã e mensagens da mesma. Abro as mensagens e vejo que o conteúdo é repetido: Pearl quer fazer compras com Spencer.

Perdeu, loira.

**Seu irmão, jogador de futebol e
carregador oficial de sacolas da Srta. Carter, Simon
Wyatt.**

Dois minutos se passam até eu receber uma mensagem de volta da minha irmã.

*Por favor, Simon, deixe-me fazer compras
com ela. Eu sei que você ainda gosta de Spencer, mas
monopolizá-la não é o caminho certo quando eu sou
sua melhor amiga. Estou em Los Angeles com Seth...
por favor, me diga que você já está aqui com Spencer.*

**Sua irmã preferida, no momento, dona
de casa grávida e louca por chocolate, Pearl Wyatt-
Sawyer.**

Sorrio de sua resposta e digito outra de volta sem demora.

*Você é minha irmã preferida, pois,
claramente, eu só tenho uma, então que escolha eu
tenho? E sim, já estamos em Los Angeles em uma
loja meio brilhante e cara que eu não faço ideia de
qual seja o nome. Se vira e nos ache.*

Ainda Simon Wyatt escrevendo.

Continuo checando meu celular, mas não há nada de novo. Volto a enfiar o aparelho em minha calça e, antes de Spencer aparecer, Pearl e Seth aparecem. Observo os dois se aproximarem de onde estou sentado e não me importo em parar Christian de descer do sofá e correr até os pais. Ryle tenta fazer o mesmo, mas ela parece temerosa em acabar se machucando se pular dali como Christian o fez. Eu puxo a menina para perto de mim e espero a família feliz se aproximar de nós dois.

— Ah, nem acredito que vou ter esse tempo com ela! — Pearl exclama animada, fazendo-me revirar os olhos. — Oi, princesa — cumprimenta Ryle

e a puxa para o seu colo assim que toma o lugar ao meu lado esquerdo.

— Não pense que vai passar o resto do dia com Spencer, pois temos planos — blefo, tentando espantar minha irmã e suas mil e uma ideias.

— Planos para...? — questiona, sorrindo para Seth que senta-se com Christian do meu outro lado.

— Planos para qualquer coisa que não envolva ninguém. — Dou de ombros.

— Mas eu queria...

— Eu não sou seu marido, Pearl. Não me importo com o que você quer. — Assim que paro de falar, Pearl me empurra, fazendo bico. — Não caio nessa — aviso.

— Que seja. — Revira os olhos. — Onde Spencer está?

— Procurando roupas, provavelmente...

Nesse momento eu paro de falar porque Spencer volta de onde quer que tenha ido e ela está usando um vestido branco que abraça seu corpo esguio de forma generosa. Para ser sincero, ela parece sexy e isso não é nenhuma novidade. O cabelo antes solto agora está amarrado em um coque frouxo onde alguns fios escapam do mesmo e moldam o seu rosto fino. De pés descalços e sem maquiagem ela parece incrível e, se sexy não é a palavra certa para defini-la agora e sempre, eu não sei qual mais seria.

— Ei! — Spencer exclama, aproximando-se de nós mais que o suficiente. — O que estão fazendo aqui? — pergunta.

Pearl deixa Ryle em meu colo e se levanta para abraçar sua melhor amiga.

— Você está linda! — Minha irmã a ignora deliberadamente e faz Spencer girar sobre os pés para vê-la por completo. Eu mentiria se dissesse que não foquei em seu traseiro assim que ela girou, porque indubitavelmente eu foquei no traseiro dela. — Mandeí algumas mensagens para Simon e ele me deu dicas de onde vocês estavam, então eu os achei. Foi fácil de achá-los, afinal eu estava do outro lado da rua — Pearl finalmente explica e solta uma risada.

— Ele está zangado — Spencer provoca, parando para me fitar. Semicerro meus olhos em sua direção e ela sorri. — Esse ficou bom? — pergunta diretamente para mim.

— Se bom significa gostos...

— Simon! — Pearl exclama, avançando para tapar minha boca. — Não fale besteira perto deles, já falamos sobre isso...

— *Totosa!* — Christian exclama e Pearl respira derrotada, soltando-me enquanto eu gargalho.

— Ele vai aprender isso de uma forma ou de outra, Pearl — Seth diz ao meu lado, não se importando tanto com o que o filho acabou de tentar falar.

Conhecendo bem o marido da minha irmã, ele está orgulhoso do filho.

— Eu não estou te ouvindo... — Pearl retruca de forma ameaçadora.

— Qualquer coisa que você diga — Seth retruca sem mudar sua posição diante a situação.

— Eu agradeço pelo elogio, Christian. — Spencer tenta dar um tom cômico ao momento e acaba por funcionar de alguma forma. — Mas eu não acho que ficou tão bom assim... estou um pouco desconfortável — confessa, fitando-me outra vez.

— Então troque por algo melhor — digo, tentando mostrar que não me importo em esperar até que ela ache algo bom.

Spencer acena positivamente e sai puxando Pearl com ela para o lugar de onde veio minutos atrás. As duas me deixam sozinho com Seth e as crianças, uma combinação bem sem animação por eu não ter muito o que conversar com meu *cunhado amado*.

— Quando vai contar a ela? — Seth questiona ao meu lado e eu o fito de soslaio.

— Contar o quê e para quem? — respondo contragosto.

— Contar para Spencer que você está na dela... — replica de forma entediada.

— Não é da sua conta — atiro, começando a me irritar com ele.

— Deveria se lig...

— **Não** é da sua conta — torno a atirar, dessa vez com mais segurança.

— Vocês estão perdendo tempo... — Seth continua enchendo minha mente com suas frases motivacionais para relacionamento.

Bloqueio sua voz da minha cabeça e finjo que estou escutando o que ele está falando para mim. Eu acho que em algum momento a terapia que minha irmã certa vez disse que seu marido está fazendo, deixou esse cara louco. Se Seth já é louco sem terapia, imagine com ela. Ele está achando que é o quê? Algum expert do amor? Ou melhor dizendo, um guru do amor?

Me poupe, Seth Sawyer.

— E então? — indaga.

— E então o quê? — Bufo, confuso com sua tentativa de tentar puxar assunto comigo.

Seth respira fundo e balança os ombros, negando com a cabeça em seguida.

— Nada. Você vai ter que descobrir na hora e lidar sozinho com tudo que está por vir — retruca e volta sua atenção para Christian. — Nós tentamos não foi? — resmunga ao filho e o mesmo assente, pegando o celular do pai para jogar com o mesmo.

— Tentaram o quê? — continuo, agora curioso para saber o que ele falava segundos atrás.

— Não é mais da sua conta — Seth retruca, com um sorriso cínico no rosto.

A vontade que eu tenho é de enfiar o punho em sua boca, porém eu me controlo porque não quero fazer nenhuma cena desnecessária.

— Foda-se... — resmungo por fim.

Entrego meu celular a Ryle e deixo ela ficar mexendo para ter minha atenção atraída por qualquer pessoa que não seja Seth. Eu sei que ainda sou duro e inflexível demais com ele, mas não consigo mudar minha postura por enquanto. É claro que ele ama minha irmã, senão não teria se casado com ela e começado uma família com a mesma, mas o problema é que eu guardo

rancor e ressentimento por muito tempo, até tê-los desgastados dentro de mim. De fato, eu ainda terei ranço de Seth Sawyer por um bom tempo e ninguém poderá mudar isso, apenas eu mesmo.

Cinco minutos mais tarde Spencer e Pearl aparecem sorridentes e falantes, diferente do clima que ficou desde que elas nos deixaram. Respiro aliviado e levanto, indo diretamente até Spencer, como se ela fosse minha única salvação nesse momento. O problema — ou não — é que ela é minha única salvação.

— Eu ainda não gosto do seu marido — cuspo para Pearl e ela me fita entediada. Deixo minha atenção em Spencer e nas roupas em seu braço. — Conseguiu alguma coisa que gostou? — indago, observando que ela tem dois ou três vestidos com ela.

— Na verdade eu achei esses aqui, mas não sei se estão à altura... — explica, incerta sobre as peças. Ela estende os panos para mim e eu checo os três vestidos, que parecem muito bonitos. — Eles são confortáveis, porém...

— É o que importa — eu a interrompo. — Quer ir em mais lojas? Nós apenas chegamos...

— Simon. — Spencer morde o lábio inferior e eu sorrio do seu gesto.

— Vocês querem andar um pouco por aí? Eu e Seth vamos levar as crianças para tomar sorvete — Pearl sugere sabiamente e tanto eu, quanto Spencer, percebemos sua manobra. — De nada — minha irmã completa e sai em disparada até Seth sem nem esperar uma resposta nossa.

— Parece que você não tem saída — digo e Spencer dá de ombros.

— Às vezes eu não quero uma — retruca e me dá as costas, mas não antes de inclinar sua cabeça para mim e me chamar para perto dela.

Caminhamos lado a lado até o balcão da loja e antes de chegarmos lá, passo meu braço pelos ombros de Spencer e a puxo para perto. Desço minha boca até seu ouvido e sussurro:

— Se você não fosse comprometida e eu apaixonado, diria que está flertando comigo.

Ela ri alto, mas não me empurra para longe e isso só significa uma

coisa: Spencer Carter está flertando comigo.

Capítulo 30

Spencer Carter

“Meu noivo...”

TUDO DEPENDE DO PONTO DE VISTA: ÀS VEZES FALTA **APENAS** UMA HORA PARA VOCÊ FAZER ALGO QUE ESTEVE ESPERANDO POR TODA VIDA, MAS ÀS VEZES **AINDA** FALTA UMA HORA PARA VOCÊ FAZER ESSE ALGO. No momento, o meu ponto de vista é o primeiro e o de Simon é o segundo. Eu sei que ele esteve se corroendo por dentro até a chegada desse dia, afinal, depois que comprei o meu vestido, ele já queria que o evento acontecesse no dia seguinte. Simon esteve animado por todo tempo e eu até mesmo me animei em alguns momentos para não o deixar agindo estranho sozinho. Mas, há algo sobre ele que me deixa com uma pulga atrás da orelha: Simon está animado demais para ser verdade.

— Vamos, Spencer! — exclama do lado de fora do meu quarto, que eu tranquei antes de começar a me arrumar por motivos mais que óbvios. — Nós vamos nos atrasar... — assobia e eu reviro meus olhos. — Não tem mais nada de novo para eu ver em você, então, por favor, aparece logo — completa.

Simon diz isso porque mais cedo eu e Pearl fomos a um salão de beleza para fazer maquiagem e um penteado com algum cabeleireiro profissional. Quando terminamos, Simon apareceu para me buscar e Seth voltou para buscar sua esposa — com Christian de tiracolo.

— Então fique calmo, eu preciso de apenas um minuto! — retruco, começando a me irritar com sua insistência e impaciência.

Termino de ajustar o vestido no meu corpo e realizo-me pela forma que eu estou parecendo bonita essa noite. Simon criou mil e uma hipóteses sobre o que eu vestiria, mas a verdade é que eu tenho um vestido guardado há dois ou três anos, que nunca usei antes. Essa é minha oportunidade para fazê-lo, sem contar que vou surpreender o Sr. Apressadinho. Pego a bolsa preta de mão que Pearl me emprestou e respiro fundo, sorrindo para mim mesma. O

vestido é vermelho e combina perfeitamente com meu batom. Diferente dos vestidos que Simon comprou para mim, esse é longo e com um decote fundo nas costas, alças finas demais, além de uma fenda que vem até quase o topo de minha coxa esquerda. Combinei a minha escolha para essa noite com um scarpin preto, também emprestado da Pearl e um colar antigo de ouro que fiquei de herança da mamãe.

— Pronto, satisfeito? — digo ao abrir a porta e me deparar com um Simon encostado do outro lado do corredor.

Ele desencosta-se imediatamente e se aproxima de mim, praticamente fechando toda distância entre nós dois. Mesmo que me pareça errado admitir, eu gosto de Simon e nunca parei de gostar dele. É claro que ele me irrita em grande parte do tempo, mas ultimamente tem sido diferente e eu sei que Simon não está forçando nada disso. Por mais que eu queira beijá-lo por parecer tão bonito usando um terno, todo engomadinho e tudo mais, eu sei que não devo — tanto por mim, quanto por ele. Desço meu olhar até sua boca e ele faz o mesmo, fitando meus lábios atentamente. Se eu bem me lembro, porque não dá para esquecer, Simon não me beijou quando entrou no meu provador e fez aquela loucura comigo. Eu gostaria que ele tivesse me beijado lá naquele dia, mas beijos sempre foram bastante pessoais em nossa relação como um casal.

— Que vestido é esse? — resmunga, olhando-me despidoradamente.

— Estava guardado para uma ocasião especial — retruco, sem deixar-me perder a pose.

— O quão especial é essa ocasião?

Nos encaramos e eu acabo sorrindo.

— O suficiente para eu usar esse vestido, Simon. — Reviro os meus olhos.

— Você está linda...

— Pensei que fosse pedir para eu trocar de vestido. — Sorrio ao confessar o mais profundo dos meus pensamentos.

— Eu não... — volta a resmungar, mas sinto como se ele ainda tivesse algo a falar, só que Simon não fala mais nada.

Ele segura minha mão e entrelaça nossos dedos de forma que nunca fiquei tão confortável ao seu lado como agora. Fazemos nosso trajeto até a sala de estar e Simon apanha seu celular, que está na mesa de centro e seguimos até a porta.

Meu estômago embrulha e meus batimentos cardíacos se intensificam quando estamos dentro do elevador sozinhos, um de cada lado, frente a frente. Simon começa a mexer em seu celular e segundos depois ele aponta o mesmo para mim e vendo pelo vidro das paredes do elevador, percebo que ele está tirando fotos minhas.

— Pare com isso — exijo, semicerrando meus olhos para ele.

— Você vai ter que me parar, porque eu certamente não vou perder a chance de registrar esse momento...

Bufo e fecho os olhos para ignorá-lo.

— Vamos tirar um trilhão de fotos juntos daqui a poucos minutos e você gastando a memória do seu celular com essas aí — ralho, tentando fazer pará-lo.

Abro meus olhos, mas ele ainda está entretido em tirar fotos minhas. Céus...

— Nenhuma delas serão essas aqui — defende-se. — Faz alguma pose, Cherry. Dê-me um sorriso.

Ignoro seu pedido e felizmente o elevador para. Saio em disparada e Simon vem rindo logo atrás de mim, voltando a segurar minha mão enquanto andamos pelo estacionamento.

— Você não sabe o caminho, então pare de tentar tomar a frente da situação — Simon me repreende e eu aperto sua mão em uma resposta muda.

Nos aproximamos do carro de Simon e lá dentro já tem dois homens, provavelmente seguranças contratados para essa noite.

— Estrelinha — sussurro ao lado de Simon quando entramos no banco de trás. — Boa noite — saúdo os dois homens.

— Boa noite — Simon repete o que eu disse em um tom mais sério e duro.

Os dois homens engravatados apenas acenam e ligam o carro. Saímos do estacionamento e logo uma música baixa preenche o ambiente frio e silencioso. Arrasto-me para perto de Simon e entrelaço meu braço no seu, aproveitando para sentir seus músculos debaixo daquele tanto de pano.

— Por que você não está dirigindo? — indago e ele vira o rosto para me fitar.

Nossos narizes se esbarram e, assim que ele abre a boca, nossas respirações se misturam.

— Essa é uma noite especial, que requer decisões especiais — diz, simplesmente.

— Se você está falando. — Dou de ombros, deixando minha bolsa em cima de suas pernas e levando minha mão até uma mecha do seu cabelo. — Por que não prendeu o cabelo? — volto a indagar e Simon revira os olhos.

— O que são todas essas perguntas, Spencer? — retruca e eu sorrio desconsertada.

— Não gosto de ficar em silêncio com você — admito, baixinho.

— Eu posso ficar gemendo no seu ouvido se quiser...

Gargalho da sugestão de Simon e me afasto dele, balançando minha cabeça negativamente, enquanto ele ri de volta. Simon levanta a mão e faz sinal para eu me aproximar dele novamente, mas não obedeco, sendo assim é ele quem se aproxima dessa vez.

— Má ideia? — pergunta e eu aceno que sim. — Então você pode gemer no meu. — Dá de ombros em um gesto visualmente inocente.

Até parece que Simon e a palavra inocente combinam...

— Eu só queria conversar e você já leva para um lado completamente diferente — reclamo.

— Tudo bem, eu retiro o que disse... *por enquanto*.

Simon cruza os braços e faz uma careta para mim.

O nosso caminho termina em meio sussurros e xingamentos, o que não é nenhuma novidade. Tive que tapar a boca de Simon por duas vezes, com

medo dos dois homens à frente acharem que temos algum caso depravado. Não temos nem um caso e nem somos depravados. Pelo menos eu estou falando por mim.

Quando chegamos ao local, parece que o evento já começou. Carros e mais carros estão ao lado do nosso e pessoas pra lá e pra cá. Fico nervosa quase que instantaneamente. Esse não é meu mundo e nada aqui é familiar, o que me deixa em pânico. O carro para de se mover e eu prendo a respiração, observando um tanto de seguranças e organizadores se aproximarem do veículo.

— Tudo bem? — Simon chama minha atenção e eu balanço a cabeça negativamente.

— Acho que foi uma má ideia ter me chamado para isso — murmuro, completamente enjoada com o tanto de gente que ficará ao nosso redor em poucos segundos.

— Eu vou estar com você, Cherry, não precisa surtar — brinca, segurando e apertando minha mão em encorajamento. — Inspira e expira, babe... — diz e eu praticamente engasgo com a sua última palavra.

— O que você disse? — pergunto, sentindo minhas bochechas queimarem furiosamente.

Tenho sorte de estar com um tanto considerável de maquiagem no rosto, senão eu estaria mais vermelha que o próprio tomate.

— Não temos tempo para isso — ele diz em meio a risos.

— Muito bonito, você se divertindo às minhas custas... — retruco entredentes.

Duas batidinhas são dadas do lado de fora do vidro e um sinal de “Ok” é feito para Simon.

— É melhor você sorrir agora.

Essa é a última coisa que ele fala antes de abrir a porta do carro e me esperar pacientemente do lado de fora.

Agora ou nunca.

Now or never.

Quem está na chuva é para se molhar, certo? Certíssimo. Sorte a minha então, que nunca me importei com chuvas.

Arrasto meu corpo e apanho a minha bolsa antes de dar minha mão para Simon. Firmo-me de pé e ele sorri para mim, motivando-me a fazer o mesmo. Flashes nos atingem de longe assim como no outro dia em que estávamos entregando pizza juntos e nos muitos outros dias andando por aí com as crianças.

— Pronta? — pergunta e eu concordo.

Começamos nosso caminho até o tapete vermelho já cheio de atletas. Durante o percurso posso ver os fãs enlouquecidos, tanto homens apaixonados pelo futebol e seus jogadores favoritos, quanto mulheres loucas para ganharem uma chance com os mesmos jogadores. Muito preconceito da minha parte, mas eu mentiria se não soubesse que é isso que acontece nesse mundo. Pearl já me ligou um tanto de vezes chateada com mulheres em cima de seu marido, que por mais que ele seja discreto e fechado — afinal é de Seth Sawyer que eu estou falando —, nenhuma delas perdoa.

Simon para de andar e eu faço o mesmo.

Agora estamos completamente expostos para tantos fotógrafos que eu não tenho ideia nenhuma do que fazer ou para quem olhar. Por dez segundos eu fico completamente cega até me acostumar com toda aquela enxurrada de cliques e mais cliques. Simon solta a minha mão e laça minha cintura, fazendo-me passar meu braço por cima do seu e plantar a minha mão esquerda em suas costas.

— É melhor você sorrir agora, porque eu vou fazer questão de procurar essas fotos na internet e mandar fazer a porra de um banner para colocar na nossa sala de estar — Simon sussurra em meu ouvido e eu não faço nada além de gargalhar.

— Você não teria coragem — atiro de volta e nos encaramos, rindo um com o outro.

— Sim, eu teria, principalmente agora, que você finalmente aceitou por osmose que aquele apartamento também é seu — diz e eu reviro meus olhos, mal percebendo que fiz isso.

— Se não estivéssemos aqui, nesse lugar, eu o faria engolir essas palavras.

Volto a minha atenção aos fotógrafos, que chamam incansavelmente o nome de Simon e praticamente mendigam por sua atenção.

— E por onde eu teria que engolir as palavras? — Simon pergunta, mas outra voz chama mais a minha atenção.

— *Spencer!*

É um único fotógrafo que me chama e eu não posso deixar de ouvi-lo, porque é *ele*. Procuro em meio àquela multidão de homens e mulheres com máquinas fotográficas e acho Tyler. Sua feição é incrédula, assim como eu devo estar no momento. Tento me desvencilhar de Simon, mas ele me segura firmemente e me mantém no lugar.

— O que foi? — questiona.

Eu volto a encarar o loiro e noto a expressão confusa em seu rosto.

— É o Tyler.

— Tyler?

— Sim, o meu noivo. Ele está aqui. Ele é um dos fotógrafos, Simon.

Dito isso, Simon segura minha mão e me puxa para longe daquele lugar.

Capítulo 31

Simon Wyatt

“Tudo que importa...”

PARA SER COMPLETAMENTE SINCERO COMIGO MESMO, DEVO DIZER: EU JÁ SABIA. Sim, desde um par de dias atrás eu estava ciente que o noivo de Spencer estaria presente no local do evento, cobrindo o mesmo e fotografando-o para alguma empresa na qual ele trabalha. Mas, nem foi eu que fui atrás dessa informação.

“A campainha do apartamento toca incessantemente e isso me irrita profundamente, pois eu acabei de voltar da casa de Pearl, onde deixei Spencer e Mario com ela. Quem diabos é, afinal?”

— Já vai, porra! — exclamo, jogando meu celular e minhas chaves em cima do sofá. Volto até a porta e abro a mesma, dando de cara com Seth. — O que foi agora?

— Vai me convidar para entrar? — indaga e eu solto uma risada seca, dando-lhe espaço para entrar.

— Entra — retruco.

— Não quero entrar. — Bufo, semicerrando os meus olhos em sua direção. — Eu vim te dar um aviso, ou uma informação. Por mais que não tenha me escutado naquele dia, acho que precisa saber...

— Então fala logo, Seth.

— Tyler, o noivo de Spencer, vai estar no evento que vamos daqui dois dias. No caso, é só um aviso informacional. Você faz o que quiser com essa informação e, da próxima que eu estiver falando com você, escuta.

Seth me dá as costas e faz seu caminho até o elevador. Eu não sei como porras ele conseguiu essa informação, mas ela é bem-vinda demais, mesmo que eu não saiba o que fazer com isso. Escuto o barulho do elevador, abrindo e fechando, então Seth desaparece e eu resmungo:

— *Obrigado.*”

É óbvio que eu não fiz nada com essa informação, mas foi bom para me manter pelo menos um pouco preparado para os acontecimentos. Porém, no momento eu não me sinto nada preparado. Encaro Spencer, que está sentada logo ao meu lado e sinto medo. E se ela for realmente se casar com o cara que está lá fora? Tudo que eu fiz foi para nada? Isso não é justo.

— *Ele está aqui, ele está aqui...* — ela repete em choque e eu cerro os meus punhos duramente.

Eu quero vê-lo para tentar constatar se ele é melhor do que eu, mas ainda não tive a chance. A parte boa de tudo isso, é que dessa noite não passa. Meu futuro e de Spencer, como um casal ou não, será decidido hoje.

— Bom, ela também está aqui e eu não estou surtando — retruco e consigo sua atenção de volta para mim.

— Ela? A sua... a sua...

— Sim, Spencer, a porra da minha garota — digo, entredentes. Passo minhas mãos por meu rosto e meu cabelo, tentando me acalmar e não fazer nenhuma besteira. — Desculpa, eu não queria falar assim com você, é só que é irritante vê-la dessa forma por causa daquele...

— Meu noivo, Simon. Meu. Noivo.

Nos encaramos e percebo que ela está exatamente como eu: assustada, com raiva e muito irritada. E então eu nos vejo de volta aos velhos tempos.

— Seu noivo. Entendido. — Cruzo meus braços na defensiva, enquanto observo jogadores e mais jogadores entrarem com as suas acompanhantes depois de passarem pelo tapete vermelho. — Mas você veio e está comigo, eu não vou deixá-la ir sozinha atrás dele logo agora. — Trato de refrescar sua memória.

— Você não pode me impedir — rebate.

Fico calado, poupando merda de sair da minha boca. Eu não mereço isso, muito menos Spencer. “Vamos nos acalmar, somos adultos e esse não é o fim do mundo”, penso.

Acalmar o caralho!

Sou eu que quero ir atrás daquele imbecil e perguntar tudo que tenho engasgado na minha garganta depois de ter tido acesso à sua conta bancária e constatar que ele praticamente leva uma vida dupla. Se Spencer escolher ficar com esse cara, eu não vou nem mais suportar olhar para ela.

— Oi, pessoal! — Escuto a voz animada da minha irmã e respiro aliviado por vê-la com Seth e logo atrás, ver Sculler e Cassie.

Os quatro se juntam a nós depois de alguns cumprimentos e eu agradeço a Deus por isso, porque eu não sei se eu e Spencer ficaríamos bem sozinhos.

— Quem você acha que vai ganhar o troféu de melhor jogador desse ano? — Sculler pergunta para mim e eu solto uma risada, contragosto.

— Eu, é óbvio — digo, dando de ombros. — Meu rendimento foi melhor do que o de qualquer um, não negue.

— Eu não completei apenas doze lançamentos... — Seth diz.

— Eu não completei apenas dez — retruco, cruzando os braços e arqueando a sobrancelha para ele.

— Bom para você. — Seth sorri cinicamente e Pearl lhe dá uma cotovelada.

— Eu não quero vocês dois brigando essa noite — minha irmã nos repreende.

— Minha mãe está logo ali, Girassol — ele assobia irônico e ganha mais outra cotovelada. — Porra, Pearl...

— Seth Sawyer — Cassie finalmente o repreende.

Nossa mesa fica em silêncio até Pearl se pronunciar outra vez.

— Você está bem? — questiona, encarando a sua melhor amiga.

Spencer está sentada com a postura ereta e completamente tensa. Seu olhar está fixo em um ponto qualquer, enquanto eu posso sentir que sua mente está trabalhando a mil por hora. Talvez eu devesse ter lhe avisado sobre seu noivo, mas então ela me julgaria e diria que eu estava louco por ter conseguido informações como essa.

— Spencer... — Pearl toca em seu braço e ela dá um pulo da cadeira.

— O quê? — Spencer age desconsertada.

— Você está bem? Por que...

— Bem, sim! Estou bem! — ela exclama, cortando minha irmã rapidamente. — Eu só estou pensando no papai e... ah, eu fico preocupada, é inevitável.

— Uma grande mentirosa — Seth retruca simplesmente e dessa vez eu não consigo ficar sem rir.

— Seth, eu não vou falar duas vezes — Cassie sussurra com os dentes cerrados.

— Não! — digo, parando de rir gradativamente. — Spencer é realmente uma grande mentirosa. — Nós nos encaramos e eu vejo os seus olhos brilharem com raiva pura. — Não tem nada a ver com Mario, tem a ver com o noivo dela e com o fato dele estar lá fora fotografando todos que passam por aquele tapete. E, eu devo dizer, ele nos viu. É por isso que ela está preocupada.

— Spencer? — Pearl sussurra, tentando se certificar de que o que eu disse é verdade.

— Sim, ele está certo — admite. — Tyler está lá fora e eu quero falar com ele, mas tem isso aqui e eu não posso deixar de lado.

— Alguns fotógrafos entram para tirar fotos dentro do evento, você pode sair um minuto para se resolver com ele — minha irmã sugere, fazendo raiva subir por todo meu pescoço até meu rosto.

Spencer não vai sair se não for comigo e, se ela o fizer, eu vou atrás dela. Ela é tudo que importa para mim e eu não vou deixar que aquele filho da puta a engane.

— Se Simon deixar.

Ela joga a bola para mim e eu reviro os meus olhos, ainda furioso com essa ideia.

— Eu não mando em você — cuspo e volto a ficar na defensiva.



DURANTE TODO MOMENTO, EU TOMEI UM MINUTO PARA FITAR SPENCER E TER CERTEZA DE QUE ELA ESTÁ BEM. A preocupação dela foi se dissipando, enquanto Pearl gastava todo o seu tempo para fazê-la confortável outra vez. Levanto-me da cadeira e pego uma taça de champanhe com um dos garçons que passam pelo salão enorme. O clima ficou insuportável depois da grande aparição do noivo de Spencer e eu estou tentando achar alguma saída para a minha ansiedade.

— Simon, parceiro! — Jonathan, um dos meus colegas de time, se aproxima de mim com um sorriso de ponta a ponta.

— Fala aí, cara. — Nos cumprimentamos de forma rápida. — Todos estão por aí? — indago, referindo-me ao pessoal do nosso time.

— Sim, só estávamos nos perguntando onde você se meteu, já que escutamos que você saiu às pressas do tapete vermelho — retruca, curioso como sempre.

— Eu estou farto dessa baboseira. — Dou de ombros, virando o conteúdo da taça de uma só vez. — Você sabe se tem alguma bebida mais forte por aqui? É festa para jogadores ou mulherzinhas?

Eu sei que minha frase soa como a de um revoltado machista, mas é que eu estou com muita raiva reprimida. Já saí com mulheres que bebem o dobro que eu bebo, então é clara a minha irritação.

— *Vai, cara, tira foto dele!* — Escuto uma voz abafada e em seguida alguém esbarra em mim.

Viro-me imediatamente e lá acho um fotógrafo, que sorri amarelo para mim. Eu sinto que o conheço de algum lugar, mas não consigo puxar nenhuma memória para me ajudar a descobrir mais sobre isso.

— Posso tirar uma foto de vocês? — pergunta, apontando com sua câmera para Jonathan e eu.

— Claro! — Jonathan exclama, já que nunca perde a chance de tirar fotos.

O homem aponta a câmera para nós dois e eu mentiria se dissesse que olhei para a lente, uma vez que eu estou focado em tentar lembrar de onde eu conheço esse cara.

“Abro a porta do vestiário e, quando vou sair, sou empurrado para dentro por um cara e uma garota. Os dois estão praticamente se comendo na minha frente. Enfio o meu celular no bolso e os empurro para o lado, preparando-me para dizer a primeira coisa que passa na minha cabeça, mas, então, o cara me fita e separa-se da mulher imediatamente.

— Simon, eu estava procurando por você. — Ele puxa a câmera que está pendurada em seu ombro. — Preciso tirar uma foto sua, é o último que falta!”

Bingo.

É de lá que eu o conheço. Esse é o homem que eu esbarrei, ou que esbarrou em mim — *tanto faz* —, depois do meu último jogo da temporada.

O flash da câmera me acerta e eu pisco, aproximando-me do cara.

— Eu conheço você...

— Não, eu acho que não — ele trata logo de me cortar e tentar passar por mim, mas coloco meu corpo em frente ao seu e bloqueio sua passagem.

— Eu conheço você e aquilo não foi uma pergunta — afirmo, fitando-o desconfiado por conta de seu nervosismo.

Deixo que ele passe por mim sem mais dificuldades e volto a conversar com Jonathan, embora meu sentido tivesse dizendo-me para voltar a abordar aquele fotógrafo.

Durante os próximos e rápidos cinco minutos, Jonathan, eu e o pessoal do time conversamos sobre futebol e mais futebol. Esqueço minha irritação por um instante, mas quando estou de volta à mesa para dar início às premiações, lembro-me de tudo outra vez. Spencer está menos tensa e eu aproveito para puxar sua cadeira para mais perto da minha. As luzes abaixam e um monte de vídeos da temporada começam a passar nos telões ali

dispostos.

— Se sente melhor? — indago, passando meu braço esquerdo por sua cadeira e deixando minha mão em seu ombro.

Mesmo atrapalhado por seu cabelo, sinto sua pele na palma da minha mão e isso me faz ter certeza de que essa é a melhor sensação que tive o prazer de sentir nos últimos anos. A pele de Spencer é macia e ela é muito cheirosa. Aliás, seu cheiro é especial porque ela tem cheiro de prazer. Sim, prazer. Spencer sabe como enlouquecer um homem apenas com um olhar e, quando se trata de mim, ela parece ser especializada nisso.

— Sim e você? — retruca, empinando o rosto para me fitar.

A única luz que nos dá chance de ver um ao outro é a do telão que está logo à frente e isso é o suficiente para eu ter um momento encarando seus olhos verdes.

— Um pouco — admito.

— E isso é por que sua garota está aqui? — pergunta inocentemente.

— Eu vou encontrá-la essa noite — jogo de volta e Spencer olha para longe.

Aproximo meu rosto do seu e deposito um beijo em seu maxilar magro.

Nós dois não falamos mais nada. Continuo com minha mão em seu ombro, agora afagando e fazendo esse gesto pelos minutos que se sucedem. As premiações começam e, como sempre, a do melhor Quarterback fica por último, o que me dá tempo de irritar Seth e ser irritado por ele.

— Se eu ganhar você vai me parabenizar? — pergunto no ouvido de Spencer, um pouco alto demais, já que Sculler acabou de ser chamado para receber seu prêmio como melhor recebedor da temporada.

— Se está esperando um “parabéns”, sim, eu vou te parabenizar — retruca no mesmo tom que eu usei.

— Não é o que eu estou esperando, mas serve.

Spencer arqueia a sobrancelha e revira os olhos. Assistimos Sculler fazer seu curto, mas suficiente discurso, agradecendo a nós, sua família, Cassie, Ryle e o garoto que está por vir. A discussão volta à mesa junto com

Sculler e enquanto meu nome, de Seth e de outros Quarterbacks rolam no telão, nós dois apostamos quem vai sair daqui com o troféu.

— Um mês sem Spencer como babá. — Faço minha jogada e Seth ri com Pearl.

— Um mês de você como babá no lugar da Spencer — sugere de volta e eu aceno positivamente.

— É melhor vocês procurarem alguém para cuidar daquela peste ambulante — aviso, sorrindo cinicamente para minha irmã, que faz uma careta para a minha escolha de palavras.

— Por que tem que ser sobre isso? — Spencer reclama ao meu lado.

— Shhh, Spencer, vamos escutar eles chamarem meu nome — digo, procurando sua mão debaixo da mesa e entrelaçando nossos dedos.

Se tudo vier a baixo daqui alguns minutos, pelo menos eu vou ter tido esse momento com ela.

— E o melhor Quarterback da temporada é... — Uma pausa dramática é feita, enquanto o careca abre o envelope com o nome de quem foi o melhor Quarterback. — Simon Wyatt!

Meu sorriso irrompe e eu fito Seth, que balança os ombros despreocupadamente e recebe um beijo da minha irmã. Spencer aperta a minha mão e eu mudo minha atenção para ela, que sorri parecendo orgulhosa. Levanto da cadeira e recebo seu abraço, mas na verdade eu gostaria de receber um beijo seu. Minha irmã me abraça também, exclamando no meu ouvido o quão orgulhosa ela está. Seth para na minha frente e oferece sua mão em cumprimento, que eu decido aceitar porque estamos em frente a um monte de pessoas e câmeras.

— Na próxima temporada você não vai ter a mesma moleza — me alerta com bom humor.

— Faça seu melhor, então — retruco.

Recebo os cumprimentos de Sculler e Cassie e sigo pelo caminho até o palco, sendo cumprimentado por meus colegas de time no percurso que tomo. Os filhos da puta praticamente sobem no palco comigo. Recebo o troféu e o

último cumprimento, que vem do apresentador.

— Que honra... — resmungo no microfone, encarando o troféu em minha mão. Meu nome está cravado ali e isso não poderia me deixar mais orgulhoso de mim mesmo. — Eu não preparei um discurso porque eu gosto de falar o que vem à cabeça e o que vem à minha cabeça nesse momento é que eu gostaria de deixar meu agradecimento explícito aos meus pais por terem sempre me deixado seguir o meu caminho. Nossa vida era uma merda monótona em Wimberley e de tanto eu encher a cabeça dos meus pais, eles decidiram que seria bom para nós nos mudarmos para Long Beach, onde eu finalmente comecei a traçar meu caminho como jogador com a ajuda de alguns amigos, como o melhor recebedor da temporada, Sculler Sivan e do meu rival de time no momento e cunhado, Seth Sawyer. — Palmas e gritos me interrompem e eu sorrio de lado. — Não posso deixar de citar a minha irmã e sua melhor amiga, Cherry. — Esforço minha visão para tentar encontrá-las, mas não consigo. — Elas e a minha mãe foram minhas primeiras fãs, então esse prêmio também é de vocês. Não tenho mais o que dizer. É isso, obrigado a todos.

Aceno brevemente para a plateia e desço do palco, voltando para mesa com um sorriso provavelmente maior que meu próprio rosto. Procuro Spencer ainda no meu trajeto, mas não a encontro. Franzo o cenho, deixando meu sorriso morrer aos poucos.

— Onde ela está? — pergunto assim que estou perto o suficiente para Pearl me escutar.

— O Tyler a chamou para uma conversa, mas ela disse que não vai demorar — Pearl diz com um sorriso sem graça.

Deixo meu troféu com ela e giro em cima dos meus pés, tentando achar Spencer a qualquer custo.

— Para onde eles foram? — pergunto, mas então eu a vejo.

— Simon, não faz besteira — Pearl pede assim que percebe que eu localizei Spencer seguindo um cara até uma das portas laterais do outro lado do vasto salão.

— Eu não prometo nada — murmuro e começo a andar até meu destino: Spencer.

Desvio das mesas e das pessoas que tanto tentam me parar para me parabenizar. Eu não consigo não ser grosso com algumas pessoas, mas não é como se elas importassem mais que Spencer. Eu preciso chegar até ela e eu preciso estar ao seu lado, além do fato que eu preciso conhecer o seu noivo de uma vez por todas. Nada disso pode ser adiado.

Abro a porta pela qual ela saiu há pelo menos um minuto e escuto sua voz de longe. Posso perceber o seu tom alterado e não preciso ser um gênio para saber que os dois estão discutindo. Aproximo-me calmamente, em passos praticamente inaudíveis.

— Ele é meu amigo, Tyler — Spencer atira furiosamente. — Eu fico tentando te entender, mas eu não consigo. Sinceramente, você não é nada do que eu esperava!

— E você acha que eu esperava o que de você? — o tal Tyler retruca tão alto quanto Spencer. Eu conheço essa voz. — Eu não fui até você porque acabei de chegar exausto de mais trabalho e, trabalho esse que paga e pagou a porra do tratamento do seu pai por anos.

Não consigo ouvir isso calado.

Saio do escuro e acho os dois praticamente em uma batalha no meio do estacionamento. Então esse é o Tyler da Spencer? Um filho da puta traidor que esbarrou em mim meses atrás?

— Não é você quem está pagando as contas dela e muito menos o tratamento do seu pai — digo, atraindo a atenção dos dois para mim. Spencer me olha assustada, mas sua expressão furiosa ainda está ali. — Você vai contar para ela ou eu vou ter que fazer isso? — pergunto, arqueando a sobrancelha para ele.

— E-Eu... — ele gagueja miseravelmente.

— O quê? — Spencer pergunta confusa.

— Ele te trai, Spencer. — Não espero o maricas tomar coragem para falar. — Eu esbarrei nesse filho da puta meses atrás, enquanto ele ia comer uma vadia qualquer no vestiário do meu time. Aliás, a conta bancária dele é recheada com dólares e mais dólares, algo que ele provavelmente não queria dividir com você. Será que você tem uma explicação para isso, Tyler? —

Cruzo meus braços, parando atrás de Spencer e olhando-o por cima da cabeça dela.

— Isso não é seu negócio — ele exclama, adquirindo um tom ofensivo. — Quer saber? Eu te traía mesmo, Spencer, mas o que eu poderia fazer se você estava mais preocupada com seu pai do que com nós dois? Te ajudei por pena e pela foda que você me proporcionava quando nos encontrávamos, não pense que foi por mais que isso. Uma foda fixa como você, é tudo que um homem precis...

Eu não percebo quando e como — parece que meu corpo tem vida própria —, mas logo o meu punho encontra com a boca de Tyler. Ele vai ao chão e eu só consigo me concentrar em socar a cara daquele filho de uma puta. Ira sobe por meu corpo e nada mais faz sentido para mim depois do que ele disse sobre Spencer. Ninguém fala assim sobre ou com ela. Ninguém diz ter pena dela, porque ela não é digna de pena, mas sim de compaixão. Enquanto eu tiver ouvido para ouvir e mãos para bater, ninguém vai sair ileso se falar alguma merda sobre a minha Cherry.

Meu punho conecta em seu maxilar por repetidas vezes. Minhas mãos latejam intensamente depois de cada golpe e isso segue por uma boa quantidade de vezes. Não é como se eu nunca tivesse me metido em uma briga. Eu já o fiz e eu sei muito bem como acabar com meu adversário. Porra, quando descobri o que Seth fez com minha irmã eu quase o deixei inconsciente de tanto que eu o soquei. Esse momento aqui é diferente. O fodido Tyler está falando da mulher que me tem em suas mãos. Ele, talvez, nem mesmo saia vivo para contar sua estúpida história.

— Simon, Simon, Simon! — ela grita, tentando me puxar de cima do embuste que está jogado no chão recebendo os meus golpes. — Para com isso, Simon, solta ele!

Spencer consegue segurar meu braço e eu cesso meus movimentos por medo de acertá-la em algum momento. Sou puxado de cima do seu noivo ou ex-noivo, que se foda o que ele é e me levanto, observando-o cuspir sangue no chão e se levantar cambaleando, praticamente trocando os pés.

— Você. Não. Fala. Assim. Dela. Perto. De. Mim. — pontuo minhas palavras de forma que ele possa entender claramente.

— Eu tenho outra noiva, sabia? — Tyler me ignora e continua fitando Spencer, que segura o meu braço com força. — Ela está grávida e me ama, algo que você nunca conseguiu fazer.

— Bom para você e péssimo para ela, Tyler. E, se quer saber, Simon me chupou usando o vestido que eu iria me casar com você e eu amei, seu imbecil fodido! — Spencer grita, soltando meu braço e avançando em cima do seu ex-noivo.

Deixo que ela o acerte, enquanto absorvo as suas palavras, mas trato de me apressar para puxá-la de volta.

Eu não quero que ela se machuque.

— Dê o fora daqui antes que eu pegue contatos e acabe com sua vida profissional para sempre — digo secamente e Tyler me lança um olhar com raiva, seguindo o mesmo olhar para Spencer.

Dez segundos mais tarde ele some da nossa vista e eu afrouxo meu braço ao redor do corpo de Spencer. Escuto os seus soluços, mas não sei o que fazer. Deixo ela sentar-se no chão, enquanto ando de um lado para o outro e afrouxo o nó da minha gravata. Meu corpo está quente, muito quente. Adrenalina corre por minha pele, queimando toda parte. Eu estou elétrico, além de satisfeito. Spencer não está mais noiva e eu tenho a porra do caminho livre para consegui-la de volta, assim como eu sempre quis.

— Você está bem? — indago, tirando meu paletó e colocando-o em cima dos ombros de Spencer, o que alivia em parte o meu calor, uma vez que a noite está fria.

— Eu não tenho sorte alguma! — exclama, limpando e segurando as lágrimas. — Eu não acredito que Tyler disse que tudo que fez foi por pena... eu pensei que nós fôssemos amigos! Droga, *eu*...

— Não fique assim por causa daquele pedaço de merda, Cherry.

— Ele tem uma outra noiva, Simon. Grávida! E ainda traía nós duas. Como você acha que eu tenho que ficar? — pergunta, virando o rosto para me encarar.

Ela está linda, mesmo zangada e isso me faz sorrir. Eu não consigo segurar o meu sorriso mesmo em meio a tanta raiva e ele acaba provocando

ainda mais a ira de Spencer.

— O que está fazendo aqui? Não disse que hoje iria encontrar com sua... *com sua garota*? Pare de perder seu tempo comigo e vá viver sua vida — ela começa a me atacar e joga o paletó no chão com muita raiva, levantando-se em seguida.

— Eu já encontrei com ela — digo, segurando sua mão. — Você não faz ideia do quão linda ela está hoje, Cherry.

— Deixe-me, Simon. Deixe-me e vá atrás dela — sussurra, com os olhos cada vez mais marejados e a voz cada vez mais embargada.

— Não preciso ir atrás dela, pois eu já estou na frente dela — sentencio, enquanto o silêncio preenche nosso meio por breves segundos. — Você está linda, Cherry. Não só hoje, mas todos os dias desde que nos conhecemos, o que me faz pensar se algum dia você vai ficar feia. — Sorrio, soltando sua mão e segurando-a por ambos os lados de sua cintura. — Eu estive falando de você por todo tempo, nunca houve outra mulher, nunca haverá outra mulher.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — indaga, deixando uma lágrima após a outra escorregar por suas bochechas.

— Não, acredite em mim. Eu nunca falei tão sério em toda minha vida, Cherry. Apenas me diga o que eu devo fazer com o que eu sinto por você: seguro com força ou jogo fora? — Enxugo a lágrima que escorrega por sua bochecha, sorrindo completamente ansioso por sua resposta.

— Você me ama? — Spencer volta a perguntar.

— Eu *adoro* você, Cherry.

— Então é melhor você segurar firme o que sente por mim, porque eu também *adoro* você. — Uma tonelada de peso sai das minhas costas assim que ela para de falar e choca os lábios em cima dos meus.

Não consigo ir devagar.

É impossível ir devagar depois tanto tempo sem tocá-la dessa forma, ainda mais quando é ela quem toma o primeiro passo no nosso beijo. Puxo Spencer contra meu corpo com força, deslizando minhas mãos por suas

costas até voltar pela lateral do seu corpo e segurar suas coxas para puxá-la para cima. Ela enrola os dedos no meu cabelo e as pernas ao redor do meu quadril, deixando os lábios descerem por meu queixo, enquanto finalmente acho uma parede para empurrá-la contra a superfície sólida.

— Eu acho que agora gosto do seu cabelo... — sussurra, puxando meu cabelo para me fazer encará-la. Ela tem um sorriso bonito no rosto, mas além de bonito, é extremamente malicioso. Fico duro na mesma hora, porque eu sei que a velha Spencer está voltando para mim e eu amo a velha Spencer Carter. — Eu acho que tirei alguns fios dele, mas você não se importa, certo?

— Pode puxar o quanto quiser, eu não ligo uma merda, Cherry.

Ela ri e eu aproveito para beijá-la outra vez.

Empurro minha língua entre seus lábios, provando meu sabor favorito: Cherry. Seus lábios se partem com rapidez e ela devolve o beijo com tanta intensidade que, mesmo que ela negue, deixa-me saber que ela esteve necessitada disso tanto quanto eu. Puxo seu lábio inferior entre os meus dentes, lambendo e sugando depois de separar nossas bocas outra vez.

— Eu juro que quero transar com você desde que te vi nesse vestido hoje mais cedo... — Deslizo minha mão por sua perna macia, empurrando seu vestido para cima. Spencer encosta a cabeça na parede e sorri de olhos fechados. Beijo seu pescoço e mordo, chupando sua pele até o ponto que eu sei que ela ficará marcada. — Na verdade eu quero transar com você desde sempre... desde que te vi naquela loja com aquele vestido... eu queria muito batizar mais um provador, mas da última vez você me disse coisas que realmente cortaram meu coração... — digo, ironicamente.

— Você é o maníaco do provador? — indaga, abrindo os olhos e me fitando com um brilho em suas orbes conhecido muito bem por mim.

— Sou...

Spencer continua sorrindo quando puxa minha camisa branca com tanta força que arrebenta os primeiros botões entre nós dois. Meu sorriso se abre, enquanto ela esfrega as mãos por meu peitoral, subindo pelos meus ombros até ela alcançar a parte de trás do meu pescoço.

— Eu sou a maníaca do beco, você sabe... — diz, mordendo o lábio

inferior e olhando-me com um falso ar de inocência.

— Eu sei muito bem, Cherry. Diga-me, maníaca do beco, você quer relembrar nosso ato de sete anos atrás? — questiono, observando o seu sorriso se perder um pouco no momento em que ela olha para os lados.

— E se alguém nos pegar aqui? O beco daquela vez era mais reservado, Simon. Aqui qualquer um pode aparecer e eu não estou pronta para ser descoberta como a maníaca do beco por outras pessoas. Aliás, isso é um estacionamento, não beco...

Gargalho, beijando-a rapidamente antes de colocá-la segura em seus pés.

— Vamos para casa — sentencio, entrelaçando nossos dedos enquanto ela arruma seu vestido com a mão livre.

— Para a sua casa? — pergunta.

— Para *nossa* casa, ou você pode escolher onde quer fazer isso — atiro e ela aperta minha mão.

— Nós temos que checar o papai...

— Podemos ligar para ele e checá-lo pelo celular, Cherry. Ele está e vai ficar bem por essa e mais centenas de noites. — Tento tranquilizá-la e acho que funciona. — Por favor, vamos para casa e amanhã nós buscaremos Mario da casa dos meus pais — peço.

— Tudo bem, vamos logo — diz, apressadamente.

Pego meu paletó do chão e Spencer me ajuda a ficar como antes. É um pouco impossível, já que o começo da minha camisa não fecha por causa da falta de botões, mas fazemos o possível.

— Eu amo seu cabelo solto — ela diz, sorrindo de lado.

— Pensei que odiasse meu cabelo dessa forma — replico, terminando de fechar o paletó e arqueando uma sobrancelha em sua direção. — Como você chamava mesmo... cabelo de menina? — Spencer gargalha.

— Você voltou irritantemente irritante e sexy, Simon, é claro que eu não elogiaria o seu cabelo. Se eu o fizesse, seu ego provavelmente explodiria na minha cara e eu não estava nem um pouco no clima para tê-lo se achando

às custas dos meus comentários — explica.

Eu a encaro, divertido com seu comportamento, mas depois que alguns segundos passam, seguro seu rosto com ambas as mãos e encosto nossas testas. Spencer esfrega a ponta do seu nariz propositadamente no meu e eu fecho meus olhos, aproveitando o momento de silêncio entre nós.

— Dessa vez é melhor você ter piedade do meu coração, Spencer. Eu não estou pronto para te deixar e muito menos para ser deixado por você... — digo, abrindo os meus olhos para fitá-la.

— Tecnicamente, você que me deixou — sussurra de volta.

— Você pode ter certeza que isso não vai acontecer de novo. Talvez você se canse de mim em algum momento ou fique irritada demais, mas só entenda que eu sou uma merda para lidar com sentimentos. A única coisa que tem que saber é que eu preciso de você e eu preciso mais do que algum dia pensei que precisaria de uma mulher.

— Eu sei que nós vamos nos desentender bastante, isso é óbvio. Mas eu também preciso de você. Você é importante não só para mim, mas para meu pai. Eu tenho a sensação que vocês vieram armando juntos por nós dois, mas isso não me irrita. — Ela sorri de lado. — Você é a única pessoa que consegue me acalmar e confortar da forma certa em relação ao papai e eu amo isso... faz eu me sentir segura e me faz acreditar que tudo dará certo.

— É porque isso vai acontecer, Cherry. Tudo vai dar certo com Mario e eu espero que dê certo entre nós. Eu quero você na minha vida, permanentemente, como algo oficial. Vou te dar tudo que precisa e eu não quero dizer isso apenas no aspecto econômico, mas emocional. Você pode se apoiar em mim, pois eu não te deixarei cair. Nunca.

— Eu acabei de sair de um noivado, Simon... acredito que eu nem mesmo deveria estar agindo assim — sussurra.

— Não estamos ficando noivos, seremos apenas namorados, mas se quiser posso deixar isso para depois. Vamos transar como os velhos amigos com benefícios.

Nós rimos juntos e eu volto a selar nossos lábios.

— Obrigada... — diz, abraçando meu pescoço com força.

— Deixe para me agradecer mais tarde.

Capítulo 32

Spencer Carter

“Menos conversa, mais toques...”

SIMON E EU ESTAMOS A CAMINHO DO SEU APARTAMENTO, QUE ELE CONTINUA DIZENDO SER A NOSSA CASA E MAL CONSEGUIMOS MANTER AS MÃOS LONGE UM DO OUTRO. Honestamente, **eu** não consigo tirar as minhas mãos de cima dele e nem quero fazê-lo. Posso parecer uma vadia por ter terminado o meu noivado com Tyler minutos atrás e estar indo para cama com outro homem sem nem mesmo esperar ou “sofrer” sobre isso, mas eu não acho que deva esperar. Me martirizar ou sofrer por Tyler não está nos meus planos.

Por mais que ele tenha me ajudado, eu o ajudei de volta, certo?

Assim como ele disse, eu era sua foda fixa.

Não vou perder a chance ou colocar as mãos em frente aos meus olhos para me deixar cega ou ignorante. Esse é o homem que eu amo: Simon Alexander Wyatt. Se eu o quero e se ele me quer, por que esperaríamos por algo que estamos necessitados há tempos?

O calor do momento me faz ignorar todas as perguntas que eu tenho sobre os motivos escrotos de Tyler para ter criado toda essa situação e focar apenas no loiro sorridente atrás do volante. Esse sim é tudo que importa para mim.

— Como eles vão voltar para onde quer que saíram? — pergunto a Simon, referindo-me aos homens que vieram dirigindo para nós e que foram dispensados de seu serviço ainda há pouco.

— Eles se viram, Cherry — retruca, completamente despreocupado.

Escorrego a minha mão esquerda por seu antebraço e subo até seu pescoço. Em algum momento que eu não percebi, Simon prendeu o cabelo e isso secretamente me irrita. Puxo o elástico preto e jogo para qualquer lado, soltando o seu cabelo mais uma vez.

— Você acha que eles perceberam que nós estamos... meio que...

— Indo transar? — questiona e para o carro no sinal vermelho, virando o rosto para me fitar. — Absolutamente sim. Pelo menos Seth e Sculler... talvez Cassie. Bom, eu não sei se Seth já deixou a minha irmã depravada o suficiente, então há grande chance de todos eles terem percebido. — Simon sorri de lado, enquanto nos referimos ao momento em que entramos rapidamente para nos despedir do pessoal, pegar seu troféu e minha bolsa.

— Não fale assim da anjinho — o repreendo e ele inclina seu corpo em minha direção e captura meus lábios em um beijo demorado.

— Abra as pernas — murmura contra minha boca e eu o fito, confusa.

— O q-q...

— As pernas, Cherry — comanda e eu respiro fundo.

Faço o que Simon me pede com um pouco de relutância e confusão, enquanto ele volta à sua postura anterior e acelera. O ar-condicionado do carro deve estar me sabotando, já que eu sinto o clima esquentar e meu corpo segue esse mesmo caminho. Cada parte minha anseia por seu toque, mas ele demora mais que o necessário para vir. Suor desce por minha testa e eu prendo a respiração quando Simon toca meu joelho. A palma de sua mão esfrega e aperta ao redor daquela parte do meu corpo, fazendo-me encontrar dificuldade para me manter sã. Volto a respirar e parece quase impossível para eu estabelecer um ritmo constante ao puxar e soltar o ar.

— Finja estar tomando conta do câmbio, babe. Quero que sinta a adrenalina de tudo que teremos daqui para frente — diz e eu coloco a minha mão em cima do mesmo, mas minha vontade é de colocar minha mão em cima de outra coisa.

Levando seu pedido ao pé da letra, eu não posso fechar os olhos, mas a cada aperto que Simon me oferece, fica mais difícil de continuar olhando a estrada. É claro que eu deveria saber que ele não joga e nunca jogou limpo. Esse não é seu estilo, nem o meu. Lambo meus lábios e arquejo meu corpo ao senti-lo esbarrar em minha calcinha de renda. Aperto minhas pernas ao redor de sua mão e escuto sua risada baixa e profunda. Simon está achando graça da minha atitude desesperada e eu prometo a mim mesma que farei ele se sentir da mesma forma, mais cedo ou mais tarde. Espremo os meus olhos

com força, esquecendo-me de tudo e mordo o meu lábio inferior quando ele deixa seu indicador pressionar meu clitóris inchado. Meu gemido escapa engasgado e a dor em minhas pernas me faz abri-las para suplicar por um pouco de piedade de sua parte:

— Dê um jeito nisso, por favor — sussurro.

Meus dentes trincam e eu volto a apertá-los sobre meu lábio inferior.

— Não tão rápido — retruca, afastando a sua mão do meu sexo.

Abro meus olhos e Simon coloca sua mão em cima do meu punho, que está apertando o câmbio com força. Solto o mesmo e deixo ele tomar conta da situação, enquanto tento voltar ao meu estado normal sem me deixar parecer tão afetada e frustrada quanto realmente estou. A verdade é que eu consigo sentir o meu sexo já molhado e meu interior comprimindo, implorando por um pouco mais de atenção de Simon. Aperto as minhas pernas uma contra a outra para aliviar a minha tensão e ajusto meu vestido, cobrindo as minhas pernas para minha própria proteção.

Os próximos cinco minutos dentro do carro com Simon não são nada tranquilos. De trinta em trinta segundos ele toca em minha perna, sempre empurrando a fenda do meu vestido para o lado e deixando minhas coxas expostas. Ele empurra, eu arrumo. Ficamos nessa briga silenciosa por todo resto de percurso e, agora que eu consigo ver o prédio, respiro aliviada — não tanto, mas pelo menos 1% aliviada. Simon entra pelo estacionamento e procura por sua vaga, finalmente parando o carro e soltando seu cinto de segurança. Continuo dentro do carro, respirando um pouco e provocando Simon assim como ele fez comigo.

— Vamos fazer isso no estacionamento, Cherry? — pergunta ao abrir a porta do meu lado e solta o cinto de segurança para mim.

— Se você quiser...

Ele ri, oferecendo sua mão para me ajudar a sair e eu aceito sem pensar duas vezes. Dou três passos para o lado e Simon bate a porta do carro, ligando o alarme do mesmo e entrelaçando os nossos dedos para me puxar consigo, enquanto nos guia até o elevador. O único barulho que escutamos é de nossos passos, principalmente dos meus, por conta do salto alto. Minha barriga revira, dá cambalhotas e tudo que consigo sentir são os meus nervos à

flor da pele. Simon solta a minha mão e aperta em algum botão para chamar o elevador. Cada segundo de espera é um tormento novo, um padecimento sem fim por algo que poderíamos ter tido antes se não fôssemos tão cabeças-duras e geniosos quando se trata de relacionamentos.

Simon e eu, entramos no elevador e ele se aproxima de mim com um sorriso que faz a minha pele arder. Estou em chamas, queimando em antecipação, desejo, necessidade e puro prazer. Seu leve toque em meu braço me faz desvanecer aos poucos e eu tenho sorte que ele laça a minha cintura com seu braço e cola os nossos corpos juntos, caso contrário, o chão seria meu destino. Passeio com minhas mãos ansiosas por seus braços, sentindo seus bíceps duros e fitando-o atenciosamente. A beleza de Simon é algo satisfatório e que me faz pensar que nenhum tempo nunca será o suficiente para que eu consiga gravar todos os seus traços firmes. Ele é muito bonito, tanto por dentro quanto por fora e talvez — apenas talvez — eu tenha muita sorte por conseguir alguém tão bom como ele.

— Espero que ninguém esteja de olho nas câmeras de segurança — murmura, segurando a alça do meu vestido em tom de brincadeira. — O que você quer fazer primeiro? — indaga, parecendo querer saber todas minhas exigências para atendê-las sem pestanejar. — Algo do tipo amor ou apenas foder?

Sorrio com a sua escolha de palavras e opções oferecidas e ele me empurra contra a parede do elevador, pressionando-me a lhe dar uma resposta rápida antes que a porta do elevador se abra, porque tenho a sensação de que quando isso acontecer, ele me levará até seu apartamento e lá dentro nos perderemos de mil e uma formas diferentes.

— Foder. — Mordo meu lábio inferior e seu sorriso vem de forma perversamente safada. — Mas eu também quero algo do tipo amor... — Aperto seus bíceps. — Podemos misturar? — questiono.

— Talvez.

O talvez de Simon me diz que ele não quer misturar, mas espero estar enganada. Agradeço mentalmente quando vejo no painel do elevador que chegamos ao nosso andar. O loiro me puxa com ele quando a porta se abre e caminhamos em passos largos até a porta do apartamento. Ele pega a chave e

abre, dando-me espaço apenas para entrar e respirar fundo. Escuto Simon passar a chave duas vezes e estamos oficialmente sozinhos e trancados em seu apartamento. Sinto sua presença atrás de mim e ele passa os seus braços ao redor da minha cintura, abraçando-me de forma terna. Fitamos a noite de Long Beach juntos e calados, petrificados em nossos lugares antes de deixar que o caos nos envolva juntos.

Não sei por quanto tempo ficamos nessa posição: pode ter sido um par de minutos ou quatro pares deles, mas lentamente Simon me guia para mais perto do sofá. Seus dedos longos e calejados de treino afastam meu cabelo para longe do meu pescoço, dando-lhe espaço para me tocar angustiosamente ali.

Eu não sei explicar, mas todo esse sentimento ao nosso redor está me deixando embriagada e nada sã.

Sinto os lábios gelados dele sobre a pele quente do meu pescoço e o seu próximo ato me deixa com um frio na barriga gostoso. Ele segura meu cabelo em seu punho e puxa de forma leve, mas firme, inclinando minha cabeça para o lado. Simon beija meu pescoço em uma sinuosa trilha até o lóbulo da minha orelha, onde deixa leves mordidas e segue até o meu maxilar, traçando-o com a ponta da língua. Aperto minhas pernas com mais força do que fiz quando estávamos no carro. Agora a situação é diferente e suas torturas são piores, ou melhores, depende de como eu encaro a situação. Oh, sim. Melhores, muito melhores. Minhas coxas começam a formigar pela pressão insana que eu aplico nelas, mas isso não me impede de ficar de pé. Seguro a mão livre de Simon e planto a mesma em cima da minha barriga na tentativa falha de fazê-lo apressar seus movimentos.

Tudo é em vão.

Simon faz o que quer e o que me dá mais prazer, como se ele conseguisse se lembrar de tudo que vivemos no passado. Entretanto, por mais que tudo que tenhamos vivido antes tenha sido bom, nada se compara a isso: o novo Simon. Eu não sei quando ele cresceu tanto, quando ele se tornou mais firme e dominante, mas isso me agrada de uma forma inexplicável. Eu não quero mais ficar no controle, não nesse momento. Eu escolho deixar Simon me guiar e espero que essa seja a escolha mais correta que já tomei na minha vida.

Estremeço ao ser puxada de volta à realidade prazerosa na qual fui submergida desde nosso caminho até esse lugar. Os dentes de Simon forçam em minha pele sensível mais uma vez e ali ele morde e chupa, fazendo com que eu sinta minha veia bater freneticamente debaixo de sua língua quente. Seus dedos emaranhados em meu cabelo forçam a minha cabeça para trás e eu engulo a seco, conseguindo segurar em sua cintura com dificuldade, enquanto o desejo lascivo entre nós dois vai tomando cada vez mais uma proporção maior.

— Você sabe por quanto tempo eu esperei por isso? — Simon murmura sua pergunta ao pé do meu ouvido. Sua respiração quente e controlada me brinda com uma luxúria inenarrável e sua voz rouca e entorpecida com um tom lúbrico me faz suspirar e esquecer de como usar as palavras. — Eu esperei por muito, Cherry, muito, muito tempo — continua, soltando o meu cabelo e me virando para ficarmos face a face, ao passo que me empurra contra o encosto do sofá. A luz quem vem das paredes envidraçadas deixam a sala de estar imersa em um escuro reconfortante e que completa esse momento de forma genial. É como se os céus soubessem que eu e Simon iríamos nos resolver hoje e tivessem deixando as coisas perfeitamente alinhadas para a nossa noite. — Estive cobiçando você em meus sonhos mesmo antes de voltar para essa cidade. A minha vontade sempre foi de fazer você ser minha e essa noite, você é minha. Somente minha. E eu sou seu, assim como eu sempre fui.

— Eu sou sua — admito, pois sei que isso é algo que ele sempre quis ouvir da minha boca e que eu sempre quis ter a coragem de dizer a ele. Essa noite eu estou corajosa. Simon me deixou corajosa com suas ações e suas palavras, então eu não poderia agir de forma contrária. — Eu quero que você me faça sua, Simon, por favor...

Ele segura o meu rosto e escova as maçãs das minhas bochechas com carinho, aproximando sua boca da minha e selando os nossos lábios. Respiramos um ao outro e o meu coração esquenta com esse gesto, como se ele estivesse sendo capaz de sanar todas as dores pelas quais eu passei nos últimos anos ao entregar-me seu coração inconscientemente em uma bandeja.

Somos um só.

Essa noite eu e Simon somos apenas um e isso me completa.

Coloco as minhas mãos em seu rosto, esfregando sua barba por fazer na minha palma e gostando da sensação que isso me causa. A língua de Simon empurra para dentro da minha boca e eu parto meus lábios para receber seu beijo candente. Ele me beija como nunca o fez antes. Posso sentir sua necessidade em cada esbarrão que sua língua dá na minha. A sua excitação não é ignorada por mim, uma vez que ele tem seu corpo pressionado no meu de forma cálida para me deixar sentir a sua ereção.

Separo as nossas bocas, tirando minhas mãos de seu rosto, mas ele não faz o mesmo. Simon escorrega as mãos até o meu maxilar e me faz subir o queixo, enquanto ele procura me beijar agora de forma mais calma e demorada, como se ele estivesse querendo saborear a minha pele. Minhas mãos, com suas vidas próprias, resolvem navegar pelo corpo impecável do loiro e minha opção mais acertada é a de parar em seu volume. Seu membro rijo está apertado por sua boxer e calça de tecido fino, que é provavelmente bem cara. Início um vaivém calmo por toda extensão coberta e retesada, que parece começar a precisar de mais e mais atenção a cada movimento meu.

— Se continuar fazendo isso, eu posso não durar mais nem um pouco — Simon adverte com um tom trépido, incerto.

Ele segura meu pulso, fazendo-me parar de tocá-lo.

— Eu estava me divertindo — provoco, sorrindo e endireitando meu rosto para nos encararmos novamente.

— É a minha vez de me divertir — retruca, empurrando as alças finas do meu vestido para baixo e deixando que a peça alcance os meus pés em menos de cinco segundos.

Estou praticamente nua em sua frente. A única coisa que ainda resta em meu corpo é a minha calcinha preta de renda, enquanto mantenho-me de pé em cima dos saltos que me ajudam a ficar quase que da mesma altura que ele. Simon empurra o meu corpo levemente contra o encosto do sofá e traz a sua mão até meu cabelo. Ele segura inocentemente duas mechas longas dianteiras e enrola ambas, deixando-me confusa por ele estar brincando com meu cabelo e não com o meu corpo.

— Simon...

— Calma, babe — resmunga e eu procuro seus olhos, mas eles estão

atentos em meus seios pequenos.

Seu jogo não demora a vir: Simon esfrega as pontas juntas do meu cabelo em cada um dos meus mamilos intumescidos. Não controlo ou reprimo o gemido que sai da minha boca, porque simplesmente não quero. O que eu quero e necessito, é que Simon escute o quanto eu gosto do que ele faz comigo. A agonia em querer logo sentir os seus lábios em meus seios me faz ficar inquieta e irritantemente sensível. Um caroço se forma em minha garganta quando ele deixa seu jogo cruel de lado e avança sobre mim para dar fim ao suplício em que me encontro.

Simon abocanha meu seio direito sendo nada gentil, mas felizmente eu não preciso de sua gentileza nesse momento. Sua língua quente me faz praticamente engasgar em minha saliva, deixando-me à beira de um precipício com seu gesto arrebatador. Ele beija, chupa, suga, lambe, enrola sua língua sobre o botão encrespado e endurecido e faz isso por diversas e diversas vezes, enquanto acaricia o meu outro seio com a pressão correta. O calor no meio das minhas pernas torna-se insuportável quando Simon deixa sua atenção cair sobre meu seio esquerdo. Nos encaramos sem nenhum desvio, mesmo que eu esteja encontrando dificuldade para manter os meus olhos abertos.

Agarro o seu cabelo com vigor, empurrando-o cada vez mais para perto de mim. Encontro meu caminho até minha calcinha e me satisfaço juntamente com Simon. Ele percebe o que eu estou fazendo e ri do meu ato desesperado. Sua risada profunda me deixa ainda mais enlouquecida que antes, lançando ondas quentes por meu corpo de forma abrasadora. Meu clitóris está encharcado e escorregadio, facilitando meus toques e tornando-os rápidos. Meus gemidos navegam em uma crescente que sem dúvida alguma está deixando Simon orgulhoso. Ele se afasta de mim e me assiste, ao passo que começa a tirar a sua roupa. Desejo ajudá-lo com a sua roupa, mas eu não consigo parar de me tocar, enquanto ele se livra das peças inconvenientes.

— Você está muito gostosa se tocando dessa forma — murmura, como se estivesse constando um fato, mas eu não ligo. Simon finalmente está somente de boxer, esfregando sua protuberância no meio das pernas por cima do tecido preto. Ele me fita dos pés à cabeça, aproximando-se de mim de olho nos saltos altos que ainda não me atrevi a tirar. — Eu vou comprar

alguns desses para você... — diz, apontando para o meu pé. — Modelos diferentes, um de cada cor, um para cada porra de foda. Eu quero a minha mulher sempre gostosa e com saltos em seus pés bonitos. — Ancora seu dedo em meu queixo e eu empino meu rosto, ofegante e ligada nele e em mim mesma. — Deixa que eu termino isso para você. — Segura a minha mão e me força a tirá-la de dentro da minha calcinha.

Simon se ajoelha na minha frente, puxando minha calcinha em seu caminho até o chão e abrindo minhas pernas. Ele segura as minhas coxas e eu aceito ser controlada sem nenhuma resistência. O sorriso que ele lança em minha direção é abusado, assim como a sua personalidade e isso acaba com todos os meus neurônios de uma só vez. Sua boca vem de encontro ao meu sexo, quente, úmido, latejante e possivelmente gotejante. Simon não é tão piedoso como foi quando me tomou dessa forma no provador do ateliê, então eu não sou piedosa com ele. Seguro um punhado do seu cabelo, mordendo meu lábio inferior com força, enquanto incito-o a me beijar lá em baixo com mais avidez. Ele finalmente solta um gemido e esse é áspero e rouco, como se estivesse amando estar nessa posição.

Simon percorre as minhas pernas com as suas mãos, alcançando minha bunda e fincando os dedos na minha carne. Sua língua roda em cima do meu clitóris e eu tenho que puxar seus cabelos para aliviar a minha vontade de gritar como uma louca ensandecida. Um arrepio percorre o meu corpo e como punição por ter puxado seu cabelo com força demais, Simon aperta meu traseiro mais ainda, convocando o meu orgasmo em uma corda bamba. Meu quadril move-se para frente e para trás, enquanto eu procuro mais fricção para cair no esquecimento do desejo concupiscente que assola meus hormônios. Basta apenas uma chupada e eu parto em duas. Simon continua usando sua língua em mim, ao passo que eu perco o controle dos meus movimentos ao ter o meu orgasmo prologando até seu último fio.

Os próximos segundos são longos, mas no final de tudo eu estou menos tensa e mais faminta. Abro os meus olhos com certa dificuldade e solto o cabelo loiro de Simon, deixando-o que ele se afaste do ponto no meio das minhas pernas e suba para me encarar.

— Eu gosto de você na minha boca. — Passa a língua entre os lábios avermelhados, deixando-me levemente enrubescida. — A vida é boa, mas a

sua boceta é melhor — diz, chocando os lábios nos meus.

Solto uma risada um pouco temulenta, passando os meus braços pelo pescoço de Simon e abraçando-o meio tonta. Chuto minha calcinha dos meus pés, enquanto nos beijamos vagarosamente. Tenho um momento para respirar antes dele me carregar até me deixar sentada no sofá de couro.

— Eu vou pegar um preservativo — avisa e eu aceno positivamente.

Meu corpo não tem muito tempo para abaixar a temperatura. Assim como ele some, Simon reaparece com um preservativo na boca. Ele me oferece sua mão e me faz virar de costas, enquanto eu fico de joelhos no sofá, inclinando o meu corpo contra o mesmo e eu virando o rosto para fitá-lo sobre meu ombro. Ele tira a boxer com facilidade e veste o preservativo em um movimento quase que inconsciente, já que os seus olhos não se afastam do meu corpo exposto para si. Da mesma forma como ele faz comigo, eu admiro seu corpo definido, observando como ele se transformou durante todos esses anos em um homem viril e libidinoso, o que condiz diretamente à sua forma física. Seus músculos levemente saltados são um presente para minha visão e, pontuo o mesmo sobre seu bronzeado poderoso e peitoral largo, com pelos curtos e loiros salpicados por sua pele majestosa.

Ele é lindo e ele é meu.

— Agora sim você vai ser minha — afirma com veemência.

Simon toca o meu corpo e se posiciona sem deixar de me fitar nos olhos. Esse é o nosso momento, essa é a nossa noite. Ele volta a abrir um sorriso que me dilacera completamente por dentro e eu amo o quão pervertido Simon parece, enquanto esfrega a cabeça de seu pênis em cima do meu clitóris sem vergonha alguma. Quando menos espero, ele vem de uma só vez, enchendo-me, esticando-me e acomodando-se em meu sexo. Choramigo baixo ao senti-lo obscenamente duro, achando difícil ficar confortável com ele dentro de mim, mesmo que eu não seja virgem há anos.

— Tudo bem? — Sua pergunta é difícil, como se ele estivesse lutando contra o instinto de continuar seu caminho apenas para checar a minha integridade física.

— S-Sim — gaguejo, engolindo a seco a saliva que enche minha boca. Por mais que esteja doendo e seja incômodo, isso não passa perto de ser ruim.

Simon torna essa dor suportável ao afagar minha cintura com carinho e preocupação. — Pode continuar, eu só preciso me acostumar...

Ele toma minha resposta e continua sem mesmo pensar duas vezes ou voltar a questionar-me. Afundo minhas unhas no couro do sofá, deixando que Simon construa nosso caminho mais uma vez com toda sua experiência, que eu não fazia ideia que ele tinha. Cada ida e vinda é uma nova sensação que eu descubro entre o limiar da dor e do prazer. Sua respiração acelerada é a melhor música que eu poderia escutar nesse momento e, junto aos meus gemidos incontrolláveis, somos como uma canção de melodia impecável e arranjos musicais invejáveis.

Simon volta a segurar um punhado do meu cabelo e sem perder o ritmo, ele puxa minha cabeça para trás e devora minha boca em um beijo que só serve para me deixar mais excitada do que antes. Ele puxa meu lábio inferior entre os dentes e chupa, fazendo-me lembrar de seu ato de minutos atrás, porém em meu clitóris. Tremo. Vibro. Meu corpo sacode, enquanto gememos um na boca do outro. Ele abafa o meu gemido com a sua língua e eu faço o mesmo com a minha. Separando a boca da minha dois segundos mais tarde e endireitando seu corpo, Simon solta meu cabelo e desfere um tapa na poupa da minha bunda. A ardência em minha pele é boa e eu sinto como se estivesse no meu paraíso particular.

Ele me toma com pujança e eu o recebo necessidade e prazer.

— *Muito... boa...*

Seus resmungos me fazem sorrir em meio ao caos em que estamos. Palavras sem nexos saem da minha boca, mas eu não consigo nem mesmo perceber o que eu estou falando. Cada estocada é mais profunda, mas também é rápida em seu insano ritmo que me lembra que estamos fodendo e não fazendo amor. Não me incomodo em pedir para ele ir devagar, porque eu gosto do que ele está fazendo. Eu gosto de foder com Simon. Eu gosto de me sentir desinibida, liberta e completamente carnal.

— Você está...

— Eu vou... não consigo mais segurar... — ele me interrompe, respondendo a minha dúvida. Suas mãos apertam mais ainda meu traseiro e eu arquejo as costas, gemendo e xingando, tudo ao mesmo tempo,

provavelmente soando depravada e indecente. — Eu preciso que você goze outra vez, Cherry. Posso sentir sua boceta apertando ao redor do meu pau. Vamos... eu quero sentir você apertando mais... e mais...

Um simples toque que ele dá em meu clitóris túmido e eu volto a partir em duas. Spencer Carter está completamente estilhaçada. Faço meu quadril ir de encontro à pélvis de Simon, obrigando-o a me penetrar com mais força. Posso escutar o seu grunhido gutural ao gozar dentro do preservativo, enchendo-o de seu alívio de meses — provavelmente. Seu corpo cai em cima do meu e ele beija o meu ombro, mesmo por cima do meu cabelo grudado ali por conta do suor que me banha.

— Você quer tomar banho? — pergunta, retirando-se de cima de mim e me deixando cair deitada no sofá.

Meu corpo parece ter sido pisoteado por um milhão de touros. Mas, de alguma forma, a sensação é relaxante. Eu nunca estive tão relaxada em toda minha vida e tudo isso graças a Simon Alexander Wyatt.

— Eu não quero sair daqui... ainda.

Ele sorri. Simples. Galanteador. Completamente safado.

— Eu adoro você — repete o que me disse mais cedo e eu sorrio de volta.

— Eu também adoro você.

Simon inclina seu corpo e eu assisto seus músculos suados tonificarem-se e duplicarem de tamanho. Ele beija meus lábios de forma doce e deliciosa, deixando-me derretida.

— Vamos tomar banho e fazer algo do tipo amor — avisa e eu aceno positivamente.

— Algo do tipo amor, por favor.

Capítulo 33

Spencer Carter

“A manhã seguinte...”

POR MAIS QUE EU TENHA FICADO ESGOTADA MUITAS VEZES NA NOITE PASSADA, PARAR DE TOCAR EM SIMON E SER TOCADA POR ELE NÃO FOI UMA OPÇÃO. Consigo me lembrar da nossa aventura ensaboada no banheiro e depois como nós nos enrolamos em sua cama e ficamos acordados até perto das cinco da manhã.

Se fodemos?

Sim.

Fizemos “algo do tipo amor”?

Também.

Depois de tudo, conversamos embriagados um do outro.

De todas as vezes que ficamos juntos, essa com toda certeza foi a melhor delas. Levanto-me da cama de Simon, completamente dolorida e sentindo músculos no meu corpo que eu nem mesmo sabia que existiam. Encaro sua bunda, redonda e branca, diferente do seu corpo bronzeado e abro um meio-sorriso.

Por que diabos nos prendemos tanto ao passado e perdemos tanto tempo brigando por coisas insignificantes? Não vou me perdoar por ter deixado isso acontecer, mas vou matar toda saudade que eu senti de Simon durante esses anos.

Sigo para o seu banheiro com um pouco de pesar em deixá-lo para trás e encaro minha situação caótica no espelho extenso que está pregado à parede. Pareço destruída. Sim, muito e bastante destruída. Mas não é assim que eu me sinto por dentro e esse é o ponto importante em tudo que aconteceu noite passada. Simon me completou e eu o completei. Juntos fomos um só e eu espero que seja assim por muito tempo. Nunca me senti tão

feliz em toda minha vida, mesmo passando pelo que estou passando com o papai. Simon me disse que ele vai ficar bem e que ele vai se curar, então eu acredito. Espero que essa parte ruim da nossa vida passe logo e que o papai possa voltar a ser cheio de saúde.

Procuro por uma escova de dentes e assim que acho uma embalada, lavo e aplico creme dental. Escovo meus dentes sem pressa, observando Simon aparecer na porta do banheiro completamente nu, exatamente como eu estou, a diferença é que ele tem uma ereção matinal muito bem armada. Simon coça os olhos e espreguiça-se de forma desajeitada, flexionando os músculos, esticando-os e estalando o pescoço. Faço uma careta ao ouvir aquele som, mas continuo observando-o se aproximar de mim. Ele tem arranhões pelo corpo e algumas manchas escuras decorrentes ao tratamento que ganhou de mim. Sorrio entre a escovação de dentes e cuspo o creme dental da minha boca, enxaguando e limpando-a. Eu também tenho minhas marcas pelo corpo, a maioria delas provavelmente está em minha bunda, mas ainda tenho umas em meu pescoço e seios.

— Bom dia — eu o saúdo, deixando a escova em cima da pia, enquanto ele pega a sua e coloca creme dental na mesma.

De repente, eu não sei como agir perto de Simon.

Estamos ficando?

Somos amigos com benefícios?

Namorados?

Será que eu posso me aproximar e abraçá-lo ou ele vai me repelir para bem longe?

Todas essas perguntas são respondidas quando ele planta sua mão livre em minha cintura e me puxa para perto. Simon afaga minha pele, causando inúmeros arrepios por todo meu corpo e eu respiro profundamente, enquanto espero ele terminar de escovar os dentes.

— Bom dia — diz, alguns minutos mais tarde. Sua voz está mais grossa do que de costume, já que ele acabou de acordar; seu cabelo liso está um pouco bagunçado, mas nada que desintegre sua beleza. Para ser sincera, Simon parece mais bonito assim: selvagem. — Dormiu bem? — indaga,

inclinando o rosto para bem perto do meu.

— O pouco que dormi foi bom, mas enquanto estive acordada foi melhor ainda — brinco, mordendo meu lábio inferior e ele sorri satisfeito. — E você?

— Eu digo o mesmo — concorda. Nossa respiração se mistura de um jeito provocador, assim como na noite passada. — Temos que pegar Mario... — murmura em meio a um gemido frustrado. — Eu tenho que ir à Los Angeles... você pode ficar no hospital com ele enquanto eu procuro por algo?

— É importante? — questiono, tendo minha curiosidade atiçada por seu pedido. — E, sim, é claro que eu posso ficar com o papai... mas têm as crianças...

— Eu fiz uma aposta com Seth. — Franze o cenho. — Bom, vamos tomar banho agora, depois falamos mais sobre isso — diz, beijando os meus lábios e segurando minha mão como já está acostumado a fazer.

Simon e eu realmente apenas tomamos banho. O cansaço em nossos corpos foi respeitado por ambas as partes e eu o agradeço mentalmente por não ter forçado um movimento sobre o outro. Meu corpo está praticamente morto do tanto que foi usado — com minha permissão, é claro — então nada mais justo do que um bom banho com direito a massagem debaixo do chuveiro.

— Você é linda... — sussurra ao pé do meu ouvido.

Simon agora está enxugando o meu cabelo com uma toalha, enquanto eu enxugo o meu corpo com outra. Tem sido muito tempo desde que fui tratada como ele está me tratando e isso obviamente me faz derreter aos seus pés. Eu seguro a toalha de sua mão e viro para fitá-lo, encontrando-o com um sorriso de canto de boca. Deixo a outra toalha ao redor do meu quadril, assim como ele está e fico na ponta dos pés para enxugar seu cabelo em gratidão. Eu não sabia que um dia chegaríamos a esse patamar dentro de uma relação, mesmo que ela não seja assumida. Tivemos poucos momentos carinhosos até hoje, afinal, carinho nunca foi bem a nossa praia. Mas eu gosto de carinho, especialmente agora. Eu amo Simon carinhoso.

Deixo Simon se vestir e vou até o meu quarto debaixo do olhar dele, o que torna as coisas mais divertidas. Bato a porta do cômodo e procuro por

uma roupa que deixe minha aparência discreta. Infelizmente o calor de Long Beach não me permite usar roupas de frio, dessa forma eu esqueço a vergonha momentânea e pego um vestido branco envelhecido, mas que é tão confortável e macio que esqueço de sua aparência. Visto-me com a peça e com uma calcinha também branca e nos pés eu calço uma bota creme.

Simon entra no meu quarto já completamente arrumado e senta-se na cama para me esperar. penteio meu cabelo, enquanto nos encaramos sem desvio. Simon não precisa de muito para parecer bonito. Ele está usando uma bermuda jeans, tênis branco e regata também branca. Ainda tenho que aceitar o fato dele ter sido premiado com um cabelo tão bonito, mas, enquanto isso não acontece, eu vou invejá-lo.

— É o suficiente — diz assim que eu jogo a escova em cima da cômoda branca. — Você está bonita. Podemos ir? — pergunta.

— Por que está tão apressado? — questiono, arqueando a sobrancelha e segurando sua mão, que ele oferece quando fica de pé.

— Mario deve estar irritado com a nossa demora. — Ele tenta sair pela tangente, mas eu aperto sua mão com força.

— Isso não é sobre o meu pai, Simon.

Ele me fita brevemente antes de acenar em concordância e dar de ombros.

— Não é sobre Mario, mas eu não posso te contar... *ainda* — confessa.

— Eu nem queria saber mesmo. — Reviro os meus olhos ao escutar sua gargalhada provocada por mim. É claro que eu gostaria de saber, mas não darei a ele esse gostinho. — Vou pegar uma muda de roupa para o papai e te encontro na sala — completo, levemente chateada.

Solto a mão de Simon e saio do meu quarto em passos largos. Posso escutá-lo vir atrás de mim, mas finjo que nada está acontecendo.

— É bom que não esteja irritada comigo — Simon diz no momento em que entramos no quarto do meu pai.

— Eu não estou — minto.

— E eu não acredito em você.

Vasculho o guarda-roupas extremamente arrumado e acho algo bom para o meu pai, pegando as peças e virando-me para Simon.

— E **eu** não espero que acredite em mim. — Deixo as roupas em cima da cama arrumada e começo a dobrá-las.

Ficamos em um silêncio estranho e desconfortável até Simon se levantar e me abraçar por trás. Ele afasta meu cabelo úmido para o lado e beija meu pescoço, subindo seu carinho até minha bochecha esquerda. Tento não transparecer o quão afetada estou, mas é impossível e eu já cansei de segurar e esconder os meus sentimentos em relação a ele.

— Você confia em mim? — indaga, usando um tom sério que me faz pensar imediatamente se ele não está levando essa conversa para um lado pessoal demais.

— Eu não mudaria com meu pai para casa de um homem que eu não confio... É claro que eu confio em você, Simon — resmungo, maneando minha cabeça para fitá-lo.

— Então confie no que eu estou fazendo e não se preocupe — pede, mais firme que nunca, me deixando apenas com a opção de aceitar o que ele diz. — Confie em mim de olhos fechados, pois quando eles estiverem abertos eu farei questão de me certificar que você não vai se arrepender de nada. Absolutamente nada.

— Tudo bem...

Ele sela nossos lábios e me solta lentamente, esperando eu terminar de dobrar o casaco que peguei para o papai, ainda tonta com a situação.

Pouco tempo mais tarde estamos em seu carro.

Saímos do apartamento depois de fecharmos o mesmo e pegar tudo que precisamos para passarmos o resto dessa manhã sem grandes problemas. Simon para em frente à Starbucks e sai sem dizer uma só palavra. Batuco meus dedos sobre minhas pernas e balanço meu pé no chão do carro, impaciente e ansiosa. Quando ele volta, é segurando dois sacos de papel e dois copos em uma bandeja para suporte. Eu o ajudo a entrar e logo continuamos nosso caminho até a casa dos seus pais em meio a nosso rápido, porém delicioso, café-da-manhã.

Simon finalmente estaciona o carro em frente à casa dos seus pais. Tomo um último gole do meu chocolate e deixo o copo ali para jogar fora depois. Saímos do veículo e caminhamos até a entrada, onde a porta se abre antes mesmo de subirmos os degraus da escada.

— Eu estou tão orgulhosa de você! — Sra. Wyatt ataca Simon com um abraço caloroso e maternal, coisa que só mães conseguem fazer. Encaro a situação e observo o quão sem jeito e desconfortável Simon está. Diria que ele beira a frieza com sua mãe, algo que ela percebe quando ele lhe abraça de volta em um gesto desengonçado e forçado. — Você ganhou... — ela sussurra acanhada, beijando a bochecha do filho e se afastando de forma lenta.

Sr. Wyatt se encosta no batente da porta e encara a situação da mesma forma que eu estou fazendo.

— Mais uma vez — Simon murmura.

Sinto-me mal por ele estar tratando sua mãe dessa forma, mas eu sei que isso não se restringe apenas a ela. Simon é da mesma forma com seu pai. Poucas pessoas conseguem ter acesso ao seu lado espontaneamente carinhoso e eu gostaria que seus pais fizessem parte desta pequena lista.

— Parabéns, filho. — Sr. Wyatt o trata de igual para igual.

— Obrigado. — Ele dá de ombros e ambos apertam a mão um do outro. Simon se aproxima de mim e pega a roupa do papai da minha mão, fitando-me com certo desespero. Ele odeia esse tipo de situação e eu consigo ver isso em seus olhos. Simon odeia ser congratulado por seus pais. — Eu vou entrar para ajudar Mario a se arrumar — avisa a nós três e se retira sem esperar por uma resposta.

Sra. Wyatt me fita com um sorriso triste e eu me aproximo dela, abraçando-a com cuidado. Se Simon ao menos soubesse o quão frágil a vida é, ele daria mais amor aos seus pais. Eu sei que por muito tempo ele tentou chamar a atenção do casal apenas para si e eles tiveram mais preocupados com Pearl, mas isso não é desculpa para tratá-los dessa forma quando estão felizes por seu sucesso. No meio de muita gente ele até é um pouco mais carinhoso, mas cara a cara Simon realmente parece ter algum problema dentro dele.

— Ele ama vocês, só é um pouco idiota para falar isso ou mostrar... Sinto muito pelas atitudes dele. — Tento reconfortá-la, mas quando escuto seu soluço, sei que é impossível.

— Eu não sei mais o que fazer... ele sempre age assim quando estamos sozinhos — Sra. Wyatt queixa-se em um sussurro. — Eu o amo tanto...

Afasto-me um pouco para fitá-la e enxugo suas lágrimas.

Ela é igual a Pearl. Tal mãe, tal filha.

— Ele ama você, Sra. Wyatt. Simon ainda vai precisar de vocês de uma forma que ali ele perceberá que pais são, provavelmente, as pessoas que mais precisamos em nossas vidas. Ele vai perceber a importância da família e se desculpará por seus erros... eu vou estar feliz demais quando isso acontecer. — Sorrio de lado e ela acena positivamente, sorrindo em meio as lágrimas e segurando nossas mãos juntas.

— Obrigada, querida. — Ela beija o dorso das minhas mãos e eu faço o mesmo com as dela.

— Vamos entrar? — Sr. Wyatt sugere, não tão afetado quanto sua mulher, mas comovido com a dor da mesma. Eles se abraçam e entram em sua casa, fazendo-me segui-los. — Mario esteve falando a manhã toda sobre como você o abandonou para ficar com o meu filho — o pai de Simon diz e eu tenho que rir.

Papai às vezes consegue ser dramático demais.

— Não tem nada a ver com Simon — defendo-me em meio a uma mentira. Não é como se eu fosse contar para Deus e o mundo que nós dois transamos. — Nós saímos de lá cansados, era um pouco tarde também. Pensamos que seria melhor deixá-lo, pois achávamos que ele já estaria dormindo. — Dou de ombros.

— Mario estava dramatizando, eu sei — Sra. Wyatt diz e nós rimos. — Vocês são tão unidos que ele estava dramatizando para se sentir mais perto de você — constata.

— Eu faria o mesmo, mas, nesse caso, Simon viria buscá-lo na mesma hora — digo, rindo junto com a Sra. Wyatt.

Fico conversando com os pais de Simon por longos minutos até ele descer com o papai, um resmungando com o outro. Quando eles descem o último degrau, eu levanto e me aproximo com um sorriso largo.

— Fiquei sabendo que andou falando que eu o abandonei. Que feio, papai. — Semicerro os meus olhos e balanço a cabeça negativamente, segurando sua mão que ele está oferecendo para mim. — Você dormiu bem?

— Claro que sim — responde prontamente. — Eles me trataram melhor do que Simon — provoca o loiro, que o encara cinicamente.

— Você quer entrar na minha lista negra, Mario? — Simon provoca de volta.

— Muito cedo para vocês começarem com isso — aviso aos dois e eles se calam na mesma hora.

Me afasto deles, mas não antes de ver papai dando uma cotovelada em Simon.

— O que você fez com ela? — murmura.

Sorrio tanto pelo que o meu pai diz, quanto para me despedir dos pais de Simon. Nós saímos da casa do casal, que ficam da varanda nos encarando e voltamos para o carro. Quando Simon parte para o hospital, observo ele fitar meu pai pelo retrovisor e sorrir em provocação.

Eles realmente não têm jeito.

Capítulo 34

Simon Wyatt

“Antes e depois da tempestade...”

OBSERVO A CAIXA QUADRADA DE VELUDO EM MINHAS MÃOS E VEJO SPENCER DO OUTRO LADO DA SALA, ARRUMANDO A MESA DE JANTAR PARA NÓS TRÊS. Mario pigarreia, arqueando sua sobrancelha em minha direção em uma muda pergunta sobre o que é isso que eu tenho na mão.

Uma semana se passou desde que eu e Spencer nos acertamos.

No dia seguinte à noite em que ela terminou com o noivo estúpido, eu fui até uma joalheria em Los Angeles, a melhor delas e encomendei uma peça especial e feita especialmente para Spencer. Fui atendido com prontidão no momento em que deixei claro que não queria perder tempo e tinha dinheiro o suficiente para pagar pela atenção de todos os funcionários da loja. Um designer de joias estava no local e, depois de escutar tudo que eu queria em um mesmo conjunto, ele desenhou algo perfeito e que nenhuma outra pessoa tem.

— *Titi*, vem, vem! — Christian segura minha mão livre e tenta me puxar do lugar.

Ele e Ryle vieram passar o dia conosco, mas resolveram ficar pelo resto da noite. Como sempre, eu sou o tio mais foda desse mundo, vou deixar os dois dormindo juntos. De qualquer forma não adianta separá-los, já que Christian sempre encontra um caminho até Ryle.

— Busca Ryle para mim, Christian. Vai chamar ela para o jantar — dou-lhe um comando simples, mas que sempre funciona.

Christian solta minha mão e sai correndo atrás de Ryle. Caminho até a freezer e pego uma cerveja lá de dentro, deixando a caixa de veludo em cima da geladeira e virando no momento em que Spencer entra na cozinha.

— O que você disse para Christian? Ele saiu correndo em um

desespero único.

— Disse para ele buscar a garota dele. — Dou de ombros, abrindo a cerveja com a toalha que está na mão de Spencer. — Era a única forma de fazê-lo me soltar — continuo assim que ela me fita como um ar repreendedor.

— Eles vão dar trabalho e você está fazendo isso ficar mais difícil ainda — diz, jogando a toalha em cima do balcão. Seguro sua mão e puxo ela em minha direção, abraçando seu corpo e bebendo um gole, enquanto continuamos a nos encarar. — Vai continuar com seu interminável mistério? — indaga, tão chateada quanto vem ficando por conta do meu “mistério” sobre o que fui fazer em Los Angeles na semana passada.

— Talvez... — provoco, oferecendo um pouco da minha cerveja para ela. — Você deveria ser menos curiosa, Cherry — digo, observando-a tomar um belo gole e passar a língua na ponta da garrafa gelada.

— Eu só queria saber o que você foi fazer — explica inocentemente.

Empurro seu corpo até encostá-la na parede da cozinha. Aproximo meu rosto do seu e beijo seus lábios avermelhados por conta do conteúdo gelado que ela acabou de colocar na boca, seguindo por sua bochecha até parar ao pé do seu ouvido.

— Você está me provocando? — questiono, baixo e calmo.

Spencer ri, plantando as mãos em minha cintura e puxando minha camiseta preta para cima. Suas mãos geladas em minha pele quente são como um choque para mim, mas esse choque é muito bom.

— Sim — sussurra de volta, da mesma forma que eu fiz com ela. — Você vai fazer o que, pirralho? — Spencer sorri, arranhando minha pele levemente.

— Você sabe muito bem o que eu vou fazer — acuso, sentindo Spencer afundar levemente as unhas em minhas costas.

Se ninguém estivesse aqui conosco, transariamos nesse exato momento, contra a parede, enquanto ela me chama de pirralho por quantas vezes quiser. É uma pena ter outras pessoas no apartamento logo agora.

— Eu gostaria que me contasse — continua, mas somos interrompidos

por Christian e Ryle.

Merda.

— *Titi, titi!* O vovô! — diz, apontando para a sala e Ryle repete o que o Christian faz.

Spencer e eu nos afastamos e ela vai direto até seu pai. Deixo minha cerveja no balcão e sigo a minha mulher, andando em passos largos até um Mario quieto no sofá.

— Pai? — Spencer o chama e ele abre os olhos, sorrindo travesso.

Puta que pariu, Mario.

— Céus, vocês me assustaram! — Spencer exclama, passando as mãos pelo cabelo enquanto seu pai e as crianças começam a rir. Seguro sua cintura e abraço seu corpo por trás, esperando que ela se acalme do seu quase ataque. — Isso não é brincadeira que se faça — reclama, chateada com a situação.

— Fica calma, babe. Está tudo bem... — resmungo em seu ouvido e ela vira para me fitar. — Eles estão brincando. — Dou-lhe um sorriso e ela me dá uma cotovelada.

— Não gostei da brincadeira — diz, me empurrando e saindo do abraço. — Vou ver se a lasanha já está boa. — Ela nos deixa e volta para a cozinha.

Desisto de tentar ser mais doce com ela e apenas pego minha cerveja, esperando que ela volte enquanto eu falo com Mario.

— Sua filha é realmente um doce — digo, jogando-me ao lado dele.

— Era só uma brincadeira. — Ele ri e eu acabo rindo junto.

— Até ela entender que era apenas uma brincadeira vai passar anos e anos...

— O que você tinha na mão ainda pouco? — pergunta e eu bebo um pouco, fitando Christian e Ryle assistindo televisão juntos no sofá da frente.

— Eu vou pedir a sua filha em namoro quando formos dormir — informo usando um tom baixo para não deixar que Spencer escute.

— Tipo com um anel e tudo mais? — pergunta animado e eu dou uma

risada.

— Talvez... ela vai saber na hora e você vai ver amanhã... — Viro para fitá-lo e pigarreio. — Tudo bem para você?

— Depois de tudo que fizemos você acha que não está tudo bem para mim? — Mario pergunta como se eu tivesse batido a cabeça em algum lugar e ficado com amnésia.

— Só queria me certificar. — Balanço meus ombros, agora completamente despreocupado.

— Coloque um sorriso no rosto dela e ficará tudo bem entre nós.

Nos encaramos e eu aceno positivamente.

— O jantar está pronto! — Spencer exclama, entrando na sala com uma travessa fumegante.

— Vou pegar chocolate para esses dois e já volto — aviso a Mario e ele assente, levantando-se e seguindo para a mesa sozinho em passos lentos.



NOSSO JANTAR FOI CALMO, CHEIO DE CONVERSAS E PLANOS. Eu ainda quero levar Mario em um estádio para assistir a algum jogo de futebol, porém Spencer é relutante demais sobre isso. Eu sei que ela está certa e que ele vai se desgastar muito, mas é o sonho dele. Eu vou ter que dar um jeito e tentar agradar a ambos. Não vai ser fácil, mas eu não cheguei tão longe para desapontar nenhum deles.

Termino de enxugar os pratos que Spencer lavou e deixo o pano em cima do balcão, aproximando-me dela que está sentada em cima do mesmo com uma cerveja nas mãos. Afasto suas pernas e coloco-me no meio delas.

— Você vai tomar banho comigo? — pergunta e eu concordo prontamente. — É melhor nós irmos colocar os dois na cama... — diz, apontando para o sofá com a cerveja.

— Completamente nocauteados depois de tanto chocolate e leite — constato e Spencer ri. — Pode deixar que eu vou colocá-los na cama. Você já pode ir para o quarto, eu já chego lá.

Puxo Spencer de cima do balcão e ela termina de tomar sua bebida, empurrando a garrafa em minha mão e beijando minha boca antes de fazer seu caminho até nosso quarto sem questionar. Deixo a garrafa no balcão e vou até as crianças, pegando os dois com dificuldade para lidar com seus corpos moles e sonolentos. Sigo até o quarto deles e empurro a porta entreaberta, entrando no local e deixando-os deitados na cama. Tiro a roupa de ambos e cubro seus corpos pequenos, arrumando as almofadas ao redor deles para que não caiam.

Saio do quarto e fecho a porta, voltando para a cozinha e pegando a caixa de veludo de cima da geladeira. Abro-a e encontro ali as peças que eu paguei caro para obter, mas valeu à pena.

Um colar, um anel e brincos.

As peças são de ouro, todas cravejadas com diamantes e pequenas cerejas. Tudo para a minha Cherry. Eu não poderia deixar de arrumar algo desse tipo para presenteá-la e provocá-la, tudo ao mesmo tempo. Spencer merece tudo e isso não é nem a metade do que eu estou disposto a proporcionar a ela.

Fecho a caixa e me preparo mentalmente para escutar sua resposta. Pode ser um sim, mas também pode ser um não e isso é o que mais me deixa nervoso. Balanço minha cabeça negativamente e começo a pensar positivo.

Ela vai dizer sim.

Ela vai ser a minha namorada, assim como deveria ter sido desde o começo.



COM MINHA RESPIRAÇÃO ACELERADA E CORAÇÃO A MIL POR

HORA, ENTRO NO QUARTO SEGURANDO A CAIXA ATRÁS DO MEU CORPO E ACHO SPENCER TROCANDO DE ROUPA. Devido à minha insistência e persistência, ela já ganhou algum — pouco — peso e eu finalmente posso começar a ver suas curvas outra vez. Ela termina de vestir uma camiseta minha e vira-se para mim, sorrindo simples e aproximando-se. Vou ao seu encontro e seguro seu rosto com minha mão livre, colando nossas bocas e deslocando-nos até a cama. Não fechamos os olhos, afinal, isso não é um beijo normal, eu estou apenas empurrando Spencer para se sentar.

— Tudo bem? — pergunta, separando a boca da minha e sentando-se na beirada da cama, assim como eu esperei que ela fizesse.

Abaixo meu corpo e me apoio no chão com apenas um dos joelhos, tirando a caixa de trás de mim e trazendo ela para nosso meio. Sinto o corpo de Spencer tremer e ela fica congelada em seu lugar. Minhas mãos começam a suar, enquanto eu lembro-me do nosso passado. Todas as vezes que eu pedi para Spencer ser a minha namorada, nós estávamos no meio de brigas por conta de ciúmes. Há grande probabilidade de ela nunca ter aceitado meu pedido por conta dessa circunstância, mas também há a probabilidade de ela não aceitar simplesmente por não querer estar junto a mim oficialmente como um casal.

— Simon? — ela chama minha atenção e eu seguro uma de suas mãos, entrelaçando nossos dedos para tentar manter a minha calma.

— Eu não sei o que falar para você nesse momento. Eu não treinei ou ensaiei a fala perfeita para te fazer ficar derretida como uma garotinha, porque sei que você não é uma garotinha, mas uma mulher. Uma linda mulher. E eu quero que você seja a minha linda mulher, Cherry — cuspo tudo que tenho engasgado na minha garganta. — Eu tenho plena consciência que, desde o início, mais da metade do nosso relacionamento foi construído em meio a xingamentos e muitas provocações. Entenda, eu não quero mudar isso entre nós. — Spencer sorri para mim, seus olhos verdes brilhando com lágrimas que começam a brotar em cada fresta puxada. — Eu gosto quando você me xinga, eu gosto quando você me provoca, mas eu também gosto quando você se diz ser minha, apenas minha. Você nunca gostou de colocar rótulos em nosso envolvimento e eu odeio isso. Não que eu queira te colocar ao meu lado como um prêmio e marcar todos os passos que você dá a

qualquer minuto, te prender ou mandar em você. Eu só desejo que nós possamos sair juntos a qualquer lugar e, quando eu encontrar algum conhecido, eu possa te apresentar como a minha namorada. Não é sobre te diminuir, mas sim sobre comprometimento de ambas as partes. Eu quero te ter como a minha namorada, Cherry. Você aceita?

Uma lágrima solitária desliza sobre sua bochecha e eu levo isso como algo bom.

Eu não vou entrar em pânico.

— Eu gosto de te xingar... e gosto de discutir com você... gosto de provocar... — Ela aproxima o rosto do meu e com sua mão livre, mexe em meu cabelo e desliza até meu maxilar. — E eu gosto de ser sua mais do que deveria.

Meus ombros relaxam por completo ao receber seu beijo de bom grado. Spencer puxa a mão da minha e me abraça, juntando-se a mim no chão do nosso quarto. Não nos alongamos no beijo porque eu quero colocar nela a joia que encomendei especialmente para esse momento.

— Então você está finalmente me dizendo sim? — pergunto, querendo ouvir essa palavra saindo de sua boca.

— Sim, eu quero ser sua namorada.

— Vamos foder a noite toda, Cherry — aviso, fitando seu sorriso provocador crescer nos lábios. Volto a colocar a caixa entre nós dois e ela encara as joias, aos poucos suavizando o sorriso. — Isso é o que eu fui fazer em Los Angeles sozinho. Espero que esteja satisfeita em finalmente saber.

— É de verdade? — indaga em um sussurro.

— Sim e único, desenhado especialmente para você.

— Você quer dizer, diamantes de verdade? — Arregala os olhos e eu puxo o colar, deixando a caixa em cima da cama.

— Parece que sim... pode fazer o teste indo em alguma joalheria e tentando vender. Você pode comprar a mim com o dinheiro que paguei nisso — digo, empurrando seu cabelo para fora do meu caminho e Spencer me ajuda, segurando-o para cima. — Não vai brigar? Negar o presente? — Estou

sinceramente desconfiado.

— Por que eu negaria? Agora só estou um pouco tentada em vendê-lo para comprar você — Spencer joga e solta o cabelo assim que prendo o cordão em seu fecho. Eu a encaro e arqueio a sobrancelha. — Espero que sobre algum dinheiro, então eu posso comprar uma coleira e mordação, assim vou ter todo controle sobre você e suas ações impulsivas.

Solto uma risada, pegando os brincos e entregando-os na mão de Spencer para ela mesma colocar.

— Você quer mesmo me comprar? Qual o sentido disso? Eu sou seu, Cherry. — Ela coloca um brinco e em seguida coloca o outro.

— Eu prefiro me garantir. — Dá de ombros.

Por fim, tiro o anel de dentro da caixa e seguro sua mão, esfregando meu dedão sobre o seu dorso magro.

— Tudo bem, babe. Tudo que você quiser. — Encaixo a última peça em seu dedo anelar e beijo sua mão. — Agora você já pode tirar sua roupa para mim — completo.

— E o seu anel? — Ela franze a testa e eu faço o mesmo. — Eu não tenho dinheiro, mas posso dar um jeito nisso agora mesmo.

Spencer pisca para mim e se levanta do chão. A observo sair do quarto e eu finalmente me levanto, tentado a ir atrás, mas espero e me sento na nossa cama. Fecho a caixa e empurro a mesma para o chão, tirando minha camiseta e deixando que ela tome o mesmo caminho da caixa. Spencer volta para o quarto segurando alguma coisa atrás do seu corpo.

— Onde está o meu anel? — questiono.

— Você tem que estender a mão para mim, babe — provoca e eu faço exatamente o que ela pede. — Simon, você não pode tirar isso do seu dedo até eu comprar um anel de verdade para você. Promete que vai obedecer?

— Sim, é claro.

— Tudo bem...

Spencer finalmente mostra o que ela tem para mim: um pedaço de fio de barbante. Levanto a cabeça e fito o sorriso que ela tem estampado nos

lábios. Esse é o melhor sorriso que eu poderia pedir nesse momento. Spencer dá dois nós com o barbante ao redor do meu dedo anelar e levanta o rosto para me fitar.

— Você gostou? — indaga, puxando minha mão e colocando-a em sua cintura.

— Eu acho que esse é o melhor presente que eu já recebi em toda minha vida, mesmo que eu não esteja fazendo aniversário ou nada do tipo. Você é o meu maior presente, Cherry.

— Você é meu namorado agora...

— E você é a minha namorada...

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Saboreio esse momento que é certamente o melhor que eu já tive em muito tempo. Spencer e futebol são as únicas coisas que fazem eu me sentir dessa forma: como se eu fosse o dono do mundo. Passo meu braço direito pela cintura da minha namorada e troco de lugar com ela, deixando-a sentada na beirada da cama e levantando para terminar de tirar minha roupa.

— Você deve ser silencioso essa noite, pirralho — sussurra, dando-me as costas e engatinhando pela cama com a porra do traseiro todo a mostra. — Temos o papai, Ryle e Christian em casa. Sem escândalos.

Deslizo o zíper da minha calça para baixo e a desabotoo, levando-a para baixo enquanto continuo fitando Spencer sem cerimônia.

— Eu acho que deveria escutar ao seu próprio conselho, babe. Não sou eu quem grita pedindo por mais ou geme meu nome completamente embriagada por sexo.

Spencer sorri, completamente desinibida e sem vergonha. É difícil deixá-la envergonhada, eu sei, principalmente quando conversamos sobre sexo e sobre o que ela faz durante o sexo. Poucas foram as vezes que eu a deixei envergonhada por falar algo com alusão a sexo e essas poucas vezes devem-se ao fato de eu tê-la pegado desprevenida ou por causa da minha linguagem escrota. Fora isso, Spencer é confiante sobre si e, principalmente, sabe que é bonita e ama seu corpo da forma que ele é. Nada em nenhuma mulher é mais bonito do que a confiança que ela tem sobre si mesma.

— Se você não fizer o favor de me beijar enquanto transamos, as crianças vão bater na porta perguntando se a “Titi Pence” está passando mal...
— Spencer dá de ombros e eu não consigo deixar de rir da sua provocação.
— O papai já é bem difícil, pois ele tomou remédio para dormir e provavelmente vai estar em um sono profundo por toda madrugada...

— Sorte a minha — retruco.

— Eu não diria que é sorte, mas uma recompensa por ser um bom garoto — constata, mexendo na barra da camisa como quem não quer nada.

— Você é o diabo de saia quando quer, Cherry. — Balanço minha cabeça incredulamente para ela. — Vai continuar me provocando ou...?

— Vem aqui, pirralho. — Bate na cama, como se estivesse chamando um cachorro.

Spencer vai me pagar por me fazer de otário.

Faço o que ela pede e não demoro até estar no meio de suas pernas, cobrindo seu corpo com o meu, enquanto seguro-me firme para não a esmagar com o meu peso.

— Bom garoto... — Passa a mão por meu cabelo e ri em seguida.

— Você sabe que a noite vai acabar com você implorando por meu pau, certo? E tudo isso por conta das suas estúpidas provocações — informo e ela puxa meu cabelo levemente.

— Da mesma forma que eu posso implorar por seu pau, você pode implorar por minha boceta, babe. Direitos completamente iguais. — Ela beija meu queixo e aproxima a boca da minha. — Posso fazer uma trança no seu cabelo?

Franzo o cenho, confuso com sua mudança brusca de assunto.

— Faça.

Spencer me empurra para o lado e eu me sento na cama, esperando ela começar a fazer a trança que tanto deseja. Ela se remexe atrás de mim e em seguida começa a mexer em meu cabelo como bem seja. Em alguns momentos Spencer puxa os fios ainda em tom de provocação e eu fico concentrado para não perder a paciência com ela e jogá-la outra vez para

debaixo de mim.

— Onde está seu celular? — Spencer pergunta, provavelmente finalizando com a trança e prendendo a ponta da mesma.

— Na mesa de cabeceira — informo.

Ela se move e eu olho por cima do meu ombro o que ela está fazendo. Spencer já está completamente nua, procurando meu celular na mesa de cabeceira com a bunda empinada e praticamente oferecida a mim em um convite pervertido. Assim que ela coloca a mão em meu celular, viro-me e seguro suas pernas, puxando-a pela cama e escutando sua risada.

— Qual o motivo de toda essa pressa? — questiona entre risos, mexendo no aparelho e colocando na câmera.

— Se você acha que está fugindo de mim essa noite, está completamente enganada, babe.

Empurro meu corpo contra o dela, espremendo-a entre mim e a cama, mostrando a Spencer com a minha dureza o quão necessitado eu estou nesse exato momento.

— Eu não estou fugindo... só quero eternizar esse momento com uma foto. — Ela me encara sobre o ombro com um sorriso brincalhão.

— Você está nua — constato, sendo o mais óbvio possível com ela sobre a foto que ela está planejando.

— Até parece que você nunca recebeu uma foto minha assim — ralha, revirando os olhos para mim.

— Já recebi e espero receber outras novamente, mas não agora. Eu tenho você ao vivo e a cores, completamente tocável, então sem fotos por enquanto — explico, enquanto Spencer mói a bunda contra minha ereção na intenção de tirar minha atenção do que estamos pseudo-discutindo. — Você não vai conseguir o que quer, babe — murmuro e volto a inclinar meu corpo sobre o seu, alcançando meu celular de sua mão e tirando-o dela calmamente. — Pode fazer isso depois — completo.

— Que sem graça, pirralho...

Saio de cima de Spencer e coloco meu celular de volta na mesa de

cabeceira. Aproveito e abro a gaveta, tirando de lá um preservativo.

— Você pode me agradecer depois por estarmos indo logo ao que interessa — digo, voltando para a cama e deixando o pacote pequeno de lado. Seguro os tornozelos de Spencer e puxo seu corpo de uma só vez para mais perto de mim. — O que quer que eu faça hoje? — pergunto e ela se remexe sob meu olhar indagador e avaliativo.

— Eu quero que você me surpreenda mais do que já me surpreendeu algum dia — pede.

— Então você vai me obedecer hoje? — continuo e ela assente prontamente. — Boa garota... — repito o que ela fez comigo a poucos minutos atrás e passo minha mão direita por seu cabelo, pegando um punhado dele e enrolando em meus dedos.

Spencer sorri e as suas pupilas dilatam de forma estupidamente bonita.

— Me faça querer gritar, Simon.

— Eu vou — afirmo, convicto das minhas palavras. — Você sabe o que eu quero de você nesse momento?

— N-Não... — gagueja, encarando minha boca sem nenhuma preocupação.

— Você vai saber agora. — Deixo o meu sorriso crescer e selo os nossos lábios rudemente.

Spencer geme e ofega, tudo ao mesmo tempo, no momento em que eu invisto minha língua entre seus lábios. Com meus dedos enrolados em seu cabelo, a puxo mais para mim e ela se agarra em meu corpo como se sua vida dependesse disso. Nossas línguas se encontram em uma ardilosa briga para saber quem manda mais e, ao sentir o corpo de Spencer derretendo-se debaixo de mim, sei que pelo menos essa briga eu venci. Na verdade, é como se ambos tivéssemos vencido. Ela está completamente entregue a mim e isso é mais doce do que eu esperava. Spencer é a minha mulher doce, porém estupidamente forte.

— Você vai me torturar com isso? — ela pergunta, separando a boca da minha e abrindo os olhos lentamente.

— Eu vou te torturar com mais que apenas isso. — Beijo o seu pescoço, descendo minha boca até seus maravilhosos seios. Sua pele fria e macia ao encontro da minha boca é como a melhor coisa do mundo. Eu senti falta disso. — Eu senti falta disso, de você e de nós dois — admito em alto e bom som para Spencer saber que se ela sentiu a minha falta, eu senti a dela também.

— Eu também.

Tiro minha mão do seu cabelo e ela sobe o rosto para me fitar.

— Isso é bom — murmuro, beijando cada ponta rosada de seus mamilos e subindo meu corpo para me levantar da cama.

Ofereço minha mão a Spencer e ela segura sem hesitar. Pego o pacote do preservativo e meu celular, caminhando com ela até a porta da sacada do nosso quarto e saindo para observar a noite estrelada e brilhante de Long Beach. Por mais que eu ame Los Angeles, New York e todas as outras cidades e estados em que já fui, sinto como se essa fosse a minha casa. E, realmente, essa é a minha casa: Long Beach.

— O que estamos fazendo aqui? Nós não íamos...

Empurro Spencer suavemente contra o parapeito de ferro e vidro, ouvindo seu gemido baixo ao pegá-la de surpresa e desprevenida.

— E quem disse que não vamos mais? — questiono, fazendo-me de desentendido.

Baixo, bem baixo, escolho alguma música para começar a tocar no aleatório do meu celular e deixo o aparelho em cima da mesa. Está frio, eu admito, mas isso é questão de tempo até as coisas começarem a esquentar entre eu e Spencer. Ela me pediu para surpreendê-la e essa foi a única ideia que eu tive para nós dois.

— Está frio... — reclama assim como eu esperei que fizesse.

Coloco-me atrás dela e, acolhendo-a em um abraço com meu braço esquerdo, deslizo minha mão direita por sua barriga e finalmente encontro seu clitóris intumescido. Spencer praticamente engasga, enquanto eu uso dois dos meus dedos para provocá-la até seu limite. O vento frio não é mais um problema para mim e eu percebo que ele deixa de ser um problema para ela

também. Spencer joga sua cabeça para trás, espremendo os olhos com força e mordendo o lábio inferior para conter sua vontade de exclamar algum bom palavrão.

— Você está molhada? — indago em seu ouvido e ela assente, fechando as pernas em minha mão como quem me obriga a continuar com o meu serviço.

Aumento o ritmo e solto o seu corpo, abaixando-me atrás dela e puxando seu quadril para minha direção. Spencer segura a barra de ferro do parapeito e encosta a testa na mesma, enquanto abro suas pernas amplamente e uso minha boca para lhe dar mais prazer que antes.

— Eu adoraria ouvir tudo que você tem para dizer para mim nesse momento, Spencer. Que se foda os vizinhos, você pode falar o que bem quiser. — Aperto suas nádegas e beijo seus lábios molhados como se fosse a primeira vez. — E então? — pergunto, usando minha língua em seu favor.

— Foda-me. — Seus dentes trincam ao mesmo tempo que suas pernas tremem e eu sorrio com minha boca em sua boceta. Ela parece magnífica tentando se sustentar de pé. — Eu quero dizer isso... foda-me, pirralho.

Aperto suas nádegas ainda mais forte e chupo mais duro seu clitóris, movimentando minha língua sobre o ponto e ao redor dele. Sinto meu pau crescer dentro da minha boxer e fazer Spencer estar pronta para mim é tudo que eu preciso antes de fodê-la por trás. Levanto-me do chão ao senti-la perto do seu momento e escuto seu rosnado de frustração e reclamação. Abaixo minha boxer e visto o preservativo assim que o tiro de dentro do pacote brilhante. Spencer endireita seu corpo, mas não por muito tempo. Volto ao meu lugar e abro suas pernas outra vez, sentindo seu calor e ansiedade abraçarem meu corpo.

Seguro minha ereção com uma mão e com a outra eu seguro o quadril de Spencer, trazendo-a para mais perto e penetrando lentamente sua boceta ensopada. Não é exagero, ela está realmente ensopada, o que torna mais fácil e cômodo o vaivém que em breve começarei entre nós dois. Deslizo minhas mãos por seu corpo, achando seus seios e apertando-os com força enquanto nos fundimos em um só. Ela cola as costas em meu peito e inclina o rosto para me fitar. Choco nossos lábios outra vez, enquanto Spencer se segura

unicamente em mim. Esse é o único momento em que eu desejo que ela dependa de mim: na hora do sexo. Eu quero ser o único a satisfazê-la de todas as formas possíveis.

Nosso beijo é quente, voraz. Eu dou a ela tudo que eu tenho e nós nos embolamos em uma explosão de sentimentos e necessidades. Eu sinto na sua língua o gosto de cerveja quase completamente apagado pela hortelã do creme dental, que ela deve ter escovado os dentes ao pensar que nossa noite seria calma. Mordisco seu lábio inferior e tiro proveito dela com sua concordância. Sua boceta aperta ao redor do meu pau e é a minha vez de gemer contra sua boca, sendo forçado por Spencer a um beijo mais profundo, onde ela toma meu gemido para si. É incrível como essa mulher me tem na palma de sua mão mesmo em pequenas atitudes. Estou muito fodido.

Separo nossas bocas e nos fitamos sem desvio, ambos embriagados um do outro. Tiro minhas mãos dos seus seios e faço a morena se inclinar devagar sobre o parapeito. O vento frio volta a bater em nós dois, mas ele não é capaz de acabar com nosso calor mútuo. Beijo o ombro de Spencer e mordo sua pele, distribuindo chupões por todo local que a minha boca alcança.

Seguro seu quadril com meus dedos afundando em sua pele de forma nada gentil. Spencer treme e geme, dessa vez não sendo nada controlada. Deslizo para fora e volto de uma só vez: rápido e duro, indo o mais profundo possível e batendo com minhas bolas em sua bunda redonda. Alívio percorre por meu corpo e eu refaço meu movimento anterior, cada vez mais aliviado e mais focado em um caminho sem volta. O atrito dos nossos sexos, mesmo que interrompido pelo necessário preservativo, é a melhor coisa que eu já senti. As batidas do meu coração espancam violentamente em cada parte do meu corpo, como se fosse possível. É um truque da minha cabeça por conta de toda minha excitação e por conta do meu ritmo que só cresce.

Ofego contra o ombro da minha namorada, escutando-a choramingar e empurrar sua bunda em encontro para tornar nosso momento mais rápido. Ela está desesperada e nada diferente de mim. Meu pau endurece ainda mais, latejando dolorosamente com os movimentos duros que ofereço tanto a mim, quanto a Spencer.

Não consigo dizer com palavras, mas espero que ela esteja entendendo o quanto eu a amo. Estou mais do que apaixonado por Spencer. Ela tem meu

coração e a minha alma. Eu sou completamente louco por essa mulher e isso não vai mudar nem em mil anos. Ela é a minha dona e eu não me arrependo de dizer isso a mim mesmo. Eu nunca vou me cansar de foder com ela, ou mesmo de fazer amor com ela. Espero conseguir cuidar de Spencer com minha própria vida, porque ela não merece menos que isso.

As gotas de suor começam a descer por meu pescoço e eu vejo a pele da minha mulher brilhar, mostrando-me que ela está tão sufocada no ar quente ao nosso redor quanto eu estou. Spencer joga a cabeça para trás, enlouquecida e vira o rosto para me fitar sobre o ombro. Seus olhos verdes me deixam sobre a borda e seu sorriso me empurra sobre ela. Encho o preservativo com meu prazer, mas continuo até levar Spencer comigo. Solto seu quadril e desfiro um tapa em cada lado de sua bunda, levando uma das mãos até seu clitóris. Seu sorriso morre e ela geme meu nome alto demais. O tremor que passa por seu corpo me deixa saber que agora foi a sua vez de cair do penhasco. Lentamente diminuo a velocidade dos meus movimentos e tiro minha mão do seu sexo, fazendo-a parar de ter espasmos por conta de seu orgasmo.

Por fim, deslizo para fora de Spencer e tiro o preservativo, amarrando a ponta habilidosamente, já que estou acostumado a fazer isso e seguro em uma das mãos dela.

— Vamos banhar e ir para cama — informo, entrando no nosso quarto e indo direto para o banheiro.

Ligo a luz do cômodo e jogo o preservativo usado na lixeira. Ficamos debaixo do chuveiro e Spencer abre a torneira, ajustando a temperatura da água e juntando seu corpo ao meu em um abraço abrupto.

— Tudo bem? — pergunto, esfregando suas costas com minhas mãos e levando-as até seu cabelo molhado.

Spencer levanta o rosto e apoia o queixo em meu peitoral, fitando-me com dificuldade por conta da água.

— Eu não pensei que conseguiria ser realmente feliz... — sussurra, pensativa.

Eu chamaria esse momento de “limbo pós-sexo”: aquele momento em que você pensa em nada depois de transar, mas que esse nada acaba por ser

tudo. É por isso que Spencer está passando nesse momento, enquanto as fichas caem em sua cabeça.

— E você é feliz agora?

— Sim, muito — retruca prontamente.

Nos fitamos por longos minutos com o “eu amo você” piscando em nossos olhos, mas não se atrevendo a sair por nossos lábios.

— Vamos terminar de banhar, babe... — Beijo o topo de sua cabeça e pego o sabonete.

Forço Spencer a me soltar e fecho o chuveiro para esfregar o sabonete por seu corpo. Passo minhas mãos ensaboadas por sua frente e fico atrás dela, fazendo-lhe uma breve massagem e esfregando suas costas antes de receber seu chamado.

— Simon...

Spencer me fita sobre o ombro. Ela abre e fecha a boca por repetidas vezes, mas acaba em silêncio. Eu sei o que ela quis dizer, então eu me limito a retrucá-la com um simples:

— Eu também, Cherry.

Capítulo 35

Simon Wyatt

“Minha namorada...”

DEPOIS DA NOITE QUE TIVE COM SPENCER, PELA MANHÃ ACORDAMOS E TOMAMOS OUTRO BANHO, AGORA COM SEGUNDAS INTENÇÕES, MAS NÃO TÃO DEMORADO QUANTO EU QUERIA QUE FOSSE. Já estamos banhados e arrumados esperando Mario aparecer, enquanto assistimos Christian e Ryle se lambuzarem comendo frutas e bebendo leite como café-da-manhã. Eu e Spencer já comemos e, no momento, estamos encostados, eu na parede da sala e ela em mim, enquanto abraço seu corpo por trás e deixo minha mão sobre sua barriga plana. Mexo em meu dedo anelar, sentindo o fio de barbante nele trazer boas lembranças e eu acabo sorrindo involuntariamente.

Quando que eu poderia imaginar que ficaria mais feliz do que pinto no lixo por ter um pedaço de barbante amarrado em meu dedo?

Isso é absolutamente outro nível.

Se eu pudesse explicar o que estou sentindo desde que Spencer disse “sim”, eu explicaria, mas eu não me atreveria a limitar esse tipo de sentimento em meras palavras que somem com o tempo. Meu coração ainda não parou de martelar furiosamente em meu peito. É como estar chapado vinte e quatro horas por dia e eu só sei disso porque experimentei maconha no meu último ano escolar.

Solto uma risada, chamando a atenção de Spencer involuntariamente. Ela me fita sobre o ombro e eu beijo sua bochecha.

— O que foi? Agora deu para rir sozinho? — ela provoca e eu aceno positivamente.

Se meus pais ou Spencer soubessem que eu já experimentei qualquer droga que seja, eles provavelmente me matariam. Inevitavelmente eu vou contar para a minha Cherry, mas não é como se isso importasse no momento.

O que aconteceu foi apenas uma vez e para nunca mais.

— Eu estava lembrando de algumas coisas e acabei rindo. Algum problema, Cherry?

— Nenhum, mon chéri...

Inclino minha cabeça, observando seus lábios curvarem em um sorriso.

— O que disse? — pergunto.

— É francês, Simon. — Spencer revira os olhos.

— Desde quando você fala francês?

— Eu tive aulas de francês na escola. Não foi grande coisa, mas eu ainda me lembro de algumas expressões.

Troco de lugar com Spencer e empurro seu corpo contra a parede.

— Agora repete.

Encaro sua boca, hipnotizado nos movimentos feitos por conta da frase em língua estrangeira.

— Mon chéri.

— Porra, você é quente. — Solto um grunhido e pisco rapidamente tentando pensar em tudo, menos em Spencer falando francês uma hora dessa da manhã. — Infelizmente não temos tempo para transar, mas se tivéssemos, eu me certificaria de fazer você gemer em francês para mim...

Ela solta uma risada e me abraça pelo pescoço, descansando seu rosto em meu peito.

— Você é tão ridiculamente adorável, pirralho.

Esfrego minhas mãos pela lateral do corpo dela e descanso meu queixo no topo de sua cabeça.

— Não foi isso que você disse ontem quando...

— Vovô! — Christian e Ryle começam a gritar, interrompendo a minha linha de pensamento.

Viro-me a tempo de ver Mario aparecer na sala e eu solto Spencer, que se remexe em meus braços, deixando-a ir de encontro ao pai. Ela abraça o

mais velho e ele me encara com o cenho franzido, mas eu apenas dou de ombros. Os dois se aproximam devagar e eu o ajudo a tomar um lugar à mesa.

— Funcionou? — resmunga para mim.

— Funcionou? — retruco, fingindo confusão.

— É, o que quer que você tenha armado para a noite passada... — Ele revira os olhos.

Sento-me à mesa e puxo Spencer para o meu colo. Mario nos encara juntos e eu sorrio abertamente, movendo minha boca em uma frase sem nenhum som:

— Ela disse sim.

Spencer se vira para mim e lança um olhar desconfiado na minha direção.

— O que está fazendo? — indaga, colocando as mãos em cima das minhas.

— Nada. — Dou de ombros.

— Filha. — Mario chama sua atenção. — O que é isso? — pergunta, apontando para as joias que ela está usando e que prometeu não tirar em nenhuma hipótese.

— Bom, eu... — gagueja, batucando os dedos na mesa e segurando uma faca para começar a servir seu pai. — Simon, ele disse... quero dizer, ele pediu... então eu disse sim.

Mario franze o cenho, fingindo confusão assim como eu fiz com ele segundos atrás.

— Simon pediu o quê? — ele pergunta, viajando o olhar entre nós dois.

— Eu pedi para ela ser a minha namorada e ela disse sim. Isso que ela quis dizer, mas gaguejou toda frase. — Assim que calo a boca, Spencer me dá uma cotovelada.

Solto uma risada e começo a tossir, esfregando minha mão em meu peito.

— Assim esse namoro não vai para frente — ameaça e eu aperto meus braços ao redor de sua cintura.

— Você não tem mais saída, babe — afirmo o óbvio.

— Finalmente — Mario nos interrompe, soltando o ar em puro alívio e sorrindo em seguida. — Eu já estava cansado de fingir que não sabia de nada.

Spencer empurra um prato com torradas e waffles para Mario, levantando o braço em seguida para me fitar. Dou-lhe um sorriso cínico e ela semicerra os olhos.

— Seu pai é meu fã número um, Cherry...

— Vocês estiveram armando juntos durante todo esse tempo? — Exige uma resposta.

— Desde o aniversário de Christian — informa, animado. — Teria sido mais fácil se você não estivesse sofrendo de cegueira amorosa, querida. Algo precisava ser feito.

— Eu não acredito... — Spencer resmunga incrédula.

— Éramos como Bonnie e Clyde, sem a parte amorosa no meio, apenas dois Clyde's tentando mostrar para Bonnie que ela está apaixonada pelo Clyde bonitão número um, ou seja, eu. Ao invés de roubarmos coisas materiais, roubamos seu coração para mim. Aliás, você é a Bonnie, uma tonta Bonnie Parker, não loira, mas morena, muito linda e que vale à pena. — Pisco para Spencer. — Eu rimei para você, babe. Freestyle é aqui mesmo.

— Esse garoto é bom. — Mario ri.

Spencer pisca repetidas vezes e sorri, virando o corpo para mim e selando nossos lábios.

— Você sabe convencer alguém e se safar de situações comprometedoras, huh?

— Eu não sou Clyde Barrow à toa...

— Eu prefiro Simon Alexander Wyatt.

— Você soa como a minha mãe toda vez que me repreende por alguma merda feia. — Faço uma careta.

— Falando em sua mãe, acho que quero conversar com você um pouco sobre isso. Mais tarde, tudo bem? — pede, fazendo-me estranhar e desconfiar sobre o que ela quer falar da minha mãe.

— Tudo bem — inevitavelmente, concordo.

Eu, Spencer e Mario ficamos conversando enquanto ele toma seu café e come tudo que Spencer lhe oferece. Christian e Ryle foram correr pelo apartamento com as frutas nas mãos e com toda certeza eu teria que limpá-los antes de sairmos de casa mais uma vez.

E foi exatamente isso que aconteceu.



AJUDO MARIO A MANTER-SE DE PÉ, ENQUANTO NÓS CAMINHAMOS ATRÁS DE SPENCER E AS CRIANÇAS ATÉ A PORTA DA CASA DOS MEUS PAIS. O carro de Seth está estacionado ali, já que Spencer ligou para ele e decidiu qual seria nosso ponto de encontro nessa manhã. Temos vinte minutos antes de sairmos novamente para o hospital com Mario. Acho que isso é o suficiente para dizer aos meus pais e Pearl que eu e Spencer estamos oficialmente juntos.

Antes de chegarmos à porta, uma Pearl saltitante sai de lá com um sorriso enorme no rosto. Observo Christian e Ryle se soltarem do domínio de Spencer e correrem até minha irmã. Seguro o riso, percebendo que em alguns aspectos minha irmã mais velha nunca vai mudar, principalmente quando se trata de Christian.

— Oh meu Deus, como eu senti a falta dos meus bebês favoritos... por enquanto... — Pearl diz, abaixando e recebendo os abraços e beijos molhados do pequeno casal de amigos.

— *Mama!* — Christian exclama, apertando os braços ao redor do pescoço de Pearl.

Seth aparece e encosta-se na parede, logo tomando a atenção de

Christian e Ryle para ele. Esses dois trocam facilmente de foco, é incrível. Meu cunhado pega as crianças do chão e entra com eles nos braços.

Pearl e Spencer se abraçam, sorrindo uma com a outra. Spencer está completamente entretida com a barriga de grávida da minha irmã e isso não a faz ver quando Mario tropeça e quase cai. Eu o seguro mais firmemente, virando para encará-lo. Sua tosse aparece e ele puxa o lenço do bolso o mais rápido possível até a boca.

Paro, deixando-o se recuperar e respiro fundo quando vejo sangue no lenço. Mario me lança um olhar como quem diz: “não conte a ela”.

— Você está bem? — murmuro.

— Sim, eu só estou me sentindo fraco, mas não é nada que vá me abater.

Arqueio a sobrancelha.

— Eu acho que é hora de conseguir uma cadeira de rodas para você — sugiro e ele apesar de fazer uma careta, concorda.

— Temo que Spencer se preocupará mais ainda ao me ver em uma cadeira de rodas — alerta.

— Eventualmente ela vai perceber que você não pode fazer certos esforços até o tratamento acabar. Precisamos poupar seus esforços ao máximo, Mario — explico, sabendo que Spencer vai concordar. — E eu quero ter uma conversa com seu médico ainda hoje.

Mario assente e seu olhar denuncia que ele tem algo a esconder, mas eu não o empurro para conseguir uma resposta agora. Eu vou falar com seu médico e lá eu terei as minhas respostas.

Continuamos nosso caminho e entramos na casa dos meus pais, ouvindo Pearl e Spencer virem logo atrás de nós dois. Deixo Mario sentado em um dos sofás e o observo tomar uma respiração longa, mexendo-se inquieto como se estivesse procurando uma posição confortável para ficar.

Meus pais aparecem no momento em que Pearl fecha a porta e eu me encosto na parede, observando Spencer se aproximar de mim. Ela sorri durante o caminho e não demora a colocar-se ao meu lado e segurar minha

mão.

— Você vai contar para eles? — pergunta e eu a fito, relaxando ao ver o brilho em seus olhos verdes.

— Se você não gaguejar, pode fazer isso se quiser...

Spencer tenta me dar uma cotovelada, mas eu a imobilizo. Seguro suas duas mãos e puxo seu corpo para ficar na frente do meu. Deixo meu olhar passear sobre a sala e encontro minha mãe me fitando com um sorriso bonito.

— Bom dia. — Aceno com a cabeça e ela sorri ainda mais.

— Bom dia, filho — retruca.

Sua atenção cai para Christian e Ryle e é nesse momento que Spencer vira o rosto e me fita.

— Você deveria ser menos robótico com sua mãe — diz.

Franzo o cenho, soltando as suas mãos e segurando em seu quadril.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que eu disse, Simon. Acho que deveria demonstrar mais afeto e ser mais espontâneo com seus pais. Eu mal vejo você abraçar um deles ou, sei lá, sorrir e se importar como um filho se importa com os pais.

Bufo.

— Eu não sei do que está falando...

— Você sabe sim e sabe que eu estou certa. Dê valor aos pais que você tem, babe. Não é todo mundo que têm pais e você é muito sortudo por tê-los vivos, saudáveis, ativos e extremamente amorosos.

— Eles não se importam com isso, Spencer. Pearl é o suficiente para receber o carinho deles e dar carinho a eles. Aliás, eu não acredito que vamos discutir esse assunto logo agora — replico, completamente contrariado e começando a me irritar.

— Não vamos. Assunto encerrado. Um dia você vai precisar deles e vai ver que tudo que acabou de dizer é uma estúpida baboseira. — Spencer sela os nossos lábios e beija minha boca com rápidos e curtos selinhos, nunca desviando o olhar do meu. — Agora conte a eles sobre nós, eu não quero

gaguejar outra vez. — Sorri.

Deixo que a minha irritação se dissolva aos poucos, enquanto encaro Spencer e depois de alguns minutos limpo a garganta e tomo a atenção de todos para mim.

— Eu gostaria de fazer um anúncio — comento e Pearl junta as mãos, sorrindo boba como sempre. — Spencer e eu estamos juntos, oficialmente. Ela finalmente disse sim e agora é a minha namorada.

— Eu sabia! — Pearl exclama e corre para abraçar a minha mãe.

As duas começam a pular e eu não consigo deixar de rir porque elas são idênticas. Solto Spencer e nós nos aproximamos do meio da sala. Ali eu recebo um aperto de mão do meu pai e outro de Seth. Quando estou quase me sentando no sofá, Pearl e minha mãe me cercam em um abraço. Rubor cobre meu rosto e eu deixo meus braços caídos, enquanto elas me abraçam com força e beijam minhas bochechas.

— Eu sabia que isso aconteceria algum dia — minha mãe diz, parecendo orgulhosa.

— Não aconteceu antes porque os dois eram bobos demais para se assumirem — Pearl retruca e eu arqueio a sobrancelha. — Eu amo você, maninho, mas tem que admitir que eu estou certa...

— Se tem uma coisa que eu aprendi com Spencer, é que as mulheres sempre estão certas, mesmo quando a verdade é apenas delas — digo e as três gargalham.

— Ele aprendeu rápido — Spencer diz de longe e eu a procuro. Acho minha namorada sentada no sofá com um sorriso perverso no rosto.

— Eu tenho que concordar sempre se quiser ganhar algo de você...

Sou acertado por minha mãe e ela exclama por fim:

— Simon Alexander Wyatt!

Reviro os olhos e todos caem na gargalhada.

Capítulo 36

Spencer Carter

“De cima para baixo...”

MINHA VIDA ESTAVA MUITO BOA PARA SER VERDADE. Acredito que o que se planta, se colhe, mas eu não entendo em qual momento da minha vida eu plantei tantas coisas ruins. No instante em que meu pai entrou em colapso nos meus braços e de Simon, eu praticamente entrei em colapso junto dele. Estávamos voltando para o carro para irmos ao hospital. Eu e Simon ríamos da reação de Pearl minutos atrás e o papai manteve-se calado, mas não era nada fora do normal. Quando chegamos no meio de nosso caminho, seu corpo começou a tremer e eu acabei caindo no chão por conta de seu peso. Simon começou a xingar copiosamente, enquanto eu fitava meu pai, em choque. O loiro conseguiu carregá-lo até o carro e foi quando eu corri para abrir a porta traseira e entrar com ele. Tenho o sentimento de que diante daquela cena o meu coração parou por longos segundos.

Eu continuo em choque.

Consigo sentir a mão de Simon esfregando minhas costas, enquanto eu olho para o corredor do hospital. Estamos na sala de espera há algumas horas. Pearl, Seth, Sculler, Cassie, Sr. e Sra. Wyatt e as crianças chegaram alguns minutos atrás. Christian e Ryle tentaram falar comigo e com Simon, ambos querendo brincar, mas Simon pediu para os dois voltarem até seus pais porque “hospital não é lugar de brincadeira”.

— Ele vai ficar bem, Cherry. — Finalmente escuto algo e é a voz de Simon.

Subo meu rosto para fitá-lo, sentindo meus olhos encherem-se de lágrimas.

— Você promete? — sussurro, sentindo as lágrimas começarem a banhar a minha face.

Simon planta as mãos de cada lado do meu rosto, enxugando minhas

lágrimas com seus dedões e beijando meus lábios delicadamente, diferente de qualquer outro beijo. Eu posso sentir meu coração acelerar com seu carinho inesperado e isso me conforta.

— Eu prometo.

Meus ombros relaxam e eu respiro. Eu realmente respiro e eu respiro Simon. Passo meus braços por seu pescoço, apertando meu corpo contra o dele e deixando minha cabeça no espaço aconchegante e cheiroso que é o seu pescoço. Fecho os olhos, deixando que um pouco da minha dor seja substituído pelo conforto de seus braços.

— O que será que aconteceu? — sussurro, enquanto ele me puxa para o seu colo e eu estico as minhas pernas para o banco em que estava sentada.

— Eu não sei, não faço ideia, mas faremos o possível para levá-lo para casa hoje mesmo.

— E se ele estiver piorando, Simon?

Escuto sua respiração pesada, apertando mais forte contra ele, como se ele fosse a minha única salvação nesse momento. E, de fato, ele é. Simon Wyatt é a única coisa que pode me deixar de pé nesse exato momento.

— Eu vou pagar os melhores médicos, eu vou trazer quem quer que seja necessário para ver seu pai, Cherry. Nenhum esforço e nenhum dinheiro vai ser poupado — certifica-me e eu acredito.

Afasto meu rosto de seu pescoço e inclino para cima, fitando-o de volta. Seus olhos castanhos, exatamente iguais aos da minha melhor amiga, brilham especialmente para mim e eu me sinto a pessoa mais sortuda do mundo por tê-lo comigo.

— Você tem certeza que vai passar por isso comigo? — questiono.

— Você é minha namorada, porém, mais do que isso, você é a minha mulher. Eu passaria pelo inferno mais fodido por e com você, Spencer. Mario não é apenas seu pai, ele é meu melhor amigo e eu me importo com ele.

— Eu absolutamente a...

— Spencer Carter? — O doutor interrompe a minha fala e eu pulo de cima de Simon, segurando sua mão e puxando-o comigo.

— Sou eu — digo. — Como ele está? O que aconteceu? — continuo e Simon aperta minha mão.

— Calma, babe — murmura.

— Ele está acordado e sob observação. — O homem mexe em sua prancheta. — Eu devo ser direto com você, Srta. Carter. Mario está piorando. O estágio em que ele se encontra é avançado, algo que você já deve saber. A quimioterapia não surte mais nenhum efeito e o câncer já se espalhou para vasos sanguíneos entre o coração e o pulmão. O estágio III, que é o que Mario está, é dividido em duas fases. Como eu disse, o câncer já está se espalhando pelos órgãos vizinhos e essa é a segunda fase, chamada de 3B. É impossível uma intervenção cirúrgica e como a quimioterapia parou de funcionar, o tratamento que ainda poderia ser testado seria a radioterapia, mas isso depende do estado de saúde dele, o que não é nada bom. Seu pai está caindo no estágio IV do câncer, Srta. Carter. Esse estágio é irreversível, sem cura. Pura metástase.

O chão debaixo dos meus pés parece estar derretendo e se não fosse por Simon, eu já estaria de joelhos no chão. Minha respiração fica difícil e a única coisa que eu necessito nesse momento, é de ver meu pai e ficar colada junto a ele, para que ele nunca possa se separar de mim.

— Ele está sentindo muita dor. A tosse está mais intensa e o catarro está vindo acompanhado de mais e mais sangue. Eu os aconselharia a deixá-lo internado e aqui...

— Remédios? — Simon pergunta. — Não há nenhum remédio que possa fazê-lo sentir menos dor? Não há nada que possa fazer ele se sentir melhor? — exige, segurando minha cintura com força para não me deixar cair.

— Sim, mas apenas nós médicos temos acesso a esse tipo de medicamento. É de restrito uso para pacientes em estado terminal e que permanecem internados. — Minha cabeça gira mesmo que eu não tenha movido um só músculo.

O silêncio vence nesse momento. Simon não diz nada, eu também não e nós ficamos encarando o doutor como se ele fosse tirar uma carta do bolso e mostrar a nossa saída para esse problema. Porém, nada acontece.

Eu espero, espero, espero, espero.

Nada acontece.

Espero mais um pouco.

Nenhum mísero movimento.

— Podemos vê-lo? — sussurro.

— Claro. Acompanhem-me — retruca simplesmente.

Viro minha cabeça para o lado e vejo todos ali me fitando. Simon começa a me puxar pelo caminho e seguimos o doutor. Um bolo impede minha voz sair. Eu quero chamar Simon e pedir para ele repetir para mim que tudo vai ficar bem, mas a minha voz não sai. Aperto sua mão, piscando como uma louca alucinada. Estou me sentindo sufocada.

— Vai ficar tudo bem — Simon murmura e nós nos encaramos brevemente.

Eu sei que talvez isso não aconteça, mas eu prefiro acreditar no que ele diz e agarrar suas palavras como se fossem a minha exclusiva tábua da salvação. As pessoas acreditam no que querem acreditar e eu acredito em Simon e acredito que meu pai vai se curar.

O corredor branco em que entramos me assusta.

Coisas calmas sempre me assustaram desde que eu perdi a minha mãe. Eu me lembro do silêncio no quarto de hospital quando minha mãe me deixou com o papai. Ele me tirou lentamente lá de dentro e toda equipe médica entrou para tentar reanimá-la, o que é parte do procedimento. Lembro-me que eu me enrolei na sua perna e fiquei sentada no chão, chorando mais do que algum dia eu chorei. Minutos depois, papai me colocou em seus braços e nós choramos juntos, então eu o fiz jurar que nunca me deixaria. Ele jurou. Jurou por mim e jurou pela minha mãe. Jurou por nossa pequena família. Jurou por ele mesmo.

Desde então nós nunca nos separamos e eu espero que seja assim para sempre.

O doutor para em frente a uma porta e abre, dando espaço para Simon e eu passarmos. E é isso que acontece. A primeira imagem que eu tenho é a do

meu pai deitado na cama de hospital e uma enfermeira checando-o. Ela se retira assim que nos fita, com a promessa de que voltará daqui meia-hora.

Papai sorri para mim, mas eu não tento fazer o mesmo porque é impossível fingir qualquer emoção que não seja real. Solto a mão de Simon e escapo dos seus braços, caminhando em passos largos até meu pai. Seu sorriso não morre enquanto eu me aproximo, muito pelo contrário. Ele sorri mais amplamente, como se nada estivesse errado.

Caio no final da cama e abraço suas pernas cobertas pelo lençol branco e fino de hospital. Começo a chorar, assim como chorei quando perdi a minha mãe. Não tenho qualquer controle sobre meu corpo. É intenso demais. A dor é dilacerante e devastadora. Os pensamentos que passam por minha cabeça são os piores e pensar no pior acaba sendo inevitável. Eu não posso perder a minha família. O que vai ser de mim?

O afago em meu cabelo me acalma aos poucos e o pânico que antes tomava conta de mim, agora começa a cessar. Meus soluços são constantes. Eu fico parada, chorando silenciosamente, olhando para a parede branca antes de Simon aparecer na minha frente. Ele enxuga minhas lágrimas e oferece sua mão para mim. Eu balanço minha cabeça negativamente. Levanto meu corpo apenas o suficiente para subir em cima da cama e me deitar ao lado do meu pai. Não me apoio ou faço qualquer força contra ele, mas ele me puxa e beija meus cabelos.

— Eu estou bem. — Tenta me confortar.

— Não precisa mentir para mim, pai. Não sou mais uma garotinha... — sussurro.

— Você nunca vai deixar de ser a minha garotinha, Spencer — afirma.

Meu coração acelera e eu inclino meu rosto para fitá-lo. Ele enxuga as lágrimas que continuam escapando dos meus olhos.

— Não chore, querida. É ruim ver você triste — pede, calmo demais para ser verdade.

— É impossível não chorar, pai. Eu estou triste e eu estou com muito medo.

Ele sorri para mim e eu tenho vontade de pedi-lo para parar de sorrir,

mas não o faço.

— Você é a minha garotinha forte, Spencer, não me decepcione.

Respiro profundamente, soluçando outra vez.

— Eu não sou forte. Eu preciso de você para ser forte, pai e você está me deixando sozinha. — Desespero escorre por minhas palavras rápidas e esganiçadas.

— Eu ainda estou aqui, Spencer — lembra. — Além do mais, você tem Simon. Acha que eu o ajudei sem propósito nenhum? — brinca, mas eu ainda não consigo sorrir com ele. — Preciso que veja que não está sozinha. Tem um monte de gente que te ama e que nunca te deixaria sozinha e eu sou um deles. Nunca vou deixá-la, querida. Nunca.

Passo meu braço por cima dele e o abraço.

— Por favor, pai... — suplico.

— Shhh, vai ficar tudo bem. Não há razão para qualquer tipo de desespero.

— Está machucando você? O câncer está fazendo você sentir dor? — indago, precisando saber o que ele está sentindo.

— Sim, mas é suportável.

— Você tem certeza? — Simon pergunta, entrando em nossa conversa.

— Absoluta certeza.

— O doutor disse a Simon que você precisaria ficar internado no hospital caso estivesse sentindo muita dor e precisasse de remédios para diminuir seu sofrimento...

— Não preciso de remédios e não preciso ficar internado. A dor é suportável, eu posso garanti-los disso. Só preciso ficar quieto e sem fazer muito esforço. Acho que agora seria um bom momento para ter uma cadeira de rodas — sugere e eu aceno positivamente.

Qualquer esforço poupado é lucro para ele.

— Eu já providenciei isso. Quinn deve aparecer aqui em uma hora com seu novo brinquedo — Simon informa, sorrindo de lado.

Papai sorri de volta.

— Finalmente eu tenho um brinquedo à minha altura.

— Eu não acredito que vocês dois estão achando graça disso. — Sento na cama, concentrando-me para não perder a cabeça.

Simon se aproxima e inclina o corpo para baixo, abraçando-me pelos ombros e beijando minha bochecha por repetidas vezes.

— Corta-me te ver chorando, babe. Mario está dizendo que ele aguenta e que ele está bem, então vamos focar nisso por enquanto — ele murmura no pé do meu ouvido, beijando o lugar de leve.

— Quando você vai parar com isso? — papai pergunta e Simon beija meu rosto outra vez, antes de endireitar-se e plantar as mãos em meus ombros.

— Estava apenas dizendo para ela que você é como o homem de ferro. A versão vintage, mas claramente o homem de ferro — Simon provoca e eu lhe acerto no estômago com uma cotovelada.

Meu pai ri do que o idiota do meu namorado disse e logo os dois estão rindo como se nada tivesse acontecendo. Desço da cama e os deixo conversando, enquanto me sento na poltrona de couro e os observo.

Se eu pensasse meses atrás que Simon significaria tanto para mim, eu provavelmente encontraria uma clínica para pessoas com problemas mentais e me internaria. Ele sempre significou muita coisa para mim, isso é inegável, mas agora isso ultrapassa uma grande barreira. Simon não mentiu quando disse que se importa com meu pai e eu consigo ver isso diante dos meus olhos.

Eu só espero que as coisas melhorem.

Capítulo 37

Simon Wyatt

“Dois meses...”

O CÂNCER DE MARIO ESTÁ TOMANDO CONTA DO SEU CORPO. Foi isso que o doutor me disse quando deixei o quarto para falar com ele e ver se Quinn já havia chegado com a cadeira de rodas. Consigo sentir meu coração no topo da minha garganta, enquanto a minha cabeça dói e meu estômago remexe como se eu estivesse prestes a vomitar. É incrivelmente doloroso saber que eu vou perder Mario e com isso, perder uma parte de Spencer. Minha preocupação é redobrada. Eu sei o quão dependente ela é do pai. Tem sido os dois desde que Spencer perdeu sua mãe para a mesma doença maldita.

— Quanto tempo? — pergunto, antes do doutor se afastar completamente.

— Dois meses, no máximo.

— Ele já sabe disso?

— Sim, há meses — dito isso, o doutor se afasta e eu passo minhas mãos freneticamente por meu cabelo.

Por que Mario não contou isso para Spencer?

Por que ele não contou para mim?

Merda.

Observo Quinn aparecer no corredor com Seth, os dois conversam entre resmungos, enquanto o marido da minha irmã traz a cadeira de rodas motorizada que eu pedi para Quinn comprar.

— Como ele está? — Seth pergunta, deixando a cadeira no chão e cruzando os braços.

— Mal. Estágio III, avançado. Está se espalhando pelo corpo dele e o médico disse que ele aguenta provavelmente apenas mais dois meses. —

Respiro fundo, reprimindo a vontade de enfiar o punho na primeira coisa sólida que eu encontrar na minha frente. — Mario provavelmente está entrando no último estágio do câncer...

— Está se espalhando? — Seth pergunta depois de longos segundos.

— Sim, a porra do câncer está tomando conta de todo corpo do Mario e ele já sabia disso. — Meus dentes trincam, porque estou inconformado dele não ter falado isso antes para mim ou para Spencer.

Claro que ele nãoalaria para sua filha, mas, porra e para mim? Poderíamos ter começado outro procedimento bem antes ou sei lá, ter viajado para buscar ajuda de mais especialistas, de mais respostas, de mais soluções.

— Se precisar de alguma coisa, qualquer que seja, é só entrar em contato — Seth informa.

Eu não assinto e nem me esforço para lhe dar uma resposta.

— Eu vou deixar o dinheiro pela cadeira de rodas com a minha irmã amanhã — digo a Quinn e ele apenas acena positivamente.

Fito Seth uma última vez, tentando perceber se ele está falando sério ou não e entro no quarto novamente, agora empurrando a cadeira de rodas. Quando fecho a porta, os olhares de Spencer e Mario estão em minha direção.

— Isso foi rápido — Mario brinca, mas dessa vez eu não sorrio com ele.

Estou irritado pelo fato dele saber de tudo há meses e não ter contado para nós.

— Quinn sempre consegue as coisas com rapidez — retruco, deixando a cadeira de lado e me aproximando de Spencer. — Babe, você pode nos deixar por alguns minutos? — pergunto em seu ouvido assim que paro atrás dela.

Spencer me fita sobre o ombro, franzindo o cenho e adquirindo uma expressão confusa.

— Está tudo bem? — retruca e eu concordo.

— Eu só queria trocar umas palavras com Mario, não é nada demais. Aliás, você poderia aproveitar para falar com o médico e a enfermeira sobre a

alta dele — sugiro.

— Isso é verdade. — Ela se vira para Mario. — Papai já está reclamando sobre o hospital...

— Eu não gosto desse lugar — defende-se.

— Eu vou deixar vocês conversando, enquanto resolvo o que tem que ser resolvido para voltarmos para casa — Spencer enuncia e inclina o corpo para beijar a bochecha do pai.

Ela desce da cama e me beija rapidamente, seguindo para fora do quarto. No momento em que a porta fecha, jogo-me na poltrona e cruzo as pernas, fitando Mario intrigado.

— O que houve? — pergunta.

— Você já sabia de tudo isso?

Posso escutar sua respiração pesada quando começo a confrontá-lo.

— Sabia de tudo isso e não nos disse nada, Mario? Por que diabos manteve isso para si mesmo? Você tem noção da situação que poderíamos ter evitado? Você tem noção que poderíamos ter achado uma saída?

Minha voz é baixa, porém cheia de ressentimento. Estou ressentido como nunca fiquei, mas não é apenas por mim, é por Spencer também. Eu sei como ela ficaria louca se soubesse disso. Eu a conheço como ninguém e, saber que tínhamos a chance de evitar o que acontecerá daqui pouco mais de dois meses, me deixa irritado pra caralho.

— Era inevitável, Simon — responde, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Meu câncer é recorrente. Quando você deixou Long Beach, foi a primeira vez que ele deu sinal, apareceu. Depois do tratamento, Spencer e eu pensamos que eu estava curado da doença, mas anos depois a doença veio mais forte. Câncer recorrente é quase uma sentença de morte. Eu venho sentindo dor há muito tempo, mas focar na minha dor é algo que eu não faço. Sei que isso faz parte da morte para algumas pessoas. Algumas pessoas morrem dormindo, sem sentir qualquer dor, outras sofrem até seu último suspiro. Eu estou nesse grupo de pessoas que vão sofrer até o último suspiro, mas não pense que eu me importo, porque apesar de tudo, eu sou feliz e aceito a minha morte da forma que for. A única coisa que peço, é para não

ficar na porcaria do hospital, sendo monitorado por essas máquinas estúpidas e recebendo remédio para fazer a minha dor menor. Eu vi a mulher que eu amo morrer de câncer em um leito como esse, sofrendo das piores dores possíveis, enquanto esses remédios não faziam qualquer efeito nela. Eu quero passar meus últimos dias, semanas, meses, com aqueles que eu amo. Quero passar o resto da minha vida com a minha filha, tentando mostrar a ela que o que termina aqui, não *acaba* aqui. Spencer vai quebrar, Simon, mas quero que ela veja que eu estou indo para um lado melhor e algum dia todos nós vamos nos encontrar lá.

— Deveria falar para ela sobre o seu tempo, Mario. Dois meses. Duas porras de meses.

— O tempo é o que você faz dele. Você deve estar pensando: “Mario tem apenas mais dois meses de vida”, mas o que eu penso é diferente. Eu *ainda* tenho dois meses de vida. Eu não *apenas* tenho dois meses de vida. Eu ainda tenho tempo e eu vou vivê-lo ao máximo, com dor ou sem dor. Eu vou amar ao máximo, eu vou me divertir ao máximo e eu nunca vou me lamentar por isso, garoto, porque eu *ainda tenho dois meses de vida*. Boa ou não, é a minha vida, é a minha história e é o meu legado.

Sinto um nó sendo amarrado em minha garganta. Sei que meus olhos estão cheios de lágrimas que eu evito deixar que caiam, mas não é por medo de parecer um idiota, muito pelo contrário. Sinto vergonha por ter julgado Mario antes de ter ouvido o que ele tem a dizer. É sua vida e ele ainda tem dois meses de vida. É um tempo finito que com ações pode se tornar infinito em aprendizados e lições, mas principalmente em amor.

Eu consigo entendê-lo.

Agora sim eu consigo entendê-lo.

— O que eu vou fazer com ela? — resmungo.

— Você vai ter que amá-la mais do que nunca, mas isso não é difícil. Eventualmente Spencer vai se dar conta de que as coisas acontecem porque tem que acontecer. Ela vai entender, Simon, só não desista.

Aceno positivamente, passando minhas mãos por meu rosto e meu cabelo em um ato frenético.

— Eu não desisti antes, não vai ser agora que eu vou fazê-lo.

Mario sorri e começa a tossir em seguida.

Ele leva um lenço até a boca e quando se recupera, volta a me fitar e diz:

— Aquela cadeira de rodas é motorizada?

Começo a rir junto dele e vou pegar a cadeira de rodas, mostrando para ele seu novo brinquedo. Mario fica animado e eu tenho que segurá-lo na cama para não sentar e testar a cadeira, coisa que eu faço em seu lugar. Nós ficamos rindo até Spencer voltar com o doutor e a enfermeira, enquanto eu faço manobras nada perigosas.



SÃO QUASE DEZ DA NOITE QUANDO EU, SPENCER, MARIO, PEARL E MEUS PAIS DEIXAMOS O HOSPITAL. Seth, Sculler e Cassie tiveram que ir para casa com as crianças por motivos óbvios, mas a minha irmã e os meus pais não deixaram o local até nos verem ir embora. Recebi um abraço dos meus pais e da minha irmã no momento em que aparecemos na sala de espera. Spencer e Mario também receberam um abraço, principalmente a minha namorada. Combinamos que amanhã nos reuniremos em família para um almoço no nosso apartamento em forma de “agradecimento”. Na verdade, quem combinou isso foi Spencer, pois ela simplesmente está grata demais por todo apoio recebido por minha família. Tentei convencê-la de que nada disso era necessário, mas apenas ganhei um olhar feio dela.

No momento, eu estou dirigindo de volta para o nosso apartamento, enquanto peço comida de algum bom restaurante da cidade. Mario me disse que gostaria de comer algo bem salgado, pois estava se sentindo enjoado e completamente nauseado pelo dia inteiro que passou no hospital. Estive pesquisando sobre e descobri que pessoas com esse tipo de doença sempre

estão se sentindo assim: enjoadas e nauseadas. Admito que até eu fiquei enjoado depois de tanto olhar aquelas paredes brancas e ter uma enfermeira monitorando Mario de trinta em trinta minutos para liberá-lo só à noite. Essa era nossa única opção, então o jeito foi ter que aguentar.

Coloco meu celular de volta em um dos suportes no carro e essa é a segunda coisa que tenho planejado para a próxima semana: comprar um carro novo, mais acessível e maior, bem maior. Eu sei que talvez eu possa estar exagerando, mas não é exagero quando se quer proporcionar o melhor para os últimos meses de vida de uma pessoa que você ama.

O topo da minha lista é: levar Mario a um estádio de futebol americano. Talvez isso não seja possível, mas eu vou dar meu jeito. Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé. Simples, mas trabalhoso. O bom é que eu nunca gostei de nada fácil, caso contrário, a minha namorada não se chamaria Spencer Carter. Seth disse que qualquer coisa, eu poderia chamá-lo ou pedir sua ajuda. Daqui um mês eu vou realmente pedir sua ajuda para o que eu tenho em mente como plano B, então verei se ele está disposto a ajudar.

De minuto a minuto eu checo os dois que estão no banco de trás, cochichando sem parar. Spencer parece mais aliviada, por mais que esteja ciente de uma vez por todas de qual é a real situação de Mario. Eu não contei a ela sobre o tempo de vida de Mario, pois ele disse que colocar um limite de tempo para Spencer seria a pior coisa no momento. Respeitei a sua vontade e concordei com ele sem pensar duas vezes. Se Spencer souber, ela ficará paranoica as vinte e quatro horas do dia.

Entro no estacionamento do prédio e procuro por minha vaga, parando o carro no instante em que acho. Aperto um dos botões do painel e abro o porta-malas. Pego minhas coisas e saio, caminhando rapidamente afim de pegar a cadeira de rodas de Mario. Quando coloco a mesma no chão, Spencer aparece. Fecho o porta-malas e ela fica na ponta dos pés para me abraçar.

— Você está melhor? — pergunto e ela sorri, concordando e colando a boca na minha. — Isso é bom, babe.

— O que é bom? — retruca.

— Você me beijando e você estar melhor.

Spencer sorri mais abertamente para mim e eu entendo os motivos de Mario ter escolhido não contar nada para sua filha.

Quando Spencer sorri, ela brilha. Não importa se o sorriso é forçado ou não. Todos os seus sorrisos são brilhantes e ela brilha junto com eles.

Porra, eu faria loucuras por causa deste simples sorriso.

— Muito obrigada, Simon — sussurra.

— Você não precisa me agradecer por nada. Estamos juntos nessa até o fim, seja qual for ele. — Beijo os seus lábios e o topo de sua cabeça uma última vez.

Entrego minhas coisas para ela e seguro sua mão, pegando a cadeira com minha mão livre e levando-nos até Mario.

— Pensei que demorariam uma vida. — Ele revira os olhos assim que eu abro a porta.

Mario sai do carro com calma e senta no que ele chama de cadeira-robô. Bato a porta do veículo e Spencer trava o mesmo, enquanto observamos Mario ir na frente até o elevador.

— Não acha que está independente demais, cara? — pergunto a ele e escuto sua risada.

Spencer aperta minha mão e eu viro meu rosto em sua direção para vê-la sorrir também.

— Eu estou doente, mas nem tanto. Sou independente, ainda mais agora com essa cadeira-robô.

Balanço minha cabeça negativamente e nós três rimos por todo caminho até o elevador. Lá dentro Spencer me abraça e descansa o rosto no meu peito. Afago as suas costas e nos afundamos no confortável silêncio que voltou a reinar entre nós três.

Os piores dias ainda estão por vir, mas o que eu puder fazer para torná-los suportáveis para a minha Cherry, eu farei.



OBSERVO SPENCER DESLIGAR A LUZ DO NOSSO QUARTO E CORRER PARA A CAMA. Ela se joga em cima de mim e nós dois rimos. Lentamente ela cai do seu lado preferido para dormir e enrola as pernas nas minhas, descansando a cabeça em meu peito e deixando sua mão encontrar a minha para que nossos dedos entrelacem. Sua respiração bate em minha pele calmamente, enquanto nosso riso cessa e nos acalmamos. O dia de hoje foi algo fora do normal. Todas as coisas que aconteceram, toda a apreensão que passamos foi algo que eu nunca passei em toda a minha vida. Finalmente estamos juntos no final desse dia estressante e eu creio que só aguentei todas essas coisas pela certeza desse exato momento: nós dois juntos em nossa cama, assim como deve ser.

Dedilho a pele desnuda de Spencer e ela se aconchega para mais perto, inclinando a cabeça para cima e me fitando na penumbra do quarto. Seus olhos esverdeados, que são o meu maior porto-seguro, brilham. Droga. Ela é tão linda. Sou sortudo pra caralho por ter Spencer comigo, disso eu não tenho dúvida. Meu coração descompassa sempre que estamos em momentos como esse, de intimidade sentimental. Puxo Spencer mais para cima e selo nossos lábios com força. Meu coração pula uma batida. Minha Cherry é de tirar o fôlego e de deixar qualquer um louco. Mas o único que quer ficar louco por sua causa, sou eu. E, sinceramente, eu já estou nesse estado: louco por ela. Minha vida gira em torno de Spencer e eu tenho certeza que não seria a mesma coisa com a sua ausência. Ela é necessária. Ela se faz necessária na minha existência assim como eu preciso de ar todos os dias para continue vivendo.

Sua língua empurra para dentro em um beijo, agora, doce. Ela me acalma e faz eu retroceder duas casas. Seus lábios macios e molhados são o encaixe perfeito para os meus. Spencer sempre foi meu encaixe perfeito, mesmo quando eu mentia para mim mesmo. As mãos de Spencer sobem para o meu cabelo, enquanto ela se posiciona em cima de mim. Sua língua continua com as leves carícias calmas, porém quentes e extremamente

molhadas, do jeito que nós dois gostamos. O beijo foi tornando-se mais profundo, como se fôssemos um só. E nós somos um só nesse momento. Dois corações apaixonados colidindo e transformando-se em um. Eu gosto de ser um quando a minha outra metade se chama Spencer Carter.

Com a respiração pesada, Spencer afasta a boca da minha e sorri, pressionando um beijo simples na minha boca por fim. Levanto minhas mãos, segurando seu rosto e tocando seus lábios inchados. Abro meus olhos preguiçosamente e vejo a bela mulher na minha frente. Ela é tudo e mais um pouco. Spencer beija meus dedões, ainda com um sorriso fraco adornando seus belos lábios e eu navego as minhas mãos para tirar seu cabelo escuro de frente do seu rosto. Assim como aconteceu comigo, ela abre os olhos com demasiada lentidão, focando em mim alguns segundos depois. Seu olhar é intenso, o mais intenso que eu já recebi vindo dela. Spencer volta ao meu encontro e encosta a testa na minha antes de falar:

— Eu não tenho palavras para descrever o que eu estou sentindo por você, Simon — seu sussurro me acerta como um duro e seco soco na boca do estômago. Deslizo minhas mãos por suas costas e as deixo plantadas em sua cintura. — Eu sei que nossa história não é uma das melhores e mais bonitas. Começamos errados e eu sei que grande parte disso foi minha culpa. Eu tinha aquele medo estúpido de me envolver com pessoas mais novas, então apareceu você, apenas um ano mais novo que eu e completamente decidido.

Ela para, sorrindo de lado e abrindo os olhos que se fecharam em algum momento. Nos fitamos de tão perto que o foco fica ruim, mas sua voz é o meu guia.

— Quando você deixou Long Beach, eu sofri — confessa algo que nunca me disse antes e eu estou surpreso com as palavras que saem de sua boca. — Naquele momento eu soube que estava perdidamente apaixonada por você, só que a forma como tudo acabou e a sua relutância para falar comigo acabaram me calando. Uma aposta que nem era nossa nos separou, mas foi por uma aposta que estamos juntos agora. Você mudou tanto, Simon. Eu não tenho palavras para explicar o sentimento que eu tenho toda vez que você demonstra uma nova mudança, uma nova ação mais pensada. Dessa vez eu tenho certeza que o que estamos criando desde que você começou a mudar, não será perdido. Eu preciso te dizer que você se tornou o meu pilar, a

base mais forte para me deixar de pé. A minha vida estaria uma bagunça se não fosse por você. Simon, eu vejo que você está sempre olhando mais à frente e trazendo as melhores soluções para os piores problemas...

— Mas você merece — eu a interrompo.

— Você também merece, babe — sussurra, segurando meu rosto com as mãos trêmulas. — O papai está piorando, eu sei, mas você continua me ajudando a ficar de pé e me fazendo nunca perder a esperança. Ele é a única pessoa que me resta, meu único familiar ainda vivo. Eu não quero perdê-lo, a minha vida vai ficar de cabeça para baixo, assim como estava antes de você voltar.

— Eu vou estar aqui para te ajudar quando qualquer coisa sair do lugar — volto a interrompê-la, com o intuito de deixá-la saber que eu não estou indo a lugar algum.

— Olhe só para você — diz, esfregando os dedos em minha barba. — Mudou tanto.

Uma lágrima de Spencer cai em meu rosto e eu fecho os braços ao redor da sua cintura. Sua respiração inconstante sopra contra o meu rosto, deixando claro o quão desestabilizada ela se encontra.

— Eu estou com medo, aterrorizada.

— Tudo bem ter medo. Você tem medo de perder o seu pai e eu tenho medo de perdê-lo também, mas não apenas ele, babe. Eu tenho medo de perder você, então eu preciso que escute o que eu vou te dizer: você é forte. Você é a mulher mais forte e independente que eu já tive o prazer de conhecer. Eu acredito na sua força e eu sei que você só vai cair se for da sua própria vontade. Eu só te peço que tente ficar de pé e manter a cabeça erguida. As coisas podem ficar ruim, babe, mas você vai ser a única a escolher se quer cair ou ficar de pé. Se você cair, eu vou cair também, mas vai ser para te levantar, porque em hipótese nenhuma eu vou te deixar no chão.

Mais uma lágrima sua cai em meu rosto, então outras tomam o mesmo caminho. Spencer me abraça com força e eu beijo seu ombro quando ela enfia o rosto meu pescoço. Deixo que ela desabafe a sua dor comigo e espero que a calma volte para o seu corpo.

— Tudo bem chorar. Tudo bem mostrar a sua dor para mim. Eu não quero que se feche. Eu quero que compartilhe tudo comigo, porque eu sempre vou tentar aliviar as coisas para você. Então, comunique-se comigo.

Seus soluços e os tremores por seu corpo se intensificam. Continuo beijando seu ombro e o espaço livre em seu pescoço. Fecho meus olhos e espero ela se acalmar, o que logo acontece.

— Eu já... — Ela respira profundamente e limpa a garganta. — Eu já teria perdido todas as minhas esperanças se não fosse por você.

Ficamos calados e aos poucos a respiração de Spencer regulariza por completo. Ela volta a deitar ao meu lado e eu viro o rosto para fitá-la. Seu rosto parece avermelhado, as bochechas molhadas e os cílios longos encharcados. Sua respiração torna-se mais lenta e eu percebo que ela está caindo no sono, como uma criança que chora muito por ter perdido algo e depois dorme para esquecer dos “problemas”. Não foi forçado, mas completamente natural. Agarrada a mim, Spencer cai no sono como uma criança assustada e cheia de dor. Mexo em seu cabelo, observando-a se aconchegar para mais perto e apertar mais forte contra mim. Não dói e nem incomoda, então eu deixo ela se satisfazer mesmo que inconscientemente.

Meu pensamento viaja entre Spencer e Mario. Eu sei que prometi a Mario que o levaria para assistir um jogo de futebol, mas o próximo que acontecerá será em meses e, segundo seu médico e sua expectativa de vida, ele não estará vivo até lá. Tenho uma grande ideia para fazer com que isso se realize, mas conseguir jogadores em seu período de férias não será nada fácil, ainda mais quando eu sempre fui um idiota com eles. Solto uma risada fraca, porque eu não me arrependo de ter sido um idiota com meus colegas de time, para ser sincero, acho que eles gostam desse meu lado idiota. Além de tudo isso, precisamos voltar ao hospital em breve para mais exames. Também preciso falar com meus pais sobre o afastamento de Spencer da pizzaria, porque de jeito nenhum eu vou deixá-la trabalhar durante os próximos meses. Eu tenho tantas coisas para fazer, tantos objetivos para alcançar que peço aos céus para mandar alguma ajuda para mim.

Volto a fitar o rosto calmo e sereno de Spencer e percebo que ela é toda ajuda que eu preciso. Sei que Spencer estava falando minutos atrás sobre eu ser o seu pilar, mas o que ela não sabe, é que ela é tudo para mim. A rocha

mais dura, a base mais forte. Meu tudo. A pessoa por quem eu daria a minha própria vida para ver feliz.

Se ela está feliz, então eu também estou feliz.

Essa é a regra de um casal.

Essa é a nossa regra.

Capítulo 38

Spencer Carter

“Simon...”

SOU ACORDADA COM UM MONTE DE BEIJOS NO PESCOÇO. Tento me proteger, mas é inútil. Simon segura meus braços e continua seu relaxante e engraçado, porém delicioso, ataque. Minha barriga esquenta e eu solto uma risada, remexendo-me debaixo dele. Abro meus olhos com muita dificuldade e encontro na minha frente o seu rosto nem um pouco amassado. O cabelo loiro está preso em uma trança, o que me faz estreitar os olhos para ele e me perguntar “quem diabos fez essa trança?” mentalmente. Ele inclina e aproxima o rosto do meu, beijando a ponta do meu nariz e do meu queixo.

— Boa tarde — enuncia e finalmente me solta, saindo de cima de mim e cruzando os braços em frente ao corpo quando fica de pé.

Pisco uma, duas, três vezes.

— Você disse... tarde?

Estou confusa e um pouco perdida.

— Sim, babe. Tarde. Você sabe, depois da manhã...

— Eu sei, Simon Alexander Wyatt. — Solto entre dentes. — Por que não me acordou antes? Aliás, que horas são? Onde está meu pai? Ele está bem? Droga... — Empurro o lençol para o lado, preocupando-me instantaneamente. — Eu preciso vê-lo agora mesm...

— Ei. — Simon se apressa em me segurar. — Ele está bem e muito animado conversando com o meu pai, Seth e Sculler sobre futebol na nossa sala de estar — informa, me puxando para si. — Você parecia confortável, então resolvi deixar que descansasse mais. Minha mãe, Pearl e Cassie estão na cozinha preparando nosso almoço. Vim te chamar para tomar um banho e se juntar a nós.

Solto um gemido e puxo minha mão da sua, agarrando o corpo na

minha frente e me apertando contra ele. Passo os braços pela cintura de Simon e descanso meu rosto em cima da camiseta branca que ele está usando.

— Deveria ter me chamado mais cedo, Simon. Eu que planejei o almoço ontem e elas estão fazendo tudo em meu lugar — reclamo, mas para ser sincera, não é bem uma reclamação que eu faço.

— Está falando de Alexa Wyatt, Pearl Wyatt-Sawyer e Cassandra Sivan, babe. Elas discutem o tempo todo sobre receitas e, devo te informar, deixei as três discutindo calorosamente o cardápio para o almoço. Elas amam isso e não é nenhum sacrifício.

Deixo-me rir e endireitar o rosto para fitar o loiro esperto.

— Eu sei que elas amam isso, por isso que não é uma genuína reclamação. Só queria ter recebido todos e estar ajudando-as...

— Deixa elas pra lá. — Ele revira os olhos.

Simon tira meus braços de sua cintura e segura minha mão, puxando-me para o banheiro. Observo a trança em seu cabelo e sinto meu corpo esquentar. Eu acho que tenho uma coisa sobre Simon e tranças. Essa é uma combinação muito tentadora e sem nenhuma dúvida, me excita.

— Quem fez essa trança em você? — a curiosidade fala mais alto.

— Pearl. — Ele me fita sobre o ombro no momento em que entramos no banheiro. — Por quê?

— Nada...

Solto sua mão e pego minha escova de dentes, aplicando creme dental nela e começando a escovar meus dentes sob o olhar avaliativo de Simon. A cada segundo que passa, seu olhar se intensifica mais e mais. Ele se aproxima de mim e para bem atrás do meu corpo, segurando os dois lados da minha calcinha e começando a arrastá-la para baixo. Dou uma risada um pouco nervosa e cheia de antecipação.

— Quer refazer minha trança, babe? — murmura com a boca colada na minha nádega esquerda.

— É... óbvio... que... sim... — digo com certa dificuldade.

Cuspo o creme dental da minha boca e me limpo completamente,

inclinando meu corpo para frente e empinando a bunda para trás. Escuto a risada cínica do loiro, enquanto ele endireita o corpo para voltar a me fitar pelo espelho grande e limpo. Simon começa a soltar a trança feita por sua irmã e eu abro um sorriso. Viro-me em sua direção, chutando minha calcinha para longe e levantando a camiseta regata de Simon que eu estou usando. Não falamos nada, apenas continuamos com o nosso intenso jogo de olhares.

— Quer refazer agora? — pergunta em pura provocação.

Uma onda quente passa por todo meu corpo quando Simon me coloca sentada no granito molhado da pia. Ignoro o frio, focando apenas no quão quente meu corpo começa a ficar. Ele afasta minhas pernas e coloca-se no meio delas, virando lentamente de costas para mim.

Passo minhas mãos ansiosas pelos fios loiros de seu cabelo macio e no minuto seguinte a trança escorre por meus dedos e toma forma. Pego o elástico que Simon me oferece e prendo a ponta de sua trança nova. Ele volta a ficar de frente para mim e me tira de cima da pia, carregando-me até o chuveiro.

— Você vai banhar também? — sussurro, focada em fitar seus lábios.

— Isso não estava em meus planos um segundo atrás, mas agora está — ele diz antes de ligar o chuveiro e entrar debaixo da água fria comigo em seus braços.

Simon encaixa os lábios nos meus e nos beijamos em meio ao meu desespero de arrancar as peças de roupa que ele ainda está vestindo. Seria muito feio mentir e falar que ficamos apenas nos beijando debaixo do chuveiro, mas os detalhes dessa aventura pertencem apenas a nós dois.



DEPOIS DE VESTIDOS E ARRUMADOS, EU E SIMON DEIXAMOS NOSSO QUARTO E VAMOS PARA A COZINHA. Entramos no cômodo de mãos dadas, enquanto ele tenta me provocar com suas inúmeras piadas

sem graça. Sorrio para ele, mas somente pelo fato de que ultimamente Simon está muito gentil e maduro. Assim que Pearl percebe nossa presença, ela sorri abertamente e corre até nós, recebendo uma reclamação da Sra. Wyatt pelo caminho por ter jogando uma colher de pau para cima.

Tinha que ser a Pearl.

— Spencer! — exclama, jogando os braços ao redor do meu pescoço. Solto a mão de Simon e correspondo ao seu abraço, rindo baixo da sua barriga, que nos atrapalha um pouco. — Senti sua falta.

— Anjinho... — retruco.

— Como você está? — Pearl se afasta e me observa cautelosamente.

— Bem melhor — confesso, procurando por Simon e percebendo que ele já sumiu da cozinha. — E como está meu novo anjinho aí dentro? — Aponto para a sua barriga e ela sorri.

— Bagunçando tudo e dando a maior dor de cabeça para o Seth. Eu tenho quase certeza que ele vai ficar louco com meus desejos...

Gargalho, concordando com Pearl. É óbvio que Seth vai ficar louco com os desejos da minha amiga. Seth sempre comenta que os desejos de Pearl vão de mal a pior, mas ele não pode fazer nada, além de saciá-los. Ele está certo. Mexer com mulher grávida é um perigo, por mais que eu nunca tenha experimentado esse momento.

— Vocês duas podem arrumar a mesa? Eu e Cassie vamos terminar aqui — Sra. Wyatt pede e nós assentimos prontamente.

Pearl entrelaça seu braço no meu e me puxa para fora da cozinha. Quando tenho um olhar geral da sala de estar, respiro aliviada por achar meu pai sentado em sua cadeira de rodas, com um sorriso enorme no rosto e aparência bem melhor do que ontem. Escuto Simon provocá-lo, como sempre, enquanto coloca Ryle sentada em seus ombros largos. Sorrio com a imagem, porque ele parece admiravelmente lindo.

— Ele mudou muito... — Pearl diz, soltando meu braço e começando a organizar a mesa extensa o suficiente para caber toda a família grande dos Wyatt-Sawyer. — Fico muito feliz em ver o Simon ao seu lado, Spencer. Você não faz ideia do quanto esperei para ver esse momento.

Fito a minha amiga e arqueio a sobrancelha.

— Você esperou? — Dou uma risada.

— Sim, claro. — Pearl revira os olhos. — Eu me sentia um pouco culpada pela separação de vocês, ainda mais por que tinha plena convicção de que vocês ainda se gostavam muito. Então é claro que eu esperei muito para que esse dia finalmente acontecesse. E aconteceu! — Seu sorriso aparece e cresce por todo rosto.

— Eu também esperei muito por isso — retruco cinicamente e Pearl balança a cabeça em pura incredulidade, rindo novamente.

— Eu vou levar isso à sério — ameaça e eu dou de ombros.

— Pode levar, só não conta para o Simon. — Pisco e do nada a minha cintura é laçada.

— O que a Pearl não pode contar para mim? — Simon pergunta a nós duas, enquanto recupero-me do susto que ele me deu ao chegar sorrateiramente atrás de mim.

— Que ela esperou muito tempo pelo dia em que vocês dois estariam juntos — Pearl enuncia orgulhosa.

— Eu te disse para não falar, Pearl Wyatt...

Ela tapa a boca e arregala os olhos, tirando as mãos de cima dos lábios para sorrir amarelo.

— Eu sinto muito — diz, as bochechas queimando intensamente.

— Está tudo bem. Isso não é uma surpresa para mim. — Simon desliza as mãos por debaixo da minha camiseta branca e um arrepio delicioso sobe por minha espinha, enquanto um frio se instala no meu estômago. — Eu sei tudo que Spencer quer me dizer, até mesmo quando ela não fala absolutamente nada.

— Você é tipo um... medium, adivinha? — provoco, fitando-o por cima do meu ombro.

— Chame como quiser, babe.

— Pode adivinhar o que eu estou pensando nesse exato momento?

Simon sorri e aproxima o rosto do meu.

— Você está pensando “nossa, eu não acredito que esse cara lindo é o amor da minha vida!” — sussurra em cima da minha boca e eu não faço nada, além de gargalhar.

Simon e Pearl começam a rir também, mas eu acabo caindo em uma sincera crise de riso, onde esse meu riso significa três coisas.

Um: Simon está certo.

Dois: Eu estou nervosa.

Três: Eu não consigo negar a sua verdade, que acaba por ser a minha verdade, mesmo que a verdade seja relativa.

— Ela está rindo, mas é verdade. Toda vez que Spencer me olha ela tem esse olhar de “nossa, ele é realmente o amor da minha vida” — Simon continua, ficando um pouco embaraçado por não ter recebido uma resposta minha.

Respiro profundamente e paro de rir, sentindo lágrimas escorregarem por minhas bochechas.

— Você meio que está certo...

— Será que eu já disse que shippo vocês? — Pearl indaga e nós dois viramos para fitá-la.

Mesmo não o encarando, tenho certeza de que Simon está com uma interrogação imaginária no meio da testa, assim como eu.

— Você... o quê... a gente? — Simon se apressa e pergunta de uma vez.

— Shippar, Simon. Quer dizer que eu torço pelo amor de vocês dois, sabe...

— Onde aprendeu isso? — retruco.

— No Instagram do Seth. Tinha um monte de pessoas comentando nas fotos dele comigo e com o Christian, dizendo que nos “shippavam”. Eu também fiquei confusa, mas procurei no Google e entendi o significado. — Pearl dá dois pulinhos, juntando as mãos e sorrindo. — Não é fofo?

— Seth andou sabendo que as pessoas “shippam” vocês? — Simon

indaga maliciosamente, fazendo-me segurar o riso.

— Não. — Ela revira os olhos. — E é melhor ele não saber, uma vez que Seth fica tão sensível quanto eu quando engravidado. — Franzo o cenho, ainda segurando o riso. — É, é... ele disse que tem medo de que eu acabe fugindo com as crianças... vai saber...

— Seu marido é louco, irmãzinha — Simon afirma e nós dois rimos da careta que Pearl faz.

— Ele é um tipo bom de louco, Simon. — Ela faz um bico, segurando o pano de prato que pegou de cima da mesa, como um travesseiro.

— Eu não conheço nenhum tipo bom de louco, Pearl — acusa.

— Eu conheço, você! — exclamo, levantando uma mão para o alto e Simon puxa de volta.

Pearl sorri para mim e eu pisco para ela, que nos deixa sozinhos ao ouvir o chamado de Christian. Simon me imobiliza em seus braços para eu não me separar dele, mas não é como se eu fosse tentar fazer isso.

— Você está fodida, Spencer Carter.

— Literalmente ou...?

— Literalmente — grunhe de volta ao me interromper. — Onde já se viu me chamar de louco em frente à minha irmã? Esse era o nosso segredo, babe — reclama, fazendo um pseudo-drama para mim.

— Eu sinto muito por isso, mas prometo te recompensar pelos danos — sussurro, rindo baixo com ele.

— É melhor você me recompensar mesmo...

Simon e eu continuamos com uma conversa nada pura, enquanto eu e ele colocamos os pratos em cima da mesa. A cada chance que temos, esbarramos um no outro, como se nada estivesse acontecendo ao nosso redor. É engraçado e eu me divirto o tempo todo, esquecendo por um momento de todos os nossos problemas e relaxando ao redor do cara que está me mantendo de pé e esperançosa.



O ALMOÇO EM FAMÍLIA FOI UMA GRAÇA, DE VERDADE. Simon não perdeu uma chance de implicar com Seth, mas dessa vez a implicância toda era por conta dos times rivais deles. Sculler olhava de um para o outro, rindo e balançando a cabeça negativamente, como se não ligasse para aquele tipo de discussão. E, obviamente, ele não estava dando a mínima para isso.

Além da implicância de Seth e Simon, pude ver mais de perto a relação de Pearl e Seth. Eles são de outro mundo, ainda mais quando estão com Christian entre os dois. Seth alimentava-se, alimentava o pequeno Chris e ainda passava a maior parte do tempo se certificando de que Pearl estava bem e saciada. Essa foi a parte mais bonita desse momento em família que nós passamos.

Depois do prato principal, fui à cozinha com Cassie e Sra. Wyatt para pegarmos sorvete como sobremesa. Entrego, nesse exato momento, uma taça para o meu pai e sento-me na ponta do sofá para ficar mais perto dele. Simon chega para mais perto de mim, enquanto conversa com Sculler sobre a próxima temporada de jogos.

— Você se sente bem? — pergunto ao papai e ele me encara.

— Sim, muito melhor do que ontem — diz, mas não encontro sinceridade em suas palavras.

— Se quiser descansar, é só me falar que eu fico com você, pai. — Ele revira os olhos.

— Eu estou bem, querida e estou falando sério. Não se preocupe, apenas aproveite esse tempo em família — instrui.

Aceno positivamente, levando uma colher cheia de sorvete até a minha boca.

Melhor eu ficar calada para não falar besteira.

A conversa sobre futebol flui com facilidade demais entre todos que estão na sala de estar. Perto das três da tarde todos resolvem ir embora. Um

de cada vez se despede do papai e eu e Simon os levamos até a porta. Sra. Wyatt olha ansiosa para o filho, que não se move para despedir-se mais intimamente com nenhum deles.

— Foi um almoço maravilhoso — digo, abraçando Pearl e distribuindo abraços até parar na mãe de Simon. — Espero repetir isso mais vezes. — Sorrio para Sra. Wyatt e ela me devolve um sorriso.

— Por mim, nós almoçaríamos juntos todos os dias — brinca.

Dou três passos para trás e fito Simon.

— Despeça-se deles, babe — sussurro e ele torce uma careta no rosto, mas segue para fazer o que eu lhe disse.

Simon se despede de um a um, fazendo graça para Christian e Ryle e travando quando para em frente aos seus pais. Ele se despede do Sr. Wyatt com um aperto de mão forte e, quando tenta fazer o mesmo com sua mãe, ela o agarra em um abraço caloroso e tocante. Sorrio de lado, satisfeita com o que eu vejo e acabo percebendo não ser a única, uma vez que Pearl sorri cúmplice comigo.

— Até amanhã, filho — Sra. Wyatt diz ao se separar de Simon.

— Até amanhã, mãe...

Coloco-me atrás de Simon, abraçando-o pela cintura e acenando com a cabeça para o pessoal. Todos eles saem e caminham para o elevador. Simon fecha a porta e me coloca encostada contra a mesma. Papai já não está na sala, ele provavelmente foi para o seu quarto, então só resta eu e Simon no cômodo.

— Por que continua insistindo com essa coisa entre eu e meus pais? — questiona e eu o abraço, beijando seus lábios para acalmá-lo.

Simon está ofegante, como se tivesse acabado de passar por algo muito difícil.

— Porque são seus pais e eu me importo tanto com você, quanto com eles — digo, passando minhas mãos por seu cabelo. — Me leva para cama? Eu quero descansar um pouco — peço.

Aos poucos Simon se estabiliza e, quando isso acontece, ele me pega

no colo e me leva de volta para o nosso quarto.

Capítulo 39

Simon Wyatt

“A vida está seguindo...”

TEM SIDO UMA LONGA E DIFÍCIL SEMANA DESDE QUE MARIO CAIU MAIS DOENTE COM SEU TEMPO CONTADO DE VIDA. Eu e Spencer o levamos ao hospital todos os dias, mas Mario disse-me que não gostaria mais de voltar até aquele lugar, caso não fosse hora de sua partida. Spencer insistiu com ele sobre a radioterapia, só que Mario realmente não deu o braço a torcer. Eu consigo entendê-lo desde que me deu aquele sermão no quarto do hospital, mas com Spencer é diferente. Ela fica andando de um lado para o outro, roendo as unhas, mexendo no cabelo e observando Mario como se ele fosse cair duro no chão a qualquer segundo. Passo a maior parte do meu tempo tentando aliviar tanto a tensão de Spencer, quanto a tensão de Mario por ver sua filha agindo nervosa, mas quase sempre se torna impossível ficar dos dois lados.

Hoje cedo, antes de sair de casa, combinei com os dois de que nós sairíamos a tarde para uma surpresa. É o parque perto de Los Angeles que Quinn descobriu e me indicou. O local é muito bem cuidado, perto de um lago e com a grama mais verde e bonita que já vi na vida. Estive checando o local algumas horas atrás e esse é realmente um bom programa. É bom para Mario sair de casa, tomar um pouco de sol e ar fresco. É bom para Spencer também por conta do seu estado mental. Ela mal vê a si mesma, então é minha obrigação ficar preocupado com a minha mulher.

Meu celular começa a tocar e o nome de Mario pisca no visor da tela. Um par de dias atrás eu providenciei um celular para Mario e para Spencer. Eu tenho algumas reuniões em New York na próxima semana, algo que ainda preciso falar para eles, então eu preciso de comunicação para funcionar no outro estado.

— Mario — digo, atendendo a sua chamada.

— Será que você pode dar um jeito na minha filha? — pergunta em

meio a um sussurro. Seguro meu riso e espero ele continuar. — Nós sentamos para assistir reprises dos seus jogos e ela não para de me encarar, garoto. Nem por um segundo.

— Por que você está sussurrando? — indago.

— Precisei vir ao banheiro para me esconder dela — confessa, fazendo-me gargalhar.

— Se Spencer souber que você está no banheiro falando comigo e fugindo dela, sua filha vai virar uma fera.

— Ela não quer aproveitar comigo, Simon. Ela só fica preocupada de um lado para o outro...

— Estou chegando agora e vou dar um jeito nela — digo, entrando no estacionamento e finalizando a chamada com Mario.

Procuo e paro o carro na minha vaga. Saio do veículo, pegando meus pertences e caminhando até a traseira do carro. Acho o número de celular de Spencer e aperto no botão verde. Chama, chama, chama e quando vou desligar, ela atende.

— Oi, Simon...

— Babe — retruco. — Pode descer e me encontrar no estacionamento? Fiz algumas compras e preciso de você aqui...

Escuto seu suspiro do outro lado da linha.

— Precisa mesmo?

— Sim. Você vem? — indago.

— Tudo bem, eu já vou descer...

Dito isso, finalizo a chamada.

Encosto-me no porta-malas do carro e espero por Spencer. Falar com ela aqui é melhor do que falar lá em cima. Sei que quando Spencer escutar meus questionamentos, ela irá diretamente questionar Mario se ele está ou não dedurando as atitudes dela para mim. Ela tem essa coisa explosiva e eu também, então é melhor que estejamos longe de Mario para que eu possa ganhar tempo e convencê-la a relaxar ao redor do seu pai.

Escuto passos apressados e, quando viro o rosto para o lado, avisto Spencer. Ela olha para todos os lados, como se estivesse se escondendo e visivelmente, entendendo sua preocupação. Seu cabelo está bagunçado em um monte no topo da cabeça e a única peça de roupa que ela está usando é uma camisa grande minha do meu time e com meu nome.

— Cadê as compras e... isso é um carro novo? — Franze o cenho, avaliando minha nova “aquisição”.

— Sim, babe. Mas, primeiro, quero que se aproxime e diga que sentiu minha falta durante toda manhã. — Spencer ri, revirando os olhos em seguida, como se não quisesse ter rido. — E então?

— Quer que eu minta? — provoca, dando um passo para perto.

— Você não sentiu minha falta? — Semicerro os olhos em sua direção e puxo ela completamente para mim no momento em que consigo colocar minhas mãos em sua cintura.

— Eu não tive tempo — confessa. — Estava preocupada com o papai... ele...

— Chegou onde eu queria — retruco, selando nossos lábios e encostando minha testa na dela. — Dê espaço para ele, babe. Mario odeia te ver preocupada. Você está como uma mãe-coruja ao redor dele e isso não é nada bom, nem para ele e nem para você.

— Ele me entregou para você?

— Algo desse tipo — afirmo.

— Eu só estou preocupada...

Escuto derrota em sua voz, então volto a colar minha boca na dela.

— Mario quer aproveitar a vida dele, babe. Aproveitar com você, comigo, com minha família, com a *nossa* família. Seria muito bom se você parasse de se preocupar um pouco e aproveitasse com ele.

— Você está falando como se ele fosse morrer, Simon — reclama, mas ainda não se afasta de mim.

— E quem não vai morrer? E quem sabe o dia de amanhã, Cherry? Eu posso morrer daqui uma hora, mas também posso morrer daqui muitos e

longos anos. Não faço a mínima ideia do futuro, mas sei que todos vamos morrer, então, não só eu, como seu pai, queremos aproveitar tudo que temos para aproveitar e queremos você despreocupada conosco, aproveitando os melhores momentos da vida. Entende? — Deslizo as minhas mãos pelo corpo de Spencer até chegar em seu rosto.

Deixo que ela afaste um pouco o rosto do meu para nos fitarmos. Spencer pensa no que acabei de lhe dizer e assente lentamente, um pouco incerta do que está fazendo.

— Estamos na mesma página agora? — indago.

— Sim. — Spencer torce o lábio inferior, fazendo um bico adorável.

— Agora vamos pegar as compras que eu fiz para o almoço. — Beijo o topo de sua cabeça e desencosto do carro.

Aperto um botão e a mala abre automaticamente. Dou os dois sacos mais leves para Spencer, que maneja e segura-os em apenas um dos braços e entrego-lhe a minha chave. Puxo os quatro restantes sacos com mantimentos e Spencer fecha o porta-malas. Nós dois caminhamos em silêncio até o elevador e entramos. Agradeço por ninguém ter entrado conosco. Não sou muito de ter ciúmes, mas não quero ninguém olhando Spencer nesse tipo de roupa. Acredito que nem ela mesma queira, mas deixo isso quieto. Ela que decide o que vestir, não eu.

— Você consegue ser bem persuasivo, sabia? — Spencer nos tira do silêncio.

— Não, mas me conte sobre isso — provoco.

— Você, Simon Alexander Wyatt, usou de todo seu charme como arma de persuasão. Como eu poderia ter dito não a você? — reclama, visivelmente irritada por ter concordado comigo minutos atrás.

— Eu estou certo e você sabe disso, babe.

— Ainda aposto que foi a sua beleza...

Solto uma risada e isso parece irritá-la um pouco mais.

— Aposto?

Spencer abaixa a cabeça e esconde o rosto atrás dos sacos de papel. Ela

levanta segundos depois com um sorriso cínico.

— Será que a nossa aposta ainda está rolando e em jogo? — pergunta.

— Não sei, mas você pode admitir que quer meu lindo nome em sua linda bunda. Eu não vou julgá-la — atiro, fazendo-a revirar os olhos, mas em seguida volta a rir comigo.

— Tenho o pressentimento que meu pai armou a favor de nós dois com essa aposta. Você não acha?

A porta do elevador abre e nós dois saímos.

— Tenho o mesmo pressentimento e devemos admitir, Mario é um bom estrategista.

— Você também, Simon. Sei que vocês dois estiveram juntos nisso — acusa, como se esperasse por minha negação.

— Correto, Cherry. Não poderia perder a chance de ouro de ter Mario como aliado para me ajudar a conseguir você. — Pisco para ela.

A porta do nosso apartamento abre e Mario aparece.

— Finalmente você chegou — diz, fazendo-se de surpreso.

— Eu sei que você esteve me dedurando para o seu preferido, papai — Spencer avisa, como quem fala para ele poupar seu discurso e entra em casa pelo espaço livre que Mario deixa para passarmos. — Muito feio esse complô dos dois, sem mas.

Entro em casa e escuto Mario fechar a porta.

— Eu só estava preocupado com sua sanidade mental — ele se defende entre risos.

— Você não quis dizer insanidade? — Viro-me para Mario e acabo rindo com ele.

Sou acertado nas costas por uma almofada e vejo por cima do ombro Spencer com outra, pronta para jogar em mim outra vez.

— Está me chamando de louca, Simon? — Escuto a ameaça em seu tom de voz.

— Se você negar a sua loucura, serei obrigado a apresentá-la a você,

Cherry...

— Você beira a estupidez, idiota — resmunga, antes de jogar a almofada no sofá e seguir para a cozinha.

Fito Mario e o vejo fazer uma careta. Dou de ombros e tomo o mesmo caminho que Spencer, deixando as compras no balcão e entrando na cozinha. Observo-a pegar uma frigideira e colocar em cima do fogão, preparando-se para cozinhar nosso almoço.

— Cansaram de fazer graça com a minha cara? — pergunta, colocando as mãos de cada lado do quadril e virando para me encarar.

— Você não está muito sensível? — retruco, enquanto nós dois nos aproximamos da geladeira.

Coloco minha mão na porta do congelador e Spencer faz o mesmo. Sinto como se estivéssemos viajado ao Far Oeste. É um bang-bang, uma tempestade em um copo d'água sem nenhum motivo, mas é cômico.

— Dá licença? — cospe, tão irritada quanto antes.

— Babe, você está entrando no seu período pré-menstrual? — indago, fazendo sua carranca intensificar. — É sério, eu só...

— Sim e fique sabendo que não irá acontecer nada entre nós dois durante e depois desse período. Esse é o seu castigo, Simon.

— Um tiro doeria menos, Cherry. Por que tão má? — dramatizo para irritá-la ainda mais.

Spencer abre um sorriso de lado, dando dois passos para frente e colocando sua mão livre em cima da minha barriga.

— Eu nem sou tão má... — Seu sorriso cresce. Acho que ela está bipolar. Foi de oito a oitenta em segundos. E, então, volta para o oito. — Ou sou? — Spencer soca minha virilha com força e eu solto a porta do congelador, inclinando meu corpo para frente.

Começo a tossir em meio uma risada de dor.

— Você é uma porra de uma cadela impossível de se lidar, Spencer Carter — digo entre dentes.

Spencer segura meu cabelo e puxa minha cabeça para cima.

— Achou pouco? — pergunta com um grande sorriso.

— Você acabou de matar nossos bebês, Cherry. O que vamos fazer sem as crianças? — Solto um gemido, sentindo aquela dor atravessar minha espinha.

— Você os matou com sua língua de cobra venenosa que não cabe na boca. — Ela inclina o corpo para frente e me beija. — Boa sorte tentando consertar suas bolas loiras, pirralho.

Spencer me empurra e eu caio no chão. Fico ali, sentado com uma puta fodida dor nas minhas bolas, enquanto encaro a minha namorada passear com um sorriso pela cozinha.

Como diabos ela consegue sorrir em um momento como esse?

Nossos bebês podem nunca mais nascerem por culpa do seu soco impiedoso.

— Você tem uma coisa com bolas, não é mesmo? — Solto um grunhido.

— Talvez eu te ajude a consertá-las mais tarde e sim, eu tenho uma coisa com acertar as bolas de caras que me irritam.

— Eu não sou um cara qualquer. Somos quase casados, babe... deveria cuidar melhor de mim. — Spencer puxa uma faca da gaveta e eu engulo a seco.

— É exatamente por isso que eu tenho que te dar algumas lições... frequentemente...

— Seu período pré-menstrual te deixa um pouco psicopat... — Paro de falar no momento em que ela semicerra os olhos para mim. — Eu vou conseguir chocolate, flores e um dia no SPA. *Talvez* você fique melhor com isso — reformulo minha frase.

— Eu aceito o chocolate e as flores. Muitos chocolates e muitas flores. *Talvez* eu te perdoe com isso — replica cinicamente.

Mario entra na cozinha e franze o cenho.

— O que está fazendo no chão?

— O motivo é doloroso e você não vai querer saber — digo, escutando a risada de Spencer no momento em que me calo.



DEPOIS DA DOR, QUE SPENCER ME CAUSOU, TER PASSADO, A AJUDEI A PREPARAR O ALMOÇO, ENQUANTO MARIO ASSISTIA AOS MEUS JOGOS. No final de tudo, a comida ficou muito boa. Spencer é algo a ser estudado. Ela tem um talento inato para a cozinha e, não, isso não deve ser levado como subjugação ou algo do tipo apenas por ela ser mulher. Tenho certeza que tudo que Spencer aprendeu nesse ambiente, veio do seu pai. Os dois são cozinheiros naturais e sem nenhum artifício ou jogos para fazer deles melhores. É algo que vem do coração, assim como acontece com a minha mãe e a minha irmã.

Depois do almoço, Mario seguiu para o seu quarto com um aviso para estar pronto às quatro e eu e Spencer seguimos nosso caminho. Seu humor já estava bem melhor e, aos poucos, percebi que ela estava se esforçando para se permitir rir e aproveitar os momentos divertidos com seu pai. Foi muito, muito bom esse pequeno progresso que só alguém tão observador como eu, perceberia.

Sáímos do banho alguns minutos atrás e caímos na cama, nus, um enrolado no outro. Spencer parece mais calma. Sua mão esquerda segura a minha direita, enquanto passo meus dedos por seu cabelo úmido e cheiroso. Estamos em silêncio, aproveitando o momento de paz. Minha cabeça vagueia por muitos lugares, mas todos eles me levam para a mesma pessoa: Spencer. Debaixo do chuveiro ela reclamou sobre enjoos. Fiquei alarmado imediatamente e até esse exato momento, uma ideia louca passa por minha cabeça, que é mais louca ainda.

— Babe... — a chamo, recebendo um resmungo como resposta. — Você já ficou enjoada antes? — indago.

Segundos curtos se passam até Spencer inclinar o rosto para cima e me fitar.

— Sim — afirma, parecendo entender onde eu quero chegar.

— E se você estiver grávida? — Sou direto, enquanto uma ponta de esperança vem revestindo toda a minha voz e palavras.

Spencer sorri de lado e empurra seu corpo um pouco mais para cima, no intuito de ficar cara a cara comigo.

— Você quer um bebê, Simon? — questiona, encostando a testa na minha e deixando sua boca roçar lentamente em cima dos meus lábios, em pura provocação.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não...

Sou o mais sincero que consigo ser.

— Você ama crianças, não é mesmo?

— Sim — confirmo.

— Mas eu não estou grávida, babe. — Spencer ri, beijando a minha boca e puxando meu lábio inferior entre os dentes.

— Como você sabe? — Meu entusiasmo murcha em uma constante dolorosa, talvez mais dolorosa do que algum dia eu chegaria a pensar que me sentiria.

— Eu fiz dois testes quando comecei a me sentir enjoada — informa.

— Por que não me disse nada sobre sua suspeita? — Spencer afasta o rosto do meu e eu franzo o cenho.

— Não queria te dar falsa esperança. Sabe qual a chance de isso ter acontecido? Quase nenhuma. Não transamos sem proteção e você nunca relatou nenhum caso de camisinha estourada para mim. — Coloca os fatos entre nós dois. — Eu só fiz o teste porque sou um pouco paranoica. — Sorri por fim.

— Às vezes eu não me ligo em checar se a camisinha estourou ou não — sugiro antes do último fio de esperança desaparecer completamente.

— Sem chances, Simon — retruca, agora adquirindo um tom mais

sério. — Sem bebês por um tempo, tudo bem?

— Tudo bem...

— Não fique triste, essa é nossa realidade por enquanto e ela é boa dessa forma. Eu e você.

— Poderia ser eu, você e um mini-eu, mas você só quer transar com camisinha — ralho e Spencer gargalha, mas não me junto a ela em sua diversão particular.

— É mais seguro para nós, pirralho, mas se você quer tentar... — Com a língua passando e umedecendo os lábios, Spencer se coloca em cima de mim.

Minhas mãos têm sua vida própria e logo acham caminho por cima da pele macia e imaculada da minha Cherry. Seu cheiro é incrível, seu corpo é incomparável, mas a sua alma é uma dádiva. Eu amo o fato dela mostrar tudo para mim. Sua pior e melhor parte, assim como eu não mantenho nenhum segredo perto dela. Éramos bons separados, pelo menos ela era muito boa, mas com certeza somos melhores juntos e isso eu falo por mim. Ela faz de mim um cara melhor.

— Me avise quando estiver vindo, eu não quero que goze dentro de mim, mas podemos tentar do seu jeito. Sem camisinha, que tal?

Suas palavras são como um soco no estômago, que causa minha antecipação imediata. Minha cabeça gira e eu finalmente entendo que ela quer fazer sexo sem camisinha depois de eu ter deixado minha reclamação.

Eu deveria reclamar mais.

— Estamos entendidos, Simon? — pergunta e eu aceno positivamente, trocando de lugar com ela em um giro.

— Prometo, babe.

As palavras saem da minha boca, mas na prática eu não sei se terei força de vontade o suficiente para cumprir a promessa.

E, certamente, quinze minutos mais tarde, eu falhei, mas Spencer não percebeu. Foi meio dentro e meio fora. Agora, as chances que ela alegou serem poucas, estão rachadas em duas partes. Ela pode engravidar, mas

também pode continuar tão normal quanto antes.

Não atrevo a abrir minha boca depois do ocorrido entre nós, senão ela não será tão piedosa como alegou ser quando me acertou na cozinha. Spencer vai arrancar meu pau e me dar para comer. Quanto mais quieto eu ficar, mais chances tenho de continuar vivo.



EU E SPENCER TERMINAMOS DE NOS ARRUMAR NESTE EXATO MOMENTO. Depois dela cair no sono e cochilar por um par de horas, eu acordei e nós fomos nos banhar outra vez. Sem segundas intenções, nos lavamos e nos vestimos um em frente ao outro. Ela está usando um vestido amarelo floral, que me lembra muito a minha irmã e, só não lembra mais, porque não é vermelho. O vestido de Spencer é um dos que eu comprei para ela e que acabou caindo perfeitamente bem em seu corpo.

Ela parece fantástica sem maquiagem ou adornos, além das joias que lhe presenteei e a pedi em namoro.

Um belo vestido amarelo acima dos joelhos, sandália de dedo da cor preta, cabelo preso em um coque firme e, o mais importante, lingerie branca. Eu deveria proibi-la de usar lingerie branca e só não faço isso porque vai contra o que eu acredito. Porém, sinceramente, Spencer de calcinha e sutiã de renda branca é desafiador para minha sanidade mental. Parece com um anjo de alma demoníaca. Um anjo caído, eu diria. É feia a comparação, mas é como eu consigo descrevê-la ao usar algo tão angelical e ainda assim parecer sexy e tão quente como o próprio inferno.

Religiosamente, por outro lado, eu estou usando uma calça jeans escura e camisa branca, trocando apenas o meu tênis branco por uma chinela preta. Entrego minha carteira e celular para Spencer, deixando que ela os guarde para mim. Seguro sua mão e saímos do quarto. Cruzando o corredor, encontramos Mario já arrumado na sala de estar. Ele está em frente a parede de vidro, olhando a cidade por ali.

— E aí, podemos ir? — pergunto, chamando sua atenção.

— Com certeza.

Spencer aperta minha mão e eu aperto a sua em resposta.

Mario sorri para nós dois e ela finalmente afrouxa o aperto, relaxando novamente.

— Você pode colocar as compras daquele saco dentro da cesta em cima da geladeira, babe? — pergunto a Spencer, quase esquecendo-me das coisas que comprei para essa tarde.

— Eu já volto — diz, entregando-me sua bolsa e seguindo para fazer o que eu lhe pedi.

Sento no sofá próximo de Mario.

— Está animado?

— Absolutamente. — Ele ri, assentindo. — Eu odeio ficar trancado aqui, por mais que esse seja um ótimo lugar para viver.

— Eu vou planejar mais alguns lugares para visitarmos, então você não morre de tédio — brinco e nós dois rimos.

Continuamos com nossa conversa, enquanto Spencer não retorna da cozinha. Minutos mais tarde ela reaparece nos chamando com a cesta pendurada no braço. Deixo Mario sair com Spencer, ao passo que tranco nosso apartamento e os sigo. No elevador permanecemos em silêncio. Pego a cesta do braço de Spencer e seguro juntamente com sua bolsa.

No momento em que estamos no estacionamento, apresento meu novo brinquedo para Mario, que o adora tanto quanto eu. Spencer reclama da nossa infantilidade, mas ela não entende que isso é realmente divertido para pelo menos uma boa parte da população masculina mundial. Destravo as portas e abro a do passageiro para Spencer e a traseira para ajudar seu pai a entrar.

— Ela está irritadinha demais hoje — Mario diz assim que Spencer bate a porta.

— Ela está sempre irritadinha, cara. — Dou de ombros, empurrando as coisas de Spencer sobre o banco até a outra extremidade. Ajudo Mario a entrar no carro e acomodar-se. — É a sensibilidade daqueles dias, você

sabe...

— Vocês estão falando de mim? — Spencer indaga, fitando-nos pelo retrovisor.

— Não — respondo em um tiro.

— Pensei... — Semicerra os olhos, desconfiada.

Faço uma careta discreta e bato a porta, deixando Mario rindo lá dentro. Pego sua cadeira de rodas e abro o porta-malas, deixando-a ali dentro com facilidade por conta do espaço. Era exatamente disso que estávamos precisando: mais espaço.



AJUDO MARIO A SAIR DO CARRO, ENQUANTO SPENCER PEGA A CESTA DE COMIDA QUE A MESMA ENCHEU ANTES DE SAIRMOS DE CASA PARA PASSARMOS A TARDE FORA. Pelo menos metade dessa comida vai parar na minha barriga, porque de um jeito ou de outro, já me encontro faminto desde agora. Bato a porta do carro e viro-me para empurrar a cadeira de Mario para não o cansar tanto, observando o quão diferente esse lugar parece agora. Talvez seja pelo fato de ter famílias espalhadas pela grama, curtindo seu momento junto com seus pequenos filhos. Talvez seja pela companhia de Mario e Spencer. Eu não sei, mas o que quer que isso seja, faz desse lugar um ponto de paz e tranquilidade.

Uma menina loira e dois garotos passam por nós, rindo e correndo atrás de uma bola de futebol de campo. A lembrança de hoje mais cedo vem imediatamente e, notando Spencer mais adiantada que nós dois, inclino meu corpo para frente, não parando de empurrar a cadeira de Mario.

— Sua filha andou enjoada... você ficou sabendo disso? — indago, tendo a atenção de Mario instantaneamente.

— Enjoada? — retruca, desconfiado. — Não, ela não me disse nada sobre isso. O que há de errado com ela?

— Talvez ela só esteja enjoada por nada, mas eu queria mesmo é que ela estivesse grávida — confesso.

— Devagar, garoto... — Mario ri de mim. — Não seria uma péssima ideia, mas não acho que minha filha esteja procurando isso no momento. — Dá de ombros.

— Poderíamos dar um jeito e você seria avô... eu só vejo prós nessa ideia. — Torço o canto da minha boca. Não entendo qual o medo das pessoas quando se trata de gravidez. — Ela tem vinte e cinco, talvez já seja hora...

— Adoraria ser avô, mas você tem que escutar o que eu digo. Spencer não está pronta. Ela é minha filha e eu a conheço como ninguém.

— Talvez seja tarde demais agora...

— Ei, vocês vão ficar de mais segredinhos? — Spencer me interrompe, parando na nossa frente.

— Você é curiosa demais, Cherry. — Reviro os olhos.

— E vocês são lentos demais. — Bufa. — Ali tem um lugar ótimo em frente ao lago, vamos — pede, parecendo animada.

Continuamos nosso caminho até o ponto em que Spencer para e aponta como o melhor lugar para ficarmos. Ela tem razão. Mesmo um pouco afastado da correria e barulho das crianças, esse é o ponto perfeito para observamos tanto a paisagem, quanto as pessoas que aqui estão. Spencer tira uma manta que está dentro da cesta e, provavelmente, foi por isso que ela demorou um pouco mais quando lhe pedi para arrumar a comida. Com a manta estendida sobre a grama, ajudo Mario a se sentar ali e empurro a cadeira de rodas para o lado. Sento-me, fazendo um ângulo de noventa graus com Mario e puxo Spencer para o meio das minhas pernas assim que ela tenta se sentar entre nós dois.

Os primeiros minutos são gastos silenciosamente por nós três.

Quando pigarreio para falar alguma coisa, lembro-me da notícia que tenho para dar para os dois. Aperto meus braços em torno da cintura de Spencer, sabendo que vou sentir muita falta de fazer isso pelos dias que ficarei em New York.

— Tenho algo para contar para vocês — anuncio, esfregando minhas mãos em cima da barriga da minha Cherry. Ela vira, fitando-me sobre o ombro esquerdo com o cenho franzido. Mario também vira para me encarar, então tento dividir minha atenção para os dois, mesmo que a minha vontade seja de ficar com os olhos vidrados em Spencer. — Na próxima semana eu tenho algumas reuniões em New York. Renovação anual de contrato com meu time, marcas e coisa do tipo. Vou ficar fora por alguns dias, então preciso que me mantenham informados de qualquer coisa.

— Quando você viaja? — Mario pergunta.

— Segunda-feira ao meio-dia — digo e ele assente.

— Por que não me disse isso antes? — Spencer pergunta, soando chateada.

— Fiquei sabendo recentemente, babe. Serão quatro dias lá e, se eu puder torná-los mais rápidos e agilizar com meus encontros, assim eu farei — explico, mas ela somente bufa.

— O que eu vou fazer aqui sem você? — sussurra baixíssimo, eu diria que para Mario não escutar.

— O que você sempre faz: manda em todo mundo — retruco, tentando provocar seu sorriso, mas ela reluta.

— Mas você é a única pessoa que me obedece, pirralho...

Aproximo meu rosto do seu e beijo seu maxilar.

— Então me ligue e, sempre que der, eu atenderei. Pode mandar em mim daqui e eu vou obedecer de lá. — Ela finalmente sorri. — Ainda temos chamadas de vídeo, Cherry. Estaremos separados, não mortos. Vamos voltar aos velhos tempos em que você me presenteava com belas fot...

Spencer vira de uma só vez e tapa a minha boca, gargalhando das lembranças que tento puxar para nós.

— Você nunca vai esquecer disso, não é mesmo? — pergunta, tirando as mãos de cima da minha boca para me deixar responder.

— Como eu poderia? — murmuro, passando minha língua entre os lábios com a lembrança das fotos de Spencer no auge de seus dezessete anos.

Felizmente ela parece muito melhor agora. — Você precisa treinar belas poses para mim, eu imploro.

— Você me faz querer vomitar, Simon — dramatiza.

— Onde eu estou errando? Eu deveria fazer você ter vontade de pagar um b... — Ela volta a tapar minha boca, dessa vez com mais força.

— Cala a boca, meu pai está praticamente do nosso lado. — Suas bochechas queimam, enquanto tenta segurar o riso.

Nossa tarde não poderia ser melhor.

Capítulo 40

Spencer Carter

“Simon, eu a...”

ROLO NA CAMA DE UM LADO PARA O OUTRO, ENQUANTO OBSERVO SIMON SAIR DO BANHO COM UMA TOALHA AO REDOR DE SEU QUADRIL. O final de semana foi tão calmo quanto o resto dos dias da semana. Nós ficamos o tempo todo ao lado do papai, entretendo-o e fazendo seus dias mais divertidos e menos monótonos. É óbvio que Simon foi quem mais divertiu meu pai, mas eu ao menos tentei. Ontem, domingo, eu fiz a sua mala reclamando como nunca reclamei antes. Ele ria de mim, me provocando incessantemente e me tirando do sério. Atirei roupas nele por muitas vezes, mas acabei tendo que arrumar tudo contragosto. De fato, não quero que Simon viaje. Pensei em sabotar sua viagem, mas ele tem obrigações a cumprir e eu tenho que entender que seu mundo não gira ao redor do meu.

De qualquer forma, estou inquieta e um pouco irritada.

— Vai ficar aí me encarando? — pergunta, puxando a toalha da cintura e enxugando o cabelo molhado.

Eu fico mais irritada ainda.

— Você quer que eu faça o quê?

— Venha me ajudar a ficar pronto...

Um sorriso cínico se espalha pelos lábios dele.

— Eu vou te enforcar com essa gravata e depois te amarrar nessa cama — ameaço, sabendo a roupa que separei para ele ir.

Simon vai sair do aeroporto e ir diretamente para um encontro com seu time, então tive que escolher algo mais social por seu próprio pedido.

— Você está muito agressiva, babe.

— Eu não quero mais saber de você. Vá embora de uma vez por todas,

Simon! — exclamo, ficando uma bagunça.

Eu não fazia ideia de que precisava tanto assim dele e estou me dando conta desse fato em um péssimo momento. Tento me cobrir com nosso lençol, que tem muito do seu cheiro, mas Simon me puxa pelo tornozelo esquerdo até ficar cara a cara comigo.

— Se eu pudesse, levaria você e Mario comigo, mas não é recomendado viagens desse tipo para ele. Então, ou você me dá um belo sorriso e para com esse humor afetado, ou eu cancelo e falto a todas as reuniões. Ficarei pobre, mas ficarei com você. — Algumas gotas de água caem do seu cabelo, fazendo um arrepio subir pela minha espinha tanto por conta da temperatura daquelas gotas idiotas, quanto pelas palavras de Simon. — Cinco segundos para escolher... — continua. — Um... dois... três... quatro... cinc...

— Tudo bem! — exclamo. — Você pode ir, eu não quero ser a sua ruína profissional.

— Que merda de escolha, Cherry. — Sela os nossos lábios, mordiscando meu lábio inferior como se estivesse me degustando. — Eu vou, mas vou com muito pesar.

— É melhor você se comportar por lá... — semicerro os olhos.

— Meu nome não é Tyler — assobia e sai de perto de mim antes que eu o acerte com um tapa no braço. Simon veste sua boxer preta, sorrindo abertamente. — Eu não resisti. Sinto muito, linda.

— Você não sente nada realmente — acuso.

— Não mesmo, mas estou fingindo por você. — Pisca um dos olhos para mim.

Reviro meus olhos e atiro sua calça social preta para ele. Simon pega a mesma no ar e continua se arrumando. É quase onze da manhã. Eu e o papai vamos levá-lo para o aeroporto em Los Angeles, o que soma vinte minutos de viagem. Gostaria que Simon fosse apenas à noite, assim passaríamos mais algumas horas juntos, mas, obviamente, como eu já disse, é impossível.

Quando Simon termina de se vestir por completo, com gravata e tudo, ele se senta na beirada da cama e eu me aproximo para secar mais um pouco

seu cabelo e fazer uma trança. Me divirto penteando os fios loiros que começam a passar da altura de seu ombro. Preciso ser sincera comigo mesma: além de transar com Simon, essa é a segunda melhor coisa que gosto de fazer com ele. Depois de pentear e prender seu cabelo, pondero se isso foi ou não uma boa ideia. Ele fica irresistível assim e eu não quero parecer uma cadela louca à distância. Não faz sentido e não combina comigo.

— Vamos? — indaga, levantando-se e oferecendo sua mão para mim.

Assinto, expulsando os pensamentos ruins da minha mente e me colocando de pé. Pego um casaco no guarda-roupas, terminando meu look “não-ligo-porra-nenhuma-para-o-que-você-pensa”. Meu cabelo está uma merda no topo da minha cabeça, meu jeans é dois números maior e o casaco é de Simon, ou seja, muito mais do que dois números maior. Calço uma sapatilha preta e pego minha carteira de cima da mesinha branca que fica ali do lado. Simon me espera na porta e eu logo me junto a ele. Saímos do quarto e achamos meu pai assistindo televisão. Ele também está abatido por Simon estar indo para New York pelos próximos dias, mas deixa isso menos explícito que eu.

— Vamos, Mario? — Simon pergunta e meu pai vira para nos fitar, assentindo prontamente. — Vocês precisam se cuidar enquanto não estou aqui. Só tenho vinte e quatro anos e não estou pronto para ficar louco. Estamos entendidos?

— Está ficando emocional, babe? — provoco Simon em um sussurro.

— Não como você — retruca e nós rimos.

— Vamos ou você vai se atrasar — papai entra na conversa, nos alertando da hora.

Meu pai toma a frente da situação e abre o caminho. Simon segura sua mala, arrastando-a e dando dois passos antes de virar-se para mim e estender sua mão. Reprimos meu sorriso e aceito, é claro, dessa forma nós seguimos atrás do papai e só paramos para eu trancar a porta do apartamento. Esse momento entre nós três é como um ritual. Todas as vezes que vamos sair, meu pai sempre vai na frente abrindo o caminho independentemente, enquanto Simon fala besteiras no meu ouvido e insinua um monte de sacanagem. Hoje ele não está tão falante como sempre fica, provavelmente

por causa de sua viagem e eu acho que é melhor assim.

Três minutos mais tarde, depois de pegarmos o elevador, chegamos ao carro. Simon ajuda o papai a entrar no banco traseiro e eu arrasto a cadeira de rodas para colocá-la no porta-malas, voltando e pegando a mala de Simon para dar-lhe o mesmo destino. Assim que fecho o porta-malas, Simon fecha a porta e me encara. Passo por ele e pego a chave do carro da sua mão, assumindo a posição de motorista dessa vez.



SIMON SE DESPEDE DO MEU PAI COM UM ABRAÇO, ONDE OS DOIS TROCAM ALGUMAS PALAVRAS ANTES DO LOIRO VIRAR-SE PARA MIM. Endireitando seu corpo, Simon me encara e eu me aproximo inevitavelmente por fim. Ele me recebe em seus braços e me tira do chão, enquanto aperto ao redor do seu pescoço e enfio meu rosto naquele vão cheiroso. Ficamos dessa forma até eu afastar um pouco para selar nossos lábios. Despejo curtos e rápidos beijos, provocando sua risada e fazendo Simon apertar ainda mais os braços em minha cintura. Descanso a testa na sua e respiro fundo, me sentindo levemente cansada.

— Boa sorte por lá... — digo.

— Vou precisar. Ficar tanto tempo longe de você é desafiador.

— Você ficou sete anos fora, alguns dias vai ser brincadeira de criança para você. — Simon recua e eu lhe envio um sorriso.

— Eu era um idiota e você não era minha namorada. Agora temos um caso sério aqui, babe — orgulhosamente afirma.

— Você soa terrivelmente fofo falando do nosso “caso”. — Meu sorriso alarga, assustando-me com a facilidade que ele está me fazendo sorrir sem fazer quase nada.

— Espere até hoje à noite, quando vou ligar para você e murmurar coisas que você nunca imaginaria...

Arqueio a sobancelha e ele me beija rapidamente.

— Eu vou esperar ansiosa por sua ligação.

— É melhor esperar m... — A voz da mulher anunciando a última chamada para os passageiros do voo para New York interrompe Simon. — Preciso ir. — Bufo.

— Melhor ir antes que eu realmente te obrigue a ficar. — Seguro seus braços, forçando-o a me soltar.

— E é melhor você se divertir com Mario enquanto eu estiver fora. Não quero receber nenhuma reclamação do seu pai — alerta e eu não consigo segurar a gargalhada que coça em minha garganta.

— Onde escutou isso, Simon? — indago.

— Minha mãe e meu pai. Quando eles iam me deixar na escola com Pearl, os dois costumavam paparicar a bonequinha favorita e falar para mim que não queriam receber nenhuma ligação ou reclamação de mal comportamento. Eu era o próprio pequeno diabo. — Sorri de volta.

Na ponta dos pés, dou um último beijo em Simon e o empurro para que ele possa seguir seu caminho.

— Boa viagem, grande diabo.

Simon sorri sobre o ombro e acena uma última vez para mim e para o papai. Vou calmamente até meu pai e coloco-me atrás dele. Nós dois observamos Simon sumir no meio da multidão de pessoas tão apressadas quanto ele e finalmente, estamos sozinhos, assim como no início de tudo.

— Eu e você, agora — digo, começando a empurrar sua cadeira para nos dirigir até a saída. Papai me olha por cima do ombro e sorri de lado. — Vai me dedurar para o Simon? — provoco.

Nós dois rimos.

— Se me encarar daquele jeito estranho, sim — replica, sincero.

Solto um gemido, frustrada com sua resposta.

— Eu devo ser cuidadosa então...

— Você não consegue ser cuidadosa quando está preocupada.

— Meu erro, perdoe-me. — Sorrio.

— Não precisa pedir perdão, eu a entendo, apesar de tudo. Só vamos nos divertir um pouco e esquecer dos problemas. Eu estou bem e quero um tempo em paz com você, certo?

— Certo, pai.



MEU CELULAR TREME LOGO AO MEU LADO E EU O AGARRO EM QUESTÃO DE SEGUNDOS. Parece desespero, mas é isso mesmo, exatamente isso que estou sentindo: desespero. O nome de Simon brilha na tela e meu coração acelera, rasgando em meu peito de forma desgovernada, mas que condiz com meu estado de excitação por tê-lo me ligando.

Depois que eu e o papai deixamos o aeroporto, voltamos para o apartamento e ficamos horas na sala de estar. Assistimos a muitos e muitos jogos de Simon e, dessa vez, navegamos por sua primeira temporada na NFL. Foi muito interessante e engraçado vê-lo logo no começo de sua carreira profissional como jogador de futebol americano. Vi naquela tela o garoto ambicioso que me deixou para trás por causa de uma coisa um tanto estúpida e o comparei imediatamente com o homem que agora possui minha alma, no sentido quase que literal da palavra. São duas pessoas diferentes: uma que eu amei em meio a raiva e desejo cru e carnal e outra que eu amo ainda um pouco em meio a raiva, já que até hoje ele não para de me irritar e muito mais do que apenas em desejo cru e carnal.

— Ei, babe — resmunga no momento em que eu atendo. Sua voz está arrastada e a língua pesada. Simon bebeu, mas isso não me irrita de verdade... pelo menos eu digo para mim que não. — Porra... — Escuto ele praguejar e o som de uma garrafa caindo me faz rir.

— Onde você está? — pergunto de volta.

— Em um lugar que eu queria que você estivesse também — grunhe.

— O que você está fazendo, Cherry?

— Estou sentada na cama, fazendo nada.

— Gostaria que estivesse sentada aqui...

— Aí? — indago com o cenho franzido.

— Sim... aqui... na minha cara...

Uma gargalhada escapa com força e eu tenho que me deitar na cama para segurar minha barriga, enquanto não consigo parar de rir do que Simon acabou de falar. Escuto sua risada bêbada do outro lado e ele não tarda para me interromper.

— Eu estava falando sério, babe.

Recupero meu fôlego e limpo a garganta para respondê-lo sobriamente.

— Você está bêbado, Simon. Às vezes o avião não sobe por conta da bebida...

— Espera aí — ele me interrompe.

— O quê?

— Você chamou o meu pau de avião ou eu passei dos limites com a porra da bebida?

Solto uma risada fraca, arrastando meu corpo pela cama até me enrolar completamente no lado que ele dorme.

— Infelizmente eu chamei...

— Porra, Spencer — pragueja. — Quando eu pensei em ligar para você, imaginava que fôssemos falar muita, mas muita putaria. Porém você me broxou de uma forma espetacular.

— Eu devo me desculpar ou posso rir da sua cara? — provoco.

— Você vai se desculpar quando eu voltar, não se preocupe com isso — provoca de volta, assim como o esperado, afinal, é Simon e eu, se não ficarmos nesse jogo de gato e rato, perderemos nossa essência.

Nos calamos por breves segundos até eu voltar a falar.

— Você bebeu?

É claro que eu sei a resposta.

— Um pouco — retruca, divertido. — Me convenceram a ir comemorar com os caras depois do nosso encontro e acabei bebendo uma ou duas...

— Talvez vinte?

Simon ri do outro lado e eu o acompanho.

— Talvez mais que vinte, só que não foi o suficiente para fazer eu esquecer o seu número.

— Isso soa bem, Simon Wyatt.

Escuto sua respiração pesada do outro lado da linha.

— Eu já sinto sua falta — resmunga.

— Eu sinto sua falta desde que falou que teria que viajar.

— Você só fala isso quando eu estou longe... — comenta. — Tem algo a mais para me dizer?

Mesmo ele não estando aqui, minhas bochechas queimam e eu afundo ainda mais na cama como uma tola forma de proteção.

— Simon, eu a...

A chamada cai.

Eu não acredito.

Afasto o celular da minha orelha e começo a ligar para Simon sem parar. Caio na caixa-postal de Simon, mas não deixo nenhum recado.

Das duas umas: ele capotou na cama ou o celular descarregou.

Desisto de tentar entrar em contato com ele e acabo caindo no sono. Algum dia as estrelas vão se alinhar e finalmente o “Eu te amo” será ouvido tanto por ele, quanto por mim.

Até lá, a porcaria o Universo pode conspirar contra nós.

Capítulo 41

Simon Wyatt

“O meu tudo...”

LEVANTO MINHA CABEÇA E ESFREGO OS MEUS OLHOS, SENTINDO O MEU CORPO PESAR COMO CHUMBO. Eu definitivamente não deveria ter bebido tanto assim na noite passada. Tem sido um longo, longo tempo que não tenho uma ressaca e acho que acabei me acostumando a parte “saudável” da vida. Empurro meu corpo para cima com dificuldade de sentar na cama da forma correta. Porra, eu sou muito burro. Praguejo todos os nomes de santos que passam por minha mente e isso me alivia. Infelizmente, estando longe de Mario e Spencer, eu finalmente senti o peso da situação que estamos passando. É muito. É intenso. Eu não sei se suportaria algo desse tipo se não fosse por Spencer. Não sou capaz de deixá-la quebrar sozinha. Merda, isso é impossível para mim. De jeito nenhum e em nenhuma circunstância eu a deixarei.

Observo meu celular caído no chão em meio ao líquido transparente da bebida que eu deixei cair. Pego o aparelho e enxugo na minha calça, apertando o botão solitário e percebendo que ele ainda funciona. Um pouco de bebida não faz mal a ninguém, meu celular é um bom iniciante nesse meio. O nome de Spencer está ali, indicando as duas ligações perdidas e uma mensagem não lida. Abro sua mensagem e solto um sorriso ladino, porque eu sei que esse é o seu lado carinhoso falando mais alto.

“O que diabos aconteceu?

Você capotou, Simon? Eu definitivamente te odeio.

Spencer.”

Coloco meus dedos para funcionar e preparo minha resposta.

“Língua inteligente demais, eu vou me lembrar de colocá-la para trabalhar quando estiver de volta para você. Eu capotei... apenas um pouco. Foi o efeito da bebida e da saudade de você. Aliás, coloque de uma vez por todas em sua cabeça que

você não me odeia. Você me adora, babe.

Seu Simon.”

Não espero por sua resposta. Deixo meu corpo cair de volta na cama enquanto levo o celular até minha orelha. Em quatro toques Spencer atende, soando mal-humorada como nunca.

— O que você quer? — atira sem nem me deixar abrir a boca.

— Dizer bom dia — jogo, ainda esfregando os meus olhos.

— Você sabe que horas são?

Afasto o celular para fitar o horário e retorno para lhe responder.

— Nove da manhã. Hora de acordar, Cherry.

— Nove da manhã para você! — exclama e eu volto a afastar o celular, dessa vez para me proteger da sua fúria. — São seis horas da manhã para mim, seu imbecil! — continua.

Porra. Eu esqueci desse detalhe.

— Eu sinto muito — murmuro, segurando o riso que ameaça escapar por minha boca.

— Eu odeio você. Eu odeio mesmo.

— Não, você não me odeia.

Escuto seu suspiro do outro lado.

— Por que está tão longe? Eu desejo poder bater em você e depois te beijar. Isso não é normal e você, para piorar, está longe demais para eu satisfazer meu desejo raivoso — reclama.

— Mais quatro dias e eu estarei de volta para você. Paciência é uma virtude para poucos — digo e Spencer repete, zombando de mim.

— Fala, fala, fala e no final ficará pior do que eu. Eu aposto que você vai pedir uma foto minha em menos de dois dias e eu estarei pronta para negar — ralha.

— Você aposta? Tem certeza?

— Absoluta.

— Eu tenho muita força de vontade quando quero — digo. Afasto o celular e aperto para começarmos uma chamada de vídeo. Escuto a reclamação de Spencer, mas, eventualmente, ela aceita. — Olhe essa beleza... — resmungo assim que bato meus olhos em cima dela.

— Eu estou horripilante — cospe, remexendo-se na nossa cama.

Spencer está enrolada nos nossos lençóis e deixa o celular de forma que apareça apenas o seu rosto um pouco inchado por conta dela ter acabado de acordar. Seus lábios estão avermelhados demais, fazendo-me pensar que eu daria tudo para ter acesso a esses lindos lábios neste exato momento.

— Como foi sua noite? — questiono.

— Depois de você ter capotado? — provoca e eu reviro os olhos. — Eu dormi, o que mais eu poderia fazer?

— Sinto muito — volto a repetir sem segurar o meu riso.

— Você tem alguma reunião agora? — pergunta.

— Infelizmente sim... — falo, contrariado. — Patrocinadores me deixarão fora do ar por todo resto de manhã e tarde...

— É melhor você ir, então. Quero cochilar antes de levantar de vez. — Suspira.

— Estou indo — digo, mas sem nenhuma vontade de realmente deixar Spencer. Ela está tão bonita, mesmo que esteja longe. — Adoro você, babe.

— Adoro você, Simon.

Spencer sorri de lado, fechando os olhos e parecendo relaxar de vez na nossa cama. Ela desliga a chamada e eu encaro a tela preta do meu celular. Merda de distância.

Eu vou fazer tudo que tenho que fazer e tentar voltar mais cedo para casa.



JOGADO NO SOFÁ DO MEU APARTAMENTO, DISCUTO COM JONATHAN E LOWELL SOBRE NOSSOS PASSES MALFEITOS QUE PASSAM DIANTE DE NÓS. Eu e o time ficamos na reunião por horas, depois cada um teve seu momento particular com os representantes das marcas que nos patrocinam. Fechei mais contratos, ainda mais do que na temporada passada. Dinheiro parece que vai inundar a minha conta bancária e eu fico demasiadamente feliz por isso, pois foi apenas por esse motivo que eu deixei Spencer e Mario por conta própria em Long Beach. Encaro os meus colegas de time ao pensar na minha cidade e tenho uma ideia. Talvez nada brilhante, mas ela precisa ser discutida.

— Caras... — digo, chamando a atenção deles. Ambos assentem e eu tomo isso como uma deixa para continuar. — O pai da minha namorada está doente e...

— Aquela gostosa da premiação era sua namorada? — Jonathan me interrompe e eu semicerro os olhos em sua direção.

— Sim, aquela gostosa é minha namorada. — Um grunhido escapa da minha boca sem permissão.

Jonathan e Lowell começam a rir da minha reação e eu respiro fundo para não perder a cabeça.

— Calma, cara. Eu estava só comentando...

— Não comente — cuspo. — Continuando... O pai da minha namorada está doente e ele é muito fã de futebol. Ele está impossibilitado de viajar para assistir jogos em outros lugares e coisa do tipo, mesmo assim, ele não vai ter tempo para isso. Vou organizar um jogo no próximo mês e conto com a ajuda de vocês. Vamos jogar entre amigos, mas vamos levar a ele um verdadeiro jogo de futebol americano.

— O que ele tem? — Lowell pergunta tomando um gole de sua cerveja.

— Câncer, último estágio.

A resposta queima minha língua.

Observo os dois engolirem a seco e respiro fundo. O que eu fiz não foi

bem um pedido, pois nem sei como fazer um pedido, mas espero que eles aceitem o que eu praticamente inquiri.

— Pode contar comigo para o jogo, eu nem vou estar fazendo nada mês que vem — Jonathan afirma de cara.

— Comigo também. Preciso conhecer esse cara e a sua namorada — provoca, fazendo-me revirar os olhos. — Você vai chamar os outros caras também? — questiona.

— Sim, preciso de dois times completos. — Bebo um pouco da minha cerveja e limpo a garganta com um pigarro. — Estou achando o lugar para que o jogo aconteça. Tem que ser algo em Los Angeles ou Long Beach, nada muito distante.

— Você não estudou em Long Beach? — Lowell pergunta e eu assinto. — Pode ver se sua escola libera um espaço. É mais fácil do que tentar conseguir um estádio em Los Angeles.

Ele está certo.

— Vou deixar isso em mente para organizar quando voltar para a minha cidade.

Meu celular começa a tocar e eu o agarro na mesma hora, vendo o nome de Spencer piscar na tela com uma foto sua que tirei nos últimos dias sem que ela percebesse. Spencer estava fazendo uma torta de chocolate, aliás, foi uma das melhores que eu já comi, então ela pegou algumas cerejas e começou a enfeitar sua obra de arte comestível. Ela sorria sozinha olhando para as cerejas e eu quis sorrir junto dela, mas ao invés disso, apenas puxei meu celular e tirei a foto perfeita no momento perfeito.

— Eu já volto. — Levanto-me e sigo para a sacada.

Deslizo o dedo sobre a tela e atendo a chamada de Spencer.

— Ei, babe.

— Babe... — sussurra de volta.

— Tudo bem? — Minha testa franze instantaneamente.

— Não sei — retruca. — Meu corpo está doendo e o papai cuidou de mim o dia todo, não o contrário — lamenta, deixando-me preocupado.

— O que está havendo? Você foi ao médico?

— Não... — informa. — Eu só fiquei deitada. Pearl apareceu com Seth e Christian, então eles nos fizeram companhia na maior parte do dia e conseguiram me entreter o suficiente para eu não ligar para você, mesmo eu sabendo que isso iria acontecer alguma hora. Acho que estou ficando resfriada. Nada para quieto no meu estômago.

— Você já tomou algum remédio?

Spencer bufa.

— Eu não gosto de remédios.

— Mas você está se sentindo doente, Spencer — digo, soando mais duro que o esperado, mas o que diabos eu posso fazer? Estamos muito longe um do outro e ela está doente. Não tem como eu não me preocupar. — Tome alguma coisa — peço.

— Não. — Suspira. — Não acho que vá melhorar de qualquer forma, apenas continue falando comigo. Me conte sobre o seu dia, por favor.

Deixo a minha garrafa em cima da mesa ao lado e respiro fundo, passando a mão livre por meu cabelo e tentando parecer normal.

— Fechei contratos como o esperado, alguns a mais do que temporada passada, provavelmente por mais um título de melhor quarterback — começo, escutando sua risada do outro lado.

— Estou orgulhosa de você.

Contragosto, acabo sorrindo.

— Se eu falar que venci meus demônios por todos esses anos apenas por sua causa ficará forçado demais? — indago e a risada de Spencer vem mais forte.

— Muito, mas eu vou achar bonitinho. Você realmente fez isso? — questiona, divertida.

Dou de ombros, como se ela pudesse me ver.

— Mesmo com raiva, não teve um dia sequer que eu não pensei “eu ainda vou ser o melhor para Spencer e vou dar do melhor para ela”.

— Babe — ronrona. — Por que você sempre fala coisas fofas quando está longe de mim?

— Porque você nunca me pergunta isso quando estamos cara a cara. Fica intimidada, Cherry?

— Bom, você me intimida às vezes, mas não até esse ponto.

— E eu a intimido até que ponto? — indago.

— Até o ponto de me fazer abrir as pernas com apenas um olhar...

Dois segundos se passam até nós dois rirmos.

— Vou intimidar você ainda mais a partir de hoje — concluo.

— Eu nem sei por que ainda te digo minhas fraquezas. Você sempre as usa contra mim, Simon. Isso não é nada justo.

— Eu apenas te incito a falar comigo, isso não tem nada a ver, babe.

— Mostre-me suas fraquezas também...

— Olhe-se no espelho e verá — digo.

Spencer fica calada e respira abruptamente, como se tivesse acabado de descobrir o mundo.

— Eu sou a sua fraqueza, Simon? — indaga.

— A única e a maior delas. — Coço meu queixo, observando a noite movimentada de New York daqui de cima. — Não sei realmente o que faria sem você e eu digo isso no sentido mais extremo da palavra. Parece doente, mas eu tenho essa coisa forte por você. Te perder fisicamente seria a pior dor do mundo. Te perder mentalmente não seria menos massacrante. — Engulo a seco o caroço que se forma em minha garganta. — Talvez as coisas compliquem, Spencer, mas nunca deixe de se comunicar comigo. Isso só funciona quando os dois ouvem e eu quero escutar cada sussurro seu direcionado a mim. Quero que me diga o que está sentindo, mesmo que seja a coisa mais boba do mundo.

— Eu tenho algo para te dizer, Simon.

— Então diga.

— Também tenho essa coisa forte por você. Me sinto de maneira cada

vez mais semelhante com tudo que você me diz. Eu não gostaria de me atrever a colocar em apenas uma palavra o que eu sinto por você. Se algum dia eu tiver coragem de fazer isso, quero fazer olhando nos seus olhos, pois eles são o meu porto mais seguro nessa Terra.

— Você é o meu porto-seguro, Cherry. Meu sopro de vida, o alicerce que me faz levantar e ficar de pé cada dia. Você é tudo.

— Você é tudo, também. Mal posso esperar para te ter de volta aqui — diz, mesmo com a voz embargada como o inferno.

— Descanse mais um pouco, babe. Pode me ligar assim que acordar — instruo.

— Tudo bem, eu vou dormir mais um pouco.

— Boa noite, Cherry.

— Boa noite, pirralho.

Finalizo nossa chamada e fico encarando o celular assim como fiquei hoje pela manhã. Eu amo Spencer e mal posso esperar até ter a chance perfeita de dizer isso a ela.

Capítulo 42

Spencer Carter

“Boas-vindas...”

DOU UM PULO DA MINHA CAMA, MAIS ANIMADA DO QUE QUALQUER DIA QUE TIVE A CHANCE DE VIVER. Hoje Simon estará de volta para casa. Segundo o próprio, as reuniões foram adiantadas e ele conseguiu encaixar-se no primeiro voo com destino à Los Angeles. Pearl e sua mãe inventaram de fazer uma “festa de boas-vindas” para Simon, dessa forma eu estou impossibilitada de recebê-lo no aeroporto. Quem vai receber Simon, é Seth. Eu daria de tudo para ver sua reação ao perceber que é Seth que estará no aeroporto para buscá-lo, mas vou ter que deixar essa passar. Simon pode ficar um pouco irritado, ainda mais por não gostar tanto assim de todo esse carinho gratuito, mas ele vai ter que se acostumar, principalmente quando o carinho que ele recebe vem de sua família.

Encaminho-me para o nosso banheiro e não demoro nem dez minutos ali dentro. Tudo que eu faço é em tempo recorde. De dentes escovados, corpo e cabelo lavado, volto para o quarto enrolada em uma toalha. Quando Simon me disse ontem que ele estaria de volta hoje, saí com o papai e parei no primeiro brechó para comprar um vestido novo — ou quase isso. Tem grande chance de Simon surtar quando descobrir que eu fiz isso, mas eu não pude evitar. São anos e anos comprando roupas usadas, mas isso nunca me incomodou de verdade, tanto que eu amei o vestido verde que comprei para essa ocasião especial. É simples, desce até metade das minhas pernas e é livre de alças. O corte definitivamente favorece o meu corpo.

Sem mais delongas, visto uma lingerie preta e o meu vestido verde, revendo a beleza da peça em frente ao espelho. Termino de me arrumar e penteio o meu cabelo, calçando uma sandália de dedo antes de sair do quarto. Quando entro na sala de estar, acho o papai sentado e falando com alguém ao celular. Assim que bota os olhos em cima de mim, ele acena para eu me aproximar e desliga a chamada.

— Estava falando com quem? — pergunto, curiosa demais para o meu próprio bem.

— Seth. Ele disse que Cassie, Pearl e Alexa estão vindo para cá com as crianças. Ele e Sculler vão sair e de lá buscarão Simon no aeroporto às seis.

— Ah, sim... — resmungo, mexendo inquietamente no meu cabelo.

— Você está bem? — questiona.

Solto um sorriso meio nervoso, torcendo as pontas molhadas do meu cabelo e dando de ombros.

— Eu estou ansiosa. — Papai ri. — É sério, pai. Eu estou realmente ansiosa. Parece que não nos vemos há meses... isso é absurdamente estranho.

— Eu também estou ansioso, mas é óbvio que não se compara com a sua ansiedade — diz, estreitando o olhar para mim e eu acabo sorrindo ainda mais nervosa que antes. — Simon é família, então é normal sentir saudade.

— Eu sei... — Suspiro.

— Não fique nervosa — Papai pede e eu apenas dou de ombros.

— Tenho que ocupar minha mente nas próximas duas horas. Farei nosso café-da-manhã agora... quer me ajudar? — Sorrio em sua direção.

Estou fazendo exatamente o que meu pai quer: agir normalmente ao seu redor e tratá-lo sem nenhuma restrição.

— Será que eu posso ficar por aqui mesmo?

— Não sei não... — brinco. — Tudo bem, eu volto daqui a pouco.

Papai acena e eu me levanto, tomando isso como uma deixa e seguindo para começar a fazer tudo que eu preciso fazer.



O CAFÉ-DA-MANHÃ FOI BEM CALMO.

Eu e o papai conversamos sobre muitas e diversas coisas, enquanto assistíamos ao canal de esporte que falava de algum jogo de basquete que ocorreu na noite passada. Pearl, Cassie e a Sra. Wyatt chegaram uma hora mais tarde. As duas mulheres grávidas mais lindas do mundo ficaram preguiçosas no sofá até a hora do almoço, ambas reclamando de dores na coluna e pés inchados. Sem dúvida nenhuma, os pés de Pearl e Cassie estavam inchados. Sra. Wyatt e eu fizemos o almoço juntas e ela me ensinou até mesmo alguns truques, enquanto conversávamos sobre Simon.

No momento são quase três horas da tarde. Terminamos de comer a sobremesa nesse instante, diferente de Christian e Ryle, que desabaram abraçados sobre a mesa de centro e estão dormindo lá há pelo menos cinco minutos.

— Isso aqui estava muito bom — Pearl exclama, soltando um gemido de satisfação.

— Eu concordo com você. Quero o passo-a-passo dessa receita para fazer sempre. Mousse de limão é a melhor coisa do mundo. — Imito o som que Pearl soltou e nós duas acabamos rindo.

— Simon ama mousse de limão — Sra. Wyatt pontua.

Eu a fito com um olhar cheio de compaixão, enquanto ela mexe no fundo de sua taça com os olhos fixos ali dentro.

— Não comece a chorar, mamãe. Eu estou grávida, vou acabar chorando também — Pearl pede e nós rimos.

Observo meu pai, que parece estar se divertindo tanto quanto eu.

— Eu não vou chorar — Sra. Wyatt diz, sorrindo de lado. — Só sinto falta de Simon, você sabe que sim.

— Bom, Simon estará de volta mais tarde, então fique tranquila quanto a isso. Em breve todas nós sufocaremos ele com um milhão de abraços e beijos.

— Isso pode não ser uma boa ideia. — Não prendo o riso que faz cócegas em minha garganta.

— Eu vou ameaçá-lo com essa coisa de desejos de grávida. Sempre

funciona. Até mesmo com Seth funciona... — Pearl balança os ombros, como se tivesse achado a solução perfeita para a situação.

— Seth é seu marido, anjinho. Tenho certeza que ele prefere raspar a cabeça do que ter um filho nascendo com cara de algum desejo louco que você tem. — Seguro um dos cachos curtos de Pearl, chamando sua atenção completamente. — E, você sabe que isso é só superstição, não é mesmo?

— Eu sei... — sussurra. — Mas é bom não deixar os homens saberem disso. É maravilhoso tê-los em nossas mãos por pelo menos nove meses.

— Seth está sempre nas suas mãos, querida... — Cassie diz entre risos e eu aceno positivamente, concordando com ela.

— Com Sculler não é diferente... — Pearl faz um bico e eu reviro os olhos.

— É melhor deixarmos essa conversa um pouco de lado e começarmos a arrumar as coisas por aqui, não acham? — indago e as três concordam.

— Você e Pearl vão buscar a torta que eu encomendei em Los Angeles. Eu, Cassie e Mario ficaremos por aqui e colocaremos os dois na cama. — Sra. Wyatt aponta para Christian e Ryle. — Temos três horas para deixar isso aqui com cara de festa de boas-vindas.

— Ah, não se preocupe, mamãe. Christian e Ryle fizeram um monte de desenhos hoje mais cedo e nós colamos em forma de cartaz. Quando o papai chegar ele disse que vai nos ajudar a arrumar junto da faixa — Pearl informa e eu mexo-me inquieta, ansiosa para ver o cartaz que as crianças fizeram. Sem dúvida alguma, Simon vai amar.

— Então vamos! — Sra. Wyatt exclama, dando um choque de adrenalina em nós.



PEARL E EU ACABAMOS DE CHEGAR EM LOS ANGELES E POR

COINCIDÊNCIA NENHUMA, SETH E SCULLER ESTÃO EM FRENTE A LOJA QUE SRA. WYATT NOS INDICOU COMO SENDO O LUGAR QUE ELA HAVIA ENCOMENDADO A TORTA. Estaciono o carro atrás do carro de Seth e saio com Pearl. O casal se cumprimenta com um beijo e apenas aceno para Seth e Sculler com a cabeça.

— E então, animada para rever o seu pirralho? — Seth provoca, fazendo-me revirar os olhos e cruzar os braços.

— Você tem muita sorte que eu passei a gostar de você, caso contrário falaria isso para Simon e ele ficaria uma fera — ameaço abertamente, fazendo os três rirem. — Ele ainda não te engole muito bem e você deveria me agradecer por pintar sua imagem nova para ele.

Finjo olhar minhas unhas malfeitas, enquanto escuto Sculler ralar Seth.

— Devo gravar a cara do seu namorado quando ele perceber que quem foi buscá-lo foi eu e não você? — Seth continua.

— Se você tem um aparelho extra, sim. — Solto uma risada nada discreta.

— Eu sei, eu sei. Ele acabaria com meu celular. — Revira os olhos.

— Parece que alguém aqui aprende rápido — afirmo, ironicamente.

— Vamos entrar? Eu acho que vou querer um pouco de bolo e sorvete antes de voltarmos... — Pearl interrompe nossa pseudo-discussão com um desejo disfarçado.

— Chocolate ou baunilha? — Seth pergunta, como se estivessem discutindo um assunto interno.

Pearl sorri para ele, os olhos brilhando como nunca.

— Eu sou uma mulher de baunilha, não se faça de desentendido.

— Eu sou um homem de chocolate, mas você sempre pode provar um pouco do meu — retruca.

— Eu vou vomitar em cima de vocês se não saírem da minha frente — anuncio, realmente sentindo minha barriga revirar.

Um par de dias antes de Simon viajar eu comecei a sentir essas coisas estranhas. Não estou ligando tanto, só espero que passe logo, senão ele com certeza vai me levar ao hospital e eu simplesmente odeio hospitais.

— Você quer um pedaço de torta também, Spencer? — Seth pergunta, acordando-me do meu curto devaneio e só então percebo que já estamos dentro da loja.

— Sim, com cobertura de cereja.

Ele acena para mim e eu solto um sorriso involuntário.

Cereja.

— Tudo bem? — Sculler pergunta e meu sorriso cresce um pouco mais.

— Tudo ótimo e com você?

Tenho certeza que Sculler deve achar que eu estou muito louca nesse momento, mas o que eu posso fazer se tudo que me lembra Simon me faz sorrir?

— Bem... — Fita-me desconfiado.

— Você gosta de ser pai? Como você e Cassie chegaram a decisão de adotar uma criança? — Disparo e em seguida tapo minha boca. — Me desculpa, eu não quis... eu só...

— Tudo bem... — Sculler ri, enquanto nós caminhamos até a mesa mais próxima e Seth e Pearl continuam em frente ao balcão para fazer nosso pedido. — Eu sempre quis ser pai — começa. — Quando eu e Cassie nos casamos e resolvemos que gostaríamos de deixar descendentes — Sculler puxa a cadeira e espera eu me sentar para tomar um lugar ao meu lado —, ela disse que seria difícil de engravidar em sua idade. Concordamos em tentar e tentamos muito. Foi realmente difícil, estávamos perdendo a nossa esperança, mas então apareceu Ryle. Fizemos uma visita somente para ver como era o espaço desse orfanato que há em Long Beach para, caso algo não saísse como nossos planos, tivéssemos o plano B. De qualquer forma, Ryle estava lá. Recém-nascida, pequena, frágil. Eu a amei desde o momento em que coloquei os olhos nela, o mesmo foi com Cassie. Depois que adotamos Ryle, continuamos tentando e felizmente recebi a notícia meses atrás de que Cassie

estava grávida.

— Vocês já conversaram com ela... sei lá... sobre isso?

Sculler engole a seco e nega.

— Não é a hora certa e para ser sincero, eu não sei se vai ter uma hora certa. Ryle é parte de mim e de Cassie. Ela pode não ter o nosso sangue, mas ela tem o nosso coração e isso não tem preço, isso sempre fala mais alto. Eu amo Ryle e ela é minha filha. Não terá diferenças entre ela e o meu menino, nunca haverá diferenças.

Suspiro, observando-o atentamente.

Sculler está certo.

Ryle é sua filha e de Cassie nada nunca vai mudar isso. Esse é um assunto delicado que precisa ser abordado no momento certo e particularmente eu não acho que esse é o momento certo para uma criança com quase dois anos saber de algo com tamanha carga emocional. Posso estar errada e, provavelmente, estou errada, mas essa é a minha opinião.

— Vocês vão se sair bem, eu sei que sim. — Envio-lhe um sorriso e ele acena, sorrindo de lado.

Pearl e Seth chegam, cada um com uma bandeja e não demora muito para começarmos a comer e conversar sobre um assunto mais leve antes de voltarmos aos nossos afazeres.



PERDEMOS A HORA, LITERALMENTE. Depois de tanta conversa com Seth e Sculler, eu e Pearl perdemos a hora de voltar para casa. Eu dirigi feito uma louca às quatro e meia, enquanto Pearl gritava para eu ir mais devagar, senão a torta cairia. Bom, infelizmente a torta caiu. Realmente caiu. Mas não dentro do carro. Quando eu e Pearl saímos do carro, fui pegar a torta dos seus braços e simplesmente a deixei cair. Sim, simples assim. Depois disso tudo

começou a dar errado. Saí sozinha para comprar outra torta, dessa vez uma torta qualquer e não encomendada, mas parece que Long Beach toda resolveu se alimentar disso nesse dia. Nenhuma loja tinha tortas preparadas e eu comecei a ficar desesperada. Estraguei a festa de boas-vindas de Simon de forma estúpida e burra. Sem mais nenhuma saída, recorri ao meu último plano: fazer eu mesma uma torta.

Dirigi até o supermercado mais próximo e comprei tudo que seria necessário para uma torta e segui de volta para o apartamento. Quando cheguei, já passava das cinco e meia. Simon provavelmente chegaria em mais uma hora e com muita sorte, mas muita sorte mesmo, a massa assaria a tempo. Entrei no apartamento e tudo já estava pronto, todos a postos e eu com dois sacos nos braços e um sorriso amarelo na boca. Sra. Wyatt, Cassie e Pearl se ofereceram para me ajudar, mas orgulhosa e educadamente neguei sua ajuda. Esse trabalho vai ser meu. Os primeiros minutos que se sucederam eu tive que parar e respirar fundo. Amarrei o cabelo e comecei a trabalhar assim que consegui controlar meu impulso de jogar tudo para o alto.

Bati a massa e segui todos os passos para a torta perfeita, mas agora, no último momento, desandou. Como eu serviria algo daquele tipo para Simon ou seus pais? A massa caiu toda em cima de mim num surto de raiva e nem mesmo o barulho na sala de estar me tirou o foco do que acaba de acontecer: fracasei.

— Inferno... — rosno entre dentes, tão cansada que começo a escorregar até o chão.

Na metade do caminho, sou parada. Meu corpo reage imediatamente e a minha respiração acelera, deixando-me ofegante em questão de segundos.

— Cherry.

Meu coração derrete e o meu corpo amolece sem minha permissão. Tento criar coragem para levantar o rosto e fitar Simon, mas estou atacada e seriamente envergonhada. Sinto a ponta do seu nariz desenhar a pele do meu pescoço, enquanto ele inspira meu cheiro e lança milhares de borboletas por meu estômago. O frio na barriga some, dando lugar ao calor que começa a nos cercar.

— Pirralho... — miseravelmente choramingo.

— O que há? Por que você está na cozinha? — indaga, salpicando beijos por toda extensão do meu pescoço até parar no lóbulo da minha orelha. — Que merda está havendo? — murmura.

Com as bochechas em chamas, viro-me para ele com dificuldade e o encaro. Fôlego escapa de meus pulmões, porque Simon parece tão bem. É injusto alguém exibir tal aparência depois de uma cansativa viagem. Seu cabelo loiro está jogado despreziosamente para o lado, completamente desgrenhado e bagunçado, como se ele tivesse corrido os dedos por ali diversas vezes antes de chegar aqui. Curiosamente, Simon está exatamente como saiu daqui, o que me faz cogitar a ideia de que ele saiu direto de uma reunião para o aeroporto. Sorte a minha, porque Simon de terno é mais ilegal do que toda sua aparência.

— O gato comeu sua língua? — continua.

Coloco as minhas mãos sobre os seus ombros, alisando-os por cima da camisa e descendo por seus braços.

— Spencer, fala comigo...

— Eu estraguei a sua torta — interrompo-o, suspirando seguidamente ao lembrar de tudo que aconteceu até eu chegar a esse ponto. — Fui buscar com Pearl e apenas deixei cair. Depois procurei por todos os lugares, mas não consegui achar nada. Então, resolvi eu mesma fazer uma torta para você, mas ela desandou. Assim não funciona, Simon... eu estraguei a sua...

Colando a boca em cima da minha, Simon desliza sua língua entre meus lábios sem muito rodeio. Ele está necessitado e eu também, dessa forma, não penso duas vezes antes de abraçá-lo com força e laçar sua cintura com minhas pernas. Em nenhum momento o nosso beijo é calmo, tampouco devagar. É como se tivéssemos devorando um ao outro. Assustador para quem vê, mas entre nós dois sabemos que essa é exatamente nossa essência. Simon me irrita, mas ele também me faz sentir coisas muito boas. E assim nós nos entendemos, porque eu tenho plena consciência que às vezes eu o deixo louco e isso não é no bom sentido.

— Está tudo bem — tranquiliza-me no momento em que separa nossas bocas. Respiro junto dele, esbarrando nossos narizes e sorrindo de lado. — Está tudo bem. Eu não preciso de uma estúpida torta, babe. Eu preciso de

você.

— Mas era para ter a torta... isso aqui era para ser uma festa surpresa de boas-vindas. Sua mãe gastou dinheiro para eu simplesmente deixar a torta cair. — Suspiro.

— Minha mãe não deve estar realmente se importando com isso. Estou aqui e eu vou sorrir para todo mundo, mas isso só vai acontecer se parar de se importar com essa torta que eu não dou a mínima, Spencer. Estamos na mesma página agora?

Dou de ombros, mordendo meu lábio inferior.

Eu ainda queria que tivéssemos uma torta.

— Concorde comigo de uma vez por todas e vamos para a sala — pede.

— Eu não posso ir para a sala assim. — Pulo de cima de Simon, mostrando o quão suja eu estou e agora, ele também. — Preciso de um banho. Aliás, eu estava usando esse vestido especialmente para você.

Afasto-me e giro sobre meus pés, mostrando o meu novo vestido, porém completamente sujo. Uma vez que estou novamente frente a frente com Simon, vejo um sorriso bonito desenhar seus lábios avermelhados. O meu sorriso preferido no mundo topo.

— Combina com seus olhos e combina com o seu corpo. Eu gosto desse vestido, mas você sempre parece melhor sem nada...

— Simon — o repreendo, pois sei exatamente onde vamos parar se continuarmos com isso.

— Eu só estava comentando... — Levanta as mãos para cima.

Completamente sonso, Simon Wyatt.

— Vou tomar um banho e volto para limpar isso aqui em...

— Porra, Spencer — pragueja, olhando-me incrédulo. — Para de tentar consertar as coisas ou de tentar limpar. Eu estou de volta e quando tivermos algum tempo, limparemos isso, juntos. Fim. Agora vai se limpar e venha direto para a sala de estar.

Observo Simon mover-se pela cozinha despreocupadamente, como se

não tivesse acabado de me dar um sermão sobre minha teimosia. Ele pega um pano e limpa a sujeira que eu deixei por sua roupa. Por fim, Simon abre a geladeira e tira uma cerveja lá de dentro. Encarando-me firme, como se estivesse esperando para eu falar qualquer coisa, ele abra a cerveja habilidosamente e toma um gole.

— Precisa de ajuda para ir até o banheiro? — indaga.

— Não. Eu tenho pernas.

Reviro meus olhos, movendo-me e passando por ele. Sinto um tapa arder de um dos lados da minha bunda e viro, lançando um olhar atravessado para ele.

— Se fizer isso novamente, eu vou cortar a sua mão.

Simon sorri amplamente.

— Você não teria nenhuma chance de fazer isso comigo, babe. Agora vá.

Bufo, deixando-o sozinho e indo direto para o nosso quarto.



— E ENTÃO ELES DOIS COMEÇARAM A DISCUTIR NO MEIO DO AEROPORTO E DOS INÚMEROS PAPARAZZIS...

Sculler conta para nós sobre como foi a cara de Simon quando ele percebeu que eu não estava no aeroporto para buscá-lo com o papai. Depois que voltei para a sala, fui diretamente até o loiro, que me recebeu de braços abertos e me colocou sentada no seu colo. Em nenhum momento eu reclamei, afinal saudade é tudo que eu ainda estou sentindo dele, dessa forma ficamos por incontáveis minutos desse jeito. Comemos pizza e hambúrguer que a Sra. Wyatt fez enquanto estive fora com Pearl. Estou no meu quinto pedaço de pizza e segundo hambúrguer.

— Eu aposto que amanhã a discussão estará nas revistas — Sculler

conclui.

— Que coisa feia, Simon — resmungo de boca cheia.

— Olha só quem está falando, a mulher que quer conversar de boca cheia...

Respiro fundo e o espero dar um gole em sua terceira cerveja. Deslizo meu cotovelo, como se tivesse sido um acidente e acerto suas costelas. Simon cospe, tossindo pelo que eu fiz e todos começam a rir.

— Oh, meu Deus, me desculpe! Foi um acidente, Simon...

— Você é uma cadela vingativa da porra — rosna.

— Mmm... Conte-me um pouco mais sobre isso, *babe* — o provoco.

Simon pragueja, enquanto eu me junto na risada com os outros.

O clima está tão agradável que nem mesmo parece que ele fica desconfortável no meio de sua família. Fico feliz por Simon estar se permitindo sorrir e fazer mais piadas com Pearl, Sr. e Sra. Wyatt. Ele tem esse mal humor chato, mas aos poucos ele mudará. Pelo menos esse é o meu plano para ele e principalmente seus pais.

— Conte-me mais sobre esse reencontro lindo, Seth — peço, pois tudo que Sculler contou foi realmente engraçado, agora só preciso escutar outra vez, só que na versão dos envolvidos.

— Eu fui um bom cara, só fiz o que a minha mulher mandou, enquanto ele — Seth aponta para Simon. —, apenas negou todo o meu esforço. Eu até levei rosas...

Arregalo os olhos, olhando de Seth para Sculler e depois para Simon.

— Mentira sua — sussurro incrédula.

Mordo mais um pedaço da minha pizza, ansiosa por mais.

— Ele fez, babe — Simon confessa e eu não faço nada além de gargalhar com Pearl.

— Seth, você levou muito a sério — Pearl reclama entre risos.

— Bom, você deveria saber que eu levo as coisas muito a sério. — Coça a nuca de forma envergonhada.

— Foi incrível, porra. Você perdeu essa, Spencer. — Sculler ri, embalando uma Ryle sonolenta nos braços.

— E depois? Onde estão as rosas? — questiono, procurando pela sala e não encontrando nenhum sinal ou prova do acontecido.

— Eu joguei fora, Cherry. Para que diabos eu aceitaria rosas de Seth?

Balanço minha cabeça negativamente sem parar de rir.

— Poxa, Simon, foi um gesto bonito — reclamo.

Simon bufa, completamente contrariado.

— Isso é ridículo — retruca.

— Pelo menos eu fiz a minha parte — Seth intromete-se, parecendo se divertir com o tópico discutido. Tenho certeza que ele quis tirar uma com a cara de Simon. — Desperdicei um pouco de dinheiro com as flores, mas o que vale sempre é a intenção.

— Quem não te conhece que te compre... — Simon resmunga para ele mesmo, mas eu escuto por estar tão perto. — Ainda vamos discutir sobre isso. Eu queria você lá, não o Seth.

— É bom para vocês passarem um tempo juntos e...

— Não comece — diz, duramente. — Não somos melhores amigos e também não estaremos nos tornando nada próximo disso.

— Veremos... — Dou de ombros.

— Você está me desafiando? — pergunta.

Viro o rosto, fitando-o diretamente.

— Longe de mim — retruco clinicamente.

— Spencer, Spencer, Spencer...

— Simon, Simon, Simon... — Eu o imito.

— Você precisa aprender algumas lições e elas serão ensinadas essa noite.

Com um sorriso travesso, concordo, empurrando minha pizza para ele e esperando-o dar uma mordida.

— Eu sempre gostei de estudar... espero que me ensine coisas novas.

— Eu já sei exatamente o que vou fazer com você, não se preocupe com isso — afirma, depois de mastigar e engolir o pedaço que mordeu.

— Bom, professor, eu vou esperar ansiosamente para o início da aula.

Remexo em cima de seu colo, esbarrando com sua ereção escondida por mim. Simon puxa uma grande quantidade de ar, apertando o braço esquerdo ao redor da minha cintura como quem diz “pare de se mexer”.

— Você está em maus lençóis.

— Contanto que eles sejam os *seus* lençóis.

— Foda-se — murmura. — Eu te ensinei a ser tão má assim?

— Não, isso já vem naturalmente. Não se culpe por minha devassidão e maldade velada.

Nós dois rimos.

— Tenho sorte de ter você, porque eu quero foder a noite toda e eu sei que você também quer.

— Pelo menos nós concordamos em um ponto, babe. Parabéns — brinco, beijando sua boca superficialmente. — Mal posso esperar para colocar esses lábios em outros lugares...

Com os olhos injetados, ele separa a boca da minha, balançando a cabeça negativamente.

— Você está me matando, Spencer. Me matando lenta e suavemente.

Dou-lhe um sorriso, beijando-o uma última vez, porque sinto que estou exatamente como ele: morrendo lenta e suavemente.

Precisamos de mais, muito mais.

Capítulo 43

Simon Wyatt

“Tock-tock...”

ABRO OS MEUS OLHOS COM DIFICULDADE, SORRINDO AO SENTIR OS BEIJOS MOLHADOS DE SPENCER SOBRE MEU OMBRO ESQUERDO. Escuto a sua risada baixa e ela me contagia inevitavelmente, fazendo-me rir e anunciar de forma simultânea que eu estou acordado. Spencer deita em cima de mim, trazendo seu rosto para perto do meu e beijando a minha bochecha sem parar. Ela desce os beijos por meu maxilar e faz uma trilha até o meu pescoço.

— Devo te lembrar que homens têm ereção matinal? — resmungo com o rosto quase todo enfiado em um travesseiro.

— Bom dia, pirralho... — sussurra ao pé do meu ouvido.

Um grunhido escapa da minha boca por tanta provocação de sua parte.

— Você dificulta a minha vida em níveis catastróficos, Spencer.

— Eu sei, mas tenho certeza que gosta disso — continua da mesma forma que antes.

Com nem tanto cuidado assim, troco de lugar com Spencer e fico no meio de suas pernas, enquanto ela sorri desinibida em minha direção.

— Você está muito brincalhona... — aponto, estreitando os olhos em sua direção. — Se sente melhor?

— Sim. — Sorri amarelo e eu arqueio a sobrancelha. — Realmente estou melhor, eu juro.

— Você já ouviu falar que quem jura, mente?

Spencer arqueia a sobrancelha de volta, sorrindo incrédula.

— Está me chamando de mentirosa, Simon Wyatt? — indaga.

— Nunca em mil anos. — Sorrio de volta. — Só não jure nada.

Spencer revira os olhos e me empurra para o lado.

— Tudo bem, eu te dou a minha palavra — afirma, levantando e plantando as mãos de cada lado do seu quadril magro. — Vamos tomar banho? Papai já deve estar perambulando pela casa e eu tenho certeza que você preparou algum plano para o dia de hoje.

Flexiono os braços e coloco-os para apoiar a minha cabeça no momento em que volto a me deitar.

— Como pode ter tanta certeza assim, babe? — questiono, sorrindo de lado.

Ela está certa, eu realmente tenho planos.

— Você sempre tem planos, Simon, isso não é mais nenhuma novidade ou surpresa para mim. Agora vamos, por favor...

— Está preparada para gastar um tempo extra no banho? — pergunto, sentando e arrastando-me até ficar na beirada da nossa cama.

— Ultimamente você está... Mmm... como eu posso dizer, Simon... precoce demais. — Aponta o dedo para mim. — Não sei se o tempo realmente vai ser *extra*. — Sorri, provocando-me sobre a borda.

— Você não disse isso. — Fico de pé, dando o primeiro passo em sua direção.

— Eu sinto muito se você...

— Nem mais uma palavra, Spencer — a interrompo. — Eu vou fazer você engolir essas palavras. Vamos ver quem é o mais precoce entre nós dois.

Apressando-se, Spencer corre para o banheiro e tranca a porta antes que eu possa impedir a sua ação. Bufo, batendo duas vezes na porta.

— Tock, tock...

— Não, Spencer. Apenas. Não.

— Responde, Simon. — Ri do outro lado.

— Eu não vou responder.

— Então eu não vou abrir — replica.

— Abra a porta, por favor.

Spencer fica em silêncio e, segundos mais tarde, volta a falar:

— Tock, tock...

— Foda-se o tock, tock.

— Ei, não fale assim, eu brinquei muito de "tock, tock" com os meus pais.

Reviro os olhos.

— Essa é uma situação completamente diferente. Você está usando de artifícios para fugir de mim e não admitir que você está sempre “à frente”.

— Que baboseira mentirosa, Simon Alexander Wyatt...

— Então abra a porta — retruco.

— Tock, tock...

Respiro fundo.

— Eu não vou responder isso. Bom banho, Spencer. Apenas não use tanto as mãos para se aliviar, babe.

— Você é ridículo — exclama.

— É por isso que fazemos um belo casal. — Não posso deixar de rir, porque eu sei que o feitiço virou contra o feiticeiro, nesse caso, feiticeira.

Encosto na parede e cruzo os braços, escutando o próximo barulho de Spencer. O chuveiro liga e isso mostra que ela não vai ceder essa manhã. Dou de ombros e passo as mãos em meu cabelo, tomando meu caminho para fora do quarto. Passo pelo corredor, sendo irritado imediatamente pelo silêncio. De verdade, esse é um dos motivos que me fazem querer ter Christian e Ryle sempre por perto. Às vezes estou de mau-humor, mas eu nunca gosto de ficar em silêncio.

Isso é outro nível para mim.

Silêncio é algo que eu abomino.

— Ei, garoto. — Escuto a voz de Mario quando entro na sala de estar e ele acena para mim da sacada.

Junto-me a ele e me sento em uma cadeira ao lado da sua.

— Tudo bem?

Ele assente positivamente, mas começa a tossir em seguida.

Eu sei que não está tudo bem.

— Você sabe que não precisa mentir para mim, certo, Mario?

— No momento está tudo bem... — diz, abaixando o lenço que levou até a sua boca. — Spencer já acordou?

— Sim, ela me acordou também. — Reviro os olhos. — Mas já estava na hora.

Mario ri, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Você quer ir ao doutor? Sabe, para tomar algum remédio ou...

— Eu disse que estou bem, Simon. — Franze o cenho e perde o sorriso.

— Mas eu sei que não está tudo bem, Mario.

Ele bufa. Não é difícil de identificar para quem Spencer puxou pelo menos metade de sua personalidade. Os dois são teimosos pra caralho.

— Consigo aguentar isso, não se preocupe.

Penso duas vezes antes de abrir a boca para falar novamente. Não quero sair do sério ou tirar Mario do sério. Tenho planos para a nossa tarde e nós dois irritados não faz parte deles. Dessa forma, concordo com o que ele disse e me levanto.

— Quer beber alguma coisa? Eu vou fazer café.

— Café está bom — enuncia.

— Eu já volto.

Deixo a sacada e vou diretamente para a cozinha. Pego o pote de café e quando já estou pronto para começar a prepará-lo, Spencer aparece e toma meu lugar. Ela puxa o pote da minha mão, abraçando-o contra o seu corpo e me lança um olhar atravessado. Seguro o riso. Posso sentir a sua irritação de longe, assim como o seu cheiro magnífico pós-banho.

— Como foi usar o chuveiro mais uma vez sozinha? — provoco.

— Melhor do que tendo um encosto como você ao meu lado — cantarola, empurrando-me do seu caminho. — Se você me der licença...

Faço Spencer calar a boca e puxo seu corpo contra o meu. Suas costas cobertas por uma blusa de alças finas e tecido de seda, lhe deixa irresistível. A cor clara da peça combina com sua pele, combina muito e isso me tira do eixo.

— Não seja tão má, Cherry...

— Você é o único aprendiz de diabo nesse apartamento — sussurra e eu escuto seus dentes trincarem quando eu navego com minhas mãos até a barra do short de tecido muito, muito fino, que ela está usando.

— Pode me chamar do que você quiser. — Mais uma vez, sorrio. Enfio minha mão direita dentro de seu short e, em seguida, dentro da sua calcinha. É bom Mario não vir para a cozinha nesse momento, porque se ele ver o que está prestes a acontecer, Spencer vai morrer na nossa frente. — Conseguiu se satisfazer no banheiro, babe?

Ela arfa, fazendo-me levar a minha mão esquerda até seu cabelo molhado e segurá-lo com força, inclinando sua cabeça para que eu possa fitar sua expressão de perto. Spencer parece linda. Suas bochechas magras estão enrubescidas, enquanto ela prende o lábio inferior molhado entre os dentes. Sua expressão se situa entre uma linha tênue entre a dor e o prazer, mas de qualquer forma eu posso afirmar que ela está gostando.

— Eu consegui... — sussurra, deixando um riso escapar.

Solto uma risada baixa em seu ouvido, porque ambos sabemos que ela está mentindo.

— Então foi rápido, certo? O que me deixa saber que você é precoce...

— Você também é, pirralho — cospe.

— Vamos ver o quão precoce você é. Eu só acredito vendo, ou melhor dizendo, sentindo.

— Não, você n...

Ela se cala e solta um gemido baixo, sôfrego, no instante em que eu deslizo meu indicador sobre seu clitóris. Spencer treme como se tivesse

acabado de ter um calafrio atravessando o seu corpo de cima a baixo. Isso me deixa feliz. Eu sei que estou acertando e, quando se trata de Spencer, é muito difícil eu cometer algum erro. Escorrego meu dedo entre seus lábios, encontrando muita facilidade em meus movimentos porque ela está molhada. Muito molhada.

— Isso não é boceta de quem gozou minutos atrás, Cherry.

Ela ri, trêmula e vacilante.

— Eu fico molhada rapidamente — mente a seu favor.

— Huh... — concordo, correndo minha língua sobre a pele sensível de seu pescoço.

Escuto-a soluçar e logo depois empurra sua bunda redonda contra a minha ereção, friccionando deliciosamente sobre mim. Eu poderia ter um orgasmo em minhas calças, mas isso não está acontecendo por que eu sou dono dessa situação. Spencer não quer sair por baixo, mas ela é a única recompensada aqui.

Curvo-me um pouco mais sobre o corpo da minha Cherry, beijando sua pele sem nenhuma restrição e levando o som de sua respiração irregular como o melhor dos incentivos. Com dois dos meus dedos em sua entrada, mergulho sem pedir licença. O vaivém devagar e firme faz com que parte da minha mão esbarre de instante em instante no clitóris de Spencer. Ela age como uma boneca em minhas mãos, mas a sua versão pervertida aparece quando claramente não se dá por satisfeita. Ela está vibrante e de uma ferocidade que eu provavelmente nunca vi igual.

— Você vai continuar tão devagar? — grunhe, fazendo-me rir com minha boca ainda colada em seu pescoço.

— Eu vou fazer do jeito que eu quiser, Spencer.

— Não mesmo...

Estreito a visão para ela, finalmente recebendo o seu olhar de volta.

Suas pupilas dilatadas me deixam ainda mais animado para tê-la curvada sob mim.

— Coloque esse pote de café em cima do balcão, babe.

— Mas...

— Vai deixar cair? — eu a corto. — Você vai precisar das suas mãos — informo.

— O que quer dizer com isso?

Spencer deixa o pote em cima do balcão, assim como eu lhe disse para fazer. Em seguida, retiro minha mão de dentro da sua calcinha e começo a empurrá-la juntamente com o seu short para baixo.

— Simon, o papai...

— Você pode começar a rezar para fazer disso bem rápido — retruco, abaixando meu corpo e, de leve, empurrando Spencer para encostar-se no balcão da pia. Seguro suas coxas, olhando para cima e sorrindo. — Posso?

Ela olha para os dois lados e não me dá nenhuma resposta.

Em algumas situações, quem cala consente.

Sem relutância, afasto as pernas de Spencer e não demoro para me aproximar do ponto que eu anseio me deleitar. Beijo suas coxas, enquanto retorno outra vez com meus dedos para dentro dela. Sinto como se ela estivesse derretendo sobre mim. Espalho seus lábios avermelhados e beijo apenas seu clitóris inchado. Spencer arqueja, segurando no balcão com tanta força que os nós de seus dedos começam a perder a cor. Ao menos eu lhe avisei que ela precisaria das mãos.

— *Oh... Simon...* — sussurra com um fio de voz restante.

Subo minha mão esquerda por dentro de sua blusa até achar o seu seio direito. Massageio a ponta intumescida, enquanto continuo sugando e torturando Spencer com a minha boca. A visão daqui de baixo é muito boa e eu nunca a trocaria por nada nessa vida.

Os quadris de Spencer tomam vida própria e ela começa a empurrar sobre minha língua e minha cara. Eu sorrio do seu desespero e ela treme mais uma vez. Aumento um pouco mais a velocidade dos movimentos que faço com os meus dedos, vez ou outra circulando em sua intimidade, feito que a faz revirar os olhos furiosamente. Corro minha língua por sua entrada, retirando os dedos molhados dali e tomando o que é meu. Spencer aperta as

pernas e eu volto a afastá-las com a minha mão direita. No segundo seguinte, ela puxa minha mão para cima e traz a cabeça para baixo, tomando e sugando os mesmos dedos que estavam dentro dela, em sua boca, como se aquele fosse um delicioso doce.

Solto um grunhido, sentindo sua língua circular ao redor dos meus dedos e desejando que ela estivesse fazendo os mesmos movimentos em meu pau.

Agora é arcar com as consequências da minha escolha.

— Você é muito gostosa, Cher...

— Cala a boca. — Tirando meus dedos por uma só vez de sua boca, ela exige com os olhos espremidos.

Meu pau lateja e minhas bolas doem como provavelmente nunca senti.

Se ontem foi um inferno de noite para nós dois, hoje eu mal posso esperar para o dia acabar.

Absorvo seu gosto, sorvendo-o na minha língua e começando a fazer isso mais rápido para nós dois. Meu pau não deixa de reclamar e eu posso acabar envergonhando-me aqui na frente de Spencer se não a fizer vir antes de mim. Solto seu seio e cerco seu quadril com meu braço, pousando minha mão em sua nádega e apertando o local duramente. Seu gemido me faz rosnar de volta. Seus dedos finos apertam nos meus fios de cabelo, deixando-me saber que ela está vindo.

— Venha, babe... — resmungo e eu sei que Spencer deve ter pensado nas duas palavras, a certa e a errada, assim como eu mesmo pensaria.

— Merd... — Tira os meus dedos de vez de sua boca.

O quadril de Spencer balança desgovernado, enquanto luto para mantê-la firme em apenas um local para que eu possa terminar o meu serviço da melhor forma. É como um duelo entre o touro e o toureiro. Ela tenta puxar o meu cabelo e me tirar do meu lugar, mas eu não deixo que isso aconteça, não nesse momento. Atenciosamente, chupo seu clitóris e prolongo o seu momento de prazer, mesmo que isso sufoque o meu. Ela vibra avidamente e para de sacudir quando deslizo minha língua para sua entrada e deixo o seu clitóris em paz.

Spencer solta o meu cabelo e abre os olhos como se tivesse acabado de acordar de um sonho. Um sorriso preguiçoso se forma em seus lábios, enquanto termino meu serviço e esbarro em seu clitóris pulsante uma última vez apenas para vê-la tremer novamente. Levanto-me sem pressa, subindo sua calcinha e seu shorts para o lugar de origem. Quando estamos face a face, envio-lhe um sorriso, mesmo que agora o meu incomodo fale mais alto.

— Tenho certeza que o prazer que você proporcionou a si mesma no banheiro nem chega perto do que eu fiz agora — afirmo.

— Você não estava lá, então não tem como saber.

Beijo os seus lábios rapidamente e murmuro:

— Eu não estava lá, mas estava aqui e o que ocorreu aqui certamente não ocorreu lá.

Dou-lhe as costas e saio da cozinha em passos largos. Eu vou ser o único que vai usar as mãos agora.

Karma é uma vadia malcomida.



NO INSTANTE EM QUE ENTRO NA SALA DE ESTAR OUTRA VEZ, AGORA ALIVIADO E DE BANHO TOMADO, SINTO A PAZ QUE ESSE MOMENTO ME TRAZ EM TER SPENCER E MARIO ALI, SENTADO LOGO À MINHA FRENTE. Aproximo-me deles, ambos de costas para mim e rindo sem parar de alguma coisa que estão conversando. É incrível lembrar que, quando eu pensei em voltar para Long Beach para essas férias, tudo passou em minha cabeça: ir para festas e baladas constantemente, beber e fumar sem parar, foder com pessoas desconhecidas e fazer o que desse na telha. Eu deveria saber que a presença de Spencer é como um choque para mim e mudaria todos os meus planos.

Ela realmente me deu um choque desde o primeiro instante. Pode ter parecido o contrário, já que eu a assustei no nosso reencontro no meio da

pizzaria dos meus pais, mas a verdade é que o único mais chocado, era eu. Chocado com a sua beleza, com a sua forma mais madura, com sua personalidade ainda tempestuosa. Tudo nela é tão diferente que acaba sendo a melhor coisa que eu procuraria mesmo sem saber em uma mulher. Ter pessoas iguais e robotizadas ao seu lado, fingindo diariamente não ter nenhum defeito de "fábrica", é algo que eu não tenho mais estômago para lidar. Spencer é real, ela tem a sua parte boa e a parte ruim e ela nunca escondeu nenhuma de mim.

É por isso que eu a amo.

Exato.

Eu amo Spencer Waters Carter, a minha Spencer Carter, a minha Cherry.

Eu amo cada pedaço dela, a parte conhecida e a parte desconhecida por mim. Sei que ela ainda tem muitas camadas que nem deve saber que existe, tampouco eu, mas estou pronto para amá-las e abraçá-las da melhor forma que conseguir. Eu vou amar cada camada da minha Cherry, eu vou desvendar cada segredo guardado em seu coração e eu vou tocar em cada parte de seu corpo. Eu vou lutar para entrar o mais profundo dentro dela. Vou me instalar em seu peito como um parasita, assim como ela instalou-se no meu. É impossível retirá-la de dentro de mim e, mesmo que eu quisesse, eu não cometeria tamanha burrice. Se eu pelo menos pudesse dizer que a amo e não a assustar com isso.

Se eu tenho medo?

Bem, porra... Por que não teria?

Quando mais jovens, Spencer relutou para aceitar o meu amor e é claro que isso me apavora mesmo depois de anos. Mudamos, amadurecemos, mas sempre há aquele velho medo de ser rejeitado outra vez. Eu tenho esse medo. Qualquer pessoa que já amou verdadeiramente sem dúvidas já passou por essa fase, mesmo que por poucos instantes.

— Finalmente você voltou! — Spencer exclama, tirando-me dos meus profundos devaneios.

Ela me encara sobre o ombro, um sorriso malicioso escapa de sua boca

e eu tenho que sorrir de volta.

— Demorei um tempo lavando meu cabelo — minto, mas nem tanto assim. Realmente lavei o meu cabelo. — Começaram sem mim? — provoco.

— Eu estava com muita fome — Mario lamenta, mas eu balanço minha mão para ele, mostrando-lhe que não tem problema.

Spencer me disse ontem à noite, enquanto ficamos assistindo televisão com Mario, que ele não está se alimentando direito. Ele vomita frequentemente e as náuseas e enjoos então o assolando sem piedade. Sei que esse é um dos efeitos do câncer, ainda mais para ele, que estava em um tratamento sem sucesso que apenas o deixou mais fraco do que antes. Me alivia ouvir do próprio que ele estava com fome e se alimentou bem.

— Não tem problema, contanto que você tenha deixado um pouco para mim. — Dou de ombros e nós dois rimos, enquanto Spencer apenas revira os olhos. Sento-me na frente deles e pego uma caneca, porém Spencer é mais rápida e a puxa de volta. Ela se levanta e dá a volta na mesa, surpreendentemente vindo me servir. — Tudo bem? — Franzo o cenho.

— Sim — afirma, simples.

Não tento entendê-la, apenas deixo que faça o que quer fazer.

— Vamos ir para algum lugar em especial hoje? — Mario puxa assunto.

— Para a sua felicidade, sim. Vou te levar para tomar um banho de sol e sair um pouco dessa prisão que tanto odeia — respondo, sem dar muitos detalhes.

— Eu já lhe disse, não odeio o apartamento, só gosto de sair e pegar sol. Faz eu me sentir mais vivo do que ficar aqui dentro o dia todo...

— Reclamação acatada com sucesso, Mario. Você vai ter o que quer. — Pego a caneca que Spencer encheu do líquido escuro e quente e tomo um longo gole.

— O que você aprontou? — ela pergunta.

— Aprontei? — Solto uma risada, voltando a fitar Spencer. — Apenas planejei outro passeio para nós.

— Mmm... sei...

— Você anda desconfiada demais de mim, Cherry.

Depois que ela coloca um tanto considerável de comida no meu prato, afasto minha cadeira, puxando-a para o meu colo. Nós três conversamos sobre assuntos extremamente aleatórios e sem muita importância, apenas para passar o tempo mais rápido, enquanto eu tomo meu desjejum. Em um momento e outro, Spencer aperta minha mão que está plantada em sua perna. Em seguida, ela faz um carinho que me deixa intrigado para saber qual o seu problema. Quando eu já estou perto de terminar de comer o que ela preparou, Spencer pede licença para Mario e eu, e sai da sala, provavelmente indo para o nosso quarto.

Encaro Mario, franzindo o cenho.

— Você entendeu alguma coisa? — questiono e ele ri, balançando a cabeça negativamente.

— Não, mas se você entender, me diga. Ela está agindo estranhamente desde a sua viagem.

Disso eu já sei.

— Você se importa de me perder por uns minutos só para eu ir checá-la?

Mario nega imediatamente.

— Isso é um favor que você faz para nós dois.

Tomo o último gole do meu café e me levanto, seguindo para achar Spencer onde quer que seja que ela tenha se metido. Quando entro em nosso quarto, escuto seu barulho vindo do banheiro. Não demoro para abrir a porta e achá-la ajoelhada em frente ao vaso sanitário, enquanto vomita copiosamente. Abaixo-me ao lado de Spencer e seguro seu cabelo ainda úmido com uma das minhas mãos, enquanto esfrego suas costas com a outra. Ela não para de vomitar e isso me preocupa mais do que eu gostaria. Os segundos que se passam até Spencer parar são agonizantes como o inferno. Levanto do chão, puxando-a para cima comigo e encaminhando-nos até a pia.

Spencer respira fundo, enquanto seu corpo treme contra o meu e dessa

vez essa não é uma boa tremedeira. Ela parece ainda mais fraca do que sempre. Sua magreza chega a me assustar certas horas, assim como me assusta agora mesmo.

— Eu só... — Spencer tosse.

Não lhe faço qualquer pergunta, apenas seguro seu corpo firmemente e espero ela se recompor aos poucos. Abrindo a torneira, ela deixa as mãos em formato de concha e pega um pouco de água, passando por todo seu rosto pálido e quase mais branco que uma folha de papel. Puxando sua escova do suporte, Spencer aplica creme dental e começa a escovar os dentes. Quando ela me empurra levemente, percebo que já consegue ficar de pé sozinha, então eu a deixo, encostando-me na parede e cruzando os braços em frente ao meu corpo.

— Você está bem? — indago, quando ela finalmente vira-se para mim e deixa a escova na pia.

— Agora sim...

— O que foi isso? — Aponto para o vaso e então me aproximo para dar descarga no mesmo.

— Eu me senti um pouco mal.

— De novo, Spencer?

Ela respira fundo e sai do banheiro, fazendo-me segui-la para o nosso quarto.

— Não é como se eu pudesse controlar o meu corpo, Simon — diz, soando irritada.

— Não adianta você ficar assim, eu só estou pensando na sua saúde, uma vez que está fazendo descaso com a mesma. — Spencer vira para mim e nós nos encaramos, inflexíveis. — Você pode estar doente, Spencer. Vamos procurar um médico, por favor? — Coloco uma mecha do seu cabelo solto atrás de sua orelha.

— Isso foi só a comida de ontem, Simon, não tem nada a ver com doença. Eu comi muito, algum efeito isso teria no meu corpo. — Segura minha mão e beija a palma. — Não me faça ir ao hospital, por favor.

— Isso não é questão de “por favor”, nós precisamos saber se algo está errado ou não...

— Eu não sinto dor, te dou minha palavra sobre isso. Se eu sentir qualquer dor, nós vamos ao hospital — sugere.

— Qualquer dor? — tento me certificar.

— Qualquer dor.

Beijo sua testa e puxo ela para bem perto, abraçando seu corpo magro e sentindo seu calor junto ao meu.

— Vamos nos arrumar agora — digo. — Estamos indo para o píer de Santa Mônica. Almoçar fora, pegar uma praia, esse tipo de coisa...

— A praia de Pearl e Seth? — Spencer ri contra a minha camisa e em seguida levanta o rosto para me fitar.

— Por algum acaso ela tem o nome deles? — indago.

— Não, mas Pearl vive me dizendo que esse é o lugar deles dois.

— Esse é o lugar de muita gente, Cherry. Minha irmã é só um pouco ruim das ideias.

Nós rimos mais uma vez, antes de seguirmos para trocar de roupa e sairmos para avisar Mario do nosso destino.

Capítulo 44

Spencer Carter

“O jogo...”

DURANTE OS ÚLTIMOS DOIS DIAS, ASSISTI FILMES E MAIS FILMES COM O SIMON E O PAPAI. Em algum momento me vi reclamando por conta dessa rotina, mas parei de fazê-lo e acatei os planos de Simon. Ele tem nos prendido na sala de estar em uma sessão interminável de cinema, com vários e vários gêneros para assistirmos. Eu tento entender Simon, enquanto ele apenas me diz para seguir o fluxo e é isso que eu faço. Antes de ontem, depois que Seth e Pearl deixaram o apartamento, Simon começou com esse seu plano maluco e desde então estamos nessa situação.

Papai pede licença para Simon e eu e nós apenas assentimos. Assim que estamos sozinhos na sala de estar, Simon sobe seu corpo e vira para mim, sorrindo maliciosamente. Ele me empurra para o sofá, com um sorriso ladino estampado no rosto e eu acabo rindo de seu mini-ataque.

— Vamos sair hoje — simplesmente afirma.

Franzo o cenho, cercando seu pescoço com seus braços e puxando-o para mais perto.

— Nós vamos? — retruco. — Cansou de fazer eu e o papai de reféns no seu cativeiro?

— Mmm... cansei.

Rimos juntos.

Simon sela nossas bocas de uma só vez, empurrando sua língua entre meus lábios de forma lenta e torturante. De toda forma, acompanho seu ritmo sem reclamar. Ele me beija com paixão e cuidado e eu sinto tudo isso, me apaixonando cada vez mais forte por ele. Eu nunca imaginei que seria capaz de amar tanto alguém como eu amo Simon. Para ser sincera, eu nunca imaginei que seria capaz de amar Simon tanto assim.

— Vamos, babe. Você precisa tomar banho e ficar pronta. Eu vou

avisar Mario para fazer o mesmo — geme, como se estivesse em uma luta interna para parar com nosso carinho.

— Você vai vir para o banho comigo? — questiono.

— Essa é uma boa pergunta. — Sorri de lado. — Vou me atrasar um pouco, mas, sim, vou para o banho com você. Quando eu chegar lá, espero que já esteja molhadinha...

Gargalho junto com Simon.

— Você não vale uma nota falsa de cinco dólares — acuso, entre risos.



O CAMINHO TODO, PAPAI E EU TENTAMOS CONVENCER SIMON A NOS REVELAR QUAL SERIA O NOSSO DESTINO. Não me surpreendo quando passamos pela placa de Los Angeles, no claro anúncio de que estamos indo para algum lugar dentro dessa cidade que não para. Quanto mais Simon dirige, mais eu percebo uma movimentação estranha pelas ruas da cidade. Há pessoas com camisas de times passando e comemorando e eu localizo principalmente camisas do time de Simon. Batuco meus dedos em cima da minha perna, impaciente por estar em uma posição em que eu não faço nenhuma ideia do que está acontecendo, mas é sempre assim quando se trata de Simon e suas mirabolantes surpresas.

— Estamos chegando? — papai pergunta, parecendo tão inquieto quanto eu estou.

— Quase, cara. Mais um pouco de paciência para esse momento — Simon pede e eu solto uma risada, atraindo sua atenção para mim. — O quê? — questiona.

— Por que não nos conta de uma vez por todas? — replico, revirando os olhos.

Simon planta sua mão em cima da minha e aperta.

— Mais cinco minutos, Cherry. Eu sei que você pode aguentar isso.

Aliás, você não é um peru.

O que ele disse?

— Um peru? — Semicerrou os olhos.

Simon puxa sua mão de volta e para no sinal vermelho. Ele vira o rosto para mim e sorri de lado, tão cinicamente quanto pode.

— É, babe. Peru que morre de véspera.

Papai começa a rir junto com Simon e eu só fico o encarando, atônita com sua piadinha sem graça.

— Procure um curso ou, sei lá, um profissional da área, pois esse tipo de piada não funciona comigo. Idiota — digo, cruzando os braços e muito tentada a rir da infame piada de Simon.

— Até que essa foi boa, filha... — papai o defende.

— É claro que foi, pai, você é o fã número um de Simon. Não me espantaria se ele falasse “rabanada” e você tivesse uma crise de risos.

— Parece que alguém aqui está irritada... — Simon cantarola, batucando os dedos no volante.

Tenho vontade de acertá-lo forte na cabeça para parar de me irritar, entretanto, reprimo meu instinto agressivo e viro o rosto para continuar encarando o dia bonito e ensolarado do lado de fora do carro. Los Angeles sempre é bonita, viva e ensolarada. Uma das melhores cidades em que já fui, mas Long Beach sempre vai ser a minha casa, sem mas.

A todo momento, mais pessoas com camisas de times de futebol aparecem. Observo pelo retrovisor o papai remexer-se um lado para o outro, provavelmente também notando esse fato.

— Isso é um estádio? — papai questiona.

Sua pergunta é óbvia, porque é claro que Simon acabou de parar, um pouco longe, mas ainda assim próximo o suficiente de um estádio gigantesco. Porém, eu levantaria a mesma questão se papai tivesse demorado mais dois segundos.

Simon continua em seu mundo particular, apenas sacando o celular do

bolso e discando algum número.

— Estamos no lugar combinado... sim... pode vir, ficaremos no carro...
— Essa é a única coisa que Simon fala antes de desligar a chamada.

Papai e eu nos entreolhamos e ele acena para mim, dando-me a deixa para falar dessa vez.

— O que está acontecendo?

Simon me encara e sorri.

— Vamos assistir a um jogo de Baseball! — retruca, animado.

Observo meu pai outra vez, observando a careta que ele faz.

— Baseball? Não poderia ser pelo menos... basquete?

Tenho muita vontade de rir da pergunta do papai. Ele não é um dos maiores fãs de Baseball e até Simon sabe disso. Pode colocar ou levá-lo para assistir qualquer coisa, menos Baseball.

— Mas é do meu time, cara... — Simon pontua.

— Eu continuo não gostando.

— Você vai ter que engolir o Baseball hoje, Mario — Simon anuncia sem remorso e puxa duas camisas de algum lugar. — Essa é sua. — Entrega para mim. — E essa é a sua. — Entrega para meu pai.

Observo a camisa que ele me deu e sorrio com a nova versão de sua ideia antiga. “Cherry do Simon” está muito bem estampado ali atrás e logo debaixo o número três reside. Visto a camisa sem mais delongas, sendo ela o par perfeito para o meu vestido branco. Olho para o lado e vejo Simon sorrir ao me encarar. Acabo rindo junto de sua cara idiota.

— Você está linda pra caralho — afirma.

— E eu? — papai pergunta, fazendo-me rir alto com Simon, enquanto nos viramos para ele.

Papai já colocou a camisa que Simon também preparou para ele.

— Você já esteve melhor, cara... — o loiro provoca.

— Posso dizer o mesmo de você.

Reviro os olhos e seguro o rosto de Simon, forçando-o a me encarar.

— Cadê a sua camisa e quem está vindo nos buscar? — indago.

— Paciência, Spencer. Paciência.



SIMON SE SEPAROU DE NÓS.

Quando Quinn apareceu, sendo ele a pessoa com quem Simon falava no telefone, o loiro ajudou papai a entrar no outro carro e me beijou rapidamente, despedindo-se de nós dois sem mais nem menos e entrando em seu carro outra vez. Admito que até o momento eu não estou entendendo absolutamente nada. Quinn deu uma volta no estádio até parar em uma área reservada. Ele pediu para eu esperar com o papai e foi isso que fizemos até ele voltar vinte minutos depois com Pearl ao seu lado. Minha melhor amiga, gravidíssima e sorridente, nos acompanhou estádio à dentro. Quinn foi nos guiando, enquanto eu empurrava a cadeira do papai e conversava com Pearl. Nesse exato momento, é quando paramos no meio de um corredor.

— Por que estamos aqui dentro? Aliás, o que todo mundo está fazendo aqui? Pensei que isso era um jogo de baseball... — pergunto, tentando entender o que está acontecendo a mais que nem eu e nem o papai sabemos.

— Nada está acontecendo — Pearl diz, rindo nervosa e deixando-me saber que é uma mentira de sua parte. Ela nunca soube mentir. — Simon também combinou com todos nós para virmos assistir ao jogo de baseball.

— E o que estamos fazendo aqui dentro e não lá fora? — papai tira as palavras da minha boca.

— Estamos indo para lá nesse exato momento, eu, Cassie, as crianças e meus pais estávamos apenas esperando vocês.

— E Simon? Por que ele se separou de nós? Onde está Seth e Sculler?

Eu faço muitas perguntas, mas é porque está tudo muito suspeito. Não

consigo segurar a boca.

— Para de perguntar, Spencer, eu não estou escondendo nada — Pearl resmunga, entrando na defensiva.

— Alguém disse que você está escondendo algo? — Ela sorri amarelo. — Agora eu sei que sim. — Reviro os olhos.

Quinn aparece outra vez e faz um sinal para nós.

— Vamos para nossos lugares! O jogo vai ser incrível! — Pearl exclama animada e trocando de assunto, já que é mais conveniente para ela.

Fito o papai e ele me lança um olhar perdido.

É isso aí, amigo, estamos de fora do que está acontecendo.

Recomeçamos nosso caminho, eu e papai atrás, seguindo a família Wyatt e Cassie. A cada instante que passa, escuto a ovação que vem de dentro do estádio parecer mais próxima e alta. O jogo já deve ter começado e nós passamos vários minutos aqui dentro, além de Quinn ter nos feito esperar dentro do carro. Pego meu celular que deixei com o papai em algum momento e peço para ele se guiar rapidamente, enquanto envio uma mensagem para Simon.

“Dessa vez eu estou falando sério, Simon Alexander Wyatt. Vou fazer suco das suas bolas e te dar para beber por ter me deixado sozinha com o papai.

Spencer Carter.”

Volto a empurrar a cadeira do papai, irritada por Simon não estar aqui. Por que diabos ele arrumou essa saída se ele não se dispôs a ficar conosco como ele sempre faz? Não era mais um dos muitos programas em família que ele inventa para nos tirar de casa? Por que ele não está conosco e por que ele chamou mais pessoas para isso? Não que eu esteja incomodada, mas eu sei que Simon evita nos "dividir" com sua família a todo momento, por mais estranho que isso seja. Talvez seja apenas o meu nervosismo falando mais alto, mas que culpa eu tenho se me acostumei com a presença dele ao meu

lado a todo tempo?

Deixo que minha confusão e irritação cesse a cada passo que eu dou. Pearl sorri para mim e eu franzo o cenho. A ovação no estádio é cada vez mais intensa, instalando um frio na minha barriga e trazendo a imediata vontade de vomitar. Eu não sei por onde vamos entrar e qual passagem iremos usar para irmos para os nossos lugares na arquibancada, mas isso parece estanho ao extremo. Toda a família com camisas de Seth, Sculler ou Simon, sorridentes, se entreolhando.

O que Simon está aprontando?

— Para onde estamos indo, Pearl? — grito a minha melhor amiga.

— Você vai ver — retruca, sorrindo mais que antes, como se isso fosse possível de alguma maneira.

Nós finalmente estamos parados em frente a um túnel entre seus cem e duzentos metros. Falando da forma mais clichê possível, há uma luz no fim do túnel e eu posso ver o tanto de pessoas ali fora. As arquibancadas estão entupidas de torcedores e nós devíamos estar ali, não aqui. Cassie, Pearl e seus pais recomeçam o caminho e eu faço o mesmo, sentindo as minhas pernas bambas. Quanto mais nos aproximamos do fim desse túnel, mais pessoas eu capto no meu campo de vista. Insano. Completamente coisa de outro mundo.

Meu coração pula, acelera, tropeça, cai e levanta.

Nada pagaria o sentimento que atravessa por mim quando eu finalmente paro à beira do gramado. Esse estádio não está preparado e nem é para um jogo de Baseball. Em uma longa linha, que eu não conto a quantidade, meu subconsciente diz que tem vinte e dois jogadores ali, a quantidade perfeita de jogadores para uma partida de futebol americano. Uma faixa surge do meio deles e estica-se até cada uma das pontas. "Bem-vindo, Mario", é o que diz.

Eu não consigo acreditar no que estou vendo.

Os torcedores estão em silêncio desde o momento em que eu apareci com o papai. Um dos jogadores sai dali e caminha em nossa direção e eu não preciso ser a melhor das adivinhas para deduzir quem é. Simon tira o seu

capacete, mantendo sua expressão fechada, mas eu o conheço tão bem que sei que ele está prestes a abrir um sorriso. Ele se aproxima de nós sem tirar os olhos de mim e apenas o faz, quando se abaixa em frente ao papai e sorri de lado.

— E aí, treinador. Tudo pronto? — pergunta.

Meus olhos enchem-se de lágrimas e eu mal consigo respirar. Nada pagaria esse momento. Nenhuma atitude minha, nenhum gesto meu, nada, absolutamente nada nesse mundo me deixaria mostrar com ações ou palavras a preciosidade de tudo que Simon acabou de fazer pelo meu pai e até mesmo por mim. Cubro o meu rosto com as minhas mãos, envergonhada por estar chorando em frente milhares de pessoas. Me sinto estranha da cabeça aos pés, como se eu não merecesse Simon. Eu nunca fiz nada desse jeito para ele. Não é sobre um jogo de futebol e todas essas pessoas, é sobre o sentimento atrás de tudo isso. Ele estava certo. Simon é o que mais sente toda a nossa relação e isso faz eu me sentir a mulher mais sortuda desse mundo e a mais estúpida por não me esforçar para lhe dar mais.

— Eu estou pronto para o que quer que seja isso aqui — papai retruca, parecendo divertido e animado, algo que nesses dias ele não tem estado mesmo que Simon ficasse de cabeça para baixo.

— É essa atitude que eu estava esperando. Temos que chutar a bunda de Seth e Sculler e eu só vou conseguir fazer isso com você — Simon volta a falar. — Agora deixe-me falar com a sua filha, ela está uma pilha de emoções, cara.

Os dois dão risada e eu sou obrigada a fazer o mesmo. Cinco segundos mais tarde sinto os braços de Simon ao redor da minha cintura, enquanto seu capacete cai ao nosso lado. Ele leva uma das mãos até as minhas e me faz descobrir o meu rosto. Olhar dentro dos seus olhos castanhos claro é um desafio.

— Pare de chorar, babe. Você é a minha assistente nesse jogo, preciso da minha mulher equilibrada para me dar minha garrafa de água no momento certo. — Cada palavra sua tira um soluço de mim, enquanto eu me obrigo a parar de chorar pelo bem da minha imagem nacional. — Boa garota — provoca, sabendo que isso irrita a merda fora de mim. — Você está bem?

— Eu não sei... — sussurro.

— Apenas aproveite isso aqui comigo e com o seu pai. Eu levei muito trabalho para organizar esse momento e ele só vai sair da forma perfeita se você estiver conosco. Estamos combinados?

Enxugo minhas lágrimas e engulo o choro de uma vez por todas. Aceno positivamente para Simon, respirando fundo e abrindo um sorriso torto.

Ele é bom demais para mim.

Simon sela nossos lábios e a multidão o ovaciona. Sinto minhas bochechas esquentarem, envergonhada com tamanha exposição, mas nos braços de Simon eu me sinto segura, então eu não deixo que nada me incomode.

— Melhor você realmente chutar a bunda de Seth Sawyer, assim poderemos tirar sarro da cara dele juntos — brinco, afastando nossas bocas e ele sorri de volta.

— Um casal que tira sarro juntos, permanece juntos.

— Você está certo, babe. Vá fazer o seu trabalho.

— É melhor você torcer por mim do jeito que eu sempre imaginei — diz, enquanto eu passo minhas mãos por seu rosto.

— Como você sempre imaginou? — Simon aproxima o rosto e murmura ao pé do meu ouvido.

— Como a líder de torcida mais gostosa do mundo.

Solto uma gargalhada e o abraço forte, beijando-o por livre e espontânea vontade antes de me afastar completamente.

É hora do jogo.

Capítulo 45

Simon Wyatt

“O melhor dia de nossas vidas...”

COM MARIO EM MINHA VISÃO PERIFÉRICA E SPENCER LOGO ATRÁS DELE, DOU UM SORRISO LADINO, SENTINDO O MEU PEITO CHEIO DE AMOR. Eu amo o futebol, eu amo o meu trabalho, eu sonhei com tudo isso por muitos e muitos anos e essa é a minha casa. Mas, com Spencer e Mario aqui, duplica todo esse sentimento dentro de mim. Esse momento é especial. Vou dar o melhor de mim para fazer de tudo isso aqui o melhor jogo de futebol de todo o mundo. Mario merece por tudo que ele fez por mim. Mario merece por tudo que ele fez pela minha Cherry. Eu lhe devo muito e eu sei, isso é o mínimo que posso lhe oferecer, mas com toda certeza é o suficiente para ele.

O jogo vai começar.

Entro no círculo feito pelos meus colegas de time, olhando rapidamente e notando que Seth faz o mesmo do outro lado do campo.

Vai ser divertido.

— Isso aqui é um jogo de verdade — digo. — Assim como jogamos pela Liga Nacional e damos a nossa bunda a chute de nossos adversários, quero que façam tudo isso aqui, hoje. Somos um time e eu não posso vencer sem vocês, então eu preciso que deem o seu melhor e deixem tudo que puderem para esse show — pontuo, controlando a minha ansiedade. — Quero os meus interceptadores de olho em Seth e Sculler. Eles jogam juntos desde sempre. Meu cunhado tem um arremesso certeiro e Sculler é um dos maiores recebedores que eu conheço. Façam essa merda funcionar.

— Vamos chutar a bunda de todo mundo — Jonathan exclama e todos repetem o seu ato.

Começo a rir e junto-me a todos eles.

Assim que todos dispersam e entram em formação, adrenalina perpassa

todo o meu corpo e atíça cada um dos meus poros. Da minha posição, vejo o time adversário fazer o mesmo e logo Seth acena para mim, tão divertido quanto eu. Finalmente jogaremos um contra o outro.

Ao som do apito e início do primeiro período de quatro, Jonathan recua a bola diretamente em minhas mãos e a batalha finalmente começa.

Que vença o melhor.



EU PODERIA DIZER QUE O JOGO FOI UMA BATALHA DAQUELAS BEM RUINS. Porém, não me atreveria a classificar dessa forma estúpida o show que nós demos dentro do campo. Esse foi o melhor e mais disputado jogo de todos os tempos, o que tornou as coisas dez vezes mais divertidas. A cada pausa para um novo período, reuni o meu time ao redor de Mario e recebemos as suas indicações sobre o time de Seth e Sculler. Não tão surpreendentemente, Mario fez as melhores colocações e foi justamente por causa dele que conseguimos vantagem.

Por conta desse pé na frente e olhar de Mario, nós vencemos.

Esse é um dos dias mais felizes da minha vida.

Ao apito final, comemoramos tudo que tínhamos que comemorar. Agradei a cada um dos jogadores, tanto do meu time, quanto do time de Seth, por terem vindo fazer parte de tudo que eu planejei para Mario. Agradei o próprio Seth, uma vez que ele foi uma das peças chaves para fazer isso funcionar. Finalmente, de coração, sinto e posso dizer que superei todas as suas burradas com a minha irmã. Como diz Spencer, "não é mais meu negócio". Em briga de marido e mulher, não se mete a colher. Eu meti a minha e fodi a minha relação com Spencer anos atrás. Nada disso é mais o meu negócio. Nada que me separe de Spencer é algo que valha qualquer risco para mim.

“O passado fica no passado”, é exatamente isso que eu penso quando

vejo Kirsty cruzar seu caminho dentro do vestiário em minha direção.

Como ela entrou aqui?

Não faço nenhuma ideia.

Como ela vai sair daqui?

Bom, eu espero que seja pelo mesmo lugar que entrou, já que Spencer entra logo atrás dela com uma expressão de poucos amigos.

— Então é aqui que tem se escondido por todo esse tempo, Simon? — Kirsty atira, cruzando os braços em frente ao seu corpo.

— Escondido? — Solto uma risada, achando graça da sua atitude. — Eu não me escondi de nada e nem de ninguém, Kirsty. Estive o tempo todo onde eu disse que estaria da última vez que nos vimos. Você se lembra? — questiono cinicamente.

É claro que ela se lembra, afinal, foi quando eu acabei o nosso relacionamento de merda. Visto minha camiseta branca e passo a minha toalha pelo meu cabelo molhado. Fito Spencer, que me encara de olhos semicerrados.

Ela parece adorável.

Eu poderia fazê-la se sentir dessa forma o dia todo apenas para ter a visão de sua carranca, mas, pensando melhor, tanto ciúmes assim não faz bem para ninguém e eu não quero Spencer irritada comigo.

— Eu lembro, só não imaginava que você estava realmente falando sério — Kirsty diz, sorrindo amarelo. Ela se mexe inquieta, visivelmente querendo dizer mais. — Eu sinto sua falta.

Tenho a plena consciência de que em certos momentos eu sou um cara muito escroto. Por exemplo, em momentos como esses, que pessoas insignificantes para mim aparecem e falam que sentem a minha falta ou qualquer coisa desse tipo, me dá muita vontade de rir. Eu não sou conhecido por mentiras ou bajulação do ego do próximo, se esse próximo não for Spencer, então não há nenhuma chance nesse mundo de eu deixar a minha risada presa.

— É mesmo? — indago, rindo de sua cara cínica.

Que Deus me perdoe.

— Eu estou falando sério, Simon. Realmente sinto a sua falta. — Kirsty dá o primeiro passo em minha direção, mas quando ela faz isso, Spencer dá cinco a mais e toma a frente da situação.

— Eu também sinto falta do meu namorado. Eu sei como ele pode ser bom, às vezes e sei muito da falta que ele faz quando fica longe. Tipo, agora. — Spencer sorri para Kirsty, que está atônita com a presença súbita da minha mulher. — Foram apenas vinte minutos longe dele e eu já estou morrendo de saudade desse imbecil. Sinto como se pudéssemos transar aqui mesmo... — Ela vira e sorri para mim, tirando meu sorriso para si mesma. — Você vai ficar aqui? Sabe, para ver e tudo mais...

— Eu... — Kirsty começa a gaguejar e balbuciar qualquer coisa que vem à mente.

— Eu não me importo. Você se importa, babe?

Dou de ombros.

— Se você quiser, Cherry.

Em menos de cinco segundos Kirsty corre para fora do banheiro. Começo a rir, puxando Spencer para perto de mim e selando nossos lábios.

— Porra, babe, você sabe como aterrorizar alguém. Eu gostei daquilo — digo, encarando seus olhos esverdeados completamente irritados.

— Primeiro o ataque mental, depois o físico. Felizmente ela foi derrotada por minha inteligência da psicologia reversa, caso contrário, eu teria que partir para a agressão e tirá-la pela peruca.

— Peruca? — Franco o cenho.

— Sim. — Spencer revira os olhos. — Tenho certeza de que aquela mulher usa peruca. O cabelo dela não pode ser tão bonito assim.

Nós dois começamos a rir e paramos apenas quando ela me abraça forte pela cintura.

— Vamos sair? O pessoal já deve estar indo para o restaurante em que fiz todas as reservas para essa noite. Temos que comemorar tudo que pudermos até quando aguentarmos. — Beijo o topo de sua cabeça e Spencer

inclina o rosto para cima.

— Sim, eu vim atrás de você para isso. O papai está quase saindo pulando da cadeira de rodas. Ele continua repetindo que ele foi o melhor treinador e estrategista do jogo. Você sabe, coisas que o Senhor Marioalaria depois de ter o maior sonho realizado. — Ela sorri de lado, subindo uma das mãos pelo meu cabelo e enrolando-o em seu punho. Spencer puxa os fios levemente e eu dou uma risada de seu ato. — Você está comprando o meu pai de todas as formas. Fale agora ou cale-se para sempre, Simon. Qual o seu plano?

— Quando imaginei esse momento, pensei que seria eu a pedir a sua mão em casamento, não o contrário — provoco e ela bufa, como se eu estivesse ficando louco. — Eu não tenho nenhum plano. Estou apenas fazendo de tudo para te deixar feliz e deixar Mario feliz faz parte da sua e da minha felicidade. Vamos levar tudo com calma. Não precisa de pressa.

— Certo. — Balança a cabeça positivamente.

— Podemos ir agora? — pergunto uma última vez e Spencer acena positivamente com a cabeça.



ENCARO SPENCER E MARIO, AMBOS RINDO E SE DIVERTINDO DE FORMA QUE EU POSSO JURAR QUE NUNCA VI ANTES. Depois de deixarmos o estádio, fomos levados — com a minha família — para o restaurante que eu disse ter feito as reservas para essa noite. Talvez eu tenha mentido um pouco, mas não foi nada demais. Eu tinha plena consciência de que teríamos que fechar o restaurante apenas para nós, já que são quase cem pessoas convidadas, então foi isso que eu fiz. Dinheiro é um bom aliado quando se tem planos que dependem dele.

Com cinco chefs na casa, pedi que eles estivessem prontos para cozinhar o que qualquer um quisesse. Ainda bem que me lembrei disso, já

que Spencer apareceu com dois loucos pedidos na cabeça. Ela realmente quis comer Spaghetti à bolonhesa com sorvete de abacaxi em cima e, logo depois, pediu um hambúrguer só de bacon. Posso entendê-la no último pedido, mas onde já se viu misturar Spaghetti com molho de tomate, carne e sorvete?

Balanço minha cabeça negativamente, dando uma risada e virando minha cabeça a tempo de ver a minha irmã se aproximar de mim com uma mão em cima da barriga e outra nas costas.

Mesmo com o cabelo bagunçado, ela parece linda. Pearl é muito bonita. Ela tem essa luz ao redor do seu corpo que, aliado ao seu sorriso, faz qualquer homem se curvar para ela. Admito, eu sou um dos que me curvo para ela, eu sempre fui. A sorte é que Pearl não sabe, mas, se ela me pedisse qualquer coisa, eu faria no mesmo instante. Mostro o que eu sinto de uma forma estranha, até mesmo irritante, mas eu amo a minha irmã. Amo pra caralho.

— Ei! — exclama, animada como sempre. Ela senta ao meu lado e sorri abertamente. — E então? — pergunta, balançando as sobrancelhas grossas e bem feitas para cima e para baixo.

— E então o quê? — Dou uma risada, confuso.

— Você está satisfeito? Feliz? Tudo saiu como você planejou para Mario...

— Eu provavelmente nunca estive tão feliz em toda a minha vida. — Pearl traz uma das mãos até meu ombro e segura uma mecha do meu cabelo, fitando-me atentamente. — Mario e Spencer estão muito felizes e isso é o suficiente para mim. — Aponto com a minha cabeça para os dois, que estão do outro lado da nossa mesa, rindo e conversando sem parar. — Eu nunca o vi tão radiante assim. Desde o primeiro momento, quando o reencontrei, Mario já estava com o semblante cansado e doente. Ele parece diferente agora, parece com “luz”.

— Eu vejo isso — Pearl sussurra de volta. — Foi incrível, Simon. Nunca vi nada parecido com o que você fez hoje e eu estou tão orgulhosa de todas as suas atitudes. — Nós dois nos encaramos. Os olhos da minha irmã estão marejados e eu sei que são os hormônios da gravidez falando mais alto. — Você me enche de orgulho. — Sua mão pousa em cima da minha

bochecha esquerda e ela esfrega os dedos lentamente por ali. — Você enche a nossa família de orgulho e eu tenho muita sorte de ter um irmão tão bom como você.

Engulo a seco, assentindo com a cabeça sem saber o que devo fazer.

— Você também me enche de orgulho — retruco, colocando minha mão em cima de sua barriga inchada de grávida e sorrindo de lado para descontrair esse momento estranho. — É o segundo bebê, Pearl. Isso é mais do que eu esperaria de você.

Pearl gargalha e se inclina abruptamente para me abraçar apertado. Retribuo o abraço com cuidado para não a machucar e recebo seu beijo na bochecha quando ela se afasta.

— Um dia você também vai fazer um grande feito como esse — diz, sentando-se outra vez.

— O quê? Ficar grávido? — Arqueio a sobrancelha e ela revira os olhos.

— Não, Simon. Ser pai. Se tem uma pessoa que está pronta para isso, essa pessoa é e sempre foi você.

— Você acha que eu vou ser um bom pai? — pergunto, com incerteza socando na boca do meu estômago.

— Eu tenho convicção disso e devo dizer que estou louca para ser tia. — Pearl pisca para mim e nós dois rimos.

— Spencer não quer um bebê agora e provavelmente, nem tão cedo. Eu a respeito, afinal, o corpo que vai mudar é o dela, mas confesso que a minha maior vontade nesse momento era de ter um filho com ela. Dar um neto para Mario antes que o seu tempo chegue. Eu não sei, pelo menos se ele tivesse a notícia antes de par...

— Não vamos falar sobre isso — Pearl pede, respirando profundamente. — Eu ainda tenho a esperança de que Mario se recupere, ainda mais por ele estar tão radiante hoje. Não vamos perder a fé, por favor.

Aceno positivamente, mesmo que a minha mente diga que "não". Contudo, olhando para Mario nesse exato momento, tenho sim a esperança de

que ele possa estar melhorando.

Fé precisa ser a palavra do momento.

Por Mario

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

O meu último suspiro foi intenso e, antes de cair no esquecimento e alívio de não ter mais que sofrer dores por todo o meu corpo, soube que a minha filha não estaria mais sozinha.

Agora, o que resta é que ela perceba isso.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

Minha vida foi incrível e agora eu estou indo de volta para os braços da minha amada esposa.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

Com o vento fresco frio de Long Beach beijando a minha pele envelhecida pelo tempo e desgastada pela doença, inclino minha cabeça para cima e fito Simon, a pessoa que eu mais tenho apreço nessa Terra depois da minha Spencer.

Ele é um bom homem.

Ele vai ser o melhor para ela.

Eles suportarão tudo isso, eu sei que sim.

Eu me sinto pronto para parar de sentir dor.

Eu me sinto pronto para partir.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

Capítulo 46

Simon Wyatt

“Caída...”

CINCO DIAS.

Esse foi o espaço de tempo entre o ápice de felicidade e o fundo do vale de escuridão, medo, dor e desespero. Quando o dia amanheceu hoje, eu não fazia ideia de que seria tão escuro quanto as nuvens carregadas acima de nós.

Logo cedo, me sentei no sofá, piscando copiosamente ao ver Mario se aproximar de mim em sua cadeira de rodas como um fantasma. Ele veio devagar, maneando a sua locomoção no guia com uma mão e levando a outra com um lenço até a sua boca, enquanto tossia sem parar. Faz dias desde o jogo de futebol onde tudo foi um mar de rosas para todos nós. Não posso falar pelos outros, mas, sem dúvidas, aquele dia está no top 5 de melhores dias da minha vida. Na manhã seguinte à tarde do jogo, Mario me agradeceu por tudo, ainda radiante como nunca, mas as coisas não seguiram esse rumo depois de um par de dias.

Hoje ele está assim: cansado, doente, fraco, franzino.

Saí para caminhar e, como sempre, Mario me acompanhou. Empurrei a cadeira dele por dois quarteirões e planejava empurrar por mais alguns pares de quarteirões antes de voltarmos, mas não foi bem isso que aconteceu.

Ele entrou em puro e cru colapso.

Mario murmurava consigo mesmo em um segundo e no próximo estava tremendo.

Eu nunca vi algo tão assustador em toda minha vida.

Baba começou a sair por sua boca e seus olhos começaram a virar, ao mesmo tempo que percebi que sua língua enrolava de forma agonizante. Ele parecia tentar respirar e algo me levou a arrancar minha camisa do corpo, enrolar a barra no meu indicador e enfiar dentro de sua boca.

Foi tudo muito rápido, chocante.

Enquanto tentava ajudar Mario, eu gritava para as pessoas chamarem uma ambulância e fomos socorridos pelos desconhecidos que passavam por ali. Porém, não esperei por uma ambulância. Um homem com uma mulher, provavelmente sua esposa, nos levaram para o hospital.

Nada mais passava em minha mente.

Mario estava morrendo em meus braços. Ele não parava de tremer e babar. Seus dentes fechavam em torno do meu indicador, mas eu não o retirei de sua boca, caso contrário ele sufocaria por completo.

O mais cedo que chegamos ao hospital, socorristas vieram ao nosso encontro. Mario foi colocado em uma maca, convulsionando em cima da mesma e desde então eu não tenho notícia dele. Quero dizer, nós não temos. Meu celular, que esteve por todo momento no bolso da minha bermuda, começou a tocar por volta de uma hora mais tarde. Era Spencer. Eu não poderia dar essa notícia por telefone para ela, então recusei a sua chamada e liguei imediatamente para a minha irmã. Quem atendeu foi Seth, como sempre, mas foi melhor assim. Expliquei o que havia acontecido e pedi para ele ir com Pearl até meu apartamento e trazerem a minha Cherry para o hospital.

Assim foi feito e aqui estamos nós.

Spencer está abraçada em mim desde o momento em que ela entrou na sala de espera e me agarrou com força, desabando em meus braços entre soluços compulsivos. Sua dor finca-se em meus ossos e eu desejo ter o poder de conseguir tirá-la de tamanha agonia, de fazê-la se sentir melhor e livre de todos os pensamentos ruins. Infelizmente, não consigo fazer ela se sentir mais leve, até por que o momento não oferece isso para nenhum de nós dois. Estou tentando ao máximo não quebrar, pois eu preciso estar nesse momento para Spencer.

Dois meses e uma semana se passaram desde o dia em que o doutor me disse sobre o tempo limitado de vida de Mario. Tivemos uma semana a mais e agora eu sinto a dor de desejar ter mais tempo com ele, mas é impossível. A vida torna isso impossível, o destino torna isso impossível e o mais importante de todos: o fodido câncer torna isso impossível.

Meu coração está espancando meu peito.

Spencer não para de soluçar.

Inferno.

Isso está me partindo em dois.

— Babe, por favor... — sussurro ao pé do seu ouvido.

As lágrimas de Spencer não pararam de banhar meu ombro por nem mesmo um segundo desde que ela congelou nessa posição.

— Diga... para mim... que ele... vai... ficar bem... — Sua voz rouca e entrecortada dilacera meu coração.

Eu não posso dizer isso porque eu sei o que está vindo em nossa direção. Não é bom, mas eu não posso mais mentir para a minha mulher.

— Sinto muito, babe. — Deslizo minhas mãos até seu rosto e ela o afasta do meu ombro. Spencer está quebrando diante dos meus olhos e eu sinto que não posso fazer nada para ajudá-la. — Mario está lutando pela vida dele e eu sei que ele não vai nos desapontar e partir sem dizer um mísero adeus...

— Ele não pode morrer, Simon — continua, em meio uma avalanche de sentimentos ruins que a pisoteiam duramente.

— Eu não posso lhe prometer algo fora do controle, Cherry. Espero que isso seja apenas um susto e, se não for, eu desejo com todo meu coração poder pacificar essa tempestade forte que está dentro de você. Se eu pudesse, tomaria sua dor para mim.

— Mas você não pode... — Seus olhos verdes fecham e abrem, derramando lágrimas sobre o rosto mais bonito que já vi. — Dói muito, babe. Eu não sei se...

Spencer fecha os olhos mais uma vez, esticando o pescoço e esforçando-se para segurar seu choro. A força que ela faz é insana. Eu consigo ver o quão machucada ela está ficando. As feridas estão abrindo sob sua pele e devastando sua alma e sua esperança. Retiro o que disse quando vi Mario se contorcendo e sem consciência em sua cadeira de rodas, beirando a morte. Isso aqui, a minha Cherry afundando, é a coisa mais assustadora que

eu já presenciei.

Seguro seu rosto com avidez e deixo meus lábios caírem em cima dos dela. De primeira, ela não reage ao meu beijo. Spencer continua em sua agonia, que causa a minha de forma instantânea. Passados longos segundos, ela finalmente corresponde a minha tentativa de sanar seu desespero. As batidas do meu coração revestem a ponta dos meus lábios, fazendo-me ter a certeza de que de todos os beijos que nós dois já trocamos, nenhum teve tanto significado quanto esse. É tão calmo, tão preciso, tão doloroso de continuar seu percurso, mas essa é a dor que eu escolho sentir. Isso torna tudo único, mesmo que seja quase insuportável.

Com as mãos trêmulas, Spencer agarra meu cabelo, puxando o mesmo como forma de me manter mais perto. Não me importo se estamos causando uma cena na sala de espera, eu nunca me importei em causar uma cena em qualquer lugar. Seus lábios partem e nossas línguas esbarram, tornando o beijo mais lento do que antes. Pelo menos nesse momento não há desespero. Eu respiro Spencer da forma que sempre desejei ter a chance de fazer. Ela é fora do normal e do convencional. De alguma forma, saber que ela se denomina minha, me conforta. Eu vou ser quem vai estar ao seu lado e quem vai ajudá-la a voltar aos trilhos. Temo não ser o suficiente ou falhar, mas não será por falta de tentativa.

Separo nossas bocas quando o ar é necessário para ambos.

— Você precisa ficar calma — enuncio, tentando fazer com que ela assimile as palavras que lhe digo. — Estou com você e ficarei com você sem nem mesmo me pedir. Eu estou aqui para te segurar e eu vou fazer isso. — Spencer abre olhos e me fita intensamente. — Você está me entendendo?

— Sim...

Sua cabeça cai sobre meu ombro mais uma vez, mas agora Spencer não derrama nenhuma lágrima. Ela se acalma e, tranquilamente, entrelaça os dedos nos meus e puxa minha mão até seus lábios, depositando um beijo no dorso e pegando-me desprevenido com seu gesto de gratidão.

Os minutos que passamos dessa forma, nessa posição, são preciosos. Afago a cintura de Spencer, enquanto sonolentemente ela brinca com nossos dedões juntos. Quase não tiro os meus olhos dela e isso só acontece quando

meus pais chegam ao hospital. Minha mãe tem uma mochila nos braços, enquanto meu pai a abraça pelos ombros.

— Sua mãe está aqui... — Spencer sussurra.

— Sim, babe. Quer falar um pouco com ela?

Ela inclina o rosto para mim e sorri, triste.

— Não, eu quero que você fale com ela.

— Não vou deixar você sozinha para ir falar com ela, Spencer.

— Por favor... eu quero ficar um pouco com Pearl... — pede.

Respiro fundo, completamente contrariado, mas acabo concordando. Ela se levanta de cima de mim e eu faço o mesmo. Meus pais se aproximam de nós e, antes que Spencer escape, os dois a envolvem em um abraço sem dizer nenhuma palavra. Quando o abraço chega ao seu fim, minha namorada se afasta e sorri triste mais uma vez.

A cada sorriso triste que Spencer dá, sinto como se alguém tivesse segurando meu coração na mão e apertando com brutalidade.

Minha mãe vem em minha direção e me abraça com força pela cintura. Não mais sem jeito, devolvo seu abraço, pois ele tem o poder de me fazer sentir algo bom no momento, como, por exemplo: o seu amor.

— Eu espero que você e Spencer estejam bem — sussurra, afastando o rosto do meu peito e me fitando. — Eu trouxe roupas para você se trocar. Sua irmã me disse o que você estava usando, então achei melhor...

— Obrigado, mãe — interrompo seu discurso e inclino-me para beijar sua bochecha. — Realmente, obrigado.

Seus olhos brilham e ela empurra a mochila em minha direção.

— Vá se trocar, enquanto compro café para nós... — diz, puxando-me pelo braço e retribuindo o beijo que lhe dei. — Eu amo você, filho. — Sua voz torna-se embargada, como se ela estivesse prestes a chorar.

Passo por meu pai e paro para lhe dar um abraço. Recebo dois tapinhas nas costas antes de seguir o caminho até o banheiro, o que não demora para acontecer. De longe eu vejo o olhar de Spencer e da minha irmã colado em

mim e no que acabou de acontecer, mas isso não me surpreende. É claro que elas estariam olhando.

Viro e entro em outro corredor, achando o banheiro masculino e entrando no mesmo. No momento em que entro em uma das poucas cabines por ali, chuto meu tênis de corrida para fora dos pés e começo a me trocar. Não sei onde minha mãe achou essas roupas, mas são do meu exato tamanho. O jeans parece com um dos meus e a camisa branca cai perfeitamente no meu corpo. Enfio meu short de corrida dentro da mochila e fecho a mesma, sentando-me na tampa do vaso sanitário e voltando a me calçar com meu tênis de corrida.

Deixo a cabine com a mochila sobre meu ombro e vou até a pia. Abro a torneira, aproveitando para passar um pouco de água no meu rosto antes de voltar para a sala de espera.

Sei que devo mudar minha atitude com meus pais, mas às vezes é difícil pensar e fazer isso, tudo ao mesmo tempo. Tenho a mania de me machucar ou ficar irritado rápido demais. Qualquer palavra ou atitude errada vindo de pessoas que eu amo, acabam me ofendendo. E foi isso que aconteceu entre meus pais e eu. Prefiro deixar isso guardado em mim por ora, eu não quero ficar me lembrando de nada que me deixe instável.

Depois de esfregar o meu rosto e lavar as mãos, enxugo-os e volto para a sala de espera. Quando chego, deparo-me com Spencer abraçada em Pearl. Minha irmã está sussurrando algumas palavras para ela, como eu posso perceber de longe, então eu não me atrevo a atrapalhá-las. Encontro minha mãe me esperando com dois copos na mão e vou até ela.

— Puro e forte, do jeito que você gosta — informa ao me entregar o copo branco.

— Obrigado — agradeço-lhe, caindo na cadeira livre ao seu lado esquerdo, já que meu pai ocupa a do lado direito.

Levo o copo até minha boca e tomo um gole do líquido escuro. Não está tão quente, então felizmente eu não queimo toda a minha boca. De soslaio, observo minha mãe bebericar seu café, enquanto me fita nada discreta. Finjo que não percebo o que ela está fazendo e a espero falar, o que não demora a acontecer, exatamente como eu previa.

— Mario estava muito ruim? O que realmente aconteceu? — indaga.

— Eu estava caminhando e levando-o comigo para tomar um ar, então ele... ele entrou em colapso. Eu não sei ao certo, parecia que Mario estava convulsionando. O mais rápido que consegui ajuda de um casal, chegamos ao hospital e ele foi levado para a emergência.

— Você tem alguma ideia do que pode ter acontecido? — continua.

Bebo outro longo gole e aceno positivamente.

— Ele está morrendo. — Por mais cruel que seja, essa é a verdade. — Mario reclamou para mim sobre dores nas últimas semanas, tentei convencê-lo a vir para o hospital, mas nada funcionou. O doutor que está cuidando do seu caso nos disse dois meses atrás que o tempo de vida dele era curto. E aqui estamos: o tempo de Mario está chegando ao fim. Câncer provavelmente tomou conta de todo ele. — Sinto um leve tremor tomar conta das minhas mãos, pois isso é agonizante de jogar para fora.

— Spencer sabe disso? — Fito minha mãe, encarando seus olhos marejados.

— Não, Mario preferiu que ela não ficasse sabendo. Ela estava cheia de preocupação e ele queria apenas passar seus últimos dias em paz com a filha. Eu o entendo, mas, por mais que a vida seja esse sopro, ora longo, ora curto, é revoltante ver uma pessoa tão nova ir tão cedo. Mario ainda tinha tanto para viver...

— Nossos planos nem sempre são os melhores. Mario perdeu a mulher para essa doença. A doença que os separou, agora está levando-os a ficarem juntos outra vez. — Ela coloca a mão em cima do meu ombro.

— Isso soa mórbido e feio.

— Sim, pode até ser, mas eu não acredito em acaso. Tudo tem um propósito. — Minha mãe toca a ponta do meu cabelo, enrolando uma mecha em seu indicador fino.

— Uma aposta me separou de Spencer... e uma aposta está nos juntando, só que em vida. — Divago.

— Uma aposta? — meu pai pergunta.

— Longa história que não merece nosso tempo — resmungo, pigarreando em seguida ao ver Spencer se aproximar de nós em passos lentos.

— Vou conversar um pouco com a sua irmã. Qualquer coisa que precisarem, é só me chamar — minha mãe diz, antes de se levantar e levar meu pai consigo.

Spencer finalmente para em minha frente e eu a puxo para o meu colo. Ela senta em cima das minhas pernas e fica ali, quieta.

— Você quer um pouco de café? — pergunto, empurrando meu copo em sua direção.

— Não. — Torce o nariz, fazendo cara feia e empurrando minha mão para longe. — Esse cheiro é enjoativo.

— Quer comer alguma coisa?

— Não, Simon, quero ficar aqui com você. Só isso. Por favor.

— Não precisa falar duas vezes — retruco, deixando meu copo de lado e abraçando-a com força pela cintura.

Respiro fundo, sentindo o cheiro do cabelo úmido de Spencer.

Ela sempre cheira bem.

— Você está com medo? — pergunta, segurando minha mão.

— Sim — confesso.

— Eu estou definhando de medo...

Beijo o topo de sua cabeça, apertando-a mais forte.

— Descanse um pouco — peço, pois essa é a única coisa que vai tirar a cabeça de Spencer da realidade nesse momento.



PERTO DAS CINCO HORAS DA TARDE, FINALMENTE AVISTAMOS A SEGUNDA PESSOA MAIS ESPERADA DO MOMENTO. Durante todo esse tempo, Spencer cochilou duas vezes e deu algumas mordidas em um sanduíche que comprei para ela. No instante em que ela está quase adormecendo pela terceira vez, o doutor aparece. Sua feição não é nada boa, mas isso já era esperado por mim. Spencer pula do meu colo e eu a sigo, segurando sua mão ao pararmos em frente ao homem de jaleco tão branco quanto o piso e as paredes desse lugar aterrorizante.

— Como ele está, doutor? — Spencer atira sem nem mesmo esperá-lo abrir a boca.

Ele levanta o olhar da sua prancheta de sempre e limpa a garganta com um pigarro.

— Mario está inconsciente, Srta. Carter. O quadro que ele apresenta é grave, muito mais grave do que o quadro que ele apresentou dois meses atrás. Infelizmente o corpo do seu pai está tomado por câncer e esse foi um dos motivos agravantes e que piorou a situação dele essa manhã. É muita generosidade falar que ele apenas passou mal, eu admito. O que aconteceu mais cedo foi ruim. O cérebro foi atingido e o sistema nervoso também. O que ocorreu, de fato, foi um acidente vascular cerebral, ou derrame cerebral, que acontece quando há entupimento ou o rompimento dos vasos que levam sangue ao cérebro provocando a paralisia da área cerebral que ficou sem circulação sanguínea adequada. Não foram convulsões, foi algo mais sério. — Antes que Spencer chegue ao chão, solto a sua mão e agarro o seu corpo com força. — Eu sinto muito, Srta. Carter. Seu pai não recobrá os sentidos e agora ele está respirando apenas por aparelhos.

Spencer explode em choro.

Ela esperneia e se debate contra mim.

Seu choro destroça os meus ouvidos.

Seus golpes em meu corpo fazem toda a força que eu estava tentando canalizar para nos manter de pé, esvair. Eu não sei para onde vai tudo que eu guardei para nos sustentar. Eu não sei como vou conseguir lidar com a minha dor e a dor da minha Cherry.

Nós caímos no chão e nos abraçamos ali mesmo, sem ninguém se

atrever a fazer nenhum movimento em nossa direção.

Lágrimas descem por minhas bochechas, mas isso não alivia nada do que está acontecendo. Tudo que eu consigo escutar são os soluços de Spencer misturados com meus batimentos cardíacos.

Se pelo menos a vida fosse justa...

Se pelo menos pudéssemos mudar o percurso das coisas...

Minhas mãos tremem, enquanto tento tomar a atenção de Spencer para mim ao segurar o seu rosto. Ela reluta e luta como nunca vi antes. A angústia que nos cerca faz todos que passam por ali, nos olharem com pura consternação. É um purgatório na Terra para a minha Cherry. A tortura pela qual ela está passando ao perder sua mãe e seu pai para a mesma maldita doença me faz amaldiçoar o precioso nome do criador desta porra de Terra.

Por que Ele insiste em fazê-la sofrer tanto assim?

Não foi o suficiente?

Por que ela precisa passar por tanta tribulação?

Seu coração está fragmentado, fraturado, despedaçado, partido.

Meu coração não se encontra de modo diferente.

Compartilhamos a mesma dor, obviamente, ela mais do que eu.

— Não o meu pai, por favor! — Spencer grita.

— Babe, por...

— Simon, faça ele voltar! — continua, segurando o meu rosto desesperadamente.

— Impossível...

Spencer desliza as mãos e me acerta impiedosamente no peito. Eu não a impeço. Ela precisa disso e, talvez, eu também precise.

— Ele está nos... está nos... nos deixando... e não... n-não vai se despedir, Simon — Spencer não para de gritar.

Ela está inconsolável.

Seguro os seus punhos, amassando seu corpo contra o meu. Forço um

abraço entre nós dois, xingando com todos os palavrões existentes e inexistentes.

Eu não sei como lidar com isso.

Seus gemidos e grunhidos de dor continuam, enquanto eu beijo o topo de sua cabeça. Tento acalmá-la, mas eu sei que isso não está funcionando da forma que eu desejo. Ninguém teria tamanha capacidade de acalmar Spencer, se não Mario.

Os minutos passam dolorosamente devagar até que Spencer controle o seu choro. Posso jurar que vou escutar o barulho de sua dor quando fechar os olhos para tentar dormir ou apenas descansar. Nada nunca foi tão assustador para mim como esse momento.

— Você quer vê-lo, Srta. Carter? — o doutor pergunta, deixando-nos saber que ele não saiu do seu lugar em nenhum momento.

Afrouxo os braços ao redor do corpo de Spencer e ela respira fundo, passando suas mãos pelo rosto e levantando a face para me encarar.

— Nós podem... podemos? — gagueja, olhando do doutor para mim e vice-versa.

Ele parece ponderar a pergunta, talvez por que não possa entrar duas pessoas ao mesmo tempo, mas no final de tudo ele acena positivamente. Eu não tenho coragem de negar isso para Spencer, por mais que eu esteja morrendo de medo do que estamos indo ver. Meu coração acelera como um louco quando me coloco de pé e ofereço ajuda para Spencer se levantar. Assim que ela se firma em suas pernas, entrelaço nossos dedos e aperto nossas mãos juntas.

O doutor acena com a cabeça, indicando para que nós o sigamos e é exatamente a iniciativa que eu tomo, já que Spencer parece fincada no chão. Ela começa a andar ao meu lado, seus passos incertos e devagar.

Não sei de onde estou tirando tanta força para continuar de pé. Posso parecer um garoto por pensar isso, mas gostaria apenas de sentar no canto de uma sala e chorar até que os problemas desapareçam. Eu nunca pensei que algum dia ficaria tão vulnerável às ciladas da vida. Eu nunca pensei que, mesmo sabendo que esse dia chegaria, a dor fosse tão insuportável assim. Eu

nunca pensei que desejaria voltar aos meus cinco anos de idade, para fingir alguma dor e dormir ao lado da minha irmã, abraçados.

A cada passo que damos pelos corredores assustadores de paredes e chão branco, penso em sair correndo para fora desse lugar. Maneando minha cabeça para o lado, fito Spencer, que parece ainda mais perdida do que eu, lembro-me que ela é quem mais precisa de mim, então engulo metade da minha dor para deixá-la saber que fugir nunca será uma opção para mim quando se trata de nós dois.

O doutor para em frente a uma porta branca e abre a mesma, dando-nos espaço para entrar.

— Eu estarei aqui fora. Qualquer coisa, há um controle em cima da mesa de cabeceira. Aperte o botão vermelho e chegaremos em segundos.

Eu escuto, mas não assimilo as duas palavras, já que Spencer me puxa para dentro do quarto e o homem atrás de nós fecha a porta.

A minha visão embaça de forma estúpida no instante em que coloco os olhos em cima de Mario. Spencer solta a minha mão e eu continuo parado como uma estátua quebrada, sustentada por apenas um dos pés e pronta para cair ao simples sopro do ar. Observo a minha Cherry se aproximar apressada do seu pai, caindo na beira da cama e abraçando-o pela cintura.

A minha respiração fica tão difícil de controlar, que eu engasgo em minhas lágrimas e soluços.

Mario está entubado. Vários fios estão ligados ao seu corpo franzino e magro. Se pela manhã ele já parecia franzino e abatido, agora eu mal consigo reconhecer o homem que me fez abrir os olhos para a preciosidade da vida.

Eu não reconheço o meu melhor amigo.

Eu não disse tudo que deveria ter dito a ele e talvez seja tarde demais para isso.

— Pai... — Spencer sussurra entre um soluço e outro. — Papai... — Eu não consigo vê-la tão destruída assim. — Pai, p-por favor...

Me aproximo de Spencer, tomando lugar do outro lado da cama e inclinando-me para fitá-la de perto. Os seus olhos estão espremidos, deixando

apenas que as lágrimas escapem com dificuldade deles. Planto uma das minhas mãos em cima da dela e Spencer abre os olhos devagar, olhando-me como quem pede para eu dar um jeito na situação.

É impossível.

Nossos barulhos se misturam apenas com o som frequente e espaçoso dos batimentos de Mario.

— Babe, você precisa... — Recolho toda a minha força e limpo a garganta em um pigarro. — Você precisa se despedir do seu pai.

Fazer isso foi mais difícil do que eu pensei.

— Não, Simon — sussurra, relutante. — Ele e-está vivo. — Ela sorri, levantando o seu corpo e eu faço o mesmo. Spencer segura o corpo de Mario e começa a balançá-lo. — Pai, por favor, pai, mostra para o Simon que isso... que isso é apenas uma brincadeira... igual àquela que você fez com as crianças lá no apartamento — pede, sorrindo em meio a lágrimas. Dou a volta na cama e posiciono-me atrás de Spencer. Tento tirar as suas mãos de cima de Mario, mas ela solta apenas para me empurrar para longe. — Ele está vivo! — grita, virando para mim. — Ele está vivo, não diga para eu me despedir de uma pessoa que está viva! — continua e eu balanço a cabeça negativamente.

— Ele está vivo, Cherry, mas, por favor, entenda que talvez essa seja última vez que ele possa realmente nos escutar. — Seguro seu rosto ao me aproximar outra vez dela. — Por favor, babe... não deixe essa chance passar. Mario está vivo e ele precisa te escutar — completo.

Spencer respira profundamente e me abraça de forma inesperada. Ela chora e me aperta com força, sussurrando coisas que eu mal consigo escutar. Afago o seu cabelo levemente, um pouco mais controlado comigo mesmo e tentando passar isso para ela.

— Eu não quero me despedir — ela confessa com a voz embargada.

Spencer nunca esteve tão instável em toda a sua vida, eu posso sentir.

— Nem eu, mas precisamos fazer isso. Eu confio em você para fazer o que tem que ser feito. Tenho certeza que Mario também confia em você e ele mal pode esperar para escutar sua voz bonita, Cherry. — Esfrego meus dedos

sobre suas bochechas, enxugando as suas lágrimas com cuidado e fitando os seus olhos com reconhecimento de sua dor.

Ela se afasta de mim de forma devagar, como se estivéssemos em uma cena de filme onde o movimento usado é da câmera lenta. Spencer consegue ficar em cima da cama, de joelhos, praticamente reproduzindo a foto que Mario mostrou-me dela com sua mãe.

Ela parece tão pequena e frágil. Destroçada, exatamente como a garotinha que perdeu a mãe e fora deixada apenas com o pai. A diferença é que Spencer está comigo dessa vez. Eu não faço a mínima ideia se o nosso amor é capaz de suportar tamanho choque de realidade. Eu não sei se Spencer é capaz de suportar isso tudo.

— Pai... — sussurra, como se Mario estive ali, nos fitando de volta e acenando com sua cabeça para que sua filha continue a falar. Coloco-me atrás de Spencer e deixo minhas mãos sobre os seus ombros, pronto para lhe dar apoio. — Eu sei que você deve estar sofrendo muito, com muita dor e agonia por conta do câncer. Eu sei, pois estivemos juntos nessa por tanto tempo, apenas eu e você. Contudo, mesmo sabendo disso, eu não posso deixar de ser egoísta e te pedir para ficar aqui, para ficar comigo. — Remexo minhas mãos em seus ombros, tentando relaxá-la um pouco. — Quando a mamãe nos deixou, você prometeu que nunca faria o mesmo comigo. Eu e você, pai, lembra? Como eu vou seguir em frente sem te ter ao meu lado? Como eu vou preencher o buraco que está se abrindo em meu peito com a sua partida? — Spencer soluça, enquanto os batimentos cardíacos de Mario começam a acelerar em resposta. — Eu não posso, pai. Eu não consigo sem você, eu nunca vou conseguir. Por favor...

— Babe... — murmuro.

Os batimentos de Mario continuam na subida constante.

— Eu sinto muito se eu não sou forte o suficiente para superar isso, mas eu sou uma estúpida humana de carne e osso, com as mesmas dificuldades e egoísmos que todos têm. Você pode ir, pai, mas eu não... eu não vou conseguir continuar de verdade depois disso.

Dita a última palavra, o doutor entra no quarto com mais cinco outras pessoas.

— Preciso que saiam do quarto, agora — sentencia em um piscar de olhos.

Os batimentos de Mario soam descompassados por todo o quarto, deixando-me alarmado do que pode estar acontecendo. Puxo Spencer pela cintura, ela não esboçando mais nenhuma relutância e saímos do quarto antes de ver qualquer procedimento que eles estejam tomando.

Eu não sei.

Provavelmente esse é o fim de Mario.



QUANTO MAIS OS SEGUNDOS PASSAM, MENOS EU SEI O QUE FALAR.

Depois que eu tirei Spencer do quarto e os médicos tomaram conta da situação, o doutor de Mario voltou cerca de duas horas mais tarde para dizer que tudo estava sob controle outra vez, porém, ele disse mais: “Mario não passará dessa semana”. Eu e Spencer não falamos mais nada e todos repetiram nosso ato.

Não há o que falar.

Palavras nunca seriam suficiente para descrever nada do que estamos passando.

Spencer me abraçou forte naquele momento e só nos soltamos quando fomos liberados novamente para voltar ao quarto de Mario. Estamos em seu quarto há pelo menos cinco horas. Sentei na poltrona ao lado da sua cama e trouxe Spencer para o meu colo e assim passamos as últimas horas: calados, juntos, quebrados, encarando Mario praticamente sem piscar.

Duas batidas soam através da porta e minha irmã abre, entrando e fechando a porta. Ela nos fita triste e se aproxima de nós dois.

— Se vocês quiserem sair um pouco, eu e Seth nos oferecemos para

ficar aqui com Mario — sussurra, doce como sempre.

Fito Spencer, que continua calada e beijo o seu maxilar.

— Eu vou ficar — afirmo. — Leve Spencer com você. Ela precisa descansar um pouco.

— Eu não preciso — Spencer retruca.

Seguro o rosto dela, forçando-a a me encarar.

— Você precisa. Não vamos discutir sobre isso. Por favor, descanse por mim, por Mario e por si mesma, Cherry. Essa é a única coisa que eu te peço. — Esfrego meus dedos sobre a pele avermelhada de suas bochechas magras. — Eu estarei aqui por nós dois e vou cuidar dele como vim cuidando desde que se tornaram a minha família. Por favor, babe.

Ela parece estar dividida entre dizer “sim” ou “não”.

— Tudo bem... Eu vou descansar um pouco.

Respiro aliviado e assinto, selando nossos lábios rapidamente e deixando-a se levantar do meu colo. Spencer lança um último olhar em direção a Mario, recebendo o abraço da minha irmã e saindo do quarto com ela.

Abaixo minha cabeça entre as mãos e deixo-me relaxar por apenas alguns instantes. O barulho espaçado dos batimentos de Mario ainda me assusta e me lembra que essa é a minha chance. Ele está indo embora agora, não daqui uma semana. A melhor coisa que Pearl poderia ter feito por mim, ela fez, que foi me ajudar a tirar Spencer desse quarto.

Essa é a hora.

Levanto-me e paro ao lado da cama de Mario, colocando a minha mão em cima da dele.

As lágrimas ameaçam escapar dos meus olhos, mas eu seguro a vontade de chorar e prossigo com o que devo fazer.

— Mario... — resmungo, minha voz saindo mais fraca do que eu pensei que sairia. Sento-me na beirada da cama, fitando o seu corpo inerte em minha frente. — Eu não sei se você pode me escutar e eu acho que, provavelmente, você não pode, mas de qualquer forma eu preciso te dizer algumas coisas. —

Puxo o ar pesado com força.

Deixo que alguns segundos passem para que eu possa retomar ao controle das coisas.

— Eu nunca fui bom com essas coisas de sentimentos, você sabe, cara. Sempre fui reservado e, às vezes, quase frio. Contudo, eu sei que você está partindo e eu não posso deixar de expressar a minha gratidão por ter me ajudado a ser realmente um homem desde o primeiro momento. — Pigarreio. — Gratidão é a palavra. Gratidão por ter sido o cara incrível que criou a mulher que tem o meu coração nas mãos, gratidão por ter torcido por mim, gratidão por ter me dado a chance de te ajudar o quanto eu pude, gratidão por ter me feito rir e gratidão por ter rido comigo. Gratidão, Mario, gratidão por ter sido o melhor amigo que eu nunca tive. Poucas pessoas conseguiram fazer isso comigo, Mario e você conseguiu. Você me cativou e eu amo você por isso, amigo. — Uma lágrima cai sem minha permissão. — Muito obrigada por todos os momentos que escolheu compartilhar comigo. Muito obrigada por todas as lições que deixou marcadas para sempre na minha vida. Muito obrigada por me mostrar que a vida vai além de tudo isso aqui. Mesmo de longe, espero que esteja olhando por nós, juntamente com a minha sogra. — Solto uma risada baixa, bufando em frustração ao ouvir os batimentos dele acelerarem da mesma forma que aconteceu quando Spencer estava se despedindo dele hoje mais cedo. — Eu nunca vou deixar a sua filha sozinha, eu já prometi isso a você. Enquanto eu tiver a chance de fazê-la se sentir melhor, eu farei. O meu coração bate por Spencer, Mario. Você está nos deixando em corpo, mas ficará em nós para sempre. Eu não estive com você no momento em que descobriu sua doença, mas eu estarei aqui quando for a sua hora de ir. É a minha palavra que eu quero que fique na sua cabeça, amigo. Spencer vai ser feliz, Spencer vai voltar a sorrir e Spencer vai se lembrar de você com um sorriso no rosto e não lágrimas nos olhos.

Puxo a poltrona para perto da cama e me sento nela, ainda segurando a mão de Mario, enquanto respiro fundo e encaro o aparelho desregulado de seus batimentos.

Em um segundo a sala está numa corrida e no outro ela para.

A vida é um suspiro e esse foi o suspiro de Mario.

Balanço a minha cabeça negativamente, enxugando as lágrimas que eu nem notei que estava deixando escapar.

Os médicos entram na sala com um aparelho familiar nas mãos e o doutor pede para que eu deixe o local. Aperto uma última vez a mão de Mario e me levanto, fazendo o meu caminho até a porta. Aquelas pessoas começam a falar entre si e então eu os vejo usando o aparelho em Mario, lembrando-me do seu nome: desfibrilador.

Agora não há mais volta.

Bato a porta e deixo que eles tentem tudo dentro do possível.

Desfiro um soco na parede. A minha mão lateja, mas nada seria mais forte que a dor em meu peito.

Meu melhor amigo se foi.

O pai da minha namorada morreu.

Mario nos deixou.

Capítulo 47

Simon Wyatt

“Vazio...”

POR MAIS QUE EU TENTASSE EXPLICAR O MOMENTO EM QUE OLHEI PARA SPENCER E SOUBE QUE ELA JÁ SABIA O QUE HAVIA ACONTECIDO, EU NÃO CONSEGUIRIA. Não precisei dizer uma palavra sequer, pois provavelmente tudo estava estampado na minha cara quando entrei na sala de espera e a encontrei com minha irmã. Elas nem mesmo tiveram tempo de ir para casa e fazer tudo que havíamos planejado quando lhe pedi para descansar. Sentamo-nos juntos em uma das cadeiras e eu abracei o seu corpo, embalando-a em meus braços para lhe passar calma e tentar conseguir alguma para mim mesmo. Nenhum dos outros alarmes foi tão oficial quanto esse.

Uma hora mais tarde, o doutor chegou com a notícia que eu já tinha e preparei Spencer para receber: Mario faleceu às onze horas e cinquenta e cinco minutos de uma quinta-feira sombria. Não mais tão abalada quanto antes, Spencer me abraçou mais forte, sendo essa a única reação que ela esboçou ao receber a notícia do assustador homem de jaleco branco.

Por fora eu estava completamente controlado, mas por dentro as coisas explodiam sem controle. Deixei Spencer com Pearl mais uma vez e segui com Seth para falar com o doutor, onde ele me explicou todos os procedimentos que faria a partir daquele momento. As minhas mãos não pararam de tremer nem por um só segundo. Depois de falar com o doutor, virei-me para Seth e o encarei, talvez parecendo um pouco perdido com as coisas e então recebi sua oferta de ajuda. Ele disse que poderia cuidar de todo os “preparativos” para o enterro e que, se eu quisesse, o mesmo poderia acontecer no campo de sua casa.

Eu aceitei a sua ajuda.

Por que eu não aceitaria?

Minha cabeça estava cansada e o meu corpo esgotado.

Assim como o doutor disse, o corpo de Mario estaria pronto para sair às seis e meia da manhã, então ao menos eu poderia passar um tempo com Spencer antes disso, no nosso apartamento.

E foi isso que eu fiz. Aceitei a ajuda de Seth e, posteriormente, a de Sculler, que se ofereceu quando se aproximou de mim com Cassie. Voltei até Spencer e estendi minha mão para ela, que segurou sem pestanejar — e, eu diria, segurou até mesmo com certo desespero.

Sem mais delongas, me despedi da minha irmã e dos meus pais apenas com simples acenos e saí do hospital com Spencer, entrando no carro de Quinn, que já nos esperava do lado de fora.

Neste exato momento, são uma da manhã e eu ainda não consegui fechar os meus olhos. As lembranças de tudo que aconteceu depois da partida de Mario há pouco mais de uma hora atrás me deixa assombrado.

Cheguei em casa com Spencer e fomos direto para o nosso quarto. Tiramos as nossas roupas de forma desengonçada e seguimos para o banheiro, onde ficamos debaixo do chuveiro por longos minutos. Esfreguei sua pele com cuidado, lavando o seu corpo fraco e cheio de necessidade. Fui paciente e deixei que ela chorasse por quanto tempo desejasse, enquanto as lágrimas se misturavam com as gotas de água que caíam sobre nós. Spencer também esfregou a minha pele com a esponja que estava em minhas mãos, soluçando baixo, ao passo que as suas mãos trêmulas encontravam o percurso incerto por ali.

Eu a deixei fazer o que bem desejasse e foi depois que ela fez e parou de chorar, que saímos do banheiro e caímos na nossa cama.

Spencer está quieta, mas não está dormindo.

A sua respiração está um tanto alterada, enquanto bate no meu pescoço e me diz que ela está reagindo da mesma forma que eu. A vontade que eu tenho é de sair do nosso quarto e procurar por Mario, mas eu sei que ele não está mais aqui, então tudo seria em vão.

— Simon... — Spencer finalmente fala alguma coisa.

Continuo mexendo em seu cabelo úmido e apenas inclino um pouco a

minha cabeça para fitá-la. Acho o seu rosto, para a minha surpresa, um tanto sereno. As bochechas estão avermelhadas, assim como o seu nariz, por conta do choro de antes e os olhos esverdeados estão entreabertos, como se ela estivesse grogue ou com muito sono.

— Sim, babe? — murmuro de volta, esperando que ela volte a falar.

— Será que você poderia falar de coisas boas para mim?

Coisas boas?

— O que você quer escutar? — pergunto.

— Futebol. Me fale sobre o seu time, sobre os jogos, sobre a sua felicidade.

Puxo o ar com força, pois nem mesmo sei por onde começar. Eu poderia parecer um babaca por dizer que o futebol não passa nem perto da real felicidade que eu tive o prazer de sentir ao lado de Spencer e Mario nos últimos meses, mas posso tentar mostrar para ela um pouco do prazer que eu tenho ao jogar futebol.

— É um bom time... — digo, tentando achar mais palavras para tentar explicar. — Eu não tenho amigos por lá, apenas colegas, mas me divirto bastante. Nos treinos sempre tem algum que sofre na minha mão. Eu sou conhecido por pregar peças e toda essa merda de sempre, então ninguém nunca consegue me pegar, eu sempre penso mais rápido e de fato sou mais rápido.

— Deve ser divertido — diz, segurando a minha mão livre e entrelaçando os nossos dedos.

— É divertido na maior parte do tempo, até quando as coisas ficam mais sérias e essa é sempre a melhor parte dos treinos. Minha rotina está parada por conta desse tempo que estou passando fora, mas em breve voltarei a fazer todos os exercícios que são necessários para me manter tão bom quanto na temporada passada.

— E as fãs?

— Sempre calorosas demais. — Dou de ombros. — Quando eu estava com Kirsty, não tínhamos nada dessa ligação que nós dois temos, então eu

sempre estava transando com uma fã ou outra. Era a mesma coisa que não ter namorada nenhuma.

Spencer segura no barbante em meu dedo — que eu venho trocando periodicamente — e arqueia a sobrancelha.

— E isso foi antes de você.

— Ou depois de mim, afinal, nós já nos conhecíamos — replica.

— Mas você não era minha — afirmo.

Spencer acena positivamente e eu selo os nossos lábios levemente.

— Eu não sei se pareci feliz falando sobre futebol para você, mas espero que saiba que isso não é nada perto do que sinto quando estamos juntos. Você é a minha verdadeira felicidade, as outras coisas são apenas meros complementos.

— Eu acredito em você — sussurra contra a minha boca.

— Você não tem outra saída, a não ser acreditar em mim. Eu estou sendo completamente sincero com você, babe. — Afasto o cabelo castanho para fora do seu rosto. — Você pode negar a minha ajuda ou negar que precisa do que faço para você, mas eu estou do seu lado para cuidar de ti, Cherry, da mesma forma que você cuida de mim nas pequenas coisas que faz. Eu e você, babe. Eu e você.

Seus olhos enchem-se de lágrimas e ela joga o seu corpo sobre o meu.

— Eu preciso de você mais do que qualquer coisa, Simon. O papai me deixou e você é a única pessoa que ainda me faz pensar em um “amanhã” melhor. Você é o único que ainda me dá esperança de viver... Se você não estivesse aqui ou ao meu lado hoje mais cedo, eu não estou certa se suportaria passar por tudo que passei.

— Não fale ou pense nisso, babe. Preciso que descanse um pouco, pois quando acordarmos teremos um dia longo pela frente. Vamos nos despedir do seu pai e vamos tentar levar as coisas com calma e aos poucos. Eu não sairei do seu lado nem que me peça. Estamos juntos daqui até o fim de nós dois. — Beijo o topo de sua cabeça, afagando sua cintura desnuda e deixando que ela deslize novamente para o meu lado. — Descanse, Cherry. Descanse.

Spencer acena, aconchegando-se outra vez contra mim, ainda com nossos dedos entrelaçados. Ela beija minha bochecha e se acalma aos poucos, relaxando de uma vez ao obedecer ao meu comando.

Os minutos se passam até que a respiração de Spencer se estabiliza. Ela adormeceu em meus braços, exatamente como um anjo machucado que finalmente encontrou o seu lugar de paz e descanso. Fico observando-a por algum tempo, sentindo meu peito apertar com um sentimento ruim de aflição. Eu me sinto sufocado, como se nada que eu estivesse fazendo fosse ficar sob o meu controle. De fato, a vida é incontrolável. Nem os melhores médicos conseguiram salvar o meu melhor amigo. Se é a sua hora, não há para onde fugir.

Solto os meus dedos dos dedos de Spencer e agarro o meu celular, que treme na mesa de cabeceira ao lado. Uma mensagem da minha irmã pisca na tela, fazendo-me deslizar o ícone para o lado e abri-la.

“Seth me pediu para avisá-lo que tudo está sob controle. Assim que amanhecer nós vamos ligar para a funerária e terminaremos de organizar todas as coisas. Espero que esteja descansando com Spencer. Eu amo muito vocês dois e estou preocupada. Qualquer coisa a mais, por favor, nos avise.

Pearl Wyatt-Sawyer.”

Saio do aplicativo de mensagens, deixando para respondê-la apenas seis horas.

Clico na galeria de foto e sinto o mesmo sentimento ruim de aflição voltar no momento em que eu bato os olhos em uma das muitas fotos de Spencer e Mario que estão no meu celular.

Apesar de tudo, fomos muito felizes como família.

Deslizo para fora da cama, ficando de pé e observando Spencer se remexer, mas continuar dormindo. Visto-me com uma calça de moletom e saio do nosso quarto, deixando a porta aberta e seguindo para a cozinha com o meu celular nas mãos. Abro a geladeira e puxo uma cerveja lá de dentro,

abrindo a tampa da garrafa com uma toalha e continuando o meu percurso até a sala de estar.

O apartamento está calmo e o único ruído que pode ser escutado é dos meus passos no piso liso de madeira. Sento-me no sofá, em meio a penumbra produzida pelas luzes da cidade que entram no cômodo pela parede vidro. Tomo um gole longo da bebida e olho para o lado, exatamente para o lugar onde Mario costumava se sentar para vermos os meus jogos de futebol nas reprises dos canais de esporte.

Foi uma curta jornada, talvez um pouco desgastante, mas se eu pudesse escolher mudar alguma coisa do que passamos, eu nunca teria a audácia de fazê-lo. As coisas são o que são. Boa ou ruim, a vida foi feita para ser vivida independente dos desafios e circunstâncias que nos são imposto Não sei o quanto eu ainda vou ter que passar, mas Mario fez a parte dele ao me ensinar que desistir não faz parte do cotidiano das pessoas que batalham por uma realidade melhor. Há aqueles que desistem por falta de esperança, mas, enquanto eu tiver Spencer comigo, eu terei esperança para o nosso futuro como um casal.

Pego o controle da televisão e ligo a mesma, colocando no canal de esportes a assistindo a qualquer reprise aleatória. Posso não o ter fisicamente ao meu lado, mas ele estará presente hoje e sempre no meu coração.

Foi uma curta jornada, mas foi o suficiente.

Dessa forma eu passo o resto da madrugada na sala de estar, sozinho, apenas eu e a televisão à frente. Perto das cinco da manhã, levanto-me e volto para o quarto, enfiando-me debaixo do lençol e puxando Spencer para perto de mim.

Esse é o meu lugar de paz em meio a tormenta.



ABRO OS OLHOS AO SER CUTUCADO LEVEMENTE POR SPENCER.

Sinto ela inclinar o corpo sobre o meu e beijar minha bochecha, deitando sobre mim e me abraçando com carinho. Sua respiração irregular bate em meu pescoço, deixando-me saber que ela já está um tanto instável. Eu não a julgo por isso. Levo meus braços ao redor de sua cintura e correspondo o seu abraço, confortando-a em silêncio.

Não dormi nem um pouco.

Depois que caí na cama, fiquei olhando para o teto, enquanto mexia no cabelo de Spencer e afagava sua cintura levemente. Os pensamentos foram tantos que me deixaram ligado por uma longa hora. Tentei achar saídas para nossa situação, mas nada me veio à mente, apenas mais dor e problema. Às vezes é bom ficar em silêncio e deixar as coisas seguirem seu curso natural. É o que eu planejo e vou fazer.

— Dia... — sussurra ao pé do meu ouvido.

Sua voz fraca e rouca faz a minha respiração difícil.

— Dia, babe. — Agarro toda a minha força e finco as unhas nela, obrigando minha voz a ficar segura e confiante, esperando passar um pouco disso para Spencer.

Ela afasta o rosto e nós nos fitamos intensamente, todas as barreiras e guardas no chão.

Não há motivo para orgulho em um momento como esse.

— Você está pronta? — indago, levando uma mão até seu cabelo castanho e afastando-o da frente de seu rosto.

Spencer morde o lábio inferior e balança a cabeça negativamente.

— Não... — continua, falando tão baixo quanto antes. — Mas precisamos... precisamos fazer isso...

Aceno positivamente.

— Precisamos — afirmo.

Selo nossos lábios e levanto-me com Spencer nos braços, caminhando com calma até o banheiro. Deixo ela de pé em frente ao espelho, inclinandome e pegando sua escova de dentes e creme dental. Aplico o conteúdo branco no objeto e entrego a Spencer, fazendo o mesmo para mim. Fazemos nossa

higiene matinal nos encarando pelo espelho vasto.

Olhando-a completamente nua, ainda me irrita com a sua magreza. Ela parece mais doente do que nunca e eu sei que é por causa de sua alimentação furada. Por mais que eu me esforce para fazê-la comer, principalmente nos últimos dias, que Spencer andou tendo uma série de enjoos e vômitos, eu não consigo empurrar muito para ela se alimentar da forma correta. Isso me deixa louco, obviamente, mas o que eu posso fazer?

Estou me planejando levá-la ao médico no próximo mês, com a esperança de que as coisas já estejam melhores para nós dois até lá.

Terminamos de escovar os dentes e seguimos para o chuveiro. Empurro minha calça de moletom para baixo e chuto para longe, entrando debaixo da água quente com Spencer. Isso alivia metade da tensão e pressão em meu corpo, tanto pelo momento, quanto por eu não ter descansado nada. Repito o gesto do nosso último banho, nessa madrugada e lavo o seu corpo com cuidado. Eu e Spencer trocamos alguns beijos debaixo do chuveiro, eles me fazem sentir um estranho embrulho no estômago, mas eu sigo com tudo que temos que fazer e logo estamos saindo do banheiro.

Enrolados em dois roupões, procuramos por algo para vestir no guarda-roupas. Observo Spencer puxar lá de dentro um vestido preto, calcinha e short curto e colado também da mesma cor, seguindo para a nossa cama. Apanho uma calça jeans e camiseta preta simples, sendo isso o suficiente para mim.

Visto-me ainda de pé, observando os movimentos lentos de Spencer, enquanto ela faz o mesmo.

Ela precisa reagir mais.

Eu preciso que ela faça isso por nós dois.



NO MEU CAMINHO PARA O HOSPITAL COM SPENCER,

RECEBEMOS A LIGAÇÃO DE SETH, AVISANDO-NOS QUE O CORPO DE MARIO JÁ ESTAVA NO CAMPO DA CASA DELE. Mudei de percurso e chegamos lá em poucos minutos. Surpreendentemente, quando chegamos, notei vários carros estavam estacionados ao redor da casa de Seth e pelo próprio local, afinal, estou falando de uma mansão. Estacionei meu carro e saí com Spencer, puxando um casaco que joguei no banco de trás e colocando em cima dos ombros magros da minha mulher.

Ela segurou minha mão durante todo o nosso trajeto até o campo.

Uma tenda foi colocada no meio do local, enquanto cadeiras foram espalhadas para que as pessoas se acomodem por ali.

Nos aproximando do caixão, vejo minha irmã com Christian nos braços, meu sobrinho dormindo serenamente, como se nada estivesse acontecendo ao seu redor. Estou falando de uma criança. Ele não tem noção nenhuma do que deve estar se passando.

Devido ao câncer, antes de terminar de falar com o doutor, ele me avisou que o caixão de Mario deveria manter-se fechado e que não poderia ser aberto em qualquer hipótese. Explicou ele que é por conta do câncer e do mal cheiro produzido pela metástase.

De fato, a metástase apodreceu todo o seu corpo.

No momento, eu e Spencer estamos à beira do caixão de Mario, fitando-o pelo pequeno vidro do caixão. Esse é o mais perto que chegaremos dele e, de qualquer forma, parece ser perfeito para nossa sanidade mental. Abraço Spencer pela cintura, dando-lhe a força necessária para encarar esse momento como algo natural da espécie humana.

Isso é natural.

Vida e morte, por mais que nos cheguemos a nos sentir injustiçados por perder as pessoas que amamos, é essa a natureza da vida.

Tudo tem um começo e um fim.

— Poderíamos ter tido mais tempo — Spencer fala, provavelmente sozinha, então eu não me atrevo a interrompê-la. — Eu sei, pai, você tinha a mania de repetir que as coisas não podem ser controladas, que a vida não está em um controle remoto e que tudo tem um propósito, mas... mas eu não

entendo para quê tanta dor?

Respiro profundamente, absorvendo suas palavras.

— Eu estou tentando ficar de pé por você... por Simon... tenho esperança de que eu ainda posso ser feliz e posso fazê-lo feliz. Mesmo assim, eu gostaria de te ter aqui. *Nós gostaríamos.*

Beijo o topo da cabeça de Spencer, apertando seu corpo contra o meu.

— Você me faz feliz desde o dia que entrou na minha vida, nunca duvide disso. — Sinto a necessidade de certificá-la de tal fato.

Spencer inclina o rosto sobre o ombro, levantando o queixo e me encarando de olhos marejados.

— Eu faço?

Ela está tão insegura, vulnerável e fraca.

Coisas ruins estão acontecendo em sua cabeça e isso está me ferindo de forma amarga.

— Você faz.

O lábio inferior de Spencer treme e ela captura-o entre os dentes, engolindo seu choro que ameaça escapar. Encosto minha testa na dela e lhe envio um sorriso.

— Você sempre faz, babe.

Ela sorri de volta e vira-se bruscamente para me abraçar pelo pescoço como quem procura consolo.

— Não sei o que faria sem você, Simon — resmunga.

— Estamos no mesmo patamar.

Devagar, faço Spencer se afastar e nos guio até as duas cadeiras mais próximas ao caixão, justamente as que estão ao lado da minha irmã. Spencer se senta ao lado de Pearl, que lança um sorriso fraco para a minha Cherry. As duas conversam em tom baixo, praticamente inaudível. Spencer segura a minha mão e aperta uma vez ou outra, atraindo o meu olhar para si, enquanto responde a minha irmã de maneira monossílaba.

Olho pelo local, finalmente notando que todas as pessoas presentes são

do meu time, do time de Seth e Sculler e poucos amigos e frequentadores da pizzeria que conheceram Mario. Encontro Sculler conversando com Seth e, quando eles percebem que eu estou os encarando, me chamam em um aceno.

Tento soltar a minha mão da mão de Spencer, mas ela não cede, apenas vira e me fita confusa.

— Eu vou falar com Seth e Sculler, babe. Volto em alguns minutos.

— Não demora — pede e eu assinto.

Levanto e faço o meu caminho pelo campo, acenando para todos os meus colegas, mas não parando para falar com qualquer um deles. Eu sei que, em parte, eles vieram para me dar apoio nesse momento, contudo, prefiro não falar com ninguém ainda.

Paro em frente a Seth e Sculler, que estão na porta dos fundos da cozinha.

— E aí, cara... — Sculler resmunga, embalando Ryle nos braços, que também está tão nocauteada quanto Christian.

— Tudo bem? — retruco, olhando de um para o outro.

Eles acenam positivamente.

— Quinn conseguiu as informações necessárias e descobriu o cemitério onde a mãe de Spencer foi enterrada. Falamos com quem foi preciso e marcamos o enterro para às quatro da tarde, não muito cedo, mas também não muito tarde. Está tudo pronto, como eu disse que faria — Seth informa.

Escuto Cassie chamar Sculler, mas não dou tanta atenção, só percebo que ele se afasta de nós dois.

— Tudo bem... — replico, esfregando minhas têmporas em agonia. — Obrigado pelo que vem fazendo por Mario e por Spencer.

— E por você, cara.

Solto uma risada, achando isso um pouco cômico.

— Nunca nos demos bem — digo, fazendo questão de lembrá-lo disso.

— Não é hora e nem momento para isso, mas preciso te dizer que é apenas porque você não quer, Simon. Nós somos uma família, você querendo

ou não. Tudo que é importante para Pearl, automaticamente é importante para mim. Eu não suporto ver a minha mulher machucada e tudo que está acontecendo está deixando ela abalada de forma quase que inacreditável. Mesmo Pearl não te dizendo nada, a nossa relação arisca também a deixa triste. Eu estou me esforçando e fazendo a minha parte para que isso funcione. Sem ressentimentos, sem passado. O que passou, passou. Eu repito, nós somos uma família.

— O que passou, passou — repito.

Nós dois assentimos e consolidamos esse momento de forma silenciosa.

— Tem café aí dentro? Eu sinto como se minha cabeça estivesse para explodir — troco de assunto, mas é por uma boa causa.

Eu estou com fome e preciso pegar algo para alimentar Spencer.

— Sua mãe está aí dentro com o seu pai. — Dá de ombros. — Pegue algo, enquanto eu fico de olho em Pearl e Spencer.

Abro a porta da cozinha e entro, confiando em Seth para fazer o que disse.

Acho os meus pais caminhando pelo local. Minha mãe mexe em algo nas panelas, enquanto o meu pai corta algo em cima de uma tábua de madeira.

— Bom dia — os saúdo, chamando a atenção dos dois.

Minha mãe sorri para mim, parecendo contente por me ver, mas sua expressão logo muda.

— Bom dia, filho... — retruca, afastando-se do fogão e se aproximando de mim. — Você está bem? Parece que não conseguiu descansar tanto.

— Normal, mãe. Só estou cansado — tento tranquilizá-la.

— E eu estou preocupada com você — diz. Sento-me em um dos bancos em frente ao balcão e ela passa a mão pelo meu cabelo. Eu estranho, obviamente, afinal, apenas Spencer faz isso comigo, mas eu não me afasto. — Como Spencer está?

— Triste, perdida e tão cansada quanto eu. Apesar de tudo, ela parece

ficar bem ao meu lado. Precisamos apenas de um pouco de tempo, ela principalmente — confesso.

— Espero que vocês dois consigam se ajudar durante esse período. Quando perdi seus avós, eu também fiquei assim, então sei do que estou falando. É preciso ser forte e saber que a vida continua, mesmo com tantas dificuldades emocionais.

— Você está certa, mãe... — murmuro.

Ela sorri mais uma vez e eu dou-lhe um sorriso de volta em agradecimento por suas palavras.

— Você está com fome? — indaga. — Fiz bastante café e Seth encomendou comida para alimentar as pessoas que sentirem fome. Eu devo dizer, nunca entendo como ele consegue fazer e resolver as coisas com tanta rapidez. — Minha mãe revira os olhos, fazendo-me achar graça de sua atitude.

— Ele é um dos caras mais ricos do país, mãe, você sabe disso, certo? Seth manda em quem quiser e compra o que bem desejar. O cara é diretor da maior rede de hotéis da América e de quebra, é um dos jogadores de futebol americano mais bem-sucedidos da década. Aproveite um pouco, coroa e explore o seu genro — brinco com ela.

Sua risada contida, enquanto se afasta, me faz sentir a familiaridade de ter uma mãe. Faz um longo tempo que não passamos por um momento como esse e, encontrar leveza nessa situação justamente nela, é algo que me surpreende.

— Eu não ligo para o dinheiro dele. — Dá de ombros. — Gosto da pessoa que ele é e isso é o que mais conta para mim. Sua irmã teve muita sorte de encontrar alguém como Seth e eu digo o mesmo sobre Spencer. Você se tornou o porto-seguro dela, Simon e eu não tenho dúvidas de que você aguentaria qualquer coisa por *sua Cherry*.

— Todos somos sortudos. Eu por ter Spencer e ela por me ter. Com Pearl e Seth é a mesma coisa e com todas as pessoas que se amam segue a mesma regra. Somos todos sortudos por termos pessoas que nos completam junto de nós.

Minha mãe se aproxima com uma caneca cheia de café e um prato com três croissants.

— Você está certo — sussurra e beija a minha bochecha, afastando-se e voltando a fazer o que estava fazendo antes de eu chegar e atrapalhá-la.

Tomo um gole do café preto, subindo o olhar e encontrando meu pai me encarando.

— Pai. — Aceno para ele com a cabeça e ele devolve o gesto.

— Filho.

Continuo fazendo a minha refeição, não demorando mais que o necessário. Quando termino de comer os croissants e tomar o meu café, pego a garrafa de café e encho novamente para levar para Spencer. Ela não é a maior fã de café, mas não posso me virar com nada melhor do que isso no momento e ela precisa tomar algo para ter forças.

Saio da cozinha sem dizer nada e fazendo o percurso de volta até minha irmã e minha namorada. Seth já está com elas, sentado ao lado de Pearl e inclinado para Spencer, como se estivesse falando alguma coisa para ela.

Ignoro o vento frio sobre minha pele, notando que até mesmo o tempo mudou drasticamente no dia de hoje. Estou falando de Long Beach, uma pequena cidade de clima litorâneo localizada na Califórnia. O clima é sempre agradável, às vezes quente, mas não é nada que deixe ninguém louco de calor. A diferença de todos os dias para hoje e ontem, é que o tempo não está nada bonito. As nuvens estão cinzentas e o vento está frio, como prenúncio de uma tempestade que pode estar por vir.

Eu não gosto nem um pouco disso.

Wimberley não era assim e Long Beach tampouco.

Fecho a distância entre Spencer e eu, sentando-me ao lado dela e atraindo sua atenção para mim.

— Tome — comando, colocando a caneca de café em suas mãos.

Ela torce o canto da boca, não gostando nada disso.

— O cheiro me faz...

— Te faz? — questiono, indagando-a a continuar.

— Eu fico enjoada com isso, Simon...

Respiro fundo.

— Precisamos ir ao hospital. Ultimamente quase tudo tem te feito ficar enjoada e sua pouca preocupação com alimentação está começando a me deixar louco — murmuro, mantendo o tom apenas para que ela escute a minha reclamação.

É claro que eu vou reclamar.

Eu sou o único que vê o quão magra ela parece.

Eu sou o único que está tentando lidar com sua falta de comprometimento com a própria saúde.

É claro que eu vou reclamar.

— Sinto muito — lamenta, colocando a caneca de volta em minha mão.

— Spencer.

— Se eu tomar isso, eu vou vomitar. Não quero passar mal, Simon. Apenas não insista.

Balanço minha cabeça negativamente e me levanto.

Eu vou insistir.

Não digo nada. Caminho de volta para a cozinha e deixo a caneca de café em cima do balcão. Aproximo-me da minha mãe, que sorri para algo que o meu pai diz e chamo sua atenção.

— Tudo bem, querido? Precisa de algo? — pergunta, parando de sorrir.

— Spencer não quis tomar o café que eu levei para ela. Eu não sei mais o que fazer para que ambos fiquemos satisfeitos com a situação. Ela diz estar enjoada e que se tomar, vai vomitar, mas é sempre isso: ou ela não come nada, ou ela come muito e depois passa mal. Preciso de um meio-termo, mas eu não sei mais o que fazer, mãe.

— O que ela gosta de comer pela manhã? — pergunta e depois balança a cabeça, como quem acabou de ter uma ideia. — Quando eu fiquei grávida de você e de Pearl, eu costumava ter muitos enjoos — diz, indo até a

geladeira e tirando de lá algumas frutas. — Frutas sempre melhoravam o meu estado e elas são cheias de benefícios para saúde. Você pode levar isso para ela. O que acha?

— Spencer não está grávida, mãe. — Franzo o cenho.

— Mas ela está enjoada, então podemos tratá-la como grávida somente por essa refeição. Eu vou cortar as frutas e você chama ela para cá.

Concordo com o seu plano.

— Você vai mesmo fazer isso? — questiono, incerto.

— É claro, filho. Chame Spencer e vamos tentar algo.

Capítulo 48

Simon Wyatt

“Vazio...”

SÃO QUATRO HORAS E TRINTA E CINCO MINUTOS DA TARDE. Depois da minha quase discussão com Spencer, eu fiz exatamente o que a minha mãe me pediu. Vi estampado no rosto dela a sua insatisfação, mas quando Sra. Wyatt a chamou para conversar, enquanto comiam frutas, Spencer relaxou um pouco mais e se alimentou de tudo que a minha mãe colocou para ela comer. Isso me aliviou em níveis extremos, principalmente por ela não ter vomitado nada.

Quando voltamos para os nossos lugares, muitos começaram a se aproximar para falar conosco e prestar as suas condolências por Mario. Spencer recebeu carinho de pessoas que talvez nem mesmo ela conheça, como por exemplo os caras dos times. Agradei a presença deles, que com certeza foram avisados por Seth, tentando mostrar que foi importante tê-los comigo e com Spencer.

Meia hora atrás, nós saímos da casa de Seth e Pearl e seguimos por um cortejo até o cemitério. Foi difícil dirigir com o coração praticamente saindo pela boca, mas eu fiquei o tempo todo segurando a mão de Spencer, que não tirou os olhos do carro que levou o corpo de Mario até o local. Nesse exato instante, abraço Spencer pelos ombros, trazendo-a para bem perto, enquanto escutamos as palavras de conforto que o padre profere na última despedida de Mario.

A caminhada de poucos minutos atrás, onde eu, Spencer, Seth, Sculler, meu pai e minha irmã trouxemos o caixão de Mario até esse lugar, foi provavelmente uma das caminhadas mais difíceis que eu já fiz em toda a minha vida. Saber que Mario está nos deixando fisicamente de forma oficial, rasga o meu coração de todas as mais agonizantes formas.

Inclino minha cabeça para fitar Spencer, que está agarrada em minha camiseta preta olhando diretamente para o caixão de Mario, que começa a

descer na cova aberta.

Seu corpo treme a cada centímetro percorrido, enquanto eu a observo sofrer calada.

Não fazemos um movimento sequer, assistimos a tudo inertes.

A chuva que se prepara para cair acima de nós ainda não deu o ar da graça, apenas deixa o tempo mais frio e sombrio que antes. Puxo Spencer para mais perto de mim e beijo o topo de sua cabeça, tentando protegê-la do frio irritante.

— Diga-me quando tudo acabar — pede, enfiando o rosto em meu peito e dando as costas para a cena.

Eu não posso julgá-la por não querer ver o seu pai sendo enterrado.

É apenas uma escolha. É apenas a sua forma de se defender e aliviar as feridas que abrem sob sua pele, despedaçando e destroçando a sua alma boa.

Eu nunca me atreveria a julgá-la.

Ninguém faz nenhum barulho.

A terra escura começa a ser jogada sobre o caixão de forma que apenas esse som é escutado por todos os presentes. É abafado, seco e real, assim como eu relacionaria a morte.

Tudo que está acontecendo é real.

Não consigo evitar uma solitária lágrima de descer por minha bochecha esquerda.

Eu me sinto tão machucado quanto poderia estar.

É como estar se afogando cada vez mais em mais dor.

Um par de minutos depois, a terra escura cobre todo o retângulo onde Mario foi colocado. O padre faz o sinal da cruz e se afasta, levando a sua Bíblia debaixo do braço.

— Acabou, babe — resmungo, minha voz inconstante e embargada.

Spencer levanta o rosto para mim e eu o seguro de cada lado, limpando as lágrimas que começam a descer de seus olhos verdes e avermelhados.

— Vamos para casa — continuo.

Ela balança a cabeça negativamente.

As pessoas começam a se afastar, dando tudo por encerrado e aos poucos nós vamos ficando sozinhos. Spencer segura as minhas mãos e me puxa até o túmulo, agachando-se em frente à lápide cravada com o nome de Iris e Mario. As lágrimas de Spencer caem sobre a peça de mármore e ela esfrega uma das mãos ali, contornando os nomes de seus pais.

— Eles se foram... — sussurra, completamente instável. — E me deixaram para trás.

— Eles te deixaram comigo, Cherry. Eu vou cuidar de você e nós vamos ser felizes, vamos construir a nossa própria família.

Ela vira o rosto e me encara.

— Família...

— Sim, família. A nossa família.

Spencer respira fundo e concorda.

Nos levantamos devagar. Volto a limpar suas lágrimas, afastando seu cabelo castanho para fora do meu lugar preferido de se olhar e deixando que ela se recomponha aos poucos.

Minha família está nos fitando de longe, provavelmente nos esperando para irmos juntos até o carro. Passo o meu braço sobre os ombros de Spencer mais uma vez e começamos a nos afastar lentamente, juntando-nos aos outros. Somos os últimos do grupo, deixando-os murmurarem qualquer coisa à frente em meio a uma conversa baixa.

Quando estamos perto dos nossos carros, seguro em uma das mãos da minha Cherry, tentando puxá-la para mais perto, porém ela resiste.

Sinto sua tristeza de tão perto que quase me enlouquece.

Eu nunca me senti tão instável ao me sustentar e sustentar outra pessoa, que nesse caso é Spencer. O pesar em deixar Mario ir — fisicamente falando — para longe de nós, faz a minha cabeça girar em trezentos e sessenta graus.

Se tem uma coisa que eu aprendi, é que a vida não é fácil.

Depois de tanto confortar Spencer e tentar colocar em sua mente que esse lugar é só uma passagem para outro lugar melhor, forço-me a acreditar ainda mais em minhas próprias palavras. Toda preparação para momentos como esses é feita em vão.

Nada nunca vai te preparar o suficiente para deixar um ente querido ir sem lutar.

Em minha cabeça eu estou e continuo lutando.

Mario... porra, eu o amava pra caralho.

— Babe... — murmuro, tentando novamente puxar Spencer para mais perto.

— Eu posso ficar um tempo sozinha? — replica.

Respiro fundo, sendo pego de surpresa.

Eu não quero deixá-la sozinha de jeito algum, mas também não quero prendê-la debaixo da minha necessidade de fazer com que ela se sinta melhor a qualquer custo.

— Tem certeza que precisa disso? — retruco e nós paramos de andar.

Spencer puxa sua mão da minha e me fita convicta, assentindo positivamente logo em seguida. Inclino meu rosto e selo nossos lábios em um beijo superficial e doloroso. Ela me beija de volta vagorosamente, mostrando-me que, apesar de tudo, estamos bem.

— Você vai ficar bem? — pergunto uma última vez, encostando a minha testa na sua.

— Sim — sussurra.

Respiro fundo, empurrando a minha merda para dentro e cedendo de uma vez.

— Vou esperá-la em casa.

Puxo minha carteira do bolso da calça e lhe dou duas notas de cinquenta dólares. Ela se agasalha com o meu casaco, enquanto um trovão ruge acima de nós.

Começando a se afastar, Spencer me dá um último olhar, esse

carregado de muita dor e vazio.

Ah, Cherry...

Se eu ao menos pudesse roubar a sua dor para mim.

Observo seu corpo demasiadamente magro terminar o caminho até a saída. Spencer passa por minha família e apenas acena de forma breve com a cabeça. Tomo o mesmo caminho que ela, só que com mais pressa. Pearl coloca a mão em cima do meu braço, tentando me puxar para um abraço, mas ainda não consigo tirar os olhos de Spencer.

— Simon... — minha irmã sussurra, fraca.

Spencer está parada à beira da calçada.

Ela está perdida.

— Spencer pediu um tempo sozinha e... eu não sei se isso é o melhor a ser feito no momento — respondo a pergunta silenciosa da minha irmã. — Eu vou chamá-la de volta.

— Deixe-a um pouco — Pearl sugere.

Spencer finalmente coloca o pé na pista e eu viro para fitar minha irmã.

— Isso não está certo — rebato.

Volto a olhar Spencer, que em um segundo está ereta e em outro está inclinando-se para frente com a mão na barriga. Ela cambaleia para todos os lados, entrando na avenida de uma só vez e fazendo meu coração subir até o topo da minha garganta.

Eu puxo o meu braço para longe de Pearl e saio correndo na direção da minha Cherry.

— Porra!

Não sei de onde vem a exclamação, mas essa é a última coisa que escuto antes de...

Antes de um ônibus acertá-la em cheio.



VOCÊ CONHECE AQUELA FAMOSA LEI DE MURPHY, ONDE ELE DIZ QUE SE ALGO PODE DAR ERRADO, DARÁ? Eu nunca acreditei nisso, afinal, nada nunca deu tão errado em minha vida que eu parei e pensei: "agora não pode piorar".

Murphy estava certo.

Tudo piora.

A vida é frágil.

No momento em que você dá o seu primeiro suspiro, você já está sujeito à fragilidade da vida humana. A morte deveria ser mais valorizada por nós, mera espécie ignorante e cega, que muitas das vezes ignoramos as pessoas boas que estão ao nosso lado.

Tem um momento em que tudo muda para você, aquele instante em que entra alguém novo em sua vida e você percebe que nada jamais será como antes. Isso aconteceu comigo há quase oito anos atrás, quando coloquei os olhos em cima da ajudante de cozinha mais bonita que tive o prazer de conhecer.

Minha Spencer, minha Cherry.

No momento em que coloquei os olhos nela, soube que nada jamais seria o mesmo. Eu estava fodido só em olhar dentro dos seus olhos verdes, que ainda eram vivos e felizes de volta naquele tempo.

E, então, ela falou. Sim, ela falou. Se apresentou, disse que era um prazer me conhecer e eu ferrei tudo, atirando uma piada qualquer para chamar a sua atenção. Felizmente, eu tive a sua atenção. E ali eu já estava em pura queda-livre.

Ah, se eu soubesse que momentos como aquele fariam tanta falta no presente ameaçado, nunca teria feito pouco caso ou vivido rápido demais. E essa é a pior parte da vida: querer consertar e apagar erros que não podem ser alcançados novamente.

Você vive apenas uma vez.

E então...

Booom.

A pancada.

Nem mesmo eu sei de onde aquele ônibus em alta velocidade saiu. Nem mesmo eu sei de onde tive forças para correr até o corpo da minha Cherry.

Ah, se eu ao menos pudesse voltar atrás...

Ela quase voou, sem exagero.

O impacto do ônibus no corpo de Spencer foi brutal. Meus olhos viram e acompanharam tudo, enquanto a minha vida descia pelo ralo. Eu repito, Murphy estava certo. Desespero veio e corroeu minha pele. Eu corri de encontro à Spencer, achando-a no chão com pouca pulsação e desacordada. Nocauteada. Minhas mãos tremeram como nunca antes. Eu gritei coisas que não me lembro e, quando a ambulância chegou, tiraram o corpo mole e praticamente sem vida da minha Cherry de perto de mim.

Não sei quando e como, mas agora estou no hospital.

Sangue seco de Spencer está espalhado por meus braços e por minha calça jeans. A imagem da minha vida quebrada em meus braços nunca sairá da minha cabeça. Sua cabeça com um corte que desce até metade da lateral esquerda do seu rosto, seus braços moles e a posição estranha em que ela estava estirada no chão. Eu não sei explicar e se eu tentasse, não conseguiria.

Dói lembrar da cena e eu não posso fazer nada, além de deixar doer.

Lágrimas escapam por meus olhos e eu respiro fundo.

Dores não são lavadas com lágrimas, mas elas são inevitáveis e demonstram as nossas fraquezas. Ontem foi Mario e hoje é a minha Cherry?

Quando eu disse que o mundo e que a vida era injusta, eu não quis dizer até tal ponto. Porra, é o amor da minha vida, a mulher que eu amo e que nunca tive coragem de dizer isso a ela. O que diabos eu vou fazer se ela me deixar? Isso não está acontecendo. Eu não vou... Eu não posso... Spencer não pode me deixar assim, sem uma luta digna.

Ela precisa lutar por si mesma e por nós dois.

Ando de um lado para o outro, pronto para perder a minha razão. Eu não suporto essa demora. Eu não suporto a dúvida que ronda a minha mente, o pensamento que nubla os meus sentidos. Eu não suporto ter que esperar para ver Spencer. Já faz quase quatro horas que chegamos ao hospital e nenhum médico veio nos falar qualquer coisa, nos dar qualquer notícia. Essa angústia vai me matar.

— Simon... — Escuto a minha irmã me chamar, mas não lhe dou nenhuma atenção. — Simon...

— O quê, Pearl? O que você quer? — Paro de andar, virando para encará-la. — Será que vocês não podem me deixar em paz pelo menos agora?

Eu sei que estou agindo como um filho da puta, mas não quero escutar ninguém. Não quero que ninguém venha falar coisas bonitas para mim, eu só necessito que algum médico venha me falar do estado de saúde da minha Cherry.

— Sente-se um pouco, você só vai ficar mais nervoso...

Solto uma risada frouxa, inacreditável.

— Sentar não vai me fazer melhorar.

Pearl encolhe os ombros, tentando se aproximar de mim, mas eu recuo.

— Vá se sentar você, que está grávida e precisa de descanso. Eu vou lidar sozinho com isso, não preciso da sua preocupação ou de ninguém. Eu sempre fui sozinho, eu sempre lidei com a minha dor, não vai ser agora que você vai mudar isso. Não vai ser agora que os nossos pais vão mudar isso.

Meus pais se aproximam de nós dois, colocando-se atrás de Pearl.

— Eu não preciso da pena de vocês — cuspo, completamente transtornado.

Demorei muito para jogar isso para fora, mas não me arrependo de tê-lo feito logo agora. Eu não aguentava mais fingir que está tudo bem, quando na verdade não está; quando na verdade eu não sinto que me encaixo nessa família, por mais que saiba que faço parte dela.

— Nós sempre te amamos, Simon. Falhamos em algum momento como

pais, mas você não pode jogar isso fora. Você é meu filho e eu o amo tanto quanto amo a sua irmã. Eu estou aqui para apoiá-lo e confortá-lo, você não precisa guardar tudo para si. Eu sinto muito se nós fizemos você sentir como se devesse guardar os seus sentimentos e ser genérico conosco. — Minha mãe se aproxima de mim, tentando tocar o meu rosto, mas eu seguro as suas mãos no caminho. — Eu peço perdão pelos meus erros, filho. Não aguento mais essa relação cheia de pedregulhos pela qual caminhamos há anos. Você é parte de mim e dói vê-lo sofrer desse jeito, dói não poder te ajudar e aliviar, mas, o que dói mais, é saber que você não recorre a nós quando precisa. Eu estive, eu estou e eu sempre estarei aqui, não importa qual seja a circunstância.

Meu coração quebra.

Eu nunca escutei algo assim vindo da minha mãe.

Ela sempre foi carinhosa, mas depois de um tempo, eu repeli tanto o seu carinho, quanto as brincadeiras e interações do meu pai.

A minha mente faz uma tortura demorada, enquanto eu pondero se devo ou não soltar as suas mãos. Padeço por longos dez segundos até soltá-la. Quando ela se aproxima um pouco mais, com cuidado e me abraça pela cintura, eu choro. Por ela, por nós, mas principalmente por Spencer. Pearl e o meu pai se aproximam e também nos abraçam. Ter o apoio deles me deixa fraco, porque isso nunca aconteceu antes — pelo menos não dessa forma.

A mágoa se dissipa aos poucos, dando lugar a necessidade de tê-los junto de mim. Eu sei que Spencer ficaria orgulhosa por eu finalmente ter desabafado com os meus pais e começado a seguir em frente com essa situação. Eu não faço isso apenas por mim, mas também por ela. O que eu mais preciso é vê-la, falar com ela e contar tudo que aconteceu. Preciso segurar sua mão e certificá-la que não sairei do seu lado de jeito nenhum, independentemente das circunstâncias.

Nos afastamos aos poucos um do outro. Minha mãe passa as mãos por meu rosto, empurrando as lágrimas para longe e sorrindo para mim. Enxugo suas lágrimas, retribuindo o seu ato e beijo sua bochecha.

— Eu também sinto muito. — Encaro o meu pai, que está logo atrás dela. — Sinto muito, pai.

— Todos sentimos, todos erramos. O melhor que podemos fazer agora, é deixar tudo para trás e nos reconstruirmos como família, inserindo Spencer nela, pois a sua namorada vai precisar de todo apoio possível. Estamos aqui para apoiá-lo em tudo que fizer.

Minha mãe me puxa para uma das filas de cadeiras e nos sentamos.

— Você precisa se limpar e trocar de roupa — diz, esfregando as mãos na minhas. — Quando o médico aparecer e nos informar sobre o quadro de Spencer, eu vou com seu pai pegar algo melhor para você se vestir. Tudo bem? — indaga e eu apenas assinto.

Puxo o ar com força, encostando a cabeça no ombro da minha mãe e pedindo mentalmente para Deus fazer Spencer ficar bem.



LEVANTO-ME DA CADEIRA EM UM PULO AO SENTIR MINHA MÃE ME CUTUCAR NO BRAÇO. O médico que acompanhou Spencer desde o primeiro momento em que demos entrada no hospital para em minha frente com uma mulher logo atrás dele. Ela toma um lugar ao seu lado e desce o olhar para uma prancheta que tem nas mãos, rabiscando sem parar.

— Me desculpem pela demora...

Meu coração parece querer pular para fora da boca.

— Como ela está? Por favor, me diga que Spencer está bem — imploro sem nenhuma vergonha de parece um idiota na frente das pessoas.

— Pode ficar calmo, Simon, sua namorada está passando bem e se encontra estável.

Um peso sai dos meus ombros e eu sinto vontade de gritar bem alto para libertar esse sentimento horrível que estava me sufocando pela demasiada espera por notícias.

— Quando eu posso vê-la? Será que...

— Apenas um momento — pede, pigarreando em seguida. — Essa é a Doutora Johnson. Ela é obstetra e teve que ser chamada com urgência para ver a Srta. Carter.

— M-Mas ela não está bem? — indago, gaguejando como um estúpido miserável.

Obstetra é o médico que cuida de mulheres grávidas.

Ele não pode estar...

Ele não pode estar falando sério.

— O enfermeiro que ouviu os seus relatos sobre como tudo aconteceu foi me contar detalhe por detalhe, o que apenas confirmou a minha suspeita ao analisar a Srta. Carter ao chegar aqui. Bom, primeiro eu devo dizer a vocês. — Ele passeia o olhar por toda minha família até parar em mim novamente. — A pancada do ônibus foi muito forte, mas não foi ela que apagou a sua namorada. Ela provavelmente já estava passando mal durante o seu caminho devido a todos os acontecimentos que é melhor não citarmos agora. A Srta. Carter quebrou duas costelas flutuantes, a ulna e torceu o pé esquerdo e vai precisar de todo o cuidado possível durante os próximos dois meses.

— Ela o quê?

Porra.

— Quebrou duas costelas, o braço esquerdo e torceu o pé. Repouso absoluto.

O que eu vou fazer?

Por que temos que passar por tudo isso?

— E você? — direciono-me a mulher também toda vestida de branco.

Eu já estou completamente desestabilizado, então nem noto que fui rude até minha mãe colocar a mão em cima do meu ombro e apertar a região.

— O bebê infelizmente não resistiu — diz ela.

Pisco uma, duas, três vezes.

Sinto minhas pernas fracas e a minha visão fica turva.

Bebê?

— Não... ela não estava... nós não estávamos...

Os médicos se entreolham e um bolo se forma em minha garganta, emaranhando nas minhas paredes internas e me impossibilitando de falar qualquer coisa.

Spencer estava grávida.

Spencer estava grávida.

Spencer estava grávida.

— Eu não sabia que você não estava ciente da situação dela, mas a Dra. Johnson vai explicar para você tudo o que aconteceu.

A mulher me fita com certa pena, mas eu ainda não esboço nenhuma reação. Ela desce o olhar para sua fiel prancheta e começa a despejar tudo para mim.

— A paciente Spencer Waters Carter estava com aproximadamente treze semanas de gestação e sofre de uma síndrome de abreviação S.A.F., conhecida como Síndrome Antifosfolipídica. Essa síndrome caracteriza-se por uma doença que ataca diretamente o sistema imunológico, o que poderia ser facilmente visto na Srta. Carter, uma vez que ela está abaixo do peso. Essa síndrome acomete mais o sexo feminino, podendo se manifestar de forma primária ou também podendo associar com outras condições clínicas, que, como já disse anteriormente e de fato é o caso da paciente, condições clínicas essas que estejam ligadas à sua autoimunidade. Baixo peso, alimentação desregular, não acompanhamento médico periódico são agravantes para o quadro, principalmente na gravidez. — Pisco repetitivamente, tentando absorver tudo que a Dra. Johnson me diz. Ela levanta o rosto e me encara. — A paciente já estava passando mal ao sair do cemitério. O que aconteceu quando você a viu cambalear foi um aborto espontâneo. Querendo ou não, o externo atingiu o interno.

— Essa síndrome, na gravidez, traz muitas complicações obstétricas, tais como: pré-eclâmpsia; restrição do crescimento fetal, o que causaria deformação; parto prematuro e óbito fetal. — O médico toma a vez e continua a explicar. — Caso queiram tentar ter filhos, o acompanhamento

terá que ser feito com muita cautela e cuidado. Já tratamos de uma outra paciente, aqui nesse hospital, que sofria da mesma síndrome. Todas as suas gestações não passaram da décima semana. Abortos são recorrentes. Ela teve três seguidos, até que desistiu. Sabemos da dor que é um perder um filho para uma mãe, então, caso queiram tentar, temos um prognóstico, mas primeiramente gostaríamos de conversar com a paciente e deixá-la ciente de tudo que pode acontecer se quiser ficar grávida.

— Spencer acabou de perder o pai. Como você vai contar isso para ela? Eu não posso deixar...

Eu estou desesperado.

Um filho, porra. Eu tinha um filho na barriga da minha Cherry. Ela tem uma síndrome de não-sei-o-quê, que pode nunca a deixar prosseguir com uma gravidez normal.

Como eu posso permitir que esse homem vá e termine de tirar todas as esperanças dela?

— É nosso dever, Sr. Wyatt. Estamos aqui para fazer o nosso trabalho e ele inclui deixar o paciente dentro de sua situação, dando-lhe um prognóstico que possa vir a ajudar em sua recuperação e nesse caso, tentativas futuras para uma gestação saudável e segura. Não iremos dar nenhum antídoto para a Srta. Carter, não iremos certificá-la de que tudo dará certo, nós não podemos fazer isso, mas o que podemos e iremos fazer, é mostrar que se ela se sentir confortável para pensar nisso no futuro, ela tem chances de conseguir seguir com a gravidez ao cuidar de seu próprio corpo e alimentação.

— Eu não posso acreditar nisso...

As coisas continuam piorando, as coisas continuam saindo do meu controle. Como eu devo reagir a algo desse tipo?

— Pela manhã as visitas serão liberadas a partir das oito horas da manhã. Ela ainda precisa de certos cuidados e monitoramento de perto. Srta. Carter teve um corte no rosto, nada muito profundo, mas que requer atenção. — Eu lembro disso, eu vi com os meus próprios olhos. — Aconselho que descansem um pouco, ela está sedada e sob controle, mas quando acordar precisará da força de vocês.

Tento internalizar todas as coisas que o médico me diz, mas fica difícil de digerir todas essas informações. Do momento em que minha mãe me acompanha até o carro dela e do meu pai, eu faço tudo, absolutamente tudo, no automático. Na minha cabeça apenas duas coisas passeiam por lá:

1 — Eu estou aliviado por Spencer estar estável, apesar de ter suas complicações por vir;

2 — Com quem de nós dois o nosso bebê se pareceria?

Capítulo 49

Spencer Carter

“E a gravidade quer me colocar para baixo...”

BIP, BIP, BIP...

Abro os meus olhos com dificuldade, praticamente não conseguindo completar essa ação. Sinto como se o mundo tivesse caído em minha cabeça, mas essa sensação se apascenta dentro de mim quando Simon entra no meu campo de visão. Ele me traz a sensação de estar em casa só por se mostrar presente para mim nessa situação que eu não faço a mínima ideia de qual seja.

Bip, bip, bip...

A última coisa que consigo lembrar é de ter sentido uma forte dor no meu abdômen, seguida pela sensação de algo escorrendo por minhas pernas. Fui perdendo minhas percepções rapidamente até que apaguei completamente com uma pancada.

Papai...

Ele se foi.

Um bolo se forma em minha garganta e eu tento me mover na cama, mas isso acaba tirando um grito de dor bem mais alto do que eu pensei que pudesse soltar. Minha garganta seca arranha e os meus olhos lacrimejam. É como ter uma faca enfiada no meu diafragma. Minha respiração se torna rasa pelo fato de eu encontrar dificuldade para puxar e soltar o ar e o meu corpo parece ter sido pisoteado por cem robustos elefantes furiosos.

Simon continua no meu campo de visão, mas eu não o escuto.

Ele fala ou grita, parecendo desesperado para obter uma resposta minha, mas a única coisa que sai de mim são os gritos que eu não seguro e nem pretendo segurar.

Quantos mais os segundos passam, mais dores eu começo a sentir.

Movo minha cabeça lentamente, sentindo algo em sua lateral, talvez um curativo. Tiro os olhos de cima de Simon e encaro um dos meus braços, que está engessado e a uma das minhas pernas, que está com uma bota ortopédica.

Mais uma vez tento me mover, mas não consigo, pelo menos não sem sentir dor.

Uma equipe de médicos entra no quarto, juntando-se ao meu namorado, que não sai do meu lado em hipótese alguma. Um dos homens se aproxima de mim e começa a falar. Pisco em meio lágrimas, engolindo a minha dor e mordendo o meu lábio para não deixar um ruído sair por minha boca.

— Srta. Carter? — O médico coloca a mão em cima do meu ombro, puxando uma lanterna do seu jaleco impecável. — Você consegue me ouvir? — pergunta.

— Sim — sussurro.

Ele guarda a lanterna e endireita o corpo.

— O que aconteceu? — pergunto.

Todos ficam quietos. Simon chama a minha atenção e eu tombo minha cabeça para o lado, encarando-o ansiosa.

— Você sofreu um acidente, babe — murmura, tocando com cuidado o lado do meu rosto que não dói.

— Acidente? — Arregalo os olhos.

— O médico vai explicar para você, mas, antes de tudo, preciso que saiba que eu estou aqui e não vou sair do seu lado. *Nunca*.

Tento assentir com a cabeça, mas não consigo, sendo assim, apenas pisco demoradamente para Simon e ele sela nossos lábios.

— Srta. Carter. — Volto minha atenção para o médico. A dor em meu corpo se intensifica a cada novo milésimo de segundo, mas eu aguento firme e deixo que o homem continue a falar. — Você deve estar se perguntando o que aconteceu, mas antes de explicar qualquer coisa, preciso fazer algumas perguntas a você.

— Pode perguntar — digo, rouca e fraca.

— Você se lembra dos momentos que antecederam o acidente?

— Sim...

Ele assente e pigarreia.

— Pode me falar o que você se lembra?

— Eu... Bom, eu pedi ao Simon para ficar um tempo sozinha e fiz o meu caminho para fora do cemitério. — Respiro fundo, controlando a minha vontade de chorar e seguindo em frente. — Quando parei na calçada para atravessar a rua, comecei a sentir fortes dores no abdômen, assim como tonturas e, por fim, senti algo escorrendo por minhas pernas. Isso aconteceu em um curto espaço de tempo e então eu não lembro mais de nada. Eu apaguei.

O médico assente.

Simon segura a minha mão e eu o encaro.

Ele parece nervoso.

Qual o problema? Apesar de tudo, eu estou bem e vou me recuperar.

Volto a fitar o médico e uma mulher se aproxima dele com uma prancheta nas mãos. Ela me encara com cautela, fazendo um frio subir por minha espinha.

— É um fato. Você sofreu um acidente e foi por isso que parou aqui, Srta. Carter. Você quebrou duas costelas, o braço e torceu o pé esquerdo. Fizemos um curativo na lateral do seu rosto, pois com a pancada do ônibus, uma ferida se abriu, mas ela não é profunda e não deve deixar uma marca tão grande em sua face. — Ele dá dois passos para trás. — Essa aqui é a Dra. Johnson, Srta. Carter. Ela é obstetra.

Franzo o cenho, quase dando uma risada do que ele diz.

O que diabos uma obstetra está fazendo aqui?

— Me desculpe? — digo.

— Babe — Simon resmunga.

Viro para encará-lo.

— O que ele quis dizer com obstetra, Simon? — retruco, confusa.

— E-Eu... — Simon gagueja.

Sem controlar, começo a ficar nervosa ao vê-lo dessa forma: inseguro.

— Spencer? — A Dra. Johnson me chama e retorno a minha posição inicial. — Eu sou a obstetra que cuidou de você assim que deu entrada no hospital, juntamente com toda equipe médica. — Ela engole a seco. — Você disse que antes de apagar, sentiu dores no abdômen, tontura e algo descer por sua perna, certo?

— Sim, foi isso que aconteceu.

— Eu vou tentar explicar para você da forma mais simples possível tudo que aconteceu, tudo bem? — indaga e eu pisco demoradamente em concordância. — Quando você entrou na sala de cirurgia, o médico Ian. — Aponta para o homem ao seu lado, o que começou falando. — Notou que você apresentava um sangramento vaginal. — A sensação que eu tenho nesse exato momento é a do meu sangue congelando e o meu coração parando. — Ele mandou me chamar imediatamente e, baseado nos relatos do seu namorado, foi o mais certo a ser feito naquele momento. — Ela olha de Simon para mim e vice-versa. — Demoramos tanto na sala de cirurgia porque tivemos que investigar a causa desse sangramento vaginal.

— E vocês... O que vocês...

Tento falar, mas não consigo completar nada que passa em minha mente.

— Descobrimos que você tem uma síndrome, Srta. Carter, que é chamada de Síndrome Antifosfolipídica. Ela ataca diretamente o seu sistema imunológico, o que acaba deixando-a mais fraca e abaixo do peso, o que condiz com o seu caso clínico. Ao conversar com o seu namorado mais cedo e ficar sabendo um pouco mais de sua rotina, posso concluir que esse foi o fator mais agravante do seu quadro.

— Meu quadro? — sussurro.

— Quando em uma gravidez, a gestante que apresenta essa síndrome precisa ter cuidado redobrado para que tudo ocorra bem, caso contrário, se passar de suas dez ou doze semanas, a paciente pode ter complicações no parto ou o feto nascer deformado ou vir a óbito ainda na barriga da mãe.

— Do que você está falando?

— Eu já tive uma paciente com essa síndrome, Srta. Carter. Ela engravidou por três vezes, mas mesmo com todos os cuidados, abortos espontâneos ocorreram.

— Eu não estou grávida — cuspo.

— Eu sinto muito, mas a dor que você diz ter sentido no abdômen, na verdade foi em seu ventre, Srta. Carter. Você teve um aborto espontâneo com treze semanas de gestação por conta do seu quadro clínico de imunidade baixa e baixo peso. Eu realmente sinto muito...

— Pare — exijo.

Ela não pode estar falando sério.

Isso não pode estar acontecendo comigo.

— Srta. Carter, eu preciso dizer, explicar...

— Eu não quero ouvir! — grito.

Minha cabeça começa a girar e nada mais faz sentido em minha mente. Nego-me a escutar qualquer coisa que saia da boca da obstetra. Eu estava grávida. Esse tempo todo eu estava grávida de um bebê de Simon.

Quando isso aconteceu?

Não faço ideia, mas isso não importa.

Eu estava grávida.

Levo minha mão até a minha barriga, sentindo agonia me deixar quase sem ar. Eu ofego em um chiado por conta da dor em minhas costelas.

Nada disso se compara ao vazio em meu peito.

Eu estou enlouquecendo.

Nunca vou poder dar um bebê a Simon.

Nunca vou ser capaz de fazê-lo feliz.

Nunca vou ser capaz de ser feliz.

Nunca seremos felizes juntos.

Tudo que eu lhe dou é dor e eu não quero isso para a pessoa que eu mais amo nessa vida.

Ignoro todos que tentam falar comigo, deixando-me ser levada ao lado mais obscuro da minha mente.

Nada mais faz sentido.

Eu não tenho mais nenhum propósito.

Eu nunca poderei dar o maior presente que Simon poderia me pedir: um filho. Eu nunca vou ser capaz de conviver com essa dor, tanto a minha, quanto a dele.

Primeiro o papai, agora um bebê.

Como encarar isso?

Eu sinto muito, Simon... eu sinto muito.

Capítulo 50

Simon Wyatt

“Hiato...”

Cinco dias mais tarde...

SABE QUANDO VOCÊ OUVI, MAS NÃO ESCUTA?

Deixe-me tentar explicar: isso acontece quando você está tão concentrado em alguma coisa ou com a mente tão longe, que ouve, mas não escuta ou assimila a mensagem que estão tentando te passar. Geralmente você esboça alguma reação, como por exemplo: assente no automático para tentar enganar a pessoa que fala com você. Mas, no meu caso, não ganho reação nenhuma, por mais que eu ache que é assim que Spencer está reagindo depois da notícia da perda do nosso bebê-surpresa.

Depois que a equipe médica falou com ela, tive que sair para que eles fizessem alguns exames e, quando entrei outra vez, tentei falar com Spencer de todas as maneiras possíveis, mas nada funcionou entre nós dois. Com calma, segurei o seu rosto suavemente para não a machucar e forcei nosso contato visual.

Spencer me viu, mas não me enxergou.

Spencer me ouviu, mas não me escutou.

E tem sido assim há quase seis dias.

Daquele instante em diante, ela nunca mais falou qualquer coisa, nem comigo, nem com nenhum membro da minha família. Recorri aos meus pais e a minha irmã, mas nenhum deles também sabe o que fazer ao certo. Estamos todos tristes por ter perdido Mario e em seguida, o meu bebê-surpresa e da minha Cherry, mas estamos felizes por ela estar viva. Eu estou feliz pra caralho por Spencer estar viva. Ela podia ter morrido também e esse seria o pior baque que eu poderia ter sofrido no final de tudo.

Coloquei a cabeça no lugar e comecei a pensar em como devo agir com

Spencer de hoje em diante. Minha mãe sugeriu que eu não forçasse tanto em cima da minha Cherry, então é o que eu vou fazer, mas não sei se vou aguentar por muito tempo. Spencer tem que reagir, assim como eu estou reagindo. O sofrimento é majoritariamente dela, óbvio, eu não sou burro para pensar que não é, mas também é meu.

Ela perdeu o pai.

Eu perdi o melhor amigo.

Ela perdeu um filho.

Eu perdi um filho.

Ela não me perdeu.

Eu estou com o sentimento de que estou prestes a perdê-la.

Como vamos continuar um relacionamento onde uma das partes está desligada, em hiato? Certa vez eu disse a Spencer que para funcionarmos juntos, teríamos que falar, conversar, nos comunicar. Vou deixá-la pensar por enquanto, contudo, a minha paciência tem limite. Eu tenho um limite.

Deixo Spencer sentada na nossa cama com extremo cuidado e a encaro, encontrando o seu rosto completamente desprovido de emoções.

Um arrepio sobe por minha espinha, fazendo os meus pés grudarem no chão. Vê-la tão sem reação é algo assombroso.

Ao sairmos hoje do hospital com tudo prescrito: medicamentos e procedimentos a serem tomados pelas próximas semanas; segui direto para casa, com Seth e Pearl atrás de mim, juntamente com os meus pais. Coloquei tudo em uma agenda, que provavelmente será a minha melhor amiga enquanto eu tiver que cuidar minuciosamente da saúde de Spencer para que ela possa se recuperar fisicamente.

O trabalho psicológico é comigo.

Bom, não literalmente psicológico.

Não sei se ela ficaria feliz se eu trouxesse um psicólogo ou terapeuta para vir conversar com ela. Há apenas duas saídas para essa minha ideia: Spencer se abrir e conversar ou Spencer se fechar mais ainda e ficar com raiva de mim. De todo modo, não vou me arriscar agora. Se ela precisa

conversar com alguém, esse alguém sou eu, não um desconhecido.

— Babe — resmungo, abaixando-me para ficar na sua altura. — Você precisa de alguma coisa? — pergunto.

Spencer me encara, mas continua em silêncio.

Conto de um até dez.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Seis, sete, oito, nove, dez...

Sem respostas.

— Tudo bem — finalizo o meu monólogo. Arrumo o seu corpo um pouco mais na cama e sinto a sua respiração acelerar por conta da dor que deve estar sentindo. — Eu vou pegar água e você vai tomar os analgésicos que precisa assim que eu voltar. Estamos de acordo? — volto a perguntar por força do hábito.

Tudo bem, tudo bem...

Dando-lhe uma última olhada, a deixo no quarto e vou em direção à cozinha. Encontro minha mãe e Pearl conversando em tom baixo, enquanto cozinham algo no fogão. Assim que elas percebem a minha presença, ambas param de falar e a minha irmã se aproxima.

— Como ela está? Já falou alguma coisa? — dispara.

Balanço a cabeça negativamente.

— Nada. Absolutamente nada.

Pearl suspira, passando as mãos pelos cachos curtos.

— Eu estava conversando com a mamãe e acho que... bom, nós tivemos algumas ideias... — Dá de ombros.

— Ideias? — indago, querendo saber mais disso.

Talvez isso possa nos ajudar.

Qualquer coisa pode nos ajudar.

— Bom, para que você não fique falando sozinho o tempo todo, seria uma boa ideia colocar filmes para vocês assistirem. Tem uma grande

quantidade deles na Netflix, assim como séries e afins... qualquer coisa. Pode parecer bobo, mas tentar distraí-la para fora dos seus pensamentos é uma boa ideia.

— Eu gostei disso — confesso.

— Também há livros. Você pode ler para Spencer. Não sei se já fizeram isso antes, mas andei pesquisando e soube que serve como uma boa terapia.

— Eu odeio ler.

Pearl sorri fraco e segura uma das minhas mãos.

— Eu sei, Simon, mas você precisa. Talvez isso sirva para vocês dois e não apenas para ela. E mais: pense na surpresa dela ao te ouvir lendo romances contemporâneos ou até mesmo os clássicos da literatura mundial? Pode ser algo a mais entre vocês. — Tenta me animar.

— Pode ser, mas eu prefiro assistir filmes.

— Livros são tão bons quanto — escuto Seth falar ao entrar na cozinha com Christian nos braços.

— E você lê muito? — provoco.

— Para a sua surpresa, Seth é um grande fã de Shakespeare — minha irmã responde pelo marido.

— Que seja. — Corro as minhas mãos por meu cabelo, prendendo-o e analisando mentalmente todas as minhas opções. — Talvez isso seja bom mesmo, mas eu não vou ler Romeu e Julieta. De mórbido já basta tudo que aconteceu em nossa vida na última semana.

— Tudo bem, não precisa ser Romeu e Julieta — Pearl se apressa em dizer. — Eu tenho um dispositivo e uma conta em uma plataforma de livros que vai facilitar isso para você. Amanhã eu trago comigo, então hoje você pode investir nos filmes ou séries.

— Fechado. — Levo sua mão até meus lábios e deposito um beijo no dorso. — Eu vou levar um copo de água para Spencer, está na hora do remédio.

Pearl sorri fraco.

— E eu vou me despedir dela, assim ela pode descansar.

Assinto, deixando minha irmã sair da cozinha com Seth em seu encalço.

Viro-me para pegar um copo e minha mãe já me espera com um nas mãos, oferecendo-o para mim. Sorrio em agradecimento e seguro o copo.

— Talvez pareça difícil de lidar com ela, mas você é capaz e vai conseguir — minha mãe diz, surpreendendo-me com suas palavras.

Não que eu estivesse pensando não ser capaz de fazer isso, mas também não estava tão certo da minha capacidade de passar por cima das minhas próprias barreiras para fazer Spencer perceber que ainda temos uma saída. Força de vontade eu tenho de sobra, mas força de vontade nem sempre é tudo que nós precisamos para seguir em frente em algo que precisamos realizar.

— Obrigado, mãe.

— Eu vou deixar o jantar pronto e vou guardar dois potes na geladeira, assim você pode apenas esquentar amanhã para o seu almoço com Spencer, tudo bem? — Assinto, ainda mais grato do que antes. Por mais que eu tenha crescido em uma família que passa o hábito de cozinhar dos pais para os filhos, cozinhar não é algo que eu faço até não ter mais nenhuma opção a recorrer. — Eu e Pearl vamos vir à tarde. Ela tem uma consulta no obstetra e eu vou acompanhá-la, já que Seth terá uma reunião com os outros membros da diretoria dos hotéis. Viremos todos os dias, até que você diga que não é mais preciso.

Minha mãe está me salvando de mais uma preocupação. Minha comida é comestível, mas não é a melhor delas e eu não tenho um grande repertório. Sei fazer uma boa pizza, fritar carne, ovo, bacon e merdas nada saudáveis. Spencer não vai se recuperar se comer isso todo dia.

— É um favor que vocês duas fazem para mim — digo, abrindo a geladeira e tirando uma garrafa de água lá de dentro. Despejo o conteúdo no copo e a deixo em cima do balcão. — Eu vou dar o remédio de Spencer, mas volto para me despedir de vocês — aviso.

Saio da cozinha, recebendo um sorriso da minha mãe e sigo para o

quarto. Entro sorrateiramente no cômodo, escutando a minha irmã falar sozinha em tom baixo com a minha namorada. Seth está carregando Christian perto da porta, ambos calados e apenas escutando minha irmã em seu monólogo encorajador e cheio de emoção.

Se fosse diferente, não seria Pearl.

Observo como Spencer encara Pearl, o que me deixa alarmado. Ela não está realmente encarando a minha irmã, mas sim a sua barriga grande de não sei mais quantos meses. Os olhos da minha Cherry estão cheios de lágrimas que ela não deixa escapar. Isso não é bom. O contato entre elas duas não está sendo bom. Não com Spencer nessa situação. De jeito nenhum isso vai ajudá-la a se recuperar. Primeiro andar, depois correr.

Aproximo-me de Pearl, pousando a minha mão em cima de seu ombro e pressionando para chamar a sua atenção. Minha irmã para de falar e vira a cabeça para me fitar de volta com os olhos tão marejados quanto os de Spencer.

— Chega, Pearl — murmuro. — Vá ficar com a mamãe, por favor.

Ela se encolhe, mas assente.

— Eu amo você, Spencer. Nós todos amamos e mal podemos esperar para tê-la de volta conosco — dito isso, Pearl sai do quarto com Seth e Christian.

Respiro profundamente, fechando a distância entre eu e Spencer. Deixo o copo em cima da mesa de cabeceira do seu lado da cama e sento-me na beirada da cama, levando minha mão até o seu rosto.

— Você não precisa ficar assim, Spencer. É só a Pearl, a sua melhor amiga, a minha irmã. Ela não é um monstro, você não precisa olhar para ela daquela maneira, muito menos para a barriga dela daquele jeito.

Spencer fecha os olhos com força e as lágrimas escapam.

Eu sei que ela não quer estar assim, mas também entendo que nesse momento é a única coisa que ela consegue fazer.

Pego as caixas de remédio em cima da mesa e tiro um de cada.

— Vamos, babe — continuo. Spencer abre os olhos e a boca

simultaneamente. Lhe dou todas as cápsulas e levo o copo de água até os seus lábios. Ela toma, sem deixar de quebrar o nosso contato visual e quando a água acaba, deixo o copo em cima da mesa. — Você precisa me ajudar a te ajudar.

Enxugo as lágrimas que caíram e a ajudo a deitar-se.

Tomo cuidado ao cobrir seu corpo com o nosso lençol, principalmente o seu pé machucado. Quando Spencer fica confortável, paro de mexer com ela, deixando-a relaxar aos poucos.

Os minutos passam e eu continuo a observando. Seus olhos vão pesando por conta do efeito do remédio, mas antes que ela perca total consciência, aproximo os meus lábios dos seus e murmuro sobre a sua boca:

— Eu te amo, Cherry.

Seus olhos lutam para continuarem abertos, mas Spencer apaga.

É melhor assim, por mais que eu queira gritar por todos os cantos da Terra o quanto eu amo a minha Spencer. Eu disse e ela ouviu, agora ela precisa acreditar nisso. Acreditar que o meu amor pode ajudá-la a voltar aos trilhos, acreditar que o *nosso* amor pode reconstruir a nossa relação como um casal.

A minha Cherry precisa acreditar nas minhas palavras.



DEPOIS QUE SPENCER ADORMECEU, SAÍ DO QUARTO E ME JUNTEI AO RESTO DA MINHA FAMÍLIA. Minha irmã ainda estava levemente abalada, mas aos poucos foi melhorando e após isso nós passamos um par de horas conversando. Perto das seis da tarde despedi-me de cada um e minha mãe lembrou-me que amanhã ela voltará com Pearl. Assenti, pois preciso delas. Meu pai também disse que viria, sugerindo passar um tempo comigo e eu voltei a concordar, por mais que o meu foco seja estar perto de Spencer o tempo todo.

Por fim, apenas eu e Spencer ficamos em casa.

Levanto-me do sofá, depois de passar mais de meia hora procurando algum filme bom para assistir com Spencer e vou em direção ao quarto. Chegando lá, encontro a minha Cherry despertando aos poucos.

Ela sobe a mão boa até os olhos e os esfrega, bocejando em seguida. Eu sinto meu peito aquecer com a sua imagem, mesmo que ela esteja com o aspecto de doente. Sua pele está ralada em muitos lugares, fora todo o resto que o médico nos informou. A única coisa que me acalma em momentos como esse, é a certeza de que ela vai se recuperar.

Spencer continua se remexendo na cama, parecendo ter despertado por estar desconfortável ou com dor. Eu aposto na segunda opção. Aproximo-me dela, que finalmente parece me notar, mas imediatamente afasta o olhar de cima de mim. Respiro fundo, não me deixando ficar abalado por sua ação.

“Está tudo bem”, repito mentalmente.

— Spencer — murmuro, sentando-me na beirada da cama com cuidado. Ela me ignora, como se eu nem mesmo estivesse lhe chamando. — Eu acho que está na hora do seu banho — continuo, lembrando-me de tudo que o médico me disse para fazer na hora do banho. — Você acha que aguenta?

Silêncio.

Um pouco mais de silêncio.

Silêncio.

— Eu vou levar isso como um “não” — retruco para mim mesmo.

Fico de pé e saio do quarto com a cabeça correndo a mil por hora. Encontro uma bacia de plástico, a mesma que eu usava para aparar água quando ajudava Mario no banheiro e volto para o quarto. Passo por Spencer, que ainda está na mesma posição que antes, só que de olhos fechados. Sigo para o banheiro e ligo o chuveiro, regulando a temperatura da água e deixando a bacia de plástico encher. Saio atrás de uma cadeira e volto para o banheiro, desligando o chuveiro e pegando uma esponja.

Estico o meu pescoço e estalo os dedos, tomando coragem para voltar

até Spencer. Dois minutos mais tarde eu estou novamente em frente a ela. Se ela não quer falar, eu não vou forçá-la tanto. Puxo o lençol de cima do seu corpo e levanto Spencer nos meus braços, escutando a sua respiração difícil acelerar por conta do movimento.

Nos encaminho para o banheiro e eu deixo Spencer sentada na cadeira. Apresso-me para tirar a sua roupa, percebendo que de agora em diante não será preciso que ela fique tão vestida assim. Livro-me de todas as peças, sempre a observando e pronto para atender qualquer pedido seu caso ela se proponha a falar comigo. Mas isso não acontece.

Consigo um banco e deixo a perna de Spencer apoiada para não molhar a bota ortopédica. Ela está com a cabeça encostada na cadeira e agarrando a mesma com sua mão que não está ferida. Molho a esponja e começo a fazer algo que nunca pensei que faria: dar banho em uma pessoa. Literalmente. É óbvio que eu ajudei Mario por incontáveis vezes, mas não é a mesma coisa que está acontecendo com Spencer. Ela está parada, petrificada, praticamente não se movendo enquanto eu limpo o seu corpo com cuidado. Isso faz um nó surgir em minha garganta.

Como viemos parar aqui?

Em silêncio, quebrados, praticamente sem chance de remendo?

Eu não estou me dando por vencido, mas em imaginar que quando vim para Long Beach eu só pensava em curtir mais do mesmo...

Os minutos se passam e eu finalmente termino de banhar Spencer.

Entrei no automático durante os dez minutos passados, afinal, algum de nós dois tem que se manter na linha mesmo com tanta dor assim.

Enrolo Spencer em uma toalha e levanto o seu corpo mais uma vez, caminhando com rapidez até o quarto. Com esforço, ela fica de pé por pouco menos de um minuto, enquanto enxugo o seu corpo e a coloco deitada mais uma vez.

Minha cabeça lateja de dor.

Pego uma camiseta minha de dentro do guarda-roupa e uma calcinha dela, ajudando-a a se vestir.

Sento-me outra vez na beirada da cama e enfio a minha cabeça entre as minhas mãos.

Eu consigo fazer isso.

Eu vou conseguir levar isso por nós dois, Spencer.



ACONCHEGO-ME AO LADO DE SPENCER, ENQUANTO O FILME COMEÇA A PASSAR NA TELEVISÃO PREGADA À PAREDE. Depois que tomei o meu próprio banho e fui esquentar a sopa de frango e legumes que a minha mãe fez, voltei para o quarto com uma bandeja.

Spencer está meio sentada e meio deitada. Ao menos eu acho que fiz de tudo para deixá-la o mais confortável possível e bom, ela não reclamou de nada — *eu até me assustaria se reclamasse*. Chegou a hora de fazer ela comer alguma coisa e mesmo que não tenhamos trocado mais palavras, não deixarei isso de lado.

Sem conversa, começo a alimentar Spencer, que nem mesmo se dá ao trabalho de relutar. Ela come tudo que eu lhe ofereço, mas nunca me olha. Eu deixo isso passar, assim como deixo passar o sentimento de necessidade em tê-la conectada comigo. Deixo o prato ao lado do meu, que provavelmente já esfriou e pego o copo de água. Pressiono o objeto nos lábios de Spencer e ela bebe até a última gota sem parar.

Os minutos passam e, enquanto eu me alimento, observo a minha Cherry de olhos vidrados no filme que escolhi para nós dois.

É um filme de animação, provavelmente um dos que Christian assistiria com Ryle, mas, foda-se, não consigo pensar em nada melhor do que isso.

O filme é sobre um dinossauro, nesse caso, um “bom dinossauro”.

Nos primeiros momentos, o dinossauro perde o pai.

Acho que a minha escolha acabou sendo uma merda, entretanto não

movi um músculo sequer; Spencer também não. Quando percebi que ela continuou de olhos grudados na tela, respirei outra vez.

Cerca de quinze minutos depois, saio do quarto sorrateiramente e levo a nossa bandeja para a cozinha. Tiro uma garrafa de água da geladeira e retorno para o quarto. Desligo a luz e sigo para o meu lugar, mas não antes de endireitar Spencer em seu próprio espaço.

— Assim está bom? — pergunto.

Um...

Dois...

Três...

Nada.

Dou a volta em nossa cama e deito, deixando a garrafa de água na minha mesa de cabeceira.

O filme continua e nós dois assistimos sem falar nenhuma palavra. Devo admitir que apesar de tudo, o filme não é de todo ruim. A história contada é bastante real se você souber como relacionar e maleá-la para outras situações. Por exemplo: o personagem principal perde o pai, Spencer perdeu o pai; o personagem principal tem um amigo para tentar fazer com que ele vença os seus medos; Spencer tem a mim para tentar fazê-la superar tudo que aconteceu aos poucos. É tudo uma questão de adaptação da narrativa contada. Eu consegui relacionar muito bem, porém não sei se isso sequer passou pela cabeça de Spencer.

— Foi um bom filme, huh? — comento, pegando o controle remoto e desligando todos os aparelhos assim que o filme chega ao fim.

Estamos imersos na penumbra e quietude do nosso quarto.

Apoio a minha cabeça em minhas mãos, flexionando os meus braços e respirando profundamente.

Eu odeio esse silêncio pra caralho.

Pego o meu celular, que está jogado entre Spencer e eu e destravo a tela com a minha digital. De soslaio, percebo que a minha Cherry já está de olhos fechados, mas não está dormindo.

Fico vagando por minha galeria de foto e vídeos até escolher um dos muitos vídeos, que fiz durante os últimos meses, para assistir. A imagem é irregular e tremida, afinal, esse era apenas mais um momento normal da minha vida, de Spencer e de Mario.

As imagens que eu gravei me confortam. A voz de Spencer me conforta, traz ela de volta para mim, algo que o seu corpo inerte ao meu lado não é capaz de fazer. Essa sensação é incomparável.

Eu vejo o mesmo vídeo por três vezes seguidas, sempre prestando atenção para o seu tom de voz e o seu gestual ao se dirigir a mim, que estava atrás da câmera. Sorrio de suas palavras irritadas, porém, era algo entre nós dois: a nossa essência.

— Eu sinto sua falta, Cherry — resmungo, depois que o vídeo termina pela terceira vez.

Deixo que a tela apague sozinha e que o celular volte para o seu lugar inicial.

Escuto o soluço baixo de Spencer.

Isso continua quebrando o meu coração.

Sem sua permissão, puxo o seu corpo um pouco mais para perto de mim. Spencer deixa sua cabeça cair sobre o meu ombro, enquanto suas lágrimas banham a minha pele. Ela parece confortável comigo a acalentando. Mais uma vez empurro minha dor para baixo, enquanto tento sugar a sua para mim.

— Se quiser chorar, pode chorar. Se quiser gritar, pode gritar. Eu só peço que fale comigo e que me deixe entrar, Spencer... — suplico.

Ela me ouve, mas não me escuta. Novamente.

Em algum momento Spencer se acalma e cai no sono com sua mão não machucada colada ao meu peitoral. Eu beijo o topo de sua cabeça por repetidas vezes, satisfeito apenas por esse contato.

Temo não estarmos perto de algo melhor.

Temo que ela não fale comigo.

Temo, acima de tudo, não ter estômago para aguentar essa situação.

Capítulo 51

Simon Wyatt

“Pai...”

VOLTO PARA O QUARTO AINDA SONOLENTO.

Sabe quando você está com sono, mas por algum motivo a sua cabeça não consegue parar de funcionar? Bom, eu tenho os meus motivos, então completamente entendo o fato da minha mente estar me boicotando. Não consigo pensar em outra coisa além do silêncio de Spencer e da falta que Mario me faz. No instante em que saí do quarto, fui em direção a sala de estar à procura inconsciente de Mario.

Ele sempre tinha algo bom para falar na maioria dos momentos em que eu me encontrava confuso. De fato, Mario era, o meu maior conselheiro. Eu sei que o perdi, mas o meu inconsciente me leva pelo mesmo caminho que fiz por meses. Nós sempre acordávamos cedo e ficávamos na sala de estar conversando sobre o assunto preferido de Mario: a vida. Era um dos tantos rituais que nós adquirimos ao nos tornarmos tão próximos e ligados nas necessidades um do outro.

Sento-me na poltrona que está encostada à parede que fica de frente para minha cama e de Spencer. Ela ainda dorme, afinal, são apenas quatro da manhã. Eu sou o único fora do normal aqui. Encaro o seu rosto sereno, mas ainda muito machucado. Estou aliviado por ter Spencer bem na medida do possível e comigo. Tê-la ao meu lado é o que me faz continuar, mesmo que o seu silêncio seja assombroso.

Eu tento pensar em uma saída para ajudá-la a entender o que ela está sentindo, mas tudo que consigo pensar é sobre psicólogos ou terapeutas. Essa é a coisa certa a ser feita tanto para Spencer, quanto para mim. Porém, eu tenho medo de que ela se feche ainda mais em seu mundo. Quero dizer, tem como isso ser possível? Apesar de tudo isso, Spencer ao menos me deixa cuidar dela.

Tem sido tempos difíceis de lidar. Situações extremas e sentimentos intensos demais para nós dois.

Perdemos um bebê.

Sinto-me mal por ter feito isso acontecer. De um jeito ou de outro, fiz Spencer transar comigo sem camisinha e mesmo que ela tenha aceitado, é uma culpa que começo a carregar por ter feito isso acontecer de fato. Se eu não tivesse sido idiota demais, teria mantido o pau na camisinha e aceitado sem pestanejar a sua escolha acertada de não ter bebês no momento. Mas, não, eu tive que estragar as coisas com a minha vontade de ter um filho seu.

Como se pareceria o nosso bebê?

Depois de Spencer, essa é a única coisa que passa em minha cabeça. Me faz doente e deixa a minha mente nublada, mas, como eu disse, foi minha culpa.

Corro os dedos entre os fios do meu cabelo e levanto da poltrona, voltando para a cama. Enfio meu corpo debaixo do lençol e Spencer vem para perto de mim como um ímã. Isso me faz feliz. Ao menos dormindo ela reconhece que o que há entre nós é além do explicável.

Beijo o topo de sua cabeça, aconchegando-a em meus braços e caindo no sono sem aviso prévio.



COLOCO O CORPO RETESADO DE SPENCER EM CIMA DA CAMA E A AJUDO A FICAR CONFORTÁVEL OUTRA VEZ. Acordamos há quase duas horas e devo pontuar que o que ocorreu foi estranho demais. Quando Spencer notou que estava em meus braços, ela ficou muito envergonhada, como se estivesse falhado em algo muito importante. Eu a deixei, antes que causasse mais estranhamento entre nós dois e fui preparar o seu banho.

Mais uma vez eu lhe dei banho e escovei os seus dentes. Por mais que Spencer esteja aceitando a minha ajuda, me sinto esquisito, pois ela está

omitindo muitas coisas de mim ao não se comunicar. Cada nova tarefa que eu faço para ajudá-la, é como se ela estivesse se afastando mais e mais. Soa muito estranho, mas é o que eu consigo sentir vindo dela.

Eu a deixo confortável na cama e vou tomar o meu próprio banho, aproveitando para guardar toda a bagunça que fiz e não demorando muito para não a deixar por conta própria.

O mais cedo que saio do banheiro e me visto, vou esquentar a nossa comida, pois já está tarde e não é mais hora de café-da-manhã. Pego a bandeja e coloco em cima do balcão, deixando dois pratos fundos ali e voltando para o fogão.

Puxo o meu celular do bolso e navego até parar na minha agenda telefônica.

Minha mãe está com Pearl no hospital, então não posso ligar para nenhuma delas. Sculler está com as crianças, então seria um passo errado chamá-lo com Christian e Ryle quando Spencer acabou de passar por tudo o que passou. Cassie e Seth estão na reunião dos hotéis Kassid. E eu realmente cogitei por um segundo chamar Seth para trocar uma ideia comigo. O último a ter a minha atenção é meu pai. Disco o seu número, antes que eu pense demais e acabe descartando a ideia.

No terceiro toque ele atende.

— Ei, filho — diz, parecendo surpreso por receber a minha ligação. Então somos dois... — Tudo bem?

— Pai — o saúdo. — Tudo indo do jeito que dá e com você? — pergunto.

Desligo o fogo da panela e me encosto no mármore da pia.

— Da mesma forma — confessa.

Ficamos em silêncio, talvez um pouco desconfortável para ambos, o que me faz pigarrear o mais rápido possível.

— Eu estava pensando se você não quer vir aqui — sugiro, um tanto envergonhado com a situação na qual eu estou me metendo. — Eu vou alimentar Spencer e lhe dar os seus remédios, o que a fará dormir logo em

seguida. A mãe e Pearl estão no hospital e virão apenas mais tarde. Se você estiver livre, poderia passar aqui para conversarmos um pouco ou assistir algum jogo na televisão?

Meu pai fica em silêncio.

“Péssima ideia, Simon. Passo muito estúpido a ser dado”, penso.

— Claro! — exclama, de repente. — Eu vou levar pizza e suco para nós. Chegarei em uma hora no máximo, estou apenas terminando de fechar algumas contas e logo estarei aí — informa.

— Tudo bem, pai. Estarei te esperando — retruco, sentindo um peso deixar os meus ombros.

— Te vejo daqui a pouco — finaliza.

Desligo a chamada e enfio o meu celular de volta no bolso da minha calça.

Pego a panela e começo a servir o meu prato e de Spencer. Quando temos o suficiente da sopa de frango e legumes que a minha mãe fez, pego duas fatias de pão de alho e as deixo do lado de cada um dos pratos. Abro a geladeira e pego o suco de laranja lá de dentro, enchendo nossos copos e me dando por satisfeito com todo o meu esforço.

Ficou ótimo e o cheiro está divino, assim como ontem.

Faço o meu caminho para o quarto e encontro Spencer da mesma forma que a deixei antes de sair do cômodo. Deixo a bandeja em cima da minha mesa de cabeceira e ligo a televisão, dessa forma teremos alguma coisa preenchendo o ambiente além de nossas respirações e suspiros recorrentes. Pego o prato de Spencer e começo a alimentá-la e assim como ontem, ela não nega a minha ajuda de jeito algum.

Molho o seu pedaço de pão na sopa e lhe dou. Ela morde o pedaço úmido de caldo e mastiga com calma. Contato visual nunca é feito entre nós dois, ela age como se fosse um robô.

Dez minutos depois eu lhe dou o copo de suco e ela o segura, bebendo enquanto eu começo a fazer a minha refeição ao seu lado.

O programa de culinária passa na televisão à frente, entretendo a mim o

suficiente para esquecer Spencer por alguns poucos segundos. Ela me entrega o seu copo de suco agora vazio e eu o coloco ao lado do meu. Continuo assistindo o programa e quando percebo já estou terminando de comer o meu prato de sopa.

“Assistir televisão enquanto se realiza uma refeição é algo muito idiota a ser feito, Simon”, minha mente me repreende. Agora eu estou com mais fome do que antes, porém, felizmente o meu pai está vindo com pizza para nós dois.

Tomo o meu suco e me levanto, deixando tudo em cima da bandeja e saindo do quarto. Entro na cozinha e deixo as coisas na pia, seguindo até a geladeira para pegar uma garrafa de água. Faço o caminho de volta para o quarto, entrando no mesmo e observando Spencer assistir ao programa que está passando na televisão. Aproximo-me dela e lhe dou a garrafa de água depois de abri-la, pegando todos os remédios que ela precisa e colocando em sua boca.

Ela toma tudo sem reclamar e eu pego a garrafa de água de volta, tampando e deixando em cima da sua mesa de cabeceira.

Sento-me ao seu lado e continuamos de olhos grudados na televisão, mas gradativamente Spencer cai no sono sem nem mesmo perceber. Cubro o seu corpo com o lençol e diminuo o volume da televisão, desligando-a e me levantando. Pego o outro controle remoto e fecho as cortinas. Por fim, dou uma última olhada em Spencer e desligo a luz, deixando-a descansar em paz.



ABRO A PORTA DO MEU APARTAMENTO E CUMPRIMENTO O MEU PAI COM UM ACENO BREVE. Ele entra com duas caixas de pizza no braço e segue para o sofá, deixando-as em cima da mesa de centro. Tranco a porta e caminho até o outro sofá, assim podemos ficar frente a frente.

— Como você está? — pergunta e eu dou de ombros.

Puxo uma das caixas para o meu colo e abro, tirando uma fatia da pizza que ele provavelmente fez e enfiando de uma só vez na minha boca.

— Eu estou levando as coisas com toda calma possível — digo um minuto mais tarde.

Ligo a televisão e deixo que o canal esportivo fique de som de fundo para nós dois. Se alguma coisa ficar estranha, podemos fingir que nada aconteceu e assistir televisão até a mamãe chegar com Pearl.

— E Spencer? — continua.

— Ainda no mesmo ritmo — informo.

— Ela não fala? — Concorde com a cabeça. — Já pensou em chamar um psicólogo? — questiona.

Eu o encaro, inclinando a minha cabeça para o lado.

— Tenho medo de que isso acabe sendo um passo errado para a recuperação dela — resmungo.

— Você não deveria ter medo, filho. Às vezes ela precisa de alguém que não a conheça para finalmente se abrir e derramar os seus problemas e receios — explica. — Você nos contou como os médicos informaram para Spencer tudo que tinha acontecido. Foi errado, mas eles estavam fazendo o trabalho deles de dar a verdade nua e crua para ela.

Isso é verdade.

Quando eu lembro da cena, recordo-me exatamente o que eu senti. As coisas que a mulher falou para Spencer e como ela começou a definhar em frente a mim depois de cada palavra proferida por aquelas pessoas. Não só eles erraram, como eu errei também, conseguindo ver isso apenas agora. Eu deveria ter pedido mais tempo com ela, deveria ter levado as coisas com calma e preparado Spencer para o momento de saber que nosso bebê não havia suportado o acidente.

No final de tudo, todos erramos.

Os médicos, eu e agora Spencer.

Ela está errando em guardar tudo para si mesma, quando o que mais precisa fazer é deixar tudo sair e se aliviar de tamanha dor. Ela está errando

por ignorar o meu sofrimento, quando o que eu mais prezo nesse momento é abafá-lo para tentar lhe dar conforto. Apesar de todos os seus erros, eu entendo. Parece contraditório, mas eu entendo Spencer e é por isso que eu não desisto dela e muito menos de nós dois.

Essa fase vai passar.

— Você acha que eu devo trazer um profissional para tentar se comunicar com ela? — questiono o meu pai.

— Eu tenho certeza disso. Ela já não fala mais com você e com ninguém, Simon, não tem como piorar. Spencer precisa perceber que estamos ao lado dela e que ela tem uma família, por mais que acredite que não tenha. Ela precisa perceber e acreditar nisso, senão ela vai se perder completamente.

Pego outra fatia e mordo um pedaço.

Meu pai está certo.

Eu não tenho mais nada a perder.

— Eu vou pedir para Pearl conseguir contato com algum psicólogo ou terapeuta e o teremos aqui o mais rápido possível para ver Spencer — sentencio.

— Assim que se fala — retruca, aliviado. Meu pai pega a outra caixa de pizza e abre em cima do seu colo, agindo exatamente como eu, ou seria o contrário? — Ela vai voltar a ser quem era antes e vocês vão superar isso juntos. Aliás, vocês podem sim ter bebês — diz. — Estive pesquisando sobre casos e mais casos de pessoas com a síndrome de Spencer e vi que muitas mulheres engravidaram por mais de três vezes e levaram a gravidez até o fim.

Assinto e me sinto abraçado, mesmo que meu pai não tenha me tocado. Saber que ele pesquisou sobre isso e está preocupado com Spencer é mais do que reconfortante, pois ao menos eu não serei o único que passa todo tempo livre procurando na internet sobre relatos e casos clínicos de pacientes com a síndrome que a minha Cherry tem. Já perdi a conta de quantos artigos eu li e creio que ainda vou ler muito mais.

— Estou fazendo a minha parte para sairmos dessa e se caso ela quiser engravidar algum dia, teremos muitas chances de levar isso até o fim. Eu perderia os cabelos de tanta preocupação, mas faria até mesmo o impossível

para Spencer ter o nosso bebê.

— Isso vai acontecer e eu vou ser o avô mais babão da face da Terra.

Solto uma risada fraca, pois eu sei como o meu pai é com Christian e ele é além de babão.

— Eu não vou deixar você estragar meu filho — digo em tom brincalhão. — Se alguém aqui vai estragar essa futura criança, esse alguém sou eu.

Papai revira os olhos, mas acabamos rindo.

Pelo resto da tarde nós dois assistimos a reprises de jogos e a um jogo de basquete que estava passando ao vivo. Minha mãe e Pearl chegaram em algum momento da nossa tarde, mas não lhes demos muita atenção. Continuamos assistindo e interagindo um com o outro enquanto criticávamos jogadas e jogadores sem parar.

Esse foi um momento inesquecível para mim.

Finalmente senti a conexão de pai e filho que tanto ansiei.

Finalmente senti o meu pai sendo realmente um pai para mim.

Capítulo 52

Simon Wyatt

“Desenhos...”

ANDO DE UM LADO PARA O OUTRO NA SALA DE ESTAR, SENTINDO AS MINHAS MÃOS SUADAS E O MEU CORAÇÃO ACELERADO. Meus pais, Pearl, Seth e Christian estão aqui comigo, enquanto eu espero o psicólogo voltar da sala que preparei para Spencer e ele conversarem. Uma semana atrás falei com a minha irmã para conseguir um profissional bom e competente da área, ressaltando que ele deveria ser bastante paciente para lidar com Spencer e seu interminável silêncio. Já faz quase uma hora e meia que eles estão na sala e o homem ainda não voltou de lá. Eu não sei se me sinto esperançoso ou se declaro guerra perdida, tudo que sei é que os meus nervos estão me matando.

Spencer continua tão silenciosa quanto antes.

Ela consegue se mexer um pouco melhor quando tem que levantar para banhar, o que me diz que os remédios estão funcionando e que ela está se recuperando aos poucos, mesmo que ainda seja muito cedo para tomar uma conclusão como essa.

— Para de andar de um lado para o outro, Simon — Pearl pede, segurando a minha mão e me puxando para o sofá. Caio ao seu lado e inclino meu rosto para fitá-la. — Você está me deixando mais nervosa que o necessário.

— Talvez seja por que eu também estou nervoso. — Reviro os olhos, mas em seguida me arrependo de falar assim com ela. — Sinto muito — resmungo. — Eu estou uma pilha de nervos. Não aguento mais essa demora e a expectativa em saber se Spencer falou ou não com o psicólogo.

— Eu também estou assim e tenho o sentimento de que talvez eu tenha esse bebê antes da hora — brinca e Seth grunhe do seu outro lado.

— Controle-se, Pearl. Eu ainda não estou pronto para ter um ataque

cardíaco — Seth retruca.

— É melhor você se controlar mesmo — concordo. — Falta pouco para esse garoto sair de dentro de você, então respire fundo e deixe que apenas eu perca a cabeça com as coisas que estão acontecendo com Spencer.

Pearl suspira, entrelaçando os nossos dedos e tentando confortar-me. Por parte isso funciona, me deixando menos nervoso, mas a ansiedade continua indo e vindo no meu corpo.

— Você já escolheu um nome para o garoto? — pergunto, ainda tentando me manter entretido com outra coisa.

— Seth pensou em Adolf... — minha irmã diz e eu seguro o riso ao perceber que Seth faz o mesmo.

Eu não duvido nada que ele falou isso para irritar a minha irmã.

— Tipo Hitler?

— Sim! — Pearl exclama exasperada. — Seth está perdendo a noção das coisas. — Revira os olhos e balança a cabeça negativamente. — Nosso filho nunca terá esse nome, eu já escolhi o nome dele.

— Já? — eu e Seth perguntamos ao mesmo tempo, ele soando mais surpreso do que eu, como se estivesse sabendo da notícia nesse exato momento.

— Escolhi — Pearl repete, olhando para nós dois. — O nome dele vai ser Andrew.

— Andrew? — Seth questiona, como se tivesse testando o nome.

— Sim, Andrew Wyatt-Sawyer.

Devo admitir, isso soa muito bem.

— Eu gostei — digo. — Christian e Andrew Wyatt-Sawyer.

— Tudo bem, esse é um bom nome — Seth concorda e Pearl sorri animada.

Ela ganhou a competição de nomes.

Os dois ficam conversando e eu apenas observo. Christian vem para o meu colo e eu lhe dou o meu celular, deixando-o se entreter com os jogos

baixados especialmente para ele.

De minuto a minuto eu encaro o corredor, ansioso com a aparição do psicólogo, mas ele demora e eu me conformo com a sua demora.

O que me resta é esperar e tentar manter a minha ansiedade um pouco menos visível para todos os meus familiares.



DEIXO CHRISTIAN SENTADO NO MEU LUGAR E CAMINHO ATÉ O HOMEM QUE ESTAVA FALANDO COM A MINHA CHERRY. Eu sou o mais rápido de todos, mas segundos depois sinto mais pessoas atrás de mim.

— Como foi? Ela falou alguma coisa? — pergunto.

— Não — ele retruca, suspirando por fim, como se estivesse cansado.
— A paciente Spencer Carter está muito ruim e observando-a de perto, comparando com tudo que aconteceu, devo acrescentar que ela está em um brando estado de choque desde que recebeu a notícia do aborto — continua.
— Eu tentei falar com ela de todas as formas e usei das mais diversas dinâmicas, até mesmo algumas que eu usava quando estava no início da carreira e tinha que tratar de crianças com déficits de atenção e até mesmo depressão por conta de bullying sofrido entre os colegas da escola.

— Mas ela não disse nada? Não fez nenhum gesto?

Porra, Spencer.

— Ela não falou comigo, mas fez outra coisa.

— Outra coisa? — indago.

— Eu lhe dei um papel e uma caneta preta desde o primeiro momento em que fizemos primeiro contato. Apresentei-me a ela, disse-lhe os motivos pelos quais eu fui chamado para vê-la e expliquei que seria seu amigo, assim ela poderia ficar mais à vontade para me contar o que está se passando por sua cabeça. — Finalmente percebo que o homem está segurando um papel na

mão, enquanto carrega a sua maleta de couro na outra. — Dentre tudo que lhe falei sobre mim e lhe pedi para falar sobre ela, nada funcionou. Então comecei a lhe fazer perguntas...

— E ela desenhou? — Essa é a única coisa em que consigo pensar.

— Sim — afirma. Eu me sinto animado para ver o que ela desenhou, pois esse é o seu primeiro contato depois de quase duas semanas inteiras. — Spencer fez vários desenhos conforme eu ia lhe fazendo perguntas. Alguns ela ignora, então percebia que era quando ela não queria falar sobre algum assunto — explica para mim. — Podemos nos sentar um pouco? — pede.

— É claro — digo rapidamente.

Guio o homem até o sofá e ele deixa a sua maleta em cima da mesa de centro, colocando logo em cima dela o papel que contém os desenhos de Spencer.

— Eu perguntei como ela estava se sentindo e ela desenhou isso — vira o papel e aponta para o desenho pequeno de uma gota —, o que nos diz que não. Isso é uma gota e essa gota, no estado em que ela se encontra, nos remete a lágrimas. Não é uma surpresa para vocês saber disso, mas ela me contou, então isso já é um passo a mais. Spencer não está se sentindo bem ou nada perto disso.

Respiro fundo, sentindo um caroço tomar conta da minha garganta.

— Eu perguntei a ela se queria me dizer mais sobre isso, adicionar mais alguma imagem sobre a primeira pergunta, mas ela não desenhou nada. — Isso é assustador. — Eu perguntei o motivo pelo qual ela não está falando e Spencer não fez nenhum desenho. Ela parou de desenhar e ficou sem reação por cinco minutos. Continuei lhe fazendo perguntas e mais perguntas, ela não chegou a desenhar tanto assim, apenas fez alguns rabiscos que são indecifráveis e não fazem sentido com os meus questionamentos. — Observo os rabiscos que realmente não formam nenhuma imagem. — Por fim temos essa imagem — diz, em tom mais baixo.

Meus olhos estão grudados na imagem há segundos.

— O que você perguntou? — indago.

— Eu perguntei para ela como ela está se vendo nesse momento e

como ela gostaria de estar daqui a algum tempo, indagando ainda se você está ou não nos planos dela.

Spencer não fez isso.

O desenho é malfeito, mas não precisa de muito para entender o que está se passando dentro dela. Tem uma gaiola e dentro dessa gaiola, uma mulher está sentada, fazendo-me ter certeza de que é Spencer. Um pouco mais longe da gaiola há um homem — eu —, um bebê improvisado nos braços dele e outra mulher ao lado do homem. Em cima está escrito “outra mulher”.

— Eu vou falar com ela — digo, sentindo o desenho dela despertar o meu lado mais estúpido.

Como diabos Spencer pode pensar que eu vou querer outra mulher? Como ela pode pensar que eu vou querer carregar bebê de outra pessoa que não seja ela? Será que ela não escuta nada que eu digo? Será que ela ainda não entendeu que eu a amo e que essa situação está passando dos limites?

— Você não vai — Seth fala, colocando-se na minha frente.

— Acalme-se, Simon — o homem diz, controlado demais. — Spencer está se sentindo presa e insuficiente para você. Ela está traumatizada, depressiva e pensando que tudo é melhor para você, menos ela. Perder um bebê na situação em que ela estava a fez se sentir um pouco menos mulher, o que não é verdade e sabendo que você sempre quis uma criança, a deixou ainda mais afetada.

— Isso não faz sentido para mim. Eu a amo e Spencer precisa entender que nada disso vai mudar, mesmo que ela tenha perdido o bebê. Não foi sua culpa. Ela não sabia que estava grávida e se soubesse nunca desejaria que a criança fosse tirada de nós de forma alguma. Ela não precisa carregar um peso nas costas, não precisa se sentir presa e não precisa se diminuir como mulher por causa disso, pois para mim ela ainda é a mesma de sempre. Me diz como eu posso manter a calma quando ela não reage e sai desse buraco?

— Eu sei que é difícil, mas tenha paciência. Foram perdas importante em curtíssimo espaço de tempo. Spencer não precisa ser empurrada para algo pior do que já está ocorrendo em sua mente — explica. — Eu vou te dar o contato de um psiquiatra muito competente e amigo meu, assim ele pode

receitar remédios para depressão dela. Explique para ele a situação dela e ele provavelmente poderá achar um momento na agenda para vir vê-la, se quiser, eu mesmo posso trazê-lo. Além disso, se assim desejar, voltarei para tentar me comunicar um pouco mais com Spencer.

Respiro profundamente e penso duas vezes antes de lhe responder.

— Tudo bem — forço a minha fala. Eu não quero dar mais merda para Spencer, então vou manter a minha calma até certo ponto. — Eu quero que venha, por favor e que traga o seu amigo psiquiatra. Se ela não fala comigo, ao menos ela terá com quem “falar” agora — zombo como um idiota, mas eu estou desestabilizado com o que acabou de acontecer.

— Eu voltarei daqui uma semana — diz, puxando um bloco de notas do seu jaleco e pegando uma caneta da sua maleta. Ele escreve algo no papel, provavelmente a receita de Spencer e se levanta. — Aqui está o contato do meu amigo, algumas observações e todas as indicações do caso dela. A sua namorada é uma mulher forte e jovem, você também. Não perca a cabeça, Simon, um de vocês precisa pensar para fazer isso funcionar outra vez.

Assinto e o acompanho até a porta, despedindo-me com um aperto de mão. Viro-me para a minha família, achando Pearl e minha mãe tão desnorteadas quanto eu.

— Ela vai ficar bem — minha irmã é a primeira a falar alguma coisa.

— É o que eu espero — resmungo. — Eu vou levá-la para o nosso quarto e volto em alguns minutos — aviso, antes de deixar a sala e seguir em passos incertos para o quarto que Spencer está.

Entro no corredor e paro em frente a porta, correndo os dedos por meu cabelo e me acalmando aos poucos. Adentro ao local, encontrando a minha Cherry na poltrona em que lhe deixei há horas. Ela está olhando para o tempo lá fora através da parede de vidro. Se Spencer percebe ou não que eu estou aqui, ela não demonstra. Me aproximo dela e a tomo em meus braços.

Saio do quarto e vou para o nosso sem dizer uma só palavra.

Coloco-a deitada na cama e a ajudo a encontrar uma posição confortável. Spencer parece esperar eu me afastar dela, assim como faço sempre que lhe coloco deitada na cama, mas ao invés disso, eu selo os nossos

lábios.

— Esse é o lembrete de que nenhuma outra mulher vai me ter, mesmo você desejando que isso aconteça. — Roço os meus lábios sobre os dela, encarando os seus olhos verdes e opacos. — Eu amo você, Spencer. Finja não estar me escutando o quanto quiser, mas eu te amo e isso não vai mudar nem se vivêssemos mil anos nessa mesma situação.

Endireito o meu corpo e saio do quarto, deixando-a sozinha e escolhendo ficar sozinho também. Tenho muita coisa entalada na minha garganta e ficar perto de Spencer seria um gatilho para eu soltar tudo que penso sobre ela, eu e nossa situação.

Posso fazer tudo por ela, menos desistir.

Capítulo 53

Simon Wyatt

“Uma conversa estranha...”

Algumas semanas mais tarde...

COLOCO SPENCER DE PÉ E ESPERO QUE ELA VOLTE A DAR OS SEUS PRIMEIROS PASSOS SOZINHA OUTRA VEZ. Acabamos de chegar do hospital, onde o ortopedista deu alta para Spencer sobre a torção do seu pé e sobre o seu braço quebrado. Como o esperado, ela vai precisar de mais repouso para a fratura nas costelas, mas tudo está se encaminhando da melhor possível em sua recuperação física. Seu rosto está bem melhor, os ferimentos estão sarando aos poucos e ela está voltando a ser quem era antes, ao menos a casca sim. Spencer sente menos dor e consegue ficar de pé sozinha, não por muito tempo, mas consegue.

Ela anda devagar até a nossa cama, mexendo-se nada graciosa.

Cogito a ideia de pegá-la no colo e terminar o caminho, mas eu deixo que ela continue sozinha. Não muitos segundos depois, Spencer se senta na cama, parecendo aliviada por ter conseguido completar a sua missão.

Já se passou um mês e uma semana desde o seu acidente e nós ainda não nos falamos. Não posso mentir, por mais que o silêncio chegue a me enlouquecer em certas horas, acho que ele é bem-vindo em alguns momentos e eu estou passando a preferi-lo. Temo ouvir as palavras de Spencer quando ela decidir que é hora de se comunicar comigo. Ela vai querer acabar com o nosso relacionamento e eu não aceito isso, nesse assunto eu sou inflexível.

Por outro lado, o psicólogo vem para cá dois dias da semana desde o primeiro encontro deles. Spencer tem desenhado mais, algumas coisas nós não entendemos, outras são tão melancólicas que me dão vontade de sacudir seu corpo e repetir mil vezes que estou ao seu lado e nunca vou sair. Tenho todos os desenhos de Spencer guardados em uma pasta e toda vez que eu perco o sono, vou para sala de estar e fico a observá-los.

Aproximo-me dela e sento ao seu lado. Seguro a sua mão, as unhas longas, mas limpas, nada parecido com as unhas um pouco mais curtas que ela usava. Sim, até mesmo nas unhas de Spencer eu reparo. Entrelaço os nossos dedos, sentindo falta de quando ela fazia isso por livre e espontânea vontade, às vezes até mesmo para se sentir protegida e segura.

Foram os pequenos detalhes em Spencer que me cativaram e eu odeio vê-la apagar cada um deles apenas para me afastar de perto dela.

— Você quer fazer alguma coisa hoje? — pergunto.

Spencer não responde, aliás, eu nem esperava que ela respondesse. Até mesmo me surpreendi com minha pergunta, pois tem dias que eu também não falo nada.

Respiro fundo, pronto para me levantar, quando sinto o carinho que o seu dedão faz ao esfregar levemente sobre a pele do dorso da minha mão. Deixo-me sentir isso, agindo quase que como um mendigo por sua atenção. Spencer para subitamente e eu inclino meu rosto para perto do dela, pressionando um beijo em seu maxilar.

— Eu vou colocar a nossa comida — murmuro.

Solto a sua mão e me levanto, saindo do quarto em disparada. Balanço a minha cabeça negativamente, puxando o meu celular do bolso e ligando para Seth.

— Simon — ele diz assim que atende a minha chamada.

— Ei, cara — resmungo, encostando no balcão da cozinha de olhando para a ampla sala de estar. — Eu estava pensando se você, Pearl e Christian não querem vir hoje para cá.

— Eu vou falar com Pearl, não sei se ela fez algum plano com a mãe de vocês, se fez, eu passo aí com Christian — retruca e eu respiro aliviado.

Ultimamente eu não tenho gostado de ficar sozinho com Spencer por muito tempo, só quando estamos dormindo, que é quando ela vem inconscientemente para os meus braços e se aconchega para mais perto. Esse é o meu momento favorito, sem dúvidas.

— Eu vou esperar vocês — afirmo, finalizando a chamada sem mais

delongas.

Deixo o celular em cima do balcão e encaro as minhas mãos, mais precisamente o local em que Spencer afagou minutos atrás. Sigo até o meu dedo anelar, onde um fio de barbante está amarrado, como se ainda fosse o mesmo que Spencer me deu meses atrás. Depois daquele dia, em algum momento de algum dia da semana, eu comprei um rolo de barbante, assim eu poderia trocá-lo diariamente, coisa que eu sempre faço. Guardei o que Spencer me deu em uma caixinha, que fica escondida no fundo de uma das gavetas da minha mesa de cabeceira.

É incrível como coisas pequenas e simples podem passar a ter um significado tão grande na vida de alguém. Um simples fio de barbante foi o maior presente que Spencer me deu até hoje, foi a maior prova de amor que ela já me ofereceu e eu fico muito feliz por ter sido como foi. Podemos não estar felizes agora, mas algum dia nós fomos felizes mesmo imersos um emaranhado de sentimentos que sempre estavam no limiar do melhor e pior que a vida pode oferecer para alguém.

Não estou infeliz, mas também não estou feliz.



ABRO A PORTA DO APARTAMENTO E DOU ESPAÇO PARA SETH ENTRAR COM CHRISTIAN. O meu sobrinho agarra em minha perna e eu bagunço os seus cachos loiros. Ultimamente Christian tem se comportado muito ao vir para cá, provavelmente a pedido de Pearl e Seth por conta da situação de Spencer. Aceno para Seth com a cabeça e ele passa por mim, dando um tapinha no meu ombro.

Fecho a porta e vamos os três até o sofá.

Almocei com Spencer há duas horas e a coloquei na cama há apenas uma. Lhe dei todos os seus remédios e como sempre, ela caiu no sono. É melhor para ela, afinal, Spencer ainda tem que ficar de repouso para

continuar se recuperando bem e com rapidez.

— E aí? — Seth diz, jogando-se no sofá e batendo do seu lado para Christian se juntar a ele. — O que nós vamos fazer? — pergunta.

Dou de ombros.

Eu nunca fiz nada com Seth.

Confesso que na escola ele costumava ser a pessoa para quem eu olhava à frente. Seth era o astro, querendo ou não. Eu não vou confessar isso para ninguém, já é o suficiente eu confessar para mim mesmo, mas eu me inspirei nele. Se isso fazia parte do teatro na época, eu não sei, mas Seth me ajudou bastante com o futebol e se hoje eu sou tão bom quanto ele, foi graças a sua ajuda.

— Eu não tenho planos. De qualquer forma, não podemos sair do apartamento e deixar Spencer sozinha — informo.

— Então vamos conversar ou assistir alguma merda na televisão — retruca e Christian ri, subindo no sofá e se jogando em cima de Seth.

— *Medá* — Christian repete.

Eu e Seth rimos.

Esse garoto...

— Você não tem idade para falar merda, filho. Não deixe a sua mãe escutar isso, senão ela vai fazer coisas ruins para o papai — Seth o repreende, passando os dedos pelos cachos de Christian, enquanto o mesmo assente.

— *Ok, papa* — concorda.

— Agora pegue isso aqui e tente passar da fase em que você parou. — Seth entrega o celular na mão do meu sobrinho, na clara intenção de fazê-lo se entreter em outra coisa. Christian desce do sofá e se deita no tapete, começando a jogar assim como o seu pai instruiu. — Como Spencer está? — pergunta.

— Melhor — digo. — Hoje cedo fomos ao hospital e ela se livrou da bota ortopédica e gesso. Fez alguns raios X e confirmou que estava tudo bem. Ela precisa continuar repousando por causa das costelas, mas daqui três semanas provavelmente Spencer também já estará noventa por cento boa —

explico, pois, o tempo mínimo de recuperação é de dois meses. — Dentro do possível, está indo tudo bem.

— E as consultas com o psicólogo?

— Uma mais instigante que a outra. Spencer continua desenhando, ela também não pronuncia nenhuma palavra com ele, apenas desenha, desenha e desenha.

Seth coça o queixo, parecendo pensar em algo além do que estamos conversando.

— Ela precisa falar, reagir — diz.

— Eu sei, mas eu estou sendo paciente assim como todos me pediram. — Bufo.

— Você é muito paciente. — Solta uma risada sem muita graça. — Sendo do jeito que sou, eu já teria surtado com algo desse tipo — afirma.

— Eu estou nesse caminho.

— É aquela frase, certo? “Ame-a ou deixe-a” — sentencia e eu assinto.

— Sim, essa é a frase do momento para definir a minha situação.

Seth passa as mãos pelo rosto, parecendo incomodado.

— Eu posso falar com Spencer? — pergunta.

Franzo o cenho.

Por mais que sejamos uma família, Seth nunca foi muito de falar, principalmente comigo e com Spencer. Não quando Pearl não está ao lado dele, como se ele precisasse da minha irmã como ponte de ligação.

— Ela está dormindo — digo.

— Ah — murmura, desapontado. — Eu ainda vou querer falar com ela — me certifica.

— Talvez na próxima vez que vier, quem sabe. Eu não acho que é uma boa ideia, Spencer ainda não gosta de ver a minha irmã, então não sabemos se isso vai se estender a você também.

— Eu não sou Pearl. — Revira os olhos. — E mais, eu tenho coisas

para falar. Às vezes eu sou bom com as palavras e isso pode ajudar Spencer, acho que posso ajudá-la.

Por um segundo eu quase ri do que Seth disse.

— Você acha mesmo?

— Eu tenho certeza absoluta.

Dou de ombros.

— Se você diz, da próxima vez eu a deixarei acordada para falar com você — afirmo.

— Isso aí, cara. Talvez eu seja a solução dos problemas de vocês.

Agora sim eu sorrio.

— Você fala muita merda, Seth Sawyer.

— Geralmente você não fica atrás, Simon Wyatt.

— *Medá!* — Christian exclama do chão e Seth solta um gemido de dor.

— Pearl vai cortar a minha cabeça se Christian falar isso perto dela.

Nós dois ficamos conversando pelo resto da tarde e perto das seis horas, minha mãe apareceu com o meu pai. Seth foi para casa com Christian para encontrar com a minha irmã e deixou avisado que da próxima vez ele vai querer falar com Spencer e não vai receber um não como resposta.

Capítulo 54

Spencer Carter

“Eu acho que desisto...”

EU SEI QUE EU DEVERIA ESTAR FALANDO, MAS EU NÃO CONSIGO.

Sempre me considerei uma mulher muito forte, apesar de todas as adversidades que passei durante o meu período de vida. Sim, durante o meu período de vida, porque isso que estou fazendo não é viver. Eu não sinto vontade de sair da cama, não sinto vontade de abrir os olhos, não sinto vontade de me alimentar e muito menos de conversar. Eu não sinto vontade de levantar do escuro em que me encontro, não sinto vontade de sorrir, não sinto vontade de fazer planos e nem mesmo de continuar levando essa vida.

Não sei o que fazer comigo mesma e não consigo entender como Simon consegue ficar ao meu lado mesmo com todas as minhas atitudes, ou falta delas. Quero dizer, saber eu sei. Ele disse que me ama. Toda vez que ele diz isso, sinto vontade de chorar, pois não acredito ser merecedora de um amor tão forte quanto o que ele afirma sentir por mim. Toda vez que Simon diz que me ama, tenho vontade de puxá-lo para perto e lhe beijar com fervor, porque eu também o amo. Eu sempre o amei, mas é por causa desse amor que eu não posso deixar que ele acredite que vai ter um futuro ao meu lado.

Estou quebrada de tantas maneiras, que acho impossível reparo.

A minha alma está perdida e o meu coração despedaçado. Tudo que consigo pedir e orar mentalmente para o Deus que levou o papai de mim e o meu bebê-surpresa, é que eles livrem Simon de mim. Eu nunca poderei dar-lhe o maior presente que eu sei que ele deseja receber. Eu sinto como se a minha dignidade como mulher estivesse sido arrancada de mim pelo simples fato da dúvida e das grandes probabilidades de nunca dar um bebê para o meu Simon.

Toda vez que ele fala comigo, eu respondo mentalmente.

Ele me pergunta se eu estou bem e eu lhe digo que não.

Ele me pergunta se eu quero comer sanduíche ou cereal e eu lhe digo que não quero comer nenhum dos dois.

Ele me pergunta se eu quero assistir a algum programa de televisão específico e eu lhe digo que não quero assistir à nada.

Ele me pergunta se eu gostaria de almoçar na sala de estar, olhando pela parede de vidro a cidade de Long Beach e eu lhe respondo que eu quero continuar deitada na nossa cama.

Eu não sinto vontade de fazer absolutamente nada e isso não é um exagero.

Forço-me a não manter contato visual com Simon, forço-me a não abrir a boca e conversar com ele, pois eu não quero lhe dar esperança. Ele precisa se afastar sozinho, ele precisa desistir, porque eu não seria capaz de fazer isso por nós dois. Simon sempre foi mais forte que eu e ele precisa ser mais forte que eu para desistir desse amor que ele diz tanto sentir por mim.

Se Simon me ama, ele vai seguir em frente sozinho, ele vai construir a sua família e me deixar para trás.

Estou presa dentro de mim mesma, feita refém dos meus próprios pensamentos e sofrendo da pior dor possível: a mental.

Eu sinto muito por nosso amor e sinto muito que ele não tenha sido suficiente nesse momento.

Capítulo 55

Simon Wyatt

“Ruptura...”

Três semanas mais tarde...

LEVANTO-ME DA CAMA E OLHO IMEDIATAMENTE PARA O LADO, NOTANDO QUE SPENCER NÃO ESTÁ MAIS AQUI. Saio apressado pela porta e começo a procurá-la por todo lado, revirando o apartamento para não a achar em cômodo algum.

Não consigo deixar de me preocupar com ela. Spencer praticamente não fala comigo, nem com ninguém, então como vou saber o que ela esteve pensando durante os dois últimos meses? Sim, tive os seus desenhos como pistas, mas isso não é o suficiente para me dar certeza do que se passou em sua cabeça. Estive dando meu melhor para ela, aceitando seu silêncio em algumas horas e incitando-a a se comunicar comigo, mas ela não está reagindo emocionalmente.

Mario foi uma perda grande para ela, mas também foi para o resto da nossa família. Eu entendo a dor de Spencer, mas ela não entende a minha. Perdi não só um conhecido, mas um amigo, o meu melhor amigo e logo em seguida quase perdi a mulher da minha vida. Spencer quase me deixou e eu praticamente enlouqueci. Então veio a notícia do nosso bebê. Como ela acha que eu venho me sentindo desde que tudo isso aconteceu?

Nas últimas semanas Spencer começou a se levantar sozinha e fazer um monte de atividades por conta própria. Assim como o esperado, ela não sente mais dor em suas costelas fraturadas. A levei novamente para o hospital e depois de mais raios X, o médico declarou que os seus ossos estão em perfeito estado novamente, Spencer precisa apenas tomar mais alguns medicamentos e não fazer movimentos tão bruscos. A recuperação completa pode durar até mesmo por um ano completo.

O som da chave girando dentro a maçaneta enche o apartamento e eu

observo Spencer entrar calmamente. Ela está usando um casaco preto, com jeans e camiseta da mesma cor.

— Onde você esteve, Spencer? — pergunto, inspirando profundamente e no meu limite por conta do seu silêncio. Ela me fita sem emoção e se joga no sofá, fechando os olhos e me ignorando. — Onde diabos você esteve? — esbravejo, caminhando em passos largos até ela. — Eu estou te fazendo uma pergunta e espero por uma merda de resposta, Spencer.

Ela abre os olhos e se endireita no sofá.

— Não é da sua conta — replica, arisca e gélida.

Ela falou. Ela acabou de falar, porra.

Eu estou enfurecido.

— Então não é da minha conta? O que está fazendo com você mesma? — pergunto, ajoelhando-me na sua frente para conseguir sua atenção.

— Isso também não é da sua conta — repete e eu fecho meus olhos.

Se ela abriu a boca para falar isso para mim, seria melhor se continuasse em sua greve interminável de silêncio.

— Porra, Spencer, eu estou tent...

— Eu não ligo, Simon! — grita na minha cara, finalmente me mostrando algo além de suas ações robotizadas. — Eu não ligo para o que você está fazendo ou não. — Spencer segura o meu rosto com suas mãos trêmulas. — Eu não sei se você percebeu, mas você está insuportável. Você não me deixa sozinha, você não me deixa sentir a minha dor...

— Então é tudo sobre isso? — Seguro a sua mão, empurrando-a para longe. — É sobre a *sua* dor? Você é realmente uma cadela egoísta, Spencer. E a minha dor? E a porra da minha dor? Você quer que eu faça o que com isso?

— Eu ainda não ligo, seu imbecil! — exclama, levantando-se e seguindo para o quarto. Aperto o passo e vou atrás dela, segurando o seu braço e puxando-a para me enfrentar. — Tira a sua mão de mim.

— Você quer se matar? Porque parece que é isso que está acontecendo desde a morte de Ma...

Sou acertado com um tapa forte na bochecha esquerda e fecho os meus olhos.

— Não se atreva a falar o nome do meu pai — sussurra em meio um turbilhão de raiva.

— Tínhamos um filho dentro de você, Spencer. Perdemos o nosso filho. Um bebê, uma criança, que nós nunca saberemos com quem se pareceria, qual a cor dos olhos ou a cor do cabelo. Você está ciente disso?

Spencer me acerta outra vez.

Abro os meus olhos e a encaro.

— Eu não sei mais o que fazer — murmuro, desistindo de continuar tentando. — Se você quer pensar apenas na sua dor, vá em frente. Pensei que fosse uma mulher crescida, uma mulher forte que supera as adversidades, mas parece que você me enganou durante todo esse tempo. — Os olhos de Spencer enchem-se de lágrimas, mas eu não recuarei.

— Você não sabe nada sobre mim — diz com a voz embargada.

— Eu estive ao seu lado durante todo esse tempo. Eu fui um idiota no começo, mas eu mudei durante o percurso. Eu mudei por você — começo a cuspir tudo que sempre esteve engasgado em minha garganta. — Eu a amei desde o primeiro momento, Spencer. Eu quis você só para mim e eu quis ser só seu, mas você sempre ignorou isso. Quando você sofreu aquele maldito acidente, eu vi por um momento a mulher da minha vida me deixando sozinho, mas eu não desisti de você. Quando o médico me disse que você estava viva, mas o bebê-surpresa não resistiu, eu ignorei minha dor por um momento para respirar aliviado por sua vida, porque poderíamos continuar a viver e reconstruir nossa família. Quando você entrou na fase do silêncio, eu a respeitei. Eu tentei, Spencer, eu *sempre* tentei, mas agora eu estou cansado, estou farto disso tudo. Eu não vou mais tentar.

Ela enxuga suas lágrimas e me dá as costas.

— Eu não quero que continue tentando — sentencia.

— Bom, é realmente bom saber. Eu ainda amo você, mas preferia que tivesse morrido dois meses atrás e não agora — retruco por fim, passando por ela e entrando em nosso quarto.

Visto-me com um jeans e camisa preta, calçando-me com um coturno e enfiando algumas roupas em minha mochila. Pego as minhas chaves, celular e carteira e saio do quarto, passando por Spencer que continua no mesmo lugar em que a deixei.

Assim que bato a porta do nosso apartamento e caminho para o elevador, sinto como se agora eu realmente a tivesse perdido. Acerto a parede de concreto por muitas e muitas vezes, consumido pela raiva, mágoa e dor. Se Spencer tivesse ido antes seria mais fácil de lidar com tudo, pois eu não teria seu desprezo em vida mais uma vez.

Os nós dos meus dedos começam a abrir e a parede começa a ficar manchada de sangue. Contudo, isso ainda não é maior do que a dor que ela está me fazendo sentir desde que acordou no hospital e não proferiu uma palavra para mim depois da notícia que recebeu dos médicos. Isso ainda não é maior do que a dor que ela me fez sentir quando me repeliu por incontáveis vezes quando tentei ajudá-la. Nenhuma dor é maior do que a dor que Spencer está me fazendo sentir no mais profundo e sombrio lugar dentro de mim.

Entro no elevador, jogando minha mochila no chão e puxando meu celular do bolso da minha calça. Acho o número de Pearl sem dificuldade e aperto no ícone do telefone.

— O que você quer, Simon? — Seth resmunga do outro lado e eu soco mais uma vez a parede, só que agora é a parede do elevador que está coberta por um espelho.

— Onde está a minha irmã? — pergunto entre dentes, acertando a parede com mais e mais força.

— Ela está dormindo, porra. Esse foi um inferno de noite, ela não passou nada bem e só conseguiu dormir a poucos minutos atrás — ele retruca, irritado.

— Eu vou deixar a chave do meu apartamento com o recepcionista. Venham ver Spencer assim que possível — indico, fitando o vidro quebrado diante dos meus olhos. — Se quiserem, podem tentar ajudá-la. Eu estou fora. Não consigo mais lidar com ela.

Seth xinga do outro lado.

— O que quer dizer com essa merda? — pergunta e a porta do elevador abre.

— Eu. Estou. Fora. — Desligo a chamada e pego minha mochila.

Saio do elevador, ignorando a dor que lateja em minha mão direita e caminho até o recepcionista, que me encara com um olhar apavorado. Ele provavelmente viu pelas câmeras de segurança o estrago que fiz durante meu percurso.

— Você tem uma caneta? — pergunto, puxando minha carteira e ele assente, colocando uma caneta logo em cima do balcão.

Puxo meu talão de cheques e arranco um de lá, assinando e preenchendo-o com uma quantia que dê para consertar a merda que eu fiz.

— Isso é pelo estrago. — Empurro o cheque para ele e faço o mesmo com a minha chave. — E isso é para a minha irmã.

Saio do meu prédio e vou até o meu carro, entrando e partindo sem demora. Eu fiz tudo que eu consegui por Spencer, mas ela infelizmente não conseguiu fazer o mesmo por mim.

Se ela quiser afundar em auto piedade, que faça isso longe de mim.

Isso não soa nada como alguém que está falando sobre seu amor, mas é exatamente por isso que estou deixando-a por conta própria.

Vê-la definhar é insuportável.

Meu celular toca e eu jogo o aparelho pela janela diretamente no asfalto, observando-o quebrar no chão em segundos. Dirijo para um lugar onde sei que vou ter paz por alguns dias até ser achado: hotéis Kassid.

Como eu disse à Pearl anos atrás: *o coração do ser humano é burro demais*. Amar é bom apenas quando se é amado de volta, algo que provavelmente nunca aconteceu comigo.



LIGO A LUZ DA SUÍTE QUE PAGUEI PARA MIM E TRANCO A PORTA, JOGANDO MINHA MOCHILA PARA QUALQUER CANTO E SEGUINDO PARA O QUARTO COM MINHAS DUAS GARRAFAS DE VODCA QUE CONSEGUI NO MEU CAMINHO PARA ESSE LUGAR. Caio no chão da sacada do cômodo e tiro minha camiseta, inspirando o ar frio dessa infernal noite e deixando a minha cabeça cair para trás. As lágrimas, que eu tanto segurei na frente de qualquer um, agora caem. Eu não me forço a não chorar, porque sei que preciso disso para conseguir ao menos algum alívio real. Abro a garrafa de vodca e bebo um longo gole, deixando o líquido queimar por todo caminho que passa.

Meu coração está calmo, apesar de toda a situação que acabei de viver. Minha respiração é curta e a minha visão é embaçada. Eu estou muito fodido. Não pensei que teria a porra do coração quebrado por Spencer outra vez. Eu a remendei quando ela precisou e ela fez o mesmo comigo, mas agora consigo ver que, no final de tudo, acabamos mais quebrados do que antes.

Fecho os meus olhos, engolindo um soluço com mais um gole da minha bebida. Vejo uma pequena criança loira surgir na minha mente. Os olhos verdes são intensos, assim como os olhos de Spencer. Ela sorri para mim e acena. Balanço minha cabeça negativamente, sentindo essa dor excruciante se apoderar do meu corpo. Eu sei que Spencer não teve culpa da morte do nosso bebê, mas infelizmente ela o perdeu. Tenho vontade de achar o motorista do ônibus e espancá-lo até a sua própria morte, mas também sei que isso tampouco foi sua culpa. Mario sempre me disse que o que tiver que acontecer, acontecerá. E, aconteceu.

Eu não tenho mais o meu melhor amigo.

Eu não tenho mais a minha mulher.

Eu não tenho mais o bebê-surpresa que seria a criança mais amada dessa porra de mundo.

Tudo aconteceu. Tudo foi levado de mim.

Eu só gostaria de saber como seria uma mistura minha e de Spencer, mas isso é algo que foi cancelado pelos céus.

Se eu soubesse que voltar a Long Beach me traria tanta dor, eu teria ficado em New York.

Capítulo 56

Spencer Carter

“O caminho de volta...”

MINHAS MÃOS TREMEM, ENQUANTO EU CONTINUO OLHANDO PARA A PORTA POR ONDE SIMON SAIU HÁ QUASE MEIA HORA. O meu coração está se partindo e esfacelando-se dolorosamente com esse último golpe que eu mesma provoquei e procurei.

Saí hoje cedo para achar ajuda.

Sim, isso mesmo. Ajuda de qualquer pessoa que tenha a capacidade de me ajudar: psicólogo, terapeuta, psiquiatra... Fui atrás do meu psicólogo para lhe pedir o contato do psiquiatra que receitou os remédios para a minha depressão, pois eu preciso de alguns mais fortes que aquele.

Semanas atrás eu desejava afundar em mim mesma, mas isso não é o que eu quero de verdade. Eu não sei, apenas não aguento mais estar debaixo da minha pele e viver em minha mente. Eu não aguento mais não ter esperança de que as coisas darão certo no final para mim ou mesmo para Simon, porque tudo diz que não. Todas as coisas cooperam para que nós nos afundemos mais nessa areia movediça estúpida.

Simplesmente dói.

Dói desejar ser como antes, mas não ter nenhuma esperança ou perspectiva para isso.

Eu e Simon não nos falávamos há dois meses.

Eu não conseguia falar com ele, não conseguia lhe dizer o quanto dói em mim estar certa de que eu nunca serei o que ele precisa para ser feliz por completo.

Me machuca saber que tudo que eu trouxe para a sua vida desde o primeiro momento foi dor e apenas dor. Ele sofreu por mim e sofreu comigo. Esteve ao meu lado, segurou minha mão, suportou os meus espinhos e fez isso até quando conseguiu. Fez isso até minutos atrás.

Nunca teria capacidade de julgá-lo por me deixar, pois isso foi o que eu mais pedi nos últimos dois meses.

É isso que ainda passa em minha cabeça.

Ele vai achar alguém melhor, ele vai se reerguer e ele vai olhar para trás como se nós não tivéssemos passado de um borrão em sua trajetória. Talvez ele se lembre com carinho, talvez ele se lembre com raiva, porém, eu nem mesmo desejo que ele venha a recordar de tudo que vivemos.

A porta da frente se abre e por um momento eu tenho esperança de que seja ele, voltando, tentando falar comigo, mas fico aliviada por ver Pearl, uma vez que eu não saberia o que mais falar para Simon.

Minha melhor amiga se aproxima de mim com pressa.

— Spencer, o que... — Pearl tenta falar, mas eu viro de costas para ela.

Eu nunca pensei que ver a minha melhor amiga seria tão doloroso quanto está sendo. Eu nunca pensei que acabaria dessa forma tão deplorável.

— Você pode escolher não me ouvir, não me explicar, não falar comigo, mas não pode ignorar a mensagem de Mario — diz, voltando a se colocar em minha frente. Pearl estende um envelope para mim. — Seu pai deixou isso com Seth, foi como um segredo entre os dois. Mario deu as coordenadas ao meu marido e lhe disse qual seria o melhor momento para lhe entregar essa carta. Não abrimos, não mexemos em nada. Essa é a última mensagem que o seu pai deixou para você, então não ignore, Spencer. Por favor...

Estou atônita, surpresa, mas completamente temerosa.

Temo ler o conteúdo que ele deixou escrito para mim.

Talvez eu nem seja digna dessas últimas palavras...

— Por favor... — Pearl insiste.

Recebo o envelope e passo por ela, ainda sem dizer nada. Sigo para o meu quarto e de Simon, batendo a porta com força e caminhando até a cama. As minhas pernas tremem, as minhas mãos tremem. O meu coração saltita e a minha respiração fica difícil de ser controlada. Lembrar do meu pai é ruim. Essa ainda é uma ferida aberta e, se cutucada, pode causar muito estrago em minha reação.

Tento me acalmar, mas desisto quando percebo que é impossível ficar calma nesse momento.

Abro o envelope e puxo o pedaço de papel lá de dentro.

Um bolo de forma em minha garganta ao fitar o simples pedaço de papel. Meu pai escreveu para mim e eu tenho que ler, por mais que eu me negue tal agrado.

Tragando uma respiração longa, começo a leitura com os olhos já cheios de lágrimas.

“Minha querida Spencer,

Eu poderia começar essa carta de muitas formas diferentes, mas a melhor delas inicia-se com um convite.

Você está preparada para viajar comigo?

Espero que sim, você sempre esteve pronta para tudo, não é mesmo, garota de ferro?

Sente-se e leia com atenção, ao final você verá que essa viagem vale à pena.

Essa viagem começa aos meus dezenove anos, lá pelos anos oitenta, exatamente quando eu conheci a razão da minha vida, a sua mãe, Iris. Você sabe de uma coisa? Sempre fui fã de romances e costumava assisti-los com a sua mãe, porque eles estavam certos de uma coisa: foi amor à primeira vista. Ah, minha filha, eu mal poderia acreditar na beleza natural daquela jovem cheia de luz e vida. Porém, diferente do que você deve estar pensando, quem tomou a iniciativa foi ela. Talvez tudo fosse diferente se eu tivesse tomado a iniciativa, então eu só agradeço pelo que eu e Iris vivemos no nosso breve tempo juntos.

Contudo, não é sobre isso que eu quero falar.

Iris veio e desapareceu como um cometa, um daqueles raros cometas que aparecem periodicamente de cem em cem anos.

Se você está lendo essa carta, é por que certamente eu não tive a chance de te falar com as minhas palavras tudo isso, mas acredito que você não será a mesma ao terminar de ler essa mensagem.

Quando a sua mãe adoeceu, senti como se o mundo todo tivesse desabado em minha cabeça. Você foi o nosso pequeno e brilhante presente, ela estava tão feliz por te ter, Spencer. Então, a doença abateu e levou a minha mulher, a sua mãe.

O câncer a levou.

Se você gritou por minha partida, se você chorou por me perder, se você amaldiçoou o Céu e a Terra, você está errada. Se você fingiu que estava tudo bem para o Simon, se você achou que nada tem uma saída, se você desistiu de continuar, você está errada. Se você não reagiu, se você não tem perspectiva ou planos, você está errada.

Você está errada, Spencer e eu entendendo o seu erro.

Eu fui um homem valente ao tomar sua mão e te guiar por toda a sua vida até o presente momento, mas eu também fui humano.

O amor tem o poder de destruir uma pessoa, mas ele também tem o poder de curá-la.

Eu pensei em desistir. Eu pensei em desistir tantas vezes que eu não consigo contar nos dedos. A minha vida não era a mesma sem Iris, mesmo que eu te tivesse ao meu lado. Doía te ver, pois você era a cópia fiel de sua mãe, porém, as duas são de personalidades diferentes. Doía continuar nesse mundo sem o maior amor da minha vida ao meu lado.

Mas se eu desistisse?

O que eu deixaria para trás?

Eu perdi um amor, mas ganhei e fortifiquei outro. Acima da dor de perder Iris, tinha você, a minha pequena garotinha, a minha menina de ferro.

Eu sempre tive tanto orgulho de você, Spencer. Decidida, brava, forte como um touro espanhol e praticamente inabalável, seguindo tudo que te ensinei durante nossa caminhada juntos.

Eu tenho orgulho de você.

Faça-me orgulhoso e ande com suas próprias pernas.

Sabe a viagem que eu te convidei a embarcar no começo desta carta? Aquela foi a minha viagem e de Iris, onde tivemos e deixamos você aqui.

Eu te convido a outra viagem: amor.

Viaje no amor. Viaje com Simon.

Ame.

Viva.

Seja feliz.

E se você desistisse de tudo nesse momento?

O que deixaria para trás?

A vida é cheia de obstáculos e buracos. Você decide se passa pelos obstáculos ou afunda e cai no primeiro buraco que aparecer em sua frente. Contudo, estou aqui para falar como o seu pai e alguém que tem o dever de te aconselhar.

Se você desistir, você estará deixando Simon para trás. Você estará deixando o homem que te amou e te suportou no bom e no ruim. Você está deixando alguém que tomou o seu fardo e carregou para te dar alívio. Spencer, há coisas que apenas eu e Simon sabemos. Te poupei da minha dor, mas ele estava lá, ao meu lado, sempre me perguntando e buscando formas

de melhorar a minha reta final nesse mundo.

Você está desistindo disso?

Está desistindo dele?

Se você está desistindo dele, você está errada.

Não se desiste de um amor que te faz bem. Eu fiquei ao lado de Iris e não desisti dela quando as coisas ficaram ruins para nós. Simon sempre esteve com você e eu sei que ele nunca quebraria a promessa que me fez se não tivesse uma razão.

Diga-me, você deu razão a ele?

Eu reconheço a sua dor, mas ela vai passar. Reconheço as coisas que devem estar passando por sua cabeça, mas sempre há uma saída. A minha saída foi você, a sua saída é o Simon.

Viaje no amor, minha querida.

Eu tive a minha viagem com Iris e com você, mas a minha hora chegou e eu não estaria mais satisfeito em partir depois de ver que você se transformou em uma mulher incrível.

Não faça planos, não pense no passado.

É o aqui e o agora que importa.

Eu nunca vou te deixar. Me procure nas pequenas coisas e achará o que precisa, achará o amor que sinto por você dentro do seu coração.

Se algo está errado, conserte.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

Levante a cabeça e enfrente os seus medos, enfrente a sua dor. O alívio só virá quando se libertar de tudo isso.

Eu amo você, Spencer Waters Carter.

Eu amo você, minha filha.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

De seu pai, Mario, sempre em seu coração.”

No instante em que leio a última palavra, agarro a carta contra o meu peito e escorrego pela cama até cair de joelhos no chão gelado. É irritantemente tocante e verdadeiro tudo que eu li, parecendo ter sido preparado exatamente para a circunstância que eu estou vivendo de pura confusão mental, vontade de morrer, desejo de afundar em meu interior e de me fazer ser sombra de tudo que eu era.

Meu pai sempre esteve para me aconselhar nos meus piores momentos, por isso eu ininterruptamente o tratei como a minha âncora, o meu alívio. E ele

continua sendo, mas, além dele, tem Simon.

Eu não posso deixá-lo se afastar dessa forma.

Enxugo as minhas lágrimas, mas novas brotam e encontram caminho por onde as outras passaram. Fico de pé, não me importando se as minhas pernas tremem ou não. Saio do meu quarto e corro até a sala de estar, aliviada por Pearl ainda estar ali.

— Leve-me até ele, por favor — peço em um sussurro.

Tem sido realmente um longo tempo desde que abri a boca para falar com qualquer pessoa, principalmente Pearl. Vê-la feliz com o novo bebê que está vindo me faz pensar no que eu perdi e isso faz um nó em minha mente. Tento estar feliz, tento aceitar, mas o meu desgaste mental só me faz ficar cada vez mais deprimida. Por isso eu tanto afastei dela, da minha melhor amiga. Saber que, mesmo não planejado, eu perdi um filho por quem inevitavelmente eu amaria com tudo de mim, destrói com a minha alma e confiança como mulher. Se eu tentasse explicar como me sinto para alguém, mesmo que esse alguém seja Simon, eu não conseguiria.

— Agora mesmo. — Pearl sorri, mas eu não me incomodo em sorrir de volta.

Ela continua sendo a minha melhor amiga de todo o mundo, mas tem tanta coisa nublando os meus pensamentos que eu apenas peço-lhe pelo olhar para me perdoar por tamanha falta de, se assim posso dizer, empatia.

Nós duas saímos do apartamento rapidamente. Eu troco os pés diversas vezes, ansiosa, nervosa e temerosa para ver Simon depois da primeira e última troca de palavras que tivemos. Não trocamos nenhuma palavra até estarmos dentro do carro de Pearl.

— Eu vou ligar para Seth — diz, atenta na estrada e diminuindo a velocidade apenas para telefonar para o marido.

Pearl coloca o celular em um suporte e deixa no alto-falante. No quinto toque Seth atende.

— Girassol.

— Amor, você falou com Quinn? — pergunta, parecendo tão ansiosa quanto eu.

— Eu estou com ele, babe. Estamos no hotel pegando informações e descobrindo o número do quarto de Simon.

Mordo o meu lábio inferior.

Ele está lá.

— Spencer está indo para ele. Por favor, apenas consiga o número do quarto e uma chave reserva, se tiver. Estamos chegando em quinze minutos no máximo. Tudo bem?

— Dirija com cuidado. Estarei esperando vocês no saguão.

— Amo você — Pearl se despede.

— Eu amo você.

Fecho os olhos, enquanto caímos no silêncio outra vez.

Pearl não tenta falar mais nada e nem eu. Continuamos caladas pelo resto do caminho, enquanto eu fico tentando pensar em algo para falar para Simon.



NO MOMENTO EM QUE PEARL ESTACIONA O SEU CARRO, NÓS DUAS SAÍMOS EM DISPARADA PARA DENTRO DO HOTEL, EU SENDO BEM MAIS RÁPIDA DO QUE ELA. Seth vem a nosso encontro com um Christian sonolento nos braços. Eu o fito, ansiosa, enquanto ele segura um cartão na mão.

— Você conseguiu? — pergunto.

— Aqui está — diz, entregando-me o cartão.

— Último andar. Tudo que precisa fazer é passar esse cartão e quando a porta do elevador abrir novamente, você já estará dentro do quarto — instrui e eu seguro o objeto como se a minha vida dependesse dele. — O caminho é por aquele elevador — completa, apontado para o elevador menos movimentado do local.

— Obrigada — sussurro, fitando o casal à minha frente.

— Boa sorte, Spencer. — Pearl sorri, encorajadora.

Assinto, respirando fundo e tomando o meu caminho até o elevador.

Entro no cubículo e aperto o botão do último andar, passando o cartão em seguida. Encaro o painel, torcendo os meus dedos e praticamente entrando em um ataque de pânico. Minha ansiedade dispara e, quando o elevador abre, meu coração praticamente para em meu peito.

Saio com calma e silenciosa.

O lugar é estranho, sombrio.

Eu me sinto mais nervosa que antes.

— Simon? — chamo por ele, mas não obtenho nenhuma resposta.

Ando pelo ambiente, notando o quão grande a suíte é. O último lugar que eu visito, é o quarto e é lá que eu encontro Simon. Ele está deitado no chão do cômodo, de olhos fechados e com uma garrafa de vodca ao seu lado. Ele parece tão doente quanto eu. Com certeza suguei muito de sua força nos últimos meses, só não tinha percebido antes.

Aproximo-me do seu corpo e quando estou próxima o suficiente, ele abre os olhos e senta-se. Seu cabelo loiro cai em frente ao seu rosto, mas Simon não se incomoda em retirá-lo de lá.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta.

Não, ele não é áspero ou grosso. Ele indaga de forma neutra, quase que sem vontade. É como um tapa na minha cara.

— Eu vim atrás de você — retruco, colocando-me de joelhos na sua frente.

Levo minha mão até o seu cabelo, tentando tirá-lo do seu rosto, mas Simon me impede. Ele segura o meu pulso e afasta o seu cabelo, fitando-me indignado.

— O que você está fazendo aqui? — repete.

— Simon, eu...

— Por que veio atrás de mim? Aquilo não foi o suficiente?

— Não, não foi — replico com os dentes trincando.

— Por que insiste em nos machucar? — grunhe.

Respiro fundo, sentindo-o afrouxar o aperto ao redor do meu pulso. Continuo o meu caminho, reencontrando o seu cabelo com os meus dedos.

Eu senti falta disso.

— Por que está aqui? — pergunta uma última vez.

— Porque eu fui egoísta com a pessoa que mais me ama — confesso.

— E você só se deu conta disso agora? Que foi egoísta e que eu te amo? Eu te amo há muito tempo, Spencer, apenas não tive coragem de te falar isso. Você sempre esteve cravada em meu peito, impregnada em minha pele, enraizada no meu coração. Nem se eu quisesse te arrancar de dentro de mim, eu conseguiria. E é isso que mais dói. Ter o meu amor ignorado, ter que aguentar isso e aquilo da mulher que eu amo. Dói não ter o seu amor de volta, porque eu suportei tudo por você.

— Mas eu... — gaguejo e paro de falar.

Abaixo minha cabeça e recolho a minha mão.

— Foi o que eu pensei — resmunga de volta, pronto para se levantar.

Seguro a mão de Simon, impedindo-o de fazer isso.

— Eu amo você, Simon. Meu Deus, eu o amo tanto que eu nunca imaginei ser capaz de sentir algo desse tipo por um homem. Eu amo, adoro e quero você. Sei que talvez esteja com muita raiva de mim, porque em nenhum momento eu parei para lidar com o nosso relacionamento da forma certa, mesmo depois que engatamos em um namoro. Você disse isso antes e eu tenho a plena certeza de que é verdade: você é o que sente mais intensamente tudo que vivemos, mas eu vou mudar isso porque eu te amo. Amo cada palavra que você cospe quando está irritado, amo cada elogio que me dá, amo cada sorriso que esquenta meu coração, amo cada toque que eletriza o meu corpo. Amo você por ter sido quem foi desde o começo e nunca ter mudado uma vírgula comigo. — Mordo o meu lábio inferior, completamente insegura. — O papai... o papai te ajudou a melhorar, eu sei, ele me contou e agora eu vejo que lá atrás você melhorou para ser o que eu precisava no momento, mas a sua essência continua a mesma. Diferentemente, eu preciso mudar. Estou muito machucada, você já sabe disso. Têm dias que quero ficar deitada na cama sem fazer nada. Eu sinto muita dor. Perdi os meus pais e ainda perdi o nosso bebê. — Levo as minhas mãos até meu cabelo, controlando-me para não o puxar da forma que acontece quando entro num colapso mental. Simon me encara atentamente, mas não move um músculo. — Perdoe-me por ter te ignorado e ter ignorado a sua dor. Eu estava cega, uma morta-viva. Eu sei que você sofreu com a morte do meu pai, eu sei que você sofreu quando me viu ser atropelada por um ônibus e eu sei que você sofreu quando descobriu a notícia do nosso filho e que ele estava morto. Perdoe-me, eu imploro, Simon. — Um soluço rebelde escapa por minha boca e as lágrimas de desespero escorregam por minhas bochechas. — Eu amo você. Eu amo, amo, amo, amo, amo, amo, amo, amo...

Aproximando-se abruptamente e me calando com um beijo, Simon empurra seu corpo sobre o meu, nada gentil, mas isso não me incomoda. Isso é o que somos e eu não mudaria por nada nesse mundo. Seguro em seus braços, fincando as minhas unhas em sua pele quente e abro a minha boca, sedenta por mais dele. Meu coração descompassa com a ideia de ele estar vindo de volta para mim. Felicidade enche o meu peito e percorre por meu corpo inteiro até me fazer chorar ainda mais, dessa vez, de genuíno alívio.

Com o coração no topo da garganta, correspondo ao seu beijo, enquanto os nossos corpos se debatem e enrolam-se de forma que nunca ocorreu antes. Estamos no chão do quarto de um hotel, um arrancando a roupa do corpo do outro em desespero e necessidade de mais contato. Simon não precisa me dizer nada para mostrar que nós estamos bem novamente na medida do possível. Eu o quero e ele me quer, nada pode mudar isso, nem mesmo se desejássemos mudar.

— Eu senti sua falta, Cherry — resmunga, separando nossas bocas para tirar a minha camiseta rapidamente.

— Eu também senti sua falta, pirralho. — Sorrio de lado, um pouco envergonhada. — Você me perdoa pelo que me tornei? — questiono, segurando suas mãos e impedindo-o de me tocar.

— Você não tem que pedir perdão por ter adquirido uma doença e eu não estou falando de nada relacionado ao que os médicos lhe disseram quando você acordou na cama daquele maldito hospital. Estou falando do que se passou na sua cabeça depois disso e estou falando da sua vontade de não sair da cama em certos dias. Eu sei o que é isso e eu não vou sair do seu lado até você voltar a ser quem era antes, voltar a sorrir, voltar a se divertir, voltar a viver. Eu quero você viva e viva sempre ao meu lado, Spencer Carter. Foda-se a medicina. Vamos ter a nossa família e eu não vou desistir de ter isso com você. Serei paciente e você também. Podemos ter bebês, você pode engravidar e, ainda que não consigamos, há milhares de orfanatos por aí, babe. Assim como Sculler adotou Ryle, podemos adotar quantos filhos desejarmos. — Solto as mãos de Simon e ele posiciona se corpo sobre o meu, sempre sendo o encaixe perfeito para mim. — Você quer se casar comigo?

Arregalo os olhos, quase que sem fala.

— O quê? — gaguejo.

— Não hoje, não amanhã, não daqui a um ano ou dois. Quer se casar comigo quando você estiver pronta para isso? Quer se casar comigo quando tudo estiver alinhado em nossa vida? Eu só preciso que me diga se você me vê ao seu lado até a nossa velhice, babe...

— Eu vejo você ao meu lado hoje e sempre. Eu sou absolutamente nada sem você, Simon. Nada.

— Não quero que você pense dessa forma, mas nós teremos tempo para trabalhar nisso. Spencer, você é tudo para mim e eu amo você daqui até a lua e então de volta. Repita esse percurso trezentas vezes e coloque trilhões de

porras de anos-luz para somar. Ainda assim nada será possível de se comparar ao amor que eu tenho por ti. — Meus olhos enchem-se de lágrimas.

— Eu aceito me casar e envelhecer com você — digo, simples e direta para não lhe deixar nenhuma dúvida.

— Merda, sim. — Simon sorri de volta, beijando a lateral do meu rosto por todo caminho da fina cicatriz que agora o marca. — Eu vou amar você até o meu coração explodir e, se algum dia ele realmente explodir, estarei feliz por ter morrido de amores por você. Essa é uma das únicas coisas que eu sei fazer certo: te amar e te adorar.

Porra.

Eu amo muito esse homem e eu sei que ele vai me dar mais força do que eu cheguei a imaginar.

— Eu vou amar você até quando eu não me amar, então eu vou aprender com você a fazer isso por mim mesma novamente. Não quero estar longe de você, não quero me sentir sozinha ou perdida e não quero me sentir um fardo na sua vida. Quero me fazer útil para nós dois e eu vou aprender a ser quem eu era antes. Nós merecemos isso, você principalmente.

— Diga o que quiser, eu vou concordar com tudo. — Simon se livra da minha e da sua calça jeans, tirando uma camisinha de dentro da sua carteira. — Vai ser como você se sentir confortável, sempre. Basta dizer não e eu vou parar.

— Eu preciso de você, não me torture dessa forma — suplico.

Ele respira pesadamente, puxando a minha calcinha por minhas pernas, enquanto eu tiro o meu sutiã.

— Nunca fiz sexo no chão. — Simon estreita os olhos em minha direção. — Sexo no chão da van da pizzeria não conta. — Pisco para ele, que revira os olhos em seguida.

Ele joga sua boxer para o lado e cobre o seu membro habilidosamente sem tirar os olhos de mim. No instante em que Simon está pronto, ele volta a se posicionar sobre mim. Sem nenhum aviso ou preliminares, sou penetrada de forma incrível, que alivia toda a minha angústia e solidão. Não precisamos fazer jogos nesse momento para estarmos prontos para nos reencontrarmos. Preliminares atrapalhariam o nível de conexão que está sendo estabelecida entre nós dois.

— Isso não é sexo — diz, amassando sua boca contra a minha e saindo de dentro de mim. — Isso é amor — pontua, vindo outra vez e me fazendo

morder seu lábio inferior entre os meus dentes. — Puro e cru, exatamente como imagino que os nossos primitivos ancestrais faziam depois de chegarem de uma árdua caçada pela selva. — Simon repete o seu movimento.

Abraço-o pelo pescoço, empurrando meu dorso contra o seu e gemendo com o contato.

Eu começo a chorar.

Não por que dói ou me machuca física ou psicologicamente.

Eu começo a chorar por sentir o seu amor se infiltrar no meu ser. Meu coração queima dentro de mim, dando-me a certeza de que eu nunca fui amada com tamanha intensidade. Simon desliza sua língua entre os meus lábios, ao passo que os meus soluços se tornam mais difíceis. Ele toma o meu choro para si e eu não reclamo. Nosso beijo tem um caminho desesperado e que me mostra que eu não fazia ideia do quanto senti falta disso: de nós dois.

Substituo aos poucos os meus soluços por necessidade e desejo.

Ele continua indo e vindo, na velocidade certa e com a precisão exata para me fazer tremer.

Minhas unhas percorrem sua pele e eu agarro nele como se a minha vida dependesse disso.

Sim, eu admito, a minha vida depende disso.

— Eu adoro você, Simon Alexander Wyatt — digo e repito até ele voltar a me beijar.

— Eu adoro você, Spencer Waters Carter.

Em poucos minutos, encontro o meu alívio e ajudo Simon a fazer o caminho para o seu próprio alívio. Ele se levanta e me ajuda a ficar de pé, carregando-me até a cama e me deixando deitada em meio aos lençóis negros. Simon volta, depois de ir ao banheiro e junta-se a mim debaixo da coberta. Ele me abraça por trás, enfiando o rosto em meu cabelo úmido e descansando a face na curva do meu pescoço.

— Eu quero ir para casa — sussurro.

Meus olhos pesam e eu bocejo, sentindo-me sonolenta.

— Estamos em casa — Simon retruca antes de eu apagar.

Realmente...

Estamos em casa.

Capítulo 57

Spencer Carter

“Nosso dia perfeito...”

Dois anos mais tarde...

ENQUANTO EU CAMINHO PELO CORREDOR ENTRE AS CADEIRAS ONDE MEUS CONVIDADOS E DE SIMON ESTÃO DE PÉ, NÃO CONTROLO O SORRISO QUE PERCORRE POR CADA EXTREMO DA MINHA BOCA. Ao meu lado não tem ninguém, uma vez que eu escolhi deixar o espaço que seria do meu pai completamente livre. Acredito que ele está aqui, comigo, da mesma forma que acredito que a minha mãe também está o acompanhando, mas onde quer que eles estejam, aqui ou em outro lugar, outra dimensão ou plano, sei que estão vendo por mim. Não faria nenhum sentido eu colocar alguém do meu lado, pelo menos não para mim. Simon entendeu, Pearl também. Todos entenderam que é a minha escolha e eu fiquei aliviada por ter sido compreendida.

Caminhar sozinha até o altar onde Simon me espera é uma das coisas mais desafiantes que eu já fiz em toda minha vida. Tenho a sensação de que depois disso, nada, literalmente nada, será capaz de nos separar. Não é assustador. Eu estou muito feliz com a minha vida. Vou construir uma linda família com o homem que eu amo e preciso ter ao meu lado. Porém, o mais importante de tudo isso é que eu passei a me entender melhor e precisar de mim mesma. É bom quando você é confiante e consegue se fazer feliz. Depois de perder meu pai e de perder meu bebê e de Simon, ele me ensinou tudo isso. Eu nunca seria feliz se não voltasse a confiar em mim mesma. A vida pode ser muito difícil quando você perde o controle nos piores momentos de sua existência. Eu perdi o controle, mas fui colocada nos trilhos e é por isso que estou me casando com esse homem. Estar nos trilhos me fez perceber que ele é a única pessoa capaz de me amar mesmo com todos os meus defeitos, que não são poucos.

Simon é o homem da minha vida e o meu grande amor. Desde o primeiro instante resisti à entrega, pois pensava que iria me perder nele.

Nunca me senti tão feliz por estar errada. Eu me achei em Simon e em todo seu incondicional amor por mim.

Nós nos completamos e, como diria a minha anjinho, ele é a minha metade perdida.

Respiro fundo, reprimindo todo o meu choro de felicidade para não parecer instável nesse momento. O cheiro salgado da praia me traz uma calma inexplicável. Quando disse a Simon que gostaria de me casar na praia, ele retrucou com um “até no meio da avenida, babe”. Claro que eu ri dele e de sua frase perolada, mas sabia que estava falando sério. Viemos nos organizando desde que ele me pediu em casamento, até esse exato dia, dois anos mais tarde, dia 28 de junho. Esse é o dia que ficará marcado para sempre em minha memória como: “O dia em que Spencer Carter e Simon Wyatt se tornaram um, diante de Deus e de todos”.

Sinto-me renovada e a pessoa mais amada desse planeta. Ao olhar para o meu Simon, que veste uma bermuda branca e camisa social aberta da mesma cor, deixando suas tatuagens à mostra, tenho plena certeza que sou muito sortuda. Meus olhos caem em seu peitoral, que tem uma espécie de adesivo no lado esquerdo, fazendo-me cogitar a ideia de uma tatuagem nova.

Não posso acreditar que ele fez uma nova tatuagem hoje, no dia do nosso casamento.

Simon desce os quatro degraus do palco feito para nosso momento e sorri de volta para mim. Entrego o buquê para Pearl e volto minha atenção outra vez para o meu pirralho.

— O que é isso? — sussurro, recebendo um doce e simples beijo nos lábios.

— Não é hora, Cherry — retruca, segurando minha mão e me ajudando a subir os degraus do palco modesto.

A cerimônia começa e a cada palavra proferida pelo padre que celebra nosso casamento, eu aperto a mão de Simon. Nenhum de nós é religioso, mas depois de tantas perdas, passei a ter essa necessidade de acreditar em algo que vá além dessa vida terrena. Acredito em Deus e acredito que é com Ele que os meus pais e o meu bebê-surpresa estão.

Isso me conforta.

Isso me fortalece.

Isso me faz acreditar que eu e Simon iremos levar uma boa vida em nosso futuro e que talvez possamos tentar criar nossa própria família quando

nos sentirmos confortáveis para isso.

— Os votos...

Assim que o padre indica, começo a tremer e temer não conseguir falar tudo que eu preciso falar nesse momento.

Simon e eu nos viramos e ficamos face a face.

Prometemos um ao outro que não escreveríamos nada para essa hora, que tudo que saísse da nossa boca, viesse diretamente do nosso coração, ainda que fosse o pior discurso de votos de casamento do planeta.

— Você primeiro — resmungo, apenas para ele escutar, mas isso não dá muito certo, já que o padre segura um microfone entre nós dois e todos os nossos convidados começam a rir.

— Eu diria “primeiro as mulheres”, mas eu nunca me atreveria a te contrariar, babe — brinca, tirando ainda mais risadas e me deixando tão envergonhada quanto uma adolescente depois de dar o seu primeiro beijo.

— Simon, por favor...

— Shhh, babe, é a minha vez. — Ele pigarreia e, ainda segurando as minhas mãos, se divide em me olhar e olhar para todos os presentes. — A maioria de vocês não sabe o quão realmente foi difícil para nós estarmos aqui nesse momento. Eu conheço essa mulher, a minha Cherry, há muito mais tempo do que qualquer um possa imaginar. — Simon me encara, fazendo um bolo se formar em minha garganta por vê-lo tão bonito e feliz como agora. — Parece besteira, mas eu acredito que quando você acha o amor da sua vida, é como se ocorresse um encontro de almas. Velhas almas calejadas e que já se amavam por eras e eras, mas ficaram distantes uma da outra por obra do destino. É o que eu acredito, babe. — Ele sorri para mim, enquanto lágrimas de satisfação brotam em meus olhos. — Nosso reencontro foi abrupto, não foi? — Simon espera por minha resposta e eu me forço a assentir, absorta em tudo que ele diz. É tão precioso. — Nós nos odiamos a princípio. “Como uma garota tão bonita consegue cortar todas as minhas tentativas de aproximação? Logo eu, Simon Wyatt”, era o que eu sempre pensava quando você não caía nas minhas piadas idiotas e nada humoradas.

— Elas eram muito ruins e de péssimo gosto — interrompo-o para me defender.

Simon ri com todos.

— Admito que sim, eu queria vê-la caída por mim, mas isso nunca veio. Não da forma certa. — Mordo o meu lábio inferior, assentindo. — Nós

nos separamos, eu segui um caminho e você seguiu outro. Às vezes eu me pergunto que se nós não tivéssemos nos separado, será que acabaríamos aqui, nesse lugar, nos casando? Não gosto de pensar na resposta e nem de questionar o nosso passado, afinal, ele é irreparável. Nossas almas vagaram outra vez, até nosso segundo reencontro.

A vontade de entregar-me ao choro se intensifica de forma quase inacreditável. Eu mal consigo olhar Simon por meus olhos marejados.

— Eu voltei. Algum dia isso teria que acontecer, certo? Inconscientemente sei que voltei no momento certo. Quando eu te vi pela primeira vez depois de anos, encontrei uma mulher perdida e quebrada, nada parecida com a jovem de dezessete anos que esbanjava beleza e luz por onde passava. Apesar de tudo isso, você continuava sendo a mais bonita que eu já tive a chance de colocar os olhos. Quando descobri os motivos por trás de toda a sua preocupação, tomei as devidas providências. — Simon sorri, puxando a respiração com a boca, como se estivesse controlando a emoção. — Mario. — Ele para de falar abruptamente. Eu o vejo ficar desestabilizado por dez segundos, até retornar ao seu discurso. — Se não fosse por ele, eu nunca teria me tornado a pessoa que eu sou hoje em dia. Eu o devo tanto, mas tanto, que nem o meu dinheiro seria capaz de pagar.

Puxo as minhas mãos das mãos de Simon e o abraço pela cintura, incapaz de continuar sentindo tudo isso sozinha ou de deixá-lo em essa agonia sem fim.

— Ele se tornou o meu melhor amigo em tão pouco tempo. Ele era a pessoa que escutava as minhas reclamações e me dava os melhores conselhos a serem seguidos. Ele ria de mim e ria comigo. Às vezes eu nem mesmo soltava uma palavra, mas era apenas ele me olhar, que já sabia que tinha algo de muito errado ou de muito certo. — Esfrego minhas mãos por suas costas, deixando-o saber que está tudo bem se quiser parar mais um pouco para respirar. — De início, comecei a ajudá-lo para te dar alívio, pois via em seus olhos o quanto sofria com a situação do seu pai. De repente, eu já estava dentro da bola de neve, mas não me arrependo até hoje de ter entrado nela. Eu fiquei tanto do seu lado, quanto do dele, as duas pessoas que mais importavam para mim naquela época. Tentei ser bom para ambos...

— E você foi — replico.

— Ele me fez mudar, me fez acordar e ver que você precisava mais do que eu era. E eu mudei por você, por mim e por Mario. Ele não me apoiaria

se eu continuasse com o mesmo comportamento e, de certa forma, eu precisava do apoio dele. — Nós todos rimos. — Certa vez eu prometi para ele que nunca desistiria de você. Sabemos que chegou um ponto onde não era mais suportável para mim e até hoje eu sinto muito por ter quebrado a minha promessa.

— Você não precisa sentir muito por isso...

— Contudo, estamos aqui. — Simon beija minha testa, sorrindo lindamente para mim. — Eu sou o homem mais sortudo do mundo por te ter ao meu lado, Cherry. Você é o que sempre faltou em minha vida, uma peça rara e insubstituível, o meu grande e único amor. Eu fiz um acordo comigo mesmo de nunca mais te prometer nada, sendo assim, terei que decepcioná-la e a todos os presentes. — Nesse instante, a maioria dos amigos de Simon via e a outra metade ri junto de mim. — Eu te dou a certeza, babe. Eu te dou toda certeza do mundo que eu vou te amar incondicionalmente, que vou estar ao seu lado nos piores e melhores momentos da sua vida, nas decidas e nas subidas. Eu te dou toda certeza do mundo que nunca vou cobiçar outra mulher ou a vida de outra pessoa. Eu te dou toda certeza do mundo que vou ser fiel a você até o meu último suspiro. Eu também te dou a certeza que ainda vou te irritar muito, te fazer querer arrancar os cabelos e bater em mim até me fazer desmaiar, algo que nunca aconteceu, mas você sonha com o feito. Eu te dou a certeza que vou lutar para te fazer se sentir a mulher mais realizada, amada e desejada que já pisou na Terra. Eu te dou a certeza de que serei seu, Cherry, apenas seu, hoje e sempre até os nossos últimos dias.

Simon sela nossos lábios e os jogadores brutamontes começam a gritar uma penca de palavrões, enquanto sinto o meu coração aquecido por receber tais palavras do meu Simon. Seus amigos recebem olhares tortos do padre, mas nenhum deles se intimida.

— Eu não vou conseguir fazer melhor que isso — sussurro, desesperada.

— Fale “prometo ser sua, pirralho” e será o suficiente — provoca e eu reviro os meus olhos.

Finalmente desvencilho-me dos seus braços e volto a dar-lhe as mãos.

Pigarreio, limpando a garganta e tentando soar segura em tudo que vou tentar falar para Simon em frente toda essa gente.

— Silêncio, por favor... — o padre pede e as pessoas começam a se conter aos poucos.

— Eu... Uh... Eu acho que para começarmos, preciso dizer que estou muito nervosa, ainda mais depois de escutar tudo isso. — Simon sorri, esfregando os dedos em minhas mãos para tentar me acalmar silenciosamente. — Da mesma forma que você iniciou seu discurso dizendo que somos como duas velhas almas se reencontrando, eu devo repetir isso: somos duas velhas e calejadas almas se reencontrando. Esse reencontro se dá dia-a-dia. Do momento em que acordamos ao momento em que dormimos, nos reencontramos, seja em um sorriso, em uma brincadeira ou em uma das muitas discussões. — Nós dois rimos. — O que a maioria de vocês não deve saber, é que Simon lutou muito para isso aqui acontecer. Na verdade, ele e o meu pai. — Respiro fundo, sentindo o meu lábio inferior tremer.

Simon faz o mesmo que fiz com ele há poucos minutos. Ele solta as minhas mãos e me abraça pela cintura, pousando as mãos em minhas costas e esfregando para me acalmar. Planto as minhas mãos sobre o tecido fino de sua camisa branca, inclinando o meu rosto para cima.

É apenas eu e ele em nosso mundo particular.

— Quando você chegou eu estava perdida, um pouco desesperada e completamente sem rumo. Estava sobrecarregada com as minhas responsabilidades, mas, acima de tudo, com as minhas dores. Você veio, irritante como sempre, empurrando-me sobre a borda da minha paciência para chamar a minha atenção. Provavelmente nunca te disse isso, Simon, mas você não precisa de muito para chamar a minha atenção. — Seu sorriso se derrete, como se ele estivesse surpreso por tomar conhecimento desse fato. — Sempre tive medo de me entregar por conta do medo de acabar sendo deixada sozinha. Você entende do que eu estou falando, certo? — Simon assente, ciente de que estou falando dos meus pais. — Mas você sempre foi tão certo e seguro de si mesmo, que me assustava, ao mesmo tempo que chamava a minha atenção de forma quase que absurda.

— Você sempre esteve na minha, Cherry? — pergunta, surpreso.

As risadas soam, mas eu não ligo, apenas assinto.

— Sempre. — Sorrio de lado. — Eu nunca vou poder reclamar de que nunca fui amada ou apreciada. Quando o papai começou a conspirar contigo ao nosso favor, você veio e me ajudou, tomou um pouco da carga sobre os meus ombros e carregou sozinho. Você cuidou de mim e do meu pai, fez de nós a sua família e marcou aquela época em sua grande maioria por momentos bons e que merecem ser lembrados. Você esteve ao meu lado nas

piores situações e compartilhou de dores que eu nunca gostaria que nós tivéssemos passado. Mas, foi isso que nos trouxe até aqui, foi isso que fez de nós dois mais fortes e fez de nós o casal que somos hoje. Não importa o que passamos, não importa o que vamos passar, a única coisa que importa é te ter ao meu lado durante tudo isso.

Posso notar no brilho dos olhos de Simon que ele está se segurando ao máximo para não me beijar. Suas pupilas dilatadas e seu rosto concentrado em cada palavra que eu direciono a ele, me dão a visão mais bonita que já tive o privilégio de presenciar...

— Eu amo você. Eu amo você com tudo de mim e esse amor é o que me faz levantar da cama, enfrentar os meus medos e procurar novos objetivos a serem alcançados. O meu maior objetivo de hoje em diante é ser a melhor companheira que você poderia desejar. Me esforçarei ao máximo para não te dar apenas problemas, mas incontáveis alegrias, pois você merece tudo isso...

— Nós merecemos — ele me interrompe.

Assinto, concordando com ele.

— Eu prefiro que não mais selemos nossos compromissos com promessas, então, assim como você fez, eu te darei as certezas que precisa escutar para eternizarmos esse momento. — Pigarreio, engolindo o choro e seguindo em frente. — Eu te dou toda certeza do mundo que eu vou te amar incondicionalmente, que vou estar ao seu lado nos piores e melhores momentos da sua vida, nas decidas e nas subidas. Eu te dou toda certeza do mundo que nunca vou cobiçar outro homem ou a vida de outra pessoa. Eu te dou toda certeza do mundo que vou ser fiel a você até o meu último suspiro. Eu também te dou a certeza que ainda vou te irritar muito, te fazer querer arrancar os cabelos com as minhas loucuras e paranoias. Eu te dou a certeza que vou lutar para te fazer se sentir o homem mais realizado, amado e desejado que já pisou na Terra. Eu te dou a certeza de que serei sua, pirralho, apenas sua, hoje e sempre até os nossos últimos dias.

Simon e eu sorrimos, enquanto ele avança para selar os nossos lábios mesmo sem permissão do padre. Ele não precisa de uma permissão, como sempre o pirralho faz as suas próprias regras e é exatamente assim que eu gosto. Eventualmente nos separamos em meio de pigarros e reclamações majoritariamente dos amigos de Simon.

Christian se aproxima com Ryle, ambos de mãos dadas e segurando duas pequeninas almofadas com a minha aliança e de Simon. O loiro mal se

afasta de mim para falar com Christian e Ryle, ambos sorridentes como nunca. Nós nos abaixamos em frente deles e pegamos nossas alianças, voltando a nossa posição inicial em segundos.

O padre faz um sinal para nós, permitindo a troca de alianças.

Simon é o primeiro a colocar a joia em meu dedo anelar. É linda, com uma pequena cereja de ouro no topo e completamente cravejada de pequenos diamantes. Extravagante, mas é Simon e eu não posso julgá-lo. De toda forma, eu amei com todo o meu coração. Ele leva a minha mão até os seus lábios e deposita um beijo, sorrindo ao separar a boca da minha pele.

Seguro a mão de Simon e encaixo a aliança que comprei para ele em seu dedo anelar. Posso ter falado da cereja cravejada de diamantes, mas eu também fiz algo especial. A aliança de Simon é extremamente masculina, uma versão também desenhada especialmente para ele, que consegui planejar juntamente com Pearl. Passei a primeira ideia que tive para simbolizar o nosso compromisso para algo mais concreto. O anel é todo de ouro, com finos fios que representam o barbante que ficou amarrado no dedo de Simon por meses. Parece bobo, mas aquilo era a única coisa que eu podia lhe dar no momento, então eu o trouxe de volta, dessa vez, para sempre.

— O noivo *finalmente* pode beijar a noiva. Eu vos declaro marido e m...

Simon nem mesmo espera o padre terminar de falar para me beijar.

Nossos convidados começam a bater palma, assobiar e gritar. O meu coração se aquece, cheio de felicidade, enquanto um vento agradável nos abraça em meio ao nosso momento de paz.

Finalmente paz, ou apenas o suficiente dela.

Não importa o que virá pela frente, Simon sempre será meu e eu sempre serei dele. Estamos destinados e presos pelas correntes invisíveis do amor até o nosso último dia. Eu não me importo em estar acorrentada por isso. Ele me trouxe de volta à vida e eu não poderia ter ficado mais feliz por ter sido o meu Simon a fazer isso.

Às vezes as pessoas custam a aceitar os obstáculos que a vida nos dá.

Nem tudo é um mar de rosas. Eu sei, pois vivenciei isso em minha alma e em minha pele. Foi uma dor interna e externa.

Porém, é como o meu pai me escreveu: “Levante a cabeça e enfrente os seus medos, enfrente a sua dor. O alívio só virá quando se libertar de tudo isso”. O meu alívio pode ter tardado um pouco, mas ele veio e quando veio

foi libertador. Deixar as coisas ruins de lado é tudo que você precisa fazer para ser feliz. Nem sempre é fácil, mas a escolha é sua: ficar no chão ou se reerguer para tentar outra vez?

Foi difícil em meio tantas perdas, doenças, desespero e problemas intermináveis, mas eu consegui.

Eu escolhi me reerguer.

Eu escolhi viver.

Eu escolhi o Simon.

— O que é isso? — indago, separando as nossas bocas e deixando o meu olhar cair novamente sobre o seu peitoral.

— Uma tatuagem nova — admite.

— E o que tem de especial nela? — continuo, mais do que curiosa.

— É uma surpresa, assim nunca esqueceremos do que passou e de onde estamos — murmura, esfregando os dedos sobre o osso saliente e alto das minhas bochechas magras.

— Me diga o que é? — peço de forma impaciente.

Simon revira os olhos.

Ele abre um pouco mais a sua camisa branca e puxa o curativo de uma só vez, revelando a sua tatuagem nova para mim. Eu sorrio, emocionada com o nome ali marcado em sua pele.

“PARA O NOSSO BEBÊ-SURPRESA

MARIO ALEXANDER CARTER-WYATT

POR TER NOS JUNTADO PELO RESTO DA VIDA.”

A letra que está marcada em sua pele é a sua própria letra, como se Simon tivesse feito um bilhete e mandado tatuar o mesmo em sua pele.

— Você deu nome para o nosso bebê? Deu o nome do meu pai? — indago surpresa e seguro as lágrimas mais uma vez.

— Sim, eu dei um nome para ele e é o nome do seu pai. Nossos Mario’s e Iris estão no céu, olhando por nós e nos protegendo. Aposto que eles estão participando da nossa festa de lá mesmo.

Simon ainda vai me fazer ter um enfarto.

— Eu amo você, Cherry — diz, selando os nossos lábios e colando as nossas testas.

— Eu amo você, pirralho.

Epílogo

Spencer Carter

“O maior e melhor presente...”

COM OS NERVOS À FLOR DA PELE, CAMINHO DE MÃOS DADAS COM PEARL PELOS CORREDORES DOS BASTIDORES DA VOLTA DE SIMON AOS JOGOS DA LIGA NACIONAL DESSA TEMPORADA. Consigo escutar a gritaria insana das pessoas nas arquibancadas, o que me deixa mais nervosa do que o necessário.

Em toda a minha vida, nunca tive a chance de experienciar um momento como esse. Seguro a pequena caixa, na minha mão e torço para que o meu coração não pare do nada. Hoje mais cedo, antes de Simon deixar o nosso apartamento em New York para ir à concentração com o seu time, prometi-lhe que esse seria seu melhor aniversário e que eu lhe daria o melhor presente de todos. Eu não planejei, assim como ocorreu da primeira vez, mas simplesmente aconteceu.

Estou grávida.

De gêmeos.

É insano.

Fico nervosa só de lembrar de todos os testes que fiz durante os últimos três meses e meio e de quando falei para Simon que ia ao cinema com Pearl e as crianças, mas, na verdade, fomos ao médico confirmar a notícia e ter mais uma surpresa. Eu sei que a minha gravidez tem os seus riscos, porém já estou tomando as devidas providências para que tudo ocorra bem. A pior fase já passou, que é a do aborto. Óbvio, ainda posso sofrer um aborto durante a gestação, assim como muitas mulheres, mas devido à minha Síndrome as primeiras doze semanas são críticas. Fora tudo isso, foi difícil fazer Pearl não contar para Simon, mas ela acabou se conformando e me ajudou a montar um plano para revelar isso a Simon.

Meu plano está nessa caixinha.

Esse é o presente de Simon.

— Seth conversou com o treinador e técnico de Simon e está tudo

pronto — Pearl grita para mim, uma vez que é quase impossível de nos escutarmos em tom normal.

Eu fito minha melhor amiga e ela me dá um sorriso encorajador. Estamos paradas quase no começo do túnel que dá acesso ao campo de futebol. A ansiedade me consome e o nervosismo faz minhas pernas bambearem.

— Agora é com você! — exclama uma última vez e me abraça forte.

Olho para o túnel e tomo uma longa e profunda respiração.

Eu posso fazer isso.

Eu consigo fazer isso.

Eu tenho que fazer isso.

Em passos lentos, faço meu caminho pelo túnel. Estou usando algo muito simples: vestido vermelho que desce até meus joelhos, botas pretas e uma camisa do time de Simon por cima, completamente personalizada para o momento. No instante em que eu colocar meus pés no gramado, provavelmente metade das pessoas já saberão o que está acontecendo.

A luz se aproxima e, segundos mais tarde, estou de frente para aquele lugar gigantesco. Um homem fala ao microfone, fazendo todos cantarem parabéns para Simon e o mesmo está sorridente como nunca.

— Spencer, venha! — O treinador do meu marido acena para mim e eu me aproximo dele. — Está quase na hora — diz, empurrando-me levemente para tomar alguma iniciativa. — Vá fazer o ego dele ainda maior, querida.

Uma salva de palmas ecoa pelo estádio e os gritos explodem ainda mais. Saio do meio das pessoas e dou o primeiro passo em cima da grama verde e bem cuidada. Meu coração erra uma batida ao ver o loiro acenar para todos os torcedores. Os colegas de time de Simon me avistam e começam a empurrá-lo até os seus olhos caírem em cima de mim. Meu coração erra outra batida. Minhas mãos começam a suar e os gritos dos torcedores se intensificam, parecendo acompanhar todo o pico de adrenalina que está ocorrendo dentro de mim.

“É a minha mulher”, leio os seus lábios.

A respiração falta e eu apresso o passo para que caso caia, eu pelo menos esteja em seus braços.

— Cherry — Simon diz, colocando as mãos de cada lado da minha cintura. — O que está fazendo, babe? — indaga.

— Eu vim te trazer o seu presente — retruco, sorrindo um tanto

acanhada por estar em meio a tanta gente.

Eu nunca vou me acostumar com essa atenção.

O silêncio cai na multidão de torcedores e eu sinto como se o meu coração estivesse batendo no topo da minha garganta. Empurro a caixinha para Simon e, debaixo do seu olhar avaliativo, ele aceita. Sua mão foge da minha cintura e os dedos hábeis tiram o pequeno laço azul que enfeita o seu presente. No momento em que Simon coloca os olhos no presente, ele sorri.

— É bonito, mas eu não posso jogar com essas, você sabe... certo, babe? — diz, ao fitar as duas bolas de futebol americano em miniatura.

— Eu sei disso...

Viro de costas para ele, puxando meu cabelo para o lado e revelando a sua segunda pista. Na parte de trás da minha camisa está escrito “Papai” e o número “2” está bem colocado logo abaixo. Os colegas de Simon começam a xingar compulsivamente, enquanto fito Simon sobre o meu ombro esquerdo. Seus olhos estão indo da caixa para a minha camisa e vice-versa.

— Porra, de jeito nenhum... — escuto seu sussurro antes da torcida barulhenta levantar com seus gritos e palmas mais uma vez.

Meus olhos enchem-se de lágrimas, pois eu nunca me senti tão completa em toda a minha vida. Eu sei que por muito tempo eu sofri pela perda das pessoas mais importantes para mim, mas como meu pai disse na carta que ele deixou para mim, “você só vive uma vez”.

Simon me fez encontrar a felicidade e nunca desistiu de mim, mesmo quando eu havia desistido. Fiquei perdida, mas ele me achou em meio muita bagunça emocional e física.

O olhar que ele me dá é da mais pura e crua felicidade e isso me faz ainda mais completa que antes, beirando o entorpecimento.

Gosto de acreditar que os gêmeos vieram para, de certa forma, suprir as dores dos nossos corações por eu ter perdido o nosso primeiro bebê no acidente que sofri depois do enterro do meu pai. Eu sei que a vida de um filho jamais substitui a do outro e que nunca estarei saciada da vontade de saber com quem aquele bebê se pareceria, mas eu aceito tudo que aconteceu lá atrás. Isso fez a minha ligação e de Simon se fortificar a um ponto de que eu tenho certeza que nada nunca mais nos separará.

Eu aceito o nosso destino, que foi desenhado entrelaçado um no outro em meio tantas turbulências.

— Você está grávida? — Simon exclama e eu volto a encará-lo, frente

a frente.

Tomando uma longa respiração e abrindo um sorriso, aceno positivamente.

— Parabéns, papai. Tem dois bebês na minha barriga e eles são o seu presente no dia de hoje — retruco com a voz embargada, mas ainda no mesmo tom que ele. — Eu disse que seria especial.

Simon tampa a caixinha e me puxa com cuidado, girando-me no ar e gargalhando alto. Não seguro minha própria gargalhada ao vê-lo dessa forma.

— Eu vou ser pai, porra! — exclama e os seus colegas de time festejam ao nosso redor. Simon me coloca no chão, inclinando seu rosto na minha direção e encostando sua testa na minha. — Eu vou ser o pai dos seus filhos, Cherry...

— E eu vou ser a mãe dos seus bebês, pirralho. — Subo minhas mãos para o seu rosto, acariciando suas bochechas sobre a barba por fazer.

— Esse é o melhor presente que eu ganhei em toda minha vida. Você é o melhor presente que eu ganhei e esses bebês... porra, os nossos bebês vão ser lindos pra caralho e eu vou protegê-los com a minha vida, assim como eu te protejo. — Suas palavras me acertam e me aliviam no momento em que eu as assimilo. — Eu amo você, eu amo você e eu amo você.

— Eu amo você. — Selo nossos lábios.

— Eu tenho um jogo para ganhar, babe, então depois nós vamos comemorar a vitória no nosso apartamento, enquanto discutimos os nomes dos nossos bebês.

— Você é adorável repetindo a palavra “bebês”...

— E você vai ficar sexy toda grávida. Finalmente a minha mulher vai estar maior. Eu esperei por muito tempo isso acontecer e vou aproveitar cada segundo da sua gravidez. Então, depois vamos esperar um tempo e você vai ficar grávida de novo e eu finalmente vou colocar meu plano de povoar o mundo em prática — gargalho, abraçando Simon com força. — Você está pronta para povoar o mundo, babe? — indaga ao pé do meu ouvido.

— Eu estou pronta para fazer qualquer coisa, contanto que você esteja comigo. — Beijo seu maxilar e afasto o rosto para fitá-lo. — Mas não vamos povoar o mundo, isso seria um pouco impossível. — Beijo sua boca uma última vez antes de me afastar completamente do loiro.

— Você vai sim! — ele exclama e eu balanço a cabeça negativamente, pegando seu presente e dando-lhe as costas.

Olho por cima do ombro Simon ser rodeado por seus colegas e felicitado por sua grande “conquista”.

Eu sei que essa vai ser uma jornada ainda mais longa, mas o meu Simon fará questão de deixar tudo sob controle. Vamos nos divertir muito e eu mal posso esperar para que essa nova fase comece.

Vida longa.

Vida boa.

Viva.

Bônus

Simon Wyatt

“Uma nota final...”

VULNERABILIDADE.

Hoje, depois das situações que eu passei com Spencer, percebo que quase tudo, desde o nosso reencontro para os dias de hoje, se tratou de um longo período de vulnerabilidade.

Ela estava vulnerável a tudo e eu não fiquei atrás.

Em algum momento isso acontecerá com você também, o mais importante é como você vai tratar essa vulnerabilidade.

Spencer estava de alma despida, machucada, perdida.

Eu estava de alma despida, confiante, mas completamente enganada.

Essa vulnerabilidade fez ela se afastar de mim, porém, a trouxe de volta para a sua casa: o nosso amor. As situações foram difíceis, os tombos foram ficando cada vez mais intensos, mas ignorá-los não faz parte de como nós dois, como um casal, estamos encarando a nossa vida atualmente.

Eu a fito, calmo, observando-a dormir com o lençol branco e fino cobrindo o seu corpo nu. É assim que temos estado desde a noite de nossa redenção e confissão final do amor um pelo outro, o dia em que Spencer disse pela primeira vez “Eu amo você”. Claro, não quero dizer nu no sentido literal da palavra. O que realmente cabe a ser dito é: nossas almas estão sem proteção e a cada dia que passa, nos tornamos cada vez mais um só.

Conversamos sobre tudo, principalmente sobre como nos sentimos. Sei que a minha mulher ainda tem dias ruins, mas eu também tenho, a diferença agora é que, acima de tudo, nós nos ajudamos a passar pelos obstáculos do caminho.

Respiro fundo.

Preciso confessar, essa é a imagem mais bonita que vejo em anos: Spencer grávida de sete meses dos nossos gêmeos. Seu cabelo castanho escuro está mais longo do que já cheguei a presenciar, o que lhe deixa com um ar de deusa. Sim, ela se parece muito com uma deusa, aquelas

maravilhosas de relatos da Grécia Antiga.

Spencer ganhou peso também, o que me alegra mais do que cheguei a algum dia imaginar. Ela parece brilhante, radiante, sempre sorrindo para mim e arrancando sorrisos meus com seus comentários ciumentos sobre mulheres ao meu redor. Esse é outro lado que veio aflorando desde que ela entrou na gestação: Spencer está ciumenta e sensível. Eu digo sempre a ela: “Se quiser chorar, chore. Se quiser gritar, grite. Apenas não guarde isso para si mesma”, por fim, ela me obedece. Esse tem sido o nosso lema desde muitos anos atrás.

Diferente do imaginado, não brigamos mais tanto assim, mas ainda nos provocamos dia e noite. Chegamos à conclusão de que brigar não faz nada bem para nós dois, então quanto mais pudermos evitar, melhor.

Caminho de volta para a nossa cama, entrando debaixo do lençol e puxando Spencer para perto de mim. Ela se remexe, inclinando a cabeça para cima e abrindo os olhos com dificuldade.

— Tudo bem? — sussurra.

Dou um sorriso, tranquilizando-a rapidamente.

— Tudo perfeitamente bem e alinhado. — Spencer sorri de volta e deixa a sua cabeça cair sobre o meu ombro. — Durma bem, Cherry.

Ela resmunga alguma coisa, voltando a cair no sono rapidamente.

Grávidas...

Beijo o topo de sua cabeça, pousando a minha mão em cima de sua barriga inchada e deixando o meu corpo relaxar totalmente.

É incrível estar em casa.

AO *seu* LADO

*O que fazer quando o amor da sua vida
sempre esteve **ao seu lado**?*

HEAVEN RACE

Copyright © 2020 HEAVEN RACE

AO SEU LADO

Série Apostas — Volume 3

1ª Edição

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:

Imagens da capa: Depositphotos

Ilustrador: Heaven Race

Revisão: Bianca de Oliveira

Diagramação Digital: Heaven Race

Todos os direitos reservados à autora, desta forma é proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangíveis ou intangíveis, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

*Para a minha família e, principalmente, para os meus leitores por todo apoio incondicional,
especialmente vocês: Iane, Mônica, Luíza, Bárbara e Bianca.*

Este é para vocês.

Muito obrigada,

A handwritten signature in black ink, featuring a large, stylized 'I' and 'a' followed by 'ne'. There is a small star-like mark above the 'e'.

“Amigos dormem em camas separadas e amigos não me tratam como você me trata. Bem, eu sei que há um limite para tudo, mas meus amigos não me amam como você. Não, meus amigos não me amam como você.”

FRIENDS — ED SHEERAN

RYLE DIANN SIVAN

— **Vamos, vamos, vamos, Christian!** — exclamo, tentando tirá-lo da cama.

— *Shhh*, babe. Eu estou com uma dor de cabeça infernal — reclama, puxando um travesseiro e protegendo-se com ele dos meus gritos, como se isso adiantasse. — Vem aqui, deita um pouco comigo — indica, batendo com uma mão no espaço livre de sua cama grande e macia.

É um pouco tentador, eu admito, porque eu amo ficar na sua cama, mas resisto bravamente.

— Isso é golpe baixo, você sabe que eu amo sua cama — admito em voz alta os meus pensamentos. — Seth pediu para eu vir acordar você, Christian. Todos já estão prontos para o café, só falta você e, como deve saber, ninguém come antes que todos estejam à mesa. — Puxo o travesseiro e ele reclama em um grunhido irritado. — Por favor...

— Todos já estão lá em baixo? Até mesmo Andrew e Romeo? Ontem os dois beberam tanto quanto eu — questiona, em seu tom explicativo de sempre. — Talvez até mais...

— Sim, eles já estão lá e sua mãe já brigou bastante com os dois pelo que fizeram, mas depois os abraçou e ajudou cada um a se sentirem melhor da ressaca. — Sorrio de lado, sabendo que Pearl realmente é uma mulher incrivelmente doce e compreensiva, mas que se preocupa muito com os filhos. — Só falta você e eu posso dizer de antemão que ela está bem ansiosa para te dar um sermão e depois beijar sua bochecha, enquanto explica que você não pode levar seus irmãos mais novos para beber — concluo, já preparando-o para o que está vindo em sua direção assim que ele der as caras lá embaixo.

— Se não for assim, não é a minha mãe... — Ele ri de tudo que eu disse. — Mas você sabe que a culpa não foi minha, os dois que me obrigaram a levá-los conosco na noite passada. — Christian finalmente se vira para cima.

Seu cabelo loiro está bagunçado de um jeito um tanto selvagem, caindo por seu rosto e contrastando com o bronzeado poderosamente sexy que ele exhibe por todo torso firme e malhado, e... espera.

O que foi que eu disse?

Eu só posso estar enlouquecendo. Isso é como eu falo dos caras com

quem eu eventualmente me envolvo, não de Christian, que pode ser oficialmente meu sobrinho, mas é como um irmão e, para completar, um irmão mais velho.

— Terra chamando, Ryle. Acorda, babe, eu estou falando com você. — Ele estala os dedos em frente ao meu rosto, chamando minha atenção. — Por que você está me olhando como se eu fosse a coisa mais bonita que já viu em toda sua vida? — Sorri de maneira melosa, mas que cai tão bem nele que eu acabo me derretendo toda.

Deus, onde eu vou enfiar minha cara?

— Você está dando muito ouvido aos comentários cheios de si do tio Simon, Christian. Levanta logo da cama, nós não temos o dia todo e eu estou faminta — reclamo, tentando parecer o mais normal possível, mas falho. Começo a mexer freneticamente no meu cabelo e Christian gargalha, o que me deixa mais embaraçada que antes. — Vamos logo, Christian! — exijo.

— Você tem que se acalmar, Ryles...

Cerro meus olhos em sua direção e arranco o lençol de cima dele com o intuito de fazê-lo se levantar logo. Contudo, me arrependo imediatamente, pois Christian... *Christian está nu*. Ele para de rir assim que se dá conta do que eu fiz e eu o encaro assustada, muito assustada para ser sincera. Desde quando ele dorme nu? E... meu Deus do céu, Christian! Desde quando ele cresceu tanto? É claro que a última vez que dividimos um banho sem

nenhuma roupa atrapalhando, nós apenas pensávamos em brincar de fazer bolinha de sabão e Christian tinha apenas cinco anos de idade e eu tinha quatro.

“Você está ferrada, Ryle. Apenas saia”, a voz em minha cabeça manda e eu obedeço.

Jogo o lençol para Christian e corro para fora do seu quarto. Assim que bato a porta, dou de cara com o tio Simon e Noah, sua filha mais nova. Ele arqueia uma sobrancelha para mim, enquanto a menina brinca com o cabelo longo do pai.

— Está fugindo de alguma coisa, Ryle? — Sorri de lado e eu reviro os olhos, mas não deixo de rir nervosamente.

— Não estou fugindo de nada, é só que eu levei algum tempo para tirar Christian da cama. — Balanço os meus ombros tentando parecer despreocupada.

— Huh... eu sei — retruca, irônico. — Eu vou falar com ele um pouco — avisa.

— Tape os olhos de Noah quando entrar no quarto — atiro e saio em disparada para o andar de baixo.

Felizmente eu não troco os pés até alcançar o último degrau da escada, onde meu pai me espera. Ele está de braços cruzados e um sorriso pequeno de lado, que é absolutamente o meu favorito. Se tem uma coisa nesse mundo que

eu acho bonita, é a relação dele com a mamãe. Mesmo que ele seja dezessete anos mais novo que minha mãe, é impossível não ver a conexão entre os dois, pois é algo que vai além do explicável.

Eles dois são meus dois maiores amores.

Minha família é meu maior amor.

— Oi, papai... — sussurro, pulando em cima dele e o abraçando com força.

— Oi, menina bonita — diz, abraçando-me de volta e beijando o topo da minha cabeça.

— Eu acordei Christian. Ele já deve estar descendo com o tio Simon e Noah — informo e ele assente.

— Vamos. — Me coloca no chão e segura minha mão. — Seu irmão me estava me contando sobre a festa da noite passada que Christian os levou... — comenta sugestivamente, provavelmente esperando que eu fale alguma coisa.

— Pai, os garotos nem estavam convidados. Eles ameaçaram contar algo de Christian para mim e deve ser algo bem embaraçoso, pois ele acabou concordando e os levou conosco. Em minha defesa, eu passei a maior parte da festa dançando e quase não bebi, já que eles fizeram Christian comprar um monte de bebidas para eles e alguém teria que trazê-los de volta para casa em segurança — falo em minha defesa tudo que ele precisa saber para não

colocar culpa em mim por Bennett ter bebido todas na noite passada. — Espero que entenda que eu não posso mandar em Bennett, ele sabe o que deve ou não fazer, afinal, ele já tem quase dezenove anos. — Aperto a sua mão.

— Com dezenove anos eu já sabia bem o que eu queria e o que era certo ou errado, então eu concordo com o que você quer dizer e espero que saiba que eu não estou culpando-a por nada que acontece com Bennett. As escolhas que ele faz são exclusivamente de sua própria responsabilidade, já que a educação que eu e Cassie demos a você, foi a mesma que demos a ele. — Meu pai me tranquiliza e eu respiro aliviada. — Falando em educação, Christian estava conversando comigo sobre a Universidade de vocês dois no começo da semana e ele disse que você poderia ficar com ele na casa de Los Angeles para evitar sua ida e vinda de Long Beach todo dia...

— Quando vocês conversaram sobre isso? Por que não me falaram nada? — questiono, curiosa.

— Queríamos te fazer uma surpresa, filha, mas já está quase tudo certo para quando as aulas de vocês voltarem. Você, seu irmão e Andrew vão morar com Christian. — Chegamos ao lado de fora da casa de verão do meu irmão mais velho, onde eu preparei o café hoje mais cedo com a mamãe, Pearl, tia Spencer e Noah na varanda enorme.

— Onde está o Christian? Eu estou morrendo de fome... — Romeo

reclama e Seth lança um olhar aguçado para o filho.

— Pensasse nisso antes de virar todas na noite passada — meu irmão ralha e agora é a vez de Pearl lançar um olhar aguçado para o marido.

— Ele já deve estar descendo com o tio Simon e Noah — informo a todos, soltando a mão do papai e sentando-me ao lado de Romeo.

Encaro o mais novo e sorrio para ele, que vem para perto de mim se aconchegar em um abraço. Passo meu braço direito por seus ombros e afago seu cabelo preto bagunçado, assim como o do meu irmão.

— Você não deveria ter bebido tanto... — digo apenas para ele ouvir.

— Me fale isso da próxima vez, *titia* — resmunga irônico e mal-humorado, o que me faz rir involuntariamente.

— Você só tem dezesseis anos, Rome. Christian só começou a beber algumas quando completou dezoito — repreendo, ainda afagando o cabelo dele.

— Papai teve a primeira ressaca aos quatorze anos, foi o que a vovó disse — ele se defende rapidamente, como se estivesse tentando justificar o que fez.

— Bom, você que sabe o que é melhor para si mesmo...

— E ontem... você se divertiu? — Escuto sua risada e logo Romeo inclina o rosto para me fitar. — Você estava bonita ontem e eu tenho certeza que muitos notaram isso. É difícil ter mulheres bonitas ainda não

comprometidas na família, uma vez que os paus todos estão atrás delas. Noah vai ser um problema do caralho e, eu como primo, sinto que vou ter dor de cabeça com aquela pentelha loira. — Revira os olhos.

Solto uma risada, fitando Alexander e Peter, irmãos gêmeos de Noah, que é quatro anos mais nova que eles. Os gêmeos loiros são a cara do tio Simon, assim como Noah também é. Ele vive por aí se gabando e dizendo que seu gene é mais forte que o da tia Spencer, o que faz todos nós rirmos. Desde que consigo me lembrar, tio Simon tem esse humor ácido e essa postura irônica, mas ele já melhorou bastante do que era.

— Acho que Alexander e Peter vão ser o suficiente para cuidarem da irmã — afirmo.

— Ajuda nunca é demais — Rome retruca.

— Se você diz — comento divertida, pois sei que eles vão fazer da vida de Noah um inferno e sei que eu vou ter prazer em intervi-los quando necessário.

— Finalmente a princesa apareceu... — Andrew atira do outro lado da mesa.

Minha atenção é puxada para Christian, que aparece de cabelo molhado e rosto completamente amassado, assim como eu o deixei quando saí desesperada de seu quarto. Ele está sem camisa, usando uma bermuda de surfe simples que cai bem em seu quadril estreito e firme. Eu tento não o

encarar muito, mas falho.

— A única princesa aqui é você, Andrew — Christian joga, sentando-se ao lado do irmão e, conseqüentemente, na minha frente. Ele me fita de um jeito doce, fazendo minhas bochechas esquentarem e depois desliza o olhar para Romeo, cerrando os olhos para o mais novo. — Por que você está no meu lugar? — questiona.

— Essa cadeira tem seu nome e eu não sabia? — Romeo pergunta, separando-se de mim e sentando-se mais despojado.

— Não tente descobrir onde colocarei meu nome se não parar de falar assim comigo e não sair do meu lugar — Christian rebate, irritado com seu irmão.

— Crianças, já chega — Pearl os interrompe. — Eu não quero mais nenhuma palavra irritada saindo da boca de vocês, estamos entendidos? Nós vamos conversar depois, Christian — ela avisa por fim.

— Não é culpa minha que esses dois moleques tenham enchido a cara, mãe — Christian trata logo de tentar se defender, mas Seth apenas levanta a mão esquerda.

— Nem mais uma palavra — sentencia.

A mesa finalmente está completa. Na cabeceira da direita, meu irmão está sentado e logo depois está Pearl na fileira da frente, os gêmeos, Noah, Christian e Andrew até chegar na outra cabeceira, onde meu pai está sentado.

Mamãe está logo à minha esquerda, à minha direita está Rome e depois dele estão Bennett, tio Simon e tia Spencer. É uma grande família, mas nós nos entendemos. Ainda faltam os pais da Pearl, mas eles estão viajando para Itália, então não puderam fazer parte da nossa comemoração de fim de ano na casa de verão.

Todos começamos a nos servir e logo os garotos iniciam uma conversa animada sobre futebol americano, o que não é uma surpresa. Christian é o único que fica de fora, já que eu e todos sabemos que ele prefere basquete e surfe. Não é à toa que ele joga nos “Bruins”, time de basquete da UCLA, universidade onde estudamos. Christian entrou por bolsa esportiva e convite direto do treinador — ele e Cam, seu melhor amigo —, e eu devo dizer que adoro vê-lo jogar.

— Você está bem? — minha mãe pergunta e eu viro o rosto para fitá-la.

— Claro, mamãe. Por que eu não estaria? — Sorrio, tentando parecer relaxada, mas a cada olhar que eu recebo de Christian, meu corpo treme.

— Não sei, querida. — Ela sorri de volta e eu seguro sua mão que está em cima da mesa.

— Não se preocupe, eu estou muito bem — afirmo, apenas para tranquilizá-la. Às vezes eu sinto uma preocupação exagerada dos meus pais em relação a mim, como se eu fosse quebrar a qualquer instante, o que é

estranho. — Você está linda hoje — comento, puxando um assunto mais tranquilo para nós duas.

— Eu disse a mesma coisa assim que ela acordou — papai se pronuncia e eu sorrio, piscando para ele.

— São os olhos de vocês — mamãe diz, claramente envergonhada. — Meus cabelos brancos estão aparecendo mais e mais e vocês continuam a me chamar de linda...

— Eu gostaria de ficar mais velha assim como a senhora, mãe. Seus cabelos brancos são lindos, assim como você. Não fale mais esse tipo de besteira... — digo e ela me fita com os olhos brilhando.

— Eu tenho tanto orgulho de ter uma filha como você — fala, apertando minha mão levemente.

— E eu tenho sorte de ter uma mãe como você. — Sorrio abertamente, beijando sua bochecha e pegando um morango da taça à nossa frente.

Encontro Christian nos fitando com um sorriso de lado.

— Oi, Ryle — diz, arqueando uma sobrancelha em desafio.

— Oi, Chris — retruco e a imagem de Christian nu pisca nos meus olhos, deixando-me mais embaraçada do que antes.

E se meus pais descobrirem que eu vi Christian pelado?

Meu Deus, onde eu vou enfiar minha cara?

— Depois que minha mãe me passar sermão, eu estava planejando em

ir à praia. Você quer ir comigo? — indaga, colocando um pedaço grande de melancia na boca.

— A mamãe me disse algo sobre nós duas irmos comprar algumas coisas no supermercado, então acho que...

— Seu pai vai me fazer companhia, querida, não se preocupe com isso — minha mãe me corta e eu solto um suspiro um pouco alto demais, que chama a atenção de Romeo e o faz rir.

— Parece que você não é mais o preferido da *titia*, irmão — Rome provoca.

— Cala boca, moleque — Christian cospe e me fita sugestivo.

— Tudo bem, mas você vai ter que esperar eu colocar um biquíni — digo, desviando nossos olhares, já que no momento eu estou impossibilitada de encará-lo nos olhos. — Se você não tiver um problema em esperar eu resolver os meus dilemas de cores... — completo, tentando fazê-lo desistir.

— Eu ajudo você, se quiser. Eu nunca tive problema em esperá-la para sair, você sabe — retruca, seguro como sempre.

O resto do café da manhã se passa entre risadas, enquanto tio Simon e Noah entretém toda a mesa. A garota é como uma cópia fiel do pai, a versão feminina mais perfeita que poderia ter saído entre ele e a tia Spencer. Ela sabe como conseguir tudo que quer e o fato de ter apenas sete anos, ajuda mais ainda.

Ninguém resiste a nada que Noah pede ou fala.

Quando termino de comer tudo que coloquei no meu prato, peço licença e me retiro antes de todos. Entro em casa e vou direto para o meu quarto. O corredor é extenso. Quando meu irmão comprou essa casa, ele disse que queria que todos tivessem um quarto e ainda sobrasse para visitas e assim foi. A casa tem tantos quartos que parece um castelo, para ser sincera. É tudo tão bonito, de bom gosto e aconchegante, que torna impossível não se sentir em casa toda vez que voltamos para esse lugar.

Abro meu guarda-roupas assim que bato a porta do meu quarto e pego alguns dos meus biquínis. Eu estou um pouco mais corada que o normal, eu diria que até um pouco queimada, então eu fico indecisa sobre qual cor de biquíni vai cair melhor em mim nesse momento. Desde criança eu sempre achei divertido escolher a cor do biquíni e isso é como uma tradição entre mim e Christian, já que eu sempre me encontrava em um dilema e ele sempre estava lá para me dizer que cor caía melhor em mim. Contudo, nesse momento eu acho que seria um pouco embaraçoso chamá-lo para me ajudar com o biquíni sendo que há alguns minutos eu o vi sem nada.

“Tudo bem, Ryle. Desencana. Não foi uma grande coisa”, obrigo-me a falar para mim mesma, mas tenho que me corrigir pois infelizmente — ou felizmente, depende de quem vai ser garota ele vai pegar essa noite — aquilo era uma *grande coisa*.

Sem me dar trabalho de pensar muito, escolho um biquíni preto simples. É um dos meus favoritos e um dos que mais irrita Alexander, Peter, Ben, Rome e Andrew, pois eles dizem que mostra muito, mas não é como se hoje Christian fosse reclamar pela primeira vez desse biquíni. Ele nunca foi do tipo que reclama da minha roupa, somente os outros, o que momentaneamente me deixa feliz por não ter que lidar com a reclamação dos garotos hoje, afinal, será apenas Christian e eu na praia.

“Tudo bem, nós já fizemos isso um milhão de vezes sozinhos”, tento me tranquilizar, mas pareço patética.

Balanço minha cabeça, afastando esses pensamentos, e tiro meu shorts jeans e camiseta, arrancando minha calcinha e sutiã em seguida. Assim que coloco o biquíni preto e o ajusto em meu corpo, vou atrás de um vestido branco praiano simples e termino de me arrumar. Caminho até meu banheiro e escovo meus dentes, aproveitando para prender meu cabelo em um coque.

Volto para o quarto ao mesmo tempo que Christian entra sem bater.

— Vamos? Eu, na verdade, não quero ficar para ouvir minha mãe reclamar por trinta minutos seguidos. — Ele se aproxima e segura minha mão, sem me dar tempo para protestos. — Já coloquei minhas coisas no carro com água e algumas frutas, já que estamos indo para a área mais reservada da praia — explica.

— Tudo bem... — sussurro.

Assim que eu e Christian estamos no andar de baixo, saímos pela porta dos fundos e vamos pela lateral da casa até seu carro. Eu sei que Pearl ficará bastante chateada por Christian estar saindo sem que eles ainda não tenham conversado, mas não é como se eu pudesse obrigar Christian a ficar. Sendo assim, no momento em que Christian parte, eu encosto minha cabeça na janela e fecho os olhos para relaxar um pouco. Sei que estou fechando os olhos mais por vergonha, mas digo para mim mesma que é para relaxar.

Por todo percurso, Christian e eu não trocamos uma palavra sequer.

— Vamos, babe. Chegamos — ele diz depois de alguns minutos.

Abro meus olhos e finjo um bocejo que faz Christian rir.

Ele me conhece.

Ele sabe que eu estou fingindo.

Saímos do seu carro e ele vem ao meu lado, segura minha mão e começa a me puxar pelo caminho de pedrinhas que vai nos levar até a praia.

— Você não vai olhar na minha cara? — Christian finalmente fala alguma coisa e eu aperto sua mão. Estou tão nervosa que sinto que minhas pernas podem me deixar a qualquer momento. — Diga alguma coisa, Ryle.

— O que você quer que eu diga? “Nossa, você tem um belo negócio entre as pernas”? — resmungo, virando meu rosto para o lado contrário de onde ele está. — Não, certo? Então eu acho que não tenho nada a dizer...

Ele ri, mas para assim que percebe que eu não estou achando graça.

— Você não vai ficar estranha comigo pelo que aconteceu, ou vai? — questiona e eu reviro os olhos. — Vamos, babe, me diga o que está se passando na sua cabeça — pede.

Christian para de andar e me força a fazer o mesmo, puxando-me para perto a uma distância que estamos acostumados a ficar, mas que agora — *depois de tanto tempo* — parece realmente perigosa. Ele solta minha mão e planta as duas de cada lado do meu quadril, lançando-me um olhar sério e intimidante.

— Foi estanho, tudo bem? — cuspo, chateada por ele estar me fazendo falar sobre o que aconteceu.

— Nós já tomamos banho juntos, Ryles, não é tão estranho assim... — Um sorriso contido escorre por seus lábios e eu bufo.

— Isso foi há quase duas décadas, Christian. As pessoas crescem e você *claramente* cresceu, não que eu estivesse... você sabe... encarando. É só que foi difícil não encarar também, tudo bem? — Ele inclina a cabeça para o lado, divertindo-se com meu nervosismo. — Aliás, desde quando você dorme nu? — O empurro para longe, sem esperar por uma resposta e saio andando ao escutar sua risada quebrando entre nós dois.

Christian me abraça por trás e me tira do chão, girando meu corpo e fazendo-me relaxar gradativamente.

— Não fique assim, Ryle. Isso vai permanecer apenas entre nós dois,

afinal, ninguém precisa saber que você me viu pelado...

— Cala a boca! — exclamo, tapando meu rosto com as mãos.

— Em minha defesa, é muito bom dormir pelado. Eu aconselharia você a tentar algum dia desse. — Ele beija meu maxilar. — Agora pare de fazer cara feia, pois eu sou a melhor pessoa que você poderia ter visto pelado. Não queira imaginar Romeo ou Andrew pelados. O mais novo tem pau pequeno e o do meio tem pau mole, você tirou sorte grande comigo, babe — completa.

Eu não consigo segurar a gargalhada que escapa por meus lábios. Meu irmão e Pearl não deveriam ter deixado Christian com o tio Simon por muito tempo quando suas ideias ainda estavam sendo formadas. Acho que ele pegou por osmose o ego grande do tio Simon, que não é tão ruim, mas hilário com certeza.

Christian me coloca no chão e me abraça com força, enquanto continuo rindo sem parar. Seguro sua camiseta branca com força, desejando que ele nunca tivesse falado das partes baixas dos seus irmãos. Se Andrew e Romeo souberem que Christian andou falando isso sobre eles, eu tenho certeza que Pearl e Seth terão que parar uma discussão feia.

— Como... Como você sabe *isso* sobre eles? — questiono depois de um longo minuto de riso.

Inclino minha cabeça para fitá-lo, apoiando meu queixo em seu peitoral e observando o sorriso bonito com que ele me presenteia.

— Semana passada eu fui à uma festa com Andrew e eu lembro que no final da noite ele apareceu com uma das bochechas vermelhas e logo após uma garota chegou gritando que “ele não tinha dado conta do serviço”, então ele retrucou dizendo que “foi culpa da bebida”. Eu apenas tive que ligar os pontos para perceber que meu irmão broxou. Agora, sobre Romeo, há alguns anos eu e Andrew começamos a chamar ele de pau pequeno apenas por diversão, já que você sabe o quão irritadinho aquele moleque é e desde então esse é o apelido dele entre nós três — discorre ainda com seu sorriso hipnotizante nos lábios.

— Você e Andrew também não dão uma folga para ele...

— Rome é um problema e ainda nem tem idade para ser tão idiota quanto ele realmente é. Eu e Andrew apenas tratamos de colocá-lo em seu lugar quando o papai e a mamãe não estão por perto — Christian se explica e eu solto um suspiro, entendendo o que ele quer dizer.

— Eu acho que ele apenas não é bem compreendido. Não culpo meu irmão e muito menos Pearl, pois eu sei que eles são pais maravilhosos para vocês três, mas talvez Rome precise de espaço para entender o que se passa em sua cabeça. — Dou de ombros.

— O papai vive dizendo que Romeo é exatamente como ele era quando tinha essa idade, o que me faz pensar no quão chato meu pai deveria ser... — Christian me tira outra risada e acaba rindo comigo.

— Não chame seu irmão de chato e nem o meu. — Aponto meu indicador em sua cara e ele morde, fazendo-me reclamar entre meu riso. — Você vai me ajudar a surfar hoje? — pergunto, mudando de assunto.

— Você está com sorte hoje, Ryle — ele sorri malicioso e eu reviro os olhos, sentindo minhas bochechas queimarem violentamente —, eu trouxe duas pranchas — completa.

— Eu sou tão sortuda! — exclamo cinicamente, empurrando Christian e me separando dele. — Vamos pegar as coisas no carro... — Indico o caminho de volta para carro com um aceno.

— Pega a cesta com nossa comida e deixe-me levar as pranchas — comanda e eu assinto.

Eu e Christian pegamos tudo que ele trouxe para nós dois e logo fazemos nosso caminho em meio a uma conversa agradável sobre como o dia está bonito e ensolarado hoje. De longe podemos ver como as ondas parecem especialmente grandes e barulhentas hoje, o que me deixa mais ansiosa ainda para tentar aprender a surfar com Christian mais uma vez.

Devo admitir que eu sou o tipo mais difícil de pessoa que se pode existir para aprender a surfar. Eu sou completamente desequilibrada e isso me rendeu muitas quedas e dos tipos mais diversificados possíveis. Até mesmo no meio de pubs eu já caí. Eu sou terrivelmente desastrada, mas espero me sair bem hoje. Christian é paciente, já que ele já tentou me ensinar a surfar,

mas eu não conseguia permanecer de pé por nem mesmo um segundo sequer.

— Você tem certeza que quer fazer isso hoje? — Christian pergunta assim que arrumo nosso lugar na areia. Ele coloca uma prancha do lado da outra e começa a tirar sua camiseta. — Poseidon parece estar de mau humor hoje. — Ele joga a camisa em cima da cesta e se vira para o mar. O loiro estende o braço e aponta para as ondas, mas por um momento eu me perco em seu bíceps. — Está vendo o tamanho daquelas ondas? — questiona e eu olho para onde ele está apontando.

Realmente, as ondas estão insanas.

A paisagem está perfeita.

— Você está com medo? Porque eu não estou — alfineto, atraindo seu olhar quase que incrédulo para mim. Puxo meu vestido para cima e fico apenas de biquíni, olhando outra vez para o mar. — Você vai me ensinar ou não? — indago.

— É claro — diz, checando-me de cima a baixo, o que me fazer arquear uma sobrancelha em sua direção. — Mas, que biquíni é esse? — pergunta, franzindo o cenho e eu jogo meu vestido em cima dele.

— Cala a boca, Christian — digo, virando-me de costas para ele.

Estou embaraçada e não é pouco.

Solto meu cabelo, deixando no meu braço o elástico que o prendia em um coque. Bagunço os fios, fechando os olhos por breves segundos até ser

puxada pela mão por Christian.

— Não vá para longe, tudo bem? Eu não quero perdê-la de vista nem por um momento. Estamos entendidos? — questiona, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha direita.

— Entendidos — afirmo, segurando suas mãos.

— Agora vamos, eu vou te dar algumas lições básicas na areia e depois vamos para o mar — indica e eu aceno positivamente.

Christian se afasta de mim e pega as pranchas, entregando-me uma e começando o caminho para mais perto do mar. Eu o sigo e logo paramos e deixamos as pranchas uma do lado da outra no chão. Christian me ajuda a alongar e não demora muito para que ele comece com suas mil e uma lições. Essa deve ser a quinta vez que ele está me dando essas lições na areia de como se comportar no mar e agora eu finalmente estou me saindo bem.

Depois de quase meia hora de exercícios e correções, Christian informa que podemos ir para o mar.

— Já não via a hora desse momento — digo, sorrindo de canto de boca e vendo o sorriso do loiro se formar do mesmo jeitinho que o meu.

— Vamos ver se você realmente vai conseguir se sair bem dessa vez — Christian brinca. — E não adianta reclamar que está escorregando porque eu passei parafina nessas pranchas antes de sair de casa — avisa e eu reviro meus olhos.

— Eu odeio você, menino.

Entramos no mar e eu respiro fundo, sentindo a água gelada demais em minha pele quente. Por isso eu prefiro vir à praia à noite, quando a água é quente e agradável.

— Você sabe o que fazer? — Christian pergunta, tirando-me dos meus pensamentos e eu assinto. — Então vá na frente, eu estarei te observando aqui — ele me instrui.

A cada passo que dou, a água começa a molhar mais partes do meu corpo. Quando a água está quase passando do meu joelho, faço o que já vi Christian fazer milhares de vezes: deito na prancha e começo a nadar em cima da mesma. No mar é bem mais legal do que na areia, definitivamente. Continuo a nadar e, do nada, Christian aparece ao meu lado.

— Quer tentar ficar de pé? — ele indaga e eu sorrio, acenando que sim. — Vamos pegar uma onda pequena para você tentar — conclui.

Christian me ajuda em cada movimento e me incentiva a cada nova tentativa. Depois de tanto cair e engolir um pouco de água, consigo me equilibrar em cima da prancha e pego uma curta e nada alta, onda. Assim que caio outra vez, levanto os braços e comemoro.

— Já sou profissional, está vendo? — provoco e Christian arqueia uma sobrancelha.

— Absolutamente sim, não é mesmo? Já pode começar a sair para

competições — retruca, tão divertido quanto eu.

— Não exagera, Chris. — Pisco para ele. — Podemos ir mais para o fundo? — pergunto e ele faz uma careta.

— Não quero perder você de vista ou qualquer coisa do tipo. Acho melhor ficarmos por aqui, essas ondas são mais que o suficiente para você. — Reviro meus olhos, chateada com ele.

— Mas aqui é sem graça, Christian. Além do mais, eu já sei me equilibrar em cima da prancha, nada vai sair do seu controle — insisto.

— Eu estou dizendo que *não*, Ryle.

Cerro meus olhos, incomodada com seu tom de voz.

— E eu estou dizendo que *sim* — atiro.

Começo a nadar para o fundo em cima da prancha, sem deixar de escutar o protesto irritante de Christian pedindo para eu parar. Se ele quiser ficar, tudo bem, mas eu quero me divertir.

Naquelas ondas não têm diversão nenhuma.

No meio do meu caminho para o local que avisto como meu destino, meus braços pesam. Essa coisa de ficar nadando contra as ondas é realmente esgotante. Eu já me sinto cansada e ainda nem terminei.

Christian continua me chamando e quando levanto meu rosto para me virar para falar com ele, sou acertada por uma onda. A prancha foge de mim, enquanto sou empurrada para baixo pela força absurda da água. Minha visão

fica turva, enquanto tento nadar para cima, mas quando eu chego à superfície e consigo puxar o fôlego, sou banhada por outra onda violenta. Meus braços começam a pesar mais ainda e nada além do que o alerta de Christian para eu não me afastar dele invade minha mente. Chego à superfície outra vez e abro minha boca, desesperada por ar, mas em seu lugar vem mais água. Sou nocauteada pela onda, enquanto engulo tanta água que só sinto a ardência em minha garganta antes de apagar.

“Quando os seus lábios estão nos meus e os nossos corações batem como um só, mas você escorrega entre meus dedos toda vez que você foge.”

GIVE YOUR HEART A BREAK — DEMI LOVATO

RYLE DIANN SIVAN

— Vamos lá, babe, acorda... Puta merda, Ryle... Eu preciso de você, vamos, acorde! Nossos pais vão nos matar...

Lábios gelados encostam nos meus, enquanto eu quase sufoco tentando respirar. Sinto como se estivesse entupida. Nada faz sentido na minha cabeça. O que está acontecendo, afinal? Meu tórax é pressionado e sinto novamente os lábios em cima dos meus.

Minha garganta queima, em seguida meu corpo se contorce e um tanto absurdo de água sai por minha boca. Sento-me, sentindo as minhas mãos tremerem, enquanto cuspo toda água que volta por minha garganta. Finalmente vejo Christian aparecer na minha frente e alívio começa a percorrer por todas as minhas veias.

— Que susto do caralho você me deu, Ryle! — exclama, esfregando uma das mãos em minhas costas. — Nunca mais faremos isso de novo, eu não vou mais te deixar surfar — completa, afastando meu cabelo da frente

meu rosto.

— *Eu... o quê...*

— Você se afogou. Eu pensei que tinha te perdido, merda — reclama, levantando um pouco meu queixo para me encarar com mais facilidade. — Eu nunca senti tanto medo em toda minha vida — confessa entre dentes, encostando a testa na minha.

O ar entre nós dois fica pesado. Eu abraço Christian com força, sentindo a intensidade das palavras que ele está direcionando para mim.

— Eu estou bem. — Beijo sua bochecha, começando a espalhar beijos por todo seu rosto. Arrasto-me para sentar em cima de suas pernas, enquanto ele fecha os braços ao redor da minha cintura, passando-me o calor que eu preciso para ficar aquecida nesse momento. — Está tudo bem, Chris, você conseguiu me tirar de lá — eu o tranquilizo.

— *Deus...*

— Christian.

— Eu juro que enlouqueceria se algo de mais grave tivesse acontecido com você. — Suas mãos geladas esbarram por minha pele e eu respiro mais fundo, sentindo meu estômago revirar.

— Você me salvou — afirmo, segurando seu rosto com firmeza.

Christian finalmente me fita de volta, trazendo sua mão direita para traçar a linha do meu lábio inferior. Deixo que meus dedos deslizem por sua

pele até achar o caminho de seus cachos loiros, longos e molhados. As batidas do meu coração começam a acelerar sem minha permissão, o que me deixa louca por estar sentindo isso por meu... *por meu sobrinho*. Christian é meu sobrinho! Eu não posso olhá-lo como estou fazendo agora e nem posso deixar que ele me toque dessa forma.

Isso. É. Errado.

— O que está acontecendo comigo? — Sua voz rouca escapa entre os seus lábios, deixando-me mais nervosa ainda com a resposta que ela tem no meu corpo. — O que diabos eu estou pensando...

— Christian, eu...

— Ryle... — Christian aproxima o rosto do meu. — Você vai ficar chateada comigo se eu tentar... se eu tentar fazer algo apenas para finalmente saber como se sente espontaneamente debaixo de mim? — questiona e eu engulo a seco.

— Sim... — meu sussurro é quase inaudível.

— Você vai ter que me perdoar, então...

Assim que ele para de falar, seus lábios caem em cima dos meus. Não sei dizer se é porque eu quase me afoguei e ainda não estou recuperada ou se é porque isso é extremamente errado, mas nesse instante Christian rouba meu fôlego. Um arrepio sobe por minha espinha e eu o abraço com mais força, ignorando o lado racional que diz que “isso é bom, mas é errado”. Eu não

estou sendo nada racional, mas carnal, e o meu corpo pede por Christian, nada mais que ele.

Acompanho seus movimentos afoitos, assim como os meus, enquanto nos emaranhamos entre nós mesmos. Eu tento rapidamente me afastar dele, mas de nada adianta. Sua boca é maravilhosa, seu beijo então... *Eu simplesmente não acredito que estou deixando isso acontecer.* É tão bom! *Eu devia parar Christian.* Mas então você não sentiria mais coisas boas. *Isso é errado.* Sim, pode até ser, mas parece certo.

Acho que o primeiro estágio da loucura, é falar consigo mesma.

Isso que está acontecendo comigo.

A língua de Christian em contato com a minha me faz enlouquecer mais do que eu desejaria algum dia.

— Isso é loucura... — digo, empurrando Christian e tentando me desvencilhar dele, mas ele me segue até deitar sobre mim. Fito seus lábios avermelhados e temo estar da mesma forma que ele. — Você...

Christian inclina o rosto sobre o meu outro vez e puxa meu lábio entre os dentes, lambendo-o de ponta a ponta. Eu contraio, nervosa com o indício de desejo que começa a querer aparecer dentro de mim.

Juntos somos inflamáveis.

— É errado, mas eu não consigo parar, Ryle... — murmura ofegante, beijando meu queixo e lentamente escorregando os beijos para o meu

pescoço. — Foda-se, eu... — ele se afasta bruscamente, levantando-se e começando a andar de um lado para o outro enquanto eu continuo paralisada no chão.

— Ei, por que não nos esperaram para virmos juntos à praia? — De longe, bem longe, escuto a voz de Andrew.

Oh, merda.

E se ele nos viu?

Levanto-me em um pulo, tentando parecer normal, enquanto puxo e solto o ar com força.

Preciso parecer normal, droga.

— Christian estava fugindo da sua mãe! — exclamo de volta, ainda de costas para ele.

Braços circundam minha cintura e eu olho por cima do meu ombro apenas para encontrar Romeo. Ele sorri para mim e eu sorrio de volta, com pouca animação. Meu olhar é puxado para Christian, que me fita como se eu fosse uma assombração.

Ele parece tão assustado quanto eu.

— Por que está com essa cara, maninho? — Andrew empurra Christian, que quase se desequilibra.

Ele finalmente acorda.

— Não, eu só... eu vou voltar. Você quer vir comigo, Ryle? — força-se

a perguntar.

Eu diria que sim, mas eu prefiro acenar que não, afinal, não sei o que aconteceria se ficássemos à sós novamente.

— Eu não disse que você não era mais o preferido da titia? — Romeo provoca, assim como o fez no café da manhã.

— Vai se foder, imbecil — Christian cospe irritado e sai marchando para longe de nós enquanto pega suas coisas no caminho.

— O que deu nele? — Bennett chega e eu dou de ombros, saindo do abraço de Romeo e caminhando até meu irmão. Eu o abraço, sentindo algo mais estranho ainda me capturar quando fito Ben. — O que foi? Vocês dois brigaram? — continua perguntando, não entendendo o motivo do meu abraço.

Nem mesmo eu entendo.

— Não brigamos... eu só...

— Eles *definitivamente* brigaram — Romeo alfineta uma última vez antes de eu me dar por vencida.



Depois de quase três horas, eu e os garotos voltamos para casa no horário do almoço. Christian não voltou à praia e eu fiquei sentada o tempo todo, observando Bennett, Romeo e Andrew surfarem. Eu não me arrisquei

outra vez e, na verdade, acabei ficando muito desanimada.

Até agora.

Termino de ajustar minha camiseta preta, que tem o nome do papai e seu número da camisa de quando ele jogava profissionalmente futebol americano, e aliso minha calça jeans sem motivo nenhum. Para ser sincera, eu estou tentando mesmo é me livrar do suor em minha mão.

Hoje eu vi Christian pelado.

Hoje Christian me beijou.

Como eu vou conseguir olhar na cara dele depois de tudo isso? Se antes já estava difícil, agora ficou praticamente impossível.

Aliás, como vou conseguir ficar no meio da nossa família depois de tudo que aconteceu entre nós dois? Tudo bem, felizmente — *eu acho* — nós não ultrapassamos mais nenhum patamar na praia, mas será que o mesmo teria acontecido se os garotos não tivessem chegado?

Um tremor perpassa por toda minha espinha e eu não sei dizer se é positivo ou negativo, mas acabo tomando isso como algo negativo. Arranco as roupas do meu corpo, fecho as cortinas do meu quarto e desligo a luz. Eu não vou conseguir descer e ficar no meio de todo mundo como se tudo estivesse normal, como se eu não tivesse feito besteira. A pior coisa sobre mim, é que não importa se o erro é grande ou pequeno, eu sempre me martirizo até esquecê-lo, e é isso que eu tenho que fazer nesse momento:

esquecer que Christian me beijou e que eu correspon-di.

Escuto batidas suaves na porta do meu quarto e em seguida ela é aberta. Tia Spencer entra com Noah e eu me enrolo ainda mais nas cobertas.

— Estamos esperando você para o almoço — Tia Spencer comenta e eu solto um suspiro, afastando para lhe dar espaço para sentar na beirada da cama com a pequena cópia loira e feminina do tio Simon. — Está tudo bem, querida? Cassie está quase subindo para vir atrás de você. — Sorri.

— Estou bem, tia Spencer. Podem almoçar sem mim, eu comi bastante na praia e estou completamente sem apetite — minto sobre ter comido, mas nesse momento eu não me sinto nem um pouco com fome.

— Você tem certeza disso? — questiona.

— Sim, não se preocupe, eu só estou terrivelmente cansada e preciso dormir bastante. — Forço um bocejo que acaba sendo perfeitamente executado. — Bom almoço para vocês e diga para a mamãe não se preocupar comigo, eu estou bem — completo.

— Tudo bem, querida. Bom descanso, Ryle. — Ela beija minha testa e Noah faz o mesmo, despedindo-se de mim.

Assim que tia Spencer sai do meu quarto com Noah e eu estou sozinha no escuro mais uma vez, tenho meus pensamentos invadidos por Christian novamente. É impossível não me sentir incomodada de alguma forma. Eu sinceramente não sei o que está acontecendo comigo, muito menos com ele.

Sempre fomos muito próximos por termos sido os primeiros “descendentes” da nova geração Wyatt-Sawyer, entretanto eu não lembro de nenhum clima estranho entre nós até hoje.

Eu amo Christian, mas agora eu não sei dizer de que forma.

Ele me deixou confusa, ele mexeu com a minha mente.

Longos minutos se passam — arrisco dizer que mais de meia hora —, enquanto eu aproveito meu tempo sozinha tentando organizar meus pensamentos. Batidas fracas soam através da porta novamente e eu apenas levanto a cabeça.

— Vamos, amor, estamos todos lá embaixo prontos para uma sessão de vídeos caseiros antigos. — Minha mãe abre a porta, pronunciando-se e ligando a luz.

Solto um gemido, frustrada com a situação.

— Eu estou cansada, mãe...

— Querida, vamos, por favor! Viemos para cá para passarmos o máximo de tempo juntos. Até Romeo ficou para ver os vídeos e você sabe como ele é, não é mesmo? — encoraja-me.

— Posso ir de pijama? — questiono, fazendo um bico e ela ri.

— Sim, Ryle.

Levanto da cama e vou até o guarda-roupas para pegar um pijama limpo. Assim que estou vestida, calço uma sandália e estendo minha mão

para minha mãe, que sorri e aceita prontamente. Saímos do meu quarto e fazemos o caminho para o andar de baixo, onde no percurso já posso escutar o barulho da conversa de todos. Entramos na sala de estar e eu abaixo a cabeça, tentando me esconder atrás das mechas soltas do meu cabelo e isso parece funcionar muito bem até que Bennett diz meu nome bem alto.

— O que há com você, menina? — Seth pergunta e eu dou de ombros.

Solto a mão da minha mãe e caminho até Ben, tomando o lugar livre ao seu lado. Romeo, Andrew, Alexander e Peter estão deitados em cima dos tapetes felpudos que estão no chão, rindo de alguma conversa interna entre eles. Do outro lado, observo rapidamente Christian, que está com Noah em seu colo e tio Simon ao seu lado, abraçando tia Spencer que sorri de algo que ele diz. Meu irmão está sentado em uma poltrona de couro e Pearl está sentada no seu colo, e logo ao lado meu pai faz o mesmo com minha mãe.

— Podemos começar agora? — Romeo pergunta.

Aconchego-me contra Bennett, nem um pouco pronta para ver os vídeos caseiros que nos esperam, mas o que eu posso fazer? É a hora do constrangimento por ter feito coisas que eu nem me lembro corretamente.

Meu irmão começa a escolher os vídeos e logo dá *play* no primeiro. A imagem de dois bebês aparece na tela e logo que a câmera se distancia, consigo ver a minha mãe segurando um bebê e Pearl segurando outro. Solto um sorriso de lado, percebendo que sou eu e Christian. Ele como sempre

maior do que eu por motivos óbvios. As duas conversam, enquanto Christian fica me encarando dormir com seus olhos atentos. Meu coração aperta e eu o encaro ao mesmo tempo que ele vira para me fitar.

Eu deixo meu sorriso morrer e ele apenas balança as sobrancelhas para mim, em um tom divertido. Contudo, não consigo sorrir.

— Mostre os vídeos embaraçosos, Seth — tio Simon comanda.

Retorno minha atenção para a televisão. Logo em seguida, a imagem muda e mais uma vez eu e Christian somos a atração principal do momento. Nós estamos correndo de mãos dadas pelo que era o apartamento do tio Simon. Só sei que esse apartamento era dele, pois ele o vendeu há alguns anos.

— *Eu vou pegar vocês, suas pestes horrendas!* — tio Simon grita.

Dou um sorriso. Dócil como sempre.

— *Eu plantei, Ryles!* — Christian grita de volta, colocando-se na minha frente.

Ele era uma criança adorável e linda, isso é inegável. Eu também não ficava atrás. Puxo muito para os meus pais.

— *Então você vai proteger a princesa indefesa?* — tio Simon questiona divertido, enquanto Simon adquire uma pose de lutador.

— *Ela é minha galota, titi!* — Christian grita.

Sinto minhas bochechas esquentarem, enquanto todos gargalham. Oh,

Deus! Como eu não me lembro de nada disso?

— *E você acha que já tem idade para ter uma garota? Aliás, onde escutou isso? Foi com seu pai, não foi? Ele não tem jeito mesmo...*

— *Foi o papa, mas Ryles é minha galota* — Christian retruca.

De repente, ele se vira para mim e me beija.

Merda.

— Eca, que nojo! — Andrew é o primeiro a se pronunciar com repulsa.

— Isso é tão estranho e errado, que nojo de você, Christian — Romeo cospe, fazendo uma careta.

— Eles eram namoradinhos quando crianças... — tio Simon diz, sorrindo de lado. Eu o fito e ele pisca para mim. — Ryle também gostava.

Não consigo evitar e acabo encarando Christian mais uma vez. Seus olhos parecem perdidos por um momento e ele finalmente se remexe, desconfortável. Isso só pode ser uma brincadeira com a nossa cara.

— É por isso que ele sempre foi o preferido dela — Romeo reclama, mas não lhe dou atenção.

Respiro fundo, observando mais e mais vídeos meus e de Christian passarem logo à nossa frente. É constrangedor e estranho. Talvez se esses vídeos tivessem sido mostrados antes, não teria sido tão constrangedor quanto agora, pois esse é um péssimo momento para vermos o que fizemos em nosso passado. Infelizmente, parece que estamos repetindo algo que não é certo

nem de longe. Pelo menos antes nós não tínhamos muita noção das coisas, diferente de agora.

A cada reclamação dos garotos, eu me encolho mais ainda contra Bennett, que também reclama.

É sufocante estar nessa sala.

Levanto-me sem dizer uma palavra e saio para a varanda, segurando firme na madeira que cerca o local vasto. O vento que sopra contra meu rosto, trazendo o cheiro da grama molhada e perfume das rosas ali de perto, acaba me tranquilizando um pouco, mas não o suficiente.

Alguém se posiciona atrás de mim e eu não preciso virar para saber quem é. Christian deixa as mãos ao lado das minhas, encostando o queixo no topo da minha cabeça. Meu corpo está tenso, afinal, é impossível não ficar tensa na posição em que eu estou colocada.

— Não precisa ficar assim... — Sua voz é baixa e suave, tornando-o agradável.

— É impossível não ficar *assim* — rebato, não muito divertida. — Você nos viu? — questiono, fechando os olhos com força.

— Nós éramos adoráveis namoradinhos — zomba, dando uma risada e tirando a minha por alguns segundos. Ficamos em silêncio por longos e torturantes minutos, trazendo o tom sério e incômodo para nosso meio. — Não sabíamos o que fazíamos naquela época, Ryle...

— Então você chegou onde eu queria — eu o corto. Com dificuldade, viro-me para encará-lo. Assim que abro meus olhos, arrependo-me instantaneamente. Christian está tão perto que as nossas respirações começam a se misturar perigosamente. — Agora nós sabemos o que fazemos, Christian — afirmo, satisfeita por minha voz soar firme.

Christian pressiona o corpo contra o meu com mais intensidade.

— Eu sei o que eu estou fazendo, e você? — indaga.

— Sem joguinhos, Christian — alerta.

— Eu não estou jogando. Você está? — retruca, franzindo o cenho. — Eu não gosto de jogos quando se trata de você, isso eu posso te garantir mesmo de olhos fechados.

— Você sabe que o que aconteceu hoje mais cedo foi a coisa mais errada que fizemos em toda nossa vida, certo? Você é meu sobrinho, Christian... — digo isso tanto para ele, quanto para mim.

— Mas parece tão certo — murmura, fitando os meus lábios sem qualquer pudor. — Eu não sei, Ryle, só parece certo... como se você não fosse irmã do meu pai, como se você não compartilhasse do mesmo sangue que a nossa família, como se fosse possível *eu e você*. — Sua mão acaricia a maçã da minha bochecha direita. — Me desculpe, é só que...

— Parece certo, mas não é — sentencio, segurando sua mão enquanto nego o seu toque. — Você não pode mais me tocar assim, nem se aproximar

dessa forma ou dizer essas palavras para mim. Sou sua tia, compartilhamos o mesmo sangue e a mesma família. Será que isso parece normal para você? Porque não parece nem um pouco normal para mim. — Puxo meu lábio inferior entre meus dentes, suspirando baixo. — Você viu a reação de todos lá na sala?

— Foda-se eles — Christian grunhe. O silêncio vai crescendo e criando uma barreira entre nós dois. — O que eu devo fazer com essa coisa que simplesmente despertou dentro de mim? O que eu devo fazer com o que eu estou sentindo por você? Não quero me desculpar pelo beijo que trocamos, Ryle. Foi o melhor beijo que já provei, eu juro que...

— Ei, vocês não vão voltar? — tio Simon nos interrompe e eu o agradeço mentalmente ao mesmo tempo que empurro Christian para longe de mim. — O que está acontecendo aqui? Relembrando os velhos tempos?

Reviro os olhos.

— Eu não sei do que você está falando, eu não sei de “velhos tempos” nenhum. Nada está ou estava acontecendo — afirmo e faço meu caminho para dentro de casa. — Eu vou dormir um pouco — aviso a todos sem esperar por uma resposta.

Volto para o meu quarto e dessa vez tranco a porta antes de me jogar na minha cama. Enrolo-me nos lençóis e adormeço sem dificuldade, mas não antes de relembrar a familiaridade da mão aquecida de Christian na minha

pele.

É errado.

Está errado.

Não irá mais se repetir.



Acordo com batidas na minha porta. Vejo pelo vidro da sacada que já é noite e me espanto. Céus, eu dormi pra caramba! Escuto Romeo me chamar e levanto praticamente me arrastando por todo caminho. Abro a porta e dou de cara com o garoto encostado no batente, os braços cruzados e arrumado com jeans e camiseta branca.

— Ei... — Bocejo, coçando meus olhos. — O que há? — indago.

— Nós estamos indo para uma festa na praia. Christian pediu para eu vir ver se você não quer ir conosco — diz, balançando as sobrancelhas sugestivamente. — Pelo visto, parece que não...

— Eu acho que prefiro ficar em casa hoje, mas alguém deveria se certificar que vocês não vão dirigir bêbados de volta para casa — alfineto, mas ele apenas ri, nada afetado com o que eu disse.

— Não vamos beber hoje, *titia* — atira ironicamente.

— Então vocês não vão precisar de mim. Diga ao seu irmão que hoje vocês podem se divertir sem se preocupar com homens em cima de mim. Boa

noite para vocês. — Empurro Romeo e ele levanta os braços na defensiva. — Use camisinha, Romeo. Pelo amor de Deus — completo e bato a porta, escutando sua gargalhada que acaba causando a minha.

Tranco-me novamente e vou até meu banheiro, pronta para tomar um banho. Não sei realmente se quero ficar em casa, então caso eu mude de ideia, eu já estarei banhada apenas para trocar de roupa e pentear o cabelo.

Assim que termino tudo no banheiro, troco de pijama, penteio meu cabelo e saio do meu quarto a tempo de ouvir os garotos se despedirem dos pais no andar de baixo. Quando estou perto da escada, Noah sai do seu quarto correndo com Alex e Peter atrás dela. Sorrio ao ver os três descerem praticamente correndo pela escada e faço o mesmo caminho. Quando chegamos ao andar de baixo, saímos para a varanda, onde encontramos nossos pais conversando e rindo.

Aproximo-me do papai e sento ao seu lado, entrelaçando meu braço no seu. Encosto minha cabeça em seu ombro e respiro o ar gelado que caiu por aqui.

— Você não quis sair com os garotos hoje? — pergunta baixo, entrelaçando os dedos com a mamãe que nos fita com um sorriso bonito.

— Eu tinha acabado de acordar... quero dizer, eu *acabei* de acordar. — Dou de ombros. — Eles sempre gostam de sair cedo e voltar tarde. O senhor sabe como eles são. — Levanto uma sobrancelha.

— Sim, eu sei. — Ele sorri. — Se quiser ir se encontrar com eles mais tarde é só me dizer que eu posso levar você — avisa e eu aceno positivamente.

— Sem problemas, agora eu vou me juntar às crianças. Hoje eles estão mais divertidos do que os moleques — atiro, fazendo meus pais rirem enquanto me afasto deles.

Tio Simon me encontra no caminho até os pequenos que estão correndo no campo. Ele me abraça pelo ombro, enquanto segura uma bola de futebol americano em sua mão livre.

— O que houve para você não querer sair com os pentelhos? — ele pergunta sem muito rodeio.

— Eu havia acabado de acordar. — Balanço meus ombros, desinteressada.

— Só isso? — insiste.

— O que mais poderia ter acontecido, tio Simon? — Reviro os olhos.

— Um clima estranho entre você e Christian. Bom, eu percebi.

Ele disse o quê?

Solto uma risada nervosa, sem saber o que dizer.

— Do que você está falando? — Continuo rindo. — Christian e eu? Clima estranho? Isso não faz qualquer sentido — cuspo, como se tivesse veneno em minha boca.

— Não mesmo? — Nos encaramos. — Eu sempre falei que esse dia chegaria. Eu e Spencer. Agora me diga: será que não tem realmente um clima estranho entre você e ele?

— Isso é loucura. Somos uma família, mesmo sangue. Christian é meu sobrinho, mesmo que seja um ano mais velho que eu. Seth é meu irmão. Eu sou filha de Cassandra e Sculler Sivan. Consegue se escutar? Não há possibilidade de haver um clima estranho entre mim e Christian — disparo, tropeçando em algumas palavras, mas ele deve ter entendido tudo.

— Você pode me dizer como se sente com Christian? — questiona, parando de andar e forçando-me a fazer o mesmo. — Se ele não fosse do seu sangue, será que há uma possibilidade de...

— Tio Simon, você está enlouquecendo? — sussurro exasperadamente.

— Ele sente algo a mais por você, Ryle. Eu gostaria de saber se você acha que se vocês não tivessem o mesmo sangue, você poderia sentir algo a mais por Christian? — Seu tom é tão sério que me assusta.

O problema é que eu, de repente, percebo que sinto algo a mais.

Talvez atração... eu não sei!

Eu amo Christian, é claro, mas eu tenho medo de que esse amor cresça para algo que não possa ser controlado por nós dois. Nossa família vai enlouquecer, vão pensar que nós dois piramos completamente, exceto pelo tio Simon e pela tia Spencer pelo visto.

— Ele disse isso para você? — indago, nervosa.

— Não importa o que ele me disse. Eu quero saber o que você vai me dizer agora sobre isso...

— Eu não sei — sussurro. — Não faço a mínima ideia, tudo bem? Há sim um clima entre nós dois porque aconteceu um acidente hoje pela manhã na praia quando estávamos sozinhos. — Respiro profundamente. — Christian me beijou e eu correspondi. Satisfeito? Foi uma loucura e ele continuou a dizer que foi bom e eu admito que foi bom, mas foi tão errado quanto bom. O senhor pode imaginar o quão desapontados nossos pais vão ficar conosco se isso chegar aos ouvidos deles? E os garotos? Eu não quero nem imaginar. Por favor, tio Simon, não conte aos meus pais sobre isso, eu não quero ver a decepção nos rostos del...

— Eu não vou contar — afirma, cortando-me e tranquilizando-me. — As coisas são menos complicadas do que você pensa, Ryle. Um erro de omissão te deixou nessa posição nesse momento, indecisa sobre o que os outros vão pensar e com o que você sente por seu sobrinho.

— Do que você está falando? Omissão? — FRANZO o cenho.

— Você quer um conselho? — retorna a falar com uma pergunta e eu reviro os olhos por ter sido ignorada. — Teste Christian. Se nada der certo às escuras, é porque não dará certo às claras. Pode ficar tranquila, eu sou como um poço sem fundo, o segredo nunca volta para atormentar. — Sorri de lado.

— Não vou falar nada a ninguém.

Mordo meu lábio inferior, incrédula.

— Mas é errado — sussurro, tentando lhe convencer que o que ele está propondo é pura loucura.

— Finja que vocês não têm o mesmo sangue. Quando se lembrar que é errado, apenas finja que nada é errado, Ryle. — Acena para mim e aperta meu ombro. — Você não vai mesmo à praia para encontrar os garotos?

— Eu acho que poderia ir agora — continuo com o mesmo tom baixo. — Tio Simon, você não está brincando, certo? Acha que eu realmente deva fazer iss...

— Eu não brinco. — Arqueio uma sobrancelha. — *Muito*. — Sorri ainda mais. — Mas estou falando sério, menina. Apenas escute o que eu digo, eu sou como um daqueles monges sábios, sem a parte de yoga para relaxar, já que o que me relaxa mesmo é sexo.

— Monges fazem yoga? — Inclino minha cabeça para o lado.

— Sei lá. — Ele dá de ombros, tirando uma risada minha.

— Eu vou me arrumar para encontrar os garot...

— Encontrar *Christian* — corrige.

— Sim, isso. — Reviro os olhos, impaciente. — Obrigada pelo conselho, eu espero não me arrepender e não ficar de castigo pelo resto da vida pelo que estou indo fazer. — Pisco para ele.

— Eu salvo você, donzela. — Pisca de volta e nós rimos juntos.

— Obrigada, mais uma vez. — Fico na ponta dos pés e beijo sua bochecha. — Você é o melhor — concluo.

— Da próxima vez diga isso na frente do seu pai — provoca e eu gargalho.

— Nunca! — exclamo, saindo correndo de volta para a varanda.

Passo por tia Spencer e sorrio para ela, que pisca de volta.

Acho que ela também sabe...

Tudo bem, Ryle. Lembre-se do que o tio Simon disse: *não é errado*.

— Eu vou me arrumar para ir à praia também. O senhor pode me deixar lá? — pergunto, assim que paro ofegante em frente ao papai.

— Que animação repentina é essa? — indaga em um tom divertido.

— Sei lá, eu só...

— Vai se arrumar, filha. Eu te deixo lá. — Papai poupa meu discurso e eu aceno positivamente, saindo correndo mais uma vez.

Assim que subo as escadas, entro no meu quarto e vou direto até o guarda-roupas. Puxo um vestido branco lá de dentro, que é meu favorito para ir à praia, e começo a trocar de roupa. Assim que me visto novamente, aliso o vestido em meu corpo e me fito no espelho, constatando que eu pareço bem para quem acordou há um pouco mais de meia hora.

Pego uma sandália simples de dedo e me calço. Penteio meu cabelo

mais uma vez, amassando as pontas para me dar um ar um pouco mais descolado. Em alguns momentos passo as minhas mãos em meu vestido para enxugar o suor nelas, que deixa claro meu nervosismo. Esfrego um pouco de hidratante corporal por minha pele, já que o prefiro hidratante à perfume e me dou por satisfeita.

— Você consegue, Ryle — afirmo, fitando-me no espelho.

Eu consigo.



Depois de alguns minutos de conversa com o papai durante nosso caminho, finalmente chegamos ao meu destino: a praia. Estamos no mesmo lugar de hoje pela manhã, mas dessa vez há bastante carros por aqui e eu posso escutar o barulho das pessoas mesmo de longe. Vejo o carro de Christian e suspiro aliviada, pois ele realmente está aqui.

— Quer que eu saia para te ajudar a achar os garotos? — papai pergunta, puxando-me de volta para a realidade.

— Não! Não é preciso, pai. — Sorrio para ele. — Está tudo bem, eu não vou demorar a encontrá-los e com certeza acharei conhecidos pelo caminho — o tranquilizo.

— Certo. Cuide-se, querida. — Beija minha testa e eu aproveito para beijá-lo na bochecha.

— Tchau, pai — despeço-me e abro a porta do carro, pulando para fora e fechando-a em seguida.

Imediatamente arrependo-me de não ter trazido um casaco, pois a noite está realmente mais fria agora. Respiro fundo e ignoro o frio ao começar meu percurso até a praia. Passo por muita gente até encontrar o primeiro rosto conhecido: Hudson.

— Olhe se não é a garota mais bonita que já tive o prazer de ver na minha frente. — Ele se aproxima de mim com um sorriso e eu esforço-me para devolver um sorriso para ele.

Hudson é um colega da universidade. Ele tem algumas aulas em comum comigo e Christian, e em toda oportunidade dá em cima de mim. Christian nunca fala nada, mas percebo os olhares duros que ele lança em direção à Hudson. Nunca correspondi qualquer tentativa de Hudson em se aproximar de mim, mesmo que ele seja bonito. Às vezes beleza não é tudo, certo? Mas eu sinto que ele simplesmente não faz o meu estilo, então é melhor que a distância prevaleça entre nós dois.

— Oi, Hudson — o cumprimento. — Você viu Christian por aí? — indago e ele dá de ombros, parando ao meu lado.

— A última vez que eu o vi, ele estava virando algumas doses de tequila — informa muito solícito.

— Os garotos disseram que não iam beber hoje... — resmungo para

mim mesma. — Obrigada, eu vou andar por aí para ver se eu o acho.

— Eu te faço companhia — afirma, passando o braço por meu ombro.
— Você quer uma bebida? — indaga.

— Sim, e se você pudesse pegar uma para mim eu ficaria muito grata
— digo, tentando me livrar dele.

— Certo, só espere aqui por um segundo que eu já volto.

Hudson me dá as costas e eu saio em disparada. Realmente não estou no clima para fingir bons modos durante mais de vinte minutos.

Com muita dificuldade, consigo me afastar de onde eu estava. O frio continua me pegando desprevenida e não demora muito até que eu comece a tremer. E, no momento em que eu penso que as coisas não podem piorar, que elas pioram.

— Venha aqui, Christian — escuto alguém gemer, mais precisamente uma mulher.

Viro meu rosto para trás a tempo de ver Christian tentando se afastar de uma loira já bastante conhecida por ele. Ela se chama Lilly e costuma ser o caso de Christian durante os semestres na UCLA.

— Ryle — Christian diz, como se estivesse surpreso em me ver.

— Oh, Ryle — Lilly resmunga e torce o nariz, fazendo uma careta ao me ver.

— Mm... Oi... — digo, extremamente constrangida.

É claro que Christian seguiria em frente e esqueceria o que se passou entre nós dois hoje mais cedo. Meu Deus, como eu sou estúpida. Talvez o tio Simon estivesse apenas brincando comigo, assim como já o fez um milhão de vezes, e eu caí mais uma vez.

— Me desculpem, eu estava apenas procurando...

— Eu — Christian afirma e nós sustentamos nossos olhares.

— *Ele?* — Lilly questiona, praticamente me detonando para dizer que não.

— Sim. Eu estava procurando você para me levar até Romeo — concordo, dando de ombros.

— Foi bom revê-la, Lilly, mas agora eu preciso ir. — Christian finalmente sai de perto da loira desagradável.

Dou conta do que vai acontecer agora: Christian vai se aproximar de mim. Quero dizer, ele já está vindo em minha direção com um olhar questionador sobre a minha pessoa, o que acaba por me deixar mais nervosa do que eu gostaria de estar nesse momento.

Lilly nos deixa à sós e o nervoso em mim se intensifica.

— *Ryle* — repete, parando na minha frente.

— *Christian* — retruco.

“Éramos apenas crianças quando nos apaixonamos sem saber o que aquilo significava.”

PERFECT — ED SHEERAN

RYLE DIANN SIVAN

Esse é o momento onde eu saio correndo e me escondo. Contudo, não faço nenhuma ideia sobre como me mover com Christian tão próximo a mim como nesse momento. Ele me fita com um ar sério, parecendo estar ocupado demais em tentar resolver um quebra-cabeça em sua mente. Mordo meu lábio inferior, nem um pouco certa do que vai acontecer daqui para frente.

E se isso estiver caminhando para ser um desastre?

Expulso esse pensamento da minha cabeça, enquanto avalio Christian de forma nada discreta. Ele está usando uma bermuda, regata preta e camiseta xadrez por cima. Claro que ele parece bem, ainda mais quando seu cabelo está especialmente bagunçado de sua usual forma.

Christian é de tirar o fôlego, eu devo admitir.

— Oi... — sussurro, tentando quebrar o gelo entre nós dois. — Será que podemos andar um pouco por aí? Eu queria muito falar com você sem esse tanto de gente por perto — peço e ele assente.

Christian segura minha mão e começa a nos guiar por entre o aglomerado de jovens com hormônios à flor da pele. Enquanto escapamos dessas pessoas, Christian puxa o celular do bolso e fala com alguém, que presumo ser um de seus irmãos. Depois de poucos minutos, conseguimos sair do meio daquelas pessoas e começamos uma caminhada bem próximos ao mar.

— Pensei que ainda estava chateada comigo — ele finalmente fala alguma coisa.

O som da música já é distante e o único barulho que nos cerca é o do mar e das nossas próprias respirações.

— Eu nunca estive chateada com você. — Dou de ombros.

— Bom, parece que sim, já que praticamente fugiu de mim a tarde toda — retruca, parecendo ressentido pelo que eu fiz.

— Eu só estava confusa com a avalanche de acontecimentos entre nós dois em apenas um dia — explico, sendo sincera com ele. — Estava envergonhada também, não só de você, mas da nossa família. Senti como se estivéssemos traindo a confiança del...

— Isso não tem nada a ver, Ryle — Christian me corta, parecendo frustrado. — O que aconteceu entre nós, é para ficar apenas entre nós. Tudo bem que para você pode parecer errado, porque na maioria do tempo isso parece errado para mim também. Mas, quando estamos assim, perto e na

presença um do outro, é como se fosse certo. Eu não sei explicar, mas é isso que acontece comigo.

Nós paramos de andar e ficamos cara a cara.

— É estranho, mas eu sinto o mesmo — confesso, vendo um sorriso se formar no canto de seus lábios.

— Eu sei que eu nunca namorei sério, que eu nunca jurei amor eterno para nenhuma garota e que você já viu que às vezes eu sou um idiota profissional. Só que há essa coisa entre nós dois que acabou de explodir em nossas caras e eu posso dizer para você que nunca senti nada igual. É o amor de uma vida inteira juntos se tornando em algo maior. Pode ser proibido, mas eu... eu quero descobrir se isso que há entre nós dois, vale à pena a luta. — Christian segura meu rosto, enquanto suas palavras me deixam sem fôlego para resposta. — Eu gosto de poder te abraçar e de olhar nos seus olhos azuis tanto quanto gosto de poder deslizar minhas mãos por seu corpo e de beijar seus lábios. Porra, eu gosto muito de beijar seus lábios e eu acho que eu apenas redescobri isso, já que parece que quando nós éramos pequenos eu não conseguia manter minha boca longe da sua.

Não conseguimos deixar de rir mesmo nesse momento tenso.

— Eu acho que eu gostava disso tanto quanto você. — Sorrio.

— E agora, você continua gostando? Porque eu não me lembro do passado, mas do presente sim...

— Eu gosto, Christian — sussurro.

Seus olhos pretos expandem e ele me fita incredulamente.

— Você vai tentar isso comigo? — questiona.

— E se não der certo?

— Apenas eu e você, Ryle — resmunga, esfregando seu dedão na maçã do meu rosto. — Não tem como dar errado.

— Mas o tio Simon, ele sabe... — alerta e ele ri.

— É claro que ele sabe. Tia Spencer também, mas eles falaram para mim que não vão contar nada a ninguém, então você pode ficar tranquila quanto a isso. Será apenas nós dois, ninguém mais precisa saber de nada.

— Tudo bem, tudo bem — afirmo.

— *Porra, sim, babe...* — Ele encosta a testa na minha.

— Espero que possamos sobreviver a isso no final. — Meu riso sai totalmente irônico e ele ri da minha cara.

— Sobreviver a mim? — indaga maliciosamente e eu o empurro.

Minhas bochechas esquentam, enquanto sua risada se intensifica e ele me abraça por trás.

— Você não precisava dizer isso. Aliás, nós estamos concordando em nos conhecer, não em transar. Acho que isso é outro nível, mesmo que...

— Não se preocupe com isso, Ryle. Eu não estarei te empurrando a nada que não queira fazer. Se algo desse tipo acontecer entre nós dois, será

com o consentimento de ambos. — Eu vejo por cima do meu ombro que ele franze o cenho. — Não pense que eu estou indo me aproveitar de você. Posso ser um idiota, mas não desse tipo.

— Eu não quis dizer isso, eu só...

— Eu entendi, só quero que as coisas fiquem claras entre nós — me corta para tranquilizar-me.

Viro-me para ficar de frente com ele, abraçando Christian com força pelo seu pescoço e nós dois sorrimos sinceramente. Aproximo meu rosto do seu e selo nossos lábios de forma simples e demorada, enquanto fecho meus olhos vagorosamente. Novo, calmo e compassado pode definir o beijo que trocamos nos segundos seguintes. Christian me deixa ter o controle, enquanto eu o guio no meu ritmo para fazer as minhas descobertas.

Consigo sentir o gosto de bebida em sua língua, mas não é nada que me incomoda. Christian permanece com um beijo mais que incrível. Suas mãos deslizam por minha cintura, enquanto ele me abraça com força, puxando-me mais firmemente contra si. Eu adoro a sensação dos seus braços ao meu redor, assim como adoro a sensação de sua boca na minha.

— Eu gosto dos seus lábios mais do que gostei algum dia de qualquer outra coisa — Christian resmunga, separando nossas bocas e depositando beijos curtos em meu lábio inferior.

— Eu também... — Suspiro com minha respiração entrecortada.

— Você quer ir encontrar Romeo, Andrew e Bennet ou ficar aqui?

O vento frio volta a me incomodar e eu acabo tremendo, o que faz Christian arquear uma das sobrancelhas. Ele tira sua camisa xadrez e oferece para mim, que aceito sem pensar duas vezes.

— Prefiro ficar aqui. Lá está cheio de pessoas desnecessárias. — Sacudo os ombros, fazendo-o rir do meu jeito.

— Desnecessárias? Tipo a Lilly? — provoca e eu cerro meus olhos em sua direção.

— Tipo o Hudson.

Christian faz uma careta, torcendo o canto da boca.

— Eu não gosto desse cara — atira e seguro sua mão, puxando-o para continuarmos a caminhar pela praia.

— Nem eu — admito. — Ele é pegajoso e eu odeio pessoas pegajosas e insistentes...

— Então somos dois. — Viro o rosto para fitá-lo e ele pisca para mim.

— Eu acho que eu já tenho uma música para nós dois — comento, pensativa por conta dos trechos de uma que acabam de cruzar minha mente depois desse beijo que eu e Christian trocamos.

— Eu quero saber qual é a nossa música, então. — Ele me puxa com força para si, tirando minha risada e meu fôlego ao mesmo tempo.

— *Push me like you never...*

Christian sorri.

— Mais do que eu te puxei agora, babe?

— *I want something so impure...*

— Nós somos esse algo impuro que você quer? — Fito os seus lábios e sigo para fixar seus olhos pretos, que piscam para mim de forma hipnotizante.

— *Touch me like you never...* — sussurro por fim.

Christian esbarra seu nariz no meu, fazendo com que eu volte a focar em seus lábios.

— Eu gosto da nossa música... — Ele sorri para mim.

— Eu gosto de você — retruco, segurando seus ombros e apertando ambos em minhas mãos.

— Acho que estamos na mesma página, então, Ryles — resmunga por fim.



Bocejo compulsivamente já pela oitava vez, esperando por Romeo e Andrew ao lado do meu irmão e Christian, que não me deixou sozinha desde que eu o encontrei. Os garotos estão atrasados, segundo Christian, pelo horário que o mais velho determinou. Bom, de uma coisa eu estou certa: estarei nos levando de volta para casa essa noite, já que Christian bebeu e Bennett também, além de que o sumiço dos outros dois não deve se dar a

nada além de bebida.

— Eu juro que vou bater a cabeça de Andrew e Romeo uma contra a outra assim que eles aparecerem aqui — Christian cospe, deitando sua cabeça no meu colo. — Depois minha mãe quer colocar a culpa em mim por causa da idiotice dos dois...

— Se acalme, eles só se atrasaram um pouquinho — sussurro, tentando controlar a situação enquanto brinco com algumas mechas do seu cabelo.

— Um pouco? Uma hora é um pouco para você, Ryle? — questiona, sendo acertado no braço por Bennett.

— Olha como fala com a minha irmã — ele me defende, tirando a minha risada, mas eu sei que Christian não falou grosseiramente comigo.

— Estou falando com sua irmã, não com você. Além do mais, eu a conheço melhor do que qualquer um — Christian rebate. — Eu vou atrás deles... — Ele se levanta e eu faço o mesmo.

— Eu vou com você.

Christian me encara com um sorriso de lado simples.

— Não precisa, babe. Fica aqui com Bennett, dessa forma eu já tenho vocês em um lugar onde sei que não sairão — o loiro pede e Bennett me puxa de volta para eu me sentar novamente.

— Vai logo, Christian, eu já estou ficando com sono. — Meu irmão fecha os olhos e deita a cabeça no meu colo.

Christian fica me encarando e eu dou de ombros, acenando com a cabeça para ele tomar logo seu caminho atrás dos garotos.

Bennett e eu ficamos conversando sobre as pessoas que passam por nós, bêbadas e tudo mais. Ele me faz rir com seus comentários bem-humorados e os minutos vão passando sem que nós possamos perceber.

— Finalmente eu a encontrei. — Escuto alguém falar de mim e sem que eu me vire, já sei que é Hudson.

— Ben, me ajuda com ele — sussurro para meu irmão antes de encarar Hudson com um sorriso forçado no rosto. — Oi! — exclamo, tentando não parecer tão falsa, mas provavelmente fiz o contrário.

— Você está fugindo de mim, menina? — Hudson toma o lugar que Christian estava há alguns minutos.

Meu irmão se endireita, colocando seu braço em meus ombros.

— E você é quem...? — Ben questiona, mesmo já o conhecendo e arqueia a sobrancelha para Hudson, que nada se intimida.

— Hudson Odell, amigo da Ryle. Você é o...? — Ele faz o mesmo que Bem.

— O irmão dela, Bennett Sivan.

Balanço minha cabeça de um lado para o outro, ora fitando Bennett, ora fitando Hudson. Eu não sei que tipo de olhar é esse que eles estão lançando um contra o outro nesse momento, mas parece estranho.

— O que você quer com a minha irmã? — Bennett indaga sem pensar duas vezes e eu começo a tossir. Era melhor ter deixado essa pergunta fora da mesa, afinal, eu não posso me comprometer. — Você está bem, Ryles? — ele me dá sua atenção e eu cerro meus olhos em sua direção.

— Eu, na verdade, não sabia que a Ryle tinha um irmão... pensei que fosse apenas o chat... quero dizer, o Christian — Hudson coloca, sendo irônico. — Já tem um tempo que eu quero chamar a Ryle para sair comigo, mas Christian sempre atrapalha. Só que vejo que agora é a melhor oportunidade que poderia ter aparecido para mim. — Ele ri, empurrando meu ombro e eu sorrio tão forçada que temo ter feito uma careta.

— O que você diz para ele, Ryles? — Ben questiona.

Finalmente avisto Christian entre a multidão, trazendo Romeo e Andrew com ele. O mais novo está tropeçando em seus pés, sendo puxado por Christian, enquanto Andrew gargalha. Assim que o loiro me fita e desliza o olhar para Hudson, assisto o seu semblante ficar mais fechado que antes.

Oh-oh...

— Ryle? — Hudson chama minha atenção e eu o encaro.

— Fala logo, Ryle — meu irmão resmunga assim que os outros três param na nossa frente.

— Falar o quê? — Christian pergunta. — Hudson — cumprimenta, seco.

— Christian — Hudson retruca no mesmo tom.

— Ele chamou Ryle para sair e ela ainda não abriu a boca para dar uma resposta — Bennett explica, provavelmente revirando seus olhos.

Romeo começa a rir e me fita com seu sorriso bêbado e olhos vermelhos.

— *Chris não gosta disso...* — ele cantarola.

— *Chris não gosta nada disso...* — Andrew o acompanha.

— Eu não sei se vou ter tempo para sair nesse período de fim e começo de ano, Hudson — comento, tentando fazer com que ele entenda o recado.

— Isso, Ryle, Chris não gosta dele mesmo... — Andrew zomba, recebendo um olhar semicerrado de Christian logo em seguida.

— Christian é apaixonado pela titia! — Romeo exclama e Christian o solta, fazendo com que o mais novo caia no chão. Arregalo meus olhos e me levanto, indo até Romeo, que não para de rir jogado no chão. — Essa doeu, Chris... — ele zomba, abraçando-me pela cintura. — Não liga, *titia*, Christian tem uma quedinha por você, mas ele não quer que ninguém saiba, principalmente nossos pais.

— Do que você está falando, Romeo? — meu irmão exige, levantando-se logo em seguida.

— Esse imbecil está bêbado — Christian cospe, virando-se para mim.
— Responde logo, Ryle. Você vai sair com o Hudson?

Respiro fundo, encarando Hudson. Ele está nos fitando com um olhar interessado, como se estivesse gostando do que vê.

— Eu acho que podemos deixar isso para outro dia...

— Que tal depois das férias? Logo que voltarmos às aulas? — Hudson insiste, em tom de desafio.

— Tudo bem, tudo bem. Quando voltarmos é só você me procurar na UCLA e podemos marcar um dia — concordo, ajudando Romeo a se levantar comigo. — Agora nós precisamos ir...

— Mal posso esperar pelo nosso encontro, Ryle — Hudson afirma, piscando para mim e eu apenas aceno com a cabeça.

Nós cinco nos deslocamos para o carro de Christian em silêncio. Eu estou nervosa pelo que Romeo falou sobre Christian, e mais nervosa ainda porque ele falou na frente de Bennet. Espero que o meu irmão não dê ouvidos ao que ouviu. Sinceramente.

Depois de quase cinco minutos, chegamos ao carro de Christian. Deixo que Romeo entre no banco de trás com Andrew e Bennett, virando-me para Christian, que parece muito irritado. Ele entrega a chave do seu carro na minha mão sem falar uma palavra sequer e segue para o banco do passageiro. Deixo que o ar saia dos meus pulmões, frustrada.

Entro no banco do motorista e o ajusto para mim, ligando o carro e o aquecedor, já que eu me encontro com muito frio nesse momento.

— Você pode me falar agora o que esses dois imbecis estavam querendo dizer com a sua “quedinha” pela minha irmã, Christian? — Bennett indaga.

Era só o que me faltava...

— Não leve isso a sério — Andrew se mete, rindo. — Estávamos apenas brincando, *Ben-boy*. Chris odeia que falemos isso, ele acha que a titia vai amá-lo ou se irritar se ficarmos falando besteira, então estamos apenas tirando sarro do bebê chorão que ele se torna perto da Ryle...

— Ele tem medo de não ser mais o preferido da titia... — Observo pelo retrovisor Romeo fazer um bico.

— Vocês me assustaram, idiotas — meu irmão reclama.

— E você ainda dá ouvido ao que eles dois falam? — Christian indaga, seco. — Andrew e Romeo só sabem cuspir merda pela boca.

Os três começam a rir e eu fito Christian rapidamente, voltando minha atenção para a pista.

— Então você não tem uma quedinha, certo? — Ben retruca, parecendo querer se certificar disso.

— Foda-se, não. Ela é minha tia, Bennett, é claro que eu não tenho uma queda pela minha tia — Christian fala, cheio de irritação no seu tom de voz, lembrando-me de que o que estamos fazendo é errado. — Ela agora tem um encontro e daqui a pouco Hudson se torna o namorado dela. Parem de pensar

besteira, e isso mais vale para Romeo e Andrew. Vou deixar nossos pais saberem o que vocês aprontaram essa noite — conclui.

Então agora eu terei um namorado só por causa de um encontro?

Idiota, Christian.

Isso foi muito idiota.

— Você não va...

— Já chega, Romeo — falo, ficando irritada com a discussão deles. — Eu não quero ouvir mais nenhum de vocês até chegarmos em casa, e eu estou falando sério.

Nenhum deles solta mais nenhuma piadinha ou palavra. Acelero e faço o resto do caminho no menor tempo possível. Não estou mais no clima para ficar de conversa com nenhum deles, incluindo Christian nessa lista. Eu já estou irritada por ter marcado um encontro com Hudson e Christian ainda age todo irônico quanto a isso.

— Movam suas bundas bêbadas sozinhos para seus quartos, eu não vou ajudar ninguém hoje — digo, estacionando o carro e tirando a chave apenas para jogar a mesma no colo de Christian. — E sem barulho, caso contrário Seth fará questão de fazer isso por vocês, e ele não é tão bom quanto Pearl.

Deixo o carro e faço meu caminho sozinha para dentro de casa. Posso escutar os quatro discutindo por todo caminho, mas não me incomodo em esperá-los. Subo as escadas e logo estou dentro do meu quarto tirando minha

roupa. Deixo a camisa xadrez de Christian em cima da minha cama e as outras peças no chão, planejando entregar sua camiseta para ele apenas amanhã.

Entro no banheiro e tomo um banho rápido, mas que tira toda areia da praia do meu corpo e do meu cabelo. Já passa da meia-noite e está frio. Eu realmente não quero pegar um resfriado logo agora nas festas de fim de ano.

Desligo o chuveiro e enxugo meu cabelo, enquanto visto um roupão e saio do banheiro. Assim que fecho a porta e viro para ir até o cabide e deixar a toalha ali, acho Christian deitado na minha cama. Ele levanta a cabeça para me fitar assim que escuta meu barulho, mas volta a descansar no colchão, fechando os seus olhos.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, caminhando até o cabide e deixando a toalha molhada ali.

— Pensei que deveria vir falar com você — responde, nada incomodado. — Eu não quis dizer nada do que eu disse, você sabe... é só que Romeo e Andrew ficam me irritando com isso e eu...

— Foi por causa disso que pagou bebidas para eles na noite passada? — eu o corto.

— Foi — confessa. — Eu não queria que ficasse chateada comigo por causa de uma brincadeira imatura deles dois, embora no fundo fosse verdade. — Ele se apoia nos cotovelos, levantado um pouco para me fitar.

— Fosse?

— *É verdade.* — Revira os olhos. — Mas eu não sabia que você se sentia da mesma forma e eu não queria vê-la desconfortável.

Suspiro, passando minhas mãos pelo meu cabelo.

— Você acha que eles desconfiam ou sei lá...

— Não, Ryle. Os dois fizeram aquilo na noite passada apenas para conseguirem bebidas e hoje, apenas por causa dos nossos vídeos. Eles têm ciúmes porque você prefere a mim, do que a eles. — Sorri de lado e eu fico mais calma, sorrindo de volta.

— Eu acho que não prefiro mais nenhum de vocês — brinco.

— Vista-se e venha comigo para o meu quarto — indica, fitando-me de cima a baixo. — Vamos dormir juntos hoje, como nos velhos tempos.



Após obrigar Christian a fechar os olhos enquanto eu me vestia, saímos do meu quarto sem fazer barulho e fomos para o seu. Finalmente ele sai do seu banho, já depois de quase dez minutos que chegamos ao seu quarto. Christian veste uma de suas calças pretas de moletom e joga sua toalha em cima da mesa ao seu lado, caminhando para desligar a luz. Puxo o lençol para cima do meu corpo e logo a cama afunda ao meu lado. Ele se junta a mim e me puxa pela cintura.

Dou uma risada, lembrando-me de hoje pela manhã.

— O que foi? — pergunta, afastando o cabelo do meu pescoço.

— Me desculpe — digo, sem parar de rir.

Christian descansa o queixo em meu ombro, colando o rosto no meu pescoço. Isso leva um monte de pequenos choques a percorrerem minha pele, mas acho que ele não percebe isso.

— Desculpar por...?

Mordo meu lábio inferior.

— Por te fazer dormir de calça... você sabe — começo a rir outra vez, sem parar de falar —, eu lembro que você disse pela manhã algo sobre gostar mais de dormir pelado do que de calças — completo.

Christian ri comigo, mordendo meu pescoço rapidamente e distribuindo beijos até chegar no meu maxilar. Ele segura meu rosto, forçando-me a encará-lo mesmo na penumbra na qual estamos mergulhados. Seu sorriso é leve e lindo...

— Se quiser eu posso tirar minha calça, babe. Basta dizer.

— Mantenha sua calça, Christian — o repreendo e ele ri, beijando minha boca de forma simples e demorada.

— Eu estava brincando com você, mas isso é interessante você não acha? — indaga e eu arqueio a sobrancelha.

— Do que você está falando? — replico.

— De você se lembrando de mim falando sobre isso... aposto que também lembrou de mim pelado — implica e eu reviro os olhos.

— Não é uma grande coisa, Christian, cale sua boca.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele me puxa para cima de si. — Você está com sono? — Balanço a cabeça negativamente, pois meu sono me deixou desde que chegamos em casa. — Quer jogar algo? — pergunta.

— Mm... tipo o quê? — retruco, ficando animada.

— Matar, beijar e casar — anuncia e apoio meu queixo em seu peitoral, encarando-o confusa. — Você escolhe alguma estrela famosa por aí para matar, beijar e casar — explica.

— Oh, eu gosto desse jogo... — Sorrio.

— Eu começo — diz e eu aceno positivamente. — Eu mataria a Azealia Banks, beijaria a Beyoncé e casaria com a Megan Fox.

— Megan Fox? Sério? Se eu fosse homem eu casaria com a Dakota Johnson — digo, balançando minhas sobrancelhas e ele ri.

— Megan Fox é muito gostosa, babe, ela merece me ter amarrado e com um anel no dedo — resmunga.

— Que seja... agora é a minha vez — afirmo, começando a pensar nos meus atores e cantores favoritos. — Será que eu posso dizer mais de um? — indago.

— Não acredito que você queira matar, beijar e casar mais de uma

pessoa — comenta, em um falso tom irritado.

— Tudo bem, deixe-me pensar. — Respiro fundo. — Eu mataria o Johnny Depp, beijaria de língua o Jamie Dornan e casaria com o Henry Cavill. Para ser sincera, eu casaria com o Chris Evans, Chris Hemsworth...

Christian me beija, provavelmente para me fazer calar a boca. Ele me faz rir durante todo o beijo, forçando-me a beijá-lo de volta.

— Você tem uma lista de “Chris”, huh? — grunhe, puxando meu lábio inferior entre os dentes. — Eu não estou no meio deles?

— *Quem sabe...* — sussurro, reprimindo minha risada.

— Eu não acredito que você mataria o Johnny Depp, babe. Você certamente tem um parafuso a menos...

— Eu não gosto dele. — Dou de ombros. — Prefiro o Leo DiCaprio.

— Por causa de Titanic? — Revira os olhos.

— Por causa desse e de muitos outros filmes. Você mesmo assistiu O Regresso comigo e se lembra! Ele absolutamente arrasou com o Tom Hardy... Falando em Tom Hardy, eu também o beijaria de lín...

— O jogo é só beijar, não beijar de língua — reclama.

— *Mas eu prefiro...*

— Já chega, Ryle, eu não quero mais saber.

— Você está com ciúme dos meus atores favoritos, babe? — pergunto, fazendo bico e ele vira a cara para o lado. — Você sabe que eu prefiro você

quando não tem nenhum filme novo deles no cinema...

— Ah, claro. — Bufa, ironicamente.

— Vamos jogar outro jogo então, esse já ficou com o clima ruim. — Solto uma risada e ele me olha de soslaio. — Vamos jogar “eu nunca...”?

— Esse é um bom jogo para descobrir coisas sobre você — ele finalmente volta ao seu estado normal.

— Eu digo o mesmo — atiro em tom de desafio. — Começa você — peço e eu assente.

— Eu nunca fiquei com dois caras em uma mesma festa.

— Mas você nunca ficou com um cara, Christian! — acuso e ele ri. — Você está tentando descobrir o meu lado podre?

— Responda, Diann.

— Eu odeio quando você me chama por esse nome...

— Você está escondendo alguma coisa de mim? — pergunta.

— Tudo bem. — Pigarreio, sentindo minhas bochechas esquentarem. — Eu já fiquei com dois caras em uma mesma festa. Na verdade, foram três e fazia parte de um jogo, mas...

— Eu não acredito nisso — Christian diz, contragosto.

— Você quis saber, agora lide com isso. — Reviro os olhos.

— Pergunte-me alguma coisa e me faça esquecer sua resposta — suplica, fechando os olhos e fazendo uma careta.

— Eu nunca transei com mais de uma garota em uma mesma festa. —
Assim que paro de falar, Christian começa a rir.

— Eu já — assume.

— Quantas? — questiono.

— Você não quer saber, babe, vai por mim. — Ele afaga minhas costas e eu cerro meus olhos para ele, mesmo que ele não possa ver.

— Eu acho que quando uma pessoa faz uma pergunta, é porque ela quer uma resposta. Então, Christian... *quantas?*

— Eu acho que quatro, eu não consigo lembrar com nitidez.

— Quatro? — sussurro, boquiaberta.

— Transar sem gozar vale? — ele pergunta, abrindo os olhos para me fitar.

— Diga.

— Seis — finaliza sua conta e começa a rir.

Tenho certeza que estou com uma expressão cômica no rosto.

— Meu Deus, eu nunca pensei que você... *eca, Christian!* — Tento escapar de cima dele, mas ele me segura com firmeza sem deixar de rir.

— Eu estava bêbado, babe, você pode ter certeza disso.

— O que é pior ainda. E se você tivesse engravidado uma dessas garotas? — questiono, fazendo ele perder seu sorriso.

— Eu sou um bêbado responsável, Ryle — retruca.

— Ah, claro, você é o primeiro bêbado responsável da face da terra! — exclamo e ele revira os olhos.

— É minha vez de falar agora — conclui a questão anterior. — Eu nunca usei drogas. — Balança os ombros.

— Nem eu — retruco, percebendo sua tentativa de amenizar o clima entre nós dois. — Eu nunca transei com a Lilly Walter. — Sorrio de lado.

— Eu já. — Ele ri, fazendo uma careta. — E me arrependo até hoje de ter feito isso. Ela acha que eu e ela fomos destinados a ficar juntos para sempre, sabe? Porra, ela é insistente e pegajosa pra caralho, babe...

— É o seu *karma*. — Sorrio, levando minha mão até o cacho que está caído em frente ao seu olho direito. — Eu não gosto nem um pouco dela...

— Eu sei disso. Se eu pudesse, voltava ao passado para nunca transar com essa garota — confessa.

— Algumas coisas acontecem porque tem que acontecem.

— Algumas são erros...

Nós dois começamos a rir.

— Eu já entendi, você realmente não gosta da Lilly, o que é bom, caso contrário iria perder muito pontos comigo. — Levo outra mão até seu cabelo úmido. — Eu amo seu cabelo, Christian — digo, bagunçando os cachos loiros.

— Eu sei, babe, mas estou pensando em cortar...

— Não ouse! — atiro sem pensar duas vezes. — Se você fizer isso, eu juro que não olho mais na sua cara. — Ele ri da minha ameaça.

— Novo ano, novo eu...

— Você é ridículo. — Seguro o riso. — Se você fizer isso, vou pintar meu cabelo de azul...

— Eu não me importo muito com a cor do seu cabelo, nem com o comprimento — diz, despreocupado.

— Então eu vou... Ah! Eu já sei... — Ele me fita desconfiado. — Usarei lentes escuras... que tal?

— Eu jogaria suas lentes no lixo — ameaça. — Nem pense em esconder seus olhos azuis de mim, Diann.

— Então temos um trato, Christian. Se você cortar seu cabelo, eu vou usar lentes escuras, para ser mais específica, lentes pretas.

— Você vai ficar ridícula. — Ri e eu puxo seu cabelo.

— Você também vai. — Bocejo, soltando os cachos úmidos de Christian. — Acho que finalmente estou com sono de novo...

— Então vamos dormir — diz, simples.

— Mas eu queria falar sobre mais uma coisa — comento, jogando-me ao seu lado. Viro de costas para Christian e ele me abraça. — Como vamos fazer as coisas funcionar entre nós?

Ele fica em silêncio por longos segundos.

— Eu não sei, mas temos que dar um jeito — murmura, sincero.

— Eu não quero decepcionar meus pais e nem meu irmão, Christian. Se nós deixarmos isso ir para outro lado, ficará impossível de esconder da nossa família.

— Vamos manter segredo, babe, não se preocupe. Ninguém desconfia de você dormindo no meu quarto ou o contrário. Para todo mundo, estamos apenas lembrando do passado e é assim que tem que ser para eles... — Christian beija meu ombro. — Somos como... *amigos*.

— Amigos...

— Amigos.

— Tudo bem. Amigos. — Respiro aliviada.

— Com benefícios às escuras — completa.

— Babe, quando vamos pegar Kurt? — pergunto, mudando de assunto pela última vez.

— Amanhã pela manhã. Minha mãe disse que iria pegá-lo, mas podemos fazer isso se você quiser...

— Eu quero... já sinto falta do nosso bebê — respondo, aconchegando-me mais contra Christian.

— Ele deve sentir nossa falta também, principalmente de sempre roubar sua atenção de mim. — Eu e Christian rimos.

Kurt é o nosso cachorro.

Tio Simon deu um Husky Siberiano para mim e Christian quando éramos pequenos, mas eles acabaram morrendo há quase sete anos. Foi uma grande perda não somente para mim, mas para Christian e toda nossa família. Eles viveram conosco a melhor parte da nossa vida e foi difícil demais nos despedir deles. Christian encarou tudo melhor do que eu. Na verdade, eu fiquei devastada. Sou uma amante de cachorros e perder os nossos foi horrível.

Entretanto, é claro que Christian iria arrumar outro amigo para nós dois. Há dois anos ele apareceu com um filhote de Husky na porta da casa dos meus pais, no dia do meu aniversário. Por um momento eu pensei que estava sonhando, mas quando o cachorro fez xixi em cima de Christian, comecei a rir entre lágrimas. Claro que Kurt não substitui River e Sun, mas ele com certeza tomou seu lugar entre e dentro de nós. A partir daquele dia, ele passou a ser o nosso novo bebê.

Dois dias atrás nós o levamos para uma creche para cachorros. Não me pergunte como, mas eu descobri que existe esse tipo de coisa e acabei combinando com Christian para levarmos Kurt e assim fizemos. Foi difícil deixá-lo ir quando chegamos lá, Christian teve que me convencer e praticamente me arrastar de volta para o seu carro. Ele ficava repetindo que tínhamos que deixar o nosso “filho” caçar umas cadelas e eu não conseguia parar de rir, então eventualmente concordei.

— Eu aposto que ele engravidou alguém — Christian me puxa de volta para a realidade.

— Parece que estamos falando de uma pessoa, não de um cachorro — retruco, fechando os olhos.

— Ele é quase isso para nós dois. Mas é sério, eu vou ficar orgulhoso do nosso filho se ele engravidar uma cadela — diz, com um tom muito estranho de pai orgulhoso.

— Você é ridículo.

— E você me ama assim mesmo — replica presunçosamente.

— Infelizmente, sim, Christian. Infelizmente, sim.

Sem falarmos mais nada, nos aconchegamos mais ainda — *como se fosse possível* — um no outro e caímos no sono. Dormir com Christian dessa forma é a melhor coisa do mundo, eu devo anotar isso na minha lista de “melhores coisas para se fazer com Christian”, mas primeiro tenho que criar uma.

*“Ela é o rasgo no meu coração.
Me leva mais alto do que jamais estive.”*

TEAR IN MY HEART — TWENTY ONE PILOTS

RYLE DIANN SIVAN

— *O que diabos vocês estão fazendo?* — Acordo sobressaltada com a porta batendo e a voz de Andrew e Romeo nos meus ouvidos. Levanto minha cabeça de vez e acabo batendo em outra.

— O que vocês estão fazendo aqui? — escuto Christian perguntar, tirando os braços da minha cintura. Levo minha mão até minha testa, esfregando compulsivamente enquanto abro os olhos e vejo Romeo fazendo o mesmo. — Vocês não têm mais nada para fazer?

Solto minha respiração, irritada por ter sido acordada dessa forma. O que esses garotos pensam que estão fazendo?

— Mamãe mandou nós virmos acordar você e encontramos vocês dois aqui... dormindo... *juntos*... — Andrew diz, arqueando a sobancelha.

— Algo que sempre fazemos. Qual a surpresa? — indago, irritada.

Romeo dá de ombros e Andrew repete, os dois provavelmente assustados com o meu tom de voz.

— Nós apenas...

— Vocês estavam muito...

— Não sejam ridículos — cuspo, arrastando-me até a beirada da cama de Christian. — Eu não serei boazinha quando for acordar qualquer um de vocês, podem ter certeza — completo, ouvindo o protesto de Romeo e Andrew enquanto eles vêm atrás de mim.

Saio do quarto de Christian sem olhar para trás, indo diretamente para o meu. Assim que abro a porta e entro no cômodo, preparando-me para me trancar, Romeo e Andrew param do outro lado com seus semblantes de cachorrinhos pidões. Arqueio uma sobrancelha e bato a porta na cara dos dois, correndo e me jogando na minha cama. Fecho meus olhos por breves segundos, pensando em tudo que aconteceu ontem.

Uau...

As coisas realmente não se passaram de um sonho. Convenhamos, um sonho estranho, mas ainda assim um sonho. Eu e Christian realmente paramos juntos em sua cama depois de um dia cheio de descobertas e tratos. Eu acho que o que fizemos foi como um trato: vamos nos "conhecer" e descobrir nossos reais sentimentos um pelo outro, mas ninguém pode ficar sabendo disso, além do tio Simon e da tia Spencer que já sabem por motivos meio óbvios.

O que está rolando e o que vai rolar entre mim e Christian tem apenas

duas saídas: dar muito certo e dar muito errado. Eu amo Christian e eu sei que ele também me ama, mas não fazia ideia de que o meu amor por ele poderia ir além dos nossos laços familiares e sanguíneos que nos ligam. Devo admitir que de um tempo para cá eu comecei a me sentir um pouco estranha ao redor dele, além de um pouco ciumenta sempre que o via com a Lilly, mas para mim isso se devia ao fato de eu sentir asco e nojo por ela.

Pego minha toalha no caminho do banheiro e quando estou lá dentro, começo a fazer a minha higiene matinal enquanto me encaro no espelho.

Minha cabeça gira por tudo que está acontecendo na minha vida. Tenho muito medo de deixar meus pais decepcionados comigo. Eu não sei a razão, mas sempre tive esse sentimento comigo ao crescer. Nunca gostei de desapontá-los de qualquer forma que seja, e saber que o que está acontecendo entre Christian e eu tem uma grande probabilidade de deixá-los despontados comigo, faz-me ficar doente por dentro.

Termino de escovar meus dentes enquanto os pensamentos ainda lotam minha mente, mas assim que estou debaixo da ducha fria de água, relaxo e me deixo aproveitar o momento de paz.

Enrolo-me na minha toalha depois de alguns minutos e vou atrás de um vestido enquanto seco meu cabelo com outra toalha. Escuto alguém bater na porta do meu quarto e eu caminho até ela, abrindo e dando de cara com a minha mãe. Sorrio imediatamente, abrindo espaço para ela entrar.

— Bom dia, mãe — digo, fechando a porta e beijando sua bochecha.

Seguro sua mão, guiando-a até minha cama.

— Bom dia, querida. — Ela sorri de volta para mim. — Dormiu bem?

— pergunta e eu dou de ombros, pendurando minhas toalhas no cabide e pegando uma calcinha simples.

— Bem, bem... e a senhora? — pergunto, virando-me para ela e vestindo minha calcinha.

— Otimamente bem, como sempre — comenta. — Os garotos estão todos emburrados à mesa... parece que eles pegaram você dormindo com Christian e você os ameaçou. — Balança as sobrancelhas e eu reviro os olhos.

— Nós dois estávamos dormindo, mãe, apenas dormindo. Andrew e Romeo chegaram para nós acordar como se estivéssemos fazendo um milhão de coisas erradas, nós acusando e gritando — explico, pegando um vestido branco de dentro do guarda-roupas. — Sinceramente, eles não gostariam que eu os acordasse dessa forma. Eu sempre sou carinhosa ao acordá-los, e até encubro suas besteiras, então vou deixá-los na mão por um tempo para ver se eles aprendem a não mexer comigo.

Escuto sua risada, enquanto enfio-me no vestido e ajusto o mesmo em meu corpo.

— Eles são apenas garotos, Ryle — tenta defendê-los.

— Eles vão sofrer um pouco, mãe, não adianta tentar intervir dessa vez. Aliás, você é minha mãe e tem que ficar do meu lado — reclamo, franzindo o cenho para ela.

— Mas eles são meus netos, querida. — Ela faz um bico, divida entre nós.

— Tudo bem. — Repito seu gesto, me aproximando dela e sentando-me em seu colo. — Eu vou dar um desconto para você não ficar assim. — Dou-lhe um abraço apertado. — Todos já estão lá embaixo para o café?

— Sim, estávamos apenas esperando você quando Romeo, Andrew e Christian começaram a discutir e explicar o aconteceu. Agora eles estão esperando por nós duas e eu acho melhor irmos — minha mãe explica e eu aceno positivamente, levantando-me do seu colo e pegando meu pente.

Penteio meu cabelo rapidamente e saio com minha mãe. Nós duas conversamos por todo caminho até chegarmos à varanda e assim que isso acontece, os garotos avançam na comida.



Eu e Christian entramos em seu carro sob o olhar dos nossos pais, tios, irmãos e primos. Aceno para eles mais uma vez, antes de Christian acelerar e nos levar para longe de casa. Finalmente, depois do café-da-manhã movimentado, estamos indo buscar Kurt da creche para passar mais outro fim

de ano em família conosco.

— Eu estou com tanta saudade dele — digo, virando-me para fitar o perfil de Christian. — Podemos passear com ele antes de voltarmos para casa? — pergunto e ele acena positivamente.

— Eu queria mesmo um tempo com você antes de voltarmos — resmungo, ligando o som e deixando em alguma estação de rádio aleatória.

— Mesmo? — Sorrio de lado e ele sorri de volta mesmo sem me olhar.

— Mesmo, babe — retruca e eu o empurro, dando um tapa em seu braço. — Ouch, pra quê toda essa agressão? — questiona, parando no sinal vermelho e virando para me fitar.

— Você só é fofo demais... dá vontade de bater. — Pisco para ele, escutando o som familiar. — Oh, meu Deus, eu amo essa música! — exclamo, aumentando o volume e balançando minha cabeça no ritmo da música.

— Desde quando você gosta de *Twenty One Pilots*? — ele pergunta, franzindo o cenho e eu reviro os olhos.

— Desde que meu gosto musical sempre foi algo admirável.

— *She's the tear in my heart* — Christian cantarola, empurrando-me de volta antes de acelerar.

— Isso foi fofo, de novo — pontuo.

— Você é o rasgo no meu coração, menina.

Mordo meu lábio inferior, segurando-me no banco porque se eu pular em cima de Christian nesse momento nós provavelmente morreremos em um acidente de carro, mas pelo menos eu morreria feliz.

— Às vezes você precisa sangrar para saber que você está vivo e que tem uma alma — continuo, citando a melhor parte da música.

— Mas é preciso alguém que venha te mostrar como...

— Essa é uma boa música.

— Pelo menos eu não vou querer te matar por escutar músicas de menininhas quando formos morar juntos — Christian atira e eu gargalho, abaixando o volume do som.

— Não estamos indo sozinhos, mas... — Controlo minha risada. — Eu ainda escuto músicas românticas de menininhas, afinal eu sou uma garota. Felizmente, ou não, isso só acontece quando eu estou de *tpm* ou com coração partido, o que não irá acontecer tão cedo, certo?

— Nunca acontecerá, Ryle — ele garante, convencido como sempre. — Não posso falar o mesmo da sua *tpm*, mas a isso eu já estou acostumado, então não será um problema para mim.

— Será que Andrew vai me aguentar de *tpm*? — pergunto e Christian ri, balançando a cabeça negativamente.

— Ele fica um pouco desesperado e não sabe lidar com mulheres nesse estado, então não se assuste se ele entrar em colapso — Christian logo avisa e

eu acabo rindo com ele. — Mas não se sabe se os dois realmente ficarão conosco. Andrew e Bennett provavelmente irão entrar em alguma irmandade, já que isso é a cara deles.

— Você está certo. Ben e Andrew provavelmente irão entrar em alguma irmandade juntos, o que conseqüentemente...

— Faz com que a casa fique apenas para nós dois e nosso filho — Christian me corta, estacionando o carro e virando para mim com um sorriso malicioso. — Você está pronta?

— Pra quê, pegar Kurt? — indago.

— Não, Ryle. Para morar comigo.

— Eu não sei o que você acha que vai acontecer entre nós dois sozinhos dentro da sua casa. — Reviro os olhos, soltando o meu cinto de segurança e saindo do carro, mas não antes de escutar sua risada.

Espero Christian sair e se juntar a mim. Ele para na minha frente e me empurra contra a porta do carro, colocando os braços de cada lado da minha cabeça e me encurralando no meio de um monte de gente.

— Você ficou louco? Qualquer um pode aparecer aqui...

— Você se preocupa muito com os outros — enuncia, despreocupado.

— Eu estou louco para te beijar, Ryle. Será que...

— Olha só se não é meu melhor amigo e a titia linda! — A voz animada de Cameron nos assusta.

Christian me dá um pouco de espaço e nós nos viramos para encontrar seu melhor amigo vindo em nossa direção com Gracie, uma das minhas melhores amigas e namorada de Cameron. Eles dois sorriem para nós e eu logo trato de fazer o mesmo, empurrando Christian um pouco mais para longe de mim.

— Você está tão linda e brilhante, Gracie. É quase injusto. — Faço um bico, desejando ter sua cor maravilhosa.

Gracie é uma das negras mais bonitas que eu já vi em toda minha vida. Parece que o sol sempre faz carinho em sua pele quando está mais intenso, porque é quando ela parece mil vezes mais radiante. Cameron não fica atrás por nem mesmo um instante. Eu não canso de admirar a beleza dos dois e eu tenho certeza que não existe um casal mais perfeito que eles.

— Ei, garota. Está parecendo um belo tomate — Cam cutuca minhas bochechas, antes de me abraçar e me girar no ar.

— E você é o deus da melanina, Cam.

— Há sempre um pedaço de chocolate para você, basta pedir — atira ao me colocar no chão e Gracie o acerta com sua bolsa, fazendo-me rir com Christian e o próprio Cameron. — Eu estava brincando, amor... sou apenas seu, princesa.

— É bom saber, Cameron. — Gracie cruza os braços, na defensiva.

— O que vocês estavam fazendo ali naquele climão? — Cameron

pergunta, abraçando a namorada por trás.

— Estávamos conversando e não tinha climão nenhum. — Faço uma falsa careta de nojo para ele. — Nós viemos para pegar nosso filho na creche. Estamos morrendo de saudade dele. — Aponto para a entrada do local que tem um pôster de cachorro logo ali.

— E eu posso vê-lo? Sinto falta daquele furac...

— Marcaram encontro e nem nos chamaram, suas vadias?! — dessa vez Cameron é cortado por Lexington.

Nós assistimos o casal baunilha se aproximar de nós com grandes sorrisos nos rostos. Quando Lex e Ash se assumiram no ano passado, Cameron logo tratou de dar um nome para o casal, que combina muito com as duas. No começo Lex odiou o apelido que Cameron deu para ela e Ash, mas eventualmente ela se acostumou com isso, afinal, essa era sua única opção.

Eu tenho certeza que tenho os melhores amigos do mundo.

— Ei, não chame minha garota de vadia — Cameron provoca e Lex sorri maliciosamente.

— Na verdade eu estou chamando você e o Christian — atira, fazendo-me gargalhar junto com Gracie. — Oi, irmãos. — Ela os cumprimenta com um abraço intenso e quando se aproxima de mim, beija minha bochecha e dá um tapa forte na minha bunda, seguindo até Gracie e fazendo o mesmo com

ela.

— Você sempre querendo ter mais bolas que eu, não é mesmo?

— Cala boca, amor — Gracie repreende Cameron, porque arrumar briga ou provocação com Lex não é algo bom.

— O que estão fazendo aqui? — Ashley finalmente diz, abraçando-nos um de cada vez. — Não era para vocês dois estarem em família? — pergunta para Christian e eu.

— Sim, nós viemos apenas pegar o nosso filho da creche e, falando nisso, eu já volto com ele — explico, afastando-me do grupo que se formou no meio da calçada.

Entro no local, observando o quanto de gente tem aqui dentro. Parece que muitos resolveram deixar seus cães de férias, tendo a mesma ideia que eu e Christian. Antes que eu possa notar, a cuidadora se aproxima de mim com um Kurt elétrico. Ele lambe minha perna e eu me abaixo imediatamente para receber seu carinho e abraçá-lo de volta.

— Oh, eu senti sua falta garoto — digo, passando minhas mãos em seus pelos recém cortados. — E, uau, Kurt! Você cheira bem — brinco com ele, pegando a coleira da mão da mulher que nos fita com um sorriso. — Muito obrigada por terem cuidado dele. Espero que meu bebê tenha se comportado por aqui.

— Ele só ficou um pouco assanhado com as “garotas” — a mulher diz

e eu solto uma risada, sabendo o quanto que Christian vai gostar de saber disso. — Mas ele foi muito comportado, foi um prazer tê-lo aqui. Espero que voltem mais vezes. — Ela me oferece sua mão e eu aceito, sacudindo-a em cumprimento.

— Voltaremos sim — finalizo nossa conversa ao acenar para ela com a minha cabeça.

Saio de dentro do local sendo puxada por Kurt e nós encontramos Christian no mesmo lugar, ainda com nossos amigos por ali. Kurt pula na perna de Christian, que se vira para nós e sorri para o nosso grande bebê.

Eu, particularmente, não consigo carregar Kurt por muito tempo. Ele ganhou bastante peso e está bem maior do que o esperado, então fica fora de questão para mim. Já com Christian isso é um pouco diferente, uma vez que em qualquer oportunidade ele sai levando Kurt nos braços. Não me surpreendo com sua força, já que ele pratica surf e basquete com muita frequência, além de ir à academia três vezes por semana, mas sempre paro para admirá-lo.

— Ele vai ficando bonito a cada encontro que temos ou é impressão minha? — O pessoal faz um círculo ao redor de Christian, que carrega Kurt nos braços.

— Ele é lindo e sempre foi — falo, soando muito como uma mãe orgulhosa do seu filho.

— Tudo bem, mamãe-urso — Lex provoca, afagando Kurt carinhosamente.

— Nesse caso, ele é um cachorro... então seria...

— Nem pense em terminar isso, Cameron, caso contrário não estará vivo para esse novo ano que está quase iniciando — eu o corto, ameaçando a ele e provocando tanto sua risada quanto a dos outros.



Christian entrelaça seus dedos nos meus, enquanto caminhamos à beira do lago que tem na propriedade dos hotéis Kassid. Depois que nos despedimos dos nossos amigos, entramos no seu carro e ele dirigiu até aqui enquanto eu brinquei por todo caminho com Kurt no banco traseiro. Esse hotel é um dos lugares mais bonitos que eu já tive o prazer de conhecer, e mesmo vendo as fotos de vinte anos atrás minhas e de Christian brincando por aqui, pode-se perceber que esse local sempre foi bem cuidado e luxuoso. Esse não é um hotel cinco estrelas em vão... eu não consigo achar nenhum defeito aqui.

— Meu pai, certa vez, me contou que quando ele planejou pedir minha mãe em namoro, ele a trouxe pra cá — Christian começa a falar ao meu lado e eu viro meu rosto para fitá-lo. — Sabe... — ele para de andar e me força a fazer o mesmo, fitando-me de volta. — Eu admiro muito o amor dos meus

pais e eu quero algo daquele tipo para mim. Eu quero achar a minha companheira perfeita e quero poder confiar em uma mulher tanto quanto meu pai confia na minha mãe — ele se divide entre fitar minha boca e me encarar meus olhos, o que também acaba acontecendo comigo.

— Eu concordo — sussurro de volta. — Todos eles são grandes exemplos... seus pais, meus pais, nossos tios... se conseguirmos encontrar alguém que nos ofereça uma união como a deles, estaremos no lucro.

Christian solta minha mão e laça minha cintura com o braço direito, encostando nossas testas e dedicando sua mão esquerda para continuar segurando Kurt.

— Eu gostaria de ter sido adotado. — Seus lábios raspam em cima dos meus e um arrepio passa por toda minha espinha. — Se eu fosse adotado, seria possível de verdade eu e você, Ryle... eu só queria poder ter com você o que os casais da nossa família têm um com o outro.

— Não fale besteira — retruco, respirando com certa dificuldade. — Eu não gostaria ser adotada, eu não queria ter outros pais ou... bom, você me entendeu. Concordamos que isso é um teste para nos descobrirmos. Se formos seguir em frente com isso para nossa família, estaremos juntos, Christian, sendo possível ou não. — Subo minhas mãos por seus braços, deixando-as de cada lado dos seus ombros. — Você está nessa comigo?

— Eu estou nessa e em muitas outras com você, babe — lança

convictamente. — Vamos deixar ele correr um pouco por aí, enquanto eu tomo vantagem sobre a minha tia — diz ao soltar Kurt e se abaixar para passar os braços por minhas pernas e levantar comigo sobre seu ombro.

Christian me gira no ar, me deixando de cabeça para baixo. Não consigo segurar o riso ao sentir uma de suas mãos deslizar por minha coxa até parar na minha bunda.

— Christian! — exclamo, colocando minha mão em cima da sua.

— O quê? — ele diz ao me colocar no chão.

Balanço minha cabeça, um pouco tonta por ter ficado de cabeça para baixo e girando, mas me recupero com rapidez.

— Você joga sujo demais. — Aponto meu dedo na cara sua cara.

— Eu não sei do que você está falando — assobia de volta. — Vem aqui — ele pede, estendendo as mãos para mim e eu o fito desconfiada. — Vamos, babe, aproxime-se. Tenho um segredo para te contar.

— Seu jogo só vai ficando mais sujo ainda — comento ao segurar suas mãos. Christian me puxa bruscamente, colocando minhas mãos em sua cintura estreita e dura, enquanto segura meu rosto com as duas mãos, forçando-me a fitá-lo. — O que você tem para me contar? — pergunto, curiosa como sempre.

— Você é linda — sentencia, contornando meu lábio inferior com seu dedão. — Era só isso, mas acho que já sabe...

Seu tom divertido não faz com que o frio que se instala na minha barriga se dissipe, muito pelo contrário. Christian me deixa nervosa e desconsertada, enquanto me fita sem desvios com seus olhos pretos marcantes, que acabam por seus meus favoritos no mundo desde sempre. Beijo a ponta do seu dedão, tirando um meio sorriso dele e avançando até sua boca.

— Eu gosto quando você me beija — confessa com a boca em cima da minha. — Acabamos de engatar nisso, mas é tudo tão familiar...

— Você era meu namoradinho dezoito anos atrás — atiro, esperando por sua reação.

— Eu sempre acertei em cheio, desde pequeno...

Gargalho de sua frase e Christian aproveita para tomar vantagem sobre a situação. Ele deixa as mãos caírem outra vez, enquanto desliza sua língua para dentro da minha boca. Há algo de tão diferente em beijar Christian. Meu corpo treme como se eu estivesse no meio de uma geleira, mas ao mesmo tempo o meu corpo arde como se eu estivesse no topo de um vulcão. Ele me dá muito desses dois mundos, ele me deixa completamente instável.

Seguro-me em seus ombros, como na noite passada, correspondendo ao beijo com tanta vontade quanto ele. Seus lábios são macios e frios, levemente molhados. A sua língua toma seu tempo para massagear e brincar com a minha, chegando a um ponto que parece uma perigosa provocação a minha

libido. A boca de Christian certamente já deixou muitas mulheres loucas e eu temo que ele acrescente meu nome em sua lista imaginária, porque eu estou me segurando no meu último fio de sanidade mental para não cometer uma loucura.

— Certo, certo, certo... — repito ofegante ao separar minha boca da dele. — Beijar é muito bom... beijar você é melhor ainda — confesso.

Abro meus olhos aos poucos e o encontro já me encarando com um sorriso presunçoso nos seus lábios de pecado. Realmente um pecado tentador demais para mim.

— Eu digo o mesmo a você, babe. — Sinto seus dedos se moverem delicadamente em círculos nas minhas costas, como um carinho para eu ir me acalmando vagarosamente.

— Vamos para casa? — sussurro e ele assente.

— Mal posso esperar pelas nossas aulas e para sua mudança para a minha casa. Sinceramente, eu vou adorar viver com você — diz, afastando-se um pouco de mim e assobiando para Kurt voltar. — Vou dar um jeito de fazer nossos irmãos irem realmente para alguma irmandade. Eu quero apenas você no meu lugar.

— Não vamos fazer besteiras...

— Não sabemos o dia de amanhã — afirma, dando de ombros enquanto deslizo minhas mãos por seus braços.

— Você está meio certo, mas temos que ser cautelosos, Christian. Se rolar, vai rolar, mas não podemos nos precipitar nisso. Nossa situação é delicada, além de não sabermos o que estamos sentindo no momento. Eu amo você, só que agora é diferente. — Mordo meu lábio inferior, observando-o concordar em um aceno.

— Eu também amo você e *sei* que agora é diferente — retruca. — Vamos devagar, eu prometo. — Ele deposita um beijo rápido em meus lábios, antes de Kurt chegar pulando em nossas pernas.

— Ei, garoto, eu sei que você não gosta de me ver assim com o papai. — Separo-me de Christian e pego Kurt com dificuldade. — Você, depois do tio Simon e da tia Spencer, é o único que sabe sobre nós dois, então tem que manter o segredo, tudo bem? — Kurt late em resposta, lambendo minha bochecha. Solto uma risada, colocando-o no chão e segurando sua coleira. — Você está gordinho, filho. Gosto de te ver assim, só não posso te pegar no colo.

— Eu consigo carregar os dois sem dificuldade — Christian afirma ao meu lado, segurando minha mão livre e me guiando pelo caminho de volta até seu carro.

— É claro que sim. — Reviro os olhos. — Você é surfista e, de quebra, é o capitão do time de basquete da nossa universidade. Seria estranho você não ter força nos braços, não acha? — alfineto.

— Eu tenho muito mais que apenas força... eu tenho músculos — diz, como se tivesse revelado o maior segredo da vida. — E eu vou à academia também, babe. Minha força não vem do nada.

— Eu te admiro mais é pela força de vontade... eu não aguentaria tanto exercício físico frequentemente.

— Eu vou mudar isso em você — afirma, completamente certo de si e eu dou de ombros, sabendo que isso é algo quase impossível de acontecer.

— E eu vou fazer bolo de chocolate para você assim que chegarmos em casa. Se é pra ter trabalho, que eu te engorde um pouco antes de voltar às suas atividades físicas.

— Impossível. — Christian ri e eu concordo mentalmente com ele. — Mas você pode tentar e fazer quantos bolos de chocolate quiser. Não há coisa melhor do que você na cozinha...

— Você não é tão ruim assim na cozinha, Christian. Está falado como se dependesse de mim. — Sorrio de sua expressão. — Eu vou querer para você cozinhar para mim quando estivermos na sua casa. Não ache que eu vou ficar sozinha, nós vamos dividir nossas funções.

— O que você fala sorrindo que eu não faço chorando...

Continuo rindo das besteiras que Christian fala e logo chegamos ao seu carro outra vez. Deixamos Kurt no banco de trás e tomamos nossos lugares de sempre, partindo diretamente para casa em uma viagem curta, mas muito

divertida.



Amarro meu cabelo de qualquer forma, saindo do quarto e dando de cara com Noah. Passo meu braço direito por seus ombros, puxando a pequena para um abraço e indo com ela até o andar de baixo. O barulho da nossa família já está a todo vapor, o que não me surpreende. Eles são muito barulhentos mesmo, e o mais barulhento, sem nenhuma dúvida, é o tio Simon — que conseqüentemente é o mais divertido.

— Todos já estão aqui? — pergunto a Noah e ela assente.

— Menos Romeo... ninguém sabe onde ele se meteu — se corrige, dando de ombros.

Franzo o cenho, levemente incomodada com isso.

— E Seth já sabe? — continuo.

— Sim e ele está uma fera, porque Romeo pegou o carro da tia Pearl — explica e eu balanço minha cabeça negativamente.

Romeo não deveria ter feito isso. Quanto mais ele faz essas coisas, mais se complica com Seth. Pearl sempre foi mais compreensiva e fácil de se dobrar, mas eu sei que com meu irmão isso é bem mais diferente. Romeo parece estar testando a paciência de Seth desde que ele completou dezesseis anos há quase seis meses, e eu sei — conhecendo-o como eu

conheço — que meu irmão não aguentará muito até explodir com seu filho. Aconselhei milhares de vezes para que Romeo parasse com isso, mas ele não escuta ninguém e isso ainda vai deixá-lo em maus lençóis.

— Espero que ele volte logo — resmungo, beijando o topo da cabeça de Noah ao chegarmos até onde todos sentados.

Solto Noah e ela logo corre até tio Simon, jogando-se no colo dele. Ele a recebe carinhoso como sempre, afinal Noah é o seu ponto mais fraco depois da tia Spencer. É claro que os garotos também são de igual importância para ele, mas como o próprio disse: "eu ensino meus filhos a seguirem meus passos, mas ensino Noah a odiar garotos". Talvez ele enlouqueça quando ela aparecer com o primeiro namorado, e eu vou querer estar perto para ver a cena.

— Romeo te disse para onde ele estava indo? — Seth pergunta assim que me fita, então eu percebo que eles provavelmente estão discutindo para descobrir onde Rome se meteu.

— Não... eu nem sabia que ele tinha saído. Noah me disse sobre isso minutos atrás — confesso, indo até Andrew e Christian. — Já tentou ligar para os hotéis? Nunca se sabe...

— Eu já fiz isso e Quinn checkou para mim. Romeo não está em lugar algum e não atende a porra do telefone — meu irmão cospe irritado, batendo com força com o punho na mesa de centro de madeira.

Eu posso ver que ele está com raiva, mas ainda assim a sua preocupação é mais presente que a raiva. Todos sabemos como Romeo é parecido com Seth, e levando em consideração como minha mãe diz que meu irmão era, isso é realmente algo para se preocupar. Ninguém aqui quer ver Romeo se machucar por causa de sua imprudência adolescente, principalmente seus pais. Seth se levanta e vai até a escada da varanda, cruzando os braços e olhando pelo local como se Romeo fosse aparecer a qualquer minuto. Pearl faz o mesmo e vai atrás do marido, abraçando-o por trás para acalmá-lo. Se tem uma pessoa que consegue acalmar Seth, essa pessoa é a Pearl. A ligação dos dois é muito bonita de se ver.

— Ele está tão fodido — Andrew resmunga assim que me sento entre ele e Christian. — Papai ainda vai mandá-lo para um reformatório. — Solta uma risada e eu faço uma careta.

— Talvez um colégio interno em Londres — Christian retruca.

— Romeo odeia Londres... — Andrew continua rindo.

— Seth não faria isso, por favor, parem de falar besteira — atiro aos dois, tremendo com essa possibilidade.

Por mais que eles tenham razão, eu tenho muito medo de que Seth acabe por fazer isso com Romeo. Sim, ele precisa de disciplina, mas ficar longe de nós em outro país seria uma tortura. Romeo é meu protegido, assim como é o protegido de Pearl, então eu sei que pelo menos nós duas

vamos implorar para que não mandem ele para longe da nossa família.

Andrew se levanta e vai conversar com Bennett, que está no outro sofá falando com os gêmeos. Encosto-me em Christian e ele me abraça, beijando o topo da minha cabeça.

— Está pensando em Romeo? — pergunta, mas eu tenho certeza que ele já tem a resposta.

— Eu estou preocupada com ele...

— Ele está impossível, babe. Alguém tem que pará-lo, e o único que pode e consegue fazer isso é o nosso pai.

— Mas ele vai acabar ficando pior se for mandado para longe, Christian — explico, porque sei que Rome ficará revoltado.

— Foi só uma ideia, Ryle. Não sabemos o que o papai vai fazer, não se preocupe com isso. — Arqueio a sobrancelha e ele beija a ponta do meu nariz, sorrindo logo depois. — Não. Fique. Preocupada.

— Difícil... — cantarolo, sorrindo de volta.

Somo interrompidos por tio Simon, que se joga no meio de nós dois.

— Oi, crianças. — Ele sorri maliciosamente para nós. — Como estão meus sobrinhos favoritos? — pergunta, enquanto me afasto para lhe dar espaço.

— Eu estou preocupada com Rome — confesso.

— Eu estou cansado das merdas dele — Christian retruca e eu reviro os olhos.

— Eu não perguntei nesse sentido, mas serve também — tio Simon resmunga e Christian ri de volta. — Quais os planos de vocês para o ano novo? — indaga, soando muito mais curioso do que o normal.

— O mesmo do seu, tio Simon. Vamos passar em família, afinal é por isso que todos estamos aqui — retruco é um sorriso mais malicioso ainda se espelha em seus lábios no momento em eu ele fita a tia Spencer, que nos encara sentada juntamente com Noah.

— Acreditem, eu tenho bastante planos para o ano novo, mas nenhum deles envolve a família. Vocês estão vendo a Spencer? Ela é meu plano, a noite toda — atira e eu torço meu rosto em uma careta apenas para provocá-lo.

— Velhos ainda transam? — Christian pergunta o que eu não tenho coragem de perguntar e leva uma cotovelada do tio Simon.

— Você não quer saber o que velhos fazem, menino — tio Simon afirma orgulhosamente. — Depois de velho você só quer saber de transar e o bom nisso tudo é que você pode transar sem preocupações. A propósito, o meu desempenho na cama com Spencer é tão bom quanto antes. Eu juro, aquela mulher é uma máquina e eu agradeço por isso, porque amo fod...

— Muita informação, muita informação — Christian o

interrompe, fazendo uma careta e eu o acompanho. — Já entendi que velhos ainda transam, me desculpe por desdenhar de você, tio Simon...

— Não é como se eu tivesse sessenta anos — tio Simon retruca.
— A casa dos quarenta ainda te dá bastante elasticidade para treinar o Kama Sutra inteir...

— Basta! — exclamo, tapando meus ouvidos. — Não quero ter uma visão diferente da minha tia, muito menos de você — explico, encarando seu sorriso cínico. — Nunca mais zombaremos de você, tio Simon, nós prometemos.

— Tudo bem, lindinha. — Ele beija minha bochecha e se levanta, saindo sem mais nem menos e caminhando até sua esposa.

— Eu juro que ele não é normal — Christian diz assim que eu volto a me aconchegar, encostando minha cabeça em seu ombro.

— Se conseguir me apontar uma pessoa que seja normal na nossa família, eu mudo de nome — replico e nós acabamos por rir juntos.

Eu posso ter uma família louca, mas não há coisa que eu ame mais do que eles.

RYLE DIANN SIVAN

Dou um pulo da cama e corro para fora do meu quarto sem nem mesmo lavar o rosto ou respirar direito. Consigo escutar a voz forte do meu irmão mais velho e também a do seu filho mais novo, o que significa que Romeo finalmente chegou em casa.

Perto das duas da manhã, eu acabei dormindo nos braços de Christian e só percebi quando o mesmo me colocou na cama e me beijou antes de voltar para a varanda. Tenho certeza de que nem ele, Pearl ou meu irmão, pregaram os olhos essa noite. Sei bem da preocupação de cada um deles e, mesmo que Christian e Romeo se irriteem na maior parte do tempo, tenho certeza de que Christian se sente responsável pelo caçula. Esse é o mesmo sentimento que tenho por Ben.

Desço os degraus da escada e no caminho encontro Alex, Peter e Noah escutando a discussão dali e sem nenhuma coragem de se aproximarem da cena. Quando finalmente chego ao andar de baixo, encontro Seth e Romeo se

enfrentando no meio da sala de estar. Christian está logo atrás de seu pai, enquanto Pearl coloca-se ao lado do seu filho mais novo. Meu coração aperta ao ver o estado de Romeo. Os nós dos seus dedos estão sujos de sangue seco e ele tem um corte no supercílio, boca e os dois olhos roxos. Silenciosamente continuo aproximando-me da cena e paro atrás de Christian, abraçando-o pela cintura.

— Você faz alguma ideia do que a palavra responsabilidade significa?

— Seth esbraveja e eu aperto em torno de Christian, que não se move nem um pouco.

— Você não me acha responsável, papai? — Romeo provoca.

Respiro fundo.

Ele não devia estar agindo assim.

Romeo não tem motivos para agir assim.

Afinal, o que está acontecendo de errado com ele?

— Isso não vai mais continuar — Seth anuncia. Simples, seco, duro e sem nenhum remorso. — Você não vai continuar com a sua atitude de merda sem motivo nenhum. Você quer um motivo, Romeo? Então você vai ter a porra de vários motivos para continuar com a sua conduta fodida.

— O que você vai fazer? — Romeo retruca em um tom mais sério.

Christian finalmente se move. Ele coloca as mãos em cima das minhas e lentamente afrouxa o meu aperto, virando-se para me encarar. Consigo ver

as olheiras debaixo dos seus olhos em uma natural denúncia de que ele teve uma noite de sono perdida.

— Volte para o seu quarto, babe — murmura suavemente, segurando o meu rosto e dedilhando as maçãs das minhas bochechas.

— Mas e Romeo...?

— Ele está bêbado e fez muita merda. Volte para o quarto e eu te explico quando aparecer por lá — sentencia, fitando-me firmemente.

Assinto, abraçando-o uma última vez e caminhando de volta para a escada.

— Amor, não precis...

— Pearl — Seth a interrompe ainda sem emoção. Paro no começo da escada e viro para trás, olhando a cena horrível que a atitude de Romeo está causando. — Você vai aprender a ser alguém, mas não aqui em Los Angeles ou em Long Beach. Os seus dias estão contados nessa cidade e ninguém, escuta bem, Romeo... — Meu irmão se aproxima de seu filho, que está quase explodindo em seu lugar. — Ninguém vai impedir o que eu tenho guardado para você, nem mesmo a sua mãe.

Subo as antes de ver o que vem a seguir.

Escuto Pearl começar a gritar para Romeo parar.

Passo por meus pais, que descem apressados e, no topo da escada, dou de cara com tio Simon e tia Spencer.

— Ele chegou? — tia Spencer pergunta e eu assinto.

— Completamente bêbado e machucado — informo e ela faz uma careta de dor.

— Parece que estou diante de um Seth 2.0 — tio Simon diz com um tom de lamentação. — Uma pena que o gene da minha irmã foi mais fraco dessa vez... — assobia.

Tia Spencer dá uma cotovelada nele e eu os deixo, indo até o meu quarto assim como Christian pediu. Entro e bato a porta, pegando o meu roupão no caminho até o banheiro. Observo a minha aparência no espelho e não me incomodo com nada que vejo, afinal, estou tonta demais com a cena que presenciei minutos atrás. Escovo os dentes com a cabeça ligada em Romeo. Parece que o que Christian e Andrew falaram noite passada sobre Romeo ser mandado para longe como punição, provavelmente irá se concretizar. Lamento mentalmente, pois sei que ou Romeo entrará na linha de uma vez por todas, ou ele se rebelará por completo, e essa última opção me causa calafrios.

Cuspo o creme dental e limpo minha boca, passando água por meu rosto antes de ouvir a porta do meu quarto ser aberta em um baque. Olho para trás e vejo Christian carregando Romeo. Aproximo-me dos dois em uma rápida corrida e ajudo Christian com seu irmão.

— Inferno de merda... — Romeo cospe, transtornado.

— Você perdeu a porra da cabeça, Romeo? — Christian rosna.

— Perdi, mas isso não é da sua conta — retruca.

Balanço minha cabeça negativamente.

Eu mal consigo reconhecê-lo.

— Você resolve bater no nosso pai e isso não é da minha conta? —
Christian está tomado por raiva e surpresa.

Eu sabia que isso foi o que aconteceu quando subi a escada.

— Ele vai me mandar para longe daqui, seu imbecil! — Romeo
esbraveja com tanta raiva quanto Christian, mas eu consigo sentir um leve
desespero abraçando sua voz.

— O que está acontecendo com você, Rome? — pergunto no momento
em que o deixamos cair sentado na tampa do vaso sanitário.

Romeo abaixa a cabeça, colocando-a entre as suas duas mãos sujas e
machucadas. Fito Christian e vejo pena em seus olhos. Ele me encara de volta
com um olhar de quem não sabe o que fazer nessa situação. Apesar de tudo e
de todos os seus erros, Romeo é o seu irmão mais novo. Abaixo-me e fico
ajoelhada em frente ao menino psicologicamente perdido. Levo as minhas
mãos até o seu cabelo escuro e macio, fazendo um simples carinho que o
destrói completamente. Romeo cai em meus braços, abraçando-me com força
e chorando silenciosamente em meu ombro. A única coisa que pode ser
escutada no momento são os baixos soluços que ele dá a cada fração de

alguns pares de segundos.

— Tem uma garota...

Romeo começa a falar, mas para.

Ele afasta o rosto do meu ombro e me encara.

— Tem uma garota... o nome dela é Abby.

— O que aconteceu com você e a Abby? — sussurro, oferecendo-lhe os meus ouvidos para lhe escutar e atenção para que ele desabafe.

— Nós estávamos namorando, mas ela simplesmente *acabou comigo* para ficar com outro cara — cospe como se tivesse veneno na boca.

— É só uma garota, Romeo, não o amor da sua vida — Christian diz e os olhos de Romeo brilham raivosos.

— O que você sabe sobre o amor? — Romeo retruca. — Tudo que você sabe é ficar com a Ryle para cima e para baixo. Você nunca teve uma namorada, nunca amou ninguém além da Ryle, ou acha que eu não vejo isso? Você é um imbecil, Christian. Um imbecil.

— Não muito longe de você, não é mesmo?

— Já chega os dois! — os interrompo antes de eles começarem a brigar no meu banheiro.

— Eu amava aquela... aquela...

— Você precisa superar se ela está em outra, Rome — digo e ele

estreita os olhos para mim. — Foi isso que te fez perder a cabeça desde que entrou de férias para o natal e ano novo?

Ele aperta os olhos e nega.

— Eu fui cortado do time de futebol.

— Como diabos isso aconteceu? — Christian indaga.

— Eu discuti com o treinador e acabei agredindo o novo namorado da Abby. Pronto, satisfeitos? — Romeo abre os olhos novamente e nos fita. — Perdi a minha paz mental por causa de uma garota e de quebra ainda perdi o meu lugar de capitão do time de futebol.

— Nosso pai vai ficar louco quando souber disso...

— Só se você falar — digo, encarando Christian.

Ele arqueia a sobrancelha e cruza os braços.

— Eu vou ser mandado para longe, isso não vai ser um problema — Romeo grunhe. — Ele está se livrando de mim. Seth parece nunca me engolir, então isso é um favor que ele está fazendo para nós dois.

— Seth, não, Romeo. Seu pai — eu o repreendo. — E ele te ama. Meu irmão está pensando no seu bem e no melhor para você. Por favor, entenda...

— Eu não quero mais falar dele e nem com ele — me interrompe.

Seu maxilar está travado, como se ele estivesse numa dura luta contra o que está sentindo por dentro.

— Você precisa rever as suas atitudes — digo por fim.

Levanto-me do chão e o ajudo a ficar de pé. Romeo estabiliza-se e beija o topo da minha cabeça antes de murmurar:

— Obrigado pelos conselhos, mas não vou usá-los.

Ele deixa o banheiro e, em seguida, o meu quarto. Eu não tento pará-lo, pois sei que agora ele precisa de um tempo sozinho. Christian e eu nos encaramos. Eu, completamente despedaçada por ter visto Rome nessa situação, e ele completamente irritado e preocupado com que está por vir.

Christian segura a minha mão e me puxa para fora do banheiro. Ele pega o controle e fecha as cortinas. Nós dois caímos em minha cama e respiramos profundamente. Abraço Christian e coloco metade do meu corpo em cima do seu, enquanto escondo o meu rosto em seu pescoço.

— Eu não acredito que ele está surtado por causa de uma garota...

— Acho que tem mais nisso do que ele nos contou, Christian — confesso, ouvindo a sua risada seca em seguida.

— Mais do que toda essa merda que ele disse?

— Sim...

— Então Romeo realmente deve ter estragado alguma coisa em um nível catastrófico.

— Espero que não, mas tenho o sentimento de que sim, ele estragou alguma coisa em um nível catastrófico — retruco. — Seth vai mandá-lo para longe de nós...

— Não podemos fazer nada, Ryle. — Christian beija o topo da minha cabeça. — Vamos apenas esperar que o meu pai mude de ideia, mas isso é praticamente impossível. Ele nunca muda de ideia. Nunca.

Inclino o rosto para cima e observo o loiro.

— Você não vai virar as costas para Rome, certo?

Christian franze o cenho.

— Eu nunca viraria as costas para o meu irmão mais novo, babe. Ele pode ser um idiota, mas eu o amo e ele é minha família. Todos o amamos e queremos apenas o bem de Romeo, ele é o único que está sem limites e cometendo tantos erros que não caberiam nem mesmo nos meus dedos das mãos para contar. Se ele realmente for para longe, vai ser ruim, mas a única coisa que podemos fazer é pedir para que ele melhore e volte logo.

Assinto em resposta e levo a minha mão até o rosto de Christian, esfregando a palma sobre a sua bochecha. Ele sorri para mim e eu devolvo o gesto, começando a contornar a linha de sua boca.

— Você está cansado, não é mesmo?

— Pra caralho — responde. — Não dormi a noite inteira. Em algum momento saí com Andrew para procurarmos por Romeo, mas não o achamos, então voltamos e continuamos conversando com nossos pais. — O seu sorriso toma mais forma. — Você deveria me colocar para dormir...

Seguro a gargalhada e o encaro incrédula por conta do tom malicioso

que a sua voz tomou.

— Você não tem jeito nenhum, Christian Wyatt-Sawyer...

— Então me mostre algum jeito, meu anjo.

Christian respira fundo e os seus olhos me dizem o que vem a seguir, enquanto ele me puxa bruscamente e rouba um beijo ardente.

Seus lábios, como sempre, encaixam perfeitamente em cima dos meus e sua língua quente e molhada contorna a linha que parte minha boca. Assim que nossas línguas se encontram, eu ganho vida. Deslizo o meu corpo completamente para cima do seu, necessitando mais do que o que estamos tendo por ora. O meu mais profundo interior queima com pura necessidade, espancando tudo que está dentro de mim. Eu fico sensível. Christian me deixa puro nervos e, quando a sua mão finalmente desliza por minha pele, sou obrigada a separar as nossas bocas para respirar.

O loiro troca de lugar comigo e minhas costas encontram o colchão macio da cama, enquanto ele toma o seu lugar no meio das minhas pernas. A boca Christian desce por meu pescoço ao passo que ele deposita beijos molhados por todo caminho e sua respiração quente bate em minha pele sensível, lançando um milhão de sensações boas por minhas veias.

— Muito rápido — ele diz, encostando a testa na minha e deixando as nossas respirações se misturarem.

— Eu concordo... — resmungo de olhos fechados.

— Mas muito bom.

Nós dois rimos.

— Sem nenhuma dúvida, Christian. Sem nenhuma dúvida.

Abro os olhos com dificuldade e o encontro me fitando.

— Vamos dormir um pouco? — pede e eu concordo.

Christian volta a se jogar ao meu lado e me puxa para perto em um abraço aconchegante. Acalmamo-nos lentamente e voltamos ao nosso estado normal. É bom que Christian seja tão consciente quanto eu nessa situação que estamos nos metendo. É bom que ele tenha um filtro de até onde ir comigo. Não podemos nos arriscar e nem mesmo estragar as coisas de forma tão desastrosa.



Gargalho com Ben e Andrew, jogando-me na grama verde e bem cuidada do campo e Kurt se joga em cima de mim juntamente com Noah. Nós quatro estamos há pelo menos uma hora aqui do lado de fora, jogando futebol americano improvisadamente, enquanto Kurt está correndo atrás de nós há longos minutos.

Recebo as suas lambidas molhadas e me sento na grama, colocando Noah no meio das minhas pernas e estendendo o braço para acalmar o meu lindo e maravilhoso filho. Ben e Andrew se sentam na nossa frente ainda

rindo e eu viro o rosto para o lado, observando Christian se aproximar de onde estamos aos poucos.

Dormi com ele por dois pares de horas até despertar. Tomei banho, troquei de roupa e até mesmo fiquei mexendo no meu laptop enquanto Christian dormia. Quando percebi que ele estava em sono profundo e que eu certamente não deveria incomodá-lo, saí do meu quarto e o deixei em paz.

Nesse momento, já passa das cinco e a noite está caindo aos poucos.

— Finalmente, Bela Adormecida — Andrew provoca em tom amistoso assim que Christian se senta ao meu lado.

A casa está silenciosa por conta de tudo que aconteceu mais cedo entre Romeo e Seth. O mais novo está em seu quarto desde que deixou o meu e Seth provavelmente está com Pearl no quarto deles. É uma situação ruim para todos nós e não há sequer uma pessoa que não esteja sentindo isso.

— Minha mãe e tia Spencer estão nos chamando para jantar — Christian informa, ignorando o que Andrew disse anteriormente.

— Jantar! — Noah se levanta num pulo e sai correndo com Kurt em seu encalço.

Nós quatro ficamos em silêncio até Andrew respirar alto demais.

— Rome ainda não saiu do quarto? — indaga.

— Não — Christian resmunga de volta.

— Ele passou dos limites dessa vez — meu irmão divaga.

— Ele pirou. — Andrew balança a cabeça negativamente.

— O que ele fez foi errado, mas não vamos julgá-lo — digo, como sempre com o meu instinto de proteção a Romeo falando mais alto. — Sabemos o que Romeo fez, mas precisamos estar ao lado dele. Meu Rome não está bem e eu sei que o garoto precisa de todos nós.

Ben levanta com Andrew.

— Vamos entrar — diz e eu faço menção de me levantar, mas Christian segura o meu braço.

— Nós já estamos indo — o loiro diz e os dois assentem, fazendo o mesmo caminho que Noah fez até dentro de casa.

Christian me encara e eu faço o mesmo, suspirando ao absorver a imagem de seu rosto bonito.

— Eu escutei o papai dizer que vai mandar Romeo para algum interior do interior na Inglaterra — solta, claramente afetado. — Eu sei que o que Romeo fez foi estúpido demais, mas... Inglaterra? Europa? Ele odeia aquele lugar, porra. Já fomos um par de vezes para lá e Romeo passou todas as viagens reclamando. Ele é um cara da praia, do calor, do futebol americano... O que diabos ele vai fazer na Inglaterra? Jogar hóquei? O papai vai deixar Romeo enfurecido. — Christian desliza a mão por meu braço até o meu ombro, me puxando para perto em um abraço firme.

Senti o medo em sua voz, o que me deixou instantaneamente com

medo. Não parece ser uma boa ideia. Mandar Romeo para tão longe em um momento como esse é errado de muitas maneiras.

— Sua mãe não vai deixar...

— Me poupe, Ryle — Christian me corta. — Você sabe como a minha mãe é.

Engulo a seco, abraçando Christian de volta.

— O que podemos fazer? — indago depois de um momento curto de silêncio.

— Não acho que podemos fazer muita coisa... — resmunga. — Dependendo de como as coisas vão rolar, podemos tentar ajudá-lo em alguma coisa, fora isso, Ryle, não podemos fazer mais nada.

Christian e eu passamos mais um momento em silêncio até que decidimos nos levantar. Seguro a sua mão e caminhamos calmamente até a porta da cozinha, onde entramos e achamos quase todos perambulando por ali. Solto a mão do loiro para ir cumprimentar os meus pais. Depois que beijo a bochecha de cada um, aproximo-me de uma Pearl cabisbaixa.

— Romeo saiu do quarto? — indago e ela nega com a cabeça, levantando o olhar e encarando o meu irmão, que nos fita atento.

— Ainda não — diz. — Estou indo levar um pouco de comida para ele. Não vou abandonar o meu filho de maneira alguma — completa, ainda encarando Seth em sugestão.

Parece que o que Christian disse é verdade e tem grandes chances de se concretizar.

— Eu vou com você — ofereço-me, finalmente atraindo o seu olhar para mim.

— Obrigada, querida. — Sorri doce, colocando uma jarra de suco de laranja em cima da bandeja de Romeo e segurando nas mãos. — Vamos — sussurra por fim, fitando Seth uma última vez e saindo da cozinha.

Sigo Pearl e fazemos o nosso caminho silenciosamente. A casa está com um clima muito pesado, nada esperado para essa época. Mas, quem poderia prever?

Paramos em frente a porta de Romeo e eu seguro a bandeja da mão de Pearl. Ela bate na porta do filho e a mesma se abre alguns segundos mais tarde. Rome está de cabelo molhado e vestindo apenas uma calça de moletom, parecendo que acabou de sair do banho e aposto que foi realmente isso que aconteceu. Sua aparência é de dar pena. Ele tem hematomas por todo o corpo, sendo os do seu rosto mais escuros depois de algumas horas.

— Filho... — Pearl sussurra e ele nos dá as costas, indo até a sua cama e se sentando.

Nós duas entramos no quarto e eu fecho a porta com o meu pé, deixando a bandeja com comida em cima da mesa de cabeceira e me sentando ao lado de Romeo, enquanto Pearl toma o outro lado.

— O que vocês querem? — ele pergunta seco.

— Romeo, o que está acontecendo? — Pearl retruca, segurando as mãos machucadas do filho.

— Você não vai gostar da resposta que vou te dar, mamãe — replica ironicamente.

Pearl respira fundo, encarando-o com os olhos cheios de lágrimas. Ela abre a boca uma, duas, três vezes, mas não consegue soltar uma só palavra.

— É melhor voltar para Seth, eu não me importo — Rome resmunga, puxando as mãos para longe de Pearl.

— Seth não, Romeo. Seu pai. — Pearl agarra as mãos dele novamente, falando exatamente como eu falei horas atrás. — **Seu. Pai.** — pontua com veemência.

— Depois de tudo que aconteceu, ele pode ser tudo, menos o meu p...

— Não se atreva. — Os dentes de Pearl trincam. — Não se atreva a falar isso, Romeo. Seth é o seu pai e ele te ama com todo coração dele. Eu conheço o homem com quem eu me casei, eu conheço o pai dos meus filhos, eu conheço o *seu* pai e eu sei que ele está tão ferido quanto você está — afirma, puxando uma respiração profunda e se controlando para não cair em lágrimas. — Conheço o seu pai desde os meus dezessete anos, Romeo, e de todos você é o que mais se parece com ele. O jeito, o humor, a aparência... tudo, absolutamente tudo em você é praticamente igual a Seth. Você é um

mini Seth. A cada dia que passa você se torna mais parecido com o seu pai, dando-me a certeza de que vai encontrar sua paz assim como ele o fez. O meu único medo, Rome, é que você se perca antes disso. Eu não vou fechar os olhos e passar a mão na sua cabeça, por isso peço que me conte o que está acontecendo, mas se você escolher não contar, não poderei ajudar. Você gritou com o seu pai, o enfrentou e bateu nele. — As palavras de Pearl são como uma faca afiada. — Sabe o quão errado tudo isso é? Sabe o quão errado você e Seth agiram hoje mais cedo?

— Eu não quero saber — Romeo diz, sua voz saindo baixa e rouca.

Ele está muito perdido e quebrado.

— Você não quer, mas você precisa. Eu te amo, Rome. Eu te amo muito. Não posso admitir que você se afaste de tal maneira ainda brigado com o seu pai...

— Eu errei — Seth diz, entrando no quarto de uma só vez e atraindo a nossa atenção para si. É claro que ele viria. — Eu errei com você, Romeo, mas essa situação está passando dos limites. Você não conversa, bebe tudo que tenha álcool e...

— Você também era assim — Romeo o corta.

Seth bufa.

— Passado, Romeo, eu sou feito do meu passado. Fui moldado por meu passado e mudado por meu presente, que foi a sua mãe. Sei tudo que eu fui e

tudo que eu sou, e eu não sou mais nenhum adolescente orgulhoso que deixa de fazer as coisas por conta de seu ego. Eu estou aqui, pedindo desculpas e mostrando que a minha família é o que mais me importa. Você, Andrew, Christian e a nossa Girassol são tudo no mundo para mim. — Romeo fita Seth intensamente. Eu não sei o que está passando na cabeça dele, mas espero que isso se resolva nesse momento. — Converse conosco e nos fale o que está acontecendo com você...

Romeo balança a cabeça negativamente.

— Não.

Merda, Romeo.

Meu irmão está furioso com o filho.

— Não? — Seth pergunta incrédulo, assim como eu.

— Romeo... — Pearl sussurra.

— Não, porra. Eu disse que não. Isso não é da conta de nenhum de vocês e eu não preciso de ajuda. Eu só preciso ficar sozinho, então se puderem sair do meu quarto, eu realmente agradeceria. — Romeo tenta soar firme, mas sua voz sai embargada e difícil.

— Ele não tem jeito. — Seth vira as costas para o filho e Pearl corre até ele, o impedindo de sair. — Não, Pearl, você mesma está vendo como ele age. Se isso não vai ter conserto por bem, terá por mal.

Meu irmão sai do quarto com a sua esposa, batendo a porta e nos

deixando sozinhos. Romeo cai de costas na cama, levando as mãos até o rosto e esfregando-o nervosamente. Deito-me ao seu lado e segundos mais tarde estamos nos encarando.

— Eu não reconheço o meu Romeo... O que fizeram com você? — sussurro, levando uma mão até o seu cabelo escuro e afagando carinhosamente.

— Eu não me reconheço mais... — murmura de volta de forma assustada. — Eu não suporto mais essa culpa, essa dor infernal, Ryle. Só desejo que tudo passe e pule para o momento em que eu vivo feliz, se é que um dia isso vá acontecer.

Sinto a dor e o desespero banharem sua voz, enquanto Rome se aconchega em mim e me abraça forte.

— Não vou mais perguntar o que está acontecendo com você, Romeo, mas pode ter certeza de que sempre terá a minha ajuda e o meu apoio mesmo nas piores circunstâncias. Eu me sinto impotente por não saber como te ajudar nesse momento e tudo que eu mais quero é que essa tormenta passe de uma vez por todas. Você vai ser feliz e você merece ser feliz...

— Você não sabe de nada, Ryle... Você também me odiaria por ter...

Romeo para de falar e nós ficamos em um longo instante de silêncio. Estou aflita e cada vez mais curiosa para saber o que aconteceu, mas controlo a minha boca e os meus questionamentos.

— Eu nunca odiaria você, não importa o que tenha acontecido. Você é a minha família, Romeo, meu jogador de ouro. Eu te amo, menino, eu te amo muito, e quando tudo isso passar, vamos sentar num sofá e rir como se tudo não tivesse passado de um pesadelo que tornou-se em um belo sonho. E, nesse momento, repetirei isso mais uma vez: eu te amo, Romeo.

Ele respira pesadamente, inclinando o rosto machucado para cima e beijando a minha bochecha.

— Eu entendo por que meu irmão é tão fascinado por você, mesmo que essa porra seja a coisa mais errada que eu já me permiti a simples ideia de pensar sobre. — Romeo pisca para mim, mas não é com humor. — Você também pode contar comigo nas piores circunstâncias, Ryle. Não importa o que aconteça, vou sempre estar do seu lado para mandar um foda-se para todo mundo, combinado? — indaga e eu balanço a cabeça positivamente. — Eu te amo, *titia*.

Meu coração aquece e eu sorrio sozinha, encarando os olhos marejados de Romeo. Beijo a sua testa, pois é o único lugar que não está inchado ou roxo de machucados, e me desvencilho dele.

— Coma tudo que sua mãe preparou e daqui a pouco eu volto para passarmos a noite juntos — comando, ficando de pé e fitando-o contorcer o rosto. — Sem reclamar, Romeo. Você precisa comer e não irá me passar a perna.

— Eu vou comer. — Ele revira os olhos, sentando-se na sua cama e pegando a bandeja que eu coloquei em cima da mesa de cabeceira.

Faço o meu caminho para fora do seu quarto e o deixo, mas não antes de me certificar de que ele já estava com um pedaço de pão na boca. Encosto-me na parede, correndo os dedos por meu cabelo e tentando relaxar um pouco. Olho para o lado, notando que Christian está vindo em minha direção em passos largos. Quando perto o suficiente, ele para na minha frente e eu o abraço pela cintura, apoiando o meu queixo em seu peitoral e o fitando.

— Você contou algo para Romeo... eu não sei... algo sobre nós? — indago em um sussurro baixíssimo.

O que Romeo acabou de me dizer não deixa nenhuma dúvida de que ele sabe de nós dois.

— Claro que não, Ryle. Tio Simon e tia Spencer são os únicos que sabem sobre nós dois. O que houve?

— Estávamos conversando e ele disse que “entendia” o fato de você ser fascinado por mim, ainda que essa tenha sido a coisa mais estranha que ele se permitiu pensar sobre — explico. — Ele sabe sobre nós.

— Romeo é tão esperto quanto meu pai. — Bufo, levando as mãos até os meus ombros e massageando levemente. — Ele não sabe oficialmente, mas sabe de alguma forma. Ainda assim, não lhe diga nada, tudo bem?

— Não preciso nem falar, Christian...

— Então continue assim, Ryle. — Revira os olhos e eu sorrio de seu desconforto. — Não fale para Romeo ou qualquer outra pessoa. Todos que sabem são o suficiente por ora e nós sabemos disso, certo? — Assinto com a cabeça e ele beija a minha testa. — Ótimo. Você vai dormir comigo hoje?

— Não — informo e Christian arqueia uma sobrancelha. — Eu combinei com Romeo de passar a noite com ele. Todos estão o deixando sozinho e ele naturalmente já se isola. Isso não é bom e eu não vou deixar que as coisas piorem de tal forma, Christian, ele precisa da minha companhia.

— Eu não acredito que fui trocado por meu irmão mais novo — reclama, mas nós rimos juntos assim que ele se cala. — Tudo bem, Ryle, você está certa. Rome precisa de nós...

— Obrigada, babe — digo, abraçando-o mais forte antes de empurrá-lo para trás. — Agora vamos descer, eu estou morrendo de fome...

— O seu pedido é uma ordem — brinca, abraçando-me pelo ombro e caminhando comigo até a escada.



O clima no jantar foi tão pesado quanto antes. O meu irmão não deu nenhuma palavra sequer, assim como Pearl. Eu posso notar o quanto o casal está abatido por causa de Romeo, o que me faz ficar ainda mais triste com a situação que o mais novo está causando. Todos estão sofrendo, esse é

o fato, e Rome simplesmente nega a nossa ajuda. É frustrante.

Bato na porta do seu quarto e entro no instante em que ele responde. Eu jantei rápido, me despedi de todos e subi para fazer companhia para Romeo. Fecho a porta atrás de mim e viro para fitá-lo, achando-o deitado no lugar em que o deixei antes de sair. A bandeja está completamente vazia, o que não me surpreende, já que todos os garotos comem igual animais. Bom, pelo menos ele se alimentou.

— O que nós vamos fazer? — pergunta para mim e eu dou de ombros.

Pulo em cima de sua cama e me aconchego junto a ele no escuro. Romeo me entrega o controle da televisão e eu começo a passar pelos canais em busca de algo interessante para assistirmos, mas infelizmente a busca é em vão.

Recorro à Netflix e coloco na minha série preferida.

— Você já assistiu? — pergunto, inclinando o rosto para cima para encará-lo.

— Stranger Things? — replica e eu assinto. — Não. Isso é bom? — indaga e eu sorrio abertamente.

— Bom? Isso é coisa dos deuses. Eu amo essa série.

E é verdade, eu amo Stranger Things.

Aperto no primeiro episódio e ele começa. Estou assistindo provavelmente pela quinta vez, mas não me importo. Romeo e eu ficamos em

silêncio durante os primeiros minutos da série. Eu estava bastante concentrada, mas já esperava que ele não fosse se concentrar da mesma forma que eu.

— Você acha que eu estou muito ferrado? — questiona.

Recuo um pouco e saio dos braços de Romeo, em busca de ter uma melhor visão dele para conseguirmos conversar.

— Eu acho que sim — afirmo sendo o mais sincera possível. — Mas você pode mudar tudo isso se quiser e tentar de verdade. Nenhuma situação é tão ruim a ponto de que se torne algo irreversível. Há sempre uma saída, há sempre uma esperança.

Romeo revira os olhos e ri.

— Você é sempre tão otimista, Ryle.

— Eu gosto de ser como sou. — Sorrio para ele, levando minha mão esquerda até o seu cabelo. — Tente ser um pouco otimista também. Você tem uma vida inteira pela frente e eu tenho certeza de que os dias bons virão em breve.

— O pessimismo tem sido o meu melhor amigo de uns tempos pra cá — confessa.

— O primeiro passo para sua recuperação é arrumar um amigo em que possa confiar, Rome. Eu o vejo tão excluído, solitário. Precisa mudar os seus hábitos, entende?

— Christian, Andrew e Bennett são os meus melhores amigos — se defende, como se eu tivesse ficando louca. — Você é a minha melhor amiga. Do que diabos está falando?

— Mas você não está confiando em nós para contar os seus problemas — rebato.

— É diferente e complicado. Além disso, não estou pronto para falar sobre os meus problemas com ninguém, Ryle. Vocês ainda são os meus melhores amigos apesar das circunstâncias. — Continuo afagando o seu cabelo e assinto, concordando com ele.

— Dê tempo ao tempo, não é mesmo? — Ele concorda com a cabeça. — Mas pense além de sua família. Às vezes fazemos irmãos que não são de sangue, como por exemplo eu e Christian com Cameron, Lex, Gracie e Ash. Eles são nossos melhores amigos e irmãos também, assim como você, Andrew e Ben.

Romeo torce o canto da boca.

— Eu vou deixar para pensar nisso em outro momento. Felizmente ou não, entenda como quiser, não sou o preferido dos caras lá na escola. Eles me odeiam, eu diria.

— E as garotas? — pergunto.

— As garotas só pensam no dinheiro, menos...

Ele para de falar abruptamente e eu suspiro.

— Menos Abby — completo, fazendo Romeo concordar em um resmungo.

— Menos Abby, mas ela me enganou. A garota era uma farsa e eu amei a sua farsa, pois pensava que tudo era sincero. Eu ainda não consigo acreditar que achei que ela era diferente de todas as outras, Ryle. Eu ainda não consigo acreditar que tudo aconteceu e acabou com tanta rapidez. Eu não consigo acreditar em absolutamente nada que aconteceu naquele dia. Nada.

A garota enganou Romeo?

Até que ponto isso chegou?

— Você vai ficar bem — sussurro, um pouco pensativa com as informações que acabei de conseguir.

Seja lá o que aconteceu na noite em questão, Romeo foi ferido por essa tal Abby e a única vontade que eu tenho é de quebrá-la no meio por mexer com o meu garoto.

“Eu tenho esses arrepios toda hora que você chega perto. Você alivia a minha mente, você faz tudo parecer bem.”

GOOSEBUMPS — ALEX AIONO VERSION

RYLE DIANN SIVAN

Depois de um louco final de ano e início de outro, nos separamos e cada um foi para o seu canto. Falo como se tivesse acontecido há semanas, mas isso aconteceu agora mesmo, tarde da noite. Eu e Christian estamos dentro do carro do loiro depois de termos nos despedido da nossa família e deixado o local ainda em um clima não muito feliz. Após tudo ter acontecido com Romeo, a família ficou estremecida, é claro, principalmente a minha cunhada Pearl. Ela encontrou a forma mais confortável para si ao ficar ao lado do seu marido e do seu filho, mas ponderar isso em uma balança não foi uma tarefa fácil. Não foi por falta de conselho que Romeo não desfez o seu orgulho e pediu desculpas por suas atitudes com Seth.

Percebi o meu irmão um tanto solitário, até mesmo falei com a minha mãe, mas ela só soube explicar que Seth sempre foi muito emocionalmente independente e sempre gostou de ficar sozinho quando as coisas saem do lugar. Ela também disse que ele não é de desistir fácil, assim como não

desistiu de Pearl, porém não me explicou a história deles. De fato e sem nenhuma dúvida, Seth continuou tentando se aproximar do mais novo, mas Romeo simplesmente deu as costas para toda e qualquer tentativa do meu irmão.

Se eu senti pena?

Sim, mesmo que esse não seja o sentimento mais bem visto pelas pessoas, mas eu fiquei muito triste em ver o meu irmão mais velho abatido por toda situação com Rome.

De qualquer forma, tudo irá se concretizar: Seth vai mandar Romeo para longe em algumas semanas e eu e Christian já estamos nos planejando e vendo nossa agenda na Universidade para tentar conciliar viagens mensais para Europa. Não vamos deixar Romeo ir embora para tão longe e ficar pensando que perdeu todo apoio familiar. Nós vamos fazer o nosso melhor para visitá-lo sempre que o calendário, provas e seminários nos deixarem.

Eu e Christian estamos indo para a sua casa em Los Angeles, onde será o meu novo lar — e de Andrew e Ben também. É final de semana e os outros dois resolveram ficar na casa de praia com a nossa família por mais esses dois dias, mas eu e Christian tínhamos marcado com o pessoal uma confraternização nesses últimos dias de férias que nos restam. Não estamos tão animados quanto sempre ficamos, mas a gente está sabendo lidar consideravelmente bem com o que está acontecendo, o loiro muito mais do

que eu. Parece que não, mas Christian é duro na queda.

— Ter Andrew e Bennett no nosso pé vai ser um inferno. Andrew principalmente e você sabe disso, certo? — Christian indaga abruptamente e eu viro o rosto para fitá-lo.

— Você não disse que eles já estavam procurando algumas fraternidades pelo campus? — retruco e ele assente.

— Disse, mas tê-los esses dias antes de decidirem o que realmente irão fazer vai ser bem chato...

— Você vai aguentar e eu estarei ao seu lado, então vamos dar um jeito de não nos irritarmos muito com as besteiras que eles podem falar ou fazer. — Estico o braço e afago as pontas dos longos e definidos cachos loiros que descansam em seu ombro direito. — Eu só não sei se estou pronta para lidar com você em frente aos nossos amigos...

Christian sorri e me fita rapidamente, voltando a sua atenção para estrada em um piscar de olhos.

— E por qual motivo não conseguiria?

Enrolo um cachinho no dedo e dou de ombros desengonçadamente.

— Eu mal consigo lidar com você em frente a nossa família, imagine na frente deles que nos conhecem tão bem... e se as garotas perceberem e acharem que eu enlouqueci completamente? Não estou nada preparada para isso e eu me odeio por deixar que o que os outros pensem de mim me afete de

alguma forma. Você sabe, não no geral, mas na nossa situação em especial. Isso é tão... delicado... E-Eu não sei, Christian...

— Ryle, eles são os nossos melhores amigos. Eu sei que o fato de estarmos nos relacionando além do que os limites sociais estabelecem parece uma loucura, porque, acredite, parece uma loucura para mim e eu sei que para você também, mas não estamos deixando de viver isso. Só que, babe, se eles realmente são o que dizem ser, com certeza irão nos entender. Porra, Cam e Ash estão sempre ao meu lado nos meus acertos e nos meus erros, eu sei que eles não irão me deixar ou simplesmente me olhar feio por causa da *minha felicidade*... por causa de você, Ryle. Quem me conhece, e eles me conhecem muito bem, sabe que tudo que tem você no meio me faz feliz e eu não percebia o quão real era isso até chegarmos no ponto em que chegamos. Vamos ver como as coisas vão se desenrolar naturalmente, se precisarmos contar para eles, faremos isso. Se entenderem, tudo bem. Se não entenderem, eu tenho você e você me tem, vou sempre estar ao seu lado mesmo quando tudo estiver dando errado e começarmos a perder quem amamos.

Absorvo as doces palavras de Christian e me sinto... *aliviada*.

Saber que ele estará ao meu lado mesmo se tudo der errado é crucial para me fazer continuar a explorar o que o meu coração diz ser certo, mas a mente condena.

Me sinto boba por duvidar da amizade das minhas melhores amigas,

mas a situação é delicada. Tenho medo sim, porque não aguentaria perder as pessoas que tanto amo e que estão comigo há tanto tempo. Mas vou acreditar na minha confiança nelas e ter a fé que Christian tem.

— Eu estaria mentindo se dissesse que você não me faz ficar mais forte — digo depois de um tempo em silêncio. — Amo essa parte em você que se preocupa tanto comigo, porque eu também me preocupo demais com você, só não tenho essa maturidade toda e controle para saber o que falar na hora certa.

— Você não precisa falar nada para me confortar em nenhum momento, tudo bem? — Christian para no sinal vermelho e me encara. — Se você me pegar em algum momento e eu estiver triste ou parecer que preciso de uma palavra para melhorar as coisas, acredite, não preciso disso vindo de você, Ryle. Eu só preciso que você segure a minha mão ou me dê um forte abraço. Faça isso e sempre será muito mais reconfortante do que qualquer palavra, babe.

— Mas por que isso...?

— Porque as palavras em algumas situações se perdem ao vento depois de um tempo, mas as ações, Ryle, as ações se perpetuam na nossa vida e nos fazem companhia pelo resto dos dias. É por isso que eu não preciso te dizer agora e nem em qualquer outro momento que eu te amo. Todos os dias eu mostro isso para você, porque eu me preocupo contigo, cuido de ti e espero

que seja muito feliz, mesmo que não seja comigo. Mas eu te amo e você me ama, e nós sabemos disso melhor do que ninguém, e você também sabe que as nossas ações falam mais alto do que as palavras e o supervalorizado, porém banalizado, "eu te amo". — Sorrio para ele e me inclino em sua direção, selando os nossos lábios e iniciando um beijo de gratidão. — Só que se eu quiser gritar para o mundo que eu te amo, também vou fazer isso. — Ele puxa o meu lábio inferior entre os dentes e corre a língua lentamente pelo mesmo. — Porque você sabe que eu sou exagerado e quanto mais eu puder te mostrar o quanto é importante para mim, eu mostrarei. E eu te amo antes de provar dos teus lábios ou de sentir sua pele arrepiar debaixo do meu toque... eu te amo muito antes disso, babe. Esse meu amor vem desde quando coloquei os olhos em cima de ti e ele é tão puro que às vezes fica difícil de lidar com a grandeza que ele tem dentro de mim. Eu te amo há muitos e muitos anos e eu vou te amar por mais tempo do que nós possamos chegar a imagin...

Buzinas começam a soar atrás de nós, cobrindo a voz de Christian e o mesmo vira o rosto para trás, completamente indignado. Meus lábios tremem e uma risada alta queima em minha garganta quando a deixo escapar por minha boca.

— Inferno, ninguém mais pode se declarar em paz nessa cidade? — Christian exclama assim que abaixa o vidro do carro e se inclina sobre a

janela.

— Procurem um quarto, isso não é hora e muito menos lugar! — O homem atrás de nós retruca da mesma forma que Christian e a minha risada se intensifica.

O loiro se endireita e pisa fundo no acelerador.

— Porra, ele quebrou completamente o clima... — resmunga, parecendo realmente chateado, o que me faz parar de rir.

— Você estava inspirado de verdade, huh? De onde vai achar essa inspiração toda novamente? — provoco.

— Não seja uma bruxa, Ryle. Você é a minha inspiração. Você e esses olhos azuis, que basta um simples olhar que eu acabo me transformando no cara mais bobo do mundo todo.

Minhas bochechas esquentam e eu amaldiçoo o trânsito por não estar limpo, senão já estaríamos em casa, deitados juntos e nos beijando até perder a noção do tempo. Era assim que eu desejava estar nesse exato momento depois de escutar todas essas coisas vindas do meu Christian.

— Eu estava apenas brincando com você. — Reviro os olhos em drama e ele estica o braço para tocar gentilmente em meu cabelo.

Christian desliza a mão por meu pescoço até que os seus dedos se enrolem nos fios lisos e ele afague com calma aquele local em específico. Fecho os meus olhos, mole demais para me manter firme e recebo o seu

carinho.

— Você sabe que me dobra no meio como nenhuma outra nunca chegou perto de fazer...

— Pare de falar essas coisas para mim, eu vou acabar me sentindo a última Coca-Cola do deserto.

Abro os olhos com dificuldade e viro o rosto para achá-lo com um sorriso travesso nos lábios, enquanto esfrego a minha bochecha em seu pulso, exatamente como gatinhos de vídeos na internet fazem quando imploram por carinho.

— Se isso significa que apenas eu posso beber dessa Coca-Cola, tudo bem, não há mal em se sentir a última do deserto. Mas saiba que você é a última não porque eu não tenho mais escolha, você é a última porque eu escolho você como a minha primeira e última, ou melhor, primeira e *única*.

Onde Christian aprendeu a falar tão bem assim?

Observo a casa do loiro de longe digo amém mentalmente por isso.

Fico em silêncio, procurando por palavras como uma louca, e acho as mais bobas assim que ele estaciona já na garagem da casa branca e bonita. O portão vai descendo até que estamos apenas nós dois ali dentro, onde ninguém mais pode nos ver ou atrapalhar. Pulo para o colo de Christian e ele sorri, não muito surpreso, mas completamente satisfeito. Ele vai inclinando o seu banco para trás e eu vou descendo o meu corpo para mais perto do seu.

— Isso não é justo... — afirmo.

— O que não é justo para você, babe? — pergunta, divertido.

— A forma como fala de mim e é tão certo do que sente. Eu também sou certa do que sinto, mas ainda não sei com falar para você todas as coisas que se passam dentro de mim quando estamos em momentos como esse aqui. Não consigo explicar a forma como o meu coração acelera, a forma como você me deixa sem ar e totalmente extasiada com as suas palavras, mas principalmente com as ações.

— Eu sinto tudo isso que está querendo me dizer, Ryle. Não apresse o que tem que ser natural para você, tudo bem? Para nós dois. Com o tempo você vai saber o que dizer e principalmente o que fazer. Eu quero as suas ações, babe. Ações.

Meu quadril se move sobre a virilha de Christian e ele sorri, nervoso.

— Ações, mas não...

— Shhh... — sussurro contra os lábios dele. — Eu estou... apenas...

— Ryle... — repreende, buscando forças de onde não tem para tentar me fazer parar, mas nós não estamos fazendo nada demais.

Eu posso sentir quando ele começa a crescer debaixo de mim e o fato de eu estar usando um vestido solto me deixa ainda mais sensível com a aspereza do seu jeans no tecido macio da minha calcinha branca de algodão. Me sinto um tanto mais ousada com Christian, quanto necessitada de contato.

Um pouco de contato, nada que vá nos fazer perder a noção das coisas.

Suas mãos calosas deslizam por minhas pernas nuas quando capturo os lábios de Christian no beijo que venho pensando em lhe dar desde o instante em que ele começou a falar coisas bonitas para mim. Minha língua desliza entre os seus lábios e encontra a sua sem qualquer dificuldade. Nós gememos juntos, não sei se pelo beijo ou por meus movimentos, talvez por ambos, porém a única coisa que sei com toda certeza é que a minha calcinha já começa a ficar um pouco... úmida. Nossos lábios molhados e levemente frios se remexem com avidez e esse provavelmente é um dos beijos mais intensos e gostosos que nós dois já trocamos.

Apertando cada lado da minha bunda e tirando outro gemido de mim, Christian me incita a aumentar a velocidade do movimento de forma considerável. Separo nossas bocas, empurrando meu tronco para trás e levando as minhas mãos até o teto alto do carro. É óbvio que se alguém nos pegasse nesse exato momento diria que estamos transando como animais dentro do carro, mas não é bem assim, embora se assemelhe por conta de cada sensação que acabou despertando em nós.

Os vidros já estão completamente embaçados, minha respiração e de Christian estão altas e ruidosas, nossos gemidos se misturam e encontram sua própria harmonia. Começo a suar e antes que pense em parar, as mãos de Christian encontram outro destino: os meus seios. Ele se senta endireitado no

banco do seu carro e amassa as pontas enrijecidas dos meus seios em seus dedos, pousando a boca em meu pescoço e chupando a minha pele deliberadamente.

“É errado”, minha mente alerta.

“Mas você se sente completa”, meu coração espanca e nocauteia a razão dentro de mim.

— Christian, eu não sei se consigo segurar...

— Não tente segurar absolutamente nada depois de já ter começado isso, Ryle. Faça o que o seu coração mandar — retruca, subindo os beijos até o lóbulo da minha orelha e puxando-a entre os dentes. — Eu quero ver você fazer isso, babe — continua, sua voz tão grave que me causa uma série de arrepios e encoraja meu quadril desgovernado a continuar em seu ritmo maluco. — Eu quero ver você.

Depois disso, espremo os olhos involuntariamente e vejo muitas estrelas explodirem no preto daquele vácuo. Caio de costas no volante e acabo apertando a buzina incessantemente, mas aquilo não me faz acordar desse momento. Eu afundo, afundo, afundo... e me acalmo.

Acabei de ter o orgasmo mais forte que já senti sem qualquer tipo de penetração.

Christian passeia com as mãos pelas laterais do meu corpo até subir a saia do meu vestido. Ele passa um dos braços por minhas costas e me puxa de

volta, cessando com o barulho e indicando para que eu segure a barra da saia. Com a sua mão livre e apenas com a ponta do indicador, Christian toca minha barriga descoberta. Estamos nos fitando agora sem desvios. Ele me toca com o meu consentimento, porque ele sabe que no fundo dos meus olhos eu estou lhe dizendo que pode fazer isso.

— E eu pensava que você já havia chegado no ápice de sua beleza. — Navega com o dedo para baixo, chegando até o meu umbigo e arrodando aquele pequeno lugarzinho. — Quanto mais ficamos juntos, mais queremos nos conectar, Ryle. O que aconteceu aqui... o que está acontecendo... é a prova disso. — Ele dedilha o topo da minha virilha e minha respiração desregulada volta a ficar descompassada. — Falamos não para isso semanas atrás, mas hoje... hoje eu não pude dizer não para você — sussurra, fazendo uma trilha pequena até o ponto que pulsa em meio as minhas pernas. Sei que molhei sua calça, sei que estou parecendo uma tola, mas senti-lo ali com apenas um dedo que mal me toca, faz minha cabeça das voltas. Meu quadril balança furioso por conta dos espasmos e da tensão, acabando por esfregar meu clitóris protegido pela calcinha molhada sobre o dedo de Christian. — Inferno...

Meus olhos reviram e eu temo não aguentar mais nada disso. Solto o meu vestido e puxo a mão do loiro para cima, jogando os meus braços ao redor do seu pescoço e me escondendo ali.

— Isso foi errado? — pergunto baixo, querendo saber a opinião dele.

Apesar de tudo, meu coração continua prevalecendo.

— Se isso foi errado, babe, quero errar o dia todo — brinca, tirando uma fraca risada minha. Afasto o rosto e procuro os seus olhos, achando-os lindos e sinceros em minha direção. — Foi certo. Para mim foi certo. Nunca senti meu corpo tão vivo quanto agora, mesmo que eu ainda esteja duro como o inferno e cheio de tesão reprimido. Ver você gozando em mim foi a visão mais prazerosa que eu já tive. Foi puro...

— *Amor* — falamos juntos.

— Me desculpe por não poder te... uh... quero dizer...

— Shhh... — É a vez dele de sussurrar contra os meus lábios. — Tenho duas mãos em perfeito estado para me dar algum alívio.

— Não pense que te usei — peço e o observo revirar os olhos.

— Não viaja, Ryle. Não sinto que você me usou. Eu tive tanto prazer quanto você, então foi pura reciprocidade. Só pelo fato de ter me dado a visão privilegiada que me deu e a oportunidade de te tocar um pouco mais... porra, eu estou mais do que realizado nessa noite. — Aceno positivamente. — Vamos seguir sem mais preocupações? O que tiver que acontecer, vai acontecer, então podemos continuar com as nossas vidas sem colocar isso como um problema no meio de nós.

Ele parece ter lido os meus pensamentos.

— Tudo bem — concordo.

“Não sinta vergonha, não sinta vergonha, não sinta vergonha”, repito esse mantra mentalmente e abro a porta do carro, pulando para fora e esperando Christian fazer o mesmo. Eu o observo ajeitar a calça e nós acabamos por rir enquanto ele vai pegar as minhas duas malas e eu lidero o caminho para dentro de casa.

Entrar pela garagem é mais vantajoso do que pela porta da frente.

Ligo a luz por cada cômodo que passamos por pura mania. Subimos a escada, eu na frente de Christian, e vou até o quarto que sempre fico e que agora é oficialmente meu. Ele coloca as malas no chão e eu abro a porta, ligando a luz e me encostando na mesma.

— Eu vou tomar um banho e te encontro lá embaixo para decidirmos o que pedir para o jantar, entendido?

Assinto e deixo Christian me dar as costas e entrar no seu quarto, que é logo em frente ao meu. Puxo as minhas malas para dentro do meu aconchegante espaço e sorrio, suspirando em seguida. Eu preciso de um banho bem gelado para não fazer mais nenhuma loucura hoje. Tenho certeza que o que eu fiz já foi o suficiente para deixar Christian e eu muito... elétricos.

Encosto a minha bagagem perto da parede e sigo até o guarda-roupas que toma conta de quase uma parede inteira. Tiro meu pijama dali de dentro e

jogo em cima da minha cama, fechando a porta e me encarando no espelho. Meu vestido está completamente bagunçado, meu corpo está coberto por uma finíssima camada de suor e meu cabelo parece bem desgrenhado. Mas o sorriso nos meus lábios diz tudo: eu não me arrependo de absolutamente nada. Eu sei que como uma ladainha chata, a minha parte sensata sempre vai dizer que é errado, mas não é assim que eu me sinto e nunca foi assim, infelizmente, eu diria, porque se eu pudesse evitar todos os sentimentos que tenho por Christian, eu evitaria sem nenhuma dúvida.

Entro no banheiro do meu quarto ao mesmo passo que vou tirando o meu vestido e jogando no cesto de roupas sujas vazio. Ajusto a temperatura da água ao girar a torneira do chuveiro e deslizo minha calcinha por minhas pernas, escolhendo lavá-la na mão por um único motivo meio óbvio. Assim que termino de fazer isso e penduro a peça no suporte de toalha que no momento não tem toalha. Posiciono o meu corpo debaixo do jato de água e suspiro, relaxando aos poucos e deixando os meus pensamentos livres para passearem por onde quiserem, mas sempre acabo parando em Christian e eu.

O negócio é que crescemos colados um no outro. Por mais que nossos irmãos fossem chegando com o tempo, sempre fomos muito eu e ele. As gravações que vimos semanas atrás com nossa família é a prova concreta de como as coisas sempre foram entre nós dois. Não sabíamos definir, não sabíamos o que era, mas eu consigo perceber hoje que o que eu sempre senti

por Christian teve um... algo a mais. E talvez me internem num hospício por isso, mas simplesmente é assim e sempre foi assim.

Ao crescermos juntos, frequentarmos a mesma escola, ter o mesmo círculo de amigos, fomos confundidos tantas vezes como namorado e namorada que mal podemos contar nos dedos. É claro que era estranho antes, muito estranho, mas por mais que fosse estranho, eu não conseguia sentir aversão a essa ideia. Era apenas uma ideia, uma suposição simples, mas não me dava nojo, não como me daria se falassem isso sobre eu e Andrew, por exemplo. Não é tão simples assim. Eu não escolhi me apaixonar durante todos esses anos por Christian em ação por ação, palavra por palavra, gesto por gesto. Aconteceu. Amor é amor, eu sei que é, e o nosso relacionamento é baseado em amor. Nada que vem do coração pode ser explicado e por isso eu não consigo explicar o motivo pelo qual estou me permitindo viver essa situação de descoberta profunda com Christian.

Termino o meu banho após alguns minutos e pego uma toalha dentro da gaveta embutida no armário debaixo da pia. Me enrolo na mesma e saio do banheiro, terminando de enxugar o meu corpo e vestindo-me com o pijama que separei antes de entrar no banheiro. Seco o meu cabelo e penteio, pendurando a toalha num cabide e saindo do quarto em passos largos. Encaro a porta de Christian, mas resolvo que não vou perturbá-lo.

Desço os degraus e já no andar de baixo vou para sala de estar,

jogando-me no sofá e agarrando o controle remoto para ligar a televisão. Passo os canais freneticamente sem parar, procurando alguma coisa para assistir, mas falho miseravelmente. Desisto de procurar na televisão e vou para Netflix, colocando em alguns dos filmes de romance que adicionei à minha lista. Assisto cerca de dez minutos sozinha até Christian chegar se jogando ao meu lado no sofá. Ele está com o celular grudado ao seu ouvido, mas não tira o olhar de cima de mim.

— Nós vamos esperar vocês, Cameron. — Revira os olhos. — Não, porra, eu não vou comer toda a pizza que eu mesmo vou comprar. Eu vou desligar, porque senão você vai falar até chegar aqui... — Pausa. — Sim... Ok, cara, tchau.

Sorrio de lado, arqueando a sobrancelha para Christian.

— Eles estão vindo agora? — pergunto.

— Sim, parece que se organizaram antes mesmo de nós nos organizarmos. — Christian me puxa para perto e eu sento em cima de suas coxas. — Não vamos ter o resto da noite juntos e isso já me deixa mal-humorado — confessa, fitando os meus lábios como se estivesse hipnotizado.

— São nossos amigos, Chris. Você vai superar. — Esfrego suavemente o meu nariz sobre o dele, recuando por reflexo quando ele tenta encaixar os lábios sobre os meus. Gargalho, correndo os dedos pelo cabelo molhado de Christian, enquanto ele exhibe uma carranca. — Você melhorou?

— Melhorei? Você está me torturando e pergunta se eu melhorei? Qual o sentido, Diann?

Rolo os olhos e ele ri.

Provocador barato.

— Eu não consigo lidar com as suas ironias — informo, levemente irritada.

— Com professores como o meu pai e tio Simon, é óbvio que eu ficaria extremamente bom nisso.

E ele está certo.

— Por favor, absorva apenas a parte boa deles. Ainda que eu os ame, sei que o meu irmão e tio Simon têm um lado não muito agradável.

— Se eles te ouvissem nesse momento, ficariam loucos, principalmente o tio Simon. — Nós rimos, porque é a mais pura verdade. Assim que a nossa risada cessa, Christian volta a encarar os meus lábios. — É redundante dizer o que você já sabe, mas quanto mais ficamos perto, mais vontade eu tenho de nós fundir em um só. Porra, vai ser difícil ficar no meio das pessoas como se não fôssemos nada mais além de família. Claro que é perigoso, nossos irmãos vão estudar no mesmo lugar que nós e nossos familiares podem se desapontar profundamente conosco, mas não consigo ignorar a vontade de te ter perto e mostrar que nós temos alguma coisa...

— Mas não podemos — sussurro. Encosto a minha testa na de

Christian, desejando mais uma vez que as coisas fossem mais fáceis. — O momento certo vai chegar, Chris, e o momento sem dúvidas não é agora. Nossa família está uma bagunça por causa de Romeo e nós não queremos lhes dar um problema maior ainda. Querendo ou não, somos um... problema.

Christian fica calado por alguns segundos, que logo se transformam em minutos. Ele sabe que eu estou certa. Somos um problema, por mais que não seja bom admitir tal coisa.

— Sim, babe. Um problema.

— Mas todo problema tem solução e conosco não vai ser diferente, eu acredito que não. Vamos acalmar os ânimos e levar um dia de cada vez, controlados e sempre ponderando entre o que é bom ou não para nós dois. E... eu acho que seria bom se retrocedêssemos um pouco levando em consideração o que aconteceu hoje. Sei que grande parte do que aconteceu, a maior delas, foi por minha culpa, então sinto muito por isso. A gente vai conseguir se controlar, Christian, e não vamos arrumar nenhum problema, nem nos precipitarmos.

— Eu concordo. Não vamos nos precipitar, por mais que o que tenha acontecido tenha sido bom não apenas para você, mas para mim também. Eu tenho a minha parcela de culpa, então não tente excluí-la. É difícil conter, mas vamos conseguir. Só espero não surtar um dia desses por conta dessa situação — brinca, rindo e me fazendo rir. — Como eu devo reagir ao ver

caras na UCLA dando em cima de você? Como eu devo reagir ao ver Hudson comer você com os olhos, Ryle? — Eu posso sentir que ele está sendo sincero em seus questionamentos, por mais engraçados que eles soem.

— Como sempre, Christian. Você não pode mudar em frente aos outros, essa é a regra. Eu sei que você fica emburrado, carrancudo, isso não é de hoje. Entretanto, tente controlar os seus comentários sarcásticos, pois não queremos que você solte nenhuma informação em uma hora que não esteja realmente bem.

— Tentar eu posso, mas conseguir já é outra história. O mesmo vale para você em relação a Lilly. Você sabe como ela consegue me achar até mesmo no inferno, então se algo acontecer, é só manter a calma porque você *também* sabe que eu não gosto dela.

Suspiro.

Eu morro de ciúmes de Christian com Lilly, mas eu vou ter que guardá-lo no lugar mais profundo dentro de mim. Nosso histórico de ciúmes é longo e já tivemos algumas discussões por isso, mas sempre acabamos bem. Não que seja algo doentio, mas chega um momento que temos medo de nos perder, de nos afastar, e esse é o tipo de coisa que eu e Christian não aguentaríamos se acontecesse. Ele está na minha vida desde o início de tudo, de todas as minhas memórias, e eu acho que não tem um dia que passamos sem nos falarmos, mesmo quando estávamos emburrados um com o outro.

— Você acha que nós vamos conseguir sobreviver a tudo isso?

Minha pergunta é tanto para ele, quanto para mim.

Essa é a dúvida que me mata aos poucos.

— Eu não posso dizer o dia de amanhã, mas sei que enquanto nós estivermos juntos, enquanto eu acreditar em nós dois, Ryle, vou lutar para que sobrevivamos. Para que o nosso amor sobreviva.

Aceno positivamente, piscando como uma boba.

— Eu também — sussurro.

Christian deposita um beijo rápido em meus lábios e pega o celular.

A campainha toca e nós gememos baixinho, porque agora é a hora em que nos separamos e agimos como se nada estivesse acontecendo por debaixo dos panos.

— Vou para cozinha pedir a pizza e você fica aqui com o pessoal — avisa, levantando-se e me ajudando a levantar.

Christian começa a se afastar e eu, como uma adolescente tosca, corro atrás dele e o puxo para um último beijo. Seus lábios sorriem sobre os meus e ele me beija de volta com tanta vontade que tem que me empurrar contra a parede mais próxima. Nós rimos juntos, porque o beijo é extremamente rápido, mas tão delicioso quanto.

— Vou sentir falta desses lábios — sussurro no instante em que paramos.

Nós respiramos profundamente e continuamos sorrindo.

Cameron está quase quebrando o interruptor da campainha.

— Já estamos indo, porra! — Christian exclama e os meus ouvidos reclamam. — Eu vou para cozinha, como disse, e você fica aqui. — Ele se afasta, mas fica me encarando.

Abano o meu rosto e controlo as respirações no caminho até a porta, parando em frente a um espelho que tem ali perto. Por estar mais corada das semanas de sol que tomei em Long Beach, minha boca não fica tão vermelha quanto ficaria se eu estivesse pálida, essa é a minha sorte. Felizmente parece natural e eu agradeço por isso, porque abro a porta com sangue nos olhos apenas para achar os meus melhores amigos do outro lado com suas mochilas.

Meu coração amolece e eu pulo em cima dele, principalmente de Cameron que pode me aguentar mais do que as garotas, e despejo beijos por onde encontro lugar.

— Deus, como vocês demoram! — Cam reclama.

— Não entramos pela porta, então estávamos procurando as chaves, seu chato! — atiro, deixando-o passar.

Beijo Lex, Ash e Gracie, demorando um pouquinho mais em Lex, porque a garota parece melhorar a cada dia que passa e a sua cabeça raspada é muito mais do que apenas sexy.

— Vocês estão cada vez mais bonitas e Lex... uau, se Ash bobear, eu...

Ashley me empurra e nós gargalhamos, enquanto deixo elas entrarem e se jogarem pelo sofá. Tranco a porta e corro para me jogar em cima de Gracie, a minha boneca preferida.

— Nem tente roubar a minha namorada, Ryle. Sei que você prefere *outras coisas*.

— Eu prefiro todas nós juntas assistindo filme de romance e comendo pizza até a barriga doer, é isso que eu prefiro — digo, completamente nostálgica. — Senti a falta de vocês, de verdade.

— Teremos bastante tempo para matar essa saudade — Lex diz, levantando-se. — Vocês três, claro, porque eu não aguento filmes de romance, e eu e os meus garotos. Inclusive, onde eles estão?

— Cozinha — aviso.

— Exato. Eu e eles, nossa cerveja e jogos de basquete. Cada um no seu quadrado e todos felizes.

— Jones, você sabe que vai assistir com a gente — Ashley avisa e Lexington sai fazendo uma careta. — Ela vai assistir — diz para Gracie e eu como se fosse um segredo e nós duas rimos.

A noite vai ser longa.

Muito longa.

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Aos dezesseis anos...

Os dias em Los Angeles sempre são ensolarados e eu já estou acostumado a suar como um porco. Ao menos eu sou um porco loiro e atraente, é claro. Abaixo a janela do carro, sorrindo sozinho, enquanto batuco os dedos no volante e acelero como se fosse a primeira vez que faço isso. Bom, não é a minha primeira vez dirigindo, mas é a minha primeira vez dirigindo *sozinho*. Recebi a minha carteira de motorista há uma semana e hoje o meu pai me presenteou com um carro. É claro que a mamãe chorou, porque ela não queria que eu dirigisse tão jovem. Eu tentei tranquiliza-la, mas não consegui, é claro. O papai a levou para dentro de casa e sabe-se lá o que vai fazer para colocá-la nos eixos e, acredite em mim, a partir de uma certa idade todos temos que preferir não pensar nos nossos pais tentando tranquilizar um ao outro de jeito nenhum porque imagens embaraçosas surgem antes mesmo que nós possamos *pensar em não pensar* nelas.

Eu estou animado. Muito mais do que animado, mas essa palavra serve de qualquer jeito. No momento eu estou dirigindo para a primeira pessoa que tem que ver o meu novo presente: Ryle. Além de minha família, ela é a minha melhor amiga no mundo inteiro e eu juro que não saberia o que fazer da vida se não fosse por Ryle. Parece brincadeira ou exagero, mas eu não estou exagerando, porque se tem uma coisa que eu odeio, é o exagero. Titia, assim como eu e meu irmãos gostamos de usar para provocá-la, é irmã do meu pai, mas eu nunca consegui vê-la dessa forma por muitos motivos. Quando precisa de alguém para estar lá para ela, eu sou a primeira pessoa a quem ela recorre e vice-versa. Por mais que tenha esse “título” no meio, não sinto Ryle como nada além da minha melhor amiga. E é por isso que eu estou indo até ela nesse momento, porque preciso mostrar o que eu ganhei e convidá-la para um passeio.

Estaciono na frente da casa da minha avó e desço do Jeep preto brilhante.

Jesus, ele é lindo.

Eu pareço um idiota olhando para um carro dessa forma, mas é assim que eu me sinto, infelizmente.

Aperto a campainha duas vezes seguidas, até que Sculler abre a porta. Outro fato sobre minha relação com o restante, é que por mais que Sculler seja casado com a minha avó, não consigo chamá-lo e muito menos pensar

nele como meu avô. Não conte para ninguém, mas eu acho um pouco bizarro. Claro, não bizarro o fato dele e da minha avó estarem casados, mas a diferença de idade é algo que mexe com a minha cabeça de um jeito um tanto absurdo. Mas, é claro, o amor sempre ganha, e eu sei que os dois se amam bastante, caso contrário Ryle e Ben não estariam hoje onde estão. E, porra, agradeço demais por eles estarem juntos há tanto tempo, porque eu tenho a minha Ryle comigo e essa é a melhor coisa do mundo.

— E aí, Sculler — digo, passando por ele depois de apertar a sua mão. Olho para os lados procurando por Ryle e acho a mesma deitada no sofá com os olhos vermelhos e inchados. Sinto meu estômago comprimir com a imagem e me aproximo em passos largos. — O que houve?

— Foi um garoto — Sculler responde pela filha, seus dentes trincando assim como os meus trincariam.

Meu pescoço queima ao sentar na ponta do sofá e levar a mão até o cabelo de Ryle. Ela fecha os olhos e lágrimas voltam a escorrer pelos mesmos, deixando-me agoniado.

Que garoto fodido fez isso com a minha menina?

Eu vou...

— Chris... — sussurra com um sopro de voz e me faz esquecer de tudo.

— Inferno, babe, quem fez isso com você? O que aconteceu? — Soa como um grunhido, eu sei, mas eu estou fazendo o meu melhor para me

manter controlado.

— Foi... foi aquele... Jonah, o que anda com... com Hudson... — conta entre um soluço e outro.

Jonah.

Jonah e Hudson. Dois imbecis que eu não gosto e nunca vou gostar.

Jogadores de futebol americano da escola e penetras de festas de famosos. Os poucos treinos de futebol americano que participei antes de decidir que aquela bola estúpida não era a minha praia, foram irritantes. Eles constantemente me perguntavam sobre Ryle e eu respondia simplesmente para eles caírem fora, porque ela não era do nível deles. Bom, não é julgando-a, mas eu avisei diversas vezes para ela não entrar na de nenhum dos dois. Eu sei como eles falam das mulheres e eu sei como certamente já devem ter falado de Ryle, e isso me deixa louco ao pensar que ela saiu com um deles dois.

— Não precisa... falar... “eu te... avisei”...

Era exatamente isso que eu ia falar.

— Mas eu o fiz. — Ela revira os olhos e a minha avó chega com uma xícara de chá. Ryle se senta e toma a xícara para si, enquanto aproveito para abraçar Cassie e receber um beijo na bochecha dela. — Posso falar sozinho com ela? — pergunto, virando-me para os dois que iam se sentar em suas poltronas.

— Claro — minha avó é a primeira a responder.

Sculler me encara por alguns segundos antes de assentir e deixar a sala com sua mulher.

Observo Ryle tomar o chá como se a sua vida dependesse disso. Seu rosto está totalmente avermelhado por conta do seu choro de sei lá quantas horas. Relaxo contra o encosto do sofá e passo o meu braço esquerdo por seus ombros, puxando-a para perto de mim. Escuto o seu fungado e logo ela volta a tremer e chorar. Eu tenho que segurar o riso e me manter sério, preocupado com ela, mas eu tenho esse problema em querer rir nos piores momentos.

Meu corpo treme com o de Ryle e ela levanta o olhar para o meu rosto, onde estou mordendo o lábio e me esforçando o máximo que consigo parar continuar neutro.

É impossível.

— Para de rir, Christian! — exclama, fazendo o meu sorriso crescer consideravelmente. — Você é um idiota — cospe, deixando a xícara na mesa de centro, enquanto a puxo de volta para mim.

— Eu sinto muito, babe. — Passo uma mão por meu rosto, me controlando aos poucos. — Vai me contar o que aconteceu?

Pelo menos ela parou de chorar.

— Ele estava com outra garota, Christian. Hudson mandou-me fotos de

Jonah com outra garota... e tudo isso porque... porque eu não quis t...

— T...?

Ah não, Ryle.

— *Transar*.

— Você cogitou essa ideia? — questiono, tentando não demonstrar a minha súbita insatisfação.

— Não! Mas eu estava começando a gostar um pouco dele...

Eu respiro, aliviado.

— Por que diabos estava chorando como se o mundo tivesse acabado?

Ela suspira e se vira um pouco mais para mim, colocando as mãos em meu peitoral e alisando por cima da camisa. Ryle mexe e remexe no tecido, parecendo tomar o tempo para pensar no que vai me dizer.

— A garota é tão bonita... e eu... eu sou apenas a Ryle...

Franzo o cenho imediatamente.

— Você não é apenas a Ryle — rebato.

— E eu sou o que, Christian? — Revira os olhos, chateada.

Levo uma mão até o seu rosto, esfregando sua bochecha direita com o meu dedão. Ela espera por minha resposta, completamente desapontada com o que eu disse sobre si mesma.

— Você é a *minha* Ryle e isso não é qualquer coisa. Você é a Ryle do Christian, porra, onde já se viu rebaixar um título desses? — O seu sorriso

começa a aparecer aos poucos, juntamente com o meu. — Se ele ficou com outra garota só porque você não estava preparada para pensar em ir além, azar o dele, babe. De qualquer forma, acho que tem que curtir esse momento da sua vida da forma certa e transar com qualquer um não é o jeito certo de fazer isso. Você só tem quinze anos e me deixa feliz por não ter cogitado a ideia de levar as coisas para outro patamar. A gente sabe que as coisas na sociedade de hoje são resumidas em sexo, principalmente os relacionamentos. Você é muito mais do que isso, Ryles. Você é inteligente, você é bonita, você é doce, animada, sorridente... Você brilha, babe, você é uma luz linda, a luz que ilumina todos os meus dias, então não fique triste por não ter iluminado a vida de alguém tão estúpido quanto Jonah. Não fique triste por ele não ter visto o que eu vejo em você, o que eu sempre vi em você. Você é especial demais para qualquer um, Ryle, e acredite quando digo que é a menina mais bonita que eu já vi a vida inteira. Nenhuma outra tem a sua beleza, nenhuma outra tem esses olhos azuis brilhantes. *Nenhuma outra é você.*

Ela morde o lábio inferior e eu acompanho esse movimento involuntariamente, o que serve para me fazer engolir a seco.

Pigarreio e seguro o seu rosto em minhas mãos.

— Não se diminua outra vez, estamos combinados? Você é única, você é especial, você é a minha Ryle e não há ninguém no mundo que me deixe

feliz como você o faz. Quem está perdendo é Jonah, e eu agradeço por isso, porque me dá calafrios a ideia de ter que dividir você com outra pessoa... — Sorrio depois de falar o que preciso falar, mas é verdade.

Me dá calafrios a imagem de Ryle com outra pessoa. Me dá calafrios saber que ela provavelmente trocou saliva com Jonah, imagine outras coisas.

Porra, não.

Ryle sorri e eu volto a relaxar.

— Obrigada, Christian. Você é o melhor.

— Diga algo que eu não sei — brinco.

— Eu amo você — replica e eu reviro os olhos.

— Você acha que eu não sei disso?

— Eu amo você mais do que eu consigo explicar e você é a minha pessoa favorita no mundo inteiro. *Você é o Chris da Ryles.*

Ela sabe como segurar o meu coração na mão, e se Ryle a fechasse, ela o esmagaria.

Deposito um beijo demorado na bochecha dela e encosto nossas testas, fitando os seus olhos azuis com dificuldade.

— Você quer sair comigo? — pergunto.

— Para onde vamos? — retruca, deixando-me sentir o seu hálito doce por conta do chá agri-doce que Cassie a fez beber.

— Vou te mostrar um lugar novo — afirmo. — Quero que conheça o

meu carro e seja a minha primeira passageira...

Ryle afasta os nossos rostos e o seu semblante agora é animado.

— Você já recebeu...?

— Sim e o meu pai me presenteou com um Jeep incrível. Vamos, babe, eu quero te levar para sair.

— Tudo bem, eu preciso tomar um banho e me vestir apropriadamente. Pode esperar um pouquinho? Prometo que vou ser rápida.

— Pode demorar o quanto for preciso, vou falar com seus pais enquanto isso — afirmo e concorda, sorridente.

Ryle beija minha bochecha e se levanta em um pulo.

Sorrio ao vê-la em seu pijama de ursinhos, mas ela não escuta, e se escutasse não ligaria. Ela sai correndo pela casa e sou capaz de escutá-la subir os degraus da escada em seu caminho até o seu quarto.

Cassie e Sculler entram na sala outra vez, minha avó sorri para mim e Sculler continua observador. Endireito-me no sofá e pego o chá de Ryle para tomar um pouco enquanto os dois se acomodam.

— Só você para conseguir fazê-la parar de chorar e se levantar desse sofá — minha avó diz, sorrindo calmamente.

— Como sempre — Sculler completa.

Dou de ombros, engolindo o chá agri-doce que eu não reconheço o sabor.

— Eu posso levá-la para sair? Já estou de carro e queria que Ryle fosse a primeira a dar uma volta comigo.

— Claro que pode, querido. Fico feliz que tenha conseguido a carta... posso imaginar como Pearl deve estar nesse momento. Quando Seth conseguiu a dele não consegui dormir bem por semanas, ainda mais por saber que ele estava sempre com Sculler...

Eles dois se encaram e Sculler finalmente sorri.

— Cuidado na estrada, Christian, você está com a minha filha. Espero que seja melhor do que Seth, senão vocês não sairão mais.

Sorrio, revirando os olhos.

— Não falem assim do meu pai, ele é bom atrás do volante.

— Depois de alguns anos fazendo merda as pessoas aprendem algo chamado: prudência no trânsito — Sculler provoca. — Ele até mesmo sofreu um acidente certa vez e deixou a sua mãe a beira de um ataque cardíaco. Coitada, tão nova, Christian... Seth quase matou a Girassol do coração por muitas vezes, você não faz ideia.

Não seguro a gargalhada do drama que Sculler faz.

— Eu não vou me matar e muito menos matar a Ryle, fiquem tranquilos. Sou bom atrás do volante e o meu pai também é, ele deve ter aprendido a lição dele.

— Ah, ele aprendeu a lição dele em muitos aspectos, acredite... —

Sculler afirma, sorrindo de lado.

Acho que, pelo visto e ouvido, o ser divino acima de nós deve ter tido piedade do meu pai.

“Por favor, não fique tão perto de mim, estou tendo dificuldade para respirar.”

DISTANCE — CHRISTINA PERRI FEAT. JASON MRAZ

RYLE DIANN SIVAN

Por mais que a noite tenha sido de fato longa e torturante para Christian e eu, nós sobrevivemos. No meio da madrugada ele apareceu no meu quarto e se enrolou em meus braços debaixo do edredom. Nós dormimos como dois bebês e acordamos debaixo de água. Eu realmente quero dizer *água*. Cameron e Lexington jogaram baldes de água em cima de nós dois e eu posso jurar que naquele exato momento a minha alma deixou o meu corpo e eu fui parar no céu. Christian reagiu mais rápido do que eu, obviamente, e foi para cima dos dois, principalmente de Lex. Ele a jogou por cima do ombro e pela janela pude ver o exato momento em que ele a arremessou na piscina e, em seguida, foi empurrado por Cameron.

Depois de tomar banho, xingar mentalmente Cam e Lex, vesti o meu biquíni e um vestido branco soltinho. Chamei os dois perturbadores da paz e fiz com que eles limpassem toda a bagunça debaixo de ameaças e mais ameaças. Lex limpou o chão e Cam tirou a roupa de cama molhada e o

colchão, levando-o para pegar sol e secar.

No instante eu estou terminando de tomar o meu café-da-manhã que Gracie preparou. Ela é a pessoa mais calma do nosso grupo e é exatamente por isso que é a minha favorita, além de ser atenciosa e cuidadosa com todos nós. Gracie é como a mamãe do grupo e a que mais respeitamos em todos os quesitos.

Christian empurra o meu braço com o seu cotovelo, chamando a minha atenção. Ele está tomando o seu desjejum ao meu lado e também tomou banho ainda pouco depois de xingar em alto e bom som até a última geração dos nossos amigos. Enfim ele sorri para mim com os dentes sujos de chocolate, o mesmo que passou em suas torradas, e enfia o dedo no pote para esfregar chocolate em minha bochecha. Reviro os meus olhos, enquanto ele dá de ombros.

— Eu tiro! — Lex exclama, abraçando-me por trás e beijando a minha bochecha como se fosse a boca de Ash. — Você me desculpa?

Semicerro os olhos em sua direção e ela sorri.

Eu não aguento sorrisos de desculpas.

— Se repetir, eu mato você — afirmo.

— Eu não vou repetir. Prometo, linda.

Bufo e acabo sorrindo.

Como diabos Lex consegue ser tão charmosa?

— Então você está desculpada, Lexington.

— Lexington não, Ryle...

— Lex.

Ela ri e se afasta.

— Agora falta você, cara. — Bate nas costas de Cam, que me fita como um cachorrinho abandonado.

Arqueio a sobrancelha.

— Suja a bochecha dela de chocolate, Christian — Cam pede, levantando-se.

— Sai fora, cara — Christian atira de volta, pegando o pote de Nutella e fechando. — Beija a Gracie.

Seguro o riso, pegando o pote e jogo para Cameron.

Christian me encara atônito.

— Qual foi, Ryle? — pergunta e eu dou de ombros.

— Faz em Christian, Cameron. Então eu te desculpo.

Cam sorri e eu o faço ainda mais, enquanto Christian só me encara.

— Por que tem que sobrar para mim? — pergunta.

— Se você não quer que seja nela, tem que ser em alguém — Cameron afirma exatamente o que eu estou pensando. Abro o pote e enfio o meu dedo, passando um pouco do chocolate na bochecha de Christian. — Desculpa, meninas, mas eu sinceramente acho que esse é o melhor dia da minha vida!

— exclama com histeria e eu não faço nada além de gargalhar com Gracie, Ashley e Lex.

Próximo o suficiente de Christian, Cameron sorri para o loiro, que revira os olhos, mas acaba rindo também. Eu sei que Chris está achando graça de tudo isso e está fazendo a pose de durão para implicar. Não sendo em mim, tudo bem para ele...

Cameron imita o que Lex fez comigo e em algum momento eu fecho os olhos e seguro a minha barriga, que começa a doer da crise de riso que tenho ao ver o rosto de Christian contorcido e vermelho como um tomate vermelho. No instante em que Cam se afasta, sorridente, Christian pega a toalha de prato e passa copiosamente em sua bochecha, que fica mais vermelha ainda, mesmo com uma leve barba por fazer cobrindo a maior parte.

— Eu odeio você, Cameron — diz, jogando a toalha em seu melhor amigo.

Eu vou parando de rir aos poucos e corro os dedos pelos cachos loiros de Chris. Ele me encara, com uma falsa carranca e eu beijo a sua bochecha rapidamente. Posso vê-lo fitar meus lábios, mas é mais rápido do que um piscar de olhos, então ninguém percebe.

— Bom trabalho, babe. Você foi um guerreiro.

Ele me dá um falso sorriso e revira os olhos.

— Eu odeio você também, Diann.

— Você nunca odiaria essa menina, Christian. Ela é absolutamente tudo para você, seu babaca — Lex afirma, atraindo o meu olhar para ela.

Rubor sobe pelo meu pescoço até chegar em minhas bochechas, queimando tudo.

— Não sou tudo para ele, mas sou uma boa parte — digo, convencida.

Tento descontraír as coisas antes que chegue em algum lugar estranho.

— Vamos sair? Eu quero arrumar a churrasqueira e começar os preparativos para essa tarde. — Christian se levanta, fugindo para longe de mim e eu tenho que reprimir o meu sorriso. — Vocês querem ajudar? — pergunta.

Lex é a única que se dispõe, mas tenho certeza de que Ashley em breve vai atrás da namorada.

Termino de tomar o meu café e continuo conversando com Gracie sobre o nosso novo semestre na Universidade. Ela perguntou muito sobre como está a nossa família e eu lhe relatei um pouco do que ocorreu durante as férias, principalmente com Romeo. Gracie ficou tão triste quanto eu estou, afinal, meus amigos e de Christian são de casa e conhecem todos, sem exceção de uma pessoa, da nossa família. Eu lavei a louça suja e nós começamos a preparar, no nosso tempo, o resto do acompanhamento para o almoço.

Fato engraçado: quando viajamos em família para o Brasil, visitamos a

casa de muitos famosos por lá, que fizeram questão de nos convidar para dezenas de eventos e festas por conta de nossos pais famosos. Em uma dessas festas, fomos apresentados a uma das maravilhas brasileiras: o churrasco. Acredite, o que fazemos nos Estados Unidos nem se compara ao que é feito no Brasil e, depois de termos revirado os olhos de puro prazer, nossos pais se certificaram em aprender um pouquinho e tomar notas para trazermos um pouco do Brasil para casa. Por esse motivo que Christian sempre faz o churrasco mais brasileiro do que americano quando estamos em confraternizações pequenas como essa. Todos amam em nosso círculo de amizades, então não há nenhuma briga por aqui quanto a isso.

Os minutos se passam, a música começa a preencher o local — a mesma que Ashley colocou na caixa de som — e aos poucos vamos nos soltando. Cameron e Christian entram duas vezes para pegar cerveja no congelador e Lex busca as carnes. Em algum momento, Gracie, Ash e eu tiramos nossa roupa porque o calor está absurdo. Por já estarmos de biquíni, não foi nenhum problema, então só nos deixamos mais confortáveis.

— Eu vou falar com Cameron — Gracie afirma, quando tudo já está no fogo e eu estou mexendo e vigiando para não queimar, principalmente o arroz que já está quase no ponto.

— E eu vou falar com Lex — Ashley completa.

— E eu vou ficar aqui — brinco, fazendo-as gargalharem e me

abraçarem rapidamente antes de saírem pela porta da cozinha, que leva para o fundo da casa.

Passeio pelo local, provando de tudo um pouco e suspiro, porque está gostoso pra caramba. Se tem uma coisa que eu aprendi, foi a cozinhar. Sempre fiquei metida na cozinha da minha mãe para aprender tudo que ela poderia me ensinar. Pearl e tia Spencer também me ensinaram muito. Até mesmo o papai e o tio Simon sabem cozinhar. O único que não se dá bem é Seth, que quanto mais longe puder ficar da cozinha, melhor, porque ele evita bastante acidentes domésticos dessa forma.

Abro a porta da geladeira, mas ela é fechada em seguida pelo loiro que persegue os meus pensamentos. Seu braço esquerdo salpicado de cabelos curtos e claros está estendido na mesma altura dos meus olhos. Viro-me para ele sem dificuldade e nós nos encaramos sem mais delongas. O olhar de Christian me passa segurança e ele parece muito quente, mas quando aproxima o rosto do meu, sinto adrenalina batucar em meu corpo inteiro.

As suas mãos pousam de cada lado da minha cintura e eu deixo o meu olhar descer por seu peitoral descoberto. Sua respiração quente bate em meu cabelo e eu não consigo reprimir a vontade de colar a minha boca na sua. Christian corre a língua por meus lábios, fazendo-me sorrir, mas então me lembro onde estamos e com quem estamos, o que me faz empurrá-lo gentilmente para longe.

— Desculpa, mas você está muito...

Suas palavras se perdem quando ele se encosta no balcão e pega a sua cerveja, levando-a até os lábios.

— Muito...?

— *Você-sabe-o-quê.*

— Linda? — pergunto e ele sorri de lado.

— *Gostosa.*

Prendo a respiração, encostando-me na porta da geladeira e permanecendo imóvel.

— Isso é diferente — afirmo.

— Ainda bem que sabe disso, Ryle — rebate.

Vindo de não sei onde, tio Simon, tia Spencer, as crianças e Kurt entram barulhentos na cozinha, seguidos de Cameron. Eu abro o maior sorriso que consigo e vou cumprimentá-los, parando um tempo maior em meu cachorro e de Christian, pois o deixamos lá somente porque as crianças queriam brincar um pouquinho mais com ele, porém Andrew e Ben o trariam de volta quando viessem na segunda.

— O que vieram fazer aqui? — pergunto, voltando a abraçar tia Spencer.

Incrível que quanto mais o tempo passa, mais bonita ela vai ficando.

— Viemos trazer essa peste que vocês chamam de cachorro, porque os

pequenos furacões que eu chamo de filhos simplesmente não param de correr pela casa e gritar com Kurt — tio Simon diz, como sempre irônico e um tanto exagerado.

— Isso é para você aprender e sofrer um pouco do que Seth e Sculler sofreram quando você deu cachorros para Christian e Ryle.

Sorrio, porque me lembro vagamente desses acontecimentos, mas a maioria está gravado e guardado nos arquivos da família, então a qualquer momento posso resgatar memórias que foram apagadas da minha cabeça.

— Eu gosto dos cachorros... — tio Simon resmunga, contraditório. — São as crianças que não param por um só segundo e eu só queria f...

— Simon! — sua mulher exclama e eu solto a minha gargalhada, juntamente com Christian.

— Eu nem terminei, Spencer. — Bufa, revirando os olhos e se aproximando do balcão, enquanto as crianças saem correndo para o quintal. — *Foder*. Pronto, agora eu posso falar.

— Infelizmente nem o tempo deu um jeito nele — tia Spencer reclama, ao passo que vai até o fogão. — Tem comida o suficiente? Vamos ficar para o almoço...

— Tem o suficiente e ainda sobra — digo, porque sempre é assim.

A mesa sempre foi farta na nossa família, então sempre que eu cozinho, é para sobrar. Quando isso acontece, encho os potes de comida e deixo

guardados na geladeira. Devo admitir, da mesma forma que amo comida feita na hora, amo comida requintada, pois tem dias que eu simplesmente não quero ter o trabalho de cozinhar, então ela já está ali, pronta para ser esquentada.

— Ótimo, menina Ryle. Você realmente aprendeu bem — tio Simon provoca, enquanto Christian lhe passa uma garrafa de água. — Eu quero conversar com você antes de ir embora. — Aponta para Chris, que franze o cenho, mas acena imediatamente.

Minha curiosidade é atizada, mas eu não vou me meter no assunto dos dois. Pelo menos não agora.

Noah, toda molhada, irrompe pela porta da cozinha, puxando um Kurt tão molhado quanto ela e logo atrás os gêmeos aparecem. Eles todos estão encharcados.

— Papai, Noah pulou na piscina com Kurt — Alex acusa e eu seguro a risada.

— E a gente falou para ela não pular e nem puxar o cachorro — Peter reforça.

— Jesus, menina, como você puxou esse cachorro para piscina? — tio Simon vai até os filhos, empurrando-os para fora e puxando Noah para cima, fazendo-a soltar Kurt, que correu para as minhas pernas.

Tia Spencer sai atrás deles e eu fico outra vez sozinha com Christian.

Desligo o fogo de todas as panelas, presumindo que tudo já está bom e encaro o loiro. Ele deixa a sua cerveja na bancada e se aproxima de nós.

— Você seca ele um pouquinho? — pergunto e ele acena positivamente.

— O que acha que o tio Simon quer conversar? Será que é sobre nós...?

Christian puxa Kurt para os seus braços e sustenta o nosso olhar.

— Eu não sei, mas pode ser qualquer coisa.

— Te conto quando souber. — Ele beija o topo da minha cabeça e se afasta.



O nosso almoço foi barulhento, muito barulhento. Christian, Cameron, Lex, os gêmeos e o tio Simon conversaram por minutos longos sobre basquete, futebol e surfe. Eu, Gracie, Ash, Noah e tia Spencer conversamos sobre qualquer assunto aleatório que vinha a nossa mente. Devo dizer que foi um bom momento em família e, na hora da sobremesa, que foi sorvete, nós já estávamos praticamente rolando na grama de tão cheios. Bom, eu falo isso por mim, pois fazia bastante tempo que eu não comia dessa forma.

Depois de tudo, recolhemos a louça e lavamos, enquanto os homens secaram entre uma reclamação ou outra, menos Chris, que fez tudo sem reclamar — como sempre. Ele já está acostumado a dividir as funções

comigo e com a própria Pearl. Christian é extremamente prestativo.

No momento estou jogada no sofá com as crianças. Alex e Peter estão de cada lado meu e Noah está em cima de mim, enquanto mexo em seu cabelo tão loiro que brilha mais do que o próprio Sol. Nós estamos assistindo um filme qualquer de animação da Disney, que eu deveria estar prestando atenção, mas não consigo, pois desde que tio Simon e Christian subiram as escadas para o quarto do loiro, eu mal posso esperar pela volta deles.

— Eu sou a princesa — Noah exclama, animada, e todos rimos.

Nós continuamos prestando atenção no filme e meus amigos comentam com as crianças, principalmente Noah, que está eufórica com o filme que passa na televisão.

Os minutos vão correndo, até que...

— *Como puderam esconder isso dela?* — Escuto a voz alterada e completamente enfurecida de Christian.

Meus olhos correm para a tia Spencer.

— *Vocês não tinham direito algum, tio Simon!* — continua.

— Eu vou ir ver o que está acontecendo — anuncio, ficando de pé, mas sou impedida de continuar.

— Não, Ryle. Simon e Christian precisam conversar — tia Spencer diz, segurando-me firme pelo braço.

— Mas Christian não... ele não parece bem.

E eu estou preocupada.

Esse é o meu jeito: sempre estou preocupada com as pessoas que amo e sempre disponível para ajudá-las, independente da situação.

— Christian está bem, querida. Por favor, dê-lhes tempo para conversar — pede e eu suspiro, concordando.

O pessoal age como se nada tivesse acontecendo, mas percebo que todos estão tensos. Com o passar dos longos segundos, Noah e os gêmeos começam a brincar outra vez e logo meus amigos relaxam outra vez, mas eu me sinto incapaz de fazer o mesmo, e percebo que a tia Spencer está exatamente como eu. Nós nos fitamos de dois em dois minutos e cada vez que ela me olha, tenho a certeza que ela sabe de tudo que está acontecendo.

Mas então, esconder o quê e de quem?

No instante em que tio Simon aparece, eu fico de pé. Ele não tem mais o ar brincalhão de sempre e está muito sério, quase irreconhecível. Christian vem logo atrás dele. Seus olhos encontram os meus por alguns segundos, mas ele me dá as costas e segue para a cozinha. Meu coração aperta no peito, porém eu permaneço em meu lugar e começo:

— O que aconteceu? — pergunto ao tio Simon e ele esfrega as têmporas, estressado.

— Deixe-o sozinho por um tempo, Ryle. Christian precisa pensar, tudo bem? Nós tivemos uma conversa sobre algo importante e ele precisa digerir

as informações que eu lhe passei.

— E eu posso saber do que se trata?

Tio Simon pondera, mas nega.

— Não — afirma, sem me dar nenhuma chance de fazer mais perguntas.

Outra vez eu assinto contragosto.

— Eu vou subir — informo e faço exatamente o que eu disse.

Sei para onde Christian vai quando está chateado e do meu quarto eu tenho a visão perfeita dele. Subo os degraus com pressa e entro no meu quarto, batendo a porta e indo até a sacada a tempo de ver o loiro andar em círculos no quintal gigante de sua casa. O semblante de Christian não é nada bom. Posso ver a irritação estampada no seu rosto, juntamente raiva e talvez inconformismo. Ele para e vai até a piscina, onde se senta na beirada e afunda os pés na água. Observo as suas costas, que estão completamente tensas e me sento na poltrona que fica na sacada, apoiando o meu rosto no parapeito e fitando-o pacientemente.

Christian passa os próximos vinte minutos daquela forma, praticamente imóvel. Ele balança às vezes os pés dentro da água e fica observando as ondulações que causa como se fosse a coisa mais interessante do mundo inteiro. Mudo de posição por cerca de quatro vezes, até que na última vez que eu me mexo, o loiro vira o rosto para trás e me acha. Seus olhos estão

avermelhados e eu percebo que ele estava chorando, mesmo que eu não tivesse desconfiado de absolutamente nada.

Merda, Christian...

Qual o problema?

— Vem aqui — peço sem som algum, esperando que ele leia os meus lábios.

— Agora não — retruca da mesma forma.

— O que está acontecendo?

Ele fecha os olhos por alguns segundos, puxando o ar com força.

— Babe, agora não.

Me dou por vencida.

— Tudo bem. Eu vou esperar por você.

Ele assente e volta para a sua posição inicial.

Levanto-me e saio da sacada, fechando a porta e me jogando em cima da cama. Minha curiosidade ainda vai me matar um dia desses, mas essa conversa de tio Simon e Christian não consegue deixar a minha mente por dois motivos.

Primeiro motivo: Christian está triste — e até chorando.

Segundo e último motivo: Eles não querem me contar o que está havendo.

É claro que eu não sou boba e, lembrando todas as palavras que

Christian gritou irritado, poderia achar que tem algo a ver comigo. Christian não chora por qualquer pessoa ou qualquer coisa. Mas, por outro lado, não sei como me encaixaria no meio de tudo isso. Ninguém teria absolutamente nada para me esconder, então eu vou continuar na minha, esperando que Christian queira compartilhar algo comigo e eu finalmente possa saber do que tudo isso se trata.

Rolo na cama e puxo a minha coberta para cima de mim, subitamente cansada e sonolenta depois de todo esse nervosismo. Sem perceber, acabo caindo no sono, mas não antes de ter a imagem de Christian com os olhos vermelhos e um pouco marejados, o que é suficiente para me deixar triste antes de adormecer totalmente.

“Respire fundo, baby, inspire. Intoxique-se e expire. Preste atenção aos meus detalhes. Com um vento que flui, é assim que nos sentimos.”

CONTINUUM — TANARÉLLE

RYLE DIANN SIVAN

Ergo o meu corpo cansado, sentando-me com dificuldade para desvencilhar-me dos braços fortes que me apertam para perto de si. É Christian, obviamente, e eu não preciso nem mesmo virar o rosto para o lado para me certificar. Sei exatamente que essa sensação de proteção, só Christian consegue me proporcionar. Estou acostumada com isso.

Bocejo preguiçosa, levando as minhas mãos até os meus olhos e coçando-os. Tento me despertar aos poucos, mal acreditando que realmente consegui dormir àquela hora. Eu nunca consigo dormir à tarde, não consigo desligar, então foi uma surpresa, ainda mais que, pelo que vejo, já é outro dia.

Esfrego as minhas mãos pelos braços desnudos de Christian, em um carinho que levo até os seus cachos brilhantes. O sol que entra pela varanda do meu quarto arde em nossas peles e eu sei que isso logo fará com que o loiro acorde, resmungando como sempre por ter o seu sono atrapalhado. Não lembro de como ele veio parar aqui, porque obviamente já estava dormindo,

mas eu me sinto mais aliviada em saber que ele veio até mim depois do momento estranho que teve com o tio Simon.

Só esse pensamento deixa a minha mente em alerta mais uma vez.

Sua conversa com o tio Simon não foi algo “normal”. Minha curiosidade foi atiçada em um nível máximo, principalmente pela reação de Christian. Eu tenho o sentimento de que o que eles conversaram é algo que provavelmente vai me afetar, senão o tio Simon teria me contado, independente do que fosse. Minha barriga embrulha, porque sei que Christian também não cederá se eu lhe questionar algo. Então, resolvo respirar fundo e engolir as minhas considerações aos poucos.

Levanto-me e resolvo tomar um banho rápido, para logo voltar para a cama outra vez. E é exatamente isso que faço nos próximos minutos. Lavo o meu cabelo, o meu corpo inteiro com vontade e, antes de deixar o banheiro, escovo os meus dentes. Enrolo-me em meu roupão e me sinto mil vezes mais refrescada que antes, porém, ainda muito sonolenta. Faço o meu caminho de volta para cama com a minha escova de cabelo nas mãos, enquanto penteio o meu cabelo e o seco com uma toalha de rosto.

Sento-me na cama e fico por alguns minutos só fazendo aquilo. Eu mal percebo quando Christian se mexe, só sei que ele está acordado, quando o mesmo me puxa bruscamente para si.

Seu corpo quente e forte me prende, me abraça, como se pedisse

silenciosamente para que eu não me afastasse nunca dele. E eu correspondo ainda mais intensamente, agarrando-me nos seus braços como se fossem a minha tábua de salvação e jogando a escova para algum canto do meu quarto.

Inspiro o seu cheiro doce, tão agradável, tão familiar. É como se ele fosse a minha casa em forma de gente.

— Dormir com você é a primeira e maior maravilha do mundo, do *meu* mundo — sussurra, esfregando os lábios na pele exposta e sensível do meu pescoço. Suspiro, afetada, sensível, reagindo imediatamente ao seu carinho. — Como eu gosto disso, babe, você não tem nenhuma ideia do que me faz sentir...

Sorrio, afastando-me contra minha vontade apenas o suficiente para os nossos olhares se encaixarem, famintos e profundos. Me sinto tão exposta para ele, mesmo coberta. Sempre senti isso, essa conexão absurda com Christian, mas ultimamente tem sido tão mais intenso, principalmente a partir do nosso primeiro beijo. Seus lábios quentes, molhados... Deus, como eu amo a sensação da sua boca sobre a minha.

O céu passa longe de onde Christian consegue me levar.

— Você...

Não consigo completar.

Ele cola a sua boca na minha e eu estou tão extasiada que não consigo pensar em mais absolutamente nada. A sua língua empurra entre os meus

lábios e eu o deixo ter acesso completo a minha boca. Christian parece se importar menos ainda com todo o resto ao nosso redor. Nossas línguas dançam, tranquilas e frenéticas, ao mesmo tempo. Seu hálito é refrescante e de menta, o que me faz ter certeza de que ele já estava acordado e aproveitou que eu fui banhar para escovar os dentes no seu quarto e voltar para o meu.

Empurro tudo para fora da minha cabeça, porque eu quero aproveitar cada segundo antes de sairmos daqui para a vida real. Seu beijo sempre vai ser assim: de tirar todo o meu fôlego.

Não demoramos dessa forma, porque o loiro troca de lugar comigo. Ele é tão rápido que me faz rir ao descolar a sua boca da minha. Isso tudo só reforça o que eu constatei antes: não parece nem um pouco que ele acabou de acordar, com todo esse ânimo e vontade. Eu ainda estou meio sonolenta, pra lá e pra cá, mas a cada toque, desperto. As correntes de excitação são como ondas elétricas, perpassando por todo o meu corpo, como algo que não consigo evitar.

É apenas natural entre nós dois.

Eu sei que disse algo sobre devermos retroceder, voltar uns passos, irmos com calma, mas droga, que *calma* vai ser capaz de me *acalmar* com Christian me beijando desse jeito?

Não sou nem um pouco capaz de sobreviver longe das suas mãos.

— Sabe aquela calma? Foi embora para mim — ele sussurra,

inclinando o corpo sobre o meu e achando os meus lábios mais uma vez. Ele morde a carne molhada e suga, me fazendo gemer baixinho, já que não posso morder meu lábio para conter meus sons. — Minha conversa com o tio Simon ontem foi esclarecedora em tantos sentidos, eu queria poder e conseguir me abrir agora com você, ser sincero, mas não consigo, não posso, Ryles. — Sua voz grave reverbera em meu queixo enquanto ele desce os seus beijos, falando com a boca encostada na minha pele. Chris me faz fechar os olhos com força. Não me importo com as palavras, só com as sensações. — A única coisa que eu consigo sentir agora, nesse exato momento, é um desejo cru por você, algo que eu sempre tentei abafar, sempre tentei negar... mas, porra, Ryle, você sempre esteve impregnada em mim, na minha pele, e eu sempre gostei dessa sensação.

Engulo a seco.

O ponto entre as minhas pernas pulsa e não é um alerta de que estamos indo rápido demais, e sim um alerta de que Christian está me deixando completamente louca. Louca para senti-lo, louca para tocá-lo e ser tocada em cada pedaço do meu corpo por ele.

Culpa não me atinge.

Ele não deixa.

Seus beijos me fazem esquecer, o seu corpo quente e pesado sobre o meu faz com que tudo fuja da minha memória, exceto *ele*.

— Chris... — sussurro, chamando por ele.

Ele sobe para mim, encarando-me ali de perto.

Mergulho nos seus olhos e me sinto tão segura...

— Babe? — retruca.

— Me ajude, por favor...

Ele entende.

Entende o que eu quero e o que eu preciso no momento.

Seu sorriso se espalha pelos seus lábios avermelhados por terem dado atenção a minha boca anteriormente. Esse sorriso é definitivamente a coisa mais sacana e cafajeste que eu já vi de Christian em toda a minha vida. Me sinto tão... quebrada. Quebrada no meio por aquilo, pelo seu sorriso, pelos seus movimentos, pela forma como ele vai se movendo sobre mim. Quebrada do melhor jeito que poderia um dia esperar.

Christian desamarra o meu roupão, abrindo-o tão vagarosamente que o meu estômago afunda, em antecipação, esperando para saber o que ele vai achar sobre mim, sobre o meu corpo. Quando ele me olha por inteira, sinto como se tivesse alcançado o ápice da minha beleza.

Seus olhos brilham.

Ele lambe os lábios, faminto.

Eu mesma estou faminta.

Tão necessitada dele.

Nunca fiquei tão necessitada de alguém como eu sempre fui por Christian, e agora isso duplicou, triplicou, quadruplicou.

Eu não faço ideia nenhuma de como explicar essa minha necessidade, desejo. Nunca fui desse jeito e, hoje, nesse exato momento, desconheço aquela Ryle.

Essa Ryle, a de agora, ela só quer sentir. Sentir tudo, em cada pedaço seu. O certo e o errado deram as mãos e foram passear bem longe, a única coisa que eu consigo focar é no seu olhar cru, faminto, animal, tomado de desejo, o mesmo que eu estou entorpecida.

Christian vai me dar o que eu quero.

Ele, debaixo do meu olhar de complacência, me toca.

Suas mãos são certeiras. O loiro sabe como fazer, sabe onde tocar primeiro e sabe qual caminho tomar. Meu corpo treme e eu tenho que puxar uma respiração profunda para encher os meus pulmões.

— Mais linda do que eu pensei...

Sorrio de lado, soltando o ar pela boca.

Ele me faz tremer outra vez, mas agora é quando os seus lábios tomam o meu seio direito entre eles. Sua língua, que estou tão acostumada a ter em minha boca, agora está concentrada em fazer movimentos calmos demais ao redor da ponta endurecida, mostrando o quando estou excitada por ele. Christian não se acanha, ele lambe aquele pedaço meu com tanto apreço,

enquanto a umidade começa a se concentrar entre as minhas pernas.

Então ele morde.

Isso provoca o inferno inteiro dentro de mim.

Eu seguro em seus cachos, implorando por mais, mais duro e mais suave, tudo que ele possa me dar ao mesmo tempo, porque eu adoro todos os seus lados. Christian então chupa a ponta, um "pop" faz quando separa os seus lábios sem querer do meu seio direito.

Tenho que gemer. Sacudir. Implorar por mais.

E, merda, eu mentiria se dissesse que não o fiz.

Christian me observa, seus olhos tão escuros e atentos. Eu não pude evitar e gemi mais alto, descontrolada. Ele balança a cabeça negativamente, pegando meu lençol branco e deixando o edredom de lado, sorrindo tão indecente.

Como chegamos a esse ponto?

Eu disse que era para ser devagar?

"Foda-se o devagar", meu lado irracional grita e eu o escuto.

— Pode gemer, mas isso aqui tem que abafar seus gemidos gostosos. Por mais que eu queira ouvir cada um deles, não podemos deixar que ninguém escute. — Ele vem sobre mim e me dá um pedaço considerável e cheio, para morder e abafar os meus gemidos, e eu apenas aceno positivamente. Tudo bem por mim. — Posso continuar? Está tudo bem para

você? — questiona.

Eu concordo outra vez.

Christian continua, continua ferozmente, como se o nosso momento não tivesse sido interrompido.

Ele toma agora o meu seio esquerdo na sua boca, intumescido e levemente inchado, ansioso para sentir e aproveitar de sua atenção. Fica cada vez mais difícil de sobreviver a tudo aquilo. A forma como a sua língua se derrama sobre a minha pele, como ele saboreia o meu corpo, cada pequeno pedaço de mim, com a sua boca.

Minha buceta lateja.

Meu corpo inteiro queima.

E eu quero mais.

Aperto as minhas pernas juntas, tentando me aliviar enquanto Christian agora junta os meus seios pequenos em montes, lambendo e mordendo sem me dar sossego, e eu não quero sossego. Aquilo continua me enviando sobre a borda, empurrando-me para o meu clímax. Ele me ajuda exatamente como eu lhe pedi. Não sou capaz de segurar os meus gemidos e ainda bem que Christian teve a ideia de abafá-los, ou já teria acordado metade da casa.

— Jesus... — resmunga, sua boca colada na minha pele, enquanto sinto o seu olhar queimar em meu rosto.

O fito de volta e ele finalmente deixa os meus seios em paz, mas eu sei

que isso não vai durar muito.

Christian desliza para baixo e eu agarro os lençóis, ansiosa. Continuo pressionando as minhas pernas juntas, sei que estou molhada, mais do que eu gostaria de estar, mas não me envergonho. O loiro é atencioso, debaixo daquele seu olhar duro e cheio de lascívia. Essa era a parte dele que eu não conhecia, a parte que muitas se apaixonaram por provar, mas eu sei que é apenas minha, sei que ele é apenas **meu**.

Afastando as minhas pernas em uma câmera lenta desnecessária, ele lambe mais uma vez os lábios. Minha visão fica turva instantaneamente. Aquela situação logo ali na minha frente é algo que eu não consigo suportar de tanta excitação.

— Você é melhor do que tudo que eu imaginei e eu nunca vou me cansar de dizer isso.

A voz de Christian é rouca, despertando todos os meus nervos.

Estou ligada nele.

Meus olhos fecham, enquanto minha buceta pulsa, literalmente, molhada e pronta para sentir o seu toque ali. Não tenho condições nenhuma de fitá-lo nessa hora, então quando ele vem, me pega de surpresa. Primeiramente, Christian corre os dedos por minhas pernas, afastando-as e afastando-as e afastando-as, lento como sempre. Eu também reajo, com meus dedos enganchando, enrolando-se nos lençóis quando ele decide parar de

afastar as minhas pernas. Chris espalha os seus beijos molhados por ali, enquanto arquejo, ansiosa, pronta, desejosa...

Então ele vem.

Como eu disse que viria.

Como eu nem mesmo pude esperar vindo.

Faminto, da mesma forma que o seu olhar denunciava.

Eu consigo sentir absolutamente tudo.

Sua língua passeia na fenda demoradamente pela primeira vez, de baixo para cima, segura e confiante. Eu me quebro por inteira, mais uma vez, gemendo compulsivamente, choramingando como nunca aconteceu antes.

É mais prazer do que eu poderia chegar a imaginar que sentiria algum dia, do que eu cheguei a sentir sozinha. Me sinto viva e sinto absolutamente tudo nesse ponto. A minha intimidade molhada e escorregadia, lateja, implora por tudo de Christian, por toda a sua dedicação.

E ele continua não me decepcionando...

Eu o sinto e não me arrependo da minha decisão.

Vou além do céu.

E, quando Christian continua, eu prossigo quebrando-me em tantos pequenos pedaços que torna tudo definitivamente impossível de ser consertado.

Sua boca me provoca a cada movimento.

Com os dedos, ele espalha os lábios da minha buceta, me expondo para que possa me adorar como deseja. Estou completamente melada, tanto da minha excitação, quanto da sua saliva. Mas ele chupa, e — porra! — quando ele chupa de novo, eu levo a mão até a boca, como se fosse capaz de conter o grito que escapa.

Meu corpo inteiro treme.

Christian aproveita e desliza dois dedos para dentro de mim, não tão fundo, é claro, apenas superficialmente, enquanto continua chupando o meu clitóris com tanta vontade que me faz engasgar.

Ele se lambuza inteiro em mim e se alguém algum dia me disse que homens têm nojo de chupar uma buceta, Christian não se encaixa nessa categoria. Sua vontade me enfraquece, a forma como eu sinto que ele me quer, como a sua boca me mostra isso, é desconcertante. Mas eu aceito e isso me faz desejá-lo infinitamente mais.

Sua língua é muito mais experiente do que eu pensava.

Ledo engano, Ryle.

E então, seus dedos continuam entrando e saindo de dentro de mim, ritmicamente. Eu poderia morrer agora e estaria completa e feliz.

Como se estivesse lendo os meus pensamentos, ele me dá mais. Seus dedos, dentro de mim, voltam friccionando e arrastando nas minhas paredes internas. Ele vem para fora rápido, da mesma forma que volta para dentro,

começando a morder suavemente o meu clitóris.

Me arrepio dos pés à cabeça.

É demais para mim.

Despedaço-me por inteira.

Gozo, ainda sendo fodida por sua boca e por seus dedos, e ele não para. Christian prolonga o meu orgasmo, me fazendo contorcer na cama, me fazendo tentar fugir contra a minha vontade, mas ele não deixa.

Ele suga tudo de mim.

Tudo que pode, tudo que consegue.

— Christian? Ryle? — A voz de Lex nos puxa de volta para a realidade, principalmente a mim.

Abro os olhos, mole.

— Sim? — Christian pergunta, afastando a boca da minha intimidade e levando os dois dedos que estavam dentro de mim até os seus lábios.

— Os pais de Ryle chegaram aqui, estão lá embaixo esperando vocês. Ela ainda está dormindo?

Merda.

Merda.

Merda e mil vezes merda.

Inferno.

Os meus pais, logo agora.

Eu só não pulo da cama porque ainda estou hipnotizada nos movimentos do loiro entre as minhas pernas. Ele lambe os dedos, enquanto esfrega a sua outra mão em sua ereção. Agora é a vez da minha boca salivar e isso acontece, mas o lençol atrapalha um pouco. Me surpreendo por não ter sufocado de tesão durante o nosso momento.

— Sim. Vou acordá-la e vamos descer em poucos minutos — avisa e escutamos os passos de Lex se afastarem.

Christian tira o lençol da minha boca e me oferece a sua mão, a mesma que estava esfregando o seu pau duro, para me puxar para cima.

Eu respiro, tentando recuperar o fôlego.

Ele encosta a sua boca na minha e me beija.

Sinto-me inteira em sua boca, em seus lábios molhados, cheios de mim, do meu gosto, da minha excitação e desejo. Eu o beijo com tanta vontade e desejo que paro o beijo muitas vezes apenas para morder e chupar os seus lábios. Gosto do que sinto, por mais que a minha cabeça volte com o velho alerta de que tudo é errado.

Droga, longe disso...

É tão certo.

Para mim, é tão certo, que não importa mais nada além disso que estou sentindo.

— Sinto muito por não poder te ajudar agora. Já é a segunda vez —

sussurro assim que separo a minha boca da sua uma última vez.

Ele sorri, deslizando as mãos por meu corpo.

Estou de joelhos na cama, praticamente em cima de Christian, que está sentado e apenas me recebendo outra vez.

Seu toque áspero e seguro, firme, volta a me arrepiar. Quando ele me toca *lá* de novo, minha respiração engata.

— Continua molhada para mim e eu sinceramente estou muito tentado a te comer de novo. — Ele desliza os dedos, mostrando-me que, sim, eu continuo molhada para ele. Corro os dedos por seus cachos, puxando-os levemente. — Se fizer assim, vou ter que encontrar alguma desculpa, babe...

Eu ainda não consigo respirar direito, não com ele me estimulando sem parar. Seus dedos hábeis continuam deslizando ansiosos pelos meus lábios encharcados. Eu desejo ter a sua boca outra vez ali, mas sei que agora, especialmente agora, não podemos mais fazer isso.

— Temos que deixar para depois — sussurro, entre um suspiro pesado.

— Depois disso, não temos mais volta. É tudo meu, sabe disso, certo?

Entendo as suas palavras e não me envergonho em concordar com ele.

— Você também é todo meu — afirmo.

Christian sorri, esfregando uma última vez seus dedos em minha buceta e tirando-os de lá. Ele chupa, como se estivesse degustando, e em seguida solta um som animalesco quando para.

Estou perdida e isso é oficial.

Senhor...

Que tipo de homem é esse?!

Tenho medo de estar sonhando.

— Vai se limpar, babe. Se vista e vá ver os seus pais. Vou ao meu quarto, preciso de um tempo para dar um jeito em mim e logo vou me juntar a vocês.

Concordo com um breve aceno e Christian me beija, duro, rápido. Ele se afasta em seguida e espera que eu feche o meu roupão para destrancar a porta e sair. Estou de pernas bambas quando ele me deixa por completo.

Foi tudo tão errado e certo ao mesmo tempo que eu não consigo me decidir sobre o que sentir nesse exato momento. Tudo que sei é que Christian é a minha perdição, o meu ponto fraco, a pessoa que exerce domínio sobre mim apenas com um olhar, então imagine com os seus toques.

Sou sua.

Inteira e completamente.

Isso não é mais uma dúvida, eu tenho certeza.



Me sentindo pronta o suficiente, finalmente desci para encontrar com os meus pais. Eles, juntamente com Ben e Andrew, estavam na sala de estar

com os meus amigos a minha espera. Sorri para cada um, mas me apressei mesmo para abraçar minha mãe e o meu pai. Finalmente, saindo do abraço de cada um deles, abro a boca pra falar alguma coisa.

— Surpresa boa ter vocês aqui — digo, enquanto caminhamos juntos para a cozinha. O café já está posto na mesa, coisa que tenho certeza que foi obra de Gracie e Ash. — Nos vimos... hm... o quê? Antes de ontem, não foi?

A mamãe sorri, acanhada e concorda, enquanto nos sentamos à mesa.

— Os garotos resolveram vir um dia mais cedo e aproveitamos para fazer uma visita — meu pai diz, não parecendo tão leve quanto a minha mãe. — Simon disse que esteve aqui ontem com Spencer e as crianças para falar com vocês. O que ele queria?

Certo.

O que está acontecendo?

— Então, eles falaram umas coisas estranhas e...

Tento blefar, porque se os meus pais vieram atrás de saber disso, com a desculpa de “uma visita”, é porque tem mais coisa que eu não sei e certamente deveria saber.

Entretanto, Christian estraga tudo.

— Não era nada de tão importante, Sculler. Era assunto pessoal meu, algo que ele precisava me dizer, mas sabe como o tio Simon é exagerado e torna as coisas maiores do que de fato são, certo?

O loiro já está de banho tomado e eu não sei se fico com vergonha por tudo que aconteceu antes ou se quero matá-lo por estragar o que eu tinha em mente. Se todo mundo sabe, por que eu não posso saber? Aliás... era assunto pessoal de Christian?

— Por que não me contou, se é algo pessoal seu? — indago, arqueando a sobrancelha, ao passo que ele se senta na minha frente. — Pensei que não tivéssemos segredos um com o outro. — Cruzo os braços, agora ficando irritada.

— O que ele disse, afinal? — minha mãe pergunta, enquanto toda nossa atenção se concentra em Christian.

— Ele veio falar sobre a minha mãe.

Eu não consigo acreditar em nada que Christian diz.

— Fale a verdade — peço. — Você falou algo sobre esconder algo de alguém e que “eles” não tinham nenhum direito. Depois ele chorou, chorou e chorou. Quando veio falar comigo, disse que a conversa com o tio Simon foi esclarecedora. Onde isso se encaixa com a Pearl, Christian?

Ele me encara fixamente.

Eu não vou sentar aqui e ficar escutando mentiras.

— Pearl está doente — meu pai diz.

O quê?

— Como assim Pearl está doente? — pergunto, fitando-o. Eu tento

achar algum vacilo em sua postura, mas o meu pai me encara sério. — O que ela tem?

— Alguns exames dela de rotina foram para análise e Seth recebeu os resultados. Ninguém contou para ela até agora e nem metade da nossa família sabe. Tudo que aconteceu com Romeo piorou as coisas e Seth está apenas trabalhando em cima disso para tentar resolver e contar a Pearl. É isso que está sendo “escondido” e por tudo que aconteceu com Romeo, é melhor deixá-la saber só quando voltar de Londres.

Engulo a seco, sentindo-me mal por ter falado com Christian daquele jeito. Seguro a sua mão por cima da mesa, em um pedido silencioso de desculpas, mas ele puxa de volta, parecendo perturbado.

É por isso que ele chorou.

— Mas ela tem o direito de saber — sussurro, com a voz embargada.
— Quão sério é?

— São alguns cistos no ovário. Pode se tornar algo ruim, por isso logo ela saberá. Seth vai se encarregar de contar tudo a ela. Vai ficar tudo bem, filha. — Meu pai segura a minha mão e eu aperto de volta.

Sim, vai ficar tudo bem.

Viro-me para fitar Christian, que está com uma das expressões mais sérias que já vi olhando para o meu pai.

Posso imaginar como ele se sente.

— Vai ficar tudo bem, Christian — digo e ele desvia para me fitar.

Pisca repetidas vezes, parecendo acordar e pigarreia.

— Vai sim. Minha mãe vai ficar bem.

— Os meninos já sabem? — pergunto e todos negam.

— Melhor que não saibam ainda, deixe que a minha mãe conta a eles.

Concordo.

Tudo bem...

Christian se levanta, saindo pela porta lateral e provavelmente indo para o quintal. Eu fito os meus pais e peço licença, porque dessa vez eu não vou deixá-lo sozinho. Me parte o coração ver Christian entristecido e não poder fazer nada. Ele sempre tenta o seu melhor para me ajudar quando fico de modo parecido, é mais do que justo eu fazer o mesmo.

— Chris... — sussurro, abraçando-o por trás e descansando meu rosto em suas costas.

Eu consigo sentir a sua postura tensa, que me diz que ele não está nem um pouco bem com tudo isso.

— Não precisa se preocupar, Ryle. Fique lá dentro com os seus pais, só preciso de um tempo para voltar até lá — retruca, em um tom impessoal.

Solto-nos do abraço e fico na sua frente.

— *Babe...*

Ele abaixa o seu olhar até mim.

— É sério.

Suspiro.

— Sua mãe vai ficar bem, Chris. Por favor, não fique assim. Eu fico...

— Ryle. *É sério* — ele me corta.

Respiro fundo e saio.

Bom, se ele não quer a minha ajuda, eu não vou insistir, ou vamos acabar nos machucando em alguma discussão sem sentido e creio que já temos o suficiente de chateação.

Chego de volta na cozinha e sorrio para os meus pais, meio sem graça.

— Ele quer ficar um pouco sozinho, melhor respeitar o seu espaço.

Meus pais concordam e nós continuamos a tomar nosso café-da-manhã em silêncio, até Ben e Andrew aparecerem, inseparáveis como sempre. Me divirto na medida certa com as histórias dos dois e, quando já estamos todos terminando de comer, inclusive meus amigos, que também se juntaram a nós, Christian resolve aparecer.

— Finalmente, Christian — Andrew exclama, batendo na cadeira ao seu lado e chamando seu irmão.

O loiro pondera, mas se senta ali.

Chris pega um pedaço de bolo e fica comendo em silêncio, enquanto os garotos continuam entretendo o resto da mesma. O loiro sobe seu olhar para mim e eu arqueio a sobrancelha discretamente. Seu sorriso ladino vem e isso

me tranquiliza, mais ainda quando ele pisca para mim.

Pelo menos ele está “de volta”.

— Temos que ir agora — meu pai enuncia, levantando-se e a minha mãe segue seus passos.

— Só viemos deixar esses dois aqui e já temos que ir para o aeroporto. Temos uma reunião para comparecer, coisas dos hotéis e, como Seth não pode fazer isso agora, nós o representaremos.

Aceno positivamente para minha mãe e me levanto para acompanhá-los até a porta. Christian vem com a gente e logo estamos lá na frente do carro do papai.

— Boa viagem — desejo, abraçando cada um deles bem apertado.

— Obrigada, filha — eles também dizem um de cada vez.

— Cuide da nossa Ryle, Christian — meu pai pede, dando uns tapinhas no ombro de Chris.

Ele concorda.

— Sempre fiz isso, pode ficar tranquilo.

— E vocês dois cuidem dos garotos — minha mãe pede por último e acenamos positivamente.

Nos abraçamos outra vez e eles entram no carro, partindo, enquanto Christian e eu apenas observamos. Quando meus pais já estão fora da nossa vista, fito o loiro ao meu lado, que me observa de volta.

— Eu sinto muito por Pearl — digo, segurando sua mão e ele acena com a cabeça, concordando. — Ontem eu podia jurar que o tio Simon estava falando sobre mim, mas agora tudo fez sentido. Deve estar sendo difícil para o seu pai segurar essa notícia, principalmente com toda situação com Romeo.

Christian encosta a sua testa na minha e nós ficamos desse jeito por alguns segundos.

— A minha mãe vai ficar bem, babe. Não se preocupe por isso e, se eu puder pedir, vamos evitar ficar falando sobre esse assunto. Tudo bem por você?

Eu concordo com um aceno.

— Claro. Vamos esquecer isso, *babe*. — Chris ri com a minha ironia e eu o acompanho. — Só quero dizer que não precisa esconder as coisas de mim. Não temos segredos, lembra? Ontem poderia ter me contado sobre isso. Maaas, tudo bem. Como pediu, vamos esquecer. Só precisava te lembrar que eu confio minha vida em você, espero que seja assim para sempre entre nós dois.

— Vai sempre ser assim, Ryles.

Sorrio de lado, tentada demais a beijá-lo, mas agarro em minhas entranhas e seguro toda essa vontade.

— Eu amo você — sussurro.

— Eu amo você tanto que não sei o que faria se te perdesse. — O loiro

enfia uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, beijando minha testa.

— Você nunca vai me perder — afirmo, porque essa é a coisa mais certa que eu sei.

Nós entramos em casa e nos juntamos mais uma vez aos nossos amigos e irmãos. É nosso último e oficial dia de férias. Ao mesmo tempo que me sinto preparada para voltar à rotina, também sei que sentirei falta dessa vida boa e sem estresse. Diferente dos outros anos, tenho o pressentimento que esse vai ser completamente louco em muitos sentidos.

Pra começar, obviamente, já temos Christian e eu nos “conhecendo”. O que vem após isso tem cheiro de: festas, desentendimentos e muita paixão. Eu prefiro estar errada e ter a sorte de não passar por esse tipo de coisa, mas estou falando de Christian Wyatt-Sawyer, ele é cobiçado por onde passa. Todos os homens da minha família são. As mulheres não ficam atrás, e é exatamente por isso que tenho esse pressentimento.

Eu não ligo, para ser sincera.

Não sei ainda como serão as coisas, mas prometo a mim mesma que vou me segurar para não surtar de vez. Essa é uma promessa difícil de ser cumprida? Com certeza, mas com esforço, talvez eu chegue lá.

No fim de tudo, sei que tudo vai acontecer como precisa acontecer, e eu só espero que Christian permaneça comigo a cada passo que dermos. Eu, do fundo do meu coração, estou confiando nele, não quero me decepcionar e

nem o decepcionar, pois sei que esse é o tipo de coisa que eu não suportaria.

— Acorda, garota! — Cameron exclama, estalando os dedos na frente do meu rosto e eu sorrio, sem graça.

Eu viajei.

— Estou de volta à Terra. — Meu sorriso se abre um pouco mais. — Do que falavam?

— Estamos fazendo uma votação para o nosso último dia de férias. O que prefere: festa ou ficar em casa?

Reviro os olhos, porque a minha resposta é um tanto óbvia.

— A partir de amanhã aparecerão tantas festas para irmos, eu voto por ficar em casa, afinal, essa opção vai ser uma daquelas bem difíceis de acharmos quando a gente precisar daqui pra frente.

— Eu disse que ela preferiria ficar em casa — Christian pontua e eu o encaro.

— Claro, vocês só sabem concordar entre si — Ben retruca e nós rimos.

Isso não é bem mentira.

Para o tédio dos nossos irmãos, escolhemos ficar em casa. Mais tarde fizemos um cinema improvisado na sala de estar e passamos assim o resto do dia e começo de noite. Eu fiquei o tempo todo deitada com Christian, sem muito contato, mas valeu à pena cada segundo. Quando a noite caiu, pedimos

hambúrguer e pizza para terminar de entupir nossas barrigas.

Foi tudo agradável.

Parecia como aquele instante antes da tempestade vir. Eu nunca vou esquecer desse dia, definitivamente, mas estou pronta para todos os outros.

RYLE DIANN SIVAN

Isso nunca mexeu comigo dessa forma, até agora... Eu estou tão, mas tão irritada, que estou começando a ficar mal por me sentir assim. Quando fiquei ansiosa para o retorno das aulas, não estava ansiosa para *esse* tipo de situação. Nunca gostei de ver ninguém dando em cima de Christian, e quando vinha de Lilly, era ainda pior. Sempre me senti desconfortável, sempre soube que aquilo mexia comigo, por isso evitava ficar perto dele nas tantas festas que já frequentamos até hoje, mas agora é meio complicado evitá-lo por dois simples motivos: não estamos em uma festa e nós não somos mais os mesmos de poucos meses atrás.

Talvez fosse mais fácil se nós tivéssemos concordado em apenas nos conhecermos, mas sem levar tudo muito “a sério”. É óbvio que é difícil não levar a sério, porém teríamos evitado isso tudo. Tivemos todo aquele papo de pertencimento um ao outro e é exatamente isso que me deixa levemente brava. Minha cabeça agora não estaria dando nós ao fitar Lilly se jogando

para cima de Christian como se a sua vida dependesse disso se não tivéssemos passado do ponto e, talvez, nesse exato momento, eu tenha me arrependido pelo menos dez por cento de ter permitido que ultrapassássemos essa barreira importante.

O negócio é que eu sempre tenho certos pressentimentos.

Sei quando a merda está perto de explodir e, mais uma vez, eu não errei.

Assistir Lilly passar suas mãos nojentas em Christian a cada palavra que ela solta de sua boca é uma das coisas mais agonizantes que já presenciei. É uma cena que já foi protagonizada por diversas garotas diferentes com quem Christian em algum momento já teve algum tipo de envolvimento — mesmo que um mero beijo. Eu continuo repetindo isso na minha cabeça, como um mantra, que alimenta exponencialmente o meu desgosto, mas, por outro lado, sei que de nada adianta. Oficialmente, ele não é meu namorado, apenas meu sobrinho, e eu não posso interferir assim na sua vida se não quiser trazer suspeitas para nós dois.

Eu tento engolir o que vejo, enquanto as minhas melhores amigas comentam animadas sobre um milhão de coisas que eu mal escuto. Quero me aproximar de Christian e Lilly, dizer para que ela tire as suas mãos de cima dele, mas simplesmente *não posso*.

Que inferno de vida.

Como se estivesse sentindo o meu olhar em cima de si, o loiro me procura de longe, enquanto, pela décima vez, segura as mãos de Lilly e tenta se afastar. Eu sei que Christian está tentando fazer a sua parte há quase dez minutos, mas isso não é ameniza nem em um por cento toda irritação que sinto aflorar dentro de mim.

Essa era uma Ryle que nem mesmo eu conhecia. Nunca me relacionei com nenhum cara por tempo suficiente para fazer com que esse sentimento tomasse conta de mim, então é algo completamente novo e desconhecido. Todos os idiotas que já tentaram algo comigo, sempre tiveram um toque de interesse por eu ser da família Wyatt-Sawyer-Sivan.

Da mesma forma que está acontecendo com Christian, também acontece com Cameron, Andrew e Ben, que estão ali juntos do loiro. As amigas de Lilly fazem seus caminhos até os outros e não poupam o “charme” na frente dos garotos.

Quão desnecessário é isso tudo?

— Seu namorado está sendo, praticamente, assediado por aquela garota ali, Gracie — digo a minha amiga como uma desculpa para eu mesma me aproximar da situação e resgatar Christian.

— O quê? — Gracie se vira imediatamente, achando a loira que eu lhe disse.

Ela sorri e tenta tocar em Cam da mesma forma que Lilly faz com

Christian e as outras fazem com Ben e Andrew, mas esses dois últimos não são uma preocupação. O que Ben e Andrew querem mesmo é essa atenção.

— *Oohhh...* Cedo demais para esse tipo de merda — Lex diz, enquanto seguimos Gracie que sai pisando duro na nossa frente.

— O show ainda não terminou meninas? — Gracie pergunta, cruzando os braços e encarando todas ali.

Eu também cruzo meus braços, só que fitando Lilly fixamente. Ela me encara de volta, com a sua mão direita esticada no peitoral de Christian agora pela décima primeira vez. O loiro escapa, de fininho, se aproximando de nós, enquanto a sua predadora continua me fitando. Não desvio nem mesmo por um piscar de olhos, porque quero lhe mostrar, o mínimo possível, que é para ela parar com isso tudo.

— Então, como eu estava dizendo, essa é a minha namorada — Cam diz, enquanto a garota que estava em cima dele começa a recuar e se afastar.

— Desculpe — ela resmunga, juntando-se a Lilly.

— Merda, será que é difícil ter algum tipo de decência em Los Angeles? — Gracie reclama em um resmungo no instante em que Cam se aproxima.

Eu sinto Christian atrás de mim e eu estou seriamente pensando em nem olhar na sua cara, apenas do quão furiosa estou me sentindo, mas esse é o tipo de atitude que até hoje nunca consegui tomar, ainda que eu estivesse

cem por cento irritada.

— Desculpe — sussurra no pé do meu ouvido, antes de segurar a minha mão e me puxar por todo caminho até a porta de entrada da UCLA.

Diferente de mim, ele não parece se importar com os olhares extras das pessoas sobre nós e muito menos dos seus cochichos. Assim que passamos apressados pelos corredores, Christian abre uma porta aleatória e me empurra para dentro, vindo comigo. O loiro pressiona o seu corpo contra o meu, que já está encostado na porta, provavelmente de modo proposital para que quem quiser entrar, não consiga.

Deixo a minha bolsa e pasta cair do meu lado, vendo que Christian faz o mesmo, enquanto rouba todo o ar entre nós dois. Subo meu olhar com dificuldade, enquanto as minhas mãos se movimentam em curso natural por seus braços até chegarem a sua nuca com o emaranhado de cachos ali já me esperando.

— Sinto muito pela cena anterior — sussurra, sendo sincero demais para o meu próprio bem. — Lilly consegue irritar bastante sem perceber.

— Ela irrita mesmo — retruco, semicerrando os olhos para ele. — Nunca fiquei tão irritada em toda a minha vida, Christian, e eu não sou assim. — Seguro seu cabelo com, talvez, um pouquinho de força e ele sorri, safado pra caramba. — O que quer que esteja fazendo comigo, está tirando todos os meus sentidos de bom senso.

— Você não está sozinha nisso, Ryle, mas a minha sorte é que o fodido do Hudson ainda não te encontrou por aí, ou então eu...

Ele para de falar, respirando profundamente.

— Você o quê? — retruco.

— Eu não iria me sair tão bem quanto você o fez para deixar-nos às escuras.

Sorrio de lado, fitando os seus lábios avermelhados.

— Às escuras é ainda melhor.

Como se estivesse fazendo uma prece mentalmente para não perder o controle, paro no instante em que penso “e não nos deixes cair em tentação...”, selando os lábios sobre os de Christian para aliviar todo desejo que irrompe dentro de mim. O loiro me beija com ainda mais vontade, dando-me uma prova de exatamente tudo que eu mais estou necessitada, que seria ele mesmo. Seu braço esquerdo fecha ao redor da minha cintura, enquanto a sua mão direita faz o mesmo caminho que eu fiz anteriormente, indo parar em meus cabelos. Ele coloca pressão ali, puxando levemente e inclinando minha cabeça para facilitar o seu acesso a minha boca.

Sua sede é arrebatadora.

Quanto mais ele me acompanha em meus movimentos, começando a impor os seus, mais percebo a sua cobiça e avidez quanto a mim. O bom em tudo isso é que me sinto da mesma forma, ou então o incomodo em minhas

pernas não me atormentaria tanto. A sua sofreguidão em nosso beijo era literalmente mais do que eu estava esperando.

Se estivéssemos em casa, isso com certeza acabaria na cama, assim como da última vez.

Me forço a separar as nossas bocas, antes que nosso desejo desmedido nos coloquem em maus lençóis.

— Christian, se controla... — peço baixinho, encontrando muita dificuldade em deixar essas palavras saírem por minha boca.

O fato é que seus beijos correm por todo o meu rosto até ele parar no meu pescoço. Ali ele morde e me dá mais uma prévia do que gostaria de levar mais à frente, porém isso não é hora e muito menos lugar, ainda que a adrenalina seja ainda mais excitante de descabida dentro dessa sala em segredo.

— É difícil me controlar com você por perto — resmunga, chupando a minha pele e arrancando um gemido meu ainda baixinho e controlado.

O que acontece é que de agora em diante a probabilidade da minha libido mandar em todas as minhas ações e falta de pensamentos sensatos é de praticamente cem por cento. É por causa disso que eu empurro Christian levemente para trás, tentando fazendo com que nós dois acordemos desse momento intenso.

— A gente vai conseguir fazer isso — digo, enquanto ele engole a seco,

com o mesmo sorriso safado de antes aparecendo aos poucos. — Pare de tentar me matar com o seu sorriso, Christian, pelo amor de Deus.

— Ele te mata?

Concordo com um simples aceno.

— *Lentamente* — deixo-me lhe dizer mais isso.

— Exatamente do jeito que eu gosto — sussurra, antes de afrouxar ao meu redor e se afastar aos poucos. — Vamos tentar fazer isso funcionar, babe.

— Vamos conseguir, *babe* — concordo, usando a última palavra ironicamente apenas para fazê-lo sorrir uma última vez antes de nós sairmos da sala. — Se comporte por aí.

— Eu sempre me comporto — replica, dando de ombros e se abaixando para pegar nossos materiais do chão. — Mas, de qualquer forma, te digo o mesmo. Se comporte por aí, porque eu não quero acabar fazendo merda nenhuma que não seja do meu feitio. — Pisca um dos olhos para mim e eu seguro a risada.

Realmente brigas não são muito do feitio de Christian.

Ele raramente se envolve em alguma e, se bem consigo me lembrar, as únicas em que se meteu, foi por causa de mim. O loiro sempre teve esse aspecto protetor comigo, desde quando éramos apenas uns pinguinhos de gente, então é o tipo de coisa que eu também faria: me envolver em alguma

briga para defender Christian Wyatt-Sawyer.

Nos endireitamos e esperamos alguns minutos até sairmos da sala. Ninguém nos percebe de verdade, porque o corredor já está lotado e os alunos apenas estão preocupados em se abraçarem e matar a “saudades” depois desse recesso e férias de fim de ano. Encontramos Lex e Ash no caminho para o auditório onde eu vou ter aula e nos despedimos de Christian, que vai para outro lado. Depois dos anos iniciais onde todos tivemos aulas juntos, finalmente as matérias específicas estão vindo.

— Boa sorte nas suas leis de empreendedores ou sei lá o que você vai começar a estudar — Lex diz para Christian e nós rimos.

— Se chama Gestão, Lexington. Em algum momento eu vou ter que estar à frente dos negócios, então que eu pelo menos saiba alguma coisa sobre isso. Mas, claro, boa sorte nas suas entrevistas com famosos ou sei lá o que você vai começar a estudar. — Ele pisca para ela, ironicamente.

— Se chama Comunicação e a sua *querida Ryle* também vai estudar isso, babaca. — Lex pisca para ele de volta e Christian me encara. — Depois disso vamos fazer outro curso complementar para entrevistar famosos, aí sim, pode falar isso.

— Desde quando você quer entrevistar famosos? — Christian indaga e eu dou de ombros.

— Deve ser legal.

Ele revira os olhos e nos dá as costas.

Lex, Ash e eu rimos ainda mais, enquanto Christian acena com a mão sem nem mesmo virar para nós três. Entramos no auditório, ainda em meio conversas e risadas.

— Ele é tão idiota às vezes que se não fosse por você, espancaria aquele rosto bonitinho.

— Lex! — Ash exclama e a sua namorada dá de ombros.

— Obrigada pela parte que me toca, Lex, eu realmente aprecio a sua preocupação, porque quem ficaria responsável de cuidar dos machucados de Christian seria mesmo eu, então...

— Viu? Foi isso que eu quis dizer, Ashley.

Esqueço de tudo que estamos falando no instante em que avisto Hudson.

Não pode ser possível que ele realmente tenha escolhido Comunicação. Deus, eu sinceramente tenho e preciso passar por isso? O cara me fita, abrindo o seu sorriso perfeitamente alinhado e se aproximando às pressas de mim, enquanto sobe três degraus de cada vez.

Isso só pode ser uma piada e começa a ficar ainda mais engraçado quando avisto Lilly e suas cópias ali também.

— Porra, esse cara não vai fazer Comunicação não — Lex resmunga atrás de mim, tão insatisfeita quanto eu.

Meu plano de fugir de Hudson está indo por água abaixo, eu sinto isso.

— Ryle! — exclama, parando a dois degraus de distância. — Como é bom te ver.

— Oi, Hudson. Como você está? Fim de ano foi bom? — indago, com um meio sorriso.

Não quero ser grossa nem nada, então prefiro ser o mais educada possível.

— Estou bem, minha linda, e você? Teria sido melhor se aquele nosso encontro tivesse rolado ainda em Dezembro, mas a espera sempre vale à pena. — Seu olhar avaliativo corre dos meus pés até estarem de volta ao meu rosto. — Pelo menos Christian não está aqui para nos atrapalhar, não é? — Sorri e eu arqueio a sobrancelha.

— Ele não atrapalha — replico, pigarreando logo em seguida. — Christian só é um pouco protetor, mas não é nada demais.

— Todo mundo fala desse “nada demais” dele. — Hudson ri, cinicamente. — O quê? Não sabe disso, Ryle? — Balanço a cabeça negativamente.

— Você só fala merda, Hudson, e isso não é novidade para ninguém. Pare de fantasiar coisas com Christian, estou começando a achar que seu amor incubado é por ele e não por Ryle — Lex enuncia, atrás de mim.

— Vai mentir então, Lexington? Todo mundo sempre andou

cochichando por aí que Christian tinha uma queda por Ryle, o que no mínimo é estranho pelo grau parentesco dos dois. — Hudson fala tudo isso me encarando, como se esperasse pelo meu mínimo vacilo. — De Ryle não esperamos esse tipo de merda, ela é apenas certinha demais para se deixar pensar coisas desse tipo. Por isso sempre tive esperança em sairmos e, pelo que me disse, esse é o nosso momento, não é?

— Vamos assistir a aula? — digo, salva pelo professor que acaba de chegar. — Depois podemos falar sobre isso e marcamos um dia para sairmos, Hudson. E quanto a Christian, independentemente do que pensa, por favor, pare de falar besteira ou pensar esse tipo de coisa dele. Se você não gosta da minha família, não gosta de mim e, aí sim, não me importo em lhe dar um fora.

Ele acena positivamente e eu aposto que apenas escutou o que lhe convém, de resto deve ter ignorado. Hudson se aproxima, fechando a distância das dois degraus e deposita um beijo na minha bochecha. Prendo a respiração, esperando que acabe logo e sorrio forçadamente outra vez quando ele se afasta.

— Pego o seu número quando a aula acabar — sussurra e eu me afasto, acenando positivamente.

Lex me puxa pelo braço, enquanto Ash vem do meu outro lado. Gracie chega correndo e sorridente. Seu sorriso muda quando ela nos encara.

— Quem morreu? — pergunta, ofegante.

— Hudson está assinando a sentença de morte dele — Ash comenta.

— Como assim? — continua.

Elas começam a discutir entre cochichos o que aconteceu até Gracie concordar que, sim, Hudson assinou a sua sentença de morte ou de pelo menos muita, muita briga, e a droga do período está apenas começando.



As aulas demoraram tanto quanto foi humanamente possível e eu infelizmente não fui capaz de prestar atenção em muita coisa que os dois professores que passaram pelo auditório expuseram para nós. A verdade é que a minha cabeça ficou atordoada depois da cena com Hudson. É óbvio que eu não sou obrigada a sair com ele, nem tenho nenhum comprometimento com isso, não temos relação alguma além de colegas de escola e agora de universidade. O negócio é que ele é mais insistente do que qualquer outra pessoa que já chegou perto de mim para “algo a mais”, o que não justifica eu ficar nesse pequeno impasse do que esperar.

Para ser sincera, eu tenho muito medo.

Eu sei como as pessoas são, eu sei como elas gostam de inventar e destruir umas às outras, principalmente à nível de Los Angeles. Não saberia lidar com boatos sobre Christian e eu rolando pelo campus, ainda mais

quando o que temos é tão errado e ao mesmo tempo tão recente para a nossa chance um com outro. Não faço ideia de como ele vai a reagir a tudo isso, mas só preciso que Hudson cale a porcaria da boca e lide com o fora iminente que eu vou lhe dar depois que sairmos juntos. Vou evitar esses boatos da forma que consigo, nem que seja saindo com o idiota, mas antes é claro que eu preciso conversar com Christian.

Depois de compartilhar o meu número com Hudson, que me prendeu tanto quanto pode no auditório já esvaziando, eu saí pela porta apressada para encontrar as minhas amigas do lado de fora me esperando. Nós seguimos para o refeitório, porque já era hora do almoço e, além de faminta, estava ansiosa para ver Christian.

Entramos no refeitório e eu instantaneamente procuro por *ele*.

Christian já está sentado de costas para nós com a sua bandeja logo à sua frente. Cameron está com ele, assim como Andrew. Ben não está em qualquer lugar que eu possa localizar, mas ele sabe se cuidar, então eu não me preocupo.

— Vamos comprar nosso almoço? — Ash me puxa de volta para a realidade.

— Podem ir na frente, eu vou falar com os garotos primeiro.

As três acenam com a cabeça e eu faço meu caminho entre as mesas até chegar a eles.

— Esqueci de comprar minha sobremesa — Andrew grunhe no instante em que estou me sentando ao lado de Christian. — Não deixa eles pegarem meu almoço, Ryle — pede e eu aceno positivamente.

Chris não se move, ele apenas remexe em sua comida monotonamente de um lado para o outro, enquanto Cameron me fita sugestivamente, como se mandasse eu dar um jeito na situação. Pigarreio, tentando chamar a atenção do loiro para mim, mas é como se eu realmente nem existisse ao seu lado.

— Oi, Christian — resmungo e ele me fita brevemente de soslaio.

— Ryle... — retruca em cumprimento.

Me preparo para dizer mais alguma coisa, tentando chamar a sua atenção, mas sou interrompida pelo furacão Lilly. Ela se senta do outro lado de Christian, juntamente com as suas cópias e eu encaro Cameron, tentando entender que merda é essa.

— Ryle! — A loira exclama, animada demais para o meu próprio gosto. — Eu já contei as boas novidades para Christian e ele está muito feliz por você.

Como se tivesse saído de um buraco, Hudson senta ao meu lado, querendo me puxar para perto, mas eu recuo.

— Tome cuidado com as suas mãos — o repreendo, mas ele não parece nem um pouco afetado por isso. — Que novidades?

— As nossas novidades, Ryle — Hudson responde pela loira. —

Temos um encontro para ser marcado logo em breve — completa, enquanto eu assisto o loiro cerrar os punhos sobre a mesa.

— E então eu já dei a ideia: encontro de casais! Christian e eu vamos marcar com vocês dois o dia. Vai ser divertido demais, não acha? — O sorriso de Lilly me tira do sério.

Isso é sério?

Christian vai sair com ela?

Mas que porra...?!

— Vai ser maravilhoso, Lilly — cuspo antes de me levantar. — Bom, eu esqueci meu dinheiro no carro, então volto daqui a pouco.

— Eu posso te acompanhar se...

— Tenho pernas, Hudson. Apenas... me deixe — o corto sem nem pensar duas vezes.

Saio apressada do refeitório, enfurecida com todo circo que está sendo formado para Christian e eu. Ao menos esperava que ele se mantivesse firme na linha sem desviar. Sei muito bem que Lilly e ele já andaram se comendo por aí mais dos que posso contar nos dedos da mão, então é óbvio que isso me faz sair da órbita.

Eu sei que não deveria reagir assim, correndo como uma tola para bem longe, até porque eu não estou mais certa do que Christian, mas o fervor de raiva que toma meu peito e me deixa quente me faz ter tal atitude. Continuo o

meu caminho pelo corredor, querendo sair logo daqui para achar um lugar mais fresco e que eu possa respirar e pensar com mais facilidade. As palavras e a imagem em minha cabeça me torturam lentamente e eu odeio mais do que tudo nesse momento não pode voltar lá e dizer para todo mundo que sim, Christian e eu estamos juntos.

Essa é a coisa que mais odeio em tudo isso: não posso sair por aí dizendo pelo menos para as pessoas que eu amo com quem eu estou ficando, quem eu estou “conhecendo”. Sim, é idiotice da minha parte ter essa reação, porque eu concordei com isso, eu já deveria estar esperando tanta perturbação da parte de Lilly. Ela nunca economizou em suas cenas para cima de Christian, não seria agora que começaria a fazer isso.

— Inferno — cuspo, irritada.

— Ryle — ele me chama, mas ignoro completamente. Apresso os meus passos, começando a correr para tomar um pouco de vantagem. — Ryle, caramba! — grita, parecendo cada vez mais próximo.

— Vai almoçar, Christian, eu não quero conversar agora — berro de volta, saindo pela porta em disparada e continuando a minha corrida pela grama.

Ele me alcança, me tirando do chão com tanta facilidade que eu solto mais um grito com me coloca de cabeça para baixo sobre o seu ombro.

— Me coloca no chão, Christian! — Acerto o seu traseiro com um

soco.

— Ei, mocinha, cuidado onde coloca a sua mão — retruca com o seu tom de divertimento de volta.

Idiota.

— Você pode, por favor, me colocar de volta no chão? — indago, controlando a minha respiração aos poucos enquanto ele continua o seu caminhar comigo em seu ombro como se não pesasse uma grama.

— Só quando eu quiser.

É o quê?

— Você é um imbecil e eu acho que eu nunca disse isso antes, mas você definitivamente é, Christian Wyatt-Sawyer.

— É assim que você trata o seu sobrinho preferido?

— Eu definitivamente não ligo mais para essa merda de sobrinho e tia!
— Acerto-o outra vez em seu traseiro redondo. — Ao final disso, você não vai conseguir mais sentar — completo, continuando a bater no mesmo lugar.

Christian me coloca no chão, acertando-me de volta, não com a mesma intensidade, claro, mas com muita diversão pervertida em seus olhos. Abro a minha boca, perplexa com a sua atitude e ele sorri de lado, destravando o seu carro. Eu nem mesmo havia percebido que estávamos perto do veículo de tão cega de raiva que estou.

— Você acabou de...

— Dar um tapa na sua bunda? Com toda certeza que sim. — Christian abre a porta do carro. — Entra, Ryle.

— Temos aulas — rosno entre dentes.

Ele nunca me irritou dessa forma.

— E eu estou pedindo que entre no carro ou então vamos acabar cometendo crime de atentado ao pudor. — Engulo a seco, dando o primeiro passo, mas hesitando no segundo. — Terei que te colocar dentro?

Reviro os olhos, entrando no banco traseiro do seu carro com ele vindo logo atrás. Nossa sorte é que os vidros do carro são bem escuros, o que nos salva de qualquer olhar curioso que possa aparecer por coincidência por aqui.

— Eu tenho medo de qual seja a sua intenção por trás disso, Christian, mas você é o idiota perfeito e isso eu já posso adiantar.

— Então agora eu sou o idiota perfeito, é, Ryles? — questiona no instante em que viro para encará-lo.

— Sem dúvidas você é.

Cruzo os braços em frente ao meu corpo, adquirindo a melhor pose defensiva que consigo. O loiro me observa por alguns segundos antes de abrir a boca e tudo isso é suficiente para minha raiva começar a escapar de dentro de mim.

Tudo isso, toda essa situação, não nos levará a nada.

— Realmente aceitou sair com Hudson? — replica, como se fosse

difícil demais de engolir cada uma dessas palavras.

— Chris... — sussurro.

— Ryle, é só responder.

— Você já sabia disso desde o dia na praia. Ele não vai me deixar em paz até que isso aconteça, Christian, e acho que você sabe disso melhor do que ninguém. Eu não gosto de Hudson, nunca gostei dele desse jeito, do jeito que eu te vejo e te adoro. É apenas um estúpido encontro, um fora, e então tudo vai se encaixar e ele vai me deixar em paz.

— Então a sorte é minha que vai ser um encontro duplo — retruca com maldade e foco meu olhar no banco da frente.

— Você está sendo um idiota completo. Não estou fazendo isso porque quero e, droga, sim, eu não tenho nenhuma obrigação de sair com ele, eu sei disso, só não vou aguentar andar pelos corredores com você e o pessoal e todo mundo olhando estranho para nós. Sabe-se lá o que Hudson e Lilly podem fazer e “inventar”, Christian. Nossos irmãos agora estudam aqui e se isso chegar até eles, as coisas podem começar a tomar um péssimo rumo entre nós dois. — Volto a fitá-lo, ainda chateada pela forma como ele falou. — Se aceitou esse encontro com Lilly para me dar o troco, talvez essa seja a pior coisa que já fez comigo.

Ficamos quietos.

Encosto na porta do carro, tentando ficar o mais longe possível de

Christian enquanto tento dissolver a sua atitude e jogá-la para bem longe.

— Merda — resmunga, parecendo estar chateado.

Bom, eu estou ainda mais chateada.

— Acho melhor voltarmos antes que venham atrás de nós — comento depois de pigarrear.

Faço o movimento de abrir a porta, mas Christian me puxa para perto. Ele me abraça, deslizando meu corpo pelo seu até que eu fique sentada em cima das suas pernas. Tento resistir, mas o seu carinho é bem mais forte do que eu.

— Sinto muito pela merda que fiz, Ryle. De verdade.

Sinto as ondas da sua voz em meu pescoço, onde ele enfiou o seu rosto para descansar.

— Você foi burro em cair nas palavras que Lilly lhe disse. Se eu estou com você, eu estou com *você*, Chris. Não poderia se fazer de bobo diante disso, porque já sabia sobre Hudson. Realmente não queria acreditar que aceitou sair com a loira para me dar o troco, mas estava na cara. — Infilto os meus dedos em seus cachos, inclinando o seu rosto para ele me encarar. — Se fizer essa merda de novo, eu juro que vai ser difícil me parar.

— Pelo menos eu vou estar lá para vigiar Hudson. — Ele entorta os lábios, chateado.

— É assim que a gente percebe que estamos evoluindo? — questiono e

ele franze o cenho.

— Como assim?

— Nessa coisa toda. Querer te matar por ser um babaca ou bater na sua cabeça para que entre algum juízo dentro dela?

Christian ri alto e eu acabo soltando uma risada boba e fraca.

— Talvez esse seja um sinal de que estamos mais dentro do que imaginávamos. Você querendo me matar? Nunca foi assim... — Ele brinca, mas isso é verdade.

Por mais idiota que Christian algum dia tenha sido, nunca senti isso tão forte. Agora as suas ações estão simplesmente tomando o dobro de tamanho e influência em mim. Tenho ciência que preciso controlar essa parte, mas parece estar cada vez mais difícil, porque definitivamente nunca senti coisas parecidas com o que ele me faz sentir.

— Atingimos um novo nível de intimidade, agora é melhor que nos cuidemos ou vamos acabar enlouquecendo um com o outro.

— Ou podemos fazer as pazes com sexo — sugere e eu reviro os meus olhos.

Essa não é uma má ideia, mas não vou deixar Christian saber disso.

Ele captura os meus lábios com os seus e desliza a sua língua para dentro, esbarrando com a minha e rapidamente me deixando a sua mercê e fazendo-me esquecer todo o resto e todas as coisas pelas quais estávamos

discutindo anteriormente. Correspondo ao seu beijo de modo desesperado, agora sim agradecendo aos céus por Christian ter vindo atrás de mim para resolver as coisas.

A necessidade entre nós dois cresce quando as suas mãos escolhem onde querem me tocar. O loiro me provoca por cima da roupa e eu retribuo com um gemido entre nosso beijo. Sorrio, porque ele se torna ainda mais certo, como se quisesse me punir pelo gemido que permiti escapar em um bravo desafio para ver até onde ele consegue estender o seu limite. Sei que não devia provocá-lo, porque esse é o tipo de situação que inflama entre nós dois mais do que esperamos e o resto do lado de fora se torna apenas um detalhe.

— Christian... — sussurro, rindo nervosamente. — Vamos parar, estamos no carro e...

— Agora você lembrou que estamos no carro? — questiona, tentando me beijar outra vez, o que só me faz rir mais forte. — E na hora de gemer para mim, você lembrou disso?

— Não, mas a gente pode resolver isso hoje — afirmo, abrindo os olhos para fitá-lo.

Ele me encara por longos segundos até concordar:

— É bom que me espere acordada na sua cama ou eu vou te acordar com a minha boca e eu não vou te dizer onde eu vou colocá-la primeiro.

— Sou muito boa em fingir que estou dormindo, então vou esperar pela surpresa agradável que vai me dar... — sussurro cada uma das palavras, dividida entre olhar em seus olhos e ansiar por seus lábios mais uma vez.

A verdade é que nem se eu quisesse voltar atrás, eu conseguiria.

Cada dia que passa, afundamos ainda mais em nós dois, tentando satisfazer nossas próprias vontades e descobrir que diabos de amor é esse que estamos sentindo.

Se alguma coisa está destinada a acontecer, eventualmente ela acontecerá, mesmo que seja contra tudo e todos. Contra padrões, regras, normas. Contra a própria sociedade. É isso que Christian e eu somos, infeliz ou felizmente, ainda estou tentando descobrir ao certo, mas é o que eu disse: se nosso destino desde o começou foi traçado para ficarmos juntos, nem mesmo a nossa família vai ser capaz de deter isso.

“Respire fundo, baby, inspire. Intoxique-se e expire. Preste atenção aos meus detalhes. Com um vento que flui, é assim que nos sentimos.”

CONTINUUM — TANARÉLLE

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Estar na minha pele talvez seja uma merda nesse momento. Não, não tem talvez, para ser sincero, eu tenho toda certeza do mundo quanto a isso. Depois da visita inesperada do tio Simon com a tia Spencer e tudo que eles me contaram sobre o passado envolvendo Ryle, senti como se tivesse perdido um pedaço meu enquanto ele seguia em sua explicação parcialmente detalhada sobre como Ryle surgiu em nossa família.

Se me machucou?

Como não poderia?

O gosto de ter desejado ser adotado só para ficar com ela se tornou amargo na minha boca, porque a memória ainda viva de Ryle falando sobre como não gostaria de ser adotada para mim era sufocante. Aquele dia foi complicado. Muito complicado. Principalmente por saber que não era direito meu contar nada para ela e pela primeira vez na vida esconder algo do seu conhecimento. Segredos nunca foram um negócio entre Ryle e eu, mas eles

se tornaram quando eu soube que não era dever meu lhe dar a verdade sobre o seu passado; verdade essa que é uma porta aberta para o que desejamos viver.

Quando os seus pais vieram, por mais irritado e incrédulo que eu estivesse, não falei absolutamente nada para Ryle. Eu ainda queria ter certeza. Talvez o tio Simon tivesse enlouquecido, não? Sim... talvez sim. No momento em que eu joguei o nome da minha mãe no meio da conversa e eles aceitaram e embasaram as minhas palavras, inventando uma doença inexistente para ela, toda incredulidade se esvaiu de mim como num sopro.

Fiquei com raiva, é claro, mas ainda não era meu para contar.

Tudo que consegui pensar foi na minha avó e eu sinceramente não queria lhe deixar mal ao entornar toda merda de segredo de família e sujar tudo em um drama desnecessário.

É por isso que eu simplesmente estou aqui, pelo menos tentando aceitar e viver dia após dia sem me corroer por mentir para Ryle sobre muitas coisas. Eu não sabia que a mentira era assim: uma bola de neve rolando do topo de um penhasco e aumentando a cada centímetro que ela corre para baixo.

Apesar de tudo isso, estou aproveitando.

Saber de tudo fez a minha necessidade em tocá-la, senti-la e adorá-la crescer estupidamente dentro de mim. O que ainda me fazia pensar duas ou três vezes antes de tentar alguma coisa, simplesmente sumiu, dando lugar ao

mais puro estado de desejo e amor que já senti por alguém, porque essa é a minha verdade.

Eu amo Ryle como nunca cheguei a amar ninguém.

Na verdade, eu nunca amei nenhuma garota, só Ryle e desde sempre.

Eu a amo com cada pedaço de mim, com cada batida do meu coração.

É pensando assim que eu finalmente vou fazer a minha “visita noturna” ao seu quarto. Depois de toda merda que passamos hoje na universidade, eu sinceramente só preciso dela para tentar esquecer as bombas que definitivamente estarão vindo pela frente.

Entro sem fazer muito barulho, trancando a porta e virando para a sua cama.

Meu sangue ferve com a imagem que eu tenho, bombeando inteiro para o meu pau. Ryle está deitada de bruços no meio da sua cama sem nenhuma coberta. Ela está usando apenas uma blusa e calcinha, deixando as suas pernas e todo o resto à mostra. Minhas mãos coçam, enquanto sinto meu pau incomodar sem a minha permissão, mas essa é a coisa: a cabeça do meu pau não tem cérebro.

Caminho em passos largos até Ryle e ela se vira quando já estou no pé da sua cama.

Seu sorriso aparece e eu tenho que sorrir com ela. A morena vem até mim, ficando de joelhos na cama e enlaçando meu pescoço com seus braços

para aproximar sua boca da minha. O hálito quente e fresco dela invade os meus sentidos quando ela finalmente fala comigo.

— Pensei que tinha esquecido do nosso combinado — sussurra, roçando os lábios dos meus.

— Poderia esquecer de qualquer coisa, menos de vir aqui te ver.

É tão bizarro como toda necessidade do mundo me enche quando estou em momentos como esse com Ryle. A minha única vontade é de sentir seu gosto ou de me enterrar dentro dela, mas eu sei que não é tão fácil ou simples quanto eu desejo que seja.

— Depois do dia que tivemos, só consegui pensar em chegarmos nessa hora. — Ryle desce uma das mãos por meu peitoral, continuando até a minha barriga, o que me faz ansiar ainda mais por ela. — Senti sua falta — sussurra.

Puxo seu lábio inferior entre os dentes, lambendo a ponta de um lado para o outro. Minhas mãos simplesmente acham seu próprio caminho pelo corpo de Ryle e, quando param, eu já tenho uma deslizando para dentro da sua calcinha, enquanto fecho meu outro braço ao redor da sua cintura. O chiado que ela solta quando os meus dedos afastam os lábios da sua buceta para já achá-la molhada para mim, é exatamente como música aos meus ouvidos.

— Senti falta de você inteira — resmungo, com a clara sensação de que o meu pau está latejando por ela.

— Chris... — Ryle segura o punho da minha mão que está entre as suas pernas.

Seus olhos azuis brilham no meio da penumbra instalada em seu quarto e eu arqueio a sobrancelha, indagando-a silenciosamente.

— Você quer me matar ou algo do tipo? — continua com a sua voz rouca.

Meu sorriso ladino entorta o canto dos meus lábios, enquanto belisco seu clitóris encharcado.

— Você estava aqui sozinha, provavelmente pensando em mim, eu suponho, com sua buceta molhada à minha espera e quem quer matar você sou **eu**?

É satisfatório ver Ryle engasgar com sua saliva depois que eu paro de falar, porque isso deixa claro que eu estou certo e ter essa confirmação me faz endurecer ainda mais.

— Talvez a gente acabe se matando. — Ela sorri ao dizer logo depois que se recupera.

— Eu sinceramente não queria vir aqui só para isso, mas você não me dá outra opção, babe...

Selo nossos lábios por alguns instantes, sem desviar o olhar de dentro do seu e empurro Ryle para sua cama, fazendo-a cair de costas. Estico suas pernas com a sua ajuda e começo uma trilha longa do seu tornozelo até o

ponto que eu mais anseio e desejo nesse exato momento. Afastando-as amplamente, abocanho com carinho sua intimidade, já sentindo a sua calcinha molhada, mas encharcando-a ainda mais com a minha própria boca. Ryle enrola os dedos no meu cabelo, choramingando baixinho e sussurrando palavras desconexas, enquanto empurra e esfrega contra a minha boca.

Puxo a calcinha de Ryle por suas pernas, sorrindo por ver como ela se remexe ansiosa e eu abro ainda mais o sorriso ao sentir como eu deixei o pedaço de pano molhado. Eu a viro de bruços, para tê-la exatamente como quando eu cheguei, e ela reprime um grito cheio de graça. Refaço minha trilha de beijos por sua outra perna, de olho no seu traseiro empinado, enquanto deslizo a minha língua vez por sua pele e mordo quando já estou na parte de trás da sua coxa. Ryle geme em resposta no instante em que espalmo as minhas mãos de cada lado do seu rabo, apertando mais do que eu deveria — *eu sei* —, mas eu não consigo evitar.

Quando Ryle empurra o seu quadril para cima e eu vejo como ela está praticamente pingando a minha espera, levo minha boca ao ponto que se tornou quase que um doce para mim. Sua buceta molhada e encharcada quase não precisa da minha língua, mas lhe dou isso ainda assim. A morena me responde novamente com um gemido, dessa vez abafado, ou sairia alto demais para o nosso próprio bem, afinal não estamos mais em casa sozinhos. Um grunhido de satisfação escapa dos meus lábios quando paro por um

milésimo de segundo para sentir de verdade o gosto de Ryle.

Porra.

Eu a comeria todos os dias, de manhã, de tarde e de noite, se fosse viável.

Meu gemido de satisfação vem com o seu, porque eu estou rendido a absolutamente tudo que Ryle é para mim. De melhor amiga à romance proibido. Sempre ouvi falar que proibido é muito mais gostoso e essa mulher é a comprovação dessa porcaria de ditado popular.

— Christian... — sussurra e eu acerto um tapa na sua bunda, fazendo-a enfiar o rosto ainda mais em sua cama para gritar.

É completamente errado? Sim, mas eu trato Ryle como se fosse minha refeição e só Deus sabe como eu esperei o dia inteiro para fazê-la.

Brinco com os seus lábios, deslizando a minha língua entre eles e depois arrumando Ryle para ficar na posição que eu quero. O acesso que tenho a sua buceta é surreal. Chupá-la assim é ainda melhor do que apenas enfiar a cabeça nas suas pernas de frente, onde ela pode me segurar pela cabeça e me guiar para o seu próprio prazer. Desse jeito eu tenho uma visão muito privilegiada de todo seu traseiro, principalmente no que diz questão de apertar e surrar. Ryle que me desculpe, mas é assim que eu gosto e, depois de tudo isso, ela vai poder me dizer se gosta também.

Mordisco e sugo o seu clitóris, subindo e descendo com a língua pela

fenda e rosnando a cada movimento que eu mesmo faço. Durante minha provocação, aperto e desfiro incontáveis tapas no seu rabo, pegando-a de surpresa em cada um deles e sentindo que isso só a deixa ainda mais molhada do que o segundo anterior.

Eu nem preciso perguntar, porque é assim que sei que ela gosta.

Ryle dá seu jeito de agarrar meus cabelos com forças, me empurrando para tomar tudo dela quando seu corpo inteiro treme, quente e mole. É como se ela estivesse desfalecendo em seu próprio prazer e eu reivindico todo dele, não deixando uma gota passar despercebida.

Assim que eu me dou por satisfeito, com minha ereção mais dura do que antes, me jogo ao seu lado e assisto ela se recompor aos poucos.

— Dessa vez você não vai ficar com sua própria mão — anuncia, fazendo-me achar graça das suas palavras e duvidar internamente por alguns segundos.

— Não quero que faça nada por mim que você não queira, Ryle, eu estou falando sério...

— E você acha que eu não quero? — pergunta, puxando a sua camisa e se livrando a última peça que continuava a escondê-la de mim.

Ela é linda.

Linda pra caralho.

Ryle é perfeita e isso desperta todos os meus sentimentos ao seu

respeito de uma vez só.

— Não sei — resmungo, engolindo a seco sem conseguir tirar os olhos dos seus seios.

Minha boca saliva mais uma vez e eu quase grito comigo mesmo por ser tão faminto por ela.

— Se eu deixo você fazer o que quer comigo, é porque eu desejo você da mesma maneira, Christian. — Sorrio nervoso, porque de repente eu acho que não seria capaz de durar nem mesmo um segundo com Ryle fazendo seja o que for comigo. — Posso? — pergunta com uma falsa inocência que é o suficiente para me fazer querer jogar tudo para cima e foder sua boca.

— *Quando quiser...* — resmungo, prendendo a minha respiração quando ela pousa sua mão na minha barriga.

Diferente de mim, que a provoquei tanto quanto pude com pequenos gestos, Ryle é mais objetiva. Não sei se é porque ela vê o desespero em meus olhos como claro aviso de qualquer provocação a mais, provavelmente virei sozinho em minhas calças. Se for por isso, eu a agradeço mentalmente, porque o tempo que tenho de agradecê-la, é o mesmo que ela leva para puxar minha calça de dormir para baixo com uma mão e segurar o meu pau com outra.

Ela nunca me tocou assim e, até nós despertamos para o que realmente era o nosso amor, nunca imaginei nada próximo a isso entre Ryle eu,

exatamente como normalmente acontece entre pessoas da mesma família, certo? Mas desde então as fantasias se tornaram praticamente insuportáveis e elas combinadas com todas as vezes que tive chance de fazer Ryle gozar, foram o que fizeram eu idealizar como seria quando ela me tocasse a cada vez que eu mesmo me aliviava depois dos nossos momentos. Vim de uma construção de puro tesão muito forte desde que ultrapassamos a linha e é por esse motivo que eu estou literalmente **sensível**.

Suas mãos trêmulas e frias sobem e descem com dificuldade na minha ereção dura e quente. Ryle parece estar se decidindo sobre o que fazer comigo, enquanto eu só quero implorar para que ela seja rápida, por mais idiota que isso seja.

Como se escutasse os meus pensamentos, ela leva a boca à cabeça do meu pau, onde o pré-goço já está escapando por tamanho frenesi que percorre os meus sentidos. Solto mais uma vez um grunhido, porque sentir a sua boca na minha carne pulsante e necessitada é muito mais do que eu possa suportar. Fecho os meus olhos com força, engolindo a seco a minha saliva, que ainda tem o seu sabor, enquanto ela coloca tudo que consegue na sua boca. A minha respiração engata, como se eu tivesse levado um soco no estômago, mas, não, essa é apenas a sensação dos lábios macios de Ryle ao redor do meu pau, sacudindo a sua língua dolorosamente bem, ao passo que me deixa a um triz de tomar seus cabelos entre os meus dedos e forçar até sentir sua

garganta.

Ela o tira da sua boca, devagar, me provocando como o próprio diabo, e então chupa com força a ponta, como se me pedisse para gozar. Porém, ainda quero aproveitar mais, pelo menos que seja por mais trinta segundos. Ryle deixa a sua saliva descer pelo meu pau, lambuzando as suas mãos — agora mais firmes — e fazendo um vaivém que tenciona todos os meus músculos, de tão bom que é. Escuto a sua risada vir, porque ela está assistindo o que faz comigo, a facilidade que Ryle tem de me transformar em pó. Sua boca retorna à minha ereção, sendo muito mais precisa do que antes e arrancando todo o fôlego que sobrou em mim.

E se eu morresse agora?

Porra, eu morreria tão feliz, que não tenho palavras que possam descrever a minha felicidade.

Não resisto ao meu impulso e ajudo Ryle, enrolando meus dedos em seu cabelo e fazendo-a ir mais rápido. Ela me ajuda em cada um dos meus silenciosos pedidos, como se estivesse esperando para que eu implorasse logo.

Eu não aviso quando estou perto, porque eu nem mesmo sei de onde vem, mas só me dou conta quando as minhas pernas tremem e eu empurro mais profundo em sua boca. Ryle não reclama, nem recua, ela faz tudo como eu mesmo fiz, tomando para si cada gota da minha porra e se orgulhando

disso. Solto o seu cabelo aos poucos, deixando o meu braço pesado cair ao meu lado e finalmente voltando a respirar. A morena também recua aos poucos, levando todo o seu tempo para ainda lambe o meu pau e qualquer resquício que sobrou de mim mesmo nele.

Vindo para cima de mim, completamente nua, enquanto esfrega a sua buceta no meu pau, Ryle sorri. Eu poderia fodê-la agora mesmo se ela continuar fazendo isso, porque eu devo ficar duro outra vez logo, logo.

— Eu fui boa? — pergunta, com os lábios avermelhados e levemente inchados.

Sorrio, completamente pervertido, porque eu juro que quero mais disso agora mesmo.

— Muito boa. Era como se estivesse orando...

— Christian! — exclama, exasperada, acertando meu braço com um tapa.

— Orando com o meu pau na boca, enquanto eu apenas resmungava amém para todas as suas palavras, ou eu deveria dizer chupadas?

O rosto de Ryle é pura vermelhidão.

Ela não cansa de ser linda.

— Você é um pecador daqueles...

— Sim, eu sou, e você vai dormir nua hoje comigo.

— Nem pensar. — Ri, escapando e ficando de pé.

Ryle arruma outra roupa e volta para cama, enquanto eu apenas puxo a minha calça para cima.

— Então você gosta de tapas, não é... — sussurra, enrolando-se ao meu lado e me fazendo rir sem vergonha.

— Sim, eu gosto.

— Dessa forma, acho que vou ter que te dar uns.

Nós rimos juntos e eu apenas imagino essa ideia.

— Se isso te der algum prazer, quem sou eu pra negar?

Ryle arqueia a sobrancelha e boceja em seguida.

— Não, eu não sinto prazer — afirma, dando de ombros, enquanto enfia o rosto na curva do meu pescoço. — Mas eu gostei do que fez comigo, só não sei se vou gostar pela manhã.

— Por outro lado, babe, eu vou adorar ver você com o traseiro dolorido e saber que foi eu que fiz — sussurro, tirando sua última risada, porque sei que Ryle está se rendendo ao sono.

— Você não vale nada.

— Eu sei disso. — Sei mesmo. Beijo o topo da sua cabeça e relaxo com ela, dizendo também uma última vez antes de me render ao seu lado. — Durma bem, meu amor.

— Durma bem, Chris...

Depois disso, eu realmente durmo, e durmo com o maior sorriso do

mundo, porque eu tenho a mulher mais perfeita do mundo comigo.

“Você é o café que eu preciso de manhã. Você é o meu raio de Sol na chuva quando ela está caindo. Você não vai se entregar para mim? Se entregue completamente, eu só quero ver...”

BEST PART — DANIEL CAESAR FEAT. H.E.R.

RYLE DIANN SIVAN

A rapidez com a qual os dias vão passando é algo que me assusta um pouquinho, ainda mais quando tenho encontros dia após o outro com Christian depois da meia noite em meu quarto. O medo sempre esteve nos acompanhando — *pelo menos falo por mim* — a cada um desses momentos juntos, porque eu nem consigo imaginar o que seria de nós se nossos irmãos nos pegassem no “meio do caminho”. Nossa convivência tem sido “ok” dentro de casa, já que os garotos passam mais tempo fora bebendo, se divertindo entre uma festa e outra, do que em seus quartos ou mesmo com nós dois.

Quase três semanas se passaram desde a primeira vez que eu... *hm...* como posso dizer...? Ajudei Christian? Minha risada sai sozinha, porque os meus pensamentos são ridiculamente engraçados. Mas, sim, basicamente isso. Quase três semanas se passaram desde aquele momento e posso dizer sem dificuldade que essas coisas têm me mudado bastante, principalmente a

respeito da forma como eu vejo Christian.

O que nós temos e sentimos um pelo outro começou a ir por um caminho tão mais íntimo, algo que nunca tive com nenhuma outra pessoa e eu seria muito mentirosa em dizer que não estou feliz por estar acontecendo logo com Chris.

Ele é e sempre foi o melhor cara que eu já “conheci”.

Suspiro, fitando-o descaradamente enquanto estamos terminando de encaixotar as últimas roupas de Andrew.

Nessas últimas semanas de festas e saídas noturnas, os garotos resolveram que seria uma boa ideia se juntarem a irmandade mais famosa do campus, onde quase todos os caras do time de futebol fazem parte. Meus pais não se opuseram a ideia e nem Seth e Pearl. Eu e Christian então? Contamos os dias ansiosamente e até estamos aqui ajudando-os. Não que eu queria que eles fiquem longe, mas é que estar perto de Christian tem um preço e ele geralmente é baseado na distância entre nós dois para que ninguém nos descubra.

— O que você tanto pensa? — indaga, aproximando-se de mim em largos passos. O loiro beija a ponta do meu queixo, fazendo-me suspirar ainda mais por querer ir mais longe. — Diga-me.

— Em nós dois. Sempre.

— É hoje que a casa é só nossa, Ryles... — Seu tom é cheio de

perversão e promiscuidade, o que me assustaria caso eu já não estivesse ciente do quão safado Christian Wyatt-Sawyer é. Entendo o fascínio de todas as outras. — Estou ansioso por isso.

— Eu imaginei que estaria — sussurro de volta, controlando todos os meus impulsos de desejo.

Ele certamente ainda vai me deixar louca.

— O que eu posso fazer se você é gostosa pra caralho...?

A porta de algum quarto bate e eu empurro Christian pra longe, enquanto no instante seguinte Andrew entra sorridente.

— Terminamos por aqui? — pergunta, chegando mais perto de mim.

— Acabamos de terminar. Christian encaixotou suas últimas coisas, então já podemos terminar de levá-las para o carro. Tudo bem com Ben lá fora? — retruco, enquanto Andrew me abraça e me gira no ar. — Ei! O que é?

— Nada, titia — brinca, colocando-me no chão com um meio sorriso. — Só que... *porra*. Vamos ser grandões na UCLA.

Reviro os meus olhos.

— E quando os Wyatt-Sawyer não são grandões por onde passam? — indago sinceramente.

— Isso aí. — Aponta para mim, com os nervos à flor da pele e superanimado. — Nunca. Nós sempre somos grandões.

— E bota grandões nisso — Christian assobia, fazendo as minhas bochechas queimarem, assim como todo resto do meu corpo.

Andrew gargalha com o seu irmão, enquanto eu tento respirar o mais fundo possível para me acalmar do desconcerto.

— Você está deixando a nossa titia com vergonha, otário. Ela não precisa saber desse tipo de merda — Andrew empurra Chris, empilhando duas caixas e endireitando-se com elas nas mãos.

— Fala isso porque você é brocha — o loiro alfineta com ironia e o moreno revira seus olhos.

— Uma vez, porra. Foi uma vez.

— Só precisa acontecer uma vez para que todos se lembrem disso — continua, ainda mais divertido.

— Não acontece mais — rosna para Christian. — E é por isso que estou fazendo sucesso com as garotas.

— Falou o pau de aço — Ben anuncia, se juntando a nós, enquanto Chris e ele começam a rir da cara de Andrew.

— Esse papo de vocês está me enojando com muitas coisas que eu *realmente* não preciso saber. Vocês homens sinceramente gostam de discutir sobre os seus paus? Quero dizer, não tem mais nada de interessante na cabeça de vocês?

— Nós somos idiotas, irmãzinha. Não se preocupe, porque quando

pararmos de ser idiotas, iremos pensar em algo além disso — Ben responde.

— Não quero parar de ser assim — Andrew retruca. — Quando a gente parar, com toda certeza alguma mulher vai estar envolvida no meio e sabe quando eu quero virar cachorrinho delas? *Nunca*. Nem mesmo quero casar. Que eu morra um acéfalo, porque me curvar não vai acontecer nem que o mundo gire ao contrário.

Christian gargalha do seu irmão, mas eu não acho graça nenhuma nisso.

— Por que diabos você e Romeo são tão revoltados? Pegaram todos os genes do papai para vocês? Esse papinho de não querer se curvar a uma mulher nunca funciona, porque quando menos percebe, elas já estão debaixo da sua pele e não tem como voltar atrás — o loiro comenta pacientemente ao cessar o seu riso. — Mas, por favor, quando achar a garota que vai te tirar da sua merda, me diga, porque quero ser o primeiro a dar parabéns a ela.

Andrew revira os olhos e sai xingando baixinho.

— Ele só está sensível — Ben diz, pegando umas caixas e indo atrás do outro.

Cruzo os braços, fitando Christian.

— Você parece uma criança com eles.

Ele sorri, voltando a se aproximar de mim.

— Homens são idiotas, babe. Não se esqueça que eu ainda sou um deles e, além disso, é divertido irritar o meu irmão. — Suas mãos seguram

cada lado do meu quadril. — Acredita no que ele disse? *Nunca vai casar ou se curvar...* — Ri, debochando por último e me fazendo rir consigo.

— Você já pensou assim? — questiono curiosamente.

— Sempre tive você desde que me entendo por gente. Sempre fui curvado por você, Ryle. Sempre. Não pensei em nada disso em nenhum momento. Sabia lá no fundo que sempre teria você, apesar de tudo, então essas coisas nunca nem passaram por minha cabeça.

Mordo meu lábio inferior, definitivamente atingida por suas palavras.

Christian ainda vai me matar um dia.

— Gosto mais desse Christian do que do Christian-homem-idiota — sussurro, puxando seu sorriso mais sincero.

— Esse Christian é só seu.

Calor invade o meu corpo por sua declaração simples, mas tão significativa.

Só meu...

Não que algum dia eu tenha sido possessiva com algo ou alguém, mas escutar algo assim, tão sincero e sem cobranças, é de me tirar do eixo e de me deixar satisfeita pra caramba.

Enlaçando os dedos em meu cabelo, ele reivindica meus lábios com os seus, puxando do fundo do estômago todo o nervosismo de pura antecipação que tentei apaziguar dentro de mim.

— Não podemos agora — digo, tentando escapar da quentura do seu corpo junto ao meu.

— *Porra* — pragueja, insatisfeito como eu.

Andrew e Ben voltam para pegar mais caixas no instante em que Christian está voltando para o seu lugar. Viro-me de costas para os três, fingindo despejar minha atenção em qualquer outro canto para seguir com meu falso desinteresse.

— Ei, Ryles... e aquela saída com Hudson? Quando vai ser mesmo...?

— Andrew indaga enquanto empilha as caixas em cima das outras.

Ah... sim. O encontro.

— Amanhã. — Dou de ombros.

— Eu juro que estou a um passo de chutar a merda para fora do traseiro inconveniente de Hudson — meu irmão comenta com os dentes rangendo e eu sorrio com suas palavras, mesmo que eu seja terminantemente contra violência.

— É apenas um encontro de colegas e, se deixar você mais tranquilo, Ben, Christian vai estar lá — anuncio, virando-me aos poucos para fitá-los.

— Como? — Andrew ri, como se eu tivesse falado realmente algo engraçado. — Nem assim você a deixa ir, Chris? — zomba o seu irmão e eu observo então o quão tensa a postura do loiro está se projetando.

— Por mim eu não estaria lá — mente descaradamente, evitando meu

olhar. — Lilly combinou toda essa besteira de “encontro de casais” e eu apenas aceitei, afinal, não tenho nada de mais interessante para fazer amanhã à noite.

Meu irmão reflete por alguns segundos antes de dizer:

— Pelo menos vai estar lá para se certificar que o idiota não vai ficar se insinuando como sempre para cima da minha irmã. — Arqueio a sobrancelha para Ben e cruzo os braços. — O quê? Eu fico preocupado, principalmente porque ele é obsessivo pra caralho.

Suspiro, concordando.

Eu já percebi isso em Hudson.

Ele realmente é e isso me faz pensar duas vezes antes de continuar com esse plano maluco que em minha cabeça é capaz de funcionar: sair e dispensá-lo. Simples, certo? Espero que sim...

— Fiquem tranquilos, eu vou levar spray de pimenta extra na minha bolsa — aviso, arrancando suas risadas.

— Como se essa merda funcionasse em paus. Eles têm cabeças, mas não olhos — Andrew atira e eu reviro os olhos com seu drama. — Eu vou arranjar um canivete para você, titia.

— Drew... menos. Eu nunca usaria um canivete, por favor.

— Apenas para caso você precise — se defende, dando-me uma última olhada antes de sair com Ben em seu encalço outra vez.

— Eles são meio doidos, não são? — indago a Christian, que dá de ombros.

— Concordo com Andrew, de qualquer forma.

Ele está tão chateado com o encontro.

Suspiro, agora sendo eu a me aproximar de seu corpo.

— Você vai estar lá comigo, babe — sussurro, enlaçando nossos braços e segurando a sua mão firmemente. — Se tem alguém que pode me ajudar caso as coisas saiam do controle, esse alguém é você.

Christian solta uma risada sarcástica, pescando meu olhar de soslaio.

— O encontro deveria ser nosso e não de vocês dois — diz, como se tivesse veneno em sua boca, praticamente cuspiendo as palavras.

Aceno positivamente, porque é o que eu penso, principalmente sobre ele e a maldita Lilly, mas...

— Não podemos agir como um casal publicamente. Esse é o nosso problema, Christian.

Ele me fita, como se a ansiedade fosse explodir em seu corpo a qualquer instante.

— Então vamos tornar isso real logo, Ryle — suplica com um fio de voz tão inconstante que faz meus pelos se arrepiarem.

Engulo o caroço em minha garganta, tentando respirar corretamente, porque ele tem um sério problema em me deixar nervosa quase sempre com

suas ideias mirabolantes.

— Não agora, Christian, por favor — retruco com o mesmo tom. — Nós sabemos que é muito recente e até tudo ficar bem e estável entre nós, precisamos aguentar.

— Aguentar o quê? — Andrew indaga, voltando do nada e sem fazer um mínimo ruído.

Tento agir normalmente, não me afastando abruptamente de Christian, então eu apenas o fito uma última vez — *que está com os olhos vidrados em mim* — e deslizo minha mão até suas costas, tentando acalmá-lo.

Pigarreio, voltando a falar ao virar o rosto para encarar o meu sobrinho:

— A pressão que nossos pais irão fazer para tomarmos conta de vocês dois mesmo longe — minto, porque no final de tudo essa é a minha única saída.

— Não somos crianças — Andrew afirma, debochado, e eu sorrio.

— Às vezes eu tenho lá as minhas dúvidas...

Nossa conversa se torna mais ávida e eu e Christian começamos a ajudar a levar as caixas para os carros. Tento ignorar as batidas erráticas em meu peito devido ao seu pedido tão sincero e desesperado, deixando para conversar sobre isso uma outra hora.

Tenho esse sentimento dentro de mim que a qualquer momento todas as coisas ao nosso redor podem começar a ruir e isso me leva para um lugar

escuro em minha mente quase inexistente.

Perder Christian seria como perder o sentido da minha própria vida, por mais errado que seja despejar tanta responsabilidade assim em uma pessoa.

É só que... *droga*... sempre fomos tão um do outro, nunca nem conseguimos passar tanto tempo brigados ou emburrados. Nunca nos separamos e eu desejo poder eternizar cada uma das coisas que vivemos até hoje para nunca as perder pelo caminho.

Quando consigo me desprender dos meus medos, fazemos nossos caminhos com nossos irmãos ao seu novo lar. Eu com Ben e Andrew sozinho, assim como Christian, que estava em seu carro para voltarmos para casa quando acabarmos tudo com eles.

Aproveitei cada instante com meu irmão para tentar enfiar um pouco de juízo em sua cabeça, ainda que eu saiba que na maioria das vezes ele é bastante cauteloso em seus próprios passos, mas, Bennett e Andrew são aquela mistura que definitivamente está pronta para dar muito errado. É como se eles fossem gêmeos que carregam um ao outro até pelos piores lugares e momentos. De certa forma eu sou muito feliz por eles terem essa ligação, mas ao mesmo tempo não quero vê-los entrando em merdas feias.

Assim que ele estaciona o carro na mansão — *literalmente mansão* — da fraternidade, Drew faz o mesmo, seguido do loiro, e nós começamos a entrar no local com as caixas depois de sermos recebido pelo “irmão” no

comando de tudo. Eu ganhei vários assobios durante meu caminho com os garotos, mas ignorei todos eles.

Com ajuda dos caras idiotas, o trabalho se tornou mais fácil e rápido. No fim de tudo, Christian e eu conhecemos a casa e tudo que precisávamos saber sobre onde nossos irmãos morarão a partir de hoje. Nos despedimos com longos abraços e eu lhes avisei que, qualquer coisa, poderiam nos ligar. Eles reviraram os olhos, afirmando que não precisariam de nada, mas eu insisti — *como sempre*.

“*Não é o fim do mundo, Ryle. É só outra casa, outro bairro*”, repito para mim mesma o mantra que criei enquanto afivelo o cinto de segurança ao lado de Chris.

Os garotos ficaram lá por dentro — *não se incomodando em participarem de mais um último adeus comigo* — e nós dois já estamos prontos para irmos embora.

— Agora sim posso dizer que vamos para a nossa casa — o loiro comenta, puxando minha atenção totalmente para si.

Sorrio de lado, encolhendo os ombros levemente.

— Essa é uma nova experiência — afirmo, certa de que isso pode ser o nosso tudo ou nada.

— E eu garanto que vai ser a melhor delas. — Sua voz cheia de convicção me alivia.

Eu confio nesse homem até de olhos fechado e mãos atadas.

Christian inclina o corpo para perto do meu e descansa a testa na minha, respirando-me por inteira.

Nunca vou me acostumar com a sua intensidade.

Ele corre os dedos suavemente por meu rosto até segurar o meu pescoço e juntar as nossas bocas. Meu corpo é derretido em seu toque, enquanto aproveito os breves e inocentes segundos antes de recuar com um sorriso tímido inconsciente brincando na minha própria boca.

— Não podemos fazer essas coisas aqui — sussurro, ainda próxima o suficiente para sentir seu hálito mentolado em meu rosto.

— Vamos para casa então, porque eu tenho fome de você, Diann.

Engulo a seco.

Sim, eu também tenho fome de Christian.

Uma absurda e crescente fome de cada coisa que diz ao seu respeito. Eu quero chegar logo em nossa casa para podermos nos saciar em nós mesmos dessa necessidade pulsante e avassaladora dentro dos nossos corpos.

Ah, sim, Christian Wyatt-Sawyer.

Você vai ser a minha ida ao inferno e de volta ao céu.



Depois de pegar alguns últimos horários de aula e jogar conversa fora

com meus amigos na mesa do refeitório, com o fim de tudo resolvemos passar o fim de tarde em casa, à beira da piscina. Essa provavelmente foi a nossa ideia mais inteligente de todos os tempos, porque nada tira da minha cabeça que ter uma piscina em casa que não é usada com frequência é puro desperdício.

Enquanto Christian, Cameron, Ashley e Lex estão no gramado à frente, Gracie e eu estamos sentadas à beira da piscina, balançando nossos pés tranquilamente, enquanto rimos dos nossos amigos praticamente humilhando — *de um jeito totalmente saudável* — a falta de habilidade de Chris com futebol americano.

— Sabe o que é estranho? — Gracie pergunta, tomando um gole do seu suco e tirando minha atenção dos quatro à frente.

— O quê? — questiono curiosamente com o seu assunto repentino.

— Você sair com Hudson quando... bom... — Ela indica com a cabeça para o loiro.

Engulo a seco, controlando a minha súbita vontade de tossir em um estado de timidez tremendo.

— Não sei do que está tentando falar, Gracie — resmungo, buscando por minha bebida para ocupar a minha boca.

— *Ryle...* — Ela ri, balançando a cabeça negativamente. — Ou eu estou muito louca, ou vocês ainda vão ter algo a mais e eu juro que quero estar

muito louca, porque é errado, não é?

Sim...

— *Gracie...* — sussurro. — É loucura.

— Eu sei, eu sei... mas, Ryle... — Sua risada vem mais nervosa, como se ela estivesse se odiando por falar isso. — É só que não consigo ver vocês dois separados, entende? Fico observando às vezes os olhares que vocês trocam, como se ninguém mais ao redor importasse, mas nós continuamos aqui, vendo o quanto vocês dois se adoram desse jeito tão simples: com um olhar. — Suspira e eu acabo fazendo o mesmo. — Tenho certeza que gosta dele.

Esse, talvez, seja o meu medo mais real: alguém notar os olhares furtivos que eu e Christian trocamos sem perceber.

— Isso é besteira. Eu amo Christian, ele é... ele é *família*. — Minha voz é tão dura comigo mesma que praticamente sai embargada.

— Eu seria a fã número um de vocês dois. — Gracie encolhe os ombros, sentindo o peso das minhas palavras.

Errado.

Família.

— Seja fã número um da nossa amizade.

— Isso eu sempre fui. — Revira os olhos. — Ryle... Você já viu alguma foto sua quando era bebê?

Seu questionamento me faz franzir o cenho.

Quando era bebê?

— Como assim?

— Não lembro de já ter mostrado alguma para nós. Christian já mostrou um monte, mas você não. — Seu olhar me causa um frio na barriga.

— Você tem alguma para me mostrar?

É a minha vez de encolher os ombros.

— Não... — sussurro, deixando meus pensamentos se perderem em meio isso tudo.

É verdade: Christian já mostrou dezenas, centenas de fotos dele quando bebê. Andrew, Romeo, Bem, Noah, os gêmeos... mas eu nunca vi uma minha. Nunca. E isso nunca foi nada especial até agora.

Onde estão as minhas fotos?

— Você não tem aqui? — replica.

Balanço a cabeça negativamente, respirando fundo.

— Eu nunca vi nenhuma, Gracie.

O silêncio entre nós duas abafa todo e qualquer barulho exterior.

Por um milésimo de segundo eu me pergunto se, por algum acaso, eu sou adotada. Isso me causa calafrios, dos pés à cabeça, porque seria o tipo de informação que deveriam ter me dado desde o começo de absolutamente tudo.

Coloco-me de pé e debaixo de muitos chamados de Gracie, avanço para dentro de casa em uma corrida maluca atrás do meu celular. Preciso falar com os meus pais, preciso perguntar onde estão as minhas fotos e porque diabos eu nunca as vi. Eu quero uma foto de quanto era bebê, só isso e mais nada. Preciso aliviar o aperto que começa a inchar em meu peito.

Quando já estou subindo o primeiro degrau, alguém me segura pelo braço.

É Christian, claro.

— Ei, babe — diz, ofegante, depois de provavelmente ter corrido atrás de mim. — O que houve?

— N-Nada, Christian — atiro, puxando mais ar para os meus pulmões. — Eu só queria meu celular, preciso falar com os meus pais.

— Ryle — chama a minha atenção, segurando o meu rosto suavemente para eu fitá-lo dentro dos olhos. — O que aconteceu? De verdade?

As lágrimas começam a acumular nos cantos dos meus olhos, enquanto meu rosto inteiro queima na sensação de que eu estou preste a chorar meu coração para fora da boca. Sim, é essa a sensação que queima em mim.

— Você já viu alguma foto minha quando eu era bebê? — sussurro com o último fio de voz que me resta.

Tento buscar alguma reação completa de Christian, mas ele me dá apenas partes dela. Seus olhos parecem congelar por um pequeno instante,

assim como ele inteiro, mas o loiro grunhe, me abraçando com força.

— Sim, Ryles. Eu já vi.

— Já? — O aperto parece ficar mais fácil de lidar. — Mas eu nunca vi, Christian.

— Deve perguntar aos seus pais, babe, e provavelmente eles mandarão alguma para você. — Ele beija o topo da minha cabeça, afastando-se apenas o suficiente para nos encararmos de novo. — Eles devem voltar essa semana das viagens que estavam fazendo, ou, sei lá, ainda estão fazendo, para resolver as coisas dos hotéis enquanto o papai está com a mamãe e Romeo em Londres. Vamos esperar até isso? Creio que eles passarão aqui... certo?

Sim...

Eu havia esquecido isso.

— Você tem razão — digo, deixando o nervosismo de dissipar aos poucos do meu corpo enquanto admiro o rosto do homem que tem meu coração nas mãos. — Por um momento eu pensei que talvez pudesse não pertencer a família, Christian — deixo-lhe saber por minhas palavras o que estava se passando por minha cabeça.

— Isso nunca vai acontecer, Ryle. Você sempre vai pertencer a nossa família, você sempre vai ser a *minha família*. Não tem nada nesse mundo que poderia mudar isso, babe. Porra...

Aceno positivamente.

— E você sempre vai ser a minha família, Chris.

Seu sorriso aliviado vem e a minha agonia se dissipa completamente.

— Eu te amo, babe.

As batidas do meu coração perpassam por meu corpo inteiro até que eu sele os nossos lábios suavemente. Depois que tudo isso começou, é a primeira vez que Christian fala isso para mim e eu consigo sentir a intensidade extra que essas três palavrinhas adquiriram para nós dois.

— Eu te amo... tanto... tanto... tanto... — sussurro de volta, entre um beijo e outro.

Eu realmente o amo com tudo de mim.

— Não corra assim de novo — pede, deslizando as mãos por minha cintura. — Me deu medo pra caralho.

Sorrio sinceramente.

— Não vou mais fazer isso.

Um pigarro nos puxa de volta e Christian e eu retesamos imediatamente.

— *Ryle?* — É Grace.

Porra. Merda. Eu esqueci completamente de todo o resto... assim como ela pontuou anteriormente...

Christian se afasta de mim com o seu melhor olhar de “estamos muito fodidos” e eu apenas lhe devolvo o meu melhor olhar de “deixei que eu falo

com ela sozinha”. Assim que o loiro nos deixa, minha amiga se aproxima em passos lentos, enquanto tento ler a expressão em seu rosto. É quase nula, eu devo pontuar, mas ainda assim eu tento achar algum indício do que Gracie está pensando sobre Christian e eu.

— Bom, louca eu sempre soube que era — sussurra, começando a sorrir para mim ao mesmo passo que o rubor sobe por meu corpo inteiro. — Mas... então, eu sou a fã número um, não é? — brinca.

— Gracie... — Suspiro pesadamente, morta de vergonha. — Tio Simon e tia Spencer estão na sua frente, mas, depois deles, creio que sim — informo.

— Jesus... Eles sabem? — indaga, com os olhos arregalados e tudo. Aceno positivamente, dando-lhe a verdade. — Mas, Ryle, é errado, não é?

Mordo o meu lábio inferior, sentando na escada.

— Sim, Gracie. É errado, só que parece ser tão certo... — Eu sei que estou soando desesperada quando minha melhor amiga segura a minha mão, preocupada. — É só como se fosse para ser todo esse tempo e eu simplesmente não consigo dizer não para os meus sentimentos ou para Christian. Sinto como se tivéssemos nascido um para o outro.

— Ryle, é o que é. Se vocês se amam dessa forma, que seja loucura, que seja errado... *mas que seja vocês*. Sempre achei que fariam um casal perfeito, porém seria meio impossível de acontecer. Vendo isso agora só

mostra que o amor às vezes fala mais alto e, infelizmente, talvez nem todo mundo entenda, mas quem precisa entender isso é somente vocês dois. Sempre.

Concordo com um aceno simples, tão aliviada por não ter recebido o seu pior julgamento.

Talvez Christian e eu sejamos mais um do outro do que possamos perceber.

— Por favor, não conte para ninguém. Ainda não estamos prontos... *eu não estou pronta.*

— Somos amigas por uma razão, não é? — pergunta e eu concordo. — Fique tranquila. Odeio guardar segredos de Cam, mas nem mesmo ele vai saber disso até que você e Christian resolvam falar sobre.

Sinto-me levemente mal.

Odeio mentiras e saber que estou basicamente pedindo para Gracie mentir para o seu namorado me deixa chateada comigo mesma, mas não tenho outra saída.

— Obrigada, Gracie. — Ela me abraça forte, passando-me sua confiança e firmeza.

— E as fotos? — indaga ao sentar do meu lado.

— Meus pais estão viajando. Antes de chegar, Christian me certificou de que já viu essas minhas fotos quando ainda era um bebê. Sei o que pensou,

Gracie, mas é impossível, sabe?

Ela suspira e concorda.

— Desculpa por ter feito você pensar besteira — pede, mas balanço minha cabeça para lhe mostrar que não foi nada. — Mesmo sendo fora dos padrões, eu vou apoiar você e Christian. Ele sempre te fez muito feliz e eu sempre fui muito grata por isso. Não seria agora que isso mudaria.

— Ele realmente sempre me fez muito feliz — concordo, porque todo mundo vê o quão forte é a nossa relação.

— Vai me contar como começou? — Seu sorriso largo e animado me faz gargalhar.

Nós voltamos para a piscina e, enquanto assistimos os outros se divertindo, conto discretamente para Gracie como tudo começou. Ela faz caras e bocas, me dá suspiros e risadas, e no final de tudo, me sinto mais leve e feliz por finalmente ter compartilhado tudo isso com alguém tão importante para mim quanto Gracie é. Tenho Christian e meus tios, mas eu não posso falar sobre Christian para ele mesmo e meus tios sempre estão longe, cuidando das crianças, então isso ter acontecido certamente me deu um alívio tremendo.

É bom poder conversar com sua melhor amiga sobre o cara com quem você está ficando.

Quando a noite caiu completamente, Gracie resolveu arrastar todo

mundo para fora, me dando seu olhar extra e malicioso, juntamente com uma piscadela. Ash e Lex reclamaram. Cam eu nem preciso comentar, ele mal conseguiu entender sua namorada. Mas, Christian, por outro lado, só ficou com a melhor pose de “muito obrigada por isso”.

Acenamos uma última vez para os nossos amigos antes de fecharmos a porta.

— Como foi com ela? — Essa é a primeira coisa que Christian me pergunta.

— Um pouco assustador, porque eu realmente fiquei com medo do julgamento, mas a gente conhece a Gracie... — paro para fitá-lo, sentindo minhas mãos formigarem em necessidade de tocá-lo. — Eu acho que pelo menos nossos amigos vão entender.

— Provavelmente, babe, mas só vai acontecer quando você decidir. Gracie foi um acidente, um descuido, e eu sinto muito por isso porque em partes a culpa foi minha. — Christian sobe a sua mão até o meu rosto, arrastando suavemente os dedos por meus traços. — Inferno, Ryle. Você é perfeita.

Mesmo com meu rosto pegando fogo de vergonha, digo:

— Não precisa se desculpar, Chris. A bobagem foi minha em pensar aquelas coisas e me desesperar pelo impossível. — Seu olhar sobre mim suaviza. — Você só quis me acalmar...

— Quer ver uma coisa? — questiona e eu aceno quase que instantaneamente que sim.

O loiro tranca a porta e entrelaça nossos dedos, se apressando em me puxar por todo caminho até o segundo andar. Nós entramos em seu quarto praticamente trocando os pés e ele me deixa sentada na sua cama enquanto procura por algo na sua escrivaninha. Quando ele parece encontrar o que tanto procurava, se aproxima de mim novamente e senta ao meu lado.

Christian entrega na minha mão uma fotografia.

É uma polaroid bastante antiga e o meu coração aquece em um estalar de dedos.

Não tem como eu não reconhecer o pequeno de cabelos loiros e cacheados com segurando uma bebê no meio das pernas, que sorria de volta para ele.

— Não tenho muito o que lembrar dessa época, mas é uma fotografia que a minha mãe me deu há alguns anos e eu guardo comigo. Eu já tinha quase dois anos e você com quase um ano, porém ainda muito pequena para ficar de pé sozinha ou falar mais do que algumas sílabas desconexas. — Essa era eu. Realmente eu. — O negócio, Ryle, é que você sempre foi nossa, sempre pertenceu a todos nós e eu sempre te amei desde o primeiro olhar. Sempre quis te proteger e te adorar. Você queria uma foto sua e eu estou te dando essa para você guardar com você para sempre.

Um nó aperta a minha garganta e eu tenho que respirar profundamente para dissipá-lo aos poucos.

— Mas é sua, Chris... eu...

— Babe — sussurra, segurando a minha mão firmemente. — Guarde com você. Por favor.

— Tem certeza? — indago uma última vez.

— Claro. Assim vai saber que eu sempre estive com você.

Sorrio de lado, deixando meu corpo inteiro relaxar em pura satisfação e alegria.

— Você quer o que de mim? Porque desse jeito fica difícil querer manter o mínimo de afastamento de você... por precaução.

— Precaução, é? — Ele ri de volta.

Definitivamente sim.

Precaução ou então vamos acabar com todo resto de proteção que nós estamos tentando promover para nós mesmos.

— Sim.

— *Ruim pra caralho porque eu sinceramente não quero essas suas precauções.*

Christian, Christian, Christian...

— Mas precisamos tê-las. Sempre.

Ele revira os olhos e nós rimos.

— E amanhã, Ryle? — indaga.

— Amanhã você tem um encontro e eu também e o nosso único objetivo é voltarmos para casa com a dignidade sã e salva.

— Você sabe que eu não faço o tipo ciumento-ativo-agressivo, certo? Mas se Hudson ao menos brincar...

— *Shhh...* — peço, enquanto deixo a foto de lado e me coloco sentada em seu colo, beijando levemente seus lábios. — Não pense nisso e fique calmo, por favor. Vai estar tudo sob nosso controle e não vamos precisar chegar a esse ponto, porque eu não quero nada desse tipo de coisa acontecendo de jeito algum. *Taaalvez* eu faça o tipo ciumenta-ativa-agressiva, mas estou comprometida em não deixar Lilly me tirar do sério — brinco, mas no fundo sei que minhas palavras têm um “q” de verdade.

Oro à Deus para que Lilly não foda com todas as coisas, eu não quero ter que passar como louca na frente de ninguém, principalmente se for para brigar por homem. Certo que não é *qualquer homem*, mas ainda assim foge completamente a minha conduta.

— Se você me quer calmo, vai ter que me dar um bom chá.

— Comprei hortelã há alguns dias, acho que posso...

Christian ri, jogando-me na cama e tirando um grito surpreso meu.

Ele solta os dois lados do meu biquíni e a minha risada nervosa ataca em um momento não muito bom.

Eu não acredito no que Christian está fazendo.

— Presumo que o chá não é de hortelã — sussurro no instante em que ele se livra da peça.

— Não. Não mesmo, babe.

Meu estômago afunda e eu reviro os olhos, apertando-os bem juntos com força.

Porra.

Acho que posso me acostumar a dar-lhe esse chá se ele continuar sendo *tãooo* bom comigo.

“Se conseguirmos superar isso, podemos superar qualquer coisa.”

IF WE CAN GET THROUGH THIS WE CAN GET THROUGH ANYTHING — JAMES ARTHUR

RYLE DIANN SIVAN

Perdida talvez seja a melhor palavra para me definir nesse exato momento. Em meio a minha má vontade e toda a minha vontade de sair gritando para todo mundo que eu amo Christian, estou tentando, juntamente com ele, abafar ao menos por agora as coisas de darem extremamente errado. Há uma hora que tento dar um jeito em mim para sair com Hudson, que já deve estar chegando para me buscar. Chegou o dia e a hora da merda acontecer.

Estou cansada.

Queria poder não ter que me esconder com o loiro e cada dia a minha insatisfação vai se tornando cada vez maior, porque eu nunca fiz nada errado. Nunca. Eu sempre fui a garota exemplar em todos os quesitos da minha vida e estar vivendo isso é a maior loucura que eu já me permiti viver, e eu sei que só estou nessa porque é com *ele*.

Assisto Christian entrar no meu quarto em passos largos e firme. A sua

postura tensa debaixo da camisa de manga longa, rente aos seus músculos, mostra que ele está exatamente como eu: perdido, insatisfeito e a ponto de cometer uma loucura. Seu cabelo cacheado ainda úmido me enche de vontade de correr em sua direção e me jogar em seus braços para tocar nos fios que mais parecem como ouro. Ele está lindo, mas isso não é nenhuma novidade. O jeans baixo em sua cintura é um claro convite para que eu o tire, mas não podemos fazer nada disso, especialmente agora.

— Você está pronto para isso? — questiono, fitando os seus olhos ansiosos e caminhando até fechar a distância entre nós.

Christian balança a cabeça negativamente, dando-me a resposta que eu mesma tenho. Não, ele não está pronto e, não, eu também não estou. Com esse frio na barriga recorrente e grande vontade de vomitar, seguro as suas mãos, entrelaçando os nossos dedos juntinhos e esfregando meu dedão no seu dorso. Me acalma e parece que acontece o mesmo com ele.

— Ainda há tempo de desistir — sussurra, grudando os lábios em minha testa.

Suspiro, sentindo o calor do seu corpo emanar contra o meu em uma bolha só nossa de puro conforto.

— Serão apenas duas horas, no máximo, de tortura. Podemos fazer isso, Chris, e assim a gente tira eles dois dos nossos pés. Sinto como se eles nos assombrassem a cada passo e isso é perturbador para mim, para nós,

sendo o que somos. Só quero por um ponto final nessa loucura.

Ele geme, insatisfeito.

Eu também estou, mas... droga... precisamos fazer isso.

— Eu te amo, babe. Porra, eu te amo muito, e essa merda está começando a doer porque eu não quero ver você com outro cara.

Inclino o rosto para cima e nós nos encaramos diretamente.

— Eu te amo, Chris, e dói em mim também. Odeio isso mais que tudo, acredite em mim, mas quando acabar, vamos vir para casa e nos enrolar debaixo das cobertas até dormirmos.

Ele sorri de lado, cético.

— A última coisa que eu quero fazer hoje, Ryle, é dormir.

A buzina de Hudson vem para nos acordar do transe.

Felizmente consegui me arrumar, mesmo em meio tanta má vontade. Escolhi um vestido branco simples, sandália sem salto e fiz uma trança como penteado para ocasião. Maquiagem? Apenas o suficiente para cobrir as olheiras e me dar um ar de saúde com blush.

— Você está linda e eu daria qualquer coisa para que fosse para mim — Christian me puxa de volta para si com as suas palavras mais uma vez.

Meu coração acelera e ele me quebra assim, tão entregue a nós.

Seus lábios encostam nos meus suavemente e eu me agarro nesse último beijo antes de sairmos como se fosse a minha tábua de salvação.

Christian enrola os dedos em meu cabelo, correspondendo a minha intensa reação do jeito que nós dois precisamos. Nosso carinho embola de uma forma que parece não ter mais volta e eu juro por tudo que é mais sagrado, eu não queria que tivesse, pelo menos não hoje, não agora.

Arrepios sobem por todo o meu corpo, me fazendo precisar de *mais*. Ultimamente é assim que eu me sinto com Christian: sempre precisando de mais um passo, mais um toque, mais um encontro. Tem sido cada vez mais difícil aguentar toda necessidade magnética entre nós dois, ainda mais pelo fato de estarmos sempre perto um do outro e morando na mesma casa. É claro que pioraria, aumentaria e explodiria cada sentimento que guardamos secretamente todo esse tempo, até de nós mesmos, dentro do coração.

Mordo o seu lábio inferior, chupando a carne molhada e aproveitando para aprofundar nosso beijo uma última vez debaixo de tanta buzina. Agarro em seus braços fortes, esbarrando minha mão pela extensão forte mesmo por cima da camisa e subindo até chegar em seus cachos, os queridos e adorados cachos. Essa é, provavelmente, a minha parte favorita em Christian. Eu sorrio, porque é tão bizarro o quanto sinto que ele é meu.

Quebramos o beijo pela falta de ar e eu encosto a testa na sua.

— Está rindo de que? — questiona, descendo os estalos molhados por meu pescoço e me fazendo apertar ainda mais os meus olhos.

— Estamos indo para um encontro de “casais”, mas temos esse laço tão

forte... somos tão ligados, Chris... que... que eu só consigo pensar no quanto eu sinto dentro de mim que você é completamente meu, apesar de todos os pesares e não somente dessa merda de jantar.

— *Ryles...* — sussurra, deixando a boca colada em minha pele e permitindo-me sentir a sua respiração acelerada vir contra mim.

Ele gosta do que eu digo.

Eu gosto do que eu digo.

É algo em comum entre nós dois.

Continuo mexendo em seu cabelo em forma de carinho até abrir os meus olhos e Christian endireitar o seu corpo para me encarar.

Vomito as minhas últimas palavras.

— Sabemos que vou estar ao lado dele essa noite, mas não tem lugar no mundo que eu queira estar mais do que *ao seu lado*, Christian.

Isso o atinge profundamente, posso ver estampado em seu rosto, e, droga, eu preciso admitir que atinge até a mim. Nós respiramos na mesma frequência e intensidade. Os batimentos dos nossos corações são praticamente os mesmos no momento em que Chris sela os nossos lábios para dar fim momentâneo a essa troca.

— Eu sempre vou querer estar ao seu lado, Ryle. Sempre.

Sorrio.

— Vamos? — pergunto, forçando-me a isso.

Christian concorda com um breve aceno e eu pego minha bolsa e celular, saindo com ele do meu quarto. Chegamos ao andar de baixo e nos beijamos de um jeito mais simples uma última vez antes de finalmente abrirmos a porta e nos separarmos.

— Me diga se ele passar de algum limite. Estou pronto para briga.

Reviro os olhos.

— Me diga se ela passar de algum limite também. Hoje todos estamos prontos para briga, não acha?

O loiro sorri, balançando a sua cabeça positivamente.

— Vamos logo para esse circo acabar bem rápido e nós dois finalmente fazermos algo que interessa para ambos — digo, mesmo contragosto.

Christian me deixa ir, separando o seu corpo do meu e fazendo-me sentir falta da nossa proximidade quase que imediatamente. Cada dia me vejo mais necessitada de estarmos mais unidos e esse é o pensamento que mais enche a minha cabeça todos os dias, do momento em que acordo ao momento em que vou dormir.

— Eu odeio esse cara — grunhe, abrindo a porta.

Sáímos de casa juntos e caminhamos lado a lado até pararmos na frente de Hudson. O moreno me fita de cima a baixo e o desconforto é quase imediato. Christian pigarreia, provavelmente tão incomodado quanto eu.

— Boa noite, Ryle — ele me cumprimenta, aproximando-se de mim

abruptamente para beijar a minha bochecha.

Christian pigarreia mais alto.

Recuo um passo, sorrindo amarelo.

— Boa noite, Hudson.

— Boa noite, Christian — diz, sorrindo com maldade. — Lilly já deve estar a sua espera — afirma.

— Claro — Chris resmunga.

— Vamos, Ryles? — pergunta e sinto minha pele inteira arder.

Ryles não.

Ryles é de Christian.

— O nome dela é Ryle, cara — o loiro diz antes de nos dar as costas e caminhar até o seu carro em passos largos.

Nós entramos no seu carro e Hudson espera Christian partir para começar o nosso percurso até o tal restaurante que combinamos. O moreno dirige calmamente, quase como se estivesse sem vontade de chegar até lá.

— Ele é sempre possessivo assim? — Hudson pergunta, mas ele sabe bem a resposta.

Não se trata sobre Christian ser possessivo, porque ele não é, não desse jeito ruim que o outro está tentando pintar. O problema é o dito-cujo e nada mais, nada menos, do que ele. Ele ultrapassa limites e barreiras sempre que pode apenas para tirar Christian do sério e me deixar bastante irritada, porque

nunca lhe dei confiança ou mesmo intimidade para isso.

Ninguém me chama de Ryles, apenas a minha família, mas isso também é raro. A única pessoa que me chama bastante por esse apelido, é Christian e é *claro* que Hudson já percebeu isso, ou as suas segundas intenções não teriam escorrido pelos cantos da boca ao falar na frente do loiro.

— Não, ele não é, Hudson. Christian só é protetor comigo desde sempre. Acho que isso não deve muito ao seu respeito...

Ele me fita de soslaio, mas eu não retiro as minhas palavras.

— Vocês dois não desgrudam — atira em tom de brincadeira, mas eu sei que tem bem mais no fundo de tudo que ele diz.

— *Hudson* — chamo sua atenção e ele resmunga, concordando. — Estamos indo para um encontro de casais e você é meu acompanhante, meu amigo. Esperou bastante tempo por essa oportunidade e não acha que seria legal se parasse de falar sobre Christian e eu? Parece que está obsessivo com ele e isso está soando estranho, afinal, ele é minha família.

— Tudo bem, você está certa. Esperei bastante por essa oportunidade.

Resolvo ficar quieta e calada, o que faz com que o moreno ligue o som do carro para preencher o silêncio incômodo entre nós. Eu não tenho muito o que fazer a respeito de Hudson. Não queria estar aqui e, por mais que eu me sinta mal em tratá-lo de certa maneira, não quero fazer de outro jeito, porque

significaria lhe dar uma falsa esperança.

Chegamos ao restaurante depois de longos e longos minutos.

Assim que saímos do seu carro, Hudson pousa a sua mão na base das minhas costas, guiando-me de um jeito tão intimista que me deixa envergonhada. Eu acho que das duas, uma: ou ele não entendeu o que eu disse, ou ele não dá a mínima para o que estou falando. Não somos íntimos de forma alguma. De uma hora para outra, arrependo-me amargamente de tudo isso. Eu não lhe devo ou devia um encontro contra a minha vontade, mas eu sinto medo, acima de tudo, o que torna essa situação ainda mais constrangedora e tóxica para todos nós. Essa obsessão de Hudson, que eu citei em sua cara ainda pouco no carro, me deixa aterrorizada e eu nunca tinha percebido isso de fato até agora, afinal, olhe a que ponto eu tive que chegar.

Suspiro, tentando afastar esse pensamento da minha cabeça aos poucos e relaxar minimamente para não ser tão ríspida no jantar. Às vezes eu mesma tenho raiva de mim e da minha bondade estúpida, porque tenho mais medo de machucar as pessoas, mesmo que eu não me importe realmente com elas, do que machucar a mim mesma. É claramente patético ser assim, tão desleixada com a minha própria saúde mental em detrimento da saúde mental dos outros.

— Isso finalmente está acontecendo — ele resmunga ao meu lado, inclinando o rosto para perto do meu e capturando a pele do meu pescoço

livre com um beijo molhado e estalado. A bile sobe e eu me sinto muito mal, muito mais do que antes. É como se eu estivesse prestes a morrer, a qualquer segundo. — Claro que não é exatamente como eu desejei todo esse tempo, porque nosso encontro nunca deveria incluir Lilly ou Christian, mas ainda assim é *nosso encontro*, Ryle.

Meu olhar cruza com o de Christian, que já está na mesa com Lilly praticamente fazendo-o de refeição e eu me lamento.

Esse lugar é o verdadeiro inferno para nós dois. Um jantar de “pseudo-casais” com o homem que ele não suporta e a mulher que eu não suporto, ambos em cima de nós dois nas piores das intenções, enquanto tudo que realmente queremos é estarmos a sós em casa e em paz. Parece que quando se trata de Christian e eu, querer sinceramente não é poder.

Por sua expressão facial e corporal, eu, com toda certeza do mundo, posso dizer que ele viu cada segundo do beijo inesperado e fora de hora de Hudson no meu pescoço, mas não há muito que ele possa fazer quanto a isso. Entretanto, eu sim. Afasto-me um pouco do homem ao meu lado, sufocada com a sua presença e áurea tóxica. Eu sinto que Hudson está literalmente drenando de mim toda parte boa que me resta para esse jantar, o que significa que estamos iminentemente caminhando para um desastre.

— Hudson, sei das suas intenções comigo, mas não vou te iludir dizendo que eu correspondo, porque seria mentira. — Viro discretamente

para fitá-lo, que já me encara com o olhar claro levemente nublado diante das minhas palavras. — Só que estamos aqui para nos conhecermos mais, certo? Vamos fazer nossa parte para que seja um bom momento para todos, só peço que, por favor, não empurre merda sobre mim.

Sou clara.

Sou objetiva.

Sou praticamente cirúrgica.

Esse é o mínimo que poderia falar para tentar acalmar os ânimos desse cara.

Ele precisa... *recuar*.

Chegamos à mesa e Lilly se levanta com o seu sorriso falso e todo vulgar, mas isso não é novidade para ninguém. Seu vestido preto é colado e curto e só de ver me dá uma leve agonia, porque parece ser feito de látex e é aí que me pergunto como ela ainda está conseguindo respirar com algo tão justo. Fico incomodada sim, porque não tem como não se incomodar quando a pessoa com quem estou ficando secretamente tem uma gostosona ao seu redor pronta para fazer qualquer coisa por ele.

Engulo a seco, fitando Christian fixamente.

Nossos olhares se encaixam e finalmente uma centelha de paz se instala em meu peito porque eu sei que podemos nos comunicar assim, pedindo socorro um ao outro como já era esperado.

— Finalmente vocês dois chegaram — Lilly comenta, fingindo ânimo exatamente como todos, mas por suas próprias razões. — Fizeram uma parada *rapidinha* no caminho?

Arqueio a sobrancelha, enquanto a paz se esvai e fúria vai cutucando os meus pés, pronta para subir por todo o meu corpo, como se eu estivesse pisando em cascas de ovos quebradas.

— Esse não é meu tipo, acredite, Lilly. Hudson foi apenas cuidadoso durante o caminho, nada demais, diferente de Chris, devo imaginar, porque bem sei o quanto ele gosta de ser rápido atrás do volante.

A minha educação prevalece, como sempre.

Precisa de muito para me deixar louca.

— Sim, foi rápido até demais — comenta. — Parece até que estava fugindo de mim. — Lilly ri e a única pessoa que a acompanha é Hudson.

Pigarreio, puxando a cadeira antes que o outro faça mais uma cena e me sentando em frente a Christian. Todo mundo toma seu lugar à mesa e nós começamos a ver o menu do restaurante. O estabelecimento é chique de uma maneira mais jovial. Ao redor tudo que vejo são casais jovens em seus encontros românticos, o que me faz bisbilhotar por cima do menu o loiro, que está fazendo o mesmo de volta.

Nos conhecemos muito bem.

— O que vamos pedir? — Lilly pergunta, como sempre tomando frente

de todas as coisas.

— Eu estou louco para comer Escargot... — Hudson responde.

Eca...

Nada contra, mas eca.

Eu não quero comer caracóis.

— Eu quero batata frita e bife — afirmo, porque é a minha opção mais segura e certa.

— Você sabe como escolher — Christian retruca, sorrindo de lado de um jeito quase que imperceptível. — Acho que vou ter o mesmo. Não tem como batata frita e bife darem errado.

— Vocês saíram de casa para comer isso? — Lilly parece incrédula.

Ora, ora...

Temos uma fiscal de pedidos agora.

— Não se incomode com Christian e eu, querida. Pode pedir o seu prato caro. Gosto é gosto, não tem o que ser discutido. — Sim, infelizmente eu uso o meu tom mais irônico.

Ela sorri com toda maldade escapando por aquela simples ação e acena positivamente.

— Eu acho que vou de Escargot também para entrada. Não tem problema, não é, bebezinho? — Lilly agarra o braço do loiro, sorrindo como idiota e fazendo voz de bebê.

Se você realmente existir, Deus, me leva daqui agora.

Desvio o olhar da cena, tentando focar em qualquer outra coisa enquanto Hudson faz nossos pedidos de entrada até sobremesa, ainda que tenhamos escolhido apenas o prato principal.

Toda irritação que abstraí durante todos os meus anos de vida culminou de vir à tona essa noite.

— Então... — Hudson começa a falar, tentando se aproximar de mim.

— Então... — retruco, pegando a taça com água e tomando um gole. — Como estão as coisas, Hudson?

Viro para fitá-lo, que sorri, parecendo muito contente.

Estou tentando ser educada, além de que não quero voltar a olhar Lilly mais uma vez se jogando para cima de Christian.

— Estavam ruins, mas parece que hoje elas resolveram melhorar. Com você. — Ele sorri mais largo e isso começa a me assustar. — E você? Escutei hoje de alguns amigos que eu sou o primeiro desde que ficou com Jonah no Ensino Médio.

Ah, sim.

Jonah.

A desilusão amorosa.

— Jonah era um imbecil — resmungo, revirando os olhos. — E se bem lembro, foi você quem me enviou as fotos. Atento, não é?

Ele dá de ombros.

— Atento com o que eu gosto demais.

— É agora que o namoro de vocês vai deslancar? — Lilly pergunta, tão inconveniente quanto consegue ser.

Meu potinho da paciência continua enchendo.

Continuo sem fitá-los, descendo meu olhar agora para a taça de água que ainda está em minha mão.

— *Por mim...* — Hudson diz sugestivamente.

Encaro Lilly e depois ele.

Por sorte, o homem chega com a entrada.

Sim, por muita sorte.

Começo a encher a minha boca de comida, enquanto os outros dois enchem meus ouvidos e de Christian com o falatório insuportável. Eu não consigo encarar mais o loiro, porque estou me sentindo tão pressionada que sinto que se eu o olhar, vou quebrar. E, droga, eu não quero quebrar agora, nem nunca.

Tento me isolar em minha própria bolha para ver se o tempo passa mais rápido, mas a cada instante Hudson tenta mexer comigo, se aproximar mais, me tocar mais, enquanto eu apenas recuo de cada uma das investidas. Por outro lado, Christian parece começar a falar mais. Apenas escuto a sua voz, enquanto o prato principal chega e eu foco ainda mais na minha comida.

— Saindo daqui eu já quero mais encontros com você. — Escuto Lilly falar para Christian, é óbvio.

— E você, Ryles, vai querer sair comigo de novo? — Hudson resmunga, aproximando o rosto da lateral do meu e me fazendo recuar pela... sei lá... vigésima vez só essa noite.

— Não sei, Hudson. Se você continuar se aproximando assim de mim, sem minha permissão, esse será o primeiro e último.

Subo meu olhar para ele e resolvo que, por agora, preciso de ar. Muito ar. Levanto, tomando uma respiração profunda ao mesmo tempo que jogo o meu guardanapo na mesa, a um passo de sair correndo. Me controlo, porque definitivamente não seria legal sair correndo no meio de um restaurante como esse. Entretanto, meus passos até o banheiro são largos e cegos, tão cegos que ao chegar lá, mal percebo que Lilly veio comigo.

— Tudo bem, querida? — pergunta, tirando seu batom do meio do decote e começando a aplicar em sua boca.

Sinto como se estivesse a caminho de uma crise de pânico e, não, eu nunca tive uma para saber como é realmente.

— T-Tudo, Lilly — gaguejo.

Minha garganta seca dói quando tento engolir a saliva.

É como se, subitamente, estivesse ficado doente.

— Nossa, você parece pálida, garota — ela continua, o que vai

acumulando ainda mais dentro de mim.

A loira tenta me tocar, mas eu me afasto, abrindo a torneira e não me importando com nada mais do que eu mesma. Apanho um pouco de água com as mãos trêmulas e molho o meu rosto, não ligando muito se a maquiagem que fiz vai estragar completamente.

O alívio vem em ondas.

A água em meu rosto parece ser o remédio que eu estava precisando para tentar voltar um pouco a minha sanidade mental.

Pego um pouco de papel toalha, enxugando o meu rosto com cuidado ao me fitar no espelho. A maquiagem não estragou, até porque eu não passei muito. No final de tudo, agradeço por não estar parecendo uma palhaça em meio a crise que estava sentindo crescer em meu peito.

— Ele tem que ser meu, Ryle.

Viro para fitar Lilly, enquanto jogo o papel molhado no cesto ao lado.

— Não comece, por favor — peço quase que desesperadamente.

— Eu estou falando...

— *Deixe-o vir!*

— *Senhor, por favor, se acalme...*

Franzo o cenho, porque essa é a voz de Hudson e de mais um homem estranho que eu reconheço. Lilly parece ter a mesma reação e em apenas segundos, saio correndo do banheiro, entrando no salão principal e tentando

localizar a nossa mesa.

Os dois estão de pé, encarando um ao outro e se enfrentando com olhares matadores. Em uma outra fração de centésimos de segundos, Christian encaixa um soco na mandíbula de Hudson, que cai em cima da nossa mesa, levando tudo ao chão. Os batimentos do meu coração aceleram como se eu tivesse acabado de sair de uma atividade física.

O que diabos aconteceu enquanto estivemos fora?

Meu queixo cai.

Tipo, *completamente mesmo*.

Hudson grunhe, levantando e partindo para cima de Christian em resposta. Eles dois se agarram, desferindo socos um no outro, enquanto eu não consigo fazer nada. Absolutamente nada. Me sinto paralisada diante da cena, principalmente por nunca ter visto nada do tipo vindo do *meu* Christian Wyatt-Sawyer. É quase como se ele tivesse virado outra pessoa totalmente diferente da que eu sempre conheci em questão de minutos.

— Meu Deus! — Lilly exclama histérica como já era de se esperar. — Hudson, Christian! — continua, correndo até eles dois e se jogando nas costas do moreno. — Sai de cima do meu bebezinho!!!

Deus...

Pisco copiosamente até deixar a minha cabeça pensar e, quando isso acontece, aproximo-me rapidamente, não tanto quanto Lilly foi, mas bem

rápido, ao passo que os seguranças do restaurante se apressam para separar os dois. Assim que eles conseguem, eu amparo Christian, que leva uma mão até sua boca, limpando o canto onde escorre sangue.

A noite que já estava ruim, só fez o favor de piorar.

— O que diabos você está fazendo? — sussurro para Christian, porque ainda que lá no fundo eu acredite que ele não esteja errado em tudo, foi ele quem começou a briga física com Hudson.

— Não, Ryle. Agora não — grunhe.

— Eu gostaria de pedir que os senhores e senhoritas se retirem do restaurante — um dos seguranças diz.

Pego minha bolsa, enquanto assisto Christian tirar algumas notas de cem dólares da carteira e jogar no que restou da mesa em que estávamos comendo, ou ao menos tentando comer. Ele segura a minha mão e então percebo que nós dois estamos tremendo, mas o mais provável é que seja por razões diferentes.

Sáímos do restaurante debaixo dos olhares curiosos de todos. Já do lado de fora, um segurança se aproxima de nós, enquanto Hudson e Lilly parecem tentar vir para perto de mim e de Christian também, mas continuam sendo acompanhados pelo outro homem engravatado que nos prestou socorro lá dentro.

— O jovem disse que não quer prestar queixa sobre a agressão, Sr...?

— Christian Wyatt-Sawyer — retruca entredentes.

— Ele disse que não quer prestar queixa sobre o que aconteceu, mas fique ciente que podemos entrar em contato pelo ocorrido, afinal, temos muitos clientes lá dentro e as notícias correm. Qualquer coisa ligaremos pelo número da reserva.

Eu aceno para o homem em agradecimento, porque o loiro não se move mais nenhum centímetro.

Hudson e Lilly, finalmente, conseguem se aproximar — a loira ainda mais rápido —, mas eu me coloco na frente de Christian, bloqueando a sua investida e atraindo o seu olhar fulminante.

Eu não estou mais para brincadeira.

— Christian, me leve para casa — demanda, como se de fato os dois fossem um casal.

Infelizmente, para não dizer o contrário, minha paciência se esgota de uma vez por todas.

— Hudson vai levar você para casa, Lilly — digo, desviando o olhar do dela para encará-lo.

Hudson parece transtornado, fora de si.

— Você não vai embora comigo? — ele pergunta diretamente a mim.

— Nem fodendo, porra. Nem nos seus melhores sonhos — Christian grunhe para o outro.

Os dois estão prontos para se enfrentar mais uma vez, mas só se eu não tivesse me colocado no meio imediatamente e os seguranças não tivessem retornado para me amparar, já que Lilly agora não move um dedo para isso.

— Senhores, eu devo convidá-los a se retirarem, por favor.

— Sinto muito — peço, puxando Christian, mas sem sucesso, porque seu olhar continua grudado no outro. — Christian, eu não vou pedir outra vez — sussurro e solto a sua mão, já que ele não quer vir de modo algum. — Vamos. Embora.

Sua respiração difícil acelera em um estalo, como se o loiro estivesse dividido entre me escutar e escutar o que os seus nervos certamente estão gritando na sua cabeça.

Para o meu alívio, Christian parece acordar quando começa a recuar consideravelmente e se virar para mim. Ele alcança os meus dedos mais uma vez, entrelaçando-os com os seus e deposita um beijo na minha testa, murmurando desculpas bem baixo.

— Isso não vai ficar assim! — Hudson exclama antes de nos afastarmos em passos largos da entrada do restaurante.

Fazemos tudo muito rápido, fugindo sem nenhuma vergonha dos dois seres que ficaram para trás.

Meu único pressentimento é que esse jantar terminou de foder com tudo que Christian e eu tanto tentamos esconder, e eu sinceramente espero

estar errada nisso, porque admitir essa possibilidade, é admitir que estamos perdendo controle da situação em que nos enfiados.

Ele destrava as portas e nós entramos em seu carro com pressa.

Dado início ao nosso caminho de volta para casa, nenhum de nós dois se atreve a abrir a boca agora que estamos completamente sozinhos. O loiro dirige com rapidez, como já é de costume, mas dessa vez eu não me sinto tão bem assim ao seu lado. Tenho medo, mas, claro, não dele, somente de tudo, do conjunto da obra, que é desastroso.

Sem nem avisar, cinco minutos mais tarde Christian encosta o carro em uma pracinha de bairro pouco movimentada e sai. Solto o cinto de segurança que coloquei em algum momento, indo atrás dele no mesmo instante. Minhas mãos ainda tremem e meu coração ainda está disparado, mas a única coisa que consigo pensar é em tocá-lo urgentemente.

— Christian — chamo com meu último fio de voz.

Ele está apoiado no capô do carro, como se estivesse recuperando o fôlego. Termino de fechar a distância entre nós ao me enfiar na sua frente, forçando-o a me dar espaço e me encarar de volta. Seus olhos pretos brilham intensamente e então eu percebo lágrimas acumuladas neles, mas o loiro não se permite derramá-las. Imediatamente sinto o meu coração bater mais devagar, porque vê-lo a ponto de chorar faz com que eu mesma sofra.

— Christian, fale comigo — peço, tocando o seu rosto suavemente de

cada lado e observando-o fechar os olhos em reação.

— Sinto muito, Ryle — sussurra de volta. — Eu não estava mais suportando tudo aquilo. Pensei que teria cabeça, maturidade e força de vontade para aguentar uma merda daquelas para que, no final, a gente pudesse despistar mais as pessoas, mas não deu certo. — Ele abre os olhos, deixando algumas lágrimas escorrerem por suas bochechas. Mal percebo, mas quando sinto, já estou chorando junto com ele. — Não sou desse jeito, você sabe disso, todo mundo sabe disso. Hudson me tirou do sério.

Eu o abraço forte, tentando aliviar toda dor que sentimos com isso.

— Chris, o que houve de verdade?

— Ele falou merda de você para mim e eu não levo merda para casa. Hudson queria briga e ele conseguiu, Ryle, mas eu não me orgulho disso, porque me rebaixei ao seu nível. Só que por você, Ryle, eu vou até o inferno se precisar, por você eu faço qualquer coisa que possa imaginar.

— O que ele d-disse? — Engulo minhas lágrimas.

— Que assim como ele tinha tirado Jonah do caminho antes de ter a “chance de tirar sua virgindade”, tiraria a mim também, a qualquer custo. Ele ficou falando merda de você o tempo todo desde que deixou a mesa, isso foi apenas o final. Falou sobre comer você e, porra, nem por um caralho eu escutaria tudo sem fazer nada.

Então o que houve com Jonah no Ensino Médio foi tipo uma

armação...? Não que agora eu vá atrás para esclarecer tudo, afinal, é passado, não preciso disso. Eu já não esperava muito de Hudson, mas saber de tamanha sujeira só me dá mais vontade de nunca mais nem mesmo olhar em sua cara.

— Nós sabemos que isso nunca vai acontecer, Chris. Nem nessa vida, nem em outra. Eu sou e continuo sendo sua, continuo estando com você e isso vai acontecer enquanto a gente se amar da forma que nos amamos.

Ele acena positivamente.

— Esse foi o pior jantar da minha vida — diz, finalmente me tocando ao segurar o meu rosto e dedilhar a minha pele carinhosamente. — É insuportável estar no mesmo lugar com você sem poder te tocar, Ryles. É ruim não poder mostrar para todos que nós estamos juntos.

— Um dia a gente não vai ter mais que esconder nada de ninguém...

Christian grunhe.

Eu sei o que ele está pensando, porque é o mesmo que eu.

“Um dia ainda não é hoje e eu queria que esse dia fosse o presente.”

— Vamos para casa, por favor? — peço, querendo estar logo em nosso lar.

A respiração pesada de Christian é a única coisa que eu consigo sentir me mover. Mais uma vez, como tantas outras já aconteceram antes, sinto o meu corpo reagir como se nós dois fôssemos apenas um só e eu amo essa

conexão que compartilhamos. É única, diferente e inquebrável. Ele me segura em um abraço apertado por mais alguns segundos e então nós dois finalmente decidimos voltar para dentro do carro.

O percurso para casa é preenchido por silêncio e toques.

Seus dedos recorrentemente procuram pelos meus, que aceito sem por nenhuma condição. O calor da mão áspera de Christian na minha foi o que me fez ficar na linha durante os minutos que se sucederam.

Quando ele diminui a velocidade e estaciona o carro em frente a nossa casa no meio fio, alívio é até mesmo capaz de entorpecer meu corpo de tanto conforto que sinto. Saímos do seu carro, indo direto à porta de entrada sem mais nos tocar.

Estamos em casa. Finalmente. Do jeito que eu sempre quis estar. Deixo a minha bolsa no sofá, junto com o meu celular, e fito Christian. Ele tranca a porta e se vira para mim. Seu rosto bonito está machucado e, sem avisar, a culpa me atinge. Se não fosse para me defender, ele não teria se machucado assim.

— Posso limpar o seu rosto? — pergunto enquanto o loiro se aproxima de mim vagarosamente.

Ansiedade perpassa por cada célula do meu corpo, deixando-me perceber o óbvio: preciso colocar as mãos em cima de Christian urgentemente.

Ele acena que “sim” com a cabeça e, segurando minha mão, me guia até o andar de cima. Entramos em seu quarto sem nos importarmos em fechar a porta e seguimos para o banheiro. Christian tira uma caixa de primeiros-socorros de dentro do armário embutido debaixo da sua pia e entrega em minhas mãos.

Deixo a caixa em cima da bancada da pia e abro, pescando de dentro tudo o que preciso para cuidar dos seus ferimentos. Há um corte pequeno aberto em seu supercílio — que os cachos quase escondem completamente — e, para ser sincera, nem tenho muito o que fazer, o que me deixa a um passo de rir de mim mesma por tamanho desespero.

Entretanto, pego um pouco de gaze e encharco de água, empurrando Chris sobre a tampa do banheiro para sentá-lo e começar a limpar a ferida com água, mas só depois que ele mesmo limpa as suas mãos, um pouco sujas de sangue, lavando-as debaixo da água com um pouco de sabão.

Seus dedos encontram caminho em minha cintura e os formigamentos em cada pedaço do meu corpo começam a surgir vagarosamente. Concentro-me o máximo possível em limpar seu corte, segurando seus cachos para cima com uma mão e observando atentamente como Christian não faz nenhuma careta ou demonstra dor.

— Não quero que se meta nunca mais em brigas assim — resmungo, jogando a gaze suja no lixo e pegando outra.

Faço o mesmo procedimento e continuo com a limpeza.

— Romeo estaria orgulhoso de mim a uma hora dessas — afirma e eu preciso encará-lo, indignada.

Christian ri baixinho, empurrando o rosto contra meu corpo. Ele tenta me morder, mas eu o puxo de volta pelo cabelo, arrancando um gemido de dor por sua boca.

— Não fale assim do seu irmão — repreendo.

— Onde quer que ele esteja, ele está orgulhoso, babe, eu tenho certeza. Reviro os olhos.

— Ele está em um internato e não vai saber disso tão cedo. Quero dizer, eu espero que ninguém saiba do que aconteceu. É melhor assim.

Christian revira os olhos e eu começo então a passar um pouco de antisséptico para finalizar e preveni-lo de qualquer infecção por mais boba que seja.

— Como Hudson sabe que você ainda é virgem?

— Como eu poderia saber disso? — retruco, jogando a última gaze com antisséptico no lixo. — Ele é meio louco e obcecado, Christian, talvez ele tenha deduzido porque nunca tive um namorado de verdade e, tomando por minha personalidade, não transaria com um cara qualquer por... diversão.

Ele acena positivamente.

— *Porra* — xinga no segundo em que solto seu cabelo e os cachos

caem por seu rosto, quase escondendo seus belos olhos pretos de mim. — Você é perfeita e eu nunca vou me cansar de dizer isso — resmunga uma última vez antes de ficar de pé e me levar contra a parede.

Seu beijo urgente me pega de surpresa. Não que eu realmente não estivesse esperando por isso, mas é que depois de tudo que aconteceu, essa talvez seja a última coisa que estava pensando em fazer até, de fato, ocorrer. Antes do meu descontentamento explodir em cima de Christian, não imaginava que o que eu precisava mesmo era beijá-lo.

Sua língua desliza entre os meus lábios e o meu gemido escapa com um suspiro sôfrego. Meu coração está disparado com absolutamente tudo a respeito dessa noite e agora, principalmente, pela latejante necessidade em tê-lo completo junto a mim. Correspondo ao seu beijo mais rapidamente do que eu talvez devesse, mas isso não é hora de medir as minhas atitudes. Preciso de Christian da mesma forma que preciso respirar para estar viva e eu espero sinceramente que ele entenda isso e não estrague tudo que temos.

O beijo se torna mais frenético a partir do momento em que ele começa a subir o meu vestido por minhas pernas, tentando se livrar da peça ao mesmo passo em que me segura firme e aperta cada centímetro de pele que as suas mãos alcançam. Tento dar um fim na sua camiseta também, mas é mais difícil do que o trabalho de Christian. Sinto o gosto metálico de sangue quando tomo seu lábio inferior machucado entre os meus e corro minha

língua sobre o mesmo.

Meu ventre aperta.

Deus, o meu interior inteiro aperta.

O calor entre as minhas pernas começa a ficar quase insuportável, fazendo-me desejar que ele me ajude com meu alívio o mais rápido possível.

— *Ryle...* — resmunga praticamente em um gemido rouco.

— *Mmm...* — solto de volta e Christian segura meu rosto, cessando nossos movimentos por alguns segundos.

Mergulho no seu olhar profundamente e é aí que eu tenho certeza que o quero de corpo e de alma, essa noite, agora.

— Me diga para parar — implora, mas eu sou incapaz de obedecer ao seu pedido, porque eu mesma não quero. — Você é virgem, babe. Me diga para parar agora, Ryle.

— Não pare, por favor — suplico de volta. — Eu quero você, Christian. Eu estou pronta para deixar que seja o meu primeiro mesmo sabendo das consequências. Por favor, não pare, não agora...

— Eu acabei de ser um imbecil no jantar e você...

Selo os nossos lábios, calando-o. Não quero mais pensar em nada disso. Meu corpo parece estar completamente eletrizado e todos os meus pensamentos expulsam qualquer ideia de ter que discutir sobre a merda entre Hudson e Christian.

Eu o quero e não quero que nada fique em nosso caminho.

Preciso. Disso.

Ele me pega no colo com facilidade e me leva de volta para o seu quarto, colocando-me sentada na cama e parando na minha frente. Assisto Christian se livrar da sua camiseta, enquanto já estou somente em minhas peças íntimas, uma vez que meu vestido está em algum lugar qualquer do seu banheiro.

Meu primeiro impulso é de lambar a sua pele bronzeada impecável, e, não, eu não me seguro. Minha língua corre por seu abdômen trincado e ele grunhe em resposta, enviando todas as vibrações diretamente para minha boca. Sorrio durante a brincadeira levemente pervertida e sinto o loiro sorrir de volta, porque mais vibrações enchem os meus lábios e língua.

— Se tivesse algum doce por aqui, eu nunca mais tiraria a boca de você — sussurro, beijando-o e mordendo em seguida.

Christian pega um punhado do meu cabelo entre os dedos, tirando minha boca de perto dele e inclinando o meu rosto para cima. A palpitação dispara em mim depois desse seu gesto bruto, mas que, com certeza, me mostrou um lado dele que eu definitivamente gosto.

— *Seu doce está mais embaixo, amor.*

Minha respiração se torna rasa em questão de segundos e eu me vejo sem ar por alguns instantes, somente o suficiente para entender o que

Christian quis dizer.

— *Sim* — ronrono. Ele toca o meu rosto com sua outra mão, esfregando o dedão em meus lábios e fazendo-me mais uma vez desejar lambê-lo. — *Christian...* — sussurro, fechando os olhos quando a ponta da minha língua toca o seu dedo.

— *Porra, Ryle* — pragueja no instante em que capturo aquele pedaço seu para dentro da minha boca.

Da mesma forma que eu chupo o seu pau, passeio com a língua no seu dedão, lambendo, chupando e lhe incitando a imaginar o que eu poderia estar fazendo se tivesse dado a mim o *meu doce*. Seu gemido rouco me pega de surpresa e me dá a plena consciência de que, assim como ele está me matando, estou fazendo o mesmo de volta.

— Ryle... você ainda pode dizer não... — Christian diz, como se não estivesse mais aguentando e quisesse escapar da dor a qualquer custo.

A verdade é que essa dor é totalmente bem-vinda, porque ela dói de um jeito especial. Estarmos tão ligados um ao outro desde que me entendo por gente tem um preço e aqui está ele.

— Eu não quero dizer não, Christian. — Nossos olhares se cruzam e não soltam mais. — Eu quero você. Eu quero você agora em cada centímetro da minha pele. Desejo tanto isso que está doendo em mim, Christian, então, por favor... me dê isso. A minha resposta é, repetidamente, sim.

— Foda-se tudo, então — diz antes de capturar meus lábios mais uma vez.

Isso, Chris, me mate lentamente.

Nos permitimos trocar mais um beijo, como se tivéssemos alguma escolha a não ser tentarmos saciar nossos profundos desejos. A suavidade de seus movimentos dessa vez me pega desprevenida, o que me faz amolecer gradativamente por sentir tanto carinho e amor vindo do homem que eu amo.

Se não fosse Christian, quem mais seria?

Somos tão perfeitos um para o outro que não há nenhum “porém” em nosso caso. Desde pequenos e desde o primeiro olhar era isso: destinados para sempre.

Fujo do seu beijo já ofegante e jogo-me de costas na cama, enquanto Christian permanece parado me encarando como se estivesse querendo absorver cada instante do nosso momento e de mim. Não aguentando mais a distância entre nós, ele se esgueira sobre o meu corpo, enviando o seu calor todo para mim. Ele sorri no momento em que eu tento beijá-lo e, então, sem sucesso, resolvo desbravar cada pedaço de pele que alcanço com as minhas mãos, que estão tão famintas quanto a minha boca pela sua.

Eu acho que isso é morrer. Sim, sinto como se eu estivesse morrendo para mim e nascendo para nós dois de um jeito tão forte que consigo nem ter dimensão com clareza. Tenho consciência que depois dessa noite nada mais

será o mesmo. Antes de acontecer já não era, agora então não teremos mais dúvidas disso tudo que sentimos e queremos um com o outro.

O loiro não demora para me pedir ajuda com o meu sutiã. Assim que nos livramos da penúltima peça, Christian me faz trocar de lugar com ele e então sento abruptamente em cima de sua virilha. Sinto o volume embaixo de mim e não controlo o impulso de esfregar contra isso. Querendo aproveitar ainda mais do que eu, Chris se endireita, sentando-se e tomando em sua boca um dos meus seios.

Deixo a minha cabeça cair para trás, segurando em seus ombros e rebolando o quadril copiosamente, enquanto meu choramingo trava em minha garganta. Sua língua febril na pele gelada do bico intumescido do meu seio não me deixa mais segurar os meus impulsos. Meu gemido ensandecido rasga através da minha boca, enquanto o seu nome escorre como um louvor entre os meus lábios. Christian não me dá sossego, ele continua o ataque com tanta vontade que em algum momento eu tento escapar, mas sem sucesso. Seu braço aperta ao redor da minha cintura, mantendo-me no lugar para o seu acesso e a outra mão faz o trabalho perfeito no bico do meu seio que não tem a atenção de sua boca.

Deslizo as mãos de seus ombros até os seus cachos já emaranhados, segurando ali com força para empurrar mais de mim em sua direção. Christian troca de foco, me dando mais da sua boca experiente e provocando

o inferno inteiro com todos os demônios para fora de mim. Meu quadril continua seguindo o ritmo até o ponto que já sinto minha buceta molhar o tecido grosso da calça do loiro.

— Você está ainda mais gostosa hoje do que todos os outros dias — diz, separando os lábios da minha pele por um instante e capturando meu pescoço em uma mordida. — Você sempre se supera, Ryle. Você sempre está mais bonita, mais gostosa e mais irresistível, e isso vai me matar dia após dia.

— *E cada vez mais você está drenando todo bom senso da minha cabeça, babe* — retruco entre um suspiro e outro de modo irônico.

O loiro ri da minha colocação, parecendo satisfeito por eu ainda ter conseguido fazê-la. Chris me coloca gentilmente na cama, soltando-me por completo para o meu descontentamento. Assistio-o se livrar do resto da sua roupa, restando apenas a boxer preta colada em seu quadril e coxas. O volume que eu acho ali faz a minha boca encher de água e eu até tentando avançar para conseguir algo, mas Christian me segura e impede o meu avanço necessitado.

— O foco aqui não sou eu, Ryle, e sim você.

Ele segura os meus pés e estica as minhas pernas ao mesmo tempo em que espalha cada uma delas, separando o suficiente para me deixar exposta para que ele me tome apenas com o olhar. Isso tudo me causa um nervoso de fazer o corpo gelar, mas é claro que é de um bom jeito. Já fiquei exposta para

Christian outras vezes, só que agora é totalmente diferente. Nós dois vamos até o fim de tudo e ter essa certeza faz com que a adrenalina dispare em minhas veias e corroa todas elas, uma de cada vez.

Observo Christian inclinar-se para cima de mim, mas com muita calma. De baixo para cima, ele beija as minhas pernas, parando em minhas coxas e dando-me tanto carinho que o meu ventre fica a ponto de derreter. O loiro morde a minha coxa direita e repete isso inúmeras vezes. Eu não sei mais nem mesmo contar, a única coisa que ainda me proponho a fazer é revirar os olhos, enquanto as ondas pulsantes correm para o topo de encontro entre as minhas pernas. Os chupões acompanham os seus beijos e mordidas, fazendo-me arquear e puxar os lençóis de sua cama, impregnados com seu cheiro, até o meu rosto para abafar mais um gemido.

Assim que Christian chega ao topo, esbarrando a boca na minha calcinha molhada, eu me afasto em um pulo — *praticamente*. A eletricidade que sinto correr entre nós dois me deixa em um estado de compressão que certamente vai me levar a explosão de mim mesma em muitos pedacinhos quebrados. Mas, não, Christian não liga para absolutamente nada disso. Ele está certo e focado em me deixar louca debaixo do seu domínio, e eu digo isso porque eu o conheço como ninguém mais.

Afastando a minha calcinha para o lado, ele toca minha carne pulsante e molhada com a sua boca como se fosse a primeira vez. Tudo que está

acontecendo nesse exato momento parece como se realmente fosse a primeira vez e eu não estava esperando que fosse assim. Jogo os lençóis que anteriormente puxei para mim e apoio em meus cotovelos para assistir Christian. Ele me fita sob os cílios grossos e eu posso sentir exatamente quando o seu sorriso vem, porque é o mesmo momento em que eu volto a arquear as costas.

Sua língua balança suavemente no meu clitóris inchado e então ele continua sua viagem até embaixo. É tão, tão, tão bom, que eu simplesmente desejo que dure para sempre. Christian segura as minhas pernas firmemente, empurrando-as mais e mais e puxando consigo a minha calcinha de uma vez por todas, literalmente arrancando a peça do meu corpo. E, sim, o que sobra de mim daí em diante é apenas bagunça. Ele suga, chupa, morde, brinca e repete isso tantas vezes, pacientemente, entre os meus lábios e o meu clitóris, que é impossível prender a construção do meu orgasmo dentro de mim.

— *Vamos, babe...* — sussurra, fazendo todas as vibrações atacarem o lugar pulsante no meio das minhas pernas. — Se você quer ir até o final, você tem quem estar pronta para mim, Ryles.

Porra.

E eu já não estou pronta?

Estou mais do que pronta.

— C-Chris... eu... merda, e-eu já estou pronta. Não me torture tanto...

— choramingo, desesperada para a distância entre nós dois acabar de uma vez por todas.

— Se você está pronta, me dê o que eu quero, Ryle.

Ele suga o meu clitóris assim que para de falar e é tão forte que, sem saída, estilhaço-me como uma joia caindo ao chão e quebrando em pequeninos pedaços. Meu quadril balança para cima e para baixo, desgovernado e com sua vontade própria, mas Christian não me solta. Ele é agarra ainda mais forte e termina de beber cada gota que escorre de mim.

Poucos segundos mais tarde, ele finalmente me solta e captura meus lábios com os seus. Eu já me acostumei a isso, sentir meu gosto em sua boca e adorar cada instante dessa troca que vai muito além do que apenas sexo. Sua língua empurra para dentro até encontrar a minha e o loiro mais uma vez consegue tirar um gemido meu, só que agora esse vem abafado. O beijo que trocamos é mais uma preparação do que vem a seguir, eu sei disso porque eu quero tanto.

— Eu preciso pegar uma camisinha, não aguento mais, porra — anuncia entre dentes ao afastar seus lábios molhados dos meus.

Seguro Christian, impedindo-o de continuar se afastando.

— Podemos fazer sem? — questiono até certo ponto de um jeito inocente.

Eu quero sem. Eu quero apenas Christian, por mais burro que isso

possa chegar a ser. As consequências dessa noite eu posso muito bem lidar depois. Hoje é assim que eu desejo e eu apenas espero que ele compartilhe dessa mesma ânsia, senão teremos que ir pelo lado mais seguro e sensato.

— Você tem certeza disso, Ryle? — Seu olhar sério me atinge em cheio, tentando pescar alguma dúvida ou vacilo em minhas palavras, mas eu falei muito sério.

— Tão certa quanto sou de que eu te amo mais do que tudo.

Um sorriso fraco se pinta em seus lábios por um piscar de olhos meus, porque em seguida Christian continua com o avanço. Seu corpo muito bem poderia esmagar o meu com facilidade até demais, mas essa impressão que tenho não me causa agonia. Gosto, mais do que deveria, devo presumir, de senti-lo sobre mim.

Com destreza e muita experiência, o loiro se livra da sua boxer sem mais se afastar de mim e agora nós somos feitos de pele, desejo e muito tesão. Christian se apoia em um dos braços e me encara, enquanto os seus cachos encostam na minha testa suavemente.

Sinto ele esfregar o membro entre as minhas dobras encharcadas e a antecipação de cada uma das sensações, principalmente da sensação de tê-lo dentro de mim, toma conta dos meus pensamentos.

Engulo a seco, segurando-o pela nuca e inclinando o rosto para cima, beijando e mordendo seus lábios repetidamente. Nossas respirações se

misturam e eu só consigo ter olhos para ele no mesmo instante em que as nossas almas viajam entre si e ele avança compassadamente, de pouquinho em pouquinho, preenchendo-me por inteira.

Meu peito se enche com o encaixe perfeito que formamos. É exatamente como eu imaginei que seria.

A ardência percorre dos meus pés à cabeça, instalando-se por fim em minha garganta. Solto um suspiro inquieto, incomodada com o novo e, ao mesmo tempo, saboreando-o. É de tirar o fôlego. Ter finalmente estabelecido isso com Christian, me deixa desnorreada e perdida do melhor modo que eu poderia ter nos deixado descobrir.

— Christian... — chamo, mas ele está aqui comigo.

O loiro não desvia ou pisca por nem mesmo um instante até estar parado por completo com o avanço. Ele não me deixa, ele me agarra e me faz desejar arrancar o meu coração apenas para lhe dar em uma bandeja. Eu nunca o senti tão perfeitamente bem como agora.

Christian esfrega o nariz no meu e, ainda apoiado em apenas um dos braços, ele segura a minha cintura com a sua outra mão livre, cravando os dedos ásperos em minha pele em um agarre firme.

— Você se sente bem? — sussurra, finalmente fechando os olhos e deixando-me vidrada em como o seu rosto contorce de prazer.

Ele é perfeito e que sorte o ter como meu.

— *Sim... só... não pare...*

Quando ele abre os olhos para me encarar de novo, é a minha vez de apertá-los e contorcer com a queimação que me entorpece de uma hora para outra. Christian sabe que eu estou rompendo e é exatamente por isso que ele segura em minha cintura mais forte, não me deixando nunca.

— *Porra, Ryle...* — geme, enterrando o rosto na curva do meu pescoço.
Sim, exatamente isso.

Minhas paredes apertam ao seu redor na mistura mais vertiginosa que já experimentei. É demais. Me quebra e me remenda. Me joga no limbo e me busca de volta para o entendimento; entendimento de que somos reais, mais do que nunca eu e Christian somos reais em apenas um.

Deus...

É mais do que eu poderia ter fantasiado de como seria.

— Você vai me matar, Ryle. Vai me matar de tantas formas, babe, mas eu sei que tê-la comigo me devolve à vida e é só isso que importa. — Christian empurra o quadril para trás, fazendo-me choramingar em um gemido engasgado e segurar firme em sua pele suada. — Você é minha, Ryle, e eu desejo que seja minha para sempre. — Ele urge de volta para dentro de mim, enquanto lágrimas escorrem por meu rosto.

Escorrego as minhas mãos por seu corpo, agarrando seu cabelo e puxando de volta para que ele possa me encarar do jeito que desejo.

— *Toda sua, Christian. Eu pertenço a você* — sussurro, encostando a testa na sua.

Nós maneamos nossas cabeças em acenos positivos.

— *Todo seu, Ryle. Eu pertenço a você* — completa.

Seus movimentos começam a ser mais recorrentes a partir da nossa última troca de palavras, da nossa última e necessária confirmação.

Meu coração se sente seguro, confiando na pessoa que eu sei que nunca seria capaz de me despontar. Sempre foi assim, sempre fomos entregues, sinceros e nunca, em hipótese alguma, escondemos algo um do outro. Saber que estou me entregando sem volta para o homem que, acima de tudo, é o meu melhor amigo, me faz viver tudo mais intensamente.

A dor que antes praticamente me consumia, começa a suavizar à medida que Christian se move. Seu cheiro começa a impregnar em mim e isso trata os meus sentidos como um calmante natural. Cada instante em que ele recua de dentro de mim, me faz sentir um vazio desconfortável quase insuportável e eu começo então a implorar por mais, porque só isso me resta no final de tudo.

— *C-Chris...* — sussurro, recebendo a colisão do seu corpo no meu.

Seu olhar me prende e nos falamos em silêncio, enquanto lhe digo que estou bem e que quero mais. Ele não precisa de mais nada para entender a minha mensagem, apenas meu olhar.

As estocadas ritmadas e profundas começam a se tornar mais frenéticas, mas continuamente profundas, batendo no lugar em que eu preciso para me levar ao pico novamente e me lançar de volta ao chão em mais outro orgasmo que ele quer me dar. O seu carinho não desaparece, mas se camufla quando Chris dá um jeito de abocanhar meus seios, um de cada vez, faminto e nunca parando de encher a minha buceta com o seu pau.

Putá merda.

É perfeito.

Nossos corpos inflamam, como se de pouquinho em pouquinho estivéssemos jogando gasolina no fogo que perpassa entre nós dois.

Christian me faz gritar seu nome.

Porra.

E eu grito.

Seus dedos encontram o rumo novamente até o meu clitóris, enquanto meu coração praticamente sai pela boca. Vamos de zero a cem em apenas alguns minutos, nos emaranhando enquanto eu imploro para ele vir mais forte. Eu preciso que seja mais forte, preciso sentir cada centímetro seu engolir-me por completa.

Sua pele resvala na minha, ao passo que nos fechamos na nossa redoma de prazer, desejo e amor. Meu ventre volta a se comprimir, assim como as minhas paredes internas também, e eu me seguro por um fio. Girando-me

para cima de si mesmo, Christian refaz a nossa posição anterior, enquanto eu o levo com tudo, sentando com sua ajuda e beijando a sua boca sem nenhum pudor. A sua língua avança entre os meus lábios, dando-me um beijo delicioso e de tirar o fôlego, enquanto engolimos os gemidos um do outro, abraçados, necessitados e palpitantes.

Não demoro mais.

Não consigo.

Quebro em cima de Christian e ele deixa o seu corpo cair entre os lençóis e travesseiros, segurando meu quadril desgovernado do orgasmo e empurrando o seu próprio quadril contra o meu. Ele busca o seu próprio orgasmo em segundos, porque logo se deixa ir comigo, prologando nosso acesso de prazer e enchendo-me com o seu líquido quente, que não demora para escorrer de dentro de mim.

Caio sobre o seu corpo, exausta, satisfeita e anestesiada.

Eu consigo sentir tudo e absolutamente nada ao mesmo tempo.

Christian me abraça, fechando-nos em nosso mundo mais uma vez e beijando o topo da minha cabeça. O seu lado mais carinhoso volta e eu sorrio, bêbada com tudo que acabei de — finalmente, não é mesmo? — viver.

— Eu não quero pensar que nós perdemos tempo todos esses anos, mas... porra, Ryle... nem sei dizer ao certo o que está se passando dentro de mim nesse momento. — Sua voz rouca faz uma série de arrepios subirem por

minha espinha. — Eu te amo, Ryle Diann Sivan, e eu desejo um dia poder te dar o meu sobrenome, filhos e ter uma família completa com você.

Isso é novo.

Isso é *mais*.

Inclino o rosto para cima, tentando ver em sua feição se isso é algum tipo de brincadeira boba, mas não há nada além de seriedade e convicção.

— Eu te amo, Chris...

O sono está levando o melhor de mim.

Ele sorri quando a minha cabeça tomba em seu peito outra vez e eu bocejo, definitivamente embriagada, relaxada e entregue.

— Ryle, a gente ainda precisa se limpar...

E essa é a última coisa que eu escuto antes de me deixar cair no sono, mas não antes do último pensamento encher a minha mente e ele consiste em simplesmente: “Sim, Christian, eu quero os filhos e o seu sobrenome mais que tudo”.

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Minha cabeça está nas nuvens... *eu acho.* Bom, eu não sei de nada ao certo porque apenas acabei de abrir os olhos pela primeira vez no dia, sentindo o calor do Sol atingir o meu rosto de um jeito tão suave que se parece com um dos beijos da minha Ryle. Pensando nela, dou falta do seu corpo, que deveria estar aninhado no meu até essa hora e me apoio nos cotovelos, procurando por minha garota que não está em nenhum lugar que eu possa localizar.

Acho que eu nunca tive um sono tão bom.

Como se ela estivesse lendo os meus pensamentos, aparece pela porta do meu quarto com uma bandeja de café da manhã nas mãos. Encaro a garota dos meus sonhos se aproximar vestindo apenas a camisa que usei na outra noite, por mais que o começo dela tenha sido levemente trágico, e acabo sorrindo. Acompanho o balançar sensual dos seus quadris como se estivesse sob algum tipo de magia por aquilo até que ela para na minha frente, deixando a bandeja no pé da cama.

— Bom dia, dorminhoco — diz, continuando seu percurso até mim já com as mãos livres.

Juro que tento não pensar em nada obsceno com Ryle, mas a minha cabeça me sabota, como já deveria ser esperado. Como eu poderia não pensar nada quando a mulher mais bonita do mundo está fechando a distância entre nós vestindo apenas minha camisa com o rosto ainda amassado e um sorriso bêbado de sono, igual ao que ela esbanjava antes de dormir em cima de mim?

Irresistível, porra.

— Eu vou ser acordado assim para sempre? — indago, sentindo diversão e perversão cutucarem através da minha língua para o céu da minha boca.

Ryle monta no meu colo e eu fecho os olhos, sentindo o meu corpo pesar e a minha respiração engatar ao mesmo tempo.

Os flashes de memória são tão certos quanto um soco no estômago e então eu lembro de como ela gozou assim, sentada em cima de mim, com meu pau enterrado na sua buceta e...

— Se você não quiser ser minha primeira refeição do dia, melhor que saia de cima de mim agora — aviso, escutando a sua risada ao passo que sinto o meu pau começar a endurecer na curva do seu traseiro.

Porra, eu ainda estou pelado.

Isso faz de mim ainda mais sensível, tudo bem?

Ok...

Não apenas isso.

Ryle faz de mim um cara sensível e não somente no pau.

— Vamos tomar café, Chris — pede inocentemente, como se eu não tivesse percebido a sua provocação velada.

Essa garota vai me matar em breve, eu tenho certeza disso.

— Me dê comida, babe — peço de volta.

Ryle escapa do meu colo e puxa a bandeja para nós dois. Enquanto Ryle começa a se servir, eu estico o meu corpo, cansado e feliz pra caralho.

Ontem, depois que ela acabou adormecendo em cima de mim, levantei com cuidado — o que não faria muita diferença, já que a minha garota estava dormindo como pedra — e fui até o banheiro me limpar e pegar toalhas com um pote de água para limpar Ryle.

Cuidei dela e fiz tudo em meu alcance para dormirmos juntos, mas para mim não foi tão fácil assim cair no sono. Meus pensamentos inundaram a minha cabeça com uma avalanche de coisas boas e, infelizmente, ruins também. Sei que agora estamos mais juntos do que nunca e, por um lado, o maior deles, é tudo que eu sempre quis. Mas, na outra mão, não quero mais viver escondido e com medo com Ryle, contudo temos mais empecilhos do que podemos contar nas mãos. Sei que quando tudo vier à tona vai ser mais fácil, mas até isso acontecer, o que devemos fazer, já que minha avó e Sculler

ainda não estão prontos para isso?

São tantos caminhos em minha cabeça, que meus pensamentos dão um nó bem amarrado.

— Christian? — Ryle chama, puxando-me de volta a realidade.

— Desculpe — resmungo, pegando uma tigela de frutas e começando a comer apenas para ocupar a minha boca.

— O que tanto pensa? — indaga, pegando a sua própria tigela e me encarando com os seus olhos azuis doces e inquisitórios.

Dou de ombros.

— Que eu te amo pra caralho. — E isso não é bem mentira, porque tudo gira em torno do meu amor por Ryle.

Ela revira os olhos, mas sorri.

Suas bochechas adquirem um tom mais avermelhado e eu acabo por sorrir de volta.

Inferno de mulher bonita.

— Acho que estava pensando mais do que isso, mas eu vou fingir e acreditar no que disse, assim podemos ficar de bem, certo?

Seguro a risada, arqueando uma sobrancelha.

— Apenas se você quiser, meu amor, ou então a gente pode guerrear na cama. — Pisco um dos olhos em sua direção e Ryle só vai ficando mais vermelha. Paro de gracinha e vou ao que me interessa. — Você está se

sentindo bem?

Ryle dá de ombros e isso me preocupa imediatamente. Parecendo perceber a minha reação, ela ri, esticando as pernas na cama e jogando a cabeça para trás.

Exatamente como eu disse: inferno de mulher bonita.

— Calma, babe — diz, quando estou a um ponto de checar de alguma forma se ela está bem ou não. — É estranho, acordei há mais ou menos meia hora e meu corpo dói. Enquanto tudo acontecia ontem eu não estava sentindo tanta dor, quase nenhuma depois de um tempo, mas eu acho que os efeitos só vêm depois de um tempo, não é?

Aceno positivamente.

— Vamos comprar remédio daqui a pouco para tudo isso. — Eu a encaro, sério. — Tudo mesmo, Ryles, porque não vamos esquecer que não usei camisinha.

Ela concorda.

— Claro. — Ri baixinho e engatinha em minha direção depois de deixar sua tigela de lado. — Mas, fora as dores, Chris, foi perfeito. A nossa noite foi perfeita. Eu nunca senti nada igual ao que fizemos ontem. — Ela esfrega a ponta do nariz no meu, descendo seu olhar vidrado até a minha boca. Não resisto e acabo fazendo o mesmo. — *E eu quero mais.*

— Se você continuar fazendo isso, vai acabar me matando — confesso,

depositando um beijo rápido em seus lábios molhados.

— *Desculpa.* — Ryle faz um bico e eu desvio meu olhar, ou vamos acabar não saindo hoje da cama de jeito algum.

Nós continuamos tomando o desjejum que a minha garota preparou entre conversa fiada e muitas provocações. Ryle não me ajudou em nada e uma das únicas coisas que cercou a minha mente, foi em levá-la debaixo de mim mais uma vez e termos uma boa foda matinal. Porém, primeiro a gente anda para correr, e eu definitivamente não quero correr com Ryle. Nem hoje, nem nunca.

Nós caminhamos juntos para o banheiro, eu com uma toalha enrolada no quadril e ela ainda vestida com a minha camiseta. Escovamos os dentes, trocando olhares e toques sutis até entrarmos debaixo da ducha.

Eu nunca me vi vivendo isso.

Sempre fui um cara mais tranquilo, levando em consideração meus irmãos, meus amigos e Ben. Claro que tive a minha cota de mulheres com quem fiquei, e não foram poucas, mas eu nunca levei para algo a mais e talvez esse tenha sido meu maior problema com todas elas.

As mulheres sempre esperaram mais de mim, mas eu nunca tive algo a mais para dar, porque tudo que estava fora do sexo casual, era para Ryle. Os filmes de romance debaixo da coberta nos dias de chuva, as idas ao cinema tarde da noite e toda proteção e amor que eu poderia oferecer, tudo isso

sempre foi de Ryle. Não sabia que todas essas coisas nos levariam até aqui, até esse estágio de conexão, mas parece que se algo tem que acontecer, acontece e ponto final.

— Você está todo pensativo hoje — diz, empurrando o seu cabelo castanho para fora do caminho, enquanto a água banha nossos corpos já nus.

— Pensando em nós, Ryle. No que nos trouxe até esse momento e em como eu acredito que desde o começo, estivemos destinados um ao outro. Não tem como ninguém negar, nem se quisessem. — Toco o seu rosto suavemente, tirando-lhe um sorriso fácil e sempre doce.

Alcanço a minha esponja corporal, derramando um pouco de sabonete líquido e, com sua permissão, começando a esfregar o mais delicado possível em sua pele. Ryle fecha os olhos, enquanto seu sorriso diminui aos poucos. Eu observo a sua feição ir de feliz à triste em apenas uma fração de segundo e isso me preocupa.

— Ryle? — chamo, fazendo-a me encarar logo.

— Vai ser difícil a partir de agora, Christian — sussurra com a voz embargada e os olhos cheios de lágrimas. — Vai ser difícil ter que nos esconder de tudo e de todos, principalmente da nossa família. Eu odeio mentiras e eu não quero que a gente viva isso até nos tornamos uma. — Um caroço se instala em minha garganta, porque de mentiras, ultimamente, estou sabendo bem. — Nós podemos pensar logo sobre contarmos a todos? —

questiona inocentemente.

Inspiro e expiro rapidamente, concordando em um aceno.

— Sim, Ryles. Podemos pensar a partir de hoje em juntarmos todos em um almoço e fazer isso com a ajuda do tio Simon e tia Spencer. Eu tenho certeza que eles vão nos ajudar, principalmente a controlar Drew e Ben. Sinto que a pior reação vai vir deles e não dos mais velhos.

Ryle morde o lábio inferior, pensando sobre o que eu disse e diz:

— Também tenho esse sentimento e odeio isso, porque eles são importantes para mim. Ben então, não é? É meu irmão e eu não queria esconder algo tão importante do meu irmão.

Sinto um aperto no peito, porque se toda verdade sobre Ryle já tivesse sido dita por seus pais, talvez não tivéssemos que passar por isso agora. O mais foda em toda situação é que eu me meti nela e, além disso, sustentei de um modo absurdamente feio.

Eu não queria machucar Ryle.

Nunca foi a minha intenção.

Se vamos fazer isso, espero que os seus pais lhe contem logo a verdade depois que reunirmos todos para falarmos de nós.

No final, espero que tudo se encaixe.

Perder Ryle não está nos meus planos.

Nunca esteve.

Se isso acontecer, quem vai se perder sou eu. Não tem um dia da minha vida que eu lembro de ter vivido sem Ryle, seja pessoalmente, como virtualmente. Nunca deixamos de nos falar por nem mesmo um dia sequer.

Ryle vai entender, eu tenho certeza.

— Vamos dar um jeito em tudo, babe, e eles vão se acostumar com nós dois juntos. Quero dizer, todos sabem da nossa conexão. Não vai ser uma surpresa em tudo, acredite em mim.

— Eu sempre acredito — diz, deixando as lágrimas se perderem mais uma vez e entregando um sorriso lindo para mim.

Porra, Ryle.

Você vai me matar.

— Eu te amo, babe. Eu te amo muito e eu espero que nunca se esqueça disso por um dia sequer.

— Eu te amo, Christian, e não tem como esquecer algo assim. Você é... perfeito.

Queria ser, mas estou longe disso.

— Vamos terminar o banho e dar uma passada na farmácia? — indago e ela acena prontamente.

— Já que está tudo se encaminhando para estarmos juntos para sempre, bom que eu marque uma consulta também. Melhor prevenir do modo certo do que remediar.

Sorrio, porque isso sim é uma boa ideia.

— Sim, babe. Sem camisinha e sem idas às pressas à farmácia. Essa é uma boa ideia.

Ryle sorri orgulhosa e me puxa, selando as nossas bocas em um beijo.

Assim que nós continuamos e terminamos o nosso banho, entre beijos e toques. Perfeito pra caralho. Entretanto, não consigo relaxar por muito tempo, porque estar ciente de que eu carrego um “segredo” que culmina em uma mentira para Ryle, não está me deixando dormir tranquilamente há algum tempo desde que eu tive ciência de tudo.

“Diga-me o que você está esperando, me abrace como você fez antes ou apenas fuja, fuja, fuja, porque eu não acho que posso aguentar muito mais.”

HOMICIDE LOVE — JAMES ARTHUR

RYLE DIANN SIVAN

É hora do almoço. Depois de dias de reclusão, dois, para ser mais exata, com Christian, finalmente estamos de volta à dura realidade. Gostaria que nós tivéssemos mais tempo juntos, sem empecilho de ninguém, para aproveitarmos a nossa quebra de barreira, mas definitivamente o tempo não é nem um pouquinho bom conosco.

Após a noite intensa que vivemos e o rompimento de algo mais do que importante para mim, Christian fez questão de tirar um tempo para cuidar de mim. Insistentemente, ainda no dia em que acordamos depois da nossa primeira vez e fizemos tudo que tínhamos que fazer, saímos de casa para ir à farmácia comprar tudo que eu precisava. Quando voltamos, ele insistiu em me fazer marcar uma consulta para a próxima semana, e só então conseguimos relaxar novamente. E, droga, foi muito bom.

Passamos os últimos dois dias entre rolar na cama, nos beijar e... bom... sim, exatamente isso. Meu rosto cora só de pensar em tudo, em Christian e eu

fazendo amor pela primeira, segunda e terceira vez. Se ele tinha o objetivo de me deixar louca de desejo e prazer, o loiro alcançou o mesmo com sucesso. *Muito sucesso.*

E, enfim... como eu disse: de volta à dura realidade.

Remexo no meu prato de almoço, sem muita vontade de comer o que está ali. Balanço a minha perna em um tique nervoso, porque eu só consigo desejar que o dia acabe logo e que nós possamos voltar para casa para ficarmos juntos em sua cama.

— Ei, vocês dois. Vão contar agora como foi o encontro duplo com os outros dois lá e o motivo pelo qual sumiram de satélite nos últimos dias? — Cameron indaga, dando uma mordida no seu sanduíche de carne que parece estar suculento demais, pelo menos mais do que a minha comida.

— Se você me der um pedaço desse sanduíche, eu conto — replico, jogando na mesa a minha chantagem.

Ele faz um barulho de desgosto pra mim, mas parte o seu sanduíche e me dá pedaço dele. Deus, o cheiro está fantástico. Onde Cam conseguiu isso? Eu queria comprar um só pra mim.

— Desembucha, Ryle — comanda.

Mordo o pão, levantando a mão livre e pedindo que ele espere um momento. Empurro minha bandeja, depois de tirar a minha bebida, dando-lhe meu almoço, já que não faço questão do mesmo.

— Fala você então, Christian — Lex pede.

— Caramba, estão tão curiosos por quê? Estamos vivos e aqui. O que há mais de interessante nisso? — O loiro revira os olhos depois de falar.

Encaro Gracie, porque ela é a única que sabe mais que todos os outros e quando ela me fita de volta com os olhos castanhos bonitos, parece entender meu recado. Minha melhor amiga enrubesce e eu acabo tomando o mesmo caminho. Encho ainda mais a minha boca, tentando me manter ocupada e com uma desculpa para não falar nada, o que até agora está funcionando perfeitamente bem.

— E você ainda pergunta o motivo? Você tem roxos na cara e eu ainda não vi Hudson ou Lilly por aqui. A não ser que ele esteja pior que você, não quero saber — Cam reclama, ainda mais curioso que antes.

Sim, pelo que eu lembro Hudson levou a pior.

— Foi um inferno de encontro, mas sobrevivemos — Chris afirma despreocupadamente. — E é mais que óbvio que ele ficou pior que eu.

Eles fazem um toque estranho com suas mãos e Cameron finalmente sorri.

— Esse é o meu garoto — resmunga com o sorriso grande na boca. — Mas então, por que diabos sumiram? Por um momento eu até quis ir vê-los, mas Gracie me convenceu de que essa não era uma boa ideia.

À essa altura eu já comi todo meu pedaço de sanduíche, o que atrai o

olhar de todos, incluindo Christian, esperando que eu fale algo.

— Tiramos um tempo para absorver a noite aterrorizante que passamos, mas nos recuperamos logo e cá estamos. — Bebo um pouco do suco de Christian e continuo. — Por favor, não me deixem nunca mais dar uma de boazinha e aceitar encontro com caras iguais a Hudson. Foi horrível. Eu juro.

Meus amigos começam a rir e eu finalmente relaxo.

— A gente até tenta, mas a sua empatia fala mais alto até com quem não merece — Ash comenta e eu faço um bico instantaneamente.

— Mas ainda bem que não deu certo com Hudson. Eu já estava seriamente pensando em me embriagar o dia inteiro para aguentar ele perto de nós, cheirando seu pescoço com um cachorro o dia todo — Lex completa e eu sinto um calafrio só em pensar nisso.

— Eca, Lex. Menos, por favor — peço.

— Ei, eu digo o mesmo de Lilly. Infelizmente, as deusas que me perdoem, mas o meu feminismo ainda não abrangeu até chegar nela — Gracie afirma e eu seguro a risada. Ela fita Christian, que ri meio sem graça. — Ainda bem que você tem bom gosto, loirinho. — Pisca para ele, que pisca de volta.

Sim, nós três estamos falando em código.

— Que bom gosto? O único que tem bom gosto sou eu, amor. — Cam abraça a sua namorada pelos ombros, beijando sua bochecha e descendo pelo

pescoço.

Desvio o olhar de cima deles dois e até de Lex e Ash, que não desgrudam, porque eu queria muito poder abraçar e beijar Christian nesse exato momento. Entretanto, ao meu lado, ele coloca sorrateiramente a sua mão sobre a minha coxa e afaga. Suspiro, olhando para a direção oposta dele e aproveitando a coisa proibida que nós sustentamos. Se é isso que nos resta, que assim seja, então.

Um dos amigos de Cam e Christian do time de basquete se aproximar e o loiro tira a mão imediatamente de mim, mas não levanta para ninguém perceber onde estava.

— Festa hoje à noite na casa de Tyler, o cara do time de futebol. Vocês estão convidados e as moças também — avisa, como um pombo-correio e sai sem mais nem menos.

— Festa? Estou dentro e vocês? — Lex já confirma, o que quer dizer que Ash também confirma.

— Se tem festa, tem Cameron e Gracie. — Cam vai na mesma onda. — E vocês dois? — pergunta, arqueando uma sobrancelha.

— Você precisa sair, Ryle, se divertir. Você vai e ponto final! — Lex atira e eu encolho os ombros.

Se soubessem o quanto eu ando me divertindo ultimamente, nem mesmo cogitariam a ideia de me chamar para essa tal festa. Mas, tudo bem.

Como eu já sei, ninguém precisa saber da minha diversão e de Christian e, por mais que meu desejo mesmo seja ficar em casa, precisamos de um tempo com nossos amigos também.

— Por mim tudo. — Dou de ombros.

— É — Christian concorda. — Se Ryle vai, alguém tem que protegê-la.

Eu o encaro e reviro os olhos.

Todo mundo ri na mesa.

— Como sempre o fiel escudeiro, não é, cara? Sobrinho mais perfeito que esse não existe para você, Ryle — Cameron provoca, sorrindo maliciosamente, mas eu sei que é apenas isso: uma provocação.

— Está vendo, Cam? Tirei a sorte grande. — Pisco para ele, que gargalha escandalosamente.

— Você me mata, Ryle — afirma, balançando a cabeça negativamente.

— Idiota. — Reviro os olhos, rindo com ele.

O nosso almoço se passa muito bem, entre risadas, piadas e mais comentários sobre o jantar fatídico com Lilly e Hudson. Trocamos um pouco mais de assunto quando, surpreendentemente, Drew e Ben vieram se sentar em nossa mesa. Isso também fez Christian guardar sua mão de volta só pra ele, mas se passou tão rápido que nem tivemos tempo de sentir tanta falta.

Nós nos despedimos dos garotos, eu com um olhar a mais para

Christian, e seguimos para o auditório de aula. Lex e Ash ficam para trás, se beijando no meio do corredor, enquanto Gracie laça o meu braço, me puxando ansiosa para provavelmente saber o que aconteceu. Até eu estou ansiosa para lhe contar sem segredos, *maaas*, claro, sem muitos detalhes também.

— Meu Deus, Ryle, a cara de vocês dois entrega absolutamente tudo que aconteceu — sussurra exasperadamente, enquanto achamos o canto mais reservado do auditório.

Seguro a risada, sentindo-me até mesmo envergonhada. Eu nunca fui boa em esconder nada, então não estou nem mesmo surpresa com o que Gracie joga para mim.

— Aconteceu mesmo, amiga — sussurro de volta no instante em que nos sentamos e a minha melhor amiga só falta ter uma taquicardia ou mesmo síncope.

— Por favor, dê mais detalhes para a sua pobre, necessitada e curiosa amiga aqui.

— Sem drama, por favor — brinco e nós duas rimos. — Gracie, foi muito louco, mas aconteceu de verdade.

Sinto a quentura subir por meu corpo, porque só de falar já fico me sentindo meio “estranha”.

O que diabos Christian está fazendo comigo e com a minha cabeça?

Pigarreio, voltando a falar logo.

— Nós tivemos o incidente no restaurante com a dupla dinâmica e obcecada, e depois disso fomos para casa. Essa parte foi bem tensa para mim, porque nunca vi Christian do jeito que ele ficou. — Ela acena positivamente, atenta. — Chegamos em casa e a minha consciência pesada me fez pedir para ele que me deixasse cuidar dos seus ferimentos. Bom, o que veio depois disso você já deve imaginar.

Gracie sorri bem largo, mordendo o lábio inferior.

— E ele foi gentil?

Concordo com um aceno simples.

— Sim, antes e depois, e nos últimos dois dias também.

— Droga, vocês dois são tão... perfeitos! — Gracie me abraça, tirando meu riso mais sem graça. — Eu fico feliz que tenha acontecido com alguém que você ama de verdade. Não tem como imaginar você com qualquer pessoa que não seja Christian, assim como não tem como imaginar ele com qualquer garota que não seja você.

Suspiro, sabendo o quão verdadeiro é isso.

— Estamos planejando contar em breve para toda a nossa família e o pessoal também — digo assim que nos afastamos.

Minha amiga torce o canto da boca.

— É melhor fazer isso do que viver às escondidas. Eu mesma já estou

quase explodindo por ter que esconder isso de Cam e, a gente sabe como ele é com Christian, o conhece muito bem. As indiretas do meu namorado foram bem diretas na hora do almoço — afirma e eu reviro os olhos, rindo em seguida.

— Eu sei. Cam não é bobo.

— Nem Lex e Ash, elas só são mais caladas.

— Quando querem, não é? — brinco.

— Sim. — Ela ri e para abruptamente. — Mas eu realmente estou feliz por vocês dois, Ryle. Quando tiver o casamento, não aceito nada menos do que ser uma das madrinhas.

— Gracie! — sussurro quase que desesperada e ela me dá a sua melhor expressão de ansiedade. — Ele falou sobre isso...

— *Não...* — sussurra de volta, incrédula.

— *Sim...* — retruco.

— *Não...*

— *Sim...*

— *Não...*

— Gracie! — exclamo.

— Meu Deus... eu não acredito... quero dizer, eu acredito, mas...

Eu não aguento Gracie e as suas reações.

Nós duas continuamos a conversa até o professor entrar no auditório e

as nossas amigas se juntarem a nós. Depois disso, trocamos olhares cúmplices que falam muita coisa que a gente ainda queria ter discutido. Nenhum assunto é pouco demais para duas amigas que não conseguem calar a boca.



Após tudo ocorrer perfeitamente bem nas aulas, Christian e eu nos despedimos dos nossos amigos e viemos para casa o mais rápido possível.

Não estávamos mais aguentando de tanta saudade e, honestamente, eu não sei mais lidar com as máscaras em frente todo mundo. Cada dia é uma penitência maior. Prefiro lidar com olhares estranhos de julgamento — porque esses eu certamente ignorarei —, do que com a farsa de fingir que eu não estou ficando com Christian e com nenhuma outra pessoa.

Nós dois chegamos em casa, caímos no banho juntos — que com certeza teve o seu extra — e nos enrolamos em sua cama pelo começo da noite, trocando carícias e beijos demorados, além de palavras desconexas e, vez ou outra, juras de amor. Contudo, tivemos que sair da nossa bolha perto das dez horas da noite, já que combinamos de comparecer na festa de Tyler. Christian relutou tanto quanto pode, mas depois de mais um banho demorado, eu o convenci de não darmos para trás na última hora.

— Você está gostosa pra caralho — Christian afirma, sentando-se na

beirada da minha cama e me comendo com os olhos sem pudor algum.

Depois do nosso último banho, vim para o meu quarto para me arrumar, esperando que Christian já estivesse fazendo o mesmo. E, sim, diante da imagem que eu tenho, ele fez isso muito bem, afinal um Wyatt-Sawyer não precisa de muito para parecer muito bem em sua pele.

— Você está quente, Christian Wyatt-Sawyer.

Mal tendo se sentado, ele já se levanta para fechar a distância entre nós. Colando o peitoral coberto por uma camisa lisa da cor branca em minhas costas, o loiro segura a minha cintura, inclinando o rosto para ter acesso ao meu pescoço, o que está fácil demais, já que preendi meu cabelo em uma trança lateral para o lado oposto ao qual ele está avançando.

— Naquela hora parecia uma boa ideia sair de casa, mas eu já estou pronto para desistir e ficar em casa com você, Ryle, eu realmente insisto. Está dentro, babe? — indaga, esbarrando os lábios propositadamente em minha pele, o que me faz tremer em seus braços.

— Não podemos furar com nossos amigos, Chris. Já faz algum tempo desde que saímos juntos e vai ser chato desmarcar assim em cima da hora — retruco, tentando deixar a parte mais sensata em minha cabeça falar mais alto. Ele morde meu pescoço, escorregando a língua suavemente até que eu não segure mais o gemido rebelde dentro da boca. — *Christian*.

— Vamos, babe. Vamos ficar em casa. Marcamos de novo uma outra

vez, em outra ocasião. Eu só quero ficar te beijando e lá vai ser meio difícil disso acontecer. — Christian escorrega as mãos por meu corpo, tentando puxar meu vestido por minhas coxas, mas agarro o seu pulso, enquanto rimos juntos. — Ryles...

— Não — sussurro de volta. Viro para Chris, abraçando-o pelo pescoço e selando os nossos lábios. — Não e não. Nós vamos e quando voltarmos teremos o resto da madrugada para fazer o que você quiser.

— O que eu quiser? — Arqueia a sobrancelha loira, ansioso. Sorrio, acenando positivamente. — Então nós vamos e em meia hora voltamos.

— Christian! — exclamo, enquanto caímos na gargalhada.

Leva um tempo para nos acalmarmos, mas quando acontece, nos encaramos ternamente, admirando um ao outro. Pisco, acordando do nosso momento antes que eu ceda sem querer e dou uns tapinhas em seus ombros.

— Vamos lá — digo, desvencilhando-me dos seus braços e pegando a minha bolsa e celular.

— Vamos então — conclui.

Deixamos tudo de lado e saímos do meu quarto, prontos para o resto da noite. Christian e eu descemos e, logo após trancarmos a porta e entrarmos no seu carro, partimos em direção ao endereço do falado Tyler. Nós preenchemos o silêncio com uma conversa fácil sobre as músicas que tocam na rádio e entre um sinal e outro trocamos beijos demorados demais para o

nosso próprio bem.

Depois de uma viagem tranquila e demorada, Christian finalmente estaciona o carro em uma rua que já está congestionada dos mesmos. Parece que o negócio está realmente fervendo por aqui, o que me deixa com um pé atrás, mas eu estou com Chris, então eu sei que estarei segura.

— Se quiser ir embora, basta uma piscadela e nós corremos para o carro, tudo bem? — diz, tirando a chave da ignição e se virando para mim.

— Tudo bem — afirmo, nervosa de uma hora para outra. — Boa sorte para nós dois então.

Ele sorri, beijando minha testa.

— Boa sorte para nós, babe.

Já do lado de fora, entrelaço meu braço no seu e caminhamos pela calçada até a mansão que mais chama atenção com a música alta e jovens entrando e saindo o tempo todo.

— Parece uma eternidade desde que estive em uma dessas festas — Christian resmunga e eu sorrio.

— Ainda bem, não é? — brinco e ele ri de volta.

— Ciúmes, babe?

Dou de ombros.

— E se for ciúmes? — questiono tranquila.

— Então eu vou ter que dar um jeito nisso e te mostrar no banheiro

mais próximo que eu só tenho olhos para você.

E Christian continua produzindo essa ardência em meu corpo apenas com simples palavras. É quase covarde a forma como ele me provoca em lugares inapropriados, mas, por outro lado, quem começou com todo esse papo foi eu. Melhor aguentar ou pedir para irmos logo até o banheiro mais próximo.

— Acredito nas suas palavras, babe — sussurro antes de finalmente entrarmos na propriedade barulhenta e caótica.

Meu Deus.

Isso aqui vai ser um grande problema, eu já posso sentir isso, mas, se tem uma coisa que Christian e eu nos metemos deliberadamente, são problemas.

Adentramos pelo gramado bem cuidado que está abarrotado de jovens se beijando e se pegando de jeitos bem... impróprios. Até tento não encarar as pessoas, mas eu não consigo deixar de fazer isso. Faz muito tempo desde que vim a uma festa louca como essa, então tudo que estou tentando fazer é refrescar a minha memória e produzir experiências para mim mesma, mesmo que eu saiba que a maioria delas é assustadora.

— Ei! Vocês chegaram! — Ash é a primeira a nos achar quando cruzamos todo lugar pela lateral da casa em direção ao quintal amplo e ainda mais cheio.

Desgrudo de Christian para cumprimentar minha amiga com um abraço apertado e sorriso nos lábios.

— Finalmente chegamos e você está maravilhosa — afirmo enquanto nos afastamos rindo.

— Você não fica atrás, como sempre.

Lex se aproxima de nós, me cumprimentando toda galanteadora — como já é habitual — e fazendo o mesmo com Christian. Logo então Gracie e Cam se juntam a nós também. Demoro um pouco mais abraçando a minha melhor amiga, que sussurra um monte de besteira sobre Chris e eu em meu ouvido. Leva muito de mim para segurar a minha risada, mas felizmente eu consigo me controlar.

— Isso aqui está fervendo — comento com meus amigos, enquanto Cam oferece copos com cerveja para Christian e eu.

Não sou a maior fã dessa bebida, mas eventualmente eu tomo. Talvez essa seja uma boa ocasião para isso e eu estou apenas supondo, porque o resultado eu saberei somente daqui a algum tempo.

— Tyler sabe dar uma festa — Cam retruca, passando seu braço pelos ombros de Gracie e abraçando sua namorada.

Lex faz o mesmo com Ash e sobra apenas Christian e eu.

Chega até a ser engraçado viver esse tipo de situação.

— Vamos nos sentar em algum lugar? Meu salto já está me matando —

Ash pede.

Seguimos ao redor da piscina, enquanto muitos pulam, outros são jogados e a maioria ri de tudo que está acontecendo. Acho um pouco de graça, porque isso parece tanto com os filmes hollywoodianos que estamos acostumados, o que me faz até mesmo pensar em como a minha vida daria um bom enredo para um desses filmes.

Nós conseguimos uma mesa meio toda baderna e nos sentamos para conversar. Jogamos fora todo tipo de conversa e então eu lembro o motivo pelo qual eu amo tanto meu pequeno círculo de amizades. Somos diferentes um do outro de muitas formas, mas nos entendemos, respeitamos e nos amamos de qualquer que seja a forma.

Depois de provavelmente uma hora de muita conversa, bebidas e risadas, alguns amigos de Cam e Christian se aproximam da nossa mesa, incluindo o anfitrião da festa. Ele nos chama e nós deixamos nossos lugares para segui-lo. Chegamos até uma mesa com vários copos e pessoas ao redor e imediatamente e eu sei do que se trata.

— *Beer pong*? — Tyler exclama, mais animado do que qualquer um, e nós nos entreolhamos.

Ficar jogando uma bolinha dentro de copos com cerveja não é a melhor ideia que eu tinha pra essa noite. Ainda que eu já tenha virado alguns copos essa noite, não se passaram de cinco e eu nunca gostei de passar dos limites,

de ficar bêbada. Lembro de já ter passado por essa experiência por alguns pares de vezes, nada mais do que seis, e realmente é uma das piores coisas que já vivi. A ressaca é uma merda e me dá a mais verdadeira sensação de estar morrendo.

Por outro lado, Christian já teve isso mais vezes do que ele ou eu possamos lembrar. Essa noite não, ele bebeu o copo que Cam lhe ofereceu assim que chegamos e nada mais e eu sei que é porque ele quem vai voltar dirigindo para casa.

— *Beer pong* incrementado ou nada — Cameron retruca, porque provavelmente ele mesmo está cansado do mesmo jogo, do mesmo jeito, o tempo todo.

— Homens contra mulheres? — questiona.

— Assim vai ser moleza — Lex responde. — Homens são péssimos em buracos...

Não conseguimos segurar a gargalhada.

Lexington é de outro mundo.

Os caras reviram os olhos, mas acabam rindo com a gente.

— Homens contra mulheres e, quem errar o buraco, vai estar na pista para uns beijinhos. Quem escolhe é a equipe e vai ser um melhor de três. Se acertar, bebe. Se acertar de novo, bebe mais uma vez. Se acertar na última, você está livre de trocar saliva com desconhecidos.

— Bom, isso melhorou agora — Cameron afirma, recebendo um olhar estreito de Gracie.

— Acho melhor decidirmos alguém para escolher de modo fixo quem beija quem — Lex diz, tentando colocar ordem na brincadeira. — Eu escolherei do time feminino.

— E eu do masculino — Cam conclui.

Menos mal, creio eu.

— Que seja, certinhos — o anfitrião da festa debocha.

Fito Christian discretamente, que faz o mesmo comigo. Isso pode acabar nos irritando pra caramba, ainda mais porque várias pessoas começam a se aproximar para participar do jogo. No fim, não temos muito o que fazer, só torcer para não errarmos os copos, mas, caso aconteça, que nossos amigos tentem fazer o que nos afetem menos. Seria mais fácil se eles soubessem, mas agora Christian e eu que lidemos com os ciúmes que possam nos encher.

— E para começarmos bem animados — Tyler exclama, aproximando-se com uma garrafa de vodca. — Uma dose para cada um. — Sorri como um predador. — Na boquinha.

Com a garrafa passando de um lado para o outro, espero sem muita emoção até a mesma chegar até mim. As garotas desconhecidas que vieram jogar do nosso lado parecem eufóricas. Me pergunto por um instante o motivo de tamanha excitação, mas a resposta vem antes que eu possa abrir a

boca.

Uma garota ruiva se aproxima de Lex, que está praticamente do meu lado e diz:

— Quero beijar Christian Wyatt-Sawyer por quantas vezes eu errar.

Outras concordam, pedindo o mesmo.

Era sobre isso que eu estava pensando quando imaginei que poderíamos nos irritar. Um monte de garotas com o mesmo objetivo: ficar com Christian.

— Eu vou pensar sobre isso. — Essa é a única coisa que Lex diz antes de me fitar por alguns instantes.

Fingir não me importar parece ser a tarefa mais difícil de agora em diante. Sei que mais da metade das garotas ao meu lado errarão as suas três tentativas apenas para terem uma chance com Christian e, bom, isso é no mínimo frustrante. Entretanto, tento permanecer controlada.

O jogo finalmente começa.

Vejo Christian me encarar de longe, enquanto ele recua entre os caras para ficar praticamente no “fim” da fila. Faço o mesmo, afinal de contas eu quero cooperar com a nossa sanidade mental e não a piorar. Nós assistimos a tudo atentamente, enquanto eu tento dissipar a sensação de iminente desastre que logo deve vir.

Nosso time começa.

Uma garota loira toma a sua vez de primeira.

Ela sorri animada, pegando a bolinha branca e começando os seus arremessos. De três, a garota erra dois e, logo depois de tomar o único copo que ela acertou, Lex dá os nomes. Tyler e Thomas. Debaixo de muitos gritos excitados de aprovação a loira beija os dois caras seguidamente, sorrindo depois que o ato termina.

Isso realmente não é pra mim.

Pela primeira vez na vida, fico muito feliz por ter passado parte da minha infância brincando de arremessos com meu pai. Graças a Deus por estar em uma família de Quarterbacks.

Ao menos em acertar alvos eu sou boa.

Sucessivamente os times vão alternando nas jogadas. Uma vez homens, outra vez mulheres. Quando dou por mim, já estão me puxando do final da fila para tomar meu lugar na brincadeira.

— Finalmente quem todo mundo queria — Tyler exclama e mais da metade dos brutamontes gargalham positivamente.

— Ninguém se importa se você errar todos os copos, Ryle. Afinal, não temos muitos deles agora.

Realmente não.

Sobraram seis copos cheios do outro lado da mesa e cada um com bastante espaço entre eles. Diferente das outras garotas, eu não tenho margem

de erro.

É errar ou acertar.

Localizo meu primeiro alvo e jogo, vendo a bolinha cair diretamente dentro do copo. Sorrio de lado, enquanto os caras exclamam palavras e as garotas gritam positivamente. Tyler me dá o primeiro copo e eu viro toda a bebida. Eu não queria beber mais, porque já consigo sentir a minha cabeça pesar e a visão ficar levemente turva, mas, porra, agora eu *preciso* beber. Viro o copo de uma só vez e parto para o próximo arremesso.

Dentro. Novamente dentro.

Mais gritos insatisfeitos e contentes enchem o coro ao meu redor e eu viro outro copo. Acho Christian no meio de todo mundo, empurrando a bebida por minha garganta em goles longos. Ele está com um meio sorriso bonito, incrivelmente satisfeito por meus acertos.

— Agora você já pode errar, Ryle — Tyler suplica e eu agarro a bolinha outra vez.

Pigarreio, sorrindo maldosa.

— Você sabe que quase todos os homens da minha família estiveram na NFA, certo? Espera mesmo que *eu* erre? — pergunto no mesmo instante que dou uma rápida averiguada e lanço uma última vez no copo, sustentando o olhar de Tyler.

Dentro.

Com o rosto vermelho como tomate, ele me entrega o copo enquanto praticamente sou ovacionada.

Acho que eu estou bêbada.

Meu sorriso não cabe no rosto enquanto eu tomo meu último copo de cerveja, agora sim saboreando o gosto da vitória.

Quando eu volto para o meu lugar de origem, vejo que é a vez de Christian arremessar. Assim como eu sou boa, ele não vai decepcionar. O loiro é jogador de basquete. Se ele errar, é o mesmo que colocar à prova a sua competência no que joga.

O que eu digo é quase que uma sina, porque Christian não erra um arremesso sequer, mas, em contrapartida, vira todos os copos que acerta. Ainda que tenhamos que lidar com a sorte para não sermos pegos por policiais, deixar alguém dirigir bêbado vai além de mim, principalmente quando esse alguém é Christian. Entretanto, isso é assunto para depois, porque agora eu estou apenas focada nele e no quão gostoso e calmo ele parece ao se concentrar no que está fazendo.

Suspiro baixinho.

Observo a garota ruiva do começo da brincadeira tomar a frente para a sua vez. Ela se esgueira, inclinando-se para falar no ouvido de Lex o que eu já escutei antes de me afastar.

Procuro por Christian e lá está ele mais uma vez me encarando como se

eu fosse a estrela do seu mundo, o que a essa altura eu não duvido mais que não seja, porque ele é a do meu. Não sei o que Lex vai fazer diante do pedido da ruiva e eu também não vou dizer que isso não me deixa extremamente descontente, mas lá está ele, Christian Wyatt-Sawyer, e ele é todo meu.

Assisto a ruiva jogar e errar todos os arremessos. Não posso julgá-la, porque se eu não fosse tão boa nisso, teria errado também, mas eu sei que se fosse no início do jogo, ela teria errado da mesma forma.

É patético.

— Já que a senhorita errou, o escolhido para essa troca de beijos é Christian — Lex sentencia e eu engulo a seco.

Não mesmo.

Isso pode até acontecer, mas eu não vou estar aqui para ver tudo.

Com um nó na garganta, me afasto de todos sem dificuldade e passo entre as pessoas, bêbada e segurando as lágrimas de raiva. Não, não tenho raiva de Christian, mas sim do que estamos vivendo. Eu não consigo mais suportar estar em segredo sobre nós dois. Eu não consigo mais não poder beijá-lo na frente de todos e tratar como se fosse meu... meu... meu namorado. Acho que é isso que somos, desde algum tempo, e ainda mais tomando pelos últimos acontecimentos e declarações.

Continuo esbarrando entre as pessoas até achar um lugar mais calmo e tranquilo em meio ao caos, mas essa talvez seja a tarefa impossível da noite,

porque a casa inteira está um inferno. Subo as escadas, mesmo não sendo a coisa mais sensata a ser feita, e encontro um quarto qualquer para me enfiar e esperar que um pouco da minha insatisfação e embriaguez passe.

Na verdade, não é bem isso que acontece.

— Ryle.

Sim.

É ele.

Hudson.

Ele fecha a porta do quarto, enquanto eu o localizo ali, ainda com o rosto ferido da outra noite e parecendo doente, nada como da última vez que o vi. Isso me preocupa, mas então lembro quem ele é e o que falou de mim, o que me faz empurrar para debaixo de um tapete imaginário toda preocupação natural que geralmente tenho pelas pessoas.

— Hudson — digo, pigarreando em seguida. — Tudo bem?

Ele ri, cético.

— Pareço bem, Ryle? Depois de tudo que aconteceu, eu pareço bem para você?

Um tremor percorre o meu corpo, mas eu o ignoro apenas por um instante.

— Espero que fique bem se não estiver. Nunca lhe desejei o mal.

— Certamente não, mas também não fez nada para me ajudar quando

precisei de você naquela noite. — Troca o peso de seu corpo de uma perna para a outra. — Você estava no encontro comigo, Ryle, não com Christian.

E lá vamos nós, não é mesmo?

— Christian é minha família e você não mexe com alguém da minha família se não quiser arrumar problema comigo.

Ele ri mais. E mais.

— Família? Você realmente os considera a sua família, Ryle? — indaga, fazendo-me franzir o cenho.

Sobre o que diabos Hudson está falando?

Realmente estou tão bêbada assim ou ele colocou em prova a veracidade da minha família na maior cara de pau?

A porta se abre e Christian aparece com o rosto corado, como se ele estivesse acabado de sair de uma corrida. Seus olhos caem sobre Hudson e a sua feição vai de preocupada para raivosa em questão de segundos.

— É claro que sim, Hudson — afirmo, fitando-o novamente enquanto caminho cegamente até o loiro. — Se cuida e, por favor, não venha mais atrás de mim. — Seguro no braço de Christian, puxando-o com dificuldade. — Vamos embora — sussurro por fim.

Nós descemos e deixamos a casa em a meio passos largos e duros. Será que toda noite que Christian e eu resolvermos sair vai ser isso? Não temos realmente um dia normal, de paz, apenas para curtir?

— O que Hudson estava fazendo lá? — pergunta, destravando as portas do seu carro e entrando.

Faço o mesmo, colocando-me ao seu lado enquanto ele parte sem demora. Não me importo em termos saído assim. A noite que mal começou, já perdeu completamente a graça.

— Ele apareceu do nada — respondo, simples e pensativa.

O que Hudson quis dizer?

É claro que eu os considero minha família, afinal, somos uma família, tanto de sangue, quanto de coração.

— E o sobre o que estavam conversando?

Bufo.

— Não curtiu os seus beijos o suficiente para parar de me perguntar tanta coisa, Christian?

Sim, essa é a minha parte ciumenta e raivosa falando bem mais alto do que a parte sensata em minha cabeça. Era um jogo e nós nos sujeitamos a participar. Claro que daria merda. Claro que um de nós sairia enfurecido de lá e calhou por ser eu.

— Eu não beijei ninguém, Ryle. Assim que você saiu, Lex revelou que estava falando de outro Christian, um dos caras do time de futebol que estava jogando lá embaixo com a gente — explica. Sim, isso faz sentido, mas somente se Lex tenha feito na maldade apenas para ter prova de algo. — Ryle

— grunhe, chateado.

Respiro fundo, esfregando as minhas têmporas levemente para tentar me acalmar.

— Desculpa — peço baixinho, focando novamente em Hudson e sua aparição inesperada. — Ele foi apenas falar merda como sempre. Indagar, indagar, indagar e depois plantar semente ruim na minha cabeça. Normal, já que Hudson sempre fez coisa do tipo.

— Que semente? — continua.

— Eu disse que defenderia você, porque é minha família, e ele ficou com um papo estranho de “sério que você os considera sua família?”, o que já foi mais do suficiente para me fazer perder toda paciência que já estava fora de estoque.

Viro para encarar Christian.

Sua postura endurece, enquanto ele fecha os punhos ao redor do volante com força. Estendo o braço e toco em seu ombro tenso. Alcanço os seus cachos, lhe oferecendo um suave carinho.

— Esquece o que ele disse, Ryle. Hudson é apenas um obcecado do caralho — afirma, virando para me encarar quando o sinal fecha.

— Sei disso, Christian. Fica tranquilo.

O loiro pisa fundo no acelerador assim que o sinal volta a abrir e nosso caminho de volta para casa é feito com muita rapidez. Assim que Christian

estaciona o carro dentro da garagem e a mesma termina de fechar, tomo meu lugar no seu colo e ele recua o seu banco o máximo possível.

Procuro por seus lábios em pura abstinência.

É muito mais forte do que eu todo esse sentimento de pertencimento que tenho por Christian. Algumas coisas não se explicam, de fato, e, bom, essa é uma delas. Eu preciso dele porque simplesmente preciso e o meu corpo reconhece isso melhor do que ninguém.

— Vamos fazer isso aqui? — pergunta, antes de aprofundar o nosso beijo, fazendo-me sorrir.

— Sem tempo para entrar em casa, amor — resmungo de volta, querendo mais dele.

— Amor? — Seus olhos pretos me sugam para si. — Repete isso.

— Amor. — Faço exatamente como ele pediu. — *Meu amor.*

— Ah, Ryle. *Porra.*

Seu xingamento vem juntamente com o seu beijo esfomeado.

Nos perdemos do jeito que desejamos e necessitamos dentro do seu carro. Já havia acontecido antes algo entre nós dois parecido nesse mesmo lugar, mas agora eu sei que nunca mais vou ser capaz de entrar no veículo de Christian sem ser tomada por lembranças sexuais de nós dois.

“Eu apenas queria que fosse perfeito, acreditar que valeu a pena lutar por tudo. Mentiras, não quero saber.”

LIES — MARINA AND THE DIAMONDS

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Fito Ryle se mexer ao redor da nossa cozinha, enquanto prepara nosso café da manhã depois de lutarmos muito no andar de cima contra a preguiça e o sono. Mais um fim de semana chegou e com ele a vontade de não sair de debaixo dos lençóis, principalmente quando eu tenho Ryle Diann Sivan comigo, agarrada ao meu corpo, ao mesmo tempo que dorme como um anjo. Apesar de todas as coisas externas que acontecem para nos irritar, tenho tido os melhores dias da minha vida ao seu lado, sempre ao seu lado.

Há alguns dias marquei de encontrar a minha avó e Sculler, que chegaram de viagem há poucos dias. Ryle não sabe disso, nem da chegada dos seus pais e muito menos de que marquei esse encontro. A mais pura verdade é que eu não estou mais aguentando toda pressão de mentir para Ryle sobre o seu passado, principalmente depois do incidente com Hudson na festa de Tyler. Talvez o meu maior medo seja esse: Ryle descobrir tudo por conta própria, sem que nós tenhamos a chance de nos explicar acerca de tudo.

Preciso que eles contem.

Se ninguém quer me deixar contar, que contem logo de uma vez. Não quero passar por mentiroso, não quero quebrar a confiança de Ryle em cima de mim. É difícil dormir à noite sabendo que até mesmo inventei uma doença para a minha mãe só para sustentar uma mentira. Deveríamos ter saído da mentira com uma verdade e não com outra estúpida mentira.

Quando ela me olha como agora, sorrindo e apaixonada, exatamente como se eu fosse o seu mundo, meu coração quebra.

Não posso desapontar Ryle.

Nunca.

— Aqui. — Ela me entrega meu prato e coloca o seu logo ao lado. Puxo a morena para o meu colo, que dá um grito assustada e ri ao cair em minhas pernas. — O que você está fazendo, Christian? — pergunta.

Seu cheiro invade os meus sentidos e por alguns instantes permito-me esquecer todo o resto.

Nada importa além de Ryle.

— Não aguento ficar longe de você. — Enfio o rosto na curva do seu pescoço, inalando mais do cheiro agradável que ela tem. — Por que você faz isso comigo, Ryle? — pergunto, escorregando as mãos por suas pernas.

— *C-Chris...* — sussurra de volta. — Faço o quê?

— Faz eu me apaixonar como um louco dia após dia. — Beijo a sua

pele enquanto Ryle remexe sobre o meu colo. — Você me tem com tanta facilidade, Ryle. Sou louco por você, sempre fui louco por você e sempre vou ser. O meu coração sempre teve o seu nome tatuado nele e eu só espero que nunca me deixe, por favor...

A morena segura as minhas mãos e passa meus braços por sua cintura, fazendo-me abraçá-la. Ela descansa a cabeça para trás, dando-me ainda mais acesso ao seu pescoço.

— Nunca vou deixá-lo — afirma, segura como sempre. — Nunca, Christian. Seu coração tem a mesma tatuagem que o meu. Nos pertencemos, seja longe, seja perto. Sou louca por você, cada pedaço meu também é seu. Sempre.

É disso que eu estou falando.

Ela segura meu coração nas mãos e o trata tão bem que não tem outro lugar no mundo que eu queira estar, se não for ao lado de Ryle.

Virando o rosto para trás, ela me beija suavemente.

É um tocar de lábios simples, mas que significa muito mais nesse momento do que possamos imaginar.

— Eu amo você — sussurra ainda com a boca colada na minha.

— Eu amo você — afirmo de volta.

Sorrimos um para o outro e a sensação boa de tê-la comigo afasta qualquer medo que senti antes.

— Vamos tomar nosso café antes que esfrie? — pergunta e eu concordo.

— Você está com fome, não é?

Sua barriga responde por si só quando ela senta ao meu lado. O ronco é alto pra caralho. Rimos juntos e sem falar mais nada começamos a atacar a refeição deliciosa que Ryle nos preparou. A conversa fácil sobre qualquer assunto bobo preenche o resto do tempo que passamos sentados comendo. Após algum tempo, deixamos as coisas para trás e subimos de volta para o meu quarto — que agora é mais nosso, do que apenas meu — com Ryle nos meus braços.

Passamos o resto da manhã assistindo uma série qualquer que Ryle fez questão de escolher e perto do horário do almoço, que foi quando marquei com minha avó e Sculler, lhe avisei que tinha que sair. Não dei detalhes, mas também não menti. Como Ryle nunca foi de questionar tanto, ela apenas me pediu para não demorar, mas eu já não faria isso de qualquer forma. Não pretendo demorar. Minha conversa vai ser direta ao ponto, sem rodeios.

No momento estou dirigindo até a casa da minha avó em Long Beach.

Amo Los Angeles e considero como a minha segunda casa, mas sinceramente, nada é como Long Beach. Por mais que eu tenha passado um tempo aqui, outro ali, e muito em várias viagens, Long Beach é o meu lugar na Terra. Foi onde nasci, cresci e fiz muitas memórias com Ryle, Ben e meus

irmãos.

Quase meia hora depois eu chego até o meu destino.

Paro o carro em frente à casa e saio. Sem nem mesmo me aproximar o suficiente, minha avó já está me esperando de braços abertos e um sorriso aconchegante. Odeio-me por estar vindo aqui ter esse tipo de conversa com ela, porque minha avó é uma das mulheres da minha vida. Não tenho nenhuma intenção em magoá-la, mas sei que no futuro isso talvez seja pior para todo mundo. No final das contas, sei que tudo que Cassie e Sculler sempre quiseram, é proteger Ryle sem discriminação.

— Vó — digo, dando-lhe um abraço apertado. — Como foi de viagem? — pergunto, enquanto caminhamos para dentro de casa.

— Meu querido — diz, calma e tranquila como só ela sempre consegue ser. — Ocorreu tudo bem na medida do possível — afirma.

Cumprimento Sculler que já está à nossa espera e nós nos sentamos no sofá.

— Você vai ficar para o almoço? — questiona, ansiosa.

— Não, Ryle está me esperando em casa.

— Pensei que ela viria junto — Sculler comenta.

— Não, a conversa que vim ter com vocês ainda não precisa da presença dela.

Os dois se entreolham, mas já sabem do que vim falar. Pigarreio,

buscando as melhores palavras para tentar me expressar do jeito certo. Quero muito fazer as coisas se ajeitarem e para isso eu preciso que eles contem tudo para Ryle logo.

— Acho que chegou a hora de Ryle saber da verdade sobre seu passado — digo, sem saber se foi o jeito certo, porque eu só expulso de mim o que tenho entalado há algum tempo.

Nunca tivemos essa conversa sozinhos e já era hora disso acontecer.

— *Christian...* — minha avó sussurra com os olhos brilhando de dor.

— Eu sei que esse é um assunto delicado a se falar, ainda mais por não ter sido conversado na época certa. Ryle não é filha de vocês de sangue, mas é de coração e nome e sobrenome. Ela é filha de vocês e ninguém nunca poderia tirar isso, mas agora esse assunto se tornou uma tormenta para nós. É agonizante ter isso comigo e não poder lhe contar por não ser algo “meu”. — Tento explicar em vão o que eles já devem saber. — Era para isso ter sido conversado e contado quando ela começou a entender as coisas. Agora vai ser difícil? Vai, mas Ryle vai entender. Eu só... eu só preciso que digam a ela sobre isso o quanto antes.

Sculler passa o braço pelos ombros da minha avó, abraçando-a. Ela começa a chorar e eu me odeio por isso, exatamente como eu disse que me odiaria. Não queria causar isso, não queria ter que pressioná-los, mas se eu não fizer, todos estaremos pressionados.

— É difícil, Christian — Sculler diz e eu o encaro. — As coisas com Ryle aconteceram tão naturalmente desde o início. Ainda que as oportunidades para lhe explicar sobre sua origem existissem, nós não as víamos. Ela é nossa filha, sempre foi e nós nunca vimos de outra forma. O tempo passou e isso se tornou um segredo, mas nunca foi nosso objetivo guardar algo de Ryle. Ela sempre foi a nossa Ryle.

Concordo com um breve aceno, porque eu sei que ele está sendo cem por cento sincero comigo.

Mas...

— Mas isso precisa ser falado — afirmo, respirando fundo. — Por favor — peço uma última vez.

Minha avó enxuga as lágrimas, acenando positivamente.

— Vai ser, Christian — diz segura. — Só precisamos de um tempo para nos organizarmos. — Estreito meu olhar por força do hábito e ela volta a falar. — Pouco tempo, eu prometo. Preciso me preparar, tudo bem?

— Claro — concordo. — Obrigado por terem entendido o meu ponto de vista. Espero que consigamos esclarecer tudo o quanto antes.

— Nós também — dizem em uníssono.

— É melhor eu ir logo então. — Levanto e caminho até a minha avó, que já me espera de pé. Lhe envolvo em um forte abraço e beijo o topo da sua cabeça. — Fique bem, vó. Eu te amo.

— Eu te amo mais, querido.

Ela beija o meu rosto quando me inclino para beijar o seu uma última vez e eu a solto. Me despeço de Sculler e faço o percurso de volta até o meu carro. Claro que tudo ocorreu bem, como eu já esperava, mas a minha expectativa é para o que vem depois disso. Só consigo pensar no dia em que contaremos a verdade para Ryle e nos libertaremos dessa angústia que a mentira causa.

Nunca pensei que mentir fosse tão ruim e perturbador.

Faço o meu trajeto de volta para casa e no meio dele recebo uma ligação da minha mãe. Toda preocupada como já é de costume, ela pergunta sobre Andrew e eu e sobre como nós estamos. Lhe conto tudo sem muitos detalhes e ela continua falando, contando-me sobre Romeo e o internato.

Imagino o que Rome deve estar sentindo. Não queria que ele fosse levado para longe, mas depois de tanta merda e nenhuma explicação, ele tinha que tomar algum jeito. Isso é apenas um fato, o que me faz concordar apenas em partes com a atitude extrema do meu pai em colocá-lo nesse internato.

Ao final da ligação minha mãe avisou que ela e meu pai estariam de volta em três semanas a partir de hoje. Nos despedimos com um “eu te amo” e desligamos a chamada.

Ainda no caminho, parei em um restaurante perto de casa e pedi

comida para Ryle e eu. Como levaria ainda algum tempo para ser preparada, deixei tudo pago e passei meu endereço para entrega.

Abro a garagem, estacionando meu carro dentro e saindo para entrar em casa. Sem avisar, Ryle pula em cima de mim quando eu colo meu pé dentro de casa.

— Você chegou! — exclama, ainda do mesmo jeito que a deixei quando saí.

— *Babe*. — Sorrio, segurando-a no colo. — Ficou ansiosa esperando por mim? — pergunto, beijando sua boca em um estalo.

— Sim. — Ela sorri, passando os braços por meu pescoço.

Caminho até o sofá e sento com Ryle em cima de mim.

— Eu não aguento mais esse segredo de nós dois — afirma, tendo toda a minha atenção para si. — Pensei que talvez já esteja na hora de contarmos. Você concorda? — indaga e eu arqueio a sobancelha com a sua coragem súbita.

— Acho que a gente sempre pode pensar sobre isso, amor — digo, afagando as suas costas. — Mas o que planeja sobre o assunto? — continuo, questionando para saber mais do que ela falou.

— Contar, Christian. Sem mais enrolação. Contar independente das reações e do que digam de nós. Só não aguento mais ter que ficar escondendo das pessoas a pessoa que eu amo e quero estar junto. — Ryle dedilha o meu

rosto, parando um instante para me encarar.

— Por mim está tudo bem — concordo. — Vai ser com toda a família? — questiono e ela acena positivamente. — Meus pais chegam apenas daqui três semanas a partir de hoje. Conseguiremos manter isso por mais três semanas e então contamos. Fechado, babe?

— Sim. — Sorri, pegando meu celular e destravando. — Vou combinar com todos logo pelo grupo de mensagens que temos. — Ela mexe, mexe e mexe, até que me entrega de volta, ainda toda sorridente. — Enviado — conclui.

— Então está combinado o dia da nossa sentença de morte — enuncio dramaticamente. — Podemos aproveitar nossas últimas semanas de paz antes que o caos caia sobre as nossas cabeças?

Ryle gargalha, tirando minha gargalhada com a sua.

— Você deveria investir na carreira — diz, encostando a testa na minha. — É muito bom no drama, amor.

Estou a um passo de trocar de lugar com Ryle e fodê-la no sofá, mas então o meu pedido chega para acabar com o meu melhor plano.

— Quem é? — pergunta.

— A comida inconveniente que eu pedi — resmungo.

Ryle pula do meu colo, animada como desde que coloquei os pés em casa.

— Eu arrumo a mesa e você nos serve — comanda.

Brinco, fazendo uma reverência.

— Como quiser, madame.

RYLE DIANN SIVAN

Mal consegui dormir à noite e, para ser sincera, não foi por falta de tentativa. Revirei de um lado para o outro, ora esbarrando em Christian e ora tendo ele me puxando de volta para si. Já se passaram três semanas desde que combinamos o almoço com a nossa família, com exceção de Romeo, obviamente, que já está no internato. Durante todo esse meio tempo, Christian foi comigo ao médico, porque, afinal, precisamos nos proteger da forma certa para que não ocorra nenhuma “surpresa” no meio do caminho. Entretanto, eu me resumi somente a uma pilha enorme de nervos à flor da pele. Simples assim.

Vou confessar: estive ansiosa e nervosa em muitas ocasiões, como por exemplo os eventos de gente muito famosa onde, às vezes, eu ia com o papai para acompanhá-lo, mas nada se compara a grandiosidade disso que estou prestes a fazer com Christian. Se estamos encrocados? Não sei dizer, porque, na verdade, não há uma resposta certa para isso. Torço mentalmente

para que não, mas é complicado, como sempre.

Sinto o afago quente da sua mão na minha no instante em que ele estaciona ao lado do carro de do seu pai, que é meu irmão.

Putá merda.

Nós realmente estamos fazendo isso.

Eu sou a sua tia, nós estamos meio que namorando e agora estamos indo contar a todos da família sobre isso.

— Ryle, se acalma — Chris resmunga, apanhando a minha mão e levando até os seus lábios quentes. Eu o encaro, esperando sentir a confiança que o loiro sempre passa, mas ela vem devagar demais, quase me torturando durante o caminho inteiro. — Posso ver o desespero em seus olhos, babe, além da sua respiração acelerada. — Ele segura agora o meu rosto de cada lado, fazendo-me focar ainda mais em sua figura. — Porra, Ryles, se não estiver bem, se não quiser mais fazer isso, a gente vai embora e eu mando uma mensagem para eles cancelando tudo, inventando um imprevisto qualquer com Kurt.

Engulo a seco, encostando a testa na sua e fechando os meus olhos. Controlo a minha respiração pesada, a qual ele bem indicou, e balanço a cabeça negativamente.

— Não, Chris. Me desculpe pela cena, de verdade, eu estou bem. — Seguro o seu rosto, deixando isso me acalmar. — Nós precisamos fazer isso

hoje ou é capaz de nunca mais conseguirmos, de eu nunca mais ter coragem. Estou melhor agora, só não solte a minha mão, por favor.

O pânico vai se dissolvendo aos poucos e ele apenas concorda. Endireito-me no banco, soltando o cinto e pegando minha bolsa. Fito Christian, que continua com a atenção toda para mim e sorrio. Tento lhe mostrar que falei sério e isso parece funcionar, já que ele me segue quando saio do carro, vindo em minha direção e parando na minha frente.

— Nunca vou soltar a sua mão — afirma e isso termina de estabelecer a calma em mim.

Vai dar tudo certo.

Christian e eu caminhamos até a porta e eu toco a campainha. Em apenas alguns instantes a minha mãe abre a porta com um sorriso de orelha a orelha. Sorrio de volta para ela, mais nervosa do que animada, mas definitivamente morta de saudade.

— Meu amor, como eu senti a sua falta — diz, beijando meu rosto dos dois lados e me abraçando bem apertado.

Devolvo o gesto sincero, aproveitando do seu abraço familiar e reconfortante de sempre.

É a minha mãe, afinal das contas.

— Querido, vem aqui também — chama Christian, que ri, mas vem até nós duas.

Minha mãe me solta e o abraça.

Sorrio derretida com a cena, enquanto Christian praticamente esconde Sra. Sivan em seu abraço.

— Quero saber de tudo que aconteceu — avisa e nós finalmente entramos.

Noah passa correndo com Alex e Peter, seus irmãos mais velhos, claramente não dando a mínima para Christian e eu. Tio Simon aparece rapidamente apenas para seguir os seus filhos e, assim como eles, não liga para nós dois. Isso é natural: tio Simon sempre preocupado e atrás da inquieta Noah.

Deixo minhas coisas no sofá e pisco discretamente para Christian, seguindo sozinha à procura do meu pai. Encontro-o na cozinha com Seth, ambos com cervejas nas suas mãos e conversando discretamente. Quando o meu irmão me avista, ele aponta com a cerveja para mim, provavelmente indicando para o meu pai que eu estou no cômodo. Aproximo-me dos dois, cumprimentando Seth rapidamente, que nos deixa, e caindo nos braços do papai.

Senti sua falta pra caramba.

— Ei, meu amor — diz, beijando minha cabeça e me abraçando forte.

Encaro o seu rosto bonito e ele sorri, ficando ainda mais bonito.

— Você está linda, querida, e eu morri de saudades todo esse tempo.

— Você também papai, como sempre. Morri de saudades de você e da mamãe. Como foram os negócios fora da cidade? — questiono, abraçando-o pela cintura e ansiosa por sua resposta.

— Entediantes e estressantes, mas necessários — comenta, sincero como sempre, e eu gargalho.

— Eu imagino, pai, mas que bom que já estão de volta.

Ele concorda com um aceno e os outros começam a entrar na cozinha.

O barulho de conversa fiada surge e logo me separo do papai para falar com todos. Converso um pouco com tio Simon e tia Spencer, com as crianças, depois vou para Drew e Ben, que esbanjam sorrisos cansados, provavelmente das festividades na irmandade. Por fim, paro em Pearl.

Eu observo a mulher atentamente, tentando perceber algo de diferente em seu jeito. Ela parece mais abatida do que a última vez que nos vimos, o que já faz algum tempo. Eu não sei dizer se é porque ela está doente, como Chris e meus pais falaram no último almoço, ou se é por Romeo. Talvez seja um misto dos dois e isso é algo que me preocupa. Qualquer coisa com qualquer pessoa da nossa família me traz preocupação, principalmente se isso se trata de algo sério.

— Oi, Pearl — digo, sorrindo fraco e envolvendo-a em um abraço.

— Ryle, querida — murmura e em seguida suspira. — Como você está? — indaga depois que nos afastamos.

— Bem, muito bem — afirmo. — E você? Se sente bem?

Não quero ser invasiva, já que eles disseram que tudo ainda é meio que segredo, então sinceramente não quero acabar soltando uma bomba do nada.

— Estou indo, querida. Meus dias não estão fáceis. — Seu olhar parece perdido e meu coração imediatamente sente. — Mas vai dar tudo certo, não é? — comenta, dizendo para si mesma o que eu estava falando para mim antes de entrar aqui.

— Sim, Pearl. Tudo sempre acaba dando certo no final, a gente só precisa ter um pouco de fé e paciência.

Ela sorri para mim e eu sorrio mais uma vez de volta.

Espero que Pearl fique bem.

— Vamos para a mesa? Eu estou morto de fome e curioso para saber o motivo pelo qual o idiota aqui convocou esse almoço maluco em família — Drew nos chama e todos concordamos.

— Andrew — Seth o repreende, mas Drew apenas revira os olhos em resposta.

— Vamos logo então, crianças — tio Simon retruca, carregando Noah no colo, como sempre.

Nós todos seguimos para a mesa de almoço do lado de fora da casa, na varanda, exatamente como costumamos nos reunir. Christian espera todos passarem para ir ao meu lado.

Sim, ao seu lado tudo sempre fica mais fácil.

Quase entrelaço nossos dedos juntos para me dar uma força extra, mas então eu lembro que não posso. Ainda não. Mas, quando chegamos ao lado de fora, nos sentamos lado a lado. Se vamos fazer isso, precisamos estar perto. Preciso da segurança que Christian me passa, porque sei que é apenas questões de segundos para os meus nervos me atacarem novamente.

Todo mundo começa a se servir e eu até acho melhor desse jeito. A probabilidade de alguns ficarem sem apetite é grande depois de falarmos o que temos engasgado. Encaro a tia Spencer, que já está com os olhos vidrados em Chris e eu. Ela parece ansiosa para que tudo aconteça logo e isso me dá uma absurda vontade de rir, mas rir de nervoso. Também sinto vontade de vomitar, chorar e sair correndo. Mas, droga, eu preciso apenas respirar e me acalmar.

“Sem pânico, Ryle”, penso comigo mesma.

O tempo se arrasta e eu tento empurrar um pouco de comida para o meu estômago, mas não obtenho muito sucesso. De soslaio percebo Christian tentando fazer o mesmo, porém ele já consegue ter um pouco mais de facilidade, já que provavelmente está com fome. Meu grande problema é que quando estou em situações que me deixam uma pilha de nervos, eu não consigo fazer nada a não ser pensar em resolver o problema de uma vez por todas.

— Então, crianças, vão começar a contar o motivo pelo qual nós estamos reunidos hoje? — tio Simon pergunta quando a maioria já terminou de comer.

Eu sei o que ele está tentando fazer, o que na verdade é bastante necessário pelo dado motivo: estou travada. Não discuti com Christian sobre quem falaria, quem começaria a colocar as coisas na mesa, então apenas permaneci quieta, sem fazer quase nada. Mas, enfim, creio que seja a hora de nós dois começarmos a falar alguma coisa, antes que o resto perca a paciência com a demora.

Viro para fitá-lo não tão discretamente assim e ele já começa a fazer o mesmo. Christian captura o meu olhar dentro do seu, deixando-me cativa e necessitada disso para me acalmar. Ele sempre sabe o que fazer.

— Nós dois temos algo importante para falar, mas eu espero que isso não acabe se tornando um drama para a nossa família — Christian começa, ainda sem desviar nossos olhares.

Andrew ri alto juntamente com Ben, o que atrai nosso olhar.

— Engravidou alguma garota da UCLA e a titia está guardando o segredo, não é? — seu irmão pergunta e eu reviro os olhos para a colocação.

— Esse não é o tipo de coisa que eu guardaria segredo, Drew.

— Sim, Ryles? O que é então? — Ben questiona de volta.

Christian segura a minha mão debaixo da mesa e eu respiro fundo para

continuar falando. É mais difícil do que eu estava imaginando. Estou quase caindo dura no chão, de tanto nervosismo. Porra. Deus, me leve agora.

— Poderia enrolar por muitos caminhos até chegar no ponto, mas acho que não tem nada que eu fale que vocês todos já não saibam e vejam. — Pigarreio, tentando expulsar o caroço em minha garganta. — Já faz algum tempo que isso vem acontecendo de modo que a gente não esperava, mas algumas coisas fogem do nosso próprio controle quando elas simplesmente precisam acontecer.

— Certo, Ryle. Desembucha — Ben comanda, já impaciente e fechando a sua feição que antes era divertida.

— Christian e eu... — Aperto a sua mão com força. — Nós estamos juntos.

Sim.

Eu falei.

Falei logo e de uma só vez.

O silêncio nos abraça de um jeito tão sufocante que o ar começa a faltar em meus pulmões. As crianças não se importam muito com tudo que está acontecendo, mas, fora elas, ninguém mais dá uma palavra. Noah, Alex e Peter saem correndo para o campo na hora certa e, novamente, ninguém mais se move.

Meus dedos apertam ainda mais entre os de Christian.

Por que ninguém fala nada?

— Vocês estão falando sério? — Seth pergunta, atraindo o meu olhar para si.

Encaro meu irmão mais velho, tentando buscar alguma informação em seu rosto, mas desde que Romeo se foi, ele não tem muitas expressões para oferecer.

— Sim, pai. É sério. Não brincaríamos com isso — Christian responde.

— Vocês enlouqueceram? — Ben empurra a sua cadeira para trás, ficando de pé com o rosto tão vermelho que eu tenho medo do meu irmão cair duro no chão. Ele explode de uma só vez. — Eu vou matar você, porra. É minha irmã, Christian, é sua *tia*, caralho!!! Qual o seu problema? Você é algum tipo de tarado?

Ele se aproxima de nós e eu me levanto também, colocando-me na sua frente para que não avance em cima de Christian.

— Para com isso, Ben. Nós... — Paro de falar por um instante. — Isso apenas aconteceu. Não tivemos muito o que fazer a respeito e, sinceramente, eu não quis fazer muito a respeito. — Seus olhos claros me fitam, cheios de raiva e revolta. Não se parece nada com o Ben que eu conheço, o irmão mais novo que sempre me protege. — Não escolhemos, Ben. Eu amo Christian desde que consigo me lembrar de alguma coisa da minha vida. Ele sempre vai ser a minha primeira e mais bonita memória.

— Você é louca também — sussurra, incrédulo. Sinto as lágrimas encherem meus olhos como uma inundação em um barco furado. — Sai da minha frente, Ryle. Meu problema é com ele. — Me empurra para o lado, indo para cima de Christian do jeito que planejou desde a sua primeira palavra.

— Chega disso, Bennett — meu pai se mete, finalmente, e todos se levantam com ele. Ben encara nosso pai como se ele tivesse perdido todo juízo em não estar ao seu lado. — Não vamos começar uma briga em família agora.

— Como não? Até eu, que sou irmão dele, estou puto com tudo isso — Andrew retruca, tomando o lado de Bennett, o que não é surpresa para ninguém.

— Está vendo, porra? Vocês estão todos loucos se acham que isso vai acontecer e isso se deve a vários motivos, como por exemplo, o maior deles: somos sangue do mesmo sangue e carne da mesma carne. Qual seu problema, caralho? — Ben continua esbravejando com Christian, que permanece atrás de mim. Meu irmão empurra o loiro com força e então Drew o segura. — Não tinha mais ninguém para foder naquela porra de universidade? Cansou daquelas malditas bucetas e quis justamente comer a *minha* irmã? A *sua* tia, porra?! — Ben tenta se soltar de Andrew, mas ele não o deixa ir. — Você é a porra de um doente mental.

Recupero-me finalmente do seu empurrão e volto ao meu lugar, entre os dois e encarando firme o meu irmão. Ele não faz ideia do quanto tudo que está falando está me magoando, ninguém faz ideia.

— Não sou doente mental, mas eu também não espero que você entenda o que é amar alguém por toda vida e descobrir com do dia para noite o quão real esse sentimento — Christian afirma atrás de mim, tão seguro de suas palavras que elas produzem um arrepio demorado por meu corpo. — Ryle e eu acordamos para o que sentíamos um pelo outro da mesma forma que estamos contando para vocês: do nada e de repente, mas só cego não vê que isso sempre esteve em nós dois.

— Eu sempre o amei — concordo em um sussurro no instante em que Christian passa seu braço por minha cintura. — Sempre foi ele e me mata a cada instante saber que esse sentimento tão certo, possa também ser tão errado para quem vê de fora. Ninguém sabe o que nós sentimos, apenas nós dois. *Sempre foi ele.*

Ben ri como um verdadeiro lunático, mas apenas com uma piscada, seus olhos se enchem de lágrimas. Meu coração se parte em estar sendo uma decepção para o meu irmão mais novo. Eu o amo tanto.

— Desde que tive idade suficiente, vi Christian por aí fodendo tantas garotas que me faltam dedos para contar na mão, Ryle. Você também sabe disso, afinal, sempre foi a melhor amiga dele. — Seu olhar briga com nós

dois. — Mesmo que ele seja família, sinceramente acha que eu estaria disposto a apoiar você com alguém como Christian? — Ele encara o loiro, rindo ainda mais. — É namoro isso? Você pediu a minha irmã em namoro?

Christian pigarreia.

Não, ele não pediu, mas isso não me importa para ser sincera. Rótulos definitivamente não se encaixam em nós dois.

— Não, não pedi Ryle em namoro.

A risada do meu irmão vem mais forte, transtornado. Outra vez ele tenta se soltar de Andrew e é agora que o meu pai se aproxima de nós, colocando-se firme na frente de Ben.

— Está agindo como uma put...

— Ei — meu pai chama a sua atenção antes que ele possa completar, mas eu sei exatamente o que Ben iria dizer. — Você não fala assim da sua irmã na minha frente e nem em qualquer outra circunstância — comanda ferozmente.

— Pai, você está vendo o que ela está fazendo com aquele imbecil, você ouviu dela mesma. Perdeu a cabeça também? Por que ninguém vê que isso é inaceitável, impossível? Mas que inferno, caralho!

— Isso não faz da sua irmã alguém inferior, muito menos de Christian o cara que só quer “comer” ela — retruca, enquanto viro para o loiro, praticamente desabando em seu abraço. — Você sabe tudo que eu tive que

escutar desde que comecei a namorar a sua mãe? Não, mas não foram as melhores coisas do mundo, e não por mim, mas por ela. O amor acontece quando tem que acontecer e infelizmente... bom... — Suspira, pesadamente. — Christian e Ryle sempre foram ligados um ao outro. Todos os homens já foram imbecis um dia, assim como você está sendo com a sua irmã e provavelmente é, já foi ou será com alguma garota, mas o que verdadeiramente importa é a atitude dele a partir do momento em que se apaixona por *aquela pessoa*. Isso muda tudo, filho, se apaixonar muda tudo e eu espero que você chegue a entender o que eu quero dizer um dia.

— Se Christian é a pessoa de Ryle e Ryle a de Christian, nos resta aceitar — minha mãe completa.

Ainda não consigo parar de chorar e tirar o rosto do peito de Christian. Meu corpo inteiro treme, mas somente por um instante o alívio de parecer estar sendo aceita por meus pais bate mais forte dentro de mim. Era disso que eu precisava.

— Desisto disso — Ben afirma, parecendo estar se dando, amargamente, por vencido. — Quando a minha irmã voltar ao seu corpo e estado mental normal, ela pode me ligar. — Pausa por alguns segundos. — E quanto a você, Christian, isso não terminou e nem vai terminar assim. Vou assistir cada passo que der e se fizer merda com ela, família nenhuma vai me impedir de quebrar a sua cara e eu digo isso tranquilamente na frente de todo

mundo. Seja. Qual. Merda. For. Você. Vai. Estar. Fodido.

Viro o rosto para achar Bennett me encarando. Ele desvia, enxugando as suas lágrimas e empurrando Drew, que ainda o segurava.

Os dois saem em passos longos e apressados, e demora apenas o cantar de pneu dos dois para que eu sente no chão ao pé da mesa e abrace as minhas pernas com força, chorando como um bebê.

Vi o nojo estampado no rosto do meu irmão.

Nojo de mim.

Ele falou coisas horríveis, julgou a Christian e a mim sem nem mesmo tentar nos entender.

As lágrimas não falham em cair como uma enxurrada por todo meu rosto, enquanto minha mãe se abaixa e me abraça firme. Ela tenta me acalmar a todo custo, mas essa é uma situação quase irremediável. Ninguém nunca me olhou daquele jeito e eu esperei muito que Ben nunca o fizesse.

Como a minha própria mãe não está sentindo algum tipo de nojo de mim, igual Ben? Sei de tudo sobre ela e o papai, mas é diferente. Christian e eu somos diferentes. Compartilhamos o mesmo sangue sim. Esse não é apenas o caso de um ser mais velho que o outro. Nós vamos além de tudo isso.

Sinto muito por ter falhado em ser uma filha mais certinha, mas é que... droga... quem consegue mandar no coração, afinal? Não eu.

— Mamãe, eu sinto muito — sussurro, embolando-me nas palavras. — Eu sei que o que fiz e o que estou sentindo pode ser imprudente, mas é a melhor coisa que eu já tive. — Seguro seu olhar dentro do meu, enquanto ela mesma começa a chorar. — Christian é a melhor pessoa do mundo e você sabe disso. Não queríamos que as coisas fossem desse jeito e por milhares de vezes ele desejou se adotado para não sermos um tabu tão estranho para todo mundo, mas as coisas não são como a gente quer...

— Ryle, a verdade é que... — tio Simon começa, mas a minha mãe o corta no meio de tudo.

— A verdade é que está tudo bem — ela diz. — Está tudo bem, querida. Está tudo bem isso não parecer certo, eu entendo você. Sei que está doendo agora por tudo que o seu irmão falou, mas nada daquilo é verdade.

Concordo em um aceno com a cabeça, exatamente como uma criança.

— Nós sentimos muito, filha — meu pai resmunga, ajoelhando-se ao nosso lado e nos abraçando forte. — Queria poder ter feito as coisas diferentes, Ryle. Acredite. Nós queríamos, mas agora com tudo isso... piorou. Nós sentimos muito, querida. Nós te amamos tanto e nunca queremos que se machuque.

Diferentes?

Como assim diferentes?

— Pai... — sussurro, confusa.

— É estranho de certa forma, mas é claro que eu sempre soube que isso um dia viria a acontecer — ele continua. — Christian e você sempre fizeram um do outro o centro de seus mundos particulares. Como pai, apoio e aceito qualquer decisão que tome a respeito de quem você ama. Seja da forma que for, Ryle. Sempre vou aceitar e logo isso tudo vai fazer sentido em sua cabeça.

Espero que sim, porque quanto mais ele fala, mais confusa eu fico.

— Tudo bem, papai — afirmo aliviada. — Me magoa ter recebido tanto sentimento ruim de Ben, porque ele sempre vai ser o meu protegido e aquele que me protege, mas ser compreendida por vocês dois não tem preço igual. — Inclino o rosto para cima, fitando cada um ao nosso redor, todos tensos e alertas, mas nenhum com nojo ou julgamento no olhar. — É importante ser aceita por vocês e saber que agora compartilhamos dessa verdade. Sem mais coisas escondidas ou mentiras, eu prometo por mim mesma.

Fito Christian, que está tenso como os outros.

— Isso, Ryles — ele resmunga meio aéreo.

Ficamos de pé depois de mais alguns minutos entre lágrimas e reafirmações de que tudo ficaria bem e Christian me puxa para fora da vista de todos, enquanto os mais velhos tiram a mesa.

O loiro nos guia para o andar de cima, entrando comigo e trancando-

nos em seu quarto. Ele me abraça forte e nós nos aquietamos desse jeito por algum tempo. O seu cheiro invade os meus sentidos e me acalma por completo, enquanto eu tento empurrar o caos para longe da minha mente sem ter muito sucesso, mas ao menos conseguindo relaxar um pouco.

— Chris — chamo por ele.

Ele nos leva até a sua cama e nos sentamos na beirada, encarando um ao outro.

— Ryle, e se você fosse adotada? — questiona do nada, pegando-me de surpresa depois de tudo.

De onde Christian tira essas coisas?

— Não sei? — respondo com meu próprio questionamento. — Pare de supor coisas que não são reais, Christian. Eu ser adotada, você ser adotado, isso é algo que nunca vai ser real. Odeio quando fala isso.

E é verdade.

Realmente odeio essas suposições.

— É apenas uma pergunta.

Meu coração vacila um instante.

— Sim, eu sei, mas é algo que me faz pensar no “e se” que, para mim, nunca gostaria que fosse real. Não me entenda mal. Sei que nunca cheguei a esclarecer isso mais a fundo, mas não é o fato de ser adotada que me incomodaria. O que me incomodaria, Christian, é ser adotada e isso nunca ter

sido discutido. E se eu tivesse uma família além dessa? Em que condições eu fui adotada? Será que não me quiseram? Quem foram meus pais de sangue? Por que os meus pais adotivos esconderam algo tão importante de mim? São tantas perguntas que eu nem saberia por onde começar. Sabe quantos problemas nós já temos para nos enrolar em mais um? — desabafo, estressada com tudo e ainda mais com a sua pergunta. — Não, eu não queria ser, como eu te disse. Não queria ter uma família diferente da que eu tenho, mesmo que isso significasse fazer tudo se tornar mais fácil para nós dois. Eu amo os meus pais com tudo de mim, eu amo a nossa família e eu vivo por eles, por vocês, por nós.

Christian me abraça, caindo na cama e me puxando consigo. Aperto meu corpo contra o seu, correspondendo ao seu abraço do jeito que precisamos que seja. Já temos tantos problemas e Christian ainda me chega com um “e se”.

Às vezes eu só queria entender o que se passa na sua cabeça.

— Eu te amo, Ryle. Eu te amo tanto. Você é tudo de mais precioso que eu já consegui na minha vida. Se não tivéssemos nos conhecido, sei que nada seria igual para mim. É como aquela música que você gosta: o mundo seria solitário sem aquela pessoa que coloca um sorriso no seu rosto.

Sorrio.

— Você é estranho nas suas declarações, mas eu te amo do mesmo

jeito e na mesma intensidade, Christian. Como todo mundo sabe, eu sempre te amei e eu já te disse antes, isso vai perdurar por toda a minha vida, enquanto eu respire.

Seus lábios encontram caminho sobre os meus e eu não resisto ao seu beijo. Minha cabeça está confusa, mas não tem nada no mundo que não consiga encontrar jeito na minha vida com a ajuda de Christian. Ele sempre foi a minha bússola humana. Ele sempre foi o meu amparo, exatamente como melhores amigos sempre se dispõem a ser.

Sua língua desliza sobre a minha e eu suspiro, enquanto Christian é mais gentil do que algum dia conseguiu ser comigo. Ele deixa que eu o guie, então eu faço como desejo. Subo em cima do seu corpo, esquecendo tudo e focando apenas em nós dois. Tenho muita facilidade em fazer isso quando ele começa a mexer com os meus sentimentos mais latentes. É impossível não sentir e não reagir conforme os seus toques vêm.

Nosso beijo não se transforma em nada além do que a necessidade de nos conectarmos novamente. É mais profundo do que eu poderia explicar para qualquer pessoa. É mais profundo do que eu mesma possa tentar localizar dentro de mim. Christian se enraizou no meu coração de um jeito que não tem volta, nem se eu quisesse muito essa volta.

Nos acalmamos depois de mais alguns segundos com Christian mordendo meu lábio inferior e encostando a sua testa na minha. Sorrimos um

para o outro quando finalmente recobramos o sentido e eu então me permito pensar mais uma vez no que fizemos.

— Nós contamos a todos. Tipo, de verdade — sentencio.

— Sim, babe, fizemos isso e agora não tem mais volta. Depois disso tudo não tem mais como quebrarmos.

Concordo, abraçando-o bem forte junto a mim.

— Não quero uma volta — sussurro, inspirando o seu cheiro aconchegante que me leva de volta para casa. Christian sempre vai ser a minha casa. — Se eu pudesse, Chris, moraria no seu abraço para sempre — completo.

Ele ri baixo, me acalmando de vez com o afago que produz no fim das minhas costas. Seus dedos esfregam aquele ponto de um jeito agradável, tão agradável que me faz fechar os olhos para somente aproveitar da sensação que Christian me presenteia.

— Daria tudo para não sairmos nunca mais daqui — brinca exatamente como eu fiz e nós rimos.

Ficamos em silêncio.

Meus pensamentos ainda estão completamente desalinhados, mas eu me permito não pensar mais em tudo, principalmente em Ben. Acho que a discussão que tivemos vai me perseguir durante muito tempo e não vai ser de um jeito bom.

Batidas calmas soam através da porta, não nos dando tempo de descanso. Remexo meu corpo sobre o de Christian, que gentilmente me coloca de lado e se levanta para abrir a porta, enquanto eu apenas me sento no colchão. Quando ele abre, tia Spencer e tio Simon estão ali. O loiro esconde um sorriso, enquanto a morena demonstra a sua preocupação.

— Vocês estão bem? — tia Spencer pergunta no instante em que entra no quarto.

Pearl também aparece do nada, seguida de Seth. Os quatro entram no quarto de Christian um atrás do outro, como um verdadeiro júri.

— Vai demorar um pouco até que a gente fique bem de verdade, mas estamos tentando lidar com tudo isso — digo, prendendo meu cabelo ao passo que tento parecer o mais segura possível de tudo que estou dizendo.

— Vocês esconderam isso por quanto tempo? — meu irmão pergunta, olhando diretamente para o seu filho.

Christian pigarreia, coçando a nuca em um gesto fofo e desconsertado.

— Desde as festas de fim e começo de ano.

— Meu Deus... — Pearl sussurra.

— Mãe, nós...

— Não, Christian — ela o corta. — Não entendo porque vocês não confiam em nós. Primeiro Romeo, agora você e então tem Andrew, que agora só quer saber de estar enfurnado naquela irmandade. Ultimamente a única

coisa que eu consigo me perguntar, é se eu errei tanto com vocês? Como eu consegui errar tanto assim? — Pearl abraça seu próprio corpo, enquanto Seth parece furioso e de mãos atadas.

Levanto, caminhando até Pearl depressa.

Eu a conheço, sei do seu jeito sensível, e tudo isso porque eu sou muito parecida. Qualquer coisa me magoa, qualquer coisa me faz pensar em motivos pelos quais elas aconteceram, qualquer coisa é motivo de fazer meu cérebro dar um nó. Agora imagine para ela: doente, com um dos filhos longe e o outro “namorando” a sua própria tia.

— Sinto muito por tudo, Pearl. Christian e eu não fizemos por mal. Ele... — Fito Christian rapidamente, que parece estar quebrado com as palavras de sua mãe. — Ele confia e ama tanto você. Foi uma situação fora do comum, nós dois somos fora do comum. Não sabíamos como lidar com isso tudo até pouco tempo. Nunca tivemos a intenção, principalmente ele, de esconder isso.

— É tanta coisa acontecendo e agora isso... — Ela soluça. — Só queria ser a melhor mãe para os meus filhos e ver tudo se passar na minha frente, sem conseguir fazer nada para ajudar, me destrói por completa.

— *Amor* — Seth sussurra atrás dela, que recua quando ele tenta tocá-la.

Pelo visto o tópico “Romeo” vem mexendo muito com eles dois. E, agora, ainda tem Christian...

Meu irmão sai do quarto em passos largos.

Entendo Seth. Entendo Pearl. Entendo Romeo. Entendo Christian. Só ainda estou tentando entender a mim mesma.

— Mãe — Christian se aproxima de nós duas, tomando a sua mãe em um abraço firme.

É triste como Pearl desaba nos braços do próprio filho. Tio Simon e Tia Spencer saem do quarto e, por fim, sobram nós três. Tento assistir a cena sem chorar, mas é impossível, por isso eu os deixo sozinhos para que Christian tente se explicar para Pearl.

Sigo pelo corredor inquieta até passar pela porta do quarto do meu irmão. Com a mesma um pouco entreaberta, consigo localizá-lo ali, sentado na cama com a cabeça entre as mãos. Sei que não deveria me meter ou bagunçar as coisas mais do que elas provavelmente já estão bagunçadas. Sei também, que apesar de ser meu irmão mais velho, Seth e eu não temos tanta intimidade assim. Da mesma forma, me aproximo. Faço o meu percurso lento até sentar do seu lado, que não move nem um músculo com a minha aproximação.

— Seth...

— Ryle, essa não é a melhor hora — diz, curto e quase grosso.

— Eu sei que tudo parece perdido agora, principalmente com a situação de Romeo, mas eu garanto que isso vai se resolver. Acredito que já tenha

escutado essa frase de todos da família, mas eu precisava falar por mim mesma. Por mais difícil que tudo seja, vai se resolver. Olhe para Christian e eu. Criamos coragem e dividimos tudo com vocês, Romeo vai fazer isso também, mais cedo ou mais tarde...

— Christian e você ainda falam alguma coisa. Romeo não diz nada, nem para mim e muito menos para Pearl. Isso está enlouquecendo a minha mulher e na tentativa de fazê-lo acordar para a coisa certa, o levei para longe de nós. Agora eu não tenho o meu filho caçula por perto e a minha mulher... porra... e Pearl está se afastando de mim e eu não consigo mais consertar tudo. Não consigo mais lidar com tudo. Está insuportável. Mais cedo ou mais tarde essa situação vai foder com tudo. É quase como uma bomba-relógio, porque eu não sei se, quando o mais tarde chegar, Pearl e eu ainda estaremos juntos.

Escutar tudo isso de Seth faz meu coração bater mais devagar.

Pearl e ele nasceram um para o outro. Eles construíram uma família linda e tiveram lindos filhos. Eles têm uma história linda pra caramba e ver isso na iminência de se quebrar... bom... isso me deixa mal. Isso me deixa mal e brava, principalmente com Romeo. Sempre o defendi de tudo e de todos, mas vê-lo machucar os seus pais dessa forma me faz querer bater em sua cabeça até ele criar juízo e consertar os seus erros.

É mais do que oficial.

Preciso tirar um tempo para lhe fazer uma visita em Londres. Quer ele queira me receber, quer ele não queira.

Não consigo falar mais nada.

Seguro a mão de Seth, mas ele continua imóvel.

Continuamos desse jeito por mais algum tempo e, quando já estou pronta para sair, Pearl aparece. Aperto a mão do meu irmão uma última vez e solto, enquanto ele e a sua mulher se encaram sem desvios. Posso ver como eles conversam pelo mais simples olhar e, no instante em que saio e fecho a porta, escuto o choro de Pearl outra vez.

Christian me chama com um aceno, já me esperando na frente do seu quarto e eu corro até ele segurando as minhas próprias lágrimas.

— Me diga que vai ficar tudo bem, Chris... — peço, abraçando-o com força.

— Fiz o que pude para acalmar a minha mãe, babe. E, sim, eu realmente espero que fique tudo bem. Tanto com eles, quanto com nós dois.

“E ah, me leve pra sair e me leve pra casa. Você é meu, meu, meu, meu amado.”

LOVER — TAYLOR SWIFT

RYLE DIANN SIVAN

Minha mente ainda está completamente atordoada com os últimos acontecimentos. Meu peito ainda dói com a sensação de que Ben e Andrew nunca aceitarão o que Christian e eu temos, mas, ao mesmo tempo, droga... como eu posso evitar o que tenho com o loiro? Não tenho a opção de apagar o que nós temos vivido durante todos esses anos, principalmente como melhores amigos, já que nossa descoberta ainda é recente se levarmos em consideração tudo até hoje. É complicado e os garotos não viram ou perceberam nada disso.

Apesar de todos os pesares, nossos familiares não foram tão ariscos quanto eu imaginei que seriam, principalmente os meus pais.

É um alívio, sinceramente. Eu esperei por muitas coisas ruins vindo deles, mas foi o contrário. Embora todo desespero do momento, conseguimos nos entender depois da saída barulhenta e problemática de Ben e Drew. Minha mãe me consolou o quanto pode e meu pai mostrou a sua

compreensão. Foi muito mais do que importante para mim. Mesmo sendo “errado”, eles continuaram me amando e apoiando se aquela de fato fosse minha escolha. E era, e é. Christian, no meio de tantos “certos” e “errados”, nunca vai deixar de ser a minha escolha.

Sento no meio da grama, olhando Kurt correr de um lado para o outro, enquanto jogo-lhe seu brinquedo preferido para ele buscar e me entregar de volta. Estamos apenas nós dois em casa. Faltar às aulas nunca foi minha coisa preferida no mundo a fazer, mas depois do acontecimento no almoço, precisei de um tempo para me “recuperar”, se assim posso dizer. Christian entrou no mesmo barco que eu, mas teve que sair desde cedo porque segundo o mesmo, tinha que resolver algumas coisas confidenciais. Fora isso, ele só sai para seu treino de basquete com o time ou para buscar comida para nós.

Kurt se aproxima de mim com o brinquedo na boca e deita em minhas pernas, ofegante. Corro os dedos por seu pelo brilhante e macio, sorrindo pela forma como ele faz um barulho de apreço por meu carinho.

— Sobrou nós dois aqui, então, não é? — pergunto, como se ele pudesse me responder.

Suspiro baixinho, deitando e abraçando o meu bebê.

As lágrimas deslizam com tanta facilidade dos meus olhos que por um instante eu me pergunto o motivo pelo qual estou chorando, mas, então, tudo me acerta em cheio.

É tão ruim se sentir julgado por amar alguém.

É tão ruim se sentir errado por simplesmente amar.

Não queria sentir isso, que Christian e eu somos um erro. Não queria que pessoas importantes para mim pensassem isso de nós, assim como sei que Ben e Drew estão pensando. É triste não poder escrever a nossa realidade de outro jeito, de tudo ser exatamente como é, mas se não temos como mudar, precisamos aguentar tudo aquilo pelo que estamos nos submetendo em nome do nosso amor.

— Ryle? — É Christian.

Não viro para ele.

Abraço Kurt mais apertado, segurando um soluço.

— Babe? — sussurra assim que deita na minha frente.

Kurt escapa e sai correndo pelo gramado, ainda brincando animadíssimo depois de recuperar seu fôlego.

— Ei... — sussurro de volta, ao passo que Christian me puxa para os seus braços.

— Você está bem? — indaga, beijando suavemente o topo da minha cabeça.

— Sim, apenas um pouco cansada de tudo.

— De tudo? — continua.

— É, Chris. De todos os julgamentos, de todos os certos e errados, de

cada olhar torto que provavelmente receberemos. É cansativo não conseguir tirar isso da cabeça. Sinto que estou a um passo de enlouquecer totalmente e isso só não aconteceu ainda porque eu tenho você para me puxar de volta à minha sanidade.

— Esqueça isso — pede, respirando com dificuldade. Encaro o seu semblante levemente contorcido de dor, aquela mesma que compartilhamos. — Você quer sair comigo hoje? — pergunta, segurando meu rosto de cada lado.

— Sair? Tipo...?

Nunca fizemos isso.

Nunca fomos tão de verdade.

Sempre nos escondemos, porque é mais fácil quando ninguém vê, quando ninguém sabe, quando ninguém está ao nosso redor. Isso tudo é um nível a mais entre ele e eu, uma outra barreira e realidade.

— Sim, babe. Um primeiro encontro para Christian e Ryle. Você não esteve sonhando com isso? Porque eu sim. Só quero ter a oportunidade de sair com você ao meu lado e com vergonha nenhuma de nos mostrar a quem quiser ver.

Suspiro.

Sim, eu tenho sonhado com isso desde que tudo começou há meses. Christian não sabe o quão importante e grande esse momento vai ser para

mim.

— Mas você não tem medo? — pergunto, porque de certa forma eu me sinto um tanto receosa.

— Meu único medo era da nossa família saber antes que nós decidíssemos contar, mas isso não tem mais como acontecer. Abrimos o jogo para todo mundo e não devemos nada a ninguém, Ryles. Quero sair de casa hoje com a sorte em ter você ao meu lado, sendo minha garota como sempre foi.

Minhas lágrimas cessam completamente e eu concordo com ele.

Sempre fui e sempre vou ser.

Bom, então hoje isso vai acontecer.

— Que horas vamos sair de casa? — pergunto.

O sol já está se pondo, anunciando o fim da tarde enquanto o cair da noite logo começará a reinar em Los Angeles.

— Daqui uma hora e meia e nada mais que isso — avisa.

Dou um pulo animada.

Preciso me arrumar, então.

— Vou tomar um banho para ter tempo de me arrumar sem que me apresse — aviso, enquanto Kurt se junta a nós dois, cansado da corrida pelo vasto quintal.

— Vai me convidar para isso ou eu vou ter que invadir o banheiro? —

questiona, colocando-se de pé e lançando um sorriso perfeito em minha direção.

— Não tem como eu dizer não.

Planta as mãos de cada lado do meu rosto e captura os meus lábios suavemente com os seus. O frio na barriga aparece rapidamente, enquanto um tremor bobo percorre meu corpo, denunciando os efeitos colaterais que esse homem causa em mim.

Espero que isso nunca mude.

— Vamos, Chris — sussurro, escapando de seu domínio e caminhando em sua frente com Kurt no meu encalço.

Ele grunhe, chateado pela separação abrupta, mas levando em consideração os últimos acontecimentos entre nós dois, sei bem o de iríamos parar e isso seria um “adeus” para o nosso primeiro encontro.

— Vai entrando debaixo do chuveiro, enquanto eu arrumo o canto de Kurt logo — comanda e eu faço exatamente isso, deixando os dois para trás e subindo as escadas bastante animada.

Deixo a minha roupa pelo caminho que faço no quarto de Christian assim que alcanço ao segundo andar. Entro no seu banheiro, ligando a ducha e deixando a água cair sobre mim com força. Isso me alivia. Alivia toda tensão e parece expulsar e mandar para bem longe toda tormenta anterior.

Sem dúvidas essa é uma das melhores partes do meu dia.

Chegando do nada, o loiro se junta debaixo da ducha forte comigo e me puxa contra o seu corpo em um movimento quase bruto. Apenas *quase*. Sua boca desce e alcança a minha, tirando meu sorriso mais cheio de desejo. Abro os olhos, enquanto as minhas pálpebras denunciam a forma como ele me embriaga apenas com alguns toques. Os olhos de Christian estão vidrados nos meus, enquanto ele me bebe por inteira e mordisca meus lábios, todo provocativo.

— Eu sei o que você está tentando fazer — acuso com a voz rouca e baixa.

— Então isso deve estar funcionando — retruca com o mesmo tom rouco, enviando arrepios por toda a minha espinha.

No mesmo instante em que abro a minha boca para gemer — algo completamente involuntário, é óbvio, porque eu realmente não queria que perdêssemos o foco —, Christian se aproveita para me beijar de fato. O encaixe de seus lábios nos meus é sempre tão perfeito que nunca vai falhar em me derreter por completa em seus braços. Todas as correntes elétricas de excitação tomam conta do meu corpo, nublam a minha cabeça e me submetem ao que eu desejo, por mais que eu saiba que essa não é bem a hora. E, no instante em que ele chupa a minha língua, mais outro gemido coça em minha garganta.

— *Christian* — chamo, tentando me agarrar no fio de sanidade que me

resta.

Ele sorri contra a minha pele conforme derrama seus beijos por meu pescoço sensível. Essa sensação iminente corrosiva de prazer e desejo que Christian Wyatt-Sawyer causa em mim nunca vai ser normal e eu tenho certeza que essa sempre vai ser a sua diferença para qualquer outra pessoa. Esse homem me tem como ninguém mais e eu desejo que isso nunca se pareça com um erro.

— Vamos, babe — comanda, começando a afrouxar ao redor de mim e me fazendo abrir os olhos, curiosa.

— *Vamos?* — “Sério isso?”, penso comigo mesma.

Ele me dá um breve aceno com a sua cabeça.

É isso então.

— Você brincou comigo só para fazer isso depois? — pergunto, apanhando o sabonete à medida que o empurro pra longe de mim.

— Eu não diria que foi uma brincadeira. — Ele ri, quebrando-me novamente em duas, mas agora eu não vou mais cair em seus jogos, pelo menos não até a noite acabar. — Foi uma prévia do que temos pela frente, babe.

Reviro os olhos, deixando que ele se aproxime de mim, para então a sensação de vazio ir embora. É sempre assim quando Christian está longe.

— Pode me dar alguma pista sobre o nosso encontro? — indago,

mesmo sabendo que essa é uma tentativa em vão.

— Você conhece o lugar muito bem — conta, atijando a minha curiosidade. — Mas isso é tudo e, juro, nada mais. Não digo mais nenhuma palavra.

Suspiro, porque sei que Chris está falando sério.

— Vamos logo, então — atiro por fim.

Não demoramos depois do “acontecido”, mesmo que Christian ainda tenha tentado me distrair outra vez. Estamos indo para o nosso primeiro encontro oficial de toda a vida. É um momento especial para mim, que sou tão apegada com esses pequenos detalhes ao ponto de torná-los enormes e significativos.

Sáímos do banheiro e eu corro para o meu quarto, mesmo debaixo do protesto do loiro. Segundo ele, não precisa de “surpresa”. Não que eu queira surpreendê-lo, porque para ser sincera só quero meu próprio tempo para fazer as coisas como desejo. E, sim, eu tomo todo tempo necessário para isso quando me tranco no cômodo e começo a vasculhar todas as minhas roupas atrás de algo que eu considere perfeito.

Depois de arrastados minutos submersa em muita ansiedade, estou me dando os toques finais debaixo do som insistente de Christian atrás da porta ainda trancada. Ele está há provavelmente bons trinta minutos reclamando porque me tranquei no cômodo. Isso me dá uma certa vontade de rir, mas eu me controlo e

apresso nos retoques, deixando então tudo de lado, correndo até a porta e finalmente abrindo-a.

Christian faz menção de falar algo, mas ele para no meio do caminho. Seu olhar intenso desce por cada pedaço de pele que deixei à mostra com meu vestido amarelo de seda. Ganhei esse vestido no meu último aniversário da tia Spencer e tio Simon. É um vestido que, além de ser curto, tem uma fenda nada discreta na minha perna direita e se sustenta por finas alças em meus ombros. Por mais que eu tenha demorado, não fiz nada de muito extravagante, porque o que eu estou vestindo já fala por si só. Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo firme e eu escolhi tons amarelados para a minha maquiagem. No mais, adornei-me com as minhas joias preferidas e me calcei com meu salto mais altos de tiras que amarrei em meu tornozelo.

Me sinto bem e confiante.

Principalmente debaixo do *seu* olhar.

— Porra, Ryles. Isso é... Você está... Eu estou...

A forma como o loiro gagueja me faz sorrir abertamente. Ele me puxa pela cintura, esmagando meu corpo no seu do seu jeito usual e selando nossos lábios juntos.

— Acho que isso é um elogio — sussurro, esfregando minha boca na sua.

— O elogio ainda vem, isso é apenas eu sendo um idiota apaixonado que não acredita ter toda essa sorte. Você é realmente a minha sorte, Ryle.

Ele me amolece e me derrete ao mesmo tempo.

— Chris... — continuo no mesmo tom de antes.

— Podemos tornar nosso primeiro encontro em uma foda maluca em cada canto dessa casa? Porque de repente eu não quero mais sair de casa. Só quero poder me enterrar dentro de você, babe.

Suas palavras corrosivas continuam fazendo o trabalho de me afetarem do jeito mais baixo.

Christian não joga limpo.

— Quero nosso primeiro encontro — digo, sentindo meu núcleo apertar quando ele beija meu pescoço. — Quando voltarmos, podemos colocar o seu plano em prática. O que acha?

Ele geme em minha pele sensível, enviando as vibrações da minha garganta até o lugar onde aperta.

— Não é o que eu queria ouvir, mas deve servir por agora. — Christian endireita o rosto, tocando meu nariz com o seu. — Promete? — questiona uma última vez.

Sorrio de lado, afetada.

— Prometo — atiro de volta.

— *Porra.*

Meu sorriso apenas cresce enquanto ele se mexe inquieto, afastando-se de mim para que eu possa terminar de pegar as minhas coisas. Preparo minha

bolsa de mão com apenas o que posso precisa, que consiste em um batom e meu celular, e saímos juntos do meu quarto.

O ar de excitação e desejo pode ser sentido ao nosso redor mesmo a quilômetros de distância. Essa nossa tensão sexual já é grande; depois do que passamos no quarto apenas triplicou de tamanho. E eu sinto isso. Sinto em cada célula do meu corpo, uma vez que também estou tentada para adiar nosso primeiro encontro pra outro dia e ter um momento maravilhoso com Christian entre as nossas quatro paredes.

Mas, vamos firmes até o carro sem olhar para trás.

Assim que o loiro dá partida em nosso trajeto, ligo a rádio na nossa estação preferida de músicas. Ele entrelaça os dedos nos meus, segurando a minha mão firmemente e levando até os lábios molhados.

— Sem mais pistas sobre o nosso destino? — indago, submergindo em uma vibe romântica pra caralho, principalmente com a música calma de amor que começa a tocar.

— Você vai descobrir em breve, babe. De qualquer forma, não é tão difícil assim de adivinhar.

— Não para você que provavelmente organizou detalhe por detalhe — acuso, divertida.

Christian sorri, me dando uma imagem de tirar o fôlego.

Já disse o quão lindo ele está? Porque esse homem está simplesmente

perfeito, mas isso não é novidade para ninguém. Só que dessa vez o loiro está usando um terno que parece — o que, na verdade, tenho certeza — ter sido feito sob medida. A única coisa que lhe dá o toque “Christian” inconfundível, é o seu cabelo umedecido, cheio de cachos, que agora toca os seus ombros. Ele está de tirar o fôlego em toda a sua majestosa beleza. Poderia encará-lo pelo resto da vida e nunca me cansaria.

— Organizei mesmo. Não deu trabalho, mas eu quis tornar a sua noite cem por cento especial. — Ele me fita assim que para no final vermelho, puxando-me dos meus devaneios. — Espero que nunca esqueça o dia de hoje, Ryle.

Meu coração acelera, porque, sim, sinto que nunca vou esquecer o dia de hoje e toda essa coisa que Christian planejou.

Trocamos sorrisos sinceros e apaixonados pelo resto do caminho. Quando eu finalmente percebo o percurso que estamos tomando e de onde estamos perto, sorrio, porque é o lugar perfeito. Hotéis Kassid, negócio de toda a família. Literalmente. Ainda que os Wyatt-Sawyer tenham a maior parte das ações, todos nós temos um pedacinho, além dos sócios e investidores ao redor do mundo. Christian não poderia ter acertado mais, o que me parece que ele realmente andou pensando em tudo. Ao mesmo tempo que nós estamos dando um passo a mais, também não queremos extrapolar na passada. Estar nos Hotéis Kassid quer dizer que estaremos em casa,

protegidos, mas, ainda assim, nos divertiremos fora da bolha.

— À essa altura já deve deduzir onde estamos chegando — resmunga, levando minha mão outra vez até a sua boca para continuar com os beijos copiosos no dorso.

Isso sempre me acalma.

— Não sou tão bobinha, não é? — retruco no mesmo tom.

— Nunca foi. — Ele ri, contagiando-me a fazer o mesmo.

Em mais alguns minutos, Christian finalmente estaciona na entrada principal. Nós saímos do carro, deixando-o para trás com o chofer do hotel e seguindo pelo lobby. Os funcionários têm os olhos grudados em cima de nós, principalmente quando Chris entrelaça os nossos dedos e fazemos a caminhada mais enervante de todo o século.

— Jeff — Christian cumprimenta o homem que se aproxima.

— Sr. Wyatt-Sawyer e Srta. Sivan. — Sorri, estendendo o braço e oferecendo a mão em cumprimento, sendo mil vezes mais discreto que os outros. — É um prazer recebê-los aqui essa noite — continua.

— Não existe lugar melhor para estar em Los Angeles que não seja aqui, não é, Ryles? — Christian comenta, tão conversador quanto o outro.

Sorrio, porque existe sim, na nossa casa. Mas, não, eu não vou ser indelicada ao ponto de falar alguma coisa contrária, até por que não é nada demais.

— Não mesmo. Você não poderia ter escolhido melhor — concordo com o loiro.

E, sim, depois da nossa casa, obviamente esse é o melhor lugar da cidade. Ainda que nossa infância tenha sido toda em Long Beach como residência fixa, Los Angeles sempre foi o segundo lugar mais frequentado de nossas famílias, principalmente os Hotéis Kassid.

— Fico feliz em poder servi-los. — O tal Jeff continua com toda ação pomposa, que por certo lado, eu entendo, mas me irrita um pouquinho. — Se eu puder acompanhá-los... — Seu gesto com o braço indica por onde devemos ir.

Enquanto nos afastamos da cena criada e de todos os olhares curiosos, finalmente me sinto mais tranquila de novo. Seguimos pelo salão de jantar principal, que por sinal está lotado, mas não pegamos uma mesa nele. Aperto meus dedos entre os de Christian, que somente me lança uma piscadela. Pensei que ficaríamos no salão, porém, quanto mais nos afastamos, mais eu tenho certeza de que Christian realmente se dedicou para esse momento, e não foi por apenas uma tarde.

Chegamos à varanda em frente ao lago dentro da propriedade Kassid. Gostaria de saber por onde começar a explicar tudo, mas não consigo. Meus olhos não sabem realmente se tudo não se passa de uma miragem ou se é realidade. Há uma mesa simples, colocada para nós dois, enquanto velas e

rosas brancas adornam o lugar na quantidade certa. Não é nada extravagante, é apenas... é apenas algo que eu sei que Christian faria.

— Qualquer coisa, pode mandar uma mensagem — Jeff, o gerente, diz, deixando-nos a sós com rapidez.

Ainda estou admirando cada detalhe do lugar no momento em que Chris me puxa suavemente até a mesa. Engulo a seco, absorvendo mais informações a cada instante.

— Isso aqui é incrível — sussurro com a minha voz rouca e falhada.

É idiota demais eu já estar emocionada?

— Você gostou? — questiona, parando na minha frente e segurando cada lado o meu rosto, puxando toda a minha atenção para si. — Fora os cristais das louças, o resto foi tudo eu que pensei — brinca, tirando minha gargalhada ao mesmo tempo que os meus olhos brincam com lágrimas neles.

— É muito bonito. De verdade. — Planto as minhas mãos sobre as suas, aproveitando o toque áspero que ele tem. — Nunca imaginei que alguém pudesse fazer algo assim pensando em mim, Christian. Alguém que eu amo. Alguém como *você*.

— Estou feliz em ser esse alguém para você, babe. Isso aqui não é nada comparado ao que realmente merece. — Sela nossos lábios carinhosamente. — Agora senta, por favor, vamos aproveitar a nossa noite.

— E ele passa de romântico para apressadinho em apenas um instante

— sussurro em provocação com os nossos lábios ainda colados e nós rimos juntos.

Christian puxa a cadeira para mim assim que nos desvencilhamos e faço como ele pediu. Tomo meu lugar à mesa e ele faz o mesmo, logo ao meu lado. Isso me deixa mais tranquila. Não queria ficar longe dele, mesmo que apenas durante o jantar romântico que preparou.

O loiro tira uma garrafa de champanhe do balde de gelo no meio da mesa e em um movimento rápido e habilidoso, faz a tampa sacar do bico, enchendo nossas taças rapidamente.

— Me embriagar também faz parte do seu plano? — questiono, brindando com ele antes de dar o primeiro gole.

— Te deixar mais alegre faz parte do meu plano — provoca, fazendo-me arquear a sobrancelha. — Brincadeiras à parte, a nossa noite está apenas começando, babe, quem precisa se embriagar um pouco sou eu, para aguentar um pouco a ansiedade.

— Vai me contar o motivo da sua ansiedade? — “Curiosa? Nem um pouco”, penso comigo mesma.

— Eventualmente você vai saber, agora você só vai ter o que eu quiser te dar — diz simples, como se isso fosse capaz de me manter quieta.

Continuamos bebendo e conversando sobre toda essa ideia mirabolante de jantar fora que Christian teve até o instante em que a nossa “entrada”

chega. Não é nada que eu realmente esperasse. Nos restaurantes, inclusive nesse do hotel, é tudo muito requintado, pequeno e pouco. O homem que se aproxima com um carrinho traz consigo um aparelho clássico que agora está na moda, se não me engano, de fondue. Sinto o cheiro delicioso de chocolate e vejo as dezenas de morangos perfeitos logo ao lado.

Eu amo morango.

E eu amo chocolate.

E é claro que Christian sabe disso.

— Não acredito que pensou nisso tudo — atiro assim que o homem se retira e ficamos à sós novamente.

O loiro sorri, enquanto eu pego um dos garfos ansiosamente, pescando um morango e submergindo no chocolate derretido. Quando tiro, agradeço pelo chocolate não estar mais quente, porque enfio na minha boca completamente esfomeada. Um gemido de satisfação escapa por meus lábios, enquanto aproveito cada segundo da delícia em minha boca.

— Está gostoso? — Christian pergunta com um ar inocente quase difícil de acreditar.

Viro o rosto para fitá-lo, encontrando então o desejo estampado em seu rosto.

— Quer um? — questiono de volta e ele sorri de lado, afirmando com um aceno.

Pego um morango para Christian, repetindo tudo e levando-o até a sua boca. Ele puxa a fruta banhada de chocolate com os dentes e eu me sinto completamente hipnotizada por isso.

Sim...

Só isso já mexe comigo.

— Me diga alguma coisa sobre você que eu não sei — Christian pede, colocando seu braço ao redor da minha cintura e me puxando para perto de si.

— Essa é difícil. Você sabe de absolutamente tudo sobre mim — acuso, já que essa é a mais pura verdade.

— Vamos, babe. Tenho certeza que você tem alguma coisa que nunca me contou — insiste. Realmente tento buscar algo, mas é difícil. — Eu tenho algo — diz, puxando minha atenção todinha para si.

— Diga — peço.

— Antes de começarmos a nos envolver, todas as vezes que colocavam as fitas de nós dois pequenos, eu sempre sentia esse negócio estranho dentro de mim por você.

Arqueio a sobrancelha.

— Isso é verdade?

Ele sorri.

— Sim... e eu me achava muito estranho e nunca consegui admitir a mim mesmo que poderia ser real. No meu ponto de vista, era apenas proteção

com uma leve pitada de possessividade.

Agora é minha vez de rir.

— Leve, é? Como você dizia mesmo? Ryle do Chris e...

— Chris da Ryles — completa. Nós rimos ainda mais. — Minha *galota*.

— Christian! — exclamo, gargalhando como uma louca.

Sua gargalhada vem com a minha, enquanto descanso em seus braços, jogando a cabeça para trás sobre seu ombro direito. Christian planta um beijo no meu pescoço, tirando vantagem como sempre.

— Lembrei de algo — digo, depois de relaxar completamente diante da sua confissão. — Não é literalmente sobre mim, mas é uma situação sobre nós dois.

— Mmm... — resmunga, dando-me a deixa para que eu continue.

— Uma vez, quando eu tinha, sei lá... dezesseis anos, fui até a sua casa. Andrew que abriu a porta para mim. Eu estava super animada porque tinha terminado o trabalho de ciência para o resto da nota que deveríamos entregar no dia seguinte e, quando eu subi para te ver, fui entrando no seu quarto sem bater...

— Babe — ele geme, colocando uma mão na frente do rosto.

Reviro os olhos, rindo meio sem graça e sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Você estava com Lilly no quarto. Claro que você não me viu, mas ela sim. — Dou de ombros. — Chorei muito quando cheguei em casa, o que não demorou muito, apenas uma rápida corrida, já que morávamos naquela época lado a lado.

— Isso foi quando passou quase uma semana sem querer falar comigo? — questiona, intrigado.

Meu sorriso sem graça aumenta um pouco mais.

— Sim... — bufo. — Mas você foi insistente o suficiente para me fazer falar com você mesmo em meio toda minha raiva.

— Isso foi estranho para você também, não foi?

— É óbvio que sim?! — retruco com ironia. — Eu não deveria chorar e nem ficar brava por você estar ficando com uma garota, por mais que Lilly seja levemente... desagradável. Mas foi aí que eu desliguei o meu lado mais ciumento acerca de você ou a nossa amizade morreria. Você sabe como adolescentes são cheios de hormônios e loucos. Estávamos nessa fase, então desligar esse detalhe em nossa relação foi o certo a ser feito, ou acabaríamos nos odiando.

Ele concorda com um aceno.

Pego mais um morango para mim, ocupando minha boca para Christian falar.

— Não posso dizer que passei batido nisso tudo — resmunga,

envergonhado. — Briguei com meia dúzia de garotos na escola por você.

— Como eu nunca fiquei sabendo disso?! — exclamo assustada.

— Porque você me odiaria. — Christian ri, como se fosse óbvio demais. — Mas isso são apenas velhos tempos, não temos espaço para isso em nossa relação. Confio em você desde sempre, Ryle, e sei que o meu coração vai sempre estar seguro enquanto formos um do outro.

— O que vai durar toda a nossa vida — sussurro, aproximando o rosto do seu.

Christian esfrega seu nariz suavemente no meu, depositando um beijo estalado em meus lábios.

— Vamos continuar comendo esses morangos antes que Jeff venha nos interromper para o prato principal — comanda, apertando a minha cintura com força.

Fazemos exatamente como o loiro mandão comandou.

Sirvo a mim e a ele com os morangos deliciosos e em algum ponto eu me dou por cheia, ou então não vou mais ter espaço para o resto que ainda vai vir. Christian, por outro lado, se encarregou de terminar de comer todos os morangos, enquanto conversamos sobre bobagens aleatórias do passado.

O tal Jeff apareceu depois de mais longos minutos. Não me movi dos braços de Christian, mas, ainda que o cara tenha tentado agir discretamente, pude ver certa surpresa e uma pontinha de julgamento em seu olhar. Não

deixei isso me incomodar, somente ignorei. Eu entendo. Esse julgamento é compreensível.

Após seu aviso atencioso de que nosso jantar já seria servido, Jeff nos deixou e eu relaxei completamente outra vez. Não demorou muito para que o homem que trouxe os morangos, voltasse com o prato principal. Quando ele nos deixou por conta própria, ri bastante da escolha de Christian, mas outra vez ele acertou em cheio. Bife com fritas é a nossa comida favorita do mundo todo, depois de pizza, é claro.

Jantamos com calma e, após isso, tivemos a nossa sobremesa, que foi uma taça de sorvete de baunilha com morangos e chocolate.

Deus...

Estava tudo muito, muito bom.

Por mim, viríamos todas as noites jantar aqui.

Nesse exato momento, Christian e eu estamos aproveitando a vista, enquanto ele me abraça mais apertado, tirando minha risada divertida ao falar obscenidades em meu ouvido. Sua mão direita brinca com a barra do meu vestido, subindo-a apenas o suficiente para seus dedos acharem a minha pele gelada, causando inúmeros arrepios por cada canto meu.

— *Babe...* — sussurra ao pé do meu ouvido.

— *Sim?* — sussurro de volta, fechando os olhos e apenas sentindo cada sensação que Christian me proporciona.

— Se eu te pedisse para passar o resto da sua vida comigo, você aceitaria? — A sua pergunta bate no fundo do meu estômago e, ainda que o nervosismo comece a tomar conta de mim, continuo de olhos fechados e apenas sorrio.

— Você sabe que sim, Chris.

— Então algum dia eu vou fazer essa pergunta para você e vou querer receber o meu sim — afirma e nós rimos.

Christian se remexe, soltando-me e se levantando. Abro os olhos com dificuldade, mas a tempo de vê-lo correr os dedos pelos cachos dourados que tanto amo e se ajoelhar na minha frente. Engulo a seco, endireitando-me na cadeira inquieta.

— O que está fazendo? — Minha voz até falha, mas eu sei que ele entende pelo simples sorriso que dá.

— Me dê a sua mão — pede.

Tremendo, descanso a minha mão sobre a sua. Christian beija o dorso, como já é de costume, fitando-me sob os cílios loiros grossos.

— Christian, você está me deixando nervosa — acuso.

— Calma, babe. Somos apenas nós dois aqui — afirma e eu concordo rapidamente como uma louca. — Acho que se eu tentasse recolher todas as palavras do mundo para tentar dizer a você o quanto me faz feliz, eu falharia. Completamente. — As lágrimas acumulam em meus olhos, enquanto meu

coração parece estar a ponto de pular por minha boca. — Nunca fiz isso antes, não sei como é, mas eu queria descobrir com você, Ryle, exatamente como descobrimos todas as coisas juntos desde crianças.

— Chris...

— Os últimos meses que passamos juntos me fizeram perceber que, ao mesmo tempo que “perdemos tempo”, nunca sentimos falta de pertencermos a alguém. Sempre pertenci a você, de corpo e de alma, Ryle. Sempre foi uma questão de tempo até percebermos que o amor estava logo ali, ao nosso lado, ao meu lado e ao *seu* lado. — Choro, porque é a mais pura verdade. — Você quer ser, além de minha namorada, minha parceira para tudo que vier em nossa direção de hoje em diante e pelo resto da vida? — pergunta, simples, direto e certo.

Christian me acerta com uma flechada direto no coração.

Sempre imaginei como seria esse momento, mas em nenhuma hipótese eu acreditaria que fosse dessa forma. Ele não fala tanto, principalmente porque o que vejo em seus olhos é muito mais precioso do que as palavras. Vejo a mim mesma, vejo como ele me ama e me quer. E isso, merda... isso é mais real do que o melhor discurso do mundo e, ainda assim, Christian me dá o pacote completo. Ele me brinda com as melhores palavras e me quebra com o melhor olhar, o olhar que avisa que eu não tenho para onde correr. Sou sua, sem nenhuma restrição ou barreira.

— *S-Sim...* — Sou capaz apenas de gaguejar isso.

Christian sorri.

É lindo.

É o melhor e maior sorriso que eu já o vi dar.

— Porra. — Ele gargalha, parecendo não acreditar. — Sim mesmo, Ryles? — continua e é minha vez de rir ainda em meio lágrimas.

— Óbvio que sim — afirmo, segurando seu rosto de cada lado e capturando seus lábios em um beijo doce, onde nenhum de nós dois fechamos os olhos. — Eu te amo, Christian. Mil vezes sim para você. *Sempre sim.*

O loiro puxa algo do seu paletó, que eu literalmente mal havia percebido, e mostra para mim quando nos afastamos somente o suficiente. Ele abre, deixando-me localizar ali dois anéis de ouro exatamente iguais em estilo, mas um, que suponho ser meu, é consideravelmente menor e mais fino.

— Você fez o pacote completo, não é? — pergunto e ele ri, dando de ombros.

— Claro que sim. Com anéis de compromisso e tudo.

— Só faltou pedir a “minha mão” aos meus pais, então — brinco.

— E quem disse que eu não pedi? — retruca e eu arregalo os olhos.

— *Não fez isso...*

— *Fiz...* — Christian parece estar falando sério. — Na verdade eu

apenas avisei, não foi bem um pedido. Como já está tudo em família, eles não falaram nada além de “cuide bem dela”.

— Você é maluco — acuso, enquanto ele segura a minha mão, pegando o anel e beijando antes de deslizá-lo por minha pele.

Meu coração continua batendo forte contra o meu peito. Faço o mesmo com Christian, emocionada assim que terminamos de trocar esse momento um com o outro.

— Você me faz muito feliz, Christian, e eu te amo com todo meu coração.

— Eu amo você, babe. Você é minha felicidade.

Christian se levanta, puxando-me consigo e pegando uma rosa branca no caminho. Tenho apenas tempo de pegar a minha bolsa, enquanto ele nos guia pelo caminho. Não questiono absolutamente nada, apenas rimos durante o caminho como dois jovens apaixonados e meio bêbados, e isso é perfeito. Os olhares ainda estão em nós dois quando entramos no lobby novamente e Christian pede acesso para a suíte presidencial.

— Vamos passar a noite aqui? — pergunto assim que entramos no elevador privativo, mas isso já é mais do que óbvio.

— Sim, estamos tendo toda experiência — brinca, me empurrando contra a parede de vidro. — Começando pelos amassos no elevador — sussurra antes de me beijar.

Se eu dissesse que o resto dessa noite não foi absolutamente perfeita, eu mentiria. Na verdade, tudo que aconteceu depois do nosso jantar, extrapolou qualquer nível de perfeição que já conheci antes. Apenas Christian e eu saberemos tudo que vivemos nesse dia e eu estou feliz por isso.

Finalmente estou completa.

“Você vai dizer a verdade para que eu não tenha que mentir?”

ARE YOU BORED YET? — WALLOWES FEAT. CLAIRO

RYLE DIANN SIVAN

Ainda que a nova realidade seja estranha, ela também é maravilhosa.

Christian e eu temos vivido dias incríveis desde que resolvemos abrir o jogo com a nossa família. Eles não têm sido fáceis, porque continuamos pisando em ovos e sendo demasiadamente discretos em nossas saídas a lugares públicos. Mas, ainda assim, não mais nos acanhamos como antes ou deixamos de sair, porque o nosso sonho literalmente virou realidade, principalmente depois daquela noite.

Sim, aconteceu.

Eu fui pedida em namoro.

Eu fui pedida em namoro por Christian Wyatt-Sawyer.

E, sim, eu aceitei.

Aceitei e aceitaria mais um milhão de vezes se fosse necessário.

Isso aconteceu há uma semana e nós ainda não atendemos a nenhuma aula na UCLA desde então. Não sei como vamos fazer para nos recuperar do

que obviamente será tempo perdido dos incontáveis conteúdos que deixamos passar, mas nada que um grupo de estudo aos quarenta e cinco do segundo tempo não nos salve.

Contudo, estamos oficialmente voltando à vida real.

Quando a realidade bate à porta, nós não temos outra opção a não ser abrir. Hoje cedo saímos e enfim nos dirigimos à UCLA, nervosos e ansiosos, mas totalmente seguros de nosso atual status. Christian me beijou ainda no carro e decidimos então seguir até os nossos amigos discretamente. Estamos cientes de que somos algo além de diferente para todo mundo, dessa forma, é melhor sermos cuidadosos.

Tivemos nossas primeiras aulas na maior calma do mundo. Chris e eu combinamos durante a semana de contarmos aos nossos amigos na hora do almoço. Sempre pegamos a mesa mais reservada, então é bem difícil ter pessoas ao nosso redor ou mesmo se aproximando sem sabermos.

E, bom... essa hora chegou.

Nos sentamos depois de comprarmos nosso almoço e começamos a conversar sobre alguma aleatoriedade do dia.

“Será que eu e Christian vamos escolher sempre a hora do almoço para contar coisas importantes?”, penso comigo mesma, porque acabei de perceber isso. Seguro meu riso nervoso e sigo conversando com meus amigos entre uma mordida e outra no hambúrguer que comprei.

— Onde vocês se meteram todo esse tempo, afinal? Toda vez que fomos à casa de vocês não tinha movimento, não tinha barulho, não tinha qualquer sinal. Se não fosse pelas mensagens de voz que Christian me mandava esporadicamente, eu teria chamado a polícia — Cam comenta e nós rimos.

Gracie com certeza tem ideia de tudo.

Seus olhos não estão desgrudando do anel em meu dedo e no de Christian, e com as informações extras que a minha melhor amiga tem, é bem óbvio que ela já juntou todas as peças.

— Estivemos *offline* por uma razão — Christian diz, dando de ombros.

— Sim, e é essa razão que nós estamos questionando — Ash retruca, revirando os olhos do outro lado da mesa.

— É hoje que vão contar ou... deixe-me ver... nunca? — Lex adiciona.

Christian pigarreia ao meu lado e eu deixo meu lanche no prato, engolindo minha última mordida com um pouco de suco.

— Vocês querem a história toda fantasiada e com diversas explicações e pontos de vista, ou podemos simplesmente ir ao ponto que interessa e deixar as perguntas para depois disso? — pergunto, fitando cada um com calma.

— Acho melhor ir direto ao ponto, eu sou ansiosa demais — Ash pede e Cam concorda.

— Direto ao ponto — Lex reafirma.

— Certo... — Viro o rosto para fitar Christian, que já está me olhando vidrado. Sorrio, envergonhada e seguro a sua mão sobre a mesa. É apenas um toque simples, mas significa muito pra mim e eu tenho certeza que para ele também. — Christian e eu estamos juntos — digo no meu tom mais baixo, só que alto o suficiente para todos os nossos amigos ouvirem.

Continuo fitando apenas Christian, porque a minha calma vem justamente dele. Os segundos se passam sem nenhum movimento ou palavra. Nós estamos fechados em nosso círculo. Quando resolvo fitá-los, seus rostos não estão tão assustados quanto pensei que ficariam.

— *E então...?*

— Isso é sério? — Lex é a primeira a ter alguma reação.

— Sim — Christian afirma. — Mais do que sério.

— Porra — Cam resmunga, fitando o loiro diretamente. — Eu sempre soube que você era cego por Ryle, mas continuei dizendo a mim mesmo que era apenas a minha cabeça meio louca falando mais alto. Só que porra... — Ele ri, jogando o sanduíche na bandeja. — Não sou louco, cara. Não sou.

O loiro ri ao meu lado, encolhendo os ombros.

— Vocês são ridículos — Lex rosna, arremessando sua garrafa de suco vazia em Christian, mas ele pega a mesma no ar. — Eu já sabia que isso estava rolando desde aquela festa — zomba. — Oh, que grande surpresa!

— Espera... — Ash sussurra, chamando nossa atenção. — Apenas eu não fazia noção disso tudo? — Seu olhar perdido diz tudo. É verdadeiro e sincero apenas como Ash consegue ser e, infelizmente, isso nos leva à gargalhada. — O quê? Até você já sabia disso Gracie? — questiona indignada.

— Bom, eu já sabia “oficialmente” há algum tempo — diz, sorrindo de lado.

— Amor?! — É a vez de Cam se mostrar indignado. — E você não me contou isso? Que tipo de namorada eu tenho ao meu lado, meu Deus!

— Pedi a ela para guardar o segredo, Cam — digo, limpando a barra da minha melhor amiga. — Gracie nos “pegou” juntos uma vez e eu pedi para guardar o segredo, afinal as coisas ainda eram incertas demais já que Christian e eu... — Suspiro, apertando meus dedos entre os seus. — É complicado, não é?

— É... parece ser absurdamente complicado. Aliás, a família de vocês já sabe sobre tudo isso? — Cam pergunta.

— Sim — afirmo. — Foi um dia tenso, mas nós não conseguíamos mais viver com essa mentira. Mesmo que eles nos odiassem, teríamos falado a verdade. Foi isso que aconteceu. — De longe, avisto Ben e Andrew entrando no refeitório. — No fim de tudo, eles aceitaram as nossas escolhas, mas Ben e Drew não foram tão compreensíveis quanto nossos pais e tios.

— Eu imagino o choque, porque eu ainda estou meio perdida — Ash brinca para quebrar o clima que ficou meio pesado. — Apesar de tudo, eles precisam aceitar. É uma escolha de vocês, mesmo que seja “proibido”, é o que vocês sentem e, acreditem, qualquer luta contra o coração é perdida. — Ash fita Lex, que já encara a namorada com o maior amor do mundo.

— Sobre o “proibido” nós duas sabemos muito — Lex concorda. — Sabe o que fazemos quando dizem que o nosso amor é errado? — Ela espera um instante antes de continuar, mas não falamos nada. — Nós mandamos todos irem se foder e cuidar de suas próprias bundas. Contanto que vocês se amem e isso seja real, não deixem ninguém dizer que é errado, nem mesmo seus irmãos catarrentos.

Nós rimos e eu finalmente suspiro aliviada.

Me sinto tão sortuda por ter os melhores amigos do mundo.

Surgindo do nada sem nem percebermos, Bennett e Andrew param em frente a nossa mesa. Meus dedos apertam instantaneamente outra vez entre os de Chris, que já adquire uma postura mais tensa.

— Vim ver como as duas aberrações da família andam se comportando e se eu viria a me arrepender das minhas próprias decisões, mas parece que não — Bennett diz, porque, não, esse não é mais o meu Ben.

— Ei cara, olha bem como fala com eles — Cam retruca, ficando de pé.

— Isso não é com você, Cameron — Andrew rebate, sempre ao lado de

Bennett.

Meu irmão me lança um olhar doloroso que me faz sentir cada pedacinho do meu corpo arder.

Por que eles dois não podem simplesmente aceitar?

— Já viram o que queriam, então já podem dar o fora antes que eu chute esses traseiros mimados — Christian enuncia calmamente, colocando-se de pé.

— Você o quê? — Bennett pergunta de volta, como se o desafiasse a repetir.

— Isso que ouviu, Bennett. Você pode não me respeitar, pode me xingar e me chamar de qualquer porcaria que seja, mas você não desrespeita Ryle na minha frente. Ninguém desrespeita Ryle na minha frente. — O loiro pigarreia, ironicamente. — Então, ou você dá o fora, ou eu mesmo me encarrego de fazer isso. — Andrew tenta falar, mas Christian não deixa. — E você, porra, melhor calar a boca. Já tive muito da sua merda durante todo esse tempo, ajudei você e te encobri mais do que eu possa contar nos dedos. Sou seu irmão mais velho, Andrew, não quero brigar com você, mas também vai levar se continuar com essa pose de “nunca fiz nada errado na vida e tenho todo direito de julgá-los”.

Eu mesma engulo a seco.

Há alguns lados de Christian que eu desconheço e esse definitivamente

é um desses.

— Vai se arrepender disso — Bennett comenta maldoso.

— Pare de nos ameaçar — atiro, extremamente chateada. — Somos sua família, eu sou sua irmã. O que acha que vai ganhar com isso tudo?

Bennett não me encara mais.

— Vai se foder — cospe para Christian e sai com Andrew em seu encalço.

Puxo o loiro de volta para o banco e nós todos ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Eu estive a apenas um passo de chutar a bunda malcriada do seu irmão, Ryle. Sinto muito por isso — Lex afirma entre dentes.

— Digo o mesmo — todos comentam em uníssono.

— Ele está completamente maluco com a situação entre Christian e eu, mas isso não é uma escolha dele. Por outro lado, ameaçar foi feio, além de baixo. Estou totalmente decepcionada com Bennett...

Christian solta a minha mão e me puxa para perto pela cintura. Ele beija o topo da minha cabeça carinhosamente, transmitindo para mim um pouco de paz em meio ao caos. É sempre assim.

— Foda-se Bennett e Andrew. Eu vou dar um jeito neles.

— Você não vai resolver as coisas no soco, não é? — pergunto de volta.

— Bem que eu queria, mas não — resmunga.

O pessoal ri, mas eu não.

Essa situação cheira mais mal do que eu estava esperando e eu tenho medo de que isso acabe nos afetando ainda mais.

Depois da aparição dos dois, nos acalmamos e aos poucos voltamos ao normal. Terminamos o almoço e sobremesa entre explicações e mais explicações e, enfim, cada pedaço do que Christian e eu vivemos nos últimos meses. Isso me alivia, porque eu consigo ver a felicidade dos nossos amigos por nós dois estampada em seus rostos.

É muito bom me sentir aceita pelas pessoas que amo.

Sem dúvidas a reação deles será a melhor parte do dia de hoje.

Já dentro do carro com Christian depois dos nossos últimos horários de aula após o almoço, seguro o seu rosto e selo nossos lábios suavemente. Não me lembro mais se o nosso dia teve alguma parte ruim, porque ele me faz esquecer de tudo ao nosso redor sem dificuldade. As borboletas brincam de um jeito bobo em meu estômago, me dando a velha sensação de estar despencando em queda-livre nos braços da pessoa que mais confio no mundo.

— Você tem mesmo que treinar? — questiono com os lábios ainda colados nos seus.

— É isso ou eu sou cortado do time. O treinador já está de saco cheio

das minhas desculpas esfarrapadas e logo teremos jogos oficiais e importantes. É minha chance de dar o meu melhor em frente aos olheiros. A NBL ainda é o meu maior objetivo profissional, amor, e eu sei que você entende.

Balanço a cabeça positivamente.

— Eu entendo — sussurro, torcendo o lábio em um bico. — Vai lá, meu jogador. Avise quando estiver perto de terminar para eu já deixar nosso jantar pronto e vir te buscar — peço por fim.

— Aviso sim, babe. Pode deixar.

Abraço Christian bem forte, inspirando o seu cheiro delicioso.

— Vá antes que eu te sequestre — ameaço, tirando a sua risada mais gostosa.

O loiro segura o meu rosto e me beija rapidamente.

— Eu te amo, Ryle.

— Eu te amo mais, Christian.

Chris se desvencilha de mim, entregando a chave do seu carro na minha mão e pegando a sua mochila de treino. Ele sai, batendo a porta e correndo para o ginásio. Finalmente sozinha, dou partida em meu caminho, disposta a fazer nosso jantar assim que chegar em casa.

Ainda mal posso acreditar que realmente e finalmente nos abrimos para todos os nossos amigos e eles nos apoiaram imensamente. Se Christian e eu

não somos sortudos, então eu definitivamente não sei como nos definir.

Sorrio com o tempo, ligando a rádio e preenchendo o silêncio do carro com músicas *pop* maçantes, mas que eu mesma adoro.

O sol já ameno de Los Angeles me dá a sensação liberdade. Essa cidade sempre fez muitas coisas comigo e essa sensação é uma das principais coisas que consigo aproveitar quando estou aqui, por mais que a minha casa seja, de fato, Long Beach.

Cantarolo pelo resto do caminho, batucando os meus dedos como uma boba até chegar em casa. Deixo o carro estacionado rente a nossa calçada porque mais tarde eu vou ter que sair de novo e não tenho muita paciência para tirar e colocar o carro na garagem.

Entro em casa e já sou recepcionada por Kurt, que vem todo brincalhão para cima de mim. Deixo minha bolsa e as chaves no sofá e subo, subitamente sonolenta demais para o meu próprio bem. A minha ideia de fazer o jantar assim que chegasse em casa vai ter que esperar um pouquinho, porque basta eu me livrar dos meus sapatos, que me jogo na minha cama e de Christian juntamente com Kurt, nosso fiel escudeiro.

Não demoro nem mesmo um minuto para pegar no sono, mas eu não o faço antes da imagem do meu namorado surgir no fundo da minha cabeça uma última vez.

**

O som insistente do meu celular tocando faz o grande “favor” de me acordar do melhor sonho que já tive nos últimos tempos. Fico procurando cegamente o aparelho por arrastados segundos antes de me dar conta que ele está tremendo no bolso do meu jeans. Ainda confusa, sento na cama, bocejando e atendo a chamada ainda de olhos fechados e mais para lá, do que para cá.

— Olá? — resmungo.

— Ryle? — A voz preocupada da minha mãe me acorda completamente como um passe de mágica.

Eu não acredito que eu realmente dormi.

Já está escuro e droga... eu dormi muito, mais do que eu esperava conseguir. Perdi completamente a hora.

— Mãe? — retruco, tentando sair da confusão mental em que eu mesma me coloquei. — Droga... eu estava dormindo. Cheguei da aula e resolvi tirar um cochilo antes de fazer o jantar, mas acho que dormi mais do que o esperado e estou em cima da hora para ir buscar Christian no treino.

— Filha, me escute apenas um instante — pede, enquanto eu me endireito na cama coçando os olhos.

— Diga, mãe, eu estou escutando.

O silêncio na linha me dá indícios da tensão.

O que aconteceu agora?

— Bennett fez besteira — sussurra.

De repente, as notificações em meu celular não param de chegar.

— Besteira? Ele está bem, mãe? Foi... foi algo sério? Ele sofreu um acidente? O que foi, mãe?

— Não, Ryle. Não isso. — Seu fungado de choro me deixa ainda mais alerta. — Ele contou para a mídia sobre Christian e você e isso está em todos os lugares.

Não.

Não.

Porra, Bennett.

Ele não fez isso.

— Mãe, é mentira — digo, respirando fundo para controlar meu impulso de ir tirar satisfação com o meu irmão mais novo lá na sua irmandade de bosta. — Como sabe que foi ele?

— Uma gravação, filha. Ele mandou uma gravação contando tudo sobre o almoço e, droga, do nada conseguiram fotos também. Seu pai e Seth estão tentando cuidar de tudo, mas está ficando grande e eu temo que seja tarde demais para...

A campainha toca.

— Mãe, tem alguém aqui. Deixe-me ver quem é.

— Ryle — ela chama.

— Juro que ligo de volta em apenas alguns minutos e nós veremos como vamos resolver tudo.

— Tudo bem. — Ela suspira. — Eu te amo, filha.

— Eu te amo, mãe. Muito.

Desligo a chamada, ficando de pé com tudo e me desequilibrando. Caio de costas na cama e tomo meu tempo para tentar arrumar as coisas em minha cabeça antes de tentar levantar de novo. Não consigo acreditar que Bennett conseguiu ser tão baixo assim. A sua ameaça de hoje mais cedo não foi mesmo infundada, o que apenas me dá medo por, de uma hora para outra, não conseguir mais reconhecer o meu irmão mais novo. Ele sempre me protegeu, mas agora está se encarregando de me expor para o mundo de um jeito que não consigo aceitar.

Christian vai ficar louco.

Meu Deus.

A UCLA inteira vai enlouquecer e eu acho que não estou preparada para isso.

Levanto, saindo do nosso quarto e descendo os degraus da escada em busca de atender logo quem tanto está insistindo em tocar a campainha. Kurt está no meu encalço, seguindo-me como um cão de guarda. Penso duas vezes antes de abrir a porta, mas acabo abrindo para ter a surpresa mais irritante do

século.

Hudson está plantado na porta, lançando-me um olhar ansioso. Kurt rosna, deixando-me alerta e buscando logo segurar em sua coleira para que nenhum “acidente” aconteça.

— Hudson? O que está fazendo aqui?

E, de uma hora para outra, vários fotógrafos também aparecem. Os flashes me cegam em questão de segundos e Hudson usa isso para entrar e fechar a porta mesmo debaixo dos rosnados insistentes de Kurt.

— Está em todo canto o que o seu irmão mandou para imprensa. Os canais e os sites de fofoca estão explodindo e...

— Você não veio aqui falar disso não é, Hudson? — eu o corto, irritada.

— Eles começaram a falar algo a mais, Ryle. Pensei que gostaria de saber. — Ele caminha como se fosse o dono do pedaço e liga a televisão.

— Não, eu não quero saber. Já posso imaginar o que devem estar dizendo sobre os filhos das grandes estrelas do futebol americano do país. — Tento tirar o controle da sua mão assim que me aproximo, mas o que vem da televisão me faz congelar.

— *Parece que o castelo da “grande família” de Long Beach começou a desmoronar hoje e esse não é mais um assunto que tenha volta. Depois de recebermos a gravação do filho de Sculler Sivan expondo toda situação*

interna do romance proibido de sua irmã e seu “sobrinho”, Christian Wyatt-Sawyer, o filho do grande Quarterback, tivemos mais informações sigilosas. Uma fonte segura afirma que Ryle, diferente do que todos pensam, é uma filha adotada. Isso não deveria ser problema, mas... Ryle não deveria saber?! Documentos oficiais do orfanato em que a jovem ficou antes de seus pais a adotarem foram enviados para a nossa equipe e alguém bem mais importante acabou de falar conosco por chamada de vídeo. Sim, a sua mãe biológica nos deu uma entrevista exclusiva em primeira mão e vocês não vão querer perder nenhum detalhe disso. — Eu finalmente respiro. Ou apenas acho que respiro. — Não percam o próximo bloco de...

A imagem.

A imagem que vem da chamada de vídeo da mulher me mostra tudo. Os seus olhos, meu Deus! Eu sempre achei os meus olhos tão parecidos com os olhos do meu pai e agora... agora... são apenas iguais aos olhos dela.

Minhas mãos começam a tremer à medida que a minha respiração e batimentos cardíacos aceleram. É como se eu estivesse caminhando para uma taquicardia ou algo do tipo. É literalmente como se meu coração fosse bater cada vez mais rápido até parar de vez.

Adotada.

— Sai daqui, Hudson — digo, sentindo os formigamentos estranhos percorrerem por cada pedaço meu.

— Eu vim apenas ajudar, Ryle. Olhei tudo isso nos sites e nos canais e pensei que precisaria de um amigo à sua disposição a partir de agora. Sei que não vai querer estar com Christian agora, já que ele...

— Sai daqui, porra!!! — grito, deixando toda raiva explodir dentro de mim. Kurt começa a latir, enquanto tenta alcançar a perna de Hudson para provavelmente tirar um pedaço. Eu não reclamaria se ele o fizesse. — Sai, Hudson!!!

Minha cabeça está completamente confusa com todas essas informações e eu estou lutando para não deixar o pânico tomar conta dos meus sentidos. Hudson sai, olhando o tempo todo para trás em busca provavelmente de algum tipo de arrependimento meu. Ele me deixa, mas o meu celular não.

Tudo, esse tempo todo, foi uma mentira?

O que eu mais temia realmente aconteceu?

Não sinto dor por ser adotada, se isso de fato for verdade, mas sinto dor por ninguém nunca ter me falado nada. De repente, nem sei mais para onde ir, não sei se tudo isso é real ou não, mas eu sei a quem procurar.

Christian.

Eu sei que ele vai me acalmar, que ele vai me dizer que é apenas a imprensa tentando deixar tudo isso mais sensacionalista e que uma impostora qualquer, de olhos estupidamente azuis iguais aos meus, está tentando ganhar

dinheiro em cima dos nossos pais.

Solto Kurt e corro para o andar de cima. Visto um moletom de Christian, porque essa é a primeira peça que acho jogada no nosso quarto, e pego um boné que também é seu. Isso vai servir para me ajudar na caminhada infeliz até o seu carro. Desço outra vez e prendo Kurt antes de lhe dar um beijo estalado de “até logo”. Não pego o meu celular, porque certamente isso só vai me atrapalhar. Ao contrário, só apanho as chaves e minha bolsa que deixei no sofá antes de sair.

Os homens com as suas câmeras não perdem tempo.

Mal consigo fechar a porta quando eles avançam em minha direção. Bloqueio o som insistente de suas vozes com todas as perguntas maldosas e empurro cada um do meu caminho em busca do veículo do meu namorado. Assim que estou dentro do mesmo, parto em direção da UCLA sem olhar para trás.

Nunca dirigi tão rápido em toda a minha vida, mas, além de ser necessário para despistá-los, também é necessário para eu tentar ter um pouco de alívio no meio dessa merda que explodiu.

Preciso de Christian.

Desesperadamente.

Quanto mais perto eu chego do meu destino, mais eu seguro o choro de rasgar por minha garganta. Para o meu alívio, logo estou estacionando o carro

no mesmo lugar em que Christian estacionou quando chegamos aqui hoje cedo. Saio do carro e então vejo que nem preciso ir em busca dele, porque de longe eu o avisto correndo com Cameron em minha direção.

Cam para no meio do caminho, mas Christian continua até parar na minha frente, completamente ofegante. Preciso apenas do seu toque suave em minha bochecha para começar a chorar. O loiro me abraça apertado e eu faço o mesmo, encontrando conforto nele.

— Meu celular não para de tocar e as notificações também não param de chegar, Ryle. O que aconteceu? — pergunta em um tom baixo e calmo.

Escuto alguns carros atrás de nós e me desvencilho para olhar sobre o meu ombro, achando meu irmão ali. Ou, bom, sei lá... Não sei mais o que Bennett é meu depois de tudo que ele fez.

— Ryle — ele me chama, mas volto a enfiar o rosto no peitoral de Christian.

— Sai fora, Bennett — o loiro comanda em um tom gélido.

— Ele mandou nossa história para a imprensa — sussurro, chamando a atenção de Christian. Endireito o meu rosto, ainda em seus braços e repito. — Ele mandou nossa história para a imprensa e tudo virou um inferno depois disso.

— E-Eu sinto muito, Ryle — Bennett diz atrás de mim e eu me solto de Christian para enfrentá-lo.

— Não, você não sente — cuspo, profundamente ferida por tudo que ele está causando. — Agora tem uma mulher aí fora alegando coisas ao meu respeito, documentos falsos sobre mim e um circo ridículo formado sobre a nossa família. Você não sente muito, Bennett, porque se não fosse por você, nada disso estaria acontecendo agora.

Os olhos claros do meu irmão se enchem de lágrimas e instantaneamente eu me arrependo de ter falado tudo isso. Odeio fazer mal a quem amo, mas ele fez o mesmo comigo. Ele fez muito pior. Isso me faz ignorar o sentimento de arrependimento e apenas me fechar para me proteger.

— Eu não sabia de tudo aquilo, Ryle. Eu não sabia, juro para você. Só estava enfurecido com toda situação de vocês dois e meti os pés pelas mãos, mas então aconteceu isso e eu sinto muito.

— O quê? Do que vocês estão falando? — Christian pergunta atrás de mim.

Viro para o loiro e Bennett fala por mim.

— Outra pessoa chegou depois de mim e enviou documentos sobre uma suposta adoção de Ryle e agora uma mulher apareceu dizendo ser a sua mãe.

E a dor no coração reaparece.

Não consigo me manter quieta diante disso.

Procurro pelo olhar de Christian, mas ele se perde. É exatamente como

eu me sinto.

— Isso é mentira, nós vamos provar, não vamos? — pergunto para o meu namorado, o homem que eu amo e que fiz mil e um planos. Ele não responde imediatamente. Ele nem me olha mais. — Christian — chamo. — Nós vamos provar que é mentira e vamos continuar juntos, mesmo com o julgamento dos outros, não é? — Seguro o seu rosto, forçando-o a me encarar de volta. — Diga que sim, por favor. Diga alguma coisa — imploro.

Christian balança a cabeça negativamente entre os meus dedos e a dor intensifica de um jeito insuportável.

— Diga para ela, Christian — Bennett insiste.

— As fotos de quando eu era um bebê, elas não existem, não é? — Lembro disso nesse exato momento. Ele continua sem abrir a boca e aos poucos eu deixo meu toque escapar da sua pele. — Sua insistência em me fazer ter certeza de que tudo isso era certo tinha algo a mais, Christian? — continuo e nada.

Dou um passo para trás, porque a ideia de tudo isso ser real se torna cada vez mais palpável e eu não quero tocá-la.

— *Sinto muito, Ryle* — sussurra, rouco.

Isso basta.

— *Não, não de você, Christian* — sussurro de volta, engasgando em meu choro selvagem.

— É verdade? Ryle é adotada e você sempre soube disso? — Bennett pergunta o que eu queria ter coragem de perguntar.

— Soube disso há pouco tempo — diz, enquanto uma pontada forte me atinge na barriga, como se eu tivesse acabado de ser golpeada. E, para ser sincera, é isso que as suas palavras fazem comigo. — Eu juro que preferia nunca ter descoberto isso, nunca quis carregar um segredo comigo...

— É mais que um segredo, é uma mentira — retruco, encarando o seu rosto que agora começa a ficar distante de mim conforme eu vou me afastando dele em passos curtos. — Por quanto tempo mentiu para mim?

— Ryle, eu não...

— Quanto tempo, Christian? — corto, porque eu não quero as suas desculpas, apenas os fatos.

— Desde o almoço com o tio Simon. Aquele dia ele me contou tudo e eu quebrei.

— Por isso você estava chorando aquele dia — recordo, sabendo que isso não é “pouco tempo”. — Já faz muito tempo desde que isso aconteceu — afirmo. — Como você teve coragem de passar todos esses meses escondendo a verdade de mim? Não, não... Como você teve coragem de ver toda a minha agonia a respeito de nós dois e simplesmente nunca ter falado nada, Christian? Foi divertido ficar com a sua “titia” ou o quê? Por que você simplesmente não me disse tudo, antes que isso virasse esse circo todo?

— Ryle, eu juro...

— Não, porra. Não. Você não jura mais nada para mim.

Minhas pernas me deixam, enquanto angústia aumenta em meu peito e a dor em minha barriga se torna mais aguda. Meus joelhos doem com o impacto e eu me curvo sobre o cimento frio, chorando e urrando, sentindo algo que nunca senti antes: solidão, desamparo e vazio. De repente, não sei mais nem mesmo quem eu sou e quem são essas pessoas que juram amor eterno para mim em uma hora e na outra estão mentindo sobre a minha vida, a minha origem.

É cruciante e apavorante, mas é a verdade.

— *Babe...*

— Eu não sou sua “babe” — sussurro, absorvendo como isso dói em mim, como cada palavra que eu sou capaz de dizer começa a cortar meu coração em pedaços. — Nunca poderia esperar isso vindo de você, Christian. Você não faz ideia do quão insuportável essa ideia é: saber que não só meu namorado, mas meu melhor amigo, mentiu para mim, quando eu nunca fiz o mesmo. — Subo o rosto para encará-lo e acabo o achando tão miserável quanto eu. — Confiei a minha vida em você, Christian, e você me deixou na mão.

— Tentei convencer os seus pais, os meus tios, todo mundo que sabia, a te contar a verdade. Eu realmente tentei...

— Sua mãe, Christian. — Suspiro e tomo fôlego. — Pearl está doente? — questiono, porque essa é mais uma das coisas que surgem em minha cabeça.

Os detalhes finalmente vão se encaixando perfeitamente e eu consigo ver as mentiras claramente através dos seus erros.

— Não. — Ele enxuga as lágrimas, mas elas não param de cair.

Como ele conseguiu?

Como eles conseguiram?

— Você soa absurdamente patético e eu mal posso acreditar que isso é realmente verdade — sussurro. Fico de pé, engolindo minha dor e enxugando as minhas lágrimas. — Eu vou embora.

— Ryle, deixe eu... — Bennett tenta se aproximar, mas eu o empurro para longe.

— Não se atreva a me tocar — cuspo para ele. — Você começou com isso tudo, por mais que agora o seu tenha sido o menor dos erros.

Eu o assisto encolher os ombros e engulo a seco.

— Ryle, você precisa me escutar — Christian pede, vindo atrás de mim, mas ele... bom... eu nem mesmo tenho coragem de tocá-lo.

— Você disse tudo que eu precisava ouvir — afirmo, abrindo a porta do seu carro e entrando.

— Não, eu não disse! — exclama do lado de fora.

Travo as portas, pouco me importando se esse carro é dele e não meu. É o único lugar que eu tenho para ficar nesse momento. É o único lugar que eu tenho para chamar de casa ou, pelo menos, abrigo temporário. Eu não quero voltar para “casa”. Eu não quero estar com Christian depois de todas as mentiras. Eu não quero ir até os meus “pais” pedir por uma verdade que eles foram incapazes de me dar por todos esses anos. Eu, principalmente, não quero as suas desculpas esfarrapadas.

E tudo isso parecia apenas o começo do fim.

“Eles dizem que alguns drinks irão me ajudar a esquecê-la, mas depois de muitos eu sei que eu nunca irei. Só eles podem ver onde isso vai acabar. Eles pensam que estou louco, mas para mim faz todo sentido.”

NOTHING — THE SCRIPT

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Eu tenho certeza de que as coisas nunca doeram tanto. Eu tenho certeza de que as coisas nunca pareceram tão perdidas quanto elas realmente estão agora. Eu tenho mais do que certeza de que eu nunca deveria ter aceitado participar de uma mentira como essa, porque, eventualmente, o destino se encarrega de trazer tudo à tona e botar as cartas na mesa como as coisas realmente devem ser. E, por fim, eu tenho certeza de que Ryle me odeia mais que qualquer um nesse exato momento.

Deixei isso acontecer, enquanto eu tive todas as oportunidades de lhe dar a verdade e lidar com as consequências disso posteriormente. Mas, não, ela não ouviu de mim. A verdade veio do jeito mais baixo que eu poderia ter esperado: de um programa de televisão sensacionalista, que não se importa nem um pouco em como ele pode destruir a vida de uma pessoa em uma questão de segundos.

Eu odeio a mim mesmo por tudo.

Não culpo Ryle por sua reação, porque, de fato, eu poderia ter evitado que as coisas tomassem essa proporção se ao mesmo tivesse tido a coragem de lhe contar a verdade. A primeira vez que eu escondo algo dela é justamente a vez que acabou de foder com todo relacionamento que construímos durante esses anos de amizade.

Resolvo então atender a chamada da vez em meu celular e, não tão surpreendentemente, é a minha mãe. Ah, sim... era tudo que eu precisava para esse momento: uma boa dose de sermão.

— Sculler acabou de contar tudo para mim — ela diz, enquanto eu tento segurar o soluço que arrisca escapar por minha boca.

Não adianta eu tentar ir atrás de Ryle.

Eu vi em seus olhos o nojo que ela estava sentindo.

Porra, o que eu fiz com a minha garota?

Não consigo dizer nada para a minha mãe. Não tenho palavras certas ou erradas para o momento. Não tenho nada.

— Filho, fale comigo — pede.

— Eu não sei o que falar, mãe. À essa altura está tudo perdido para todos nós com Ryle. Ela nos odeia. Simples assim. — Respiro profundamente, sentindo o peso da culpa doer em meus ombros. — Sculler e eu metemos até você nessa enrascada, mentimos ainda mais feio. É

impossível que Ryle não esteja nos odiando nesse exato momento, porque eu mesmo estou.

— Ela não nos odeia, Christian. Ryle apenas está magoada e triste por tudo. — Seu suspiro pesado através da ligação me deixa notar a sua tristeza também. — É claro que eu não fiquei feliz quando soube de tudo, das “mentiras adicionais”, mas o que eu poderia fazer agora? Crucificar vocês? Nunca. — Enxugo as lágrimas insistentes, levantando o rosto para o céu estrelado que agora parece ordinário demais. — Você deve dar um tempo para Ryle digerir as coisas. Todos nós temos. É difícil, mas é preciso. Mais do que nunca.

Não quero esse tempo.

Não quero ficar sem Ryle.

É patético ter que viver e conviver com essa realidade ridícula que acabou de cair em nossas cabeças.

Nunca me separei dela e apenas essa ideia me faz ter calafrios.

Ainda que eu soe egoísta, não estou pronto para lhe dar esse espaço.

— É complicado, mãe. Nunca fiquei longe de Ryle e as vezes que isso aconteceu, foram exceções, e mesmo nessas exceções mantínhamos contato. Ela saiu no meu carro para sabe-se lá onde no estado mais deplorável que você possa imaginar. Ryle se sente traída por todos nós, mas parece que principalmente por mim, e eu juro que tentei fazer Sculler e minha avó

contarem para ela, mas eles... — Engulo a seco, porque o gosto de perder a mulher que eu amo é amargo demais. — Não foi isso que aconteceu — completo.

— Venha para casa — pede.

— Cara, você quer uma carona? — Cam pergunta atrás de mim e eu viro para encará-lo, vendo que Bennett ainda está plantado em seu lugar, completamente estático. — Já estou sabendo de tudo. — O olhar do meu melhor amigo está cheio de pena, ainda mais pela cena que se passou em sua frente há poucos minutos.

— Mãe, eu vou para a minha casa. Se Ryle aparecer, quero estar lá para tentar conversar com ela. Cam vai me dar uma carona, tudo bem? — digo, respirando fundo. — Mas, obrigado por tudo. Eu te amo.

— Tudo bem, querido. Pode me ligar caso precise de algo. Para mim ou para o seu pai. — Ela faz uma pausa e se despede. — Eu te amo mais que tudo.

Finalizo a chamada, enfiando meu celular no bolso do meu jeans e dando uma última olhada em Bennett.

— Sinto muito, Christian... — sussurra para mim, porque ainda não parece acreditar em tudo que está acontecendo.

Bom, nem eu.

— Melhor não sentir nada — retruco, dando-lhe as costas e seguindo

para o carro com Cameron em meu encalço.

Quando entramos e ele parte em direção a minha casa, quebro de novo. Tenho vontade de tomar o seu lugar e buscar por Ryle em cada canto de Los Angeles. Preciso saber se ela está bem. Preciso me certificar que mal algum vai lhe acontecer. Preciso dela, apenas isso.

Minhas lágrimas insistentes com um choro entalado na garganta me sufocam pelo resto do percurso. Parece que leva um ano para Cameron chegar na minha casa, ou melhor dizendo, na minha casa e de Ryle. Quando estamos próximos o suficiente e eu vejo que meu carro não está ali, desânimo e dor me entorpecem.

— Obrigado pela carona — digo, saindo do carro com pressa.

— Você quer companhia, Chris? — indaga, mas eu balanço a cabeça negativamente.

— Quero ficar sozinho e esperar ela aparecer. Somente isso.

Cam concorda.

— Qualquer coisa, sabe o meu número — avisa e eu concordo.

— Valeu — resmungo, disparando até a porta.

Por sorte os paparazzis não estão me esperando para garantir seus cliques preciosos, mas eu também não dou sorte ao azar, logo me trancando e seguindo para a cozinha com Kurt depois que o solto.

O cheiro de Ryle ainda está por todo canto, vivo demais.

Busco por minha garrafa de uísque caro que só uso para ocasiões especiais e volto para a sala. Sento-me no chão, desenroscando a tampa e tomando um gole longo do líquido. Queima tudo pelo caminho.

Eu sei que beber não é a melhor saída, mas eu preciso de algo que me deixe incapacitado de sair como um lunático pela rua gritando o *seu* nome.

Ligo a televisão, empurrando mais da bebida por minha garganta e sou confrontado pelo canal que Ryle provavelmente viu antes de sair de casa para me buscar.

— Vamos rever um pedaço da entrevista da suposta mãe biológica de Ryle Diann Sivan — a apresentadora anuncia.

A imagem troca para uma mulher ridiculamente parecida com a minha Ryle. Meu coração bate tão forte diante tudo isso, que tenho medo que o mesmo escape por minha boca.

— *Minha vida era muito difícil naquela época.* — A mulher diz, correndo os dedos pelo cabelo castanho. — *Eu era apenas uma jovem que não tinha emprego, familiares que me apoiavam ou um namorado para dar o suporte que eu precisava.* — Ela faz uma pausa. — *Tentei aguentar o máximo possível, mas ela estava ficando cada dia maior e eu sabia que nunca poderia lhe oferecer uma vida digna. Qualquer família que ficasse com Ryle, teria muita sorte. Minha decisão foi tomada em um momento de desespero e, se eu pudesse, teria feito diferente, mas as palavras ao vento e*

ações uma vez realizadas, não voltam atrás. — Bebo, bebo e bebo.

— *Você gostaria de mandar algum recado para a sua suposta filha?*
— a repórter pergunta.

— *Só desejo que ela fique bem e em paz. Caso queira entrar em contato comigo, eu moro no bairro...*

Troco de canal, já cheio de tudo e de todas as coisas.

Puxo o meu celular, observando na tela travada uma foto nossa. Foi do dia em que lhe pedi em namoro. Esse foi um dos melhores dias de toda a minha vida e eu só gostaria de poder voltar atrás para fazer as coisas de um jeito totalmente diferente e lhe contar toda a verdade, mas, como sua mãe biológica disse, palavras e ações não voltam atrás.



Levanto apressado assim que escuto uma batida na porta. Cambaleio de um lado para o outro, quase enfiando a cara no chão, porque acredito que já estou na terceira garrafa de uísque e sem mais estoque de lágrimas para essa madrugada. Essa última parte é pura mentira, porque basta lembrar dela que eu quebro em pedacinhos. Abro a porta ansioso, pronto para me ajoelhar no chão, arrependido, mas não é quem eu realmente estou esperando.

Minha mãe, acompanhada do meu pai, está na porta. Seu olhar urgente me encontra e ela se apressa para me abraçar. A sobriedade passa muito longe

de mim, então praticamente me apoio em seu corpo pequeno, o que é pura covardia.

— Filho — minha mãe sussurra, me segurando firme.

Merda.

O que eu fiz com a minha vida?

O que eu fiz com Ryle?

Como pude ser tão imbecil?

— Merda — resmungo a mesma palavra que martela em minha mente.

— Eu estou tão fodido, não estou, mãe?

— Pelo que estou vendo nesse momento, sim — meu pai responde em seu lugar, puxando-me de cima da minha mãe e me ajudando a caminhar até o sofá.

— Eu vou pegar água e algo para você comer. — Ela sentencia, apontando em minha direção toda mandona. Isso me lembra Ryle. Tudo me lembra Ryle. — Cuide dele — pede, direcionando seu olhar mandão agora para o meu pai.

Seguro meu riso seco e deixo minha cabeça descansar no encosto do móvel.

O silêncio prevalece.

Ainda que meu pai sempre tenha sido o melhor do mundo, vê-lo agir em momentos como esse não é algo comum. Minha mãe sempre tomou a

frente de tudo e eu até entendo, por isso, quando ele abre a boca, mesmo bêbado, fico surpreso.

— Estou me perguntando se todos nós vamos passar por essa fase de ter um ápice que nos leva contrariamente ao fundo do poço — comenta, puxando as mangas da sua camisa de moletom até os antebraços.

Reviro os olhos.

— Fácil falar quando nunca passou por algo assim. — Bufo.

Meu pai ri realmente divertido.

Mas que diabos?!

Não tem graça.

— Tem uma parte da minha história com a sua mãe que foi enterrada há muito, muito tempo, mas nem por isso ela deixa de existir. Eu já fui um idiota. — Encontro seu olhar, arqueando a sobrancelha e agora é sua vez de revirar os olhos. — Mais idiota do que sou agora — completa e eu sorrio de lado. — Também estive a um passo de perdê-la. Ultimamente, Christian, parece que tudo virou de cabeça para baixo outra vez e eu posso te garantir que nada é mais agonizante do que essa dúvida. “Será que não damos mais certo? Que merda eu fiz dessa vez? Ela ainda é capaz de me perdoar e me amar como se fosse a primeira vez?”.

Engulo a seco.

— Sei que estão passando por momentos difíceis e eu sinto muito por

isso, mas o que tem a ver com Ryle e eu?

Ele relaxa os ombros, coçando a ponta do queixo.

— Vejo o amor de vocês. Sempre vi, sempre soube. Quando fui um idiota de primeira classe com sua mãe, acredite, foi pior do que o que você fez, e ela me perdoou. Ela me perdoou porque me amava, Christian, e Ryle é absolutamente louca por você. — O caroço incômodo agarra em minha garganta. — Ela te ama e, eventualmente, estará de volta para te perdoar, até porque esse erro não foi completamente seu. Todos erramos com Ryle. Todos lhe devemos desculpas. Quando um amor como o de vocês se torna real pela primeira vez, não tem mais como conter. É disso que estava falando. Quando meu amor se tornou real por sua mãe, não teve caminho de volta, não teve como apagar o passado, mas eu fiz o meu melhor para me tornar alguém que a merecesse. — Ele para, mas logo continua. — Passei por isso. Também bebi muito. Fui ferrado por seu tio Simon, mas superamos. Se Ryle te ama de verdade, como sabemos que sim, ela vai voltar e vai te perdoar. Ela vai voltar para perdoar a todos nós. Agora só precisamos dar tempo ao tempo.

Respiro fundo.

Estou fodidamente bêbado e eu não acredito que o meu pai achou que o momento mais certo para me dizer coisas importantes fosse agora.

Meu estômago dói.

— Espero que esteja certo e que repita isso quando eu acordar, assim

lembrarei de tudo — resmungo.

Meu pai ri ao meu lado e se aproxima, empurrando meu ombro sutilmente.

— Crises acontecem. Nós homens pisamos na bola quase sempre, mesmo nas coisas pequenas como não notar um corte de cabelo nelas. Essa é a primeira grande crise, mas não é a última. Acostume-se. Ainda que se amem, merdas acontecem.

Balanço a cabeça, entendendo suas palavras.

— Vocês estão bem, pai?

Além de Ryle, todas as lembranças sobre os meus pais entram em minha mente. Até onde lembro, eles estão atravessando por uma grande crise e talvez eu deva parar de ser um imbecil e cuidar para o que está debaixo do meu nariz.

— Você não faz ideia do quanto — afirma.

Arqueio a sobrancelha.

— Não foi outro dia que o pau estava comendo? — indago e a minha mãe entra na sala com uma bandeja, repreendendo-me imediatamente.

— *Christian Wyatt-Sawyer* — diz. — Não fale besteira.

Dou de ombros.

— Desculpe — sussurro. — Mas vão me contar? Assim eu posso parar de chorar e me embriagar como um louco?

É mentira.

Não vou parar de chorar e nem de me embriagar. Não vou parar de sofrer até que ela esteja aqui comigo e eu possa me ajoelhar para lhe pedir desculpas mais um milhão de vezes. Porém, meus pais não precisam ter mais uma preocupação. Mesmo bêbado vou manter a linha até que eles partam. Simples assim.

— Coma e eu conto — minha mãe comanda.

Faço com ela deseja, porque a dor em meu estômago se torna cada vez mais forte. Enquanto encho minha boca de sanduíche, minha mãe começa a falar, sendo direta até demais.

— Nós estamos grávidos. De novo.

O quê?

Cuspo o sanduíche quase todo, engolindo o que já estava descendo com dificuldade.

Grávidos?

— Mãe? Como diabos? Você já não meio que passou da idade para isso? — FRANZO o cenho, preocupado, e pela primeira vez eu realmente deixo minha atenção apenas neles dois.

— Não estou velha, se é isso que está insinuando — acusa torcendo o canto da boca ao passo que o meu pai lhe puxa para o seu colo. — Pode ser que eu tenha que redobrar os cuidados, que tenha alguma complicação, mas

isso é completamente possível de acontecer. Sua avó teve Bennett mais ou menos na mesma idade que eu estou agora. Sou apenas alguns pares de anos mais nova.

Isso é fato.

Minha mãe é toda delicada desde que me lembro. Quando pegamos fotos antigas para relembrar minha infância, ela ainda é a mesma de antes, só tirando algumas leves linhas de expressões em seu rosto doce.

— Jesus... — resmungo, mais sensível do que antes. — Mais um garoto para o time?

— Espero que sim — meu pai responde, parecendo seriamente preocupado.

— Espero que não — minha mãe retruca, dando de ombros. — Amo vocês, mas eu preciso de uma filha para ter algum tipo de equilíbrio nessa família.

Ryle vai adorar saber disso.

Essa é a primeira coisa que passa na minha cabeça e logo em seguida, sinto meu coração apertar.

É.

Estou fodido.

A alegria que devia estar tomando conta de mim, é apenas uma fagulha que ameaça me cutucar, mas nada acontece. Contudo, forço um sorriso para

os meus pais, que me encaram com atenção.

— Seth e eu passamos por momentos muito difíceis, filho, mas o nosso amor sempre falou mais alto. — Fito o rosto amável da minha mãe e balanço a cabeça. — Sei que está doendo agora, mas é o que é. Ryle precisa digerir todas as verdades e mentiras. Estamos preocupados com ela, mas com você também. Não quero ver você bebendo para “esquecer os problemas”, porque o dia seguinte é sempre pior. Se você a ama, vai lhe dar o devido espaço. Ela precisa. Você também. E eu estou aqui para te abraçar e tentar te consolar nesse momento, porque apesar de tudo, você é e sempre vai ser o meu Chris, meu pequeno de cachinhos de ouro, meu primogênito.

— Agradeço por isso, mãe. — Passo o olhar para o meu pai. — Você também, pai. — Corro os dedos por meu cabelo, agoniado com tanta dor e desespero. Porra, eu nunca senti isso. — É difícil estar longe dela. Toda e qualquer memória que eu tenho da minha vida, é com Ryle. Ela está em tudo e sua ausência me enfraquece. Ou eu sou muito idiota para essa coisa de amor ou é assim que as coisas realmente acontecem.

Meu pai sorri de lado, parecendo estar se lembrando de algo.

— É assim que as coisas acontecem e, acredite, está apenas começando. — Ele beija o ombro da minha mãe e eu me dou por totalmente derrotado.

Deixo minha cabeça cair de volta para o encosto do sofá, engolindo o

nó na garganta insistente. É realmente complicado aceitar que essas coisas de fato estão acontecendo com Ryle e eu. Não estou acostumado com a falta que ela faz. Sinto uma melancolia idiota se apossar das minhas entranhas, enquanto os sentidos começam a se esvaír de mim. Com a mente confusa e cabeça pesada, adormeço aos poucos, mas não antes de me martirizar mais um pouco com os meus erros.

Se eu tivesse feito tudo diferente, agora estaríamos juntos apesar de tudo. Eu lhe devia a verdade, mas lhe dei mentiras e é isso que me mata por dentro e, com certeza, mata Ryle também.

Ferreí com tudo e mais um pouco.

Sinto muito, Ryle.

Volte para mim.

“Eu estou caindo aos pedaços, mal estou respirando com um coração quebrado, que ainda bate.”

BROKEN — LIFEHOUSE

RYLE DIANN SIVAN

Cinco da manhã. O tempo pareceu não passar desde que tudo aconteceu. Senti tudo ao mesmo tempo até que agora os sentimentos se acalmaram e estabilizaram dentro de mim. Não estou mais chorando agarrada em minhas pernas, enquanto imploro para Deus que tudo não passe de uma mentira. Uma grande mentira que até mesmo envolveu a imprensa nisso. Não estou mais pensando nas mentiras. Não estou mais pensando em minha “família”. E, bom... só *ele* que não sai da minha cabeça. Quanto mais eu tento, mais eu penso nele.

Cinco da manhã e eu ainda estou pensando em Christian, ainda estou com as palavras que dissemos um ao outro martelando em minha cabeça e ainda estou brincando com “nosso anel” entre os meus dedos.

Cinco da manhã e eu decidi que ficar aqui, perto de pessoas que agora fizeram eu me sentir completamente vazia, não é uma boa ideia. De passagem virtualmente comprada em cima da hora em uma casa de computadores

comunitários que parei no meio do caminho e sem uma mala ou celular para contar história, saio do carro de Christian apenas com o meu ticket impresso e bolsa com os demais documentos — que, graças a Deus, estavam todos comigo, porque essa é a sorte de ter uma “família famosa”; viagens surpresas às vezes se tornam muito comuns e nem mesmo ter a chance de ir em casa é basicamente a primeira lição que aprendemos —, me encaminhando pela entrada do aeroporto internacional de Los Angeles. Minha sorte é que ainda estou de boné e casaco, porque esse lugar talvez seja o mais cheio de fotógrafos em toda história.

Meus passos são tão demorados, que parecem durar uma eternidade enquanto faço o caminho conhecido por mim de longa data. Viagens sempre foram muito especiais para mim. Lembro de uma em particular que fizemos em família para a África. Pearl ainda estava grávida de Romeo e os nervos do meu irmão estavam nas alturas no jato particular dos Wyatt-Sawyer. Minha melhor recordação foi de como durante toda a viagem, do início, meio e fim, Christian e eu ficamos colados. Seus dedos sempre encontravam caminho para os meus, principalmente na visita ao Safari. Ele continuou repetindo que não deixaria nenhum animal me machucar, ainda que uma luta dele contra qualquer bicho selvagem fosse completamente inútil. Sairíamos destroçados. Mas, eu adorava a forma como ele falava para mim que daria a sua vida no lugar da minha. Eu acreditava nisso.

Meu suspiro engata na minha garganta quando eu passo pelo portão de embarque. Minhas pernas fraquejam, porque essa é uma viagem que eu não gostaria de estar fazendo, ainda mais de mãos abanando. Eu costumava segurar a sua mão para tudo, desde que me lembro, mas agora é apenas um profundo vazio que sinto a cada passada.

Me sinto miserável.

— Senhorita, você está bem? — O homem atrás de mim pergunta, porque mal percebi que não estava conseguindo dar o passo adiante para embarcar no avião.

— S-Sim — gaguejo de volta, enquanto a aeromoça na porta me fita com um sorriso doce e paciente, mas que também parece duvidar se de fato estou bem. — Obrigada pela preocupação, estava apenas pensativa — comento por fim, já que não quero parecer bizarramente estranha.

Sigo meu caminho até a primeira classe, sendo guiada por outra aeromoça ainda mais gentil. Estar no meio de muitas pessoas seria um inferno para mim e, tirando por como tudo está repercutindo, apostaria que metade do voo estaria comentando sobre a minha situação. Ser reconhecida à essa altura nem mesmo passa por minha cabeça. Não quero isso nem mesmo de longe. Quero mergulhar no anonimato bem longe de Los Angeles.

Depois de todos os procedimentos padrões e do avião já estar no ar, dispenso os serviços à bordo e me fecho em minha cabine como se estivesse

em um casulo todo meu. Requeri sinceramente que ninguém me incomodasse. Não estou com fome ou sede. Só quero ficar encolhida até a viagem chegar ao fim, mas eu sei que ainda tenho algumas boas horas até isso acontecer e, ao final de tudo, estarei assombrada em meus pensamentos até lá.



Depois de quase dez horas e meia de voo, finalmente cheguei à cinzenta Londres. Em outras ocasiões que estive aqui ela não parecia ser tão cinza quanto agora. Isso só me mostra que nossas experiências são completamente influenciáveis por nosso estado de espírito.

Balanço a minha cabeça, tentando parar de pensar em muita besteira e sigo com a minha bagagem nula para fora do aeroporto. Avistando o táxi mais próximo, entro e lhe dou o endereço que, querendo ou não, é o único que realmente conheço: Hotel Kassid de Londres. É bobagem sair de casa sem deixar tudo para trás, mas então eu percebo que não quero simplesmente deixar tudo para trás.

Estou profundamente magoada e perdida.

Preciso organizar os meus pensamentos.

Isso é absolutamente tudo.

E, além do mais, sei que agora eu preciso apenas esperar e me informar

corretamente sobre onde Romeo está estudando. Se nesse momento eu posso procurar alguém, esse alguém é Romeo. De longe ele é o que menos sabia e, consequentemente, o que é menos sujo em toda essa história.

Romeo pode me ajudar.

Sorrio ao pensar a que ponto eu realmente cheguei parar recorrer a Romeo em todo meu desespero.

Chega a ser patético, mas não descarto a ideia por nem mesmo um instante.

Finalmente chego ao hotel e, depois de pagar ao taxista, saio, adentrando pelo saguão debaixo de olhares curiosos. Assim que eu paro em frente ao balcão principal, observando que os seguranças já estão se aproximando, assim como quem eu localizo como o gerente, deixo o meu capuz cair.

— Gostaria de um quarto — peço para a mulher atrás do balcão, mas ainda desconsertada com os homens se aproximando.

— Senhorita...? — ela pergunta.

— Ryle? — Sim, é o gerente que fala.

Vagamente me lembro de sua presença nas duas ou três vezes em que estive aqui anteriormente.

— Sim — sussurro.

Acredito que até mesmo aqui eles já estejam sabendo de tudo.

— Suíte presidencial para a senhorita Sivan, por favor — ele requiere e eu até abro a boca para protestar. — São apenas ordens. Quando alguém da família chega, a suíte presidencial é sua de direito. — Ele fita a mulher. — Imediatamente — se dirige uma última vez, agora a ela.

Espero por não mais que um minuto antes de ser encaminhada até o elevador privativo. O gerente que se apresenta como Gerald me acompanha até o mesmo e aperta o botão do andar em meu lugar. Não protesto, porque para ser bem sincera, estou completamente apática. Não tenho pelo quê protestar, mesmo que meu sangue não seja o mesmo *deles*.

Suspiro no percurso do elevador ininterrupto até o topo. É isso. Agora eu estou sozinha e em paz, tecnicamente.

A porta do elevador abre já dentro do “apartamento”. Isso não é um quarto de hotel, mas praticamente um apartamento. É assim que eu entendo que isso é realmente uma suíte presidencial e de que estamos na linda e cara Londres.

Entretanto, não reclamo.

Sinto como se estivesse no topo de uma torre, como se esse fosse meu castelo e a minha fortaleza que agora se encarregariam de me manter segura longe de tudo e de todos.

Mas isso não dura por muito tempo.

O telefone, em algum lugar do apartamento, começa a tocar e mesmo

contragosto eu procuro. Puxo o aparelho do gancho assim que o localizo perto do balcão da cozinha moderna e digo:

— Ryle.

Uma respiração pesada do outro lado faz meu coração tropeçar em uma batida.

— *Sou eu* — ele sussurra.

A confirmação me faz reagir ainda pior, porque tudo ainda arde e dói.

— Me deixe em paz.

— *Filha, por favor.* — Sim, é o meu pai. Ou quem eu acreditei a vida toda ser essa pessoa.

— *Eu insisto, Ryle, por favor, nos escute.* — E então é a minha mãe. Ou, repito, quem eu acreditei a vida toda ser essa pessoa.

— Vocês tiveram as melhores oportunidades para me fazer escutar sem tornar isso tudo o que agora simplesmente é. Tiveram as melhores chances de fazer isso do jeito certo e eu juro que entenderia, mas agora não desce. Não consigo digerir uma palavra sequer de vocês e eu espero que sinceramente me entendam. — O caroço que se forma em minha garganta torna a minha voz mais fraca. Estou a um pequeno passo de quebrar, do jeito que sempre eventualmente acontece. — Vocês não fazem nenhuma ideia de como isso dói, porque se fizessem, essa mentira ou “segredo”, nunca teria existido em primeiro lugar.

O soluço da minha mãe me atinge.

Sinto muito.

De verdade.

Então vem o do meu pai.

É insuportável.

Desligo a chamada, deixando o telefone fora do gancho para não receber mais nenhuma chamada inoportuna.

Volto a sentir as coisas em uma avalanche. Não quero parecer uma ingrata sem coração que não escuta nenhuma explicação, mas, ao mesmo tempo, onde estavam essas explicações quando todos tiveram chance de me oferecê-las?

Exatamente.

Elas nunca existiram e é por isso que tudo continua sendo insuportavelmente inaceitável pelo menos enquanto essa ferida continuar me rasgando e partindo ao meio em carne viva, e eu tenho essa leve impressão de que vai continuar doendo por algum tempo até que eu consiga digerir tudo.

Corro para o banheiro, desabando debaixo do chuveiro e finalmente deixando a água levar parte da agonia e dor que insistem em não me deixar. Fecho os olhos com força, soluçando compulsivamente e deixando-me desabar por completo.

Quando deixo o banheiro, mais de trinta minutos depois, acho meu

caminho até o quarto, encontrando ali várias peças de roupa na cama, provavelmente do meu tamanho. Eles todos já devem saber onde estou, levando em consideração o telefonema que recebi. É um tanto perturbador, mas eu ignoro.

Um pouco mais tarde, depois de sair para comprar um celular novo — por um bom motivo —, procurei pela internet os nomes dos internatos famosos de Londres. Assim que tomei conhecimento de todos, resolvi ir visitá-los em busca de Romeo. Ficar em um quarto de hotel não me ajudaria em muita coisa. É preferível sair e ver gente desconhecida, do que encarar as paredes e mergulhar ainda mais em meu estado emocional deplorável. Entretanto, Londres tem Romeo e eu preciso de Romeo.

Depois de passar por duas escolas à sua procura, finalmente o achei na mais afastada da cidade. Eu poderia esperar isso de Seth. Além de mais conceituada, também é a mais afastada, o que é conveniente, porque essas crianças vivem praticamente no meio do nada.

Após falar com o diretor e receber uma autorização, assisto o garoto sair pelo portão principal e vir em minha direção. Meu coração esquenta com a sensação que me toma ao vê-lo. Romeo faz eu me sentir em casa. Ele é como uma casa para mim nesse momento e isso me leva às lágrimas assim que ele me alcança e me puxa em um abraço apertado.

— Ryle? O que está fazendo aqui? — pergunta, confuso.

Suspiro, engolindo as lágrimas, porque estou farta de me debulhar nelas.

— Você pode vir comigo? — sussurro.

Ele afasta o tronco e nos encaramos. Seu olhar é claramente confuso, mas, ao piscar, ele parece entender tudo. Ou parte desse tudo.

— Ele fodeu com as coisas, não foi? — rosna baixinho.

O taxista buzina.

Droga.

Pedi-lhe que me esperasse, mas o homem parece estar impaciente.

— Vem comigo — suplico.

Romeo concorda.

Caminhamos lado a lado até o veículo e quando estamos dentro e já partindo para bem longe, Romeo me abraça pelos ombros e eu seguro firme nele.

Isso me alivia. Não é cem por cento eficaz como seria se fosse *ele* no lugar, mas eu me sinto melhor.



Os seus olhos me avaliam.

Romeo e eu estamos no meu quarto de hotel e ele não para de tentar me decifrar enquanto eu permaneço calada, tentando encontrar as melhores

palavras para começar a dizer tudo.

— Ele fodeu com as coisas, Ryle? — repete a mesma pergunta que fez antes de irmos para cá.

Meu olhar entrega tudo.

Como já esperava, Romeo provavelmente já sabia de tudo. Ou melhor, ele desconfiava de tudo.

— Muita coisa aconteceu — resmungo, desviando os nossos olhares.

— Vai começar pelo “começo” ou eu vou ter que começar a vomitar por isso realmente ter se tornado real? Mas, claro, sem ofender. — Sua voz tem uma pitada de ironia ácida, exatamente como eu já poderia esperar vindo de Romeo.

— Rome — digo, firme. Nossos olhares se encaixam e eu solto. — Sou adotada.

O silêncio de confusão vem.

Pela primeira vez em muito tempo, Romeo parece surpreso.

— C-Como? — gagueja. — Quero dizer... o quê? O que diabos, Ryle? Adotada?!

Pelo menos um que não sabia de tudo.

Até onde sei, Romeo, Bennett e Andrew são os únicos que se salvam. Fora as crianças, creio eu.

— É isso que você ouviu.

— Fala sério. — Ele ri, mas eu não esboço nada. Seu sorriso morre por consequência. — Porra, Ryle. Que caralho? O que diabos houve?!

Não tenho muito estômago para contar tudo, então lhe entrego o celular que comprei mais cedo.

— Veja você mesmo em qualquer site de fofoca.

Romeo leva muitos minutos para ler tudo. Assisto o seu rosto contorcer de raiva a cada linha lida e, quando ele processa tudo, deixa o celular cair e me encara.

— Eu vou acabar com Bennett — sentencia com o olhar fervendo em pura raiva. — Como ele teve coragem de fazer isso? Todo mundo que fosse minimamente inteligente poderia entender que um dia você e Christian teriam alguma merda indecente — cospe e eu acabo rindo, em meio tanta dor.

— Romeo — repreendo.

— Mas que inferno, Ryle, é sério. É a porra de um caos. — Fica de pé, andando de um lado para o outro. — Por que diabos Christian não está aqui? Não me diga que...

Trocamos um olhar de entendimento.

— Sim — sussurro.

— Como?

— Tio Simon contou a ele em um almoço que tivemos há alguns meses.

— Merda...

— Estou perdida — confesso.

— Consigo ver isso. — Romeo retruca, se aproximando e segurando meu rosto. — Você me procurou para receber algum tipo de conselho milagroso. É claro que está perdida. — Sorrio mais uma vez, agora com Romeo. — Me conte tudo, por favor, e eu prometo que te ajudo a resolver isso, nem que seja para sugerir fugir do país e nunca mais olhar na cara de ninguém da nossa família.

— Tenho quase certeza de que você nunca sugeriria isso, Romeo.

Ele revira os olhos.

— Como não? Estou do outro lado do oceano forçadamente, é solitário. Ninguém teve pena de mim em momento algum, então posso dizer que, sim, eu fugiria nesse exato momento para algum país na América Latina sem peso na consciência e viveria tranquilamente sem dar nenhuma notícia. Eu poderia ir para o Brasil. O que acha?

— Você não está nem louco, Romeo. Ainda que até mesmo eu esteja cogitando um pouquinho essa ideia no momento, não podemos. Sem loucuras, por favor.

Sua gargalhada toma conta do amplo espaço e eu me deixo ir com ele.

Depois que a nossa risada morre, o ar complicado cresce entre nós dois mais uma vez. Eu pigarreio com dificuldade e começo a despejar tudo sobre

Christian e eu na sua frente. Cada detalhe necessário se derrama como vômito por meus lábios e, de repente, até me sinto mais leve. Nem com Gracie eu tive toda essa intimidade para falar sobre Christian e eu. Nunca dei tantos e agora dolorosos detalhes para ninguém.

Os minutos passam e depois de muitas lágrimas derramadas e abraços apertados, termino no último acontecimento.

Romeo parece mais pensativo do que o normal, então eu apenas espero, fungando e soluçando, enquanto ele me puxa para mais perto para me proporcionar um alento um tanto desconhecido entre nós.

— Por mais que eu esteja em um momento que não quero realmente saber da minha família, muito menos dos meus irmãos, acredito no que sempre vi. Christian sempre foi rendido por você, Ryle. É claro que as mentiras foram ruins, mas depois que você conseguir digerir tudo, vai certamente ver que, se alguém teve culpa desse segredo existir em primeiro lugar, foram os seus pais. A decisão era inteiramente deles. — Fito os seus olhos castanhos, tentando compreender do jeito que ele fez, mas ainda parece intragável demais para mim. — Não sei se eu te contaria se soubesse e estou sendo totalmente honesto.

— Por que vocês pensam assim? Por que não contar para mim?

Essa pergunta me atormenta.

Por que eles nunca contaram?

— Você é e sempre vai ser uma de nós. Sempre vai ser nossa família. O fato do seu sangue não ser o mesmo, não muda nada para mim. Entendo que isso tem um grande peso para você, mas para mim, você ainda é a minha tia Ryle. Não tão tia assim. É como uma prima. — Romeo suspira, tentando pescar as palavras certas para mim. — Sempre vai ser isso para todos nós, mas para Christian sempre foi diferente. O olhar dele sempre foi mais intenso, ele sempre falou com mais paixão sobre você, como se fosse algum ser sobrenatural e divino. Acredito que ele viveu um dilema com tudo isso nas suas costas. Christian é muito família, assim como você, e a nossa avó é importante para ele. — Isso é verdade. — Ele não mentiria para você, a não ser que realmente fosse preciso. Ele nunca mentiu, Ryle, não para você. — Uma pausa se sustenta. — Você deu chance para ele se explicar?

Minhas bochechas queimam, porque, não, eu não o fiz.

Ainda estou muito abalada com tudo.

Ainda não quero falar com eles.

Ainda estou tentando entender.

E, por fim, ainda preciso de espaço.

— Pouco. Quase nada. — Seu olhar se estreita, julgando-me. — Preciso de tempo longe de tudo. Preciso me entender, acima de tudo. Tudo que eu acreditei ser verdade por toda a vida, caiu em minha cabeça como um balde de água fria. Todo relacionamento impossível que eu acreditava estar

vivendo, se mostrou não tão impossível assim, mas por um motivo que eu gostaria que nunca fosse errado. Acredite, Romeo, eu preferiria viver algo visto como tabu, do que uma mentira quase perfeita.

Ele parece me entender.

— Isso está sendo mais difícil do que eu imaginava — resmunga, beijando a minha testa carinhosamente.

Sim.

Totalmente difícil.

Meu coração ainda tem as batidas mais erradas quando estou longe *dele* e isso é difícil, mas eu sei que preciso dessa distância pelo meu próprio bem.

Não sei como vou voltar a encarar a realidade, mas não estou com pressa até agora.

“Eu não sei o que é, mas você me prendeu. Ninguém se compara, nunca poderiam nem começar a me amar como você ama, e eu não iria querer que eles fizessem isso.”

NOBODY — SELENA GOMEZ

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Ryle se foi. Ela realmente foi embora para longe de todos nós. Minha cabeça ainda está latejando com a informação que acabei de ter, além da ressaca monstruosa em que me enfiei. Mas, sinceramente? Eu mereço. Os dois. A partida de Ryle para outro continente e a maldita ressaca. Minha mãe me encara com o seu olhar triste e cheio de dor, da minha dor, então eu entendo que não consigo mais esconder. Todo sofrimento que estou passando está estampado em minha cara e se torna ainda mais palpável quando abro a boca para lhe fazer uma pergunta.

— Mãe, pode comprar algumas garrafas de bebida para mim?!

Meu único desejo é de passar o dia deitado no sofá rodeado de garrafas de bebidas alcoólicas.

— Nada disso, Christian. Já chega com o álcool. Eu não vou deixar você se crucificar desse jeito na minha frente.

Meu pai entra na sala com duas canecas na mão, vindo em minha

direção sem nem piscar os olhos. Ele empurra o objeto para mim com líquido fumegante e eu me sento para segurá-lo, ou as chances de eu ganhar uma queimadura de terceiro grau, no mínimo, é muito grande.

— Toma isso e volte a vida, porque ela não para nem se você quiser — meu pai cantarola, sentando-se no sofá da frente. — Se você quer recuperar a mulher que ama, precisa de mais do que apenas se afundar em álcool e, acredite, eu sei bem do que estou falando. — Seu olhar encontra o da minha mãe por alguns instantes antes de voltar a me encarar. — Vai tomar ou o café vai virar chá gelado?

Reviro os olhos.

Meu pai sabe ser irritante quando ele quer.

Tomo um longo gole, arqueando a sobrancelha e soltando:

— Está satisfeito agora?

Ele sorri de lado, sempre contido demais.

— Totalmente.

Bufo, chateado com tudo e todos e principalmente com a notícia que acabei de tomar na minha cara no instante em que abri os olhos: Ryle está em Londres.

Balanço a minha cabeça, inconformado com a situação.

Eu deveria ter ido atrás dela.

Ryle poderia ter me escutado e agora ela estaria aqui.

Nós resolveríamos tudo.

— Que horas são, afinal? — pergunto, tentando despistá-los do assunto que realmente mina os meus pensamentos.

— Pouco depois das... sei lá... seis horas da noite? — meu pai retruca de volta, enquanto encaramos a minha mãe.

— Sete da noite, Christian — repreende a mim, já informando o horário.

Eu hibernei pelo visto.

— E chega de dormir — adiciona, chateada. — Entendo que está triste e sentido com as coisas, mas essa não é a postura certa para enfrentar um problema desse tamanho.

— Tudo bem — afirmo, porque nada do que eu diga vai adiantar. — Vou subir para tomar um banho. — Tomo o resto do café, sendo burro o suficiente porque desde a primeira vez senti essa porra queimar a minha boca. — Podem pedir uma pizza? — questiono, ficando de pé com dificuldade.

Minha mãe sorri, parecendo extremamente satisfeita.

— Vamos fazer a pizza — anuncia, sorridente.

— Ah não... — meu pai resmunga de volta.

Dou de ombros, deixando os dois para trás para discutir sobre fazer ou não fazer a pizza. Abandono a caneca de café no pé da escada, sabendo que Dona Pearl vai brigar comigo quando eu descer, mas não tenho ânimo para

absolutamente nada. Preciso apenas fingir enquanto os meus pais ficam, depois que eles forem embora, o que já está demorando demais, posso me afundar em mais álcool e lágrimas. Para toda crise de relacionamento, estabeleço isso como algo imprescindível.

Entro no meu quarto, batendo a porta e sentando na cama por alguns instantes antes de seguir para o banheiro. Se eu ao menos soubesse que tudo acabaria tão cedo, teria fugido com Ryle para algum lugar bem longe, onde notícia nenhuma alcançaria a nós dois. Mas assim como percebemos de repente que o amor sempre esteve ao nosso lado, a notícia também veio, cortante e seca. Foi apenas um baque, ou talvez um soco no estômago, ou mesmo, por fim, um acidente inesperado.

Trágico, mas real.

Mais real do que eu gostaria que fosse.

Nesse momento eu só queria estar sentindo o calor do seu corpo ao redor do meu, o sabor doce dos seus lábios e o sorriso fácil enquanto tenta fugir dos meus beijos. É doloroso. Estou em um estado decadente, onde tudo que penso é sobre Ryle.

O amor é realmente complicado e só agora eu me dou conta de coisas que sempre estiveram em mim. Droga... Ela era doce demais para ser proibida e eu já a desejava antes mesmo de saber sobre os segredos que nos rodeavam. Sempre a quis. O meu ciúme bobo, disfarçado com risadas para

amenizar as situações ao longo dos anos, sempre foi um indício que nem mesmo eu conseguia ver, mas que agora está muito claro.

Sempre foi ela e sempre vai ser, e isso é o que acaba doendo ainda mais.

Levanto, indo fazer o que eu preciso para tentar pensar em formas de alcançar Ryle nos próximos dias. Sei que não vai ser nada legal se eu viajar atrás dela, ainda que essa seja a minha única vontade desde que soube que ela voou para longe. Alguns telefonemas talvez, mas nada demais. Ryle precisa de tempo e eu estou disposto a dar o que ela quer.

Faço-me o grande favor de tomar banho, porque a essa hora já deve fazer um dia desde que tomei meu último banho. Não demoro muito, porque, de repente, quero ser distraído pela conversa boba dos meus pais. Se reclamei deles antes, agora que estou um pouquinho mais sóbrio, retiro absolutamente tudo que disse.

Meus pensamentos estão sendo os meus piores inimigos.

Finalizo o banho, me visto com moletom confortável e desço com Kurt no meu encalço.

Ainda bem que meus pais estão aqui, ou meu filho estaria jogado às traças comigo.

Quando alcanço o fim da escada, escuto as risadas a minha mãe, que provavelmente está se divertindo demais com a pizza e o meu pai. Ando na

direção do outro cômodo, pronto para me juntar a eles, quando a campainha de casa toca.

— Eu atendo — exclamo para eles, que concordam de volta.

Caminho até a porta e abro, dando de cara com olhos conhecidos. Porra... são os mesmos olhos da minha Ryle. A cor é a mesma, sem tirar, nem pôr, mas as emoções são diferentes. O olhar é completamente estranho. Sua mãe biológica me fita de baixo para cima e eu engulo a seco. Não quero ser grosso com a mulher, mas essa não é uma visita que eu gostaria de ter nesse momento ou talvez nunca. Mas nem tudo é como desejamos.

— Boa noite — digo, pigarreando logo em seguida.

— Boa noite — retruca. — Ryle está? — questiona, como se a sua presença fosse casual demais aqui na porta da minha casa.

— Não — afirmo, analisando o seu jeito superficialmente.

— Quando ela volta? — continua com as perguntas.

— Somos dois que não sabem, senhora — jogo de volta ironicamente.

— E esse não deveria ser o seu dever como namorado da minha filha?

Sorrio, tão incrédulo que mal consigo acreditar que essas palavras realmente saíram da boca dessa mulher.

— Você quer falar sobre deveres? — indago, cruzando os braços em frente ao meu corpo. — Então vamos falar sobre o seu maior dever? Que seria cuidar, proteger e amar a “sua filha”? Me poupe, senhora, sinceramente

não tenho tempo para escutar merdas como essa.

— Está reclamando de barriga cheia, garoto. Você teve a garota ao seu lado a vida inteira e vem falar sobre o meu dever. Se eu não tivesse faltado nisso, vocês nunca teriam se conhecido. — Seus olhos queimam em chamas vivas.

— A vida se encarregaria de cruzar os nossos caminhos, não venha com desculpas de merda para justificar um erro que você cometeu em primeiro lugar. Nada do que falar vai diminuir o peso da sua ação, o peso que é abandonar uma filha como se ela não significasse nada para você. — Paro por apenas um instante, estudando a pose pomposa que ela tem. O seu jeito é completamente diferente daquele que ela mostrou em frente às câmeras. — Não sei o que você deseja com Ryle, mas eu duvido muito que ela gostaria de vê-la em um momento como esse. Veio pedir desculpas? Acredite, eu estou errado pra caralho em muitas coisas, mas você parece ter o dobro de todo esse peso em cima de si. Expor a *sua filha* na televisão foi realmente o jeito mais legal que você achou de reaparecer na vida dela? Você não faz ideia do quão ridículo esse circo para cima de nós está sendo. Não faz nenhuma ideia de quem é Ryle Diann Sivan e depois do que fez, acredito que ela não vai querer saber tão cedo de algo sobre você, com todo respeito.

Seu olhar se afasta de mim e eu posso até me odiar por estar sendo tão duro, mas a verdade é que ela não ligou nem um pouco em ter ido em um

programa sensacionalista expor a privacidade de Ryle. Você pode até me fazer algum mal, eu aguento, mas não mexa com que eu amo, porque isso eu não consigo engolir de jeito nenhum, principalmente se for com a minha Ryles.

Puxando da bolsa de grife, que acabei de notar, ela me entrega uma carta. Pego contragosto e espero que fale mais alguma coisa.

— Entrega para ela. — Respira fundo. — Apenas isso garoto. Eu não vou voltar — completa, dando-me as costas e andando até um carro preto parado atrás do carro do meu pai.

Balanço a cabeça negativamente, não deixando-a de seguir com o olhar por nem mesmo um segundo.

— Quem era? — Minha mãe me puxa de volta à realidade quando pergunta atrás de mim.

Enfio a carta no bolso do meu moletom e viro, fechando a porta.

— Uma mulher estranha pedindo informação pelo bairro. Acho que se perdeu — digo, sem nenhuma cabeça para adentrar no assunto.

A mãe biológica de Ryle já causou muito problema desde a sua aparição repentina.

— A pizza está pronta? — pergunto, sentindo a minha barriga dar cambalhotas e roncar em seguida.

— No forno, mas o seu pai e eu preparamos a sobremesa também.

Podemos pular as fases se estiver com muita fome — diz, sorrindo de lado. — Tive desejo de algum doce de Oreo que vi em uma página de receitas online e resolvi tentar agora. Parece bom demais para ser verdade, só acredito provando. Quer atacar comigo?

— Depende de como for esse doce — brinco. — Mãe, sério, outro filho agora? — pergunto, finalmente absorvendo a notícia. — Você e o papai são... impossíveis.

— Foi como fazer as pazes — joga de volta, fazendo agora o meu estômago embrulhar.

— Muita informação, Sra. Sawyer. Esse é o tipo de coisa que você não fala na minha frente, só em algum livro contando a sua história e do papai, mas quem diabos seria louco o suficiente para escrever sobre todas as burradas do velho?

Ela ri, segurando-me pelo braço e me puxando para a cozinha.

— Ouvi você me chamando de velho — meu pai acusa assim que colocamos os pés no outro cômodo. — E não se preocupe, eu vou achar alguém louco ou louca o suficiente para escrever um livro sobre o grande quarterback Seth Sawyer e esse vai ser o melhor livro do mundo, porque o seu pai, Christian, é absolutamente lendário.

— Tudo bem, pai, já entendi que você se ama demais e é levemente narcisista como Romeo, ou Romeo é como você. Quando o seu livro estiver

vendendo por aí, quero um exemplar autografado, por favor.

Ele ri com a minha mãe e eu acabo rindo junto, porque somos todos meio doidos, mas nos entendemos.

De repente, exatamente como sempre acontece, lembro de Ryle, desejando profundamente que ela estivesse ao meu lado. Meu sorriso morre aos poucos, porque talvez é nisso que os meus dias se resumirão em sua ausência: sorrir por algo, me lembrar dela e de como gostaria que ela estivesse sorrindo comigo e morrer um pouquinho mais a cada instante de sua ausência. Sem ela o meu mundo perde totalmente a graça e a cor.

É, Ryle.

Você me ferrou para qualquer outra coisa ou pessoa que não seja você e eu nunca vou cansar de falar isso.

“A gravidade está trabalhando contra mim e a gravidade quer me trazer pra baixo.”

GRAVITY — JOHN MAYER

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Quase três semanas mais tarde...

— Você já está ficando louco na ausência dela, cara — Cameron comenta, como se isso fosse alguma novidade para mim.

Já faz bastante tempo desde que Ryle foi embora e que tudo explodiu para o mundo inteiro ter conhecimento. Se eu pudesse me resumir nesses últimos dias, resumiria como: deplorável. Só não estou pior porque desde que ela se foi, meus pais resolveram passar uma temporada na minha casa. Eles acham que eu não percebi, mas eles ficaram para manter os olhos em cima de mim e me proibir de fazer alguma loucura ou mesmo viver apenas de álcool como eu estava planejando inconscientemente.

Não falei com Ryle desde então.

Tentei ligar para ela por alguns pares de vezes, nada exagerado, mas não obtive resposta ou retorno. E só Deus sabe o quanto eu estava precisando disso.

Dar tempo ao tempo é a pior coisa que eu ouvi nos últimos dias.

Não estou mais aguentando dar tempo ao tempo.

Isso não existe mais no meu vocabulário.

Minha cabeça está podre e eu só consigo pensar em Ryle.

— Exatamente do jeito que eu imaginei que um dia ficaria — retruco, pegando a caixa de cereal do armário e colocando no balcão com a minha tigela e leite que já estão na espera.

Cameron e Gracie vieram me fazer uma visita enquanto os meus pais foram até Long Beach encontrar com os meus avós por parte de mãe. Pulei esse encontro, preferindo ficar no conforto do meu quarto, e sugestivamente os meus amigos vieram me ver, como se eu não soubesse que isso tem um dedo da minha mãe no meio.

Não reclamei.

É como eu venho pensando: estar sozinho é mais doloroso do que estar rodeado de gente.

— Vocês conseguiram falar com ela? — pergunto, fitando Gracie ansiosamente, porque se tem uma pessoa que Ryle provavelmente buscaria por ajuda ou conselhos, esse alguém é Gracie. — E diga a verdade, nada mais que a verdade — completo como se estivéssemos em um tribunal.

Ela sorri de lado, parecendo culpada.

— Ontem à noite nos falamos brevemente.

Recebo a notícia como um tiro no peito.

Finalmente alguém, depois da minha avó e Sculler, ainda nos primeiros dias, teve contato com Ryle após tanto tempo.

Sinto inveja de Gracie.

Passa por minha cabeça tentar implorar para que ela ligue agora mesmo para Ryle, porque talvez ela possa atender e assim eu posso ouvir a sua voz, mas isso é patético demais até mesmo para mim.

Engulo o meu impulso e pigarreio, despejando cereal na minha tigela cheia de leite.

— Ela está bem? — questiono, tentando ser o mais vago possível, mas qualquer pessoa minimamente inteligente consegue perceber o quão ansioso eu demonstro estar.

— Na medida do possível, sim. Ela tem saído para não definir como você e encontra com Romeo aos fins de semana. Acho que o seu pai ligou para lá e conseguiu a liberação de Romeo por mais dias do que deveria, afinal, daqui a pouco são três semanas da Ryle fora de casa.

Concordo com um aceno.

Como não pensei nisso, não é?

E por que diabos meus pais não falaram nada?

Quero dizer, eu até imagino, já que a maioria do tempo, quando não estou treinando e nas aulas, eles estão no meu pé, minha mãe tentando enfiar

o máximo de comida na minha boca e meu pai vigiando para eu não sair no meio da noite para encher a cara.

Fiquei um pouco autodestrutivo desde que ela se foi? Sim, mas eles também não precisam exagerar desse jeito.

— Poderia imaginar que Ryle procuraria Romeo. Ela sempre o ajudou nos piores momentos, espero que ele esteja ajudando-a agora também. — Dou de ombros, colocando a caixa de cereal no mármore frio e sentando em frente ao balcão, enquanto os dois me encaram do outro lado. — O que foi? — pergunto, já que o olhar deles é bem sugestivo.

— Você já tentou falar com ela? — Gracie pergunta e eu aceno positivamente. — Claro... — Suspira.

— Só acho que você tem que ir atrás dela — Cameron sugere, ganhando um olhar atravessado da sua namorada. — O quê? É melhor ele ir e voltar a jogar bem, do que ficar aqui e não conseguir acertar uma cesta sequer. Nossos jogos importantes estão logo aqui. Ou vamos para NBL, ou não vamos para NBL, e tudo depende de Christian. — Meu amigo pigarreia. — Eu amo Ryle também. Ela é uma das minhas melhores amigas e é a garota do meu melhor amigo. Sinto falta dela. Mas eu acredito que ela não ia querer que nos fodêssemos em jogos que traçam o nosso futuro. Ela sempre foi a sua maior fã, Christian, sempre sentiu orgulho. Leve isso em consideração.

Isso é um fato.

Ryle sempre foi a minha fã número um.

Lembro de quando eu fui disputar o meu primeiro campeonato de basquete, ainda criança. Minha mãe tinha acabado de ter Romeo e eu estava muito ansioso para a sua presença lá quando ela acabou dizendo que não poderia ir, mas que o tio Simon transmitiria para ela em uma chamada de vídeo. Não era a mesma coisa. Desanimei completamente.

Até que ela apareceu lá, com o rosto pintado com as cores da nossa escola formando o meu nome em um arco em sua testa. Ryle parecia uma líder de torcida, mas, na verdade, ela apenas se arrumou toda apenas para torcer por mim.

“Acho os olhos azuis vivos que tanto gosto no meio da multidão de garotos no vestiário. A minha avó está com tio Sculler e Ben nos braços, enquanto a garota se aproxima toda envergonhada no meio dos garotos. Me apresso quando escuto as risadas divertidas, mas não tem nada de divertido nisso.

Ryle está linda, como sempre, isso reconforta o meu coração e faz ele ficar quentinho.

Acredito que se alguns dos meus amigos me ouvirem falando isso de uma garota, ririam, principalmente se ela for Ryle, a minha tia Ryle.

— Oi, Chris — diz, sorrindo amplamente.

Meu coração acelera.

Sou tomado por uma felicidade que nunca senti antes.

— Você está linda — sussurro, sorrindo de volta, só que mais contido.

— O que tem escrito aí? — digo, tentando ler tudo que está escrito com tinta em seu rosto. — Christian. Fã #1. Sério?

Ela acena positivamente, fazendo meu sorriso duplicar de tamanho.

— Eu vim torcer pra você e é bom que saiba que eu sou a sua fã número um. Para sempre.

Esqueço de tudo que estava me fazendo ficar triste e despontado. Entendo que a minha mãe não pode vir por ter tido Romeo dois dias atrás e que o papai está viajando a negócios. Ryle está aqui e mudou tudo. Não sabia que a sua presença seria tão importante até vê-la desse jeito, toda arrumada e animada para torcer por mim. Isso mudou tudo.

O jogo mudou.

Ela está aqui.

Isso é o que importa.

— Obrigada, Ryles. Você é perfeita.

Ela sorri, envergonhada.

O treinador entra no vestiário e eu assisto minha melhor amiga deixá-lo com o resto da nossa família. Agora sim o jogo começou, e ainda começou antes de entrarmos na quadra.

— Era a Ryle? — Cam, meu melhor amigo, pergunta. — Ela está toda

fofa — completa e nós rimos.

— Ela veio torcer por mim. Apenas por mim — retruco, orgulhoso pra caramba.

Depois precisamos tirar uma foto juntos, mas só quando o jogo terminar.”

— O treino vai render mais hoje — digo, depois de me puxar de dentro das memórias felizes, porém, agora, muito dolorosas. — Ela vai ter orgulho de mim, mesmo que não esteja aqui para ver. — Encaro Cameron e ele finalmente parece se animar. — E nós vamos entrar nessa porra de NBL. O melhor time vai nos querer, Cam, e depois, só vamos comemorar.

A parte da comemoração é meio mentira.

Depois do dever cumprido, quero voltar para casa e descansar.

Apesar de tudo, não posso deixar meu melhor amigo na mão. Treinamos juntos a vida toda para esse momento e seria extremamente egoísta da minha parte fazer o meu pior dentro da quadra, quando sempre fomos os melhores, principalmente juntos.

— Esse é o meu garoto! — exclama, levantando os braços para cima em comemoração e pulando do seu banco.

Cam vem me beijar e eu apenas reviro os olhos, enquanto Gracie ri da cena completa.

— Eu te odeio — resmungo para ele.

— E eu te amo, loirinho lindo.

Bufo, voltando a comer o meu cereal e pensando nela como sempre.

Eu sou um idiota rendido.



Estou cansado. Cem por cento cansado. Não tem um centímetro do meu corpo que não esteja doendo nesse exato momento.

O treino foi cansativo.

Depois de avisar os meus pais — que chegaram um pouco depois em casa — que eu estava indo treinar com o time, entramos no ginásio da UCLA com muito fôlego e vontade de dar o nosso melhor. O treinador finalmente parou de reclamar dos meus “arremessos de merda”, como ele mesmo estava dizendo, e pareceu retomar seu plano A, que sou eu como capitão do time. Sim, ele cogitou a ideia de me colocar no banco.

Treinamos por mais de cinco horas.

É por isso que agora eu estou um caco.

Sinto como se um caminhão tivesse passado por cima de mim, mas essa sensação é completamente satisfatória, porque mostra que realmente rendemos no treino.

— Eu vou deixar as minhas coisas no quarto e já volto para jantarmos — grito para a minha mãe, que está na cozinha com meu pai fazendo barulho

demais.

— Ok, meu amor. Estamos esperando — exclama de volta.

— Quero pizza! — retruco por fim, ainda no mesmo tom.

Subo para o meu quarto, fazendo o caminho mais estranho do mundo, porque, sim, ainda é estranho chegar em casa e não ter Ryle comigo, na minha frente ou ao meu lado, enquanto subimos para o *nosso* quarto.

Deixo minha mochila na cama, pescando meu celular do bolso do meu jeans e fazendo algo que já é rotina. Sempre lhe faço uma ligação no começo da noite. Apenas uma. Ryle nunca atendeu. A linha do seu telefone do hotel parece sempre estar ocupada e eu aposto que ela apenas tirou o aparelho do gancho para não ser perturbada.

Mas, dessa vez a ligação chama e Ryle atende.

Meu coração erra uma batida por apenas um milésimo de segundo, o mesmo espaço de tempo que levo para escutar a respiração suave da minha garota do outro lado da linha. Finalmente ela me atendeu. Precisava urgentemente ter a chance de explicar o meu lado para Ryle, ainda que ela provavelmente ainda não queira me ouvir. Tentar nunca matou ninguém e não vai ser agora que eu vou morrer por tentar.

— Babe — sussurro, porque essa é a única coisa que vem à minha cabeça.

Me sinto entorpecido de tantos sentimentos misturados, que todo o meu

corpo esquenta apenas com a sensação de que Ryle está logo ali me escutando, está ali comigo.

Seu silêncio prevalece entre nós dois.

— Sinto muito por tudo — continuo, pigarreando e lutando contra o nó que tenta agarrar em minha garganta. — Sei que já poderia esperar escutar isso de mim, mas é a verdade. Desde que tomei conhecimento de tudo, meu coração se partiu por toda a situação. Sempre desejei ser eu no seu lugar, sempre desejei que acontecesse comigo e não com você, mas as coisas são como são e eu infelizmente não pude controlar nada disso.

— Por que você mentiu para mim? Por que escondeu a verdade de mim? Algo tão importante que você sabia que me afetaria quando viesse à tona, Christian... só me diga... diga o motivo.

Sua voz me pega desprevenido.

Eu não estava esperando que ela falasse comigo.

Eu não estava esperando que doesse tanto, porque agora a falta que Ryle faz é massacrante.

E ela também está sofrendo. Sei ler e decifrar Ryle como mais ninguém e posso afirmar com toda certeza que a minha garota está sofrendo com isso tudo mais do que qualquer outra pessoa em nossa família. Mais do que eu mesmo.

— Isso passou por minha cabeça tantas vezes — confesso. — Fiquei a

um passo de te contar por inúmeras vezes, mas no final de tudo, sempre estive no dilema de ser algo que pertencia aos seus pais para ser contado. Eles deviam ter te contado desde o início, deviam essa verdade para você como pessoas que te criaram, deram nome e sobrenome. Eles, Ryle, eles deviam ter feito isso. Ainda assim, foi agonizante saber disso e guardar esse segredo nos últimos meses, até mesmo piorá-lo com uma doença inexistente para a minha mãe. — Paro de falar por um instante, perguntando-me se ela está acreditando em minhas palavras. — Me sinto envergonhado por ter participado de tudo isso, amor, sinceramente. Se eu pudesse voltar atrás, voltaria e contaria tudo para você assim que o tio Simon me revelou a verdade, com ou sem permissão dos seus pais. Tentei respeitar o tempo deles ao máximo, mas foi tempo demais para algo que não poderia esperar. Esse foi o meu erro e eu peço perdão por ele.

O silêncio mais uma vez prevalece entre nós dois.

Inferno.

— Ryle...

— Tudo bem, Christian — sussurra. — Compreendo você e os seus motivos, mas eu continuo precisando desse momento para mim. Quando for a hora de voltar, eu voltarei, mas, por enquanto, só quero ficar o máximo de tempo sozinha, tentando entender quem eu realmente sou, porque de uma hora para outra é como se eu não me conhecesse mais.

É.

Não vai ser hoje.

— Entendo — resmungo de volta, engolindo toda vontade que tenho de implorar para que Ryle volte para nossa casa. — Quando for a hora, eu vou estar aqui. Sempre vou estar. — Faço mais uma pausa, preparado para desligar, mas deixo escapar. — Sinto sua falta. Sinto sua falta como nunca senti antes. E eu preciso de você, babe.

Mais silêncio.

Silêncio seguido de uma dor insuportável.

Um segundo antes de afastar o aparelho do ouvido, escuto:

— Sinto sua falta também.

Não tenho tempo de falar mais absolutamente nada, porque Ryle desliga e dá espaço para o vazio que volta a me preencher juntamente com a falta que ela faz.

Ela também sente a minha falta.

Suas palavras latejam em minha cabeça e em meu coração.

Porra, Ryle, você vai acabar me destruindo se não voltar logo.

“Toda vez que nos falamos, cada palavra nos trouxe até este momento e eu tenho que me convencer de que não o quero, mesmo sabendo que quero.”

BACK TO YOU — SELENA GOMEZ

RYLE DIANN SIVAN

“— Como você está? — A voz preocupada da minha melhor amiga chama a minha atenção completamente, já que Romeo já está dormindo ao meu lado. — Por Deus, Ryle, eu tentei tanto falar com você, estava quase deixando Cameron louco atrás de um número para entrar em contato com você.

— Isso é verdade — meu amigo exclama de mais longe. — E eu o consegui com Christian!

Minhas mãos trêmulas demonstram o quanto estou nervosa de falar com Gracie, mesmo a conhecendo por praticamente toda vida. Tudo que aconteceu me deixou sem jeito em muitas coisas e situações, e falar com meus amigos é uma dessas. Não sei por qual motivo eu estou sentindo vergonha, mas sinto. Talvez seja por ter feito o maior papel de idiota de todos os tempos. E, droga, simples menção do nome dele já faz o meu coração disparar de um jeito muito estúpido, como se o mesmo me

aquecesse.

— Ei, vocês dois — sussurro, pigarreando e buscando a força em minha voz. — Estou indo...

— Quero a verdade, garota, não um discurso ensaiado — minha melhor amiga afirma duramente, tirando uma risada sem graça minha.

É verdade.

Ensaiei isso por muitos e muitos dias.

Eu não planejei atender nenhuma ligação, mas caso acontecesse, como está acontecendo agora, queria estar pronta para enfrentar quem quer que fosse. Por minha sorte, a primeira que tocou através do meu quarto de hotel foi a da minha melhor amiga. Era exatamente dela que eu estava precisando.

— Você sabe como é... ou não... — Nós duas rimos de um jeito meio triste. — Tenho saído durante os dias da semana para ver a cidade, às vezes tomar um café na esquina e andar por aí. Prefiro isso a ficar dentro do quarto do hotel definhando como uma idiota.

— Isso é bom — resmunga.

— Romeo fica comigo aos fins de semana e isso tem me ajudado consideravelmente. Quem um dia duvidou do meu garoto, não faz ideia do bem que ele está me fazendo.

Isso motivo para mais uma risada nossa.

Sim, definitivamente todo mundo duvidaria disso.

— Fico feliz que ele esteja aí por você, Ryle.

— Ele é emburradinho, mas adorável. Acho que meu irm... Seth, pediu a liberação dele mais flexível durante essas semanas. O internato de Romeo parece um filme de terror, segundo ele.

— Romeo é dramático demais. — Posso imaginar Gracie revirando os olhos em divertimento. — Mas liguei para saber de você, meu amor. Me conta tudo, por favor...

— O geral é apenas isso, Gracie... estou tentando lidar comigo mesma. Está sendo difícil lidar com certos pensamentos intrusivos, desgastantes e sombrios, mas na maioria do tempo, consigo encontrar um ponto mínimo de equilíbrio. — Faço uma pausa breve, porque prefiro tirar a atenção de mim. — E as coisas por aí? Como estão?

Ela suspira audivelmente.

— Difíceis. — Ela parece tentar procurar as palavras certas. — Christian está em um momento complicado. O rendimento no curso e no basquete está um completo desastre. Jogos importantes estão se aproximando e ele não faz ou acerta uma cesta sequer. — Fico sem nem saber como respirar direito. — Ele está destruído com a sua falta, Ryle, e é claro que Chris teve sua parcela de culpa em tudo, mas é inferior se levar em consideração às outras pessoas. Ele não fez por mal, ele realmente quis te contar, só não sabia como e, ainda assim, tentou respeitar o tempo que seus

pais pediam...

— Meus pais... — sussurro, sentindo a dor se alastrar do meu peito para cada parte do meu corpo. — Espero que ele consiga sair dessa. Christian tem um futuro brilhante no basquete e eu não quero ser a causa do fracasso dele. — Gracie resmunga algo inaudível. — Cam deve ir logo falar com ele e mostrar as razões para ele continuar. Faça o mesmo. Por favor.

E lá está a minha preocupação exacerbada com os outros.

— Cam vai fazer isso. Ninguém mais suporta o desânimo de Christian. Concordo com um barulho estranho na garganta e pigarreio.

Ainda o amo, mas eu sinceramente não quero saber da sua dor, porque isso me machuca consideravelmente mais.

— Preciso ir agora, Gracie. Obrigada pela conversa.

— Me liga caso precise de algo — diz e eu estou a apenas um pequeno passo de finalizar nossa ligação. — Ah, e Ryle, atenda-o. Christian deseja desesperadamente falar com você.

E é exatamente assim que me dou por vencida em meu silêncio.”

Às vezes parece que eu estou indo longe demais. Estou caminhando para três semanas que estou longe de “casa”. Minha casa agora se resume a um quarto de hotel e a única família com quem tenho contato, é Romeo. Desde o primeiro dia que nos encontramos, até hoje, outra sexta-feira que ele já está vindo me encontrar para ficar comigo por todo fim de semana, Rome

tem me ajudado muito. Para a surpresa de qualquer um, ele tem me dado conselhos ótimos e que eu estou prestes a segui-los, só preciso de mais um pouco de tempo com ele e seu falatório bobo incansável que me faz ficar bem.

Não está sendo fácil.

Os dias têm sido mais escuros do que nunca vivenciei. A minha cabeça constantemente me sabotava com pensamentos nada saudáveis, que questionam até mesmo se eu realmente sou tão importante para essas pessoas quanto elas alegam. A verdade é que doeu saber de tudo. Doeu ter que absorver o meu maior pesadelo e ter tantas suposições maldosas em minha cabeça.

Não ajudei a mim mesma.

Os piores pensamentos tomaram conta da minha mente durante as duas últimas semanas e eu posso dizer com certeza que só agora eu estou melhorando, mas ainda com tantos questionamentos que me deixam fraca.

Outra coisa que me deixa fraca é Christian e o fato de que depois de muito tempo, nos falamos pela primeira vez, após eu finalmente escutar a minha melhor amiga e dar espaço para o meu coração falar mais alto novamente. A sensação de estar estilhaçada nunca foi tão real, porque ela me assolou assim que ele me chamou de “*babe*”. Não sei qual é a sensação de ter o seu coração na mão de outra pessoa e tê-la apertando-o com muita força, mas acredito que se assemelhou muito ao que senti quando escutei a sua voz.

A falta que ele faz ainda é muito sufocadora.

Estou chegando a um ponto que não consigo mais aguentar, ainda que eu tente, principalmente porque Romeo realmente me ajudou a abrir aos olhos quanto a toda situação. Entendo que Christian errou, lhe confrontei sobre o seu erro na ligação e, apesar de eu ter falado que ainda preciso de tempo, a necessidade que tenho dele ainda me parte no meio em finas tiras que talvez eu seja incapaz de colar de volta enquanto estamos longe.

Romeo me tira dos meus pensamentos quando aparece pela sala do meu “apartamento”. Ele sorri de lado discretamente, enquanto vai jogando seu sobretudo grosso no sofá ao lado.

Suítes presidenciais têm suas vantagens.

— Sentiu a minha falta? — pergunta, fechando a distância entre nós e me tirando do chão em um abraço de urso.

Gargalho, sendo inundada pelo seu cheiro agradável.

— Você sabe que sim — afirmo, beijando a sua bochecha em um estalo.

— Nem se dissesse que não eu acreditaria. — Romeo me coloca no chão, enquanto nós dois nos encaminhamos para a cozinha. — O que tanto fez na minha ausência? — indaga, paciente como sempre.

— Diga você primeiro — peço, porque eu me sinto um pouco cansada de ser o centro das atenções. — Como está na escola?

Romeo ri, pegando uma maçã na geladeira e se virando para mim.

— Eu não chamaria aquilo de escola, querida — resmunga, mordendo a fruta e me deixando à espera de mais. — Mas você pode imaginar toda a minha felicidade em estar lá. — Nos encaramos em silêncio. — Ha-ha-ha... — Finge uma risada irônica até que nós gargalhamos sinceramente.

— Você é um idiota — brinco e ele pisca para mim.

— Eu sei disso. — Romeo puxa uma respiração longa e exagerada. — Estou nos meus nervos com uma garota ruiva e o ano letivo dessa porcaria mal começou, Ryle, e eu não sou a porra de um imbecil que nunca viu esses filmes bobos. Sim. Eu vi. Com você e Noah, inclusive. Sei onde isso termina. Mas, então, ela é frustrante e tem um namorado ridículo. Acredite, eu sei que sou um idiota, mas não sou um idiota ridículo. — Ele parece a um ponto de explodir. — Eles tiram sarro do meu colega de quarto pela cor dele... — Arregalo os olhos. — Sim, garota. Em que ano vivemos mesmo?

— Nossa. Isso é um absurdo — digo, me sentindo ultrajada sem nem mesmo ter vivido nenhuma dessas situações que Romeo está me contando. Ele parecia realmente ter muito a dizer. — Isso deveria ser denunciado, não tratado como caso de bullying ou sei lá o quê. Racismo é crime.

— É, eu sei, Ryle, mas lá é complicado e se ele não quiser abrir a boca para relatar o que está acontecendo, eu não posso fazer muito — afirma contragosto. — Contudo, sempre estou por perto e parece que lá eu já estou

tendo um pouco de moral, o que ajuda a espantar os imundos racista. No final de tudo, essa merda vai acabar, você vai ver só.

Aceno positivamente.

— E a garota? — pergunto, curiosa.

Ele revira os olhos.

— Com todo respeito do mundo, ela é uma cadelinha do idiota racista. Não sei o que ela tem na cabeça. Talvez seja igual a ele ou sei lá o que, Ryle. O que fode tudo é que sempre que estou perto demais dela, fico fascinado. Me sinto um completo otário. Mais uma vez sendo otário.

Arqueio a sobrancelha.

— Não vai mesmo me contar sobre a famosa Ab...

— Não — Romeo me corta, sério. — Nem uma palavra sequer.

Levanto as mãos em sinal de rendição e ele parece ficar mais aliviado.

— Quando vai voltar para casa? — indaga, trocando de assunto sutilmente.

— Ainda estou pensando sobre tudo, mas acho que em breve. Próxima semana, talvez. Estou incerta, mas logo eu decido. Que tal me ajudar com isso? — questiono, tentando soar divertida, mas não estou tão divertida assim com a situação.

— Eu já gastei todos os meus neurônios com você, Ryle, não acredito que ainda tem coragem de me pedir mais ajuda — diz, soando incrédulo, mas

sei que é brincadeira sua. — Próxima semana está ótimo. Christian já deve estar sem água no corpo de tanto chorar por você. Me preocupo com os dois, você e ele, então é melhor resolver isso tudo de uma vez por todas.

Reviro os olhos.

— Tudo bem. Próxima semana.

E é assim que eu decido que é certo voltar.

Continuo machucada e triste com toda situação, mas eu já tive tempo demais para pensar nas coisas.

A única dúvida que ainda nubla os meus pensamentos é: *será que aquela mulher vai querer me ver?*



Três dias mais tarde...

Abraço Romeo apertado, beijando o seu rosto copiosamente e tentando engolir as minhas lágrimas já existentes. À essa altura do campeonato eu nem sei mais como eu ainda tenho lágrimas para chorar. Pensei que toda a minha cota já tinha sido completamente gasta durante as três últimas semanas que se passaram, mas nada é realmente do jeito que pensamos. Mais uma para a minha conta.

Voltar para “casa” está sendo estranho.

Gostaria de poder dizer que eu já entendi e compreendi completamente a mim mesma. Eu deveria ter feito isso enquanto estive fora e longe de todas as pessoas que poderiam me influenciar diretamente, mas, não, ainda não tenho certeza nem de um por cento da minha vida. Tudo que fiz durante todo esse tempo, foi me questionar sobre coisas que nem mesmo eu entendia direito — e continuo sem entender — e sofrer por tudo que aconteceu.

Entretanto, Romeo tentou de tudo para me ajudar.

Ele foi importante.

Deus, como eu poderia agradecer a Romeo por toda a força que ele me deu? É quase cômico e, em outras circunstâncias, eu nem mesmo acreditaria que isso algum dia chegaria a acontecer. Não por Romeo em si, mas por mim. Não poderia me imaginar em um fundo de poço tão fundo quanto esse que me meti. Essa é a verdade. Mas, que sorte a minha ter recorrido à pessoa que todos duvidariam da capacidade, porém, não eu.

É exatamente por isso que estou beijando o seu rosto, enquanto tento me controlar nas lágrimas.

Droga, estou acabada, para ser minimamente sincera.

— Esse não é o fim do mundo, Ryle — diz, divertido, mas claramente preocupado com meu estado emocional. — Nunca te vi chorar tanto.

“Nem eu”, penso comigo mesma.

A verdade é que, além de toda gratidão à Romeo que começa a passar

por minha mente, sinto-me apreensiva por estar indo de volta para Los Angeles. Meu coração está comprimido em um aperto desconfortável, enquanto todas as piores coisas começam a encher minha cabeça com as mais puras abobrinhas. Sinto-me incerta e até mesmo errada em absolutamente tudo. Não sei ao certo o que vou fazer quando chegar lá, quem eu vou procurar, por onde realmente começar. A ansiedade é um bichinho invisível que parece estar se divertindo demais em ter o meu cérebro como refeição principal do dia. Por outro lado, estou quase desesperada. O medo é de me fazer gelar.

— Não sei se já estou pronta — digo, finalmente sendo o mais sincera possível.

Romeo me fita com o seu olhar preocupado e atencioso.

— Não deixe esse medo de voltar para Los Angeles te devorar. Você é uma das pessoas mais fortes que eu conheço e é claro que é capaz de encarar todos aqueles traidores com a maior pose de fodona do mundo — diz, atraindo um olhar mais estreito meu. — Não adianta me olhar assim, babe, você sabe que eles foram traidores. — Continuo da mesma forma até Rome revirar os olhos. — Pelo menos os mais velhos, podemos concordar? — Nisso eu realmente concordo. — Então apenas vá e se faça um favor de encará-los como se não tivesse derramado nenhuma lágrima. Enfrente cada um deles e faça o que o seu coração mandar. Mas, apenas não se esqueça que,

acima de tudo e qualquer coisa, nós ainda somos a sua família e o sangue segue sendo apenas um detalhe.

“*O sangue segue sendo apenas um detalhe*”, tento mentalizar isso como um mantra, porque vou precisar muito dessa boa vontade quando eu os enfrentar para tentar entender o motivo de tantas mentiras por tantos anos.

— Tudo bem — afirmo, apertando um pouco mais ao redor do seu pescoço. — Eu te amo, garoto. Nunca poderei te agradecer o suficiente por tudo que fez por mim nessas últimas semanas — sussurro ao pé do seu ouvido. — Sem você, eu estaria mais perdida do que gostaria.

— Fiz o que você faria por mim, Ryle. Então, não. Nem precisa me agradecer por nada. É bom saber que alguém nessa família confia em mim para qualquer coisa, mesmo que seja para eu tentar dar o mínimo de apoio possível.

Afasto nossos corpos o suficiente para fitar seu rosto por mais um momento.

— Sempre vou confiar em você, até mesmo de olhos fechados e em cima de uma corda de *slackline*.

Romeo gargalha, tirando minha própria gargalhada em meio tantas lágrimas. Deposito mais um beijo demorado em sua bochecha e termino de nos afastar totalmente depois que ele beija a minha testa. Meu garoto está

entregue de volta ao internato depois do nosso último fim de semana juntos. De longe avisto uma garota ruiva nos encarando e quando Romeo acha o meu olhar, sua gargalhada morre, dando lugar a um sorriso meio confuso.

— É uma das suas fãs? — questiono, tentando alongar nossa despedida.

— É aquela garota meio doida e muda — retruca e eu reviro os olhos para a sua descrição.

— Se ela é doida, isso faz de você o quê por querê-la?

— Um “doido mor”? — retruca de relance, mas me encara assim que percebe o que falou. — Quem disse que eu quero a garota doida e muda?

Sorrio maliciosamente.

— Você, Sr. “Doido Mor”.

— Ainda bem que você já está indo embora — cantarola sem nem mesmo um pinga de remorso, atraindo o meu olhar mais torto para si mesmo.

— Romeo! — exclamo um pouco incrédula com sua brincadeira.

Ele ri, voltando a parecer divertido.

— Você mereceu — replica ainda sem nenhuma pena da “pobre Ryle” que me tornei. — Agora é sério, linda. Estou indo e você, faça uma boa viagem.

Suspiro, porque não tenho mais o que prorrogar, ou posso até mesmo

perder o meu voo, o que vai ser um desperdício bizarro de dinheiro, porque a minha passagem de última hora foi, mais uma vez, cara pra caramba.

— Eu te amo. Fique bem. Qualquer coisa, faça sinal de fumaça e eu virei correndo te socorrer.

Rome sorri como um príncipe.

— Digo o mesmo, mas que isso demore um pouco a acontecer. Preciso me recuperar depois de você ter comido meus dois últimos neurônios que ainda estavam brigando entre si por motivo algum. — Que idiota... e eu sorrio dessa idiotice. — Eu te amo, Ryle.

Sim, eu o abraço uma última vez bem forte e lhe dou um último beijo — é sério. Romeo se afasta para voltar ao que ele chama de “prisão escolar” e eu recuo até o táxi que me espera. Meu coração aperta com a imagem do meu menino indo para longe, mas eu sei que, assim como tenho os meus problemas, Romeo também tem os seus, e por mais que eu queira muito e esteja disposta a ajudá-lo, parece que não é da minha ajuda que ele precisa. Entendo, compreendo e aceito isso, ainda que doa um pouco lá no fundo.

O taxista faz o seu caminho para longe, enquanto eu simplesmente começo a deixar Londres para trás e pensar sobre tudo que Los Angeles tem à minha espera. Um combo de muitas emoções, decepções e amor descontrolado. Ainda não estou decidida sobre quem vou procurar para

conversar assim que chegar à cidade, mas tenho certeza que quando colocar os meus pés naquele lugar novamente, me decidirei de uma vez por todas.

Enquanto o meu caminho de volta apenas começa, afundo um pouco mais em mim mesma e aproveito todo esse tempo para tentar me reconhecer pela última vez no meio dessa bagunça e montanha-russa emocional das últimas semanas.

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Nunca estive tão focado no basquete como nos últimos dias. A falta que Ryle me faz acabou despertando um lado meu que quer preencher todos os momentos dos meus dias para quando chegar em casa apenas jantar com os meus pais e capotar na cama. Sem horas extras para pensamentos inoportunos que continuam a drenar todo lado bom dentro de mim. Isso tem me ajudado muito a fazer com que os dias passem mais rápido. Evito de contá-los, inclusive.

No treino da sexta, Jack, o treinador, avisou que nosso primeiro grande jogo seria hoje, segunda. Sim, tão breve assim. Olheiros de muitos times foram convidados, até porque a fama do time de basquete universitário da UCLA não é pequena. Somos escolhidos à dedo desde os campeonatos escolares. Você entra no time por uma constância da vida toda, não de apenas um verão. É por isso que eu sou o capitão. É por isso que o treinador insistiu em mim até nos meus piores dias. E é por isso que eu sei que tenho que dar o

meu melhor e ser o mais profissional possível, mesmo com o meu emocional abalado.

Nenhum time vai querer um jogador que mistura as coisas desastrosamente e tem um desempenho ruim na quadra porque teve problemas em casa.

Levanto da cama, esticando os meus braços e coçando os meus olhos copiosamente, tentando me acordar de vez. Saio do quarto me encaminhando para a cozinha que já tem o som familiar da voz da Sra. Sawyer ecoando por todos os cantos. Os meus dias têm se resumido a isso. É bom ter os meus pais por perto. Acho que eles não fazem ideia do quanto estão me ajudando. Na verdade, eles até devem fazer, mas nunca vão ter dimensão do que isso significa para mim.

Começo a estranhar o tom de voz impassível da minha mãe, o que me dá certeza de que ela não está falando com o meu pai a cada passo que me aproximo do outro cômodo. Nos últimos dias eles têm estado mais felizes do que nunca, principalmente acerca do bebê que vem por aí. Meu pai tem feito tudo ao seu alcance para não irritar a minha mãe e é isso que me leva a pensar que tem mais pessoas em minha casa do que eu realmente gostaria. Quando estou cruzando a porta, meu corpo inteiro leva uma descarga de tensão instantânea.

Bennett e Andrew estão sentados lado a lado em frente a ilha da

cozinha. Minha mãe anda de um lado para o outro, vociferando na direção dos dois, enquanto meu pai observa do seu canto com minha caixa de cereal nas mãos. Enrijeço diante a imagem, sentindo uma onda de raiva perpassar por minha pele, me picando como uma cobra venenosa da pior espécie.

— O que esses dois estão fazendo aqui? — pergunto entredentes, mostrando todo meu descontentamento de cara.

Não sou de fingir aparências, principalmente para pessoas que conheço. Não vai ser agora que vou fingir algo na frente desses idiotas que não são nem um pouco bem-vindos na minha casa.

— Um minuto, Christian — minha mãe repreende. — Ainda não consigo acreditar que fizeram isso. O homem diz que foi apenas você — aponta para Bennett —, mas tudo que Bennett faz, Andrew vai atrás. — Ela coloca as mãos na cintura, fitando a dupla de cabeça baixa. — Estou profundamente decepcionada com toda exposição desnecessária. Por causa de vocês dois, a coisa ficou feia. Mais do que deveria. Foi egoísta, mesquinho e muito, muito, muito infantil e imaturo. Meu desapontamento é ainda maior com você, Andrew, porque eu pensei que tinha te ensinado bem sobre a família sempre proteger a família.

— Sinto muito, mãe — sussurra. Ele me fita, mas eu não tenho o mesmo coração mole que a minha mãe. Como ela disse, tudo que Bennet faz, Andrew vai atrás e vice-versa. — Sinto muito, Christian. Não fazíamos ideia

sobre a adoção, apenas perdemos a cabeça com todo lance proibido e...

— De verdade. Se soubéssemos de algo, não teria surtado daquele jeito — Bennett completa. — Sinto muito. Por tudo.

— Não quero desculpas, nem nenhum “eu sinto muito”. Acredito sobre o lance de não saberem da adoção, até porque eu mesmo não sabia até poucos meses atrás, mas espero que tenham aprendido sobre “não meter o nariz em um assunto que não depende da sua decisão”. Proibido ou não, Ryle e eu estávamos juntos e vocês planejaram destruir isso do jeito mais baixo. Foi de embrulhar o estômago. Vocês me fizeram sentir doente com tudo. — Engulo a seco, sentindo meu peito doer. — Vai demorar um pouco para engolir toda essa nojeira que fizeram...

— Tem mais uma coisa — Andrew me interrompe.

— Fala sério — meu pai resmunga, incrédulo. — Estou me mantendo quieto o máximo que consigo, porque se eu me meter nessa porra...

— *Amor* — minha mãe corta sua fala, se aproximando dele.

Sim, meu pai tomaria medidas drásticas.

Esse é o mínimo que posso dizer e imaginar.

— Hudson nos convenceu a fazer isso — Bennett finalmente solta. — Sei que parece ruim e eu não imagino como ele já sabia sobre tudo, mas no momento não estávamos pensando tanto sobre isso. — Ele me encara, os olhos enchendo de lágrimas. — Ryle nunca mais vai querer olhar na minha

cara por tudo isso e dói pra caralho, mas você merece a verdade e, eventualmente, quando ela voltar, vou contar pessoalmente. — Uma pausa longa se sucede enquanto continuo tentando digerir a nova e ainda pior informação. — Estou preocupado com a segurança de Ryle e é por isso que viemos falar todo resto. Dependendo do tanto que Hudson sabe e do tamanho da sua obsessão, acredito que ele seja uma ameaça para a minha irmã.

Sinto um misto de raiva irromper da boca do meu estômago até a minha cabeça, esquentando tudo pelo caminho. Sem nem mesmo conseguir me conter, desfiro um soco pesado no armário mais perto que tenho acesso em minha cozinha. Incredulidade é absolutamente tudo que eu consigo sentir assim que Bennett cala a porra da boca.

Meus dedos ardem e minhas narinas expandem, enquanto respiro como um animal. É mais forte do que eu mesmo conseguiria controlar. Minha mãe grita para mim quando estou prestes a desferir mais um soco no armário de madeira, que certamente dessa vez não receberia tão bem quanto o primeiro, mas o meu pai se apressa para me segurar. Com sua força, que talvez ainda seja maior que a minha, ele me imobiliza com os braços para trás e rosto prensado contra a madeira fria.

— Se eu pudesse, matava vocês dois por terem se deixado persuadir e enganar pelo obcecado do Hudson! — esbravejo, totalmente fora de mim.

Hudson é um lunático obcecado por Ryle.

Como eles puderam dar ouvidos a toda merda desse cara?

Isso é pior do que traição.

Esperaria essa atitude de qualquer um, menos de Bennett e Andrew, ainda que estivessem insatisfeitos com Ryle e eu juntos.

— Tenho plena consciência que passamos dos limites ao entrar no jogo dele, mas entenda, estávamos... — meu irmão tenta falar e eu tento me soltar do meu pai, assim eu posso dar uns bons socos na cara do imbecil.

— Não tem consciência de nada, caralho! — cuspo de volta, com a ira queimando por minhas cordas vocais. — Se vocês dois tivessem consciência, não teriam participado e dado munição para o imbecil do Hudson. — É inacreditável. — Pai, me solta! — exclamo, irritado ao extremo.

— Se você prometer não socar as coisas e isso inclui seu irmão, eu solto — grunhe no pé do meu ouvido. — Sua mãe está grávida, caralho. Olha bem o estado dela.

Respiro fundo, deslizando o olhar para a minha mãe. Seus olhos castanhos claro estão marejados, enquanto ela se segura na pia com o susto estampado em seu rosto. Imediatamente eu sinto por ter agido desse jeito, afinal, não queria assustá-la e nem lhe dar preocupação, mas Bennett e Andrew parecem só tornar ainda mais difícil o que já está fodido.

— Não vou surtar mais — rosno de volta no mesmo tom.

A vontade é grande, mas eu vou respeitar os meus pais, principalmente

a minha mãe.

Meu pai me solta e eu endireito meu corpo. Os meus punhos cerrados coçam para achar algo no caminho, mas eu tiro toda a minha boa vontade do bolso e respiro profundamente para me controlar.

— Precisamos resolver isso — afirmo diretamente ao meu pai.

O que mais me preocupa além de ter Ryle longe, é ela estar sem seguranças e com um cara louco e obcecado querendo vigiar até mesmo a sua sombra. Não quero dar sorte ao azar. Nós precisamos fazer algo o mais rápido possível e, só assim, terei algum resquício de paz para me agarrar firme.

— Hudson é totalmente obcecado por Ryle. Nós precisamos de alguém para rastrear e seguir os passos dele e, principalmente, precisamos de seguranças para Ryle enquanto o idiota não toma jeito e aceita que ela não gosta dele.

Meu pai assente, puxando o celular do bolso e pegando a caixa de cereal que estava em suas mãos antes de vir para cima de mim.

— Qual a probabilidade de ele ter armado tudo isso, incluindo o aparecimento da mãe biológica de Ryle? — Andrew pergunta, pensativo.

Não tenho muito o que pensar.

Foi ele.

Cada pedaço dessa merda foi armado por Hudson. Isso não isenta a

culpa da dupla de idiotas que temos na família, porque eu ainda estou odiando-os pra caralho e querendo ter um encontro entre meus punhos e seus rostos, mas pelo menos agora sabemos com o que nos preocupar.

Hudson é uma ameaça real, mais do que foi algum dia.

— Bom dia para virem contar essa merda que já poderia ter sido resolvida — anuncio ironicamente com a cabeça fervilhando das piores coisas possíveis. — Meu primeiro jogo importante da temporada e vocês colocam uma bomba relógio na mesa de café da manhã. Já agradei vocês o suficiente por existirem? — Sim, veneno escorre pelos cantos da minha boca.

— Não se preocupe com isso — meu pai sentencia. — Ryle vai estar devidamente protegida e você vai ter o seu treino matinal e se concentrar para ser o jogador mais importante da UCLA na quadra essa noite.

Respiro mais calmo.

Sem saber, eu precisava disso.

Precisava da segurança que meu pai me passa.

— Isso mesmo — minha mãe concorda, parecendo um pouco mais calma. — E quanto a vocês dois: essa conversa ainda não acabou.

Passo minhas mãos por meu rosto, ignorando as suas presenças e me sentando para tomar um café bem forte. Só isso para me acordar nesse momento. Além de tudo, ainda preciso lidar com a vontade urgente que sinto em ligar para Ryle.

É.

Não está sendo nada muito fácil para mim.



Dizer que não fiquei abalado depois da visita de Bennett e Andrew é uma mentira enorme. Após a confissão de todos os detalhes de “seu lado” da história, percebi ainda mais o quão doente mental Hudson é. A obsessão dele por Ryle já me dava calafrios, mas ao ponto que chegou é praticamente patética a forma como eu me sinto mal e preocupado. Meus pensamentos grudam em Ryle pelo resto do dia, mas eu faço como meu pai sugeriu. Meu treino de anos precisa valer à pena. Ainda mais, Ryle disse que ainda não estava pronta para voltar, então ela deve estar mais protegida em Londres do que aqui.

Treinei pelo resto da manhã e começo da tarde com Cameron. Nos encontramos na quadra da UCLA perto das oito da manhã e mal trocamos uma palavra. A tensão de termos um jogo tão importante praticamente nas palmas de nossas mãos nos deixou assim. A ansiedade nos fez ficar quietos e focar nos nossos arremessos e jogadas ensaiadas.

Nosso trabalho de uma vida toda finalmente vai ser visto e julgado pelos figurões da área.

Tudo ou nada.

E nós estamos apostando tudo.

Não posso me decepcionar e muito menos decepcionar quem tanto espera de mim e, poderia me arriscar a dizer, que isso também inclui Ryle. Eventualmente ela vai estar de volta e eu sinceramente quero ter algo de bom que fiz para lhe contar. Não quero que pareça que fiquei pelos cantos choramingando dia após dia em sua ausência, ainda que tudo isso seja a mais pura verdade. Não só choramingo, como choro toda vez que lembro dela. Esse é um efeito colateral de estar completamente apaixonado e entregue a um amor.

— Você precisa de mais alguma coisa? — minha mãe pergunta assim que termino de enfiar meu tênis na minha mochila de treino.

— Não, mãe. Já coloquei tudo que preciso — afirmo, parando na sua frente e mexendo meu corpo animado.

Desde que Ryle se foi, essa é a primeira vez que me encontro genuinamente animado para algo. Já é noite e falta pouco mais de uma hora e meia para o início do jogo. Cheguei em casa há algumas horas, me alimentei e descansei um pouco antes de tomar mais um banho e receber uma mensagem atenciosa do meu treinador exigindo a minha presença na UCLA. É nosso ritual, então antes mesmo que ele mandasse algo, já estava com meio caminho andado.

— Tudo bem — diz, segurando meu rosto. — Estou nervosa, mas vai

dar tudo certo. Você é o melhor jogador de basquete do mundo, meu amor, e tudo que precisa fazer é entrar na quadra e mostrar para todos o que é capaz de fazer.

Meu pai entra, juntando-se a minha mãe.

— *Quando um Wyatt-Sawyer está no jogo...*

— *...esse jogo já foi ganho* — meu pai completa.

Sorrimos juntos, os três, e eu fico mais tranquilo e controlado.

— Esperarei vocês lá. Seus assentos são perto do nosso banco de reservas — aviso, puxando uma respiração funda. — Obrigado pelo apoio. Se eu não tivesse vocês dois como pais, teria que inventá-los.

Minha mãe sorri já com os olhos cheios de lágrimas.

— Hormônios de mulher grávida — ela comenta, soluçando.

Até parece que isso é verdade.

Dou um beijo em sua testa, ainda sorrindo do seu jeito emotivo, e abraço o meu pai. Pego as minhas coisas e me despeço deles mais uma vez, descendo e saindo de casa para entrar em meu carro e partir para o meu destino. Ligo o rádio em uma estação qualquer, deixando-me levar por todo caminho pela sensação dilacerante de que Ryle está logo aqui, ao meu lado, onde ela sempre esteve em todos os meus momentos mais importantes.

Em dado momento coloco minha mão sobre o banco do passageiro, como se isso fosse me dar algum conforto. Nem de perto, nem de longe.

Somente piorou toda a dor que eu venho tentando abafar há semanas. E é exatamente nesse momento que a minha cabeça e meu coração se enchem das boas memórias que nós dois já tivemos.

“— Vamos logo, Chris! — ela exclama animada, sorrindo de orelha a orelha.

Ryle está parada em frente ao meu Jeep com o melhor sorriso e pose que poderia ter. As mãos na cintura e o pé batendo copiosamente no chão, como se estivesse acompanhando alguma música, mostram todo o seu nervosismo quanto ao jogo que terei em poucos minutos.

Estou tecnicamente atrasado porque fiquei treinando com Cameron até perdermos o horário e, em cima da hora, recebi uma ligação de Ryle para ir buscá-la. Depois de tudo, ainda tive que voltar em casa para pegar a minha mochila que esqueci. Sentia que tudo estava dando errado, mas bastou olhá-la por um instante, enquanto batia a porta de casa, que esse sentimento escapou por entre os meus dedos e eu tive certeza que daria tudo certo.

— Calma, menina — exclamo, sorrindo com ela e correndo ao seu encontro.

Entramos apressados no carro, enquanto deixo a minha mochila no banco de trás e dou a partida para o nosso caminho que deve ser feito em tempo recorde. Só de lembrar que, sim, a minha bolsa estudantil depende um pouco do meu bom desempenho no basquete, nervosismo volta a querer

tomar conta dos meus sentidos. Depende porque eu quero fazer parte do time da UCLA. Eu sei que esse vai ser o meu passo mais promissor para jogar nos grandes times da NBL e, se Deus quiser, chegar algum dia aos Lakers, meu time do coração.

— Pode ficar mais calmo desde já — Ryle cantarola ao meu lado, colocando a sua mão sobre a minha, que está na marcha do carro. — Você é o melhor jogador de basquete que eu já vi jogar, é claro que vai ter um jogo incrível.

— Babe... — sussurro, tentando a virar meu rosto para encará-la. — Você não assiste a tantos jogos de basquete assim...

Ryle ri, divertida, e eu também.

É claro que eu sou o melhor para ela. Ela mal assiste aos jogos.

— Nem se eu assistisse acharia alguém melhor do que você — afirma, soando orgulhosa pra caralho. — E eu venho te assistindo desde que começou a jogar. Seu progresso no basquete é admirável. Você é incrível dentro de quadra e não tem qualquer pessoa no mundo que possa falar o contrário para mim.

Alívio percorre em meu corpo inteiro.

Sim, isso é verdade. Ryle nunca deixou de comparecer a nenhum dos meus jogos. Ela está sempre lá, gritando o meu nome até ficar rouca, vibrando a cada ponto, a cada cesta certa que faço. Quando é de três

pontos então, ela só falta entrar na quadra para me abraçar. Se ela não é a minha fã número um, então eu sinceramente não sei quem é.

— Os caras da UCLA estarão lá. É nosso último ano e eu preciso ser o melhor e dar o meu melhor para conquistar meu passe direto para o time da universidade. Vai ser a minha principal oportunidade para chegar na NBL.

Paro no sinal vermelho, virando para fitar o seu rosto e achando-a ali com o sorriso que tem poder de acalmar os meus nervos totalmente.

— Você já conseguiu isso, Christian. Acredite em mim. — Seus olhos azuis me transportam para um lugar de paz. Ryle sempre vai ser o meu canal mais perto do céu. — Só entra lá e se diverte. Eu vou estar torcendo para você a cada passe. Não esqueça disso.

Sim.

Precisava escutar isso dela.

— Eu te amo, Ryles. — Praticamente respiro o seu nome.

— Eu te amo, meu jogador preferido de basquete.

Nós rimos e eu continuo nosso caminho me sentindo o bastardo mais sortudo do mundo por ter alguém como Ryle em minha vida. Desejo por tê-la ao meu lado em todos os meus jogos mais importantes, porque as coisas só fazem sentido para mim quando estou ao seu lado.”

Alívio me consome quando estaciono o meu carro já estrategicamente para quando o jogo terminar. Meus pensamentos e memórias não estavam

sendo muito gentis comigo. Definitivamente não. Balanço a cabeça, jogando a tortura para longe e focando no que preciso. Sei muito bem que esse lugar vai estar o verdadeiro inferno essa noite, então eu agradeço mentalmente aos céus por pegar o melhor lugar para sair daqui sem muita demora. É claro que isso só vai acontecer depois de muitos minutos à espera de algum contato importante no vestiário após o jogo, mas eu gosto de ser um cara prevenido.

No mesmo instante em que saio, Cam estaciona ao meu lado. Ele acompanha o meu passo correndo atrás de mim, enquanto deposita uns tapas animados em minhas costas.

— Algumas horas, porra! — exclama, elétrico.

Sorrio de lado.

— Algumas horas e nós teremos contratos milionários — completo.

Ele sorri de volta.

— Porra, que Deus escute você ou qualquer outra força divina que esteja disposta a nos abençoar essa noite.

— Sim, Ele vai escutar — concluo, dando espaço para o silêncio confortável entre nós dois, porque de agora em diante vai ser assim.

Poucas palavras e mais conexão.

Cameron é o meu homem de apoio e eu o seu, então precisamos que essa conexão esteja mais forte do que nunca.

Essa noite é nossa.

“Somos apenas dois fantasmas no lugar de você e eu tentando nos lembrar de como é sentir o coração bater.”

TWO GHOSTS — HARRY STYLES

RYLE DIANN SIVAN

A sensação que enche o meu coração assim que coloco os pés no chão de Los Angeles pela primeira vez depois que parti, é... *diferente*. Sim, é muito mais diferente do que imaginava que seria. Por um instante, perto de aterrizarmos, quis voltar para Londres imediatamente. Foi quase como se eu estivesse embarcando em uma crise de pânico sem volta. Completamente angustiante e forte. Mas então eu tive tempo de me recuperar antes de pousarmos e, a partir de então, a calmaria tomou conta de mim.

Mesmo que tudo ainda esteja estranho, a emoção de estar em casa é incomparável. Depois de Long Beach, não tem nenhum outro lugar do mundo que me passe essa carga emotiva, se não Los Angeles. Colocar os pés aqui novamente me traz esse abraço de pertencimento que eu precisava para engolir tudo que preciso e ir falar com as pessoas que tenho assuntos pendentes, começando por *ele*.

Já dentro do táxi, o percurso dura uma eternidade que eu gostaria que nunca existisse, para ser honesta comigo mesma. Não queria que absolutamente nada disso tivesse existido ou acontecido, mas eu tive bastante tempo para conversar comigo mesma e amadurecer a ideia de que... sim... sou adotada e esse não vai ser o fim do mundo para mim. Nunca poderia ser o fim do mundo. A única coisa que ainda me incomoda profundamente, é a mentira absurda que fizeram acerca de toda a minha história. Isso deixa qualquer pessoa triste e insegura e não seria diferente comigo só porque a minha “família” é rica.

Quando o homem finalmente estaciona em frente a casa que sempre tomei como “lar” desde que saí da casa dos meus pais, minha respiração dispara e as mãos tremem ao passo que pago o taxista sem nem mesmo esperar pelo troco. Ele me chama, mas eu o ignoro, enquanto as minhas pernas me levam cegamente até a porta de entrada.

O iminente aperto no coração acontece de repente, quase me deixando sem ar. Eu não sei de onde recolho força e coragem, mas aperto a campainha uma única vez, esperando que ele apareça logo e acabe com a minha agonia. Mas é óbvio que nada é fácil demais na minha vida, não depois de tudo que vem acontecendo.

A demora me deixa agoniada.

A cada milésimo de segundo que passa, a cada intervalo entre uma

respiração e outra minha, sinto meu corpo convulsionar por dentro em pura agonia e antecipação.

Quando começo a perceber que estou como uma estátua em frente a casa e não há sinal de ninguém, já se passaram quase cinco minutos.

Bom, por essa eu não estava esperando.

Sento-me no batente da escada de três degraus da entrada e puxo meu celular da bolsa. A única coisa que me acompanhou durante a viagem foi esse objeto salvador. As minhas roupas novas ficaram em Londres, afinal, não precisaria delas nesse calor. Pelo menos indiquei para o gerente do hotel que doasse para alguma instituição. Não era nada demais, mas provavelmente vai ajudar alguém.

Baixo o aplicativo mais popular do momento — a febre entre os jovens que adoram expor suas vidas perfeitas em fotografias — e assim que consigo entrar na rede social, que andei evitando completamente desde que tudo aconteceu, decido enviar uma mensagem para Gracie, porque ela provavelmente continua mexendo muito nessa coisa. Acredito que Christian não esteja em casa e, levando em consideração a minha última conversa com a minha melhor amiga e a demora, é bem provável que o loiro esteja em um jogo nesse exato momento.

Após digitar a minha breve mensagem para Gracie, envio.

“Estou em LA. Sabe me dizer onde Christian está? Ele não atende ao meu chamado.

Ryle”

Poucos segundos se passam até que minha melhor amiga responda.

“Jogo importante de basquete. Começa em dez minutos. Vem?”

Estou morrendo de saudades, garota!

Gracie”

Exatamente como eu imaginei.

Não é bem o que eu queria fazer agora, principalmente no meio de tantas pessoas, mas eu também não quero ficar plantada em frente da casa à espera de Christian que só deve voltar tarde da noite. Quanto mais cedo nos falarmos, melhor. Por outro lado, também não quero atrapalhar o seu jogo. Então eu decido que vou, mas ficarei de longe, enquanto meu coração torce por ele como já é de lei entre nós dois.

Consigo pegar um táxi quando chego à avenida principal e logo que lhe passo meu destino, ele me leva para onde eu desejo estar. Minha cabeça fica tão cheia de pensamentos, que mal aprecio a paisagem ensolarada de Los Angeles que tanto senti falta. Amo o frio de Londres, mas nada é como o dia quente e escaldante de LA.

Começo a pensar em todas as coisas que tenho e preciso falar para Christian, mas nada parece bom ou certo demais. Não consigo ensaiar uma sentença sequer, o que me deixa muito frustrada, e quanto mais perto percebo que estou da UCLA, mais desesperada eu fico. Decido abandonar a minha tortura mental e me concentrar no resto do caminho pelos próximos dois minutos. É isso ou eu vou acabar me jogando do carro com a esperança de

morrer atropelada.

Bufo com a minha idiotice.

Esse é um lado que eu definitivamente não conhecia em mim mesma.

Enquanto os coqueiros tradicionais e marcantes da cidade já praticamente em seu pôr-do-sol vão passando por mim, inspiro o ar não tão fresco assim, mas que me agrada muito.

Para toda a minha infelicidade, chegamos ao destino e eu não poderia estar mais assustada.

A UCLA está lotada.

Sinto como se tivesse acabado de chegar a um estádio e, acredite, eu tive muita experiência nisso desde pequena. Parece um dos jogos decisivos de times rivais de algum tipo de campeonato. É bizarro, mas eu fico levemente feliz. Pelo menos a grande maioria está aqui para torcer pelo time da Universidade da Califórnia e, também, por Christian.

Querendo ou não, o seu nome tem peso.

Os Wyatt-Sawyer são mundialmente conhecidos, mas, principalmente, são conhecidos o dobro dentro do país. Mesmo tentando sucesso em um esporte diferente, Christian carrega toda bagagem que é fazer de uma família com grandes nomes do esporte nacional.

Deixo esses pontos escaparem da minha cabeça e concentro em pagar o taxista. Encaro o seu boné e então ofereço:

— Cinquenta dólares por esse boné.

Seu olhar surpreso recai sobre mim pelo espelho retrovisor.

— A senhorita é algum tipo de celebridade e eu já estou velho demais para perceber essas coisas ou o quê?

Quase sorrio da sua pergunta, mas o barulho ensurdecedor vindo do ginásio me acorda de volta para a realidade.

— Filha de celebridade. — Dou de ombros. — Sabe como é... — brinco.

Ele ri, entregando-me o boné gentilmente.

— É por conta da casa — afirma. — Só me dê um autógrafo na próxima corrida — conclui.

“Se ao menos fôssemos nos encontrar de novo”, penso, finalmente divertida com algo.

— Fechado.

Aceno para o homem uma última vez quando saio e bato a porta do carro.

Faço meu caminho apressado em meio a multidão de pessoas ainda aglomeradas para entrar no ginásio, preocupada se vou conseguir pelo menos um mero lugar em pé.

Não tenho mais nem mesmo esperanças quando esbarro e quase tropeço em uma figura alta e musculosa. Quando ele vira para trás, com um

saco de pipoca e chocolate em uma mão e refrigerante na outra, dou de cara com meu irmão... ou melhor, com Seth.

— Ryle? — indaga com os olhos praticamente arregalados.

— Eu... — digo, dando de ombros e sem muita animação.

Queria muito passar despercebida, mas o cara lá em cima parece não gostar de mim.

— Você veio ver o jogo também? Espera, pensei que estivesse em Londres. Até mesmo contratei uma empresa de seguranças com quem já trabalhei para...

Como?

— Seguranças?

Ele pigarreia.

O barulho da música animada e, em seguida, anunciando que os times já vão entrar, nos pegam em cheio.

Não tem como conversar assim, mas a palavra “seguranças” não foge da minha cabeça.

— Quer ajuda para entrar? — ele praticamente grita.

— Seguirei você — faço o mesmo de volta.

Seth concorda e nós continuamos o percurso até a entrada principal.

Por todo caminho as pessoas ajudam Seth a passar com mais facilidade, tirando suas fotos rapidamente e favorecendo a celebridade. Eu não reclamo,

porque se não fosse por ele, não chegaria tão longe, mas é meio injusto.

Quando conseguimos entrar e ter a visão completa do lugar, deixo Seth se afastar, já que ele não olha para trás para checar se eu continuo com ele, e vou me esgueirando para o lugar mais discreto que consigo me enfiar.

As luzes abaixam e, enquanto os tons de azuis começam a se espalhar pelo mar de pessoas em flashes de celular, sinto seus gritos perfurarem meus tímpanos lentamente. Nossos garotos, os ursos pardos da UCLA, ou como são chamados em campeonatos e mais conhecidos, “Bruins”, começam a entrar enquanto uma música excitante toca nos alto falantes. O mascote lidera o caminho, como sempre, mas logo eles estão ali.

Ele está ali.

Por um momento, lembro porque eu voltei.

Christian está aqui.

Ele esteve esperando e me dando tempo por todas essas semanas, exatamente como eu pedi. Mas ele continuou aqui. E, quando os holofotes grudam neles e especialmente no jovem loiro, alto e musculoso, com cachos de anjinho bagunçados e rosto pintado em azul, branco e amarelo, sei que jamais seria capaz de viver longe de Christian.

Por isso me afastei.

Só de olhar para ele, já tenho vontade de correr e me jogar em seus braços para nunca mais soltar. É o tipo de amor que toma conta de cada um

dos meus sentidos e me transforma em uma tola e ingênua garota apaixonada.

A entrada deles é triunfal.

Sinto o orgulho de sempre me encher e fazer transbordar, enquanto as lágrimas quase ameaçam escapar por meus olhos.

Continuo precisando controlar meu lado emotivo, mas disso ninguém precisa saber.

O outro time é da UNLV, os Rebels, da Universidade de Nevada, em Las Vegas. A partir desse momento, classifico-os como time azul e time vermelho, e o meu coração com cem por cento de certeza está no time azul.

Depois que as luzes acendem e tudo volta ao normal, com o *show* ficando de lado e dando lugar para o que realmente interessa, os reservas tomam seus lugares nos bancos e os titulares começam a se posicionar. Isso mostra que eu perdi até mesmo o aquecimento. O meu olhar sinceramente não consegue se afastar de Christian. Já uniformizado como deve ser, ele se comporta como o dono do pedaço. Além de ser o capitão e ter que esbanjar esse ar, estamos jogando em casa. Os Rebels são os visitantes, não nós.

O primeiro tempo começa a rolar e multidão vai à loucura novamente.

A posse de bola inicial é dos Bruins.

De tanto assistir os jogos de Christian desde que ele entrou aqui, já sei mais ou menos como funciona. Diferente da NBA, em que os tempos são divididos em quatro de doze minutos, em campeonatos universitários os

tempos são divididos em dois de vinte minutos. É uma agonia, eu devo dizer. Preferiria quatro de doze do que dois de vinte, porque eles teriam mais tempo para pensar e administrar o jogo, porém isso é algo que os garotos naturalmente já fazem, por isso tento apenas relaxar o máximo possível e assistir à partida.

Os minutos começam a passar entre cestas, contra-ataques e uma “performance” bem discreta de Christian. E, no mesmo instante em que penso isso, Cameron rouba a bola em uma jogada absurdamente brilhante. Ele avança com velocidade para a área dos Rebels, enquanto Christian o segue fora da área. Com a mesma rapidez, os outros se recompõe, dando a única escolha para Cameron de passar para Christian. Ele recebe a bola e pula, arremessando fora da área diretamente dentro do aro. Depois de duas cestas perdidas, ele faz o seu primeiro ponto da partida, uma cesta de três pontos que levanta todos os seus fãs de carteirinha das cadeiras e leva todos à pura loucura. Eu me incluo nisso.

Meu coração bate forte em meu peito durante os próximos minutos em que Christian parece lentamente acordar para o jogo. Me dói vê-lo perdido em seu habitat natural. Sei o quão importante tudo isso é para ele e assisti-lo abaixo da sua própria média me entristece, porque sei que grande parte disso é por conta do nosso afastamento.

Os primeiros vinte minutos corre com rapidez e eu finalmente sou

capaz de respirar outra vez. No intervalo as líderes de torcida e mascotes de ambos os times promovem o entretenimento, enquanto de longe tento localizar o loiro conversar com o time e o seu treinador. Quando acho, o mais velho não parece estar nada feliz. O treinador dos garotos sempre foi muito... *intenso*. Eu não o julgo. Se eu estivesse em seu lugar, gritaria com eles também. Mas em um jogo como esse é bom acalmar os ânimos, mesmo que, checando o placar, eles estejam perdendo de trinta e cinco à vinte e seis.

Como se fosse ensaiado — e eu não duvido que tenha sido —, a torcida começa entoar o sobrenome de Christian como um mantra ou mesmo uma música. Eu o assisto correr os olhos pela multidão, esquecendo completamente do seu treinador e dando atenção para as pessoas que clamam por ele.

É bonito.

É importante.

Sinto vontade de eternizar isso em minha mente e meu coração.

Mas, quando seu olhar me acha, mesmo meio escondida em no boné do taxista e enrolada em meu casaco bem londrino, nosso mundo para.

Moraria dentro do olhar que ele me dá.

É quente e frio.

Me leva do céu ao inferno.

E, sim, eu iria para qualquer maldito lugar com ele.

Quando ele tenta dar o seu primeiro passo, Cameron coloca a mão em seu peito, parando-o em seu lugar. Sei que seu melhor amigo também me achou, mas eu ainda tenho olhos somente para Christian. Não tenho como desviar ou me soltar das correntes invisíveis em que ele me prende. Mas eu preciso.

Quando é mais do que podemos aguentar, o sinal ensurdecador soa pelo grande ginásio, apontando que o segundo tempo vai começar imediatamente.

Era o que eu precisava.

Agora ele sabe que eu estou aqui.

Não tenho mais como fugir, nem se eu quisesse, o que não é o caso.

Todos voltam a se posicionar e, quando o segundo tempo está a apenas um instante do seu início, Christian me acha pela segunda vez.

Odeio como ele faz eu sentir como se estivesse em casa, mas é esse sentimento que entranha em minha pele quando ele dedica para mim a sua atenção antes de mergulhar no jogo outra vez.

— Boa sorte — sibilo silenciosamente, apenas os lábios se movendo.

Por um curto segundo vejo a sombra de um sorriso em sua boca, mas o jogo recomeça e Christian se dedica totalmente.

É outro jogo.

Desde o primeiro passe, depois de uma cesta de dois pontos dos Rebels, Christian, Cameron e os outros garotos pincelam outro jogo na nossa frente.

Arrepio quando o vejo fazer uma das assistências mais bonitas de todo o jogo para Cameron, que não desperdiça a jogada.

A sintonia de Christian e Cameron é algo surreal.

Não tem nada mais bonito do que ver esses dois orquestrarem toda a partida com ajuda dos seus companheiros de time para levar os Bruins à vitória. E é tudo isso que eles proporcionam no segundo tempo, mas os Rebels não aguentam tudo sem fazer nada. É tudo muito disputado. Enquanto os Bruins acertam uma cesta de três pontos, eles fazem o mesmo. Só que, sim, os garotos conseguem encostar na pontuação e já perto do fim do jogo, o treinador pede uma parada técnica para apenas nos torturar um pouco mais nos últimos dois minutos finais.

Os Rebels continuam na frente por cinco estúpidos pontos.

É como se o meu cérebro fosse cozinhar a qualquer instante para tentar imaginar o que o treinador está tentando fazer para nos dar a vitória.

E lá vem o seu olhar.

Christian me busca e me acha, e lá vamos nós de novo.

O tempo é mais rápido dessa vez e tortura mais também.

Ele toma um gole de água e todos volta a se posicionar.

A posse de bola continua com os Bruins e é vez da tal jogada deles, creio eu. Sinto como se estivesse em uma cena de filme, porque tudo é perfeito demais. Christian lidera, levantando a mão esquerda com dois

números. Ele vira o rosto para me encarar, mas tudo acontece rápido demais e me atinge como um soco no estômago.

É o dia em que ele me pediu em namoro e eu disse sim.

Esse é o número da sua jogada e ele nem precisa dizer nada, explicar nada, porque está literalmente estampado em seu rosto.

O apito agudo do juiz atravessa o ar e Christian concentra outra vez, dando início aos últimos dois minutos. Se antes eu tive alguma dúvida, agora eu só tenho certezas. Preciso falar com esse homem o mais rápido possível, preciso estar com ele urgentemente.

Não tenho tempo para entender nada, porque quando Christian se afasta, deixando a bola com o seu colega de time, que arremessaria de volta para ele, um jogador dos Rebels o acerta de um jeito não muito amigável. É uma falta, óbvia e clara, e ela embrulha o meu estômago. Eu não consigo mais aguentar a tensão e ansiedade para ter logo o resultado.

O ambiente começa a me sufocar aos poucos e eu tento aguentar firme para terminar de assistir o seu jogo, só que eu só vou piorando.

— Ryle — alguém me chama, tirando toda a minha atenção do que se passa dentro da quadra.

É Hudson.

Como diabos ele me achou aqui?

Sério? No meio de toda essa multidão?

— Hudson? Ah, oi. — Sou curta e especialmente grossa e posso dizer com certeza que não sinto nenhum remorso sobre isso.

— Tentei falar com você durante todas essas semanas — diz. O apito do jogo atrapalha a sua voz e a minha atenção para com ele, porque só quero olhar para Christian. — Ryle! — exclama, parecendo irritado e atraindo meu olhar de novo.

Quero matá-lo por estar me fazendo perder a porra do jogo.

— Inferno, Hudson, o que é?

— Sua mãe veio me procurar.

É aí que ele me prende.

Não fisicamente, mas toda a minha atenção se torna refém dessas simples palavras que ele usa para me atrair.

— Cassie? — sussurro.

— Não, a sua mãe biológica — explica.

— Ela foi te procurar? Como ela foi te procurar? — pergunto, franzindo o cenho em pura confusão.

A multidão vibra e eu o amaldiçoo novamente por me fazer perder o momento dos Bruins.

— Ela foi na UCLA atrás de você e nós esbarramos — ele explica mais uma vez. — A mulher está aí fora, ela veio comigo. Não fazia ideia de que estaria aqui, mas parece que o destino se encarrega de tudo, não é? —

questiona, sorrindo nada, absolutamente nada, agradável.

Mas eu engulo porque eu quero.

Eu engulo por *ela*.

Eu preciso saber mais *dela*.

— Ela quer me ver? — Minha voz é só um fio.

Nunca imaginei que seria tão rápido e fácil assim. Nunca imaginei que ela realmente estaria tão disposta quanto mostrou na televisão. E, sim, nunca imaginei que ela sinceramente gostaria de ter algum contato comigo.

Eu tenho tantas perguntas e tanto remorso e simplesmente não consigo evitar quando Hudson segura o meu braço e me guia entre a multidão.

O apito final parece soar, enquanto todos explodem em pura felicidade.
Os Bruins ganharam.

Basta eu olhar para trás, que ele já está me encarando.

Mas eu não fico.

Continuo indo e seguindo o caminho que vai me levar até ela.

Eu preciso fazer isso e Christian vai entender, porque logo vamos nos ver.

Nós continuamos nos espremendo entre as pessoas e Hudson nunca solta o meu braço. Isso me incomoda profundamente, mas eu não recuo nem mesmo por um instante. A agitação de estar indo de encontro com a minha mãe biológica vai se infiltrando em minhas veias. Quando chegamos ao lado

de fora do ginásio, Hudson continua o percurso com rapidez, guiando-me com ele para o lado mais vazio e escuro que encontra.

Um leve arrepio sobe por minha espinha quando percebo que estamos nos afastando demais de tudo e todos.

Ela não deveria estar logo aqui?

— Por que toda essa demora? Ela não deveria estar aqui, Hudson? — pergunto, mas ele não me dá uma resposta.

Seu aperto ao redor do meu braço se intensifica e eu começo a puxar de volta, pronta para sair correndo de volta para o ginásio. Percebo logo que estamos praticamente atrás do mesmo e ele ainda não me deu qualquer resposta.

— Hudson! — exclamo.

— Não grita, porra! — retruca, esbravejando na minha cara quando se vira abruptamente para me encarar.

A sua feição calma e prestativa de antes não tem mais lugar em sua face. Isso me assusta, mas não ao ponto de me consumir. Só me... assusta.

É por isso que nunca quis aceitar nenhum dos seus convites para sairmos juntos. Hudson sempre teve uma áurea muito pesada e estranha. O seu olhar sempre foi meio opaco e obcecado, principalmente quando era em minha direção. Eu sempre consegui ver a sua obsessão escorrendo entre as palavras e ações, mas nunca imaginei que fosse o conduzir para um dia me

tratar desse jeito e me enganar dessa forma.

É literalmente assustador.

— Por que está fazendo tudo isso?! O que você tanto quer comigo? — indago sem conseguir conter a minha língua dentro da boca.

— Quero você, Ryle. Apenas você — afirma entredentes. — Acha que eu... que eu te dei toda a verdade por qual motivo? Para te ver voltar como uma cadela para os braços do cara que te enganou durante todo esse tempo? Não, porra! Eu vim buscar você. Não tem mais espaço para Christian no meio disso, tudo bem? — Seu olhar frenético me faz engolir a seco, principalmente quando ele fecha a distância entre nós e me empurra contra a superfície sólida mais perto.

— Se afaste, por favor — sussurro. — Eu não quero ter que pedir duas vezes.

Ele sorri.

Deus.

Eu quero vomitar.

— E não vai precisar disso, meu amor. — Ele tenta segurar as minhas mãos, mas é aí que eu começo a lutar. — Porra, se aquieta — grita comigo, pressionando o corpo no meu com força.

— Me solta! — grito, totalmente apavorada. — Socorro! Alguém me ajud...

Hudson tapa a minha boca com uma das suas mãos, me imobilizando de vez com a outra. Não tem como lutar contra ele, para ser sincera. Seu corpo dá dois do meu e seu peso provavelmente é o triplo. Mas eu não paro de tentar empurrá-lo para longe, não paro de gritar, mesmo abafado, e logo as lágrimas começa a queimar em meus olhos em desespero latente.

Seu sorriso grotesco me envia direto para o inferno, piorando a viagem quando a sua língua corre por minha mandíbula. Quando sinto a sua ereção na minha perna, a bile sobe e eu ameaço vomitar.

— Você pode lutar assim na minha cama — resmunga no pé do meu ouvido. — Ou pode lutar aqui mesmo, eu gosto. Mas saiba que vai ter que aguentar as consequências disso. — Hudson grunhe, enquanto as lágrimas grossas escorrem por seus dedos que ainda forçam para me calar. — Deus, Ryle... você me excita como nenhuma outra...

No instante em que eu começo a querer rezar por minha alma, o corpo de Hudson é puxado para longe de mim com muita força. Ele me puxa consigo e eu acabo me desequilibrando e caindo, enquanto os seus dedos enrolam em meu cabelo e ele puxa.

O meu boné já se perdeu há muito tempo.

— *Solte-a agora.*

A voz de Christian é a única coisa que é capaz de me dar alívio em meio a dor. Hudson se levanta, me puxando com ele, mas eu já não tenho

toda a sua destreza. Parece que as minhas pernas viraram pura geleia e eu mal consigo ficar de pé corretamente.

— Ryle é minha, Christian. Ela sempre foi.

Quando consigo me situar, sinto um tipo de metal gelado em minha garganta e automaticamente eu congelo. É uma faca, eu presumo. Talvez no mínimo um canivete. A única certeza nesse momento é que Hudson está disposto a me machucar se as coisas não saírem como ele bem entende.

— Ela nunca foi sua — Christian retruca.

Tê-lo tão perto, mas inalcançável, me dá uma sensação ruim.

Tudo que queria fazer nesse exato momento, era correr em sua direção e me derramar em seus braços, mas, ao contrário de tudo, a única coisa que posso fazer é assisti-lo a poucos metros de mim com as mãos coçando para tocá-lo.

— Ela sempre foi minha e você sempre foi uma pedra no nosso caminho. — Hudson faz uma pausa, aproximando o rosto do meu e deixando-me sentir sua respiração. — Uma pedra no caminho do nosso amor.

— Você é completamente maluco — rosno entredentes.

— Deixe-a vir comigo e ninguém vai se machucar — Hudson sentencia, como se não tivesse escutado nenhuma palavra minha.

— Nem por cima do meu cadáver — Christian afirma, impassível.

— E do dela? — pergunta com um tom gélido que nos corta ao meio.

Ele pressiona o objeto em minha garganta e eu praticamente engasgo.

Christian e eu trocamos um simples olhar, mas que diz tudo.

O resto que acontece é rápido demais, mas me sinto segura, porque o seu olhar me fala que Christian tem tudo sob controle. Um grito esganiçado escapa pela boca de Hudson quando ele me solta bruscamente e mais uma vez eu caio.

O loiro encontra o seu caminho para me amparar e quando os seus dedos entram em contato com a minha pele, é exatamente como se eu estivesse no céu. As correntes elétricas de adrenalina e saudades vão e voltam entre nós e eu não evito o abraço apertado que lhe dou por tudo.

— Você está bem? — Sei o que Christian quer dizer, porque tem muito mais escondido nessas palavras do que possamos explicar, mas no momento eu foco apenas no que estamos acabando de passar.

Hudson praticamente me matou.

Porra, isso é sério?

Ele realmente estava disposto a isso em seu amor doentio? Quero dizer, amor não, obsessão.

— Sim, eu estou bem — sussurro. — Ele não chegou a me machucar fisicamente — completo.

— Porra, me soltem! — Hudson continua gritando e eu encaro a cena.

São policiais e seguranças, todos imobilizando o imbecil.

— Você vai ter que falar com um oficial para relatar tudo que aconteceu com ele e nos ajudar a finalmente colocar um ponto final com toda obsessão desse cara. Tudo bem assim?

Aceno imediatamente.

Qualquer coisa para me livrar de Hudson.

Christian me ajuda a levantar e eu volto a encará-lo. O desejo de beijá-lo surge do nada, da mesma forma que a vontade de abraçá-lo me cutuca de um jeito quase que impaciente. Mas eu preciso ter calma comigo mesma. Ainda temos o que conversar antes de resolvermos qualquer coisa entre nós dois, sobre nós dois.

— Você está bem? — É Seth e Pearl logo atrás.

Os dois me encaram preocupados, mas eu apenas sorrio, me afastando lentamente de Christian.

— Christian me salvou... praticamente... — digo, tranquilizando-os.

— Querida... — Pearl diz, aproximando-se de mim, mas toda situação é interrompida por uma policial.

— Senhorita Ryle? — indaga e eu aceno positivamente. — Por favor, me acompanhe. Nós precisamos ir até a delegacia para fazer o boletim de ocorrência e, caso a senhorita queira levar tudo que aconteceu para frente, conseguir as provas que precisa para uma futura medida protetiva caso ele consiga se safar dessa. — Ela faz uma pausa dramática. — Vocês sabem

como são os figurões ricos.

— Nós somos ainda mais ricos e eu mesmo pago para esse merdinha ficar atrás das grades. Essa porra foi tentativa de homicídio.

O olhar que a policial dá para Seth diante de todo o seu linguajar é impagável.

— Isso tudo vai demorar? — Christian pergunta, colocando-se ao meu lado e trocando o assunto.

— Não muito, pelo menos não para ela. O mesmo já não posso dizer do rapaz. Ele deve passar umas semanas atrás das grades até que tudo seja resolvido.

— Tudo bem — digo, endireitando a minha roupa.

— Eu vou com você — o loiro afirma sem nem mesmo piscar.

— O quê?! — exclamo. — Os olheiros estão lá dentro nesse instante provavelmente à sua procura. Você precisa voltar e eu devo ir fazer o meu boletim de ocorrência ou seja lá o que isso foi.

— Nem por um inferno eu vou deixá-la ir sozinha.

Essa é a última coisa que Christian fala antes de eu me dar por vencida, porque qualquer discussão com ele é totalmente inútil.

Nos despedimos de Pearl e Seth, eu bem mais discreta, e seguimos para o seu carro. A policial disse que não haveria problema se eu fosse com Christian, contanto que eu estivesse lá sem demora. E foi assim que tudo

aconteceu. Ficamos em silêncio durante todo o percurso. Ainda não era hora de vomitar todas as coisas entaladas em nossas gargantas, ainda que quiséssemos muito.

Quando chegamos à delegacia, Christian me acompanhou em todos os processos possíveis. Não cruzamos mais com Hudson, até graças a Deus. A burocracia não foi tão grande, mas demorou consideravelmente até que todo o meu depoimento e de Christian, que era a minha maior testemunha, fossem recolhidos.

Quase duas horas mais tarde, finalmente saímos daquele lugar.

— Merda — sussurro assim que estamos chegando ao seu carro.

— O que foi? Aconteceu algo?

— A minha bolsa. Ela caiu na hora da briga e o meu boné também. O boné não tem tanta importância assim, mas todos os meus documentos estão na minha bolsa.

Christian pega o seu celular e me encara.

— A minha mãe me mandou uma mensagem cerca de uma hora e meia atrás falando disso. Ela está com as suas coisas, não se preocupe.

Suspiro aliviada, porque, agora sim, tudo está caminhando como eu esperava.

Pigarreio.

— Vamos para casa? — Christian pergunta, quebrando o silêncio

incerto e desconfortável entre nós dois.

Aceno positivamente.

— Sim. — Eu o encaro, enquanto ele abre a porta do carro para mim e digo. — Temos muito para conversar.

Christian concorda com um aceno de volta e entra do outro lado, dando partida em nosso caminho.

Mais uma vez imersos em um silêncio meio estranho, Christian e eu nos mantemos quieto até chegarmos em casa. Quando isso acontece, ele abre a porta do carro para mim, quase como uma necessidade sua, e nós caminhamos até a porta. Entramos no lugar que tanto senti falta e sou imediatamente atacada pelo meu filho.

Kurt pula nas minhas pernas, desequilibrando-me porque eu nunca vou me acostumar com o seu peso e tamanho. A minha sorte é que Christian está logo atrás de mim. Ele me segura firme e isso me faz tremer. Algumas coisas nunca vão mudar e a forma como o meu corpo reage ao seu toque é uma delas.

— Ei, babe, eu também senti a sua falta — digo, desvencilhando-me dele e me agachando para receber todo o carinho do meu cachorro.

Os minutos se passam com ele me lambendo e se mostrando para mim, o que me faz relaxar gradativamente. Kurt realmente parece ter sentido a minha falta tanto quanto eu senti sua.

Suspiro, beijando-o carinhosamente e me levantando.

De relance percebo que Christian permanece de longe, encostado na parede mais afastada da sala de estar sem tirar os olhos de mim. Sento-me no sofá e Kurt se deita nos meus pés.

Subo meu olhar para o loiro e ele finalmente se aproxima.

É claro que fico nervosa, mas não deixo que isso me atrapalhe.

— Então... — solto assim que ele se senta ao meu lado.

Minhas mãos coçam para agarrar nas suas, mas sei que esse não é o momento certo para isso.

— Por que não me disse que voltaria? — pergunta, enquanto as suas palavras caem como plumas em meu colo.

— Não sabia muito bem se voltaria mesmo, quando voltaria, apenas...

— Suspiro. — Só decidi.

— Diga-me o motivo, por favor.

O motivo é simples.

— Por vocês, por minha família. — Ele tenta alcançar a minha mão em um toque. — Por você, Christian.

Vejo o seu rosto contorcer em sentimentos puros e fortes. A linha da sua mandíbula salta, como se ele estivesse fazendo muita força para se conter e eu sinto o mesmo, é óbvio.

— Eu senti sua falta pra caralho, babe — murmura, sua voz profunda

me atingindo em cheio.

— Continuo muito ferida com tudo que aconteceu — começo a desabafar com ele. — Eu não quero mais as suas desculpas, porque depois de tanto tempo, acho que entendi de verdade os seus motivos. Acredite ou não, mas Romeo me ajudou muito a compreender as coisas que aconteceram desde aquele dia até hoje. — Christian acena positivamente, parecendo levemente surpreso. — Minha cabeça, entretanto, ainda está navegando nessa confusão maluca, Christian. Penso muito sobre tudo, mesmo que eu já tenha entendido. É confuso e difícil. — Meu rosto esquenta e eu sei que, mais um pouquinho, eu começarei a chorar. — A verdade é que eu não estava mais suportando ficar longe de você. Não o torturei somente, mas a mim mesma também. Tentava entender as minhas escolhas, mas o meu coração sempre falou mais alto, sempre implorou por você.

— Estava difícil aguentar isso, mas eu faria novamente se fosse preciso, Ryle. Te daria o seu espaço e deixaria a escolha em suas mãos. E, porra, me alivia saber disso tudo, porque o meu maior medo era nunca mais poder te ver ou te tocar. — Seus dedos encontram caminho por meu pescoço, levando tudo de mim apenas com isso. — Sinto muito por tudo. Fiz parte de uma mentira que te magoou, tive chance de te contar tudo, mas não quis nem te magoar, nem magoar a minha avó. Ela e Sculler podem parecer egoístas pela escolha, mas você sempre foi mais do que sangue para eles. — Engulo a

seco, porque eu ainda não consegui engolir tudo isso completamente. Não a parte *deles*. — Mas vocês terão tempo de conversar. Agora eu só quero que entenda que eu te amo e você é e sempre vai ser a minha garota, Ryle. Nunca mais fuja de mim, por favor, não sei o que faria se te perdesse de verdade.

As lágrimas escorregam por minhas bochechas.

Eu sou uma idiota.

— Me desculpe por tudo — sussurro. — Eu te amo, Christian. Eu te amo e você sempre vai ser o meu garoto.

Ele ri, chorando comigo.

— Porra. Eu nunca chorei tanto na minha vida como nas últimas três semanas — reclama, tirando a minha risada. — Qualquer coisa vale a pena por você, até mesmo as lágrimas.

Christian me puxa, carregando-me no colo pela escada até chegar no seu quarto — ou melhor, nosso quarto. Prestei atenção em todos os detalhes pelo pequeno percurso que fizemos juntos, observando como absolutamente nada saiu do lugar desde a última vez que estive aqui.

É reconfortante.

Ele me coloca na cama, tirando a sua roupa e ficando apenas de boxer. Tomo a deixa para finalmente me livrar das minhas próprias roupas e contraio quando o loiro paira sobre mim e a sua pele finalmente entra em contato com a minha.

Por um instante eu quero senti-lo mais firme.

Mas Christian me puxa, deitando e me abraçando com força. É como estar em uma redoma, a mais seguras dela. O meu lugar mais seguro, o lugar em que mais me sinto segura. Sempre foi assim, sempre vai ser.

— Pensei que a gente fosse, sei lá... matar a saudade... — sussurro, fitando os seus lábios e sentindo as minhas bochechas esquentarem pelo duplo sentido horrível que quis passar.

Christian sorri de lado.

— Sim, babe, matar a saudade é bom, mas eu senti falta disso aqui principalmente. — Ele esfrega o nariz suavemente no meu. Droga, eu quero muito esses lábios. — Estar ao seu lado é melhor do que qualquer coisa. Sentir você em meus braços não tem preço, Ryle. Eu morreria e viveria por isso, para ter você.

Ele sabe como me derreter e me deixar ainda mais apaixonada.

Mas eu não resisto.

Colo nossos lábios, navegando lentamente pela sensação de pertencimento que me invade. É muito mais do que eu possa meramente explicar. É ter um lar em forma de pessoa, é saber que você tem alguém para descansar e, apesar de tudo que aconteceu, confiar também. Não tem como eu deixar de amá-lo. Christian é simplesmente tudo que o meu coração e corpo precisam, e eu nunca mais vou me torturar desse jeito e passar um dia sequer

longe do seu toque.

Nosso beijo é calmo, como se estivéssemos nos conhecendo de novo.

É quase triste por toda saudade que se derrama entre nós.

Mas, droga, eu me sinto tão feliz por finalmente estar de volta.

Ao seu lado sempre vai ser o meu lugar.

“Se você gosta do seu café quente, me deixe ser a sua cafeteira. Você que decide, querida, eu só quero ser seu”

I WANNA BE YOURS — ARCTIC MONKEYS

RYLE DIANN SIVAN

O calor do corpo de Christian ao redor do meu me faz duvidar se o que estou vivendo é realmente real ou mais um dos tantos devaneios que me perco antes mesmo de abrir os olhos. Tenho certeza absoluta que é ele quando os seus beijos familiares e carinhosos percorrem por toda extensão do lóbulo da minha orelha até o meu ombro nu. Toda a minha pele reage, arrepiando na onda de desejo e saudade que senti durante todo esse tempo e que não está nem um pouco perto de acabar. Não tão cedo e, provavelmente, nunca.

Depois de uma das noites mais loucas que vivemos, em uma montanha-russa de emoções — que, sim, terminou no “ápice” —, achamos um ponto de equilíbrio para todos os nossos problemas. O meu problema, na verdade. O segredo que sempre percorreu a minha vida e eu nunca soube.

Sempre ouvi dizer que quando a confiança é quebrada uma vez, ela nunca mais volta a ser a mesma. Eu concordaria e totalmente tomaria como verdade se isso

não fosse sobre Christian. O que aconteceu entre nós foi mais do que poderíamos aguentar e esse é o único fato. Nosso amor e nosso romance sempre estiveram interligados a algo que também é valioso e importante para ambos: nossa família. Mesmo que eu ainda não tenha tido a conversa que tive com ele, com os meus pais, consigo entender depois de longos dias e uma franca conversa, que ele estava tão dividido quanto eu ficaria. Esse é o lado da moeda de Christian e eu o entendo. O lado da moeda das outras pessoas é outro assunto.

Mas, Christian, eu realmente consegui entender. Se fosse o contrário, também me veria em um dilema irritante sobre contar tudo ou esperar a pessoa a quem lhe cabe, contar o que deve. É, foi exatamente isso que aconteceu. No meio da raiva, da minha fúria e de todo sentimento de traição que absorvi, principalmente por tudo ter acontecido como aconteceu, me coloquei com uma cega e ignorei tanto a sua verdade, quanto o que sempre esteve estampado na minha cara.

Há quem diga que tudo acontece por uma razão e eu definitivamente concordo.

A confiança entre nós dois não foi quebrada.

Depois da noite passada, não tem como não confiar em Christian, no homem que eu sempre conheci desde que pude realmente entender o “a” mais “b”. Ele sempre esteve ali, em todos os momentos, Chris foi o meu ponto de segurança e confiança. Nos desentendemos de um jeito feio, mas o caminho de volta era algo inevitável entre nós dois.

É como poder respirar novamente.

É como se eu tivesse retornado à vida.

É exatamente como eu sempre estive: *ao seu lado*; e eu nunca vou cansar de dizer isso.

— Eu senti falta disso — sussurra, mordiscando a minha pele e arrancando um suspiro demorado meu.

— Não consigo nem explicar o quanto senti falta disso — retruco, minha voz rouca de sono denunciando o quão boa a nossa noite foi.

Não fizemos nada demais, mas só pelo fato de eu ter dormido nos braços de Christian, me fez acordar completamente renovada. Nesse momento eu não faço nenhuma ideia de como aguentamos todo esse tempo longe, mas eu não quero que esse tipo de coisa se repita nunca mais. O calor do seu corpo quase totalmente nu em contato com o meu é a coisa mais familiar, satisfatória e gostosa que eu já senti.

Continuo suspirando com os seus beijos e mordidas, começando a ser provocada com o costumeiro “algo a mais”.

Viro totalmente para ele, forçando-o a parar com o carinho, mesmo contragosto, e sorrio. Seu olhar intenso encaixa no meu e ele sorri de volta. A cor preta dos seus olhos brilha como uma noite escura. É de tirar o fôlego. Vê-lo de tão perto, sendo tão meu, é sempre de tirar o ar dos meus pulmões.

— Senti falta de acordar e ter a melhor visão do mundo — declara, seu

hálito mentolado indicando que ele já saiu e voltou para a cama. — Seus olhos são a melhor coisa que eu já vi.

Sorrio envergonhada e me desvencilho dele com dificuldade.

— Eu vou escovar os dentes, aí nós podemos continuar com isso.

— Ei, eu não deixei! — exclama, enquanto o deixo para trás, mas não antes de dar uma risada alta.

Entro no seu banheiro, completamente nostálgica por todo tempo que fiquei longe de tudo isso. Até coisas como usar o banheiro de Christian mexeram com a minha saudade idiota.

Ele entra no banheiro assim que coloco creme dental na minha escova que não saiu do lugar. Suas mãos deslizam e escorregam por meus quadris, enquanto eu tento fazer minha higiene sem engasgar. É difícil, porque o Christian de hoje está diferente do Christian da noite passada. Se ontem ele quis apenas me abraçar, hoje ele parecer querer muito mais do que isso. O que não surpreende é que eu quero o mesmo. Simples assim. Não tem como não querer.

Termino com o que estou fazendo, sendo maldosa o suficiente para me inclinar bastante e esfregar-me suavemente em sua ereção matinal. Christian me vira para ele em um movimento rápido e quase brusco, me puxando para cima e me sentando em cima do balcão da pia. Um grito esganiçado praticamente escapa por meus lábios, mas eu controlo. O que não dá para

controlar é a minha risada divertida.

— E agora, eu posso ter um beijo? — pergunta, apertando cada pedaço de pele meu que os seus dedos conseguem alcançar.

Aceno positivamente, mas paro por um instante.

— Não falamos muito sobre tudo que aconteceu ontem, mas como você me achou? Eu saí de lá e estava tudo uma bagunça...

— Quando vi que Hudson estava junto, não perdi tempo. Consegui avisar aos meus pais para avisarem a polícia caso esbarrassem com algum oficial e decidimos que nos dividiríamos, já que eles também estavam com seguranças por perto. Eu fui pelo caminho certo, graças a Deus. Eventualmente eles devem ter dado de cara com o nada e vieram atrás de mim. Simples assim. — Christian afaga a minha cintura carinhosamente. — A sorte foi que ele não chegou longe demais, os arredores do ginásio estavam lotados.

— Eu lutei tanto quanto pude também — comento.

— Sim, babe. — Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — O importante é que você está bem e Hudson está preso. Estamos nos Estados Unidos. Tentativa de homicídio é sério. Ele não vai sair impune. Não sinto muito por “destruir” a vida dele com uma prisão, porque ele estava disposto a machucar você. — Concordo com um aceno muito breve. — Vou fazer de tudo para ele ter a pior sentença que possa esperar.

— Eu confio em você — solto, atraindo o seu olhar mais doce e sincero.

— Isso me deixa feliz, babe — sussurra com os lábios pairando sobre os meus.

Christian me leva para debaixo do chuveiro no seu colo, ouvindo as minhas reclamações repetidas sobre a forma como ele está me tratando. A água amena cai sobre nós dois, finalmente nos relaxando do modo certo.

— Eu vou tirar isso aqui — avisa, cutucando o meu sutiã no instante em que consigo ficar de pé com as minhas próprias pernas.

Dou de ombros, porque realmente não me importo.

— E eu vou tirar isso aqui. — Brinco com o cóis da sua boxer e ele faz o mesmo que eu, como se não se importasse e, sinceramente, ele não parece ter nenhuma ressalva quanto a minha proposta.

Christian se livra das minhas peças íntimas com rapidez e eu acabo fazendo o mesmo com ele. Nós rimos como se isso fosse a coisa mais divertida do mundo e, sim, para nós dois essa é a coisa mais divertida do mundo.

Nos ensaboamos em meio de risadas e sussurros apaixonados, o que é bem a nossa cara depois de tudo que passamos. No instante em que eu penso que estamos terminando o banho, ele sussurra, empurrando o corpo contra o meu até que eu encoste na parede:

— Confie em mim agora, então...

O gelado nas minhas costas e o quente do seu corpo na minha frente mexem seriamente com os meus sentidos já meio inoperáveis. Eu prefiro o quente. Por isso tento me agarrar a Christian com todas as minhas forças, mas ele apenas me prende. Sua mão direita segura os meus braços acima da minha cabeça e ele me encara com o olhar tão nublado que me deixa arfando.

— Eu confio, Christian — sussurro.

— Vira de costas, amor — pede em um sopro, afrouxando o aperto ao redor dos meus punhos e soltando-me.

Faço como ele pede.

É como estar cega.

Eu quero olhá-lo, mas ele não deixa.

E então, sem avisar, Christian me puxa duramente para trás, levando-me a empinar involuntariamente para ele. Meu gemido engata na minha garganta, quase me sufocando, assim que eu sinto seu membro rijo descansando em minha pele molhada. O caroço em minha garganta não tem tamanho à essa altura.

Com a boca completamente seca, empurro para trás por minha conta e risco, convidando-o silenciosamente para acabar logo com o desejo que ameaça nos queimar vivos — ou pelo menos tentar sanar um por cento de toda essa névoa de necessidade.

E, por minha sorte, Christian não demora.

Guiando-se entre as minhas dobras, o ar falta totalmente quando ele toma o seu lugar dentro de mim, me alargando outra vez para caber. Deveria doer, assim como foi na minha primeira vez, mas não é isso que acontece, porque nem mesmo nela eu fui capaz de sentir tanta dor assim. É apenas... bom. Não, é mais do que bom. Envolver e apertar ao seu redor, duro só pra mim, é algo que ainda não me acostumei, mas que me satisfaz pela simples sensação.

— Porra — pragueja, me fazendo apertar ainda mais, enquanto tento me segurar no azulejo frio à minha frente. — Senti falta disso. Puta que pariu, Ryle. Eu senti muita falta disso — seus sussurros vêm colados em minha pele, enquanto Christian morde meu ombro e me toca onde quer.

Seus dedos aproveitam para passear pelos meus seios, onde ele belisca as pontas duramente, me tirando o eixo por alguns instantes. Minha boca não consegue se mover em palavras, somente com gemidos doloridos.

A quentura em meu ventre arde com toda excitação que perpassa cada célula viva em meu corpo, e é no momento em que ele recua, deixando-me totalmente vazia, que eu me impulsiono mais uma vez, ansiosa e agoniada.

Seu pau desliza mais lentamente, alastrando-se carne em carne e conquistando-me de uma só vez. Meu quadril não se aquieta e os beijos e mordidas que Christian despeja em meus ombros, me incitam a continuar.

Como se fosse possível, o sinto cada vez mais duro. A cada estocada que se sucede, Christian se deixa vir mais forte. Não é como se nós dois conseguíssemos ou quiséssemos controlar.

Com a mão livre, o loiro começa a me provocar e estimular entre as pernas, pegando-me novamente de surpresa. Arquejo em seus dedos, enquanto ele se endireita para segurar meu quadril com a mão que se ocupara em meus seios anteriormente.

Balbucio palavras desconexas, mas que são o meu claro pedido por mais.

Fecho os olhos com força e deixo-me ser guiada por Christian no caminho que ele sabe muito bem como me conduzir. Rebolo compassadamente em seus dedos, com ele indo e vindo de dentro de mim. Seu gemido vem em algum momento seguido do meu nome, e eu juro que tudo isso se parece com poesia.

Nós dois, esse momento, o nosso reencontro.

— Você é tão perfeita, porra — grunhe, deixando-me na mão e abandonando o meu clitóris.

Suas mãos fincam firmemente em cada lado da minha bunda e o seu lado que eu mais gosto, termina de nos enterrar um no outro como desejei secretamente desde o começo. Endireito meu corpo, subindo as mãos pelo pescoço de Christian e me segurando nele.

Ele me morde sem pena e me fode ligando menos ainda para todo o resto. Sua boca encontra a minha quando me sinto cada vez mais perto, apertando-o cada vez mais dentro de mim. É doloroso. Seu beijo me engole, enquanto Christian chupa os meus lábios e a minha língua, me bebendo e sugando cada gemido que ameaço soltar diretamente para si.

Meu corpo trêmulo desaba quando ele sussurra no meu ouvido bem baixinho:

— Depois disso eu quero você cavalgando minha boca.

A ideia e a imagem que se projetam no fundo da minha mente totalmente pervertida são o suficiente para imaginar cada instante disso. E eu quero. Puta que pariu, só Christian sabe o quanto eu quero isso.

Ele alcança seu orgasmo apenas segundos depois de mim e me agarra em seus braços intensamente. Eu o sinto escorrer de dentro de mim por minhas dobras até as minhas pernas.

Um sorriso bêbado escapa dos meus lábios quando Christian enterra a cabeça no meu ombro.

— Transar em pé não é tão desconfortável quanto eu poderia imaginar — confesso, rouca e meio sonolenta.

— Com você acho que até de cabeça para baixo deve ser gostoso.

Nós gargalhamos, os dois grogues e pateticamente idiotas.

Não sei viver sem isso, sem Christian.

— Ainda bem que eu voltei — confesso, sentindo meu coração bater mais forte.

— Eu sabia que não iria desperdiçar um bom pedaço de pau — sussurra, tirando mais gargalhadas de mim e uma revirada de olhos.

Christian se afasta lentamente e eu me viro para fitá-lo.

— Eu te amo, babe — concluo a minha linha de raciocínio simples depois de uma boa transa.

Ele sorri, bonito e irresistível.

— Eu te amo, minha garota.

É por isso que nesse exato momento eu estou vivendo.



Depois da manhã “agitada” que tive com Christian, não fizemos nada além de comer e dormir novamente. Com nossos telefones desligados, ninguém conseguiu atrapalhar os nossos planos e graças a Deus por isso. Foi incrível poder estar apenas com Christian, sem brigas e nenhum outro empecilho em nosso caminho.

Quando acordamos, já havia passado da hora do almoço e nenhum dos dois estava disposto a se aventurar na cozinha. Pedimos comida e estamos até agora terminando de nos alimentar novamente. Christian, por outro lado, já terminou de comer há pelo menos cinco minutos. Diferente de mim, ele já

pegou o seu celular para ver as mensagens que deve ter recebido durante a noite passada e dessa manhã.

Eu o observo soltar o celular e se virar para mim.

— O que acha de irmos até os seus pais? — questiona suavemente e eu sinto meu corpo tencionar de forma imediata.

Dou de ombros.

— Não pensei em ir tão cedo até eles — confesso.

Christian me magoou, mas eles fizeram o dobro.

— Sei disso, babe, mas as pessoas já estão comentando por aí que você já voltou para casa. O incidente com Hudson virou notícia. Provavelmente alguém viu e os repórteres foram atrás da manchete. Normal. — O loiro revira os olhos. — Seus pais já sabem que você já chegou. Não acha melhor terminar com isso mais cedo do que prorrogar? Sei que está triste com tudo que aconteceu e eu só quero te ver cem por cento feliz novamente.

Pondero o que ele sugere.

É verdade. Eu não estou cem por cento feliz, mas também não estou totalmente miserável como antes. Por outro lado, é só eu pensar neles que o meu coração aperta e eu me sinto mal. Não gosto de causar dor nas pessoas e eu sei que isso está afetando toda a nossa família.

Eu definitivamente sou uma idiota.

— Tudo bem. Acho que podemos ir lá mais tarde.

— Mesmo? — Christian tenta se certificar, como se eu fosse desistir a qualquer instante.

Concordo com um simples aceno.

— Sim — sussurro.

— Então termina de comer e vamos descansar um pouco antes de sairmos — sugere tranquilamente e eu apenas obedeço.

Subimos para o quarto depois que eu termino de almoçar e nos enrolamos debaixo da coberta no frio e escuro. Christian percebeu como acabei por perder toda leveza que estava entre nós dois, porque quando algo me incomoda eu simplesmente não sei como fingir que não está incomodando. Entretanto, ele fez um bom trabalho em me relaxar outra vez com os seus beijos e abraços.

Eu derreti, é óbvio.

Depois de mais um breve cochilo que me fez duvidar a nossa saúde, acordamos e tomamos um banho rápido, sem interrupções. Me vesti com um vestido azul e tênis branco e Christian tratou de combinar comigo quando me viu, vestindo uma bermuda azul e camisa branca com seu tênis da mesma cor. Ele ficou brincando sobre termos que sair iguais e eu apenas ri da sua cara.

Como eu pude chegar a ter raiva dele?

Christian é fofo demais para ser verdade.

Nesse exato momento nós estamos em seu carro, enquanto ele faz o

caminho mais rápido para Long Beach. Fazemos todo o percurso cantarolando músicas como já é costume e, por incrível que pareça, isso me distrai bastante. Christian também entrelaça os nossos dedos, beijando o dorso da minha mão copiosamente e esse é mais um ponto que consegue me deixar aérea e esquecer para onde estamos indo.

Mas é inevitável o nervosismo não me assolar quando ele estaciona o carro na frente da casa branca sem qualquer defeito em que vivi por quase toda a vida. Meu estômago embrulha e uma vontade de vomitar me enche, mas o carinho de Christian na minha mão continua amenizando as coisas.

— Você está bem, babe? — pergunta, sendo totalmente atencioso comigo.

— Me sentindo um pouco estranha, mas vou superar — brinco e ele sorri comigo.

Sáímos do carro e eu espero o loiro entrelaçar os dedos mais uma vez nos meus para que possamos cruzar o jardim frontal até a porta. Antes mesmo que cheguemos até lá, Cassie e Sculler aparecem. Tento desviar nossos olhares, mas não consigo. É visível como os dois estão mais magros e abatidos. A culpa que sinto me corrói.

É por isso que odeio mentiras.

Elas nos machucam sem nem avisar e, quando você percebe, não tem mais nada sobrando além de caos e confusão.

— Ei, vó. Sculler.

Christian os cumprimenta assim que estamos perto o suficiente, mas a minha boca não abre nem mesmo para soltar um mero “a”.

— Querido — Cassie sussurra, enquanto eu continuo forçando-me a tratá-los de um jeito mais distante. — Filha... — completa.

Respiro fundo, encarando-a, mas novamente não digo nada. O loiro pigarreia ao meu lado, apertando a minha mão.

— Podemos entrar? — ele pergunta e os dois concordam, abrindo espaço para passarmos.

Christian me guia até o sofá e nos acomodamos. Meu corpo inteiro está duro, tenso e inflexível. Me sinto alarmada, como se a qualquer instante eu estivesse pronta para sair correndo.

— Amor, relaxa — pede baixinho ao pé do meu ouvido quando o casal se senta na nossa frente, do outro lado da mesa de centro. — Nós viemos ter aquela conversa com vocês — Christian comenta, tentando fazer com que tudo pareça casual.

— Esperamos ansiosamente por isso — *ele* diz.

O silêncio preenche o espaço.

Eles esperam que eu fale algo, então eu procuro as palavras certas para os meus primeiros questionamentos.

— Quanto tempo eu tinha de nascida quando vocês me adotaram? —

questiono, querendo saber cada detalhe.

— Nove meses e alguns poucos dias — respondem em uníssono.

Aceno positivamente.

Nove meses.

Por isso em minhas fotos de bebê eu não era tão bebê assim.

— Por que nunca me contaram a verdade sobre a minha origem? — questiono, mas não lhes dou tempo de resposta. — Porque, sinceramente, sempre odiei a ideia de ser adotada quando conversava com Christian sobre nós dois. Nunca quis ter uma história ou origem diferente da que sempre acreditei pertencer. — Respiro fundo. — Mas, acontece. Quanto mais você tem medo que algo aconteça, maior a probabilidade disso se tornar realidade. Só que, não, eu não saí do país e não os ignorei porque eu não aceitei bem a ideia de ser adotada. Isso é ok. Como eu disse, acontece. O que mais me machucou é que era dever de vocês me contarem sobre isso. Eu merecia saber da minha origem e da minha história. A mentira e o circo, além da proporção que tudo isso tomou durante os últimos meses foi apenas ridículo. — Balanço a minha cabeça negativamente. — Inventaram até uma doença para a Pearl, mas não foram honestos comigo. — Aperto a mão de Christian. — Será que vocês podem ser honestos comigo pelo menos dessa vez?

Minha mãe concorda com um aceno, enquanto seus olhos se enchem de lágrimas.

— Sculler e eu adotamos você em um momento meio complicado para nós dois como casal. Estávamos tentando ter filhos, mas a minha idade avançada era um grande empecilho — ela começa a se explicar e me contar a verdade. — Começamos a procurar em orfanatos por crianças e decidimos que adotaríamos uma. Não era para ser você, Ryle, mas quando te vimos no dia em que voltamos lá, após realmente nos decidirmos, lá estava você.

Sua voz embarga a deixa na mão e meu pai lhe ampara com um abraço.

— Lembro até hoje a sensação que tive quando te vi — ele afirma, fitando-me intensamente com os olhos azuis que sempre amei demais por serem tão parecidos com os meus. — Quis te levar para casa imediatamente, porque tudo dizia que era para ser. E foi. Desde o primeiro instante que te vimos, você se tornou nossa filha. Sangue nenhum pode dizer que isso não é real. Sangue nenhum pode se sobrepor ao dia em que eu te peguei no colo e você imediatamente parou de chorar, como se você também sentisse que pertencia a nossa família. — Engulo a seco, apertando mais os meus dedos entre os de Christian e tentando controlar as lágrimas que se acumulam em meus olhos. — E sempre foi você, Ryle, a nossa esperança e a nossa menina.

Meu pai desvia nossos olhares, como se não suportasse me encarar.

— Depois de algum tempo, engravidei de Ben, e como seu pai disse, você foi a nossa esperança. Não planejamos, afinal, já tínhamos você e era tudo que precisava. Mas o seu irmão veio e assim como nós ficamos felizes,

você também ficou. — Ela sorri para mim e eu contengo o meu próprio sorriso, porque desde que me lembro, Bennett sempre me deu muita alegria, o que não condiz aos sentimentos que ele causou em mim nas últimas semanas. — O tempo foi passando e a naturalidade das coisas nos fez deixar passar esse “detalhe”, a sua adoção.

— Nos arrependemos de não termos contado, mas não do que sentimos — meu pai a corta. — Você sempre foi a nossa filha, Ryle. Foi apenas natural te ver crescer e sempre ser o seu pai. Foi natural para Cassie da mesma forma, porque ainda que ela não tenha te gerado, sempre foi a sua mãe. Seu coração sempre bateu no ritmo do nosso, você sempre foi uma Sivan e o sangue, filha, ele nunca teve força para ir contra isso.

— O que era natural para nós dois, acabou se tornando um pesadelo — minha mãe confessa. — Sempre imaginávamos que isso entre vocês dois aconteceria um dia. Além da nossa conexão, você e Christian sempre foram muito um do outro. Era questão de tempo para verem isso. — Soluça, tentando controlar as lágrimas. — É claro que nós amamos vocês e não queríamos que tudo tivesse ido tão longe, mas foi, e eu, como mãe, como a pessoa que devia te proteger, falhei completamente. — Ela balança a cabeça negativamente. — Tivemos medo que nos odiasse. Depois que seu tio Simon contou para Christian e nós ficamos sabendo, realmente tivemos medo que nos odiasse.

— Nós levamos a situação aos empurrões. Sempre que pensávamos em contar para você a verdade, não conseguíamos. — Meu pai corre os dedos pelo cabelo meio grisalho, parecendo nervoso. — Ninguém diz que eu não sou pai da menina que amei e cuidei desde que coloquei os olhos em cima, nem mesmo eu. — Suas palavras fazem o belo trabalho de me cortar. — Foi assustador viver com a ideia de que você poderia nos odiar, de que você poderia ter outra família, uma família de sangue. — Seus olhos azuis marejados me golpeiam. — Sinto muito por tudo que aconteceu, Ryle. Se pudéssemos mudar, mudaríamos lá atrás. Sentaríamos com você e explicaríamos que você não era nossa filha de sangue, mas que o seu coração era o mesmo do nosso e que sempre seria parte de nós.

— Ficamos com tanto medo e Christian pediu tanto que constássemos, que nunca conseguimos — minha mãe continua. — Deu no que deu. Nos arrependemos profundamente. Mal conseguimos dormir ou comer com tudo isso que aconteceu. Só conseguíamos pensar em você e em como falhamos e te deixamos ser ferida por ter recebido a notícia como aconteceu. — Enxugo as minhas lágrimas idiotas. — Me desculpe, filha. Me desculpe por tudo. Pelo segredo, pela mentira e pela exposição que sofreu. Me desculpe por nunca ter te contado. Você sempre foi a nossa primeira e mais importante escolha como casal. Você sempre foi a nossa menina preciosa de olhos da cor do céu. Você sempre foi a nossa filha, independentemente de qualquer coisa.

— Me desculpe, querida, mesmo que essas desculpas não sejam suficientes — meu pai reforça.

Eu nem sei como ainda consigo respirar.

O bolo em minha garganta é tão grande e denso que a minha única vontade é de desabar em choro com um bebê. Acredito veementemente em suas palavras e elas doem em mim como nada nunca doeu antes.

— Estava disposta a dar mais tempo ao tempo quando Christian tentou me convencer a vir aqui hoje, mas esse seria o meu erro. — Puxo uma respiração longa e exagerada. — Acredito em vocês, total e sinceramente. — Um peso parece sair dos ombros deles. — Muito poderia ter sido evitado se essa conversa tivesse ocorrido anos e anos atrás, mas tudo acontece por um motivo. — Paro de falar por um instante. — Desculpo vocês por tudo, mas eu não quero mais mentiras entre nós. Eu odeio como isso foi capaz de nos separar e machucar. Ainda me sinto mal por tudo quando a minha cabeça me faz pensar nas mentiras, mas isso eventualmente vai passar.

Também sai um peso de cima de mim.

Minha mãe se levanta e eu faço o mesmo, soltando a mão de Christian. Ela me puxa para um abraço apertado e o meu pai se junta a nós. Choramos e nos consolamos, tudo ao mesmo tempo, enquanto eu sinceramente absorvo todas as suas palavras que continuam reverberando na minha mente.

— Estamos realmente desculpados? — meu pai pergunta mais uma vez

quando nos afastamos um pouco. Ele segura o meu rosto suavemente, me fitando totalmente ansioso. — De verdade, querida?

Sorrio de lado.

— De verdade, pai.

Ele beija a minha testa.

— Eu te amo mais que tudo.

— Eu amo mais — afirmo, virando para fitar a minha mãe. — Você também. Eu amo os dois.

No momento em que vamos nos sentar, Bennett entra com Andrew. Eles parecem alheios antes de nos perceberem, mas assim que colocam os olhos em cima de nós e, principalmente, em cima de mim, eles congelam.

Christian pigarreia, me puxando para perto de si outra vez.

— Ryle — Bennett é o primeiro a falar alguma coisa.

Meu coração dói quando eu escuto. Não de pena, dessa vez. Ainda estou magoada com Bennett. Só de lembrar que ele quem fez isso tudo sair na mídia, meu corpo inteiro ferve de raiva.

— Sim, é ela. — Christian toma a frente, porque ele provavelmente me sente tensa contra o seu corpo.

— Nós podemos falar com você? — Andrew pergunta simplesmente.

— Não é um bom mom...

— Tudo bem — corto Christian e ele aperta a minha cintura.

Os dois se aproximam de nós, parando a alguns metros.

— Sei que não fui para a linha de frente, mas eu também fiz parte de tudo que aconteceu naquele dia — Andrew diz e isso me pega um pouco de surpresa. — Sinto muito por tudo que nós causamos. Nunca imaginei que as coisas ficariam feias daquela forma. Hudson disse...

— Como? — pergunto, cada vez mais surpresa.

— Sim, ele que nos procurou para nos convencer disso tudo — Bennett afirma. — Acho que, no fim, entendi tudo que ele quis fazer depois da última de ontem.

Engulo a seco.

As peças começam a se encaixar na minha cabeça e eu percebo tudo com clareza.

Encaro Christian.

— Ela não veio por mim, não é? — sussurro para ele, mas eu sei que os outros podem me ouvir.

Christian suspira, beijando minha bochecha.

— A gente meio que pode concordar que Hudson sabia da sua adoção de alguma forma e os garotos foram a ponte que ele precisava para nos expor e tentar ter vantagem sobre a situação — diz e eu entendo o seu ponto de vista.

Sim. Até agora ela não me procurou de verdade. Tento não me deixar

ser afetada pela ideia de ter sido rejeitada novamente e deixo que os garotos continuem com o que querem falar para mim.

— Isso não anula o que fizemos — Bennett adiciona. — Acho que nunca fiz uma merda tão grande em toda a minha vida e com uma das pessoas que mais é importante para mim. Eu sinto muito, Ryle e Christian. Por toda dor que causei e por cada palavra imbecil.

— Eu também. Mais do que tudo. Sinto muito por ter deixado Hudson nos persuadir a todo esse caos. Não fazíamos ideia da adoção. — Andrew coça a nuca. — Fomos imaturos e completamente inconsequentes.

Levo alguns segundos para respondê-los.

— Eu acredito em vocês, mas acho que ainda não estou pronta para agir normalmente depois da atitude que tomaram só por Christian e eu nos amarmos. Vocês dois passaram de todos os limites possíveis e foi humilhante ter as nossas vidas tão expostas assim. — Passeio o olhar de um para o outro. — Eu os desculpo, só não quero falar mais sobre isso. Melhor deixar que tudo passe normalmente e então podemos aprender a lidar e confiar novamente uns nos outros.

Não sinto que estou sendo injusta com eles. Ainda que Christian e os meus pais tenham errado, eles nunca me expuseram da forma que Bennett e Andrew fizeram. Um peso e uma medida. Dar a César o que é de César. Simples assim.

— Tudo bem — eles afirmam, quase desconsertados.

Christian pigarreia e nós levantamos.

— Nós vamos voltar para casa agora — ele diz, tentando me salvar da agonia que é olhar para Bennett e Andrew nesse momento.

— Podemos marcar um almoço? — minha mãe pergunta antes de sairmos.

— Claro — concordo, forçando um meio sorriso.

— No fim de semana? — papai sugere.

— Ótimo — Christian sentencia por fim.

Nos despedimos com abraços e mais algumas desculpas, e então voltamos para o carro.

— Obrigada por me salvar deles — digo para Christian assim que ele dá partida no nosso caminho de volta para casa.

— Eu também não estou suportando encará-los nesse momento. Pelo menos não até algumas semanas passarem e toda essa merda se assentar.

Aceno positivamente, porque compartilhamos do mesmo sentimento.

Minha respiração se normaliza de toda agonia que senti e eu busco pela mão de Christian, entrelaçando os nossos dedos para me passar a segurança que eu preciso.

— Estamos voltando para casa, babe. Não se preocupe, logo estaremos lá — ele diz, fazendo-me sorrir e encará-lo.

O sol intenso brilha em seus cachos de ouro, dando-lhe um ar angelical.

— Minha casa nunca me deixa, Christian. Você sempre está comigo e sempre vai ser o meu lar, seja lá onde estivermos. — Ele me fita de soslaio e então eu percebo que o atingi com as minhas palavras. — Minha casa sempre será ao seu lado.

Seu sorriso mais bonito se abre e eu mergulho de cabeça mais uma vez em nosso emaranhado de sentimentos intensos e bonitos.

— Minha casa sempre será ao seu lado, minha garota — retruca, arrancando e tomando o meu coração mais uma vez para si.

Fim

Epílogo

“Ninguém jamais se importou comigo tanto quanto você se importa.”

SCARY LOVE — THE NEIGHBOURHOOD

CHRISTIAN WYATT-SAWYER

Quase três semanas mais tarde...

Se tem uma coisa que Ryle não consegue esconder de mim de jeito algum, é o seu estado emocional. Desde que tudo aconteceu, em que ela voltou e nos entendemos novamente, temos tido dias bons e outros nem tanto. Mas não por nós dois. A verdade é que depois do súbito aparecimento da sua mãe biológica, ela nunca voltou para ver Ryle. Alguns dias depois que ela se entendeu com seus pais, lhe contei sobre a carta. Até hoje a mesma está jogada na sua mesa de cabeceira, intocada e apenas esperando o seu tempo.

Pelo que observo, esse tempo já deve estar chegando muito perto de acontecer, porque eu consigo perceber a tristeza que, eventual e subitamente, invade os seus belos olhos azuis. Mas não hoje.

Parece que Ryle acordou totalmente radiante no dia de hoje e isso me faz imensamente feliz. Rolamos na cama até ainda cedo por quanto o tempo nos permitiu, só que é aquela velha história: o dever chamar. Precisamos

voltar às aulas, mesmo que o nosso semestre parecesse estar totalmente comprometido. No final de tudo, conseguimos alguns planos de estudo à parte e estamos cumprindo tudo no prazo para não perder o semestre.

Meu celular toca com uma mensagem nova e eu abro, interessando-me instantaneamente porque ela vem do meu pai.

Estamos no horário do almoço. O mesmo grupo de sempre, mas desde que voltamos, com mais olhares ainda ao nosso redor. Eu tento não me incomodar, mas se algo incomoda Ryle, também mexe comigo. Ela ainda não consegue lidar muito bem com a situação como um todo. Não sobre nós dois, mas sobre o lance da adoção. As pessoas são maldosas, comentam e falam muita merda. Quando a minha garota não está conversando ou perto de nós, ela sempre usa fones de ouvidos.

Observo o seu sorriso fácil, enquanto ela ri de algo que Lex está contando e volto a minha atenção para o aparelho, passando os próximos cinco minutos preso nele. Duas semanas atrás pedi para o meu pai me ajudar com o caso da mãe de Ryle e Hudson. Não teve nada nesse mundo que tirasse da minha cabeça que, de alguma forma, os dois estivessem interligados.

Começo a ler todas as informações e explicações que o meu pai conseguiu com o detetive que ele contratou, ou sei lá quem foi a pessoa. Meu pai tem contatos. Isso é o que ele sempre fala e, finalmente, esse fato serviu para algo em minha vida.

Meu olhar corre pelas imagens e todo compilado com números, datas, nomes, documentos e ligações. É difícil chegar ao real entendimento do que tudo isso significa. É difícil compreender que alguém realmente teve a coragem de arquitetar um plano tão imbecil sem nenhuma vergonha de isso estar à vista diante da menor procura. Eu mesmo acharia essa merda.

Hudson é um maldito imbecil, obcecado e louco, e eu quero dizer isso. Os documentos recolhidos ao seu respeito beiram a loucura. Ele estava perdidamente obcecado por Ryle. Minhas mãos tremem ao ver todas as provas contra o cara, tudo que ele fez e tudo que ele planejou. Não sei como o detetive conseguiu, mas tem até capturas de tela do computador de Hudson com diversas pastas com o nome de Ryle contendo dezenas, não, centenas de fotos dela.

Isso não é assustador? Porra.

Graças a Deus que agora ele está preso, ou eu estaria louco querendo os melhores seguranças da cidade vigiando cada passo da minha garota.

Não sei como vai rolar o seu julgamento, mas toda essa sujeira vai ter que ser usada contra ele. Sem nenhuma dúvida. Eu só preciso contatar os advogados da família que estão responsáveis pelo caso para acharmos uma via legal para o uso desse material.

A mãe de Ryle, por outro lado, realmente não me enganou desde a sua visita. Eu senti algo estranho nela, uma energia pesada e ruim em sua volta,

totalmente diferente de sua filha. Ela não queria ver Ryle, só foi tentar a sorte. Seu maior desejo era provavelmente entregar a carta e sair ilesa, sem ser enfrentada pela filha em busca de respostas. Isso é ainda mais baixo quando eu penso assim, mas não é nada além da verdade.

Patético.

Patético demais ver que o meu julgamento estava certo.

Meu coração dói por tudo, principalmente por Ryle, porque ela já estava triste. Diante da verdade que a sua mãe só “voltou” para conseguir dinheiro em cima do seu nome, vai deixá-la mais abalada ainda.

Tento conceber tudo, mas me atormenta como um maldito pesadelo.

As coisas me confundem ainda mais quando sou apresentado ao ponto de ligação entre Hudson e a mãe biológica de Ryle: Lilly. A mulher é casada com o pai de Lilly. Como diabos tudo isso aconteceu?

Minha garganta trava depois que eu realmente absorvo as informações e eu engulo a seco.

É mais do que eu poderia esperar.

Porra, é muito mais.

— Você está bem? — Ryle pergunta com um tom de voz preocupado, quando ela e todos finalmente parecem dar conta de que eu me aquietei.

Eu a encaro, depois encarando nossos amigos também.

— Porra, você está pálido — Cam acusa.

Pigarreio.

Olhando ao redor e não encontrando a garota em lugar nenhum.

— Consegui algumas informações sobre a sua mãe biológica — digo para Ryle e a sua postura muda drasticamente. — Não sei se você quer saber, mas eu não queria ficar de olhos fechados por conta do incidente com Hudson — explico e ela acena com a cabeça, me entendendo. — Para mim, tudo aquilo pareceu milimetricamente perfeito demais, conveniente demais.

— Pode falar — pede.

— Lilly é enteada da sua mãe biológica — digo, simples e direto.

— O quê? Aquele protótipo de Barbie siliconada?! — Lex ralha de uma vez.

— Sim — afirmo. — Mas pelas informações, isso não aconteceu há muito tempo. Só tem um ano desde que eles se casaram — continuo, fitando o aparelho e lendo as informações para resumir o máximo que consigo. — O detetive que meu pai contratou me deu um compilado com documentos e informações necessárias. — Entrego o celular para Ryle. — Hudson e Lilly são melhores amigos. De alguma forma durante esse tempo ele acabou desconfiando de nós e foi atrás de toda “história” de Ryle. Não é difícil achar na internet fotos da minha vó e de Sculler com uma criança que, de repente, apareceu com eles. Ele deve ter chegado a isso e, então, compartilhando tudo com Lilly, foi fuçar a sujeira — explico, muito irritado. — Ela deve ter

descoberto tudo sobre a mãe de Ryle e Hudson recolheu o que queria e fez a mulher aparecer na televisão quando convenceu Bennett e Andrew a falarem sobre nós.

— Mas Lilly não é rica? A mãe biológica de Ryle não deveria ser também? — Gracie questiona, confusa.

— Tecnicamente sim, mas os documentos dizem que não. Pelo menos não para a mãe biológica de Ryle. — Massageio a ponte em meu nariz, tenso. — Ele conseguiu acesso a algumas dívidas antigas da mãe biológica de Ryle, que se chama Joanne, e que o pai de Lilly provavelmente ainda não sabe sobre e nunca vai saber. O dinheiro que Hudson transferiu para ela aparecer na mídia foi alto. — Aponto para o celular. — Os extratos estão ali. — Paro de falar por um instante. — Talvez ela esteja querendo passar a imagem de mulher perfeita ou sei lá... vai entender...

— Castelos de areia sempre desabam — Ryle sussurra, entregando-me o celular de volta. — Já poderia esperar isso dela, não é nenhuma surpresa.

— E Lilly? Eu nunca mais ouvi falar sobre ela desde o incidente que Hudson foi preso — Lex pergunta.

— Eu ouvi — Ash responde imediatamente. — Ela deixou o país. Parece que trancou o curso e está em umas férias fora de época nas Maldivas. Isso é muito a cara dela, sair de cena e fingir que nada aconteceu.

Isso explica o seu sumiço.

— E esse maluco? — Gracie indaga sobre Hudson.

— No final de tudo, parece que ele realmente ficou maluco. — Meu coração bate forte com a raiva latente. — Tinha todo um compilado de informações sobre Ryle no computador dele. O mais bizarro são as fotos. Tipo, realmente bizarro. Ele tirava as imagens escondido. Tem todo tipo.

Ficamos pensativos, porque sinceramente não tem muito o que ser discutido diante todas essas provas. Passo meu braço pela cintura de Ryle, puxando-a para mais perto e beijando seu rosto. Ela sorri fraco e eu observo como esse sorriso não se espalha completamente por seus olhos, como geralmente acontece. Não consigo nem mesmo imaginar como está a sua cabeça diante de tudo isso. A minha também não está muito boa.

Nossos amigos retomam a conversa até que o meu celular toca novamente.

Dessa vez é um número desconhecido.

— De novo? — Cam reclama e eu reviro os olhos.

Atendo a chamada, enquanto todo mundo me olha ansiosamente, inclusive Ryle.

— *Sr. Wyatt-Sawyer?* — A voz grave de um homem do outro lado da linha soa firme.

— O próprio — respondo evasivamente.

— Aqui é Frank Vogel.

Não, porra.

Não mesmo.

Encaro Cameron, que me fita sem entender nada.

— Nem fodendo — sussurro.

A risada do outro lado é forte.

Puta que pariu.

Encaro agora Ryle, totalmente confusa e ansiosa.

— Sim, até mesmo fodendo — afirma, divertido. — Ouvi sobre o que aconteceu naquela noite com a sua namorada. Não conseguimos nos encontrar, mas você e o seu colega de time, Cameron, realmente chamaram muito a atenção da equipe técnica dos Lakers e, claro, minha também.

Nem fodendo, porra.

O treinador dos Lakers está falando comigo.

Merda.

O quê?

— Se isso for uma pegadinha, eu juro que vou te achar e socar você até chorar sangue — ameaço, porque essa é a única coisa que me resta fazer.

Eu não consigo acreditar.

O telefone toca e eu o afasto da orelha, porque é uma chamada de vídeo. Quando aperto para atender, é o cara. Frank Vogel em carne e osso, e muito divertido.

Putá que pariu.

— Nem fodendo que é ele — Cameron exclama, avançando para cima de mim e de Ryle.

— Oh meu Deus — ela sussurra ao meu lado.

— Sim, garotos. É bom vê-los — afirma. — Podemos marcar uma reunião na próxima semana? — questiona atenciosamente.

— Meu Deus, Frank Vogel está no telefone com a gente — Cam parece tão assustado quanto eu. — Senhor, eu sou fã do seu trabalho.

— Bom saber, rapaz. Espero que possamos trabalhar em breve, se vocês aceitarem a proposta que está sendo arranjada para vocês aqui nos Lakers.

Não sei nem o que dizer.

— Claro que sim. Quero dizer, nós vamos na reunião. Semana que vem — afirmo, tentando soar profissional depois de ter falado tanta merda.

— Isso. A reunião — Cameron reafirma.

— Então nos encontramos em breve. Mandarei uma mensagem com o dia, local e hora — avisa por fim e desliga sem mais delongas.

Quando a tela escurece completamente, não tem nenhum de nós que fica sentado. Principalmente Cameron. Ele avança sobre Gracie, tirando-a do chão e girando em seus braços.

Ryle me encara sorrindo sincera e me abraçando com força.

Seguro a minha garota nos meus braços e aperto ao seu redor, beijando sua boca copiosamente quando tenho a chance. Os minutos passam e nós só conseguimos rir e comemorar, esquecendo todo assunto anterior que pesou a mesa.

Por sorte Ryle não tem mais aulas hoje e nem eu, apenas treino no começo da noite. Após nos despedirmos do pessoal, que também já estavam indo para casa, caminhamos de mãos dadas até o meu carro.

— Puta que pariu. Os Lakers, babe — murmuro para ela ainda sem acreditar.

— Você treinou para isso, amor. É claro que você chamaria atenção deles. Você e Cam foram espetaculares naquele jogo e em todos que vêm jogando — elogia, parecendo muito orgulhosa e feliz por mim.

Seguro o seu rosto, encostando-a no carro e beijando seus lábios.

Quando Ryle abre os olhos, eles parecem se perder por um instante.

Minha felicidade começa a se dissipar, enquanto dá lugar a preocupação.

— O que foi, babe? — pergunto.

Ela suspira.

— Ainda estou pensando sobre todas as informações que Seth mandou para você — confessa, soando culpada.

— Nada mais justo — digo, porque é claro que isso martelaria na sua

cabeça. — Vamos para casa e lá nós podemos tentar... sei lá... resolver isso de alguma forma.

Ryle concorda prontamente e nós entramos no carro.

Durante todo o percurso para casa, Ryle não fala nada. Ela segura a minha mão, esfregando os dedos nos meus e parecendo procurar algum alento no meio de tudo. Mas as palavras não vêm e o meu coração dói por ela. Essa mulher é tão preciosa, que eu odeio que Joanne não tenha a procurado antes. Odeio que ela, além de ter abandonado Ryle, tenha voltado apenas por dinheiro. É patético em tudo.

Quando estaciono o carro em frente nossa casa, saímos e entramos. Ryle me puxa consigo para o andar de cima e logo estamos em nossa cama.

Ela pega a carta e me entrega.

— Pode ler para mim? — pede, colocando o peso de uma tonelada em cima dos meus ombros.

— Babe? — retruco.

— Leia para mim, Christian. Quero ouvir o que ela tem a me dizer. Por favor.

Respiro fundo, concordando apenas por que eu não tenho como dizer não para ela. Sento, puxando Ryle para ficar entre as minhas pernas e ela se acomoda contra o meu corpo. Depois que abro o envelope e tiro a carta de lá, abraço o seu corpo com o braço esquerdo e seguro o pedaço de papel com a

mão direita.

Pigarreio e começo:

“Às vezes eu gostaria de poder mudar tudo que aconteceu há mais de vinte anos. Como uma tosca e idiota adolescente, me deixei ir pelo garoto perfeito da escola e engravidei. Ver como todos passaram a me olhar com nojo e me ridicularizar a cada passo que dei foi totalmente humilhante. E, por mais difícil que tenha sido, não consegui me desfazer de você.

Bom, Ryle, eu me chamo Joanne e sou a sua mãe biológica. Hoje eu tenho mais de quarenta anos e depois que engravidei de você, a minha vida virou um inferno. Meus pais me expulsaram de casa, tive o apoio do seu pai biológico apenas até ter tido você e, depois disso, era eu por eu mesma e por você. Nada justifica a minha escolha de ter te deixado naquele orfanato. Nada que eu escrever aqui vai mudar isso. Fui egoísta e, sinceramente, continuo sendo egoísta.

Você é uma jovem linda.

Conquistou uma boa família e é feliz.

Depois de você, eu nunca mais voltei a ser feliz de verdade.

É difícil escrever isso, porque passei todos esses anos lutando contra a vontade de cometer muitas loucuras. Passei anos lutando contra a ideia de você ter realmente existido, mas o fato é que você existe. Eu gerei você, Ryle, e o seu nome nem era Ryle. Eu te amei quando coloquei os olhos em você e

escutei seu primeiro choro. Eu te amei quando lutei para te manter viva, passando de abrigo em abrigo e, por nove meses, tentando nos manter juntas, enquanto eu mal pregava os olhos. Então eu passei a te odiar, porque você precisa de tanta coisa e eu não tinha nada.

Foi mais fácil odiar você quando eu tive que te deixar quando não queria, mas devia.

Até hoje eu vivo assim.

Não, eu não quero fazer parte da sua vida, Esperanza, mas você sempre vai continuar sendo a minha esperança.

Eu tenho um marido e uma família só minha.

Como eu sempre digo, palavras ao vento e ações uma vez realizadas, não voltam atrás. E eu não quero voltar atrás. Eu continuo sendo egoísta.

Desejo que viva a sua vida e seja feliz.

Joanne”.

Ryle está quieta.

Ela não chorou ou se mexeu desde que comecei a ler.

Meu peito dói com tudo que sua mãe deixou para ela. É feio. Explica, mas é completamente feio e eu odeio que ela tenha deixando isso para Ryle.

— Então é isso — sussurra.

Ela puxa a carta das minhas mãos e amassa, arremessando-a para longe.

— Sinto muito, babe.

— Está tudo bem — afirma. — Eu não posso julgá-la. Foi horrível o que ela contou, mas também nunca vou ser capaz de amá-la. — Ryle se vira em meus braços, segurando meu rosto com urgência. — Nunca tive intenção de destruir com a vida dela desse jeito — diz, como se tentasse se explicar para mim.

— Amor, você nunca foi capaz de destruir ninguém. Ela teve um momento difícil, mas isso nunca a impediu de tentar manter contato com você — afirmo, tentando fazer com que ela entenda que nada disso é sua culpa. — Você é a mulher mais perfeita que eu já conheci. O seu coração é tão bom, a luz que você transcende é tão forte. Se ela se obriga a odiar você por tudo que aconteceu no passado, essa é uma decisão burra e feita somente por ela. Agora você, Ryle, não se culpe pelos erros dos outros. Você tem uma mãe e um pai que te amam imensamente, mais do que Joanne poderia fazer. Cassie e Sculler dariam a vida por você. Cassie e Sculler são os seus pais e sempre vão ser.

Ela concorda com um aceno, fechando os olhos e encostando a testa na minha.

— Acho que eu precisava disso para deixá-la ir — murmura suavemente.

— Acho que ela deixou essa carta justamente para isso — confesso.

— Joanne escreveu para eu odiá-la, Christian. Ela me odeia e queria o

mesmo de volta. — A urgência das suas palavras me corta.

— Eu sei, amor. — Nos fitamos sem desvios. — Mas você não consegue.

— Não e nunca vou conseguir — diz simples e direta.

Ficamos em um silêncio tranquilo, apenas encarando um ao outro por longos minutos até Ryle quebrá-lo.

— Eu te amo, Christian — declara e meu sorriso sai.

— Eu te amo, Ryle.

Ela sorri, ainda triste, mas começando a brilhar como sempre.

Os belos olhos perfurando dentro dos meus, como se lessem a minha alma e o meu coração. E, porra, se ela conseguisse ler, veria o seu nome cravado em cada centímetro meu.

— Você sempre vai ser o rasgo no meu coração — afirma, com os lábios pairando sobre os meus.

— Não se preocupe, sempre estarei por perto para consertá-lo.

— Ao meu lado? — indaga uma última vez.

— Ao seu lado.

Bônus

“Eu gosto mais de mim quando estou com você. Eu sabia desde a primeira vez, que eu ficaria por um longo tempo porque eu gosto mais de mim quando estou com você.”

I LIKE ME BETTER — LAUV

P E A R L W Y A T T – S A W Y E R

Descobrimo absolutamente tudo...

Nunca imaginei que o meu casamento e de Seth chegaria ao ponto de estarmos tão perdidos. Estamos juntos há tanto tempo, compartilhamos tanta coisa desde que nos conhecemos e agora parece que tudo está escapando entre os nossos dedos, não nos deixando nem mesmo uma chance de lutar contra tudo. Sim, é absolutamente frustrante, porque o meu coração nunca bateu tão forte quanto pelo meu único amor: Seth Sawyer.

Tudo que vivemos é literalmente como se tivesse acontecido ontem. Ainda me lembro da sensação avassaladora que me tomou quando o olhei pela primeira vez. “*Príncipe Encantado*”, eu pensava. Sim, ele foi isso por muito tempo; por quanto eu consegui sustentar a ideia de que o nosso relacionamento era perfeito. Mas, não, não era. No entanto, continuamos perfeitos um para o outro. Isso me tranquiliza de certa forma, porque se não fosse por esse detalhe, já teríamos nos perdido há muito tempo.

Temos tentado dar o nosso melhor para os nossos filhos. Nossa família sempre foi o nosso maior tesouro e eu definitivamente sou o tipo de mãe que se preocupa demais. Desde as festas de fim de ano, no entanto, isso tem se tornado mais intenso.

Se o meu marido não estivesse hoje comigo e tivéssemos seguido caminhos diferentes e eu esbarrasse com Romeo acidentalmente na rua, pensaria que aquele meu amor da adolescência foi clonado. Meu garoto, meu caçula, é igual ao pai, sem tirar e nem por. Isso tudo é muito complicado, porque se tem uma pessoa que conheceu Seth Sawyer na adolescência e início da vida adulta, esse alguém foi eu. De perto, com meus olhos, minhas mãos e meu corpo.

Eu o vi se perder e se achar, junto comigo.

Ele me machucou e se machucou.

Eu o perdoei, até que ele conseguiu se perdoar.

E todo esse processo foi difícil.

Assistir, sem nenhuma dúvida, meu caçula passar por isso, é totalmente devastador. A briga que ele e Seth tiveram no fim de ano foi algo que quebrou meu coração em pequenos pedaços, porque lá estava o homem que conquistou o meu coração com o garoto que, literalmente, tem um pedaço do meu coração, que foi feito de mim e do seu pai.

Como eu poderia lidar com isso?

Como eu poderia assistir à cópia fiel e perfeita do meu marido se machucar tanto ao ponto de não se abrir com mais nenhum de nós?

Me matou.

Foi horrível.

Continua sendo horrível, com o meu menino longe de mim, em um lugar em que eu não posso vê-lo todos os dias ou falar todos os dias.

Um desastre perfeito.

Uma dor dilacerante, como mãe e como esposa.

Nosso casamento veio sofrendo desde o episódio da briga dos dois. Não consegui engolir e muito menos admitir o que meu filho fez e como isso começou a nos afetar tão profundamente.

Sou mãe e me desespero para tentar entendê-lo e ajudá-lo. Deveria fazer o meu papel do jeito certo e não estar longe dele. Isso me machuca e me faz sofrer, porque eu sei que meu filho está terrivelmente perdido.

Eu sei que Seth sofre igualmente, mas ele sempre foi mais reservado. Ele sempre conseguiu conter mais as emoções e usar sua capa de proteção. Mas eu o conheço, eu me casei com ele, e ele nunca conseguiria me enganar.

Nosso casamento está... estranho.

Pela primeira vez em toda nossa história é como se estivéssemos nos desconstruindo por simplesmente não conseguirmos ajudar ou lidar com nosso próprio filho.

Seu toque me machuca, porque minha cabeça só consegue girar em torno do desentendimento deles. E eu odeio como o toque de Seth tem me machucado e como eu tenho o evitado.

A última vez que tivemos sexo, há quase três meses, choramos enquanto tentávamos nos entender.

Mas, não, não foi suficiente.

Sexo não levanta casamento e não resolve os problemas.

— Ei — ele me chama, puxando-me dos meus pensamentos.

Estamos no hospital.

Depois de passar mal durante toda a semana e, hoje pela manhã isso ter piorado drasticamente, Seth me trouxe às presas para o hospital. Vomitei desde que abri os olhos ao ponto de desmaiar. A última coisa que lembro é de estar escovando os dentes após levantar do chão e sentir outra forte tontura. Desmaiei no instante seguinte, mas não antes de ver o seu rosto assustado correndo para me ajudar.

Ele sempre está ali.

Seth sempre está do meu lado, não importa se é em momentos ruins ou bons. Não importa se nosso casamento está uma merda ou às mil maravilhas. Ele sempre está lá, segurando a minha mão e me olhando cegamente como se estivesse vendo através da minha alma. Sua intensidade nunca morreu e eu nunca deixei de senti-la.

— Ei — sussurro, sorrindo de lado em uma tentativa de trazer um pouco leveza para nós.

— Se sente melhor? — pergunta ao sentar na poltrona ao lado da cama em que fui colocada.

É tudo um pouco demais. Eu apenas desmaiei e passei mal. Sinceramente não precisava de tudo isso, de um quarto só meu, mas é... se não fosse tudo demais e passando do ponto, não seria Seth Sawyer.

— Consideravelmente — afirmo já louca para arrancar o soro de mim.

Ele concorda com um breve aceno, pigarreando em seguida. Ultimamente tem sido assim: não temos mais jeito para falar um com o outro. Meu maior medo é de que acabemos nos tornando estranhos.

— A médica que atendeu você já deve estar vindo para nos contar o que aconteceu nos resultados dos exames que ela fez — explica, correndo os dedos pelos fios pretos em sua cabeça e coçando em seguida sua barba por fazer.

— Ah, sim. Espero que ela venha logo. Tenho muito para fazer na pizzeria com meu pai.

Ficamos em silêncio, eu olhando para a parede branca do quarto e ele me encarando. Seu olhar queima na minha pele e de soslaio posso vê-lo fechar as mãos em punhos, o que sempre acontece quando estamos brigados e ele quer me tocar. Já passamos por isso em outras situações, quando as brigas

eram bobas e se resolviam com conversa, beijo e depois sexo.

Nosso problema atual não é tão simples. Ter um filho que não se abre e que deixa os pais desesperados para ajudar, não é problema. Ainda mais quando o pai, que é um cara inflexível, o enviou para um internato em outro continente. Esse é nosso problema e ele não vai se resolver tão fácil. Não depois de eu ter implorado para Seth não fazer isso. Ele não me deu ouvidos e hoje nós continuamos assim.

Deixo a minha respiração aguda e audível sair por entre meus lábios, sentindo-me derrotada.

— Pearl, eu...

A porta se abre assim que eu viro para escutá-lo. Somos interrompidos pela médica.

— Sr. e Sra. Sawyer — ela nos cumprimenta simpática.

Me sento direito, esboçando um sorriso forçado na tentativa de ser tão simpática quanto ela.

— Os resultados saíram? — Seth pergunta, ansioso, enquanto fica de pé em pura impaciência.

— Sim. — Ela sorri, virando-se para mim e abaixando a prancheta em sua mão. — A senhora já entrou na casa dos quarenta, não é mesmo? — pergunta e eu afirmo, sentindo minhas bochechas corarem. — Não sei por quanto tempo tentaram, mas fico feliz em contar-lhes que deu certo. — Ri,

divertida, enquanto eu franzo o cenho. — Gestações depois dos quarenta já começam a se tornarem complicadas, mas felizmente está tudo bem por quanto consegui saber.

— Porra... — Seth sussurra.

— Recomendo que comecem a acompanhar tudo imediatamente com uma obstetra, mas meus parabéns, Sra. Sawyer. Você está grávida de quase três meses.

Grávida.

Três meses.

Não...

Quero dizer, isso é sério?

— Porra... — Seth continua sussurrando e a médica ri.

— Eu vou deixá-los absorverem a notícia e em breve voltarei com a sua alta.

A mulher se retira tão rápido quanto entrou, deixando-nos à sós.

Não consigo olhar para Seth. Na verdade, eu não consigo olhar nem para mim mesma. Como diabos eu fiquei grávida? Eu sei que, droga, não nos protegemos, mas deveria ser difícil uma mulher engravidar depois dos quarenta, até mesmo a médica disse. Por que logo comigo e logo agora, quando mal consigo conversar com meu marido normalmente?

— Jesus, porra. Como... Porra. Pearl... Porra! — Finalmente

encarando-o, assisto Seth andar de um lado para o outro. — Porra, porra, porra...

— Pare de xingar, o bebê está ouvindo — reclamo, atraindo seu olhar instantaneamente.

Os olhos escuros e cheios de emoção que tanto amo tomam um brilho diferente, um brilho que eu conheço. Todas as vezes que descobrimos que eu estava grávida, Seth me deu esse olhar. Eu o odeio por usar isso contra mim, porque tudo que consigo sentir agora é uma imensa vontade de pular em cima do seu corpo grande e beijá-lo.

— Porra, Pearl. Grávida. Grávida depois dos quarenta. — Ele ri, incrédulo. — Eu não acredito que consegui fazer isso.

— Oh, não. Não vá se gabar. Quem está recebendo esse bebê sou eu, idiota. Não tem nada a ver com seu esperma — resmungo e ele ri mais ainda, aproximando-se e me deixando totalmente ansiosa.

Com o passar dos anos, minha língua se tornou esperta. É assim que Seth sempre diz. E mais, segundo o mesmo, ele gosta muito.

— Claro — afirma. Sentando-se na beirada da cama, ele limpa a garganta com um pigarro. — Posso tocar?

Sim, ele faz exatamente tudo outra vez. Ele me pede para tocar, assim como fez quando descobri a gravidez de Andrew e Romeo. É de partir meu coração de um jeito bom, mas doloroso.

— Sim — sussurro com meu último fio de voz.

Seth levanta a barra do meu suéter vagorosamente. Fecho os olhos, permitindo-me apenas sentir. É especial. É entorpecedor. É absolutamente nós.

Seus dedos tocam a minha pele quando ele solta o embolado de pano ao chegar à taça do meu sutiã. Engulo o bolo em minha garganta, contraindo com os seus dedos gelados em minha pele quente. A aspereza do seu toque me faz afundar na cama. Seus dedos cheios de calo, que sempre amei, me causam uma sensação de estar caindo em queda livre.

Sua mão grande espalmada em minha barriga me mostra como certas coisas nunca mudam. Ele continua sendo muito maior do que eu e eu continuo me sentindo muito protegida debaixo do seu toque. É reconfortante. Depois de tanto sofrimento nos últimos meses, ser tocada sem estar sentido dor é absolutamente tudo que eu precisava.

— Caralho — sussurra, enquanto sinto a respiração quente contra minha pele. Sua boca me toca e eu prendo a respiração, apertando meus olhos com mais força. — Está aqui dentro, garotão. Mais um para o papai.

Maldito inferno.

Como ele ousa me matar desse jeito?

— Pode ser uma garota.

Não sei de onde recolho forças para falar, mas eu falo.

— Não, nem fodendo. — Seu tom de voz suave e tranquilo luta diretamente com suas palavras.

Sorrio, abrindo meus olhos para fitá-lo. E lá está ele: Seth Sawyer, meu primeiro e único amor, pai de todos os meus filhos, deitado com a cabeça em minha barriga e me tocando onde as suas mãos conseguem alcançar. Toda dor me atinge, enchendo os meus olhos de lágrimas e imediatamente fazendo o mesmo com ele. Sei que Seth sente. É impossível não sentir.

— O que vamos fazer com ele, amor? — pergunto, tocando seu rosto com os dedos trêmulos e o assistindo fechar os olhos para receber meu carinho como um filhote machucado. — O que vamos fazer com Romeo?

— Ele está perdido e não quer nossa ajuda — afirma, sua voz quebrando a cada palavra. — Gostaria de poder ajudá-lo, Girassol, mas algumas decisões são tão individuais que nem mesmo os pais podem impedir. — Ele me encara, firme e sincero. — Quando eu me perdi, a minha mãe não me pegou pela mão e me ensinou como não errar. Aprendi por mim mesmo e por você. Sempre por você. — Concordo, porque isso é verdade. — Pare de se culpar e tentar ensinar Romeo a andar. Ele tem as próprias pernas e precisa aprender sozinho coisas que não são mais controladas por nós dois. Tentamos dar o nosso melhor e, sim, foi o nosso melhor. A única coisa que podemos fazer agora, é lutarmos por nós mesmos. Eu não quero perder você, Pearl, mas eu não a impediria de me deixar se isso fosse te fazer bem.

— Seth... — Tento falar, mas ele me corta.

— É sério. Eu não impediria. Mas eu continuo aqui, do seu lado, querendo reconstruir qualquer coisa que deixamos ruir durante esses meses. Querendo até mesmo por Romeo, porque eu sei que uma hora ele vai ver que sempre buscamos apenas o melhor para ele. Precisamos estar aqui, juntos, para quando ele voltar.

— Vocês mal trocaram uma frase desde aquela briga — sussurro, porque aquela foi a gota d'água.

— Eu tentei e você sabe — afirma. — Mas eu o perdoei desde o acontecido. Ele ainda não me pediu desculpas, mas isso já está resolvido em minha cabeça. De longe ou de perto, Romeo sempre vai estar em meus pensamentos. Sempre. Mesmo que a distância machuque, ele precisa disso mais do que nós. Só devemos ser pacientes com o tempo.

Fungo, limpando as minhas lágrimas e concordando mais uma vez.

Ele me diz tudo que preciso ouvir.

Seth sempre consegue fazer isso.

— Vamos ser pacientes então — sentencio, respirando fundo e mentalizando suas palavras. — Qualquer coisa, podemos ir lá, certo? — pergunto exatamente como uma criança que precisa se certificar que o pai está perto para se sentir segura.

— Sempre podemos voar para vê-lo — me tranquiliza mais uma vez.

É mais fácil quando escuto as coisas de Seth. Sei que vivemos dias difíceis, que nos machucamos e nos evitamos por conta de toda situação com Romeo. Sei que eu mesma o machuquei, negando o seu toque tantas vezes, mas estamos aqui de novo, traçando o caminho de volta como dois idiotas que nunca deixaram de se apaixonar um pelo outro todos os dias.

— Estou grávida, Seth. Como você ousa fazer isso mais uma vez? — pergunto, finalmente caindo em mim.

Ele sorri, presunçoso, e continua a beijar a minha barriga.

— Esse é o meu poder secreto e especial — comenta, todo despretenso.

— Aposto que é uma garota — retruco, observando como o seu olhar escurece diante das minhas palavras.

— Confio nos meus espermatozoides escolhidos. Nenhum deles é mulher. — Seth se apoia na cama com os braços, aproximando o rosto do meu até nossos narizes esbarrarem. — É um garoto — sentencia, praticamente como uma ordem.

— É uma garota e você vai sofrer pelo resto dos seus dias — sussurro ao mesmo tempo que o meu olhar cai em seus lábios avermelhados.

— Eu vou morrer se for uma garota, Pearl Wyatt- Sawyer.

— Quer que eu prepare seu funeral desde já? — brinco e ele semicerra o olhar em minha direção.

— Como ousa?! — Seth parece muito mais do que incrédulo.

— Eu te amo, Seth. Meu quarterback.

Ele respira fundo, amolecendo e me dando um belo sorriso.

Amo ser a razão desses sorrisos bonitos.

— Eu te amo, Pearl. Minha Girassol.

Apenas essas palavras e eu o beijo, selando nossas promessas secretas e amor, guardando-o à sete chaves em meu coração.

Não, Seth, eu nunca vou deixá-lo.